

ROBERT E. HOWARD

# CONAN



*Exilado dos livros*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*“Saiba, ó príncipe, que entre os anos em que os mares engoliram a Atlântida e as cidades brilhantes, e os anos do surgimento dos Filhos de Aryas, houve uma era inimaginada, quando reinos esplendorosos se espalharam pelo mundo como mantos azuis sob as estrelas – Nemédia, Ophir, Britúnia, Hiperbórea; Zamora, com suas mulheres de cabelos negros e torres de mistério assombradas por aranhas; Zingara e sua nobreza; Koth, que fazia fronteira com as terras pastoris de Shem; Stygia, com suas tumbas guardadas por sombras; Hirkânia, cujos cavaleiros vestiam aço, seda e ouro. Porém, o reino mais orgulhoso do mundo era a Aquilônia, reinando suprema no oeste sonhador. Para cá veio Conan, o cimério de cabelos negros, olhar sombrio e espada na mão, um ladrão, saqueador e matador, com gigantescas melancolias e gigantesca alegria, para pisar os tronos adornados de jóias, da Terra, com seus pés calçados em sandálias”.*

Crônicas da Nemédia

# CONAN



*Robert E. Howard*

*Crédito aos tradutores desse ebook:*

**Cláudio Salles Carina**, Doutora Marisa Queiroz,  
Madalena Sallenave, **Silvio Britto**, Gysa Antony de  
Aragão., **Fernando Neeser de Aragão**, **Júlia Bárány** e  
**José Antonio Ceshin**

*Crédito da capa e arte do ebook:*

[http://acts2028.deviantart.com/art/conan-75438422;](http://acts2028.deviantart.com/art/conan-75438422)  
<http://memed.deviantart.com/art/Conan-373497126>

*Crédito dos Artigos:*

<http://cronicasdacimeria.blogspot.com.br>  
<http://www.sitelovecraft.com/>

# CIMÉRIA

Escrito em Mission, Texas, fevereiro de 1932; inspirado na lembrança das colinas próximas a Fredericksburg, vistas na névoa de uma chuva de inverno.

*Robert E. Howard*

## CIMÉRIA

*Eu me lembro*

Das florestas escuras, mascarando encostas de colinas sombrias;  
Da perpétua abóbada plúmbea em pesadas nuvens;  
Das correntes crepusculares que fluíam em silêncio,  
E dos ventos solitários, sussurros no desfiladeiro.

Paisagens se sobrepondo, colinas sobre colinas.  
Encosta por encosta, cada uma povoada de árvores tristes,  
Nossa terra descarnada jazia. E quando um homem subia  
Um pico áspero e contemplava, olhos protegidos,  
Via nada além da paisagem infinita — colina sobre colina,  
Encosta por encosta, cobertas como suas irmãs.

Era terra de melancolia que parecia abrigar  
Todos os ventos e nuvens e sonhos afugentados do sol.  
Os galhos despídos agitavam-se por ventos solitários,  
E florestas recolhidas, de todo meditativas,  
Nem mesmo iluminadas pelo sol raro e esmaecido,  
Que tornava homens, sombras encolhidas; eles a chamavam de  
Ciméria, terra da Noite e das Trevas

Foi há tanto tempo, tão longe daqui  
Que esqueci até mesmo o nome pelo qual os homens me chamavam  
O machado e a lança de ponta em sílex são como um sonho,  
E caçadas e guerras, sombras. Lembro-me  
Apenas da quietude daquela terra severa,  
Das nuvens empilhadas sobre as colinas,  
Do esmaecer das florestas eternas.  
Ciméria, terra da Noite e das Trevas.

Oh, alma minha, nascida das colinas encobertas,  
De nuvens e ventos e fantasmas afugentados do sol.  
Quantas mortes servirão para romper, afinal,  
A herança que me envolve em tristes  
Vestes de fantasmas? Busco meu coração e encontro  
Ciméria, terra da Noite e das Trevas.

# A FÊNIX NA ESPADA

## *The Phoenix on the Sword*

*“Saiba, ó príncipe, que entre os anos em que os mares engoliram a Atlântida e as cidades brilhantes, e os anos do surgimento dos Filhos de Aryas, houve uma era inimaginada, quando reinos esplendorosos se espalharam pelo mundo como mantos azuis sob as estrelas – Nemédia, Ophir, Britúnia, Hiperbórea; Zamora, com suas mulheres de cabelos negros e torres de mistério assombradas por aranhas; Zingara e sua nobreza; Koth, que fazia fronteira com as terras pastoris de Shem; Stygia, com suas tumbas guardadas por sombras; Hirkânia, cujos cavaleiros vestiam aço, seda e ouro. Porém, o reino mais orgulhoso do mundo era a Aquilônia, reinando suprema no oeste sonhador. Para cá veio Conan, o cimério de cabelos negros, olhar sombrio e espada na mão, um ladrão, saqueador e matador, com gigantescas melancolias e gigantesca alegria, para pisar os tronos adornados de jóias, da Terra, com seus pés calçados em sandálias”.*

(Crônicas da Nemédia)

# I

*“Minhas canções são tochas para a pira de um rei!”*

— À meia— noite, o rei morre!

O homem que falou era alto, moreno e esguio; uma cicatriz perto da boca enfatizava o seu aspecto já sinistro. Os ouvintes aquiesceram, com olhos severos. Um deles era um homem baixo, gordo e ricamente vestido, com uma boca frágil e petulante e olhos agitados. Um outro era um gigante sombrio em uma armadura trabalhada em ouro. O terceiro era um homem alto, magro e rijo numa vestimenta de bufão, cujos desalinhados cabelos loiros caíam de forma rebelde sobre flamejantes olhos azuis. O último era um anão com rosto cruel e aristocrático, cujos ombros anormalmente largos e os braços longos contrastavam estranhamente com sua figura atrofiada.

O primeiro a falar olhou inconscientemente para as portas fechadas por barras e para as janelas com cortinas de veludo, e sorriu friamente:

— Vamos fazer o juramento da Adaga e da Chama. Eu confio em vocês, é claro. Ainda assim, é melhor termos uma forma de nos sentirmos seguros. Estou percebendo tremores em alguns de vocês.

— Para você é fácil falar, Ascalante. — interrompeu o homem gordo, de forma petulante — Você já é um fora— da— lei, tem a cabeça a prêmio... tem tudo a ganhar e nada a perder, enquanto nós...

— Têm muito a perder e mais a ganhar. — respondeu o fora— da— lei, imperturbável — Vocês me chamaram de minha fortaleza no deserto no sul distante para ajudá— los a depor um rei. Bem, eu fiz os planos, preparei a armadilha, coloquei a isca e estou pronto para apanhar a presa... mas preciso ter certeza de que não serei deixado sozinho. Vocês vão jurar?

— Chega dessa conversa fútil. – gritou o homem com trajes de bufão – Sim, nós juramos neste amanhecer, e nesta noite abateremos um rei! “Oh, o canto das carroças, o sussurro das asas dos abutres...”.

— Poupe sua canção para outra hora, Rinaldo. – riu Ascalante – Este é um momento para adagas, não para rimas.

— Minhas canções são tochas para a pira de um rei! – bradou o menestrel, desembainhando uma longa adaga – Ei, escravos, tragam uma vela! Serei o primeiro a fazer o juramento.

Um escravo, cuja pele escura revelava seu sangue stígio, trouxe uma longa vela de cera, e Rinaldo espetou o próprio pulso, tirando sangue. Os outros seguiram seu exemplo, depois se deram as mãos numa espécie de círculo, com a vela acesa ao centro, e gotejaram sangue sobre a chama. Enquanto o fogo chiava e bruxuleava, eles repetiram:

— Eu, Ascalante, um homem sem terra, juro fidelidade irrestrita à nossa missão e ao pacto de silêncio, pelo aço, pela chama e pelo sangue, e que o juramento seja inquebrável.

— E eu, Rinaldo, primeiro menestrel da Aquilônia! – exclamou o poeta.

— E eu, Volmana, conde de Karaban. – disse o anão.

— E eu, Gromel, comandante da Legião Negra da Aquilônia. – rugiu o gigante.

— E eu, Dion, barão de Attalus, legítimo herdeiro ao trono da Aquilônia. – falou, com voz trêmula, o homem gordo.

A vela apagou, sufocada pelas gotas de sangue que pingavam.

— Assim se extingue a vida do nosso inimigo. – observou Ascalante, soltando as mãos de seus companheiros e observando— os com um desprezo cuidadosamente velado. Ele mesmo já havia quebrado juramentos demais para considerar aquele pacto algo mais do que um ato cínico, mas sabia que Dion, em quem ele menos confiava, era supersticioso. Não havia razão para desprezar nenhuma salvaguarda, mesmo que mínima.

— Amanhã... – disse Ascalante abruptamente – Ou melhor, hoje, porque já está amanhecendo... o conde Trocero de Poitain, mordomo do rei, viaja para a Nemédia com Prospero, o braço— direito do rei Conan, com a maior parte dos soldados poitainianos e um bom número dos Dragões Negros que formam a guarda pessoal do rei. Com exceção dos poucos esquadrões desse regimento agora no palácio, todos os restantes estão patrulhando a fronteira picta... graças ao aumento da atividade dos bárbaros ao longo da fronteira ocidental. Quando Conan estiver morto, o povo se levantará para dar as boas— vindas ao novo regime, e os amigos do rei, ao se apressarem para vingá— lo, vão encontrar os portões da cidade trancados para o resto de seus exércitos... especialmente a Legião Negra... prontos para defender a nova dinastia. Ou melhor, a antiga dinastia restaurada.

— Sim – disse Volmana com alguma satisfação –, esse era o seu plano, Ascalante, mas sem minha ajuda você não teria conseguido. Eu tenho parentes em alta posição na corte da Nemédia, e foi simples fazer com que eles sutilmente persuadissem o rei Numa a requisitar a presença de Trocero. E, já que Conan honra o conde de Poitain acima de todos os outros, ele precisa ter uma grande escolta de tropas reais, assim como seus próprios súditos.

O fora— da— lei aquiesceu.

— É verdade. Como disse a vocês, eu finalmente consegui, por meio de Gromel, corromper um oficial perdulário dos Dragões Negros. Esse homem vai afastar a guarda dos aposentos reais pouco antes da meia— noite, sob algum pretexto. Os diversos escravos que poderão estar por ali, trabalhando ou não, também serão dispensados. Nós vamos esperar com 16 homens que convoquei no deserto, e que agora se escondem em várias partes da cidade. Vamos entrar no palácio através de um túnel secreto conhecido apenas por você, Volmana, e com uma vantagem de 20 para um...

Ele riu. Gromel aquiesceu seriamente; Volmana sorriu de forma sinistra; Dion empalideceu e suspirou. Rinaldo bateu palmas e gritou de forma estridente:

— Por Mitra, eles vão se lembrar desta noite, quando as cordas douradas foram tocadas! A queda do tirano, a morte do déspota... quantas canções irei

compor!

Os olhos dele queimavam com um brilho fanático, e os outros o observavam duvidosamente, exceto Ascalante, que virou o rosto para esconder um esgar. Em seguida, o fora— da— lei levantou— se subitamente.

— Basta! O sol logo vai nascer, e vocês não podem ser vistos saindo deste lugar. Voltem aos seus devidos postos, e não revelem o que se passa em suas mentes por palavras, atos ou expressões. – Ele hesitou, olhando para Dion – Barão, sua palidez o trai. Se Conan se aproximar e observar sua expressão com seu olhar inquiridor, você vai desabar. Espere até que o sol esteja alto, para não causar suspeita por ter se levantado tão cedo... depois vá para sua província e espere lá, até que o mande chamar. Nós quatro e meus homens podemos realizar a missão desta noite.

Dion quase desmaiou de alegria e saiu, tremendo como uma folha ao vento e balbuciando palavras desconexas; os outros aquiesceram para o fora — da— lei e partiram.

Ascalante espreguiçou— se como um grande gato e sorriu. Pediu vinho, que lhe foi trazido por seu sombrio escravo stígio.

— Amanhã – disse Ascalante, pegando o cálice –, vou aparecer e deixar o povo da Aquilônia deitar os olhos em mim. Há meses, desde que os Quatro Rebeldes me chamaram no deserto, tenho me escondido como um rato... vivendo no coração dos meus inimigos nesta obscura casa de Dion, me escondendo da luz do dia, e de noite me esgueirando, disfarçado, por ruelas escuras e corredores ainda mais escuros. Mas consegui realizar o que aqueles lordes rebeldes não conseguiram. Trabalhando através deles e de outros agentes, muitos dos quais jamais viram meu rosto, espalhei descontentamento e inquietação pelo império. Subornei e corrompi funcionários, difundi sedição pela população e incentivei motins nos regimentos... em resumo, eu, trabalhando nas sombras, abri caminho para a queda do rei que, neste instante, está sentado no trono sob o sol. Por Mitra, eu quase me esqueci de que fui um estadista antes de ser fora— da— lei.

— O senhor trabalha com ferramentas estranhas. – comentou o escravo.

— São homens fracos, porém fortes em seus motivos. — respondeu displicentemente o fora— da— lei — Quanto às ferramentas, eles acham que eu os sirvo. Volmana, um homem astuto, ousado e audacioso, com sua família em altos postos, porém empobrecido por suas províncias estéreis e cheias de dívidas. Gromel, forte e feroz como um leão, com um poder considerável entre os soldados, mas fraco em termos de inteligência. Dion, esperto em sua baixeza, porém tolo e covarde. Mas sua imensa riqueza foi essencial para o meu esquema... para subornar soldados e oficiais, e para contrabandear bebidas fortes para enlouquecer e enfurecer os pictos nas fronteiras. Rinaldo, um poeta louco, cheio de visões insanas e galanterias ultrapassadas. Um grande ídolo do povo por causa de suas canções, que atingem os pontos sensíveis de seus corações. É o nosso melhor trunfo em termos de popularidade. Cada um desses homens tem algum estofado valioso... e eu sou o centro da teia, a força que os forjou e os reuniu por um objetivo em comum. Se eu morrer esta noite pela espada de Conan, a conspiração irá sucumbir.

— Quem ocupará o trono, se o senhor for bem— sucedido?

— Dion, é claro... ou ao menos é o que ele pensa. Ele tem vestígios de sangue real. Conan cometeu um erro ao deixar vivos os homens que ainda se gabam de ser descendentes da velha dinastia, da qual ele usurpou o trono da Aquilônia. Volmana almeja recuperar o posto que desfrutava no antigo regime, para reerguer sua província e seu título à grandeza anterior. Gromel, com toda a teimosia de seu sangue bossoniano, odeia Pallantides, o comandante dos Dragões Negros, e acha que deveria ser o general de todos os exércitos da Aquilônia. Rinaldo... bah! Eu o desprezo e admiro ao mesmo tempo. É o nosso verdadeiro idealista. É o único entre nós que não tem ambições pessoais. Ele vê Conan como um bárbaro rude de mãos manchadas de sangue, que saiu do Norte para saquear uma terra pacífica. Pensa estar presenciando o barbarismo triunfar sobre a cultura. Já imagina o rei Conan morto, esquecendo a verdadeira natureza do antigo vilão, lembrando— se apenas ocasionalmente que ele apoiava os artistas, e esquecendo os males sob os quais a terra gemia durante seu reinado, e fazendo o povo esquecer isso também. Eles já cantam abertamente “O Lamento pelo Rei”, no qual Rinaldo louva o vilão santificado e denuncia Conan como “o selvagem de coração negro vindo do abismo”. Conan ri,

mas ao mesmo tempo se pergunta por que o povo está se voltando contra ele.

— Mas por que Rinaldo odeia Conan?

— Porque ele é um poeta. Os poetas sempre odeiam os poderosos. Para eles, a perfeição está sempre logo atrás da última esquina, ou além da próxima. Eles fogem do presente em sonhos do passado e do futuro. Rinaldo é uma tocha ardente de idealismo, e se vê como um herói, um cavaleiro sem armadura... o que afinal ele é!... erguendo— se para derrubar o tirano e libertar o povo.

— E o senhor?

Ascalante riu e esvaziou o cálice:

— Os poetas são perigosos, porque acreditam no que cantam... enquanto cantam. Bem, eu acredito no que penso, e penso que Dion não vai mais pressionar pelo trono. Alguns meses atrás, eu havia perdido todas as ambições, exceto a de atacar caravanas pelo resto de minha vida. Agora... bem, veremos.

O stígio encolheu seus largos ombros.

— Houve um tempo – disse ele com visível amargura –, em que eu também tive minhas ambições, que fazem as suas parecerem espalhafatosas e infantis. A que ponto caí! Meus antigos pares e rivais ficariam espantados se vissem Thoth— Amon do Anel servindo de escravo para um forasteiro, ainda mais a um criminoso; e fomentando as mesquinhas ambições de barões e reis!

— Você confiou em magias e disfarces. – respondeu Ascalante com indiferença – Eu confio em minha astúcia e na minha espada.

— Astúcia e espada são como gravetos contra a sabedoria das Trevas. – resmungou o stígio, com seus olhos negros faiscando com luzes e sombras ameaçadoras – Se eu não tivesse perdido o Anel, nossos papéis estariam invertidos.

— No entanto – respondeu impacientemente o criminoso –, você carrega as marcas do meu chicote nas costas e, ao que parece, vai continuar carregando.

— Não tenha tanta certeza! – por um instante, os olhos do stígio faiscaram vermelhos de ódio diabólico – Algum dia, de alguma maneira, vou encontrar o meu Anel novamente, e quando o fizer, pelas presas ofídicas de Set, você vai me pagar...

O exaltado aquiloniano ergueu— se e deu um soco na boca do outro. Thoth retrocedeu, com o sangue escorrendo de seus lábios.

— Está se tornando ousado demais, cão. – rosnou o criminoso – Cuidado; ainda sou seu senhor e conheço seu segredo sombrio. Suba no teto das casas e atreva— se a gritar que Ascalante está na cidade conspirando contra o rei... se tiver coragem.

— Eu não ousaria. – murmurou o stígio, enxugando o sangue de seus lábios.

— Não, você não ousaria. – Ascalante sorriu friamente – Pois, se eu for morto por alguma ação furtiva ou traição sua, um sacerdote eremita no deserto do Sul saberá disso e quebrará o selo de um manuscrito que lhe confiei. E depois de lê— lo, uma palavra será sussurrada na Stygia, e um vento se erguerá do Sul, à meia— noite. E então, onde você irá esconder sua cabeça, Thoth— Amon?

O escravo estremeceu, e seu rosto obscuro ficou pálido.

— Basta! – Ascalante mudou o tom de voz peremptoriamente – Tenho um serviço para você. Não confio em Dion. Vá até ele e, se não o alcançar no caminho, prossiga até a cidade dele e fique por lá até que eu o mande chamar. Não o perca de vista. Ele está transtornado de medo, e pode se descontrolar... pode até ir correndo em pânico até Conan e revelar— lhe o plano inteiro, esperando assim salvar a própria pele. Vá!

O escravo fez uma reverência, ocultando o ódio em seus olhos, e foi fazer o que lhe fora ordenado. Ascalante voltou ao seu vinho. Acima das torres adornadas de Tarantia, erguia— se uma aurora rubra como sangue.

## II

*"Quando eu era um guerreiro, os tambores retumbavam,  
As pessoas espalhavam pó de ouro diante das patas do meu cavalo;  
Mas agora que sou um grande rei, as pessoas perseguem meus passos  
Com veneno na minha taça de vinho e punhais às minhas costas."*

(A Estrada dos Reis)

O salão era grande e bem decorado, com ricas tapeçarias enfeitando paredes forradas de painéis encerados, tapetes espessos no chão cor de marfim e o teto alto cheio de entalhes intrincados e arabescos de prata. Atrás de uma escrivaninha clara, com incrustações de ouro, estava sentado um homem, cujos ombros largos e pele bronzeada pelo sol pareciam estar fora de lugar naquele ambiente luxuoso. Ele mais parecia fazer parte de planaltos distantes, banhados pelo sol e pelo vento. O menor dos movimentos que fazia deixava transparecer músculos rígidos como o aço, coordenados por um cérebro aguçado e reflexos de um guerreiro nato. Não havia nada deliberado ou calculado em suas atitudes. Ficava ou em repouso total, como uma estátua de bronze, ou em movimento, não com a rapidez agitada de nervos tensos demais, mas com uma velocidade felina que perturbava a visão de quem quisesse segui—lo.

Suas vestes eram de um tecido luxuoso, mas de feitio simples. Não usava anéis nem enfeites, e seu cabelo negro, de corte reto, era preso apenas por uma tiara prateada ao redor da cabeça.

Nesse momento, estava inclinado sobre uma caneta dourada com o qual estivera rabiscando laboriosamente sobre um papiro encerado, descansando o queixo numa das mãos, e seus ardentes olhos azuis fitaram com inveja o homem que estava em pé à sua frente. Esta pessoa estava ocupada com seus próprios afazeres, prendendo os cordões de sua armadura entalhada com ouro, assobiando distraído – numa atitude um tanto quanto sem cerimônia, considerando— se que estava na presença de um rei.

— Próspero – disse o homem sentado à mesa –, essas questões de Estado me cansam muito mais que todas as lutas de que já participei.

— Faz parte do jogo, Conan. – respondeu o poitainiano de olhos escuros – Você é um rei... deve fazer a sua parte.

— Gostaria de poder cavalgar com você até a Nemédia. – disse Conan, invejoso – Parece que se passaram séculos desde a última vez que eu tive um cavalo entre os meus joelhos... mas Publius diz que os problemas da cidade exigem minha presença. Amaldiçoado seja ele! Quando derrubei a velha dinastia – continuou, falando com uma calma e familiaridade que existiam somente entre ele e o poitainiano –, era mais fácil, embora parecesse muito difícil na ocasião. Agora, olhando para trás e vendo o caminho tumultuado que percorri, todos aqueles dias de intriga, matança e aflição parecem um sonho. Eu não vi isso aqui em meus sonhos, Próspero. Quando o rei Numedides caiu morto aos meus pés e arranquei a coroa de sua cabeça ensanguentada para colocá— la na minha, eu havia alcançado o limite dos meus sonhos. Eu tinha me preparado para tomar a coroa, não para mantê— la. Nos velhos tempos de liberdade, eu só queria uma espada afiada e uma trilha direta até os meus inimigos. Agora não há trilhas diretas, e minha espada é inútil. Quando derrubei Numedides, eu era o Libertador. Agora eles cospem na minha sombra. Ergueram uma estátua daquele porco no templo de Mitra, e as pessoas vão se lamuriar perante ela, adorando— a como se fosse a efígie sagrada de um monarca santo assassinado por um bárbaro sanguinário. Quando eu, como mercenário, conduzi os exércitos da Aquilônia para a vitória, eles fecharam os olhos para o fato de que eu era um estrangeiro, mas agora não conseguem me perdoar por isso. Agora, vão ao templo de Mitra para acender incenso em memória de Numedides, homens que foram aleijados e cegados por seus carrascos, homens cujos

filhos morreram em seus cárceres, cujas esposas e filhas foram arrastadas para o seu harém. Tolos volúveis!

— Rinaldo é o principal responsável. – respondeu Próspero, apertando em mais uma casa o cinturão de sua espada – Ele canta canções que enlouquecem os homens. Enforque— o em sua veste de palhaço na torre mais alta da cidade. Que componha rimas para os abutres.

Conan balançou a cabeça leonina:

— Não, Próspero, ele está fora de meu alcance. Um grande poeta é maior do que qualquer rei. Suas canções são mais poderosas que meu cetro; ele quase arrancou o coração de meu peito quanto resolveu cantar para mim. Eu morrerei e serei esquecido, mas as canções de Rinaldo viverão para sempre. Não, Próspero – continuou o rei, com um olhar sombrio de dúvida –; há algo oculto, um movimento subterrâneo do qual não temos conhecimento. Sinto isso como, na minha juventude, eu sentia o tigre escondido no matagal. Há uma agitação indefinível espalhada pelo reino. Sou como um caçador que se acocora ao lado de sua pequena fogueira no meio da floresta, ouve passos furtivos na escuridão e quase chega a ver o brilho de olhos chamejantes. Se eu pudesse ao menos agarrar algo tangível, eu o cortaria com a minha espada! Vou lhe dizer uma coisa, não é por acaso que ultimamente os pictos têm atacado as fronteiras com tanta ferocidade, obrigando os bossonianos a pedirem ajuda para detê— los. Eu deveria ter ido junto com os soldados.

— Publius receava um possível plano para aprisionar e matar você, além da fronteira. – retrucou Próspero, alisando seu manto de seda sobre a malha reluzente e admirando sua figura alta e esguia, num espelho de prata – Foi por isso que ele insistiu para que você ficasse na cidade. Essas dúvidas nascem de seus instintos bárbaros. Deixe que as pessoas resmunguem! Os mercenários são nossos, e os Dragões Negros, e cada patife em Poitain jura lealdade a você. O único perigo que você corre é o de um assassinato, mas isto é impossível, pois os homens das tropas imperiais protegem— no dia e noite. Em que você está trabalhando aí?

— Num mapa. – respondeu Conan com orgulho. – Os mapas da corte mostram bem os países do sul, do leste e do oeste, mas os do Norte são

vagos e errôneos. Eu mesmo estou acrescentando as terras do Norte.

— Por Mitra – disse Próspero –, poucos conhecem essas terras. Todos sabem que, a leste da Aquilônia, está a Nemédia, depois a Britúnia e depois Zamora; ao sul está Koth e as terras de Shem; a oeste, além dos pântanos bossonianos, estendem— se as Terras Pictas; além dos pântanos bossonianos do norte está a Ciméria. Quem sabe o que existe além dessas terras?

— Eu sei – respondeu o rei –, e estou passando meu conhecimento para este mapa. Aqui é a Ciméria, onde nasci. E...

— Asgard e Vanaheim. – Próspero examinou o mapa – Por Mitra, eu quase cheguei a acreditar que essas terras só existissem em lendas.

Conan deu um sorriso largo, tocando involuntariamente as cicatrizes em seu rosto escuro e bem barbeado.

— Por Mitra, se você tivesse passado sua juventude nas fronteiras setentrionais da Ciméria, saberia que elas existem! Asgard fica mais ao norte, e Vanaheim a noroeste, e existe uma guerra constante ao longo das fronteiras. A parte ocidental de Vanaheim fica ao longo das praias do mar do oeste, e a leste de Asgard estão as terras dos hiperbóreos, que são civilizados e vivem em cidades. No leste, além de suas terras, estão os desertos dos hirkanianos.

— Como são os homens que vivem no Norte? – perguntou Próspero, curioso.

— Altos, claros e de olhos azuis, com o mesmo sangue e linguagem, só que os aesires têm cabelos loiros, e os vanires, cabelos vermelhos. O principal deus deles é Ymir, o Gigante de Gelo, e cada tribo tem seu próprio rei. Eles são indóceis e ferozes. Lutam o dia inteiro, e bebem cerveja e gargalham ao som de suas canções bárbaras todas as noites.

— Então, acho que você se parece mais com eles do que com seu próprio povo. – riu Próspero – Você ri abertamente, bebe intensamente e canta alto boas canções; afinal, nunca vi outro cimério que bebesse outra coisa além de água, ou que risse, ou que só cantasse hinos lúgubres.

— Talvez seja por causa da terra onde vivem. — respondeu o rei — Não há terra mais lúgubre. É toda cheia de colinas, coberta por florestas densas, e as árvores são estranhamente escuras, a ponto de fazer com que a terra pareça sombria e ameaçadora, mesmo durante o dia. Até onde um homem pode enxergar, seus olhos avistam infindáveis colinas atrás de colinas, cada vez mais escuras à distância. Sempre há nuvens entre essas colinas; os céus estão quase sempre cinzentos. Os ventos sopram frios e cortantes, trazendo chuva, granizo ou neve, e gemendo melancolicamente ao passar pelos vales. Há pouca alegria naquelas terras.

— Não é de surpreender que os homens sejam taciturnos por lá. — observou Próspero, encolhendo os ombros, pensando nas planícies sorridentes, banhadas pelo sol, e nos preguiçosos rios azuis de Poitain, a província mais meridional da Aquilônia.

— Realmente estranhos e taciturnos. — respondeu Conan — A vida parece dura, amarga e fútil. Os homens dessas colinas meditam muito sobre o desconhecido. Têm sonhos monstruosos. Os deuses deles são Crom e sua raça sombria, e eles acreditam que o mundo dos mortos é um lugar frio e sem sol, sempre envolto em névoas, onde fantasmas errantes lamentam por toda a eternidade. Eles não têm esperança nem nesta vida nem no além, e pensam demais no vazio da existência. Já vi a estranha loucura da futilidade acometê— los quando coisas pequenas, como um redemoinho de poeira, o canto oco de um pássaro ou o gemido do vento passando por galhos nus transporta suas mentes tristes para o vazio da vida e a falta de sentido da existência. Somente na guerra, os cimérios se sentem felizes. Mitra! Os costumes dos aesires eram mais do meu gosto.

— Bem — sorriu Próspero —, as colinas sombrias da Ciméria estão muito longe de você agora. E agora, eu preciso ir. Tomarei uma taça de vinho branco nemédio por você na corte de Numa.

— Ótimo — grunhiu o rei —, mas só beije as dançarinas de Numa por você mesmo, para não envolver o Estado!

Sua risada sonora seguiu Próspero até o lado de fora do salão. A porta entalhada fechou— se atrás do poitainiano, e Conan voltou ao seu trabalho. Fez uma pausa por um momento, ouvindo ociosamente os passos do amigo

se afastando, que soavam nas lajotas. E, como se aquele som vazio tocasse um acorde familiar em sua alma, uma torrente de repulsa o envolveu. Sua alegria caiu como uma máscara, e seu rosto ficou subitamente velho, os olhos cansados. A inexplicável melancolia do cimério caiu como uma mortalha sobre sua alma, paralisando— o com uma esmagadora sensação da futilidade dos esforços humanos e da falta de sentido da vida. Sua realeza, seus prazeres, seus temores, suas ambições, e todas as coisas terrenas se revelaram subitamente como pó e brinquedos quebrados. As fronteiras da vida murcharam e as linhas da existência se fecharam ao seu redor, entorpecendo— o. Deixando cair a cabeça leonina em suas poderosas mãos, ele gemeu em voz alta.

Depois, ao erguer a cabeça, como um homem procurando escapar, seu olhar pousou sobre um jarro de cristal com vinho amarelado. Levantou— se rapidamente, encheu um cálice até a borda e sorveu num só gole. Novamente encheu e esvaziou o cálice, e mais uma vez. Quando o pousou sobre a mesa, um calor agradável percorreu suas veias. Coisas e acontecimentos assumiram novas dimensões. As sombrias colinas da Ciméria desapareceram atrás dele. Afinal, a vida era boa, real e vibrante — não o sonho de um deus idiota. Ele se espreguiçou como um gato gigantesco e sentou— se à mesa, consciente da magnitude e da vital importância de si mesmo e de sua tarefa. Contente, ele mordiscou sua pena e olhou para o mapa.

— Ao sul da Hiperbórea está a Britúnia. — murmurou em voz alta. Seleccionando um grande espaço em branco, suficientemente distante do deserto hirkaniano, para surpreender um explorador curioso, escreveu com cuidado: “Aqui há dragões”. Em seguida, reclinou— se e revisou seu trabalho com um orgulho infantil.

### III

*"Ao pé das pirâmides cavernosas, o grande Set dorme enrolado em seus anéis;*

*Entre as sombras dos túmulos se esgueira seu povo sombrio.*

*Dos abismos ocultos que nunca conheceram o sol, eu pronuncio a Palavra...*

*Envia— me um servo para servir ao meu ódio, ó Escamoso e Reluzente!"*

O sol se punha, retocando, com breves tons dourados, o tom verde e o vago azul da floresta. Os raios enfraquecidos refletiam— se na grossa corrente dourada que Dion de Attalus torcia constantemente em sua mão gorda, sentado num mar chamejante de flores e arbustos floridos que era o seu jardim. Ele movia o corpo obeso sobre o assento de mármore e olhava furtivamente ao seu redor, como se estivesse procurando um inimigo escondido. Estava sentado num bosque circular de árvores delgadas, cujos galhos entrelaçados lançavam uma sombra espessa sobre ele. Ao alcance de sua mão, uma fonte tinha prateada, e outras fontes, em diversas partes do enorme jardim, sussurravam uma sinfonia ininterrupta.

Dion estava sozinho, com exceção da companhia de uma figura escura acomodada num banco de mármore próximo a ele, que observava o barão com profundos olhos sombrios. Dion dedicava pouca atenção a Thoth— Amon. Sabia vagamente que ele era um escravo em quem Ascalante depositava muita confiança, mas, assim como muitos homens ricos, Dion mal notava os homens que estivessem abaixo de sua posição.

— Não precisa ficar tão nervoso. — disse Thoth — O plano não pode falhar.

— Ascalante pode cometer erros, como qualquer um. — retorquiu Dion, suando com a mera idéia de fracasso.

— Não ele — disse o stígio, com um sorriso selvagem —; ou eu não seria seu escravo, mas seu senhor.

— Que conversa é essa? — devolveu Dion irritado, com apenas meia atenção na conversa.

Os olhos de Thoth— Amon se estreitaram. Apesar de todo o seu rígido autocontrole, estava prestes a explodir por causa da vergonha, do ódio e da fúria longamente acumulados, pronto para assumir qualquer tipo de risco desesperado. Ele não esperava que Dion o considerasse não um ser humano dotado de cérebro e inteligência, mas um mero escravo e, como tal, uma criatura desprezível.

— Ouça— me. — disse Thoth — Você será rei. Mas conhece pouco a mente de Ascalante. Não poderá confiar nele depois que Conan for morto. Eu posso ajudar. Proteja— me quando assumir o poder, e eu o ajudo.

“Ouça, milorde. Eu era um grande feiticeiro no sul. Os homens falavam de Thoth— Amon como falavam de Rammon. O Rei Ctesphon da Stygia me dedicava grande estima, derrubando magos de altos postos para me enaltecer acima deles. Eles me odiavam, mas tinham medo de mim, pois eu controlava seres do além, que respondiam ao meu chamado e cumpriam minhas ordens. Por Set, meus inimigos não sabiam a hora em que poderiam acordar no meio da noite, e sentirem as garras de um horror sem nome nas suas gargantas! Eu era um mestre da magia negra. Realizei magias negras e terríveis com o Anel da Serpente de Set, que encontrei num túmulo tenebroso, uma légua abaixo da terra, esquecido lá antes que o primeiro homem se arrastasse para fora do mar lamacento.

“Mas um ladrão roubou o Anel, e meu poder se foi. Os magos se insurgiram e tentaram me matar, mas eu fugi. Disfarçado de condutor de camelos, estava viajando com uma caravana pelo país de Koth, quando os saqueadores de Ascalante caíram em cima de nós. Todos da caravana foram mortos, exceto eu. Salvei minha vida revelando minha identidade a Ascalante e jurando servi— lo. Que amarga tem sido esta escravidão!

“Para manter minhas mãos amarradas, ele escreveu sobre mim num manuscrito, selou— o e o depositou nas mãos de um eremita que mora na fronteira sul de Koth. Não ouse apunhalá— lo enquanto ele dorme, nem entregá— lo para seus inimigos, porque então o eremita abriria o manuscrito e o leria... conforme as instruções de Ascalante. E enviaria a notícia de onde estou por toda Stygia...”.

Thoth tremeu de novo, e uma coloração cinzenta cobriu— lhe a pele escura.

— Ninguém me conhece na Aquilônia – disse ele – Mas, se meus inimigos na Stygia souberem do meu paradeiro, nem que eu estivesse do outro lado do mundo, estaria a salvo de um destino tão terrível que seria capaz de explodir a alma de uma estátua de bronze. Somente um rei com castelos e exércitos de espadachins pode me proteger. Portanto, contei— lhe meu segredo e insisto que faça um pacto comigo. Posso ajudá— lo com minha sabedoria, e você pode me proteger. E no dia em que eu encontrar o Anel...

— Anel? Anel? – Thoth havia subestimado o absoluto egoísmo do homem. Dion nem ao menos ouvira as palavras do escravo, de tão absorto que estava em seus próprios pensamentos, mas a última palavra avivou uma fagulha em seu egoísmo.

— Anel? – repetiu ele – Isto me faz lembrar... do meu anel da boa sorte. Ganhei de um ladrão shemita, que jurou tê— lo roubado de um mago do sul, e que ele me traria sorte. Paguei caro por ele, Mitra sabe quanto. Pelos deuses, preciso de toda a sorte que puder conseguir nessa situação, em que Volmana e Ascalante me arrastam para suas conspirações sangrentas... vou procurar o anel.

Thoth levantou— se de um salto, o sangue subindo— lhe ao rosto, enquanto os olhos queimavam com a fúria pasmada de um homem que percebe de repente a profundidade da estupidez suína de um tolo. Dion não ouvira palavra alguma. Erguendo uma tampa secreta no seu assento de mármore, ele remexeu por alguns momentos num monte de quinquilharias de todos os tipos – amuletos bárbaros, pedaços de ossos, jóias

espalhafatosas –, objetos de sorte e de encantamento que a natureza supersticiosa do homem o impulsionara a colecionar.

— Ah, aqui está! – ergueu triunfante um anel de feitio estranho. Era de um metal parecido com cobre, na forma de uma serpente escamada, enrolada em três anéis, mordendo o próprio rabo. Os olhos eram pedras amarelas que brilhavam maldosamente. Thoth— Amon gritou como se tivesse sido atingido, e Dion cambaleou ofegante, seu rosto repentinamente pálido. Os olhos do escravo ardiam em fogo, a boca escancarada, as enormes mãos escuras estendidas como garras.

— O Anel! Por Set! O Anel! – berrou ele – Meu Anel, que me foi roubado...

O aço reluziu na mão do stígio e, contraindo seus largos ombros escuros, ele enfiou o punhal no corpo gordo do barão. O guincho agudo e estridente de Dion passou para um engasgado gorgolejo e seu corpo balofo desabou como manteiga derretida. Um tolo até o fim, que morreu enlouquecido de terror, sem saber por quê. Afastando o cadáver disforme, já esquecido dele, Thoth agarrou o anel com as duas mãos, seus olhos escuros brilhando com uma temível avidez.

— Meu Anel! – ele sussurrou, em terrível alegria – Meu poder!

Nem o próprio stígio saberia dizer quanto tempo ficara curvado sobre aquela coisa maligna, imóvel como uma estátua, absorvendo a aura maléfica do anel através de sua alma. Quando acordou de seu devaneio e afastou sua mente dos abismos soturnos onde esteve perscrutando, a lua já subia no céu, lançando longas sombras no encosto de mármore liso do banco do jardim, ao pé do qual estava estendida uma sombra mais escura, que fora o senhor de Attalus.

— Finalmente, Ascalante, acabou! – murmurou o stígio, e seus olhos arderam vermelhos como os de um vampiro na escuridão. Abaixando— se, ele recolheu um punhado de sangue coagulado da poça pegajosa na qual sua vítima estava estendida e esfregou— o nos olhos da serpente de cobre, até as faíscas amarelas ficarem cobertas por uma máscara rubra.

— Cegue seus olhos, serpente mística. — entoou ele num sussurro de congelar o sangue — Fecha seus olhos para a luz da lua e abra— os sobre golfos mais sombrios! O que vês, ó serpente de Set? A quem chamas desde os abismos da Noite? De quem são as sombras que caem sobre a Luz enfraquecida? Chama— o para mim, ó serpente de Set!

Acariciando as escamas com um movimento circular e específico de seus dedos, um movimento que sempre voltava ao ponto inicial, sua voz baixava cada vez mais enquanto sussurrava nomes obscuros e encantamentos sombrios, esquecidos pelo mundo salvo nas soturnas terras do interior da escura Stygia, onde formas monstruosas se movem nas sombras dos túmulos.

Então o ar ao redor do mago começou a se mover, como o redemoinho que acontece na água quando alguma criatura emerge à superfície. Uma lufada de vento abominável e gelado o envolveu brevemente, como se viesse de uma porta aberta. Thoth sentiu uma presença atrás de si, mas não se voltou para olhar. Manteve os olhos fixos sobre o espaço de mármore banhado pelo luar, sobre o qual pairava uma sombra tênue. Enquanto continuava a sussurrar seus encantamentos, a sombra crescia em tamanho e nitidez, até delinear— se em toda a sua horripilante definição. Seu contorno não era diferente do de um gigantesco babuíno, mas jamais um babuíno assim andou sobre a Terra, nem mesmo na Stygia. Mesmo assim, Thoth não olhou, mas, tirando de seu cinto uma sandália pertencente ao seu senhor — ele sempre a levava, na tênue esperança de usá— la um dia —, jogou— a atrás de si.

— Observe bem esta sandália, escravo do Anel! — exclamou — Encontre e destrua aquele que a usou! Olhe bem nos olhos dele e destrua sua alma, antes de estraçalhar sua garganta! Mate— o! Sim — num assomo de paixão cega —, e a todos que estiverem com ele!

Delineado na parede enluzada, Thoth viu o horror abaixar sua cabeça disforme e farejar o objeto como um mastim horrendo. Em seguida, a horrível cabeça caiu para trás, e a coisa virou— se e desapareceu como um vento entre as árvores. O stígio jogou os braços para cima, enlouquecido de alegria, e seus dentes e olhos brilharam ao luar.

Um soldado, montando guarda fora dos muros, deu um grito de assustado terror quando uma enorme sombra negra, com olhos chamejantes, desprendeuse — se da parede e passou por ele, com um redemoinho de vento. Mas ela desapareceu tão rapidamente que o perplexo guerreiro ficou se perguntando se acabara de ter um sonho ou uma alucinação.

## IV

*Quando o mundo era jovem, os homens eram fracos e os inimigos da  
noite caminhavam livremente,*

*Eu lutei contra Set com fogo, com aço e com a seiva das árvores — upas;*

*Agora que durmo no coração negro da montanha e os séculos cobram  
seu tributo.*

*Esqueceis daquele que lutou com a Serpente para salvar a alma  
humana?*

Sozinho no grande quarto de dormir com abóbada dourada, o rei Conan dormitava e sonhava. Em meio a rodopiantes névoas cinzentas, ele ouviu um estranho chamado, fraco e distante; e, embora não o entendesse, não era capaz de ignorá-lo. Empunhando a espada, ele foi caminhando através da névoa cinzenta, como um homem andando através de nuvens, e a voz ia ficando cada vez mais clara à medida que ele avançava, até que entendeu a palavra que estava sendo pronunciada — era seu próprio nome que estava sendo chamado, através dos abismos do Espaço e do Tempo.

Então, as névoas ficaram mais claras, e ele se viu num grande corredor escuro que parecia ter sido escavado em sólida rocha negra. Não estava iluminado, mas por alguma magia, ele conseguia ver claramente. O chão, o

teto e as paredes eram bem polidos e emitiam uma luz opaca, e estavam entalhados com figuras de antigos heróis e deuses semi— esquecidos. Ele tremeu ao ver os grandes contornos sombreados dos Antigos Seres Sem Nome, e percebeu de algum modo que havia séculos que pés mortais não atravessavam o corredor.

Ele chegou até uma escada larga, escavada na sólida rocha: os lados da coluna estavam ornamentados com símbolos esotéricos tão antigos e terríveis que a pele do rei Conan se arrepiou. Em cada um dos degraus, havia entalhada uma figura abominável da Velha Serpente, Set, de modo que, a cada passo, ele plantava o calcanhar na cabeça da Serpente, como era a intenção nos tempos antigos. Mas ele não se sentia nada à vontade com aquilo tudo.

A voz continuava a chamá— lo e, finalmente, envolvido na escuridão que seria impenetrável para seus olhos materiais, ele entrou numa cripta estranha e viu um vulto difuso, de barbas brancas, sentado sobre uma tumba. O cabelo de Conan ficou em pé, e ele agarrou a espada, mas o vulto falou em tons sepulcrais:

— Ó homem, tu me conheces?

— Não, por Crom! – jurou o rei.

— Homem – disse o ancião –, eu sou Epemitreus.

— Mas Epemitreus, o Sábio, está morto há 1500 anos! – exclamou Conan.

— Ouça! – falou o outro com autoridade – Assim como um seixo lançado num lago escuro envia ondas às mais distantes praias, eventos do Mundo Invisível estouraram como ondas sobre meu sono. Eu tenho te observado muito bem, Conan da Ciméria, e a marca de acontecimentos poderosos e de feitos grandiosos está em ti. Mas a destruição está à solta nessas terras, contra a qual tua espada não poderá te ajudar.

— Você fala por enigmas. – disse Conan inquieto – Deixe— me ver o inimigo, e eu arrebento o crânio dele até os dentes.

— Solta tua fúria de bárbaro contra teus inimigos de carne e osso. — respondeu o ancião — Não é contra homens que eu devo te proteger. Existem mundos obscuros que os homens mal imaginam existir; Vazios Exteriores, de onde monstros disformes podem ser chamados e materializados por magos perversos para dilacerar e devorar as pessoas. Há uma serpente em tua casa, ó rei... uma víbora em teu reino, vinda da Stygia, que tem a sabedoria negra das trevas em sua alma sombria. Assim como um homem adormecido sonha com a serpente que rasteja perto dele, eu senti a presença maléfica do neófito de Set. Ele está embriagado de poder terrível, e os golpes que ele desfecha contra seus inimigos podem derrubar o teu reino. Eu te trouxe até aqui para te dar uma arma contra ele e suas hostes infernais.

— Mas por quê? — perguntou Conan espantado — Os homens dizem que você dorme no coração negro de Golamira, de onde envia seu espírito sobre asas invisíveis para ajudar a Aquilônia em tempos de necessidade, mas eu... eu sou um estrangeiro e um bárbaro.

— Paz! — os tons fantasmagóricos ressoaram pela grande caverna obscurecida — Teu destino está unido ao da Aquilônia. Acontecimentos gigantescos estão se formando na teia e no ventre do Destino, e um feiticeiro louco por sangue não se porá no caminho do destino imperial. Eras atrás, Set se enrolou ao redor do mundo como uma píton ao redor de sua presa. Durante toda a minha vida, que equivaleu à de três homens comuns, lutei contra ele. Eu o afugentei para as sombras do sul misterioso, mas na obscura Stygia, os homens ainda adoram aquele que para nós é o arqui— demônio. Assim como eu lutei contra Set, eu também combato seus adoradores, seus seguidores e seus acólitos. Desembainha tua espada.

Surpreso, Conan obedeceu, e sobre a grande lâmina, perto do pesado guarda— mão de prata, o ancião traçou com seu dedo esquelético um estranho símbolo, que reluziu como fogo branco nas sombras. E, no instante seguinte, a cripta, a tumba e o ancião desapareceram. Conan, confuso, despertou sobressaltado em seu leito na enorme câmara de domo dourado. E, enquanto se levantava, aturdido com seu estranho sonho, percebeu que segurava a espada. E o cabelo ficou eriçado na sua nuca, pois havia um símbolo gravado sobre a lâmina larga — o contorno de uma fênix. E ele se lembrou de que sobre o túmulo na cripta, ele vira o que pensava ser uma figura semelhante, escavada na pedra. Agora ele se perguntava se teria sido

apenas uma figura de pedra, e sua pele se arrepiou diante da estranheza de tudo isso.

Então, um ruído furtivo no corredor o trouxe de volta à realidade, e sem parar para investigar, começou a vestir sua armadura; era novamente o bárbaro, desconfiado e alerta como um lobo cinza acuado.

## V

*“Que sei eu sobre educação, ouro, artes e mentira?*

*Eu, que nasci numa terra nua e cresci sob o céu aberto.*

*A língua sutil e a astúcia sofista fracassam quando as espadas cantam;*

*Correi e morrei, cães – eu era um homem antes de ser um rei”.*

(A Estrada dos Reis)

Em meio ao silêncio que envolvia o corredor do palácio real, esgueiravam— se vinte figuras furtivas. Seus pés silenciosos, nus ou calçados com couro macio, não faziam ruído no tapete espesso nem no ladrilho de mármore. As tochas acesas nos nichos ao longo dos corredores refletiam— se vermelhas sobre punhais, espadas e machados bem afiados.

— Quietos! – sibilou Ascalante – Pare com esta maldita respiração ruidosa, seja quem for! O oficial do turno da noite retirou a maioria das sentinelas destes salões e embriagou o resto, mas nós devemos ter cuidado do mesmo jeito. Para trás! A guarda está vindo!

Eles se espremeram atrás de um aglomerado de colunas entalhadas, e quase que imediatamente dez gigantes em armaduras negras passaram

marchando por eles. Seus olhares demonstravam dúvida, dirigindo— se ao oficial que os retirava de seus postos. Este oficial estava bastante pálido; quando a tropa passou pelos esconderijos dos conspiradores, ele foi visto enxugando o suor de sua testa com a mão trêmula. Era jovem, e sua traição a um rei não era fácil. Amaldiçoava em pensamentos a sua extravagância fútil, que o havia colocado em débito com agiotas e fizera dele uma marionete nas mãos de conspiradores políticos.

Os guardas passaram tinindo suas armaduras e desapareceram no corredor.

— Ótimo! – sorriu Ascalante – Agora Conan está dormindo desprotegido. Depressa! Se formos pegos matando— o, estamos perdidos... mas poucos homens abraçarão a causa de um rei morto.

— Sim, depressa! – gritou Rinaldo, com seus olhos azuis combinando com o brilho da espada que brandia acima da cabeça – Minha lâmina está sedenta! Posso ouvir os abutres se reunindo! Vamos!

Eles se precipitaram pelo corredor, parando diante da porta dourada, entalhada com o dragão real, símbolo da Aquilônia.

— Gromel! – ordenou Ascalante – Arrombe esta porta para mim!

O gigante respirou fundo e lançou seu corpo poderoso contra os painéis, que geraram e vergaram com o impacto. Ele recuou e arremeteu mais uma vez. Os cravos saltaram para fora, a madeira se despedaçou, e a porta rachou e cedeu para dentro.

— Entrem! – bramiu Ascalante, inflamado com o espírito da ação.

— Para dentro! – berrou Rinaldo – Morte ao tirano!

Os conspiradores estancaram. Quem os encarava era Conan; não um homem nu, desarmado, confuso e tirado de seu sono profundo, para ser massacrado como uma ovelha, mas um bárbaro bem alerta, acuado e pronto para se defender, parcialmente vestido com sua armadura e empunhando sua longa espada.

Por alguns instantes, a cena ficou imóvel – os quatro nobres rebeldes na porta destruída e a horda de selvagens rostos barbudos aglomerados atrás dele –, e todos momentaneamente paralisados diante da visão do gigante de olhos ardentes, de pé, segurando a espada na mão, parado no meio do salão iluminado por velas. No mesmo instante, Ascalante viu, sobre uma pequena mesa perto do leito real, o cetro de prata e o delgado diadema de ouro que era a coroa da Aquilônia, e aquela visão deixou— o louco de desejo.

— Entrem, malditos! – berrou a criminoso – Ele é um contra vinte, e está sem o capacete!

Verdade; não houve tempo para colocar o pesado capacete emplumado, nem para amarrar as placas laterais da armadura, nem para pegar o enorme escudo da parede. Mesmo assim, Conan estava mais protegido do que qualquer um de seus inimigos, exceto Volmana e Gromel, que vestiam armaduras completas.

O rei fitava— os, confuso quanto à identidade deles. Não conhecia Ascalante; não conseguia ver através das viseiras fechadas dos elmos dos conspiradores blindados, e Rinaldo havia enfiado o capuz de sua capa folgada por cima dos olhos. Mas não havia tempo para conjecturas. Com um grito que ecoou até o teto, os assassinos invadiram o quarto, com Gromel à frente. Ele investiu como um touro ao ataque, a cabeça abaixada e a espada também baixa, para dar um golpe estripador. Conan pulou ao seu encontro, e toda a sua força de tigre se concentrou no braço que brandia a espada. Sibilando, a grande lâmina descreveu um semicírculo faiscante, e golpeou o capacete do bossoniano. A lâmina e o capacete se estilhaçaram, e Gromel rolou sem vida no chão. Conan pulou para trás, ainda segurando o cabo quebrado.

— Gromel! – cuspiu ele, com os olhos queimando de espanto, quando o capacete fendido revelou a cabeça despedaçada; em seguida, o resto da matilha se lançou sobre ele. A ponta de um punhal arranhou suas costelas, entre o peitoral e o dorsal da armadura, uma lâmina de espada relampejou diante de seus olhos. Com o braço esquerdo, ele jogou de lado o portador do punhal, e esmagou a têmpera do espadachim com o cabo da espada. Os miolos do homem espirraram em seu rosto.

— Guardem a porta, cinco de vocês! – berrou Ascalante, dançando na beira do sibilante redemoinho de aço, pois receava que Conan pudesse abrir caminho no meio deles e fugir. Os bandidos retrocederam momentaneamente, quando o seu líder agarrou vários deles e empurrou— os em direção à única porta; neste breve intervalo, Conan pulou e arrancou da parede um antigo machado de guerra que, intocado pelo tempo, ficara pendurado ali durante meio século.

Encostando— se à parede, ele encarou, por um breve instante, o círculo humano que se fechava ao seu redor, e então pulou para o meio deles. Conan não era um lutador defensivo; sempre partia para o ataque, mesmo quando estava nas presas de uma desvantagem devastadora, sempre levando a guerra ao inimigo. Qualquer outro homem já teria morrido ali, e o próprio Conan não esperava sobreviver, mas desejava ferozmente infligir tanto estrago quanto pudesse antes de cair. Sua alma de bárbaro estava em fogo, e os cantos de velhos heróis ecoavam em seus ouvidos.

Quando ele se afastou da parede com um pulo, seu machado derrubou um criminoso, decepando— lhe o ombro, e o terrível contra— golpe esmagou o crânio de outro. Espadas sibilavam ameaçadoras ao seu redor, mas a morte o poupava por pequenas margens. O cimério se movia numa velocidade estonteante. Era um tigre entre babuínos, pulando, recuando, girando e sempre oferecendo um alvo móvel, enquanto seu machado tecia uma roda brilhante de morte à sua volta.

Por um breve momento, os assassinos aglomeraram— se ferozmente em torno dele, golpeando cegamente, atrapalhados pelo próprio grande número deles; em seguida, recuaram abruptamente: dois cadáveres no chão davam a muda evidência da fúria do rei, embora o próprio Conan estivesse sangrando de ferimentos no braço, pescoço e pernas.

— Covardes! – berrou Rinaldo, arrancando seu gorro emplumado, os olhos selvagens faiscando – Estão evitando o combate? O déspota deve viver? Ataquem!

Ele avançou, golpeando loucamente, mas Conan, reconhecendo— o, despedaçou— lhe a espada com uma terrível machadada e, com um poderoso empurrão com a mão aberta, derrubou— o rolando ao chão. O rei

sentiu, no braço direito, a ponta da lâmina de Ascalante, e o criminoso mal teve tempo para salvar a vida, abaixando— se e pulando para trás, evitando assim o giro do machado. Os lobos tornaram a atacar, e o machado de Conan cantou e esmagou. Um patife cabeludo agachou— se para escapar do machado e agarrou as pernas do rei, mas depois de lutar por um breve momento com o que lhe parecia uma sólida torre de ferro, ergueu o olhar a tempo de ver o machado caindo, mas não de evitá— lo. Nesse ínterim, um de seus camaradas ergueu um sabre com as mãos e o enfiou através do protetor do ombro esquerdo do rei, ferindo seu ombro. Em poucos instantes, a armadura de Conan estava toda ensanguentada.

Volmana, empurrando os atacantes para os lados em sua impaciência selvagem, arremeteu um golpe assassino na cabeça desprotegida de Conan. O rei abaixou— se e a espada cortou— lhe uma mecha de cabelo negro, ao passar assobiando por cima dele. Conan girou sobre os calcanhares e golpeou de lado. O machado esmagou a armadura de aço e Volmana desabou com todo o seu lado esquerdo cortado.

— Volmana! – resfolegou Conan – Eu reconheceria esse anão até no Inferno...

Ele se endireitou para aparar o ataque enlouquecido de Rinaldo, que investiu selvagem e abertamente, armado apenas com um punhal. Conan pulou para trás, erguendo o machado.

— Rinaldo! – sua voz estava estridente de desespero – Para trás! Não quero matar você...

— Morra, tirano! – berrou o menestrel louco, jogando— se de cabeça contra o rei. Conan retardou o golpe que relutava em desferir, até que foi tarde demais. Foi só quando sentiu a mordida do aço em seu flanco desprotegido que ele golpeou, numa fúria absolutamente cega.

Rinaldo caiu, com o crânio esfacelado, e Conan cambaleou apoiando— se na parede, com o sangue espirrando entre os dedos que apertavam o ferimento.

— Vamos, matem agora! – gritou Ascalante.

Conan apoiou— se de costas na parede e ergueu o machado. Erguia— se como uma imagem da força primordial incontestável: pernas bem afastadas, cabeça jogada para a frente, uma mão agarrando— se à parede, a outra segurando o machado erguido, os grandes músculos salientes como cordilheiras de ferro, e o rosto paralisado num esgar de fúria mortal – os olhos brilhando terrivelmente através da névoa de sangue que os encobria. Os homens hesitaram – embora fossem selvagens, criminosos e dissolutos, mesmo assim pertenciam a uma raça dita civilizada, com uma educação civilizada; à sua frente estava o bárbaro – o matador nato. Eles recuaram – o tigre moribundo ainda era capaz de matar.

Conan sentiu a hesitação deles e abriu um sorriso feroz e sem alegria.

— Quem morre primeiro? – resmungou através dos lábios esmagados e ensanguentados.

Ascalante pulou como um lobo, parou quase em pleno ar com uma rapidez incrível e caiu prostrado para evitar a morte que vinha sibilando em sua direção. Retirou freneticamente os pés do caminho, e rolou para evitar o ataque, enquanto Conan se recuperava do golpe perdido e investia de novo. Desta vez, o machado mergulhou fundo no chão polido, perto das pernas agitadas de Ascalante.

Outro assassino alucinado escolheu esse instante para atacar, seguido sem muita convicção pelos companheiros. Ele pretendia matar Conan antes que o cimério conseguisse arrancar o machado do chão; mas seu julgamento estava equivocado. O machado vermelho subiu e desceu, e uma caricatura escarlate de um homem foi arremessada contra as pernas dos outros atacantes.

Nesse instante, um grito aterrador partiu dos bandidos postados à porta e uma sombra negra e disforme tomou a parede. Todos, menos Ascalante, voltaram— se na direção do grito; e, em seguida, uivando como cães, eles se precipitaram cegamente pela porta, uma turba delirante blasfemando, que se espalhou pelos corredores numa fuga barulhenta.

Ascalante não olhou para a porta; tinha olhos somente para o rei ferido. Ele supunha que o ruído da luta houvesse finalmente acordado o palácio, e que os guardas leais estavam sobre ele, embora lhe parecesse estranho que

seus calejados velhacos berrassem tão terrivelmente na fuga. Conan não olhou para a porta, porque fitava o criminoso com os olhos chamejantes de um lobo agonizante. Mesmo nesta situação extrema, a filosofia cínica de Ascalante não o abandonou:

— Parece que tudo está perdido, principalmente a honra. — murmurou — No entanto, o rei está morrendo de pé, e...

Não se soube que outra cogitação poderia estar passando por sua mente; pois, sem completar a frase, ele investiu facilmente contra Conan no momento em que o cimério estava, por força, usando o braço que segurava o machado para limpar o sangue dos olhos.

Mas, quando começou a atacar, houve uma estranha agitação no ar, e algo muito pesado golpeou com força entre seus ombros. Ele foi lançado de cabeça, e enormes garras enterraram— se dolorosamente em sua carne. Debatendo— se desesperadamente sob seu atacante, virou a cabeça e seus olhos fitaram a face do Pesadelo e da loucura. Sobre ele se agachava uma enorme coisa negra que, ele sabia, não havia nascido em nenhum mundo são ou humano. Suas negras presas, gotejando baba, estavam perto de sua garganta e o brilho dos olhos amarelos fazia murchar seus membros como um vento assassino que seca o trigo novo.

A feiúra da face transcendia a mera bestialidade. Poderia ser a face de uma múmia antiga e maléfica, animada por uma vida demoníaca. Nesses traços horripilantes, os olhos dilatados do fora— da— lei pareciam ver, como uma sombra na loucura que o envolvia, uma fraca e terrível semelhança com o escravo Thoth— Amon. Então a filosofia cínica e auto—suficiente abandonou Ascalante que, com um grito tenebroso, entregou a alma antes mesmo que aquelas presas babantes o tocassem.

Conan, sacudindo as gotas de sangue de seus olhos, observava a cena, paralisado. Primeiro, ele pensou que era um enorme mastim negro que estava sobre o corpo distorcido de Ascalante; em seguida, quando sua vista clareou, viu que não era nem um mastim nem um babuíno.

Com um brado, que era como um eco do grito de morte de Ascalante, ele se desprende da parede e investiu contra o horror, que saltava em sua direção, com um golpe de seu machado, imbuído de toda a força

desesperada de seus nervos eletrificados. A arma voou e rebateu cantando do crânio inclinado que deveria ter sido despedaçado, e o rei foi jogado no meio do salão pelo impacto do corpo gigantesco.

As mandíbulas salivantes apertaram o braço que Conan erguera para proteger sua garganta, mas o monstro não precisou de esforço algum para firmar seu aperto mortal. Por cima do braço lacerado, aqueles olhos estavam fixos de forma demoníaca nos do rei, nos quais começava a se espelhar a imagem do horror que se refletia nos olhos mortos de Ascalante. Conan sentiu sua alma estremecer e começar a ser drenada de seu corpo, para afogar— se nos poços amarelos de horror cósmico que brilhavam espectrais no caos disforme que crescia ao seu redor e engolia toda a vida e sanidade. Aqueles olhos cresceram e se tornaram gigantesco, e neles o cimério vislumbrou a realidade de todos os horrores abissais e blasfemos que espreitam nos umbrais tenebrosos e vazios disformes de soturnos abismos. Ele abriu os lábios ensanguentados para gritar seu ódio e desprezo, mas somente um ruído seco escapou de sua garganta.

Mas o horror, que paralisara e destruía Ascalante, despertou no cimério uma fúria frenética igual à loucura. Com uma torção vulcânica de seu corpo inteiro, ele se jogou para trás, sem se importar com a agonia de seu braço rasgado e arrastando o monstro consigo. E, estendendo a mão, sentiu algo que seu atordoado cérebro de lutador reconheceu como sendo o cabo de sua espada quebrada. Instintivamente, agarrou— o e golpeou com toda a energia de seus nervos, como se tivesse nas mãos uma adaga. A lâmina quebrada afundou, e o braço de Conan foi libertado quando a boca horrenda se abriu, como se agonizante. O rei foi jogado violentamente para o lado e, apoiando— se sobre uma das mãos, viu, perplexo, as terríveis convulsões do monstro, do qual jorrava um sangue espesso pelo grande ferimento aberto por sua lâmina quebrada. Enquanto observava, o monstro parou de se debater e jazia em espasmos, com os terríveis olhos mortos virados para cima. Conan pestanejou e sacudiu o sangue de seus próprios olhos; parecia — lhe que a coisa estava derretendo e se desintegrando numa massa pegajosa e disforme.

Então, uma confusão de vozes alcançou seus ouvidos, e o quarto foi invadido pelos cortesãos que finalmente haviam despertado — cavaleiros, fidalgos, damas, soldados armados, conselheiros —, todos falando, gritando

e empurrando— se. Os Dragões Negros estavam próximos, enlouquecidos de raiva, praguejando e se agitando, com as mãos sobre as empunhaduras das espadas e com juramentos estrangeiros entre os dentes. Não havia sinal do jovem oficial da guarda da porta, nem conseguiram achá-lo mais tarde, embora o tenham procurado intensamente.

— Gromel! Volmana! Rinaldo! – exclamou Publius, o conselheiro— chefe, torcendo as mãos gordas por entre os cadáveres – Traição negra! Alguém vai pagar por isso! Chamem a guarda.

— A guarda já está aqui, velho tolo! – retorquiu galantemente Pallantides, comandante dos Dragões Negros, esquecendo— se da posição de Publius no sufoco do momento – É melhor parar de miar e nos ajudar a atar os ferimentos do rei. Ele pode sangrar até morrer.

— Sim, sim! – exclamou Publius, que era mais um homem de planos do que de ação – Precisamos cuidar das feridas dele. Mandem chamar todos os médicos da corte! Oh, meu senhor, que vergonha tenebrosa para a cidade! Estão mesmo totalmente mortos?

— Vinho! – arfou o rei do leito onde eles o depuseram. Eles aproximaram uma taça dos seus lábios ensanguentados e ele bebeu como um homem semi— morto de sede.

— Ótimo! – grunhiu ele, caindo para trás – Matar me dá uma sede maldita.

Eles haviam estancado o jorro de sangue; e a vitalidade natural do bárbaro estava começando a tomar conta.

— Cuide primeiro da ferida feita pelo punhal no meu lado. – ordenou aos médicos da corte – Rinaldo escreveu aqui um hino fúnebre para mim, e o estilo estava bem afiado.

— Deveríamos tê-lo enforcado há muito tempo. – resmungou Publius – Os poetas não servem para nada de bom... quem é este?

Ele tocou nervosamente o corpo de Ascalante com a ponta da sandália.

— Por Mitra! – exclamou o comandante – É Ascalante, o antigo conde de Thune! Que artimanha demoníaca o tirou de suas plagas desertas?

— Mas por que este olhar? – sussurrou Publius, afastando— se, com os olhos arregalados e com um estranho arrepio entre os pêlos da nuca gorda. Os outros ficaram em silêncio enquanto olhavam para o criminoso morto.

— Se tivessem visto o que ele e eu vimos – resmungou o rei, sentando— se, apesar dos protestos dos sanguessugas –, não estariam perguntando. Vejam por vocês mesmos este espanto... – Ele parou bruscamente, o queixo caído, o dedo apontando para o nada. No lugar onde o monstro havia morrido, havia apenas o chão vazio.

— Crom! – praguejou ele – A coisa se desfez e voltou ao lugar imundo que a gerou!

— O rei está delirando. – murmurou um nobre. Conan ouviu e exclamou pragas bárbaras.

— Por Badb, Morrigan, Macha e Nemain! – ele concluiu, furioso – Estou em posse de meu pleno juízo! Era como um cruzamento entre uma múmia stígia e um babuíno. Entrou pela porta, e os bandidos de Ascalante fugiram dele. Matou Ascalante, que estava prestes a me matar. Então aquilo me atacou e eu o matei, não sei como, pois meu machado rebateu contra ele como se fosse uma rocha. Mas acho que o Sábio Epemitreus teve algo a ver com isso...

— Vejam como ele fala de Epemitreus, morto há 1500 anos! – sussurraram uns aos outros.

— Por Ymir! – trovejou o rei – Esta noite eu falei com Epemitreus! Ele me chamou em meus sonhos e andei por um escuro corredor de pedra, entalhado com figuras de antigos deuses; subi uma escada de pedra, em cujos degraus havia desenhos de Set, e cheguei a uma cripta, e a uma tumba com uma fênix entalhada nela...

— Em nome de Mitra, meu rei, fique quieto! – Era o sumo sacerdote de Mitra que gritara, e seu rosto estava pálido.

Conan jogou a cabeça para trás, como um leão sacudindo sua juba, e seus olhos faiscaram.

— E quem é você para calar minha boca? — sua voz era grave como o rugido de um tigre enlouquecido.

— Não, não, meu senhor! — o sumo sacerdote tremia, mas não era por recear a ira do rei — Eu não quis ofender. — Ele inclinou a cabeça perto do rei, e falou num sussurro que somente Conan podia ouvir.

— Milorde, este é um assunto que está além da compreensão humana. Somente o círculo interno do sacerdócio sabe sobre o corredor de pedras negras, escavado por mãos desconhecidas no coração do Monte Golamira, ou sobre a tumba protegida pela fênix, onde Epemitreus foi colocado para descansar há 1500 anos. E, desde aquele tempo, nenhum homem vivo entrou lá, pois os sacerdotes escolhidos por ele, depois de colocarem o Sábio na cripta, fecharam a saída do corredor de maneira que homem algum pudesse achá-la, e atualmente nem mesmo os sumo sacerdotes sabem onde é. Somente por transmissão oral, passada pelos sumos sacerdotes a seus poucos escolhidos, e guardada com muito ciúme, os acólitos do círculo interno de Mitra sabem do local de descanso de Epemitreus, no coração negro de Golamira. Este é um dos Mistérios sobre os quais se assenta o culto de Mitra.

— Não sei dizer com que tipo de magia Epemitreus me levou até ele. — respondeu Conan — Mas falei com ele, e ele fez uma marca em minha espada. Não sei por que essa marca a tornou mortífera para o demônio, nem que magia está contida nela; mas, mesmo depois que a espada se quebrou sobre o capacete de Gromel, o pedaço que sobrou foi suficientemente para matar o horror. Ele morreu ali no chão.

O silêncio caiu assustadoramente sobre as pessoas que se aproximavam, e algumas caíram de joelhos, evocando Mitra, e outros fugiram gritando do quarto.

Pois no chão onde o monstro havia morrido, havia, como uma sombra tangível, uma enorme mancha escura que jamais poderia ser removida; a coisa deixara seu contorno bem nítido gravado no chão com seu próprio

sangue, e a silhueta não era de homem nem de animal, nem de qualquer ser originário de um mundo saudável e normal

— Deixe— me ver sua espada. — sussurrou o sumo sacerdote, com a garganta repentinamente seca.

Conan estendeu a arma quebrada e o sumo sacerdote deu um grito, caindo de joelhos.

— Mitra nos proteja contra os poderes das trevas! — arfou ele — Você falou mesmo com Epemitreus esta noite! É o sinal secreto que ninguém além dele pode fazer: o emblema da fênix imortal, que paira eternamente sobre seu túmulo!

Conan fez uma carranca, atônito:

— Como essa marca tornou os demônios vulneráveis à minha espada?

O sumo sacerdote balançou a cabeça ao se erguer.

— Os mistérios das sombras estão além da nossa compreensão. Os símbolos são apenas os sinais externos de poderes ocultos. Nós somente vemos as evidências exteriores; não vemos o eterno jogo das forças que jazem por trás: os poderes da Luz opostos aos poderes das Trevas. Através de um símbolo do mal, um feiticeiro atrai formas de pesadelo do abismo; através de um símbolo de Luz, elas são rechaçadas de volta. Asas sombrias ensombram nossas almas; outras asas invisíveis abrem— se sobre nós como proteção. Os mais sábios de nós são como meras crianças cegas, tateando na escuridão.

— Por Crom — disse Conan —, os deuses e demônios da civilização são tão complexos e misteriosos quanto tudo o mais que a ela pertence. Sou realmente um homem cego tateando na noite. Mas de uma coisa eu entendo: há um mago no reino que terá que ser eliminado. Mas isso... esta mancha no chão, o que é?

O sumo sacerdote estremeceu, ao pegar a espada com mãos inseguras.

— Só Mitra sabe quais formas espreitam na Escuridão Exterior, ou se esgueiram no mundo invisível. Mas vejo a mão de Set por trás disso.

Procure um stígio quando for caçar seu mago, meu rei. Esta mancha no chão... a não ser que estejamos todos loucos... é uma contraparte da sombra que seria projetada pela escultura de um deus simiesco que vi muito tempo atrás, agachada no altar de um templo obscuro das sombras, numa terra distante, na fronteira do país escuro da Stygia.

# A CIDADELA ESCARLATE

## *The Scarlet Citadel*

### I

*Aprisionaram o Leão na planície de Shamu, Lhe ataram os membros com correntes de ferro, Gritaram em voz alta ao som das trombetas: "O Leão está finalmente enjaulado!". Ai das cidades às margens do rio e da planície Se o Leão volta a espreitar alguma vez!*

*(Balada antiga)*

Apagava-se o clamor da batalha; os gritos de vitória misturavam-se aos lamentos dos mortos. Os caídos cobriam a planície, como as folhas depois de uma tempestade de outono; o sol poente lançava seu resplendor sobre os capacetes brilhantes, sobre as cotas-de—malha, as armaduras, as espadas quebradas e as dobras dos estandartes de seda, lançados em meio às poças escarlates. Os cavalos jaziam em pilhas silenciosas, e seus cavaleiros vestidos de aço tinham os cabelos manchados de sangue. A seu redor, estavam os corpos destroçados dos arqueiros e lanceiros.

Os homens faziam soar uma fanfarra de triunfo na planície, e os cascos dos cavalos dos vencedores pisoteavam os corpos dos vencidos, enquanto as linhas de batalha convergiam, como os raios de uma brilhante roda, para o local onde o último sobrevivente continuava realizando uma luta desigual com a morte.

Naquele dia, Conan, rei da Aquilônia, tinha visto o melhor de sua cavalaria destruído. Havia cruzado a fronteira sudeste da Aquilônia com cinco mil cavaleiros até chegar a Ophir, onde encontrou seu antigo aliado, o rei Amalrus de Ophir, enfrentando-o junto com as hostes de Strabonus, o rei de Koth. Percebeu a cilada tarde demais. Fez tudo o que podia fazer um homem com cinco mil cavaleiros contra os trinta mil cavaleiros, arqueiros e lanceiros que serviam aos conspiradores.

Lançou-se com seus cavaleiros armados, sem arqueiros nem soldados de infantaria, contra as tropas atacantes; viu os cavaleiros das forças inimigas, em suas brilhantes cotas-de— malha, caindo diante das lanças, destruiu uma parte de seus inimigos, até que os atacantes finalmente cercaram-no. Os arqueiros shemitas de Strabonus causaram estragos entre seus homens, junto com seus cavalos, enquanto os lanceiros kothianos arremessavam-nos ao solo. Finalmente, as forças de Conan foram vencidas porque seus inimigos superavam-nas em número.

Os aquilonianos não fugiram; morreram no campo de batalha, e, dos cinco mil cavaleiros que acompanharam Conan para o sul, nem um só saiu vivo da planície de Shamu. E agora o rei estava à espreita entre os corpos dilacerados de seus homens, a apoiava as costas contra uma pilha de homens e de cavalos mortos. Os cavaleiros ophirianos, protegidos por cotas — de-malha douradas, faziam seus cavalos saltarem por cima dos cadáveres, para atravessar de uma estocada à figura solitária, e vários shemitas de barba negra, assim como alguns cavaleiros kothianos de pele escura, encontravam-se a seu redor. Ouvia-se o som metálico do aço, que crescia em intensidade. A figura do rei se sobressaía por cima da de seus inimigos, enquanto atacava com a ferocidade de um animal selvagem. Em seguida, se viram cavalos sem cavaleiro, e a seus pés havia uma pilha de corpos despedaçados. Seus atacantes recuaram ofegando.

Agora via-se os chefes conquistadores cavalgando em meio às fileiras de seus homens. Ali estava Strabonus, de rosto largo e escuro, e olhos astutos; Amalrus, esbelto, traidor e perigoso como uma cobra, e Tsotha-Lanti, magro como um abutre, vestido com roupas de seda, de olhos negros e

brilhantes. Contavam-se lendas sombrias sobre este feiticeiro kothiano; as mulheres das aldeias do norte e do oeste assustavam suas crianças mencionando seu nome, e os escravos rebeldes eram mais rapidamente submetidos do que com o chicote, se lhes ameaçasse vendê-los a Tsotha-Lanti. As pessoas diziam que ele tinha uma biblioteca cheia de livros de magia negra, encadernados com a pele de suas vítimas humanas, e que traficava com os poderes das trevas nos escuros sótãos de seu palácio, entregando jovens escravas em troca de segredos infernais. Ele era o verdadeiro soberano de Koth.

Contemplava, com um sinistro sorriso no rosto, como os reis freavam seus cavalos a uma distância segura da taciturna figura que erguia-se por cima dos mortos. Até o homem mais valente recuava ao ver o brilho assassino que brotava dos ardentes olhos azuis, os quais despontavam por baixo do capacete. O rosto escuro e cicatrizado de Conan queimava de ódio; sua armadura negra estava despedaçada e manchada de sangue; sua enorme espada estava vermelha até a empunhadura. Naquele momento, havia desaparecido todo rastro de civilização; ali havia um bárbaro enfrentando seus vencedores. Conan era um nativo da Ciméria, um montanhês feroz e taciturno, originário de uma terra escura e nublada do norte. Sua vida e suas aventuras, que o levaram até o trono da Aquilônia, haviam transformado-se em lenda.

Os reis mantinham distância, e Strabonus chamou seus arqueiros shemitas para lançarem flechas sobre o inimigo; seus capitães haviam caído como grãos maduros diante da espada do cimério, e Strabonus, avaro de cavaleiros assim como de riquezas, estava furioso. Mas Tsotha balançava a cabeça.

— Peguem-no vivo.

— Isso é fácil de falar! — grunhiu Strabonus, preocupado com a possibilidade do gigante de malha negra abrir caminho em direção a eles — Quem pode capturar vivo um tigre devorador de carne? Por Ishtar, que ele é muito superior a meus melhores espadachins. Me custou sete anos e montanhas de ouro para treiná-los, e ali estão, todos mortos. Eu disse, arqueiros!

— Não! — respondeu Tsotha, descendo do cavalo e lançando uma gélida risada — Ainda não se deu conta que meu cérebro é mais poderoso que qualquer espada?

Passou através das filas de lanceiros, e estes recuaram atemorizados, temendo tocar-lhe a túnica. Os cavaleiros emplumados também lhe abriram caminho. Logo saltou por cima dos cadáveres e aproximou-se do rei. Os homens olhavam em silêncio, prendendo a respiração. A figura de malha negra erguia-se, ameaçadora, acima do homem magro de túnica de seda, brandindo a espada manchada de sangue.

— Ofereço-lhe a vida, Conan. — disse Tsotha, com sorriso cruel nos lábios.

— E eu lhe ofereço a morte, feiticeiro. — grunhiu o rei, empunhando a espada com todas as suas forças.

O golpe feroz poderia ter partido o peito de Tsotha em dois. Mas o feiticeiro aproximou-se de Conan com a rapidez de um raio, e apoiou a mão aberta no antebraço esquerdo do bárbaro. A arma do gigante retorceu-se e este caiu pesadamente ao solo, imóvel. Tsotha riu em silêncio.

— Levantem-no e não temam; as presas do leão estão fechadas.

Os reis aproximaram-se e observaram, atônitos, o leão caído. Conan jazia inerte, como um homem morto, mas mirava-os com os olhos arregalados, cintilantes de fúria e desespero.

— O que fez com ele? — perguntou Amalrus, nervoso.

Tsotha mostrou um enorme anel, de aspecto estranho, que trazia no dedo. Apertou os dedos da mão, e viram, assombrados, um dente de aço que surgia de dentro do anel, como a língua de uma serpente.

— O anel foi introduzido no suco do lótus púrpura, que cresce nos pântanos, assolados por fantasmas, do sul da Stygia. — respondeu o mago — Produz uma paralisia temporária em qualquer pessoa que o toque. Acorrentem-no e coloquem ele numa carroça. O sol está se pondo e já é hora de nos colocarmos a caminho de Khorshemish.

Strabonus virou-se para seu general, Arbanus.

— Regressaremos a Khoshemish com os feridos. Só nos acompanhará uma tropa da cavalaria real. Você deve dirigir-se, ao amanhecer, à fronteira aquiloniana, para sitiá-la. Os ophirianos lhe darão víveres para o percurso. Nos reuniremos com você, assim que possível, com reforços.

As hostes empreenderam a marcha em direção às pradarias que estavam próximas ao campo de batalha, com os cavaleiros cobertos de aço, os lanceiros, os arqueiros e os ajudantes de campo. Os dois reis e o feiticeiro dirigiram-se à capital de Strabonus sob a noite estrelada, rodeados pelas

tropas do palácio e acompanhados por uma longa fila de carroças, carregadas de feridos. Numa dessas carroças ia Conan, rei da Aquilônia, acorrentado, com o amargo sabor da derrota na boca e, na alma, a fúria cega de um tigre aprisionado. O veneno, que havia paralisado seu poderoso corpo, não tinha os mesmos efeitos em seu cérebro. À medida que carro no qual viajava atravessava as pradarias, sua mente pensava obsessivamente na derrota. Amalrus enviara um emissário implorando-lhe ajuda contra Strabonus, porque, segundo dizia, estava destruindo suas terras ocidentais, que eram como uma cunha entre a fronteira da Aquilônia e o vasto reino de Koth. Havia solicitado apenas mil cavaleiros e a presença de Conan, a fim de animar seus desmoralizados soldados. Conan o amaldiçoava mentalmente. Num gesto generoso, havia trazido cinco mil homens, ao invés dos mil que o traidor lhe pedira. Cavalgou de boa-fé pra Ophir, e ali foi atacado pelos supostos rivais, que haviam se aliado contra ele. Provavelmente, trouxeram todo um exército para pegar a ele e a seus cinco mil homens.

Uma nuvem vermelha cobria seus olhos; suas veias estouravam de fúria, e as têmporas latejavam aceleradamente. Em sua vida havia sentido ira e desespero tão grandes. Com seu olho mental, viu diferentes cenas de sua vida, nas quais ele aparecia em diversas situações: como um bárbaro nu; como mercenário, com espada, capacete e cota-de-malha; como corsário numa galera com proa em forma de dragão que abrira um caminho de sangue nos mares do sul; como capitão de exércitos vestidos com armaduras de aço; como rei, sentado num trono dourado, com o estandarte do leão formando ondas ao vento, e multidões de cortesãos ajoelhados. Mas, vez ou outra, o movimento da carroça lhe devolvia o pensamento à sua situação atual, e punha-se furioso pela traição de Amalrus e a magia de Tsotha. Os vasos de suas têmporas estavam a ponto de explodir, e os gritos dos feridos enchiam-no de uma feroz satisfação.

Cruzaram a fronteira de Ophir antes da meia-noite e, ao amanhecer, vislumbraram as brilhantes torres de Khorshemish, destacadas contra o horizonte tingido de vermelho. Por cima delas, erguia-se a sombria cidadela, que parecia uma mancha de sangue no céu. Era o castelo de Tsotha. Uma estreita rua de mármore, protegida por enormes portas de ferro, levava até a colina onde estava situado, dominando a cidade. Os declives da colina eram escarpados demais para que um homem pudesse chegar ao castelo por outro caminho, que não fosse o de mármore. Das

muralhas da cidadela podia-se ver as pequenas ruelas da cidade, as mesquitas, os minaretes, as tendas, os templos, as mansões e os mercados. Também se podia ver o palácio do rei, no centro de um enorme jardim cheio de árvores frutíferas e de flores, adornado com lagos artificiais e fontes prateadas. Por cima do palácio, erguia-se a cidadela, como um condor que espreita sua presa. As enormes portas da cidade abriram-se com um ruído metálico, e o rei entrou em sua capital, rodeado por seus lanceiros, ao som de cinqüenta trombetas. Mas não havia muita gente nas ruas, nem lançavam flores ao conquistador. Strabonus havia chegado antes das notícias a respeito da batalha, e o povo, dedicado às suas ocupações do dia, ficou boquiaberto ao ver o rei de volta com um pequeno contingente, e não sabiam se ele voltava como vencedor ou como vencido.

Conan, a quem estavam passando os efeitos da paralisia, ergueu a cabeça do fundo da carroça para admirar a beleza da cidade, à qual o povo chamava A Rainha do Sul. Havia pensado em visitá-la algum dia, à frente de um esquadrão, com o estandarte do leão tremulando ao vento. Mas, ao invés disso, entrara acorrentado, sem armadura e jogado dentro de uma carroça, feito um escravo. Riu em voz alta diante da ironia da situação, esquecendo por um momento de sua fúria, mas, para os nervosos soldados que conduziam o carro, sua risada lhes soou como o grunhido de um leão despertando.

## II

*Brilhante casca de uma mentira desgastada; fábula do direito divino...*

*Recebeste em herança suas coroas, mas o sangue foi meu preço.*

*Por Crom, que não venderei*

*O trono que consegui com sangue e suor*

*Por vales cheios de ouro, nem a ameaça do Inferno!*

*(A estrada dos reis)*

Numa habitação da cidadela, com tetos abobadados, de frisos e portas cheios de estranhas jóias escuras, tinha lugar um estranho conclave. Conan da Aquilônia, com o corpo coberto de sangue seco, estava diante de seus captores. De ambos os lados dele, havia uma dúzia de negros enormes, usando machados. Diante dele estava Tsotha e, sobre os divãs, encontravam-se Strabonus e Amalrus, vestidos de seda e ouro, cobertos de jóias e cercados por jovens escravos que lhes serviam vinho em taças de safira. Em forte contraste com esta cena estava Conan, sério, manchado de sangue, quase nu, com grilhões nos membros e os olhos azuis cintilantes sob a negra cabeleira. Dominava a cena, transformando em falsidade a pompa dos conquistadores, devido à vitalidade de sua óbvia personalidade, e os reis, apesar de seu orgulho e do esplendor, eram conscientes disso e sentiam-se desconfortáveis. Apenas Tsotha permanecia imperturbável.

— Vamos falar abertamente de nossos planos, rei da Aquilônia. — disse Tsotha — Queremos expandir nosso império.

— De modo que querem meu reino, porcos. — grunhiu Conan.

— E quem é você, senão um aventureiro que se apossou de uma coroa que não lhe pertencia, bárbaro vagabundo? — respondeu Amalrus — Estamos dispostos a oferecer-lhe uma compensação adequada...

— Compensação? — perguntou Conan, rindo abertamente — O preço da infâmia e da traição! Acreditam que, porque sou bárbaro, vou vender meu reino e sua gente em troca de minha vida e do ouro sujo de vocês? Hah! Como se apoderaram de suas coroas, você e o porco moreno que está a seu lado? Seus pais lutaram e sofreram, servindo-lhes a coroa em bandejas de ouro. Eu lutei por aquilo que vocês receberam por herança, sem mover um só dedo... exceto para envenenarem algum irmão.

"Estão sentados sobre divãs de seda, bebem o vinho que o povo faz com o suor do rosto e falam sobre o direito divino da soberania... Hah! Eu cheguei ao trono desde o abismo da barbárie e, nessa ascensão, derramei

meu próprio sangue com a mesma generosidade com a qual derramei o dos outros. Se algum de nós tem direito de governar os homens, por Crom, este sou eu! De que forma vocês demonstraram ser superiores a mim? "Eu encontrei a Aquilônia nas mãos de um porco como vocês... um homem que poderia remontar-se em sua árvore genealógica a milhares de anos atrás. O país estava dividido por causa das guerras dos barões, e o povo clamava pela supressão dos impostos. Hoje, nenhum nobre aquiloniano ousa maltratar o mais humilde dos meus súditos, e os impostos são mais baixos que em qualquer outro lugar do mundo.

"E vocês? Seu irmão, Amalrus, domina a parte oriental de seu reino e te ameaça. E seus soldados, Strabonus, agora mesmo estão sitiando os castelos de uma dúzia ou mais de barões rebeldes. Os habitantes de seus reinos sentem-se esmagados por impostos tirânicos. E querem saquear o meu... Hah! Se ousassem me soltar, eu cobriria o chão com seus miolos!"

Tsotha esboçou um sinistro sorriso ao notar a ira dos reis.

— Tudo isso, mesmo que seja verdade, nada tem a ver com o assunto que nos ocupa. Nossos planos não são assunto seu. Sua responsabilidade termina quando você assinar o pergaminho, no qual consta a abdicação em favor do príncipe Arpello de Pellia. Lhe daremos armas e um cavalo, e cinco mil moedas de ouro, além de uma escolta que lhe acompanhará até a fronteira oriental.

— Deixar-me largado onde estava, antes de ir à Aquilônia para servir em seus exércitos, só que com o peso de haver ganhado o nome de traidor! — disse Conan, com uma risada que parecia o uivo intenso de um lobo — Arpello, heim? Já suspeitava desse carniceiro de Pellia. Nem sequer sabem roubar e cometer pilhagem franca e honestamente, sem que precisem de um pretexto, por mais estúpido que seja? Arpello diz ter algumas gotas de sangue azul, e vocês o utilizam como desculpa para o roubo, e como sátrapa, através do qual poderão governar. Primeiro, lhes verei no inferno.

— Você é um tolo! — exclamou Amalrus — Está em nossas mãos e podemos tirar-lhe a coroa e a vida quando quisermos!

A resposta de Conan não foi muito majestosa, mas típica do homem cuja natureza bárbara não havia sido anulada por sua cultura adotiva. Cuspiu no rosto de Amalrus. O rei de Ophir levantou-se de um salto e lançou um grito furioso, ao mesmo tempo em que buscava sua espada. Logo, empunhou seu sabre e correu em direção ao cimério, mas nesse momento Tsotha interveio.

— Espere, Majestade; este homem é meu prisioneiro.

— Afaste-se, feiticeiro! — gritou Amalrus, furioso ao ver o brilho arrogante nos olhos do cimério.

— Para trás, eu disse! — rugiu Tsotha, irado.

Logo tirou a mão de sua manga e lançou uma chuva de pó ao rosto crispado do ophiriano. Amalrus deu um grito e recuou, cobrindo os olhos com as mãos. Sua espada caiu ao chão e ele desabou sobre o divã, enquanto os guardas kothianos observavam a cena, impassíveis, e o rei Strabonus bebia de um gole o conteúdo de sua taça de vinho, com mãos trêmulas. Amalrus abaixou as mãos e sacudiu a cabeça violentamente.

— Fiquei cego. — grunhiu — O que você fez, bruxo maldito?

— Foi apenas um gesto para que você soubesse quem manda aqui. — respondeu Tsotha, fazendo cair sua máscara de dignidade, revelando sua verdadeira personalidade maligna — Strabonus aprendeu a lição... agora você aprenderá a sua. O que lancei nos seus olhos não era mais que um pó, que encontrei numa tumba stígia... e, se eu voltar a fazê-lo, ficará cego pelo resto de sua vida.

Amalrus encolheu os ombros, esboçou um sorriso e tomou de novo a taça de vinho para dissipar seu medo e ira. Como bom diplomático que era, recuperou rapidamente a compostura. Tsotha voltou-se para Conan, que havia se mantido imperturbável durante toda a cena. Diante de um gesto do feiticeiro, os negros pegaram o prisioneiro e puseram-no atrás de Tsotha, que ia à frente do grupo, e que saiu do salão, entrando num sinuoso corredor, com mosaicos no chão e paredes adornadas com tecidos dourados e prateados, de cujo teto abobadado pendiam turíbulos que enchiam o corredor de nuvens perfumadas. Logo entraram num corredor mais estreito, com paredes de jade e azeviche, de aspecto sinistro e sombrio, que terminava numa porta de cobre adornada por uma caveira humana. Na porta, havia um homem gordo e repelente com um molho de chaves pendurado no cinto; tratava-se do principal eunuco de Tsotha, chamado Shukeli, sobre quem contavam-se histórias terríveis. Aquele homem havia substituído as paixões humanas normais por uma paixão bestial pela tortura.

A porta de cobre levava a uma escada estreita, que parecia afundar no próprio interior da montanha sobre a qual a cidadela fora construída. O grupo desceu pelas escadas e parou em frente a uma imponente porta de ferro. Evidentemente, esta não levava ao ar livre, embora fosse construída para suportar o peso de um aríete. Shukeli a abriu e, quando o fez, Conan notou a inquietação dos gigantes negros que guardavam-na; Shukeli

também parecia um tanto nervoso ao observar a escuridão que havia do outro lado. Além da enorme porta, havia outra barreira, feita de grandes barras de aço. Esta estava fechada por uma engenhosa tranca, que só podia ser acionada do lado de fora. Ao colocá-la em funcionamento, a grade introduzia-se na parede. Os homens entraram num extenso corredor, cujo chão, paredes e teto abobadado pareciam esculpidos na rocha sólida. Conan se deu conta de que estava muito abaixo do nível do solo. A escuridão comprimia-se contra as tochas dos guardas, como se fosse uma coisa viva e sensível.

Prenderam o rei numa argola que havia no muro de pedra. Logo puseram uma tocha, num nicho acima da cabeça, de modo que se viu rodeado por um tênue semicírculo de luz. Os negros queriam partir; sussurravam entre eles e olhavam aterrorizados a escuridão. Tsotha disse-lhes para saírem e eles se apressaram em cumprir a ordem, como se temessem que a escuridão pudesse assumir uma forma palpável e atacá-los pelas costas. Tsotha virou-se para Conan, e o rei percebeu, com certo desassossego, que os olhos do feiticeiro brilhavam na penumbra, e que seus dentes pareciam as presas de um lobo, que resplandeciam com branco fulgor em meio às sombras.

— Adeus, bárbaro. — disse o feiticeiro em tom de zombaria — Preciso ir a Shamar, para presenciar o cerco. Dentro de dez dias, estarei no seu palácio, em Tarântia, com meus guerreiros. Quer que eu diga algo às suas mulheres antes de eu arrancar suas delicadas peles, com as quais farei pergaminhos onde registrarei os triunfos de Tsotha-Lanti? Conan respondeu com um insulto cimério que faria estourar os ouvidos de um homem comum, mas Tsotha esboçou um sorriso e saiu. Conan viu sua figura de abutre através das grossas barras, enquanto ele punha a grade em seu lugar, e logo ouviu o ruído da porta exterior ao fechar-se. Depois reinou o silêncio.

### III

*O Leão vagava pelas salas do inferno; por seu caminho cruzavam as lúgubres sombras de muitas formas ignotas... de Monstros com as goelas abertas. A escuridão tremeu com gritos e uivos quando o Leão vagou pelas salas do inferno.*

*(Balada antiga)*

O rei Conan verificou a argola e a corrente que o prendiam. Tinha os membros livres, mas sabia que não podia romper os grilhões. Os elos da corrente eram da grossura de um dedo, e estavam unidos a uma faixa de aço que haviam colocado ao redor de sua cintura. O peso dos grilhões teria matado um homem mais fraco que ele. Os elos que sustentavam a faixa e a corrente eram tão grossos que nem sequer um martelo pesado conseguiria amassá-los. A argola atravessava a parede e estava presa do outro lado. Conan praguejou, e sentiu medo ao contemplar a escuridão que havia ao redor do semicírculo de luz. Os temores supersticiosos, típicos dos bárbaros, que abrigava na alma, não haviam sido erradicados pela lógica da civilização. Sua primitiva imaginação enchia a escuridão subterrânea de figuras sinistras. Além disso, a razão lhe dizia que não haviam levado-o ali simplesmente para mantê-lo preso. Seus captores não tinham razão alguma para perdoar-lhe a vida. Haviam levado-o àquele buraco para que morresse lá. Amaldiçoou a si mesmo por ter recusado sua oferta, mesmo que sua obstinada hombridade sentisse repugnância diante da idéia, e ele sabia que se o colocassem novamente na mesma situação e tivessem dado outra oportunidade, sua resposta seria a mesma. Não venderia seus súditos a um carniceiro. E, no entanto, só havia pensado em si mesmo ao conquistar o reino. É assim que funciona, às vezes, o instinto de responsabilidade de um soberano, mesmo que se trate de um saqueador com as mãos manchadas de sangue. Conan lembrou da última e abominável ameaça de Tsotha e grunhiu, furioso, pois sabia que não se tratava apenas de uma fanfarrice. Para o feiticeiro, os seres humanos tinham o mesmo valor que um inseto para um naturalista. Pensou nas suaves mãos brancas que haviam

acariciado-o, nos lábios vermelhos que haviam beijado os seus, nos alvos e delicados seios que tremeram entre seus braços, e cuja pele, branca como o marfim e rosada como uma pétala fresca, seria arrancada... Dos lábios de Conan, brotou um lamento furioso, tão aterrador e inumano que, se alguém o tivesse escutado, assombraria-se com horror, por vir de uma garganta humana.

Seus próprios ecos causaram-lhe um estremecimento e fizeram-no pensar, mais uma vez, em sua situação. O rei observou atemorizado a escuridão que o cercava e pensou nas histórias que ouvira sobre a cruel necromancia de Tsotha. Sentiu um rio gelado percorrer-lhe a espinha dorsal, e deu-se conta de que aquela devia ser a Sala dos Horrores da qual falava a lenda. Aqueles eram os calabouços e túneis nos quais Tsotha levava a cabo seus horríveis experimentos com seres humanos, experimentos bestiais e diabólicos nos quais arriscava, como um blasfemo, os elementos básicos da própria vida, diante de todos. Os rumores diziam que o poeta louco, Rinaldo, havia visitado aqueles fossos e que o feiticeiro havia mostrado os horrores que realizava, e que as monstruosidades que se mencionavam no terrível poema A Canção do Fosso não eram simples fantasias de uma mente enferma. A cabeça do poeta fora despedaçada, na noite em que o rei lutava para salvar sua vida dos assassinos que o menestrel louco havia conduzido ao palácio, mas as palavras da sinistra balada ainda ressoavam nos ouvidos do rei, enquanto ele se encontrava ali, acorrentado. Só a idéia dos horrores aos quais aludia a balada, gelava-lhe o sangue. Pareceu ouvir um ruído, e todo o corpo ficou tenso, em atitude alerta. Uma mão gelada tocou-lhe a espinha dorsal. Tratava-se do inconfundível som de escamas deslizando suavemente sobre a pedra. Um suor frio encharcou-lhe o rosto quando vislumbrou, além do semicírculo de luz, uma forma vaga, enorme e espantosa, a qual não via nitidamente. Se aproximava dele balançando, e uns olhos amarelos cravaram-se nos seus. Lentamente, a coisa enorme e asquerosa com cabeça em forma de cunha tomou forma diante de seus olhos arregalados; da escuridão surgiram uns anéis cobertos de escamas, e logo percebeu o réptil mais asqueroso que vira em sua vida.

Era uma serpente enorme, com 18 metros de comprimento, cuja cabeça era maior que a de um cavalo. Suas escamas brilhavam com fulgor gelado na penumbra. Certamente, tratava-se de um réptil nascido na escuridão, mas seus olhos eram malignos e enxergavam claramente. Agitou seus gigantescos anéis diante do prisioneiro, e a enorme cabeça agitou-se a

alguns centímetros de seu rosto. Sua língua bifurcada quase tocou-lhe os lábios, e o odor fétido lhe provocava náuseas. Os enormes olhos amarelos lançavam faíscas ardentes, e Conan os mirou com a expressão de um lobo encurralado. Lutou desesperadamente contra o louco impulso de agarrar-lhe o pescoço com as mãos e destroçá-lo. Sendo muito mais forte que um homem civilizado, havia quebrado o pescoço de uma serpente píton numa luta demoníaca na costa stígia, em sua época de corsário. Mas este réptil era venenoso, e tinha enormes presas de 25 centímetros de comprimento. Destas, pingava um líquido incolor, o qual ele soube instintivamente que significava a morte. Poderia quebrar-lhe o crânio com os punhos, mas sabia que, se fizesse o menor movimento, o monstro o atacaria com a rapidez de um raio.

Não foi por um processo de raciocínio lógico que Conan ficou imóvel, porque a razão poderia ter lhe dito — já que estava condenado de qualquer modo — que incitasse a serpente a atacá-lo para acabar de uma vez. Foi o cego e sombrio instinto de preservação que fê-lo permanecer rígido como uma estátua de ferro. O enorme réptil se erguia, e a cabeça encontrava-se muito acima da sua, enquanto o monstro observava a tocha. Uma gota de veneno lhe caiu sobre a perna nua, e sentiu como se uma adaga incandescente tivesse cravado-se na sua carne. Relâmpagos vermelhos de dor sacudiram o cérebro de Conan, mas este continuou imóvel; não moveu um só músculo, nem piscou, apesar da dor que lhe causava o ferimento, que deixou-lhe uma cicatriz para o resto de seus dias. A serpente se aproximou dele, como se tentasse certificar-se de que a figura que havia ali, imóvel como um morto, estava viva. Então, súbita e inesperadamente, a porta exterior soou com um ruído metálico. A serpente, como todas as de sua espécie, afastou-se com incrível rapidez, apesar de seu tamanho, e desapareceu pelo corredor.

A porta se abriu e a grade estava corrida; viu-se uma enorme silhueta escura, destacada contra o brilho das tochas. A figura entrou e, quando aproximou-se, Conan viu que se tratava de um negro gigantesco, nu, que trazia uma enorme espada numa mão e um molho de chaves na outra. O negro falava no dialeto da costa, e Conan respondeu na mesma língua; havia aprendido-a em sua época de corsário nas costas de Kush.

— Há muito que eu queria encontrá-lo, Amra. — disse-lhe o negro, chamando-o pelo nome com o qual conheciam-no os kushitas de sua época de pirata... Amra, o Leão.

O escravo esboçou um sorriso quase animal, mostrando seus dentes brancos. Os olhos brilharam-lhe com fulgor avermelhado à luz das tochas.

— Me arrisquei muito pra vir vê-lo! Veja! As chaves dos seus grilhões! Roubei-as de Shukeli. O que me dará por elas? — perguntou, agitando as chaves diante dos olhos de Conan.

— Dez mil moedas de ouro. — respondeu rapidamente o rei, com uma esperança no coração.

— Não é o bastante! — respondeu o negro, gritando, com feroz alegria em seu rosto de ébano

— Não é o bastante, tendo em conta o risco que corro. Tsotha é capaz de enviar seus monstros para que me devorem, e se Shukeli se der conta de que roubei-lhe as chaves, me pendurará do... bom, o que me dá?

— Quinze mil moedas e um palácio em Poitain. — ofereceu o rei. O negro lançou um grito e pôs-se a dar saltos de alegria.

— Mais! — pediu a gritos — Ofereça mais! O que me dará?

— Cão negro! — disse Conan, com um véu de fúria nos olhos — Se eu estivesse livre, te quebraria o pescoço! Por acaso Shukeli enviou-lhe para cá, pra que você zombasse de mim?

— Shukeli não sabe nada disto, homem branco. — respondeu o negro, estirando seu grosso pescoço para olhar fixamente nos olhos de Conan — Lhe conheço há muito tempo, quando eu era chefe de um povo livre, antes que os stígios me vendessem a esses povos do norte. Não se lembra do saque de Abombi, quando seus lobos do mar nos atacaram? Você matou um chefe diante do palácio do rei Ajaga, e o outro chefe fugiu. Meu irmão foi o que morreu, e eu fugi. Exijo que pague com sangue, Amra!

— Se me libertar, lhe darei seu peso em ouro. — disse Conan, com um grunhido.

Os olhos cintilaram, e os dentes brancos brilharam como os de um lobo, à luz das tochas.

— Sim, cão branco, você é como todos os de sua raça, mas, para um negro, o ouro jamais pode substituir o sangue. O preço que exijo é... sua cabeça!

O eco destas últimas palavras, pronunciadas a gritos, ressoou no calabouço. Conan ficou tenso, apertando inconscientemente os grilhões, com uma sensação de repugnância diante da idéia de morrer como uma ovelha. Naquele exato momento, viu uma vaga sombra espantosa, movendo-se na escuridão.

— Tsotha jamais saberá! — disse o negro, rindo como um demônio, demasiadamente cego de triunfo para se dar conta do que estava ocorrendo a seu redor, demasiadamente cego de ódio para notar que a Morte balançava às suas costas — Ele não entrará neste fosso até que os demônios tenham destroçado seus ossos. Terei sua cabeça, Amra!

O negro separou as pernas, que pareciam colunas de ébano, e empunhou sua enorme espada com as duas mãos. Naquele momento, a gigantesca sombra que havia às suas costas deu um salto, e a cabeça em forma de cunha golpeou com uma força tão grande que o impacto ressoou em todos os túneis. Da boca do negro não surgiu um único som, apesar dos lábios se afrouxarem de dor. Conan viu que a vida escapava pelos grandes olhos negros, com a mesma rapidez que se apaga uma vela. O enorme corpo do negro caiu ao chão, e a coisa o envolveu com seus anéis brilhantes. Pouco depois, Conan ouviu o ruído de ossos quebrados. Então, algo fez seu coração bater aceleradamente. A espada e as chaves caíram das mãos do negro e foram parar quase aos pés do cimério. Conan tentou se abaixar para recolhê-las, mas a corrente era curta demais. Quase afogado pelas batidas de seu coração, estirou um pé e agarrou as chaves com os dedos; depois levantou o pé e pegou-as com a mão, abafando com dificuldade um grito de alegria feroz que aparecia instintivamente em seus lábios.

Depois de manusear rapidamente as fechaduras, ficou livre. Recolheu a espada do chão e olhou a seu redor, onde não havia mais do que escuridão. Conan dirigiu-se para a porta aberta. Deu alguns passos e chegou à soleira. Uma risada aguda ressoava no fosso, e a grade voltou a seu lugar de uma vez. Através desta, viu um rosto demoníaco... Shukeli, o eunuco, havia seguido o rastro das chaves que lhe foram roubadas. Certamente, não viu a espada que o prisioneiro tinha na mão. Conan soltou uma blasfêmia e atacou com a rapidez de uma cobra; a enorme espada passou entre as barras, e risada de Shukeli transformou-se num grito de agonia. O obeso eunuco inclinou-se para diante, como que fazendo uma reverência a seu assassino, e caiu ao chão com as mãos gorduchas apertando as vísceras que saíam-lhe do abdômen.

Conan grunhiu com selvagem satisfação, mas continuava prisioneiro. As chaves não serviriam para abrir a fechadura, que só podia ser acionada do lado de fora. Tocou as barras e viu que eram duras como a espada; se tentasse cortá-las, só conseguiria destruir sua única arma. Mas notou umas marcas dentadas nas grades de ferro, como de uns dentes extraordinários, e

perguntou-se, com um estremecimento, que monstros terríveis haviam tentado forçar aquelas barras. Só podia fazer uma coisa: buscar outra saída. Pegou uma tocha e avançou pelo corredor, de espada em punho. Não viu nenhum rastro da serpente, nem de sua vítima, a não ser uma enorme mancha de sangue no chão de pedra. O cimério avançou sem fazer o menor ruído na escuridão, moderada apenas pela luz oscilante de sua tocha. Caminhou com cuidado, observando cuidadosamente o chão, para evitar cair em algum poço. De repente, ouviu o pranto dilacerante de uma mulher. Acreditou que se tratasse de outra das vítimas de Tsotha. Amaldiçoou o feiticeiro mais uma vez e voltou para um túnel menor e mais úmido, seguindo o som que chegava a seus ouvidos. Este se fez cada vez mais nítido à medida que avançava. Levantou a tocha e viu uma silhueta nas sombras. Chegou mais perto e parou de repente, horrorizado ao ver a massa. Parecia um polvo, mas seus tentáculos disformes eram curtos demais, e seu corpo como uma gelatina repugnante. Por cima da massa gelatinosa, despontava uma cabeça semelhante à de um sapo, e ficou petrificado de asco e de horror quando se deu conta de que o pranto vinha daqueles lábios repugnantes. O ruído transformou-se numa risada abominável, quando os enormes olhos do monstro posaram nele, e aproximou-se movendo o corpo trêmulo.

Conan recuou e fugiu pelo túnel, não confiando em sua espada. A coisa poderia ser feita de material terreno, mas se estremecia ao vê-la, e duvidava que sua espada pudesse danificá-la. Durante um breve espaço de tempo, ouviu a coisa agitar-se às suas costas e dar uma risada terrível. O aspecto inconfundivelmente humano de seu riso deixava-o louco. Era a mesma risada que ouvia dos grossos lábios das mulheres lascivas de Shadizar, a Maldita, quando as moças cativas eram despidas no leilão público. Por meio de que artes infernais Tsotha deu vida àquele ser antinatural? Conan tinha a estranha sensação de estar vendo uma blasfêmia contra as leis eternas da Natureza.

Correu em direção ao corredor principal, mas, antes de chegar a ele, cruzou um cômodo quadrado, na encruzilhada de dois túneis. Quando chegou à sala, viu que havia um pequeno vulto no chão; então, antes que pudesse fugir, seu pé tocou em algo macio, e caiu de bruços ao solo. A tocha escapuliu de sua mão, e apagou-se ao tocar o chão de pedra. Conan levantou-se, meio atordoado, e tateou na escuridão. Seu senso de orientação estava confuso, e sentia-se incapaz de determinar em qual direção estava o

corredor principal. Não procurou a tocha, já que não havia meio de voltar a acendê-la. Suas mãos encontraram a boca de vários túneis, e escolheu um ao acaso. Nunca soube por quanto tempo caminhou pelo túnel, mas, subitamente, seus sentidos bárbaros avisaram-lhe do perigo, e parou repentinamente.

Invadiu-lhe uma sensação semelhante à que havia experimentado uma vez, diante de um profundo precipício na mais absoluta escuridão. Aproximou-se engatinhando da borda do abismo e roçou, com a mão estendida, o contorno do poço, em cujo interior o chão do túnel parecia submergir abruptamente. As paredes eram viscosas e úmidas ao tato, e pareciam descer às profundezas. Alongando um braço nas trevas, mal conseguiu tocar, com a ponta da espada, a beirada oposta. Poderia cruzá-lo em um pulo, mas não tinha sentido fazê-lo. Havia errado de túnel, e a galeria principal estava às suas costas.

Enquanto estes raciocínios ocupavam sua mente, uma ligeira corrente de ar, um vento indefinido vindo do interior do poço, agitou-lhe a cabeleira. Tentou convencer-se de que aquele poço, de algum modo, entrava em contato com o mundo exterior, mas seu instinto lhe dizia que algo antinatural estava ocorrendo. Não estava simplesmente na parte interna de uma montanha; estava ainda mais abaixo, bem abaixo das ruas da cidade. Como era possível, portanto, que um vento de fora submergisse nas entranhas da terra e soprasse depois para cima? Uma tênue vibração acompanhava a misteriosa corrente, como o bater de tambores longínquos. O rei da Aquilônia sentiu um calafrio.

Lançou-se para trás, erguendo-se, e, ao fazê-lo, algo emergiu de dentro das águas do poço. Mas Conan ignorava o que fosse. Não conseguiu ver nada na escuridão, mas uma estranha presença se fazia sentir com força indubitável... uma inteligência invisível e intangível que pairava de forma maligna no ambiente. Deu meia-volta e retornou pelo mesmo caminho que havia percorrido ao vir. À distância, se via um tênue brilho vermelho, e dirigiu-se a ele. Quando ainda o acreditava distante, bateu a cabeça numa parede sólida, e ali, a seus pés, encontrou a origem do brilho: sua própria tocha, com a chama apagada e um rescaldo avermelhado na ponta. Levantando-a cuidadosamente do chão, soprou, e a chama brotou de novo. Um suspiro de alívio escapou-lhe dos lábios. Estava novamente na sala onde os dois túneis se cruzavam, e voltava a orientar-se. Depois de localizar o túnel pelo qual dirigira-se à passagem principal, encaminhou-se para lá e,

ao fazê-lo, a chama oscilou violentamente, como se uns lábios invisíveis tivessem soprado sobre ela. Sentiu novamente uma presença e levantou a tocha para iluminar toda a moradia. Não viu nada e, no entanto, percebeu que algo invisível e incorpóreo flutuava no ar, deslizando como uma lesma e murmurando crueldades que, embora inaudíveis, ele percebia de forma instintiva. Agitou furiosamente a espada e sentiu como se houvesse rasgado teias de aranha. Um gélido horror invadiu seus sentidos e ele fugiu do túnel, enquanto sentia um hálito fétido e quente em suas costas nuas. Ao adentrar a passagem principal, já não percebeu presença alguma, fosse visível ou invisível. Esperava ver-se atacado, a qualquer momento, por seres diabólicos que emergissem da escuridão, com poderosas garras e dentes afiados. Nos túneis não reinava o silêncio. Das entranhas da terra, partiam em todas as direções sons que pareciam vir de um mundo de loucos. Ouviam-se risinhos maliciosos, gritos de demoníaco regozijo, uivos de dar calafrios e, numa ocasião, a inconfundível gargalhada de uma hiena que degenerava numa série de palavrões e blasfêmias. Ouviu passos furtivos e, nas entradas dos túneis, percebeu fugazmente o ir e vir de silhuetas indefinidas, monstruosas e disformes. Era como se tivesse descido ao inferno... a um inferno resultado da mente de Tsotha-Lanti. Mas aqueles seres indefinidos não entraram na passagem principal, embora Conan percebesse, com toda clareza, o ávido som de sucção de lábios salivantes e o fulgor de olhos famintos. E, em seguida, soube a quem pertenciam. O som de algo que deslizava às suas costas deixou-o petrificado, e ele adentrou de um salto as trevas de um túnel lateral, apagando, ao mesmo tempo, a tocha. Mais além, na galeria, ouviu à grande serpente, que arrastava-se pesadamente devido a seu recente e horripilante festim. Bem próximo a ele, escutou o choramingar de algo que fugia atemorizado entre as sombras. Era evidente que a galeria principal constituía o domínio de caça da enorme serpente, e que os demais monstros respeitavam seu terreno. Para Conan, a serpente era um horror menor, comparado com o resto dos horrores que espreitavam-no; quase sentiu um sinal de simpatia, ao lembrar da coisa gotejante e viscosa que havia emergido do poço. Ao menos era algo terreno; era a morte rastejante, mas só ameaçava com o extermínio físico, e não psíquico e espiritual, como os outros horrores.

Uma vez que o monstro atravessava a galeria, o cimério prosseguiu seu caminho, o qual considerava seguramente distante, soprando a tocha para que a chama se reavivasse. Mal havia percorrido um trecho, escutou um

gemido quase inaudível, que parecia vir da boca negra de um túnel próximo. Embora os instintos lhe indicassem precaução, sua curiosidade fê-lo dirigir-se ao túnel, mantendo no alto a tocha, que já não era mais que um pequeno toco. Estava preparado para enfrentar qualquer coisa, mas a cena que apareceu diante de seus olhos deixou-o boquiaberto.

Diante dele, estendia-se uma ampla moradia, da qual um dos extremos fora transformado em jaula, através de uma série de barras que, a pouca distância umas das outras e presas entre o chão e o teto, encontravam-se seguramente fixas no chão de pedra. Em seu interior jazia uma figura, e Conan pôde ver, à medida que se aproximava, que tratava-se de um homem — ou da réplica exata de um homem —, atado com os aros de uma densa parreira que parecia brotar da sólida pedra do chão. Seus galhos estavam recobertos de folhas estranhamente pontiagudas, e de uma profusão de botões intensamente vermelhos... não o vermelho resplandecente de pétalas naturais, mas uma cor rubra lívida e antinatural, uma espécie de perversão do mundo vegetal. Seus galhos retorcidos enroscavam-se em torno do corpo nu e dos membros do homem, como que abraçando e cobrindo de beijos ansiosos a sua carne intumescida. Um grande botão de flor cobria-lhe a boca. De seus lábios entreabertos surgiu um gemido natural e animal; a cabeça agitava-se como que presa de uma dor insuportável, e os olhos miravam Conan fixamente. Mas não havia sinais de inteligência neles; seu olhar era vítreo e vazio como o de um idiota. Repentinamente, o botão rubro se abriu e suas pétalas estatelaram-se contra os lábios doloridos do homem. Os membros do infeliz se retorceram de angústia; os aros da planta tremiam como que em êxtase, vibrando em toda sua extensão. Ondas de matizes mutáveis faziam sua cor tornar-se mais escura, mais maligna.

Conan não entendia o espetáculo que apresentava-se diante de seus olhos, mas sabia que contemplava algum tipo de horror. Homem ou demônio, o sofrimento do cativo comoveu seu coração impetuoso. Procurou o meio de entrar e encontrou uma pequena porta entre as grades, fechada com um pesado cadeado. Abriu-a com uma das chaves que trazia e entrou na jaula. Naquele momento, as pétalas dos botões pálidos estenderam-se como a cabeça de uma cobra, os aros se contraíram ameaçadoramente e a planta inteira se agitou e subiu até ele. Não se tratava do cego crescimento da vegetação natural. Conan percebeu uma inteligência perversa e misteriosa; a planta podia vê-lo e seu ódio se sentia, como que emanado em ondas quase palpáveis. Aproximando-se com cautela, mirou as raízes da

planta: um talo repulsivamente flexível e mais grosso que sua própria coxa. Enquanto as longas pétalas se dobravam em sua direção com um murmúrio, Conan brandiu a espada e, de um só talho, cortou o tronco. Logo, o infeliz se viu violentamente lançado para um lado, enquanto a grande parreira se agitava e emaranhava-se como uma serpente cuja cabeça fora cortada, girando até transformar-se numa bola disforme. As pétalas se debatiam e retorciam violentamente, as folhas vibravam como castanholas, e as pétalas abriam e fechavam continuamente; finalmente, os galhos se estenderam, flácidos, e as cores vívidas empalideceram e ficaram opacas, enquanto um líquido branco e malcheiroso gotejava do talo decepado.

Conan contemplava, fascinado, o espetáculo, quando repentinamente um ruído às suas costas o fez dar meia-volta com a espada erguida. O homem recém-libertado estava de pé, observando-o. Conan o olhou, estupefato. Seus olhos já não pareciam meras conchas vazias e sem expressão num rosto esgotado. Escuros e meditabundos, resplandeciam de vida e inteligência, e a expressão de imbecilidade havia desaparecido de seu rosto, como se fosse uma máscara. Tinha a cabeça estreita e bem formada, e a fronte alta e majestosa. O porte do homem era aristocrático, o que fazia-se evidente, tanto em sua figura alta, magra e esbelta, quanto em suas mãos e pés de reduzido tamanho. As primeiras palavras que disse foram estranhas e surpreendentes.

— Em que ano estamos? — perguntou, falando em Kothiano.

— Hoje é o décimo dia do mês Yuluk, do ano da Gazela. — respondeu Conan.

— Yagkoolan Ishtar! — murmurou o estrangeiro — Dez anos! — Passou a mão pela testa e sacudiu a cabeça, como que para livrar seu cérebro de teias de aranhas — Ainda vejo tudo confuso. Depois de um vazio de dez anos, não se pode esperar que a mente comece a funcionar imediatamente com clareza. Quem é você?

— Conan, no passado, da Ciméria, e hoje rei da Aquilônia. Os olhos do outro indicaram surpresa.

— Fala sério? E Numedides?

— Estrangulei-o em seu próprio trono, na noite em que tomei a cidade real. — respondeu Conan.

Uma certa ingenuidade na resposta fez com que os lábios do estranho se contraíssem.

— Perdão, Majestade. Eu deveria tê-lo agradecido o serviço que me prestou. Sou como um homem que desperta repentinamente de um sono mais profundo que a morte, e cheio de pesadelos mais terríveis que o próprio Inferno; mas sei que me libertou. Diga-me, por que cortou o talo da planta Yothga, em vez de arrancá-la pela raiz?

— Porque aprendi, há muito tempo, a evitar o contato de minha carne com aquilo que meus sentidos não compreendem. — respondeu o cimério.

— Fizeste bem. — acrescentou o estrangeiro — Se conseguisse arrancá-la, encontraria, agarradas às suas raízes, coisas que nem mesmo sua espada conseguiria vencer. As raízes de Yothga brotam do próprio Inferno.

— Mas, quem é você?

— O povo me chamava Pelias.

— Como! — gritou o rei — Pelias, o bruxo; o rival de Tsotha-Lanti, que desapareceu da terra há dez anos?

— Não exatamente da terra. — respondeu Pelias, com sorriso irônico — Tsotha preferiu me manter vivo, com grilhões mais firmes que o ferro oxidado. Me trancou aqui, junto com esta planta diabólica, cujas sementes viajaram pelo cosmo negro de Yag, O Maldito, para não encontrar terreno mais fértil que a corrupção, infestada de vermes, dos solos do Inferno. "Eu não conseguia lembrar de minha magia, nem das palavras e símbolos de meu poder, pois esta coisa maldita me abraçava e sorvia meu espírito com suas carícias repugnantes. Sugava o conteúdo de minha mente dia e noite, deixando meu cérebro tão vazio quanto uma jarra de vinho quebrada. Dez anos! Que Ishtar nos proteja!".

Conan não soube o que responder e continuou segurando o pequeno toco da tocha, com a espada baixa. Era evidente que o homem estava louco e, no entanto, não havia rastros de loucura nos estranhos olhos escuros que repousavam tão seguramente sobre ele.

— Diga-me, o bruxo negro está em Khorshemish? Mas não, não precisa responder. Meus poderes começam a despertar de sua letargia, e percebo em sua mente uma grande batalha e um rei aprisionado à traição. E vejo Tsotha-Lanti, cavalgando sem descanso para o Tibor com Strabonus e o rei de Ophir. Melhor. Minhas artes estão recém-despertadas, ainda frágeis demais para enfrentar tão rápido a Tsotha. Preciso de tempo para recuperar as forças e voltar a utilizar meus poderes. Vamos sair deste inferno.

Conan fez soar seu molho de chaves com desalento.

— A grade da porta exterior está fechada com uma tranca que só pode ser acionada do lado de fora. Sabe se há outra saída nestes túneis?

— Só uma, que nenhum de nós ousaria usar, ao ver que conduz pra baixo, e não pra cima. — disse Pelias, rindo — Mas não importa. Vamos ver essa grade.

Dirigiu-se à galeria, com os passos inseguros de que não utilizara as pernas durante muito tempo, mas, pouco a pouco, seus membros foram recuperando a firmeza. Caminhando atrás dele, Conan disse, inquieto:

— Há uma maldita e gigantesca serpente, arrastando-se por este túnel. Andemos com cuidado, a não ser que nos metamos sua própria boca.

— Lembro muito bem dela — respondeu Pelias, com tristeza -, sobretudo tendo em conta que fui obrigado a contemplar como ela engolia dez de meus acólitos, que lhe foram servidos como banquete. É Satha, a Velha, o animal favorito de Tsotha.

— Tsotha escavou estes abismos sem outra finalidade senão abrigar seus malditos monstros? — perguntou Conan.

— Ele não os escavou. Quando a cidade foi fundada, há três mil anos, já existiam, nesta montanha e em seu redor, as ruínas de uma cidade antiga. O rei Khossus V, seu fundador, edificou um palácio na montanha e, ao construir as adegas e os porões, chegou até uma porta murada. Depois de derrubá-la, descobriu estas passagens, tal e qual nós vemos agora. Mas seu grão-vizir encontrou um fim tão terrível neles, que Khossus, tomado pelo terror, mandou fechar a entrada de novo. Disse que o vizir caiu num poço, mas mandou preencher as adegas, e mais tarde ele mesmo abandonou o palácio. Construiu outro nos arredores da cidade, que também abandonou aterrorizado ao descobrir, numa manhã, um mofo negro espalhado pelo chão de mármore de seus aposentos.

"Depois partiu com toda a corte à parte oriental do reino e mandou erguer uma nova cidade. O palácio da montanha deixou de ser utilizado e logo transformou-se em ruínas. Quando Akkuto I restabeleceu as glórias perdidas de Khorshemish, ele construiu uma fortaleza aqui. A Tsotha-Lanti foi encomendada a tarefa de construir a cidadela escarlata e abrir, outra vez, o caminho para essas passagens. Qualquer que tenha sido o destino do grão-vizir de Khossus, Tsotha o evitou. Não caiu em nenhum poço, embora tenha descido a um, do qual saiu com uma estranha expressão nos olhos, a qual nunca o abandonou. "Eu já vi esse poço, mas nunca tentei buscar a sabedoria que abriga. Sou bruxo, e muito mais velho do que os homens

imaginam, mas também sou humano. No que diz respeito a Tsotha, dizem que uma dançarina de Shadizar dormiu perto demais das ruínas pré-humanas da montanha de Dagoth e despertou entre os braços de um demônio negro; daquela união ímpia, nasceu um maldito híbrido a quem os homens chamam Tsotha-Lanti". De repente, Conan gritou e lançou-se para trás, puxando seu companheiro. Diante deles, erguia-se a silhueta branca e resplandecente de Satha, e seus olhos brilhavam com um ódio perpétuo. Conan contraiu todo o corpo para tentar um ataque desesperado... arremessar o lenho ardente contra aquele rosto diabólico e acertar-lhe um golpe certo com a espada. Mas a serpente não o fitava. Por cima de seu ombro, parecia contemplar o homem chamado Pelias, que permanecia com os braços cruzados, sorrindo. E, nos enormes olhos frios e amarelos da besta, o ódio foi dando lugar a um intenso pavor... foi a única vez em sua vida que Conan viu aquela expressão nos olhos de um réptil. Deixando atrás de si um redemoinho como o que é produzido por um forte vendaval, a grande serpente desapareceu.

— O que ela viu para se assustar tanto? — perguntou Conan, olhando inquietamente o seu companheiro.

— Os seres com escamas vêem coisas que escapam aos olhos dos mortais. — respondeu Pelias enigmaticamente — Você vê meu disfarce carnal, mas ela viu minha alma nua. Um calafrio percorreu as costas de Conan, e ele se perguntou se, depois de tudo, Pelias seria um homem ou, simplesmente, outro demônio dos abismos, com máscara humana. Cogitou a conveniência de trespassar com a espada o corpo de seu companheiro sem maiores hesitações. Mas, enquanto o pensava, chegaram à grade de ferro, que destacava— se contra o brilho das tochas que havia do outro lado. O corpo de Shukeli ainda permanecia despencado contra as barras e coberto de sangue escarlate.

Pelias riu e Conan escutou sua gargalhada com desagrado.

— Pelos quadris ebúrneos de Ishtar! Quem é nosso porteiro? Ninguém mais, ninguém menos que o próprio Shukeli, o nobre Shukeli, que pendurou meus homens pelos pés e arrancou— lhes a pele a tiras, enquanto soltava grandes gargalhadas! Está dormindo, Shukeli? Por que está tão rijo? E por que sua barriga gordurosa está aberta de cima a baixo, como a de um porco temperado?

— Está morto. — sussurrou Conan, inquieto ao escutar tão cruéis palavras.

— Vivo ou morto — riu Pelias -, nos abrirá a porta. — E, dando uma vigorosa palmada com as mãos, gritou: — Levante-se, Shukeli! Saia do inferno e levante-se do chão sanguinolento! Abra a porta a seus amos! Levante-se, eu lhe digo!

Um espantoso gemido ressoou nos túneis. Conan sentiu seu corpo coberto de suor frio e os cabelos arrepiados de pânico. O corpo de Shukeli começou a mover-se lentamente, estendendo suas mãos grossas num gesto infantil. A risada impiedosa de Pelias cortava o ar, como um machado de sílex, enquanto o corpo do eunuco tentava endireitar-se, agarrando as barras da grade. Conan observou como seu sangue virava gelo e a medula dos ossos, água; os olhos arregalados de Shukeli estavam vítreos e vazios, e da grande abertura em sua pança, as entranhas lhe pendiam flácidas até o chão. Os pés do eunuco emaranhavam-se nas suas próprias tripas, enquanto mexia no cadeado, movendo-se como um autômato. Quando o cadáver começou a se mover, Conan havia pensado que, devido a algum azar imprevisto, o homem estivesse vivo. Mas não era assim. Estava morto... e o havia estado durante muitas horas.

Pelias atravessou tranqüilamente a porta aberta, e o cimério lançou-se antecipadamente atrás dele, suando muito e fugindo daquela figura horrível que apoiava-se, cambaleante, contra a grade que mantinha aberta. O bruxo passou sem olhar para trás e Conan o seguiu, tomado de horror e náuseas. Não tinha dado uma dúzia de passos, quando uma pancada surda o fez dar meia-volta. O cadáver de Shukeli jazia imóvel aos pés da grade.

— Já cumpriu seu dever e o Inferno o leva de novo. — ressaltou Pelias, satisfeito, fingindo não notar o tremor que sacudia o poderoso corpo de Conan.

Conduziu-o escada abaixo, através da porta de bronze adornada com a caveira que coroava a escadaria. Conan segurava firmemente a espada, esperando a aparição de um tropel de escravos, mas o silêncio reinava na cidadela. Atravessaram o negro corredor e chegaram à galeria que os turíbulos perfumavam com seu perene incenso. Seguiam sem ver ninguém.

— Os escravos e os soldados estão alojados na outra parte da cidadela. — disse Pelias — Esta noite, com seu senhor ausente, estarão se embriagando com vinho ou com suco de lótus. Conan olhou por uma janela em forma de arco, com parapeito dourado, que se abria sobre um enorme terraço, e gritou uma maldição, surpreso, ao ver o azul-escuro do céu salpicado de estrelas. O sol acabava de nascer quando fora lançado às

entranhas da terra, e, naquele momento, passava da meia-noite. Não percebera quanto tempo havia permanecido sob a terra. De repente, sentiu sede e uma fome feroz. Pelias o conduziu a uma moradia, de cúpula dourada e chão de prata, cujas paredes de lápis-lazúli estavam cheias de portas. Com um suspiro de satisfação, o bruxo despencou sobre um divã de seda.

— Sedas e ouro novamente. — disse, com um suspiro — Tsotha pretende estar além dos prazeres da carne, mas é meio demônio. Eu sou humano, apesar de minhas artes negras. Gosto da comodidade e do bom vinho... e dele Tsotha se valeu para me capturar. Me surpreendeu, indefeso por causa da bebida. Pelo peito de marfim de Ishtar! Enquanto falo dele, o traidor está aqui! Amigo, sirva-me um trago... espere! Esqueci que você é um rei. Eu lhe servirei.

— Ao inferno! — grunhiu Conan, enchendo uma taça de cristal e estendendo-a para Pelias; depois, erguendo a jarra no alto, lançou um bom gole à boca, emendando o suspiro de satisfação do outro.

— O cão sabe o que é um bom vinho. — disse Conan, limpado a boca com as costas da mão — Mas, por Crom, Pelias! Vamos ficar aqui, sentados, até que os soldados acordem e nos cortem o pescoço?

— Não tema. — respondeu Pelias — Quer saber o que houve com Strabonus?

Uma fâisca azul brilhou nos olhos de Conan, e o cimério apertou o punho de sua espada com tanta força, que os nós dos dedos embranqueceram.

— Que vontade tenho de me encontrar com ele! — murmurou.

Sobre uma mesa de ébano havia um globo de cristal, grande e resplandecente. Pelias o pegou.

— O cristal de Tsotha. Um brinquedo para crianças, mas útil quando há tempo para ciências maiores. Olhe pra ele, Majestade.

Colocou-o sobre a mesa, diante dos olhos de Conan. O rei viu abismos, envoltos em nuvens, que tornavam-se cada vez mais profundos e extensos. Lentamente, as nuvens e a bruma foram se dissipando para darem lugar a uma paisagem familiar. Via-se grandes planícies que acabavam num rio largo e tortuoso, atrás do qual o plano se transformava numa cordilheira de montanhas com pouca altura. Na margem setentrional do rio, erguia-se uma

cidade murada, protegida por um fosso que desembocava em ambas as extremidades do rio.

— Por Crom! — exclamou o cimério — É Shamar! Esses cães sitiaram-na!

Os invasores haviam cruzado o rio, e seu acampamento se distinguia na estreita planície, que separava as montanhas da cidade. Seus guerreiros pululavam em torno das muralhas, e a lua faiscava em suas cotas-de-malha. Das torres choviam flechas e pedras; os soldados recuavam uma e outra vez, e logo voltavam a avançar. Conan soltou uma blasfêmia e, nesse exato momento, a cena mudou. Entre a névoa densa, apareciam os altos minaretes e as cúpulas douradas da cidade de Tarântia, onde reinava a desordem. Viu os cavaleiros de Poitain vestidos com armaduras, seus mais leais partidários, a quem havia deixado para cuidarem da cidade. Estavam atravessando as portas, em suas montarias, vaiados e insultados pela multidão que se juntava nas ruas. Viu saques e lutas, homens armados com a insígnia de Pellia no escudo, dominando as torres e passeando pelos mercados. E, por cima de tudo, como um quadro fantasmagórico, contemplou o rosto escuro e triunfante do príncipe Arpello de Pellia. Logo, as imagens se desvaneceram.

— Malditos sejam! — exclamou Conan — Meu povo se volta contra mim, enquanto dou as costas... !

— Não exatamente. — respondeu Pelias — Ouviram dizer que você morreu. Crêem que ninguém pode protegê-los dos inimigos externos, nem da guerra civil. Naturalmente, recorrem ao nobre mais poderoso para evitarem os horrores da anarquia. Não confiam nos homens de Poitain, pois se recordam de outras guerras. E Arpello está próximo, além de ser o príncipe mais poderoso do reino central.

— Quando eu regressar à Aquilônia, ele não será mais que um cadáver decapitado, que apodrecerá no Campo do Traidor. — disse Conan, fazendo os dentes rangerem.

— Mas antes que consiga chegar à capital — lembrou Pelias -, talvez Strabonus o tenha feito. Ou pelo menos seus cavaleiros terão devastado seu reino.

— Certo! — Conan percorria a moradia a passos largos, como um leão enjaulado — Mesmo com o cavalo mais rápido, eu não conseguiria chegar a Shamar antes do meio-dia. E, uma vez ali, eu não faria mais do que morrer junto com meu povo quando a cidade cair, o que ocorrerá em, no máximo,

dois dias. De Shamar a Tarântia, há cinco jornadas a cavalo, embora se mate os corcéis de exaustão pelo caminho. Antes que eu pudesse chegar à capital e reunir um exército, Strabonus estaria derrubando suas portas. Formar um exército vai ser um verdadeiro inferno... ao ouvirem os rumores de minha morte, meus malditos nobres terão ido aos seus condenados feudos. E, já que o povo expulsou Trocero de Poitain, não há ninguém que possa conter os anseios de Arpello de apoderar-se da coroa... e do tesouro da coroa. Deixará o reino nas mãos de Strabonus em troca de um trono de marionete e, quando Strabonus der as costas, ele tramará uma conspiração. Mas os nobres não o apoiarão, e Strabonus terá uma desculpa para anexar o reino sem mais explicações. Por Crom, Ymir e Set! Se eu tivesse asas para voar como um relâmpago a Tarântia...! Pelias, que continuava sentado, tamborilando a mesa de jade com os dedos, ficou repentinamente em suspenso e levantou-se, como que guiado por um propósito determinado, ao mesmo tempo em que repetia para Conan seguí-lo. O rei obedeceu, submerso em pensamentos melancólicos, e o bruxo o levou para fora da moradia, por umas escadas de mármore e ouro que conduziam ao pináculo da cidadela, a sua torre mais elevada. Era noite, e um forte vento soprava do céu estrelado, agitando os cabelos negros do cimério. À distância, brilhavam as luzes de Khorshemish, aparentemente mais remotas que as próprias estrelas. Pelias se mostrava ensimesmado e reservado, em comunhão com a grandeza fria e inumana dos astros.

— Há criaturas... — disse Pelias — não apenas na terra e nos mares, mas também no ar e nos confins do céu, seres que moram afastados da terra e ignorados pelos homens. No entanto, para aqueles que se atêm às palavras do Senhor e aos Sinais e ao Conhecimento que subjacem nelas, não são malignos nem inacessíveis. Observe e não tema.

Ergueu as mãos para o céu e proferiu um longo e misterioso chamado, que pareceu reverberar interminavelmente no espaço, e logo diminuiu de intensidade e se desvaneceu, mas sem chegar a morrer totalmente, como se tivesse ido alojar-se cada vez mais longe, em algum ponto inimaginável do cosmo. No silêncio que se seguiu, Conan encontrou um repentino bater de asas sobre sua cabeça e recuou assustado, quando uma criatura semelhante a um morcego pousou junto a ele. Pôde ver como seus olhos grandes e calmos contemplavam-no à luz das estrelas. As asas descomuns deviam medir uns nove metros. Mas viu que não era um pássaro nem um morcego.

— Monta e parte. — disse Pelias — Ao amanhecer, estarás em Tarântia.

— Por Crom! — exclamou Conan — Será isso tudo um pesadelo, do qual despertarei no meu palácio, em Tarântia? E o que será de você? Não posso lhe abandonar à própria sorte, entre tantos inimigos.

— Não se preocupe comigo. — respondeu Pelias — Ao amanhecer, o povo de Khorshemish saberá que tem um novo senhor. Não hesite em aproveitar o que os deuses lhe enviaram. Voltaremos a nos ver na planície de Shamar.

Cheio de dúvidas, Conan montou no lombo rugoso do animal e agarrou-se a seu pescoço arqueado, ainda convencido de estar imerso num fantástico pesadelo. Com grande estampido de suas titânicas asas, a criatura elevou-se pelos ares e o rei sentiu vertigem ao contemplar, a seus pés, as luzes da cidade.

## IV

*"A mesma espada que mata o rei corta as amarras do império.  
(Provérbio aquiloniano)*

As luzes de Tarântia ferviam com a multidão que berrava e, irada, agitava os punhos e as lanças enferrujadas. Faltava pouco para amanhecer o segundo dia após a batalha de Shamar, e os acontecimentos manifestavam-se com tanta pressa que confundiam a compreensão. Por meios que só Tsotha-Lanti conhecia, a notícia da morte do rei havia chegado a Tarântia seis horas depois da batalha. O resultado foi o caos. Os barões abandonaram a capital do reino a todo galope, para reforçar a defesa de seus castelos contra os atacantes. O forte reino que Conan criara parecia cambalear à beira do desmantelamento, e os plebeus e comerciantes tremiam ante a

iminência do regresso ao regime feudal. O povo precisava urgentemente de um rei que os protegesse, tanto de sua própria aristocracia quanto dos inimigos externos. O conde Trocero, a quem Conan havia deixado o comando da cidade, tentava infundir-lhes confiança, mas seu medo irracional lhes fazia lembrar das antigas guerras civis e de como aquele mesmo conde havia sitiado Tarântia, quinze anos antes. Pelas ruas gritava-se que Trocero havia traído o rei e que planejava saquear a cidade. Os mercenários começaram a roubar as casas, extorquindo mercadores aos gritos e mulheres aterrorizadas.

Trocero eliminou os saqueadores, espalhou seus cadáveres pelas ruas, fê-los regressar ao seu quartel e aprisionou seus chefes. Mesmo assim, o povo continuava julgando precipitadamente, e gritava insensatamente que o conde havia provocado os distúrbios em benefício próprio.

O príncipe Arpello compareceu diante do desordenado conselho e anunciou que estava disposto a assumir o cargo do governo da cidade, até decidirem quem ia ser o novo rei. Conan não tinha nenhum filho. Enquanto debatiam, seus agentes influenciaram sutilmente o povo, que se agarrava a qualquer retalho de realeza. O conselho escutou a tormenta que havia fora do palácio, onde a multidão rugia, aclamando a Arpello Salvador. E se rendeu. A princípio, Trocero se negou a acatar a ordem de entregar o comando, mas o povo levantou-se, assobiando e berrando, lançando pedras e imundícies a seus cavaleiros. Vendo a inutilidade de uma batalha campal contra os defensores de Arpello naquelas condições, Trocero atirou o cetro na cara de seu rival, pendurou os chefes dos mercenários na praça como último ato oficial e saiu a cavalo da cidade pelo portão sul, à frente de seus mil e quinhentos cavaleiros armados. Ao se fecharem estrondosamente as portas às suas costas, a máscara meiga de Arpello caiu, revelando o sinistro semblante de um lobo faminto. Estando os mercenários esquarterados ou escondidos em seus barracões, os dele eram os únicos soldados de Tarântia. Montado sobre seu cavalo de batalha no meio da grande praça, Arpello proclamou a si mesmo rei da Aquilônia entre o clamor da enganada multidão. O chanceler Publius, que havia se oposto à mudança, foi lançado à prisão. Os comerciantes, que haviam saudado com alívio a proclamação de um rei, ficaram indignados ao ver que a primeira ação do monarca era exigir-lhes um tributo abusivo. Seis comerciantes, enviados numa comissão de protesto, foram presos e decapitados sem cerimônias. A esta execução seguiu um perplexo silêncio. Os comerciantes, como costumam fazer ao se

defrontarem com um poder que não podem enfrentar com dinheiro, caíram prostrados sobre suas gordas barrigas e lamberam as botas do opressor.

O povo simples se desinteressou sobre o destino dos comerciantes, mas começou a murmurar quando descobriram que a soldadesca peliana, sob o pretexto de manter a ordem, era tão perversa quanto os bandidos turanianos. Choveram as queixas por extorsão, assassinato e pilhagem sobre Arpello, que havia instalado sua residência no palácio de Publius, porque os desesperados conselheiros, condenados por ordem sua, defendiam o palácio real contra os soldados. Havia tomado posse do palácio do prazer, e as mulheres de Conan foram arrastadas até sua morada. O povo murmurou ao ver as belezas reais retorcendo-se nas mãos brutais de seus seqüestradores de armaduras de ferro: as jovens de olhos escuros, de Poitain; as esbeltas moças de cabelos negros, de Zamora, de Zingara e da Hirkânia, as britunianas de cabelos loiros, todas choravam de espanto e de vergonha, porque não estavam habituadas à brutalidade.

A noite caiu sobre a cidade perplexa e turbulenta, e antes que chegasse a meia-noite, se espalhou misteriosamente pelas ruas a notícia de que os kothianos haviam vencido e estavam golpeando os muros de Shamar. Alguém do misterioso serviço secreto de Tsotha tinha dado com a língua nos dentes. O medo sacudiu o povo como um terremoto, e nem sequer pararam para pensar na bruxaria que possibilitara às notícias se propagarem tão velozmente. Se precipitaram diante das portas de Arpello, exigindo-lhe que marchasse para o sul e fizesse o inimigo recuar até o outro lado do Tibor. Ele poderia ter ressaltado sutilmente que não tinha forças suficientes, e que não podia formar um exército até que os barões reconhecessem como justa sua coroação. Mas estava ébrio de poder e riu na cara deles.

Um jovem estudante, chamado Athemides, subiu num pedestal na praça e acusou Arpello de ser um instrumento de Strabonus, pintando um vívido retrato de como seria a vida sob o mandato kothiano, com Arpello como sátrapa. Antes que ele terminasse, a multidão já berrava de medo e grunhia de raiva. Arpello enviou seus soldados para que arrastassem o jovem, mas o povo lhe avisou e fugiu com ele, rechaçando seus perseguidores com pedras e com gatos mortos. Uma enxurrada de flechas acabou com o tumulto, e um ataque de cavaleiros semeou a praça de cadáveres, mas Athemides conseguiu sair da cidade, para rogar a Trocero que voltasse a tomar Tarântia e viesse ajudar Shamar. Athemides encontrou Trocero quando este levantava o acampamento fora dos muros da cidade, pronto pra marchar

para Poitain, no extremo sudoeste do reino. Às insistentes súplicas do jovem, respondeu que não tinha a força necessária para tomar Tarântia de assalto, mesmo contando com a ajuda da multidão que havia em seu interior, nem força suficiente para enfrentar Strabonus. Além do mais, os nobres avarentos saqueariam Poitain às suas costas enquanto ele lutasse contra os kothianos. Morto o rei, cada homem deveria proteger o que era seu. Cavalgava para Poitain, a fim de defender-se o melhor possível de Arpello e de seus aliados estrangeiros.

Enquanto Athemides negociava com Trocero, a multidão percorria a cidade com fúria desesperada. O povo formava redemoinhos sob a grande torre que havia junto ao palácio real, bradando seu ódio a Arpello, que permanecia nas ameias e ria-se deles, enquanto seus arqueiros se colocavam atrás dos parapeitos, com as balestras preparadas. O príncipe de Pellia era um homem robusto, de estatura mediana, e de rosto severo e sombrio. Era um intrigante, mas também um lutador. Sob sua jaqueta de seda e suas roupas com adornos metálicos na parte inferior, e as mangas com rendas, brilhava o aço polido. Seu longo cabelo negro era encaracolado; usava-o perfumado e preso na nuca com uma faixa tecida com fios de prata, mas de seu quadril pendia uma enorme espada, cujo cabo com jóias já estava desgastado por causa de batalhas e campanhas. — Idiotas! Gritem o quanto quiserem! Conan está morto e Arpello é o rei! Que importava se toda a Aquilônia se unia contra ele? Tinha homens suficientes para defender os poderosos muros até a chegada de Strabonus. Mas a Aquilônia estava dividida. Os barões lutavam uns contra os outros para se apoderarem dos tesouros de seus vizinhos. Arpello só tinha que se ver com a desvalida multidão. Strabonus abriria caminho entre as débeis posições dos barões em guerra, como o esporão de um navio entre a espuma, e, até sua chegada, a única coisa que precisava defender e conservar em seu poder era a capital do reino.

— Idiotas! Arpello é o rei!

O sol elevava-se por cima das torres do leste. No céu rubro, apareceu uma minúscula mancha voadora que cresceu até adquirir o tamanho de um morcego, e logo o de uma águia. A seguir, todos os que viram-no proferiram gritos de assombros, já que por cima das muralhas de Tarântia desceu precipitadamente uma figura que os homens só conheciam através de lendas meio esquecidas, e de suas asas titânicas, saltou uma figura humana, enquanto o animal gralhava ao passar por cima da grande torre. Logo, com

um bater retumbante de asas, foi embora, e o povo piscava, pensando que estava sonhando. Mas, nas ameias, via-se um homem de aspecto bárbaro, seminu e manchado de sangue, que brandia uma grande espada. E, da multidão, ergueu-se um rugido que fez as próprias torres cambalearem:

— O rei! É o rei!

Arpello estava totalmente pasmado; logo, com um grito, desembainhou a espada e saltou em direção a Conan. Com um rugido, o cimério deteve o golpe da sibilante lâmina e, deixando cair sua própria espada, agarrou o príncipe e o ergueu por cima da cabeça, segurando-o pelo pescoço e pernas.

— Leve suas conspirações ao inferno! — rugiu, e lançou o príncipe de Pellia para longe, como se fosse um saco de sal, deixando-o cair de uma distância de 36 metros.

O povo recuou enquanto o corpo se precipitava no vazio e espatifava-se no pavimento de mármore, respingando sangue e miolos, e ficava ali, esmagado com a armadura despedaçada, feito um escaravelho pisoteado.

Os arqueiros da torre se acovardaram e perderam o sangue-frio. Fugiram, e os conselheiros sitiados saíram do palácio e despedaçaram-nos com alegre desenvoltura. Os cavaleiros e os homens de arma pelianos tentaram ficar a salvo nas ruas, e a multidão os esquartejou. A luta invadia a cidade, os capacetes emplumados e as viseiras de aço sacudiam-se violentamente entre as desordenadas cabeças e logo desapareciam; as espadas se debatiam freneticamente numa ondulante floresta de lanças e, por cima de tudo isso, se elevava o rugido da multidão, e os gritos de aclamação misturavam-se com os berros que manifestavam sua sede de sangue e com os gemidos de agonia. E, bem acima de tudo aquilo, a figura nua do rei se sacudia e movia-se sobre as ameias vertiginosas, estremecido por uma risada gutural que zombava de todos: da multidão, dos príncipes e inclusive de si mesmo.

## V

*Dê-me um arco longo e forte, E escureceremos o céu! A flecha em sua mosca, a corda esticada E o rei de Koth como alvo!*

*(Canção dos arqueiros bossonianos)*

O sol do entardecer refletia-se nas águas plácidas do Tibor, que banhavam os bastiões do sul de Shamar. Os olheirudos defensores sabiam que pouquíssimos deles voltariam a ver o nascer do sol. Os pavilhões dos sitiadores abarrotavam a planície, como se fossem milhares de manchas. Os habitantes de Shamar não haviam conseguido evitar que cruzassem o rio, já que lhes dobravam em número. As barcaças acorrentadas umas às outras formavam uma ponte, pela qual o invasor derramava suas hordas incessantemente. Strabonus não se atrevera a seguir sua marcha para dentro da Aquilônia, deixando Shamar às suas costas sem tê-la conquistado. Havia mandado terra adentro os seus velozes cavaleiros, os spahis, para assolarem a região, e havia erigido suas máquinas de assédio na planície. Tinha estendida, em meio ao rio, uma frota de pequenas barcas proporcionadas por Amalrus, que chegavam até a muralha que fazia fronteira com a corrente de água. Alguns daqueles barcos a remo haviam sido afundados por pedras, lançadas da cidade, que atravessaram as coberturas e romperam violentamente suas tábuas, mas o restante continuava no cerco e, desde as proas e topos dos mastros, protegidos por trincheiras, os arqueiros estavam atacando as pequenas torres que davam no rio. Eram shemitas, nascidos de arco na mão, aos quais nenhum arqueiro aquiloniano podia equiparar-se.

Na parte terrestre, as catapultas lançavam uma chuva de seixos arredondados e troncos de árvore, que caía entre os defensores, atravessando telhados e esmagando seres humanos como escaravelhos. Os aríetes golpeavam incessantemente as portas. A parte superior do fosso fora rodeada com uma barragem e, uma vez privada da água que continha, havia sido preenchida com seixos redondos, terra, e também com cavalos e homens mortos. Ao pé das muralhas apinhavam-se figuras vestidas com cotas-de-malha, que golpeavam as portas, colocavam escadas e

empurravam torres de assédio, abarrotadas de lanceiros, contra as pequenas torres da muralha.

Na cidade, toda a esperança já tinha sido abandonada; havia apenas quinhentos homens resistindo ao ataque de quarenta mil guerreiros. Não havia chegado notícias do reino, cujo posto mais avançado era a cidade. Conan estava morto, segundo gritavam os exultantes invasores. Só as fortes muralhas e a valentia desesperada dos defensores havia mantido-os na fronteira durante tanto tempo, e aquela situação não se manteria para sempre. O muro ocidental era uma pilha de resíduos, sobre os quais os defensores tropeçavam, lutando corpo-a-corpo com os invasores. Os demais muros começavam a despencar, devido às minas cavadas sob eles, e as torres se inclinavam feito bêbadas. Os atacantes já se aglomeravam para arremeter. Soaram as trombetas, os soldados vestidos de aço organizaram-se para o combate na planície. As torres de assédio, recobertas de peles de touro, começaram a girar estrondosamente. A população de Shamar viu os estandartes de Koth e Ophir, tremulando um ao lado do outro no centro, e distinguiu a figura magra e sinistra de Amalrus, com sua cota-de-malha dourada, e a silhueta rechonchuda de Strabonus, coberta por uma armadura negra, entre seus reluzentes cavaleiros. E, entre ambos, se via uma pessoa que fez os mais valentes empalidecerem de terror: uma figura de abutre com uma túnica transparente. Os lanceiros se adiantaram, derramando-se sobre o terreno como as ondas cintilantes de um rio de aço líquido; os cavaleiros galoparam para a frente, com as lanças levantadas e os estandartes ao vento. Os guerreiros que estavam sobre os muros respiraram fundo, encomendaram a alma a Mitra e agarraram suas armas sem fio e manchadas de sangue.

Logo, sem nenhum sinal de aviso, um toque de corneta interrompeu o estrondo. Um barulho de cascos de cavalo se sobrepôs ao estrondo das hostes lançadas ao ataque. Ao norte da planície que o exército cruzava, erguia-se uma série de pequenas colinas que ficavam mais altas ao norte e ao oeste, como escadas gigantes. Então, descendo por aquelas colinas como a agitação no mar que anuncia uma tempestade, irromperam os spahis, que estavam devastando a região, inclinados sobre suas montarias, esporeando-as ferozmente e, atrás deles, se via o sol refletido sobre um exército de aço em movimento. Avançaram até ficarem totalmente visíveis, saindo dos desfiladeiros: cavaleiros com cota-de-malha e, pairando sobre eles, o grande leão do estandarte da Aquilônia.

Uma enorme gritaria rasgou o céu, vinda dos homens que observavam a cena, entusiasmados, das torres. Em seu êxtase, os guerreiros fizeram chocar suas espadas cegas contra os escudos amassados, e os habitantes da cidade, mendigos esfarrapados e ricos comerciantes, prostitutas com capas coloridas e damas envoltas em sedas e cetins, caíram de joelhos e aclamaram jubilosamente a Mitra, vertendo lágrimas de gratidão que encharcavam-lhe os rostos.

Strabonus, que dava ordens freneticamente, junto com Arbanus, destinadas a cercar as linhas do exército para enfrentar a inesperada ameaça, grunhiu:

— Ainda somos o dobro deles em número, a menos que tenham reservas escondidas nas colinas. Os homens das torres de assédio podem proteger os da cidade. São poitainianos. Devíamos ter imaginado que Trocero tentaria alguma louca bravata como esta. Amarus exclamou sem acreditar:

— Vejo Trocero e seu capitão Próspero... mas, quem cavalga entre eles?

— Ishtar nos proteja! — gritou Strabonus, empalidecendo — É o rei Conan!

— Está louco! — berrou Tsotha, agitando-se convulsivamente — Conan está no ventre de Satha há dias!

Parou repentinamente, olhando como um louco à tropa que se dispersava em filas pela planície. Era impossível confundir aquela gigantesca figura, com armadura negra e enfeites dourados, que montava um grande corcel negro, o qual galopava sob as dobras sedosas do grande estandarte que ondulava ao vento. Dos lábios de Tsotha brotou um grito de fúria felina, que lhe salpicou a barba encrespada. Pela primeira vez em sua vida, Strabonus viu o bruxo totalmente transtornado, e isso o aterrorizou.

— Há bruxaria aqui! — berrou Tsotha, arrancando loucamente a barba — Como é possível que tenha escapado e chegado a tempo, para voltar tão rapidamente com um exército? Isto é obra de Pelias, maldito seja! Noto a mão dele nisso! Maldito seja eu, por não tê-lo matado quando pude!

Os reis ficaram boquiabertos diante da menção de um homem que acreditavam ter morrido há dez anos, e o pânico que emanava dos chefes sacudiu as tropas. Todos reconheceram o montador do corcel negro. Tsotha percebeu o terror supersticioso de seus homens, e a fúria deu um aspecto infernal a seu rosto.

— Ao ataque! — berrou, agitando loucamente os braços delgados — Ainda somos os mais fortes! Agüentemos e esmaguemos estes cães! Ainda

podemos festejar a vitória nas ruínas de Shamar, esta mesma noite! Oh, Set! — levantou as mãos e invocou ao deus-serpente para horror até de Strabonus — Assegura-nos a vitória, e juro que te oferecerei quinhentas virgens de Shamar, retorcendo-se no próprio sangue!

Enquanto isso, o exército havia se dispersado pela planície. Junto aos cavaleiros, vinha o que parecia um segundo exército irregular, montado sobre velozes cavalos. Desmontaram e entraram em formação a pé: eram os imperturbáveis arqueiros bossonianos e os hábeis lanceiros da Gunderlândia, cujas cabeleiras leoninas despontavam sob os capacetes de aço. O exército que Conan havia reunido, nas enlouquecidas horas que seguiram ao seu regresso à capital, era uma tropa multicolorida. Havia conseguido, com grande esforço, apartar a enfurecida multidão dos soldados pellianos que se defendiam nos muros externos de Tarântia e havia alistado-os a seu serviço. Enviou uma correspondência urgente a Trocero, para que ele voltasse. Sendo o sul o núcleo do exército, ele se apressou nessa direção, varrendo toda a região para buscar recrutas e cavaleiros. Os nobres de Tarântia e do território que a cercava engrossaram suas fileiras, e haviam alistado gente de todas as vilas e castelos que haviam no caminho. Mas só haviam conseguido reunir uma força insignificante comparada com a das hostes invasoras, apesar da qualidade superior de seu aço.

Seguiram-no mil e novecentos cavaleiros com armadura, cujo grosso era composto por cavaleiros poitainianos. A infantaria era composta pelo restante dos mercenários e soldados profissionais que trabalhavam para os nobres leais: cinco mil arqueiros e quatro mil lanceiros. Este exército avançava em ordem, indo em primeiro lugar os arqueiros, logo depois os lanceiros e, atrás deles, os cavaleiros, e avançavam todos ao mesmo tempo. Arbanus arrumou suas filas para enfrentá-los, e o exército aliado deslocou-se para frente, como um cintilante oceano de aço. Aqueles que olhavam dos muros da cidade estremeceram ao ver a imensa tropa, que, em força, superava enormemente os salvadores. Em primeiro lugar marchavam os arqueiros shemitas, logo depois os lanceiros kothianos e, em seguida, os cavaleiros de Strabonus e Amalrus, com suas cotas-de-malha. O que Arbanus tentava era óbvio: utilizar os homens a pé para varrer a infantaria de Conan e abrir, assim, uma brecha para lançar um poderoso ataque de sua forte cavalaria. Os shemitas começaram a atirar a mais de trezentos e sessenta metros, e as flechas caíram como uma chuva depois de percorrer o espaço que separava os dois exércitos, escurecendo o sol. Os arqueiros do

oeste, treinados durante milhares de anos de guerra sem trégua contra os selvagens pictos, continuaram avançando impávidos, fechando fileiras à medida que seus camaradas iam caindo. Dobraram-nos várias vezes, e o arco shemita tinha maior alcance, mas no que diz respeito à precisão, os bossonianos não eram inferiores a seus inimigos e equilibravam a pura destreza no que se refere ao manejo do arco, com sua moral mais elevada e sua excelente armadura. Quando ficaram à distância correta, lançaram as flechas, e os shemitas caíram aos montes. Os guerreiros de barbas negras, com suas leves cotas-de-malha, não podiam suportar o tormento como os bossonianos, cujas armaduras eram mais resistentes. Se dispersaram, jogando seus arcos ao solo, e sua fuga provocou desordem entre as filas de lanceiros kothianos que seguiam-nos. Ao faltar-lhes o apoio dos arqueiros, estes homens armados caíram às centenas ante as flechas dos bossonianos e, ao atacarem desordenadamente em busca do corpo-a-corpo, foram recebidos pelos longos dardos dos lanceiros. Não havia infantaria capaz de perturbar os selvagens homens da Gunderlândia, cuja terra natal, a província mais setentrional da Aquilônia, estava apenas a um dia de cavalo das fronteiras da Ciméria através da fronteira bossoniana. Criados para a luta, eram o povo de raça mais pura entre os hiborianos. Os lanceiros kothianos, atordoados pelas baixas produzidas pelas lanças, foram destroçados e recuaram em debandada.

Strabonus rugia de fúria ao ver rechaçada a sua infantaria, e ordenou aos gritos que fizessem um ataque total. Arbanus punha objeções, ressaltando que os bossonianos estavam reorganizando-se à frente dos cavaleiros aquilonianos, que haviam permanecido imóveis sem descer de seus corcéis durante o enfrentamento. O general aconselhou uma retirada temporária, para fazer com que os cavaleiros saíssem da cobertura que os arqueiros lhes proporcionavam, mas Strabonus estava louco de fúria. Olhou as amplas fileiras reluzentes de seus cavaleiros, contemplou o punhado de figuras cobertas de cotas-de-malha que se lhes opunha, e ordenou a Arbanus que desse o sinal de ataque.

O general encomendou sua alma a Ishtar e fez soar a trombeta dourada. Com um rugido retumbante, a floresta de lanças se pôs em riste e a imensa tropa arremeteu, atravessando a planície, recebendo impulso cada vez maior. Toda a planície sob a estrondosa avalanche de cascos, e o brilho do ouro e do aço impressionou aos que observavam das torres de Shamar.

Os esquadrões sulcaram as desalinhadas fileiras de lanceiros, atropelando igualmente a amigos e inimigos, e se precipitaram sob as rajadas de flechas que lançavam-lhes os bossonianos. Cruzaram a planície com um ruído trovejante, resistindo encarniçadamente à tormenta que semeava seu caminho com cavaleiros reluzentes, como se fossem folhas caídas no outono. Logo irromperia com seus cavalos por entre os bossonianos, ceifando-os como trigo; mas a carne não podia suportar, durante muito tempo, a chuva mortal que destroçava-os e rugia violentamente entre suas fileiras. Os arqueiros continuavam em pé, ombro a ombro, as pernas firmes, lançando flecha após flecha como um só homem, proferindo breves gritos a plenos pulmões.

Toda a primeira fila de cavaleiros desapareceu e, tropeçando nos corpos moles de cavalos e montadores, seus colegas cambalearam e caíram para frente. Arbanus havia morrido, tinha uma flecha na garganta, e seu crânio fora esmagado pelos cascos de seu cavalo moribundo. A confusão percorreu as tropas desorganizadas. Strabonus gritava uma ordem, Amalrus outra, e todos sentiam o terror supersticioso que lhes fora despertado ao verem Conan. E, enquanto as hostes cintilantes formavam redemoinhos, confusas, soaram as trombetas de Conan e, através das fileiras abertas dos arqueiros, lançou-se ao ataque a terrível carga dos cavaleiros aquilonianos.

Os exércitos foram sacudidos pelo que parecia um terremoto, que fez estremecer as oscilantes torres de Shamar. Os desorganizados esquadrões dos invasores não podiam deter o impulso da cunha de aço sólido, erizada de lanças, que precipitou-se contra eles como um raio. As longas lanças dos atacantes trituraram suas fileiras, e os cavaleiros de Poitain entraram até o coração das tropas inimigas, manejando suas terríveis espadas com ambas as mãos.

O fragor e o estampido do aço era como o de um milhão de marretas golpeando um número igual de bigornas. Os que olhavam das muralhas estavam atordoados e ensurdecidos pelo estrondo; agarravam-se às ameias e observavam o fervente redemoinho de aço, no qual sacudiam-se violentamente os penachos que conseguiam erguer-se por entre as brilhantes espadas; os estandartes cambaleavam e caíam.

Amalrus caiu e morreu sob os cascos dos cavalos, com o ombro partido em dois pela espada de Próspero. As tropas dos invasores haviam cercado os mil e novecentos cavaleiros de Conan, mas, em redor desta compacta cunha, que penetrava mais e mais na formação menos compacta de seus

inimigos, todos os cavaleiros de Koth e Ophir formavam redemoinhos e atacavam-na em vão. Não podiam rompê-la.

Os arqueiros e lanceiros, após terem se livrado da infantaria kothiana, que fora desfeita e fugia desordenadamente pela planície, aproximaram-se das extremidades do campo de batalha, lançando flechas de perto e apressando-se em esfaquear e rasgar com suas lâminas as barrigueiras e ventres dos cavalos, e atravessando os cavaleiros com suas lanças.

Conan, na ponta da cunha de aço, lançava seu bárbaro grito de guerra e brandia sua enorme espada, descrevendo brilhantes arcos mortais, que faziam pouco caso das cotas-de—malha. Montado em seu cavalo, penetrou entre a abundância de aço retumbante de seus inimigos, e os cavaleiros de Koth fecharam as fileiras atrás dele, deixando-o isolado. Conan golpeava como um raio, penetrando violentamente entre as fileiras com força e velocidade, e chegou até Strabonus, que estava pálido entre suas tropas palacianas. Naquele momento a batalha ficou equilibrada, já que, sendo maiores suas tropas, Strabonus ainda tinha oportunidade de arrancar a vitória dos joelhos dos deuses.

Mas, quando viu seu arquiinimigo, separado dele pela distância de um braço, deu um grito e o atacou ferozmente com o machado. Este bateu estrondosamente sobre o elmo de Conan, soltando faíscas, e o cimério recuou, devolvendo-lhe o golpe. A lâmina de sua espada, de 90 centímetros de comprimento, esmagou o capacete e o crânio de Strabonus, e o corcel do rei recuou, relinchando e arremessando de sua sela um corpo flácido e desengonçado. Um imenso clamor surgiu das hostes, que hesitaram e recuaram. Trocero e suas tropas, dando estocadas furiosas, abriram caminho em direção a Conan, e o grande estandarte de Koth veio abaixo. E então, por trás dos aturdidos e destroçados invasores, ergueu-se um imenso brado e o apelo de uma revolução descomunal. Os defensores de Shamar haviam feito uma saída desesperada, despedaçando os homens que obstruíam as portas, e vagavam furiosamente entre as tendas dos sitiadores, destroçando os membros do acampamento, incendiando os pavilhões e derrubando as máquinas de assédio. Esta foi a gota d'água. O reluzente exército correu desesperadamente, e os furiosos conquistadores esmagaram-nos em sua fuga.

Os fugitivos correram para o rio, mas os homens que compunham a frota de pequenos barcos, perseguidos ferozmente pelas pedras e dardos que os reanimados cidadãos lançavam, soltaram as cordas e remaram para a

margem sul, abandonando seus colegas à própria sorte. Muitos deles ganharam a margem precipitando-se pelas barcaças que serviam de ponte, até que os homens de Shamar cortaram as amarras e separaram-nas da margem. Então, a luta virou chacina. Os invasores, empurrados até o interior do rio, no qual se afogavam dentro de suas armaduras, ou derrubados a golpes ao longo da margem, pereciam aos milhares. Havia prometido não dar trégua; tampouco receberam-na. Do pé das colinas até as margens do Tibor, a planície estava coberta de cadáveres, e o rio, tingido de vermelho, transcorria abarrotado de mortos. Dos mil e novecentos cavaleiros que haviam cavalgado para o sul com Conan, só restaram vivos quinhentos que puderam se vangloriar de suas cicatrizes, e a matança de arqueiros e lanceiros fora espantosa. Mas a numerosa e brilhante tropa de Amalrus e Strabonus foi exterminada, e os que fugiram foram menos do que os que morreram.

Enquanto a matança se prolongava ao longo do rio, tinha lugar o último ato de um encarniçado drama na várzea do outro lado. Entre os que haviam cruzado a ponte de barcaças antes desta ser destruída, encontrava-se Tsotha, que galopava feito o vento sobre um corcel esquelético, de estranho aspecto, cuja velocidade não podia ser igualada por um cavalo terreno. Fugindo implacavelmente, deixando para trás amigos e inimigos, chegou à margem sul e então, ao voltar a vista, encontrou uma figura austera sobre um alazão negro, perseguindo-o furiosamente. Já haviam cortado as amarras, e os barcos começavam a se separar uns dos outros, ficando à deriva, mas Conan avançou com temeridade, fazendo seu corcel saltar de um bote a outro, como um homem que salta de um gelo flutuante a outro. Tsotha gritou uma maldição, mas o enorme cavalo deu um último salto, relinchando pelo esforço, e ganhou a margem sul. O bruxo iniciou a fuga para a pradaria e, atrás dele, o rei, cavalgando furiosamente, em silêncio e brandindo a enorme espada, que ia deixando um rastro de gotas rubras. E assim continuaram a presa e o caçador, embora o corcel negro não conseguisse chegar perto, apesar deste estender profundamente cada um dos seus músculos e nervos. Galoparam numa terra sobre a qual o sol se punha, e uma luz difusa projetava sombras enganosas, até que a visão e o som da matança dissiparam-se atrás deles. Naquele momento, apareceu no céu um ponto negro que, ao se aproximar, transformou-se numa enorme águia. Planou velozmente sobre a cabeça do cavalo de Tsotha; este relinchou terrivelmente e empinou, arrancando o cavaleiro da sela. O velho Tsotha

ficou em pé, enfrentando seu perseguidor. Tinha os olhos de uma serpente enlouquecida, e seu rosto parecia uma máscara de fúria animal. Trazia em cada mão algo que brilhava, algo que Conan sabia que continha a morte.

O rei desmontou e acelerou o passo em direção a seu rival, brandindo sua enorme espada, enquanto o ruído metálico de sua armadura ressoava a cada passo.

— Voltamos a nos encontrar, feiticeiro! — disse, sorrindo selvagememente.

— Afaste-se de mim! — gritou Tsotha, como um chacal excitado pelo sangue — Arrancarei a pele de seus ossos! Não conseguirá vencer-me e, mesmo que me corte em pedaços, as partes de carne e os ossos voltariam a juntar-se e lhe perseguiriam até a morte! Reconheço a mão de Pelias nisto tudo, mas desafio a ambos! Sou Tsotha, filho de...

Conan lançou-se com os olhos semicerrados e a espada na mão. A direita de Tsotha avançou e o rei evitou rapidamente algo que passou sobre sua cabeça protegida pelo capacete, e chamuscou a areia com um brilho de fogo diabólico. Antes que Tsotha pudesse lançar o outro globo com a mão esquerda, a espada de Conan decepou-lhe o pescoço delgado. A cabeça do feiticeiro saltou dos ombros, deixando escapar um jato de sangue, e a figura de túnica oscilou e finalmente desabou como um ébrio. No entanto, seus olhos enlouquecidos miraram fixamente a Conan com uma luz selvagem, a boca torceu-se num gesto sinistro e suas mãos agitaram-se como que buscando a cabeça cortada. E então, com um veloz movimento de asas, algo precipitou-se do céu... era a águia que havia atacado o cavalo de Tsotha. Com suas poderosas garras, pegou a cabeça sanguinolenta e lançou-se ao espaço. Conan emudeceu de espanto, pois da garganta da águia brotou uma gargalhada inumana que lembrava a voz de Pelias, o feiticeiro.

Então, sucedeu-se algo horrendo, pois o corpo sem cabeça ficou de pé sobre a areia e, cambaleando, lutou de forma assustadora para dirigir-se, com as mãos estendidas, ao ponto negro que se afastava velozmente no céu escuro. Conan ficou petrificado, até que a figura oscilante desapareceu na bruma que tingia de vermelho a pradaria.

— Crom! — seus poderosos ombros se estremeceram — Ao diabo com as lutas entre feiticeiros! Pelias foi bom comigo, mas eu preferia não vê-lo mais. Que me tragam uma espada limpa e um inimigo igualmente limpo para poder cravá-la nele. Maldição! O que eu não daria por uma jarra de vinho!

# A TORRE DO ELEFANTE

## *The Tower of the Elephant*

### I

Tochas tremeluziam sombriamente nas festas do Marreta, onde os ladrões do Leste faziam carnaval à noite. No beco, eles podiam fazer quanta algazarra e gritaria quisessem, pois as pessoas honestas evitavam este bairro, e os guardas, bem pagos com dinheiro sujo, não interferiam na diversão deles. Ao longo das ruas tortuosas e sem pavimentação, com montes de lixo e poças lamacentas, cambaleavam e vociferavam os bêbados briguentos. O aço brilhava nas sombras de onde vinha o riso estridente das mulheres e os ruídos de arruaça e luta. A luz das tochas flamejava tênue das janelas quebradas e portas escancaradas, e emanava o mau cheiro do vinho azedado e de corpos suados, o clamor de bêbados e o bater de punhos sobre mesas grosseiras, as animadas canções obscenas, lançadas como uma bofetada.

Numa dessas espeluncas, a diversão trovejava até o telhado baixo manchado pela fumaça, onde os vagabundos se reuniam vestidos com toda espécie de farrapos — eram batedores de carteira, astutos raptores, ladrões de dedos ligeiros, vociferando exclamações animadas com suas meretrizes de vozes estridentes, vestidas com suntuosos vestidos de gosto duvidoso.

O elemento dominante eram os vagabundos do lugar — zamorianos de pele e olhos escuros, com sabres em seus cintos e fel em seus corações. Mas lá estavam também alguns lobos vindos de meia dúzia de nações do interior.

Havia um gigante hiperbóreo renegado, taciturno, perigoso, com uma espada amarrada a seu enorme corpanzil terrível — pois, no Marreta, os homens carregavam o aço abertamente. Havia um contraventor shemita, com seu nariz adunco e barba encaracolada negro-azulada. Havia uma prostituta brituniana de olhos ousados sentada no colo de um gunderlandês de cabelos castanhos — um soldado mercenário nômade, desertor de algum exército derrotado. E o gordo indecente, cujas piadas picantes provocavam gargalhadas, era um raptor profissional vindo da longínqua Koth para ensinar como raptar as mulheres dos zamorianos, que nasceram com mais conhecimento sobre essa arte do que jamais ele conseguiria obter. Este homem interrompeu sua descrição dos encantos de uma futura vítima e enfiou sua cara num enorme caneco de cerveja espumante. Em seguida, soprando a espuma de seus lábios gordos, disse:

— Por Bel, deus de todos os ladrões, eu lhes mostro como roubar prostitutas; eu a farei passar pela fronteira zamoriana antes de amanhecer, e haverá uma caravana esperando para recebê-la. Trezentas peças de prata foi o que um conde de Ophir me prometeu em troca de uma esguia jovem brituniana da classe mais alta. Levei semanas andando pelas cidades fronteiriças, disfarçado de mendigo, para encontrar uma que servisse. E essa é uma linda peça!

Ele jogou no ar um beijo obsceno.

— Conheço alguns lordes de Shem que negociariam o segredo da Torre do Elefante em troca dessa jovem — disse, voltando à sua cerveja.

Um toque na manga de sua túnica o fez voltar a cabeça, resmungando por ter sido interrompido. Em pé ao seu lado estava um jovem alto e robusto. Este estava tão deslocado naquela espelunca quanto um lobo cinzento entre ratos famintos nos bueiros. Sua túnica barata não conseguia esconder as linhas duras, bem proporcionadas de sua estatura poderosa, os ombros largos e pesados, o peito maciço, a cintura delgada e os braços pesados. Sua pele estava tostada pelo sol dos campos, seus olhos eram azuis e ardentes; uma negra cabeleira emaranhada coroava sua fronte larga. Do seu cinturão pendia uma espada numa bainha de couro surrado.

O kothiano recuou involuntariamente; pois o homem não pertencia a nenhuma raça civilizada que ele conhecia.

— Você falou da Torre do Elefante — disse o estranho, falando o zamoriano com um sotaque estrangeiro — Ouvi muitas histórias sobre a torre. Qual é seu segredo?

O camarada não parecia ameaçador; a cerveja e a audiência deixaram o kothiano todo cheio de si.

— O segredo da Torre do Elefante? — exclamou — Ora, qualquer idiota sabe que Yara, o sumo sacerdote, mora lá com uma grande pedra preciosa chamada Coração do Elefante, que é o segredo de sua feitiçaria.

O bárbaro ficou digerindo a informação por algum tempo.

— Eu vi essa torre — disse ele — Ela fica no meio de um grande jardim a um nível acima da cidade, cercada por muros altos. Não vi nenhum guarda. Seria fácil pular o muro. Por que ninguém ainda roubou essa jóia?

O kothiano arregalou os olhos e abriu a boca, pasmo com a simplicidade do outro; em seguida caiu numa gargalhada, e os outros o acompanharam.

— Ouçam este pagão! — vociferou ele — Ele quer roubar a jóias de Yara! Ouçam, camaradas. — disse ele, voltando-se solenemente para o jovem — Suponho que você seja alguma espécie de bárbaro do Norte...

— Sou da Ciméria — respondeu o estrangeiro, num tom nada amistoso. A resposta e a maneira como ela foi dita pouco significavam para o kothiano; de um reino que ficava bem ao sul, nas fronteiras de Shem, ele só ouvia falar vagamente nas raças do norte.

— Então abra os ouvidos e fique esperto, camarada — disse ele, apontando com seu caneco para o jovem desconcertado — Saiba que em Zamora, principalmente nessa cidade, existem mais ladrões destemidos do que em qualquer outro lugar do mundo, mesmo em Koth. Se um mortal pudesse roubar a jóia, tenha a certeza que ela já teria sido roubada há muito tempo. Você fala em pular o muro, mas uma vez tendo pulado, você desejaria imediatamente estar de volta. Não existem guardas no jardim por uma razão muito boa: lá não há guardas humanos, embora na parte baixa da torre, homens armados a vigiem. E, mesmo se você passasse por aqueles que fazem a ronda dos jardins à noite, ainda teria de passar pelos soldados, pois a jóia está guardada em algum lugar, bem lá no alto da torre.

— Mas, se um homem conseguisse passar pelos jardins — argumentava o cimério -, por que não poderia chegar até a jóia pela parte superior da torre, evitando assim os soldados?

Novamente o kothiano ficou pasmado com ele.

— Ouçam este camarada! — gritou ele com escárnio — O bárbaro pensa que é uma águia que pode voar até a borda da torre, que está apenas a quarenta e cinco metros acima do solo, com seus lados arredondados mais lisos que vidro polido!

O cimério olhou ao redor, embaraçado com a trovoada de gargalhadas que a sua observação provocara. Ele não via nada de engraçado nisso, e ainda conhecia pouco da civilização para entender o que era falta de cortesia. Os homens civilizados são mais mal— educados que os selvagens, porque eles sabem que podem faltar com a cortesia sem ter o crânio despedaçado. Ele estava embaraçado e envergonhado e, sem dúvida, teria ido embora, sentindo-se humilhado, mas o kothiano quis continuar a rebaixá-lo.

— Vamos! Vamos! — gritou ele — Diga pra esses pobres camaradas, que são ladrões há muito, mesmo antes de você ter sido gerado, diga pra eles como você pretende roubar a jóia.

— Existe sempre uma maneira, se a vontade estiver associada à coragem — respondeu abruptamente o cimério irritado.

O kothiano resolveu tomar isso como uma afronta pessoal. Seu rosto ficou rubro de raiva.

— O quê? — esbravejou ele — Você ousa nos dizer como devemos proceder e insinua que somos covardes? Suma da minha frente! — esbravejou, empurrando o cimério com violência.

— Você zomba de mim e depois quer pôr as mãos em mim — esquentou-se o bárbaro, pronto para despejar sua fúria; e devolveu o empurrão com um soco que jogou seu ofensor contra a mesa tosca. A cerveja espirrou da boca do tratante, e o kothiano foi desembainhando a espada, trovejando de fúria.

— Cão do inferno! — vociferou ele — Vou arrancar seu coração por isso!

O aço faiscou, e a multidão precipitou-se abrindo caminho. Em sua fuga, eles derrubaram a única vela acesa e a taverna mergulhou na escuridão. Só se ouvia o ruído de bancos caídos, o trotar de pés em fuga, os gritos, as pragas quando trombavam uns com os outros e um grito estridente de agonia que cortou a espelunca como uma faca. Quando acenderam uma vela, a maioria dos fregueses havia desaparecido pela porta e pelas janelas quebradas, e o resto se escondia embaixo das mesas e atrás das pilhas de barris de vinho. O bárbaro se fora; o centro da sala estava deserto, com exceção do corpo ensanguentado do kothiano. O cimério, com seu infalível instinto selvagem, havia matado seu oponente em meio à escuridão e confusão.

## II

O cimério deixou para trás as luzes lúgubres e a orgia de bêbados. Ele tinha abandonado a sua túnica rasgada e caminhava seminu pela noite, vestido apenas com uma tanga e calçado com suas sandálias de tiras. Ele se movia com a agilidade de um enorme tigre, com seus músculos retesados sob a pele escura.

Ele havia penetrado na parte da cidade reservada aos templos. De todos os lados, eles refletiam sua brancura à luz das estrelas — pilares de mármore branco como a neve, cúpulas douradas e arcos prateados, santuários dos inúmeros e estranhos deuses zamorianos. Não se preocupava com eles; sabia que a religião de Zamora, como todas as coisas de um povo civilizado e antigo, era muito complicada e tinha perdido a maior parte da essência primordial, numa confusão de fórmulas e de rituais. Ele havia ficado de cócoras durante horas nos pátios dos filósofos, ouvindo as discussões dos teólogos e dos mestres, e acabara confuso e desorientado, certo apenas de uma coisa, isto é, que todos eles eram malucos.

Os deuses dele eram mais simples e compreensíveis; Crom era o chefe, e vivia numa montanha enorme, de onde enviava destruição e morte. Era inútil chamar por Crom, porque ele era um deus sinistro e selvagem, e odiava os fracos. Mas ele dava coragem ao homem por ocasião de seu nascimento, e a vontade e o poder para matar seus inimigos, o que, na cabeça do cimério, era tudo o que se esperava de um deus.

Seus pés calçados não faziam ruído sobre o pavimento reluzente. Nenhuma sentinela passava, pois nem mesmo os ladrões do Marreta invadiam os templos, onde se sabia que maldições estranhas recaíam sobre os violadores. À sua frente, ele vislumbrou a Torre do Elefante, cuja silhueta tenebrosa se destacava no céu. Ele se perguntava por que aquela torre se chamava assim. Ninguém sabia. Jamais havia visto um elefante, mas entendia vagamente que era um animal monstruoso, que tinha uma cauda na frente e outra, pequena, atrás. Quem lhe contara isto fora um shemita nômade, jurando que havia visto milhares desses animais no país dos hirkanianos; mas todos sabiam como eram mentirosos esses homens de Shem. De qualquer forma, não havia elefantes em Zamora.

A torre erguia-se como gelo ao encontro das estrelas. À luz do sol, reluzia de maneira tão estonteante que poucos aguentavam olhar para ela, e os homens diziam que era feita de prata. Era redonda, um cilindro delgado e perfeito, com quarenta e cinco metros de altura, e sua borda incrustada com enormes pedras preciosas brilhava à luz das estrelas. A Torre se erguia entre as exóticas árvores ondulantes de um jardim cultivado bem acima do nível geral da cidade. Um muro alto circundava esse jardim, e fora dos muros havia um nível inferior, também cercado por um muro. Nenhuma luz ardia na Torre; parecia que ela não tinha janelas, ao menos não acima da altura no muro interno. Bem mais acima, somente as pedras preciosas reluziam geladas à luz das estrelas.

Um matagal espesso crescia do lado de fora do muro externo, mais baixo. O cimério arrastou-se furtivamente até a barreira e parou, medindo-a com o olhar. Era alta, mas ele seria capaz de pular e se agarrar na beirada. Depois, seria brincadeira de criança içar-se e pular por cima do muro, e ele não duvidava que pudesse passar pelo muro interior da mesma maneira. Mas Conan hesitava ao pensar sobre os estranhos perigos que se dizia que o aguardariam do lado de dentro. Essas pessoas eram-lhe estranhas e misteriosas; não pertenciam a sua espécie — nem mesmo eram do seu sangue, como os britunianos mais a oeste, os nemédios, os kothianos e os aquilonianos, cujos mistérios civilizados o haviam assombrado no passado. O povo de Zamora era muito antigo e, pelo que tinha visto, muito mau.

Ele pensou em Yara, o sumo sacerdote, que elaborava estranhas destruições nessa torre ornamentada, e os cabelos do cimério se eriçaram quando ele se lembrou de uma história contada por um pajem embriagado da corte zamoriana — de como Yara, rindo na cara de um príncipe hostil, erguera uma pedra preciosa reluzente e maléfica diante dele, e de como essa pedra infernal emitira raios ofuscantes que envolveram o príncipe, que caiu aos berros e se encolheu até virar um montículo seco e enegrecido; depois esse montículo se transformou numa aranha negra que, após correr selvagememente pelo salão, foi terminar esmagada sob o calcanhar de Yara.

Yara não costumava sair de sua torre de feitiços, e sempre que o fazia era para fazer o mal para algum homem ou alguma nação. O rei de Zamora tinha mais medo dele do que da morte, e se mantinha embriagado a maior parte do tempo, porque este medo era tão grande que só podia aguentá-lo neste estado de torpor. Yara era muito velho — tinha séculos de idade, assim diziam os homens, acrescentado que iria viver para sempre por causa

do feitiço de sua pedra preciosa, que os homens chamavam de Coração do Elefante; por essa razão, chamaram o seu refúgio de Torre do Elefante.

O cimério, absorto nesses pensamentos, de repente se colou ao muro. Havia alguém caminhando a passos medidos dentro do jardim. Ouviu o tilintar do aço. Então, afinal, havia de fato guardas naquele jardim. O cimério esperou pelos seus passos na ronda seguinte; mas o silêncio se estendia sobre os jardins cheios de mistério.

Finalmente, a curiosidade tomou conta dele. Saltando com leveza, agarrou o muro e se jogou no topo. Deitado sobre a beirada larga, observou o espaço vazio entre os muros, com apenas alguns arbustos cuidadosamente aparados perto do muro interno. A luz das estrelas caía sobre o gramado regular e ouvia-se o borbulhar de uma fonte invisível.

O cimério se abaixou cautelosamente para o lado de dentro e desembainhou a espada, olhando ao redor. Nervoso por estar desprotegido à luz das estrelas, caminhou pé ante pé ao longo da curva do muro, tateando, até se aproximar dos arbustos que havia notado antes. Então, correu agachado em sua direção e quase atropelou um vulto deitado à beira dos arbustos.

Uma rápida olhada à direita e à esquerda não revelou nenhum inimigo — pelo menos à vista — e ele se curvou para investigar. Seus olhos vivos, mesmo na penumbra, mostraram-lhe um homem robusto vestido com a armadura prateada e com o capacete em pontas da guarda real de Zamora. Um escudo e uma lança jaziam a seu lado, e num instante percebeu que o homem havia sido estrangulado. O bárbaro olhou ao redor, indeciso. Ele sabia que o homem devia ser o guarda que ele havia escutado passar por seu esconderijo ao lado do muro. Nesse curto intervalo, mãos desconhecidas haviam estrangulado o soldado.

Forçando os olhos na penumbra, viu um indício de movimento nos arbustos perto do muro. Mergulhou naquela direção, segurando a espada com força. Não fez mais ruído do que uma pantera esgueirando-se pela noite e, no entanto, o homem que ele estava espreitando o ouvira. O cimério sentiu alívio ao perceber que pelo menos era um ser humano; em seguida, num sobressalto de pânico, o camarada deu um rápido giro, fez menção de se lançar para a frente, as mãos cerradas, mas quando a lâmina do cimério reluziu à luz das estrelas, recuou. Por um tenso instante nenhum deles falou, os dois prontos para qualquer coisa.

— Você não é soldado! — sibilou o estranho finalmente — É um ladrão como eu.

— E quem é você? — perguntou o cimério, num sussurro cheio de suspeitas.

— Taurus da Nemédia.

O cimério abaixou sua espada.

— Já ouvi falar de você. Chamam-no de Príncipe dos Ladrões.

Uma risada baixa foi a resposta. Taurus era tão alto como o cimério, porém mais pesado; gordo, tinha o ventre grande, mas cada movimento seu era imbuído de um sutil magnetismo dinâmico, que se refletia em seus olhos penetrantes e brilhantes, cheios de vitalidade. Ele estava descalço e carregava um rolo que parecia uma corda fina e forte, com nós amarrados a intervalos regulares.

— Quem é você? — sussurrou ele.

— Conan, da Ciméria — respondeu o outro — Estou procurando uma maneira de roubar a jóia de Yara, que os homens chamam de Coração do Elefante.

Conan percebeu que o ventre enorme do homem se sacudiu com o riso, mas não era um riso de desprezo.

— Por Bel, deus dos ladrões! — sussurrou Taurus — Pensei que somente eu tivesse a coragem de tentar essa façanha. Esses zamorianos se denominam ladrões... bah! Conan, gosto de sua audácia. Eu nunca compartilhei uma aventura com alguém; mas, por Bel, tentaremos isso juntos, se você quiser.

— Então você também está atrás da jóia?

— Que lhe parece? Planejei tudo durante meses; mas você, meu amigo, acho que agiu por impulso.

— Você matou o soldado?

— É claro. Passei pelo muro quando ele estava do outro lado do jardim. Escondi-me nos arbustos; ele me ouviu, ou pensou que tivesse ouvido alguma coisa. Quando veio procurando, não foi difícil esgueirar-me atrás dele e agarrar de repente seu pescoço para estrangulá-lo. Ele estava como a maioria dos homens, meio cego na escuridão. Um bom ladrão deve ter os olhos de um gato.

— Você cometeu um único erro — disse Conan. Os olhos de Taurus faiscaram.

— Eu? Eu, um erro? Impossível!

— Você devia ter arrastado o corpo para dentro dos arbustos.

— Disse o aprendiz ao mestre da arte. Eles só trocarão a guarda depois da meia-noite. Se alguém vier à sua procura agora e encontrar o corpo, irá correndo avisar Yara, e assim teremos tempo para fugir. Se não o encontrassem, iriam bater nos arbustos e nos apanhariam como ratos numa ratoeira.

— Você tem razão — concordou Conan.

— Então. Agora preste atenção. Estamos perdendo tempo com essa maldita discussão. Não há guardas no jardim interno, guardas humanos, quero dizer, embora haja sentinelas ainda mais mortíferas. Foi isso que me barrou tanto tempo, mas finalmente descobri uma maneira de dominá-las.

— E os soldados na parte inferior da torre?

— O velho Yara mora nos aposentos superiores. É por aquele caminho que iremos, e voltaremos, assim espero. Não se preocupe em me perguntar como. Eu arrumei um jeito. Vamos nos esgueirar pelo topo da torre e estrangular o velho Yara antes que ele possa lançar um de seus malditos feitiços sobre nós. Pelo menos vamos tentar; é o risco de sermos transformados numa aranha ou num sapo, contra a riqueza e o poder do mundo. Todos os bons ladrões devem saber se arriscar.

— Eu irei até onde um homem pode ir — disse Conan, tirando as sandálias.

— Então, siga-me — e, voltando-se, Taurus saltou para cima, agarrou o muro e subiu. A agilidade do homem era espantosa, considerando o seu tamanho; ele parecia quase deslizar por cima da beirada do muro. Conan o seguiu e, deitados sobre o topo largo, falaram por sussurros.

— Não vejo luz alguma — murmurou Conan. A parte inferior da torre parecia-se muito com aquela porção visível do lado de fora do muro — É um perfeito cilindro reluzente, sem nenhuma abertura visível.

— Existem portas e janelas disfarçadas — respondeu Taurus -, mas estão fechadas. Os soldados respiram o ar que vem de cima.

O jardim era uma poça nebulosa de sombras, onde arbustos fofos e árvores baixas e frondosas acenavam à luz das estrelas. A alma cansada de Conan sentia a ameaça que espreitava no jardim. Ele sentia a presença de olhos invisíveis queimando na escuridão e percebeu um cheiro sutil que eriçou seus cabelos instintivamente como o cheiro de um velho inimigo eriça o pêlo de um cão de caça.

— Siga-me — sussurrou Taurus — Fique atrás de mim, se dá valor a vida.

Tirando do seu cinto algo que se parecia com um tubo de cobre, o nemédio andou pé ante pé até o gramado do lado de dentro do muro. Conan o seguia de perto, a espada de prontidão, mas Taurus empurrou-o para trás, para perto do muro, e não mostrou nenhuma tendência em avançar. Sua atitude toda era de tensa expectativa, e seu olhar, assim como o de Conan, estava fixo na massa sombria dos arbustos a alguns passos dali. Esses arbustos se mexiam, embora a brisa tivesse parado de soprar. Então, dois olhos enormes faiscaram das sombras ondulantes e, atrás deles, outras línguas de fogo brilharam na escuridão.

— Leões! — murmurou Conan.

— Sim. De dia, eles são guardados nas cavernas subterrâneas abaixo da torre. É por isso que não há guardas humanos nesse jardim.

Conan contou rapidamente os olhos

— Cinco à vista; talvez mais deles atrás dos arbustos. Eles vão atacar num minuto...

— Fique quieto! — sibilou Taurus, e desprendendo-se do muro, cautelosamente, como se estivesse caminhando em cima de navalhas, ergueu o tubo delgado. Ouviram-se grunhidos baixos nas sombras, e os olhos chamejantes se adiantaram. Conan podia ver as enormes mandíbulas salivantes, as caudas com tufos na ponta batendo nos flancos escuros. A tensão aumentava — o cimério agarrou sua espada, esperando o ataque daqueles corpos gigantesco. Então Taurus soprou o tubo com força. Um longo jato de pó amarelado saiu do outro lado do tubo e se transformou instantaneamente numa espessa nuvem verde-amarelada que se instalou sobre os arbustos, escondendo os olhos faiscantes.

Taurus voltou correndo até o muro. Conan olhava sem entender. A nuvem espessa escondia os arbustos, e de lá não vinha som algum.

— O que é esta névoa? — perguntou o cimério, hesitante.

— Morte! — sibilou o nemédio — Se um vento soprá-la em cima de nós, devemos fugir o mais depressa que pudermos para o outro lado do muro. Mas não, o vento está parado, e agora a névoa está se dissipando. Espere até que desapareça por completo. Respirar isto é morte certa.

No momento, restavam apenas alguns resíduos amarelados suspensos no ar como fantasmas; em seguida desapareceram, e Taurus impeliu seu companheiro para a frente. Eles se esgueiraram em direção aos arbustos, e

Conan parou estupefato. Cinco enormes vultos marrons estavam estendidos nas sombras; o fogo de seus olhos sinistros estava apagado para sempre. Um cheiro adocicado, enjoativo, ainda pairava no ar.

— Eles morreram sem fazer ruído algum! — murmurou o cimério — Taurus, o que era aquele pó?

— Era feito do lótus negro, cujas flores crescem nas selvas perdidas de Khitai, onde moram apenas os sacerdotes de crânio amarelo de Yun. Essas flores matam quem as cheirar.

Conan ajoelhou-se ao lado das enormes formas, certificando-se que estavam realmente inofensivas. Ele sacudia a cabeça; a magia das terras exóticas era misteriosa e terrível para o bárbaro vindo do norte.

— Por que você não mata os soldados da torre da mesma maneira? — perguntou ele.

— Porque era tudo o que eu tinha. Obter esse pó foi uma façanha que por si só me tornou famoso entre os ladrões do mundo. Eu o roubei de uma caravana que se dirigia para a Stygia; estava num saco de tecido dourado, guardado por uma enorme serpente. E consegui tirá-lo sem despertá-la. Mas venha, em nome de Bel! Vamos desperdiçar a noite discutindo?

Eles deslizaram pelos arbustos até o pé da torre reluzente, e ali, com um gesto pedindo silêncio, Taurus desenrolou sua corda de nós, que tinha em uma das extremidades um forte gancho de aço. Conan percebeu seu plano e não fez perguntas, enquanto o nemédio agarrava a corda um pouco abaixo do gancho e começava a girá-la acima da cabeça. Conan colou o ouvido no muro liso, mas não ouvia nada. Evidentemente os soldados que estavam dentro não suspeitavam da presença de invasores, que não faziam mais barulho do que o vento noturno soprando entre as árvores. Mas um nervosismo estranho tomou conta do bárbaro; talvez fosse o cheiro de leão que predominava no local.

Taurus jogou a corda com um movimento poderoso e suave de seu braço musculoso. O gancho curvou-se pra cima e para dentro, de uma maneira peculiar, difícil de descrever, e desapareceu por cima da borda ornamentada. Aparentemente, se firmou bem, pois os puxões vigorosos não o tiraram do lugar.

— Sorte no primeiro arremesso! — murmurou Taurus — Eu...

Foi o instinto selvagem de Conan que o fez girar abruptamente; pois a morte que estava sobre eles aproximara-se em total silêncio. Um relance instantâneo mostrou ao cimério a gigantesca forma escura, erguendo-se

contra as estrelas, prestes a desferir o golpe mortal. Nenhum homem civilizado poderia ter se movido com a metade da rapidez do bárbaro. Sua espada relampejou como gelo à luz das estrelas, impulsionada por cada grama de nervos e músculos desesperados, e homem e animal caíram juntos.

Praguejando incoerentemente, Taurus curvou-se sobre a massa e viu seu companheiro debater-se, tentando se livrar do enorme peso que o esmagava. Num relance, o nemédio espantado viu que o leão estava morto, com o crânio despedaçado. Ele agarrou a carcaça e, com sua ajuda, Conan rastejou para o lado e se ergueu, ainda agarrando sua espada gotejante.

— Você está ferido? — arfou Taurus, ainda confuso com a estonteante rapidez do episódio.

— Não, por Crom! — respondeu o bárbaro — Mas foi por um triz. Porque esse maldito animal não rugiu quando nos atacou?

— Todas as coisas neste jardim são estranhas. — disse Taurus — Os leões atacam silenciosamente, assim como outras mortes. Vamos, houve pouco barulho nessa matança, mas os soldados podem ter ouvido, se não estiverem dormindo ou embriagados. Esse animal estava em algum outro lugar do jardim e escapou da morte causada pelo veneno, mas certamente não há mais leões. Devemos subir por essa corda; não preciso perguntar a um cimério se ele consegue.

— Se ela aguentar o meu peso — grunhiu Conan, limpando sua espada na grama.

— Ela aguenta três vezes o meu — respondeu Taurus — Foi tecida com tranças de mulheres mortas, roubadas de seus túmulos à noite. Para torná-la ainda mais forte, eu a mergulhei no vinho mortífero das árvores upas. Eu vou primeiro, me siga de perto.

O nemédio agarrou a corda e, apoiando o joelho numa laçada, começou a subida; ele subia como um gato, compensando seu corpo aparentemente desajeitado. O cimério o seguiu. A corda balançava e girava em torno de si mesma, mas os dois não se deixaram intimidar; ambos já haviam realizado escaladas muito mais difíceis. A borda ornada projetava-se perpendicularmente ao muro, de maneira que a corda pendia talvez a uma distância de meio metro do lado da torre, fato que facilitava enormemente a subida.

Enquanto os dois subiam silenciosamente, as luzes da cidade foram se afastando mais e mais, as estrelas acima deles iam ficando cada vez mais

ofuscadas pelo brilho das jóias ao longo da borda. Então, Taurus alcançou-a com a mão, içando-se para cima. Conan se deteve por um momento na beirada, fascinado com as enormes pedras preciosas cujo brilho gelado ofuscava seus olhos — diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, turquesas, opalas, incrustadas como estrelas na prata reluzente. Ao longe, seus reflexos diferentes pareciam fundir-se num único brilho branco pulsante; mas agora, de perto, elas brilhavam com um milhão de tons espectro, hipnotizando-o com suas cintilações.

— Aqui há uma fortuna fabulosa, Taurus — sussurrou ele.

Mas o nemédio respondeu impaciente:

— Vamos! Se conseguirmos o Coração, essas e todas as outras coisas serão nossas.

Conan passou por cima da beirada reluzente. O nível do topo da torre estava alguns metros abaixo da beirada ornamentada. Era liso, composto de alguma substância azul-escura, incrustada do ouro que refletia a luz das estrelas, de maneira que o topo se parecia com uma enorme safira salpicada com pó de ouro. Do outro lado, por onde eles haviam entrado, havia uma espécie de sala construída sobre o telhado. Era de um material prateado, semelhante ao das paredes da torre, adornada com desenhos trabalhados em pedras menores; sua única porta era de ouro, com a superfície recortada em escamas e incrustada com pedras preciosas que reluziam como gelo.

Conan lançou um olhar no oceano pulsante de luzes que se estendia abaixo deles, e em seguida olhou para Taurus. O nemédio recolhia e enrolava a corda. Ele mostrou a Conan onde o gancho havia se fixado. Uma fração de centímetro da ponta havia se enterrado sob uma enorme pedra preciosa do lado de dentro da borda.

— A sorte estava de novo do nosso lado — murmurou ele — Nosso peso poderia ter arrancado esta pedra. Siga-me; os verdadeiros riscos da aventura começam agora. Estamos na toca da serpente, e não sabemos onde ela está escondida.

Arrastaram-se como tigres pelo chão escuro e pararam diante da porta de ouro. Com toda a cautela, Taurus tentou abri-la. Ela cedeu sem oferecer resistência alguma, e os companheiros espiaram para dentro, tensos, esperando por qualquer coisa. Por cima do ombro do nemédio, Conan viu uma câmara reluzente, as paredes, o teto e o chão na qual se incrustavam enormes pedras brancas, que pareciam ser sua única iluminação. Não se via ser vivo algum.

— Antes de cortar nossa única via de retirada — sussurrou Taurus -, vá até a borda e olhe em todas as direções; se avistar um soldado nos jardins, ou qualquer coisa suspeita, volte e me avise. Vou esperar por você nesta sala.

Conan não viu razão alguma para fazer isto, e uma leve suspeita de seu companheiro tocou sua alma cansada, mas ele fez o que Taurus pedira. Quando saiu, o nemédio deslizou para dentro e fechou a porta. Conan rastejou por toda a volta da borda da torre, voltando para o ponto de início sem ter visto nenhum movimento suspeito no mar ondulante de folhas embaixo. Voltou para a porta — de repente, dentro da sala, ouviu-se um grito estrangulado.

O cimério saltou para a frente, eletrificado. A porta reluzente abriu— se, e lá estava Taurus, emoldurado pelo frio esplendor às suas costas. Ele cambaleou e entreabriu os lábios, mas somente um engasgo seco saiu de sua garganta. Agarrando-se à porta dourada, ele precipitou-se para o telhado e em seguida caiu de cabeça, apertando a garganta. A porta se fechou atrás dele.

Conan, agachando-se como uma pantera à espreita, nada viu na sala atrás do nemédio atingido, durante o breve instante em que a porta ficou entreaberta — a não ser por um truque de luz que fez parecer como se uma sombra passasse pelo chão reluzente. Nada seguiu Taurus até o telhado, e Conan curvou-se sobre o homem.

O nemédio estava de olhos arregalados, as pupilas dilatadas, cheias de confusão e espanto. Suas mãos apertavam a garganta, os lábios tremiam e balbuciavam algo incompreensível; em seguida, ele ficou inerte, e o espantado cimério percebeu que Taurus estava morto, sem saber o que o havia atingido. Conan fixou os olhos na misteriosa porta dourada. Naquela sala vazia, com suas reluzentes paredes ornadas de jóias, a morte havia alcançado o príncipe dos ladrões tão rápida e misteriosamente quanto ele havia matado os leões no jardim abaixo.

Hesitante, o bárbaro passou as mãos sobre o corpo seminu do homem, procurando uma ferida. Mas as únicas marcas de violência que encontrou entre os ombros, perto da base de seu pescoço taurino, foram três pequenas feridas, que pareciam ter sido feitas por três unhas enterradas na carne. A pele em volta dessas feridas estava enegrecida, e exalava um leve cheiro de putrefação. Dados envenenados? — pensou Conan. Mas nesse caso, eles ainda deveriam estar nos ferimentos.

Cautelosamente, ele se esgueirou em direção à porta dourada, empurrou-a e espiou para dentro. A sala estava vazia, banhada pela luz pulsante e fria de milhares de pedras preciosas. No centro do teto havia um desenho esquisito, um padrão octogonal em preto, no centro do qual havia quatro pedras preciosas que emitiam uma chama vermelha diferente do brilho branco das outras pedras. Do outro lado do quarto havia outra porta, semelhante àquela onde ele estava, mas não estava esculpida em escamas. Foi por aquela porta que a morte havia surgido? E, uma vez tendo atingido sua vítima, voltara pelo mesmo caminho?

Fechando a porta atrás de si, o cimério avançou pela câmara. Seus pés descalços não faziam ruído sobre o chão de cristal. Não havia cadeiras nem mesas, somente três ou quatro divãs de seda, com estranhos desenhos bordados a ouro, e vários baús de mogno emoldurados com prata. Alguns estavam trancados com pesados cadeados de ouro; outros estavam abertos, com suas tampas entalhadas caídas para trás, revelando montes de jóias numa confusão de esplendor aos olhos espantados do cimério. Conan praguejou; ele já havia visto mais riqueza naquela noite do que jamais sonhara existir no mundo inteiro, e ficou tonto, de pensar no valor da jóia que estava procurando.

Agora ele estava no centro do quarto, caminhando inclinado para a frente, a cabeça erguida, e a espada de prontidão, quando de novo, a morte atacou em silêncio. Uma sombra esvoaçante que varreu o chão polido foi o único aviso, e o salto instintivo para o lado foi o que salvou sua vida. Ele viu de relance um terror negro e peludo que passou por ele com um barulho de presas mortíferas, e algo que queimava como gotas de fogo infernal caiu em cima de seu ombro nu. Pulando para trás com a espada erguida, ele viu o terror bater no chão, girar e lançar-se contra ele com uma rapidez incrível. Era uma gigantesca aranha negra, igual ao que se vê apenas em pesadelos.

Era do tamanho de um porco, e suas oito patas grossas e peludas carregavam seu corpo repulsivo com a cabeça na frente; seus quatro olhos maldosos brilhavam com uma terrível inteligência, e de suas presas gotejava o veneno que Conan sabia, pela queimação em seu ombro, estar carregado de morte instantânea. Este era o assassino que havia se precipitado da teia pendurada no meio do teto sobre o pescoço do nemédio. Tolos foram eles por não terem suspeitado que as câmaras superiores estariam tão bem guardadas quanto as inferiores!

Esses pensamentos passaram de relance pela mente de Conan, enquanto o monstro avançava. Ele pulou para o alto e o monstro passou por baixo dele, girou e atacou novamente. Dessa vez, ele também evitou o ataque, pulando para o lado e defendendo-se como um gato. Sua espada decepcionou uma das pernas peludas, e novamente ele se salvou por um triz do ataque do monstro, que o ameaçava com as presas estalando diabolicamente. Mas a criatura não voltou a atacar; deu-lhe as costas, passou correndo pelo chão de cristal e subiu pela parede até o teto, de onde, por alguns instantes, ficou estudando-o com seus diabólicos olhos vermelhos. Em seguida, sem aviso, lançou-se pelo espaço, soltando um fio cinzento e pegajoso.

Conan recuou, evitando o impacto do corpo; em seguida abaixou-se desesperadamente, a tempo de escapar de ser aprisionado pelo fio de teia. Ele viu a intenção do monstro e pulou em direção à porta, mas esse foi mais rápido, e um fio pegajoso lançado contra a saída aprisionou-o. Ele não ousava cortá-lo com sua espada, pois sabia que o fio grudaria na lâmina; e, antes de conseguir livrá-la, o inimigo estaria enterrando as presas nas suas costas.

Então, começou um jogo desesperado, com a astúcia e a rapidez do homem contra a arte e rapidez diabólicas da aranha gigantesca. A aranha já não mais desferia ataques diretos correndo pelo chão, nem lançava-se pelo espaço em sua direção. Ela corria pelo teto e pelas paredes, tentando prendê-lo nos fios gosmentos que lançava com precisão diabólica. Esses fios tinham a grossura de uma corda, e Conan sabia que uma vez enrolados nele, sua força desesperada não seria suficiente para rompê-los antes que o monstro voltasse a atacar.

Essa dança macabra ocupava o espaço inteiro da sala, no mais completo silêncio, quebrado apenas pela respiração ofegante do homem, o arrastar de seus pés descalços sobre o chão reluzente, e o tinido das presas do monstro. Os fios cinzentos caíam em rolos sobre o chão, com a ponta presa na parede; cobriam os baús de jóias e os divãs de seda; e pendiam como festões sombrios no teto ornamentado. A rapidez do olhar agudo e dos músculos de Conan, o mantinham incólume, embora os anéis pegajosos passassem tão próximo dele que chegavam a raspar na sua cabeleira desprotegida. Ele sabia que não seria capaz de evitá-los todos; tinha de ficar atento não apenas nos fios pendurados no teto, mas também no chão, para não tropeçar nos laços espalhados por ali. Mais cedo ou mais tarde, um laço

grudento iria envolvê-lo como um abraço de jibóia, e assim, enrolado como um casulo, ele estaria à mercê do monstro.

A aranha correu pelo chão da sala, agitando a corda cinzenta atrás de si. Conan pulou para cima e o monstro, com um rápido giro, correu parede acima, e o fio, saltando do chão como se estivesse vivo, enrolou-se em volta do tornozelo do cimério. Ele se apoiou nos braços ao cair, debatendo-se freneticamente para se livrar da teia. O demônio peludo estava descendo a parede para completar a sua captura. Em seu desespero, Conan agarrou um baú de jóias e arremessou-o com toda a sua força contra o monstro. Não era um movimento pelo qual o bicho esperasse. Acertando bem no meio da aranha, esmagou-a contra a parede com um ruído abafado e enjoativo, espirrando sangue e uma substância viscosa esverdeada. O corpo negro esmagado caiu entre o brilho chamejante de jóias que se esparramaram sobre ele; as pernas peludas se agitavam sem objetivo, os olhos vermelhos moribundos brilhavam entre as faiscantes pedras preciosas.

Conan olhou à sua volta, mas nenhum outro terror apareceu, e ele se pôs a tentar livrar-se da teia. A substância grudava tenazmente no tornozelo e nas mãos, mas finalmente ele se libertou e, tomando a espada, esgueirou-se entre os fios e rolos cinzentos até a porta interna. Que horror se esconderia lá dentro ele não sabia. O sangue do cimério estava quente, e já que ele tinha chegado tão longe e vencido tantos perigos, estava decidido a ir até o fim da horrível aventura, qualquer que fosse. E sentia que a jóia que procurava não estava entre as que se espalhavam pela sala reluzente.

Tirando os laços que emaranhavam a porta interna, ele descobriu que, assim como a outra, essa também não estava trancada. Ele se perguntava se os soldados lá embaixo ainda não tinham percebido a sua presença. Bom, ele estava bem acima de suas cabeças, e se as histórias deviam ser acreditadas, os soldados estavam acostumados a ruídos estranhos no alto da torre; sons sinistros e gritos de agonia e terror.

Yara ocupava seus pensamentos, e Conan não estava nem um pouco confortável quando abriu a porta dourada. Mas havia apenas uma escada de degraus prateados que conduzia para baixo, precariamente iluminada de uma maneira que ele não conseguia descobrir. Desceu silenciosamente, espada em punho. Não havia ruído algum; chegou até uma porta de marfim, incrustada com hematitas. Tentou ouvir alguma coisa, mas nenhum som vinha do lado de dentro; somente tênues tufos de fumaça se esticavam preguiçosamente por debaixo da porta, exalando um odor exótico,

desconhecido ao cimério. Abaixo dele, a escada de prata serpenteava para baixo, desaparecendo na penumbra, e nenhum som vinha daquele poço sombrio. Conan tinha um pressentimento sinistro de que estava sozinho numa torre ocupada somente por fantasmas e assombrações.

### III

Cautelosamente, ele empurrou a porta de marfim, que abriu-se silenciosamente. Na reluzente soleira, Conan olhava como um lobo num ambiente estranho, pronto para lutar ou fugir. Era uma grande sala com um teto em abóbada dourada; as paredes eram de jade verde, o chão, de marfim, parcialmente coberto por tapetes espessos. Fumaça e um exótico cheiro de incenso saíam do braseiro apoiado sobre um tripé de ouro, atrás do qual estava sentado um ídolo sobre uma espécie de divã de mármore. Conan olhava estupefato; a imagem tinha o corpo de um homem nu, de cor verde; mas a cabeça era feita de algum pesadelo e loucura. Era grande demais para o corpo humano; não tinha atributos humanos. Conan olhava as grandes orelhas de abano, o nariz enrolado, ladeado por dois chifres brancos com bolas de ouro na ponta. Os olhos estavam fechados, como se a figura estivesse dormindo.

Era essa então a razão do nome Torre do Elefante, pois a cabeça da coisa era muito semelhante às dos animais descritos pelo nômade shemita. Esse era o deus de Yara; onde mais poderia estar a jóia a não ser escondida dentro do ídolo, já que a pedra era chamada de Coração do Elefante?

Quando Conan se aproximou, com os olhos fixos no ídolo imóvel, os olhos da coisa se abriram abruptamente! O cimério ficou paralisado. Não era uma imagem, era um ser vivo, e ele estava encurralado em sua câmara!

O fato de que ele não explodiu no mesmo instante num acesso de frenesi assassino demonstrava o tamanho de seu terror, que o mantinha grudado ao chão. Numa condição dessas, um homem civilizado iria se refugiar na conclusão de estar louco; ao cimério, porém, não ocorreu duvidar de sua sanidade. Ele sabia estar face a face com um demônio do Mundo Antigo, constatação essa que lhe embotou todos os sentidos com exceção da visão.

A tromba da criatura estava erguida interrogativamente, os olhos de topázio fitavam sem ver, e Conan percebeu que o monstro era cego. Com este pensamento, seus nervos congelados se amoleceram, e ele começou a recuar silenciosamente em direção à porta. Mas a criatura ouviu. A tromba sensível se esticou em sua direção, e o terror de Conan o paralisou novamente quando o ser falou, numa voz estranha, trêmula que jamais modificava o tom ou o timbre. O cimério sabia que aquelas mandíbulas não tinham sido feitas para a fala humana.

— Quem está aí? Você veio para me torturar de novo, Yara? Você jamais fica satisfeito? Ó, Yag-Kosha, quando essa agonia terá fim?

Lágrimas rolavam dos olhos cegos da criatura; Conan deteve seu olhar nos membros estendidos sobre o divã de mármore. E percebeu que o monstro não seria capaz de se levantar para atacá-lo. Ele conhecia as marcas da roda de tortura e as cicatrizes do fogo, e por mais que fosse impiedoso, ficou horrorizado com as deformações daqueles que outrora foram membros tão graciosos como os dele próprio. E, de repente, todo o medo e repulsa foram substituídos por uma grande pena. Conan não podia saber o que era esse monstro, mas as evidências de seus sofrimentos eram tão terríveis e patéticas que uma estranha tristeza tomou conta do cimério, sem ele saber por quê. Apenas sentia que estava olhando para uma tragédia cósmica, e encolheu-se de vergonha, como se a culpa de uma raça inteira estivesse sobre os seus ombros.

— Eu não sou Yara — disse ele — Sou apenas um ladrão. Não vou machucá-lo.

— Aproxime-se para que eu possa tocá-lo — implorou a criatura, e Conan se aproximou sem medo, com a espada esquecida na mão. A tromba sensível estendeu-se e apalpou seu rosto e seus ombros, tateando como um cego; um toque leve como o de uma menina.

— Você não pertence à raça diabólica de Yara — suspirou a criatura — Você traz as marcas dos desertos limpos e selvagens. Conheço o seu povo desde um tempo antigo, quando era chamado por outro nome, quando outro mundo erguia seus pináculos ornados para as estrelas... Há sangue em seus dedos.

— Uma aranha na câmara de cima e um leão no jardim — murmurou Conan.

— Você também matou um homem esta noite — respondeu o outro — E há morte no alto da torre. Eu sinto; eu sei.

— Sim — murmurou Conan — O Príncipe dos Ladrões jaz lá em cima, morto pela mordida da aranha.

— Então, então! — a estranha voz não humana elevou-se numa espécie de canto monótono — Uma morte na taverna... uma morte no telhado, eu sei; eu sinto. E a terceira fará a magia que nem mesmo Yara sonha: a magia da libertação, ó deuses verdes de Yag!

Novamente as lágrimas rolaram, enquanto o corpo torturado era embalado por diversas emoções. Conan observava, confuso.

Então as convulsões cresceram; os olhos meigos e cegos voltaram-se para o cimério, a tromba acenou.

— Escute, humano — disse a criatura estranha — Sei que sou repulsivo e monstruoso para você, não é? Não, não precisa responder; eu sei. Mas você também seria para mim, seu eu pudesse vê-lo. Existem incontáveis mundos além dessa Terra e a vida neles assume muitas formas. Eu não sou nem deus nem demônio, mas um ser de carne e osso como você, embora a substância seja em parte diferente e a minha forma tenha sido fundida em outro molde.

"Sou muito velho, ó homem dos países desertos; eras atrás, eu vim para este planeta junto com outros do meu mundo, de um planeta verde chamado Yag, que gira eternamente na orla desse universo. Viemos voando pelo espaço com asas poderosas que nos levaram pelo cosmo mais rápido que a luz, porque fomos banidos depois da derrota numa guerra contra os reis de Yag. Mas jamais pudemos voltar, pois, na Terra, as nossas asas murcharam. Aqui, vivíamos separados da vida terrestre. Lutamos com as estranhas e terríveis formas de vida que andavam pela Terra então, de maneira que nos tornamos temidos e não éramos molestados nas florestas escuras do Oriente onde morávamos.

"Vimos os homens evoluírem dos macacos e construírem as reluzentes cidades de Valúsia, Kamelia, Commoria e suas irmãs. Vimos como elas tremeram por causa dos ataques dos atlantes, pictos e lemurianos pagãos. Vimos os oceanos se erguerem e tragarem a Atlântida e a Lemúria, as ilhas dos pictos e as reluzentes cidades civilizadas. Vimos os sobreviventes de Pictdom e da Atlântida construírem seu império da idade da pedra, para depois caírem na ruína, envolvidos em guerras sangrentas. Vimos os pictos afundarem no abismo da selvageria, os atlantes voltarem ao estado simiesco. Vimos novas levas de migrações de selvagens rumo ao sul, vindas do Círculo Ártico, para construir uma nova civilização, com novos reinos

chamados Nemédia, Koth, Aquilônia e suas irmãs. Vimos o seu povo ascender dos atlantes, que regrediram ao nível dos macacos. Vimos os descendentes dos lemurianos, que haviam sobrevivido ao cataclismo, surgirem de novo como selvagens que migraram para o oeste, com o nome de hirkanianos. E vimos essa raça de demônios, sobreviventes de uma antiga civilização que existia antes da submersão da Atlântida, adquirir de novo a cultura e o poder, que é este maldito reino de Zamora.

"E isso nós vimos, sem ajudar nem atrapalhar o cumprimento da imutável Lei Cósmica, e fomos morrendo um após o outro; pois nós, de Yag, não somos imortais, embora a nossa vida seja longa como a vida dos planetas e das constelações. Por fim somente eu restei, sonhando com os tempos antigos entre os templos em ruínas de Khitai perdido nas florestas, adorado como um deus pela ancestral raça de pele amarela. Então veio Yara, versado no conhecimento oculto transmitido desde os dias da barbárie, desde antes da submersão da Atlântida.

"De início, ele se sentava a meus pés e aprendia sabedoria comigo. Mas não ficava satisfeito com o que eu lhe ensinava, pois era magia branca, e ele queria a sabedoria do mal para escravizar soberanos e satisfazer suas diabólicas satisfações. Eu jamais lhe ensinaria por vontade própria, os negros segredos que aprendi involuntariamente, sem procurá-los.

"Mas ele sabia mais do que eu imaginara; com a maldade obtida entre as tumbas sombrias da escura Stygia, ele me obrigou a lhe passar um segredo que eu não pretendia desvelar; e, voltando meu próprio poder contra mim, ele me escravizou. Ah, deuses de Yag,

minha taça tem sido amarga desde aquela hora!

"Ele me tirou das floretas perdidas de Khitai, onde macacos cinzentos dançavam ao som das flautas dos sacerdotes amarelos, e oferendas de frutas e de vinhos abarrotavam meus altares quebrados. Eu não era mais um deus para o bondoso povo das florestas... eu era o escravo de um demônio em forma humana".

Novamente, lágrimas surgiram nos olhos cegos da criatura.

— Ele me aprisionou nessa torre que, sob seu comando, eu construí em apenas uma noite. Dominou-me pelo fogo e pela roda da tortura, e por outras torturas tão estranhas e extraterrenas que você jamais entenderia. Há muito eu teria acabado com minha vida, se pudesse, mas ele me mantém vivo, aleijado, cego e mutilado — para obedecer às suas ordens nojentas. E durante trezentos anos, eu obedeci às suas ordens, sentado neste divã de

mármore, denegrindo minha alma com pecados cósmicos e manchando minha sabedoria com crimes, porque não tinha outra escolha. No entanto, nem todos os antigos segredos ele conseguiu arrancar de mim, e meu último ato será o feitiço do Sangue e da Jóia.

"Pois sinto que o fim se aproxima. E você é a mão do Destino. Eu lhe peço, pegue a gema sobre aquele altar".

Conan voltou-se para o altar de ouro e marfim indicado, e pegou uma grande pedra redonda e escarlate, límpida como um cristal; e reconheceu que era o Coração do Elefante.

— Por fim, chegou a hora da mais poderosa magia jamais vista até hoje, e que jamais será vista no futuro, por milhares e milhares de milênios. Pelo sangue de minha vida, eu o conjuro, pelo sangue nascido no peito verde de Yag sonhando suspenso na imensidão azul do Espaço.

"Pegue sua espada, humano, e arranque meu coração; em seguida esprema-o deixando o sangue escorrer sobre a pedra vermelha. Desça as escadas e entre na câmara de ébano onde Yara está sentado, envolto nos sonhos malignos do lótus. Pronuncie seu nome e ele acordará. Então coloque esta jóia diante dele, e diga: "Yag— Kosha lhe dá um último presente e um último encantamento". Em seguida, saia rapidamente da torre; não tenha medo, seu caminho estará livre. A vida humana não é igual à vida de Yag, nem a morte humana é igual à morte de Yag. Deixe-me ficar livre dessa prisão de carne alquebrada e cega, e eu serei mais uma vez Yogah de Yag, coroadado pela manhã, reluzente, com asas para voar, pés para dançar, olhos para ver e mãos para tocar".

Conan se aproximou indeciso, e Yag-Kosha, ou Yogah, sentindo sua indecisão, indicou onde ele deveria desferir o golpe. Conan cerrou os dentes e enfiou fundo a espada. O sangue espirrou na lâmina e nas mãos de Conan, o monstro debateu-se em convulsões e depois caiu imóvel para trás. Certificando-se que a vida o tinha deixado, pelo menos a vida como ele a entendia, Conan se pôs a executar a macabra tarefa e rapidamente retirou e rapidamente retirou algo que achava ser o coração da estranha criatura, embora esse fosse diferente de qualquer outro que já tinha visto. Segurando o órgão ainda pulsante sobre a jóia reluzente, ele o espremeu com ambas as mãos, e um jorro de sangue caiu sobre a pedra. Para a sua surpresa, o sangue não escorreu por fora, mas foi absorvido pela pedra como se fosse uma esponja.

Segurando hesitante a jóia, ele saiu da câmara fantástica e chegou até os degraus de prata. Não olhou para trás; instintivamente, ele sentia que estava acontecendo algum tipo de transmutação no corpo estendido sobre o divã de mármore, e sentia também que era do tipo que não devia ser testemunhada por olhos humanos.

Conan fechou a porta de marfim atrás de si e aí, sem hesitar desceu os degraus de prata. Não lhe ocorreu ignorar as instruções que lhe foram dadas. Parou na porta de ébano, no centro da qual havia uma caveira de prata esboçando um sorriso macabro. Abriu a porta e, dentro do aposento de ébano e azeviche, viu uma figura alta reclinada sobre um catre de seda negra. Yara, o sacerdote e feiticeiro, estava deitado com os olhos abertos e dilatados pelos eflúvios do lótus amarelo, com o olhar perdido nos abismos noturnos além do alcance de um simples ser humano.

— Yara! — disse Conan, como um juiz decretando a destruição — Acorde!

No mesmo instante, seus olhos voltaram ao normal, frios e cruéis como os de uma ave de rapina. A figura alta, vestida de seda, ergue— se e ficou bem mais alta que o cimério.

— Cão! — sibilou como uma serpente — O que faz aqui? Conan colocou a jóia sobre a grande mesa de ébano.

— Aquele que mandou essa gema, ordenou-me que dissesse: "Yag— Kosha lhe dá um último presente e um último encantamento".

Yara encolheu-se; seu rosto escuro empalideceu. A jóia deixara de ser límpida como um cristal; suas profundezas lamacentas pulsavam e tremiam, e esquisitas ondas esfumaçadas de cor mutante passavam por sua superfície lisa. Como que hipnotizado, Yara se curvou sobre a mesa e agarrou a gema nas mãos, olhando nas suas profundezas sombrias, como se um imã estivesse atraindo a sua alma trêmula para fora do corpo. E Conan pensou que seus próprios olhos estivessem lhe pregando peças. Pois quando Yara se levantou do divã, parecera gigantesco; agora a cabeça de Yara mal chegava aos seus ombros. Ele piscou, confuso e, pela primeira vez naquela noite, duvidou de seus sentidos. Então, percebeu, chocado, que o sacerdote estava encolhendo cada vez mais diante de seus olhos.

Conan continuou olhando sem se emocionar, como um homem observa um jogo; imerso num sentimento de irrealidade esmagadora, o cimério não estava mais certo de sua própria identidade; percebeu que estava olhando

para evidências externas de um combate invisível entre forças imensas, muito além de sua compreensão.

Agora Yara não era maior que uma criança; depois do tamanho de um bebê, ele esticou-se sobre a mesa, ainda segurando a jóia. Súbito, percebendo o seu destino, o feiticeiro levantou-se de um salto, soltando a gema. Ele continuava encolhendo mais ainda, e Conan viu uma minúscula figura correndo loucamente pela mesa de ébano, agitando os minúsculos braços e gritando numa voz que parecia o guinchar de um inseto.

Agora ele estava encolhido até o ponto em que a enorme jóia se erguia acima dele como uma montanha. Conan viu como ele cobriu os olhos com as mãos para se proteger da luz, cambaleando como um louco. O cimério sentiu que alguma força magnética invisível atraía Yara para a gema. Três vezes ele correu ao redor dela num círculo cada vez mais fechado, três vezes ele tentou voltar-se e correr para o outro lado da mesa; em seguida, com um grito quase inaudível que ecoou nos ouvidos do observador, o sacerdote jogou os braços para cima e correu direto para o globo chamejante.

Curvando-se, Conan viu Yara rastejar por cima da superfície lisa e curva como um homem que realiza a impossível façanha de escalar uma montanha de vidro. Agora o sacerdote estava em pé sobre o topo, ainda com os braços erguidos, invocando nomes sinistros que apenas os deuses conhecem. E de repente, ele afundou no centro da jóia como um homem afunda no mar, e ondas de fumaça se fecharam sobre sua cabeça. Agora, no coração rubro da pedra que voltara a ser límpido como um cristal, ele era minúsculo como numa cena distante. E lá dentro apareceu uma figura verde, reluzente, com o corpo de homem e a cabeça de elefante, não mais cego nem aleijado. Yara jogou os braços para cima e fugiu como um louco, com o vingador em seu encalço. Então, a enorme pedra desapareceu como uma bolha de sabão que estoura, num arco-íris de luzes muito brilhantes, e a mesa de ébano ficou vazia, tão vazia como o divã de mármore na sala acima, onde o corpo daquele estranho ser trans— cósmico chamado Yag-Kosha e também Yogah havia estado.

O cimério voltou-se e desceu correndo a escada de prata. Estava tão perplexo que não lhe ocorreu fugir pelo mesmo caminho que usara para entrar na torre. Correndo pelo sinuoso poço de prata, chegou a uma grande sala ao pé dos degraus reluzentes. Deteve-se por um instante; era a sala dos soldados. Viu o brilho de seus peitorais de prata e das suas bainhas ornadas

de jóias. Estavam aglomerados ao redor de uma mesa, com suas plumas escuras ondulando sombriamente acima das cabeças caídas, vestidas com capacetes; eles estavam deitados no meio de seus dados e canecos de vinho espalhados pelo chão de lápis-lazúli manchado de vinho. E Conan sabia que estavam mortos. A promessa havia sido cumprida, a palavra fora mantida. Conan não sabia se foi feitiçaria, ou encantamento ou a sombra das grandes asas verdes que silenciou os inimigos, mas seu caminho havia sido desimpedido. E uma porta de prata estava aberta, emoldurada pela claridade da aurora.

O cimério saiu para os jardins e, quando o vento da aurora soprou sobre ele a fresca fragrância das plantas viçosas, Conan despertou como de um sonho. Voltou-se indeciso, para olhar para a torre enigmática que acabara de deixar. Ele esteve enfeitiçado ou encantado? Será que tudo não passara de um sonho? A torre reluzente, oscilando contra a aurora rubra, com a borda ornada de jóias brilhando sob a luz crescente, desabou, transformando-se num monte de escombros brilhantes.

# O DEUS NA URNA

## *The God in the Bowl*

Arus, o guarda, agarrou sua besta com mãos trêmulas, e sentiu gotas de suor frio brotarem na pele, ao olhar para o feio cadáver estendido no chão polido. Não é nada agradável se deparar com a Morte num lugar solitário no meio da noite.

Arus se postava num corredor vasto, iluminado por velas enormes, colocadas nos nichos ao longo das paredes. Entre os nichos, as paredes eram cobertas por tapeçarias de veludo negro; e, entre essas tapeçarias, pendiam escudos e armas cruzadas de feitio fantástico. Aqui e ali, havia figuras de deuses curiosos — imagens de pedra ou madeira rara, esculpidas em bronze, ferro ou prata —, espelhando-se no chão negro de mogno.

Arus estremeceu. Ele jamais conseguira se acostumar ao lugar, embora estivesse trabalhando como guarda já havia alguns meses. O grande museu e casa de antiguidades, que os homens chamavam de Templo de Kallian Publico, era um edifício antigo cheio raridades vindas de todas as partes do mundo — e agora, na solidão da meia—noite, Arus estava no enorme salão silencioso, olhando para o cadáver do que havia sido o rico e poderoso proprietário do Templo.

Até o cérebro obtuso do guarda entendia que o homem estava com uma aparência muito estranha, diferente daquela de quando cavalgava ao longo do Caminho Palian em sua carruagem dourada, arrogante e dominador, com seus olhos escuros brilhando com vitalidade magnética. Os homens que odiavam Kallian Publico mal o reconheceriam agora, jogado como um monte de gordura desintegrada, com seu rico robe meio arrancado e sua túnica púrpura torcida. O seu rosto estava escuro, os olhos arregalados e a língua esticada para fora da boca aberta. As mãos gorduchas estavam abertas como se num gesto de curiosa futilidade. Pedras preciosas reluziam em seus dedos grossos.

— Por que eles não levaram os anéis? — murmurou o guarda inquieto.

Então ele parou e olhou, os cabelos curtos começando a se eriçar na parte posterior do pescoço. Afastando as cortinas de seda escura que escondiam uma das muitas portas que se abriam para a sala, surgiu uma figura.

Arus viu um jovem alto, forte, vestido apenas com uma tanga e sandálias amarradas nos tornozelos. Sua pele estava tostada, como que pelo sol do deserto, e Arus olhou nervosamente para seus ombros largos, peito maciço e braços pesados. Um único olhar para as feições taciturnas e as sobrancelhas largas, mostrava ao guarda que o homem não era um nemédio. Debaixo de uma negra cabeleira desgrenhada ardia um par de perigosos olhos azuis. Uma espada comprida, enfiada numa bainha de couro desgastado, pendia de seu cinto.

Arus sentiu um arrepio na pele e, tenso, dedilhou sua besta, meio indeciso entre atirar um dardo no corpo do estranho sem avisar, e o medo do que pudesse acontecer se falhasse em matá-lo no primeiro tiro.

O estranho olhou para o corpo no chão, mais curioso do que surpreso.

— Por que você o matou? — perguntou Arus, nervoso.

— Eu não o matei. — respondeu o outro, sacudindo a cabeça desgrenhada, e falando em Nemédio com um sotaque bárbaro — Quem é ele?

— Kallian Publico. — respondeu Arus, recuando.

— O proprietário desta casa? — perguntou o estranho, com um lampejo de interesse nos taciturnos olhos azuis.

— Sim.

Arus já havia recuado até a parede. Então agarrou uma grossa corda de veludo que estava pendurada ali e sacudiu—a violentamente.

Ouviu-se lá fora, na rua, o som estridente dos sinos que estavam pendurados diante de todas as lojas e estabelecimentos para convocar a guarda.

— Por que você fez isso? — perguntou o estranho surpreendido — Assim vai chamar o guarda!

— Eu é que sou o guarda, velhaco! — respondeu Arus, reunindo coragem — Fique onde está. Não se mova, senão atiro!

Seu dedo tocou o gatilho de sua besta; a maldosa cabeça quadrada da seta apontou diretamente para o peito largo do outro. O estrangeiro franziu a testa e olhou de esguelha para Arus. Não demonstrava medo, mas parecia

hesitar entre obedecer à ordem e arriscar um ataque repentino. Arus lambeu os lábios e seu sangue gelou nas veias, ao perceber claramente que havia um conflito entre precaução e intenção assassina nos olhos nublados do estrangeiro.

Então ele ouviu o estrondo da porta se abrindo e um alarido de vozes, e deu um profundo suspiro de alívio. O estrangeiro se retesou, com o olhar preocupado de um animal encurralado, quando meia dúzia de homens entrou no salão. Todos eles, com exceção de um, usavam a túnica escarlate da guarda numália. Estavam armados com gládios e alabardas — armas de lâminas compridas, meio lanças, meio machados.

— Que trabalho de demônio é este? — exclamou o homem que estava à frente, cujos frios olhos cinzentos e feições bem delineadas e magras, assim como suas vestes de civil, destacavam-no no meio de seus rudes companheiros.

— Por Mitra, Demétrio! — exclamou Arus aliviado — Sem dúvida, a sorte está do meu lado esta noite. Não esperava que a guarda respondesse ao meu chamado com tanta rapidez, nem que você estivesse entre eles!

— Eu estava fazendo a ronda com Dionus. — respondeu Demétrio — Estávamos passando pelo Templo quando o sino de alarme tocou.

Mas quem é este aqui? Por Mitra! É o próprio senhor do Templo!

— Ninguém mais — respondeu Arus —, e foi assassinado de maneira terrível. É meu dever caminhar pelo edifício a noite toda, porque, como você sabe, há uma imensa fortuna armazenada aqui. Kallian Publico tinha patronos ricos... estudiosos, príncipes e ricos colecionadores de raridades. Bem, há apenas alguns minutos, experimentei a porta que se abre para o pórtico e verifiquei que estava fechada apenas com travas: o cadeado estava aberto. A porta tem uma tranca que pode ser aberta dos dois lados, e tem também um enorme cadeado que só pode ser aberto do lado de fora. Somente Kallian Publico tinha a chave desse cadeado, que é a chave pendurada no seu cinto.

"Eu sabia que algo estava errado, pois Kallian sempre trancava a porta com o cadeado grande, quando fechava o Templo, e eu não o vi desde que partiu, no final do dia, para a aldeia nos subúrbios orientais da cidade. Eu tenho a chave que abre a trava; entrei e encontrei o corpo estendido, assim como está agora. Não toquei nele".

— Então — perguntou Demétrio, examinando com seus olhos agudos o estrangeiro sombrio —, quem é este aqui?

— O assassino, sem dúvida! — gritou Arus — Ele surgiu daquela porta ali. É algum tipo de bárbaro do Norte... talvez um hiperbóreo ou um bossoniano.

— Quem é você? — perguntou Demétrio.

— Eu sou Conan, um cimério. — respondeu o bárbaro.

— Foi você que matou este homem? O cimério sacudiu a cabeça.

— Responda-me! — ordenou o inquisidor.

Um laivo de fúria apareceu nos taciturnos olhos azuis.

— Não sou cão!

— Oh, um sujeito insolente! — disse, com um sorriso de escárnio, o companheiro de Demétrio, um homem grande, que usava a insígnia do chefe da guarda — Um ladrão independente! Um desses cidadãos com direitos, hein? Já, já sacudo a impertinência dele. Você aí! Fale! Por que você matou...

— Espere um momento, Dionus. — ordenou Demétrio — Camarada, eu sou o chefe do Conselho de Investigação da cidade de Numália. É melhor você me dizer por que está aqui e, se não for o assassino, então prove.

O cimério hesitou. Ele não demonstrava medo, mas estava um pouco confuso, como um bárbaro fica quando confrontado com as complexidades dos sistemas civilizados, cujo funcionamento é muito misterioso e incompreensível para ele.

— Enquanto ele decide — precipitou-se Demétrio, voltando-se para Arus —, diga-me: você viu Kallian Publico sair do Templo hoje à noite?

— Não; mas ele costuma estar fora quando chego para o meu turno de sentinela. A grande porta estava travada e trancada com o cadeado.

— Ele poderia ter entrado no edifício sem que você o tivesse visto?

— Ora, é possível, mas pouco provável. O Templo é grande, mas eu o percorro em poucos minutos. Se ele tivesse voltado de sua casa de campo, certamente teria vindo em sua carruagem, pois é longe... e quem já viu Kallian Publico viajar de outra maneira? Mesmo se eu estivesse do outro lado do Templo, teria ouvido as rodas da carruagem rangendo sobre os pedregulhos. E não ouvi nada, nem vi qualquer carruagem, exceto as que sempre passam ao longo das ruas logo ao anoitecer.

— E a porta estava trancada no início da noite?

— Juro que sim. Eu testo todas as portas várias vezes durante a noite. A porta estava trancada do lado de fora até talvez uma meia hora atrás, quando foi a última vez que testei antes de descobrir que estava destrancada.

— Você ouviu gritos ou sons de luta?

— Não senhor. Mas isto não é estranho, pois as paredes do Templo são tão grossas que não permitem que nenhum ruído as atravessasse, um efeito aumentado pelas cortinas pesadas.

— Para que todo este incômodo, de fazer perguntas e especulações? — queixou-se o rude prefeito — O nosso homem é este aqui, sem dúvida. Vamos levá-lo à Corte da Justiça; vou arrancar uma confissão dele, mesmo se tiver de esmagar seus ossos.

Demétrio olhou para o bárbaro.

— Você entende o que ele disse? — perguntou o inquisidor — Que é que tem a dizer?

— Que o homem que me tocar, logo em seguida estará cumprimentando seus ancestrais no Inferno. — o cimério rangeu, entre seus dentes poderosos, com os olhos lançando chamas de fúria perigosa.

— Por que você veio até aqui, se não foi para matar este homem? — continuou Demétrio.

— Eu vim para roubar. — respondeu sombriamente o outro.

— Roubar o quê? — perguntou automaticamente o inquisidor.

— Comida. — a resposta veio após um instante de hesitação.

— É mentira! — disse Demétrio — Você sabia que não havia comida aqui. Não minta para mim. Diga-me a verdade ou...

O cimério colocou a mão sobre o punho da espada, e o gesto estava tão carregado de ameaça quanto o arreganhar dos lábios de um tigre, mostrando as presas.

— Poupe suas ameaças para os idiotas que têm medo de você. — grunhiu ele — Não sou nenhum nemédio criado na cidade, para me encolher diante de seus cães amestrados. Já matei homens melhores que você por menos que isso.

Dionus, que abrira a boca para vociferar sua fúria, fechou—a subitamente. Os guardas remexiam indecisos suas alabardas e olhavam para Demétrio, aguardando suas ordens, desnorteados por presenciarem a derrota da toda—poderosa polícia, mas esperavam o comando para apanhar o bárbaro. Mas Demétrio nada fez. Ele conhecia, mesmo que os outros fossem estúpidos demais para percebê-lo, as armadilhas de aço nos músculos de homens como aquele e a rapidez cegante dos homens criados além das fronteiras da civilização, onde a vida era uma batalha contínua pela

existência; e ele não desejava liberar o frenesi bárbaro do cimério, se isso pudesse ser evitado. Além disso, havia uma dúvida em sua mente.

— Eu não o acusei de ter matado Kallian. — retrucou ele — Mas você deve admitir que as aparências o condenam. Como entrou no Templo?

— Eu me escondi na sombra do armazém atrás deste edifício. — respondeu Conan a contragosto — Quando este cão — disse, apontando o polegar para Arus — passou por mim e dobrou a esquina, eu corri e escalei o muro...

— Mentira! — interrompeu Arus — Ninguém consegue subir por aquele muro liso!

— Você nunca viu um cimério escalar um rochedo perpendicular? — perguntou Demétrio — Eu estou conduzindo esta investigação. Continue, Conan.

— O canto é decorado com entalhes. — disse o cimério. — Foi fácil escalar. Alcancei o telhado antes que este cão desse a volta no edifício novamente. Encontrei um alçapão, fechado com uma trava de ferro trancada por dentro. Fui forçado a dobrar a trava em dois com minha espada...

Arus, lembrando-se da grossura da trava, engoliu em seco sem perceber e se afastou do bárbaro, que franziu a testa distraidamente para ele e continuou:

— Temi que o barulho pudesse acordar alguém, mas era um risco que eu tinha de correr. Passei pelo alçapão e entrei num aposento superior. Não parei ali; fui direto até a escada...

— Como é que você sabia onde ficava a escada? Apenas aos empregados de Kallian e seus ricos patronos era permitido o acesso a esses aposentos superiores.

Uma funda obstinação escurecia os olhos de Conan, e ele permaneceu em silêncio.

— O que você fez depois de chegar à escada? — exigiu Demétrio.

— Desci por ela. — balbuciou o cimério — A escada levava ao aposento atrás daquela porta com cortinas. Quando descí as escadas, ouvi uma outra porta se abrindo. Quando olhei através da cortina, vi este cão em pé ao lado do homem morto.

— Por que você saiu de seu esconderijo?

— Estava escuro quando vi o guarda do lado de fora do Templo. Quando eu o vi aqui, achei que fosse um ladrão também. Só quando ele puxou a corda dos sinos e ergueu seu arco, foi que percebi que era o guarda.

— Mas mesmo assim — insistiu o Inquisidor —, por que você se revelou?

— Porque pensei que ele fosse outro ladrão, que veio roubar aquilo que... — o cimério se conteve, como se tivesse falado demais.

— Aquilo que você mesmo veio roubar! — concluiu Demétrio — Você me contou mais do que pretendia! Veio aqui com um propósito definido. Não se deteve, segundo sua própria confissão, nos aposentos superiores onde estão guardadas as maiores riquezas. Você dominava a planta do prédio, e foi enviado aqui por alguém que conhece bem o Templo, para roubar alguma coisa especial!

— E matar Kallian Publico! — exclamou Dionus — Por Mitra, é isso! Peguem-no, homens! Teremos uma confissão antes do amanhecer!

Com uma praga pagã, Conan saltou para trás, sacando a espada com tanta fúria que a lâmina afiada zuniu.

— Para trás, se prezam suas malditas vidas! — grunhiu ele — Só porque ousam torturar lojistas, e desnudar as prostitutas e bater nelas para fazê-las falar, não pensem que podem botar suas patas gordas num homem das colinas! Levarei alguns de vocês comigo até o inferno! É só tocar no seu arco, guarda, que eu arrebento suas entranhas com o meu calcanhar, antes que o turno desta noite acabe!

— Espere! — disse Demétrio — Afaste seus cães, Dionus. Ainda não estou convencido de que ele seja o assassino. Seu idiota — ele acrescentou, num sussurro —; espere até que possamos convocar mais homens, ou o enganarmos, fazendo com que ele abaixe sua espada. — Demétrio não queria anteceder a vantagem de sua mente civilizada, permitindo que a questão mudasse para uma base física, onde a selvagem ferocidade bestial do bárbaro poderia virar a mesa contra ele.

— Muito bem. — grunhiu Dionus, de má vontade — Afastem-se, homens, mas continuem de olho nele.

— Dê-me sua espada. — disse Demétrio.

— Pegue—a se puder. — rosnou Conan.

Demétrio encolheu os ombros.

— Tudo bem. Mas não tente fugir. Há quatro homens com bestas, guardando a casa do lado de fora. Nós sempre lançamos um cordão ao redor de uma casa, antes de a adentrarmos.

O bárbaro abaixou sua lâmina, embora relaxasse apenas de leve seu tenso estado de alerta. Demétrio voltou-se novamente para o cadáver.

— Estrangulado. — murmurou ele — Porque alguém haveria de estrangulá-lo, se um golpe de espada é muito mais rápido e seguro? Esses cimérios são uma raça sangrenta, nascida com uma espada na mão; nunca ouvi falar de um cimério matar um homem desta maneira.

— Talvez para afastar suspeitas. — disse Dionus.

— Possivelmente. — ele tocou o corpo com mãos experientes — Morto há possivelmente meia hora. Se Conan diz a verdade sobre quando entrou no Templo, mal teria tempo para cometer o assassinato antes de Arus entrar. Mas ele pode estar mentindo... pode ter entrado antes.

— Escalei a parede depois que Arus fez a sua última ronda. — grunhiu Conan.

— É o que você diz. — respondeu Demétrio, detendo-se na garganta do morto, que havia sido esmagada até se transformar, literalmente, num monte de carne arroxeadada. A cabeça pendia solta por causa das vértebras quebradas. Demétrio sacudiu a cabeça, duvidando:

— Por que um assassino usaria um cabo aparentemente mais grosso que o braço de um homem? — murmurou — E que aperto terrível teria esmagado o grosso pescoço dele dessa maneira?

Ele se levantou e foi até a porta mais próxima, que se abria para o corredor.

— Aqui perto da porta há uma estátua derrubada de seu pedestal — disse ele —; o chão está arranhado, e as cortinas na soleira estão rasgadas, como se uma mão as tivesse agarrado... talvez em busca de apoio. Kallian Publico deve ter sido atacado nessa sala. Talvez ele tenha tentado escapar do assaltante, ou arrastado o sujeito consigo na fuga. De qualquer maneira, ele correu cambaleando no corredor, onde o assassino deve tê-lo seguido e acabado com ele.

— E se este pagão não for o assassino, então onde está ele? — exigiu o prefeito.

— Ainda não descartei o cimério. — disse o inquisidor — Mas investigaremos aquele aposento...

Ele se deteve, virou-se e ficou escutando. Da rua, vinha o rangido de rodas de carruagem, que se aproximou e cessou rapidamente.

— Dionus! — bramiu o inquisidor — Mandê dois homens atrás dessa carruagem. Traga o condutor até aqui.

— Pelo ruído — disse Arus, que conhecia bem todos os sons da rua —, eu diria que ela parou na frente da casa de Promero, do lado oposto da rua

onde fica a loja do mercador de seda.

— Quem é Promero? — perguntou Demétrio.

— É o escrivão—chefe de Kallian Publico.

— Mande buscá-lo junto com o condutor. — disse Demétrio — Vamos esperar que eles cheguem, antes de examinarmos aquela sala.

Dois guardas foram enviados. Demétrio ainda estudava o corpo; Dionus, Arus e os outros policiais observavam Conan, que estava em pé com a espada na mão, como uma ameaçadora estátua de bronze. Então ecoaram passos de pés calçados com sandálias, e dois guardas entraram com um homem robusto, de pele escura, usando o capacete e a túnica de um cocheiro, com um chicote na mão, e um indivíduo pequeno, tímido, típico da classe que, saída das fileiras dos artesãos, fornece seus serviços para ricos mercadores e comerciantes. O homenzinho retraiu-se com um grito ao ver o volume estendido no chão.

— Oh, eu sabia que o mal acabaria acontecendo! — choramingou ele.

— Você é Promero, o escrivão—chefe, suponho. E você?

— Enaro, cocheiro de Kallian Publico.

— Você não parece muito impressionado com o cadáver dele. — observou Demétrio.

Os olhos escuros de Enaro faiscaram.

— Por que haveria eu de ficar impressionado? Alguém fez o que eu sempre quis fazer, mas nunca tive coragem.

— Então! — murmurou o inquisidor — Você é um homem livre?

Os olhos de Enaro estavam amargos quando ele afastou a túnica, descobrindo seu ombro onde havia a marca do escravo devedor.

— Você sabia que seu senhor vinha aqui hoje à noite?

— Não. Eu trouxe a carruagem até o Templo hoje à noite para ele, como de costume. Ele entrou e eu dirigi até a sua casa de campo. Entretanto, antes de chegarmos ao Caminho Palian, ele mandou que voltássemos. Parecia muito agitado.

— E você o levou de volta para o Templo?

— Não. Ele ordenou que eu parasse na casa de Promero. Lá, ele me dispensou, e mandou que eu voltasse para buscá-lo logo após a meia-noite.

— Que horas eram?

— Pouco depois do escurecer. As ruas estavam quase desertas.

— O que você fez em seguida?

— Voltei ao alojamento de escravos, onde fiquei até a hora de voltar à casa de Promero. Então parti direto para lá, e seus homens me agarraram quando eu falava com Promero na porta de sua casa.

— Você tem alguma idéia do motivo pelo qual Kallian foi à casa de Promero?

— Ele não falava de seus negócios com os escravos. Demétrio voltou-se para Promero.

— O que você sabe sobre isso?

— Nada. — os dentes do vendedor tremiam ao falar.

— Kallian Publico foi até a sua casa, conforme diz o cocheiro?

— Sim.

— Quanto tempo ele ficou lá?

— Só alguns minutos. Depois foi embora.

— Ele foi para o Templo, depois de deixar a sua casa?

— Não sei! — disse o escrivão numa voz aguda e alterada.

— Por que ele foi até a sua casa?

— Para... para falar de negócios comigo.

— Você está mentindo. — disse Demétrio — Por que ele foi até a sua casa?

— Eu não sei! Não sei de nada! — Promero ficava cada vez mais histérico — Não tenho nada a ver com isso...

— Obrigue-o a falar, Dionus. — falou bruscamente Demétrio, e Dionus grunhiu e acenou para um de seus homens, que, com um sorriso selvagem, aproximou-se dos dois prisioneiros.

— Vocês sabem quem eu sou? — grunhiu ele, esticando o pescoço e fitando de forma dominante sua presa encolhida de medo.

— Você é Posthumo. — respondeu o cocheiro, de modo taciturno — Você arrancou o olho de uma moça na Corte da Justiça, porque ela se recusava a incriminar o amante.

— Eu sempre consigo o que quero! — vociferou o guarda, as veias inchando no seu pescoço grosso e seu rosto ficando roxo, quando ele agarrou o pobre escrivão pelo colarinho da túnica, torcendo-o de maneira que o homem ficou quase sufocado.

— Fale, rato! — grunhiu ele — Responda ao inquisidor!

— Oh, por Mitra, piedade! — berrou o coitado — Eu juro...

Posthumo bateu com violência em uma de suas faces, depois na outra, e prosseguiu o interrogatório jogando-o no chão e o chutando com precisão

maldosa.

— Piedade! — gemeu a vítima — Eu conto, eu conto qualquer coisa...

— Então se levante, seu bastardo! — vociferou Posthumo, inchando em arrogância — Não fique deitado aí chorando!

Dionus lançou um rápido olhar para Conan, para ver se ele estava impressionado.

— Veja o que acontece com aqueles que desacatam a polícia. — disse ele.

Conan cuspiu, com uma zombaria de cruel desprezo ao escrivão que gemia.

— Ele é um fraco e um tolo. — grunhiu ele — Se um de vocês tocar em mim, espalho suas entranhas pelo chão.

— Você está pronto para falar? — perguntou Demétrio, cansado. Ele achava estas cenas entediadas.

— Tudo o que sei — soluçou o escrivão, pondo-se de pé com dificuldade, ganindo como um cão que apanhou — é que Kallian foi até a minha casa, pouco depois que eu cheguei; saí do templo junto com ele, quando ele mandou embora sua carruagem. Ele ameaçou me demitir se eu dissesse qualquer coisa a respeito disso. Sou um homem pobre, meus senhores, não tenho amigos nem vantagens. Sem a minha posição junto a ele, morreria de fome.

— O que tenho eu a ver com isso? — disse Demétrio — Quanto tempo ele ficou na sua casa?

— Até talvez as onze e meia. Em seguida ele saiu, dizendo que estava indo para o Templo e iria voltar depois de fazer o que pretendia.

— O que ele pretendia fazer lá?

Promero hesitava em revelar os segredos de seu empregador, mas ao olhar, trêmulo, para Posthumo, que sorria maldosamente com o enorme punho cerrado, logo abriu a boca.

— Havia algo no Templo que ele queria examinar.

— Mas por que ele viria aqui sozinho, e em tamanho segredo?

— Porque a coisa não lhe pertencia. Chegou de madrugada, com uma caravana vinda do sul. Os homens da caravana nada sabiam a respeito disso, exceto que essa coisa fora confiada a eles pelos homens de uma caravana da Stygia, e que se destinava a Kalanthes de Hanumar, sacerdote de Íbis. O senhor da caravana havia sido pago por aqueles homens para levá-la diretamente para Kalanthes, mas, tratante por natureza, queria continuar

direto para a Aquilônia pela estrada que não passa por Hanumar. Então ele perguntou se podia deixá-la no Templo até que Kalanthes mandasse buscá-la.

"Kallian concordou e disse—lhe que ele mesmo mandaria um criado informar Kalanthes. Mas, depois que os homens haviam partido e falei do mensageiro, Kallian me proibiu de mandá-lo. Ele ficou matutando sobre o que os homens haviam deixado.

— E o que era isso?

— Uma espécie de sarcófago, igual ao que se encontra nos antigos túmulos stígios. Mas este era redondo, como uma tigela de metal com tampa. Era feita de algo semelhante ao cobre, mas mais duro, e tinha hieróglifos gravados iguais aos que se encontram nos antigos menires no sul da Stygia. A tampa estava bem fixada por tiras entalhadas, semelhantes ao cobre.

— O que havia dentro dela?

— Os homens da caravana não sabiam. Aqueles que lhes tinham dado a tigela disseram que era uma relíquia de incalculável valor, encontrada entre os túmulos bem abaixo das pirâmides e enviada para Kalanthes "por causa do amor que o remetente dedicava ao sacerdote de Íbis". Kallian Publico acreditava que ela continha o diadema dos reis gigantes, dos povos que habitavam aquela terra escura antes que os antepassados dos stígios chegassem. Ele me mostrou um desenho gravado na tampa, o qual ele jurava ter a forma do diadema, que, segundo as lendas, era usado pelos reis—monstros.

"Ele queria abrir a Tigela para ver o seu conteúdo. Enlouquecia-o a idéia do fabuloso diadema, incrustado com estranhas pedras preciosas conhecidas apenas pela raça antiga, das quais uma única valeria mais do que todas as pedras do mundo moderno.

"Eu o preveni para não fazê-lo. Mas, ele continuou em minha casa, como já havia dito e, pouco antes da meia-noite, foi sozinho ao Templo, escondendo-se nas sombras até o guarda passar para o outro lado do edifício; depois entrou, usando a chave que trazia na cintura. Fiquei nas sombras da loja de sedas, observando-o até ele entrar, e depois voltei para casa. Se ele encontrasse o diadema na Tigela, ou qualquer outra coisa de grande valor, pretendia escondê-lo em algum lugar no Templo e depois, sem que ninguém percebesse, tirá-lo de lá. Na manhã seguinte, faria uma grande gritaria, diria que ladrões haviam invadido sua casa e roubado a propriedade

de Kalanthes. Ninguém saberia de sua trapaça além do condutor da carruagem e de mim, e nenhum de nós iria traí-lo".

— Mas e o guarda? — contestou Demétrio.

— Kallian não pretendia ser visto por ele; planejava mandar crucifica-lo como cúmplice dos ladrões. — respondeu Promero. Arus engoliu em seco e empalideceu, quando percebeu o quanto era corrupto seu empregador.

— Onde está este sarcófago? — perguntou Demétrio. Promero apontou, o inquisidor resmungou — Então! O mesmo aposento no qual Kallian deve ter sido atacado.

Promero empalideceu e torceu as mãos magras.

— Por que um homem da Stygia mandaria um presente para Kalanthes? Deuses antigos e múmias esquisitas já vieram pelas estradas das caravanas antes, mas quem é que ama tanto o sacerdote de Íbis na Stygia, onde as pessoas ainda adoram o arquidemônio Set, que serpenteia entre os túmulos na escuridão? O deus Íbis está em constante luta com Set desde a aurora da Terra, e Kalanthes passou a vida inteira combatendo os sacerdotes de Set. Há alguma coisa obscura e oculta nisso tudo.

— Mostre—nos este sarcófago. — ordenou Demétrio, e Promero foi à frente, hesitante. Todos o seguiram, inclusive Conan, que nem parecia notar como os guardas o olhavam, e parecia apenas curioso. Eles passaram pelas cortinas rasgadas e entraram no aposento, que estava mais escuro do que o corredor. As portas dos dois lados conduziam para outros aposentos, e as paredes estavam cobertas de imagens fantásticas, de deuses de terras estranhas e povos distantes. Promero deu um grito agudo.

— Olhem! A tigela! Está aberta... e vazia!

No centro da sala, havia um estranho cilindro negro, de mais ou menos um metro e meio de altura e uns 90 centímetros de diâmetro na sua parte mais larga. A pesada tampa entalhada jazia no chão, e ao lado dela um martelo e um formão. Demétrio olhou dentro da tigela, perplexo por um instante com os obscuros hieróglifos, e voltou-se para Conan.

— É isto o que você veio roubar?

— Como é que eu conseguiria levá-la embora? É grande demais para um homem carregar.

— As faixas foram cortadas com este formão — comentou Demétrio —; e com pressa. Há marcas do martelo que errou o alvo ao bater no metal. Podemos supor que Kallian abriu a Tigela. Alguém devia estar se escondendo por perto... possivelmente atrás das cortinas da porta. Quando

Kallian conseguiu abrir a Tigela, o assassino lançou-se sobre ele... ou pode ter matado Kallian e aberto ele mesmo a Tigela.

— Isto é uma coisa sinistra. — arrepiou-se o escrivão — É muito antigo para ser sagrado. Quem é que já viu um metal assim num mundo são? Parece mais duro do que o aço da Aquilônia, mas veja como está corroído e desgastado, com manchas. Vejam os pedaços de bolor negro, nos entalhes dos hieróglifos; têm o mesmo cheiro que a terra exala bem abaixo da superfície. E vejam... aqui, na tampa! — O escrivão apontou com o dedo trêmulo — O que vocês diriam que é?

Demétrio curvou-se perto do desenho gravado.

— Eu diria que representa uma espécie de coroa. — grunhiu ele.

— Não! — exclamou Promero — Avisei Kallian, mas ele não quis acreditar em mim! É uma serpente escamosa e enrolada, com a cauda na boca. É o sinal de Set, a Velha Serpente, o deus dos stígios! Esta Tigela é muito antiga para um mundo humano; é uma relíquia do tempo em que Set caminhava pela Terra em forma humana. Talvez a raça que surgira de sua semente guardasse os ossos de seus reis em caixas como esta!

— E você diria que aqueles ossos ressecados se ergueram, estrangularam Kallian Publico e depois foram embora? — zombou Demétrio.

— Não era um ser humano o que foi colocado para descansar nesta tigela. — sussurrou o escrivão, com olhos arregalados e fixos no objeto — Que tipo de homem caberia nisto aqui?

Demétrio praguejou repulsivamente.

— Se o cimério não é o assassino — ele falou bruscamente —, o autor disto ainda está em algum lugar neste edifício. Dionus e Arus, fiquem aqui comigo, e vocês três, prisioneiros, fiquem aqui também. O resto de vocês faça uma busca na casa! Se o assassino fugiu antes que Arus encontrasse o corpo, somente poderia fugir pelo mesmo caminho pelo qual Conan entrou, e neste caso o bárbaro o teria visto, se ele estiver dizendo a verdade.

— Não vi ninguém além deste cão. — grunhiu Conan, apontando para Arus.

— É claro que não, porque você é o assassino. — disse Dionus — Estamos perdendo tempo, mas vamos fazer uma busca por formalidade. E, se não encontrarmos ninguém, prometo que você será queimado! Lembre-se da lei, meu selvagem de cabelos negros: por matar um artesão, você vai para as minas; por um comerciante, você é enforcado; um nobre, você é queimado!

Conan arreganhou os lábios, mostrando os dentes, como resposta. Os homens começaram sua busca. Ouviam-se seus passos para cima e para baixo pelos aposentos, movendo objetos, abrindo portas e gritando uns para os outros.

— Conan — disse Demétrio —, você sabe o que significa se eles não acharem ninguém?

— Eu não matei esse homem. — rosnou o cimério — Mas, se ele tentasse me impedir, eu teria partido seu crânio; mas não o vi até que dei com o seu cadáver.

— Sei que, no mínimo, alguém o mandou aqui para roubar. — disse Demétrio — Por causa do seu silêncio, você se incrimina neste assassinato também. O simples fato de você estar aqui é suficiente para mandá-lo para as minas por dez anos, admita você a culpa ou não. Mas, se contar a história toda, poderá se salvar do enforcamento.

— Bem — respondeu o bárbaro a contragosto —, vim aqui roubar a taça de diamantes zamorianos. Um homem me deu um mapa do Templo e me disse onde procurá-la. Ela fica guardada nesse aposento — apontou Conan —, num nicho no chão debaixo de um deus de cobre shemita.

— Ele fala a verdade quanto a isso. — disse Promero — Pensei que nem chegasse a meia dúzia os homens que conheceriam o segredo desse esconderijo.

— E depois de roubá-la — disse Dionus com um riso de desprezo —, você realmente a levaria para o homem que o empregou? Ou iria guardá-la para você mesmo?

Novamente, os olhos ardentes faiscaram com ressentimento.

— Não sou um cachorro. — murmurou o bárbaro — Mantenho minha palavra.

— Quem o mandou aqui? — exigiu Demétrio, mas Conan se manteve num teimoso silêncio. Os guardas estavam voltando de sua busca.

— Não há ninguém escondido nessa casa. — grunhiram — Vasculhamos tudo. Encontramos o alçapão no telhado pelo qual o bárbaro entrou e a trava que ele cortou ao meio. Um homem que fugisse por aquele caminho teria sido visto pelos guardas, a não ser que ele tenha fugido antes que chegássemos. Além disso, ele teria que empilhar mobília para atingir o alçapão e isto não foi feito. Por que não poderia sair pela porta da frente, antes que Arus desse a volta no edifício?

— Porque a porta estava travada por dentro, e, das únicas chaves que abrem aquela trava, uma delas está com Arus e a outra ainda está pendurada no cinto de Kallian Publico.

— Achei a corda que o assassino usou. — anunciou um deles — Um cabo preto, mais grosso que o braço de um homem, e curiosamente manchado.

— Onde está ele, então, seu idiota? — exclamou Dionus.

— No aposento pegado a este. — respondeu o guarda — Está enrolado num pilar de mármore, e não tenho dúvida de que o assassino achou que ele não seria visto. Não consegui alcançá-lo, mas deve ser ele.

Ele conduziu os outros para o aposento cheio de estátuas de mármore, e apontou para a coluna alta — uma das muitas que serviam mais para ornamento e encaixe de estátuas, do que para fins práticos. E então, ele parou e arregalou os olhos.

— Não está mais aí! — gritou.

— Ela nunca esteve aí. — bufou Dionus.

— Por Mitra, estava sim! — jurou o guarda — Enrolada ao redor do pilar, acima daquelas folhas esculpidas. Estava tão escuro aí em cima que eu mal conseguia vê-la, mas estava lá.

— Você está bêbado. — disse Demétrio, voltando-se — É muito alto para um homem conseguir chegar até aí, e ninguém além de uma serpente conseguiria subir por este pilar liso.

— Um cimério conseguiria. — murmurou um dos homens.

— É possível. E se Conan estrangulou Kallian, amarrou o cabo ao redor do pilar, atravessou o corredor e se escondeu no aposento onde fica a escada, como então ele poderia ter retirado o cabo depois de você tê-lo visto? Ele esteve conosco desde que Arus encontrou o corpo. Não, eu lhe afirmo que Conan não cometeu o assassinato. Acredito que o verdadeiro assassino matou Kallian para apoderar-se do que quer que estivesse na Tigela, e está metido agora em algum esconderijo secreto do Templo. Se não conseguirmos achá-lo, teremos de culpar o bárbaro para satisfazer a justiça; mas... onde está Promero?

Eles voltaram até o lugar onde estava o cadáver, no corredor. Dionus berrou ameaçadoramente para Promero, e o escrivão veio do aposento no qual estava a Tigela vazia. Ele tremia e seu rosto estava pálido.

— Que foi agora, homem? — exclamou Demétrio irritado.

— Encontrei um símbolo no fundo da Tigela! — gaguejou Promero — Não é um hieróglifo antigo, mas um símbolo que foi gravado recentemente! A marca de Thoth-Amon, o feiticeiro stígio, inimigo mortal de Kalanthes! Ele encontrou a tigela em alguma caverna sinistra debaixo das pirâmides assombradas! Os deuses dos tempos antigos não morriam como morrem os homens; eles caíam em sono profundo e seus adoradores os trancavam em sarcófagos, para que nenhuma mão estranha pudesse perturbar seu sono! Thoth-Amon mandou a morte para Kalanthes... a cobiça de Kallian fez com que ele soltasse este horror... e ele está à espreita em algum lugar perto de nós. Agora mesmo, ele pode estar rastejando em nossa direção...

— Seu tolo gaguejante! — trovejou Dionus repugnado, dando—lhe uma forte bofetada na boca. Dionus era um materialista, com pouca paciência para estranhas especulações.

— Bem. Demétrio — disse ele, voltando-se para o inquisidor —; não vejo nada que se possa fazer, a não ser prender o bárbaro...

O cimério gritou subitamente, e eles se viraram. Ele estava de olhos arregalados, voltados para a porta de um aposento contíguo à sala das estátuas.

— Vejam! — exclamou ele — Vi algo se movendo naquela sala; vi através das cortinas. Algo que atravessou o chão como uma grande sombra escura!

— Bah! — bufou Posthumo — Nós investigamos aquela sala...

— Ele viu alguma coisa! — berrou Promero com voz estridente e histérica — Este lugar está amaldiçoado! Algo saiu do sarcófago e matou Kallian Publico! Esta coisa se escondeu onde nenhum homem se esconderia, e agora espreita naquele aposento! Mitra nos defenda dos poderes das Trevas! — disse, agarrando a manga de Dionus — Investigue aquela sala de novo!

O prefeito sacudia o escrivão de forma abjeta, e Posthumo inspirou-se a um lampejo de humor:

— Você mesmo vai investigá-la, escrivão! — ele disse, agarrando Promero pelo colarinho e pelo cinto, e empurrando até a porta o pobre coitado que berrava, lançando-o para dentro da sala com tanta violência que o escrivão caiu e ficou meio atordoado.

— Basta disso. — grunhiu Dionus, fitando o silencioso cimério. O prefeito ergueu a mão, quando foi interrompido pela entrada de um guarda, arrastando uma figura delgada e ricamente vestida.

— Eu o vi andando furtivamente atrás do Templo. — disse o guarda, esperando por aprovação. Em vez disso, recebeu xingamentos que fizeram seus cabelos eriçarem.

— Liberte esse senhor, seu tolo! — gritou o prefeito — Você não conhece Aztrias Petanius, sobrinho do governador da cidade?

O guarda, envergonhado, largou o cativo enquanto o jovem nobre esfregava com cuidado sua manga bordada.

— Guarde suas desculpas, meu bom Dionus. — ele murmurou afetadamente — Tudo pelo dever, eu sei. Eu estava voltando para casa de uma farra, caminhando para libertar meu cérebro dos vapores do vinho. Que temos aqui? Por Mitra, é um assassinato?

— É um assassinato, meu senhor. — respondeu o prefeito — Mas temos um suspeito que, embora Demétrio pareça ter dúvidas sobre o assunto, com certeza irá para a fogueira por isso.

— Um bruto com aparência maléfica. — murmurou o jovem aristocrata

— Como podem duvidar de sua culpa? Jamais vi uma fisionomia tão maldosa.

— Sim, você viu, seu cão perfumado. — bufou o cimério —, quando me contratou para roubar a taça zamoriana para você. Farra, hein? Bah! Você estava esperando nas sombras por mim, para eu lhe entregar o fruto do roubo. Eu não teria revelado seu nome, se você falasse bem de mim. Agora, conte para esses cães que me viu escalando o muro depois que o guarda fez a sua última ronda; assim, eles saberão que não tive tempo para matar este suíno gordo antes que Arus entrasse e encontrasse o corpo.

Demétrio deu uma rápida olhada para Aztrias, que não mudou de cor.

— Se o que ele diz for verdade, meu senhor — disse o inquisidor —, isto o isenta da culpa, e podemos abafar facilmente o assunto da tentativa de roubo. O cimério ganha dez anos de trabalhos forçados por invadir uma casa; mas, se você quiser, arranjaremos a fuga dele e ninguém além de nós saberá disso. Entendo... você não é o primeiro jovem nobre que teve de recorrer a estes meios para pagar dívidas de jogo e coisas assim, mas pode contar com a nossa discrição.

Conan olhou esperançoso para o jovem nobre, mas Aztrias encolheu seus magros ombros e cobriu um bocejo com a delicada mão branca.

— Eu não o conheço. — respondeu — Ele é um louco em dizer que eu o empreguei. Que receba o que merece. Ele tem costas fortes; o trabalho nas minas lhe fará bem.

Os olhos de Conan arderam, e ele olhava como se tivesse sido picado. Os guardas ficaram tensos, agarrando suas alabardas; em seguida relaxaram quando ele repentinamente deixou cair a cabeça, como se estivesse resignado; nem mesmo Demétrio sabia se ele estava ou não observando-os debaixo de suas pesadas sobranceiras negras, com olhos que eram fendas de fogueiras azuis.

O cimério investiu sem nenhum aviso, como uma serpente dando o bote; sua espada reluziu à luz das velas. Aztrias soltou um grito e sua cabeça rolou de seus ombros num jorro de sangue, seus traços paralisados numa branca máscara de terror. Conan girou como um felino e investiu mortalmente nas entranhas do inquisidor. O retraimento instintivo de Demétrio mal evitou a ponta, que afundou em sua coxa, bateu do osso e atravessou sua perna. Demétrio caiu sobre um joelho, com um gemido de agonia.

Conan não parou. A alabarda que Dionus ergueu salvou o crânio do prefeito da lâmina sibilante, que se desviou levemente ao cortar a haste da alabarda, errando o alvo dirigido para a cabeça, e decepou a orelha direita do prefeito. A velocidade estonteante do bárbaro paralisou a guarda. Pegos de surpresa e entorpecidos por sua rapidez e ferocidade, metade deles estaria derrubada antes de ter a chance de se defender, se não fosse o corpulento Posthumo que, mais por sorte do que por habilidade, jogou os braços ao redor do cimério, imobilizando o braço que segurava a espada. A mão esquerda de Conan arremeteu-se contra a cabeça do guarda, e Posthumo caiu gritando e se contorcendo no chão, apertando a órbita vermelha gotejante onde antes havia um olho.

Conan se defendia das alabardas que voavam ao seu redor. Com um pulo, saiu do meio da roda de seus inimigos e se postou onde Arus estava tateando por sua besta. Um chute violento no ventre derrubou Arus, que ficou com o rosto esverdeado e ânsia de vômito, e o calcanhar da sandália de Conan esmagou a boca do guarda. O pobre coitado gritou em meio a uma ruína de dentes despedaçados, o sangue jorrando de seus lábios esmagados.

Em seguida, todos ficaram paralisados de horror por causa de um grito de sacudir a alma, que vinha do aposento no qual Posthumo tinha jogado Promero. O escrivão veio cambaleando pela porta com cortina de veludo e parou, sacudido por grandes soluços silenciosos; lágrimas escorriam por seu

rosto enrugado e pingavam de seus lábios trêmulos e moles; parecia um bebê idiota chorando.

Todos se detiveram espantados a olhar para ele — Conan, com sua espada gotejando; a polícia, com suas alabardas erguidas; Demétrio, agachado no chão e tentando estancar o sangue que esguichava da enorme ferida em sua coxa; Dionus, apertando o toco ensanguentado de sua orelha; Arus, chorando e cuspidando pedaços de dentes quebrados — até Posthumo parou com seus uivos e piscava choramingando, através da névoa sangrenta que lhe cobria a meia— visão.

Promero cambaleou até o corredor e caiu num baque surdo diante deles. Gritando em meio a uma insuportável gargalhada aguda de loucura, ele soltou um grito estridente:

— O deus tem um pescoço longo! Há, há, há! Oh, um longo, maldito pescoço longo!

Em seguida, depois de uma convulsão aterradora, ele enrijeceu com um sorriso vago nos lábios, os olhos fixos no teto em sombras.

— O homem está morto! — sussurrou Dionus pasmado, esquecendo-se de sua própria ferida e do bárbaro que estava parado ao seu lado com a espada gotejante. Ele se curvou sobre o corpo e em seguida se endireitou, com seus olhos de porco arregalados — Ele não está ferido. Em nome de Mitra, o que é que tem naquele aposento?

Então todos eles, tomados pelo terror, precipitaram-se berrando pela porta afora, formando um tumulto de empurrões e colisões, e saindo de lá como loucos. Arus os seguiu, e Posthumo se ergueu cambaleante e foi tropeçando meio cego atrás deles, guinchando como um porco ferido e implorando—lhes que não o deixassem para trás. Ele caiu, foi chutado e pisoteado por aqueles que gritavam de medo. Mesmo assim, rastejou atrás deles, seguido por Demétrio, que mancava apertando sua coxa jorrando sangue. O inquisidor tinha a coragem para enfrentar o desconhecido, mas estava enfraquecido e ferido, e a espada que o derrubara ainda estava perto dele. Agarrando a coxa que esguichava sangue, ele cambaleou atrás de seus companheiros. A guarda, o condutor da carruagem e os vigias, feridos ou não, precipitaram-se berrando para a rua, onde os homens que guardavam a casa foram tomados de pânico e se juntaram à fuga, sem esperar para perguntar por quê.

Conan ficou sozinho no corredor, diante dos três cadáveres no chão. O bárbaro ajeitou a espada na mão e entrou no aposento. Dentro dele havia

ricas tapeçarias de seda; almofadas e leitos de seda estavam espalhados numa profusão descuidada e, acima de um pesado biombo dourado, um Rosto fitava o cimério.

Conan fitou, maravilhado, a beleza fria e clássica daquele rosto, que não se parecia com nada que ele vira entre os filhos dos homens. Nem fraqueza, nem misericórdia, nem crueldade, nem bondade, nenhuma emoção humana transparecia naqueles traços. Poderiam ser a máscara de mármore de um deus, esculpida pela mão de um mestre, a não ser pela presença inconfundível de vida neles — vida fria e estranha, que o cimério jamais conhecera e que não podia entender. Passou—lhe pela cabeça como seria o corpo escondido atrás do painel; devia ser perfeito, ele pensou, pois o rosto era de uma beleza não-humana.

Mas ele conseguia ver apenas a face divina, que oscilava de um lado a outro. Os lábios cheios se abriram e pronunciaram uma única palavra, num tom rico e vibrante, igual aos sinos de ouro que tocam nos templos de Khitai, perdidos na selva. Era uma língua desconhecida, esquecida antes que os reinos dos homens surgissem, mas Conan sabia o que significava: — Venha!

E o cimério se aproximou, com um salto desesperado e um corte sibilante de sua espada. A bela cabeça voou do topo do biombo, num jorro de sangue negro, e caiu aos seus pés; ele recuou, temeroso de tocá-la. Então, sua pele se arrepiou, pois o painel estremeceu com as convulsões de algo que estava atrás. Ele já havia visto e ouvido muitos homens morrendo, e jamais havia ouvido um ser humano emitir sons assim em seus estertores de morte. Havia um ruído de bater e se arrastar, como se um grande cabo estivesse sendo violentamente chicoteado.

Por fim, os movimentos cessaram, e Conan olhou cautelosamente atrás do biombo. Então, todo o horror daquilo tudo tomou conta do cimério, e ele fugiu, sem diminuir a corrida, até que as torres de Numália desaparecessem na aurora atrás dele. Pensar em Set era como um pesadelo, assim como pensar nos filhos de Set que outrora reinavam na Terra e que agora dormiam nas cavernas soturnas debaixo das negras pirâmides. Atrás daquele painel dourado não havia um corpo humano — somente os brilhantes anéis sem cabeça de uma gigantesca serpente.

# COLOSSO NEGRO

## *Black Colossus*

O interesse de Rufia parece ter durado apenas o intervalo de tempo em que Conan trazia a pilhagem de Asgalun, ou talvez ele a tenha trocado por um cavalo melhor antes de entrar para o serviço de Amalric da Nemédia, general mercenário da princesa do pequeno reino fronteiro de Khoraja. Aqui, ele logo sobe ao posto de capitão. O irmão de Yasmela, o rei de Khoraja, está prisioneiro em Ophir, e as fronteiras do reino são atacadas por forças nômades reunidas por um misterioso feiticeiro velado, Natohk.

*“A Noite do Poder, quando o Destino caminhava pelos corredores do inundo como um colosso recém-levantado de um antiqüíssimo trono de granito,..”*

*E. Hoffmann Price. A Garota de Samarcand*

## I

Apenas o silêncio sepulcral pairava sobre as misteriosas ruínas de Kuthchemes, mas o Medo estava lá; o Medo palpitava na mente de Shevatas, o ladrão, tornando-lhe a respiração rápida e os dentes cerrados.

Ele permanecia ali, ele, o único átomo de vida em meio aos colossais monumentos de desolação e decadência. Nem mesmo um urubu, tal qual um ponto negro, salpicava a vasta abóbada azul do céu, que o sol esmaltava com seu calor.

De todo lado erguiam-se os restos sombrios de uma outra e esquecida era: enormes pilares quebrados, lançando seus pináculos entalhados em direção ao céu; longas linhas irregulares de paredes caindo aos pedaços; blocos de pedra ciclóticos tombados; ídolos despedaçados, cujas feições horrendas haviam sido atenuadas pela corrosão dos ventos e das tempestades de areia. De horizonte a horizonte, nenhum sinal de vida; apenas a vastidão assustadora do deserto, cortada pela tortuosa linha de um rio seco há muito tempo. No meio da imensidão, as garras pontiagudas das ruínas, as colunas erguidas como mastros rompidos de navios naufragados. E tudo isso dominado pelo enorme domo de marfim diante do qual Shevatas tremia agora.

A base desse domo era um pedestal de mármore gigantesco, erguendo-se do que um dia havia sido um terraço projetado sobre as margens do antigo rio. De graus largos conduziam a uma grande porta de bronze no domo, que repousava sobre sua base como a metade de algum ovo titânico. O domo em si era de puro marfim, brilhante como se mãos desconhecidas o mantivessem sempre polido.

Também reluziam a ponta dourada espiralada do pináculo e a inscrição que se estendia pela curvatura do domo em metros de hieróglifos dourados. Nenhum homem na terra havia conseguido ler aqueles caracteres, mas Shevatas estremeceu diante das conjecturas sombrias que eles despertavam. Porque ele vinha de uma raça muito antiga, cujos mitos remontavam a formas nem sequer sonhadas pelas tribos contemporâneas.

Shevatas era esguio e ágil, como convinha a um mestre ladrão de Zamora. Tinha a pequena cabeça redonda raspada e sua única roupa era uma tanga de seda escarlate. Como todos os de sua raça, possuía pele bem escura e olhos negros aguçados que realçavam o rosto estreito de abutre. Seus dedos longos, finos e inquietos eram rápidos, nervosos como as asas de uma mariposa. Do cinto de escamas douradas pendia uma espada curta e estreita, com o punho cravejado de jóias, em uma bainha de couro ornamentada. Shevatas tratava a arma com um cuidado aparentemente

exagerado. Parecia até mesmo se encolher para evitar o contato dela com sua coxa nua. Mas essa cautela não acontecia sem razão.

Aquele era Shevatas, o ladrão dos ladrões, cujo nome se pronunciava com admiração nos antros do bairro do Marreta e nos recessos sombrios sob os templos de Bel, e que vivia nos cânticos e na mitologia havia mil anos. No entanto, o medo lhe corroía o coração diante do enorme domo de marfim de Kuthchemes. Qualquer tolo poderia ver que havia algo sobrenatural naquela estrutura; ela fora açoitada pelos ventos e os sóis de 3 mil anos; no entanto, o ouro e o marfim brilhavam e reluziam nela como no dia em que se erguera por mãos anônimas, nas margens de um rio também sem nome.

Aquela qualidade sobrenatural combinava com a aura em torno das ruínas mal-assombradas. O deserto era o misterioso vazio que se estendia a sudeste das terras de Shem. Shevatas sabia que uma jornada de poucos dias no lombo de um camelo na direção sudoeste levaria o viajante ao grande rio Styx, no ponto em que ele se curvava em ângulo reto em relação a seu curso anterior e seguia para oeste até desembocar, por fim, no oceano distante. No local dessa curva, começavam as terras da Stygia, a sombria senhora do sul, cujos domínios, banhados pelo grande rio, erguiam-se à margem do deserto circundante.

Para leste, Shevatas sabia, o deserto terminava nas estepes que prosseguiram até o reino hirkaniano de Turan, florescente em esplendor bárbaro nas margens do grande mar interior. A uma semana de viagem para o norte, o deserto se encontrava com um aglomerado de colinas áridas, além das quais ficavam os planaltos férteis de Koth, o reino mais meridional das raças hiborianas. A oeste, o deserto fundia-se com as planícies de Shem, que se estendiam ao longe até o oceano.

Tudo isso Shevatas sabia sem estar particularmente consciente de seu saber, do mesmo modo que um homem conhece as ruas de sua cidade. Ele era um viajante de longas jornadas e já havia saqueado os tesouros de muitos reinos. Mas, agora, hesitava e estremecia diante da maior aventura e do mais portentoso de todos os tesouros.

Naquele domo de marfim, estavam os ossos de Thugra Khotan, o terrível feiticeiro que dominara Kuthchemes 3 mil anos atrás, quando os reinos de Stygia e Acheron estendiam-se bem para o norte do grande rio, sobre as

planícies de Shem e os planaltos distantes. Então, a grande migração dos hiborianos descera para o sul, vinda da terra natal da raça no pólo norte. Foi uma migração titânica, que se prolongou por séculos e eras. Mas, no reinado de Thugra Khotan, o último mágico de Kuthchemes, bárbaros de olhos cinzentos e cabelos claros vestidos com peles de lobo e armaduras haviam descido do norte até os ricos planaltos para devastar o reino de Koth com suas espadas de ferro. Invadiram Kuthchemes como uma maré violenta, inundando de sangue as torres de mármore, e o reino de Acheron desabara em fogo e ruínas.

Mas, enquanto eles destroçavam as ruas da cidade e decepavam os arqueiros como se fossem espigas de trigo maduro, Thugra Khotan engoliu um estranho e terrível veneno, e seus sacerdotes mascarados o encerraram em uma tumba que ele mesmo havia preparado. Seus devotos morreram em torno da construção em um holocausto escarlate, mas os bárbaros não conseguiram abrir a porta, nem mesmo danificar a estrutura com marretas ou fogo. Assim, eles foram embora, deixando a grande cidade em ruínas e, em seu sepulcro com dossel de marfim, o grande Thugra Khotan continuou dormindo intocado, enquanto os lagartos da desolação roíam os pilares desmoronados e o próprio rio que havia banhado suas terras em antigos tempos afundava nas areias do deserto e secava.

Muitos ladrões já haviam tentado recuperar o tesouro que, segundo as fábulas, estava empilhado sobre os ossos em decomposição dentro do domo. E muitos ladrões haviam sucumbido à porta do túmulo, e muitos outros tinham sido atormentados por sonhos monstruosos e acabaram mortos com os lábios espumando loucura.

Por isso, Shevatas estremeceu diante do túmulo, e não só por causa da lenda sobre a serpente que, segundo se dizia, guardava os ossos do feiticeiro. Sobre todos os mitos de Thugra Khotan, pairavam o horror e a morte. De onde o ladrão se encontrava, podia ver as ruínas do grande saguão no qual cativos acorrentados haviam se ajoelhado às centenas, durante os festivais, para ter suas cabeças cortadas pelo rei-sacerdote em honra a Set, o deus-serpente de Stygia. Em algum lugar das proximidades, estivera situado o poço escuro e terrível onde vítimas, aos gritos, eram

lançadas como alimento para um monstro amorfo e sem nome que saía de uma caverna mais infernalmente profunda. As lendas haviam tornado Thugra Khotan sobre-humano; e ele ainda era venerado num culto degradado, híbrido, durante o qual os devotos imprimiam a imagem do feiticeiro em moedas para pagar a passagem de seus mortos pelo grande rio de trevas do qual o Styx era apenas a sombra material. Shevatas vira essa imagem em moedas roubadas sob a língua dos cadáveres, e ela estava gravada de forma indelével em sua mente.

Mas ele deixou de lado seus receios e subiu até a porta de bronze, cuja superfície lisa não oferecia nenhum trinco ou maçaneta. Mas não fora à toa que ele entrara furtivamente em cultos sombrios, escutara os sussurros pavorosos dos devotos de Skelos sob arvoredos à meia-noite e lera os livros proibidos encadernados com ferro de Vathelos o Cego.

Ajoelhando-se diante do portal, ele examinou o batente com os dedos ágeis; seu tato sensível encontrou ranhuras muito diminutas para os olhos detectarem ou dedos menos hábeis perceberem. Pressionou-as com cuidado, seguindo um sistema peculiar, enquanto murmurava antigas palavras rituais. Quando pressionou a última saliência, ele se ergueu com fantástica rapidez e aplicou um golpe seco com a palma da mão aberta no centro exato da porta.

Não se ouviu nenhum ranger de mola ou dobradiça, mas a porta recuou para dentro e Shevatas soltou um suspiro de alívio entre os dentes, cerrados de tensão. Um curto e estreito corredor revelou-se. A porta havia deslizado ao longo dele e se encontrava, agora, encaixada na outra extremidade do corredor. O chão, o teto e as laterais da abertura em forma de túnel eram de marfim. De repente, de um buraco em um dos lados, surgiu um animal silencioso, que se contorcia; ele se ergueu e fitou o intruso com terríveis olhos luminosos — era uma serpente de seis metros de comprimento, coberta de escamas iridescentes.

O ladrão não perdeu tempo conjecturando que buraco escuro abaixo do domo teria proporcionado alimento ao monstro. Rapidamente, puxou a espada, de onde pingava um líquido esverdeado exatamente igual ao que escorria das presas do réptil, em forma de cimitarra. A lâmina estava embebida do mesmo veneno da serpente, e a história da obtenção de tal peçonha nos pântanos mal-assombrados de Zingara se prestaria, só ela, à escrita de uma outra saga.

Shevatas avançou com cautela, joelhos ligeiramente dobrados, pronto a pular, como um raio, para qualquer um dos lados. E precisou de toda essa velocidade coordenada quando a serpente arqueou o pescoço e atacou como um relâmpago, projetando-se em seu comprimento total. Mas mesmo com toda sua rapidez de reflexos, Shevatas só não morreu naquele momento por sorte. Seus planos tão bem traçados de pular de lado e golpear o pescoço estendido foram totalmente inutilizados pela velocidade estonteante do ataque réptil. O ladrão só teve tempo de esticar a espada à sua frente, fechar os olhos e gritar. Então, a espada foi arrancada de sua mão e o corredor encheu-se de um terrível barulho de vergastadas e açoites.

Ao abrir os olhos, surpreso por ainda estar vivo, Shevatas viu o monstro ondular e enrolar sua forma esguia em contorções fantásticas, com a espada enfiada nas mandíbulas gigantescas. Um puro acaso o fizera acertar o golpe que desferira às cegas. Poucos momentos depois, a serpente desabou em brilhantes e quase imóveis espirais, impotente contra o efeito do veneno.

O ladrão pulou-a com cautela e empurrou a porta, que, desta vez, deslizou para o lado e revelou o interior do domo. Shevatas deu um grito; em lugar da total escuridão, tinha diante de si uma luz carmim que pulsava com intensidade quase insuportável para olhos mortais. O brilho vinha de uma gigantesca jóia vermelha pendurada no alto do arco abobadado do domo. Embora estivesse acostumado a contemplar riquezas, Shevatas ficou boquiaberto.

O tesouro estava ali, em uma profusão atordoante: pilhas de diamantes, safiras, rubis, turquesas, opalas, esmeraldas; torres de jade, âmbar e lápis-lazúli; pirâmides de ouro; santuários de lingotes de prata; espadas cravejadas de jóias em bainhas de ouro; elmos de ouro com cristas de crina de cavalo coloridas ou plumas negras e escarlates; coletes de escamas de prata; estribos incrustados de jóias usados por reis guerreiros mortos havia 3 mil anos; taças esculpidas em uma única jóia; crânios revestidos de ouro com selenitas no lugar de olhos; gargantilhas de dentes humanos cravejados de jóias. O solo de marfim estava coberto de uma camada de pó de ouro de centímetros de profundidade que reluzia sob o brilho avermelhado com um milhão de pontinhos cintilantes. O ladrão via-se em um paraíso de magia e esplendor, usando suas sandálias para pisar em um chão de estrelas.

Mas seus olhos estavam fixos na plataforma de cristal que se erguia no meio do aposento, diretamente sob a jóia vermelha, e onde deveriam estar

repousando os ossos envelhecidos, tornando-se pó com o arrastar dos séculos. Enquanto Shevatas olhava, o sangue sumia de seu rosto escuro; sua medula se via transformada em gelo e a pele crispava de terror, enquanto os lábios se moviam sem produzir nenhum ruído.

Mas, de repente, ele encontrou a voz num grito medonho, que ecoou o pavor sob as arcadas do domo. Depois, o silêncio dos milênios voltou a tomar conta das ruínas da misteriosa Kuthchemes.

## II

Rumores atravessaram as planícies e chegaram até as cidades dos hiborianos. A palavra correu pelas caravanas, longas filas de camelos arrastaram-se pela areia, conduzidas por homens esguios de olhar arguto e kaftans brancos. A novidade lhes foi transmitida nos campos pelos pastores de nariz recurvo; dos habitantes de tendas, ela passou para os habitantes das cidades de pedra, onde reis com barbas negras e crespas veneravam deuses barrigudos em curiosos rituais. A palavra atravessou a faixa de colinas, onde tribos esqueléticas atacavam as caravanas. Os rumores chegaram aos planaltos férteis, nos quais cidades prósperas erguiam-se junto a lagos e rios azuis. Os rumores marcharam pelas largas estradas brancas apinhadas de carros de boi e rebanhos barulhentos, mercadores ricos, cavaleiros em armaduras de aço, arqueiros e sacerdotes.

Eles eram rumores do deserto que se estende a leste de Stygia, bem ao sul das colinas de Koth. Um novo profeta havia surgido entre os nômades. Os homens falavam de uma guerra tribal, de um ajuntamento de urubus a sudeste e de um líder terrível que conduzia hordas cada vez maiores à vitória. Os estígios, sempre uma ameaça para as nações do norte, aparentemente não estavam relacionados a esse movimento, uma vez que vinham juntando exércitos em suas fronteiras orientais e seus sacerdotes patrocinavam magias para combater as mandingas do feiticeiro do deserto, que os homens chamavam de Natohk o Velado; pois seu rosto estava sempre coberto.

Mas a maré de devastação seguiu para noroeste e os reis de barbas negras morreram diante dos altares de seus deuses barrigudos, e suas cidades de pedras foram inundadas de sangue. Os homens diziam que os planaltos dos hiborianos eram a meta de Natohk e dos devotos que o seguiam cantando.

Ataques vindos do deserto não eram incomuns, mas aquele movimento parecia ser algo maior. Os boatos diziam que Natohk havia reunido 30 tribos nômades e 15 cidades em seu séquito e um príncipe estígio rebelado juntara-se a ele. Esse fato conferia à situação um aspecto de verdadeira guerra.

De forma característica, a maioria das nações hiborianas tendia a ignorar a ameaça a cada dia maior. Mas em Khoraja, tomada de mãos shemitas pela espada de aventureiros kothianos, o alerta foi dado. Como ficava a sudeste de Koth, ela iria enfrentar todo o peso da invasão. E seu jovem rei estava prisioneiro do ardiloso soberano de Ophir, que hesitava entre devolvê-lo em troca de um enorme resgate ou entregá-lo a seu inimigo, o rei de Koth, que não tinha ouro para oferecer, mas poderia pagar por meio de um tratado vantajoso. Enquanto isso, o governo do sofrido reino estava nas mãos da jovem princesa Yasmela, irmã do rei.

Menestréis cantavam a beleza de Yasmela por todo o mundo ocidental, e ela guardava o orgulho de pertencer a toda uma dinastia real. Naquela noite, porém, seu orgulho lhe foi arrebatado sombriamente. Em seu quarto, que tinha o teto de lápis-lazúli, o chão de mármore forrado de peles raras e as paredes cobertas de frisos de ouro, dez moças, filhas de nobres, com os membros esguios enfeitados com braceletes e tornozeleiras incrustadas de jóias, dormiam sobre divãs de veludo em torno da plataforma de ouro sobre a qual se apoiava a cama real em seu dossel de seda.

Mas a princesa Yasmela não descansava no leito macio. Estava deitada de bruços, nua, sobre o mármore frio, como a mais humilde suplicante, os cabelos escuros soltos sobre os ombros brancos, os dedos finos entrelaçados. Contorcia-se em um horror que lhe congelava o sangue nos membros graciosos e dilatava seus belos olhos, arrepiava-lhe a raiz dos cabelos e fazia um estremecimento percorrer-lhe a espinha.

Acima dela, no canto mais escuro da câmara de mármore, espreitava uma sombra vasta e informe. Não era nenhum ser vivo de carne e osso. Era

um coágulo de trevas, uma névoa diante dos olhos, um monstruoso incubo nascido da noite que poderia ser confundido com a fantasia de um cérebro sonolento, não fossem os pontos amarelos fulgurantes luzindo como dois olhos na escuridão.

Além disso, uma voz saía da sombra — uma sibilância grave, tênue, fantasmagórica, que parecia mais o silvo abominável e suave de uma serpente do que qualquer coisa que pudesse ser produzida em lábios humanos. O som e as palavras enchiam Yasmela de um terror tão intolerável que ela encolhia e contorcia o corpo esguio como se estivesse sendo açoitada, como se a contorção física pudesse livrar sua mente da torpeza insinuante daquela voz.

— Você está marcada para ser minha, princesa — dizia o murmúrio. — Antes de acordar do longo sono, eu havia te marcado e desejado, mas estava preso ao antigo feitiço pelo qual escapei de meus inimigos. Sou a alma de Natohk o Velado! Olhe bem para mim, princesa! Logo irá me contemplar em minha forma corpórea e irá me amar!

O sibilo fantasmagórico transformou-se em risos lascivos e Yasmela gemeu e bateu os punhos frágeis no chão de mármore, aterrorizada.

— Durmo na câmara palaciana de Akbitana — prosseguiu o sibilo —. Lá, meu corpo repousa em sua moldura de carne e osso. No entanto, ele é apenas uma casca vazia da qual o espírito saiu por alguns momentos. Se você pudesse enxergar o que se passa fora do palácio, perceberia a inutilidade de tentar resistir. O deserto é um roseiral sob a lua, onde desabrocha o fogo de 100 mil soldados. Como uma avalanche varrendo tudo à sua frente, aumentando seu volume e força, vou devastar a terra de meus antigos inimigos. Seus reis vão fornecer crânios para eu usar como taças, suas mulheres e filhos serão escravos dos escravos de meus escravos. Fiquei mais forte depois dos longos anos de sono... Mas você será minha rainha, princesa! Vou lhe ensinar as antigas e esquecidas técnicas do prazer. Nós... — Diante da torrente de obscenidades que se derramou do sombrio colosso, Yasmela apertou os dentes e contorceu-se como se um chicote ferisse sua delicada pele nua.

— Lembre-se! — sussurrou a detestável sombra. — Não se passarão muitos dias antes de eu vir reivindicar o que é meu!

Yasmela apertou o rosto contra o chão e tampou os ouvidos com as mãos, mas mesmo assim teve a sensação de escutar um ruído estranho, como o bater de asas de um morcego. Assustada, ergueu os olhos, mas viu apenas a lua que brilhava pela janela, lançando luz como uma espada de prata sobre o local onde o fantasma havia estado. Trêmula, ela se levantou e cambaleou até um divã, onde se deixou cair, chorando histericamente.

As moças continuaram dormindo; todas exceto uma, que se sentou, bocejou, espreguiçou-se e olhou em volta. Ao ver Yasmela chorando, correu até ela e a abraçou.

— Foi... foi...? — os olhos escuros da moça arregalaram-se de medo.

— Oh, Vateesa, ele veio de novo! Eu o vi, ouvi sua voz! Ele disse que seu nome é... Natohk! E Natohk! Não é um pesadelo. Ele ficou aqui me apavorando enquanto as meninas dormiam como se estivessem drogadas. O que eu devo fazer?

Vateesa girava o bracelete de ouro em seu braço arredondado enquanto meditava.

— Princesa, é evidente que nenhum poder mortal poderá lidar com ele, e o talismã que os sacerdotes de Ishtar lhe deram não será útil. Portanto, procure o oráculo esquecido de Mitra.

Apesar de todo o terror por que acabara de passar, Yasmela estremeceu. Os deuses de ontem se tornam os demônios de amanhã. Os kothianos tinham abandonado o culto de Mitra havia muito tempo e esqueceram-se dos atributos do deus hiboriano universal. Yasmela tinha a vaga impressão de que, sendo muito antiga, a divindade também deveria ser muito terrível. Ishtar já era bastante temível, como todos os deuses de Koth. A cultura e a religião kothianas haviam passado por uma sutil combinação com tendências shemitas e estígias. Os hábitos simples dos hiborianos tinham se modificado em grande escala com a influência dos modos sensuais, porém despóticos, dos povos do leste.

— Mas Mitra me ajudará? — indagou Yasmela, segurando com força o pulso de Vateesa. — Veneramos Ishtar há tanto tempo...

— Claro que ajudará! — Vateesa era filha de um sacerdote ophireano que trouxera seus costumes consigo quando chegara a Khoraja, fugindo de

inimigos políticos. — Procure o santuário! Eu irei com você.

— Está bem. — Yasmela levantou-se, mas objetou quando Vateesa se preparou para vesti-la. — Não é adequado que eu apareça diante do santuário vestida em sedas. Irei nua, de joelhos, como convém a uma suplicante, para que Mitra não pense que me falta humildade.

— Que bobagem! — Vateesa não tinha muito respeito pelo que julgava ser um modo falso de culto. — Mitra certamente prefere ver as pessoas de pé à sua frente, e não rastejando como vermes ou derramando o sangue de animais sobre seus altares.

Deixando-se convencer, Yasmela permitiu que a moça a ajudasse a colocar o vestido leve de seda sem mangas, sobre o qual vestiu uma túnica do mesmo tecido, amarrada na cintura por uma faixa larga de veludo. Chinelos de cetim foram calçados em seus pés delicados e alguns toques hábeis dos dedos rosados de Vateesa arrumaram seus cabelos escuros cacheados. Em seguida, a princesa seguiu a moça, que puxou para o lado a pesada tapeçaria bordada com fios de ouro e abriu o ferrolho da porta que ela escondia. Isso as levou para um corredor estreito e tortuoso, que as duas percorreram depressa até uma outra porta desembocando num grande saguão. Lá, encontraram um guarda com elmo e colete dourados e uma longa lança nas mãos.

Um movimento de Yasmela conteve sua exclamação surpresa e, depois de saudá-la, ele retomou a posição ao lado da porta, imóvel como uma estátua de bronze.

As moças atravessaram o saguão, que parecia imenso e sinistro à luz das tochas presas ao longo das paredes altas, e desceram uma escada sombria que fez Yasmela estremecer. Três lances para baixo, pararam por fim em um corredor estreito cujo teto em arcadas era cravejado de jóias, o chão montado com blocos de cristal e as paredes decoradas com frisos de ouro. No final do corredor, chegaram, de mãos dadas, a uma grande porta dourada.

Vateesa a abriu, revelando um santuário havia muito esquecido, exceto pelos poucos devotos e por visitantes reais que vinham à corte de Khoraja, em razão dos quais o templo era mantido. Yasmela nunca havia entrado ali antes, embora tivesse nascido no palácio. Apesar de simples e despojado se

comparado ao luxo dos santuários de Ishtar, havia nele uma aura de dignidade e beleza características da religião de Mitra.

O teto era alto, mas, em lugar do formato de domo, compunha-se de mármore branco plano, assim como o chão e as paredes, adornadas com um estreito friso dourado. Atrás do altar de jade verde-claro, não maculado por sacrifícios, ficava o pedestal onde se sentava a representação material da divindade. Yasmela fitou com espanto a curva dos ombros magníficos, as feições bem marcadas, os olhos grandes e diretos, a barba patriarcal e os cabelos espessos cacheados, presos por uma faixa na altura das têmporas. Embora ela não soubesse, aquela era uma bela obra de arte — a expressão artística livre de uma raça de alto padrão estético, sem a interferência do simbolismo convencional.

Yasmela ajoelhou-se e se prostrou ao chão, apesar dos conselhos de Vateesa, que, na dúvida, seguiu o exemplo da princesa; pois, afinal, ela não passava de uma menina, e aquele era o fabuloso templo de Mitra. Mas, mesmo assim, não pôde deixar de cochichar no ouvido de Yasmela.

— Este é apenas um símbolo do deus. Ninguém pode saber como Mitra realmente é. Isto apenas o representa em uma forma humana idealizada, tão próxima da perfeição quanto a mente humana pode imaginar. Ele não mora nesta pedra fria, como seus sacerdotes dizem que Ishtar faz. Ele está em toda parte... acima de nós e à nossa volta, e nos lugares altos entre as estrelas. Mas aqui seu ser se concentra. Portanto, pode chamá-lo.

— O que devo dizer? — sussurrou Yasmela, apavorada.

— Antes que você fale, Mitra já sabe o que está na sua mente... — começou Vateesa.

Então, as duas moças assustaram-se ao ouvir uma voz sair do ar acima delas. Os tons profundos, calmos e harmoniosos não emanavam especificamente da imagem, mas da câmara como um todo. Yasmela tremeu novamente diante de mais aquela voz sem corpo falando com ela, mas, dessa vez, foi de surpresa, e não de horror ou repulsa.

— Minha filha, não fale, sei do que você precisa — disse a voz, como ondas musicais batendo ritmicamente em uma praia dourada. — De uma maneira única você salvará seu reino e, salvando-o, libertará o mundo todo das presas da serpente renascida das trevas de muitas eras. Vá às ruas

sozinha e coloque seu reino nas mãos do primeiro homem com quem se encontrar.

Os tons profundos cessaram e as moças se entreolharam. Então, levantaram-se e saíram do templo para fazer o caminho de volta. Permaneceram em silêncio até entrarem novamente no quarto de Yasmela. A princesa foi à janela e fitou entre as barras douradas. A lua havia sumido. Era alta madrugada. Os sons de cantos interromperam-se nos jardins e terraços da cidade. Khoraja dormia sob as estrelas, que pareciam se refletir nas tochas faiscantes dos jardins, ao lado das ruas e sobre o teto das casas onde o povo adormecera.

— O que você vai fazer? — sussurrou Vateesa, trêmula.

— Pegue meu manto — respondeu Yasmela, resoluta.

— Mas sozinha, na rua, a esta hora! — exclamou Vateesa.

— Mitra falou — respondeu a princesa. — Pode ter sido a voz do deus ou um truque de um sacerdote. Não importa. Eu vou!

Envolvida em um volumoso manto de seda e com a cabeça protegida por um capuz de veludo do qual saía um véu que lhe cobria o rosto, ela atravessou rapidamente os corredores e aproximou-se de uma porta de bronze, onde uma dúzia de guardas armados com lanças surpreenderam-se ao vê-la passar. Aquela ala do palácio conduzia diretamente à rua; em todos os outros lados, o prédio era cercado por amplos jardins, circundados por um muro alto. Yasmela saiu à rua iluminada por tochas a intervalos regulares.

Ela hesitou; então, antes que perdesse a coragem, fechou a porta atrás de si. Um leve tremor sacudiu seu corpo quando olhou a rua silenciosa e vazia. Filha de aristocratas, ela nunca havia se aventurado sozinha fora do palácio. Yasmela respirou fundo e subiu a rua rapidamente. Seus pés calçados em chinelos de cetim tocavam de leve o pavimento, mas mesmo aquele som suave fazia seu coração disparar. Ela imaginava que seus passos ecoavam como trovoadas na cidade fúnebre, despertando seres raivosos com olhos de rato em tocas escondidas entre os esgotos. Cada sombra parecia ocultar um assassino à espreita, cada porta, mascarar os furtivos maníacos das trevas.

Sobressaltou-se violentamente. A sua frente, um homem apareceu na rua sinistra. Ela se escondeu, rápida, em um canto escuro, com o coração aos trancos. O homem que se aproximava não vinha furtivo como um ladrão, nem tímido como um viajante amedrontado. Caminhava pela rua escura como alguém que não precisava nem queria se esconder. Seus passos ecoavam no pavimento. Quando ele passou perto de uma tocha, Yasmela pôde enxergá-lo claramente: um homem alto, vestido com a cota de malha longa de um mercenário. Tomando coragem, ela saiu da sombra, enrolando-se no manto.

— Alto lá! — A espada do homem saiu até a metade da bainha.

Ele estancou o movimento quando se deu conta de que era apenas uma mulher aquela pessoa surgida repentinamente, mas perscrutou a rua num segundo para se certificar de que ela estava mesmo sozinha. Ele a encarou com a mão no punho da espada, projetada por baixo do manto escarlate, sobre o uniforme. A luz da tocha, seus olhos tinham um brilho funesto.

Logo à primeira vista, Yasmela percebeu que ele não era kothiano; quando ele falou, soube que não era sequer hiboriano. Estava vestido como um capitão dos mercenários e, nesse grupo, havia homens de muitas terras, tanto bárbaros como estrangeiros civilizados. Havia algo rude naquele guerreiro de sina bárbara. Os olhos do homem da civilização, que seja louco ou criminoso, jamais emanariam tal fogo. Havia odor de vinho no ar que respirava, mas não cambaleava nem gaguejava.

— Eles a trancaram fora de casa? — perguntou o homem, usando o idioma kothiano bárbaro e estendendo o braço na direção de Yasmela. Os dedos se fecharam levemente sobre o pulso arredondado da princesa, mas ela sentiu que ele poderia lhe quebrar os ossos sem o menor esforço. — Vim da última taverna aberta. Que Ishtar leve os reformistas fracotes. Fechar as casas de biritá! “Os homens têm que dormir em vez de se embebedar”, eles dizem. E, para que possam trabalhar e lutar melhor por seus mestres! Eunucos maricas, é o que eles são. Quando servia com os mercenários de Corinthia, nós enchíamos a cara a noite toda e lutávamos o dia inteiro. E, o sangue escorria por nossas espadas. Mas, e você, menina? Tire esse véu...

Ela evitou o aperto de mão do homem com um leve movimentar-se, tentando não lhe demonstrar repulsa. Percebia o perigo que corria sozinha,

ali, ao lado de um bárbaro embriagado. Se revelasse sua identidade, ele poderia rir dela ou ir embora. Ou puxar a espada e lhe cortar a garganta. Esses homens rudes faziam coisas estranhas e inexplicáveis. Yasmela combateu o medo que se avolumava.

— Não aqui - ela riu. — Venha comigo...

— Para onde? - O sangue poderia ter lhe subido à cabeça, mas ele continuava alerta como uma raposa. — Está me levando para algum covil de ladrões?

— Não, não, eu juro! — Yasmela tinha dificuldade para evitar a mão que procurava novamente seu véu.

— Para o diabo, sabichona! — ele resmungou. — Você é má como uma hirkaniana, você e esse maldito véu. Ande logo, quero ver sua cara!

Antes que Yasmela pudesse evitar, o homem lhe puxou o manto e ela ouviu um assobio baixo sair por entre seus dentes. Ele ficou ali parado a observá-la, como se a visão do traje luxuoso lhe trouxesse subitamente à sobriedade. Ela notou o ar de desconfiança em seus olhos.

— Quem é você, afinal? — murmurou ele. — Não é nenhuma órfã das ruas...a menos que seu amante tenha roubado o palácio para lhe conseguir essas roupas.

— Não importa. — Ela ousou colocar a mão clara sobre o braço musculoso protegido pela armadura. - Vamos sair da rua.

Ele hesitou por um instante, depois deu de ombros. Yasmela imaginou que talvez ele a visse como uma mulher nobre cansada de amantes polidos, disposta a se entreter. Ele lhe devolveu o manto e a seguiu.

Com o canto do olho, ela o observava enquanto desciam a rua juntos. Sua armadura não conseguia conter as linhas de uma força descomunal. Tudo em torno dele era assim imenso, natural, indomesticável. Ele era estranho a ela, como uma selva, tão diferente dos cortesãos afáveis a que estava acostumada.

Ela o temeu, disse a si mesma que odiava aquela força bruta e a indelicadeza bárbara; mas algo de excitação e perigo se movia dentro dela a cada vez que o fitava. Sentira a mão poderosa em seu braço e um calor a percorrera por dentro só de lembrar desse breve contato. Muitos homens

havam se curvado aos pés de Yasmela. Mas ali estava um que parecia jamais ter se ajoelhado diante de ninguém. Sentia-se como se estivesse conduzindo um tigre solto; estava assustada e, ao mesmo tempo, fascinada com o próprio medo.

Ela parou junto à porta do palácio e, examinando furtivamente seu companheiro, não viu qualquer desconfiança em seus olhos.

— Palácio, hein? — murmurou ele. — Você é uma dama de companhia?

Ela se perguntou, com perturbadora sensação de ciúme, se alguma de suas serviçais já levava aquele guerreiro à morada real. Os guardas nem se mexeram quando Yasmela passou com o acompanhante, mas ele os fitou com desconfiança.

Chegando a uma câmara interna, ele observou as tapeçarias e sorriu ao ver um jarro de cristal com vinho sobre uma mesa de ébano. Sem cerimônia, pegou-o e levou-o aos lábios com um suspiro satisfeito. Vateesa entrou correndo, ofegante.

— Oh, minha princesa...

— Princesa!

O jarro de vinho espatifou-se no chão. Com um movimento rápido demais à percepção visual, o mercenário arrancou o véu que cobria o rosto de Yasmela. Depois recuou, praguejando, e puxou a longa espada de aço reluzente. Seus olhos cintilavam como os de um tigre encurralado. A tensão embriagava o ar, como na pausa antes do desabar de uma tempestade. Vateesa caiu no chão, muda de terror, mas Yasmela enfrentou o bárbaro furioso sem pestanejar. Sabia que sua vida estava em jogo: desconfiado e amedrontado, ele não hesitaria em matá-la à menor provocação. Mas, ao mesmo tempo, sentia uma certa emoção diante do perigo.

— Não tenha medo — disse ela. — Sou Yasmela, mas não há razão para me temer.

— Por que me trouxe para cá? — Seus olhos em fogo percorriam inquietos a sala. — Que tipo de armadilha é esta?

— Não há nenhuma armadilha. Trouxe-o aqui porque você pode me ajudar. Consulte os deuses — Mitra — e fui instruída a pedir auxílio ao

primeiro homem que encontrasse na rua.

Aquilo ele compreendia. Os bárbaros tinham seus oráculos. Baixou a espada, embora a mantivesse na mão.

— Bem, se você é Yasmela, precisa de ajuda — grunhiu. — Seu reino está em uma encrenca dos diabos. Mas como eu posso ajudar você? Se quiser que eu corte algum pescoço, claro que...

— Sente-se — pediu ela. — Vateesa, traga-me vinho.

Ele atendeu à princesa, tomando cuidado, ela percebeu, de se sentar com as costas apoiadas em uma parede sólida, de onde poderia observar a sala toda.

Colocou a espada sobre os joelhos e Yasmela fitou a arma com fascinação. O aço brilhante parecia refletir histórias de matanças e saques. Ela duvidava até mesmo que pudesse levantar tal espada, mas aquele mercenário poderia usar uma só mão para erguê-la: a facilidade era idêntica àquela com que ela manejava um chicote. Yasmela notou o tamanho e a força de suas mãos. Não eram as patas de um troglodita. Sentiu culpa ao imaginar aqueles dedos fortes movendo-se por seus cabelos escuros.

Ele pareceu ficar mais tranqüilo quando Yasmela se sentou em um divã à frente. Agora, a princesa podia ver mais claramente como ele se diferenciava dos hiborianos. Em seu rosto moreno e marcado por cicatrizes havia um ar soturno; e, embora ele não parecesse mau, havia mais do que uma sugestão de algo sinistro em seus traços, tudo realçado pelos penetrantes olhos azuis. Sobre a testa larga, os cabelos revoltos eram tão negros quanto as asas de um corvo.

— Quem é você? — ela perguntou, de repente.

— Conan, um capitão dos lanceiros mercenários — respondeu ele, esvaziando o copo de vinho com um só gole e estendendo-o para que lhe servissem mais. — Nasci na Ciméria.

O nome significava pouco para ela. Sabia apenas vagamente que se tratava de um país agreste e sombrio bem ao norte, para além dos últimos postos avançados das nações hiborianas, habitado por uma raça violenta, sombria. Era a primeira vez que via um deles.

Apoiando o queixo nas mãos, ela o fitou com os olhos profundamente escuros que haviam escravizado vários corações.

— Conan da Ciméria — disse —, você falou que eu preciso de ajuda. Por quê?

— Bem, qualquer homem pode ver isso. O rei, seu irmão, está em uma prisão ophireana; Koth trama para escravizar você; aquele feiticeiro espalha morte e destruição por Shem; e, o que é pior, seus soldados desertam dia após dia.

Ela demorou um pouco a responder. Era uma experiência nova ouvir um homem falar de maneira tão objetiva com ela, sem as expressões polidas dos cortesãos.

— Por que meus soldados estão desertando, Conan?

— Alguns estão sendo contratados por Koth — respondeu ele, mais uma vez com a mão sobre o jarro de vinho. — Muitos acham que Khoraja está acabada como Estado independente. Muitos temem pelas histórias desse tal Natohk.

— Os mercenários vão continuar comigo?

— Enquanto você nos pagar bem — Conan respondeu com franqueza. — Sua política não significa nada para nós. Você pode confiar em Amalric, nosso general, mas os outros entre nós somos apenas homens comuns que amam pilhar. Se você pagar o resgate pedido por Ophir, dizem-nos, não terá como nos retribuir. Nesse caso, é possível que nos voltemos para o rei de Koth, embora eu não tenha por amigo um maldito miserável como aquele. Ou podemos saquear esta cidade. Em uma guerra civil, os saques são sempre compensadores.

— Por que vocês não se juntariam a Natohk?

— Ele poderia nos pagar com o quê? Com ídolos barrigudos de bronze que roubou das cidades shemitas? Enquanto você estiver lutando contra Natohk, pode confiar em nós.

— Você acha que seus companheiros o seguem? — ela perguntou, abruptamente.

— Como assim?

— Quero dizer que vou nomeá-lo comandante dos exércitos de Khoraja  
— declarou Yasmela.

Ele parou com o copo nos lábios e sorriu. Havia uma nova luz em seus olhos.

— Comandante? Crom! Mas o que seus nobres perfumados vão dizer?

— Eles me obedecerão! — Ela bateu palmas para chamar um escravo, que entrou e lhe fez uma reverência. - Chame o conde Thespides à minha presença imediatamente, e também o chanceler Taurus, lorde Amalric e Agha Shupras.

— Yasmela esperou o escravo sair e voltou-se para Conan, que agora devorava a comida trazida por Vateesa.

— Coloco minha confiança em Mitra. Você já participou de muitas guerras?

— Eu nasci no meio de uma guerra — Conan respondeu, arrancando um pedaço de carne do osso com seus dentes fortes. — O primeiro som a soprar nos meus ouvidos foi aquele das espadas, seguido dos gritos dos feridos. Lutei em brigas de sangue, guerras de tribo e campanhas imperiais.

— Mas você sabe conduzir homens e organizar linhas de batalha?

— Bem, posso tentar — replicou ele, imperturbável. — Isso não passa de uma luta de espadachins em grande escala. Você prepara o golpe e ataca. Aí, ou a cabeça do adversário rola ou então é a sua.

O escravo entrou novamente, anunciando a chegada dos convocados. Yasmela saiu para a câmara externa e fechou atrás de si as cortinas de veludo. Os nobres a cumprimentaram com uma reverência, evidentemente surpresos por terem sido chamados àquela hora.

— Chamei-os para lhes comunicar minha decisão — disse Yasmela. — O reino está em perigo...

— Certamente, minha princesa — interrompeu o conde Thespides. Era um homem alto, de cabelos negros cacheados. Com uma das mãos alvas alisava o bigode pontudo e, com a outra, segurava um chapéu adornado com pena escarlata, presa por uma fivela dourada. Seus sapatos bicudos eram de cetim, e o traje, de veludo, bordado em ouro. Tinha os modos um tanto

afetados, mas os músculos sob as sedas eram vigorosos. — Seria bom oferecer mais ouro a Ophir para a libertação de seu irmão.

— Discordo totalmente — opinou Taurus, o chanceler, um homem mais velho, vestido em um robe de arminho franjado, com o rosto marcado pelas preocupações de muitos anos de serviço. — O que oferecemos já irá empobrecer o reino. Se oferecermos mais, só estaremos alimentando sua ganância. Minha princesa, digo o que já disse antes: Ophir permanecerá em seu lugar enquanto não decidirmos ir de encontro à horda invasora. Se perdermos, ele entregará o rei Khossus a Koth; se ganharmos, sem dúvida ele devolverá sua majestade a nós em troca do resgate.

— E , enquanto isso — disse Amalric —, os soldados desertam diariamente e os mercenários estão inquietos para saber por que demoramos tanto a agir. — Ele era um nemédio, homem grande com cabeleira loira, leonina. — Precisamos nos mover depressa.

— Amanhã, marcharemos para o sul — respondeu Yasmela. — E este é o homem que irá liderá-los!

Dramaticamente, ela puxou as cortinas e apontou o cimério. Talvez não tenha sido um momento de todo feliz para a apresentação. Conan estava esticado em sua cadeira, com os pés apoiados na mesa de ébano, ocupado em limpar com os dentes um osso que segurava firmemente em ambas as mãos. Ele ergueu os olhos para os nobres surpresos, sorriu para Amalric e continuou mastigando com indisfarçado prazer.

— Que Mitra nos proteja! — explodiu Amalric. — Este é o cimério Conan, o mais turbulento de todos os meus homens! Eu já o teria enforcado há muito tempo não fosse o melhor espadaehim que já vestiu uma armadura...

— Sua alteza gosta de brincar! — gritou Thespides, contorcendo as feições aristocráticas. — Este homem é um selvagem, um sujeito sem cultura ou berço! É um insulto pedir que cavalheiros sirvam sob seu comando! Eu...

— Conde Thespides — interrompeu Yasmela —, minha luva se esconde em seu cinturão. Por favor, entregue-a a mim e depois vá.

— O quê? — ele gritou, surpreso. — Ir para onde?

— Para Koth ou para o inferno de Hades! — respondeu ela. — Se não me servir conforme desejo, não me servirá de maneira alguma.

— Está me julgando mal, princesa — disse ele, reverente, magoado — Eu não a abandonaria. Por seu bem, concordo até mesmo em colocar minha espada à disposição desse selvagem.

— E você, meu lorde Amalric?

Amalric resmungou baixinho, depois sorriu. Sendo um soldado, nenhuma mudança repentina, por mais ultrajante que fosse, o surpreenderia demais.

— Servirei sob o comando dele. Uma vida curta e feliz, digo eu. E com Conan, o cortador de pescoços, no comando, é bem provável que a vida seja mesmo feliz e curta. Mitra! Eu como meu chapéu se esse sujeito alguma vez já comandou mais do que um bando de criminosos. Meu chapéu, minha armadura e tudo o mais!

— E você, Shupras?

Ele deu de ombros, resignado. Era um homem típico da raça que se desenvolvera ao longo da fronteira meridional de Koth — alto e magro, mais esguio que seus parentes puro-sangue do deserto.

— Ishtar olhe por nós, princesa. — O fatalismo de seus ancestrais falou por ele.

— Esperem aqui — ordenou ela. Enquanto Thespides apertava, inconformado, seu chapéu de veludo, e Taurus resmungava baixo, e Amalric andava de um lado para outro, Yasmela desapareceu novamente pelas cortinas e chamou os escravos num bater de palmas.

A seu comando, eles trouxeram uma armadura nova para substituir a que Conan usava. Quando Yasmela tornou a abrir as cortinas, um bárbaro em aço reluzente apareceu diante da platéia. Com o uniforme de gala, o visor levantado e as plumas negras sobre o elmo, havia algo tão impressionante em sua postura que até Thespides, embora contrariado, tinha que admitir.

— Por Mitra — comentou Amalric. — Nunca esperei um dia vê-lo vestido assim, mas você não envergonha o traje. Conan, posso lhe afirmar que já vi reis que vestiam a armadura com menos realze do que você.

Conan ficou em silêncio. Vaga sombra atravessou sua mente, como uma profecia. Em anos por vir, ele iria se lembrar das palavras de Amalric, naquele outro tempo que transformaria o sonho em realidade.

### III

Na neblina fria da manhã, as ruas de Khoraja apinhavam-se de gente observando os soldados que saíam pelo portão sul. O exército, afinal, punha-se em movimento. Lá estavam os cavaleiros reluzentes em ricas armaduras de aço, com plumas coloridas esvoaçando sobre os capacetes. Os cavalos, equipados com selas de couro e seda e estribos de ouro, agitavam o pescoço imponente enquanto acertavam o passo. A luz ainda tênue do sol da manhã cintilava em pontas de lanças que se erguiam como uma floresta sobre o batalhão, com as flâmulas agitadas à brisa. Cada cavaleiro levava consigo um presente simbólico de uma mulher, uma luva, um lenço ou uma rosa, preso ao elmo ou ao cinto. Aquela era a cavalaria de Khoraja, 500 homens fortes conduzidos pelo conde Thespides, que, segundo os rumores, aspirava à mão da própria Yasmela.

Eram seguidos pela cavalaria leve, composta de corcéis garbosos. Os cavaleiros representavam tipicamente os homens das colinas, magros e de rosto estreito; usavam capacetes em ponta e uma armadura sob o kaftan esvoaçante. Sua principal arma era o terrível arco shemita, capaz de atirar uma seta a uma distância de 500 passos. Havia 5 mil desses homens, com Shupras à frente, sério sob o elmo espiralado.

Logo atrás, vinham os lanceiros de Khoraja, sempre comparativamente poucos em qualquer Estado hiboriano, onde os homens consideravam a cavalaria a única divisão nobre do exército. Estes, como os cavaleiros, eram homens de antigo sangue khotiano, filhos de famílias arruinadas, jovens sem dinheiro que não tinham condições de arcar com as despesas de um cavalo e uma armadura de aço; eram em número de 500.

Os mercenários vinham atrás, cerca de mil homens a cavalo, 2 mil lanceiros. Os animais altos pareciam tão rudes e selvagens quanto seus

cavaleiros. Havia um aspecto sombrio de profissionalismo nesses matadores profissionais, veteranos de campanhas sangrentas. Vestidos em armadura da cabeça aos pés, usavam elmos sem visor sobre o barrete de malha. Seus escudos não tinham adornos, as longas lanças não portavam flâmulas. De suas selas pendiam achas ou clavas de aço, e cada homem trazia junto ao corpo uma espada larga. Os lanceiros estavam armados mais ou menos da mesma maneira, embora levassem piques em vez das lanças de cavalaria. Havia homens de muitas raças e muitos crimes: hiperboreanos altos e magros, com ossos grandes, fala lenta e natureza violenta; gunderlandeses loiros das colinas do noroeste; arrogantes coríntios renegados; zíngaros morenos de bigodes negros e temperamento explosivo; aquilonianos do oeste distante. Mas todos, exceto os zíngaros, eram hiborianos.

Fechando o cortejo, vinha um camelo ricamente adornado, puxado por um cavaleiro em um grande corcel, e cercado por um grupo de lanceiros da tropa doméstica real. Sobre o camelo, protegida pelo dossel de seda do assento, vinha a figura esguia e miúda, vestida em seda, cuja presença fez a população, sempre respeitosa com a realeza, tirar os chapéus de couro e aclamar vivamente.

Conan, o cimério, inquieto em sua armadura, olhou para o camelo com ar de desaprovação e procurou Amalric, que cavalgava a seu lado, reluzente em uma armadura adornada de entalhes de ouro e um elmo com a crina de cavalo esvoaçante.

— A princesa quis vir conosco. Ela é ágil, mas muito delicada para este trabalho. De qualquer forma, ela terá que dispensar essas roupas de seda.

Amalric escondeu um sorriso ao mexer no bigode loiro. Sem dúvida, Conan imaginava que Yasmela pretendia pegar em armas e tomar parte da luta, como as mulheres bárbaras freqüentemente faziam.

— As mulheres dos hiborianos não lutam como suas mulheres cimérias, Conan — disse ele. — Yasmela vai conosco para assistir à batalha. No entanto — ele se moveu na sela e baixou a voz —, cá entre nós, tenho a impressão de que a princesa não teve coragem de ficar aqui. Ela teme alguma coisa...

— Uma revolta? Talvez seja melhor enforcarmos alguns cidadãos antes de irmos...

— Não. Uma de suas damas de companhia falou sobre algo que entrou no palácio à noite e aterrorizou Yasmela. Não duvido de que seja alguma das feitiçarias de Natohk. Conan, nós lutamos contra mais do que carne e osso!

— Bem — grunhiu o bárbaro —, é melhor irmos ao encontro do inimigo do que esperarmos por ele.

Ele fitou a longa linha de homens, segurou as rédeas de seu cavalo e pronunciou, por hábito, a frase dos mercenários em campanha:

— Ao ataque, companheiros! Em marcha!

Atrás do longo cortejo, fecharam-se as portas maciças de Khoraja. Cabeças ansiosas espiavam por sobre as muralhas. Os cidadãos sabiam ser os espectadores de uma partida para vida ou para a morte. Se o exército fosse vencido, o futuro de Khoraja seria escrito em sangue. Nas hordas que subiam do sul selvagem, misericórdia era uma qualidade desconhecida.

As colunas marcharam o dia inteiro através de planícies verdes cortadas por pequenos rios. O terreno começava a se elevar lentamente. À frente deles, erguia-se uma cadeia de colinas baixas, seguindo em uma faixa ininterrupta de leste a oeste.

Acamparam naquela noite nas encostas setentrionais dessas colinas, e homens de nariz curvo e olhar penetrante das tribos das colinas vieram se agachar junto às fogueiras. Eles narravam as novas, vindas do misterioso deserto. Em suas histórias, o nome de Natohk viajava como serpente rastejante. A víbora fez com que os demônios do ar trouxessem trovão, vento e neblina, e determinou aos espíritos malévolos do mundo inferior que sacudissem a terra com um estrondo terrível. Do ar, Natohk soprou o fogo que consumiu os portões das cidades muradas e queimou homens vestidos de armadura até não restar deles nada além de ossos calcinados. Seus guerreiros cobriram em grande número o deserto. Ele possuía 5 mil tropas estígias em carros de guerra, sob as ordens do príncipe rebelde Kutamun.

Conan escutava, imperturbável. A guerra era sua profissão. A vida se resumia a uma batalha contínua, ou a uma série de batalhas; desde que ele nascera, a morte vinha sendo a companheira constante. Ela caminhava, horrenda, a seu lado; parava às suas costas junto às mesas de jogo; seus dedos ossudos balançavam os copos de vinho. Rondava-o como uma

sombra encapuzada e monstruosa quando ele se deitava para dormir. Ele se importava com aquela presença tanto quanto um rei com a existência de seu copeiro. Algum dia, a mão ossuda iria se fechar em torno dele; nada mais do que isso. Era suficiente para Conan viver o presente.

Porém, outros se sentiam bem menos indiferentes ao medo do que ele. Conan retornava da linha de sentinelas quando uma figura esguia e envolta em um manto o deteve, estendendo a mão à sua frente.

— Princesa! Deveria estar em sua tenda.

— Não consegui dormir. — Os olhos escuros de Yasmela brilhavam assustados na noite. — Conan, eu estou com medo!

— Você teme algum dos homens do exército? — perguntou ele, levando a mão à espada.

— Não, nenhum homem — respondeu ela, estremecendo. — Conan, há alguma coisa de que você tenha medo?

Ele refletiu um pouco, passando a mão no queixo.

— Sim — admitiu, por fim. — A maldição dos deuses.

Ela estremeceu de novo.

— Estou amaldiçoada. Um demônio dos abismos colocou sua marca em mim. Noite após noite, ele aparece nas sombras, sussurrando segredos horríveis. Ele vai me arrastar para ser sua rainha no inferno. Não tenho coragem de dormir! Ele virá até mim na tenda, da mesma forma como veio no palácio! Conan, você é forte. Fique comigo! Estou com medo!

Ela não era mais uma princesa, apenas uma menina cheia de pavor. Deixara seu orgulho despidoradamente de lado. O terror a fizera procurar quem lhe parecera mais forte. A potência quase animal que antes repelira, agora a atraía.

Em resposta, Conan tirou o manto escarlate e colocou-o nas costas da princesa com alguma rispidez, como se fosse impossível para ele protagonizar qualquer gesto de ternura. Sua mão de ferro repousou por alguns instantes sobre o ombro de Yasmela, que estremeceu de novo, não de medo. Assemelhava-se a um choque elétrico: uma onda de vitalidade animal percorreu seu corpo ao mero toque do bárbaro, como se parte de sua força abundante tivesse sido transmitida a ela.

— Deite aqui. — Ele indicou um espaço livre ao lado de uma pequena fogueira.

Não via incongruência em fazer a princesa dormir no chão ao lado de um fogaréu de acampamento, enrolada no manto de um guerreiro. Ela obedeceu sem discutir.

Conan sentou-se em uma pedra a seu lado, com a espada sobre os joelhos. A luz do fogo refletia em sua armadura, e ele parecia uma imagem de aço — um poder dinâmico, temporariamente sossegado; não adormecido, mas imóvel por um instante, à espera de um sinal qualquer para entrar de novo em ação. O brilho das chamas brincava em seu rosto, fazendo-o parecer entalhado em uma substância misteriosa, dura como o aço, contudo. Mesmo que estivesse parado, seus olhos queimavam com uma intensidade viva. Ele não era simplesmente um selvagem; era parte dos elementos indomáveis da natureza. Em suas veias, corria o sangue de uma matilha de lobos; em seu cérebro, escondiam-se as profundezas meditativas das noites do norte; seu coração pulsava com o fogo de florestas em chamas.

Assim, meio pensativa, meio sonhadora, Yasmela adormeceu, envolta em uma sensação deliciosa de segurança. De alguma forma, sabia que nenhuma sombra de olhos de fogo se curvaria sobre ela na escuridão enquanto aquele bárbaro sombrio de terras distantes a velasse. No entanto, uma vez mais, ela acordou trêmula de medo, não em razão de qualquer coisa que houvesse visto.

Foi um murmúrio baixo de vozes o que a despertou. Ao abrir olhos, viu que o fogo estava se apagando. Um início de alvorada insinuava-se no ar. Percebeu vagamente que Conan ainda se encontrava sentado a seu lado; notou o brilho azulado de sua longa espada. Junto a ele, havia outro homem agachado. Sonolenta, Yasmela distinguiu um nariz curvo, dois olhos como contas brilhantes e um turbante branco. O homem falava rapidamente em um dialeto shemita que ela teve dificuldade para compreender.

— Que Bel seque meu braço se eu não estiver falando a verdade! Por Derketo, Conan, sou um príncipe dos mentirosos, mas não minto para um velho companheiro. Juro pelos dias em que fomos ladrões juntos na terra de Zamora, antes de você usar armaduras! Eu vi Natohk; com os outros,

ajoelhei-me diante dele enquanto pronunciava encantamentos para Set. Mas não afundei meu nariz na areia como os demais. Sou um ladrão de Shumir e minha vista é mais aguçada que a de uma doninha. Espiei com cuidado e vi o véu esvoaçando ao vento, eu olhava quando seu rosto se descobriu. Eu vi. Que Bel me ajude, Conan, mas eu vi! Meu sangue congelou nas veias, meus cabelos se eriçaram. O que eu vi queimou minha alma como ferro em brasa. Não pude descansar até ter certeza. Viajei até as ruínas de Kuthchemes. A porta do domo de marfim estava aberta; à entrada, havia uma grande serpente, atravessada por uma espada. Dentro do domo, vi o corpo de um homem, tão enrolado e distorcido que, a princípio, foi difícil reconhecê-lo. Era Shevatas, o zamoriano, o único ladrão do mundo que eu reconheceria superior a mim. O tesouro estava intocado, em pilhas reluzentes ao redor do corpo. E só.

— Não havia ossos... — começou Conan.

— Não havia nada! — interrompeu o shemita, nervoso. — Nada! Apenas um corpo!

O silêncio reinou por um instante e Yasmela agitou-se num horror indefinível, que lentamente subiu por todo o seu corpo.

— De onde veio Natohk? - ergueu-se o sussurro vibrante do shemita. — Do deserto, em uma noite na qual o mundo parecia cego e tumultuado por nuvens enlouquecidas, conduzidas em vôo frenético através de estrelas que estremeciam, e o uivo do vento se misturava aos gritos dos espíritos ermos. Vampiros estavam soltos naquela noite, bruxas viajavam nuas pelo ar e um fogo perverso brincava em torno dele; o rastro do camelo brilhava nas trevas. Quando Natohk desfez a montaria, diante do templo de Set, perto do oásis de Aphaka, o animal desapareceu na noite. Eu conversei com homens de tribos do deserto e eles me juraram que o bicho, de repente, estendeu asas gigantescas e sumiu em direção às nuvens, deixando uma trilha de fogo atrás de si. Nenhum homem tornou a ver esse camelo desde aquela noite, mas uma forma negra com aspecto humano arrasta-se para dentro da tenda de Natohk e fala de um modo estranho com ele na escuridão, antes do amanhecer. Estou lhe dizendo, Conan, Natohk é... olhe, vou lhe mostrar uma imagem do que presenciei naquele dia em Shushan, quando o vento fez voar seu véu!

Yasmela viu um brilho dourado na mão do shemita enquanto os homens se inclinavam sobre alguma coisa. Ouviu Conan grunhir. E , de repente, tudo ficou escuro à sua volta. Pela primeira vez na vida, a princesa Yasmela desmaiou.

## IV

O dia era ainda uma sugestão de claridade ao leste quando o exército se pôs em marcha outra vez. Homens das tribos do deserto haviam corrido até o acampamento, com os cavalos ofegantes da longa viagem, para relatar que a horda invasora acampara no Poço de Altaku. Então, os soldados se apressaram pelas colinas, sem aguardar os grupos de mantimentos e cargas. Yasmela foi com eles, assustada. O horror anônimo assumia uma forma ainda mais terrível desde que ela reconhecera a moeda na mão do shemita na noite anterior — uma daquelas secretamente cunhadas pelo antigo culto zugita, que traziam o rosto de um homem morto havia 3 mil anos.

O caminho serpenteava entre rochedos irregulares e penhascos sobre vales estreitos. Aqui e ali apareciam aldeias, aglomerados de cabanas de pedra revestidas de barro. Os homens do deserto amontoavam-se para se unir a seus compatriotas e, assim, antes do término da travessia das colinas, o exército já havia inchado em cerca de 3 mil arqueiros.

Abruptamente, chegaram ao final das colinas e respiraram fundo diante da vasta imensidão que se estendia para o sul. No lado meridional, as colinas terminavam de forma repentina, marcando uma distinta divisão geográfica entre as terras altas kothianas e o deserto. As colinas eram a borda das terras altas, formando uma parede quase ininterrupta. Naquele ponto, áridas e desoladas, eram habitadas apenas pelo clã zaheemi, cuja tarefa consistia em guardar a estrada pela qual corriam as caravanas. Adiante das colinas, o deserto estendia-se vazio, poeirento, sem vida. No entanto, para além de seu horizonte, estavam o Poço de Altaku e as hordas de Natohk.

O exército desceu através do Passo de Shamlá, pelo qual fluía a riqueza do norte e do sul e por onde haviam marchado as tropas de Koth, Khoraja, Shem, Turan e Stygia. Ali, a muralha de colinas era rompida. Promontórios invadiam o deserto, formando vales secos, todos eles — exceto um — fechados na extremidade norte por penhascos intransponíveis. Esta exceção era a Passagem. Parecia-se com uma grande mão estendida desde as colinas; dois dedos separados compunham um vale em forma de leque. Os dedos eram representados por uma larga crista de encostas íngremes. O vale se inclinava para cima conforme se estreitava, até terminar em um platô ladeado por gargantas de pedra. Ali, havia um poço e um aglomerado de torres de pedra, ocupadas pelos zaheemis.

Conan estacionou nesse local, puxando as rédeas do cavalo. Thespides aproximou-se dele.

— Por que parou?

— Vamos esperá-los aqui — respondeu Conan.

— Seria mais cavalheiresco ir ao encontro deles — revidou o conde.

— Eles nos superam em número. Além disso, não há água lá. Vamos acampar no platô...

— Meus cavaleiros e eu acamparemos no vale — interrompeu Thespides, irritado. — Somos a vanguarda e nós, pelo menos, não temos medo de um bando de esfomeados do deserto.

Conan deu de ombros e o nobre se afastou, furioso. Amalric parou e observou a tropa reluzente de Thespides descer a encosta até o vale.

— Idiotas! Seus cantis logo estarão vazios e eles terão que subir novamente até o poço para dar água aos cavalos.

— Deixe-os — replicou Conan. — Eles sentem dificuldade em aceitar minhas ordens. Diga aos homens para descansarem. Marchamos muito e depressa. Mande-os dar água aos cavalos e, depois, comer alguma coisa.

Não havia necessidade de posicionar vigias. O deserto se estendia, amplo, diante dos olhos, embora a vista, no momento, estivesse um pouco prejudicada pelas nuvens baixas que se aglomeravam em massas brancas junto ao horizonte sul. A monotonia só era quebrada por um grupo de ruínas de pedra, a alguns quilômetros de distância dentro do deserto, que se

acreditava pertencer a um antigo templo estígio. Conan fez os arqueiros descerem de seus cavalos e os colocou ao longo da borda da encosta, junto com os homens das tribos. Os mercenários e os lanceiros de Khoraja ficaram no platô, perto do poço. Mais para trás, no ângulo onde a estrada das colinas desembocava no platô, encontrava-se a tenda de Yasmela.

Sem nenhum inimigo à vista, os guerreiros relaxaram. Tiraram os elmos, soltaram os cintos, largaram as lanças. Piadas rudes enchiam o ar enquanto eles mastigavam carne e se afogavam em canecas de cerveja. Ao longo das encostas, os homens das colinas saboreavam tâmaras e azeitonas. Amalric caminhou até uma pedra onde Conan se sentava.

— Conan, você ouviu o que os homens do deserto dizem sobre Natohk? Eles dizem... por Mitra, é muita loucura até para repetir. O que você acha?

— As sementes às vezes dormem no chão durante séculos sem apodrecer — respondeu Conan. — Mas claro que Natohk é um homem.

— Eu não estou tão certo disso — resmungou Amalric. — De qualquer forma, você organizou as tropas tão bem quanto um general experiente teria feito. Sem dúvida, os demônios de Natohk não podem cair sobre nós despercebidos. Mitra, que neblina!

— E eu pensava que eram nuvens — comentou Conan. — Veja como ela se espalha!

O que antes se parecia com nuvens era em verdade uma densa névoa movendo-se para o norte tal qual imenso oceano instável, rapidamente escondendo o deserto de vista. Ela logo engolfou as ruínas estíguas e continuou avançando. O exército observava, surpreso. Era algo como nunca tinham visto, estranho e inexplicável.

— Não adiante colocar vigias — disse Amalric, desgostoso. — Eles não conseguiriam ver nada. Logo toda a passagem e as colinas vão estar cobertas...

Conan, que fitava a neblina com um nervosismo crescente, inclinou-se de repente e encostou o ouvido no chão. Então ergueu-se apressado, praguejando.

— Cavalos e carros, milhares deles! O chão vibra com sua marcha! Ei, vocês aí! — sua voz trovejou pelo vale, pondo em alerta todos os homens. — A seus postos!

Ao ouvir a ordem, os guerreiros colocaram-se em posição, vestindo rapidamente os elmos e pegando armas. Nesse momento, a neblina se desfez, como se já não fosse mais necessária. Ela não se levantou lentamente até sumir, como o faria uma formação natural; em vez disso, simplesmente desapareceu, como chama apagada. Em um momento, o deserto inteiro estava escondido pela névoa espessa; no momento seguinte, o sol brilhava num céu sem nuvens sobre o deserto — não mais vazio, mas repleto de todo um aparato vivo de guerra. Um grande grito sacudiu as colinas.

A primeira vista, os guerreiros pareciam estar olhando para um mar reluzente de bronze e ouro, onde pontas de aço brilhavam como uma miríade de estrelas. Com a elevação da neblina, os invasores se tornaram imóveis, como se petrificados, em longas linhas organizadas, reluzentes sob o sol.

Na frente, havia uma longa fila de carros puxados por grandes cavalos estígios com plumas na cabeça, resfolegando e empinando, agitados. Os guerreiros nos carros eram homens altos; seus elmos de bronze vinham adornados com o símbolo de uma lua crescente, que dava suporte a uma bola dourada. Havia pesados arcos em suas mãos. Não eram arqueiros comuns, mas nobres do sul, criados para a guerra e para a caça, acostumados a derrubar leões com suas flechas.

Atrás deles, havia um grupo variado de lutadores rústicos sobre cavalos semi-selvagens. Eram guerreiros de Kush, o primeiro dos grandes reinos negros dos campos ao sul de Stygia, cor de ébano, esguios e ágeis, cavalgando nus, sem sela ou rédeas.

Depois destes, vinha uma horda que parecia cobrir todo o deserto. Milhares sobre milhares de filhos guerreiros de Shem: tropas de cavaleiros com coletes de escamas e elmos cilíndricos, os asshuri de Nippr, Shumir e Eruk e suas cidades irmãs; multidões de clãs nômades vestidos de branco.

As fileiras começavam a se mover lentamente. Os carros saíam para o lado enquanto o grupo principal avançava, hesitante. Os cavaleiros no vale haviam apeado e o conde Thespides galopou até o alto do platô onde Conan se encontrava. Falou rapidamente, sem deixar a sela.

— A elevação da neblina os confundiu! Agora é a hora de atacar! Os kushitas não têm arcos e apenas camuflam o avanço geral. Um ataque de meus cavaleiros irá fazê-los recuar para o meio das fileiras shemitas, desfazendo a formação. Siga-me! Vamos ganhar esta batalha com um golpe só!

Conan sacudiu a cabeça.

— Se estivéssemos lutando contra um inimigo natural, eu concordaria. Mas esta confusão é mais fingida do que real, como se quisessem nos atrair para o ataque. Tenho receio de uma armadilha.

— Então você se recusa a atacar? — gritou Thespides, e a raiva lhe tingia o rosto de vermelho.

— Seja sensato — argumentou Conan. — Temos a vantagem da posição...

Praguejando furiosamente, Thespides virou o cavalo e galopou para o vale onde seus cavaleiros aguardavam, impacientes.

Amalric sacudiu a cabeça.

— Você não devia tê-lo deixado voltar, Conan. Eu... ei, olhe ali!

Conan levantou-se com um xingamento. Thespides cavalgava entre seus homens. Podiam ouvir apenas vagamente sua voz excitada, mas o gesto em direção à horda que se aproximava não deixava margem para dúvidas. Em mais um instante, 500 lanças apontaram para a frente e a tropa em armaduras de aço avançou vale abaixo.

Um jovem pajem deixou correndo a tenda de Yasmela, gritando para Conan com voz aguda e ansiosa:

— Meu senhor, a princesa pergunta por que não segue e apóia o conde Thespides!

— Porque não sou tão tolo quanto ele — resmungou Conan, que voltou a se sentar em sua pedra e começou a morder um enorme pedaço de carne.

— Você ficou mais sensato com a autoridade — comentou Amalric. — Loucuras como essa sempre foram sua alegria particular.

— Sim, quando eu só tinha a minha própria vida para levar em conta — respondeu Conan. — Agora... mas o que é isso?

A horda havia parado. Da ala mais extrema avançou um carro, o condutor nu chicoteando o cavalo como um louco; o outro ocupante era um homem alto cujo robe esvoaçava fantasmagoricamente ao vento. Ele tinha nos braços uma grande jarra de ouro, de onde despejava uma substância que cintilava ao sol. O carro percorreu toda a frente da horda do deserto e, atrás de suas rodas, foi deixando uma longa e fina linha de um pó brilhante sobre a areia, como a trilha fosforescente de uma serpente.

— Aquele é Natohk! — exclamou Amalric. — Que pó infernal ele está semeando?

Os cavaleiros de Thespides não haviam alterado sua velocidade de ataque. Mais uns 50 passos e iriam colidir com as fileiras irregulares kushitas, que permaneciam imóveis, as lanças erguidas. Os primeiros cavaleiros atingiram a linha fina do pó que cintilava. Não deram atenção à ameaça insidiosa. Mas, quando os cascos dos cavalos tocaram a linha, foi como quando um pedaço de aço bate em uma pedra — com resultados bem mais terríveis. Uma explosão assustadora agitou o deserto, que pareceu dividir-se, ao longo da linha semeada, a partir de uma medonha muralha de chamas brancas.

Nesse instante, a primeira linha de cavaleiros viu-se envolvida em fogo, cavalos e homens consumiram-se no clarão como insetos ao calor das chamas. No instante seguinte, as fileiras de trás amontoaram-se sobre os corpos queimados. Impossibilitadas de reduzir a velocidade suficientemente depressa, fileiras e mais fileiras colidiram e foram destruídas. Com uma rapidez estonteante, o ataque havia se transformado em carnificina: homens de armadura morriam entre cavalos destroçados.

De repente, quando a horda invasora organizou-se em linhas ordenadas, a miragem da confusão se desfez. Os selvagens kushitas correram para os corpos carbonizados, enfiando suas lanças nos feridos, arrebatando os elmos dos cavaleiros com pedras e martelos de aço. Tudo acabou tão depressa que os vigias nas colinas nem tiveram tempo de se mover, totalmente atordoados; e, novamente, a horda começou a avançar, dividindo-se para se desviar dos corpos amontoados sobre a areia. Das colinas, ouviu-se um grito:

— Não estamos lutando contra homens, mas contra demônios!

De ambos os lados da encosta, os homens da colina hesitavam. Um deles correu para o platô, ofegante.

— Vamos fugir! Vamos fugir! — gritou. — Quem pode lutar contra a magia de Natohk?

Conan levantou-se da pedra, resmungou e golpeou o homem com o osso da carne que tinha nas mãos, fazendo-o ir ao chão com sangue escorrendo pelo nariz. Em seguida, com um brilho assustador nos olhos, puxou a espada.

— De volta a seus postos! — ordenou. — Se mais alguém der um passo para trás, eu lhe cortarei a cabeça! Lutem, maldição!

O tumulto terminou tão rapidamente quanto havia começado. A personalidade vigorosa de Conan foi como uma ducha de água fria sobre a onda de pânico que tomara os homens.

— A seus lugares — orientou ele, depressa. — E permaneçam neles! Nem homem nem demônio vai subir o Passo de Shamla hoje!

No ponto em que a borda do platô se encontrava com a encosta do vale, os mercenários apertaram os cinturões e ergueram as lanças. Atrás deles, os lanceiros esperavam sobre seus cavalos, ao lado dos homens de Khoraja, que se colocaram em posição de reserva. Para Yasmela, que da porta da tenda observava tudo pálida e sem voz, seu exército parecia um deplorável punhado de pessoas se comparado à monstruosa horda do deserto.

Conan postou-se entre os lanceiros. Sabia que os invasores não tentariam um ataque de carros de guerra pelo meio da Passagem, mas soltou uma exclamação de surpresa ao ver os cavaleiros inimigos desmontando. Aqueles homens rudes não traziam carros de mantimentos. Cantis e bolsas pendiam da sela de seus cavalos. Conan os viu beberem o que lhes restava de água e jogarem fora os cantis.

— A morte não lhes dá medo mais — murmurou, vendo que compunham de pé suas linhas. — Eu preferiria que eles atacassem montados; cavalos feridos não obedecem e arruinam as formações.

A horda havia delineado uma enorme cunha, com os estígios na ponta, os asshuri no centro e os nômades nas laterais. Eles avançavam em um grupo compacto, com os escudos levantados, enquanto mais atrás, em um carro

imóvel, um homem alto erguia os braços cobertos por mangas largas e dirigia uma invocação sombria aos céus.

Quando a horda chegou à entrada do amplo vale, os homens das colinas foram perdendo suas armas e, apesar da formação de defesa, passaram a ser mortos às dezenas. Os estígios haviam largado os arcos e, inclinando para a frente as cabeças protegidas por elmos, fitavam com os olhos negros por sobre a borda do escudo. Avançavam como uma vaga que era impossível evitar, pisoteando os companheiros caídos.

Mas os shemitas retomaram o fogo e as nuvens de flechas escureceram o ar. Conan observava a confusão de lanças e arcos, imaginando que novo horror o feiticeiro iria evocar. De alguma forma, sentia que Natohk, como todos os de seu tipo, mostrava-se mais terrível na defesa do que no ataque; tomar a ofensiva contra ele convidava ao desastre. Mas certamente era a magia o que impelia aquela horda às raias da morte.

Conan olhou com desgosto para a carnificina que seguia o avanço das fileiras. As bordas da cunha invasora pareciam estar se diluindo e o vale já surgia salpicado de cadáveres. No entanto, os sobreviventes prosseguiram como loucos, indiferentes ao fim. Os homens nas colinas já não davam conta do número imenso de arqueiros inimigos e procuravam desesperadamente abrigo. Tomados de pânico com o avanço infatigável dos invasores, puxavam seus arcos insanamente, com os olhos febris de lobos encurralados.

Quando as hordas se aproximaram da garganta estreita do Passo, rochas atiradas das colinas esmagaram dezenas de homens, mas nem sequer fizeram o ataque vacilar.

Os homens de Conan se preparavam para o confronto inevitável. Em sua formação compacta e com armaduras de qualidade superior, não sofriam com as flechas. Mas o que Conan temia era o impacto do ataque quando a enorme cunha colidisse em suas fileiras escassas. E percebia agora que não havia como interromper a matança. Ele segurou o ombro de um zaheemi que se encontrava ao lado.

— Existe alguma maneira de homens montados descerem até o vale por trás daquele cume a oeste?

— Sim, uma trilha íngreme, perigosa, secreta e eternamente protegida. Mas...

Conan o arrastou consigo até o local onde Amalric se postava sobre seu grande cavalo de guerra.

— Amalric! — chamou. — Siga este homem! Ele vai conduzir você até o outro lado do vale. Desça até lá, circunde os rochedos e ataque a horda por trás. Não fale nada; aja depressa! Sei que é loucura, mas estamos condenados de qualquer forma; causaremos tanto prejuízo quanto pudermos antes de morrer! Apresse-se!

Amalric afastou-se e, poucos momentos depois, seus lanceiros seguiam o guia pelo emaranhado de gargantas que conduziam para fora do platô. Conan voltou ao campo de combate no momento em que os soldados de Shupras, enlouquecidos com a derrota certa, atiravam suas lanças para o vale como uma chuva desesperada. Homens morriam feito moscas no vale e nas encostas — e com um bramido, numa onda que se levantava, irresistível, os estígios bateram de frente com os mercenários.

As fileiras iam e vinham no furacão de aço e músculos. Eram nobres guerreiros contra soldados profissionais. Escudos se chocavam com escudos e, entre eles, lanças investiam e faziam jorrar sangue.

Conan reconheceu o físico poderoso do príncipe Kutamun do outro lado do mar de espadas, mas não tinha como chegar até ele. A massa compacta de homens lutava corpo a corpo. Atrás dos estígios, os asshuri aproximavam-se aos gritos.

Nos dois lados das colinas, nômades subiam os rochedos para enfrentar seus parentes das montanhas. Por todas as encostas, o combate se desenvolvia com uma ferocidade cega e irracional. Enlouquecidos pelo fanatismo e pelas antigas rixas, os homens das tribos atacavam, matavam e morriam. Com os cabelos revoltos soltos ao vento, os kushitas nus entravam uivando na briga.

Os olhos quase cegos de Conan pareciam fitar um oceano agitado de aço que fervilhava em redemoinhos, enchendo o vale de ponta a ponta. A luta vivia um impasse sangrento. Os homens das colinas mantinham o controle das cristas e os mercenários, firmes em seus postos, fechavam a passagem. O posicionamento e as armaduras superiores contrabalanceavam por algum tempo a vantagem numérica dos invasores. Mas aquilo não poderia durar muito. Ondas e ondas de rostos enfurecidos e lanças reluzentes de asshuris subiam a encosta, preenchendo os vazios nas fileiras estígias.

Conan procurou ver se os homens de Amalric apareciam por trás da encosta oeste, mas eles não chegavam, e seus lanceiros já precisavam recuar sob o impacto dos choques. Naquela altura, Conan abandonou toda esperança de vitória e de vida.

Gritando um comando para seus capitães atônitos, saiu de sua posição e correu pelo platô até os reservas de Khoraja, que esperavam, trêmulos de ansiedade. Nem olhou para a tenda de Yasmela. Havia se esquecido da princesa; seu único pensamento era o instinto selvagem de matar antes de morrer.

— Hoje vocês vão se tornar cavaleiros! — disse, rindo ferozmente e apontando com a espada os cavalos dos homens das colinas, agrupados ali perto. — Montem e sigam-me até o inferno!

Os animais da colina protestaram ferozmente sob o barulho desconhecido das armaduras kothianas, e a risada tempestuosa de Conan ergueu-se sobre o alarido enquanto ele os conduzia para o ponto onde a crista leste se afastava do platô. Quinhentos homens de infantaria — nobres empobrecidos, filhos mais novos, ovelhas negras — sobre cavalos shemitas semi-selvagens, atacando um exército por uma encosta onde nenhuma cavalaria jamais sonhara atacar!

Atravessaram a boca sangrenta da Passagem, percorreram a montanha coberta de cadáveres e desceram a encosta íngreme, onde uma dezena de homens escorregaram e rolaram sob os cascos de seus camaradas. Abaixo deles, guerreiros gritavam e erguiam os braços — e o grupo de Conan caiu sobre eles como uma avalanche sobre uma floresta de brotos de árvores. Os khorajis colidiram com o tropel, deixando que se formasse atrás de si um tapete fúnebre.

E então, enquanto a horda se contorcia e se enrolava, os lanceiros de Amalric chegaram ao outro lado do vale, contornaram a extremidade das colinas do oeste e investiram contra as últimas fileiras inimigas, abrindo um buraco à sua passagem.

O ataque trouxe consigo toda a atordoante desmoralização de uma surpresa na retaguarda. Julgando-se cercados por uma força superior e atemorizados com a perspectiva de terem seu caminho para o deserto barrado, bandos de nômades abandonaram a formação e fugiram, desorganizando as fileiras de seus companheiros mais persistentes. Estes se

desequilibraram e foram pisoteados pelos cavalos. Nas montanhas, os guerreiros do deserto hesitaram diante da confusão inesperada e os homens das colinas caíram sobre eles com fúria renovada, expulsando-os pelas encostas.

Atordoada pela surpresa, a horda se dispersou antes de constatar que era atacada por não mais que um punhado de homens. E , uma vez desfeita, nenhum mágico conseguiria novamente reuni-la com igual número de guerreiros.

Sobre o mar de cabeças e lanças, os homens de Conan viram os cavaleiros de Amalric avançando resolutos entre a confusão de gente, entre as achas e clavas que subiam e desciam. E uma louca alegria da vitória encheu o coração de cada um deles, e tornou seus braços ainda mais poderosos.

Atravessando o mar de sangue cujas ondas escarlates atingiam seus tornozelos, os guerreiros que fechavam a entrada da Passagem se precipitaram sobre as espessas fileiras à frente. Os estígios não recuaram, mas, atrás deles, o grupo dos asshuris se diluiu; e, sobre os corpos dos nobres do sul que lutaram até o último homem, os mercenários irromperam para dividir e destroçar as fileiras que ainda resistiam. Sobre os rochedos, o velho Shupras jazia com uma flecha no coração; Amalric caíra e praguejava como um pirata diante da lança enfiada em sua coxa direita. Da infantaria montada de Conan, apenas cerca de 150 homens permaneciam nas selas.

Mas a horda estava abalada. Nômades e lanceiros fugiam para o acampamento à procura de seus cavalos, e os homens das colinas desciam em bandos pelas encostas, atacando os fugitivos pelas costas, cortando a garganta dos feridos.

Naquele caos, uma terrível aparição surgiu de repente diante do cavalo de Conan. Era o príncipe Kutamun, nu exceto por uma tanga, a armadura entalhada, o elmo de crista amassado, Os membros manchados de sangue. Com um grito assustador, ele atirou a espada quebrada no rosto de Conan e, de um salto, agarrou a rédea do cavalo. O cimério desequilibrou-se na sela, atordoado com o golpe, enquanto o príncipe gigante, com uma força descomunal, puxava a rédea, obrigando o animal a pular e recuar, até que perdesse o equilíbrio e desabasse sobre a areia ensangüentada e os corpos contorcidos.

Conan pulou da sela quando o cavalo caiu e, com um bramido, Kutamun jogou-se sobre ele. Envolvido no louco pesadelo da batalha, o bárbaro jamais pôde dizer exatamente como matou o adversário. Apenas soube que o estígio lhe golpeara seguidamente o elmo com uma pedra, ofuscando-lhe a vista, enquanto ele enfiava várias vezes a adaga no corpo do inimigo, sem qualquer efeito aparente sobre a terrível vitalidade do príncipe. O mundo girava diante dos olhos de Conan quando, com um tremor convulsivo, o corpo que se comprimia contra o seu enrijeceu de repente e caiu morto.

Com o sangue escorrendo pelo rosto sob o elmo amassado, Conan levantou-se e fitou a profusão da morte que se estendia diante dele. De colina a colina, os mortos formavam um tapete vermelho que sufocava o vale. Os corpos fechavam a entrada da passagem, cobriam as encostas. E , mais ao longe no deserto, a matança continuava, pois os sobreviventes da horda haviam alcançado seus cavalos e tentavam fugir, perseguidos pelos vitoriosos exaustos. E Conan observou, horrorizado, como haviam restado poucos homens para persegui-los.

De repente, um grito de pavor encheu o ar. Do alto do vale, uma carruagem se aproximava em velocidade, sem fazer conta das pilhas de corpos. Não era puxada por cavalos, mas por uma grande criatura negra semelhante a um camelo. Natohk vinha de pé no carro, seu robe esvoaçava; e, segurando as rédeas e chicoteando como um louco, havia um ser negro antropomórfico que poderia ter sido uma espécie de macaco monstruoso.

A carruagem subiu a encosta cheia de corpos e foi direto para a tenda onde Yasmela se encontrava sozinha, abandonada por seus guardas na ânsia da perseguição.

Conan, imobilizado, ouviu o grito desesperado da princesa quando Natohk a agarrou nos braços e a colocou dentro do carro. Então, o animal negro deu meia-volta e tornou a descer a encosta para o vale, e nenhum homem ousou atirar uma flecha ou lança, com medo de atingir Yasmela, que se contorcia nos braços de Natohk.

Conan deu seu grito inumano, pegou no chão a espada e pulou diante da carruagem. Mas, assim que ergueu a espada, as patas dianteiras da besta negra atingiram-no como um raio e o atiraram a vários metros de distância. O grito apavorado de Yasmela chegou a seus ouvidos enquanto o carro se afastava em velocidade.

Um urro sem o timbre da voz de um homem saiu dos lábios de Conan quando ele se levantou da terra sangrenta, agarrou as rédeas de um cavalo sem montaria que passava correndo e pulou na sela sem fazer o animal parar. Galopando alucinadamente, saiu em perseguição à carruagem de Natohk. Passou como um furacão pelo acampamento dos shemitas e seguiu pelo deserto, deixando para trás grupos de seus próprios guerreiros e de apressados homens do deserto.

A carruagem prosseguia como o vento e Conan galopava atrás. Agora, só havia o deserto aberto à volta, banhado no fantástico esplendor do pôr do sol. Diante dele, erguiam-se as antigas ruínas, e, com um grito agudo que congelou o sangue nas veias de Conan, o sobrenatural condutor do carro atirou Natohk e a moça para fora. Eles rolaram na areia e, diante dos olhos atordoados do bárbaro, a carruagem e o animal que o puxava transformaram-se horripelantemente. Grandes asas estenderam-se de uma medonha criatura negra que de forma alguma se assemelhava a um camelo; ela voou para o céu, levando atrás de si uma espécie de chama capaz de cegar, na qual uma forma negra de contornos humanos ria em fantasmagórico triunfo. Foi tudo tão rápido que mais pareceu um pesadelo.

Natohk levantou-se, deu uma rápida olhada para seu perseguidor, que se aproximava sem reduzir a velocidade, com a espada espalhando gotas vermelhas pela areia; então, o feiticeiro agarrou a princesa e correu com ela para dentro das ruínas.

Conan pulou do cavalo e seguiu atrás deles. Entrou em um salão iluminado com um brilho estranho, embora, lá fora, já tivesse começado a anoitecer. Sobre um altar de jade negro, viu Yasmela nua, com o corpo reluzindo como marfim sob a luz misteriosa. Suas vestes estavam espalhadas pelo chão, como se tivessem sido arrancadas com uma pressa brutal. Natohk, inumanamente alto e magro, vestido em seda verde, postou-se diante do cimério. Então, afastou o véu e Conan pôde contemplar o mesmo rosto que vira representado na moeda zugita.

— Sim, cachorro! — a voz era como o sibilo de uma serpente gigante. — Eu sou Thugra Khotan! Jazi muito tempo em meu túmulo, esperando pelo dia do despertar e da libertação. As artes que me salvaram dos bárbaros muito tempo atrás também me aprisionaram, mas eu sabia que alguém chegaria em tempo — e ele veio, para cumprir seu destino, e para morrer como nenhum homem morreu em 3 mil anos!

— Idiota, acha que me venceu porque conseguiu dispersar meu povo? Porque eu fui traído e abandonado pelo demônio que escravizei? Sou Thugra Khotan, que irá governar o mundo apesar de seus deuses insignificantes! O deserto está repleto de meu povo; os demônios da terra farão a minha vontade, assim como os répteis da terra me obedecem. O desejo por uma mulher enfraqueceu minha feitiçaria. Agora, a mulher é minha e, banqueteando-me em sua alma, eu me tornarei invencível! Para trás, idiota! Você não venceu Thugra Khotan!

Ele atirou seu bastão aos pés de Conan, que recuou com um grito involuntário. Isso porque, quando o bastão caiu, mudou terrivelmente de forma; seu contorno desfez-se e contorceu-se, e uma cobra sibilante apareceu diante do cimério horrorizado. Conan exclamou furiosamente e golpeou o réptil com a espada, cortando-o em dois. E, ali a seus pés, viu apenas os dois pedaços de um bastão quebrado.

Thugra Khotan riu à sua maneira tenebrosa e, virando-se, pegou alguma coisa que se arrastava pela poeira do chão.

Em sua mão estendida, algo vivo se contorcia. Não eram truques de sombra desta vez. Com a mão desprotegida, Thugra Khotan segurava um escorpião negro, com mais de 30 centímetros de comprimento, a criatura mais letal do deserto, cujo ataque significava morte instantânea. O rosto ossudo de Thugra Khotan abriu-se em um esgar de múmia.

Conan hesitou; então, abruptamente, atirou a espada.

Pego de surpresa, Thugra Khotan não teve tempo de evitar o golpe. A ponta da espada atingiu-o abaixo do coração e atravessou-lhe o corpo, saindo pelas costas. Ele caiu, esmagando o monstro venenoso em sua mão.

Conan caminhou até o altar e ergueu Yasmela com os braços sujos de sangue.

Ela atirou convulsivamente seus próprios alvos braços ao redor do pescoço arredondado de Conan, chorando histericamente, e não o deixou desvencilhar-se.

— Em nome de Crom, moça! — resmungou ele. — Deixe-me ir! 50 mil homens pereceram hoje e há muito trabalho a fazer...

— Não! — Yasmela interrompeu, agarrando-o com uma força convulsiva, tão bárbara naquele instante quanto seu medo e sua paixão. —

Não vou deixá-lo ir! Eu sou sua, por fogo, aço e sangue! E você é meu! Lá fora, eu pertencço aos outros. Aqui, eu sou minha... e sua! Você não irá!

Ele hesitou, lutando contra a força de suas próprias paixões violentas. O brilho lúgubre e inumano ainda enchia a câmara, iluminando de maneira fantasmagórica o rosto findo de Thugra Khotan, que parecia rir sombria e terrivelmente para eles.

No deserto, nas colinas entre os oceanos de corpos, homens estavam morrendo, uivando com suas feridas, sua sede e sua loucura, e os reinos permaneciam em perigo. Mas então tudo foi apagado por uma onda carmesim que agitava loucamente a alma de Conan, enquanto ele apertava em seus braços de aço aquele esguio corpo de porcelana, enroscado ao seu pelo poder de um fogo mais poderoso do que qualquer magia.

# XUTHAL DO CREPÚSCULO

## *The Slithering Shadow*

O deserto reluzia sob as ondas de calor. Conan, o cimério, olhou a seu redor e contemplou o enorme ermo; logo, passou involuntariamente o dorso da mão por seus lábios escurecidos. Estava de pé sobre a areia, como uma estátua de bronze, aparentemente imune ao sol abrasador, embora só vestisse uma tanga de seda, presa por um largo cinturão com fivela de ouro, do qual pendiam um sabre e uma adaga de lâmina larga. Em seus músculos e pernas havia marcas de ferimentos mal-cicatrizados.

A seus pés descansava uma garota abraçada a seus joelhos, sobre os quais apoiava sua cabeleira loira. Sua pele branca contrastava com as pernas bronzeadas de Conan. A jovem vestia uma túnica de seda, decotada e sem mangas, e usava um cinturão que dava ainda mais relevo a seu corpo formoso.

Conan mexeu a cabeça, piscando. O forte brilho do sol quase o cegava. Apanhou um pequeno cantil de seu cinto e o agitou para confirmar se ainda restava água.

A garota se mexeu, inquieta, e disse, em tom de mágoa:

— Oh, Conan, morreremos aqui! Tenho muita sede!

O cimério grunhiu algo ininteligível, olhando a seu redor, com atitude lúgubre. Adiantou a mandíbula, e seus olhos azuis arderam com um brilho selvagem sob a rebelde cabeleira negra, como se o deserto fosse um inimigo palpável.

Logo inclinou-se e aproximou o cantil dos lábios da jovem.

— Beba água até que eu lhe diga, Natala. — ordenou.

A garota bebeu em grandes goles, mas Conan não a conteve. Só quando o cantil ficou vazio, ela se deu conta de que Conan lhe havia permitido beber a pouca água que restava. Lágrimas chegaram aos seus olhos.

— Oh, Conan! — exclamou, retorcendo as mãos — Por que me deixou beber toda a água? Eu não sabia... e agora não resta nada pra você!

— Cala a boca! — ordenou o cimério — Não desperdice suas forças chorando. — Ergueu-se e arremessou o cantil para longe.

— Por que fez isso? — perguntou a garota.

Conan não respondeu. Permaneceu imóvel, com os dedos crispados sobre a empunhadura do sabre. Não olhava a jovem. Seus olhos ferozes pareciam perfurar a misteriosa bruma de cor púrpura, que se via à distância.

Dotado de um selvagem amor à vida e do instinto de conservação dos bárbaros, Conan da Ciméria sabia, no entanto, que naquele momento havia chegado ao fim de seu caminho. Ainda não havia alcançado o limite de sua resistência, mas tinha consciência de que outro dia naquele deserto interminável, sob aquele sol terrível, acabaria com ele.

Quanto à garota, já havia sofrido bastante. Seria muito melhor um rápido golpe de sabre do que a tremenda agonia que lhe esperava. Por enquanto, a sede da jovem estava saciada. Seria falsa compaixão deixá-la sofrer, até que o delírio e a morte lhe proporcionassem o desejado alívio. Lentamente desembainhou o sabre.

De repente se deteve, e todos os músculos de seu corpo puseram-se em tensão. À distância, ao sul, algo resplandecia entre as terríveis ondas de calor.

A princípio, pensou que se tratasse de uma miragem, que zombava dele naquele maldito deserto. Fazendo sombra sobre os olhos com uma das mãos, distinguiu torres e minaretes rodeados por muralhas brancas. Natala havia deixado de chorar. Pôs-se de joelhos com dificuldade, e logo seguiu o olhar do cimério.

— É uma cidade, Conan? — murmurou, assustada demais para ter esperanças — Ou só uma miragem?

O bárbaro permaneceu em silêncio durante uns segundos. Logo, fechou e abriu os olhos várias vezes.

Depois, olhou em outra direção e voltou seus olhos para a cidade. Esta continuava no mesmo lugar.

— Só o diabo sabe. — disse, com um grunhido — Bom, de qualquer maneira, vale a pena testar.

Embainhou a espada. Se inclinou e levantou Natala nos braços, como se fosse uma criança. A garota recusou debilmente.

— Não desperdice suas forças dessa maneira, Conan. — disse — Eu posso caminhar.

— O terreno é muito mais rochoso aqui. — explicou o cimério — Suas sandálias logo se romperiam. Além do mais, se temos de chegar à cidade, devemos fazê-lo rapidamente. Assim, consigo caminhar mais depressa.

A possibilidade de continuar vivendo havia injetado novas forças nos membros de aço do cimério. Começou a caminhar sobre a abrasadora areia, como se acabasse de começar a jornada. Conan, bárbaro entre os bárbaros, tinha uma resistência física a toda prova, que lhe permitia sobreviver em condições que acabariam com qualquer homem civilizado.

Ele e a jovem eram os únicos sobreviventes do exército do príncipe Almuric, aquela horda que, seguindo o derrotado príncipe de Koth, varria as terras de Shem como uma terrível tormenta de areia e inundava de sangue as fronteiras da Stygia. Os stígios o seguiam de perto, e ao atravessar o reino negro de Kush, encontrou-se com o caminho bloqueado. Sua única alternativa era entrar no perigoso deserto. Conan se dirigiu então para o sul, até que, de repente, topou com o deserto. Os corpos de seus homens — mercenários, proscritos e todo tipo de delinqüentes — jaziam destroçados ao longo das terras altas de Koth, até as dunas do deserto.

Depois daquele massacre final, quando os stígios e os kushitas atacaram os homens encurralados que ainda estavam de pé, Conan conseguiu fugir com a garota, montado num camelo. O único caminho possível era o deserto do sul. E assim haviam penetrado naquela imensa e abrasadora desolação.

A jovem era uma brituniana que Conan havia encontrado no mercado de escravos de uma arrasada cidade shemita, da qual se apropriou. Não havia dúvida de que sua nova situação era melhor que a de qualquer mulher de um harém shemita e, conseqüentemente, aceitou-a, agradecida. Depois, compartilhou as aventuras das hordas de Almuric.

Avançaram durante dias pelo deserto, perseguidos pelos cavaleiros stígios. Logo, ao cessar a perseguição, Conan e a garota não se atreveram a recuar. Continuaram avançando e buscando água, até que o camelo morreu. Depois seguiram a pé. Nos últimos dias, seus sofrimentos haviam sido atrozes. Conan protegeu Natala de tudo o que pôde. A vida dura do acampamento havia desenvolvido na jovem uma força superior à de uma mulher comum. Mas mesmo assim, a garota não estava muito longe do esgotamento total.

O sol golpeava com força a cabeça de Conan. Sentia ameaças de cansaço e náuseas, mas apertou os dentes e continuou caminhando. Estava convencido de que a cidade era uma realidade, e não uma ilusão. No entanto, não tinha a menor idéia do que encontrariam ali. Os habitantes podiam mostrar-se hostis. Pelo menos, ali havia possibilidade de luta, e isso era tudo o que Conan podia pedir.

O sol estava a ponto de esconder-se, quando chegaram diante da enorme porta e se sentiram protegidos à sua sombra. Conan deixou Natala de pé sobre a areia e relaxou os músculos de seus doloridos braços. Por cima deles, viam torres de uns dez metros de altura, construídas com um material delicado e esverdeado, quase como cristal. Conan olhou os parapeitos, temendo o pior, mas não viu ninguém. Gritou e bateu com impaciência à porta, com o cabo da espada, mas só lhe responderam uns ecos zombeteiros. Natala aproximou-se mais de Conan, atemorizada pelo silêncio. A porta se abriu sozinha e o cimério recuou, desembainhando a espada. Natala abafou um grito.

— Oh, Conan, veja!

No interior, próximo à porta, havia um corpo humano estendido no chão. Conan o observou fixamente e logo olhou em todas as direções. Então, viu uma grande extensão de terreno, semelhante a um pátio, rodeada pelas arcadas das casas, que estavam construídas com o mesmo material esverdeado das muralhas. Estes edificios eram altos e impressionantes, e estavam coroados por brilhantes cúpulas e minaretes. Ali não havia sinais de vida. No centro do pátio havia um poço. Sua presença estimulou Conan, que tinha a boca pregada devido à fina poeira do deserto. Pegou Natala pelo pulso e fechou a porta.

— Está morto? — perguntou Natala, apontando o homem que se encontrava estendido junto à porta. O corpo do indivíduo era grande e forte, de pele amarelada e olhos ligeiramente rasgados. Diferia do tipo hiboriano. Usava sandálias com correias amarradas às panturrilhas e vestia uma túnica de seda vermelha. De seu cinto pendia uma espada com uma bainha de tecido bordado a ouro. Conan o tocou e percebeu que estava frio. O corpo não apresentava o menor sinal de vida.

— Não tem um só ferimento. — resmungou o cimério — Mas está tão morto quanto Almuric, atravessado por quarenta flechas stígias. Em nome de Crom! Vamos ao poço. Se houver água nele, beberemos, com ou sem mortos.

No poço havia água, mas não podiam beber. O nível da água estava a uns quinze metros de profundidade, e não tinham como tirá-la.

Conan rosnou uma maldição ao ver o líquido que estava fora de seu alcance, e começou a buscar algum meio de obtê-lo. Então, ouviu o grito de Natala e virou-se.

Nesse momento, o homem que aparentemente estava morto lançou— se sobre ele. Seus olhos brilhavam com pura vida e sua espada curta cintilava na mão. Conan proferiu outra maldição, mas não perdeu tempo fazendo conjecturas. Enfrentou o perigoso atacante com um formidável golpe de seu sabre, que atravessou-lhe a carne e os ossos. O corpo cambaleou e depois caiu pesadamente ao chão.

Conan o examinou, murmurando pra si. Logo disse:

— Este indivíduo não está mais morto agora do que há alguns minutos. Em que casa de loucos a gente se meteu?

Natala, que havia tapado os olhos com as mãos, mas que olhava por entre os dedos, exclamou:

— Oh, Conan! O povo desta cidade não irá nos matar por isso?

— Bom. — grunhiu Conan — Este indivíduo teria nos matado, se eu não lhe arrancasse a cabeça.

O cimério olhou para as arcadas que abriam suas bocas escuras, das verdes muralhas que haviam sobre eles. Não viu nenhum movimento, nem ouviu o menor ruído.

— Não creio que alguém nos tenha visto. — murmurou — Esconderei isto...

Levantou o cadáver pelo cinturão com uma das mãos; com a outra, pegou a cabeça pelos cabelos e levou ambas as partes do corpo até o poço.

— Já que não podemos beber desta água... — resmungou vingativamente o cimério — Não deixarei que mais ninguém desfrute dela. Maldito poço!

Levantou o corpo até a beirada e o deixou cair dentro do poço, atirando a cabeça em seguida. Do fundo, chegou o ruído do cadáver ao cair na água.

— Tem sangue nas pedras. — sussurrou Natala.

— E haverá mais, a menos que encontre logo água. — respondeu o cimério, cuja paciência estava chegando ao limite.

A garota quase havia se esquecido da sede e da fome, devido ao medo, mas Conan não.

— Entraremos por uma dessas portas. — disse — Certamente, encontraremos alguém.

— Oh, Conan! — exclamou a jovem, comprimindo-se fortemente contra ele — Tenho medo! Esta é uma cidade de fantasmas e de mortos! Voltemos ao deserto! Será melhor morrer lá do que passar por todos estes horrores!

— Iremos ao deserto quando nos expulsarem daqui. — respondeu o cimério com um grunhido — Em algum lugar desta cidade existe água, e vou achar nem que tenha de matar todos os homens que morem nela.

— Mas... e se ressuscitarem?

— Então voltarei a matá-los até que não ressuscitem mais! Olhou ao seu redor e acrescentou subitamente:

— Vamos! Aquela porta ali é tão adequada quanto qualquer outra. Venha atrás de mim, mas não corra, a menos que eu lhe diga.

A jovem assentiu com a cabeça, e o seguiu tão de perto que tropeçou nos calcanhares do bárbaro, o qual ficou furioso. Acabava de cair o crepúsculo, que encheu a cidade de numerosas sombras de cor púrpura. Atravessaram a soleira da porta e se encontraram numa ampla moradia, cujas paredes estavam cobertas de tapetes bordados com estranhos desenhos. O chão, as paredes e o teto baixo eram feitos com pedra de cor verde brilhante e os muros estavam decorados com frisos dourados. O chão estava coberto de almofadas de veludo e seda. Havia várias portas que levavam a outras moradias. Conan e a garota passaram por outras habitações, quase iguais à primeira. Não viram ninguém, mas o cimério grunhiu, desconfiando de algo.

— Alguém esteve aqui há muito pouco tempo. Este divã ainda está morno pelo contato com o corpo humano. Essa almofada de seda tem marcas de quadris e há um leve perfume no ar.

A atmosfera do lugar era fantástica e estranha..., parecia irreal. Entrar naquele palácio silencioso era como afundar num sono causado pelo ópio. Conan e a jovem evitaram alguns salões sem iluminação. Outros estavam iluminados por uma luz tênue que parecia proceder das jóias incrustadas nas paredes, as quais formavam estranhos desenhos. De repente, quando entravam numa daquelas habitações, Natala soltou um grito e agarrou seu companheiro pelo braço. Conan praguejou em voz alta e deu meia— volta, procurando um inimigo. Espantou-se em não ver ninguém ali.

— O que está acontecendo? Se voltar a me agarrar assim pelo braço, te arranco a pele. Por que gritou?

— Veja isso.

Conan grunhiu. Sobre uma mesa de ébano polido, havia uns recipientes dourados que, aparentemente, continham comida e bebida. A moradia estava deserta.

— Bom, seja quem for que ia usufruir tudo isto, já pode procurar outro lugar para desfrutar a noite.

— Podemos comer isso, Conan? — arriscou a jovem nervosamente — Alguém poderia chegar e...

— Lir an mannanam mac lir! — rugiu Conan, pegando a jovem pela nuca e obrigando-a a sentar-se numa cadeira dourada, situada numa extremidade da mesa — Estamos mortos de fome e ousa fazer objeções! Coma!

O cimério se sentou ao outro extremo e pegou uma jarra de jade verde, a qual esvaziou de um gole. Continha um líquido semelhante ao vinho, de sabor estranho, porém agradável, desconhecido para ele, embora para sua garganta ressecada fosse como néctar. Uma vez saciada sua sede, atacou com prazer a comida que tinha adiante. O sabor desta também lhe era estranho. Havia frutas exóticas e carnes desconhecidas. Os pratos eram de um feitio delicioso, e as facas e garfos eram de ouro. Conan ignorou os talheres, comeu com as mãos e destrinchou a carne com os dentes. Os modos do cimério eram bastante rudes. Sua civilizada companheira comia com mais elegância, mas com o mesmo prazer. Conan imaginou que a comida pudesse estar envenenada, mas essa idéia não diminuiu seu apetite. Preferia morrer envenenado a perecer de fome.

Uma vez satisfeito o seu apetite, Conan se jogou pra trás em sua cadeira, soltando um profundo suspiro de alívio. A julgar por aquela comida recente, era óbvio que havia seres humanos na silenciosa cidade, e talvez um inimigo escondido em cada esquina.

Mas Conan não sentia o menor temor diante de tal idéia, já que tinha uma enorme confiança em sua habilidade para lutar. Começou a sentir-se sonolento e pensou em começar a descansar um pouco sobre um divã.

Natala já não tinha fome nem sede, mas não sentia vontade de dormir. Seus olhos maravilhosos miravam timidamente em direção às portas, fronteiras do desconhecido. O silêncio e o mistério do estranho lugar incomodavam-na. A moradia parecia maior e a mesa, muito mais longa que a princípio, e teve a sensação de que estava demasiadamente longe de seu protetor. Levantou-se rapidamente, se aproximou dele e sentou-se em seus

joelhos. Logo voltou a olhar inquietamente para as portas arcadas. Algumas delas estavam iluminadas e outras não, mas seus olhos se fixaram mais intensamente nas que estavam às escuras.

— Já comemos, bebemos e descansamos. — disse a garota — Vamos embora daqui, Conan. Tenho a sensação de que isto é o inferno.

— Bem, mas até agora ninguém nos fez mal. — respondeu o cimério.

Naquele exato momento, um ranger sinistro fez com que dessem meia volta. Afastou a jovem de seus joelhos e se pôs em pé, com a rapidez de uma pantera, desembainhando o sabre e olhando para a porta, de onde partira o ruído. Este não se repetiu. Conan avançou sigilosamente, e Natala o seguiu, atemorizada. Sabia que o cimério farejava o perigo. Com a cabeça afundada entre os ombros gigantescos, Conan caminhou agachado, como um tigre à espreita. Não fazia mais ruído que um felino avançando para sua presa.

Se deteve na soleira da porta. Natala ia atrás dele, olhando pra todas as direções. A habitação não estava iluminada, mas a escuridão não era absoluta, devido à luz que havia às suas costas, e que inclusive iluminava, ainda que timidamente, uma outra moradia. E nesta habitação havia um homem estendido sobre um estrado. A luz tênue lhes permitiu ver que se tratava de um indivíduo muito parecido ao que tinham visto na porta exterior, com a diferença que suas roupas eram mais luxuosas e estavam adornadas com jóias que brilhavam com um estranho fulgor.

Estaria morto ou simplesmente dormindo? Mais uma vez, ouviu-se o mesmo ruído sinistro de antes, como se uma mão tivesse empurrado alguma cortina. Conan recuou e passou um braço por cima dos ombros de Natala. Logo tapou-lhe a boca com a mão, a tempo de impedir que a jovem soltasse um grito.

De onde estavam, não viam o estrado, mas puderam perceber uma estranha sombra, projetada sobre a parede que havia atrás. Logo viram outra sombra destacada contra a parede. O cabelo de Conan se arrepiou. Aquela sombra fantástica era absolutamente disforme. Não lembrava de ter visto jamais semelhante reflexo de nenhum homem ou animal. Estava consumido pela curiosidade e, no entanto, o instinto lhe fez permanecer imóvel. Ouviu o rápido ofego de Natala, que fitava a cena com os olhos arregalados. Nenhum outro som interrompia o tenso silêncio. A enorme sombra cobriu a que projetava o estrado sobre a parede. Por um instante, quase toda a parede desapareceu na escuridão. Logo, a sombra foi desaparecendo lentamente e,

mais uma vez, o estrado se projetou nitidamente contra o painel. Mas o homem adormecido já não estava ali.

Um histérico gorjeio surgiu da garganta de Natala. Conan sacudiu-a energicamente. No entanto, o cimério sentiu que o sangue lhe gelava nas veias. Não temia os inimigos humanos, nem tinha medo de nada que pudesse entender, por mais espantoso que fosse. Mas aquilo ultrapassava todos os limites.

Entretanto, a curiosidade logo prevaleceu sobre sua preocupação, e voltou a entrar na habitação iluminada, disposto a qualquer coisa. Olhou em direção à outra moradia e viu que estava vazia. O estrado estava no mesmo lugar, mas ali não havia nenhum ser humano. Só uma gota de sangue, que parecia uma gema intensamente vermelha, sobre o cobertor de seda. Natala a viu e soltou um grito. Desta vez, Conan não a recriminou. O cimério sentiu a mão gelada de horror. Sobre aquele estrado, há alguns momentos, havia um homem. Alguém entrara na habitação e o levara.

Conan não entendia o que estava acontecendo, mas uma aura de horror sobrenatural pairava sobre aquelas moradias mal-iluminadas.

Estava disposto a ir embora. Tomou Natala pela mão e deu meia— volta. De repente hesitou. De algum lugar das habitações que haviam atravessado, chegou um ruído de passos. Um pé humano, descalço ou com um leve calçado, havia produzido aquele som, e Conan, com a cautela de um lobo, recuou rapidamente pra um lado. Achou que poderia voltar facilmente ao pátio exterior e, inclusive, evitar a moradia da qual partira aquele estranho som.

Todavia, mal haviam cruzado a primeira habitação, quando de repente lhes chamou a atenção um tapete de seda. Diante de um quarto, cuja entrada estava coberta por uma cortina, havia um homem de pé, olhando-os fixamente.

Era exatamente igual aos outros que tinha visto antes. Era alto e corpulento, vestia roupas de cor azul e usava um cinto adornado com pedras preciosas. Em seus olhos de âmbar não se refletia nem surpresa nem hostilidade. Tratava-se simplesmente do olhar onírico de um comedor de lótus. Tampouco desembainhou a espada que pendia-lhe do cinto. Depois de um momento de tensão, falou com tom sonhador, distante, numa língua que Conan não entendia.

Conan disse algo em Stígio, e o desconhecido lhe respondeu na mesma língua.

— Quem é?

— Sou Conan da Ciméria. — respondeu o bárbaro — Esta é Natala, da Britúnia. Que cidade é esta?

O homem não respondeu. Seu olhar sensual e sonhador se fixou em Natala, e disse:

— Esta é a visão mais estranha que jamais tive! Oh, garota de cabelos dourados! De que terra de sonhos você vem? De Andana, Tothra ou Kuth do cinturão de estrelas?

— Que loucura é esta? — vociferou o cimério rispidamente, não gostando das palavras e das maneiras do homem.

O desconhecido não lhe prestou a menor atenção.

— Tenho sonhado com as belezas mais extraordinárias... — murmurou

— Com formosas mulheres de cabelos negros como a noite e olhos cheios de mistério. Mas sua pele é branca como o leite e seus olhos, claros como a aurora. Tens o frescor e a doçura do mel! Venha ao meu divã, garota dos sonhos.

O homem avançou em direção à jovem, com a mão estendida, mas Conan afastou-a com uma força que teria fraturado o braço de qualquer um. O desconhecido recuou, com os olhos entreabertos, friccionando a mão dolorida.

— Que rebelião de fantasmas é esta? — murmurou — Bárbaro, ordeno — lhe que se vá...! Desapareça! Suma! Vai-te daqui!

— Te farei sumir a cabeça! — exclamou Conan, furioso, empunhando seu sabre — São estas as boas-vindas que dá aos forasteiros? Por Crom! Encharcarei de sangue todos estes tapetes!

As fantasias desapareceram dos olhos do desconhecido, dando lugar a um olhar de assombro.

— Thog! — exclamou em voz alta — Você é real! De onde vem? Quem é você? O que faz em Xuthal?

— Viemos do deserto. — respondeu Conan com um grunhido — Entramos na cidade ao entardecer, mortos de fome. Encontramos uma mesa servida para alguém e comemos. Não tenho dinheiro para pagar a comida. Em meu país, não negam alimentos a um homem faminto, mas vocês, civilizados, sempre desejam cobrar tudo, se você for como todos os que conheci até agora. Não fizemos mal a ninguém, e já íamos embora daqui. Por Crom! Não me agrada nada este lugar, onde os mortos ressuscitam e os adormecidos desaparecem nas sombras!

O homem sobressaltou-se diante das últimas palavras de Conan, e seu rosto amarelado ficou lívido.

— O que disse? Sombras?

— Bem. — respondeu cuidadosamente o cimério — Sombras... ou o que quer que seja isso que leva um homem adormecido, de seu estrado, e só deixa em seu lugar uma gota de sangue.

— Você o viu?

O homem tremia como uma folha. O tom de sua voz ficou mais agudo. Então, Conan disse:

— Não vi mais do que um homem adormecido sobre um estrado, e depois uma sombra que o levou misteriosamente.

O efeito destas últimas palavras foi aterrorizante. O homem virou-se com uma gritaria espantosa e saiu correndo da habitação. Conan olhou-o surpreso, com a testa franzida. A jovem agarrou-se, trêmula, a seu braço. Não viam o homem que fugia, mas continuavam ouvindo seus terríveis gritos à distância, cujo eco repetiam as demais moradias. De repente ouviu-se um grito mais forte que os demais, e a seguir reinou o silêncio.

— Por Crom! — exclamou o cimério, enxugando o suor que pingava-lhe da testa com uma mão ligeiramente trêmula — Esta é uma cidade de loucos! Vamos embora daqui, antes que nos encontremos com outro demente!

— É um pesadelo! — gemeu Natala — Estamos mortos e condenados! Morremos no deserto e estamos no inferno. Somos espíritos sem corpo... Oh!

A jovem queixou-se da forte palmada que Conan acabava de dar-lhe.

— Você não é nenhum espírito, se grita desse jeito. — disse, sorrindo, o cimério, que freqüentemente dava mostras de humor nos momentos mais inoportunos. Logo acrescentou:

— Estamos vivos, embora não por muito tempo, se continuarmos nesta casa de loucos. Vamos!

Atravessaram uma habitação e se deteram. Algo ou alguém se aproximava. Voltaram-se para a soleira de onde vinham os ruídos, à espera do desconhecido. Então, apareceu uma figura na porta. Conan praguejou entre dentes, enquanto seu fino olfato percebia o mesmo perfume que havia farejado antes. Natala abriu a boca, assombrada.

Ali estava uma mulher que olhava-os, surpresa. Era alta, esbelta, tinha o corpo de uma deusa e vestia uma túnica bordada com pedras preciosas.

Uma cascata de cabelos negros como a noite fazia destacar a brancura de seu corpo ebúrneo. Os olhos escuros, de longos cílios, tinham um extraordinário mistério sensual. Conan conteve a respiração diante de tal beleza, e Natala mirou-a com os olhos arregalados. O cimério jamais tinha visto uma mulher como aquela. Seus traços eram stígios, mas sua pele não. Seus braços e pernas pareciam de alabastro.

Mas quando falou, com tom profundo, rico e musical, o fez em Stígio:

— Quem é você? O que faz em Xuthal? Quem é esta jovem?

— E você, quem é? — perguntou por sua vez Conan, o qual não gostava que lhe fizessem perguntas.

— Sou Thalís, a stígia. — ela respondeu — Deve estar louco para se atrever a vir aqui.

— Creio que estou. — disse o cimério com um grunhido — Por Crom, se eu tivesse juízo, estaria longe, porque aqui estão todos loucos! Viemos do deserto, famintos e sedentos, e nos encontramos com um homem morto, que logo tentou me apunhalar pelas costas. Entramos num palácio rico e luxuoso, aparentemente desabitado. Encontramos uma mesa bem servida, mas sem comensais. Depois vimos uma sombra que devorou um homem adormecido...

Conan notou que o rosto da mulher mudava de cor ao ouvir suas últimas palavras. Logo acrescentou:

— E então...?

— Então, o quê? — perguntou a mulher, dominando-se perfeitamente.

— Eu esperava que saísse correndo e berrando como uma selvagem. Foi o que fez o homem ao qual falei da sombra.

A mulher encolheu os ombros.

— Então, esses foram os gritos que escutei. Cada homem tem seu destino marcado e é inútil gritar feito um rato. Quando Thog me desejar, virá buscar-me.

— Quem é Thog? — perguntou Conan, com desconfiança. A mulher o olhou, examinando-o de cima a baixo de tal maneira que fez Natala corar.

— Sente-se nesse divã e eu lhe direi. Mas primeiro diga-me seus nomes.

— Eu sou Conan, o cimério, e esta é Natala, da Britúnia. Somos refugiados de um exército derrotado nas fronteiras de Kush. E não desejo me sentar de costas para as sombras.

A mulher sentou no divã com uma risada musical, e estendeu-se delicadamente com um abandono felino.

— Fique calmo. — murmurou — Se Thog lhe quiser, te levará consigo, esteja onde estiver. O homem que mencionou, o que saiu correndo e gritando... Não o ouviu soltar uma terrível gritaria e logo calar de repente? Em seu frenesi, deve ter encontrado sua própria morte, uma morte da qual desejava fugir. Nenhum homem pode escapar a seu destino.

Conan grunhiu e sentou na borda do divã, com o sabre cruzado sobre os joelhos e olhando a seu redor com desconfiança. Natala sentou-se a seu lado e se encolheu em seus braços. Olhava aquela estranha mulher com receio e ressentimento. Se sentia pequena e insignificante diante daquela extraordinária beleza. Não se equivocou, ao avaliar os olhares ávidos que os enormes olhos negros dela lançavam ao gigantesco cimério.

— Que lugar é este e quem são estas pessoas?

— Esta cidade chama-se Xuthal. É muito antiga. Foi construída num oásis que os fundadores de Xuthal encontraram em seu constante vagar por estas terras. Chegaram do leste há tanto tempo, que nem mesmo seus descendentes lembram quando foi.

— Certamente não haverá muitos. Estes palácios parecem vazios.

— Não. Há muito mais gente do que supõe. A cidade é, na verdade, um enorme palácio. Todos os edifícios estão dentro de uma muralha e se comunicam uns com os outros. Você poderia caminhar através destas habitações, durante horas, sem ver ninguém. Mas há momentos nos quais pode encontrar centenas de pessoas.

— Como se explica isto? — inquiriu Conan.

— Esta gente dorme durante a maior parte do tempo. O sono é, para eles, tão importante e tão real quanto sua vida de vigília. Ouviu falar alguma vez do lótus negro? Cresce em alguns lugares da cidade. Eles o têm cultivado durante anos e conseguiram que seu suco, ao invés de causar a morte, proporcionasse sonhos agradáveis e fantásticos. O povo passa a maior parte do tempo sonhando. Suas vidas são vagas, imprevisíveis e carecem de objetivo. Sonham, acordam, bebem, amam, comem e voltam a sonhar. Raramente terminam o que começam, porque imediatamente voltam a submergir no sono do lótus negro. A comida que encontrou... certamente era de algum homem que a preparou quando estava acordado, porque tinha fome. Logo esqueceu-a e voltou a dormir.

— Onde conseguem sua comida? — perguntou Conan — Não vi campos nem vinhedos fora da cidade. Por acaso há hortos e estábulos dentro destes muros?

A mulher negou com um movimento da cabeça.

— Fabricam seus próprios alimentos com matérias primas. Quando não estão drogados, são todos grandes cientistas. Seus antepassados foram verdadeiros gênios e, embora a raça tenha caído escrava de suas próprias paixões, ainda prevalecem alguns de seus extraordinários conhecimentos. Ainda não se perguntou como conseguem estas luzes? Pois são jóias fundidas com rádio. Esfrega-se o polegar para fazê-las brilhar e volta-se a esfregar, em sentido contrário, para apagá-las. Este é só um exemplo de sua sabedoria.

No entanto, esqueceram muitas coisas. Têm muito pouco interesse em permanecerem acordados.

— Então o homem que estava na porta...

— Com certeza, dormia profundamente. Os sonhadores do lótus estão como mortos. Carecem de todo movimento. É impossível detectar neles o menor sinal de vida. O espírito abandonou o corpo e vaga com plena satisfação por outros mundos exóticos. O homem da entrada era um bom exemplo da irresponsabilidade desta gente. Estava de guarda na porta, já que o costume exige a presença de uma sentinela, ainda mais que nunca tenha vindo nenhum inimigo, do deserto. Em outros lugares da cidade, encontrará outros guardiões dormindo tão profundamente quanto o que viu na entrada.

Conan guardou silêncio por um momento. Logo perguntou:

— Onde estão todos agora?

— Espalhados por diversos lugares da cidade. Estendidos em divãs, sobre camas, em alcovas com almofadas, sobre estrados cobertos de peles, mas todos eles estão submersos no sono profundo do lótus negro.

Conan sentiu um arrepio. Naquele momento, lembrou algo mais.

— E aquela coisa... aquela sombra que atravessou as moradias e levou o homem do estrado?

Um ligeiro tremor agitou os membros graciosos da mulher, antes dela responder:

— Trata-se de Thog, o Ancião, o deus de Xuthal, que vive na cúpula subterrânea do centro da cidade. Sempre viveu em Xuthal. Ninguém sabe se chegou com os antigos fundadores, ou se já estava aqui quando a cidade foi construída. Mas o povo de Xuthal o adora. Quase sempre dorme sob a cidade, mas, às vezes, espaçadamente, sente fome, e então vaga pelos

corredores secretos e pelas habitações mal— iluminadas, buscando uma presa. Portanto, ninguém está seguro.

Natala gemeu de horror e envolveu o pescoço de Conan com os braços, como se tentasse impedir que a separassem de seu protetor.

— Por Crom! — exclamou o cimério, assombrado — Quer dizer que toda esta gente dorme tranqüila, apesar da ameaça que constitui esse demônio?

— Só em algumas ocasiões ele sente fome. — respondeu a mulher. Um deus deve receber sacrifícios. Na Stygia, quando eu era menina, o povo vivia sob a sombra de um sacerdote. Ninguém sabia quando seria arrastado para o altar. Então, que diferença há entre ser vítima dos deuses por intermédio de um sacerdote, ou que o próprio deus venha em busca de sua presa?

— Em meu povo não existe esse costume... — disse Conan — e tampouco no de Natala. Os hiborianos não sacrificam seres humanos a seu deus Mitra e, quanto a meu povo, por Crom, gostaria de ver um sacerdote arrastando um cimério ao altar. Se derramaria muito sangue, mas não de acordo com os desejos do sacerdote.

— Você é um bárbaro. — disse Thalís, rindo — Thog é muito velho e muito terrível.

— Estes indivíduos devem ser tontos ou heróis... — murmurou Conan — para se lançarem a sonhar seus sonhos imbecis, sabendo que podem despertar no ventre desse deus.

A mulher voltou a rir.

— Não conhecem outra coisa. Desde há muitas gerações, Thog tem se alimentado deles. Esta é uma das razões pelas quais seu número reduziu-se, de vários milhares a umas poucas centenas. Se extinguirão dentro de umas poucas gerações, e Thog terá que sair pelo mundo, em busca de novas presas, ou regressar às trevas das quais veio há séculos.

"Sabem que estão condenados... — acrescentou — mas seu fatalismo lhes impede de opor resistência ou fugir. Nem uma só pessoa desta geração saiu destas muralhas. Há um oásis a um dia de marcha até o sul... Eu o vi nos antigos mapas que seus antepassados desenharam sobre pergaminhos..., mas desde há três gerações, nenhum homem de Xuthal o visitou, nem tampouco se esforçaram em explorar os campos férteis, que mostram os mapas, a outro dia de caminho desde o oásis. Trata-se de uma raça em vias de extinção, submersa em sonhos provocados pelo lótus, enquanto suas

horas de vigília são estimuladas pelo vinho dourado que cura ferimentos, prolonga a existência e dá força aos libertinos.

"No entanto... — prosseguiu — todos eles procuram se agarrar à vida e temem ao deus que adoram. Se agora mesmo estivessem acordados e soubessem que Thog anda por aqui, sairiam correndo desesperados".

— Oh, Conan! — exclamou Natala — Vamos sair logo daqui!

— Tudo a seu tempo, garota. — murmurou Conan, ficando os olhos nas pernas esbeltas da mulher — E o que faz uma stígia aqui?

— Vim quando era muito jovem. — respondeu Thalís calmamente, enquanto se estendia sobre o divã de veludo e cruzava as mãos sobre a nuca — Sou filha de um rei, e não uma mulher comum, como pôde notar pela cor de minha pele, que é tão branca quanto a dessa jovem que está com você. Fui raptada por um príncipe rebelde, que foi até o sul com um exército de arqueiros, para conquistar novas terras. Ele e seus guerreiros pereceram no deserto, mas, antes de morrer, um deles me colocou sobre um camelo e caminhou a meu lado até não poder mais, e caiu morto. O animal vagou de um lado a outro e finalmente perdi a consciência, devido à sede e à fome, até que despertei, algum tempo depois, nesta cidade. Me disseram... — acrescentou a jovem — que haviam me visto ao amanhecer, das muralhas, sem sentidos, próxima ao camelo morto. Me ajudaram a recuperar as forças com o vinho dourado. Só o fato de tratar-se de uma mulher os estimulou a aventurarem-se tão longe das muralhas. Claro que se interessavam pelas mulheres, especialmente os homens. Já que eu não sabia falar seu idioma, aprenderam o meu. Têm uma enorme capacidade intelectual, e entenderam minha língua muito antes que eu a deles. Mas se sentiam muito mais atraídos por mim do que por meu idioma. Tenho sido e sou a única coisa pela qual alguns destes homens esquecem seus sonhos de lótus por algum espaço de tempo.

A mulher pôs-se a rir, fixando seu olhar provocante em Conan.

— Naturalmente, as demais mulheres têm ciúmes de mim. — continuou dizendo, com tranqüilidade — A seu modo e com sua pele amarelada, são bastante atraentes, mas tão sonhadoras e inseguras quanto os homens, e a estes eu agrado não por minha beleza, mas por minha realidade. Eu não sou um sonho! Embora algumas vezes, eu tenha estado sob o efeito do lótus, sou uma mulher normal, com emoções e desejos terrenos.

"Creio que seja melhor que corte o pescoço desta jovem com sua espada, antes que os homens de Xuthal acordem e raptem-na. Do contrário, a farão

passar por coisas com as quais jamais sonhou. É uma garota fraca demais para suportar tudo o que tenho agüentado. Sou filha de Lúxur e, antes de completar quinze anos, me conduziram aos templos de Derketo, a deusa escura, para ser iniciada nos mistérios. E não é que meus primeiros anos aqui tenham sido isentos de novos prazeres! Os homens e as mulheres de Xuthal possuem, nesse terreno, conhecimentos que as sacerdotisas de Derketo ignoram. Só vivem para seus prazeres sensuais. Sonhando ou despertos, suas vidas estão cheias de êxtases exóticos, muito além da compreensão do resto dos homens".

— Malditos degenerados! — exclamou Conan.

— É questão de opiniões. — respondeu Thalís, com ironia.

— Bom... — murmurou o cimério — Creio que estamos perdendo tempo. Vejo que este não é um lugar adequado para simples mortais. Iremos embora, antes que seus degenerados acordem ou Thog nos devore. Suspeito que o deserto seja um lugar muito mais acolhedor.

Natala, cujo sangue fervia em suas veias diante das últimas palavras de Thalís, assentiu com um movimento da cabeça. Falava mal o Stígio, mas o entendia perfeitamente. Conan ficou de pé e ajudou a jovem a fazer o mesmo.

— Se nos mostrar o caminho mais curto para sair da cidade... — disse

— Sairemos agora mesmo.

No entanto, seus olhos não se afastaram dos esbeltos membros ebúrneos da stígia.

A mulher o percebeu e sorriu enigmaticamente, ao pôr-se de pé como uma gata preguiçosa.

— Siga-me. — sussurrou, certa de que o olhar do gigantesco cimério continuava fixo em seu corpo.

Não tomou o caminho pelo qual haviam chegado, mas antes que Conan suspeitasse de algo, a mulher se deteve numa ampla moradia, em cujo centro havia uma pequena fonte, sobre um chão de marfim.

— Não quer lavar seu rosto, menina? — perguntou a Natala — Está cheio de poeira, assim como seus cabelos.

Natala corou de ódio e ressentimento diante da malícia das palavras da stígia, mas mesmo assim aceitou a sugestão, se perguntando se o sol e a poeira do deserto haviam maltratado sua pele, da qual todas as mulheres de sua raça cuidavam em especial. Se ajoelhou junto à fonte, jogou pra trás

seus cabelos, abaixou a túnica até a cintura e começou a lavar, não apenas o rosto, mas também seus braços e ombros brancos.

— Por Crom! — exclamou Conan — As mulheres param pra pensar em sua beleza, mesmo que o próprio diabo esteja pisando em seus calcanhares. Se apresse, garota! Estará cheia de pó outra vez, antes que a gente saia da cidade. Thalís, eu lhe agradeceria muito se nos oferecesse um pouco de comida e bebida.

Como resposta, Thalís apertou-se contra seu corpo e passou seu braço branco pelos ombros bronzeados. Conan notou imediatamente o perfume dos cabelos da mulher.

— Por que partir para o deserto? — disse Thalís, em voz baixa — Fique aqui! Lhe ensinarei como se vive em Xuthal. Lhe protegerei. Lhe amarei! És um homem de verdade. Estou farta desses idiotas que sonham e acordam, e logo voltam a dormir outra vez. Desejo a paixão limpa e forte de um homem da terra. O fogo de seus olhos me faz bater forte o coração e o contato de seu braço de ferro me enlouquece. Fique aqui! Te farei rei de Xuthal! Lhe ensinarei todos os antigos mistérios e os mais exóticos caminhos do prazer. Eu...

A mulher lhe havia envolvido o pescoço com ambos os braços e colocado-se na ponta dos pés, para apertar seu corpo vibrante contra o de Conan. Ao olhar por cima do ombro da mulher, o cimério viu Natala e notou que a garota, ao jogar para trás os cabelos molhados, parou para olhá-lo, e abriu a boca e olhos num gesto de profundo assombro. Conan murmurou algo ininteligível e se desfez de Thalís, afastando-a com a mão. A jovem olhou a garota brituniana e sorriu enigmaticamente, enquanto parecia estar assentindo de maneira misteriosa com um movimento de sua esplêndida cabeça.

Natala se ergueu e ajustou a túnica. Seus olhos brilhavam de indignação e em seu rosto refletia-se uma expressão de dor. Conan praguejou entre dentes. Não era mais monógamo que qualquer aventureiro, mas nele havia uma decência inata que compunha a melhor proteção para Natala.

Thalís não insistiu mais. Sinalizou-lhes com a mão para que seguissem-na, logo se virou e atravessou a moradia. Deteve-se perto da parede coberta de tapetes. Enquanto a olhava, Conan perguntou— se se não estaria ouvindo os sons produzidos pelo monstro que passeava furtivamente pelo palácio. O cimério sentiu um calafrio diante dessa possibilidade.

— O que está escutando? — quis saber Conan.

— Estou olhando aquela porta. — respondeu Thalís, apontando com a mão para o outro lado.

Conan deu meia-volta com a espada na mão, mas não viu nada. Imediatamente, ouviu um ruído às suas costas e girou sobre seus calcanhares. Thalís e Natala haviam desaparecido. Neste exato momento, o tapete caía de novo sobre a parede, como se alguém tivesse levantado-o um segundo antes. Enquanto o cimério examinava a parede, assombrado, do outro lado do muro ouviu-se o grito abafado da garota brituniana.

Quando Conan se voltou para olhar pra porta que Thalís apontava, Natala encontrava-se exatamente atrás dele e ao lado da stígia. No exato momento em que o cimério deu-lhes as costas, Thalís cobriu, com uma mão, a boca de Natala, com a rapidez de uma pantera, abafando o grito da garota. Simultaneamente, o outro braço da stígia circundou a estreita cintura da jovem e empurrou-a contra a parede, que cedeu quando um ombro de Thalís pressionou a mesma. Uma parte do muro girou para dentro, e Thalís escapou com a prisioneira através de uma abertura do tapete, no momento em que Conan se voltava.

Ao fechar-se a porta secreta, reinou a mais absoluta escuridão. Thalís deteve-se por um momento, para tatear um painel e passar uma tranca, e quando afastou a mão da boca de Natala, a brituniana começou a gritar com todas suas forças. A gargalhada de Thalís foi como mel envenenado na escuridão.

— Grite o quanto quiser, pequena estúpida. A única coisa que vai conseguir é encurtar sua vida.

Natala guardou silêncio. Todo seu corpo tremia.

— Por que fez isto? — perguntou — O que pretende?

— Percorreremos uma curta distância através deste corredor e deixarei-lhe ali, para alguém que virá lhe buscar cedo ou tarde.

— Oohhh! — soluçou Natala, aterrorizada — Por que quer me fazer mal?

Eu não lhe fiz nada!

— Desejo o seu guerreiro. E você se interpõe em meu caminho. Ele me deseja; eu o li em seus olhos. Se não fosse por você, ele teria aceitado ficar e ser meu rei. Quando você desaparecer, ele me seguirá.

— Ele lhe cortará o pescoço. — assegurou Natala com convicção, já que conhecia Conan melhor do que Thalís.

— Veremos. — acrescentou a stígia, com a confiança que lhe proporcionava seu poder sobre os homens — De qualquer maneira, você nunca saberá se ele está me cortando o pescoço ou me beijando, porque será a esposa do habitante das trevas. Venha!

Natala, aterrorizada, lutou como uma selvagem, mas de nada lhe adiantou. Com uma força que ela jamais imaginara numa mulher, Thalís carregou-a pelo escuro corredor como se ela fosse uma menina. Natala não voltou a gritar, porque lembrava das sinistras palavras da stígia. Os únicos sons que se ouviam eram seu desesperado ofego e a suave risada lasciva de Thalís. Então, a mão da brituniana agarrou algo na escuridão... Era o cabo de uma adaga que destacava-se do cinturão de Thalís, cheio de pedras preciosas incrustadas. Natala desembainhou a arma e atacou cegamente, com todas as forças de que era capaz naqueles momentos.

Da garganta de Thalís surgiu um grito de dor e fúria. Recuou alguns passos e Natala se libertou de seus braços, caindo sobre o liso chão de pedra. Ficou de pé, correu até a parede mais próxima e ficou ali, tremendo. Não via Thalís, mas a ouvia.

Evidentemente, a stígia não estava morta. Praguejava sem parar, e sua fúria era tão terrível que Natala sentiu que o sangue gelava-lhe nas veias.

— Onde está, pequeno diabo? — perguntou Thalís, ofegando — Deixe eu pôr minhas mãos em você de novo e lhe...

A brituniana estremeceu de pavor, diante da descrição do mal que sua rival pensava em fazer-lhe. A linguagem da stígia envergonharia o cidadão mais vulgar da Aquilônia.

Natala ouviu que a stígia andava tateando na escuridão e, a seguir, acendeu uma luz. Evidentemente, o medo que Thalís poderia sentir naquele escuro corredor, permanecia afogado pela cólera. A luz vinha de uma das gemas com rádio que adornavam os muros de Xuthal. Thalís havia friccionado uma delas e, nesse momento, a stígia estava iluminada por seu resplendor avermelhado, diferente da luz que as demais tinham. Apertava um lado com a mão e o sangue escorria entre seus dedos. Mas, apesar disso, não parecia debilitada. Era evidente que não estava gravemente ferida. Seus olhos relampejavam furiosamente. A pouca valentia que restava em Natala desapareceu, quando viu a stígia de pé sob aquele estranho brilho, com seu belo rosto deformado por um ódio verdadeiramente infernal. Thalís avançou com passo de pantera, sacudindo com impaciência o sangue de seus dedos. Natala viu que não havia ferido gravemente sua rival. A lâmina de aço havia

escorregado pelo cinturão com jóias de Thalís, e, portanto, arranhou superficialmente sua pele, o suficiente para aumentar ainda mais a cólera da stígia.

— Me dá essa adaga, estúpida! — resmungou, avançando em direção à jovem assustada.

Natala sabia que era preciso lutar enquanto pudesse fazê-lo, mas se sentia absolutamente incapaz de reunir as forças e a coragem necessárias. Sua falta de espírito combativo, a escuridão, a violência e o horror de sua aventura haviam deixado-a indefesa física e mentalmente. Thalís arrancou a adaga de suas mãos e arremessou-a para um lado com um gesto depreciativo.

— Pequena vadia! — murmurou entre dentes, esbofeteando furiosamente a jovem — Antes de arrastar-lhe pelo corredor para atirar-lhe à goela de Thog, lhe farei sangrar um pouco! Ousaste me ferir! Pagará caro por sua audácia!

Thalís agarrou a jovem pelos cabelos e arrastou-a através do corredor, até a beirada do círculo de luz. Na parede, havia um grosso anel de metal situado à altura da cabeça. Dele, pendia uma grossa corda de seda. Como num pesadelo, Natala sentiu que lhe arrancavam a túnica e, um segundo depois, Thalís atava seus pulsos ao anel da parede, do qual ficou pendurada, completamente nua. Seus pés apenas tocavam o chão. Natala virou a cabeça e viu que Thalís retirava da parede um chicote com jóias no cabo. Estava formado por sete grossas cordas de seda, redondas e muito mais duras que o couro.

Thalís lançou um grito de vingança, enquanto levantava o braço, e Natala soltou um alarido quando o chicote golpeou seus quadris. A jovem retorceu-se desesperadamente, com a impressão de que, em poucos segundos, seu corpo ia ficar completamente despedaçado. Cada chicotada arrancava gritos de angústia de seus lábios.

Quando Natala girou sua cabeça para suplicar a Thalís que se apiedasse dela, algo congelou seus gritos na garganta. A dor deu lugar a um tremendo horror que refletiu-se em seus belos olhos.

Surpreendida pela expressão de seu rosto, Thalís deteve sua mão levantada e deu meia-volta com a agilidade de um felino. Tarde demais! Um grito terrível surgiu de seus lábios, quando cambaleou para trás, levantando os braços. Natala a viu durante um segundo; era uma silhueta branca, presa do pânico, destacada contra uma enorme massa negra que lançava-se contra

ela. Logo a figura branca deixou de tocar o chão com os pés, a sombra recuou com ela, e Natala ficou sozinha no círculo de tênue luz, meio desmaiada de horror. Das sombras negras, chegaram até ela uns sons incompreensíveis que gelaram-lhe o sangue. Ouvia a voz de Thalís suplicando desesperadamente, mas ninguém respondeu. Não se ouvia outro som além da voz aterrorizada da stígia, que de repente explodiu em gritarias de dor, e depois em gargalhadas histéricas misturadas com soluços. Depois de alguns segundos, Natala ouviu um ofego convulsivo. Logo, cessaram os ruídos e reinou um terrível silêncio no corredor secreto.

Natala sentiu náuseas, devido ao horror, e fez um esforço para voltar a olhar para o local por onde havia desaparecido a sombra negra de Thalís. Não viu nada, mas teve a sensação de um perigo latente, de uma ameaça que não acabava de compreender. Lutou contra a histeria que começava a se apoderar dela. A dor de seus pulsos feridos e de seu corpo ficou relegada diante da proximidade da ameaça, que não só punha em perigo seu corpo, mas também sua alma.

Aguçou a vista para ver além do círculo de luz, com todos os nervos tensos por medo do que pudesse acontecer. Abafou um grito. A escuridão estava tomando forma. Algo enorme e avultado surgia do negro vazio. Viu uma cabeça disforme e gigantesca que entrava no círculo luminoso. Ao menos era o que isso pareceu a Natala, embora não fosse a cabeça de um ser normal. Viu um enorme rosto, semelhante ao de um sapo, cujos traços eram tão imprecisos quanto os de um espectro visto num pesadelo. Viu umas grandes luzes que poderiam ser uns olhos que piscavam e olhavam-na, e então a jovem tremeu diante da luxúria cósmica que refletia-se neles. Não conseguia ver o corpo da criatura. Sua silhueta parecia alterar-se e esfumaçar-se sutilmente, cada vez que o olhava. No entanto, a substância da qual era feito parecia ser bastante sólida. Não havia nada de nebuloso nem fantasmagórico nele.

Quando chegou mais perto dela, Natala não pôde ver se arrastava-se, caminhava ou flutuava no ar. Sua maneira de locomover-se era incompreensível para ela. E, quando saiu completamente das sombras, Natala ainda não estava totalmente certa do quê se tratava. A luz da pedra não o iluminava como poderia tê-lo feito com uma criatura normal, pois por mais impossível que parecesse, aquele ser era imune à luz. Seus traços continuavam sendo escuros e indefinidos, apesar de ter parado tão perto dela, que ela quase poderia tocá-lo. Só o enorme rosto de sapo parecia ter

certa claridade. O restante era um borrão, uma sombra negra à qual a luz normal não iluminaria nem dissiparia.

Natala pensou que havia enlouquecido, pois não podia dizer se aquela coisa olhava-a de cima ou de baixo. Era incapaz de distinguir se o repugnante rosto contemplava-a das sombras que haviam a seus pés, ou a observava de uma enorme altura. Mas se sua visão havia convencido-a de que, fossem quais fossem suas características, era feito de substância sólida, seu tato confirmou esse fato. Um membro, que parecia um escuro tentáculo, deslizou ao redor de seu corpo e Natala gritou quando sentiu esse contato em sua carne nua. Não era frio nem quente, nem áspero nem liso. Jamais uma coisa semelhante havia tocado-a. E, naquele instante, soube que, fosse qual fosse a forma de vida que aquilo representava, não se tratava de um animal.

Começou a gritar sem controle, enquanto o monstro lançava-se sobre ela, como se quisesse arrancá-la brutalmente de suas ataduras. E então algo soou sobre suas cabeças, e uma forma humana cruzou o ar, caindo sobre o chão de pedra.

Quando Conan deu meia-volta, percebeu que o tapete voltava ao seu lugar e ouviu o abafado grito de Natala. Então lançou-se contra a parede, rugindo como um leão. Ao recuar, devido ao poderoso impacto, o qual teria fraturado os ossos de um homem normal, arrancou o tapete, deixando à mostra o que parecia ser uma parede lisa. Dominado por uma fúria terrível, levantou o pesado sabre para golpear o mármore, mas então outro ruído fê-lo girar sobre seus calcanhares.

Diante dele, havia um grupo de indivíduos amarelados, com túnicas azuis e espadas curtas na mão. Ao voltar-se, os homens lançaram-se sobre ele, proferindo gritos hostis. Enlouquecido pelo desaparecimento da garota, o bárbaro contra-atacou.

Ao saltar para a frente, sentiu uma terrível sede de sangue, e então o primeiro atacante, cuja espada saltou pelos ares ao se chocar com seu sabre, caiu pesadamente ao chão. Conan deteve um braço que descia sobre ele, e a mão que segurava a outra espada voou longe, espirrando sangue. Mas o cimério não se detinha, nem vacilava. Com outro movimento de pantera acuada, evitou o ataque de dois homens, e a espada de um deles, ao errar o alvo, afundou no peito de outro.

Das outras gargantas, surgiu um brado de surpresa, e então Conan se permitiu soltar uma gargalhada ao derrubar outro dos homens de Xuthal,

que rolou pelo chão com as entranhas de fora.

Os guerreiros de Xuthal uivavam como lobos enlouquecidos. Pouco habituados à luta, eram ridiculamente lentos e desajeitados em comparação ao bárbaro, cujos movimentos eram de uma rapidez só possível para alguém perfeitamente treinado para a batalha. Os homens tropeçavam entre si e atacavam rápido demais ou com lentidão excessiva, e dessa forma os golpes se perdiam no ar.

No entanto, e apesar de seus evidentes defeitos, os homens de Xuthal não careciam de valentia. O cercavam gritando e atacando, e surgiam mais e mais indivíduos das portas vizinhas, despertados pelo clamor da batalha.

Conan, sangrando por um ferimento que tinha na frente, esvaziou o espaço por um momento com um giro mortal do sabre, e logo deu uma rápida olhada ao seu redor, buscando uma saída. Nesse momento, viu que o tapete que havia numa das paredes tinha sido empurrado, e deixava à mostra uma escada estreita. Nesta última encontrava-se um homem luxuosamente ornamentado, piscando preguiçosamente, como se acabasse de despertar. A visão e a ação de Conan foram simultâneas.

Saltou como um tigre por cima do círculo fechado de espadas, sem que o tocassem, e logo correu para a escada com os demais homens atrás dele. Três deles defrontaram-se com ele nos primeiros degraus de mármore, e Conan atacou-os com a fúria de um leão. Houve um momento em que as lâminas relampejaram como raios numa tempestade de verão.

Logo, o grupo se desfez e Conan subiu a toda velocidade pela escada. Os demais homens perseguiram-no, saltando por cima de três corpos que se retorciam no chão.

Quando Conan subia pela escada de mármore, o homem que se encontrava na parte superior desta parecia despertar completamente de seu estupor e desembainhou uma espada, que resplandeceu com um brilho frio sob a luz de rádio. Estendeu a lâmina para baixo, mas Conan evitou-a rapidamente, e a ponta roçou-lhe as costas. O cimério ergueu-se imediatamente e golpeou com seu sabre para cima, como um açougueiro, ao mesmo tempo em que se apoiava com toda a poderosa força de seus ombros.

O golpe foi tão terrível, que o ato de enfiar a arma até o cabo no ventre do inimigo não deteve Conan. Esbarrou na parede oposta, enquanto o indivíduo da escada, com o corpo quase partido em dois, rolava pelos degraus abaixo, arrastando vários homens consigo.

Conan se apoiou, atordoado, contra a parede durante um momento, e os fitou. Logo, empunhando o sabre ensangüentado, entrou numa habitação vazia. Atrás dele, a horda gritava com tanta fúria e horror, que Conan imediatamente achou que tinha matado algum homem importante, talvez o rei daquela fantástica cidade.

Correu às cegas, sem direção. Tentava desesperadamente encontrar Natala, já que estava certo de que a garota precisava urgentemente de ajuda. Mas naquele momento, perseguido pelos guerreiros de Xuthal, a única coisa que podia fazer era correr, confiando à sorte a possibilidade de evitá-los e de encontrar a jovem. Entre aquelas moradias mal-iluminadas, logo perdeu todo senso de orientação, e não chegou a ser estranho ele entrar numa habitação na qual, no mesmo instante, seus inimigos também entravam.

Ao verem-no, gritaram vingativamente e lançaram-se contra ele. Conan soltou um grunhido e deu meia-volta para fugir na outra direção, pelo mesmo caminho que havia percorrido antes. Pelo menos, era isso o que ele pretendia. Mas quando entrou numa moradia ocupada, se deu conta do seu equívoco. Todas as habitações que havia atravessado depois de subir as escadas, estavam vazias. Naquela última, havia alguém que, ao vê-lo entrar, pôs-se de pé, gritando.

Conan viu uma mulher de pele amarelada, coberta de jóias, que o fitava com os olhos arregalados. A mulher estendeu a mão rapidamente e puxou uma grossa corda de seda que pendia da parede. O chão cedeu sob os pés de Conan, e nem sequer seu formidável instinto pôde livrá-lo de cair na negra boca que se abriu sob ele.

Conan caiu como um gato sobre seus pés e uma mão, e apoiou instintivamente a outra no cabo de seu sabre. Um grito familiar chegou até seus ouvidos, quando deu meia-volta como um lince encurralado que mostra seus dentes numa atitude ameaçadora. Conan, olhando por baixo de sua longa cabeleira, viu o corpo branco de Natala, que se retorcia no meio do abraço lascivo de uma forma negra de pesadelo, que só podia ter nascido nas próprias fossas do inferno.

Em outras circunstâncias, ver aquela monstruosidade teria gelado o sangue nas veias de Conan. Mas, ao ver sua amiga naquela situação dramática, sentiu que a violência o cegava e atacou o monstro. Este soltou a garota para cuidar de seu atacante. O enlouquecido sabre de Conan cortou o ar com a velocidade de um raio e atravessou o enorme vulto negro, aquela massa estranhamente viscosa, para depois golpear o chão de pedra, do qual

arrancou um miríade de faíscas. Conan caiu de joelhos ao solo, pelo impacto do golpe. Não havia encontrado a resistência que esperava. Quando se ergueu, o monstro já estava sobre ele.

Erguia-se sobre sua cabeça como uma nuvem negra e viscosa. Parecia flutuar a seu redor em fios quase líquidos, envolvendo-o e afogando-o. O sabre golpeou uma e outra vez, e Conan sentiu o contato de um líquido espesso semelhante ao sangue. Mesmo assim, sua fúria não cessou.

Conan não tinha certeza se estava enfrentando os braços do monstro, ou se estava enfiando a arma em seu corpo. O gigantesco cimério saiu expelido de um lado a outro pela violência do combate, com a impressão de que não estava lutando com um só ser vivo, mas contra um exército. Aquela coisa mordia, arranhava, esmagava e golpeava, tudo ao mesmo tempo. Sentiu que uns dentes e umas unhas longas cravavam-se em sua carne. Parecia-lhe que uns tentáculos, como cabos de aço, apertavam-lhe os membros e tronco e, o que era pior ainda, que uma espécie de chicote, formado por escorpiões, caía vez ou outra sobre seus ombros e seu peito, arrancando-lhe a pele e enchendo suas veias com um veneno que era como fogo líquido.

Os dois haviam rolado para fora do círculo de luz. O cimério lutava na mais profunda escuridão. Em um momento de luta, cravou os dentes na substância flácida de seu oponente, como uma fera, enojando-se quando a substância esgueirou-se como uma borracha viva entre suas mandíbulas de aço.

Em meio ao turbilhão da batalha, os dois rolaram de um lado a outro do corredor, cada vez mais distante. O cérebro de Conan nublou-se pelo tormento que estava recebendo, e sua respiração ficou difícil. De repente, por cima de sua cabeça, viu um rosto semelhante ao de um sapo, iluminado por uma tênue luz, que parecia partir do mesmo. Lançando um grito que era na verdade uma maldição, Conan saltou e atacou com todas as suas forças. O sabre afundou, até o cabo, em algum lugar debaixo daquele rosto espantoso, talvez no pescoço, e imediatamente um tremor convulsivo agitou a massa negra que envolvia o cimério. Com um estalo vulcânico de contrações e expansões, a coisa cambaleou, recuou e rolou com fantástica velocidade pelo corredor. Conan o perseguiu, sem deixar de atacar, invencível, apertando-se contra o monstro, como um cão-de-caça, sem soltar o punho do sabre, que não conseguia arrancar da massa viscosa.

Naquele momento, a coisa brilhou com um resplendor fosforescente que cegou Conan, ao mesmo tempo em que sentia a enorme massa separar-se

dele, deixando seu sabre livre. A arma e a mão que a sustentava golpearam no vazio pela última vez. O corpo brilhante do monstro caiu como um meteoro e Conan, completamente aturdido, notou que se encontrava na beirada de um poço, de abertura muito larga, com superfície escorregadia. O cimério ficou apoiado sobre este durante um momento, observando como a coisa brilhante desaparecia no fundo, até tocar uma superfície resplandecente que, durante um segundo, pareceu ascender quase até a superfície do próprio poço. Conan olhou pela última vez para o negro abismo, no qual reinava o mais absoluto silêncio.

Lutando em vão para livrar-se de suas amarras de seda, Natala tentou perfurar a escuridão com seus olhos, bem além do círculo de luz que a rodeava. Sua língua parecia estar pregada ao céu da boca. Viu que Conan desaparecia nas sombras, numa luta mortal com o demônio desconhecido, e os únicos sons que chegaram a seus ouvidos tinham sido os terríveis ofegos do bárbaro, o impacto dos corpos que lutavam e os selvagens golpes, dados na escuridão. De repente, tudo parou; Natala balançava-se em suas amarras, quase inconsciente.

O ruído de uns passos tiraram-na de sua apatia, e ela viu Conan, que surgia da penumbra. A jovem reconheceu sua própria voz, num grito que se repetiu a cem ecos ao longo do túnel. Era difícil ver o castigo físico que o cimério havia recebido. A cada passo, ele pingava sangue. Seu rosto estava esfolado e ferido como se tivesse sido golpeado por uma clava. Seus lábios estavam reduzidos a polpa, e o sangue escorria por seu rosto de um ferimento no couro cabeludo. Havia cortes profundos nas coxas, panturrilhas e braços; grandes contusões eram visíveis nos membros e corpo, resultantes de impactos contra o chão de pedra. Mas os ombros, as costas e os músculos peitorais eram os que mais haviam sofrido. A carne estava marcada, inchada e lacerada, a pele pendia desses ferimentos, como se tivesse sido açoitada por chicotes de arame.

— Oh, Conan! — soluçou a jovem — O que aconteceu?

O cimério não tinha forças nem para falar, mas seus lábios feridos esboçaram um leve sorriso, ao aproximar-se da garota. Seu peito peludo, brilhante de suor e sangue, ofegava intensamente. Levantou os braços com grande esforço e cortou as cordas que mantinham a jovem amarrada na parede. Logo, caiu de costas sobre esta, com as trêmulas pernas separadas, que já não o sustentavam por mais tempo. A jovem ergueu-se de onde havia caído e o abraçou, soluçando histericamente.

— Oh, Conan, você está gravemente ferido! Oh! O que faremos?

— Não se pode lutar contra um demônio dos infernos e sair-se bem da luta. — disse o cimério, ofegando.

— Aonde está? — sussurrou Natala — Você o matou?

— Não sei. Caiu num poço. Estava feito em pedaços sanguinolentos, mas não posso assegurar que o aço o tenha matado.

— Oh, suas costas!

— Ele me deu uma infinidade de chicotadas com um de seus tentáculos. — disse Conan, praguejando entre dentes ao se mover — Cortava como se fosse um arame e queimava como veneno. Mas o que mais me feriu foi a força com que me esmagou. Era pior que uma serpente píton. Parece que tenho metade das tripas fora do lugar

— O que faremos?

Conan olhou para ela. O alçapão do teto estava fechado. Nenhum ruído chegava até eles.

— Não podemos voltar pela porta secreta. — murmurou o cimério — Aquela moradia está cheia de homens mortos, e certamente haverá guerreiros vigiando ali. Devem ter acreditado que meu destino estava selado quando caí por este alçapão, pois do contrário teriam me seguido até aqui. Agora, pegue esta gema com rádio da parede... Quando vim para cá, vi algumas arcadas que davam passagem a outros túneis. Entraremos pelo primeiro que virmos. Talvez conduza a alguma cavidade exterior ou ao ar livre. Temos que nos guiar ao acaso. Não podemos apodrecer aqui dentro.

Natala obedeceu e Conan, sustentando o pequeno ponto de luz na mão esquerda e o sabre ensanguentado na direita, começou a caminhar pelo corredor. O fez lenta e rigidamente, já que a única coisa que o mantinha de pé era sua vitalidade animal. Em seus olhos injetados de sangue havia uma expressão vazia. Natala viu que o cimério passava a língua, de vez em quando, pelos lábios feridos.

Sabia que seus sofrimentos eram terríveis. Mas Conan, com o estoicismo próprio dos bárbaros, não proferiu uma só queixa.

No momento seguinte, a tênue luz iluminou uma arcada negra, e Conan adentrou um novo túnel. Natala estremeceu diante da idéia do que podia esperá-los ali, mas a luz pôs em relevo a presença de um túnel quase igual ao que haviam deixado.

A jovem não tinha a menor idéia do caminho que haviam percorrido, até chegar a uma porta de pedra com tranca dourada.

Duvidosa, olhou para Conan. O bárbaro cambaleava e a luz, instável em suas mãos, produzia sombras fantásticas nas paredes e no chão.

— Abra essa porta, garota. — murmurou com voz cansada — Os homens de Xuthal estarão nos esperando, e não vou decepcioná-los. Por Crom, que esta cidade jamais viu um sacrifício como o que verão agora!

Natala se deu conta de que o cimério começava a delirar. Do outro lado da porta, não se ouvia nenhum ruído. A jovem pegou a gema de rádio das mãos de Conan, correu a tranca e abriu a porta. Viu a parte posterior de um tapete e o afastou para olhar para o interior da moradia, prendendo a respiração. A habitação estava deserta e no centro se via uma fonte.

A mão de Conan caiu pesadamente sobre um de seus ombros.

— Afaste-se, garota. — murmurou — Agora vem a festa das espadas.

— Não há ninguém aqui. Mas tem água...

— Sim, eu ouço o ruído. — respondeu o cimério, umedecendo os ressecados lábios com a língua — Beberemos antes de morrer.

Parecia estar cego. Natala tomou-lhe a mão e o guiou com cuidado, caminhando nas pontas dos pés e esperando ver, a qualquer momento sob as arcadas, muitos homens de pele amarelada.

— Beba enquanto eu vigio. — disse Conan em voz baixa.

— Não, não estou com sede. Estenda-se junto à fonte, para eu lavar suas feridas.

— Onde estão as espadas de Xuthal?

Conan passava constantemente o antebraço pelos olhos, como que tentando clarear a visão.

— Não ouço nada. Está tudo em silêncio.

Conan se ajoelhou junto à fonte, afundou o rosto na extensa vasilha de cristal e bebeu como jamais havia feito em toda a sua vida. Quando levantou a cabeça, seus olhos tinham uma expressão mais normal. O cimério estendeu-se no chão, como a jovem lhe havia sugerido, embora sem soltar o sabre que segurava na mão nem afastar seus olhos das arcadas. Natala lavou a pele dilacerada de Conan, e logo enfaixou-lhe os ferimentos mais profundos, aproveitando para isso uma cortina de seda.

Ao terminar sua tarefa, Natala gelou de surpresa. Sob uns tapetes que cobriam parcialmente a entrada de uma alcova, acabava de ver uma mão de pele amarelada.

Sem dizer nada a Conan, a jovem se levantou e cruzou calmamente a moradia, segurando com força a empunhadura da adaga do cimério. O

coração batia-lhe aceleradamente, quando afastou a cortina com enorme cuidado. Sobre o estrado dormia uma jovem nua de pele amarelada, aparentemente morta. Junto à sua mão, uma jarra de jade quase cheia de um estranho líquido do elixir descrito por Thalís, o qual proporcionava vigor e vitalidade à degenerada Xuthal. Se inclinou sobre o corpo da jovem e apoderou-se da jarra, enquanto apoiava a ponta de sua adaga sobre o peito da garota. Mas esta não acordou.

Natala vacilou. Achou que seria muito melhor matar aquela jovem e eliminar, assim, o perigo de que despertasse e gritasse. Mas não se decidia em afundar o punhal do cimério naquele peito imóvel.

Por fim, fechou a cortina e voltou pra junto de Conan.

Se inclinou sobre ele e apoiou a borda da jarra em seus lábios. O cimério bebeu, a princípio mecanicamente, e depois com avidez. Diante do assombro de Natala, Conan sentou-se e tomou-lhe a jarra das mãos. Quando levantou o rosto, o cimério tinha os olhos claros e uma expressão normal. Grande parte do enorme cansaço físico havia desaparecido de seu rosto, sua voz era firme e já não delirava.

— Por Crom! Onde conseguiu isto?

A garota apontou com a mão e respondeu:

— Naquela alcova, onde há uma jovem amarela dormindo. Mais uma vez, Conan bebeu o líquido dourado.

— Por Crom! — exclamou, exalando um profundo suspiro — Sinto que, por minhas veias, corre nova vida e uma força semelhante ao fogo. Deve ser o elixir da vida!

Pôs-se de pé e recolheu seu sabre do chão.

— Será melhor voltarmos ao corredor. — sugeriu Natala, nervosamente — Se ficarmos muito tempo aqui, nos descobrirão. Podemos nos esconder ali, até que seus ferimentos se curem...

— Eu não! — gritou o cimério — Não somos ratos que se escondem no escuro. Agora mesmo, deixaremos esta cidade endemoninhada e não permitiremos que ninguém nos detenha.

— Mas seus ferimentos...! — queixou-se a jovem.

— Não os sinto. Possa ser que este elixir tenha me proporcionado uma força falsa, mas lhe juro que não sinto dor nem fraqueza.

Com súbita determinação, Conan cruzou a moradia e se dirigiu a uma janela que a jovem não tinha visto. Natala olhou para fora por cima do ombro do cimério. Uma brisa fresca agitou-lhe uns cachos que caíam-lhe

sobre a fronte. Mais acima, via-se o firmamento, que parecia de veludo negro semeado de estrelas. Sob eles, estendia-se o que parecia ser o deserto.

— Thalís disse que a cidade era um enorme palácio. — murmurou Conan — Evidentemente, algumas das moradias estão construídas como torres nas muralhas. Esta é uma delas. O acaso nos guiou bem.

— O que quer dizer? — perguntou Natala, olhando apreensivamente por cima de seu ombro.

— Há uma jarra de cristal sobre essa mesa de marfim. Encha-a de água e amarre uma tira de seda ao seu pescoço, para fazer uma alça, enquanto eu rasgo este outro tapete.

A jovem obedeceu sem fazer nenhum comentário e, quando terminou sua tarefa, viu que Conan unia rapidamente longas tiras de seda para fazer uma corda grossa, da qual ele amarrou uma das pontas a um pé da enorme mesa de marfim.

— Provaremos de novo no deserto. — disse Conan — Thalís falou de um oásis, que havia a um dia de marcha para o sul, e de pradarias verdes. Se chegarmos a esse oásis, poderemos descansar até que meus ferimentos se curem. Este vinho é magia pura. Há pouco, eu estava quase morto, e agora estou preparado para qualquer coisa. Aqui resta seda suficiente para lhe fazer um vestido.

Natala havia esquecido sua nudez. O fato em si não preocupava-a em absoluto, mas sua pele delicada precisava de proteção contra o sol do deserto. Enquanto a jovem prendia um pedaço de seda ao corpo, Conan deu meia-volta e, com um gesto desdenhoso, arrancou as frágeis barras de ouro da janela. Conan envolveu a cintura de Natala com a ponta solta da grossa corda e mandou que ela segurasse a mesma com ambas as mãos. Então, subiu-a até a janela e fê-la descer os dez metros que separavam-nos do solo. Uma vez em terra, Natala libertou-se da corda, a qual Conan recolheu. Depois, pegou as jarras de água e vinho para enviá-las à jovem e desceu rapidamente.

Quando o cimério chegou a seu lado, Natala soltou um suspiro de alívio. Permaneceram imóveis, ao pé da grande muralha, durante uns instantes, com as estrelas pálidas sobre suas cabeças e o deserto nu diante deles. Natala ignorava os perigos que ainda lhe esperavam, mas estava contente em encontrar-se fora daquela cidade irreal e fantasmagórica.

— Talvez encontrem a corda. — grunhiu Conan, carregando as jarras sobre o ombro, que encolheu ligeiramente quando elas tocaram-lhe os

ferimentos — Podem até nos perseguir, mas a julgar pelo que Thalís disse, eu duvido. Por aqui, se vai até o sul. Portanto, em algum lugar nessa direção, está o oásis. Vamos!

Tomando a mão da jovem com uma cortesia pouco habitual a ele, Conan começou a caminhar sobre a areia, ajustando seu passo ao ritmo curto e breve da garota. Não voltou a olhar a silenciosa cidade, que permanecia às suas costas, sumida no sonho.

— Conan... — murmurou Natala, finalmente — Quando você voltou pelo corredor, depois de lutar com o monstro... viu Thalís?

Conan negou com a cabeça e disse:

— O corredor estava muito escuro, mas também vazio. Natala estremeceu.

— Ela me torturou..., mas lamento por ela.

— Foi uma calorosa recepção a que nos deram nessa maldita cidade. — rosou Conan, recuperando seu bom-humor natural — Bom, eles recordarão de nossa visita durante muito tempo. Há sangue para limpar durante dias e, se seu deus não morreu, certamente estará mais ferido que eu. Depois de tudo, nos saímos bem. Temos vinho e água, e também boas possibilidades de chegar a uma nação habitável, embora eu pareça ter passado pela pedra de um moinho e você também...

— Foi tudo culpa sua. — interrompeu Natala — Se você não tivesse olhado tanto e com tanta admiração para aquela stígia vadia...

— Por Crom e todos os seus demônios! — exclamou Conan — Mesmo que os oceanos inundem a terra, as mulheres encontrarão tempo para sentirem ciúmes. Por acaso, eu pedi àquela stígia que se apaixonasse por mim? E, por fim, ela era humana!

# O POÇO MACABRO

## *The Pool of the Black One*

*Desconhecido do homem, ao oeste profundo  
Navios singraram desde o inicio do mundo.  
Atreva-se, pois, a ler o que escreveu Skelos,  
Com mãos mortas remexendo antigos libelos.  
E siga os navios, naufrágios soprados pelo vento do mar...  
Siga. os navios que jamais conseguem voltar.*

## I

Sancha, originária de Kordava, bocejou preguiçosamente, esticou seus braços flexíveis de forma luxuriante e ajeitou-se mais confortavelmente na seda franjada de arminho estendida no tombadilho, na proa do galeão. Que a tripulação a observava com ardente interesse, desde o convés até o castelo da proa, ela percebia de forma indiferente, assim como tinha consciência de que seu vestido de seda curto pouco escondia seus voluptuosos contornos daqueles olhos ávidos. Por essa razão, sorria de forma insolente e se preparava para dormir um pouco mais antes que o sol, projetando seu disco dourado sobre o oceano, ofuscasse seus olhos.

Mas naquele instante um som chegou aos seus ouvidos, diferente do rangido do madeirame, do retesar dos cordames e do bater das ondas. Ela sentou-se com o olhar fixo na amurada pela qual, para sua surpresa, galgava uma figura gotejante.

Seus olhos escuros se arregalaram, seus lábios vermelhos abriram-se num “o” de surpresa. O intruso era um estranho para ela. Água escorria em cascatas de seus ombros largos e de seus braços musculosos. Suas únicas vestes — calções de seda vermelhos e brilhantes — estavam ensopadas, assim como o seu cinto com fivela de ouro e a espada embainhada que segurava. Quando ele surgiu na amurada, o sol nascente desenhava seu contorno como uma grande estátua de bronze. Passou seus dedos por suas melenas negras escorridas e seus olhos azuis se acenderam ao pousar na garota.

— Quem é você? — ela exigiu. — De onde você vem?

Ele fez um gesto que abrangeu um quarto de bússola em direção ao mar, mas seus olhos não abandonaram as formas flexíveis da moça.

— Você é um deus marinho, para sair assim das águas? — perguntou, confusa pela franqueza daquele olhar, embora estivesse acostumada a ser admirada.

Antes que ele pudesse responder, passos rápidos soaram no convés, e logo o mestre do galeão mirava o estranho, dedos agitados ao redor do cabo da espada.

— Quem diabos é o senhor? — demandou em tom nada amistoso.

— Eu sou Conan — respondeu o outro, imperturbável.

Sancha atentou os ouvidos novamente. Nunca tinha ouvido o idioma zíngaro falado com um sotaque como aquele.

— E como subiu a bordo do meu navio?

— Nadando.

— Nadando! — exclamou o mestre, irado. — Está brincando comigo, cão? Estamos muito longe de terra à vista. De onde você veio?

Conan apontou com o braço bronzeado e musculoso na direção leste, cintilando no dourado ofuscante do sol que se erguia.

— Estou vindo das ilhas.

— Oh! — O outro o encarou com um interesse crescente. Sobrancelhas negras cerraram-se sobre olhos zangados, e um lábio fino ergueu-se de forma desagradável.

— Então você é um daqueles cães das Baracas?

Um sorriso fraco passou pelos lábios de Conan.

— E você sabe quem eu sou? — demandou seu interrogador.

— Se este navio é o *Wastrel*, você deve ser Zaporavo.

— Sim!

O fato de o estranho o conhecer mexeu com a dissimulada vaidade do capitão. Zaporavo era alto, tão alto quanto Conan, embora de complexão mais leve. Emoldurado pelo elmo de aço, seu rosto era moreno e sombrio, semelhante ao de uma ave de rapina. Por isso os homens o chamavam de Falcão. Sua armadura e suas vestes eram ricas e ornamentadas, segundo a moda adotada pelos nobres zíngaros. Sua mão nunca se afastava do cabo da espada.

Havia pouca simpatia no olhar que dedicava a Conan. Existia pouco apreço entre os renegados zíngaros e os foras-da-lei que infestavam as ilhas Baracas, perto da costa sul da Zingara. Esses homens eram basicamente marinheiros de Argos, com alguns marujos de outras nacionalidades. Saqueavam embarcações e pilhavam cidades na costa da Zingara, assim como faziam os bucaneiros zíngaros. A diferença era que estes dignificavam sua profissão, autodenominando-se flibusteiros, embora fizessem o mesmo que os piratas báracos. Não eram os primeiros nem seriam os últimos a empregar eufemismos na definição de ladrão.

Alguns desses pensamentos passaram pela cabeça de Zaporavo enquanto brincava com o cabo da espada e franzia a testa para seu hóspede não convidado. Conan não dava pistas sobre quais seriam seus pensamentos. Postava-se de braços cruzados, tão placidamente como se estivesse em seu próprio convés. Seus lábios sorriam, seus olhos eram imperturbáveis.

— O que está fazendo aqui? — interpelou abruptamente o flibusteiro.

— Julguei ser necessário abandonar um encontro em Torgage antes de a lua subir, a noite passada — respondeu Conan. — Parti num bote furado e

baldeei água a noite toda. Logo ao amanhecer avistei as pontas de suas velas e deixei a pobre banheira afundar, porque achei que conseguiria ser mais veloz nadando.

— Há tubarões nessas águas — vociferou Zaporavo, que ficou ligeiramente irritado com a sacudida daqueles ombros largos como resposta.

Uma olhada pelo convés mostrou uma fileira de rostos curiosos olhando para cima. Uma palavra os faria saltar para o tombadilho, numa tempestade de espadas que superaria até mesmo um guerreiro como aquele que o estranho parecia ser.

— Por que eu deveria sobrecarregar meu navio com qualquer vagabundo sem nome que o mar expelle? — rosnou Zaporavo, com olhar e tom de voz mais insultuosos que suas palavras.

— Um navio sempre pode usar mais um bom marinheiro — respondeu o outro sem ressentimento.

Zaporavo fez uma carranca, ciente da verdade daquela afirmação. Ele hesitou e ao fazer isso perdeu seu navio, seu comando, sua garota e sua vida. Mas é claro que não poderia ter visto o futuro, e para ele Conan era apenas mais um refugio, expelido — como ele definira — pelo mar. Não gostava do sujeito, mas ele não o havia provocado. Seus modos não eram insolentes, embora fossem mais confiantes do que Zaporavo gostaria que fossem.

— Você vai trabalhar pelo seu sustento — rosnou o Falcão. — Vá para a popa. E lembre-se, a única lei aqui é a minha vontade.

O sorriso pareceu se alargar nos lábios finos de Conan. Sem hesitação, porém sem pressa, virou-se e desceu para o convés. Não olhou novamente para Sancha, que, durante aquela breve conversação, permanecera observando ansiosamente, olhos e ouvidos atentos.

Quando chegou ao convés, a tripulação o rodeou. Todos zíngaros, seminus, suas vestes pomposas manchadas de piche, jóias que brilhavam em brincos e nos cabos das adagas. Estavam ansiosos pelo tradicional esporte de iniciação do estranho. Aqui ele seria testado, e seu futuro status na tripulação seria decidido.

Acima, no tombadilho, Zaporavo aparentemente havia esquecido a existência do estranho, mas Sancha o observava, tensa e interessada. Aquelas cenas já tinham se tornado familiares para ela, e sabia que aquela iniciação seria brutal e provavelmente sangrenta.

Mas sua familiaridade com aquelas questões era escassa se comparada com a de Conan. Ele sorriu levemente quando chegou ao convés e viu as ameaçadoras figuras rodeando-o de forma truculenta. Parou e olhou o círculo de uma forma inescrutável, sua postura inabalada. Havia um certo código nessas coisas. Se Conan tivesse atacado o capitão, toda a tripulação teria pulado em sua garganta. Mas agora eles lhe dariam uma chance justa contra quem fosse selecionado para aplicar a iniciação.

O homem escolhido para aquela função avançou — um bruto musculoso, com uma faixa carmesim enrolada na cabeça como um turbante. Seu queixo fino era proeminente, e o rosto coberto de cicatrizes era inacreditavelmente maldoso. Cada olhar, cada movimento arrogante era uma afronta. Sua forma de começar a iniciação foi tão primitiva, tosca e rude quanto ele próprio.

— Baracas, hein? — sorriu desdenhosamente. — Ê o lugar onde eles criam cães como homens. Nós da Irmandade cuspiamos neles... assim!

O marujo cuspiu no rosto de Conan e tentou alcançar a espada.

O movimento do báraco foi rápido demais para ser seguido pelo olhar. Como uma marreta, seu punho golpeou com um terrível impacto a mandíbula de seu provocador. O zingaro voou pelo ar e caiu como um amontoado disforme perto da amurada.

Conan virou-se para os outros. Exceto por um brilho sonolento nos olhos, seu comportamento permanecia inalterado. Porém, a iniciação estava terminada tão repentinamente quanto havia começado. Os marujos ergueram seu companheiro. Sua mandíbula fraturada pendia inerte, e a cabeça estava inclinada de forma não natural.

— Por Mitra, o pescoço dele está quebrado! — praguejou um lobo-domar de barbas negras.

— Vocês flibusteiros são uma raça de ossos fracos — riu o pirata. — Nas Baracas nós não ligamos para tapinhas como esse. Agora algum de vocês

vai querer brincar de golpes de espada? Não? Então está tudo bem. Somos amigos, certo?

Não faltaram bocas para garantir que ele falava a verdade. Braços vigorosos atiraram o homem morto por cima da amurada, e dezenas de tubarões cortaram as águas quando ele afundou. Conan riu e esticou seus poderosos braços como um grande gato que se espreguiça, e seu olhar dirigiu-se ao tombadilho acima.

Sancha estava inclinada na amurada, os lábios vermelhos abertos, olhos escuros brilhando com interesse. O sol atrás dela delineava sua figura esbelta através do vestido leve que a luz fazia transparente. Em seguida, surgiu diante dela a sombra carrancuda de Zaporavo e uma mão pesada caiu de forma possessiva sobre seus elegantes ombros. Havia ameaça e significado no olhar que deitou sobre o homem no convés. Conan sorriu de volta, como que se risse de uma piada que apenas ele conhecia.

Zaporavo cometeu o engano que muitos autocratas cometem. Sozinho na popa, em sua sombria grandiosidade, subestimou o homem de baixo. Ele tivera a oportunidade de matar Conan, mas a perdeu, absorvido em suas próprias rumações taciturnas. Não era fácil para ele pensar que qualquer dos cães de baixo constituísse uma ameaça. Ocupava uma alta posição há tanto tempo, havia esmagado tantos inimigos sob seus pés, que inconscientemente se supunha acima das maquinações de rivais inferiores.

Conan realmente não lhe fazia nenhuma provocação. Misturava-se com a tripulação, vivia e se divertia como eles. Mostrou-se um habilidoso marinheiro, e de longe o homem mais forte que qualquer um já vira. Fazia o trabalho de três homens e era sempre o primeiro a se oferecer para quaisquer tarefas pesadas ou perigosas. Seus companheiros começaram a confiar nele. Conan não discutia com ninguém, e eles tinham o cuidado de não discutir com ele. Jogava com eles, apostava seus calções e a bainha da espada, ganhava dinheiro e armas e os devolvia dando risada. A tripulação instintivamente o via como o líder do castelo de proa. Ele não revelava nenhuma informação sobre o que causara sua fuga das Baracas, mas o fato de saberem que fora capaz de um feito sangrento o bastante para ter sido exilado daquele bando selvagem aumentava o respeito por parte dos ferozes flibusteiros. Em relação a Zaporavo e aos companheiros, ele era sempre impecavelmente cortês, nunca insolente ou servil.

Mesmo o mais obtuso marujo percebia o contraste entre o ríspido, sombrio e taciturno comandante e o pirata cuja risada era tempestuosa e imediata, que bradava canções vulgares numa dezena de línguas, tomava cerveja como um beerrão e, aparentemente, não pensava no amanhã.

Se Zaporavo soubesse que estava sendo comparado, mesmo que inconscientemente, com um simples marinheiro, teria ficado mudo de surpresa e indignação. Mas estava envolvido com suas ponderações, que se tornavam mais negras e sombrias com o arrastar dos anos, sem contar seus vagos sonhos de grandeza e a garota cuja posse era um amargo prazer, como todos os seus demais prazeres.

E Sancha olhava cada vez mais para o gigante de cabelos negros que sobressaía entre seus companheiros, no trabalho e nos folguedos. Ele nunca falava com ela, mas não havia dúvida quanto à ternura de seu olhar. Ela não tinha dúvida sobre isso, e se perguntava se deveria ousar seguir adiante no perigoso jogo de encorajá-lo.

Não era grande o tempo que a separava dos palácios de Kordava, mas era como se um mundo de mudanças a separasse de sua vida antiga, antes de Zaporavo a arrancar gritando da caravela em chamas que seus lobos haviam saqueado. Ela, que fora a mimada e adulada filha do duque de Kordava, aprendera o que era ser o brinquedinho de um bucaneiro. Por ser suficientemente flexível para se vergar sem quebrar, vivia onde outras mulheres haviam morrido. Por ser jovem e vibrante de vida, encontrou prazer na existência.

A vida era incerta como um sonho, com contrastes agudos que adquiriam formas de batalha, pilhagem, assassinato e fuga. As visões exacerbadas de Zaporavo a deixavam ainda mais incerta do que a média dos flibusteiros. Ninguém sabia o que ele planejava fazer. Agora haviam deixado todas as costas mapeadas para trás e mergulhavam cada vez mais fundo naquela imensidão encrespada, normalmente evitada pelos navegadores. Desde o início do Tempo, navios haviam se aventurado naquelas águas apenas para desaparecer da vista dos homens para sempre. Todas as terras conhecidas haviam ficado para trás, e dia após dia as ondas da imensidão azul descortinavam o vazio à sua frente. Aqui não havia butins: nem cidades para saquear nem navios para queimar. Os homens murmuravam, embora não deixassem seus murmúrios alcançar os ouvidos de seu mestre implacável. Este andava na popa dia e noite, com passos pesados, em sua

majestade taciturna, ou então estudava atentamente antigos mapas e cartas amareladas pelo tempo, lendo em tomos que pareciam pergaminhos amassados, comidos por vermes. Às vezes falava com Sancha de uma forma estranha — ela achava — , sobre continentes perdidos e ilhas fabulosas que permaneciam desconhecidas em meio à espuma azul de golfos sem nome, onde dragões chifrudos guardavam tesouros reunidos há muito tempo por reis pré-humanos.

Sancha ouvia sem compreender, abraçando os joelhos esguios, seus pensamentos vagando longe das palavras de seu austero companheiro, voltados para um gigante de bronze bem distribuído, cuja risada era tão tempestuosa e elemental quanto o vento do mar.

Assim, depois de muitas e exaustivas semanas, eles avistaram terra a oeste.

Ancoraram ao amanhecer numa baía rasa e viram uma praia que parecia uma faixa branca bordejando uma extensão de delicadas encostas gramadas cobertas por árvores verdejantes. O vento trazia aromas de vegetação fresca e temperos, e Sancha bateu palmas de alegria diante da perspectiva de se aventurar na praia. Porém sua ansiedade transformou-se em enfado quando Zaporavo ordenou que permanecesse a bordo até que a mandasse chamar. Ele nunca dava nenhuma explicação sobre suas ordens. Por isso, ela nunca sabia de suas razões, a não ser as do demônio à espreita dentro dele, que freqüentemente o fazia machucá-la sem razão.

Então ela deitou-se preguiçosamente na popa e ficou observando os homens remarem em direção à costa, cortando as águas calmas que cintilavam como jade líquido sob o sol da manhã. Viu quando se reuniram na areia, desconfiados, de armas preparadas, enquanto vários se espalhavam em meio às árvores que cercavam a praia, e percebeu que, entre estes, se encontrava Conan. Não havia como confundir aquela figura alta e morena, de passos flexíveis. Os homens diziam que ele não era absolutamente civilizado, e sim um cimério, um daqueles bárbaros tribais que viviam nas colinas cinzentas do norte distante cujos ataques espalhavam terror nos vizinhos do sul. Pelo menos ela sabia que havia alguma coisa nele, alguma supervitalidade ou barbarismo que o destacava de seus parceiros bravios.

Vozes ecoaram ao longo da praia, até que o silêncio tranqüilizou os bucaneiros. A aglomeração se dissipou e os homens se espalharam pela praia em busca de frutas. Sancha os viu subindo nas árvores para a colheita, o que a fez ficar com água na linda boca. Bateu o pequeno pé e praguejou com a eficiência adquirida pela convivência com seus companheiros blasfemos.

Os homens na praia realmente haviam encontrado frutas e se refestelavam com elas, considerando especialmente saborosa uma variedade desconhecida, de casca dourada.

Zaporavo, porém, não buscava nem comia frutas. Quando seus batedores não encontraram nada que indicasse homens ou feras na vizinhança, quedou-se olhando para o interior, para as grandes extensões de encostas gramadas mesclando-se umas às outras. Depois, com uma breve palavra, ajustou o cinto da espada e caminhou para debaixo das árvores. Seu imediato contestou o fato de ele ir sozinho e foi recompensado por um selvagem soco na boca.

Zaporavo tinha suas razões para querer ir só. Queria saber se aquela era realmente a ilha mencionada no misterioso *Livro de Skelos*, em que inúmeros sábios asseguravam que estranhos monstros guardavam criptas cheias de ouro gravado com hieróglifos. Por suas próprias razões obscuras, não desejava partilhar seu conhecimento — quiçá verdadeiro — com ninguém, muito menos com sua tripulação.

Observando da popa atentamente, Sancha viu quando ele desapareceu na floresta frondosa. Pouco depois avistou Conan, o báraco, virar-se e olhar brevemente para os homens espalhados para cima e para baixo na praia. Em seguida, o pirata partiu rapidamente na direção de Zaporavo e também desapareceu nas árvores.

A curiosidade de Sancha foi aguçada. Esperou que os dois reaparecessem, mas isso não aconteceu. Os marujos se movimentavam sem objetivo para cima e para baixo na praia. Alguns haviam se aventurado pelo interior. Muitos se deitaram à sombra para dormir.

O tempo passou, e Sancha agitava-se de inquietação. O sol começou a ficar mais quente, apesar da cobertura do convés da popa. O local estava

quente, silencioso, monótono. A poucos metros de distância, separado por uma extensão de água rasa e azul, o mistério frio e sombreado daquela praia arborizada e daquele bosque frondoso a convidava. Além disso, o mistério em relação a Zaporavo e a Conan era estimulante.

Ela conhecia bem a punição que receberia se desobedecesse a seu impiedoso senhor, por isso continuou onde estava por algum tempo, contorcendo-se indecisa.

Finalmente decidiu que a ousadia valeria o risco de sofrer um dos açoitamentos de Zaporavo e sem maiores dificuldades chutou para longe as sandálias de couro macio, despiu o vestido e ergueu-se no convés, nua como Eva. Descendo pelas correntes da amurada, deslizou para a água e nadou até a praia. Ficou em pé por alguns momentos, estremecendo quando a areia fez cócegas em seus pés pequenos, enquanto procurava a tripulação. Avistou alguns apenas, a uma certa distância abaixo e acima da praia. Muitos estavam dormindo profundamente sob as árvores, com pedaços de frutas douradas ainda agarrados nas mãos. Perguntou-se por que estariam dormindo tão profundamente, logo de manhã cedo.

Ninguém chamou por ela quando atravessou a faixa de areia branca e entrou na sombra do bosque. Percebeu que as árvores cresciam em agrupamentos irregulares, e entre os aglomerados estendiam-se encostas cobertas por grama. A medida que prosseguia para o interior, na direção tomada por Zaporavo, sentiu-se fascinada pela delicada paisagem verde que se descortinava à sua frente, uma sucessão de encostas suaves, atapetadas de relva e pontuadas por árvores frutíferas. Entre as encostas havia declives leves, igualmente gramados. O cenário parecia se mesclar em si mesmo ou uma cena na outra. A visão era singular, ao mesmo tempo ampla e restrita. Acima de tudo pairava um silêncio onírico, como um encantamento.

Então chegou subitamente ao topo de uma encosta cercada por árvores altas.

A sensação de conto de fadas desapareceu abruptamente com a visão de algo que jazia sobre a grama avermelhada e pisoteada. Sancha gritou e retraiu-se involuntariamente.

Mas avançou devagar, olhos arregalados, tremendo dos pés à cabeça.

Era Zaporavo que estava ali, deitado na relva, os olhos mortos voltados para cima, um ferimento aberto no peito. Sua espada estava caída perto de

sua mão imóvel. O Falcão havia feito seu último vôo.

Não se pode dizer que Sancha olhou o cadáver de seu senhor sem emoção. Ela não tinha motivos para amá-lo, mas ao menos sentia o que qualquer garota sentiria ao ver o corpo do homem que a possuía pela primeira vez. Não chorou ou sentiu qualquer necessidade de chorar, mas foi acometida por um forte tremor, seu sangue pareceu congelar por um instante, e ela teve que resistir a uma onda de histeria.

Olhou ao redor à procura do homem que esperava ver. Não viu nada além do círculo de árvores gigantescas, altas e frondosas, e as encostas azuis além delas. Será que o matador do flibusteiro se arrastara para longe, mortalmente ferido?

Nenhuma trilha sangrenta se afastava do corpo.

Intrigada, observou as árvores próximas e ficou paralisada ao escutar um farfalhar que não parecia ter sido causado pelo vento nas folhas cor de esmeralda.

Caminhou em direção às árvores, perscrutando as profundezas frondosas.

— Conan? — Seu chamado era inquisidor. Sua voz soou fraca e de forma estranha na vastidão daquele silêncio, que se tornara subitamente tenso.

Seus joelhos começaram a tremer quando um pânico inominável a envolveu.

— Conan! — gritou, desesperada. — Sou eu... Sancha! Onde está você? Por favor, Conan... — A voz dela vacilou até desaparecer.

Uma sensação de horror inacreditável dilatou seus olhos castanhos. Seus lábios vermelhos se abriram num grito inarticulado. Seus braços e pernas ficaram paralisados. Embora sentisse uma desesperada necessidade de fugir, não conseguia se mover. Só conseguiu gritar, sem palavras.

## II

Quando viu Zaporavo embrenhar-se sozinho pela floresta, Conan sentiu que havia chegado a oportunidade que esperava. Ele não comera nenhuma fruta, nem participara das brincadeiras brutas de seus camaradas. Todas as suas faculdades estavam concentradas em observar o chefe bucaneiro. Acostumados aos humores de Zaporavo, seus homens não ficaram particularmente surpresos com o fato de seu capitão preferir explorar sozinho uma ilha desconhecida e provavelmente hostil. Por isso voltaram às suas próprias diversões e não perceberam quando Conan deslizou como uma pantera caçadora atrás do capitão.

Conan não subestimava seu controle sobre a tripulação. Mas até então nenhuma batalha ou pilhagem lhe concedera o direito de desafiar o capitão para um duelo até a morte. Naqueles mares vazios, não tivera a oportunidade de ser posto à prova, de acordo com a lei dos flibusteiros. Mas ele sabia que, se matasse Zaporavo sem o conhecimento deles, a tripulação provavelmente não se comprometeria com a liderança de um homem morto. Naquela matilha de lobos, apenas os vivos contavam.

Assim, espada em punho e coração determinado, seguiu Zaporavo até chegar ao cume de uma encosta rodeado por árvores altas. Por entre os troncos avistava-se uma paisagem de montes verdes se mesclando na distância azul. Sentindo estar sendo perseguido, Zaporavo virou-se no meio da clareira, mão no cabo da espada.

O bucaneiro xingou.

— Seu cão! Por que me seguiu?

— Você é louco de ainda perguntar? — riu Conan, avançando rapidamente em direção ao seu antigo chefe. Seus lábios sorriam, e em seus olhos azuis dançava um brilho selvagem.

Zaporavo desembainhou a espada com uma praga. Aço chocou-se contra aço quando o báraco avançou destemido em campo aberto, a lâmina cantando um círculo de chama azul acima da cabeça.

Zaporavo era veterano de mil lutas nos mares e na terra. Não havia homem no mundo mais profunda e meticulosamente versado na arte da espada. Mas nunca estivera diante de uma lâmina manuseada por músculos criados nas terras selvagens além das fronteiras da civilização. Contra sua habilidade de luta opunha-se uma velocidade e uma força impossíveis de ser enfrentadas por um homem civilizado.

A forma de Conan lutar era heterodoxa, porém tão instintiva e natural quanto a de um lobo da floresta. As complexidades da esgrima eram tão inúteis contra sua fúria primitiva quanto a habilidade de um boxeador humano contra as investidas de uma pantera.

Lutando como jamais lutara antes, empregando cada gota de força que lhe restava para evitar a lâmina que se movia como um raio diante de sua cabeça, em meio ao desespero Zaporavo levou uma pancada perto de seu punho, que fez adormecer todo o braço com o impacto terrível. A esta pancada seguiu-se instantaneamente uma estocada aplicada com tanta força que a ponta afiada atravessou a armadura e a costela como papel, até cravar-se fundo no coração.

Os lábios de Zaporavo se contorceram numa curta agonia, embora não tenham emitido nenhum som diante do fim implacável. Ele estava morto antes que seu corpo relaxasse sobre a grama, onde gotas de sangue brilhavam como rubis espalhados sob o sol.

Conan sacudiu as gotas vermelhas da espada, sorrindo com um prazer despojado.

Espreguiçou-se como um gato, mas subitamente ficou imóvel. A expressão de satisfação de seu rosto foi substituída por um olhar de espanto. Parou como uma estátua, a espada acomodando-se em suas mãos.

Ao desviar o olhar de seu inimigo vencido, seus olhos distraidamente descansaram nas árvores ao redor e no panorama além delas. Nesse momento, avistou uma coisa fantástica, algo incrível e inexplicável. Sobre o cume suave e arredondado de uma encosta distante, erguia-se uma figura alta, negra e nua, carregando no ombro uma figura branca, também nua. A aparição sumiu tão repentinamente quanto havia surgido e deixou o observador ofegante de surpresa.

O pirata olhou ao redor, examinou indeciso o caminho de onde viera e praguejou.

Estava confuso, um tanto inquieto, se é que o termo pode ser aplicado a alguém com aqueles nervos de aço. Em meio a um ambiente realista, mas exótico, havia se introduzido uma fantástica imagem errante, como que saída de um pesadelo. Conan não duvidava de sua visão, nem de sua sanidade. Ele sabia que havia visto algo estranho e incomum. A imagem de uma figura negra qualquer correndo pela paisagem carregando um cativo branco já seria suficientemente bizarra, mas aquela figura negra ainda era extremamente alta.

Balançando a cabeça em dúvida, Conan começou a andar na direção em que havia visto a coisa. Não refletiu sobre a sabedoria de sua atitude. Com a curiosidade tão atiçada, não teve escolha a não ser seguir seus impulsos.

Percorreu as encostas que se sucediam, cada uma com sua relva homogênea e seus aglomerados de árvores. O caminho sempre fazia Conan ganhar altitude, embora tenha subido e descido leves declives com uma regularidade monótona. A seqüência de cumes arredondados e declives suaves era surpreendente: parecia infinito. Mas finalmente avançou até o que parecia ser o ponto mais alto da ilha.

Parou ao avistar paredes brilhantes e torres verdes que, antes de chegar até ah, fundiam-se tão perfeitamente com a paisagem que pareciam invisíveis, mesmo para sua visão aguçada.

O bárbaro hesitou, conferiu a espada e seguiu em frente, mordido pelo verme da curiosidade. Não viu ninguém ao se aproximar de uma arcada alta, aberta em uma parede curva. Não havia porta. Olhou cuidadosamente através e viu o que parecia ser um grande pátio aberto, atapetado de grama e cercado por uma parede circular feita de uma substância verde semitransparente. Vários arcos se abriam a partir dali. Avançando corajosamente, de pés descalços, espada em punho, escolheu uma das arcadas aleatoriamente e passou para outro pátio semelhante.

Por cima de uma parede interna avistou pináculos de estranhas estruturas em forma de torres. Uma dessas torres fora construída ao contrário, isto é, projetada para dentro do pátio em que se encontrava. Uma larga escadaria conduzia para cima, ao longo da parede. Ele subiu, se perguntando se aquilo tudo era real ou se estava no meio de um sonho de lótus negro.

No alto da escada encontrou um peitoril murado — ou um balcão, ele não sabia bem o que era. Agora podia enxergar melhor as torres, mas elas não faziam sentido.

Pouco à vontade, percebeu que nenhum ser humano normal poderia tê-las construído. Havia simetria e sistema naquela arquitetura, mas era uma simetria louca e um sistema alheio à sanidade humana. Quanto ao plano da cidade como um todo — ou o castelo, ou o que quer que fosse —, conseguia ver apenas o suficiente para ter a impressão de estar diante de um grande número de pátios, a maioria circulares, cada um cercado por sua própria parede e ligados uns aos outros por arcadas abertas, todas aparentemente agrupadas ao redor de um aglomerado de torres fantásticas ao centro.

Ao virar-se na direção oposta àquelas torres, teve uma visão tão chocante que se agachou repentinamente atrás do parapeito do balcão, espiando com surpresa.

O balcão ou beiral era mais alto do que a parede oposta, e Conan estava olhando por cima daquela parede para outro pátio gramado. A curva interna da parede daquele pátio diferia das outras que havia visto. Em vez de ser lisa, parecia marcada por longas linhas ou prateleiras cheias de pequenos objetos cuja natureza não conseguiu determinar.

Mas deu pouca importância àquilo no momento. Sua atenção foi atraída para o grupo agachado em volta de uma piscina verde-escura bem no meio do pátio. As criaturas eram negras e estavam nuas, feitas à imagem do homem, mas a menor delas, se ficasse em pé, veria a cabeça do pirata à altura de seus ombros. Eram mais altas do que maciças, mas muito bem formadas, sem sinais de deformidade ou anomalia além de sua estatura anormal. Mesmo àquela distância, Conan sentia o demonismo essencial de suas feições.

No meio deles, nu e encolhido, encontrava-se um jovem que Conan reconheceu como o marinheiro mais jovem a bordo do *Wastrel*. Então era ele o prisioneiro que o pirata vira ser carregado pela encosta coberta de grama. Conan não havia ouvido sons de luta nem vira manchas de sangue ou ferimentos nos braços e pernas esguios e cor de ébano dos gigantes. Evidentemente o rapaz havia se afastado de seus companheiros em direção

ao interior da ilha e fora apanhado por um homem negro, à espreita em algum arbusto.

Conan definiu mentalmente as criaturas como homens negros, por falta de um termo melhor. Porém, instintivamente sabia que aqueles grandes seres cor de ébano não eram homens, ao menos como ele entendia o termo.

Nenhum som chegava até ele. Os negros anuíam e gesticulavam uns para os outros, mas não pareciam estar falando — pelo menos não vocalmente. Um deles, agachado diante do garoto encolhido, segurava na mão algo parecido com uma flauta. Ele levou o objeto aos lábios e aparentemente soprou, mas Conan não ouviu nenhum som. Por sua vez, o jovem zíngaro ouviu ou sentiu algo e encolheu-se. Estremeceu e retraiu-se como que em agonia. Tornou-se evidente uma regularidade na contorção de seus membros, que rapidamente passou a ser rítmica. A contorção transformou-se num violento espasmo, e o espasmo ganhou movimentos regulares.

O jovem começou a dançar da mesma forma que as serpentes dançam compulsoriamente ao som da flauta de um faquir. Não havia nada de prazer ou alegria naquela dança. Na verdade, havia um abandono terrível de se ver, que não era nada alegre. Era como se a canção inaudível da flauta agarrasse a alma dentro do rapaz com dedos obscenos, e com uma tortura brutal arrancasse dela a expressão involuntária de todas as suas paixões secretas. Parecia uma convulsão obscena, um espasmo de lascívia, uma exsudação de apetites secretos formados pela compulsão: desejo sem prazer, dor terrível acompanhada de luxúria. Era como ver uma alma desnudada, expondo todos os seus segredos sombrios e indizíveis.

Conan observava, imobilizado pela repulsa e trêmulo de náusea. Embora fosse puro e primitivo como um lobo da floresta, não ignorava os segredos perversos das civilizações decadentes. Já havia vagado pelas cidades de Zamora e conhecido mulheres de Shadizar a Perversa. Mas sentia ali uma abjeção cósmica que transcendia a mera degenerescência humana. Um ramo perverso da árvore da Vida, desenvolvido ao longo de caminhos além da humana compreensão. Não ficava chocado com as contorções agonizantes e a postura do pobre rapaz, e sim com a obscenidade cósmica daqueles seres, que podiam lançar luz nos segredos abismais que dormem na escuridão inescrutável da alma humana e encontrar prazer numa descarada expressão de coisas que ninguém deveria lembrar, nem em pesadelos intermináveis.

Subitamente o torturador negro largou a flauta e se levantou, agigantando-se diante da contorcida figura branca. Agarrando brutalmente o garoto pelo pescoço e pelo quadril, ele o ergueu e atirou de cabeça dentro da piscina verde. Conan viu o brilho claro do corpo nu em meio às águas esverdeadas, enquanto o gigante negro mantinha seu cativo bem abaixo da superfície. Então houve um movimento inquieto dos outros negros, e Conan rapidamente escondeu-se atrás da parede do balcão, sem atrever levantar a cabeça para não ser visto.

Depois de um certo tempo, foi vencido pela curiosidade e cautelosamente voltou a espiar. Os negros estavam atravessando uma arcada em direção a outro pátio. Um deles colocava algo sobre um beiral da parede adiante, e Conan reparou que era o mesmo que torturara o rapaz. Era mais alto do que os outros, e usava uma faixa cravejada de jóias na cabeça. Do garoto zíngaro não havia sinal. O gigante seguiu seus companheiros, e em seguida Conan os viu emergirem da arcada pela qual tivera acesso ao castelo do horror. Enfileiraram-se nas encostas verdes e caminharam na direção de onde viera. Não portavam armas, mas Conan sentiu que planejavam novas agressões contra os flibusteiros.

Porém, antes de ir alertar os inadvertidos bucaneiros, queria investigar o destino do rapaz. Nenhum som perturbava a quietude ao redor. O pirata acreditava que as torres e os pátios estavam desertos, exceto por sua própria presença.

Desceu rapidamente a escada, atravessou o pátio, passou por uma arcada e chegou ao local que os negros haviam acabado de deixar. Agora conseguia observar a natureza da parede estriada. Era recoberta de saliências estreitas, aparentemente chanfradas na pedra sólida. Distribuídas ao longo daquelas saliências ou prateleiras havia milhares de figuras minúsculas, a maioria delas de cor acinzentada. Não muito maiores do que a mão de um homem, as figuras representavam homens.

Eram tão bem-feitas que Conan reconheceu diversas características raciais nas diferentes imagens, feições típicas de zíngaros, argoseanos, ophirianos e corsários kushitas. Estas últimas eram de cor negra, assim como seus correspondentes reais. Conan sentiu uma vaga inquietação enquanto observava aquelas figuras mudas e cegas.

Havia nelas uma imitação de realidade que era um tanto perturbadora. Apalpou-as cuidadosamente e não conseguiu entender de que material eram feitas. A sensação era de osso petrificado, mas não podia imaginar que aquela substância petrificada fosse tão abundante naquele local para ser usada de forma tão perdulária.

Percebeu que todas as imagens nas prateleiras mais altas representavam tipos que lhe pareciam familiares. As prateleiras mais baixas eram ocupadas por figuras de feições mais estranhas, que ou expressavam meramente a imaginação do artista, ou representavam tipos raciais há muito desaparecidos e esquecidos.

Meneando a cabeça com impaciência, Conan virou-se para a piscina. O pátio circular não oferecia local para se esconder. Como o corpo do rapaz não estava à vista em parte alguma, deveria estar depositado no fundo da piscina.

Ao aproximar-se do plácido círculo verde, olhou para a superfície cintilante.

Era como olhar através de um vidro verde e grosso, imaculado, mas estranhamente ilusório. De dimensões médias, a piscina era redonda como um poço, bordejada por um anel de jade verde. Olhando para baixo, podia ver o fundo arredondado, mas a que distância da superfície ele não saberia dizer. A piscina parecia incrivelmente profunda. Conan teve consciência de uma estonteante sensação de vertigem ao olhar para baixo, como se estivesse diante de um abismo. Ficou intrigado com sua capacidade de enxergar o fundo, que seus olhos discerniam como algo impossivelmente remoto, ilusório, sombrio, mas visível. Em alguns momentos pensou ter visto uma luminosidade desmaiada no fundo daquelas águas da cor de jade, mas não soube dizer ao certo. Tinha certeza de que a piscina não tinha nada, somente água brilhante.

Então onde, em nome de Crom, estava o rapaz que vira ser brutalmente afogado naquela piscina? Erguendo-se, Conan passou a mão na espada e olhou ao redor do pátio mais uma vez. Seu olhar concentrou-se num ponto de uma das prateleiras superiores. Ele vira o negro alto colocar alguma coisa ali... Um suor frio subitamente banhou a pele morena do bárbaro.

Hesitante, um pirata aproximou-se da parede brilhante, como que atraído por um ímã. Aturdido por uma suspeita monstruosa demais para ser

expressa, observou a última figura naquela saliência. Uma horrível familiaridade se tornou evidente.

Petrificadas, imóveis, reduzidas porém inequívocas, as feições do garoto zíngaro o olhavam sem vê-lo. Conan recuou, estremeado nos alicerces de sua alma. Sua espada encaixou-se em sua mão paralisada enquanto observava, boquiaberto, atordoado por uma percepção abismal e horrível demais para ser absorvida pela mente. Porém, o rosto era inconfundível. O segredo das imagens anãs fora revelado.

No entanto, atrás daquele segredo havia outro ainda mais sombrio e enigmático a respeito de suas origens.

### III

Quanto tempo permaneceu imerso naqueles pensamentos vertiginosos Conan nunca saberia. Um som desviou seu olhar daquela cena. Uma voz feminina soava cada vez mais alto, como se estivesse sendo trazida para perto. Quando reconheceu aquela voz, sua paralisia desapareceu instantaneamente.

Um rápido salto o levou para cima das prateleiras estreitas, onde se agarrou, chutando de lado algumas imagens para obter lugar para os pés. Mais um salto e uma escalada, já estava agarrado ao beirai da parede, espionando por cima. Era uma muralha externa, e ele estava olhando para a pradaria verde que rodeava o castelo.

No outro lado da planície gramada, um gigante negro vinha caminhando, trazendo uma cativa sob um de seus braços. Ela se contorcia como uma criança rebelde sendo levada por um homem adulto. Era Sancha, seus cabelos negros caídos em ondas desgrenhadas, a pele cor de oliva contrastando radicalmente com o tom de ébano lustroso de seu captor, que não dava atenção aos seus gritos e contorções enquanto caminhava em direção à arcada externa.

Desaparecendo atrás da muralha, Conan desceu rapidamente pela parede e pousou na arcada que se abria para o pátio adiante. Agachado, viu o gigante entrar no pátio da piscina carregando sua agitada cativa. E agora conseguia divisar os detalhes da criatura.

De perto, a magnífica simetria do corpo e dos membros era ainda mais impressionante. Sob a pele cor de ébano, músculos arredondados ondulavam. Conan não duvidava de que o monstro fosse capaz de despedaçar um homem normal. As unhas das mãos forneciam outras armas, crescidas como garras de uma fera selvagem. O rosto era uma máscara de ébano esculpida. Os olhos eram fulvos, de um dourado vibrante que brilhava e cintilava, mas o rosto era inumano. Cada traço, cada feição era estampada pela maldade — uma maldade que transcendia a mera maldade humana. Aquela coisa não era humana, não poderia ser. Era um desenvolvimento da Vida originado nos fossos de uma criação blasfema, uma perversão do desenvolvimento evolucionário.

O gigante jogou Sancha na relva, onde ela se arrastou, gritando de dor e terror. Depois lançou um olhar incerto, e seus olhos fulvos se estreitaram quando divisaram imagens derrubadas e tombadas na parede. Em seguida se inclinou, agarrou sua cativa pelo pescoço e pela virilha e caminhou com determinação em direção à piscina verde. Conan deslizou de sua arcada e correu como um vento mortal pela relva.

O gigante virou-se, seus olhos flamejaram ao ver o vingador bronzeado correndo em sua direção. A surpresa daquele instante relaxou seu aperto cruel. Sancha escapou de suas mãos e caiu na grama. Suas garras estenderam-se para pegá-lo, mas Conan mergulhou para longe de seu alcance e direcionou sua espada para a virilha do gigante.

O negro caiu como uma árvore abatida, esguichando sangue. No instante seguinte, Conan foi agarrado pelo abraço frenético de Sancha, que se ergueu e enlaçou seus braços ao redor dele num frenesi histérico de terror e alívio.

Ele praguejou ao se desvencilhar, mas seu inimigo já estava morto. Os olhos fulvos estavam vidrados, os longos membros cor de ébano tinham parado de se contorcer.

— Oh, Conan — soluçava Sancha, agarrando-se a ele com tenacidade —, o que vai ser de nós? O que são esses monstros? Ah, certamente aqui é o

Inferno e esse era o diabo...

— Então o Inferno precisa de outro diabo — disse o báraco com um esgar feroz. — Mas como ele conseguiu pegar você? Eles tomaram o navio?

— Não sei. — Ela tentou enxugar as lágrimas com suas vestes e então lembrou que não estava vestida. — Eu vim para a praia. Vi você ir atrás de Zaporavo e segui os dois. Encontrei Zaporavo... foi... foi você que...

— E quem mais? — resmungou o bárbaro. — E depois?

— Vi um movimento nas árvores — ela estremeceu. — Pensei que fosse você. Chamei... depois vi isso... essa *coisa* negra agachada como um macaco entre os galhos, me olhando de soslaio. Foi como um pesadelo, eu não conseguia correr, só conseguia gritar. Então ele desceu da árvore e me agarrou... oh, oh, oh! — Ela escondeu o rosto entre as mãos e começou a tremer novamente ante a memória daquele horror.

— Bem, nós precisamos sair daqui — grunhiu ele, pegando-a pela cintura. — Vamos. Precisamos avisar a tripulação...

— A maioria estava dormindo na praia quando entrei na floresta — ela falou.

— Dormindo?! — exclamou ele de forma profana. — Pelos sete demônios do fogo do Inferno e da maldição...

— Escute! — ela se imobilizou, uma imagem clara e trêmula do medo.

— Estou ouvindo — interrompeu ele. — Um gemido! Espere!

Subiu pelas saliências mais uma vez e, olhando por cima da muralha, praguejou com uma fúria concentrada que chegou a fazer Sancha perder a respiração. Os homens negros estavam voltando, mas não vinham sozinhos nem de mãos vazias.

Cada um deles trazia uma figura humana desfalecida. Alguns traziam duas. Seus cativos eram os flibusteiros. Pendurados inertes nos braços de seus captores, não fosse um ocasional movimento vago de contração, Conan teria acreditado que estavam mortos. Estavam desarmados, mas não despídos. Um dos negros trazia as espadas embainhadas, numa grande

braçada de aço cortante. De tempos em tempos, um dos marujos esboçava um grito vago, como um bêbado falando durante um sono embriagado.

Como um lobo acuado, Conan olhou para eles. Três arcadas conduziam até o pátio da piscina. Os negros haviam saído do pátio pela arcada leste e presumivelmente deveriam voltar por ela. Ele entrara pela arcada sul e se escondera na arcada oeste, mas não tivera tempo de notar o que havia além dela. Apesar de sua ignorância quanto à planta do castelo, foi forçado a tomar sua decisão prontamente.

Descendo pela muralha, restaurou a posição das imagens com uma pressa frenética, arrastou o cadáver de sua vítima até a piscina e atirou-o lá dentro. Ele afundou instantaneamente e, nesse momento, Conan viu distintamente uma chocante contração — um encolhimento, um enrijecimento. Afastou-se rápido, estremecendo.

Depois pegou o braço de sua companheira e conduziu-a velozmente em direção à arcada sul, enquanto ela implorava para ser informada sobre o que estava acontecendo.

— Eles pegaram a tripulação — respondeu rispidamente. — Eu não tenho plano nenhum, mas vamos nos esconder em algum lugar e observar. Se não olharem para dentro da piscina, talvez eles não suspeitem da nossa presença.

— Mas eles vão ver o sangue na grama!

— Talvez achem que um de seus próprios demônios o tenha derramado — respondeu o pirata. — De qualquer forma, temos que correr esse risco.

Os dois estavam no pátio de onde Conan havia presenciado a tortura do rapaz, e ele logo a conduziu para uma escadaria que subia até a parede sul, forçando Sancha a se agachar atrás da balaustrada do balcão. Não era um esconderijo muito eficaz, mas era o melhor que havia ali.

Os dois mal haviam se abrigado quando os negros invadiram o pátio. Um retumbante som ao pé da escada fez Conan ficar imóvel, agarrando a espada. Mas os negros passaram através de uma arcada no sudoeste, produzindo uma série de baques e gemidos. Os gigantes estavam depositando suas vítimas na relva.

Um risinho histérico subiu aos lábios de Sancha, mas Conan rapidamente colocou a mão sobre sua boca, abafando o som antes que

pudesse traí-los.

Depois de certo tempo, ouviram o som de muitos passos na relva abaixo, e depois reinou o silêncio. Conan espiou por cima da muralha. O pátio estava vazio. Os negros se reuniam novamente perto da piscina, no pátio adjacente, agachados no chão. Aparentemente não haviam notado as grandes manchas de sangue sobre a relva e no anelo de jade em torno da piscina. Evidentemente manchas de sangue eram uma coisa comum para eles. Nem olharam para dentro da piscina. Estavam absorvidos em algum inexplicável conclave próprio. O negro alto tocava novamente sua flauta dourada, e seus companheiros ouviam como estátuas de ébano.

Tomando a mão de Sancha, Conan deslizou escada abaixo, inclinando-se para sua cabeça não ser vista acima da muralha. A garota encolhida seguia a contragosto, observando temerosa a arcada que levava ao pátio da piscina, apesar de que, naquele ângulo, nem a piscina nem o bando sinistro eram visíveis. No pé da escadaria estavam as espadas dos zíngaros. Aquele ruído que tinham ouvido eram as armas capturadas sendo jogadas ao chão.

Conan arrastou Sancha em direção à arcada sudoeste, e os dois silenciosamente atravessaram o gramado e entraram no pátio adiante. Os flibusteiros jaziam em amontoados descuidados, bigodes espetados, brincos reluzindo. Aqui e ali um deles movia-se ou gemia com inquietação. Conan abaixou-se até eles e Sancha ajoelhou-se às suas costas, inclinando-se para frente com as mãos apoiadas nos joelhos.

— Que cheiro doce e enjoado é esse? — perguntou, nervosa. — Está no hálito de todos eles.

— E daquela maldita fruta que estavam comendo — respondeu Conan lentamente. — Eu me lembro do cheiro dela. Deve ser como o lótus negro, que faz os homens dormirem. Por Crom, estão começando a acordar... mas estão desarmados, e imagino que aqueles demônios negros não vão esperar muito tempo antes de começar a fazer aquela magia neles. Que chance vão ter, desarmados e tontos de sonolência?

Refletiu por um instante, estampando uma careta no rosto causada pela intensidade de seus pensamentos. Depois segurou o ombro cor de oliva de Sancha com uma intensidade que a fez estremecer.

— Escute! Vou atrair aqueles porcos negros para outra parte do castelo e mantê-los ocupados por algum tempo. Enquanto isso você acorda esses

tolos e traz as espadas para eles... é uma chance de luta. Você consegue?

— Eu... não sei! — ela gaguejou, estremeando de medo, mal sabendo o que estava dizendo.

Com uma praga, Conan agarrou as grossas tranças junto da cabeça da garota e sacudiu-a até as paredes dançarem diante da estonteante visão da moça.

— Você *tem que* conseguir! — sibilou. — E a nossa única chance!

— Vou fazer o possível! — ela ofegou.

Com um grunhido de recomendação e um tapa encorajador nas costas que quase a derrubou, Conan se afastou.

Poucos instantes depois, estava agachado na arcada que se abria para o pátio da piscina, olhos fixos nos seus inimigos. Eles ainda estavam perto da piscina, mas começavam a mostrar indícios de uma impaciência mal-intencionada. Conan ouvia os gemidos aumentando no pátio onde os bucaneiros estavam despertando, que começavam a se transformar em xingamentos incoerentes. Flexionando os músculos, assumiu uma posição felina, respirando pesadamente pela boca.

O gigante adornado de jóias levantou-se, tirando a flauta dos lábios — e nesse instante Conan saltou como um tigre entre os negros surpresos. E como um tigre salta e ataca sua presa, Conan saltou e atacou: sua espada desfechou golpes antes que qualquer um pudesse erguer a mão para se defender. Em seguida afastou-se e correu pelo gramado. Atrás dele espalhavam-se três figuras negras no chão, de crânios partidos.

Embora a inesperada fúria do ataque surpresa tenha pegado os gigantes desguarnecidos, os sobreviventes se recuperaram rapidamente. E estavam nos calcanhares de Conan quando ele corria pela arcada oeste, suas longas pernas cobrindo o solo à alta velocidade. Ele sentia-se confiante em sua habilidade para mantê-los à distância o quanto quisesse, mas essa não era sua intenção. O bárbaro queria conduzi-los em uma longa perseguição para dar a Sancha tempo para despertar os zíngaros e armá-los.

Conforme corria para o pátio além da arcada oeste, Conan praguejou. Aquele pátio era diferente dos outros. Em vez de redondo, era octogonal, e

a arcada pela qual entrara era a única entrada ou saída.

Virando-se, percebeu que o bando todo o seguia. Um grupo aglomerava-se na arcada, e o resto espalhava-se numa longa fileira enquanto se aproximava. Conan os encarou, recuando lentamente em direção à muralha norte. A fileira curvava-se num semicírculo, espalhando-se para cercá-lo. Continuou a se mover para trás; porém, cada vez mais lentamente, observando que seus perseguidores aumentavam o espaço entre si. Eles temiam que ele tentasse escapar pelas pontas da crescente e alongavam sua fileira para evitar que isso acontecesse.

Conan os observava calmo, com o estado de alerta de um lobo. Quando atacou, foi com a velocidade devastadora de um trovão, visando diretamente o centro da crescente. O gigante que barrava seu caminho tombou, trespassado ao meio do osso esterno, e o pirata já estava fora do círculo que se fechava antes que os negros da direita e da esquerda pudessem vir ao auxílio do camarada abatido.

O grupo no portão preparou-se para receber seu ataque, mas ele não os atacou. Havia se virado e observava seus perseguidores sem emoção aparente, certamente sem medo. Dessa vez eles não se espalharam numa linha tênue. Tinham aprendido que seria fatal dividir suas forças contra uma encarnação de fúria e perícia como aquela. Juntaram-se numa massa compacta e avançaram contra ele sem pressa, mantendo a formação.

Conan sabia que se caísse naquela massa de músculos e ossos com garras, só poderia haver um resultado. Se fosse apanhado, estaria ao alcance daquelas garras e à mercê da maior massa corpórea dos opositores, diante da qual nem mesmo sua ferocidade primitiva prevaleceria. Olhou para a muralha ao redor e viu uma projeção em forma de beiral no canto superior do lado oeste. Não sabia o que era, mas deveria servir a seu propósito. Começou a recuar em direção ao canto, e os gigantes avançaram mais rapidamente. Evidentemente pensaram que eles próprios o estavam conduzindo ao canto, e Conan encontrou tempo para refletir que provavelmente os negros o viam como membro de uma raça mais primitiva, mentalmente inferior. Tanto melhor. Nada pode ser mais desastroso do que subestimar seu antagonista.

Agora ele estava a poucos metros da muralha, e os negros o cercavam rapidamente, evidentemente pensando em acuá-lo no canto antes que

percebesse a situação. O grupo no portão havia abandonado seu posto e se apressava para juntar-se aos companheiros.

Os gigantes se agacharam parcialmente, olhos brilhando como um fogo dourado do Inferno, dentes brancos cintilando, garras erguidas prontas para o ataque. Eles esperavam um movimento brusco e violento por parte de sua presa, mas quando aquilo aconteceu, foram pegos de surpresa.

Conan ergueu a espada, deu um passo em direção a eles, depois girou e correu em direção à parede. Com uma rápida torção e um impulso de músculos de aço, saltou no ar e seu braço estendido agarrou a projeção. Instantaneamente houve um ruído de ruptura e o beiral cedeu, precipitando o pirata de volta ao pátio.

Ele caiu de costas, e se não fosse o estofo da relva, poderia ter quebrado a coluna, apesar de todos os seus músculos. Recuperando-se como um grande felino, encarou seus inimigos. A sensação de surpresa desaparecera daqueles olhos. Agora eles flamejavam como uma fogueira azul. Seus cabelos se eriçaram, e seus lábios finos soltaram um rugido. Num instante a situação se convertera de um jogo ousado em uma batalha de vida e morte, e a natureza selvagem de Conan respondeu com toda a fúria de sua selvageria.

Imobilizados por um instante pela velocidade do episódio, agora os negros tentavam agarrá-lo e jogá-lo ao chão. Nesse instante, porém, um grito rompeu o silêncio. Virando-se, os gigantes viram uma turma de desclassificados reunindo-se na arcada.

Os bucaneiros oscilavam como bêbados e xingavam de forma incoerente.

Estavam aturdidos e desconcertados, porém agarrados às suas armas e avançando com uma ferocidade nem um pouco diminuída pelo fato de não compreenderem o que estava acontecendo.

Enquanto os negros observavam a cena, espantados, Conan deu um grito estridente e atacou-os como um trovão laminado. Eles caíam como trigo maduro sob sua lâmina, e os zíngaros, gritando com uma fúria ainda entorpecida, correram cambaleantes através do pátio e abateram-se sobre seus gigantescos inimigos com um fervor sanguinário. Ainda estavam

zonzos. Ao emergirem estonteados de seu estupor, sentiram Sancha sacudindo-os freneticamente e forçando espadas em suas mãos, ouviram vagamente seu apelo para tomar algum tipo de atitude. Não compreenderam tudo o que ela dissera, mas a visão de estranhos e de sangue jorrando era suficiente para eles.

Num instante o pátio se transformara num campo de batalha que logo se assemelharia a um matadouro. Os zingaros oscilavam e cambaleavam sobre os próprios pés, mas brandiam as espadas com eficiência e potência, xingando copiosamente, indiferentes a quaisquer ferimentos exceto os instantaneamente fatais. Eram em muito maior número que os negros, mas estes se provaram fortes antagonistas. Bem mais altos que seus agressores, os gigantes promoviam devastação com garras e dentes, rasgando gargantas de homens, esmagando crânios com golpes de punhos fechados.

Envolvidos e cerceados naquele corpo a corpo, os bucaneiros não conseguiam transformar em vantagem sua agilidade superior. Muitos se encontravam entorpecidos demais por seu sono drogado para se esquivar dos golpes dos oponentes. Eles lutavam com uma ferocidade cega e selvagem, com mais intenção de matar do que defender.

O som das espadas sendo brandidas era como de cutelos de açougueiros. Os gritos, urros e xingamentos eram chocantes.

Encolhida na arcada, Sancha estava aturdida pelo ruído e pela fúria da luta. Tinha a impressão pálida de um caos giratório no qual o aço reluzia e cortava, braços se agitavam, rostos furiosos apareciam e desapareciam, e corpos em luta colidiam, recuperando-se, unidos e misturados numa dança demoníaca de loucura.

Alguns detalhes mostravam-se brevemente, como contornos escuros num pano de fundo sangrento. Ela viu um marinheiro zingaro, cegado por uma aba de escalpo rasgado que caíra sobre seus olhos, firmar-se sobre as pernas e enterrar sua espada até o cabo num ventre negro. Ouviu distintamente o bucaneiro rosnar durante o golpe e viu os olhos fulvos da vítima rolarem em súbita agonia: sangue e vísceras esparramando-se na lâmina cravada em suas entranhas. O negro moribundo agarrou a lâmina com as mãos nuas enquanto o marinheiro puxava a espada bruta e cegamente. Em seguida, um braço negro enlaçou a cabeça do zingaro e um joelho negro plantou-se com força cruel no meio de suas costas. Sua cabeça

foi torcida para trás num ângulo hediondo, e alguma coisa se partiu com um ruído mais alto que o clangor da luta, como um galho grosso se quebrando. O vencedor atirou o corpo de sua vítima ao chão. Quando fez isso, algo parecido com um raio de luz azul lampejou acima de seus ombros vindo de trás, da direita para a esquerda. Ele cambaleou, a cabeça tombou sobre seu peito e dali para a terra, de forma horrenda.

Sancha sentia-se enjoada. Engasgou e tentou vomitar. Fez força para se virar e fugir do espetáculo, mas suas pernas não funcionavam. Também não conseguia fechar os olhos. Na verdade, abriu-os ainda mais. Revoltada, repugnada, nauseada, ainda assim sentia a terrível fascinação que sempre experimentava diante da visão de sangue derramado. Mas aquela batalha transcendia tudo o que jamais vira em disputas entre seres humanos, em ataques a portos ou em batalhas marítimas. Então ela avistou Conan.

Separado de seus companheiros pela massa de inimigos, Conan havia sido envolvido e arrastado por uma onda negra de braços e corpos. Eles poderiam tê-lo pisoteado até a morte, mas ele havia trazido um deles junto na queda, e o corpo do negro protegia o pirata embaixo dele. Eles chutavam e unhavam o báculo e tentavam puxar seu semelhante, que se contorcia, mas Conan cravara os dentes desesperadamente em sua garganta e agarrava-se tenazmente ao seu escudo moribundo.

Uma investida dos zingáros dispersou um pouco a aglomeração. Conan jogou de lado o cadáver e levantou-se, ameaçador e manchado de sangue. Os gigantes pairavam acima dele como grandes sombras negras, agarrando e desfechando golpes terríveis no ar. Porém, ele era mais difícil de ser agarrado ou atingido que uma pantera enlouquecida, e a cada virada ou lampejo de sua lâmina o sangue esguichava. Ele já havia recebido castigo o bastante para matar três homens normais, mas sua vitalidade de touro permanecia intacta.

O grito de guerra de Conan ergueu-se acima do burburinho da carnificina, e os desnorteados, mas furiosos zingáros se reanimaram e redobram seus ataques, até que o ruído de carnes rasgadas e ossos esmagados sob as espadas quase afogou os uivos de dor e ódio.

Os negros hesitaram e romperam em fuga para o portão. Sancha gritou ao perceber aquela movimentação e saiu rapidamente do caminho. Eles se congestionaram na estreita arcada, e os zingáros espetaram e esfaquearam

suas costas tensas com estridentes brados de júbilo. O portão estava em ruínas quando os sobreviventes conseguiram atravessá-lo e se dispersar, cada um por si.

A batalha transformou-se numa caçada. Nos pátios gramados, nas brilhantes escadarias, sobre os tetos inclinados das torres fantásticas, até mesmo ao longo das largas paredes revestidas, os gigantes fugiam, pingando sangue em cada estágio, arrasados por seus inclementes perseguidores, que mais pareciam lobos. Encurralados, alguns deles viravam-se para lutar. Homens morriam. Mas o resultado final era sempre o mesmo: um corpo negro mutilado retorcendo-se na relva ou atirado de parapeitos e tetos de torres em espasmos e contorções.

Sancha havia encontrado refúgio no pátio da piscina, onde ficou agachada, tremendo de terror. Lá fora ouviam-se gritos ferozes, pés ressoando na grama, e da arcada emergiu uma figura negra tinta de sangue. Era o gigante com a faixa cravejada de jóias na cabeça. Um perseguidor agachado estava logo atrás, e o negro voltou-se, bem próximo à beira da piscina. Numa atitude extremada, ele havia apanhado uma espada largada por um marinheiro moribundo e, quando o zíngaro precipitado investiu, golpeou-o com aquela arma pouco familiar. O bucaneiro tombou com o crânio rachado, mas o golpe fora desfechado de forma tão desastrada que a lâmina se partiu nas mãos do gigante.

Ele atirou o punho da espada nas figuras que se aglomeravam na arcada e correu para a piscina, o rosto transformado em uma máscara de ódio convulso. Conan passou pelos homens no portão, e seus pés arrancaram a grama do caminho de sua investida objetiva.

Porém, o gigante abriu seus grandes braços e de seus lábios surgiu um grito inumano — o único som emitido por um negro durante toda a luta. Ele bradou todo seu terrível ódio para o céu, era como uma voz uivando das profundezas.

Diante daquele som, os zíngaros vacilaram. Mas Conan não se deteve. Em silêncio e numa postura assassina, avançou contra a figura de ébano postada à beira da piscina.

Mas no momento em que a espada gotejante do pirata brilhava em pleno ar, o negro girou e saltou para o alto. Por um átimo de tempo todos o viram

pairando no ar acima da piscina. Em seguida, com um rugido estarrecedor, as águas verdes o envolveram, afundando-o num vulcão verde.

Conan conseguiu se deter bem a tempo de não cair na piscina e saltou para trás, agitando seus musculosos braços e empurrando os homens atrás dele. A piscina esverdeada agora parecia um gêiser, e seu ruído atingiu um volume ensurdecador enquanto uma grande coluna de água elevava-se cada vez mais alto, com uma grande coroa de espuma florescendo em seu topo.

Conan estava conduzindo seus homens para o portão, seguindo logo atrás, batendo neles com a chapa da espada. O barulho do jato de água parecia ter roubado as faculdades dos flibusteiros. Vendo Sancha paralisada no lugar, observando o pilar efervescente com os olhos arregalados de terror, Conan chamou sua atenção com um berro que superou o barulho da água e fez com que ela saísse de sua imobilidade.

A garota correu em sua direção, braços abertos, e ele a pegou por um braço e arrastou-a para fora do pátio.

No pátio que se abria para o mundo exterior, os sobreviventes haviam se reunido, exaustos, esfarrapados, feridos e sujos de sangue, e quedaram-se olhando sem fala para o grande e instável pilar que se erguia cada vez mais em direção à abóbada azul do céu. Seu tronco verde estava mesclado de branco, a coroa de espuma era três vezes maior que a circunferência da base. Embora continuasse a subir em direção ao céu, naquele momento a coluna ameaçava explodir e cair numa torrente avassaladora.

O olhar de Conan varreu o grupo, que sangrava e suava, e soltou uma praga ao ver apenas alguns deles. Na tensão do momento, agarrou pelo pescoço um dos corsários e sacudiu-o de forma tão violenta que o ferimento do homem borrifou gotas de sangue em torno deles.

— Onde está o resto? — gritou no ouvido de sua vítima.

— Só restaram esses! — gritou o outro de volta, acima do rugido do gêiser. — Os outros foram mortos por aqueles negros...

— Bem, saiam daqui! — vociferou Conan, com um empurrão que mandou o homem cambaleando para a arcada externa. — Aquela fonte vai explodir a qualquer momento...

— Vamos todos nos afogar — gemeu um flibusteiro, mancando em direção à arcada.

— Pior do que isso — bradou Conan. — Vamos ser transformados em peças de osso petrificado! Saiam daqui, maldição!

Ele correu para a arcada externa, um olho na torre verde estridente que pairava terrivelmente acima dele, outro nos lutadores. Estonteados pelo massacre sangrento, pela luta e pelo trovejante ruído, alguns zíngaros se moviam como homens em transe.

Conan apressava-os com um método simples. Agarrava os retardatários pelo cangote e impelia-os violentamente através do portão, acrescentando certo ímpeto com um potente chute no traseiro e exigindo mais pressa com pungentes comentários a respeito dos ancestrais de suas vítimas. Sancha queria ficar ao seu lado, mas ele afastou-a com braços fortes, xingando intensamente, e acelerou seus movimentos com um tremendo tapa em seu traseiro, que a mandou correndo para o platô.

Conan não saiu do portão até ter certeza de que todos os seus homens já haviam deixado o castelo e começado a caminhar pela planície gramada. Depois olhou novamente para aquele castelo de horrores inomináveis.

Os zíngaros já tinham atravessado a orla do platô e fugiam pelas encostas. Sancha esperou por ele no cume da primeira encosta, onde Conan parou por um instante para observar novamente o castelo. Era como se uma gigantesca flor de caule verde e coroa branca pairasse acima das torres, enchendo o céu com seu barulho. Nesse momento, o pilar verde-jade e branco rompeu-se num ruído que parecia o firmamento se rasgando, e muralhas e torres foram tragadas por uma trovejante torrente.

Conan agarrou a mão da garota e correu. As encostas subiam e desciam diante dos dois, enquanto atrás soava o ruído de um rio correndo. Um olhar por cima do ombro contraído revelou um vagalhão verde subindo e caindo, varrendo as encostas.

A torrente não se espalhava nem se dissipava. Como uma serpente gigante, fluía sobre as depressões e cumes arredondados e mantinha um curso consistente: *ela os estava seguindo*.

Aquela percepção elevou Conan a um nível mais alto de resistência. Sancha tropeçou e caiu de joelhos com um gemido de desespero e exaustão.

Levantando-a, o pirata jogou-a sobre os ombros fortes e continuou correndo. Seu peito ofegava, seus joelhos tremiam, sua respiração fluía arfante através dos dentes. Acelerou o passo. A frente viu os marinheiros avançando arduamente, estimulados pelo terror que os perseguia.

O oceano surgiu subitamente em sua visão, e em suas águas flutuava o *Wastrel*, incólume. Os homens atropelaram-se desordenadamente para entrar nos botes.

Sancha caiu no fundo de um deles e lá ficou, prostrada. Embora o sangue pulsasse em seus ouvidos e o mundo parecesse avermelhado aos seus olhos, Conan assumiu os remos ao lado dos ofegantes marinheiros.

Com os corações prestes a explodir de exaustão, eles remaram até o navio. O rio verde eclodiu através do cinturão de árvores. As árvores tombavam como se os troncos tivessem sido cortados e desapareciam conforme afundavam na torrente cor de jade. A maré fluiu até a praia e lambeu o oceano, e as ondas ganharam um tom verde mais profundo e sinistro.

Um medo instintivo e irracional mantinha os marinheiros remando, fazendo com que esforçassem cada vez mais seus corpos agonizantes e seus cérebros acelerados. Eles não sabiam o que temiam, mas tinham consciência de que naquela abominável onda verde havia uma ameaça para o corpo e para a alma. Conan sabia disso e, quando avistou aquela larga torrente deslizar nas ondas e fluir através das águas em direção a eles, sem alteração de forma ou de direção, invocou sua última reserva de forças de forma tão feroz que o remo partiu-se em suas mãos.

Finalmente, as proas dos botes chocaram-se contra o madeirame do *Wastrel*, e os marinheiros subiram pelas correntes cambaleando, deixando as embarcações flutuando à deriva. Sancha subiu apoiada no ombro de Conan, flácida como um cadáver, para ser jogada sem cerimônia sobre o convés pelo báculo antes de assumir o leme, bradando ordens para sua reduzida tripulação. Ao longo do episódio, ele assumira a liderança sem questionamentos, e todos instintivamente o seguiram.

Eles cambaleavam como bêbados, manipulando as cordas e polias mecanicamente. A corrente da âncora, desamarrada, caiu na água, as velas se enfunaram e intumesceram com o vento que aumentava. O *Wastrel* estremeceu, balançou e singrou majestosamente para o mar.

Conan olhou para a praia. Como uma língua de chama cor de esmeralda, uma onda agitava a água inutilmente, à distância de um remo da quilha do *Wastrel*.

E não avançou mais. Seu olhar seguiu o ininterrupto fluxo verde bruxuleante da ponta daquela língua à praia branca e encosta acima, até que desapareceu na distância azul.

Recuperando o fôlego, o báraco sorriu para a ofegante tripulação. Sancha estava perto dele, lágrimas histéricas escorrendo pelo rosto. Os calções de Conan eram trapos ensangüentados. Seu cinto e bainha estavam perdidos. Sua espada, em pé no convés ao seu lado, estava dentada e com crostas de manchas vermelhas. O sangue se emplastava em sua cabeleira negra, e metade de uma orelha tinha sido arrancada de sua cabeça. Seus braços, pernas, peito e ombros estavam mordidos e arranhados como que por panteras. Mas ele sorria quando se equilibrou em suas poderosas pernas, manejando o leme numa pura exuberância de poder muscular.

— E agora? — perguntou Sancha com um fio de voz.

— A pilhagem dos mares! — riu Conan. — Uma tripulação irrisória, mastigada e arranhada, quase aos pedaços, mas que consegue manejar o navio. E tripulações sempre podem ser encontradas. Venha aqui, garota, e me dê um beijo.

— Um beijo? — ela gritou histericamente. — Você pensa em beijos numa hora dessas?

A risada dele soou acima dos baques e estalidos das velas quando a ergueu do chão com um abraço forte e beijou seus lábios vermelhos com ressoante deleite.

— Eu penso na Vida! — vociferou. — Os mortos estão mortos, e o que passou já era! Tenho um navio, uma tripulação valorosa e uma garota com lábios como o vinho, e é só isso que peço. Lambam suas feridas, seus fanfarrões, e abram um barril de cerveja. Vocês vão trabalhar como jamais trabalharam antes num navio. Dancem e cantem enquanto puderem, seus malditos! Ao diabo com esse mar aberto! Vamos singrar para águas onde os portos são gordos e os navios mercantes

estão repletos de riquezas!



# INIMIGOS EM CASA

## *Rogues in the House*

*"Um fugiu, outro morreu e outro está dormindo numa cama de ouro".*

*(Ditado Antigo)*

### I

Durante uma festa da corte, Nabonidus, o Sacerdote Vermelho — que era o verdadeiro governante da cidade —, tocou educadamente o braço de Murilo, o jovem aristocrata. Murilo voltou-se e se deparou com o olhar enigmático do sacerdote, tentando descobrir o seu significado oculto. Nenhuma palavra foi pronunciada entre eles, mas Nabonidus fez uma reverência e entregou a Murilo um pequeno cofre de ouro. O jovem nobre, sabendo que Nabonidus não fazia nada sem ter uma razão para isso, pediu para ser dispensado na primeira oportunidade e voltou apressadamente para o seu aposento. Abrindo o cofre, encontrou dentro dele uma orelha humana, que logo reconheceu por causa de uma cicatriz característica. Começou a suar profusamente, e não teve mais dúvidas quanto ao significado do olhar do Sacerdote Vermelho.

Mas Murilo, apesar de seus negros e perfumados cabelos encaracolados e de suas vestes afetadas, não era nenhum fraco para entregar o pescoço à faca sem lutar. Ele não sabia se Nabonidus estava apenas brincando com ele, ou se estava lhe dando uma chance de partir para o exílio voluntário; mas o fato de que ainda estava vivo e em liberdade provava que lhe eram dadas pelo menos algumas horas, provavelmente para meditar. Entretanto, não precisava meditar para tomar uma decisão; precisava era de uma ferramenta. E o Destino lhe fornecia essa ferramenta que, naqueles momentos em que o jovem nobre tremia e ponderava na parte da

cidade ocupada pelas torres de mármore roxo e palácios de marfim da aristocracia, estava trabalhando entre as espeluncas e os bordéis dos bairros paupérrimos.

Havia um sacerdote de Anu, cujo templo, que se erguia nos arredores do bairro das favelas, era cenário de outras coisas além de devoção. O sacerdote era um homem gordo e bem alimentado, e era ao mesmo tempo um receptador de artigos roubados e um informante da polícia. Fazia um comércio vantajoso de ambos os lados, pois o distrito no qual atuava era o Labirinto, um emaranhado de ruelas lamacentas e sinuosas, de espeluncas sórdidas, freqüentadas pelos ladrões mais ousados do reino. Os mais intrépidos de todos eram um gunderlandês, desertor dos mercenários e um cimério bárbaro. Por causa do sacerdote de Anu, o gunderlandês fora capturado e enforcado na praça do mercado. Mas o cimério fugira e, descobrindo por caminhos tortos a traição do sacerdote, entrou à noite no templo de Anu e decepou-lhe a cabeça. Seguiu-se um grande tumulto na cidade, mas a busca do assassino foi infrutífera até que sua companheira o entregou às autoridades, levando um capitão da guarda e seu esquadrão ao quarto escondido onde o bárbaro jazia embriagado.

Despertando meio tonto, mas feroz, quando o apanharam, ele arrancou as entranhas do capitão, arremeteu-se no meio dos assaltantes e teria escapado se não fosse o álcool que ainda nublava seus sentidos. Confuso e meio cego, ele não acertou a porta ao fugir e bateu a cabeça na parede de pedra com tanta intensidade que caiu sem sentidos. Quando voltou a si, estava no calabouço mais fortificado da cidade, acorrentado à parede com correntes que nem seus músculos de bárbaro seriam capazes de romper.

Murilo foi até a sua cela, mascarado e envolto num grande manto negro. O cimério examinou-o com interesse, pensando que era o executor enviado para despachá-lo. Murilo esclareceu a questão e o observou com interesse

igual. Mesmo na penumbra do calabouço, com os membros carregados de correntes, o poder primitivo do homem era evidente. Seu corpo poderoso e músculos grossos combinavam a força de um urso pardo com a rapidez de uma pantera. Sob sua emaranhada cabeleira negra, os olhos azuis brilhavam com selvageria inesgotável.

— Você gostaria de continuar vivo? — perguntou Murilo.

O bárbaro grunhiu, com um brilho de interesse nos olhos.

— Se eu arranjasse sua fuga, você me faria um favor? — perguntou o aristocrata.

O cimério não falou, mas a intensidade de seu olhar respondeu por ele.

— Quero que você mate um homem para mim.

— Quem?

— A voz de Murilo diminuiu até um sussurro:

— Nabonidus, o sacerdote do rei!

O cimério não mostrou sinal de surpresa nem de perturbação. Ele não tinha nada do temor ou da reverência pela autoridade que a civilização inspira nos homens. Rei ou mendigo, todos eram iguais para ele. Tampouco perguntou por que Murilo havia procurado por ele, considerando que os bairros estavam cheios de assassinos fora da prisão.

— Quando vou fugir? — exigiu ele.

— Daqui a uma hora. À noite, há apenas um guarda nesta parte do calabouço. Ele pode ser subornado; ele já foi comprado. Veja, aqui estão as chaves das suas correntes. Vou tirá-las e, passada uma hora depois que eu tiver partido, o guarda Athicus vai destrancar a porta da sua cela. Você deve amarrá-lo com tiras de sua túnica para que, quando ele for encontrado, as autoridades pensem que você foi salvo de fora e não suspeitem dele. Vá imediatamente à casa do Sacerdote Vermelho e mate-o. Em seguida, vá até o Covil dos Ratos, onde um

homem lhe dará um saco de ouro e um cavalo. Com isso você pode fugir da cidade e deixar o país.

— Tire já estas malditas correntes. — exigiu o cimério — E mande o guarda trazer comida. Por Crom, passei o dia inteiro a pão embolorado e água, e estou faminto.

— Assim será feito; mas lembre-se: você não deve fugir antes que eu tenha tempo de chegar à minha casa.

Livre das correntes, o bárbaro se pôs de pé e esticou seus pesados braços, que pareciam enormes na penumbra do calabouço. Murilo percebeu

novamente que, se havia algum homem no mundo capaz de cumprir a tarefa dada por ele, este homem era o cimério. Repetindo algumas instruções, ele saiu da prisão, sem esquecer-se de orientar Athicus para levar um prato de carne e uma cerveja para o prisioneiro. Sabia que podia confiar no guarda, não só por causa do dinheiro que havia pago, mas também por causa de determinada informação que ele tinha sobre o homem.

Quando retornou ao seu quarto, Murilo já não tinha receios. Nabonidus atacaria através do rei, disso ele tinha certeza. E como os guardas reais não estavam batendo à sua porta, era certo também que o sacerdote ainda não tinha dito nada ao rei. Sem dúvida alguma, falaria no dia seguinte — isso se estivesse vivo no dia seguinte.

Murilo acreditava que o cimério iria manter sua palavra. Se o homem seria capaz de cumprir seu objetivo, só o futuro diria. Muitos já haviam tentado assassinar o Sacerdote Vermelho antes, e morreram de maneiras horríveis e inomináveis. Mas esses haviam sido produto das cidades dos homens, a quem faltavam os instintos de lobo do bárbaro. No instante em que Murilo, revirando nas mãos o cofre de ouro com a orelha decepada, ficara sabendo através dos seus canais secretos que o cimério havia sido capturado, vira uma solução para o seu problema.

Novamente em seu quarto, ele ergueu um brinde ao homem cujo nome era Conan e ao seu sucesso naquela noite. E enquanto estava bebendo, um dos espões lhe trouxe a notícia de que Athicus havia sido capturado e jogado na prisão. O cimério não havia fugido.

Murilo sentiu seu sangue gelar de novo. Ele só conseguia ver, nesta volta do destino, a mão sinistra de Nabonidus, e uma estranha obsessão começou a crescer dentro dele: o Sacerdote Vermelho era mais do que humano — era um feiticeiro que lia as mentes de suas vítimas e puxava os cordões, fazendo-as dançar como marionetes. Junto com o desespero veio o pânico. Ocultando uma espada debaixo de seu manto negro, ele saiu de sua casa por um caminho secreto e se precipitou pelas ruas desertas. Era meia-noite quando chegou à casa de Nabonidus, avultando sinistra entre os jardins murados que a separavam das propriedades ao redor.

O muro era alto, mas não intransponível. Nabonidus não confiava em simples barreiras de pedra. Era o que havia do lado de dentro do muro que devia ser temido. Murilo não sabia exatamente o que era. Sabia que havia pelo menos um enorme cão selvagem, que andava pelo jardim e, numa ocasião, despedaçara um invasor como se o coitado fosse um coelho. O que

mais pudesse haver lá dentro, ele não perdia tempo em conjecturar. Os homens que tiveram permissão para entrar na casa, em negócios breves e legítimos, relatavam que Nabonidus morava num ambiente ricamente decorado, mas levava uma vida simples, servido por um número surpreendentemente pequeno de criados. De fato, eles disseram ter visto apenas um deles, um homem alto e silencioso, chamado Joka. Outra pessoa, presumivelmente um escravo, foi ouvida se mover nos recessos da casa, mas nunca foi vista por ninguém. O maior enigma dessa casa misteriosa era o próprio Nabonidus, cujo poder de intriga e manejo da política internacional o transformaram no homem mais poderoso do reino. O povo, o chanceler e o rei se moviam como fantoches em suas mãos.

Murilo escalou o muro e caiu nos jardins envoltos em sombras, escurecidos por aglomerados de arbustos e ondulante folhagem. Nenhuma luz brilhava nas janelas da casa, que apareciam tão sinistramente escuras entre as árvores. O jovem nobre esgueirou-se furtiva, mas rapidamente, entre os arbustos. Por um momento, esperou ouvir o latido do grande cão, e ver seu corpo gigante saltar da escuridão. Duvidava da eficiência de sua espada contra tal ataque, mas não hesitou. Tanto fazia morrer sob as presas de um animal ou sob o machado do carrasco.

Ele tropeçou em algo volumoso e macio. Agachando-se sob a luz das estrelas, percebeu uma figura rígida no chão. Era o cão que guardava os jardins, e estava morto. Seu pescoço estava quebrado e trazia marcas de presas enormes. Murilo percebeu que nenhum ser humano poderia ter feito isto. A fera havia se deparado com um monstro mais selvagem do que ela. Murilo olhou nervoso para as enigmáticas massas das moitas e arbustos; em seguida, com um dar de ombros, aproximou-se da casa silenciosa.

A primeira porta que tentou abrir estava destrancada. Entrou cautelosamente, com a espada na mão, e se encontrou num comprido corredor iluminado apenas por uma luz que vinha das cortinas, do outro lado. Um silêncio total pairava sobre a casa inteira. Murilo deslizou ao longo do corredor e se deteve para espiar pelas cortinas. Viu um aposento iluminado, cujas janelas estavam tapadas completamente por cortinas de veludo, que não deixavam passar nenhum raio de luz. O aposento estava vazio, pelo menos não havia nenhum ser humano vivo, mas tinha um ocupante macabro, apesar de tudo. No meio de escombros de mobília e cortinas rasgadas, que indicavam ter havido uma luta medonha, jazia o corpo de um homem. Estava deitado de bruços, mas a cabeça estava torcida

de maneira que o queixo chegava atrás do ombro. O rosto, contorcido num esgar assombroso, parecia olha de esquelha para o nobre aterrorizado.

Pela primeira vez naquela noite, a resolução de Murilo foi abalada. Ele lançou um olhar inseguro para o caminho pelo qual havia vindo. Então a lembrança do machado e do bloco do carrasco o fortaleceu, e ele atravessou o aposento, tentando evitar olhar para o terror sorridente estendido no centro. Embora nunca tivesse visto o homem antes, sabia pelas descrições que era Joka, o empregado taciturno de Nabonidus.

Ele espiou pela porta coberta por cortinas e viu um grande aposento circular, circundado por uma galeria a meio caminho entre o chão polido e o teto alto. Este aposento estava mobiliado como se fosse para um rei. No meio, havia uma mesa de mogno decorada, cheia de jarros de vinho e ricas iguarias. E Murilo enrijeceu. Numa grande cadeira, cujo largo encosto estava voltado para ele, viu uma figura, cujas características lhe eram familiares. Vislumbrou um braço com manga vermelha pousado sobre o braço da cadeira; a cabeça, vestida com o gorro vermelho da túnica, estava inclinada para a frente como se estivesse meditando. Foi exatamente assim que Murilo havia visto, centenas de vezes, Nabonidus sentado na corte real.

Amaldiçoando o batimento acelerado do próprio coração, o jovem nobre esgueirou-se pelo aposento com a espada estendida e toda a sua estrutura preparada para o golpe. A presa não se moveu, nem parecia ouvir seu avanço cauteloso. O Sacerdote Real estaria dormindo, ou era um cadáver esparramado naquela grande cadeira? De repente, quando estava apenas a um passo do inimigo, o homem se levantou da cadeira e o encarou.

O sangue imediatamente sumiu do rosto de Murilo. Sua espada lhe escapou dos dedos e caiu no chão com um tinido. Um grito terrível escapou de seus lábios pálidos, seguido pelo baque da queda de um corpo. Então, mais uma vez o silêncio reinou na casa do Sacerdote Vermelho.

## II

Pouco depois de Murilo ter saído do calabouço onde Conan, o cimério, estava preso, Athicus trouxe para o prisioneiro uma bandeja de comida que incluía, entre outras coisas, um enorme pedaço de carne e uma grande caneca de cerveja. Conan atirou-se à comida com voracidade, e Athicus fez uma última ronda pelas celas, verificando se tudo estava em ordem e que ninguém testemunharia a simulada invasão da prisão. Foi enquanto estava ocupado com isso, que um esquadrão de guardas marchou para dentro da prisão e o prendeu.

Murilo havia se enganado ao presumir que esta captura indicava alguma descoberta da fuga planejada de Conan. Era outro assunto: Athicus se tornara descuidado em suas relações com o submundo, e um de seus pecados passados o havia alcançado.

Outro carcereiro tomou seu lugar, uma criatura confiável e parva, cujo senso de dever nenhum suborno poderia abalar. Ele era limitado, mas tinha uma idéia elevada da importância de seu trabalho.

Depois de Athicus ter sido levado para ser formalmente condenado perante um juiz, este carcereiro fez a ronda pelas celas, por rotina. Quando passou pela de Conan, ficou chocado e ultrajado ao ver o prisioneiro livre das correntes, e no ato de arrancar com os dentes as últimas fatias de carne de um enorme osso. O carcereiro ficou tão perturbado que cometeu o erro de entrar sozinho na cela, sem chamar os guardas de outras partes da prisão. Este foi seu primeiro e último erro no cumprimento do dever. Conan rachou-lhe a cabeça com o osso, tomou-lhe o punhal e as chaves, e saiu despreocupado. Como Murilo havia dito, apenas um guarda estava a postos ali naquela noite. O cimério saiu dos muros usando as chaves que havia tomado, e logo se viu ao ar livre, tão livre quanto se o plano de Murilo tivesse tido sucesso.

Nas sombras dos muros da prisão, Conan parou para decidir a seguinte etapa de ação. Ocorreu-lhe que, já que havia fugido com os seus próprios recursos, nada devia a Murilo; mas fora o jovem nobre que havia tirado suas correntes e lhe mandara a comida, sem o que sua fuga teria sido impossível. Conan decidiu que estava em dívida para com Murilo e, já que era um homem que sempre acabava cumprindo suas obrigações, iria cumprir a promessa feita ao jovem aristocrata. Mas primeiro ele tinha um assunto pessoal para cuidar.

O cimério jogou fora sua túnica esfarrapada, e caminhou pela noite vestido apenas com uma tanga. Enquanto andava, apalpava o punhal que havia pegado — uma arma mortal, com uma larga lâmina de dois gumes e quase meio metro de comprimento. Esgueirou-se pelas ruelas e praças sombrias, até chegar ao bairro de seu destino — o Labirinto. Caminhava com desenvoltura pelos caminhos conhecidos. De fato era um labirinto de ruelas negras, pátios fechados e trilhas enganadoras, cheias de sons abafados e de mau cheiro. As ruas não estavam pavimentadas; lama e lixo se misturavam numa bagunça asquerosa. Não se conhecia o esgoto; o lixo era despejado nas ruelas, formando montes e poças fétidas. Se não andasse com cuidado, poderia perder o equilíbrio e cair nessas poças imundas, ficando enterrado até a cintura. E não era nada incomum tropeçar num cadáver com a garganta cortada ou com um crânio fendido, caído na lama. As pessoas decentes tinham boas razões para evitar o Labirinto.

Conan alcançou seu destino sem ser visto, no momento em que a pessoa que mais desejava encontrar estava saindo. Quando o cimério enfiou-se no pátio inferior, a moça que o entregou para a polícia estava se despedindo de seu novo amante, num quarto no andar superior. Depois que a porta se fechou atrás dele, este jovem matador desceu tateando pelo lance de escada, que rangia a cada passo, tateando o caminho, imerso em seus próprios pensamentos que, assim como os da maioria dos moradores do Labirinto, tinham a ver com o roubo de alguma propriedade. A meio caminho, ele parou com os cabelos eriçados. Um vulto estava agachado diante dele na escuridão; um par de olhos ardia como os de um animal espreitando a sua presa. Um rosnar animalesco foi a última coisa que ele ouviu na vida, quando o monstro investiu contra ele e uma lâmina afiada atravessou seu ventre. Emitindo um grito engasgado, caiu rolando pela escada.

O bárbaro se ergueu à sua volta por alguns instantes como um predador, com os olhos queimando na penumbra. Sabia que as pessoas ouviram o ruído, mas as pessoas do Labirinto eram prudentes o bastante para não se meterem em assuntos alheios. Um grito de morte nas escadas sombrias não era nada incomum. Mais tarde, alguém iria se aventurar a investigar, mas só depois de um razoável lapso de tempo.

Conan subiu a escada e parou na frente da porta que conhecia há muito tempo. Estava fechada por dentro, mas sua lâmina passou entre a porta e o trinco, e levantou a trava. Ele entrou, fechando a porta atrás de si, e encarou a jovem que o entregara à polícia.

A moça estava sentada na cama desarrumada, de camisola, com as pernas cruzadas. Ela empalideceu e arregalou os olhos, como se estivesse olhando para um fantasma. Tinha ouvido o grito nas escadas e viu a mancha vermelha no punhal que ele segurava na mão. Mas estava apavorada demais com sua própria sorte para perder tempo lamentando o evidente destino de seu amante. Começou a implorar por sua vida, de forma quase incoerente devido ao terror. Conan não respondeu; limitou-se a fitá-la com seus olhos chamejantes, testando a ponta de seu punhal com o polegar calejado.

Finalmente atravessou o quarto, enquanto ela se encolhia contra a parede, soluçando súplicas frenéticas por misericórdia. Agarrando-a rudemente pelos cachos loiros, ele a arrastou para fora da cama. Enfiando o punhal na bainha, levantou sob o braço esquerdo sua cativa, que se debatia sem parar, e caminhou até a janela. Como em muitas construções daquele tipo, havia uma espécie de laje que circundava cada andar, à altura das janelas. Conan chutou a janela e pisou nessa beirada estreita. Se alguém estivesse por perto ou acordado, teria testemunhado a visão bizarra de um homem se movendo cuidadosamente ao longo do beiral, carregando debaixo do braço uma jovem seminua que se debatia, e se sentiriam tão confusos quanto a garota.

Ao alcançar o lugar que procurava, Conan parou, agarrando-se à parede com a mão livre. Nesse instante, um súbito clamor de vozes ergueu-se dentro do edifício, mostrando que o corpo havia sido finalmente descoberto. Sua cativa soluçava e se debatia, repetindo as súplicas. Conan olhou para a imundície e o limo das ruelas embaixo, detendo-se um pouco para ouvir o barulho que vinha de dentro e as súplicas da moça; em seguida, ele a deixou cair exatamente dentro de uma fossa imunda. Durante alguns segundos, ficou se deliciando vendo-a chutar e se debater, observando o veneno concentrado de seus palavrões, e até se permitiu uma risada em voz baixa. Em seguida, ergueu a cabeça, ouviu o tumulto crescente dentro do edifício e decidiu que era hora de matar Nabonidus.

### III

Foi um reverberante tilintar de metal que acordou Murilo. Atordoado, gemeu e procurou se sentar. Tudo era silêncio e escuridão ao seu redor e, por um instante, pensou apavorado que havia ficado cego. Então, se lembrou do que havia acontecido, e sua pele se arrepiou. Tateando, descobriu que estava deitado sobre um chão de lajes de pedra planas e unidas. Continuando a tatear, descobriu uma parede do mesmo material. Levantou-se e se apoiou à parede, tentando se orientar em vão. Parecia certo que ele estava numa espécie de prisão, mas lhe era impossível adivinhar onde e há quanto tempo. Lembrava-se vagamente de um estrondo e se perguntava se teria sido a porta de ferro de seu calabouço que se fechara atrás dele, ou se fora o anúncio da entrada de um carrasco.

Esse pensamento o fez tremer da cabeça aos pés e recomeçar a tatear seu caminho ao longo da parede. Por um momento, ele esperou encontrar os limites de sua prisão, mas depois de algum tempo chegou à conclusão de que estava andando por um corredor. Permaneceu grudado na parede, receoso de encontrar fossas e outras armadilhas, e logo se deu conta de que havia alguma coisa próxima a ele nas trevas. Seus ouvidos captaram um som furtivo — ou algum sentido subconsciente o alertara. Ele parou sobressaltado, com os cabelos eriçados; tão certo quanto ainda estava vivo, sentia diante dele a presença de alguma criatura viva agachada na escuridão.

Achou que seu coração iria parar, quando uma voz sibilou com um sotaque bárbaro:

— Murilo! É você?

— Conan!

Enfraquecido pela reação, o jovem nobre tateou no escuro e suas mãos encontraram um par de enormes ombros nus.

— Sorte que eu o reconheci. — disse o bárbaro — Estava prestes a furá — lo como um porco engordado.

— Onde estamos, em nome de Mitra?

— Nos subterrâneos da casa do Sacerdote Vermelho; mas por que...

— Que horas são?

— Não passa muito da meia-noite.

Murilo sacudiu a cabeça, tentando organizar seus pensamentos.

— O que você está fazendo aqui? — indagou o cimério.

— Vim com a intenção de matar Nabonidus. Soube que eles haviam trocado o guarda na sua prisão.

— Eles trocaram. — rosnou Conan — Rachei a cabeça do novo carcereiro e saí. Estaria aqui horas atrás, mas tive uns assuntos particulares para resolver. Bem, vamos caçar Nabonidus?

Murilo estremeceu:

— Conan, estamos na casa do arquidemônio! Vim atrás de um inimigo humano; encontrei um demônio peludo do inferno!

Conan grunhiu, tomado pela dúvida; embora destemido como um tigre ferido quando defrontado com inimigos humanos, ele tinha todos os temores supersticiosos de um homem primitivo.

— Consegui entrar na casa. — sussurrou Murilo, como se a escuridão estivesse cheia de ouvidos — Encontrei, espancado até a morte nos jardins externos, o cachorro de Nabonidus. Dentro da casa, deparei— me com Joka, o servo. Estava com o pescoço quebrado. Então vi o próprio Nabonidus sentado em sua cadeira, vestido como sempre. Primeiro pensei que ele também estivesse morto. Aproximei-me furtivamente para apunhalá-la, quando ele se levantou e me encarou. Deuses!

A lembrança daquele horror deixou momentaneamente mudo o jovem nobre, como se ele estivesse revivendo aquele espantoso momento.

— Conan — sussurrou ele -; não era um homem que se erguia diante de mim! Seu corpo e postura eram humanos, mas, debaixo do capuz escarlate do sacerdote sorria um rosto de loucura e pesadelo! Esse rosto estava coberto de pêlos negros, com dois olhinhos vermelhos de porco; o nariz era achatado, com grandes narinas dilatadas; os lábios moles se dobravam para trás, revelando enormes presas amarelas, iguais a dentes de cachorro. As mãos que pendiam das mangas escarlates eram disformes e também cobertas por pêlos negros. Vi tudo isso num relance, e então fui tomado pelo pânico e caí desmaiado.

— E depois? — murmurou o cimério irrequieto.

— Só recobrei a consciência há pouco tempo; o monstro deve ter me jogado nesses subterrâneos. Conan, eu sempre suspeitei que Nabonidus não era totalmente humano! Ele é um demônio... um lobisomem! De dia, ele anda no meio dos homens, disfarçado de ser humano, e à noite retoma sua verdadeira aparência.

— Isto é evidente. — respondeu Conan — Todos sabem que existem homens que se transformam em lobos quando querem. Mas por que ele matou seus empregados?

— Quem consegue entender a mente de um demônio? — disse Murilo — Nosso interesse no momento é sair deste lugar. Armas humanas não podem ferir um lobisomem. Como você conseguiu chegar até aqui?

— Pelo esgoto. Eu contava com o fato dos jardins estarem sendo vigiados. Os esgotos se juntam com um túnel que sai nesse subterrâneo. Pensei em achar alguma porta destrancada para entrar na casa.

— Então vamos fugir por onde você entrou! — exclamou Murilo — Para os diabos com isto! Uma vez fora deste ninho de cobra, vamos tentar a sorte com os guardas do rei e arriscar uma fuga da cidade. Vá na frente!

— É inútil — retrucou o cimério — A saída para os esgotos está barrada. Quando entrei no túnel, uma grade de ferro desabou do telhado. Se eu não me movesse mais rápido que um relâmpago, as pontas teriam me pregado ao chão como a um verme. Tentei erguê-la, mas não consegui. Nem um elefante conseguiria tirá-la do lugar, e só um coelho passaria entre as barras.

Murilo praguejou, sentindo uma mão gelada passar por sua espinha. Ele deveria ter adivinhado que Nabonidus não deixaria desprotegida nenhuma entrada para sua casa. Se Conan não possuísse a selvagem rapidez de uma mola de aço, aquele pórtico iria cortá-lo ao meio ao cair. Sem dúvida, quando Conan caminhou pelo túnel, acionou algum gatilho oculto que soltou a grade do telhado. A realidade era que ambos estavam enterrados vivos.

— Há apenas uma coisa a fazer. — disse Murilo, suando profusamente — É procurar outra saída; sem dúvida, todas elas estão protegidas por armadilhas, mas não temos outra escolha.

O bárbaro concordou grunhindo, e os companheiros começaram a tatear pelo corredor às escuras. Naquele momento, algo ocorreu a Murilo.

— Como é que você me reconheceu nas trevas? — indagou.

— Senti o cheiro do perfume que você usava nos cabelos, quando veio à minha cela. — respondeu Conan — Senti o mesmo perfume agora há pouco, quando estava agachado no escuro e me preparando para rasgá-lo.

Murilo aproximou do nariz uma mecha de seu cabelo negro; mesmo assim, mal conseguia sentir o cheiro com seus sentidos civilizados, e percebeu o quão aguçados deveriam ser os órgãos do bárbaro.

Enquanto caminhavam, ele instintivamente tocou a bainha da espada e praguejou ao encontrá-la vazia. No mesmo instante, um brilho fraco apareceu à frente, e eles chegaram a uma curva fechada no corredor, onde a luz se infiltrava cinzenta. Os dois espiaram por detrás da esquina e Murilo, apoiando-se no companheiro, sentiu-lhe a enorme estatura enrijecer. O jovem nobre também havia visto aquilo — o corpo seminu de um homem, jogado no corredor depois da curva, vagamente iluminado por uma radiação que parecia emanar do grande disco de prata pendurado na parede mais adiante. Uma estranha familiaridade, em relação à figura deitada de bruços, agitou Murilo com inexplicáveis e monstruosas conjecturas. Sinalizando ao cimério para que o acompanhasse, ele se esgueirou até o corpo e se inclinou sobre ele. Vencendo certa repugnância, agarrou-o e virou-o de costas. Uma exclamação de incredulidade escapou de sua boca; o cimério deu um grunhido explosivo.

— Nabonidus! O Sacerdote Vermelho! — exclamou Murilo, com seu cérebro num vórtex estonteante de espanto — Então quem... o quê...?

O sacerdote deu um gemido e se mexeu. Com uma rapidez felina, Conan se curvou sobre ele, apontado o punhal para o coração do sacerdote. Murilo agarrou o seu pulso.

— Espere! Não o mate ainda...

— Por que não? — inquiriu o cimério — Ele abandonou sua forma de lobisomem e está adormecido. Você quer acordá-lo para que ele nos despedace?

— Não; espere! — insistiu Murilo, tentando organizar suas idéias confusas — Veja! Ele não está dormindo... vê esse grande hematoma em sua têmpora raspada? Ele recebeu um golpe que o deixou sem sentidos. Pode estar deitado aqui há horas.

— Pensei que você tivesse jurado que o vira na forma de um animal, no andar de cima da casa. — disse Conan.

— Eu vi! Ou então... Ele está voltando a si! Afaste sua lâmina, Conan; há aqui um mistério ainda mais sinistro do que eu pensei. Tenho de falar com este sacerdote antes que o matem.

Nabonidus ergueu a mão vacilante até a sua têmpora ferida, balbuciou e abriu os olhos. Por um instante, seus olhos permaneceram vazios e sem inteligência; em seguida, a vida lhes voltou com uma sacudidela e o sacerdote se sentou, olhando arregalado para os companheiros. Por mais terrível que tivesse sido o baque que aturdera temporariamente seu cérebro

aguçado, este voltara a funcionar com o poder de costume. Seu olhar perscrutou rapidamente o espaço ao seu redor; em seguida voltou a descansar no rosto de Murilo.

— Você honra minha pobre casa, jovem senhor. — riu ele friamente, olhando para a enorme figura atrás dos ombros do jovem nobre — Vejo que trouxe um matador. Sua espada não era suficiente para tirar a vida de minha humilde pessoa?

— Basta! — retorquiu Murilo impacientemente — Por quanto tempo você ficou deitado aqui?

— É uma pergunta peculiar para se fazer a um homem que acaba de recuperar a consciência. — respondeu o sacerdote — Não sei que horas são agora. Mas faltava mais ou menos uma hora para a meia-noite, quando fui atacado.

— Então, quem é aquele no andar de cima da casa, vestido com sua túnica? — exigiu Murilo.

— Aquele deve ser Thak. — respondeu Nabonidus, apalpando pesaroso seus ferimentos — Sim, deve ser Thak. E com minha túnica? Que cachorro!

Conan, que não estava entendendo nada daquilo, mexeu-se impacientemente e resmungou alguma coisa em sua própria língua. Nabonidus olhou para ele, com uma expressão de surpresa.

— A faca do seu valentão quer meu coração, Murilo. — disse — Achei que você seria esperto o suficiente para aceitar meu conselho, e sair da cidade.

— Como eu poderia saber o que me esperava? — retrucou Murilo — De qualquer forma, meus interesses estão aqui.

— Você está em boa companhia com esse degolador. — murmurou Nabonidus — Já venho suspeitando de você há algum tempo. Foi por isso que fiz desaparecer aquele pálido secretário da corte. Antes de morrer, ele me contou muitas coisas, entre elas o nome do jovem nobre que o subornava para surrupiar segredos de Estado, os quais, por sua vez, eram vendidos para potências rivais pelo nobre. Não se envergonha disso, Murilo, seu ladrão de mãos pálidas?

— Não tenho mais motivos do que você para me sentir envergonhado, seu saqueador com coração de abutre. — respondeu Murilo prontamente — Você explora um reino inteiro para seu próprio benefício; e, sob o disfarce de um estadista desinteressado, você engana o rei, empobrece os ricos, oprime os pobres e sacrifica o futuro inteiro da nação por sua ambição

impiedosa. Você não passa de um porco gordo com o focinho enfiado na gamela. Você é mais ladrão do que eu. De nós três, este cimério é o homem mais honesto, porque ele rouba e mata abertamente.

— Bem, então, todos nós somos embusteiros. — concordou Nabonidus — E agora? E quanto à minha vida?

— Quando vi a orelha do secretário desaparecido, sabia que estava liquidado. — disse Murilo bruscamente -, e acredito que você invocaria a autoridade do rei. Não estou certo?

— Exatamente. — respondeu o sacerdote — É fácil liquidar um secretário da corte, mas você é importante demais. Pretendia dizer ao rei um gracejo sobre você, na manhã seguinte.

— Um gracejo que teria custado minha cabeça. — murmurou Murilo — Então o rei não sabe de meus negócios com o exterior?

— Ainda não. — suspirou Nabonidus — E agora, já que vejo que seu companheiro tem uma faca, temo que esse gracejo nunca será dito.

— Você deve saber como sair desses ninhos de ratos. — disse Murilo — Suponhamos que eu concorde em poupar sua vida. Está disposto a nos ajudar a fugir e a jurar manter silêncio sobre meus roubos?

— Desde quando um sacerdote manteve um juramento? — queixou-se Conan, entendendo o rumo da conversa — Deixe-me cortar o pescoço dele; quero ver qual a cor do seu sangue. Dizem, no Labirinto, que o seu coração é negro; então o sangue deve ser negro também...

— Fique quieto. — sussurrou Murilo — Se ele não nos mostrar a saída desses subterrâneos, poderemos apodrecer aqui. Bem, Nabonidus, o que me diz?

— O que pode dizer um lobo com a perna presa na armadilha? — riu o sacerdote — Estou em seu poder e, se quisermos escapar, devemos nos ajudar mutuamente. Juro que se eu sobreviver a esta aventura, vou esquecer todos os seus negócios escusos. Juro pela alma de Mitra!

— Estou satisfeito. — murmurou Murilo — Nem mesmo o Sacerdote Vermelho ousaria quebrar este juramento. Agora, vamos sair daqui. Meu amigo aqui entrou pelo túnel, mas uma grade caiu depois que ele passou e bloqueou a passagem. Você pode erguê-la?

— Não destes subterrâneos. — respondeu o sacerdote — A alavanca de controle fica no aposento acima do túnel. Existe apenas mais uma saída, que vou mostrar para vocês. Mas, diga-me, como é que você chegou aqui?

Murilo contou-lhe em poucas palavras, e Nabonidus fez sinal com a cabeça, levantando-se empertigado. Mancando pelo corredor que se abria para uma grande sala, e se aproximou do disco de prata que estava do outro lado. A luz aumentava conforme avançavam, embora não passasse de uma tênue luminosidade cheia de sombras. Chegando perto do disco, eles viram uma escada estreita que levava para o andar de cima.

— Essa é a outra saída. — disse Nabonidus — E duvido muito que a porta no final da escada esteja trancada. Mas acho que aquele que quiser atravessar aquela porta, é melhor que corte primeiro sua própria garganta. Olhe para dentro do disco.

Aquilo que parecera uma placa de prata era, na realidade, um enorme espelho encaixado na parede. Um sistema confuso de tubos de cobre saía da parede acima dele, curvando-se em ângulos retos em direção do disco. Olhando para dentro destes tubos, Murilo viu um conjunto estonteante de espelhos menores. Voltando sua atenção para o espelho maior na parede, soltou uma exclamação de espanto. Espiando por cima de seu ombro, Conan grunhiu.

Eles pareciam estar olhando através de uma grande janela para dentro de um aposento bem iluminado. Havia largos espelhos sobre as paredes, com cortinas de veludo entre eles; havia sofás de seda, cadeiras de ébano e marfim, e passagens com cortinas que levavam para fora do aposento. E diante de uma das portas que não tinha cortina, estava sentado um negro objeto volumoso que contrastava grotescamente com a riqueza do aposento.

Murilo sentiu o sangue novamente gelar nas veias ao olhar para o horror que parecia estar fitando-o diretamente nos olhos. Recuou involuntariamente do espelho, enquanto Conan estendia o pescoço de maneira truculenta, até seu queixo quase tocar a superfície do espelho, grunhindo alguma ameaça ou desafio em sua própria língua bárbara.

— Em nome de Mitra, Nabonidus — arfou Murilo, abalado -, o que é aquilo?

— É Thak. — respondeu o sacerdote, acariciando sua têmpora — Alguns o chamariam de macaco, mas ele é quase tão diferente de um verdadeiro macaco quanto é diferente de um verdadeiro homem. Seu povo mora no Leste distante, nas montanhas que ladeiam as fronteiras orientais de Zamora. Não há muitos deles; mas, se não forem exterminados, acredito que se transformarão em seres humanos em, talvez, cem mil anos. Estão no estágio de formação; não são nem macacos, como os seus ancestrais

remotos, nem seres humanos, como seus descendentes remotos poderão ser. Moram nas encostas altas de montanhas bem inacessíveis, sem conhecer nada do fogo nem da fabricação de abrigos ou de vestimentas, nem do uso de armas. No entanto, falam uma espécie de língua que consiste principalmente de grunhidos e estalos de língua.

"Peguei Thak quando ainda era um filhote, e ele aprendeu o que lhe ensinei muito mais rápido e melhor do que qualquer animal de verdade o faria. Servia-me ao mesmo tempo como guarda-costas e como servo. Mas me esqueci de que, sendo em parte humano, ele não poderia ser transformado em uma simples sombra de mim mesmo, como um verdadeiro animal. Aparentemente, seu semi— cérebro conservou impressões de ódio, ressentimentos e algum tipo próprio de ambição animal.

"Em todo o caso, ele me atacou quando eu menos esperava. Ontem à noite, de repente, ele pareceu enlouquecer. Suas ações tinham todas as características de insanidade animal, mas sei que deve ter sido resultado de um longo e cuidadoso planejamento.

"Ouvi sons de luta no jardim e, ao investigar — pois acreditava que fosse você sendo arrastado pelo meu cão de guarda -, vi Thak emergir dos arbustos pingando sangue. Antes de me dar conta de sua intenção, ele pulou sobre mim com um terrível grito e me deixou sem sentidos.

"Não me lembro de mais nada, mas posso apenas concluir que, seguindo algum capricho de seu cérebro semi-humano, ele tirou minha túnica e me jogou ainda vivo nos subterrâneos... por que razão, somente os deuses saberiam. Ele deve ter matado o cão quando saiu do jardim e, depois de me derrubar, evidentemente matou Joka, conforme você mesmo viu. Joka teria vindo em minha ajuda, mesmo contra Thak, a quem ele sempre odiou".

Murilo olhou pelo espelho para a criatura, que estava sentada com monstruosa paciência diante da porta fechada. Estremeceu ao ver as enormes mãos negras e peludas, que lembravam a pelagem de um animal. O corpo era grosso, largo e curvado. Os ombros, de tão largos, haviam rasgado a túnica escarlate, e sobre esses ombros Murilo notou o mesmo pêlo negro e espesso. O rosto, espiando debaixo do capuz escarlate, era totalmente animalesco, mas Murilo percebeu que Nabonidus tinha razão ao dizer que Thak não era de todo um animal. Havia algo naqueles olhos vermelhos embaçados, na postura desajeitada da criatura, uma aparência que a distinguiu do verdadeiro animal. Aquele corpo monstruoso abrigava um cérebro e uma alma que estavam prestes a desabrochar em algo

vagamente humano. Murilo ficou assombrado ao reconhecer uma leve e abominável semelhança entre sua espécie e aquela monstruosidade acorçada, e ficou nauseado ao pensar rapidamente nos abismos de bestialidade profunda dos quais a humanidade havia emergido com tanto esforço.

— Com certeza ele está nos vendo. — murmurou Conan — Por que não nos ataca? Ele poderia quebrar esta janela com facilidade.

Murilo percebeu que Conan supunha que o espelho, através do qual estavam olhando, fosse uma janela.

— Ele não está nos vendo. — respondeu o sacerdote — Estamos olhando para o aposento que fica no andar de cima. A porta que Thak está guardando é a que fica no topo dessa escada. É simplesmente uma disposição de espelhos. Está vendo aqueles espelhos nas paredes? Eles refletem a imagem do aposento para estes tubos, pelos quais outros espelhos, por sua vez, a levam para refleti-la finalmente em tamanho maior neste espelho grande.

Murilo percebeu que a perfeição de tal invenção colocava o sacerdote séculos à frente de sua geração; mas Conan atribuiu-o à feitiçaria e não se preocupou mais com isso.

— Construí estes subterrâneos para servirem tanto de refúgio quanto de calabouço. — disse o sacerdote — Houve ocasiões em que me refugiei aqui e, através desses espelhos, observava o destino cair sobre aqueles que me procuravam com más intenções.

— Mas por que Thak está vigiando aquela porta? — inquiriu Murilo.

— Ele deve ter ouvido a grade cair no túnel. A grade está ligada a sinos pendurados nos aposentos superiores. Ele sabe que há alguém nos subterrâneos, e está esperando que esse alguém suba pelas escadas. Ah, ele aprendeu bem as lições que lhe ensinei. Ele viu o que aconteceu com os homens que passaram por aquela porta, quando puxei a corda que está pendurada naquela parede, e está esperando para me imitar.

— E enquanto ele espera, o que faremos? — insistiu Murilo.

— Não há nada que possamos fazer, a não ser observá-lo. Enquanto ele estiver naquele aposento, não podemos ousar subir pela escada. Ele tem a força de um verdadeiro gorila, e poderia facilmente despedaçar a todos nós. Mas ele não precisa exercitar seus músculos; se abrimos aquela porta, basta ele puxar aquela corda e nos mandar para a eternidade.

— Como?

— Eu concordei em ajudá-los a fugir — respondeu o sacerdote -, não em revelar meus segredos.

Murilo ia responder, mas de repente enrijeceu. Uma mão furtivamente havia afastado as cortinas numa das passagens. Por entre elas apareceu um rosto escuro, cujos olhos brilhantes se fixaram ameaçadores sobre a forma acocorada vestida com a túnica escarlate.

— Petreus! — sibilou Nabonidus — Mitra, que reunião de abutres está acontecendo essa noite!

O rosto permaneceu emoldurado pelas cortinas afastadas. Por cima do ombro do intruso espiavam outros rostos — escuros e finos, animados com ansiedade sinistra.

— O que eles fazem aqui? — murmurou Murilo, abaixando inconscientemente a voz, embora soubesse que eles não podiam ouvi-los.

— Ora, o que estariam fazendo Petreus e seus ardentes jovens nacionalistas na casa do Sacerdote Vermelho? — riu Nabonidus — Vejam com que ansiedade eles olham para a figura que julgam ser seu arquiinimigo. Eles caíram no mesmo erro que você; seria divertido observar as expressões deles, quando descobrirem o engano.

Murilo não respondeu. O assunto inteiro tinha um ar distinto de irrealidade. Ele sentiu como se estivesse observando um jogo de marionetes, ou como se ele mesmo fosse um espírito desencarnado, olhando impessoalmente para as ações dos vivos, que não o vêem nem suspeitam de sua presença.

Ele viu Petreus colocar o dedo nos lábios em advertência e acenar para seus companheiros conspiradores. O jovem nobre não conseguia saber se Thak tinha percebido os intrusos. A posição do homem — macaco não havia mudado; continuava sentado de costas para a porta pela qual os homens estavam se esgueirando.

— Eles tiveram a mesma idéia que você. — murmurava Nabonidus no ouvido dele — Só que as razões deles são patrióticas, e não egoístas. É fácil entrar na minha casa, agora que o cão está morto. Ah, que chance de me livrar dessa ameaça de uma vez por todas! Se eu estivesse sentado no lugar de Thak... um pulo até a parede... um puxão naquela corda...

Petreus havia pisado de leve sobre a soleira da porta; seus companheiros estavam nos seus calcanhares, segurando as adagas que brilhavam fracamente. De repente, Thak levantou-se e se voltou para eles. O horror inesperado de sua aparência, quando pensavam que veriam a figura odiada,

mas familiar, de Nabonidus, abalou os nervos deles, assim como o mesmo espetáculo havia feito com Murilo. Petreus recuou com um grito estridente, empurrando para trás seus companheiros. Eles tropeçaram uns nos outros; e, naquele instante, Thak, cobrindo a distância num prodigioso salto grotesco, agarrou e puxou com força uma corda grossa de veludo que pendia perto da porta.

Instantaneamente, as cortinas se afastaram para os lados, deixando a porta descoberta, e algo faiscou para baixo, com um borrão prateado peculiar.

— Ele se lembrou! — exultou Nabonidus — O animal é meio humano! Ele viu como se faz e se lembrou! Observem agora! Observem! Observem!

Murilo viu que era um painel pesado de vidro que havia caído fechando a porta. Através dele, viu os rostos pálidos dos conspiradores. Petreus, jogando as mãos como se quisesse proteger— se de uma investida de Thak, encontrou a barreira transparente e, pelos seus gestos, disse alguma coisa para seus companheiros. Agora que as cortinas estavam afastadas, os homens que estavam no subterrâneo viam tudo que acontecia no aposento que continha os nacionalistas. Completamente amedrontados, correram pelo aposento até a porta pela qual haviam aparentemente entrado, somente para pararem de repente, como que impedidos por uma parede invisível.

— O puxão da corda selou aquele aposento. — riu Nabonidus — É simples: os painéis de vidro funcionam por meio de encaixes nas portas. Ao puxar a corda, solta-se uma mola que os segura. Eles deslizam para baixo, travam no lugar e só podem ser acionados do lado de fora. O vidro é inquebrável; um homem com uma marreta não conseguiria quebrá-lo. Ah!

Os homens aprisionados estavam histéricos de medo; corriam loucamente de uma porta à outra, batendo em vão nas paredes de cristal, sacudindo os punhos violentamente para a implacável forma negra que estava acocorada do lado de fora. Então um deles jogou a cabeça para trás, olhou para cima e começou a berrar, a julgar pelo

movimento dos lábios, enquanto apontava para o teto.

— A queda dos painéis liberou as nuvens da morte. — disse o Sacerdote Vermelho, com uma risada selvagem — O pó do lótus cinzento, dos Pântanos dos Mortos, além da terra de Khitai.

No meio do teto, pendia um aglomerado de botões dourados; eles se abriram como pétalas de uma enorme rosa entalhada, de onde espirrou uma névoa cinzenta que rapidamente encheu o aposento. Instantaneamente, a

cena mudou de histeria para loucura e horror. Os homens aprisionados começaram a cambalear; corriam em círculos como que embriagados. De seus lábios pingava espuma, num ricto de riso tenebroso. Enfurecidos, eles caíam uns sobre os outros com dentes e adagas, cortando, rasgando e matando num holocausto de loucura. Murilo sentiu náuseas ao ver a cena, e ficou contente por não ouvir os gritos e uivos que deviam estar preenchendo aquele aposento amaldiçoado. Era como imagens silenciosas projetadas numa tela.

Do lado de fora do aposento de horror, Thak saltitava numa alegria animalesca, sacudindo seus braços peludos para cima. Em pé, atrás de Murilo, Nabonidus ria como um demônio.

— Ah, um belo golpe, Petreus! Isto o desentranhou bem! Agora uma para você, meu amigo patriota! Assim! Todos eles estão caídos, e os vivos rasgam a carne dos mortos com seus dentes salivantes.

Murilo estremeceu. Atrás dele, o cimério praguejava baixo em sua língua inculta. Restava somente a morte no aposento da névoa cinzenta; rasgados, cortados e triturados, os conspiradores jaziam numa pilha vermelha, com as bocas entreabertas e os rostos salpicados de sangue, olhando para o vazio no meio da cinza fumaça mortífera, que rodopiava devagar.

Thak, curvando-se como um gigantesco gnomo, aproximou-se da parede onde pendia a corda e deu-lhe um puxão lateral específico.

— Ele está abrindo a porta mais distante. — disse Nabonidus — Por Mitra, ele é mais humano do que eu suspeitava! Vejam, a névoa rodopia para fora do aposento e é dissipada. Ele aguarda, para estar seguro. Agora ele ergue o outro painel. É cauteloso... conhece a perdição do lótus cinzento, que traz a loucura e a morte. Por Mitra!

Murilo ficou chocado com o tom entusiasmado daquela exclamação.

— Nossa única chance! — exclamou Nabonidus — Se ele sair do aposento acima por alguns minutos, vamos tentar subir correndo por aquelas escadas.

Subitamente tensos, eles observavam o monstro atravessar gingando a porta e desaparecer. Quando o painel de vidro foi erguido, as cortinas haviam caído, escondendo a câmara da morte.

— Temos que arriscar! — ofegou Nabonidus, e Murilo viu gotas de suor cobrindo seu rosto — Talvez esteja se livrando dos corpos como me viu fazer. Rápido! Sigam-me pelas escadas!

Ele correu em direção aos degraus e subiu com uma agilidade que espantou Murilo. O jovem nobre e o bárbaro estavam em seus calcanhares, e ouviram seu profundo suspiro de alívio quando escancarou a porta no topo da escada. Precipitaram-se para dentro do grande aposento que haviam visto espelhado lá embaixo. Thak não estava à vista.

— Ele está naquele aposento com os cadáveres! — exclamou Murilo — Por que não prendê-lo ali, como ele fez com os homens?

— Não, não! — ofegou Nabonidus, com uma estranha palidez lhe desbotando as feições — Não sabemos se ele está lá dentro. Poderia aparecer antes que eu alcançasse a corda da armadilha! Sigam-me para o corredor; devo alcançar meu quarto e pegar as armas que vão destruí-lo. Este corredor é a única saída desse aposento que não tem algum tipo de armadilha.

Os dois seguiram-no rapidamente, atravessando uma cortinada soleira do lado oposto à porta da câmara da morte, e adentraram um corredor, para o qual se abriam diversos outros aposentos. Com pressa desajeitada, Nabonidus começou a tentar abrir as portas a ambos os lados. Todas elas estavam trancadas, assim como a porta do final do corredor.

— Meu Deus! — exclamou o Sacerdote Vermelho apoiou-se na parede, pálido — As portas estão trancadas, e Thak levou minhas chaves. Estamos de fato presos.

Murilo arregalou os olhos, assustado, ao ver o homem em tal estado de nervosismo; Nabonidus se recompôs com esforço.

— Esse animal me pôs em pânico. — disse ele — Se vocês o tivessem visto despedaçando homens como eu já vi... bem, que Mitra nos ajude, mas devemos lutar contra ele com aquilo que os deuses nos deram. Venham!

Ele os conduziu de volta pela porta com cortinas, e espiou para dentro do grande aposento a tempo de ver Thak aparecer na porta, do outro lado. Era óbvio que o homem-animal havia suspeitado de alguma coisa. Suas pequenas orelhas pregadas à cabeça estavam contraídas; ele olhou furioso à sua volta e, aproximando-se da porta mais próxima, puxou as cortinas para espiar atrás delas.

Nabonidus recuou, tremendo como uma folha, e agarrou o ombro de Conan:

— Homem, você tem coragem de apostar sua faca contra as presas dele? Os olhos do cimério arderam em resposta.

— Rápido! — sussurrou o Sacerdote Vermelho, empurrando-o atrás das cortinas, junto à parede — Já que de qualquer maneira ele vai nos encontrar, vamos atraí-lo para nós. Quando passar por você, afunde sua lâmina nas costas dele, se puder. Você, Murilo, deixe que ele te veja e depois fuja pelo corredor. Mitra sabe que não temos chance contra ele num combate corpo a corpo, mas estaremos perdidos de qualquer maneira quando ele nos encontrar.

Murilo sentiu o sangue congelar nas veias, mas reuniu coragem e deu um passo para fora da porta. No mesmo instante, Thak, do outro lado do aposento, voltou-se, olhou e investiu com um rugido trovejante. Seu capuz escarlate havia caído para trás, revelando sua disforme cabeça negra; suas mãos negras e a túnica vermelha estavam manchadas com um vermelho mais brilhante. Era como um pesadelo escarlate e negro ao correr através do aposento, com as presas de fora, e as pernas curvas carregando seu enorme corpo num passo aterrorizante.

Murilo voltou-se e correu de volta para o corredor e, por mais rápido que fosse, o horror desgrenhado estava quase em seus calcanhares. Então, quando o monstro passou correndo pelas cortinas, de dentro delas catapultou uma enorme figura que caiu em cheio sobre os ombros do homem-macaco, e no mesmo instante enfiou o punhal nas costas do bruto. Thak berrou terrivelmente, caindo com o impacto e levando consigo o atacante. Os dois rolaram num redemoinho de golpes e membros, no conflito desesperado de uma encarniçada batalha.

Murilo viu que o bárbaro havia prendido as pernas em torno do torso do homem-macaco e estava tentando manter sua posição sobre as costas do monstro enquanto o golpeava com seu punhal. Thak, por sua vez, estava tentando desalojar o inimigo e arrastá-lo até o alcance de suas gigantescas presas, as quais se escancaravam em busca de sua carne. Num redemoinho de golpes e farrapos vermelhos, os combatentes rolaram pelo corredor tão rapidamente que Murilo não ousava usar a cadeira que havia erguido, com medo de golpear o cimério. E viu que, apesar da vantagem do primeiro golpe de Conan e da volumosa túnica que tolhia o corpo e os membros do homem-macaco, a força gigantesca de Thak começava a prevalecer. Inexoravelmente, ele estava conseguindo colocar o cimério à sua frente. O homem-macaco havia recebido golpes suficientes para matarem doze homens. O punhal de Conan mergulhara diversas vezes em seu torso, ombros e pescoço taurino. O sangue escorria de uma série de ferimentos,

mas se a lâmina não atingisse logo algum ponto absolutamente vital, o vigor inumano de Thak acabaria com o cimério e, depois, com seus companheiros.

Conan também lutava como um animal selvagem, em silêncio, exceto pelo arquejar causado pelo esforço. As garras negras do monstro e o terrível aperto daquelas mãos disformes o rasgavam e arranhavam, e as mandíbulas abertas procuravam sua garganta. Percebendo a brecha, Murilo saltou e acertou a cadeira na cabeça do monstro, com toda a sua força, suficiente para esmagar o crânio de um ser humano. A cadeira ricocheteou na inclinada cabeça negra de Thak, mas o monstro ficou atordoado e relaxou momentaneamente seu aperto dilacerante, o suficiente para que Conan, ofegando e sangrando, se lançasse para a frente e afundasse seu punhal até o cabo no coração do homem-macaco.

Com um tremor convulsivo, o homem-animal olhou para cima, e depois caiu inerte para trás. Seus olhos ferozes ficaram imóveis e vidrados, seus membros grossos estremeceram e ficaram rígidos.

Conan, atordoado, levantou-se cambaleando, sacudindo o suor e o sangue de seus olhos. O sangue pingava de seu punhal e dedos, e escorria por suas coxas, braços e peito. Murilo o ergueu para apoiá-lo, mas o bárbaro o afastou com impaciência.

— Quando eu não puder mais me manter de pé sozinho, será hora de morrer. — resmungou ele, por entre os lábios esmagados — Mas eu bem que gostaria de uma garrafa de vinho.

Nabonidus olhava para a figura imóvel, como se não acreditasse em seus próprios olhos. O monstro jazia negro, peludo, abominável, grotesco, envolto nos frangalhos da túnica escarlate. Ainda assim, parecia mais humano que bestial, demonstrando de alguma forma uma vaga e terrível ternura.

Até o cimério sentiu isso, pois disse ofegante:

— Esta noite matei um homem, não um animal. Vou contá-lo entre os chefes cujas almas mandei para as trevas, e minhas mulheres cantarão sobre ele.

Nabonidus se agachou e pegou um molho de chaves que pendia numa corrente dourada. Elas haviam caído do cinto do homem— macaco durante a batalha. Gesticulando para que seus companheiros o seguissem, ele os conduziu até um aposento, destrancou a porta e entrou; era iluminado da mesma maneira que os outros. O Sacerdote Vermelho pegou um frasco de

vinho que estava em cima de uma mesa, e encheu as taças de cristal. Enquanto seus companheiros sedentos bebiam, ele murmurou:

— Que noite! Já é quase dia. O que querem fazer, meus amigos?

— Vou cuidar dos ferimentos de Conan, se você me trouxer ataduras e outras coisas assim. — disse Murilo, e Nabonidus acenou com a cabeça, dirigindo-se até a porta que conduzia para o corredor. Algo em sua cabeça abaixada fez com que Murilo o observasse com atenção. Chegando à porta, o Sacerdote Vermelho virou-se de repente. Seu rosto havia se transformado. Seus olhos brilhavam com o antigo fogo, e seus lábios riam silenciosamente.

— Embusteiros juntos! — sua voz vibrou, com sua costumeira zombaria — Mas não tolos juntos. Você é o tolo, Murilo!

— O que você quer dizer? — perguntou o jovem nobre, adiantando-se.

— Para trás! — chicoteou a voz de Nabonidus — Mais um passo, e eu o faço estourar!

O sangue de Murilo gelou, ao ver que a mão do Sacerdote Vermelho havia agarrado uma grossa corda de veludo que pendia entre as cortinas do lado de fora da porta.

— Que traição é essa? — gritou Murilo — Você jurou...

— Eu jurei não contar ao rei um gracejo sobre você! Não jurei que não tomaria o assunto em minhas próprias mãos, se pudesse. Você pensa que eu deixaria passar uma oportunidade dessas? Em circunstâncias normais, não ousaria matá-lo eu mesmo sem a sanção do rei, mas agora ninguém jamais saberá. Você irá para as valas ácidas junto com Thak e os tolos nacionalistas, e ninguém será mais sábio que o outro. Que noite para mim! Apesar de perder alguns servos valiosos, librei-me de vários inimigos perigosos. Para trás! Estou na soleira, e você não pode me alcançar antes que eu puxe esta corda e o mande para o Inferno. Dessa vez não será o lótus cinza, e sim algo tão ou mais eficiente. Quase todos os aposentos de minha casa são uma armadilha. E assim, Murilo, que tolo que você é...

Rápido demais para seguir com o olhar, Conan pegou um banco e o arremessou. Nabonidus jogou instintivamente o braço para cima com um grito, mas não a tempo. O projétil se espatifou em sua cabeça, e o Sacerdote Vermelho cambaleou e caiu de bruços, numa escura poça vermelha que se alastrava devagar.

— O sangue dele é vermelho, afinal. — grunhiu Conan.

Murilo afastou para trás, com a mão trêmula, seus cabelos empastados de suor e apoiou-se na mesa, enfraquecido pelo alívio.

— Já é de manhã. — disse ele — Vamos sair daqui, antes que caíamos em alguma outra armadilha. Se pudermos escalar o muro externo sem sermos vistos, não estaremos comprometidos com o que aconteceu aqui. Que a polícia escreva suas próprias explicações.

Ele olhou para o corpo do Sacerdote Vermelho, deitado numa poça de sangue, e encolheu os ombros.

— Ele foi um tolo, afinal; se não tivesse parado para zombar de nós, poderia ter nos apanhado facilmente em alguma armadilha.

— Bem — disse o cimério tranqüilamente -, ele escolheu o caminho que todos os canalhas afinal devem trilhar. Eu gostaria de saquear a casa, mas acho que é melhor irmos embora.

Quando eles apareceram da penumbra do jardim orvalhado, Murilo disse:

— O Sacerdote Vermelho foi para as sombras; então meu caminho na cidade está livre e não tenho nada mais a temer. Mas e você? Ainda há o assunto daquele sacerdote no Labirinto e...

— Estou cansado desta cidade mesmo. — sorriu o cimério — Você falou de um cavalo me esperando no Covil dos Ratos. Estou curioso para ver quão rápido aquele animal pode me levar para outro reino. Há muitas estradas pelas quais ainda quero viajar antes de tomar o mesmo caminho que Nabonidus tomou hoje à noite.

FIM

# SOMBRAS DE FERRO SOBRE A LUA

## *Iron Shadows on the Moon*

Um rápido galope entre os juncos, uma pesada queda e um grito desesperado. O montador do primeiro animal ficou em pé, cambaleando. Era uma moça esbelta, arrumada com uma túnica e sandálias. Seus cabelos escuros caíam-lhe em cascata sobre os ombros brancos. Os olhos da jovem pareciam os de um animal encurralado. Não olhou para a selva de juncos que cercava a pequena clareira, nem para as águas azuis que lambiam a praia atrás dela. Seus olhos grandes e intensos estavam fixos no cavaleiro que avançava entre as plantas e que, ao chegar até ela, desceu de seu cavalo.

Era um homem alto e magro, duro como o aço. Estava coberto por uma fina cota-de-malha da cabeça aos pés, a qual adaptava-se a seu corpo como uma luva na mão. Seus olhos castanhos, que despontavam sob o capacete semi-esférico com incrustações de ouro, miraram a moça com expressão zombeteira.

— Para trás! – ela exclamou, apavorada – Não toque em mim, Shah Amurath, ou me atiro na água para morrer!

Ele deu uma gargalhada, que era como o rumor de uma espada de aço ao sair de uma bainha de seda.

— Não, você não se afogará, Olívia, filha da desordem, pois as águas não são profundas e eu lhe pegarei antes que afunde! Você me proporcionou uns bons momentos de caça, e deixamos meus homens para trás. Mas não há cavalo algum, a oeste do Mar Vilayet, que possa obter vantagem de meu Irem durante muito tempo.

E, ao dizer isto, o homem apontou, com a cabeça, para o cavalo de finas patas, que estava atrás dele.

— Deixe-me ir embora! – suspirou a moça, com o rosto coberto de lágrimas – Já não sofri o bastante? Há, por acaso, alguma humilhação, dor ou infâmia que não me tenha causado? Quanto há de durar meu tormento?

— Durará enquanto eu encontrar prazer em seus lamentos, em suas súplicas e em suas lágrimas. – ele respondeu, com um sorriso que pareceria amável a um estranho – Você é muito atraente, Olívia. Me pergunto se, algum dia, chegarei a me cansar de você, como outrora me cansei de outras mulheres. Você é vivaz e alegre, apesar de tudo. Cada dia que passo a seu lado proporciona-me novas delícias.

“Mas, vamos, voltemos a Akif... – prosseguiu ele – onde o povo ainda celebra ao vencedor dos miseráveis kozaks, enquanto ele, o vencedor, se dedica a perseguir uma pobre fugitiva, uma tonta, adorável e estúpida garota que quer escapar”.

— Não! – exclamou a jovem, recuando em direção às águas entre os pequenos juncos.

— Sim.

A pancada de cólera do homem foi como a fâisca acesa pela pederneira. Com incrível rapidez, pegou-a pelo pulso e retorceu-a cruelmente, até que ela caiu de joelhos, gritando.

— Rameira! – disse ele – Eu devia arrastá-la até Akif, amarrada à cauda de meu cavalo, mas terei compaixão e te levarei em minha sela. Por este favor, deverá me agradecer humildemente, e logo...

O homem soltou a moça e proferiu uma maldição, ao mesmo tempo em que saltava para trás e desembainhava sua espada. Uma terrível aparição surgiu dos juncos e lançou uma exclamação de ódio.

Olívia, que do chão olhava a cena, viu um homem, que parecia um selvagem ou um louco, avançar em direção a Shah Amurath, em atitude ameaçadora. Era um indivíduo de constituição forte, coberto unicamente por uma tanga manchada de sangue e de barro seco. Sua negra cabeleira também tinha abundantes manchas de lodo e sangue, e o mesmo ocorria com seu peito, braços e pernas, assim como com a espada que empunhava na mão direita. Atrás do emaranhado de cabelos escuros, seus olhos injetados em sangue brilhavam como duas chamas azuis.

— Cachorro hirkaniano! – disse a aparição, com sotaque bárbaro – Os demônios da vingança trouxeram-lhe até aqui!

— Um kozak! – exclamou Shah Amurath, recuando – Eu não sabia que um daqueles cães havia escapado. Pensei que todos estivessem mortos na estepe, às margens do rio Ilbars.

— Todos, menos eu, maldito! – gritou o outro – Ah, como eu havia sonhado com este momento, quando me arrastava entre os espinhos ou me estendia sob os rochedos, enquanto as formigas roíam minha carne, e quando eu me revolia na lama que me cobria até a boca! Sonhei, mas nunca achei que se tornaria realidade. Como eu desejei este momento!

Era terrível contemplar o gozo sanguinário do desconhecido. Suas mandíbulas estalavam espasmodicamente e a espuma cobria seus lábios enegrecidos.

— Para trás! – ordenou Shah Amurath, olhando fixamente o outro homem.

— Não, Shah Amurath, grande senhor de Akif! – respondeu o kozak com uma voz que parecia o uivo de um lobo selvagem – Ah, maldito seja, como me alegra lhe ver, miserável... você, que transformou meus camaradas em pasto de abutres..., você, que mandou esquartejá-los entre cavalos selvagens..., que os deixou cegos e os mutilou...! Cachorro infame!

A voz do bárbaro transformara-se num grito enlouquecido, quando atacou.

Apesar do terror que aquela terrível aparição lhe provocara, Olívia temeu que o desconhecido caísse ao primeiro choque das espadas. Louco ou selvagem, o que aquele homem seminu podia fazer contra o lorde de Akif, protegido por sua cota-de-malha?

As lâminas das espadas soltavam faíscas, embora mal parecessem ter se roçado; logo, a cimitarra do kozak colidiu com o sabre de Shah Amurath e caiu com terrível força sobre seu ombro. Olívia não conseguiu conter uma exclamação diante da violência atroz daquele golpe. Entre o estalo metálico da malha fendida, a moça ouviu claramente o ruído de ossos quebrados. O hirkaniano recuou, pálido como a morte e com a cota-de-malha ensopada de sangue. O sabre caiu de seus dedos, incapazes de qualquer movimento.

— Piedade! – exclamou, ofegando.

— Piedade? – disse o desconhecido, com a ira refletida em sua voz – Sim, a mesma piedade que teve conosco, porco!

Olívia fechou os olhos. Aquilo já não era uma luta, mas uma carnificina infernal e sangrenta, gerada pela fúria e ódio em que culminavam os sofrimentos da batalha, massacre e tortura, e os padecimentos da sede e da fome. Embora Olívia soubesse que Shah Amurath não merecia nenhuma piedade, ela fechou os olhos e cobriu os ouvidos com as mãos, para não ver a espada gotejante que afundava várias vezes, como o machado de um açougueiro, até que os gritos se transformaram num estertor, que finalmente enfraqueceu até cessar completamente.

Então abriu os olhos e viu o estrangeiro, no momento em que este retirava a espada do ensanguentado arremedo de ser humano que havia deixado no solo. O homem ofegava exausto e cheio de ira. Tinha a fronte gotejada de suor e a mão manchada de sangue fresco.

O desconhecido não disse uma só palavra; nem sequer olhou a moça. Ela o viu avançar entre os juncos da margem, e logo inclinar-se e puxar algo. Então apareceu uma barca que saía de seu esconderijo entre os finos talos. Olívia supôs que o homem tinha a intenção de ir embora, o que impeliu-a a agir.

— Não, espere! – exclamou em tom choroso, correndo até ele – Não me deixe aqui! Leve-me com você!

O homem virou-se e olhou-a fixamente, mudando de atitude. Seus olhos, injetados em sangue, pareciam os de uma pessoa sensata. Era como se o sangue que acabava de derramar lhe houvesse devolvido a condição de ser humano.

— Quem é você? – perguntou ele.

— Me chamo Olívia. Era prisioneira desse homem e fugi dele. Me perseguia. Por isso, chegamos até aqui. Oh, peço-lhe que não me abandone! Seus soldados não estão longe. Encontrarão seu cadáver, me acharão perto e...

A jovem retorceu as mãos, cheia de espanto, e o desconhecido olhou-a, desconcertado.

— Acaso prefere vir comigo? – perguntou – Sou um bárbaro e sei, pela maneira como me olha, que você me teme.

— Sim, lhe temo. – respondeu ela, atordoada demais para poder fingir – Minha carne se estremece de pavor devido a seu aspecto, mas temo mais ainda os hirkanianos. Por

favor, deixe-me ir com você! Me submeterão a terríveis torturas e humilhações, se me encontrarem ao lado de seu amo morto.

— Então venha.

Ele virou para um lado e ela subiu rapidamente a barca, evitando todo o contato com ele. Logo, Olívia sentou-se na proa. O desconhecido também subiu e depois empurrou o bote com o remo; quando havia deixado para trás os juncos das margens, pôs-se a remar com pancadas suaves e regulares, que faziam mover ritmicamente todos os músculos de seu corpo.

A moça encolheu-se na proa, enquanto o homem continuava impulsionando os remos em completo silêncio. Olívia observava-o com tímida fascinação. Era evidente que não era um hirkaniano, e tampouco se parecia com os povos da raça hiboriana. Havia nele uma ferocidade lupina que identificava-o como um bárbaro. Suas feições, por baixo das manchas de sangue da batalha e do barro dos lamaçais, refletiam um caráter indomável e selvagem, mas não indicavam um ser malvado nem perverso.

— E você, quem é? – perguntou ela – Shah Amurath lhe chamou de kozak. Você pertencia àquele bando?

— Sou Conan da Ciméria – disse ele com um grunhido – Eu era um dos kozaks; é assim que os cães hirkanianos nos chamam.

Olívia sabia vagamente que a terra que ele mencionara encontrava-se muito longe, ao noroeste, além das fronteiras mais remotas dos diversos reinos habitados por pessoas da raça dela.

— E eu sou uma das filhas do rei de Ophir. – disse a jovem – Meu pai me vendeu a um chefe shemita, porque eu não quis casar-me um príncipe de Koth.

O cimério lançou um grunhido de surpresa e os lábios de Olívia se curvaram num sorriso amargo.

— Sim. – ela acrescentou – Os homens civilizados também vendem seus filhos como escravos aos selvagens, em algumas ocasiões. E chamam vocês de bárbaros, Conan da Ciméria.

— Nós não vendemos nossos filhos. – afirmou ele, bruscamente.

— Bem, o fato é que me venderam. O homem do deserto, que me comprou, não abusou de mim. Mas ele queria ganhar a boa-vontade de Shah Amurath, e eu estava entre os presentes que levou aos jardins purpúreos de Akif. Logo...

A jovem estremeceu e ocultou o rosto entre as mãos.

— Fui submetida a todo tipo de infâmias. – prosseguiu a jovem – O simples fato de lembrá-las é como uma chicotada. Vivi no palácio de Shah Amurath até que, há algumas semanas, ele partiu com suas tropas para combater um bando de invasores que assolava as fronteiras de Turan. Ontem, regressou triunfante e organizou uma grande festa em sua honra. Enquanto todos se divertiam e embriagavam-se, aproveitei a oportunidade para apoderar-me de um cavalo e fugir da cidade. Achei que havia conseguido, mas ele me seguiu e, perto do meio-dia, encontrou meu rastro. Deixei seus súditos para trás, mas não consegui fugir dele. Então, você chegou.

— Eu estava escondido entre os juncos. – disse o cimério – Eu era um daqueles vagabundos que compunham o bando dos Companheiros Livres, os quais incendiavam e saqueavam as fronteiras. Éramos cinco mil, de umas vinte raças e tribos. A maioria de nós havia servido como mercenários a um príncipe rebelde do leste de Koth, mas quando ele fez as pazes com seu maldito soberano, ficamos sem trabalho. Então, começamos a saquear os confins de Koth, Zamora e Turan. Há uma semana, Shah Amurath nos preparou uma emboscada com quinze mil homens. Por Mitra! O céu estava coberto de abutres negros. Quando nossas fileiras se romperam, após um dia inteiro de luta, alguns tentaram fugir para o norte e outros para o oeste. Duvido que algum tenha escapado. As estepes estavam cobertas de cavaleiros que perseguiram os fugitivos. Eu me dirigi para o leste e finalmente cheguei aos pântanos que cercam esta parte do Mar Vilayet.

“Me escondi entre os juncos desde então. Faz apenas dois dias que os cavaleiros deixaram de bater os mangues, em busca de algum fugitivo. Me escondi e me enterrei como uma serpente, alimentando-me de ratazanas almiscaradas que eu comia cruas, pois não podia fazer fogo. Pela manhã, encontrei esta barca, oculta entre os juncos. Não pensava em ir ao mar antes da noite, mas depois de ter matado Shah Amurath, fiquei sabendo que seus homens estão próximos, e por isso vou embora”.

— E agora, o que faremos?

— Não há dúvida de que nos perseguirão. Mesmo que não cheguem a descobrir os sinais do bote, os quais tentei disfarçar o melhor possível, certamente suspeitarão que nos

dirigimos para o mar, sobretudo quando não nos encontrarem nos mangues. Mas já estamos seguindo, e eu continuarei grudado a estes remos, até chegarmos a um esconderijo seguro.

— Onde encontraremos um? – perguntou ela, com atitude desesperançosa – Vilayet é um mar interno, dominado pelos hirkanianos.

— Algumas pessoas não pensam assim. – respondeu Conan, com um sorriso algo sinistro – Especialmente os escravos que fugiram das galeras e tornaram-se piratas.

— Quais são seus planos?

— Os hirkanianos dominam a costa sudoeste ao longo de centenas de milhas. Ainda falta muito para chegarmos até suas fronteiras no norte. Pretendo seguir nessa direção até que tenhamos deixado-os para trás. Mais tarde, iremos para o oeste e tentaremos desembarcar nas praias cercadas pelas estepes desabitadas.

— E se nos encontrarmos com os piratas, ou formos surpreendidos por uma tormenta? – perguntou Olívia – Além disso, nós morreremos de fome ali.

— Não lhe pedi pra vir comigo – lembrou-lhe o cimério.

— Desculpe. – respondeu ela, inclinando sua bela cabeça morena – Piratas, tempestades, fome... Tudo isso é menos cruel que a gente de Turan.

— Sim. – disse Conan, com o rosto sombrio – E ainda não acertei minhas contas com eles. Mas acalme-se, garota. As tempestades são raras no Mar Vilayet, nesta época do ano. Se chegarmos às estepes, não morreremos de fome. Eu me criei em terras inóspitas e simples. São estes malditos pântanos, com seu fedor e seus mosquitos, que me desconcertam. Nas estepes, me sinto em casa. Quanto aos piratas...

Conan sorriu enigmaticamente e se debruçou com mais energia sobre os remos.

O sol havia se escondido como uma bola de cobre que cai num mar de fogo. O azul do mar fundia-se com o do céu, e depois ambos se transformavam num delicado veludo escuro, pontilhado de estrelas. Olívia se apoiou na borda da barca, num estado quase irreal, de meio-sono. Tinha a sensação de estar flutuando no ar, com estrelas por cima e por baixo dela. Seu silencioso companheiro se destacava vagamente contra a escuridão suave. Não havia pressa nem pausa no ritmo dos remos, que ele manjava com tanta destreza. Quiçá ele era o barqueiro que a transportava ao outro lado do escuro lago da Morte. Mas a moça

esqueceu seus temores e mergulhou num sono tranquilo, acompanhada pelo movimento monótono dos remos.

A luz da aurora refletiu-se nos olhos de Olívia quando ela despertou, com uma fome espantosa. Despertara devido a uma mudança brusca na direção da barca. Conan descansava sobre os remos, olhando por cima dela. A garota se deu conta de que o cimério havia remado a noite inteira e admirou-se diante de sua resistência férrea. A jovem virou-se para seguir o olhar de Conan e viu um muro verde de árvores e arbustos, que circundavam com uma ampla curva uma pequena baía, cujas águas estavam calmas como a superfície de um cristal azul.

— Esta é uma das muitas ilhas que existem neste mar interior. — disse Conan — Acredita-se que são desabitadas, e ouvi dizer que os hirkanianos raramente visitam-nas. Além disso, eles não costumam afastar-se da costa com suas galeras, e nós estivemos navegando por muitas horas. Antes que escureça, deixaremos de ver terra.

Com umas poucas batidas de remo, Conan, o cimério, levou o bote até a margem, amarrou a corda da proa a uma árvore e saltou à terra. Estendeu a mão a Olívia, que fez uma expressão de pesar, ao ver as manchas de sangue que cobriam a pele do cimério, e estremeceu-se ao sentir a força que irradiava da mão do bárbaro.

Uma quietude fantástica reinava na matas que circundavam a pequena enseada azul. Logo, entre as árvores, ouviu-se o gorjeio matinal de um pássaro e o sussurro das folhas movidas pela brisa. Olívia ouviu um ruído, apesar de não saber exatamente o que era. O que poderia esconder-se naqueles bosques costeiros?

Enquanto ela observava timidamente as sombras que haviam entre as árvores, algo saiu à luz do sol, voando rapidamente. Era um enorme papagaio, que aterrissou sobre o galho de uma árvore e ficou ali, balançando-se, como uma brilhante figura de jade e carmim. A ave virou a cabeça para o lado e mirou os intrusos com seus reluzentes olhos de azeviche.

— Por Crom! — murmurou o cimério — Eis aqui o avô de todos os papagaios. Deve ter mil anos! Veja a perversa sabedoria que há em seus olhos. Que mistérios guarda, sábio demônio?

De repente, o pássaro estendeu suas asas multicoloridas e gritou com voz rouca:

— *Yagkoolan yok tha, xuthalla!*

Logo lançou um guincho que parecia uma espantosa risada humana, alçou vôo e desapareceu entre as sombras das árvores.

Olívia olhou em direção ao local por onde havia desaparecido o papagaio e sentiu como se uma estranha premonição lhe tocasse a espinha dorsal com uma mão gelada.

— O que disse? – perguntou, num sussurro.

— Eu juraria serem palavras humanas. – respondeu Conan – Mas numa língua que desconheço.

— Tampouco eu conheço. – afirmou a moça – Mas deve tê-la aprendido de lábios humanos. Humanos ou...

Permaneceu olhando a mata e estremeceu sem saber o porquê.

— Crom, estou com uma fome espantosa! – exclamou o cimério – Seria capaz de comer um búfalo inteiro. Vamos procurar frutas. Mas antes vou lavar este barro e este sangue seco. Não é nada agradável esconder-se nos pântanos.

Deixou a espada de um lado e, adentrando a água transparente e azul, fez suas limpezas. Quando saiu à margem, sua pele bronzeada brilhava sob os raios do sol e sua cabeleira negra já não estava emaranhada. Seus olhos azuis, embora ardessem com um fogo inextinguível, já não estavam injetados de sangue. Mas a agilidade felina de seu andar e o aspecto perigoso de seu semblante não haviam se alterado.

Virou-se para colocar a espada e fez um sinal para que Olívia o seguisse. Abandonaram a margem e adentraram a mata, passando sob as arcadas, formadas pelos grandes galhos das árvores. Pisaram num capim baixo e verde, que suavizava o ruído de seus passos. Entre os troncos das árvores, puderam perceber uma paisagem sobrenatural e fantástica.

Finalmente, Conan lançou um grunhido de satisfação, ao ver uns frutos dourados e avermelhados, que pendiam em cachos de algumas árvores. Sinalizou à moça para que sentasse num tronco caído, e foi enchendo seu colo de frutas exóticas, que puseram-se a comer com óbvio prazer.

— Por Ishtar! – exclamou Conan, entre uma mordida e outra – Desde o dia da batalha do rio Ilbars, tenho vivido de ratazanas e de raízes que tirava do barro fedorento. Isto, em compensação, é doce ao paladar, embora não encha muito o estômago. Mas nos servirá de alimento, se comermos o bastante.

Olívia estava demais para responder. Assim que acalmou um pouco sua fome, Conan começou a observar sua companheira com maior interesse. Observou os cachos de sua negra cabeleira, o tom rosado de sua pele suave e os contornos delicados de seu corpo esbelto, realçado pela túnica de seda que usava.

Saciado seu apetite, a garota levantou a cabeça. Ao se deparar com aqueles olhos ardentes, mudou de cor e deixou escapar entre seus dedos o fruto que estava comendo.

Conan não fez nenhum comentário, mas indicou, com um gesto, que deviam continuar sua exploração. A moça ficou em pé e o seguiu por entre as árvores, até chegar a uma clareira da qual se via uns densos matagais. Ao entrarem na clareira, ouviram um ruído de folhas, que vinha dos arbustos. Conan saltou para um lado e empurrou a garota com ele, evitando assim uma coisa que cruzou o ar e espatifou-se estrondosamente contra o tronco de uma árvore.

Conan sacou rapidamente sua espada e adentrou os matagais. Logo, seguiu-se um profundo silêncio, durante o qual Olívia encolheu-se no capim, desconcertada e horrorizada. Finalmente, o cimério voltou à clareira com uma atitude de estranheza no rosto.

— Não vi nada nos matagais. – disse – Mas nesse lugar há algo...

Aproximou-se da árvore e analisou o objeto que quase os atingira. Então, soltou um grunhido com ar incrédulo, como se não acreditasse em seus próprios olhos. Tratava-se de um enorme bloco de pedra esverdeada, que jazia ao pé da árvore, cuja madeira havia se despedaçado com o impacto.

— Uma estranha pedra, nada comum numa ilha desabitada. – disse o cimério.

Olívia abriu seus enormes e belos olhos com expressão de assombro, quando notou o pedaço de mineral. Tratava-se de um bloco de pedra com formas simétricas, sem dúvida talhado por mãos humanas. Era extraordinariamente pesado. O cimério pegou-o com ambas as mãos, e logo, apoiando firmemente suas pernas no chão e com todos os músculos contraídos, ergueu-o acima da própria cabeça e arremessou-o com força. A pedra caiu a poucos passos de onde estavam. Conan proferiu uma maldição.

— Não há ser humano capaz de lançar essa pedra de um lado a outro desta clareira. Isso só é possível com uma máquina de assédio. Todavia, aqui não há catapultas nem armas semelhantes.

— Talvez tenha sido lançada, de longe, por uma dessas máquinas. – sugeriu Olívia.

Conan negou com a cabeça.

— Não caiu obliquamente de cima, mas foi lançada daqueles matagais em linha horizontal. Não está vendo esses galhos quebrados? Alguém arremessou-a como quem atira um pedregulho. Mas, quem terá sido? Vamos!

A moça o seguiu com ar indeciso até os matagais.

Uma vez transposto o círculo externo dos arbustos, a vegetação era menos densa. Um silêncio absoluto reinava naquele lugar. Na grama úmida, não havia pegadas. No entanto, a pedra provinha daqueles misteriosos matagais e havia sido lançada com uma terrível pontaria. Conan se inclinou sobre a relva, e viu que esta estava esmagada em alguns lugares. Moveu a cabeça com ar aborrecido. Nem sequer seus olhos agudos podiam descobrir indícios que permitissem adivinhar quem havia passado por ali. Conan levantou os olhos para o teto verde de folhas, que cobria suas cabeças, e ficou paralisado.

Logo, de espada na mão, começou a recuar, enquanto segurava Olívia pelo braço.

— Vamos sair daqui, rápido! – disse, com um sussurro que gelou o sangue nas veias da jovem.

— O que está acontecendo? O que você viu?

— Nada, nada. – ele respondeu com tom evasivo, sem interromper sua retirada cautelosa.

— Mas o que havia nesses matagais?

— A morte! – respondeu Conan, com a vista ainda cravada na abóbada de cor jade que cobria o céu.

Uma vez saindo dali, o cimério pegou a moça pela mão e conduziu-a rapidamente através de uma rampa onde as árvores eram escassas, até chegarem a um planalto, onde o capim era alto e mal se via árvores. No centro da chapada, erguia-se um amplo edifício em ruínas, construído com pedras verdes.

Ambos contemplaram, assombrados, a estrutura de pedra. Não havia lendas que mencionassem a existência de tal edifício numa das ilhas do Mar Vilayet. O casal se

aproximou cautelosamente, viram que o musgo e os líquens subiam pelas paredes de pedra e que, no teto, havia numerosas brechas que deixavam ver o céu. Por todos os lugares se via escombros, alguns parcialmente ocultos entre o capim alto. Dava a impressão de que, em épocas remotas, fora erguida uma cidade inteira ali. Mas agora só restava de pé a grande sala, cujas paredes se mantinham em equilíbrio precário entre as trepadeiras.

As portas, que poderiam existir naqueles vãos, haviam desaparecido há tempos. Conan e a jovem pararam na ampla entrada e olharam pra dentro. Os raios de sol entravam abundantemente através dos buracos das paredes e do teto, criando um vivo contraste de luzes e sombras. Conan agarrou sua espada com força e entrou no edifício com a cabeça encolhida entre os ombros e o andar cauteloso de uma pantera. Olívia seguiu-o sigilosamente.

Uma vez dentro, o cimério soltou um grunhido de surpresa e Olívia abafou um grito:

— Oh, veja, veja!

— Sim, já vi. – respondeu ele – Mas não há nada a temer. Não são mais que estátuas.

— Entretanto, parecem vivas. E que expressão maligna elas têm! – sussurrou ela, chegando mais perto de Conan.

Encontravam-se numa enorme sala, cujo chão de pedra polida estava coberto de poeira de escombros, caídos do teto. As trepadeiras, que cresciam entre as pedras, cobriam as inúmeras brechas. O teto, bastante alto, plano e sem abóbadas, era sustentado por enormes colunas enfileiradas ao longo das paredes. Entre uma coluna e outra, havia umas figuras de estranho aspecto.

Eram estátuas aparentemente feitas de ferro, negras e brilhantes, como se alguém estivesse polindo-as constantemente. Eram de tamanho humano e representavam homens altos, delicados e robustos, com uma expressão cruel num rosto aquilino. Estavam nus, e todos os detalhes dos músculos, articulações e tendões haviam sido representados com incrível realismo. Mas a característica mais real das estátuas era seu semblante altivo e impiedoso. Era evidente que aquelas feições não estavam esculpidas da mesma forma. Cada rosto possuía uma característica individual, apesar de vislumbrar-se um parentesco racial entre todos eles. Naqueles rostos não havia a monótona uniformidade da arte decorativa.

— Parecem estar escutando... e esperando! – murmurou Olívia, inquieta.

Conan bateu numa das estátuas com o cabo da espada.

— É de ferro, mas... por Crom, de que maneira foram feitas?

O cimério moveu a cabeça e logo encolheu os ombros, claramente desconcertado.

Olívia lançou um olhar tímido ao silencioso recinto. Seus olhos percorreram as pedras cobertas de hera, as altas colunas com trepadeiras e as estátuas escuras que havia diante dela. Sentiu vontade de partir dali o quanto antes, mas as estátuas exerciam uma estranha fascinação sobre seu companheiro. Este examinou-as minuciosamente e logo tentou levantar uma e arrancar-lhe um braço ou uma perna. Mas o material era mais forte e resistente que ele. Não conseguiu entortar, nem tirar de seu lugar, uma só estátua. Finalmente desistiu, praguejando.

— A quem queriam reproduzir? – perguntou Conan em voz alta – Estas figuras são negras e, entretanto, não representam pessoas da raça negra. Jamais vi homens como esses.

— Vamos para a luz do dia. – suplicou Olívia, olhando com receio para as figuras que estavam entre as colunas.

Passaram, do sombrio salão ao claro resplendor do sol. A moça se surpreendeu ao ver a posição do astro-rei no céu. Havia transcorrido, dentro das ruínas, bem mais tempo do que ela havia imaginado.

É melhor voltarmos ao bote. – sugeriu ela – Tenho medo. É um lugar estranho... parece amaldiçoado. Tenho a impressão de que podem nos atacar a qualquer momento.

— Já eu acredito que estaremos mais seguros enquanto não estivermos debaixo das árvores. – respondeu Conan – Venha.

A chapada, cujas beiradas desciam até as praias cobertas de vegetação, continuava ascendendo para o norte, até chegar a um grupo de escarpados rochosos, que constituíam o ponto mais alto da ilha. Conan caminhou para lá, seguido de perto pela garota. De vez em quando, olhava-a com uma expressão indecifrável no rosto, e ela sentia seu olhar.

Alcançaram a extremidade setentrional da chapada, de onde contemplaram a escarpada pendente. As árvores cresciam densamente pela beirada da colina, para leste e oeste dos escarpados. Conan olhou-a com receio, mas começou a subir, ajudando sua companheira. A costa não era uniforme, vez que estava interrompida por penhascos e cornijas rochosas. O cimério, nascido num país montanhoso, podia ter subido correndo, feito um felino, mas

para Olívia era difícil avançar. Vez ou outra, a moça se sentiu levantada do chão, quando havia um obstáculo que dificultava-lhe o avanço, e sua admiração aumentou ao notar a enorme força física do homem ao seu lado. Já não achava repulsivo o contato com o cimério, pois se sentia protegida por aquelas mãos de ferro.

Finalmente chegaram ao topo, onde o vento agitou seus cabelos. De onde estavam, viam toda a ilha como um enorme espelho ovalado, cercado por um anel de verdor luxuriante, com exceção da parte mais vertical da pendente. Diante de sua vista, estendiam-se as águas azuis e plácidas, que se dissipavam à distância entre brumas.

— O mar está tranquilo. – disse Olívia, suspirando – Por que não continuamos a viagem na barca?

Conan, erguido como uma estátua de bronze sobre o cume, apontou para o norte. A jovem aguçou a vista e viu uma mancha branca, que parecia estar suspensa em meio à densa bruma que via-se à distância.

— O que é aquilo?

— Uma vela.

— Serão hirkanianos?

— É difícil saber, a tanta distância.

— Vão ancorar aqui! Nos buscarão por toda a ilha! – exclamou ela, tomada de pânico.

— Duvido. Vêm do norte, de modo que não devem estar nos procurando. Talvez parem aqui por alguma outra razão, de modo que teremos que nos esconder o melhor possível. Creio que se trata de piratas, ou talvez de uma galera hirkaniana regressando de alguma incursão pelas costas do norte. Neste último caso, não creio que pare aqui. Mas não podemos voltar ao mar até que sumam de nossa vista, pois eles vêm por onde nós deveremos partir. Certamente, passarão a noite na ilha e, ao amanhecer, podemos seguir viagem.

— Então teremos que passar a noite aqui? – perguntou ela com um tremor.

— É o mais conveniente.

— Nesse caso, vamos dormir aqui, entre as rochas. – suplicou a garota.

Conan mexeu negativamente a cabeça, enquanto observava as árvores próximas, que constituíam uma massa verde com prolongamentos de ambos os lados dos rochedos.

— Há árvores demais. Dormiremos nas ruínas.

Olívia lançou um grito de protesto.

— Ninguém lhe fará mal lá. – disse o cimério, procurando acalmá-la – Seja quem for que arremessou a pedra, não nos seguiu fora da floresta. E não havia nenhum indício de alguém oculto entre as ruínas. Além do mais, sua pele é delicada e você está acostumada a roupas agasalhadas e a comidas saborosas. Eu posso dormir nu sobre a neve sem sentir muito incômodo, mas se você passar a noite na intempérie, estou certo de que até o orvalho lhe causaria câimbras.

Olívia assentiu silenciosamente, e ambos empreenderam a descida. Depois de cruzarem a chapada, aproximaram-se mais uma vez das ruínas sombrias, às quais o tempo tinha dado um ar de mistério. O sol se punha sob a chapada. Nas árvores próximas ao declive, encontraram frutos que lhes serviram de jantar.

A noite caía rapidamente naquelas latitudes do sul, pontilhando o céu escuro com grandes estrelas brancas. Conan entrou nas ruínas sombrias, trazendo Olívia, que o seguia de má vontade. A moça estremeceu, ao ver aquelas altivas figuras negras entre as colunas. Na escuridão, mal atenuada pelo suave fulgor das estrelas, a jovem quase não podia ver os contornos das estátuas. Percebia tão-somente sua atitude de espera, uma espera que parecia ter se prolongado ao longo de muitíssimos séculos.

Conan trouxe uma grande quantidade de galhos macios, cheios de folhas, e improvisou uma espécie de leito para Olívia, que estendeu-se sobre ele com a estranha sensação de estar dormindo no esconderijo de uma serpente.

O cimério não compartilhava os temores da garota. Sentou-se ao seu lado, com as costas apoiadas numa coluna e o sabre em cima dos joelhos. Seus olhos brilhavam como os de uma pantera no escuro.

— Durma tranquila. – disse ele – Meu sono é leve como o de um lobo. Ninguém pode entrar neste recinto sem que eu acorde.

Olívia não respondeu. Do seu leito de folhas, observou as figuras imóveis, que se via com menos nitidez na escuridão. Que estranho lhe parecia estar acompanhada de um bárbaro, e ser cuidada e protegida por um homem de uma raça com a qual, desde pequena,

lhe havia assustado tantas vezes! Seu acompanhante vinha de uma raça tosca, sangrenta e feroz. Sua qualidade de selvagem evidenciava-se em todos os seus atos e ardia em seus olhos ferosos. E, no entanto, ele não lhe havia causado o menor dano, enquanto seu pior opressor havia sido um homem que pertencia ao mundo chamado civilizado. Enquanto uma deliciosa languidez invadia seus membros, Olívia submergiu num sono suave e seu último pensamento foi a lembrança do firme contato dos dedos de Conan em sua carne.

Olívia sonhou, e em seus sonhos aparecia constante e obsessivamente um ser maligno, semelhante a uma serpente negra, que deslizava por uns jardins floridos. Seus sonhos eram fragmentados e cheios de cores, como exóticas peças de um desenho desconexo e desconhecido, até se cristalizarem numa cena de horror e loucura, contra um fundo de pedras e colunas ciclópicas. A moça viu, em sonhos, um grande salão, cujo teto, muito alto, era sustentado por colunas de pedra, encostadas em filas regulares às paredes resistentes. Entre os ditos pilares revoavam papagaios de plumagem verde e escarlate. A sala estava abarrotada de guerreiros de pele negra e rosto aquilino. Mas não eram homens da raça negra. Tanto eles quanto suas roupas e armas eram-lhe absolutamente desconhecidos.

Agrupavam-se em torno de alguém que estava amarrado a uma das colunas. Tratava-se de um rapaz esbelto, de pele branca e cachos dourados. A beleza do jovem não era em absoluto humana... era como o sonho de um deus, esculpido em mármore vivo.

Os guerreiros negros riam e zombavam dele numa língua estranha. A figura delgada e nua se retorcia sob aquelas mãos cruéis, enquanto o sangue deslizava por suas pernas de marfim e salpicava o chão polido. Os ecos dos gritos da vítima ouviam-se por toda a sala. Então, o jovem levantou a cabeça em direção ao forro do teto e pronunciou um nome com uma voz estremeçadora. Uma adaga, empunhada por uma mão de ébano, interrompeu-lhe o grito, e sua cabeça dourada caiu sobre o peito de marfim.

Como resposta ao lamento desesperado, ouviu-se o retumbar de uma espécie de carruagem celeste e, diante dos assassinos, apareceu uma figura que dava a impressão de ter se materializado no ar. A forma era humana, mas nenhum mortal havia jamais desfrutado de beleza tão sobre-humana. Existia uma inconfundível semelhança entre ele e o jovem morto, mas os traços de humanidade, que suavizavam as feições do jovem, não existiam nas do desconhecido, que resultavam surpreendentes em sua beleza.

Os negros recuaram diante da aparição, com olhos que eram como riscos de fogo. O desconhecido levantou a mão e falou, e as ondas de sua voz ressoaram através das silenciosas salas com tons profundos e cadenciosos. Como se estivessem em transe, os

guerreiros negros continuaram recuando até ficarem alinhados ao longo das paredes, em filas regulares. Então, dos lábios cinzelados do desconhecido, surgiu uma terrível invocação, que era uma ordem:

— *Yagkoolan yok tha, xuthalla!*

Ao escutarem aquele grito terrível, as negras figuras ficaram rígidas, como que paralisadas. Seus membros adquiriram uma estranha aparência pétrea. O desconhecido tocou o corpo inerte do jovem, e as correntes que atavam-no caíram a seus pés. Levantou o corpo em seus braços e começou a afastar-se, enquanto seu olhar sereno percorria as silenciosas filas de figuras de ébano. Apontou com a cabeça para a lua, que brilhava através de algumas brechas no teto. Aquelas estátuas rígidas e expectantes, que haviam sido homens, compreenderam...

Olívia despertou sobre seu colchão de folhas com um estremecimento; um suor frio cobria-lhe a pele. Seu coração batia tão aceleradamente que quase se podia ouvi-lo no silêncio reinante. Olhou em redor e viu que Conan continuava dormindo, com as costas apoiadas na coluna e a cabeça inclinada sobre o volumoso peito. O brilho prateado da lua atravessava os buracos do teto e desenhava enormes faixas brancas no chão empoeirado. Podia ver vagamente as sombras negras, que pareciam continuar esperando. Ao mesmo tempo em que lutava contra seu crescente nervosismo, raiando no espanto, Olívia viu que os raios da lua iluminavam tenuemente as colunas e as figuras que haviam entre elas.

O que era aquilo? A jovem observou um estremecimento nas estátuas, sobre as quais refletia-se a lua. Um horror paralisante tomara conta dela, pois, onde devia reinar a quietude da morte, havia movimento: lentas flexões e torções de membros de ébano. Então, ao quebrar-se o encantamento que a mantinha muda e imóvel, Olívia lançou um grito dilacerador. Conan saltou quase instantaneamente e ficou de pé, com a espada preparada e os dentes brilhando na penumbra.

— As estátuas! As estátuas! – exclamou a jovem – Oh, meu Deus, as estátuas estão ganhando vida!

Em seguida, a moça saltou através de uma larga fenda que havia na parede e pôs-se a correr freneticamente, sem parar de gritar. Finalmente, uns braços rodearam-na e ela lutou desesperadamente contra aquilo que a segurava, até que uma voz familiar atravessou a cortina de horror e ela viu Conan, cujo rosto era uma máscara perplexa sob o luar.

— Em nome de Crom, garota, o que está acontecendo? Você teve um pesadelo? – ele perguntou, e sua voz ressoou estranha e distante.

Sem deixar de soluçar, Olívia envolveu o pescoço do cimério com os braços e agarrou-se a ele, tremendo convulsivamente.

— Onde estão? Nos seguiram?

— Ninguém está nos seguindo. – respondeu Conan.

A jovem levantou-se, ainda agarrada a ele, e olhou temerosa ao seu redor. Sua fuga desesperada havia levado-a até a borda sul da chapada. Logo abaixo dela, encontrava-se a pendente, cuja parte inferior ficava oculta pelas espessas sombras dos bosques. Atrás deles, erguiam-se as ruínas iluminadas pela lua.

— Não viu as estátuas? – ela perguntou a Conan – Não viu como se moviam, como levantavam as mãos, como olhavam das sombras com seus olhos?

— Não, não vi nada. – respondeu o bárbaro, com certa inquietação – Dormi mais profundamente que o normal, pois fazia tempo que eu não dormia. No entanto, não creio que alguém pudesse entrar nesta sala, sem que eu ouvisse e despertasse.

— Ninguém entrou. – disse Olívia, tendo um acesso de risada histérica – Era algo que já estava ali dentro. Oh, Mitra, e pensar que deitamos pra dormir entre eles, como cordeiros próximos a um bando de lobos!

— Do que está falando? – perguntou ele – Me levantei quando lhe ouvi gritar, mas antes que tivesse tempo de olhar a meu redor, vi você desaparecer pelo buraco da parede. Lhe segui por medo de que lhe acontecesse alguma coisa, certo de que você teve um pesadelo.

— Sim! – exclamou Olívia, sem conseguir reprimir um calafrio – Escute...

Logo após, a jovem contou-lhe tudo o que havia sonhado e que acreditara ver. Conan escutou com atenção. O bárbaro não compartilhava o ceticismo dos homens civilizados. A mitologia de seu povo estava cheia de espíritos, fantasmas e necromantes. Quando ela concluiu, Conan se sentou silenciosamente a seu lado e acariciou sua espada, com ar distraído.

— Me diga, o jovem torturado era semelhante ao homem que apareceu no final? — perguntou Conan, rapidamente.

— Como um pai e um filho. — respondeu ela — Se a mente fosse capaz de conceber o filho da união de um ser divino com um humano, seu aspecto seria como o daquele jovem. Os deuses da antiguidade copulavam, às vezes, com mulheres mortais, segundo contam as lendas.

— Que deuses? — perguntou o cimério.

— Deuses esquecidos. Quem sabe? Desapareceram nas águas quietas dos lagos, no centro das montanhas, nos abismos siderais que existem além das estrelas. Os deuses não são mais eternos que os homens.

— Mas se essas estátuas eram homens, transformados em imagens de ferro por algum deus ou demônio, como podem estar vivas?

— Há magia na lua. — disse ela, estremeando-se — No sonho, vi que o homem apontava para a lua. Nisso eu acredito.

— Mas você já vê que eles não nos perseguem. — murmurou Conan, lançando um olhar para as ruínas sombrias — Talvez você tenha sonhado que haviam se movido. Acho que vou voltar para confirmá-lo.

— Não, não! — exclamou Olívia, agarrando-se desesperadamente a ele — Talvez algum feitiço os detenha naquela sala. Não volte! Vão lhe torturar sem piedade! Oh, Conan, vamos para o bote, fugir desta ilha maldita! Certamente, o barco hirkaniano já terá partido! Vamos!

Sua súplica era tão desesperada, que Conan estava impressionado. Sua curiosidade com relação às estátuas se via refreada por seu espírito supersticioso. Não temia inimigos de carne e osso, por mais poderosos que fossem, mas qualquer alusão ao sobrenatural despertava nele o monstruoso terror atávico dos bárbaros.

Finalmente, Conan pegou a moça pela mão e ambos desceram colina abaixo, entrando nos bosques frondosos, onde as folhas sussurravam e desconhecidas aves noturnas murmuravam sonolentas. Debaixo das árvores fazia sombra, e Conan avançou, procurando contornar as manchas mais escuras. Seus olhos examinavam todos os cantos, inclusive os galhos que estavam acima de suas cabeças. Avançava rápida, mas cautelosamente, e seu braço apertava com tal força a cintura da garota, que esta se sentia mais transportada que

guiada. Nenhum dos dois falou. O único som que se ouvia era o rápido e nervoso ofego de Olívia, assim como o atrito de seus pequenos pés sobre a grama. Assim chegaram até a beira do mar, que brilhava como prata derretida à luz da lua.

— Deveríamos ter trazido alguns frutos conosco. – murmurou Conan – Mas certamente acharemos outras ilhas. Ainda faltam algumas horas para amanhecer e...

A voz morreu em seus lábios. A corda do bote ainda estava amarrada ao galho, mas na outra ponta só havia restos de madeira, despedaçada e meio submersa na água.

Olívia soltou um grito abafado. O cimério virou-se rapidamente e ficou em frente às densas sombras, agachado como uma ameaça. Na floresta reinava um total silêncio. As aves noturnas haviam deixado de cantar, e nem sequer a brisa agitava os galhos. No entanto, de algum lugar, ouviu-se um atrito de folhas.

Rápido como um felino, Conan tomou Olívia nos braços e começou a correr. Avançou como um fantasma entre as sombras, enquanto continuava ouvindo, atrás de si, o estranho ruído de folhas, que ia aproximando-se implacavelmente. De repente, a lua iluminou seus rostos, enquanto Conan subia a ladeira com grande rapidez.

Uma vez na parte superior do promontório, o cimério depositou Olívia no solo e voltou a olhar o abismo de sombras que haviam deixado para trás. Os galhos continuavam movendo-se, graças à brisa que erguera-se subitamente. Isso era tudo. Conan sacudiu a cabeça e lançou um grunhido furioso. Olívia aproximou-se dele como uma menina assustada e fitou-o com olhos que pareciam um escuro poço de horror.

— O que faremos, Conan? – sussurrou.

O bárbaro observou as ruínas e lançou outro olhar aos bosques que haviam mais abaixo.

— Vamos aos escarpados. – afirmou, enquanto voltava a tomá-la nos braços – Amanhã, construirei uma jangada e voltaremos a confiar nossa sorte ao mar.

— Não terão sido... *eles* que destruíram nosso bote? – perguntou Olívia, com um tom que era quase uma afirmação.

Conan moveu negativamente a cabeça, com ar taciturno.

Cada passo que davam pela chapada enluarada em direção às ruínas era motivo de terror para Olívia. Mas não saiu nenhuma sombra das ruínas, e finalmente chegaram ao pé dos penhascos que erguiam-se majestosamente por cima deles. Ali, Conan parou como se hesitasse, e logo escolheu um lugar resguardado, debaixo de um penhasco e longe das árvores.

— Deite-se e durma se puder, Olívia. – disse ele – Vou ficar de vigia.

Mas Olívia não conseguiu conciliar o sono, e ficou olhando em direção à floresta e às ruínas distantes, até que as estrelas ficaram pálidas, o oriente clareou e a aurora, de cores rosa e ouro, derramou seu fogo sobre as gramas do bosque.

A moça levantou-se rapidamente e lembrou todos os acontecimentos da véspera. À luz do dia, seus terrores noturnos lhe pareceram invenções de uma imaginação superexcitada. Conan aproximou-se dela e disse-lhe algo que eletrizou-a.

— Pouco antes do amanhecer, ouvi um ruído de aparelhos e um estalar de remos. Um barco ancorou perto daqui. Deve ser o que vimos ontem. Iremos aos escarpados para ver o que está ocorrendo.

Subiram os rochedos e, estendidos de braços entre as rochas, viram um mastro que destacava-se por cima das árvores.

— É uma nave hirkaniana, pelo aspecto. – murmurou o cimério – Me pergunto se a tripulação...

Chegou até eles um rumor de vozes distantes e, pelo extremo sul do escarpado, viram aparecer uma horda multicolorida que, após avançar alguns passos, parou na margem da colina para entrar em conciliábulo. Agitavam os braços, manejavam suas espadas e discutiam em voz alta. Finalmente, todo o grupo dirigiu-se às ruínas, cruzando a chapada obliquamente, de modo que deviam passar pelo pé do escarpado.

— Piratas! – sussurrou Conan, e um sorriso malicioso aflorou em seus lábios – Parece que capturaram uma galera hirkaniana. Venha, esconda-se entre essas rochas e não saia daqui até que eu lhe diga.

Uma vez que a garota ficou bem oculta entre os penhascos que existiam em cima do escarpado, o cimério acrescentou:

— Vou me defrontar com esses cães. Se meu plano der certo, tudo se ajeitará e partiremos com eles. Do contrário... será melhor que continue escondida entre as rochas até que tenham ido, pois não há demônios mais cruéis em toda a ilha do que esses lobos do mar.

E, soltando-se dos braços da garota, que procurava segurá-lo, o cimério desceu rapidamente pelo escarpado.

Olívia olhou, espantada, do seu esconderijo e viu que o grupo aproximava-se do pé do promontório. Conan saltou entre as rochas e defrontou-se com os piratas, com a espada na mão. Estes recuaram, proferindo gritos de ameaça e surpresa. Logo se mantiveram a uma distância segura e observaram aquele personagem que aparecera tão de repente entre as rochas. Eram uns setenta homens, uma horda selvagem composta por homens de todas as nacionalidades: kothianos, zamorianos, britunianos, coríntios e shemitas. Seus rostos refletiam sua condição de selvagens. Muitos deles tinham cicatrizes de espadas, de chicotes ou de ferros incandescentes. Havia também orelhas cortadas, narizes decepados, órbitas sem olhos e amputações em braços e pernas; eram as marcas de múltiplas batalhas. A maioria deles andava seminua, mas o pouco que vestiam era de excelente qualidade: casacos com bordados de ouro, cintos de cetim e calças de seda. Tudo estava rasgado, sujo de sangue e de lodo, e, em alguns casos, as peças de roupa cobriam uma couraça prateada, finamente trabalhada. As gemas reluziam em suas orelhas e narizes, assim como nos cabos de suas adagas.

A figura robusta e bronzeada do cimério contrastava com essa estranha multidão.

— Quem é você? – rugiram alguns integrantes da horda.

— Sou Conan, o cimério. – disse o bárbaro, com uma voz profunda e desafiadora como a de um leão – Sou um dos Companheiros Livres e quero unir-me à Irmandade Escarlata. Quem é o líder de vocês?

— Eu, por Ishtar! – rugiu uma voz de touro.

A voz era tão imponente quanto a figura que se adiantou, oscilante. Tratava-se de um gigante seminu, cujo enorme ventre usava um largo cinto que segurava largas calças de seda. Tinha a cabeça raspada, com exceção de uma mecha, e os bigodes caíam-lhe a ambos os lados da boca. Calçava sapatos shemitas de cor verde com a ponta retorcida para cima, e empunhava uma longa espada de lâmina reta.

Conan olhou pra ele e seus olhos cintilaram.

— Sergius de Khrosha! – exclamou.

— Sim, por Ishtar! – respondeu o gigante, com uma intensa expressão de ódio em seus olhos negros – Achou que eu havia me esquecido? Não! Sergius jamais esquece um inimigo! Vou pendurá-lo pelos pés e lhe esfolar vivo! A ele, rapazes!

— Sim, pode enviar seus cães contra mim, gorducho. – disse Conan, com desprezo – Você sempre foi um covarde, porco kothiano.

— Covarde, eu? – rugiu o referido, e seu largo rosto se avermelhou de ira – Em guarda, cão do norte! Vou atravessar seu coração!

Um segundo depois, os piratas formavam um círculo em torno de ambos os adversários. Seus olhos brilhavam e o ar ressoava entre seus dentes, diante da excitação que lhes causava a possibilidade de ver um espetáculo sangrento. Olívia observava do alto dos rochedos, e cravou fortemente as unhas nas palmas das mãos, devido à dolorosa emoção.

Os dois inimigos iniciaram a luta sem mais formalidades. Sergius avançou com a rapidez de um gigantesco felino, apesar de seu corpo volumoso. Sem deixar de gritar maldições, detinha golpes e atacava. Conan lutava em silêncio, e seus olhos eram duras frestas de fogo azul.

O kothiano deixou de praguejar para poupar o fôlego. Os únicos sons que se ouviam eram o rápido atrito dos pés sobre a grama, a respiração ofegante do pirata e os ecos do aço. As espadas cintilavam fortemente sob o sol da manhã, traçando círculos e linhas quebradas no ar. Pareciam repelir-se mutuamente, para voltarem a se encontrar com violência redobrada. Sergius recuava. Apenas sua enorme habilidade havia salvado-o de cair nos primeiros instantes, diante da rapidez cegante do cimério. De repente, ouviu-se um choque metálico mais forte, e logo uma praga abafada. Da horda de piratas surgiu um grito feroz que cortou o ar, quando Conan afundou sua espada no corpo volumoso do capitão. Entreviu-se a ponta metálica como uma chama branca entre os ombros de Sergius. O cimério retirou o aço, no momento em que o pesado corpo caía de bruços ao chão, enquanto suas mãos largas retorciam-se por alguns instantes.

Conan virou-se rapidamente para os atônitos piratas e rugiu:

— Bem, cães! Já enviei seu chefe ao inferno! O que diz a lei da Irmandade Escarlata?

Antes que alguém pudesse responder-lhe, um brituniano com cara de rato, que estava atrás de seus companheiros, girou rapidamente uma funda e atirou uma pedra, que avançou como um dardo até seu alvo. Conan cambaleou e caiu abatido, como uma enorme árvore sob o machado do lenhador. Acima, no alto do escarpado, Olívia teve que segurar-se a uma pedra para não cair. A cena girou vertiginosamente diante de seus olhos. A única coisa que viu foi o cimério jazer, estendido sobre a grama, enquanto o sangue brotava de sua cabeça.

O indivíduo com cara de rato soltou um grito triunfal e correu para apunhalar o abatido, mas um esguio coríntio o deteve e empurrou-o para trás.

— Quê! Vai romper a lei da Irmandade, Aratus?

— Não estou quebrando nenhuma lei. – grunhiu o brituniano.

— Como não, cachorro? Este homem que você acaba de abater é, por justo direito, nosso capitão!

— Não, de modo algum! – exclamou Aratus – Não pertencia ao nosso grupo, era um intruso. Não havia sido admitido na Irmandade. O fato de ter matado Sergius não faz dele o nosso capitão, como ocorreria se qualquer um de nós tivesse matado-o.

— Mas ele queria unir-se ao nosso grupo. – respondeu o coríntio – Todos o ouvimos.

Então, ouviu-se o clamor de uma forte discussão; alguns se mostraram partidários de Aratus e outros do coríntio, a quem chamavam Ivanos. Proferiram-se maldições e ameaças, e as mãos agarraram os cabos das espadas. Finalmente, um shemita disse em voz alta:

— Pra que discutir, se esse homem está morto?

— Não, não está morto. – respondeu o coríntio, após examinar rapidamente Conan – Só está atordoado pelo golpe.

Com isso, reataram-se as discussões e Aratus tentou acabar com o ferido, o que Ivanos impediu com atitude ameaçadora e a espada desembainhada. Olívia teve a sensação de que o coríntio apoiava Conan, nem tanto por defendê-lo, mas por se opor a Aratus. Certamente, ambos os homens haviam sido lugar-tenentes de Sergius e não se devotavam nenhuma simpatia. Após muitas discussões, decidiram amarrar Conan e levá-lo com eles, para decidirem mais tarde sua sorte.

O cimério, que começava a recuperar os sentidos, foi atado com grossas cordas de couro e, entre queixas e maldições, quatro piratas robustos levantaram-no e levaram-no consigo através da chapada. O corpo de Sergius continuou estendido ao solo, no mesmo lugar onde havia caído.

No alto da escarpa, Olívia estava atordoada e desolada por sua desastrosa situação. Sem saber o que fazer, optou por permanecer oculta, enquanto observava, com olhos assustados, como a horda brutal levava seu protetor.

A moça não soube quanto tempo esteve ali, até que viu, ao outro lado da chapada, que os piratas chegavam até as ruínas e entravam no edifício, arrastando seu prisioneiro. Logo percebeu que os integrantes do grupo entravam e saíam por portas e orifícios, subiam pelas paredes meio caídas e apoiavam-se nos escombros. Em pouco tempo, vinte deles voltaram pela chapada, recolheram o cadáver de Sergius e levaram-no, possivelmente para lançá-lo ao mar. Perto das ruínas, os demais piratas dedicavam-se a cortar árvores e partiam lenha, provavelmente para fazer fogo. Olívia ouviu suas vozes e seus gritos, ininteligíveis devido à distância. Finalmente voltaram os que haviam recolhido o cadáver de Sergius, trazendo barris de bebida e sacos de comida. Avançaram para as ruínas, praguejando devido ao peso que carregavam.

Olívia observava tudo isto de forma quase mecânica, pois seu cérebro cansado estava a ponto de explodir, devido à intensidade das emoções sofridas. Agora que estava sozinha diante de tantos perigos, se dava conta do quanto significara para ela a proteção do cimério. Assim eram as brincadeiras do destino, capazes de fazer com que a filha de um rei dependesse totalmente de um bárbaro com as mãos cobertas de sangue. A jovem sentiu repugnância para com os de sua classe. Tanto seu pai quanto Shah Amurath eram homens considerados civilizados, mas com eles só experimentara sofrimentos. Jamais havia conhecido um homem civilizado que tratasse-a com delicadeza, a menos que tivesse uma razão oculta e egoísta para fazê-lo. Conan, por sua vez, lhe havia ajudado e protegido, sem pedir nada em troca por enquanto. A garota apoiou a cabeça nos braços e pôs-se a chorar amargamente, até que uns gritos distantes lembraram-lhe da perigosa situação em que se encontrava.

Lançou um olhar para as ruínas escuras, onde os piratas moviam-se como figuras diminutas, devido à distância. Alguns deles dirigiam-se para a densa vegetação. Embora o terror que sentira nas ruínas na noite anterior pudesse ser fruto de sua imaginação, a ameaça que pairava sobre ela da espessura da floresta era algo bem real. Se matassem

Conan ou se os piratas o levassem consigo, a única saída que lhe restava era entregar-se àqueles lobos do mar ou ficar só naquela ilha enfeitiçada.

O horror de sua triste sina dominou-a a ponto de fazê-la desmaiar.

O sol já estava se pondo, quando Olívia recobrou os sentidos. Uma suave brisa levava até seus ouvidos gritos distantes e o som de canções obscenas. A moça levantou a cabeça curiosamente e olhou através da chapada. Viu os piratas reunidos em torno da fogueira, no exterior das ruínas, e seu coração acelerou-se, quando percebeu que um grupo de corsários saía do interior do edifício em ruínas, arrastando alguém que ocorria ser Conan. Colocaram-no contra uma parede, ainda firmemente amarrado, e logo aconteceu uma longa discussão, durante a qual brandiram armas. Depois voltaram a levá-lo para dentro do templo e continuaram bebendo muito. Olívia suspirou; ao menos, Conan continuava vivo. Então, tomou uma decisão. Ao cair da tarde, se arrastaria até aquelas lúgubres ruínas e tentaria libertar o cimério. Se fracassasse, cairia nas mãos daquela turba de desalmados. A moça era consciente de que, ao libertar Conan, não o faria apenas por motivos egoístas.

Tranquilizada por esta idéia, arrastou-se pelos arredores do lugar onde se encontrava, em busca de alguns frutos que cresciam ali perto. Não comera nada desde o dia anterior. Enquanto estava ocupada naquela tarefa, teve a estranha sensação de que alguém a observava. Cheia de medo, subiu pela parte norte do escarpado e olhou nervosamente para baixo, em direção aos matagais, que encheram-se de sombras depois do pôr-do-sol. Olívia não viu nada suspeito. Do lugar onde estava, era impossível que alguém pudesse vê-la. No entanto, sentiu um olhar oculto e teve a certeza de que um ser animado e sensível era consciente de sua presença.

A moça regressou ao seu esconderijo e ficou debruçada entre as rochas, observando as ruínas distantes até cair a noite. Logo, a luz das chamas vacilantes indicou-lhe o local onde estavam as negras figuras dos piratas, que corriam cambaleantes por causa do vinho.

Então, Olívia ficou em pé. Era hora de levar a cabo um plano. Primeiro, voltou ao extremo norte dos rochedos e olhou para baixo, em direção aos bosques à beira da praia. Aguçou a vista ao máximo e, sob a tênue luz das estrelas, viu algo que deixou-a paralisada; sentiu como se uma mão gelada lhe tocasse o coração.

Lá embaixo, algo se movia. Tratava-se de uma sombra negra que destacava-se das demais e se deslocava lentamente, subindo pela abrupta ladeira do escarpado. Era uma vaga massa disforme, que se movia na penumbra. O pânico atormentava-lhe a garganta;

Olívia dominou um grito instintivo, levando a mão à boca. Logo deu a volta e desceu rapidamente pela ladeira sul.

Aquela fuga pela ladeira sombria foi como um pesadelo. Tropeçava e escorregava em sua tentativa de agarrar-se às lisas rochas com suas mãos geladas. As pedras rasgaram a fina pele de seus braços e pernas. Olívia sentiu falta do bárbaro de músculos de aço, que no dia anterior havia levado-a nos braços. Mas este era apenas um dos muitos pensamentos, que assaltaram, feito um turbilhão, a mente da jovem desamparada.

Olívia teve a sensação de que a descida era interminável, mas seus pés finalmente pisaram a grama da colina. Então, pôs-se a correr, com louco frenesi, para as fogueiras que ardiam como o rubro coração da noite. Atrás de si, ouviu-se o ruído de uma cascata de pedras que caíam pela ladeira da colina, e esse som deu asas a seus pés. Procurou não pensar em quem podia ter provocado a queda daquelas pedras.

O esforço físico que teve de realizar dissipou, em parte, o terror cego que a dominava e, antes de chegar às ruínas, sua mente estava clara e suas faculdades, alertas, apesar de suas pernas tremerem devido à correria.

Depois, ficou de bruços e se arrastou sobre a grama, até que pôde observar seus inimigos, escondida atrás de umas árvores que haviam se salvado do machado dos piratas. Estes já tinham jantado, mas continuavam enchendo suas jarras e taças douradas nos barris de vinho. Alguns já roncavam alto sobre a grama, enquanto outros cambaleavam em direção às ruínas. A jovem não viu sinal algum do cimério. Permaneceu ali, deitada, enquanto o orvalho começava a impregnar as folhas que haviam a seu redor. Os poucos homens que estava próximos à fogueira jogavam, praguejavam e discutiam. Os demais estava dormindo no interior das ruínas.

Sem saber o que fazer, Olívia continuou onde estava, enquanto sua angústia era aumentada pela incerteza da espera. Um calafrio percorreu-lhe o corpo, ao pensar no que vira subir pela ladeira norte, e em quem podia estar observando-a e aproximando-se por trás dela. O tempo passou com uma lentidão extraordinária. Um a um, os piratas que ainda estavam despertos foram caindo no sono da embriaguez, até ficarem todos dormindo próximos ao fogo moribundo.

Olívia hesitou. Logo decidiu agir, ao ver um brilho tênue que se erguia entre as árvores. A lua estava saindo!

Ergueu-se de um pulo e correu para as ruínas. Amedrontada, avançou nas pontas dos pés entre os piratas bêbados que dormiam diante do portal do edifício semi-arruinado. Dentro dele, havia muito mais piratas, que se mexiam e falavam em meio a seus agitados sonhos etílicos, mas nenhum acordou quando a moça deslizou entre eles. Um soluço mudo de alegria surgiu de seus lábios, quando viu Conan. O cimério estava acordado e amarrado a uma coluna; seus olhos azuis brilhavam, refletindo o brilho tênue da fogueira que havia lá fora.

Avançou entre os que dormiam e se aproximou de Conan, que a havia visto no momento em que apareceu no portal. Um leve sorriso se desenhou em seus lábios.

Olívia aproximou-se e abraçou-se a ele. O cimério notou a batida acelerada do coração da jovem contra seu peito. Através de uma enorme rachadura que havia na parede, entrou um raio de luar; o ar estava carregado de uma tensão sutil. O cimério percebeu isso e seu corpo ficou rígido. O mesmo ocorreu à jovem, que lançou um suspiro. Os piratas continuavam roncando alto. Olívia se inclinou e tirou uma adaga do cinto de um deles, e começou a cortar as fortes ataduras que seguravam o cimério. Eram cabos de aparelhos, grossos e resistentes, e estavam amarrados com a destreza dos marinheiros. A moça se empenhou desesperadamente, enquanto a luz da lua aproximava-se devagar, pelo chão da sala em direção às negras figuras entre as colunas.

Olívia ofegava. Os pulsos de Conan ficaram livres, mas seus cotovelos e pernas continuavam firmemente atados. A jovem olhou fugazmente as estátuas, que pareciam esperar e esperar. Teve a impressão de que estavam olhando-na com a impaciência atroz de um ser vivo. Os bêbados que jaziam a seus pés começaram a mover-se e a resmungar em sonhos. A luz da lua aproximava-se dos negros pés das estátuas. Nesse momento, romperam-se as cordas que seguravam os braços de Conan, que tirou a adaga da mão de Olívia e, de um só talho, cortou a corda que lhe immobilizava as pernas. Afastou-se da coluna, flexionando os braços, intumescidos depois de tantas horas amarrados. A jovem se encolheu contra ele, tremendo como uma folha. Seria uma ilusão, criada pelo luar, que enchia de fogo os olhos das negras estátuas e fazia-os brilhar com um resplendor avermelhado na penumbra?

Conan se moveu com a rapidez de um felino. Ergueu sua espada do chão e, pegando Olívia nos braços, deslizou através de uma abertura do muro coberto de hera.

Não disseram uma só palavra. Com a jovem nos braços, Conan avançou rapidamente sobre a grama banhada pelo luar. Olívia envolveu com seus braços o enorme pescoço do

cimério, cerrou os olhos e apoiou sua cabeça no ombro de seu acompanhante. Invadia-a uma deliciosa sensação de segurança.

Apesar do peso que levava, o cimério cruzou a chapada em poucos segundos e, ao abrir os olhos, Olívia pôde confirmar que estavam passando sob a sombra do escarpado.

— Havia alguém subindo os rochedos. – sussurrou ela – Ouvi-o atrás, quando eu estava descendo.

— Teremos que arriscar. – disse ele.

— Não tenho medo... agora. – respondeu Olívia, suspirando.

— Tampouco teve medo quando foi me libertar. Por Crom, que dia! Não sei como escapei vivo. Aratus queria me matar, e Ivanos se negou, talvez para contrariar Aratus, a quem odeia. Estiveram discutindo, brigando e cuspiendo um no outro, mas seus amigos estavam bêbados demais para tomar partido.

Conan parou subitamente, como uma estátua de bronze sob a luz da lua. Num gesto rápido, lançou para um lado a moça, que se pôs atrás dele. Olívia não pôde evitar um grito de espanto diante do que viu.

Das sombras dos rochedos, surgiu uma massa monstruosa, um horror com forma vagamente humana, uma grotesca paródia de homem.

Seu aspecto lembrava o de um ser humano, mas seu rosto era bestial, com orelhas pregadas, nariz largo e brilhante, e enormes lábios flácidos que deixavam ver uns dentes afiados. Estava coberto por um emaranhado de cabelo prateado, que brilhava ao luar. Suas mãos grandes, como garras disformes, quase tocavam o chão. O volume de seu corpo era enorme; mesmo quando estava encurvado e suas pernas curtas se arqueavam, sua cabeça cônica erguia-se bem acima da do cimério. A amplitude de seu tronco peludo e de suas enormes costas tiravam o fôlego. Os braços eram como grandes árvores nodosas.

A cena, iluminada pela lua, dava voltas diante dos olhos de Olívia. Desse modo, sua viagem acabava ali. Qual ser humano seria capaz de resistir ao ataque daquela peluda montanha de músculos e de violência? Entretanto, enquanto observava, com olhos arregalados pelo horror, o corpo de bronze que enfrentava o monstro, percebeu uma pavorosa semelhança entre ambos os antagonistas. Teve a sensação de que aquele enfrentamento era menos a luta entre um homem e uma besta do que o confronto entre dois seres selvagens, igualmente implacáveis e ferozes.

O monstro atacou, mostrando seus dentes brancos. Seus braços poderosos se abriram no momento em que investia com uma assombrosa rapidez, apesar de seu tamanho e de suas pernas tortas. A resposta de Conan foi um brilho de velocidade, que Olívia mal pôde seguir com o olhar. A jovem só viu que o cimério evitava aquele abraço mortal e que sua espada, fulgurando como um relâmpago, caía sobre um dos enormes braços do ser antropomórfico e cortava-o com precisão, um pouco acima do cotovelo. Uma cascata de sangue molhou a grama, ao cair o membro decepado, que ainda retorceu-se horripelantemente, por alguns momentos, no solo. Mas, nesse mesmo momento, a outra mão disforme do monstro agarrou Conan pela escura cabeleira.

Os músculos férreos do pescoço do cimério salvaram-no de uma morte imediata. Estendeu sua mão esquerda em direção à garganta da fera, enquanto seu joelho se apoiava firmemente no ventre peludo do monstro. Então, começou uma resistência que durou apenas alguns segundos, mas que à jovem paralisada pareceram eternos.

O monstruoso símio continuava agarrando Conan pela cabeleira e, pouco a pouco, o arrastava em direção a seus dentes, que brilhavam ao luar. O cimério resistiu ao ataque, mantendo rígido o braço esquerdo, enquanto, com o direito, afundava sua espada várias vezes nas virilhas, no peito e no ventre de seu inimigo. A fera recebeu o tormento com um silêncio aterrador. A perda de sangue, o qual fluía aos borbotões de seus terríveis ferimentos, não parecia debilitá-la. A terrível força do antropóide não demorou em superar a oposição exercida pelo braço esquerdo e joelho de Conan. Inexoravelmente, o braço do cimério ia dobrando-se e Conan ficava cada vez mais perto das horrendas mandíbulas do monstro, que se escancaravam para tomar a vida do inimigo. Agora, os olhos cintilantes do bárbaro miravam fixamente os olhos injetados de sangue do enorme símio, e Conan continuava afundando sua espada no corpo peludo. De repente, as mandíbulas espumantes do monstro estalaram espasmodicamente e fecharam-se a muito pouca distância do rosto do cimério. Este viu-se arremessado com força sobre a grama, devido às convulsões do monstro agonizante.

Olívia, meio desmaiada, viu que o macaco retorcia-se no chão, em meio a estertores, enquanto apertava com gesto humano o cabo da espada que sobressaía de seu corpo. Em pouco tempo, ele estremeceu-se e ficou imóvel.

Conan se ergueu cambaleante. O cimério respirava entrecortadamente e avançou com dificuldade, como um homem cujas articulações e músculos foram submetidos a um esforço que está quase no limite da resistência humana. Tocou o sangrento couro cabeludo e praguejou, ao ver, na peluda mão do monstro, grandes mechas de sua negra cabeleira.

— Por Crom! – ofegou – Me sinto como se tivessem me moído a pauladas! Preferiria lutar contra uma dúzia de homens. Mais um segundo, e minha cabeça acabaria entre seus dentes. Maldito seja, me arrancou um punhado de cabelos pela raiz!

Empunhando a espada com ambas as mãos, Conan foi cortando os dedos do monstro, até conseguir soltar aquelas mechas de seus cabelos. A seu lado, Olívia observava, com olhos arregalados, o corpo da besta.

— O que..., o que é...? – perguntou a moça, num sussurro.

— É um homem-macaco cinza. – respondeu o cimério – Um animal que come seres humanos e habita as costas orientais deste mar. Talvez tenha chegado até aqui, agarrado a algum tronco arrastado pela correnteza.

— Será que foi ele quem atirou a pedra? – indagou Olívia.

— Sim. Eu já havia suspeitado, quando estávamos na floresta e vi que os galhos se moviam sobre nossas cabeças. Estes seres sempre se escondem nos bosques mais impenetráveis, e raramente saem deles. Não entendo o que pôde fazê-lo sair de seu refúgio, mas em todo caso foi uma sorte para nós, pois entre as árvores, eu não teria tido a menor possibilidade de vencê-lo.

— Me seguiu até aqui. – disse a garota, tremendo – Eu o vi subir os rochedos.

— E, seguindo seus instintos, escondeu-se nas sombras, ao invés de lhe seguir através da chapada. Estas criaturas das trevas vivem em lugares silenciosos e odeiam a luz do sol e da lua.

— Crê que haja outros por aqui?

— Não acredito. Do contrário, os piratas teriam sido atacados quando atravessaram o bosque. O macaco cinza é muito cauteloso, apesar de sua força colossal, como demonstra o fato de que não tenha decidido nos atacar na floresta. Deve ter se sentido terrivelmente atraído por você, para seguir-lhe até um lugar aberto. Mas...

Conan sobressaltou-se e girou em círculo, para olhar para o local de onde vieram. Um grito pavoroso cortou o ar da noite. Vinha das ruínas.

Logo, seguiu-se uma série de berros, gritos e lamentos de agonia. Embora se ouvisse o choque do aço, os sons pareciam derivar mais de um massacre que de uma batalha.

Conan ficou atônito, com a moça em pânico abraçada a ele. O clamor ascendeu numa loucura crescente, e então o cimério deu meia-volta e aproximou-se rapidamente da beirada da chapada, delimitada pelas árvores iluminadas pelo luar. As pernas de Olívia tremiam tanto, que ela era incapaz de caminhar, obrigando Conan a levá-la nos braços. A batida agitada de seu coração se acalmou, quando encolheu-se em seus braços acolhedores.

Logo cruzaram a tenebrosa floresta, mas as sombras escuras pareciam agora menos temíveis. Os raios prateados da lua, que se filtravam entre os galhos, não escondiam ameaça alguma. As árvores noturnas murmuravam sonolentas. Os gritos da matança se atenuaram, até transformarem-se numa confusa mistura de sons. Em algum lugar, um papagaio gritou, como um eco misterioso:

— *Yagkoolan yok tha, xuthalla!*

Pouco depois, chegaram à praia e viram a galera ancorada e com a vela desdobrada. As estrelas começaram a empalidecer diante da chegada do dia.

Sob a pálida luz da aurora, um punhado de figuras esfarrapadas e ensanguentadas avançou cambaleante entre as árvores, até chegar à estreita praia. Eram apenas quarenta e quatro homens, que formavam um grupo amedrontado e desmoralizado. Lançaram-se, ofegantes, à água e começaram a nadar até alcançarem a galera. Então, os desanimados piratas defrontaram-se com um novo contratempo. Destacando-se contra o céu luminoso, viram Conan, o cimério, de pé sobre a proa, com a espada na mão e a negra cabeleira agitando-se ao vento.

— Alto! – ordenou Conan – Não cheguem mais perto, cães!

— Deixe-nos subir a bordo! – suplicou um pirata peludo, apertando o coto sangrento de uma orelha decepada – Queremos ir embora desta ilha endemoniada.

— O primeiro homem que tentar subir pela beirada, eu corto a cabeça. – avisou o cimério.

Eram quarenta e quatro homens contra um, mas Conan tinha tudo a seu favor. A terrível experiência que passaram havia lhes destruído todo impulso combativo.

— Deixe-nos subir ao barco. – choramingou um zamoriano de cinturão vermelho, ao mesmo tempo em que olhava, temeroso, por cima de seu ombro, em direção aos silenciosos bosques – Estamos tão destroçados, feridos e cansados de lutar, que não temos condições de erguer uma espada.

— Onde está o cão do Aratus? – perguntou Conan.

— Morto, como tantos outros! Caíram sobre nós como demônios! Teriam despedaçado a todos nós, se não tivéssemos despertado. Uma dúzia de nossos homens morreu enquanto dormia. As ruínas estavam cheias de sombras, com olhos ardentes, garras e dentes afiados.

— Sim! – interveio outro corsário – Eram os demônios da ilha, que adotaram forma de estátuas para nos enganar. Por Ishtar, que fomos incautos ao dormimos entre eles! Mas não somos covardes e lhes demos luta, com as desvantagens de um mortal que luta contra os poderes das trevas. Logo fugimos e eles ficaram lá, destroçando cadáveres, como se fossem chacais. Mas temos certeza de que nos perseguirão.

— Sim, deixe-nos subir a bordo! – suplicou um shemita magro – Deixe-nos subir por bem, ou empunharemos as espadas, apesar de nosso cansaço, e, mesmo que mate vários de nós, você não poderá com todos.

— Então, farei um buraco no casco e afundarei o barco. – respondeu Conan, com tom lúgubre e ameaçador.

— Não, não! – protestaram em coro – Seremos amigos, Conan. Somos seus camaradas, rapaz, pois somos todos proscritos. Odiamos o rei de Turan, que nem você.

O abatido grupo olhou o cimério, que por sua vez observava-os com a testa franzida.

— Então, se sou um da Irmandade... – disse, com um grunhido – as leis desta se aplicam a mim também. E, posto que matei seu chefe numa luta corpo-a-corpo, sou o capitão de vocês!

Não houve vozes dissidentes. Os piratas estavam esgotados e acovardados demais para pensarem em outra coisa, que não fosse ir embora, o quanto antes, daquela ilha temível. Conan viu, entre os homens, o coríntio, que tinha alguns ferimentos e estava manchado de sangue.

— Você, Ivanos! – disse o cimério – Há pouco, colocou-se a meu lado. Voltaria a fazê-lo?

— Sim, por Mitra! – respondeu o pirata, que desejava consagrar-se com o cimério – Ele tem razão, rapazes! Ele é o nosso capitão, de acordo com a lei da Irmandade!

Ouviu-se um rumor de vozes aprovadoras, talvez não muito entusiastas, mas com uma convicção acentuada pela suspeita de que, atrás deles, poderiam estar seguindo-os os negros seres demoníacos de olhos avermelhados e garras sangrentas.

— Jurem-no de espada na mão. – disse o cimério.

Em direção a ele, ergueram-se quarenta e quatro espadas, e outras tantas vozes pronunciaram o juramento de lealdade dos piratas.

Conan sorriu e, logo após, embainhou a espada, ao mesmo tempo em que lhes dizia:

— Subam a bordo, meus bravos, e peguem os remos.

A seguir, virou-se e levantou Olívia, que havia permanecido oculta atrás da bordo.

— O que será de mim, senhor? – indagou a moça.

— O que deseja fazer? – perguntou Conan, por sua vez, olhando-a fixamente.

— Quero ir contigo, aonde quer que vá! – respondeu Olívia, envolvendo, com seus braços brancos, o pescoço bronzeado do cimério.

— Está disposta a seguir um caminho de sangue e morte? – perguntou ele – Esta galera deixará um rastro vermelho por onde passar.

— Não me importa navegar sobre águas azuis ou vermelhas, se o faço a seu lado. – respondeu ela, em tom apaixonado – Você é um bárbaro e eu, uma pária rechaçada por minha própria gente. Ambos vagamos por um mundo sem rumo fixo. Por favor, leve-me com você!

Lançando uma súbita gargalhada, Conan pegou-a pela cintura e levantou-a até seus lábios ferozes e ardentes, exclamando:

— Lhe transformarei em rainha do mar azul! A seus postos, tigres do mar! Por Crom, que não tardaremos em queimar as largas calças do rei Yildiz!

# A RAINHA DA COSTA NEGRA

## *Queen of the Black Coast*

Conan volta para os reinos hiborianos, onde serve como capitão de mercenários em Nemédia, Ophir e, finalmente, Argos. Neste último lugar, um pequeno desentendimento com a lei o leva a tomar o primeiro navio que parte do porto. Nessa época está com 24 anos de idade.

## I

### *Conan Junta-se aos Piratas*

*É certo que a primavera desperta o botão,  
Que o outono pinta a folha com um fogo reluzente;  
É certo que guardei inteira meu coração  
Para entregar a um só homem meu desejo ardente.*

*- A canção de Bêlit*

O barulho dos cascos ecoou pela rua que descia para o ancoradouro. As pessoas que falavam alto, espalhadas por ali, só conseguiram ver de relance uma figura vestida com uma armadura de malha metálica cavalgando um garanhão preto e a larga capa escarlate voando ao vento. Lá de cima da rua vieram os gritos e o barulho dos cavalos em perseguição, mas o cavaleiro nem olhava para trás. Foi em disparada na direção do cais e segurou firme nas rédeas, fazendo o cavalo parar, apenas quando o animal estava a ponto de cair na água. Os marinheiros levantaram o olhar espantado para ele, interrompendo o trabalho de varrer e limpar as velas de uma galé de proa elevada e casco bastante largo. O timoneiro, um homem rústico e de barba negra, estava em pé na proa, afastando o barco do píer com um longo gancho. Ele gritou com raiva quando o cavaleiro desceu da sela e, com um longo salto, caiu bem no meio do convés.

— Quem o convidou para vir a bordo?

— Vamos embora! — gritou o intruso, com um gesto rápido que fez espirrar gotas vermelhas de sua espada de lâmina bastante larga.

— Mas nós estamos a caminho das costas de Kush! — respondeu o timoneiro.

— Então, irei para Kush! Vamos depressa, eu repito! — O outro deu uma rápida olhada para a parte alta da rua, ao longo da qual cavalgava um grupo de cavaleiros. Atrás deles vinha um pelotão de arqueiros, de arco e flecha nas costas.

— Vai pagar sua passagem? — indagou o timoneiro.

— Eu pago tudo com aço! — gritou o homem da armadura, brandindo no ar a pesada espada, que refletia os raios do sol na lâmina azulada. — Em nome de Crom, homem! Se não partir agora mesmo eu prometo inundar esta banheira com o sangue de sua tripulação!

O timoneiro sabia julgar as pessoas. Bastou um olhar mais atento para o rosto escuro e cicatrizado do espadachim, endurecido pela vida, para que ele gritasse uma ordem rápida, ao mesmo tempo em que empurrava com força contra os pilares de madeira do ancoradouro. A galé balançou e afastou-se da margem, enquanto os remos começavam o seu movimento rítmico. Então, um sopro de vento encheu a vela aberta no alto. O navio

leve arremessou para a frente e assumiu seu curso como um cisne, ganhando velocidade a cada instante.

No cais, os cavaleiros erguiam suas espadas ao alto e gritavam ameaças e ordens para que o barco regressasse, dizendo aos arqueiros para se apressar, antes que o navio se afastasse do alcance das flechas.

— Deixe que eles gritem, — disse o espadachim, sorrindo. — E procure manter o seu curso, timoneiro.

O timoneiro desceu do pequeno convés superior, passou por entre as duas filas de remadores e subiu para o convés intermediário. O estranho estava parado ali, de costas para o mastro, os olhos alertas e a espada em posição de prontidão. O marinheiro o examinou com o olhar, tomando todo cuidado para não fazer qualquer movimento brusco em direção à longa faca que trazia na cintura. O que tinha na sua frente era a figura de um homem alto, de físico avantajado, com uma armadura negra de malha metálica, longas botas polidas e um capacete de aço escuro muito brilhante, decorado com chifres de touro. A larga capa escarlate descia dos ombros protegidos pela armadura, e balançava na brisa do mar. Um cinturão largo, de couro cru, com uma enorme fivela dourada, segurava a bainha da espada que ele segurava. Debaixo do capacete de chifres, a cabeleira negra, cortada em quadrado, contrastava com seus brilhantes olhos azuis.

— Já que vamos viajar juntos, — disse o timoneiro, — é melhor que haja paz entre nós. Meu nome é Tito, mestre timoneiro licenciado nos portos de Argos. Estou a caminho de Kush, levando miçangas, seda, açúcar e espadas de cabo de metal para vender aos reis negros, em troca de marfim, azeite de coco, cobre, escravos e pérolas.

O espadachim olhou de volta para as docas que se afastavam depressa, e onde seus perseguidores continuavam gesticulando, alguns procurando encontrar um barco rápido o bastante para alcançar a ligeira galera.

— Sou Conan, da Ciméria, — respondeu ele. — Vim para Argos em busca de trabalho mas, como não estão em guerra, nada havia para eu fazer aqui.

— Por que os guardas o estão perseguindo? — perguntou Tito. — Não que os seus problemas sejam da minha conta, mas eu pensei que...

— Nada tenho a esconder, — interrompeu o cimério. — Em nome de Crom, quanto mais tempo eu passo entre vocês, pessoas civilizadas, menos consigo entender seus modos. Ontem à noite, em uma taverna, um capitão

da guarda real violentou a garota de um jovem soldado que, naturalmente, acabou com ele. Mas parece que existe uma maldita lei que impede de matar integrantes da guarda, de maneira que o rapaz e a moça resolveram fugir. Andaram dizendo que me viram com eles e, assim, fui levado ao tribunal, e o juiz me perguntou onde o rapaz estava escondido. Respondi que, sendo ele meu amigo, não poderia traí-lo. Ficaram com raiva, e o juiz fez um demorado discurso sobre a minha responsabilidade para com o Estado e a sociedade, e um monte de outras coisas que eu nem entendi. E acabou me ordenando a dizer para onde meu amigo tinha fugido. Ai eu também comecei a ficar com ódio, porque já explicara minha posição mais de uma vez. Mas procurei me controlar e fiquei calado. O juiz acabou achando que eu tinha desrespeitado a autoridade dele e que devia ser mandado para o calabouço e apodrecer lá até me decidir a trair meu amigo. Aí, vendo que todo o mundo estava contra mim, tirei a espada e arbentei a cabeça do juiz. E abri caminho para fora do tribunal. Quando vi o cavalo de um soldado amarrado ali perto, montei e fugi em disparada para o porto, onde esperava encontrar um navio zarpando para alguma terra bem distante.

— Muito bem, — respondeu Tito. — Os tribunais já me prejudicaram bastante nos processos que me moveram alguns comerciantes ricos, de maneira que não morro de amor por eles. Terei de responder a muitas perguntas se aportar de novo por aqui, mas não será difícil alegar que estou sendo forçado a ajudá-lo. É melhor você guardar a espada. Todos aqui somos marinheiros pacíficos, e não temos nada contra você. Além disso, há muitas vantagens em levar um guerreiro como você a bordo. Venha até o tombadilho da popa tomar um copo de cerveja comigo.

— Ótima idéia, — respondeu o cimério, guardando a espada na bainha.

O Argus era um navio pequeno e resistente, uma típica embarcação de carga que fazia comércio entre os portos de Zíngara e Argos e as costas do sul, navegando perto da costa e jamais se aventurando a entrar em mar aberto. Tinha uma popa elevada e a proa também alta e elegantemente curvada. O casco era largo no meio, e inclinava ligeiramente de uma ponta a outra. O leme era uma longa alavanca na popa, e a propulsão principal vinha de uma larga vela de seda listrada, ajudada por uma bujarrona. Os remos eram usados para sair de rios e baías, e durante as calmarias. Eram dez de cada lado, cinco à frente e os outros cinco atrás do pequeno convés central. A parte mais preciosa da carga ficava armazenada debaixo desse convés e do tombadilho. Os homens dormiam no próprio convés ou entre os

bancos dos remadores, protegidos por toldos de lona durante as tempestades. A tripulação completa era formada pelos vinte remadores, três marinheiros de proa e o mestre timoneiro.

Então o Argus navegou firme rumo ao sul, com tempo bom e ventos favoráveis. O sol brilhava dia após dia, fazendo aumentar cada vez mais o calor, e os toldos foram fechados. Eram peças de seda listrada que combinavam com as velas e com os apetrechos de metal dourado muito bem polido na proa e ao longo das laterais do casco.

Logo avistaram as costas de Shem, longas pradarias com pequenas colinas arredondadas, encimadas pelas torres brancas das cidades distantes, e cavaleiros com barbas negras e nariz muito comprido e curvo, parados ao longo da praia, examinando a galera com um ar de suspeita no olhar. O barco não baixou âncoras. Afinal, não havia grande possibilidade de lucro no comércio com os selvagens e cuidadosos filhos de Shem.

O mestre timoneiro Tito tampouco mandou baixar âncoras na grande baía onde o rio Styx despejava suas enormes cheias no oceano, e onde os castelos ébanos de Khemi pareciam gigantescos fantasmas à beira das águas azuis do mar. Nenhum navio entrava sem ser convidado nesse porto, onde feiticeiros de pele escura conjuravam suas magias envolvidos pela fumaça sacrificial que subia eternamente de altares manchados de sangue, sobre os quais eram sempre ouvidos os gritos desesperados de mulheres nuas e onde se dizia que Set, a Imortal Serpente, principal entidade demoníaca dos hiborianos mas deus dos estígios, retorce seus gigantescos anéis resplandecentes entre os seus adoradores.

Mestre Tito manteve-se à distância daquela baía sonolenta, de águas calmas, a salvo dos tiros de uma gôndola decorada com uma serpente na proa, que apareceu de trás de um ponto fortificado da terra, enquanto mulheres nuas, com grandes flores vermelhas nos cabelos, chamavam os seus marinheiros, com acenos e gestos ardentes e voluptuosos.

Já não se viam torres brancas erguendo-se no continente. Eles haviam passado pelas fronteiras do sul da Stygia, e agora navegavam ao longo das costas de Kush. O mar e os costumes do mar eram mistérios impenetráveis para Conan, cuja terra natal encontrava-se situada no meio das altas colinas das terras do norte. Por sua vez, o estrangeiro também despertava a curiosidade daqueles rústicos homens do mar, a maioria dos quais jamais vira uma pessoa de sua raça.

Aqueles eram típicos marinheiros de Argos, homens de baixa estatura e corpo bastante forte. Conan era mais alto do que todos eles, e nenhum tinha tanta força como ele. Os navegadores eram duros e robustos, mas Conan tinha a resistência e vitalidade de um lobo, e suas qualidades físicas e seus nervos de aço tinham a têmpera da vida difícil que levava pelas terras mais inóspitas do mundo. Ria com facilidade, mas era ainda mais fácil e terrível o seu ódio, quando provocado. Comia com voracidade, e tinha paixão e até fraqueza pelas bebidas fortes. De certo modo era ingênuo como uma criança, e não conhecia a sofisticação da civilização, mas era naturalmente inteligente, conhecia e sabia fazer valer os seus direitos, e podia ser considerado tão perigoso como um tigre faminto. Embora ainda jovem, mostrava toda a dureza de quem enfrentou muitas batalhas e aventuras, e sua maneira de vestir indicava ter passado por diversas terras diferentes. O capacete decorado com chifres de boi era do mesmo tipo usado pelos aesires de cabelos louros de Nordheim; as peças de proteção que usava no pescoço e nos tornozelos, em fina malha metálica, tinham sido feitas à mão em Koth; a armadura que protegia seus braços e pernas vinha da Nemédia; a lâmina que trazia pendurada à cintura era uma espada larga, originária da Aquilônia; e sua maravilhosa capa escarlate só poderia ter sido tecida em Ophir.

Eles continuavam navegando rumo ao sul, quando mestre Tito começou a procurar pelas aldeias de altas paliçadas dos povos negros. Mas só encontraram ruínas ainda fumegantes, nas praias de uma baía, coalhada de corpos negros, sem roupas. Tito amaldiçoou sua sorte.

— Já realizei excelente comércio com esta gente. O que estamos vendo só pode ter sido feito por piratas.

— E se nos encontrarmos com eles? — perguntou Conan, desatando a tira que prendia sua espada na bainha.

— Meu barco não está preparado para batalhas. Nós fugimos e não lutamos. Mas, se não tiver outro jeito... já enfrentamos esse tipo de ladrões antes, e talvez o façamos de novo. A menos que seja o Tigresa de Bêlit.

— Quem é Bêlit?

— A pior mulher que já pisou neste mundo. Se eu não estiver enganado, foram os carneiros dela que destruíram a aldeia na baía. Espero vê-la um dia enforcada num mastro bem alto. É chamada de Rainha da Costa Negra. Uma mulher shemita, que lidera piratas negros. Atacam e saqueiam os

barcos que navegam por aqui, e já mandaram muitos navegantes e comerciantes para o fundo do mar.

De baixo do tombadilho Tito trouxe alguns coletes acolchoados, capacetes de aço, arcos e flechas.

— Isto não vai adiantar muito se formos atacados, — ele resmungou. — Mas é contra a nossa natureza nos entregarmos sem lutar.

Foi ao raiar da aurora que a sentinela deu o aviso. Ao redor da extremidade arredondada de uma ilha, a estibordo, apareceu a forma longa e letal de uma galera que lembrava uma serpente esguia, com um convés elevado estendendo-se de popa a proa. Quarenta remos de cada lado a faziam deslizar rapidamente sobre a água, e suas laterais baixas estavam repletas de negros seminus, que cantavam e batiam suas lanças em escudos ovais. No mastro principal flutuava um longo pendão vermelho.

— É Bêlit! — gritou Tito, horrorizado. — Preparem-se! Vamos dar a volta e tentar entrar por aquele rio! Se conseguirmos chegar até lá antes que nos alcancem, teremos uma chance de escapar com vida!

Assim, com um giro rápido, o Argus correu na direção das ondas que quebravam ao longo da praia delimitada por uma linha de palmeiras, enquanto Tito andava a passos largos de um lado para outro, gritando ordens aos ofegantes remadores para que se esforçassem ainda mais. A barba negra do comandante parecia arrepiada, e seus olhos brilhavam assustados.

— Eu quero um arco! — gritou Conan. — Não considero o arco como arma de um homem de verdade, mas aprendi a atirar quando vivia entre os hirkanianos, e vai ser um desperdício eu morrer sem levar comigo pelo menos um ou dois daqueles malditos selvagens!

Em pé sobre a popa, ele ficou observando o barco com aparência de serpente que singrava as águas com grande leveza e rapidez. Embora pouco soubesse de navegação, estava claro para ele que o Argus jamais conseguiria ganhar aquela corrida. Já podia ver muitas flechas lançadas do convés dos piratas, as quais assobiavam no ar e caíam a menos de vinte passos atrás deles.

— Acho melhor nos prepararmos para o combate, — resmungou o cimério. — Do contrário, vamos todos morrer com as costas cheias de flechas, sem devolver um golpe sequer.

— Força nos remos, seus cães vadios! — berrou Tito, com os punhos cerrados. Os suados remadores gemiam, arquejando sobre os remos, com os

músculos formando verdadeiros nós de cãibra. As vigas de madeira da pequena e robusta galera rangiam sob o esforço sobre-humano dos homens, fazendo-a cortar à força as águas do mar. O vento tinha diminuído, e a vela estava vazia. Os inexoráveis perseguidores chegavam cada vez mais perto, e o Argus ainda estava a mais de uma milha da arrebentação quando um dos timoneiros auxiliares tombou ensangüentado pela lateral do barco, com uma longa flecha enfiada no pescoço. Tito correu para o lugar dele e Conan ergueu seu arco, abrindo as pernas fortes para equilibrar-se sobre o tombadilho. Já via com clareza os detalhes da expressão de cada um dos piratas. Os remadores deles estavam protegidos por uma linha de cobertura ao longo das laterais do casco do esguio barco, mas os guerreiros que dançavam sobre o estreito convés estavam bem à vista. Tinham o corpo pintado e enfeitado com penas, estavam seminus e erguiam no ar as suas lanças e os escudos manchados. Sobre a plataforma que se erguia na proa ele viu em pé uma figura magra, cuja pele branca destacava-se em franco contraste com os guerreiros da cor de ébano que a circundavam. Sem dúvida alguma, aquela era Bêlit. Conan esticou a corda do arco até a orelha. Então, o extremo capricho, ou talvez as náuseas que sentiu, deram-lhe firmeza nas mãos, e sua flecha voou para atravessar o corpo de um lanceiro alto, todo enfeitado de penas, que estava bem ao lado dela.

Cada vez mais próxima, a galé dos piratas estava alcançando sua presa. Uma verdadeira chuva de flechas caiu sobre o Argus, e os homens gritaram. Todos os tripulantes tombaram, com os corpos crivados de flechas, e Tito se viu sozinho no controle do barco, gritando palavrões de ódio, com as pernas em cãibra, usando o que ainda lhe sobrava de resistência física. Então, com um gemido, ele também tombou, com uma longa lança atravessada no coração. O Argus ficou desgovernado sobre as ondas. Os homens gritaram, confusos, e Conan assumiu o comando, de um jeito que lhe era peculiar.

— Vamos, rapazes! — ele gritou para os remadores. — Apanhem suas armas e vamos dar a esses cães o que eles querem, antes que cortem a garganta de todos nós! Não adianta continuar remando como loucos. Eles vão nos abordar antes que consigamos navegar mais cinqüenta metros!

Em desespero, os marinheiros abandonaram seus remos e agarraram as armas. Era uma atitude valente, mas inútil. Teriam tempo para lançar só uma flecha cada um, antes que os piratas caíssem sobre eles. Como não havia ninguém no leme, o Argus girou para um dos lados, e a proa do barco pirata, reforçada com uma chapa de aço, atingiu a parte central do seu

casco. Os ganchos de abordagem do Tigresa prenderam-se às pranchas de madeira de sua lateral. De cima do convés inimigo, os piratas negros lançaram uma descarga de lanças, as quais penetraram com facilidade nos coletes acolchoados dos marinheiros. Depois, carregando outras lanças, atiraram-se contra as vítimas para completar a carnificina. Sobre o convés do barco dos piratas contava-se meia-dúzia de guerreiros mortos, o heróico resultado da reação de Conan com seu arco.

A bordo do Argus o combate foi rápido e sanguinário. Os atarracados marinheiros, que não eram ameaça para os piratas de estatura elevada, foram mortos até o último homem. Mas, num determinado lugar do convés, a batalha tomava outro rumo. Instalado sobre o elevado tombadilho, Conan estava no mesmo nível do convés dos piratas. Quando a proa de aço batera contra o casco do Argus ele conseguira agarrar-se e manter-se em pé, atirando o arco para longe. Um enorme corsário lançou-se sobre o parapeito inimigo e foi atingido em pleno ar pela grande espada do cimério, que separou seu corpo em duas metades, de maneira que o tronco caiu para um lado, e as pernas para outro. Então, com uma explosão de fúria que deixou um rastro de corpos dilacerados ao longo do convés, Conan saltou sobre o parapeito e chegou ao convés do Tigresa.

Num instante ele tornou-se o centro de um furacão de lanças cortantes, em meio aos golpes de pesados bastões. Mas movia-se rápido, como o ofuscante brilho do aço de sua espada. As lanças quebravam contra sua armadura ou assobiavam no vazio do ar, enquanto a espada entoava seu canto de morte. Sobre ele pairava a loucura combativa de sua raça, e com uma cortina vermelha de fúria insensata cobrindo seus olhos ardentes, ele arrebatava crânios, despedaçava peitos fortes, arrancava membros, rasgava entranhas, transformando o convés num lúgubre depósito de miolos e de sangue.

Quase invulnerável em sua armadura, com as costas voltadas para o mastro, ele ia amontoando corpos mutilados aos seus pés, até que os inimigos recuaram, ofegantes de ódio e medo. Então, ao levantarem suas lanças para atingi-lo, ao mesmo tempo em que ele retesava seus músculos, pronto para saltar para a morte, um grito estridente fez congelarem os braços erguidos dos lanceiros. Ficaram todos como estátuas, os guerreiros negros preparados para atirar suas lanças, e o gigante de armadura com a espada derramando sangue.

Bêlit saltou na frente dos negros, derrubando suas lanças. Voltou-se para Conan, com os seios erguidos, os olhos brilhando intensamente. Grandes e terríveis dúvidas tomaram conta do seu coração. Diante dele estava um corpo esbelto de mulher, mais parecida com uma deusa. Era ao mesmo tempo maleável e voluptuosa. A única roupa que vestia era uma cinta larga, de seda. Seus membros brancos como o marfim e as curvas alvas de seus seios provocaram um choque de paixão que pulsou em suas veias, mesmo durante a ofegante fúria da batalha. A rica cabeleira negra, tão escura como uma noite estígia, caía em brilhantes cachos ondulados sobre suas costas macias. Os olhos negros pareciam queimar sobre o cimério.

Ela era tão indomável como o vento do deserto, delicada e perigosa como uma pantera. Aproximou-se dele, mostrando não temer a enorme espada, ainda manchada com o sangue de seus piratas. Ela chegou tão perto do alto guerreiro que seus quadris lisos e delicados esfregaram na lâmina. Seus lábios vermelhos se entreabriram quando seu olhar se fixou nos sombrios e ameaçadores olhos do cimério.

— Quem é você? — perguntou ela. — Por Ishtar, jamais vi alguém como você, apesar de ter navegado pelos mares desde as costas de Zíngara até o fogo do extremo sul. De onde você vem?

— De Argos, — respondeu Conan, preparado para qualquer possibilidade de um ataque traiçoeiro. Bastaria que as mãos delicadas fizessem um só movimento em direção ao punhal que ela levava na cinta de seda, para que um golpe de sua enorme mão aberta a derrubasse sem sentidos sobre o convés. Mas, no fundo do seu coração, ele não sentia medo. Já segurara tantas mulheres civilizadas e bárbaras em seus poderosos braços de guerreiro, que tinha certeza de reconhecer o fogo que ardia nos olhos daquela.

— Você não é nenhum hiboriano molóide, — exclamou ela. — É tão feroz e durão como um lobo cinzento. O seu olhar jamais foi ofuscado pelas luzes de uma cidade. Seus músculos nunca foram afrouxados pela vida entre paredes de mármore.

— Eu sou Conan, da Ciméria, — respondeu ele.

Para aquela gente dos climas exóticos, o norte era um reino confuso, meio mítico, habitado por gigantes ferozes, de olhos azuis, que ocasionalmente desciam de suas fortalezas geladas armados de tochas e espadas. Eles jamais haviam ido tão ao sul a ponto de chegar a Shem, e aquela filha de Shem não sabia distinguir entre os aesires, os vanires ou os

cimérios. Com o seu certo e elementar instinto feminino, ela sabia ter encontrado o seu amante, e a raça dele não tinha significado algum, embora transmitisse o fascínio de terras distantes.

— E eu sou Bêlit! — ela gritou, como alguém que diz: “*Eu sou rainha!*”. Abriu os braços e continuou: — Olhe para mim, Conan. Sou Bêlit, a rainha da Costa Negra. Ó tigre do norte, você é tão frio como as montanhas de neve que o viram crescer. Abrace-me e me possua com o seu amor ardente! Venha comigo para os confins da terra e os extremos do mar! Eu sou uma rainha pelo fogo, o aço e a morte. Seja você o meu rei!

O olhar dele percorreu os rostos dos piratas negros, à procura de alguma expressão de ódio ou ciúme. Não viu nada disso. A fúria desaparecera daquelas faces escuras. Ele entendeu que, para aqueles homens, Bêlit era mais do que uma mulher. Era uma deusa, cuja vontade não poderia ser questionada. Olhou então para o Argus, flutuando sobre o mar avermelhado, tombado para um dos lados, o convés alcançado pelas ondas, seguro pelos ganchos de abordagem do navio pirata. Seu olhar voltou-se para a praia azulada na distância, para a cerração esverdeada do oceano, para a vibrante figura que tinha à sua frente. E sua alma de bárbaro agitou-se dentro dele. Seria emocionante aventurar-se por aqueles ofuscantes reinos azulados com uma jovem pantera de pele tão branca, amar, sorrir, perambular pelo sul, e pilhar...

— Partirei com você, — resmungou ele, agitando da espada as últimas gotas de sangue.

Com uma voz tão vibrante como a corda de um arco, ela dirigiu-se a um dos seus:

— N’Yaga! Apanhe as ervas para curar as feridas de seu mestre! Os outros tragam a bordo os espólios do combate e vamos partir.

Enquanto Conan permanecia sentado de costas para a grade de proteção do tombadilho, e o velho xamã cuidava dos cortes que ele tinha nas mãos, nos braços e nas pernas, a carga do malfadado Argus era rapidamente transferida para o Tigresa e armazenada em pequenas cabines no porão. Os corpos dos membros da tripulação e dos piratas mortos foram atirados ao mar e ali mesmo devorados pelos tubarões, enquanto os negros feridos recebiam os curativos necessários. Então, os ganchos de abordagem foram retirados. E enquanto o Argus mergulhava silenciosamente nas águas

manchadas de sangue, o Tigresa partia em direção ao sul, em meio ao barulho ritmado dos remos que o impulsionavam.

Com a partida do delgado barco pelas espelhadas águas azuis, Bêlit veio para o tombadilho. Seus olhos brilhavam com a intensidade dos olhos de uma pantera no escuro, quando ela arrancou os ornamentos, as sandálias e o cinturão de seda, para lançar tudo aos pés de Conan. Levantando o corpo sobre as pontas dos pés, os braços erguidos ao alto, transformou-se em uma trêmula e delicada coluna branca, e gritou para a multidão de piratas:

— Lobos do mar azul, observem agora a dança de acasalamento de Bêlit, cujos pais foram os soberanos de Asgalun!

E ela dançou, girando como os ventos do deserto, saltando como uma labareda impossível de apagar, como o desejo da criação e o ímpeto da morte. Seus pés brancos pareciam cobrir de desprezo o convés manchado de sangue, e os moribundos esqueceram-se da morte, com os olhos vidrados sobre ela.

Então, enquanto as estrelas brancas já começavam a tremer no aveludado firmamento, acima do poente, fazendo o delicado corpo branco parecer apenas uma disforme mancha de marfim flutuando no ar, ela atirou-se aos pés de Conan com um grito selvagem. A cegueira transbordante do desejo que dominara o cimério tomou conta de todos os seus sentimentos, e ele esmagou o corpinho arquejante contra a malha que lhe protegia o peito.

## II

### *A Lótus Negra*

*Em meio aos escombros da cidadela morta*

*Seu olhar foi tomado pelo brilho do mal.*

*E uma estranha loucura agarrou-me a garganta*

*Como se ameaçada por um amante rival.*

*- A canção de Bêlit*

O Tigresa percorria os mares, e as aldeias negras tremiam. O som dos tambores ecoava pela noite, contando que a mulher-demônio dos mares tinha encontrado um par, um homem de ferro cuja ira era pior do que a de um leão ferido. E os sobreviventes dos navios estígios que haviam destruído, amaldiçoavam o nome de Bêlit e o guerreiro branco de frios olhos azuis.

Assim, os príncipes da Stygia lembrar-se-iam desse homem por muito e muito tempo, e suas lembranças seriam amargas, tingidas de vermelho, durante gerações inteiras.

Despreocupado como o vento do verão, o Tigresa singrou os mares pelas costas do sul, até ancorar no delta de um rio largo e sombrio, cujas margens eram cobertas de densas florestas e de grandes mistérios.

— Este é o rio Zarkheba, que significa Morte, — disse Bêlit. — Suas águas estão envenenadas. Está vendo como elas são escuras? Apenas os répteis venenosos conseguem viver neste rio. O povo negro o evita a todo custo. Uma vez, um navio estígio que fugia de mim, entrou por aí e desapareceu. Eu ancorei aqui mesmo onde estamos e, depois de vários dias, a galera veio flutuando pelas águas escuras, deserto e com o convés todo manchado de sangue. Só havia um homem a bordo, mas tinha enlouquecido e morreu dizendo coisas sem sentido. A carga estava intacta, mas toda a tripulação desaparecera no mais completo silêncio e mistério. Meu amor, eu acredito que existe uma cidade em algum lugar, à beira deste rio. Já ouvi lendas sobre gigantescas torres e muralhas, que teriam sido vistas de longe por marinheiros que se arriscaram a entrar pelo rio. Nós não temos medo de coisa alguma. Conan, por que não vamos pelo rio para saquear essa cidade?

Conan concordou. De um modo geral, aceitava tudo o que ela dizia. Era a mente dela que dirigia todos os ataques que faziam, e seu braço forte executava todas as idéias dela. Pouco lhe importava para onde navegavam

ou contra quem lutavam, desde que continuassem viajando e fazendo guerra. Ele gostava daquela vida.

As batalhas e os ataques constantes tinham reduzido bastante a tripulação do navio pirata. Agora restavam apenas uns oitenta lanceiros, número apenas suficiente para manter em operação o longo barco. Mas Bêlit não queria perder o tempo necessário para a longa viagem em direção ao sul, para os reinos onde costumava recrutar seus bucaneiros. Seu coração ardia de vontade de partir para aquela aventura. Assim, o Tigresa entrou pelo delta do rio, com os remadores puxando forte para vencer a correnteza de águas escuras.

Fizeram a misteriosa curva que escondia o restante do rio da vista de quem se encontrava no mar, e o crepúsculo os encontrou navegando firme contra a correnteza lenta, evitando os bancos de areia onde estranhos répteis se aninhavam. Não viram sequer um crocodilo, nem animais de quatro patas ou pássaros bebendo à beira daquele rio. Continuaram adiante pela escuridão que precedeu o surgimento da lua no céu, passando entre as margens que mais pareciam sólidas muralhas de escuridão, de onde se ouviam estranhos murmúrios e passos furtivos, e onde brilhavam olhares repugnantes.

Ouviu-se de repente o grito de uma voz inumana, que parecia estar zombando deles. Bêlit informou que se tratava do grito de um macaco, acrescentando que as almas dos homens maus eram aprisionadas nesses animais de forma quase humana como castigo por seus crimes do passado. Mas Conan não acreditou, porque uma vez, numa cidade hirkaniana, ele vira o olhar triste de um animal aprisionado em uma jaula de barras douradas, que lhe disseram ser um macaco, e que não transmitia nem parecia ter a mesma malevolência que vibrava no riso estridente que ecoava daquela floresta escura.

Quando a lua surgiu foi como um facho de sangue no céu, e toda a floresta pareceu receber o luar como algo que penetra sem permissão numa terra de loucura, dominada pela escuridão. Urros, berros e gritos fizeram os guerreiros negros tremer de medo. Mas Conan notou que todo o barulho vinha de algum lugar mais para dentro da floresta, como se os animais, assim como os homens, também evitassem as águas escuras do Zarkheba. Erguendo-se sobre a densa e negra camada de árvores, acima dos galhos agitados pelo vento, a lua lançou sua luz prateada sobre as águas, que passaram a refletir os pequenos pontos cintilantes que se abriam como uma

estrada, iluminada pelo brilho de milhões de jóias preciosas. Os remos mergulhavam nas águas brilhantes e tornavam a subir, refletindo o luar prateado. As plumas que enfeitavam as cabeças dos guerreiros balançavam ao vento, ao mesmo tempo em que reluziam as lâminas e os cabos metálicos de suas lanças e espadas.

A luz fria do luar arrancou reflexos das jóias das mechas negras dos cabelos de Bêlit, deitada sobre uma pele de leopardo esticada sobre o convés. Com o delicado corpo apoiado sobre os cotovelos, o queixo seguro pelas mãos finas, ela olhava para Conan, que descansava ao seu lado com a cabeleira negra solta na brisa leve da noite. Os olhos de Bêlit pareciam duas jóias negras ardendo ao luar.

— Estamos cercados de terror e mistério, Conan, e navegamos na direção do reino do horror e da morte, disse ela. — Você tem medo? — A única resposta dele foi um movimento dos ombros. E ela continuou, com uma expressão de meditação: — Não temo coisa alguma. Jamais senti medo. Muitas e muitas vezes me vi frente a frente com a morte. Conan, você teme os deuses?

— Não me atreveria a pisar nas sombras deles, — respondeu o bárbaro, em tom conservador. — Alguns deuses fazem tudo para nos ferir, outros para nos ajudar. Pelo menos é o que dizem os sacerdotes. Mitra, dos hiborianos, deve ser um deus forte, porque seu povo espalhou cidades pelo mundo inteiro. Mas, mesmo os hiborianos temem Set. E Bei, deus dos ladrões, é um bom deus. Ouvei falar dele quando eu era ladrão, em Zamora.

— E quanto aos deuses de seu povo? Jamais o ouvi chamar um deles.

— O principal é Crom, que mora em uma grande montanha. Que adianta chamar por ele? Crom pouco se importa se os homens vivem ou morrem. É melhor ficar em silêncio do que atrair sua atenção sobre nós. Ele só nos manda a destruição, e não a boa sorte. É severo e sem amor mas, no momento do nascimento, sopra o poder de lutar e de matar, na alma do homem. O que mais poderiam os homens querer dos deuses?

— Mas, e os mundos que existem depois da morte? — insistiu ela.

— Não existe esperança, aqui ou no além, segundo o culto do meu povo, — respondeu Conan. — Neste mundo os homens lutam e sofrem por nada, encontrando prazer apenas na ofuscante loucura da batalha. Ao morrerem, suas almas entram em um reino cinzento e enevoado, coberto de nuvens e ventos gelados, para ficarem vagando sem esperança alguma por toda a eternidade.

Bêlit sentiu um arrepio.

— A vida, por pior que seja, é muito melhor do que um destino desses. Em que é que você acredita, Conan?

Ele encolheu os ombros, e respondeu:

— Já conheci muitos deuses. Aquele que nega a sua existência é um cego, assim como todo aquele que confia demais neles. Não me importo com o que existe além da morte. Tanto pode ser a escuridão em que acreditam os cétricos nemédios, como o reino de gelo e nuvens onde vive Crom, como as planícies geladas e os corredores fechados da Valhalla em que acredita o povo de Nordheim. Eu não sei, nem me importo. Só quero viver intensamente enquanto posso. Quero experimentar os ricos sucos da carne vermelha e o vinho picante no meu paladar, o aperto quente de braços brancos como o marfim, a loucura do triunfo na batalha, quando as lâminas azuladas queimam e são tingidas de vermelho. Isso é o suficiente para eu me alegrar. Que os mestres, os sacerdotes e os filósofos meditem sobre as questões de realidade e ilusão. Uma coisa eu sei: se a vida é ilusão, eu também sou uma ilusão e, sendo assim, a ilusão é real para mim. Eu vivo, estou cheio de vida, eu amo, eu mato, e sou feliz assim.

— Mas os deuses são reais! — disse ela, continuando em sua própria linha de raciocínio. — E acima de tudo são reais os deuses dos shemitas: Ishtar e Ashtoreth, Derketo e Adónis. Bei também é shemita, pois nasceu na primitiva terra de Shumir, há muito, muito tempo, e viveu sorrindo, com a barba encaracolada e olhos espertos e inocentes como os de uma criança, roubando as jóias dos reis dos tempos antigos. Existe vida depois da morte, isso também eu sei, Conan da Ciméria. — Com agilidade ela se apoiou nos joelhos e o agarrou num abraço tão apertado como o de uma pantera. E continuou: — Meu amor é mais forte do que qualquer tipo de morte! Eu me coloquei nos seus braços, arquejando com a violência do seu amor. Você me agarrou, me apertou e me conquistou, puxando minha alma para os seus lábios com a ferocidade de seus beijos ardentes. Meu coração está colado ao seu coração, minha alma é parte de sua alma! Se eu estivesse imóvel na morte e você lutando pela vida, eu voltaria do abismo para ajudá-lo. Sim, mesmo que meu espírito flutuasse com as velas purpúreas do mar de cristal do paraíso, ou se debatesse nas eternas labaredas do Inferno! Eu sou sua, e nem todos os deuses e todas as suas eternidades jamais serão capazes de nos separar!

Um grito partiu do posto da sentinela, na proa. Empurrando Bêlit para o lado, Conan levantou-se de um salto, com a espada erguida brilhando ao luar, os cabelos eriçados diante do que via. O guerreiro negro balançava sobre o convés, apoiado no que parecia ser um tronco de árvore macio e escuro, curvado sobre o parapeito. Então ele percebeu que se tratava de uma gigantesca serpente, que havia escorregado silenciosamente pela lateral do barco e agarrado o infeliz guerreiro em suas mandíbulas. Suas escamas encharcadas brilharam em sequência, iluminadas pelo luar de prata, no momento em que o monstro levantou sua parte anterior bem acima do convés, segurando a vítima que gritava e se debatia como um rato nas mandíbulas de uma sucuri. Conan correu para a proa brandindo sua pesada espada no ar, e quase conseguiu separar em dois pedaços o gigantesco tronco, cujo diâmetro era maior do que o do corpo de um homem. O parapeito do barco encheu-se de sangue quando o moribundo monstro balançou para longe, ainda segurando sua vítima, para mergulhar no rio, uma espiral após a outra, formando uma espuma ensanguentada sobre a água, na qual a serpente e o homem desapareceram juntos.

A partir desse momento Conan decidiu ficar ele próprio como sentinela, mas nenhum outro monstro apareceu das profundezas escuras do rio. Ao anunciar-se o amanhecer do dia, ele viu as pontas brancas de torres que se projetavam acima das árvores. Chamou Bêlit, que dormia no convés, enrolada na capa escarlate de Conan. Ela correu para seu lado, com os olhos vermelhos. A primeira coisa que fez foi gritar um par de ordens a seus guerreiros, no sentido de prepararem seus arcos e flechas. Então, os seus olhos apaixonados se arregalaram.

Foi apenas o fantasma de uma cidade que eles viram, quando passaram adiante de uma saliência do terreno, coberta por uma floresta espessa, e seu barco dirigiu-se para a pequena baía que se formava na praia. O mato e uma luxuriante grama do rio cresciam por entre as pedras dos pilares quebrados e das calçadas arrebatadas que, no passado, tinham sido ruas, praças espaçosas e amplos pátios. A floresta vinha de todos os lados, menos da direção do rio, escondendo colunas caídas e paredes desintegradas com uma densa e venenosa vegetação verde. Aqui e ali viam-se torres salientes, que pareciam cambalear inseguras em contraste com o céu brilhante da manhã, assim como pilares quebrados, sobressaindo-se entre as paredes em decomposição. No espaço central, uma pirâmide de mármore tinha no seu pináculo uma fina coluna, em cujo ponto mais alto estava sentada ou

agachada alguma coisa que Conan imaginou ser uma imagem, até que sua vista aguçada conseguiu perceber que ela tinha vida.

— É um grande pássaro, — disse um dos guerreiros, em pé na proa.

— É um monstruoso morcego, — insistiu outro.

— Parece ser um macaco, — afirmou Bêlit.

Nesse instante a criatura abriu suas grandes asas e voou para o meio da floresta.

— Um macaco com asas, — disse nervoso o velho N'Yaga. — Teria sido melhor se tivéssemos cortado nossas próprias gargantas, ao invés de vir a este lugar. É assombrado.

Bêlit zombou das superstições do velho xamã e ordenou que o barco fosse levado para a praia e amarrado ao cais em ruínas. Ela foi a primeira a saltar à praia, seguida de perto por Conan.

Depois deles vieram em fila os piratas de pele negra, com seus enfeites de penas brancas ondulando sob a brisa da manhã, as lanças prontas para o combate e os olhos examinando cuidadosamente cada centímetro da floresta ao redor.

Em todo aquele cenário predominava um silêncio tão sinistro como o de uma serpente adormecida. Bêlit colocou-se em posição no meio das ruínas, e a vida vibrante de sua figura delicada formou um estranho contraste com a desolação e a decadência que havia ao seu redor. O sol ardeu devagar e mal-humorado sobre a floresta, inundando as torres com uma luz dourada e fraca que projetava sombras ao lado das paredes vacilantes. Bêlit apontou então para uma torre estreita que parecia cambalear sobre sua base apodrecida. Um amplo caminho de pedras rachadas, quase cobertas para a grama, levava até essa torre, cercada de colunas caídas. Na frente destacava-se um enorme altar. Bêlit correu por aquele caminho primitivo e parou diante do altar.

— Este era o templo dos antigos, — disse ela. — Veja: existem canais para o sangue ao longo das laterais do altar, e nem as chuvas de milhares de anos conseguiram lavar as manchas escuras que foram deixadas ali. Todas as paredes tombaram, mas este bloco de pedra ainda desafia o tempo e os elementos da natureza.

— Mas, quem eram os antigos? — perguntou Conan. Ela abriu as mãos indicando não saber explicar.

— Nem mesmo as lendas falam a respeito desta cidade. Mas, observe os buracos que parecem alças, dos dois lados do altar! Os sacerdotes

costumam esconder os seus tesouros debaixo dos altares. Quatro de vocês agarrem a pedra e vejam se conseguem levantá-la.

Ela se afastou para lhes dar passagem, observando a torre que parecia cambalear acima do grupo. Três dos mais fortes guerreiros negros agarraram a pedra pelos buracos que tinha, e que pareciam inadequados para mãos humanas. Então Bêlit deu um salto para trás, com um grito estridente. Eles ficaram congelados nos seus lugares e Conan, que se curvara para ajudá-los, virou-se praguejando.

— Há uma cobra na grama, — disse ela, afastando-se. — Venha matá-la. Os outros continuem tentando erguer a pedra.

Conan veio depressa para junto dela, e outro guerreiro negro tomou o seu lugar. Enquanto ele procurava impacientemente pela serpente na grama, os gigantes negros apoiaram seus pés, gemeram e fizeram força para cima, com seus tensos músculos de aço puxando forte sob a pele cor de ébano. O altar não se levantou do chão, mas girou de repente para um dos lados. Ao mesmo tempo ouviu-se no alto o barulho de pedra moendo, e a torre despencou, cobrindo os quatro homens negros com os restos quebrados de alvenaria.

Um grito de horror levantou-se dentre os outros guerreiros. Os dedos finos de Bêlit afundaram nos músculos dos braços de Conan. E ela sussurrou:

— Não vi serpente alguma. Foi um truque para chamar você para o meu lado. Eu fiquei com medo. Os antigos guardavam muito bem os seus tesouros. Vamos remover aquelas pedras.

Trabalhando sem parar eles removeram as pedras da torre caída e tiraram dali os corpos mutilados dos quatro homens. Por baixo deles, manchada com o seu sangue, os piratas encontraram uma cripta entalhada na rocha sólida. O altar, apoiado por um dos lados com hastes de pedra e encaixes, tinha sido usado como tampa. A primeira vista, a cripta parecia estar cheia até à boca com uma espécie de fogo líquido, resultado do reflexo da luz pálida do sol nascente sobre um milhão de facetas reluzentes. Uma riqueza incalculável surgia aos olhos dos boquiabertos piratas: brilhantes, rubis, jaspes, safiras, turquesas, pedras-da-lua, opalas, esmeraldas, ametistas, e outras tantas pedras desconhecidas que brilhavam como os olhos de mulheres malvadas. A cripta estava cheia até à boca com reluzentes pedras preciosas que o brilho do sol da manhã parecia transformar em chamas ardentes. Com um grito de surpresa Bêlit caiu de joelhos no meio do

entulho manchado de sangue sobre a beirada da cripta, e enfiou os braços brancos até os ombros na quela pequena piscina de esplendor. Retirou-os logo depois, segurando alguma coisa que provocou outro grito de sua boca: uma longa carreira de pedras vermelhas que mais pareciam gotas de sangue congelado, enfileiradas em um grosso fio de ouro. Ao refletir a luz dourada do sol, seu brilho ficou ainda mais semelhante ao do sangue.

Os olhos de Bêlit eram como os de uma pessoa hipnotizada. A alma shemita deixa-se facilmente inebriar pela riqueza e o esplendor material, de maneira que a visão poderia ter sacudido a alma de qualquer imperador de Shushan.

— Retirem as jóias da cripta, seus cães vadios! — Sua voz era aguda e penetrante, por causa da emoção que sentia.

— Olhem! — Um musculoso braço negro apontou na direção do Tigresa e Bêlit virou-se de repente, com os dentes cerrados como se esperasse ver algum corsário rival atacando para saquear o que ela estava pilhando. Mas uma criatura negra levantou-se de cima da lateral do casco do navio, voando para o meio da floresta.

— O macaco-demônio estava investigando nosso navio, — resmungaram os negros, assustados.

— E o que importa isso? — respondeu Bêlit blasfemando, puxando e empurrando para o lado uma mecha rebelde dos cabelos, com a mão impaciente. — Façam uma maca com lanças e capotes para carregar estas pedras... Ei, onde é que você vai?

— Vou examinar o navio, — respondeu Conan. — Preciso verificar se aquele macaco voador não fez nenhum buraco no fundo do barco.

Ele correu pela superfície de pedras arrebatadas do cais e saltou para dentro da galera. Depois de um rápido exame da parte interna do casco ele praguejou com violência, lançando um olhar sombrio na direção da floresta onde desaparecera a criatura com aparência de morcego. Voltou depressa para o lado de Bêlit, que se ocupava de supervisionar a pilhagem da cripta. Ela colocara o colar ao redor do pescoço, e aquelas gotas vermelhas brilhavam de um modo estranho sobre o seu peito branco. Um enorme guerreiro negro estava enterrado quase até a cintura, dentro da cripta cheia de jóias, arrastando montes de pedras brilhantes com os dois braços, e depois passando-as para os outros. Pequenos pedaços de arco-íris escorregavam de suas mãos, cheias de reluzentes pedras de todas as cores.

Era como um gigante negro, de pernas abertas, enterrado no fosso aceso do inferno, com as mãos erguidas, cheias de estrelas.

Ao voltar para junto do grupo, Conan disse:

— Aquele demônio voador arreventou os nossos barris de água potável. Se não estivéssemos tão hipnotizados por essas pedras nós teríamos ouvido o barulho. Foi tolice de nossa parte não deixar pelo menos uma sentinela a bordo. Não vamos poder beber da água do rio. Então vou escolher vinte homens e sair em busca de água fresca na floresta.

Bêlit olhou para ele casualmente, refletindo na expressão o ardor de sua estranha paixão pela riqueza, e esfregando com as pontas dos dedos as pedras do colar que usava.

— Está bem, — ela disse distraída, como se não tivesse entendido. — Tratarei de carregar o tesouro a bordo.

\* \* \*

A floresta fechou-se depressa sobre eles, mudando a luz do sol, de dourada para cinzenta. Nos galhos curvados viam-se diversos tipos de trepadeiras que mais pareciam cobras dependuradas. Os guerreiros formavam fila única, rastejando pelo lusco-fusco primordial como fantasmas negros acompanhando um grande espírito branco.

A mata rasteira não era tão densa como Conan havia imaginado a princípio. O solo era bastante úmido, mas não estava encharcado. Longe do rio, a terra mostrava uma ligeira inclinação para cima. Eles foram penetrando cada vez mais nas profundezas verdes da floresta, sem encontrar sinal algum de água, em forma de regato ou de poça estagnada. De repente, Conan parou e seus guerreiros ficaram imóveis como estátuas de pedra. No tenso silêncio que se seguiu, o cimério balançava a cabeça com irritação.

— Passe com o grupo na minha frente, — ordenou a N’Gora, um dos sub-chefes dos piratas. — Caminhe em linha reta até que não possa me ver mais. Depois pare e espere por mim. Acho que estamos sendo seguidos. Ouvi alguma coisa lá atrás.

Os negros balançaram a cabeça, demonstrando nervosismo, mas obedeceram a ordem. Quando marcharam adiante, Conan escondeu-se depressa atrás do tronco de uma árvore enorme, com os olhos fixos no caminho por onde haviam passado. Esperava que qualquer coisa surgisse pela trilha, mas nada aconteceu. Os passos dos lanceiros marchando pela

mata logo desapareceram na distância. Conan percebeu então que o próprio ar da floresta estava impregnado com um cheiro exótico e estranho. Alguma coisa tocou de leve em sua têmpora. Ele virou rápido. No meio de um ramallete verde, alguns talos com umas folhas curiosas pareciam acenar para ele. Um daqueles talos o havia tocado. Era como se lhe fizessem sinais, curvando as hastes flexíveis na direção dele. Abriam-se e emitiam um tipo estranho de murmúrio, embora não houvesse vento.

Conan recuou, reconhecendo a lótus negra, cuja seiva era mortal e cujo aroma levava ao sono povoado de pesadelos. E já sentia uma sutil letargia apossando-se dos seus sentidos. Tentou apanhar a espada para cortar aquelas hastes diabólicas, mas seu braço parecia estar adormecido. Abriu a boca para gritar e pedir socorro aos guerreiros, mas só conseguiu produzir um sussurro. No instante seguinte, de um modo totalmente inesperado, a floresta balançou e escureceu diante dos seus olhos. Ele nem ouviu os gritos horríveis que explodiram ali perto, quando os seus joelhos se dobraram, deixando-o cair mole no chão. Acima de seu corpo inerte, as grandes hastes negras continuavam balançando no ar.

### III

## *Horror na Floresta*

*Caí num sonho que a lótus negra produziu?*

*Maldito o sonho que tornou-me a vida indolente,*

*Maldita cada hora preguiçosa que não viu  
o sangue a pingar da faca vermelha e quente*

*- A Canção de Bêlit*

A princípio manifestara-se a escuridão do mais absoluto vazio, com os ventos gelados do espaço cósmico soprando sobre ela. Depois, formas vagas, monstruosas e esvanecentes, envoltas num panorama embaçado no meio da vastidão do nada, como se a escuridão estivesse assumindo formas materiais. Os ventos tinham soprado e formado um redemoinho, uma pirâmide giratória de escuridão barulhenta. Do meio dela haviam surgido a forma e a dimensão. De repente, como as nuvens dispersando-se no céu, a escuridão afastara-se para os lados e uma enorme cidade de pedras manchadas de um verde profundo aparecera à margem de um rio muito largo, que corria por uma planície ilimitada. Pelas ruas da cidade começaram a andar criaturas com uma aparência bastante estranha.

Embora tivessem uma vaga semelhança com seres humanos, não eram homens. Tinham asas, e sua estatura era fora do comum. Por certo não representavam um ramo da evolução que havia culminado no homem, mas um galho de uma árvore alienígena, separada e distante do ramo humano. Além de serem dotados de asas, sua única semelhança física com o homem poderia ser comparada com a semelhança entre o homem, plenamente desenvolvido, e os grandes macacos. Em sua condição espiritual, estética e intelectual, eram superiores ao homem, do mesmo modo que o homem é superior aos gorilas. Mas, no momento em que haviam construído sua colossal cidade, os ancestrais primitivos do homem ainda não tinham surgido do lodo dos mares primordiais.

Eram criaturas mortais, como todas as coisas feitas de carne e ossos. Viviam, amavam e morriam, embora a média de duração da vida individual fosse enorme. Então, depois de incontáveis milhões de anos, a grande mudança havia começado. Todo o quadro tremia e oscilava, como uma folha atirada ao vento. Sobre a cidade e a terra as eras tinham fluído como ondas sobre uma praia, e cada onda trouxera novas mudanças. Em algum

ponto do planeta os centros magnéticos tinham sido deslocados. As grandes geleiras e os campos nevados foram retirando-se para os novos polos.

Fora alterado o curso do grande rio. As planícies haviam sido transformadas em pântanos repletos de vida réptil. Nos pontos onde se haviam formado férteis campinas, acabaram crescendo as matas, que logo tinham sido transformadas em densas florestas. As eras de mutação também tinham afetado os habitantes das cidades. Eles não migraram para terras virgens. Por razões inexplicáveis em termos humanos, haviam resolvido permanecer nas primitivas cidades para esperar pelo destino final. Assim, enquanto aquela terra antes rica e poderosa afundava cada vez mais na lama negra da mata sombria, o povo da cidade também mergulhava no caos da suja vida da floresta. Convulsões terríveis tinham sacudido a terra. As noites foram iluminadas pelas violentas explosões dos vulcões que formavam nos horizontes gigantescos pilares de lava incandescente.

Depois de um terremoto que derrubara as muralhas externas e as mais altas torres da cidade, transformando as águas do rio em uma enchurrada negra durante vários dias, com uma substância letal escapando das profundezas subterrâneas, uma pavorosa mudança química tornara-se aparente nas águas que as pessoas tinham bebido durante milhões e milhões de anos.

Muitos que beberam dela tinham encontrado a morte. Os que sobreviveram tiveram de passar por mudanças sutis, graduais e assustadoras. No processo de adaptação às novas condições, eles haviam baixado muito do seu nível original. Mas as águas letais os haviam transformado ainda mais profundamente, de geração para geração. Aqueles que tinham sido deuses alados, tinham-se tornado demônios incapazes de voar, com tudo o que restara dos vastos conhecimentos dos seus ancestrais sendo distorcido e pervertido para os horríveis propósitos do mal. Assim como haviam alcançado um nível muito mais elevado do que qualquer ser humano poderia sonhar, também acabaram mergulhando mais fundo do que jamais poderia ser visto nos piores e mais loucos pesadelos humanos. Morriam depressa, como resultado do canibalismo, e incessantes batalhas tinham sido travadas na escuridão da floresta sombria. Por fim, no meio das ruínas de sua cidade, encobertas pela mata, uma única criatura restara, uma decadente e horrível perversão da natureza.

Então, pela primeira vez, tinham aparecido os seres humanos. De pele escura e expressões selvagens, usando armaduras de cobre e de couro,

carregando arcos, flechas e lanças: eram os guerreiros da Stygia pré-histórica. Somavam apenas cinquenta indivíduos, magros e esqueléticos por causa da fome e do esforço prolongado, arranhados e machucados por terem vagado pela floresta, o corpo coberto de bandagens ensanguentadas que davam testemunho de sua participação em violentas batalhas. Em suas mentes traziam histórias de guerras e derrotas, da fuga frente a uma tribo mais forte que os tinha forçado a ir cada vez mais para o sul, até que se haviam perdido no oceano verde da floresta e do rio escuro.

Exaustos, eles deitaram-se entre as ruínas, onde botões vermelhos que apareciam apenas uma vez a cada século dançavam sob a luz da lua cheia, e foram tomados pelo sono. Enquanto dormiam, uma criatura medonha rastejou das sombras, com os olhos muito vermelhos, e celebrou estranhos e horrorosos rituais ao redor e por cima deles, pintando a floresta com várias tonalidades das cores vermelha e preta. Por cima dos homens adormecidos os botões vermelhos brilhavam como grandes manchas de sangue. Aí a lua se escondeu, e os olhos do feiticeiro transformaram-se em perfeitas esferas vermelhas, como jóias contrastando com a negra escuridão da noite.

Quando a aurora espalhou o seu véu branco sobre o rio, já não haviam homens à vista. Apenas uma criatura horrorosa, peluda e alada, agachada no centro de um círculo de cinquenta hienas pintadas, todas apontando os focinhos trêmulos para o céu e urrando como almas perdidas no inferno.

A partir desse momento, uma cena seguiu-se à outra, e com tamanha rapidez que cada uma parecia tropeçar nos calcanhares da anterior. Houve uma grande confusão de movimentos, uma mescla de luz e sombras frente ao cenário da floresta escura, das ruínas de rochas esverdeadas e do rio de águas sujas. Homens negros apareceram pelo rio, em longos barcos enfeitados com caveiras sorridentes na proa, ou estavam abaixados, escondidos no meio das árvores, de lança na mão. Na escuridão eles fugiram de um par de olhos vermelhos e presas ameaçadoras. Os horríveis berros de homens enfrentando a morte sacudiram as sombras. Passos silenciosos encheram as trevas, e um par de olhos de vampiro acendeu-se como duas brasas em pleno ar. Houve uma seqüência de horríveis banquetes à luz da lua, diante de cujo disco vermelho uma sombra semelhante à de um morcego flutuava sem cessar.

Mas, de repente, desenhada em claro contraste com essas imagens impressionistas, ao redor de uma colina coberta pela floresta, iluminada pela luz embranquecida da aurora, surgiu uma longa galera, apinhada de

enormes figuras negras, lideradas por um gigante de pele branca e armadura de aço, em pé na proa.

Foi nesse instante que Conan percebeu que estava sonhando. Até aquele momento não tinha tido consciência de sua existência como indivíduo. Mas, ao ver sua própria imagem caminhando sobre o convés do Tigresa, ele reconheceu a existência e o sonho que vivia, muito embora não tivesse ainda despertado.

Ainda durante o sonho, a cena mudou rapidamente para uma clareira na floresta, onde N’Gora e dezenove outros lanceiros negros estavam parados, como se esperassem por alguém. Ao dar-se conta de que era por ele que esperavam, uma coisa horrorosa baixou do céu, e sua impassividade foi rompida por gritos de pavor.

Como homens enlouquecidos pelo medo, eles atiraram para longe as suas armas e correram desesperados pela floresta, seguidos de perto pela monstruosidade voadora que batia suas asas sobre eles.

O caos e a confusão seguiram-se a essa visão, durante a qual Conan fez um enorme esforço para despertar. Vagamente via a imagem de seu próprio corpo deitado sobre um ramallete de flores negras, enquanto uma figura medonha vinha do meio dos arbustos, arrastando-se em sua direção. Com um esforço selvagem ele conseguiu romper os invisíveis laços que o mantinham preso ao seu sonho, e levantou-se de um salto.

Foi com um olhar desnordeado que procurou entender onde estava. Ao seu lado balançavam os ramos da lótus negra, que ele imediatamente afastou do rosto.

No solo úmido, não muito longe dele, viu uma pegada, como se um animal tivesse colocado a pata para fora dos arbustos para sair dali, recuando de novo para o esconderijo. Parecia a marca da pata de uma hiena incrivelmente grande.

Ele gritou o nome de N’Gora. O mais absoluto silêncio reinava sobre a floresta, fazendo seus gritos parecessem vazios e inseguros, como uma espécie de zombaria. Ele não conseguia ver o sol, mas sua longa experiência de vida nos espaços abertos indicava que o dia estava chegando ao fim. Ficou preocupado, quando pensou que tivesse ficado inconsciente durante muitas horas. Rapidamente procurou seguir a trilha deixada pelos lanceiros, que era bastante clara na terra úmida à sua frente. Os rastros seguiam em fila única, e não demorou para Conan chegar a uma clareira. Ali ele parou de repente, sentindo um calafrio na espinha ao reconhecer

naquele lugar a clareira que tinha visto no pesadelo provocado pelo aroma envenenado da lótus negra. Escudos e lanças estavam espalhados por toda parte, atirados para longe no momento de uma fuga repentina.

Pelos rastros que levavam para fora da clareira, cada vez mais profundamente na floresta, Conan percebeu que os lanceiros tinham fugido como loucos. As pegadas se sobrepunham umas às outras. Entrelaçavam-se sem rumo estabelecido entre as árvores. De maneira súbita o cimério saiu do meio da floresta e se viu diante de uma enorme rocha parecida com uma colina, bastante inclinada, que acabava de repente num precipício de mais de uma dezena de metros de altura. E havia alguma coisa agachada na beirada.

A princípio Conan pensou que fosse um enorme gorila. Observou então que era um gigantesco homem negro, agachado como um macaco, os longos braços pendurados, espumando pelos lábios entreabertos. Foi apenas quando a criatura levantou as grandes mãos, deu um grito que mais parecia um soluço e correu na direção dele, que Conan reconheceu a figura de N’Gora. O negro não deu atenção ao grito de Conan quando avançou com os olhos revirados para cima, os dentes arreganhados, o rosto semelhante a uma máscara inumana.

Com o corpo todo ar repiado pelo horror que uma cena maluca como aquela sempre inspira nas pessoas de mente sadia, Conan fez a espada atravessar o corpo do homem negro. Então, evitando as mãos em forma de gancho que tentavam agarrá-lo quando N’Gora tombou, ele foi até a beira do precipício.

Durante alguns instantes ficou olhando para as pedras lá embaixo, onde jaziam os homens de N’Gora, com expressões de dor e horror no rosto, indicando terem morrido com os membros arrebatados e os ossos quebrados. Não havia movimento algum entre eles. Uma nuvem de enormes moscas pretas pairava com um zumbido enlouquecedor sobre as pedras lavadas de sangue. As formigas já haviam começado a roer os cadáveres. Sobre as árvores amontoavam-se as aves de rapina, e um chacal, olhando para cima e vendo o homem sobre a rocha, afastou-se furtivamente da cena.

Por um curto espaço de tempo Conan ficou imóvel. Então, deu meia-volta e correu de volta pelo caminho de onde viera, saltando com muita pressa por entre o capim alto e os arbustos, afastando com os braços as trepadeiras espalhadas pelos galhos como serpentes. Brandia a espada na mão direita e seu rosto queimado pelo sol estampava uma palidez incomum.

O silêncio que reinava na floresta permanecia inviolado. O sol havia baixado no horizonte, e grandes sombras negras surgiam do lodo da terra escura. Entre as fantasmagóricas imagens da morte e da terrível desolação daquele lugar, Conan parecia um relâmpago de aço azul e capa vermelha. Nenhum som se ouvia na solidão da floresta, a não ser a sua própria respiração ofegante, quando ele saiu das sombras da mata para o fraco clarão do crepúsculo à beira do rio.

Ele viu a galera apoiada no ancoradouro destruído, assim como as ruínas que pareciam cambalear como homens bêbados no lusco-fusco cinzento.

Aqui e ali, entre as pedras, viam-se manchas de cores mais vivas, como se um pintor descuidado tivesse espalhado a tinta do pincel mergulhado no vermelho.

Uma vez mais Conan punha os olhos sobre a morte e a destruição. Diante dele jaziam os lanceiros, nenhum dos quais se levantou para saudá-lo. Havia corpos caídos desde a margem da floresta até a beira do rio, entre os pilares apodrecidos e ao longo do pier quebrado, dilacerados, mutilados e semidevorados, meras lembranças de homens.

Ao redor dos corpos e dos restos de homens viam-se dezenas de rastros, como os de patas de hienas.

Conan foi em silêncio até o cais, aproximando-se da galera sobre cujo convés parecia estar dependurada uma coisa que, à luz fraca do crepúsculo, tinha a brancura do marfim. O cimério perdeu a fala quando ergueu os olhos para a rainha da Costa Negra, enforcada no mastro principal de seu próprio navio. Entre o mastro e sua garganta estava esticada uma linha de gotas vermelhas que brilha vam como o sangue, no lusco-fusco do fim de tarde.

## IV

### *O Ataque Vindo do Ar*

*As sombras eram negras ao seu redor,  
E das mandíbulas escancaradas com fragor  
Espessas gotas rubras caíam em chuva forte  
Meu amor porém, era mais feroz que o feitiço morte,  
Nem os muros de ferro do Inferno todo  
Impediriam que eu ficasse ao seu lado.*

*- A Canção de Bêlit*

A floresta mais parecia um colosso escuro que mantinha a trágica clareira apertada em seus braços negros como o ébano. A lua não aparecera no céu. As estrelas, por sua vez, não passavam de pequenas manchas amareladas no céu de veludo negro, que tinha o desagradável cheiro da morte. Sobre a pirâmide erguida no meio das torres caídas, estava sentado Conan, o cimério, como uma grande estátua de pedra, o queixo apoiado sobre os punhos fortes. No meio das sombras negras da escuridão, patas silenciosas marchavam de um lado para outro e olhos vermelhos reluziam. Os mortos permaneciam nos mesmos lugares onde haviam tombado. Mas, sobre o convés do Tigresa, numa pira feita com galhos quebrados, cabos de lanças e peles de leopardo, jazia o corpo da rainha da Costa Negra em seu derradeiro sono, envolto na capa escarlate de Conan. Jazia como uma verdadeira rainha, com as jóias que pilhara amontoadas ao seu lado: eram sedas, peças de ouro, fitas de prata, barris cheios de pedras preciosas, moedas de ouro, lingotes de prata, punhais cravejados de brilhantes e pequeninas pirâmides de quinas douradas.

Mas apenas as silenciosas águas do Zarkheba sabiam onde Conan tinha atirado, em um ritual de blasfêmias pagãs, o resto do tesouro pilhado da cidade maldita. Agora ele estava sentado ali, imóvel sobre a pirâmide,

esperando por seus invisíveis inimigos. A fúria negra que se apossara de sua alma não deixava lugar para o medo. Ele não sabia que tipo de forma poderia surgir da escuridão. E tão pouco se importava.

Já não duvidava mais das visões proporcionadas pela lótus negra. Tinha entendido que, enquanto esperavam por ele na clareira, N'Gora e seus companheiros tinham sido atacados pelo monstro alado que viera das alturas e que, ao fugir dele em pânico, tinham caído no precipício. Todos menos o líder do grupo que, de alguma forma, conseguira escapar do mesmo destino, embora não tivesse podido evitar a loucura. Enquanto isso, ou logo depois, ou talvez mesmo antes, tinha sido perpetrada a destruição contra aqueles que se encontravam às margens do rio. Conan estava convencido de que a morte desse segundo grupo tinha sido um massacre, e não o resultado de uma batalha. Dominados por suas próprias superstições, os guerreiros negros provavelmente tinham morrido sem desfechar um golpe sequer em sua própria defesa, quando atacados pelos inimigos inumanos.

Conan não compreendia por que tinha sido poupado por tanto tempo, a menos que a maligna criatura que dominava o rio quisesse mantê-lo vivo para torturá-lo com a tristeza e o medo. Tudo indicava haver uma inteligência humana ou sobrehumana por trás daquela loucura: quando rompera os barris de água potável para provocar a divisão dos guerreiros, ao forçar os lanceiros negros a correr para o precipício e, por último, a atitude repugnante de amarrar o colar vermelho, como o nó de um carrasco, ao redor do pescoço branco de Bêlit.

Como se tivesse aparentemente guardado o cimério para o final, na categoria de vítima principal, e tendo extraído dele a última gota de tortura mental, era provável que o inimigo desconhecido concluiria o drama mandando-o pelo mesmo caminho das demais vítimas. Nenhuma sombra de sorriso apareceu nos lábios tristes de Conan quando ele teve esse pensamento, mas seus olhos acenderam-se em uma gargalhada implacável.

A lua apareceu no céu, fazendo brilhar o capacete metálico de Conan. Nenhum barulho provocou eco mas, de repente, a noite tornou-se tensa e toda a floresta pareceu prender a respiração. Instintivamente, Conan soltou o cordão de couro que prendia sua espada na bainha. A pirâmide sobre a qual estava era de quatro lados, e um desses lados, o que dava de fren te para a floresta, tinha de graus lapidados na rocha. Nas mãos ele tinha um arco shemita, como aqueles que Bêlit ensinara seus piratas a usar. A seus

pés um monte de flechas, com a parte das penas voltada para o seu lado. O grande cimério apoiava-se sobre um dos joelhos, pronto para o combate.

Alguma coisa se moveu na escuridão, debaixo das árvores. Desenhada de repente à luz do luar, Conan viu uma cabeça e um par de ombros indefinidos, com um contorno irracional. Então, do meio das sombras, foram surgindo outras figuras escuras, rápidas, correndo junto ao solo: eram vinte grandes hienas pintadas. Vinham com as presas brilhando ao luar, os olhos irradiando um brilho mais intenso do que o de qualquer outro animal já visto.

Vinte: então as lanças dos piratas haviam provocado perdas na matilha, afinal de contas. Enquanto este pensamento lhe passava pela cabeça, Conan puxou a corda do arco para trás e disparou a primeira flecha. Uma sombra de olhos ardentes saltou para o alto e tombou retorcida. As outras criaturas não pararam, mas continuaram avançando. Como uma chuva de morte as flechas de Conan caíam sobre eles, lançadas com toda a força e precisão dos seus nervos de aço, alimentados por um ódio tão quente como as correntezas de lava do inferno.

Apesar de sua fúria incontrolável ele não errava o alvo. O ar logo se impregnou da destruição provocada pelas flechas. A confusão gerada entre a matilha que avançava era intensa. Menos da metade das estranhas criaturas chegou aos pés da pirâmide. Outras tombaram diante dos largos degraus. De olhar fixo naqueles brilhantes pares de olhos ardentes, Conan sabia que as criaturas não eram animais selvagens. E não era apenas no seu tamanho extraordinário que ele percebia existir uma diferença flagrante. Elas projetavam uma aura tão visível como a névoa escura que subia do pântano forrado de cadáveres. Ele não conseguia adivinhar que tipo de alquimia pagã teria trazido aqueles bichos à existência, mas sabia que estava diante de algum tipo de magia mais diabólica do que qualquer uma encontrada no Livro de Skelos.

Colocando-se em pé, ele puxou com toda a força a corda do arco e disparou sua última flecha, apontando para uma enorme criatura negra e peluda que voava por cima dele. A flecha parecia um raio de luar que lampejava como um relâmpago na direção de um alvo quase invisível na escuridão, mas a besta selvagem mergulhou convulsivamente no meio do céu e bateu de frente no chão, atravessada pela flecha.

Então as outras criaturas caíram sobre ele, num violento pesadelo de olhos ardentes e presas espumantes. Sua espada implacável derrubou a

primeira, lançando-a para baixo. Mas o impacto desesperado das outras feras o derrubaram. Ele arreventou o pequeno crânio de uma delas com o cabo da espada, tendo sentido o osso quebrar e o sangue e os miolos escorrendo por sua mão. Decidiu deixar cair a espada, inútil numa luta mortal a tão curta distância, e agarrou as gargantas de duas daquelas horrorosas criaturas, que mordiam e dilaceravam implacavelmente sua pele, com uma fúria silenciosa. Um fedor azedo quase o sufocou, e o próprio suor o deixou cego. Só a malha metálica impediu que seu corpo fosse cortado em tiras num instante. Em seguida, sua mão nua apertou sobre uma garganta peluda e a abriu ao meio. Sua mão esquerda, ao errar o bote sobre o outro pescoço, agarrou e quebrou uma das patas dianteiras da outra fera. Um latido curto, dado pela criatura de pata quebrada, foi o único ganido ouvido naquela batalha selvagem, e lembrava muito um grito humano. Horrorizado ao ouvir o ganido produzido pela garganta selvagem, Conan involuntariamente afrouxou o aperto dos seus dedos.

Uma das bestas, com o sangue jorrando de sua jugular cortada, deu um bote sobre ele, num derradeiro espasmo de ferocidade, e fincou as presas em sua garganta. Mas caiu morta no mesmo instante em que Conan sentia o corte provocado pela mordida.

A outra besta, saltando em três patas apenas, mordida sua barriga como um lobo feroz, desfazendo com as presas a malha metálica de sua armadura. Lançando-se ao lado do animal agonizante, Conan agarrou aquela coisa horrorosa e, com um esforço muscular tão grande que provocou um gemido de seus lábios manchados de sangue, ele se levantou com aquele demônio repugnante nos braços. Durante uma fração de segundo que ficou desequilibrado, a criatura lançou seu hálito fétido sobre suas narinas, e suas presas quase lhe alcançaram a garganta. Então, juntando todas as suas forças, arremessou a fera contra os degraus de mármore, e com tamanha violência que chegou a ouvir o barulho dos ossos ao se arreventarem.

Quando vacilou sobre as pernas abertas, tentando recuperar o fôlego, tendo a floresta e a lua silenciosa diante dos olhos ensanguentados, Conan ouviu as batidas de asas de morcego bem perto da orelha. Abaixou-se e tateou em busca da espada. Encontrou-a e levantou-se de novo, procurando equilibrar o corpo extenuado, ao mesmo tempo em que agitava violentamente a espada sobre a cabeça com as duas mãos, sacudindo a cabeça para livrar-se do sangue que lhe cobria os olhos e procurando no ar pelo inimigo que o atacava.

Ao invés do esperado ataque pelo ar, o que sentiu foi a pirâmide balançando de repente debaixo dos seus pés. Ouviu o ruído surdo de pedras estalando e viu a alta coluna ao seu lado balançar como um arbusto ao vento. Apegado à idéia de continuar vivendo, ele saltou o mais longe possível. Seus pés atingiram um dos degraus, a meio caminho entre o cume e a base da pirâmide, e ele sentiu a rocha ceder sob o seu peso. O próximo salto desesperado o lançou para longe daquela estrutura de pedra. No mesmo instante em que seus calcanhares alcançaram o solo, a pirâmide desmoronou com um estrondo ensurdecedor, como uma montanha atingida por um terremoto. A coluna de pedra que havia sobre ela tombou em centenas de pedaços. Durante um instante cataclísmico o céu parecia derramar uma chuva de fragmentos de mármore. No momento seguinte, só se via a poeira que levantava do enorme monte de entulho, iluminada pelos raios brancos do luar.

Conan sacudiu o corpo, procurando livrar-se dos restos de mármore que o cobriam. Um golpe rápido e inesperado derrubara seu capacete e o deixara momentaneamente aturdido. Sobre suas pernas havia um grande pedaço da coluna, impedindo-o de mover-se. Ele suspeitou que poderia estar com as pernas quebradas. Seus cabelos negros estavam empastados com o suor. O sangue corria dos ferimentos que tinha na garganta e nas mãos. Puxou o corpo com um dos braços, lutando contra os escombros que o prendiam ao solo.

Nesse instante alguma coisa desceu dentre as estrelas e atingiu a grama perto dele. Torcendo o corpo ele viu, a criatura alada.

Com uma velocidade assustadora o monstro se lançava sobre ele, e naquele momento Conan só conseguiu ver uma enorme figura de aparência quase humana correndo sobre as pernas curtas e curvadas. E enxergou os longos e peludos braços estendidos, deformados, terminando em garras muito escuras. Observou a cabeça disforme, em cuja cara larga só conseguiu ver um par de olhos vermelhos como sangue. Aquela coisa não era homem, nem animal e nem demônio, mas demonstrava ser dotada de características sub-humanas, assim como sobre-humanas.

Mas Conan não tinha tempo para raciocinar de maneira consciente. Atirou o corpo na direção da espada caída, e faltaram uns poucos centímetros para que os dedos alcançassem a arma. Desesperado, ele agarrou o fragmento de rocha que lhe prendia as pernas. As veias incharam em suas têmporas, com o esforço que fez para livrar-se. A pedra cedia

devagar, mas ele sabia que, antes de poder libertar-se, o monstro o alcançaria. E também sabia que aquelas garras afiadas traziam a morte consigo.

A corrida do monstro alado não diminuiu. Já se erguia sobre o prostrado cimério como uma sombra negra, com os longos braços abertos. E um fraco raio branco se interpôs entre a criatura e sua vítima.

Durante um único instante ela esteve ali, uma figura branca e nervosa, vibrando com uma paixão tão intensa como a de uma pantera selvagem. O aturdido cimério a viu na frente do monstro assassino, sua imagem pálida e trêmula iluminada pelo luar. Viu o esplendor dos seus olhos negros, e o brilho cheio dos seus cabelos polidos. Seus seios eram firmes, e seus lábios entreabertos soltavam gritos estridentes que ressoavam como o aço enquanto ela se lançava contra o peito do monstro alado.

— Bêlit! — gritou Conan. Ela lançou um rápido olhar na sua direção e ele viu o amor intenso que ardia no seus olhos negros, uma sensação elementar de fogo puro e lava derretida. Então ela desapareceu, e o cimério só viu o demônio alado que cambaleava para trás dominado pelo medo, com os braços erguidos diante do rosto como se procurasse se defender do ataque. Ele sabia que o corpo de Bêlit jazia em sua pira, no convés do Tigresa. Nos seus ouvidos ecoava a promessa apaixonada:

*“Se eu estivesse imóvel na morte e você lutando pela vida, eu voltaria do abismo para ajudá-lo”.*

Com um grito horrível ele levantou-se, arremessando a pedra para o lado. O monstro alado renovou o seu ataque, e Conan saltou para enfrentá-lo, com as veias ardendo de loucura. Os músculos retesaram-se como cordões em seu braço quando ele levantou a grande espada, pivoteando nos calcanhares com a força do movimento. A espada atingiu o corpo cabeludo do monstro na altura da cintura, cortando-o em dois pedaços: as pernas curtas tombaram para um lado, enquanto o tronco caía para o outro.

Conan ficou parado no meio do silêncio do luar, a espada ainda ensangüentada em sua mão, olhando firme para o que restava de seu inimigo. Os arregalados olhos vermelhos estavam fixos nele e pareciam ainda ter vida. Instantes depois, mostravam a expressão vidrada da morte. As grandes mãos estendidas estavam duras como pedra. E a mais antiga raça da face da terra acabava de ser extinta.

Conan ergueu a cabeça, procurando mecanicamente pelas estranhas criaturas que haviam sido escravos e carrascos daquele monstro. Não

encontrou uma sequer. Os corpos que ele viu sobre a grama, iluminados pelo brilho prateado do luar, eram de homens, não de animais. Homens de pele escura, expressões endurecidas, nus, trespassados por flechas ou dilacerados por golpes de espada. E estavam se transformando em pó, bem diante dos seus olhos.

Por que não teria o monstro alado socorrido os seus escravos quando Conan lutara contra eles? Teria ficado com medo do ataque das presas que poderiam atingi-lo? Nem toda a destreza e o cuidado que haviam orientado o raciocínio daquela cabeça disforme tinham adiantado muito no final.

Virando as costas para aquele cenário de morte, Conan caminhou na direção das ruínas do cais e subiu a bordo do navio. Com alguns golpes da espada ele cortou as amarras e foi para o leme. O Tigresa balançou devagar sobre as águas silenciosas, escorregando na direção do meio do rio, até que a correnteza o alcançou. Conan segurou firme no leme, com o olhar sombrio fixo no corpo envolto em sua capa escarlate, que jazia sobre a pira, e cuja riqueza era semelhante ao resgate de uma imperatriz.

## V

### *A Pira Funerária*

*Já não mais vagamos como outrora*

*Não remamos nem ouvimos o vento cantar*

*A bandeira não assusta mais as praias sombrias*

*Ó imensidão azul, recebe de novo agora*

*aquela que tu me deste para amar.*

*- A Canção de Bêlit*

A aurora tingiu de novo o oceano. Um brilho mais avermelhado iluminava a foz do rio. Conan da Ciméria apoiou o corpo sobre sua grande espada, na praia de areias brancas, observando o *Tigresa* que partia em sua derradeira viagem. Não havia brilho nos seus olhos, que contemplavam as ondas preguiçosas. Toda glória e alegria desaparecera daquela vastidão azul. Uma feroz revolta tomou conta dele quando olhou para as cristas esverdeadas das ondas, que se transformavam em manchas purpúreas de mistério.

Bêlit tinha pertencido ao mar. Ela atribuíra esplendor e fascínio ao oceano. Sem ela, as águas nada mais eram do que uma vastidão deserta, lúgubre e desolada, de um polo ao outro. Ela pertencia ao mar. E ele a devolvia aos mistérios eternos dos oceanos. Nada mais poderia fazer. Para si mesmo, o esplendor azul da água era agora mais repelente do que as árvores frondosas que sussurravam e pareciam confidenciar lá atrás, falando das vastidões misteriosas e selvagens que representavam, e nas quais ele tinha de entrar.

Ninguém segurava o leme do *Tigresa*, nenhum remo impulsionava o barco pelas águas verdes. Mas uma brisa forte enchia sua vela de seda. Assim, como um gigantesco cisne que corta os céus em direção ao seu ninho, a galera alcançava o mar alto, com as chamas erguendo-se cada vez mais sobre o convés, lambendo o mastro e envolvendo a figura que jazia enrolada na capa escarlate sobre a pira ardente.

E assim se foi a rainha da Costa Negra. Com o corpo apoiado sobre sua espada ainda manchada de sangue, Conan ali ficou em silêncio, até o clarão vermelho desaparecer no meio da névoa azulada e a aurora trazer de volta o seu brilho dourado sobre o oceano.

# O DEMÔNIO DE FERRO

## *The Devil in Iron*

*Um fugiu, um morreu, um dormiu numa cama de breu.*

*Rima antiga*

### I

O pescador desatou sua faca da bainha. O gesto era instintivo, pois ele temia não haver nada que um canivete pudesse matar — nem mesmo a afiada lâmina curva do yuetshi, que poderia estripar um homem num golpe ascendente. Nem homem nem fera o ameaçavam na solidão que meditava na ilha acastelada de Xapur.

Ele havia galgado os rochedos, atravessado a floresta que os margeava, e agora estava cercado por sinais de uma nação desaparecida. Colunas quebradas vislumbavam-se entre as árvores; as linhas irregulares de paredes desagregadas serpenteavam pra fora das sombras, e, sob seus pés, haviam largas calçadas, quebradas e curvadas por raízes que cresciam por baixo.

O pescador era típico de sua raça, aquele estranho povo, cuja origem se perde no amanhecer cinzento do passado, e que havia morado em suas

rudes choupanas de pescaria, ao longo da costa sul do Mar Vilayet, desde tempos imemoriais. Ele era largo, com longos braços simiescos e peito forte, mas com costas magras e pernas finas, arqueadas. Seu rosto era largo, a testa baixa e inclinada; o cabelo, fino e emaranhado. Um cinto, para uma faca, e um farrapo, para servir de tanga, eram tudo o que ele tinha de roupa.

Lá estava ele, mostrando que era mais curioso que muitos de sua gente. Os homens raramente visitavam Xapur. Era inabitada, apenas uma entre as milhares de ilhas que pontilhavam o grande mar interno. Os homens chamavam-na de Xapur, A Fortificada, por causa de suas ruínas, remanescentes de algum reino pré-histórico, perdido e esquecido antes que os conquistadores hiborianos houvessem cavalgado em direção ao sul. Ninguém sabia quem erguera aquelas pedras, embora lendas obscuras vagassem entre os yuetshis, cuja meia-compreensão sugeria um elo de antiguidade imensurável entre os pescadores e o desconhecido reino insular.

Mas, havia um milênio que algum yuetshi entendera a importância de tais lendas; eles agora a repetiam como uma fórmula sem sentido, de estrutura leviana aos lábios, por hábito. Nenhum yuetshi viera a Xapur por um século. A costa adjacente da terra principal era inabitada; um pântano, cheio de juncos, deu lugar às feras medonhas que o assombravam. A aldeia de pescadores ficava um pouco distante, ao sul, na terra principal. Uma tempestade havia levado seu frágil barco pesqueiro para longe de seus lugares costumeiros, e o destruíra, numa noite de clarões chamejantes e de águas rugindo nos elevados penhascos da ilha. Agora, ao amanhecer, o céu brilhava azul e claro; o sol nascente dava o brilho das jóias às gotas que caíam das folhas. Ele havia escalado os penhascos, aos quais se agarrara durante a noite, porque, no meio da tempestade, ele vira uma lança aterradora de relâmpago bifurcar-se para fora dos céus negros e o choque de sua pancada, que havia sacudido a ilha inteira, fora acompanhado por um estrondo cataclísmico, o qual ele duvidava ser resultado de uma árvore quebrada.

Uma curiosidade cega fizera com que ele investigasse; agora, ele encontrou o que procurava, e um embaraço animal o dominou, uma sensação de perigo oculto.

Por entre as árvores, erguia-se uma estrutura quebrada, em forma de domo, feita dos peculiares e gigantescos blocos verdes de pedra férrea, encontrados apenas nas ilhas do Vilayet. Parecia inacreditável que mãos humanas pudessem tê-las modelado e colocado; e, certamente, estava além

da capacidade humana derrubar a estrutura que eles formaram. Mas o raio havia estilhaçado toneladas de blocos, feito vidro, reduzindo outros a poeira verde e arrancando quase toda a abóbada do domo.

O pescador galgou os escombros e perscrutou, e o que viu arrancou-lhe um grunhido. Dentro da cúpula arruinada, cercado pela poeira das pedras e por pedaços de alvenaria quebrada, jazia um homem sobre um bloco dourado. Ele vestia uma espécie de saia e um cinto de couro cru. Seu cabelo preto, que caía como uma juba quadrada em seus ombros maciços, estava preso às suas têmporas por uma fina faixa dourada. Sobre o musculoso peito nu, jazia uma estranha adaga, com o punho revestido de couro e incrustado de jóias, e a lâmina larga e curva. Era muito parecida com a faca que o pescador levava ao quadril, mas ela não tinha o gume serrado e era feita com muito mais habilidade.

O pescador ansiou pela arma. O homem, é claro, estava morto; havia morrido há muitos séculos. Aquele domo era seu túmulo. O pescador não teve curiosidade em saber de qual maneira os antigos preservaram o corpo, em tal vigor semelhante à vida, o qual mantivera os músculos dos membros grandes e cheios, e a carne escura vital. O cérebro obtuso do yuetshi só tinha lugar para seu desejo pela faca, com suas delicadas linhas curvas ao longo do brilho cegante da lâmina.

Arrastando-se para dentro do domo, ele ergueu a faca do peito do homem. Ao fazê-lo, algo estranho e terrível aconteceu. As mãos escuras e musculosas se emaranharam convulsivamente, as pálpebras brilhantes abriram-se, revelando olhos grandes, escuros e magnéticos que fitaram agressivamente o assustado pescador, como uma pancada física. Este recuou, deixando cair a adornada faca, em sua perturbação. O homem no estrado levantou-se, ficando sentado, e o pescador escancarou a boca, mostrando todo o tamanho desta. Seus olhos estreitos agarraram o yuetshi e, naqueles globos rasgados, ele não viu amizade nem gratidão; viu apenas um fogo, tão alheio e hostil quanto o que brilha nos olhos de um tigre.

Subitamente, o homem ergueu-se acima dele, ameaçador em todos os aspectos. Não havia lugar, no obtuso cérebro do pescador, para o medo, pelo menos para o medo que poderia agarrar um homem que simplesmente vira as leis fundamentais da Natureza serem desafiadas. Quando as enormes mãos caíram-lhe aos ombros, ele puxou sua faca e arremeteu-a para cima num só movimento. A lâmina quebrou-se contra o abdômen do estranho,

como se este fosse uma coluna de aço, e então o grosso pescoço do pescador quebrou-se como um fino galho podre nas mãos gigantes.

## II

Jehungir Agha, lorde de Khawarizm e guardião da fronteira litorânea, examinou, mais uma vez, o rolo de adornado pergaminho, com seu pavão carimbado, e sorriu, breve e sarcasticamente.

— Pois bem? — indagou seu conselheiro Gaznavi.

Jehungir encolheu os ombros. Era um belo homem, com o orgulho impiedoso de nascença e talento.

— O rei está ficando impaciente. — ele disse — De próprio punho, ele se queixa amargamente daquilo que ele chama de minha falha em guardar a fronteira. Por Tarim, se eu não conseguir aplicar um revés nesses salteadores das estepes, Khawarizm poderá ter um novo lorde.

Ghaznavi puxou sua curta barba cinza, em reflexão. Yezdigerd, rei de Turan, era o mais poderoso monarca do mundo. Em seu palácio, na grande cidade portuária de Aghrapur, era amontoada a pilhagem de impérios. Suas frotas de navios-de-guerra, com velas púrpuras, fizeram do Vilayet um lago hirkaniano. O povo de pele escura de Zamora pagava-lhe o tributo, assim como as províncias orientais de Koth. Os shemitas se curvavam a seu governo até a distante Shushan, a oeste. Seus exércitos assolavam as fronteiras da Stygia, ao sul, e as terras nevadas dos hiperbóreos, ao norte. Seus cavaleiros abriam caminho à força, com tocha e espada, rumo a oeste, dentro da Britúnia, Ophir e Coríntia; até às fronteiras da Nemédia. Seus espadachins de elmos dourados haviam atropelado exércitos sob os cascos de seus cavalos, e cidades muradas ergueram-se em chamas ao seu comando. Nos abarrotados mercados de Aghrapur, Sultanapur, Khawarizm e Khorusun, mulheres eram vendidas por três pequenas moedas de prata —

loiras britunianas, morenas stígias, zamorianas de cabelos escuros, kushitas de ébano e shemitas cor-de-oliva.

Todavia, enquanto seus velozes cavaleiros destruíam exércitos longe de suas fronteiras, nelas próprias um audacioso rival puxava-lhe a barba com mãos manchadas por fumaça e pingos rubros.

Nas largas estepes entre o Mar Vilayet e as fronteiras dos mais orientais reinos hiborianos, uma nova raça começara a soprar no último meio-século, formada originalmente por criminosos fugidos, homens falidos, escravos foragidos e soldados desertores. Eram homens de muitos crimes e países, alguns nascidos nas estepes; outros, fugindo dos reinos do Oeste. Eram chamados de "kozaks", que significa "vagabundos".

Morando nas estepes abertas e selvagens, não possuindo nenhuma lei, exceto seu próprio código, eles tornaram-se um povo capaz até de desafiar o Grande Monarca. Ininterruptamente, eles atacavam a fronteira turaniana, retirando-se para as estepes quando derrotados; com os piratas do Vilayet, homens em grande parte da mesma raça, eles assolavam a costa, saqueando os navios mercantes que traficavam entre os portos hirkanianos.

— Como posso esmagar aqueles lobos? — indagou Jehungir — Se eu segui-los, dentro das estepes, corro o risco, ou de ser isolado e destruído, ou deles me iludirem totalmente e queimarem a cidade na minha ausência. Ultimamente, eles têm sido mais ousados do que nunca.

— É por causa do novo líder que surgiu dentre eles. — respondeu Ghaznavi — Você sabe a quem me refiro...

— Sim! — respondeu Jehungir, intuitivamente — É aquele demônio... Conan; ele é ainda mais selvagem que os kozaks, embora seja astuto como um leão da montanha.

— É mais por selvagem instinto animal que por inteligência. — respondeu Ghaznavi — Os outros kozaks são, pelo menos, descendentes de homens civilizados. Ele é um bárbaro. Mas, livrar-se dele seria dar-lhes um golpe inutilizador.

— Mas como? — indagou Jehungir — Ele, várias vezes, se livrou de locais que lhe pareciam morte certa. E, instinto ou habilidade, ele tem evitado ou escapado de todas as ciladas feitas para ele.

— Para toda fera e para todo homem, há uma cilada da qual não escapa. — disse Ghaznavi — Quando negociamos com os kozaks pelo resgate de prisioneiros, observei este Conan. Ele tem uma aguda preferência por mulheres e por bebidas fortes. Traga aqui sua prisioneira Octavia.

Jehungir bateu palmas e um impressionante eunuco kushita, uma imagem de ébano brilhante em calças de seda, curvou-se diante deles e foi cumprir-lhes as ordens. Dentro em pouco, ele retornou, conduzindo pelo pulso uma bela garota alta, cujos cabelos amarelos, olhos claros e pele limpa identificavam-na como um membro de sangue puro de sua raça. Sua túnica sumária de seda, atada à cintura, exibia os maravilhosos contornos de sua figura magnífica. Seus belos olhos brilhavam com ressentimento e seus lábios vermelhos estavam mal-humorados, mas a submissão fora ensinada a ela, em seu cativeiro.

Ela ficou com a cabeça pendente diante de seu mestre, até que ele fez sinal para ela sentar— se no divã ao lado dele. Então, ele olhou interrogativamente para Ghaznavi.

— Temos que afastar Conan dos kozaks. — disse abruptamente o conselheiro — O acampamento de guerra deles está, no momento, assentado em algum lugar próximo do Rio Zaporoska, o qual, como você bem sabe, é um deserto de juncos; uma selva pantanosa, na qual nossa última expedição foi feita em pedaços por aqueles demônios sem dono.

— É pouco provável que eu esqueça aquilo. — disse Jehungir, com desagrado.

— Existe uma ilha inabitada, próxima à terra principal — disse Ghaznavi — conhecida como Xapur, a Fortificada, por causa de algumas ruínas antigas nela. Há uma peculiaridade sobre ela, que a faz perfeita ao nosso propósito: ela não tem praias, mas se ergue perpendicularmente do mar, em penhascos de 45 metros. Nem mesmo um macaco poderia galgá-los. O único lugar onde um homem pode subir ou descer é uma trilha estreita no lado oeste, a qual tem o aspecto de uma escada desgastada, escavada na sólida rocha dos penhascos.

— Se pudéssemos armar uma cilada para Conan, sozinho naquela ilha, poderíamos abatê-lo quando tivéssemos tempo, com flechas, como os homens caçam um leão.

— Também anseie pela lua. — disse Jehungir impaciente — Devemos enviar-lhe uma mensagem, convidando-o a subir os penhascos e esperar nossa vinda?

— Virtualmente, sim! — Vendo o olhar de espanto de Jehungir, Ghaznavi prosseguiu: — Ele pedirá uma negociação com os kozaks em relação aos prisioneiros, à orla das estepes pelo Forte Ghorí. Como de costume, nós iremos com uma força e acamparemos fora do castelo. Eles

virão, com uma força igual, e a negociação irá adiante, com as desconfianças e suspeitas de sempre. Mas, nessa hora, levaremos conosco, como que por acaso, sua bela cativa. — Octavia mudou de cor e escutou com interesse avivado, enquanto o conselheiro inclinou a cabeça na direção dela. — Ela usará todos os seus ardis para atrair a atenção de Conan. Não deverá ser difícil. Para aquele pirata selvagem, ela deve aparecer como uma maravilhosa visão de beleza. Sua figura vigorosa e firme deverá atraí-lo mais do que as beldades do seu harém.

Octavia explodiu, seus punhos brancos se fecharam, seus olhos faiscando e sua figura estremeando com ultrajado ódio:

— Não irei! Não sou uma escrava de mercado pra dar sorrisos afetados e flertar com um ladrão das estepes! Sou a filha de um lorde nemédio.

— Você era da nobreza nemédia, antes de meus cavaleiros te levarem embora. — respondeu Jehungir cinicamente — Hoje, você é apenas uma escrava que procederá como ordenado.

— Não vou! — esbravejou ela.

— Ao contrário... — respondeu Jehungir, com premeditada crueldade — Você vai. Gosto do plano de Ghaznavi. Continue, príncipe entre conselheiros.

— Conan, provavelmente, vai querer comprá-la. Você se recusará a vendê-la, é claro, ou a trocá-la por prisioneiros hirkanianos. Ele poderá, então, tentar roubá-la ou tomá-la à força, embora eu não ache que, mesmo ele, quebraria a trégua. De qualquer forma, devemos estar preparados para tudo o que ele tentar. Então, logo após a negociação, antes que ele tenha tempo de esquecer tudo sobre Octavia, enviaremos uma mensagem a ele, sob uma bandeira de trégua, acusando-o de roubar a garota e exigindo a sua devolução. Ele poderá matar o mensageiro, mas, pelo menos, ele pensará que ela escapou. Então, mandaremos um pescador yuetshi, como espião, ao acampamento kozak, e ele dirá a Conan que Octavia está escondida em Xapur. Se eu conheço o homem, ele irá direto àquele lugar.

— Mas, não sabemos se ele irá sozinho. — argumentou Jehungir.

— Um homem leva um bando de guerreiros com ele, quando vai a um encontro com uma mulher que deseja? — retorquiu Ghaznavi — A chance dele ir sozinho é total. Mas, cuidaremos da outra alternativa. Nós não o esperamos na ilha, onde podemos nós mesmos cair em armadilhas, mas entre os juncos de um ponto pantanoso, que sobressai mais de novecentos metros para dentro de Xapur. Se ele trazer uma força numerosa, bateremos

em retirada e pensaremos em outro plano. Se ele vier sozinho, ou com um pequeno grupo, nós o teremos. Pode ter certeza, ele chegará, lembrando-se do sorriso sedutor de sua escrava e suas olhadelas expressivas.

— Eu jamais me rebaixarei a tal vergonha! — Octavia estava louca de fúria e humilhação — Prefiro morrer!

— Você não vai morrer, minha beleza rebelde... — disse Jehungir — Mas será submetida a uma experiência muito dolorosa e humilhante.

Ele bateu as mãos e Octavia perdeu a cor. Desta vez, quem entrou não foi um kushita, mas um shemita, um homem musculoso de estatura mediana, com uma curta e encaracolada barba preto-azulada.

— Tem trabalho pra você aqui, Gilzan. — disse Jehungir — Pegue esta imbecil e divirta-se um pouco com ela. Só tome cuidado para não estragar sua beleza.

Com um grunhido inarticulado, o shemita agarrou o pulso de Octavia e, sob o domínio de seus dedos de ferro, toda a rebeldia se extinguiu dela. Com um choro lastimoso, ela lançou— se de joelhos diante do seu implacável mestre, soluçando incoerentemente por misericórdia. Com um gesto, Jehungir mandou o desapontado torturador retirar-se, e disse a Ghaznavi:

— Se seu plano der certo, encherei seu colo de ouro.

### III

Na escuridão que precede o amanhecer, um som incomum perturbou a solidão que dormia, sobre os pântanos cheios de juncos e as águas nebulosas da costa. Não era uma sonolenta ave aquática, nem uma fera despertando. Era um humano, que se movia com dificuldade através dos grossos juncos, os quais eram mais altos que um homem.

Era uma mulher e, se alguém pudesse vê-la, alta e de cabelos amarelos, seus membros magníficos modelados por uma túnica molhada. Octavia

havia fugido em grande seriedade, com cada maltratada fibra sua formigando, da sua experiência em um cativo que se tornara insuportável.

O domínio de Jehungir sobre ela tinha sido bastante ruim; mas, com deliberada crueldade, Jehungir dera-a para um nobre, cujo nome era um provérbio de degeneração, até mesmo em Khawarizm.

A carne elástica de Octavia se arrepiava e estremecia as suas lembranças. O desespero havia encorajado-a a escalar do castelo de Jelal Khan, numa corda feita das tiras de tapeçarias rasgadas; e o acaso levou-a a um cavalo, amarrado a uma estaca. Ela cavalgara a noite inteira e o amanhecer a encontrou com uma montaria exausta, nas praias pantanosas do mar. Trêmula de repugnância por ter sido arrastada ao revoltante destino, planejado pra ela por Jelal Khan, ela mergulhou no charco, buscando um esconderijo da perseguição que esperava. Quando os juncos ficaram esparsos ao seu redor e a água subiu— lhe quase à altura das coxas, ela viu o pálido vulto de uma ilha à sua frente, havia um largo vão de água no meio, mas ela não hesitou. Caminhou com dificuldade, até as ondas baixas se aproximarem da sua cintura; então, ela avançou fortemente, nadando com um vigor que prometia resistência incomum.

Enquanto se aproximava da ilha, ela viu que esta se erguia da água perpendicularmente, em penhascos que lembravam um castelo. Ela finalmente os alcançou, mas não encontrou nem um recife para sobressair-se sob as águas, nem para se agarrar acima delas. Ela nadou, acompanhando a curva dos penhascos, o esforço de sua longa fuga começando a pesar-lhe nos membros. Suas mãos agitaram-se ao longo da pedra íngreme e, subitamente, acharam uma depressão. Com um soluço ofegante de alívio, ela ergueu-se da água e agarrou-se ali, uma alva deusa molhada, na fraca luz das estrelas.

Ela se deparara com o que parecia serem degraus talhados no penhasco. Ela foi sobre eles, achatando-se contra a pedra, enquanto ela captou um frágil ruído de remos abafados. Ela estranhou o que viu e, embora vislumbrasse uma massa indistinta, movendo-se em direção ao ponto juncoso, ela simplesmente afastou-se. Mas estava muito distante dela para se ter certeza no escuro; e, dali a pouco, o frágil som cessou, e ela continuou sua subida. Se fossem seus perseguidores, ela saberia, naturalmente, se esconder na ilha. Ela sabia que muitas das ilhas daquela costa pantanosa

eram inabitadas. Este poderia, talvez, ser um covil pirata; mas mesmo piratas eram preferíveis ao bruto do qual escapara.

Um pensamento errante cruzou-lhe a mente, enquanto ela subia, fazendo-a comparar mentalmente seu dono anterior com o chefe kozak, com o qual — por coação — ela havia vergonhosamente flertado, nas barracas do acampamento próximo a Forte Ghorí, onde os lordes hirkanianos haviam conferenciado com os guerreiros das estepes. Seu fixo olhar ardente a havia amedrontado e humilhado, mas sua ferocidade honestamente natural colocava-o acima de Jelal Khan, um monstro tal como apenas uma rica civilização pode produzir.

Ela engatinhou sobre a borda do penhasco e olhou timidamente para as densas sombras que a confrontavam. As árvores cresciam perto dos penhascos, apresentando uma massa sólida de escuridão. Alguma coisa zuniu sobre sua cabeça e ela se encolheu, embora percebesse que era só um morcego.

Ela não gostou do aspecto daquelas sombras de ébano, mas cerrou os dentes e foi até elas, tentando não pensar nas cobras. Seus pés descalços não faziam barulho no esponjoso marga<sup>{1}</sup> sob as árvores.

Uma vez dentre elas, a escuridão se fechou assustadoramente sobre ela. Ela não tinha dado uma dúzia de passos e já não podia mais olhar para trás e ver os penhascos e o mar além destes. Poucos passos depois, ela ficou desesperadamente confusa e perdeu seu senso de direção. Através dos galhos emaranhados, nem mesmo uma estrela se deixava entrever. Ela andou às cegas e debateu-se cegamente, e então chegou a uma súbita parada.

Em algum lugar adiante, começou o bramido rítmico de um tambor. Não era o som que ela esperava ouvir naquela hora e local. Então, ela o esqueceu, enquanto sentia uma presença perto dela. Ela não podia ver, mas sabia que algo estava junto dela, na escuridão.

Com um choro abafado, ela recuou e, enquanto fazia isto, algo, que mesmo em seu pânico ela reconheceu como um braço humano, se curvou na sua cintura. Ela guinchou e lançou toda a sua flexível força jovem, numa arremetida selvagem por liberdade, mas seu captor segurou-a como a uma criança, subjugando sua frenética resistência com facilidade. O silêncio, com o qual seu arrebatado protesto foi recebido, acrescentou-lhe terror, enquanto ela se sentiu sendo carregada, através do escuro, na direção do distante tambor, que ainda pulsava e murmurava.

## IV

Enquanto o primeiro toque do amanhecer avermelhava o mar, um pequeno barco, com um ocupante solitário, aproximou-se dos penhascos. O homem no barco era uma imagem pitoresca. Um lenço escarlate estava amarrado ao redor de sua cabeça; os calções largos, de seda, de matiz rubra, eram seguros por uma faixa larga, que também segurava uma cimitarra numa bainha de couro cru. Suas botas de couro, com acabamento dourado, eram mais típicas de cavaleiro que de marujo — mas ele manejava seu bote com habilidade. Pela abertura de sua camisa de seda branca, mostrava-se o peito largo e musculoso, bronzeado pelo sol.

Os músculos de seus pesados braços bronzeados ondulavam, enquanto ele puxava os remos com uma facilidade quase felina de movimento. Uma vitalidade selvagem, que estava evidente em cada característica e movimento, diferenciava-o dos homens comuns; sua expressão não era selvagem nem sombria, embora os ardentes olhos azuis sugerissem ferocidade facilmente despertada. Este era Conan, que se aventurara para dentro dos acampamentos armados dos kozaks, sem nada, exceto sua inteligência e espada, e que talhara seu caminho para a liderança entre eles.

Ele remou para a escada entalhada, familiarizado com seus arredores, e amarrou o barco a uma projeção da rocha. Então, ele subiu os degraus desgastados sem hesitação. Ele estava vivamente alerta, não porque suspeitasse conscientemente de perigo oculto, mas porque a prontidão fazia parte dele, aguçada pela vida selvagem que ele seguia.

O que Ghaznavi havia considerado intuição animal, ou algum sexto sentido, eram apenas as capacidades afiadas e a inteligência selvagem do bárbaro. Conan não tinha instinto que lhe dissesse que havia homens, observando-o de um esconderijo entre os juncos da terra principal.

Enquanto ele subia o rochedo, um desses homens suspirou profundamente e, furtivamente, ergueu um arco. Jehungir agarrou-lhe o pulso e sibilou uma praga em seu ouvido:

— Idiota! Quer nos denunciar? Não percebe que ele está fora de alcance? Deixe-o chegar ao topo da ilha. Ele irá procurar a garota. Vamos ficar aqui por algum tempo. Ele pode ter sentido nossa presença aqui, ou imaginado o nosso plano. Ele pode ter guerreiros escondidos em algum lugar. Vamos esperar. Em uma hora, se não ocorrer nada suspeito, remaremos até o pé da escadaria e o esperaremos lá. Se ele não retornar em um tempo razoável, alguns de nós subirão a ilha e irão abatê-lo. Mas eu não gostaria de fazê-lo, se isto pode ser ajudado. Alguns de nós irão, certamente, morrer, se tivermos que entrar no mato atrás dele. Eu prefiro surpreendê-lo com flechas, a uma distância segura.

Nesse meio tempo, o confiante kozak havia mergulhado numa floresta. Ele seguiu silenciosamente em suas botas de couro macio, seu olhar atento examinando cuidadosamente toda sombra, em ânsia de avistar a esplêndida beleza de cabelos dourados, com a qual ele sonhava, desde que a vira na barraca de Jehungir Agha, em Forte Ghorí. Ele a desejava, mesmo se ela demonstrasse repugnância para com ele. Mas, seu sorriso e olhadela misteriosos ferveram-lhe o sangue e, com toda a violência bárbara que herdara, ele desejou aquela clara e loira mulher da civilização.

Ele havia estado antes em Xapur. Menos de um mês atrás, ele havia mantido uma reunião secreta com uma tripulação pirata. Ele sabia que estava se aproximando de um ponto, no qual podia ver as ruínas misteriosas que deram nome à ilha, e ele se perguntava se poderia encontrar a garota por entre elas. Mesmo com o pensamento, ele parou como se atacado mortalmente.

Diante dele, entre as árvores, erguia-se algo que a sua razão lhe dizia não ser possível. Era uma grande parede verde-escura, com torres erguendo-se além das ameias.

Conan ficou paralisado na ruptura de suas capacidades, a qual tira a coragem de qualquer um que é confrontado por uma impossível negação de sanidade. Ele não duvidou, nem de sua visão, nem de sua razão, mas algo estava monstruosamente fora do comum. Há menos de um mês, somente ruínas despedaçadas apareciam entre as árvores. Quais mãos humanas poderiam erguer tal gigantesco pilar, como seus olhos agora encontraram, nas poucas semanas que decorreram? Além disso, os piratas, que percorriam

incessantemente o Vilayet, ficariam sabendo de algum trabalho, andando em tão estupenda escala, e teriam informado os kozaks.

Não havia explicação para esta coisa, mas assim o era. Ele estava em Xapur, aquela fantástica pilha de pedras elevadas estava em Xapur, e tudo era loucura e contradição; no entanto, tudo era verdade.

Ele se virou, para correr através da selva, descer a escada entalhada e atravessar as águas azuis, até o distante acampamento, na foz no Zaporoska. Naquele momento de pânico absurdo, até a idéia de parar tão perto do mar interior era repugnante. Ele o deixaria pra trás, abandonaria os acampamentos armados, e colocaria mil milhas entre ele e o Leste azul e misterioso, onde as leis mais básicas da Natureza podiam ser zeradas, por qual diabolismo ele não poderia calcular.

Por um instante, o futuro de reinos, que dependiam deste bárbaro de roupas alegres, penderam na balança. Era uma pequena coisa que equilibrava os pratos — meramente uma tira de seda, agarrada num arbusto, que pegou seu inquieto olhar de relance. Ele se inclinou pra ela, suas narinas se expandindo, seus nervos palpitando a um sutil estimulante. Naquele

pedacinho de roupa rasgada, tão tênue que era, menos com suas faculdades físicas que por algum obscuro senso instintivo, que ele a reconheceu; demorou-se no perfume provocante, que ele associou com a doce carne firme da mulher que vira na tenda de Jehungir. O pescador não havia mentido, então; ela estava lá! Então, ele viu, no solo, uma única pegada no marga; a marca de um pé descalço, longo e fino, porém de homem, não de mulher, e com uma profundidade maior que o normal. A conclusão era óbvia: o homem que fez aquela pegada estava carregando alguma coisa, e o que mais poderia ser, senão a garota que o kozak estava procurando?

Ele ficou encarando silenciosamente as torres escuras que avultavam através das árvores, seus olhos talhados em fogo azul. O desejo pela mulher de cabelos amarelos rivalizava com um ódio sombrio e primordial por quem quer que a houvesse raptado. Sua paixão humana lutava contra seus medos sobre-humanos e, abaixando-se como uma pantera que vai caçar, ele deslizou em direção aos muros, tirando vantagem das folhagens densas para escapar de ser descoberto pelas ameias.

Enquanto se aproximava, ele viu que os muros eram feitos da mesma pedra verde que moldara as ruínas, e foi assombrado por uma vaga sensação

de familiaridade. Era como se ele olhasse algo que nunca vira antes, mas que já havia sonhado ou imaginado. Por fim, ele identificou a situação. As muralhas e torres seguiam a planta das ruínas. Era como se as linhas desagregadas tivessem voltado às estruturas originais.

Nenhum som perturbava a manhã tranqüila, enquanto Conan se movia silenciosamente ao pé da muralha, que se erguia absoluta da vegetação luxuriante. Nas extensões meridionais do mar interior, a vegetação era quase tropical. Ele não viu ninguém nas ameias, não escutou sons internos. Ele viu um pesado portão a uma pequena distância, à sua esquerda, e não havia razão para achar que não estava trancado e vigiado. Mas, ele acreditava que a mulher que ele estava procurando, estivesse em algum lugar além daquela parede, e a marcha que ele tomou era caracteristicamente indiferente.

Acima dele, galhos de trepadeiras se estendiam além das ameias. Ele subiu uma grande árvore feito um gato e, alcançando um ponto acima do parapeito, ele agarrou um galho grosso com ambas as mãos, balançou-se para trás e para frente, ao comprimento de um braço, até ganhar impulso, e então atirou-se e catapultou-se pelo ar, pousando feito um gato nas ameias. Agarrando-se ali, ele olhou fixamente pra baixo, dentro das ruas de uma cidade.

A circunferência da parede não era grande, mas a quantidade de pedras verdes, das quais era construída, era surpreendente. Tinham três ou quatro pavimentos de altura, sobretudo o teto plano, revelando um fino estilo arquitetônico. As ruas convergiam, como os raios de uma roda, para um pátio octogonal no centro da cidade — este com um majestoso edifício, o qual, com suas cúpulas e torres, dominava a cidade inteira. Ele não viu ninguém caminhando pelas ruas, ou olhando para fora das janelas, embora o sol já avançasse. O silêncio que ali reinava poderia ser o de uma cidade morta ou deserta. Uma estreita escada de pedra se elevava no muro próximo; ele a desceu.

As casas se amontoavam tão próximas ao muro, que, no meio da descida da escada, ele se viu ao alcance de um braço de uma janela e parou para olhá-la com atenção. Não havia trancas e as cortinas de seda eram amarradas com cordões de cetim. Ele examinou um compartimento, cujas paredes eram encobertas por tapeçarias de veludo escuro. O chão era coberto por pequenos e grossos tapetes felpudos; lá, haviam assentos de ébano polido e um estrado de marfim, abarrotado de peles.

Ele estava prestes a continuar descendo, quando ouviu o som de alguém se aproximando na rua abaixo. Antes que a pessoa ignorada pudesse dobrar a esquina e vê-lo na escada, ele rapidamente atravessou a janela e adentrou a sala, puxando sua cimitarra. Por um instante, ele ficou parado feito uma estátua; então, como nada ocorrera, ele avançou pelos tapetes felpudos até uma porta arcada, quando uma cortina foi puxada para o lado, revelando uma alcova almofadada, da qual uma delgada jovem de cabelos negros fitava-o com olhos lânguidos.

Conan olhou-a de forma tensa, esperando que ela começasse momentaneamente a gritar. Mas ela simplesmente sufocou um bocejo com uma delicada mão, rosa da alcova, e se inclinou negligentemente contra a cortina, que ela agarrou com uma das mãos. Ela era, indubitavelmente, um membro de uma raça branca, embora sua pele fosse bem escura. Seu cabelo de corte reto era negro como a meia-noite e, sua única roupa, uma tira de seda ao redor de seus flexíveis quadris.

Ela logo falou, mas a língua era pouco familiar a ele, e ele sacudiu a cabeça. Ela bocejou outra vez, estirou-se graciosamente e, sem nenhuma demonstração de medo ou surpresa, mudou para uma linguagem que ele entendeu, um dialeto do Yuetshi, o qual soou estranhamente arcaico.

— Você está procurando por alguém? — perguntou ela, de forma tão indiferente, como se a invasão de seu aposento por um forasteiro armado fosse a coisa mais comum de se imaginar.

— Quem é você? — ele indagou.

— Eu sou Yateli. — respondeu ela languidamente — Eu devo ter me banquetado tarde, na noite passada. Estou com muito sono. Quem é você?

— Eu sou Conan, um hetman dos kozaks. — ele respondeu, observando-a estreitamente. Ele acreditou que a atitude dela fosse uma pose e esperou que ela tentasse fugir do quarto ou acordasse a casa. Mas, apesar de uma corda de veludo — que poderia ser um cordão de aviso -, pendurada perto dela, a jovem não estendeu a mão até ela.

— Conan. — ela repetiu, sonolenta — Você não é um dagoniano. Acho que você é um mercenário. Já cortou as cabeças de muitos yuetshis?

— Não luto com ratos de esgoto! — bufou ele.

— Mas eles são muito terríveis. — sussurrou ela — Eu lembro quando eles eram nossos escravos. Mas eles se rebelaram, queimaram e mataram. Somente a magia de Khosatral Khel os mantinha longe dos muros... — ela se interrompeu, um olhar perplexo lutava com a sonolência de sua

expressão — Esqueci. — ela resmungou — Eles... subiram os muros, na noite passada. Houve gritos e fogo, e o povo implorando em vão a Khosatral.

Ela sacudiu a cabeça, como se para clareá-la, — Mas aquilo não podia ser... — ela murmurou — pois estou viva e pensei que eu estivesse morta. Ah, pro diabo com isto!

Ela encontrou o quarto e, tomando a mão de Conan, puxou-o para o estrado. Ele sucumbia em perplexidade e incerteza. A garota sorriu para ele, como uma criança com sono; seus longos cílios sedosos curvados sobre olhos escuros e nebulosos. Ela correu os dedos pelas grossas madeixas negras do bárbaro, como que para se certificar que ele era real.

— Foi um sonho. — ela bocejou — Talvez seja tudo um sonho. Eu me sinto sonhando agora. Não me importo. Não consigo lembrar algo... eu esqueci... há algo que eu não consigo entender, mas fico muito sonolenta quando tento pensar. De qualquer modo, não importa.

— O que quer dizer? — ele perguntou inquietamente — Você disse que eles subiram os muros, na noite passada? Quem?

— Os yuetshis. Eu pensei assim, de qualquer forma. Uma nuvem de fumaça encobria tudo, mas um diabo nu e manchado de sangue me agarrou pela garganta e enfiou sua faca em meu peito. Oh, doeu! Mas era um sonho, porque, veja!... Não há cicatriz.

Ela, ociosamente, examinou seu suave busto e, então, mergulhou no colo de Conan e passou seus flexíveis braços sobre seu pescoço maciço.

— Não consigo lembrar. — ela sussurrou, aconchegando a cabeça escura contra o peito forte do cimério — Tudo é indistinto e nebuloso. Não importa. Você não é um sonho. Você é forte. Vamos viver enquanto podemos. Me ame!

Ele deitou a garota de cabeça brilhante na curva de seu braço pesado, e beijou-lhe os rubros lábios cheios, com sincero prazer.

— Você é forte. — ela repetiu, com a voz esmorecendo — Me ame... me am... — O sonolento sussurro murchou; os olhos escuros fecharam-se, os longos cílios cerrando-se sobre as bochechas sensuais; o corpo flexível relaxou nos braços de Conan.

Ele franziu a testa para ela. Ela parecia fazer parte da ilusão que assombrava a cidade inteira, mas a firme elasticidade de seus membros, sob seus dedos aventureiros, o convenceu que havia uma garota humana viva em seus braços, e não a sombra de um sonho. Não menos perturbado, ele

deitou-a rapidamente nas peles sobre o estrado. O sono dela era muito profundo para ser normal. Ele decidiu que ela deveria ser viciada em alguma droga, talvez como a lótus negra de Xuthal.

Então, ele encontrou uma outra coisa para surpreendê-lo. Entre as peles do estrado, havia uma magnífica pele marcada com pintas, cujo matiz principal era o dourado. Não era uma cópia engenhosa, mas uma autêntica pele de fera. E aquela fera, Conan sabia, havia sido extinta há pelo menos mil anos; era o grande leopardo dourado, que figura tão proeminentemente na lenda hiboriana, e à qual os antigos artistas se deleitavam a retratar em pigmentos e mármore.

Sacudindo a cabeça em perplexidade, Conan passou pelo arco, dentro de um corredor sinuoso. O silêncio pairava na casa, mas, do lado de fora, ele ouviu um som, o qual seus ouvidos aguçados reconheceram como algo subindo a escada, no muro onde ele adentrara a construção. Um momento depois, ele foi surpreendido ao ouvir algo pousar com uma pancada suave, porém pesada, no chão do quarto que ele havia deixado pouco antes. Virando-se rapidamente, ele se apressou ao longo do retorcido saguão, até que alguma coisa, no chão à sua frente, o fez parar.

Era uma figura humana, que estava deitada, metade no salão e metade numa abertura que, óbvio, era normalmente oculta por uma porta, a qual era uma cópia dos panos da parede. Era um homem, escuro e magro, vestindo apenas uma tanga de seda, com a cabeça raspada e feições cruéis, e jazia como se a morte o tivesse atacado no momento em que ele saía da cortina. Conan se curvou sobre ele, procurando-lhe a causa da morte, e descobriu que ele havia submergido no mesmo sono profundo que a garota no quarto.

Mas, por quê ele escolheria tal lugar para seu sono? Enquanto meditava sobre o caso, Conan foi arrebatado por um som atrás de si. Algo se movia no corredor em sua direção. Uma rápida olhadela para baixo mostrou que ele terminava numa grande porta, a qual poderia estar trancada. Conan puxou bruscamente o corpo inerte, pra fora da entrada enfeitada com pano, e caminhou, puxando a cortina fechada atrás de si. Um estalido disse que ela estava engatada no lugar. Pondo-se de pé na escuridão total, ele ouviu um passo arrastado parar exatamente do lado de fora da porta, e um leve calafrio correu por sua espinha. Não havia passos humanos, nem os de qualquer fera que ele houvesse enfrentado.

Houve um instante de silêncio, e então um fino ranger de madeira e metal. Dirigindo sua mão, ele sentiu a porta esticando e dobrando pra

dentro, como se um grande peso estivesse sendo solidamente sustentado contra ela, de fora. Enquanto ele estendia a mão para pegar sua espada, ela parou e ele ouviu um estranho e salivante abrir, que arrepiou os cabelos curtos de sua cabeça. Cimitarra na mão, ele começou a retroceder, e seus calcanhares sentiram degraus, sob os quais ele quase caiu. Ele estava em uma escada estreita, que o levava para baixo.

Ele bateu sua descida na escuridão, lamentando, mas não achando algum outro indo parar nas muralhas. Justamente quando ele concluiu que não estava mais na casa, mas mergulhado embaixo da terra, os degraus pararam num túnel plano.

## V

Ao longo do túnel escuro e silencioso, Conan bateava, receando momentaneamente uma queda, dentro de algum buraco invisível; mas, pelo menos, seus pés pisaram novamente em degraus, e ele os subiu até chegar a uma porta, na qual seus dedos, desajeitadamente, acharam um trinco de metal. Ele foi parar dentro de uma fosca e elevada sala, de enormes proporções. Colunas fantásticas avançavam sobre as paredes mosqueadas, sustentando um teto, o qual, outrora translúcido e escuro, parecia um céu nublado da meia-noite, dando uma ilusão de peso impossível. Se alguma luz se filtrava lá, vinda do lado de fora, ela era curiosamente modificada.

Numa longa e triste penumbra, Conan se movia através do chão verde e descoberto. A grande sala era circular, perfurada num lado pelas grandes válvulas de bronze de uma porta gigante. No lado oposto, num estrado contra a parede, sobre a qual havia largos degraus curvos, erguia-se um trono de cobre e, quando Conan viu o que estava enrolado sobre este trono, ele recuou apressadamente, erguendo sua cimitarra.

Então, como a coisa não se movia, ele a examinou mais de perto e, dentro em pouco, subiu os degraus de vidro e olhou-a fixamente. Era uma

cobra gigantesca, aparentemente esculpida em alguma substância semelhante a jade. Cada escama se sobressaía tão nitidamente quanto na vida real, e as cores iridescentes eram intensamente reproduzidas. A grande cabeça em forma de cunha estava meio submersa nas dobras do seu tronco; só os olhos e presas não eram visíveis. O reconhecimento se agitava em sua mente. Era uma evidente representação de um dos monstros sombrios do pântano, que, em eras passadas, haviam assombrado as orlas juncosas das praias do sul do Vilayet. Mas, como o leopardo dourado, eles tinham sido extintos há centenas de anos. Conan vira imagens toscas delas, em miniaturas, entre as cabanas de ídolos dos yuetshis, e havia uma descrição delas, no Livro de Skelos, o qual redigia eras pré-históricas.

Conan admirou o tronco escamoso, grosso como sua coxa e, obviamente, de grande comprimento; e ele estendeu o braço, pondo uma mão curiosa na coisa. E, quando ele o fez, seu coração quase parou. Um arrepio gelado congelou o sangue em suas veias e eriçou os cabelos curtos de sua cabeça. Sob sua mão, não havia a superfície polida e quebradiça de vidro, metal ou pedra, mas a massa fibrosa de uma coisa viva. Ele sentiu vida fria e inerte, fluindo sob seus dedos.

Sua mão recuou bruscamente, em repulsa instintiva. A espada tremendo em seu punho; o horror, a reação e o medo quase asfixiando-o, ele retrocedeu e desceu os degraus de vidro, com árdua cautela, olhando ferozmente, em medonha fascinação, para a coisa pavorosa que dormitava sobre o trono de cobre. Ela não se movia.

Ele estendeu a mão à porta de bronze e forçou-a, com seu coração nos dentes, suando de medo, que ele deve tê-la achado travada, por causa daquele horror delgado. Mas, as válvulas cederam ao seu toque e ele deslizou através delas, fechando-as atrás de si.

Ele se viu num largo saguão, com altas paredes cobertas por tapeçarias, onde a luz era a mesma escuridão crepuscular. Ela tornava indistintos os objetos distantes, e aquilo o deixava inquieto, despertando idéias de serpentes deslizando pela escuridão, sem serem vistas. Uma porta, na outra extremidade, parecia a milhas de distância, na luz ilusória. Mais próxima da mão, a tapeçaria pendia de tal modo que sugeria uma abertura atrás dela, e, levantando-a cuidadosamente, ele descobriu uma escada estreita que levava para cima.

Enquanto hesitava, ele ouviu, na grande sala que tinha acabado de deixar, o mesmo passo arrastado que escutara do lado de fora da porta

trancada. Será que ele estava sendo seguido pelo túnel? Ele subiu a escada apressadamente, baixando a tapeçaria no local atrás dele.

Indo parar num corredor retorcido, ele pegou a primeira entrada que alcançou. Ele tinha um duplo objetivo, em sua ronda aparentemente sem propósito: escapar daquela construção e seus mistérios, e encontrar a garota nemédia, a qual, ele sentia, fora aprisionada em algum lugar do palácio ou templo, ou o que quer que fosse. Ele acreditava que ali era o grande edifício abobadado do centro da cidade, e era provável que aqui morasse o governante da cidade, para o qual uma mulher cativa seria indubitavelmente levada.

Ele se viu num compartimento, não em outro corredor, e estava prestes a voltar, quando ouviu uma voz, vinda de trás de uma das paredes. Não havia porta naquela parede, mas ele se encostou bem perto e ouviu distintamente. E um arrepio gelado arrastou-se devagar, ao longo de sua espinha. A língua era o Nemédio, mas a voz era inumana. Havia uma aterradora ressonância sobre ela, como um sino dobrando à meia-noite.

— Não havia vida no Abismo, a não ser a que fora incorporada em mim. — disse a voz — Nem havia luz, nem movimento, nem som algum. Apenas o anseio, por trás e além, me guiava e me impelia na minha jornada para o alto... cega, insensata, inexorável. Após eras sobre eras, eu galguei a camada imutável...

Enfeitiçado pela ressonância, Conan agachou-se, esquecido de tudo, até que aquele poder hipnótico causou uma estranha substituição das faculdades e percepção, e o som criou a ilusão de vista. Conan não estava consciente da voz, exceto pelas ondas rítmicas de som. Transportado para além de sua época e de sua própria individualidade, ele foi vendo a transformação do ser chamado Khosatral Khel, arrastando-se da Noite e do Abismo, eras atrás, para se vestir na substância do universo material.

Mas, a carne humana era muito frágil e insignificante para suportar a espantosa essência que era Khosatral Khel. Então, ele ergueu-se na forma e aspecto de um homem, mas sua carne não era carne; os ossos não eram ossos, nem seu sangue era sangue. Ele se tornou uma blasfêmia contra toda a Natureza, por ter decidido viver, pensar e agir uma substância básica que nunca antes conhecera o pulso e a atividade de um ser animado.

Ele andou altivamente pelo mundo como um deus, ao qual nenhuma arma terrestre pudesse danificar, e, para ele, um século era como uma hora. Em suas perambulações, ele caiu sobre um povo primitivo que habitava a

ilha de Dagônia, e ela o agradou, a ponto dele dar cultura e civilização a esta raça e, com sua ajuda, eles construíram a cidade de Dagon, moraram lá e o cultuaram. Estranhos e pavorosos eram seus criados, trazidos das regiões obscuras do planeta, onde sobreviventes sombrios de eras esquecidas ainda se escondiam. Sua casa em Dagon era conectada com todas as outras casas, por túneis, através dos quais seus sacerdotes de cabeça raspada traziam vítimas para o sacrifício. Mas, depois de muitas eras, um povo bruto e feroz apareceu nas praias marinhas. Eles se chamavam yuetshis e, após uma feroz batalha, foram derrotados e escravizados; e, por quase uma geração, eles morreram nos altares de Khosatral.

Sua feitiçaria os manteve retidos. Então, o sacerdote deles, um homem estranho e magro, de raça desconhecida, mergulhou nos desertos e, quando voltou, trazia uma faca que não era de substância terrestre. Ela foi forjada de um meteoro, o qual faiscara através do céu como uma flecha flamejante, e caíra num vale distante. Os escravos se rebelaram. Suas adagas curvas abateram os homens de Dagon como se fossem carneiros e, contra aquele punhal alienígena, a magia de Khosatral Khel era impotente. Enquanto a matança e a carnificina bramiam através da fumaça vermelha que calçava as ruas, o ato mais sombrio daquele drama implacável foi feito na cripta abobadada, atrás da grande sala, com seu trono de cobre e suas paredes mosqueadas como peles de serpentes.

Daquele domo, o sacerdote yuetshi se erguera sozinho. Ele não matara seu rival, porque ele desejava manter uma ameaça solta sobre a cabeça de seus próprios rebeldes. Ele deixara Khosatral jazendo sobre o estrado, com a adaga mística sobre o peito e um encantamento para mantê-lo insensível e inanimado até o dia do juízo.

Mas, as eras passaram e o sacerdote morreu; as torres da abandonada Dagon desmoronaram, as histórias se tornaram obscuras e os yuetshis foram diminuídos, por epidemias, fome e guerra, a remanescentes dispersos, morando miseravelmente ao longo do litoral marinho.

Apenas o domo críptico resistiu à decomposição do tempo, até que um relâmpago casual e a curiosidade de um pescador levantaram, do peito do deus, a lâmina mágica e quebraram o encantamento. Khosatral Khel ergueu-se, viveu e ficou poderoso, mais uma vez. Agradou— lhe restaurar a cidade, como ela era nos dias anteriores à sua queda. Com sua necromancia, ele

ergueu as torres da poeira dos milênios esquecidos, e o povo, que fora pó durante eras, voltou a viver.

Mas, o povo que já experimentara a morte, era apenas parcialmente vivo. Nos cantos escuros de suas mentes e almas, a morte ainda se esconde invicta. À noite, o povo de Dagon caminhava, amava, odiava e se banqueteava, lembrando-se da queda de Dagon e seus próprios assassinatos, apenas como um sonho. Com a chegada do dia, eles caíam num sono profundo, para serem despertados só ao chegar da noite, a qual assemelhasse à morte.

Tudo isso rolava-se num terrível panorama, na consciência de Conan, enquanto ele se agachava ao lado da parede decorada com tapetes. Toda a certeza e sanidade foram varridas, deixando um universo sombrio, através do qual se moviam, furtivamente, figuras encapuzadas, de medonhas potencialidades. Através da ressonância da voz, a qual era como um anúncio de triunfo sobre as leis dispostas de um planeta sensato, um som histérico ancorou a mente de Conan do seu vôo através das esferas da loucura. Era o soluço histérico de uma mulher.

Involuntariamente, ele ergueu-se em um pulo.

## VI

Jehungir Agha esperou com crescente impaciência, em seu barco por entre os juncos. Mais de uma hora passara e Conan não havia reaparecido. Sem dúvida, ele ainda procurava, na ilha, pela garota que ele imaginou escondida lá. Mas uma outra suposição ocorreu a Agha. Teria o hetman deixado seus guerreiros muito próximos, e eles, desconfiados, teriam ido investigar sua longa ausência? Jehungir falou com o remador, e o longo bote deslizou, de dentro dos juncos, em direção às escadas esculpidas.

Deixando meia dúzia de homens no bote, ele levou o restante, dez poderosos arqueiros de Khawarizm, com elmos espiralados e mantos de

pele de tigre. Como caçadores que invadem o refúgio do leão, eles penetraram por debaixo das árvores, com flechas nos cordões dos arcos. O silêncio reinava sobre a floresta, exceto quando uma grande coisa verde, que poderia ser um papagaio, rodopiou sobre suas cabeças, com um pequeno estrondo de suas largas asas, e então voou por entre as árvores. Então, com um gesto repentino, Jehungir deteve seu bando, e eles ficaram incrédulos diante das torres que apareciam à distância, por trás do verdor.

— Tarim! — resmungou Jehungir -Os piratas reconstruíram as ruínas! Sem dúvida, Conan está lá. Precisamos investigar isto. Uma cidade fortificada, perto da terra principal!... Venham!

Com precaução redobrada, eles deslizaram por entre as árvores. O jogo foi mudado: de perseguidores e caçadores, eles se tornaram espiões.

E, enquanto eles se moviam furtivamente pela vegetação emaranhada, o homem que eles procuravam estava em perigo mais mortal que suas flechas delicadas.

Conan percebeu, com um arrepio de sua pele, que, além da parede, a voz ressonante havia cessado. Ele ficou parado como uma estátua, seu olhar atentamente fixo numa porta cortinada, através da qual ele sabia que um horror culminante iria logo aparecer.

A sala estava obscura e nebulosa, e o cabelo de Conan começou a eriçar, enquanto olhava. Ele viu uma cabeça e um par de ombros gigantescos saindo da porta crepuscular. Não havia som de passos, mas a grande forma escura ficou mais distinta, até Conan reconhecer a figura de um homem. Estava vestido com sandálias, uma saia e um largo cinturão de couro cru. Sua juba de corte reto era retida por um círculo de ouro. Conan encarou a curva de seus ombros monstruosos, a largura de seu peito volumoso; as faixas, sulcos e agrupamentos dos músculos no tronco e membros. O rosto era desprovido de fraqueza e misericórdia. Os olhos eram bolas de fogo escuro. E Conan estava ciente que aquele era Khosatral Khel, o patriarca do Abismo, o deus de Dagônia.

Nenhuma palavra foi dita. Nenhuma palavra era necessária. Khosatral abriu seus grandes braços, e Conan, agachando-se sob eles, deu um talho na barriga do gigante. Então, o cimério pulou para trás, com os olhos brilhando de surpresa. A lâmina afiada havia retinido no poderoso corpo, como se numa bigorna, ecoando sem cortar. Então, Khosatral caiu sobre ele, num irresistível vagalhão.

Houve um choque veloz, uma feroz contorsão e entrelaçamento de membros e corpos, e então Conan pulou fora, com todos os músculos estremecendo pela violência de seus esforços; o sangue latejando, onde os dedos escoriantes haviam rasgado a pele. Naquele instante de contato, ele havia experimentado a última loucura da Natureza blasfemada; nenhuma carne humana o havia ferido, mas metal animado e com sensações; era um corpo de ferro vivo que lhe havia resistido.

Khosatral avultou sobre o guerreiro na escuridão. Uma vez deixando aqueles grandes dedos aprisionarem, eles não afrouxarão até o corpo humano ficar flácido em seu domínio. Naquela câmara escura, era como se um homem lutasse contra um monstro saído de um pesadelo noturno.

Lançando pra baixo sua espada sem uso, Conan pegou um banco pesado e o atirou com toda a sua força. Foi um projétil tal, que poucos homens conseguiriam sequer levantar. No peito poderoso de Khosatral, ele se despedaçou em trapos e tiras de madeira. Ele nem sequer balançou o gigante sobre suas pernas robustas. Seu rosto perdeu um pouco do aspecto humano, o fogo tremulou ao redor de sua terrível cabeça e, como uma torre móvel, ele avançou.

Com um desesperado puxão violento, Conan arrancou uma parte interna da tapeçaria da parede e, rodopiando-a com um esforço muscular maior que aquele exigido para lançar o banco, ele a arremessou sobre a cabeça do gigante. Por um instante, Khosatral se debateu, se sufocou e ficou cego, devido ao pano agarrado, que resistiu à sua força como madeira ou aço nunca teriam feito, e, naquele instante, Conan apanhou sua cimitarra e disparou pra dentro do corredor. Sem frear sua velocidade, ele se arremessou pela porta da sala vizinha, bateu a porta e atravessou rapidamente o ferrolho.

Então, enquanto se virava, ele parou abruptamente, com todo o seu sangue parecendo rolar até sua cabeça. Agachada numa pilha de almofadas de seda, o cabelo dourado fluindo sobre seus ombros nus, os olhos pasmados de terror, estava a mulher pela qual ele havia se arriscado tanto. Ele quase esqueceu o horror em seus calcanhares, até que um ruído estilhaçante atrás de si devolveu-lhe os sentidos. Ele agarrou a garota e se lançou a uma outra porta. Ela estava muito impotente de terror, fosse para resistir a ele, ou para ajudá-lo. Uma débil lamúria era o único som do qual ela parecia capaz.

Conan não perdeu tempo testando a porta. Um golpe despedaçante de sua cimitarra cortou a fechadura em pedaços e, enquanto ele se lançava pela escada que avultava depois da porta, ele viu a cabeça e ombros de Khosatral despedaçando a outra porta. O colosso estava desfiando as maciças almofadas da porta como se fossem de papelão.

Conan subiu a escada, correndo e carregando a grande garota sobre um dos ombros, tão facilmente quanto se ela fosse uma criança. Para onde ia, ele não tinha idéia, mas a escada terminou na porta de um quarto redondo e abobadado. Khosatral vinha subindo a escada atrás deles, silencioso como um vento de morte, e tão rápido quanto.

As paredes do quarto eram de aço sólido, assim como a porta. Conan fechou-a e pôs no lugar todas as trancas com as quais ela era guarnecida. Veio-lhe à imaginação que aquele era o quarto de Khosatral, onde ele se trancava por dentro, para dormir seguro dos monstros que soltara da Cova para cumprirem suas ordens.

Mal estavam os ferrolhos no lugar, quando a grande porta sacudiu e tremeu ao ataque do gigante. Conan encolheu os ombros. Este era o fim do caminho. Não havia outra porta no quarto, e nenhuma janela. Ar, e a estranha luz brumosa, vinham, evidentemente, das fendas na cúpula. Ele testou o fio marcado de sua cimitarra, tão frio agora quanto era na baía. Ele havia feito seu vulcânico melhor para escapar; quando viesse arrebatando aquela porta, ele explodiria em outro furioso ataque selvagem com a ineficaz espada, não porque esperasse sair-se bem, mas porque era de sua natureza morrer lutando. No momento, não havia curso de ação para seguir, e sua calma não foi forçada, nem fingida.

O olhar fixo, que ele dirigiu em sua bela companheira, foi tão admirador e intenso quanto se ele tivesse cem anos para viver. Ele havia descarregado-a sem cerimônia no chão, quando virou para fechar a porta, e ela havia se erguido em seus joelhos, dispondo mecanicamente seus fechos gotejantes e suas roupas escassas. Os olhos ferozes de Conan arderam de aprovação, enquanto devoravam seu abundante cabelo dourado, seus arregalados olhos claros; sua pele leitosa, macia e com saúde exuberante, a firme dilatação de seus seios e o contorno de seus esplêndidos quadris.

Um choro baixo escapou dela, enquanto a porta sacudia e um ferrolho cedia com um estalo. Conan não olhou em redor. Ele sabia que a porta iria resistir por mais algum tempo.

— Me contaram que você havia escapado. — ele disse — Um pescador yuetshi me falou que você estava escondida aqui. Qual o seu nome?

— Octavia. — arquejou ela, mecanicamente. Então, as palavras vieram num ímpeto. Ela o agarrou, com dedos desesperados: — Oh, Mitra! Que pesadelo é este? O povo... o povo de pele escura... um deles me pegou na floresta e me trouxe pra cá. Eles me levaram para... para aquela... aquela coisa. Ele me contou... ele disse... estou louca? Isto é um sonho?

Ele olhou de relance a porta, cujo bojo interno se assemelha ao impacto de um aríete.

— Não. — ele disse — Não é um sonho. Aquela dobradiça está cedendo. Estranho que um demônio tenha que arrebentar uma porta como um homem comum; mas, apesar de tudo, sua força, por si só, já é um diabolismo.

— Você não pode matá-lo? — ofegou ela — Você é forte. Conan era honesto demais para mentir pra ela.

— Se algum mortal pôde matá-lo, ele agora está morto. — ele respondeu — Arranhei minha lâmina em sua barriga.

Os olhos dela perderam o brilho:

— Então você morrerá, e eu também... oh, Mitra! — ela guinchou em súbito frenesi, e Conan pegou-lhe as mãos, temendo que ela se ferisse — Ele me falou o que vai fazer comigo! — ela ofegou — Me mate! Mate-me com sua espada, antes que ele arrombe a porta!

Conan olhou para ela e sacudiu a cabeça.

— Farei o que puder. — ele disse — Não será muito, mas lhe darei uma chance de escapar dele, descendo a escada. Então, corra para os penhascos. Tenho um bote amarrado ao pé das escadas. Se você conseguir sair do palácio, você ainda pode escapar. O povo desta cidade é todo adormecido.

Ela deixou a cabeça cair nas mãos. Conan ergueu a cimitarra e seguiu para ficar em frente à porta ressoante. Quem o olhasse, não acharia que ele estava esperando por uma morte que considerava inevitável. Seus olhos brilhavam mais vivamente; sua mão musculosa se enlaçava com mais força no punho de sua espada; aquilo era tudo.

As dobradiças haviam cedido à terrível investida do gigante, e a porta sacudia loucamente, segura apenas pelos ferrolhos. E aquelas sólidas barras de ferro estavam vergando, entortando e se destacando pra fora de seus encaixes. Conan observava numa fascinação quase impessoal, invejando a força inumana do monstro.

Então, sem aviso, o bombardeio cessou. Na quietude, Conan ouviu outros ruídos, do outro lado do patamar da escada... o bater de asas e uma voz murmurante, que era como o gemido do vento sobre os galhos da meia-noite. Então, daí a pouco, houve silêncio, mas havia uma nova sensação no ar. Apenas os sentidos aguçados da barbárie poderiam senti-la, mas Conan sabia, sem ver ou ouvir sua partida, que o mestre de Dagon não estava do outro lado da porta.

Ele olhou ferozmente através de uma fenda que fora iniciada no aço do portal. O patamar da escada estava vazio. Ele puxou as trancas empenadas e, cuidadosamente, empurrou para o lado a porta vergada. Khosatral não estava na escada, mas lá embaixo ele ouviu o estrondo de uma porta de metal. Ele não sabia se o gigante estava planejando novas crueldades, ou se fora chamado pela voz murmurante, mas ele não perdeu tempo em conjecturas.

Ele chamou por Octavia, e o seu novo tom de voz colocou-a de pé, ao seu lado, quase que sem sua vontade consciente.

— O que é? — ela arfou.

— Não pare pra conversar! — ele pegou seu pulso. — Vamos! — A chance para ação o havia transformado; seus olhos resplandeciam, sua voz crepitava. — A lâmina! — ele murmurou, enquanto, quase arrastando a garota pela escada em sua pressa feroz: — A adaga mágica yuetshi! Ele a deixou dentro da cúpula!... — sua voz morreu repentinamente, enquanto uma clara imagem mental estalou diante dele. Aquela cúpula era adjacente ao grande salão onde se erguia o trono de cobre... o suor brotou de seu corpo. O único caminho para aquele domo era através do salão com o trono de cobre e a coisa repugnante que dormia nele.

Mas, ele não hesitou. Rapidamente, eles desceram a escada, atravessaram outra sala, desceram a escada seguinte e adentraram o grande salão obscuro, com suas misteriosas colgaduras. Eles não viram sinal do colosso. Parando diante da grande porta de válvula de bronze, Conan pegou Octavia e sacudiu-a intensamente.

— Escute! — falou ele bruscamente — Estou indo pra dentro da sala, e segure a porta. Fique aqui e ouça: se Khosatral vier, me chame. Se me ouvir gritar por você, corra como se o Diabo estivesse em seus calcanhares... e ele provavelmente estará. Dirija-se daquela porta à outra, no fim do salão, porque eu passarei pra te salvar. Irei buscar a adaga yuetshi!

Antes que ela pudesse exprimir o protesto que seu lábios estavam planejando, ele havia deslizado pelas válvulas e fechou-as atrás dele. Ele baixou cuidadosamente a tranca, sem avisar que ela poderia ser operada do lado de fora. Na pálida meia-luz, seu olhar atento buscava aquele sombrio trono de cobre; sim, a fera escamosa ainda estava lá, preenchendo o trono com seus rolos repugnantes. Ele viu uma porta atrás do trono e soube que ela o guiava até lá. Mas, para alcançá-lo, ele teria de galgar o estrado, a poucos pés do próprio trono.

Um vento, soprando ao longo do chão verde, fizera menos barulho que os pés furtivos de Conan. Com os olhos grudados no réptil adormecido, ele alcançou o estrado e galgou os degraus de vidro. Ele estava alcançando a porta...

A tranca no portal de bronze retiniu e Conan reprimiu uma enorme blasfêmia, enquanto viu Octavia adentrar a sala. Ela olhava fixamente ao redor, incerta na mais profunda escuridão, e ele ficou congelado, não se atrevendo a gritar um aviso. Então, ela viu sua figura sombreada e correu em direção ao estrado, gritando:

— Quero ir com você! Tenho medo de ficar sozinha... Oh!

Ela lançou as mãos para o alto, com um guincho terrível, quando, pela primeira vez, ela viu o ocupante do trono. A cabeça em forma de cunha erguera-se de seus rolos e se arremeteu pra fora em direção a ela, numa jarda<sup>{2}</sup> de pescoço brilhante.

Então, com um suave movimento fluido, começou a verter do trono, rolo a rolo, sua cabeça horrenda bamboleando-se na direção da garota paralisada.

Conan transpôs o espaço entre ele e o trono, com um salto desesperado, sua cimitarra balançando com toda a força dele. E a serpente se moveu com tal velocidade cegante, que ela se fustigou pra cima e o encontrou em pleno ar, dobrando seus membros e corpo, com meia-dúzia de rolos. Seu ataque repentino se tornou fútil, quando ele se espatifou no estrado, cortando o tronco escamoso, mas sem separá-lo.

Então, ele foi contorcido nos degraus de vidro, dobra após dobra delgada se prendendo a ele, enlaçando-o, espremendo-o, matando-o. Seu braço direito ainda estava livre, mas ele não conseguia adquirir um meio de arremeter um golpe mortal, e ele sabia que um golpe deveria bastar. Com uma dolorosa convulsão de expansão muscular que inchou-lhe as veias, quase arrebetando suas têmporas e unindo seus músculos em nós trêmulos

e torturados, ele ergueu-se sobre os pés, levantando quase todo o peso daquele demônio de 12 metros.

Num instante, ele se moveu, vacilante, em pernas largamente firmadas, sentindo suas costelas escavarem seus órgãos vitais, e sua vista escurecendo, enquanto sua cimitarra raiou acima de sua cabeça. Então, a espada caiu, cortando através de escamas, carne e vértebras. E, onde havia uma enorme cabeça contorcida, agora haviam horivelmente duas, batendo e sacudindo nas convulsões da morte. Conan cambaleou de seus ataques cegos. Ele tinha enjôo e vertigens, e o sangue escorria por seu nariz. Tateando numa bruma escura, ele agarrou Octavia e sacudiu-a até ela ofegar por respiração.

— Na próxima vez que eu lhe disser pra ficar em algum lugar... — ele ofegou — Você fica!

Ele estava vertiginoso demais, até para saber o que ela respondeu. Agarrando-lhe o pulso, como se ela fosse uma aluna negligente, ele a conduziu ao redor da cepa medonha que ainda avultava e se enrolava no chão. Em algum lugar, à distância, ele pensou ter ouvido homens gritando, mas seus ouvidos ainda zuniam tanto que ele podia não ter certeza.

A porta cedeu aos seus esforços. Se Khosatral colocara a cobra lá, para guardar a coisa que ele temia, evidentemente ele considerava-a ampla precaução. Conan quase esperou que uma outra monstruosidade se lançasse a ele, com o abrir da porta, mas, naquela luz mais turva, ele viu apenas a vaga curva de um arco no alto, o fraco vislumbre de um bloco de ouro e uma fraca luz em meia-lua, sobre a pedra.

Com um suspiro de alívio, ele tirou-a de lá e não se demorou com mais exploração. Ele virou-se, correu através da sala e desceu o grande salão, em direção à distante porta, a qual ele percebia que levava ao espaço externo. Ele estava certo. Poucos minutos depois, ele saiu pelas ruas silenciosas, meio carregando, meio guiando sua companheira. Não havia ninguém a ser visto, mas, além da parede oeste, foram ouvidos guinchos e lamentosos gritos de dor, que fizeram Octavia tremer. Ele a levou para o muro sudoeste e, sem dificuldade, encontrou uma escada de pedra, que subia a rampa. Ele se apropriara de uma grossa corda de tapeçaria no grande salão, e agora, tendo alcançado o parapeito, ele amarrou o cordão macio e forte ao redor do quadril da garota e baixou-a à terra. Então, fazendo uma ponta rápida para um balestreiro, ele deslizou para baixo depois dela. Havia, porém, um único meio de escapar da ilha... a escada nos penhascos ocidentais. Ele correu

naquela direção, contornando à distância o local de onde vieram os gritos e os sons dos terríveis golpes.

Octavia percebeu aquele perigo sombrio espreitando naquela fortaleza folhada. Seu fôlego veio ofegante, e ela encolheu-se a seu protetor. Mas, agora, a floresta estava silenciosa e eles não viram forma de ameaça alguma, até que saíram das árvores e perceberam rapidamente uma figura de pé, na borda dos penhascos.

Jehungir Agha escapara do destino que surpreendera seus guerreiros, quando um gigante de ferro saiu repentinamente do portão, os quebrou e esmagou em pequenos pedaços de carne retalhada e ossos estilhaçados. Quando viu as espadas de seus arqueiros quebrarem nele, ele ficou sabendo que não era um inimigo humano que eles enfrentavam, e fugiu, se escondendo nas florestas profundas, até os sons da matança cessarem. Então, ele, silenciosamente, voltou para a escada, mas seus remadores não estavam esperando por ele.

Eles haviam escutado os gritos estridentes e, daí a pouco, esperando nervosamente, viram, no penhasco acima deles, um monstro manchado de sangue, agitando braços gigantescos em medonho triunfo. Eles não esperaram mais nada. Quando Jehungir alcançou os penhascos, eles haviam acabado de sumir entre os juncos além da terra. Khosatral havia ido embora... ou retornara à cidade, ou estava rondando a floresta, em busca do homem que havia fugido dele, do outro lado dos muros.

Jehungir estava justamente se preparando para descer as escadas e partir no bote de Conan, quando ele viu o hetman e a garota saírem das árvores. A experiência, que congelara seu sangue e quase secou-lhe a razão, não alterou as intenções de Jehungir com relação ao chefe kozak. A visão do homem que ele viera matar encheu-o de satisfação. Ele estava surpreso em ver a garota que dera a Jelal Khan, mas não perdeu tempo com ela. Erguendo o arco, ele puxou a flecha até a cabeça e atirou. Conan se agachou, a haste se estilhaçou numa árvore e Conan riu.

— Cão! — ele disse, com escárnio — Você não pode me atingir! Não nasci para morrer no aço hirkaniano! Tente de novo, porco de Turan.

Jehungir não tentou novamente. Era sua última flecha. Ele puxou a cimitarra e avançou, confiante em seu elmo espiralado e sua cota-de-malha. Conan o recebeu a meio caminho, num cegante rodopio de espadas. As lâminas curvas rangiam juntas, pulavam umas das outras, girando em arcos brilhantes que obscureciam a vista de quem tentasse acompanhá-las.

Octavia, observando, não viu o golpe, mas ela ouviu seu impacto retalhante e viu Jehungir cair, o sangue jorrando do seu lado, onde o aço do cimério partira sua malha e dilacerara sua espinha.

Mas, o guincho de Octavia não foi causado pela morte de seu primeiro dono. Com um estrondo de galhos torcidos, Khosatral Khel estava sobre eles. A garota não conseguiu fugir; um grito lamentoso escapou dela, enquanto seus joelhos cederam e lançaram-na aviltantemente ao gramado.

Conan, parado acima do corpo de Agha, não fez movimento pra fugir. Mudando sua cimitarra avermelhada para sua mão esquerda, ele puxou a grande lâmina do yuetshi. Khosatral Khel erguia-se sobre ele, seus braços levantados como marretas; mas, quando a lâmina refletiu o brilho do sol, o gigante recuou abruptamente.

Mas, o sangue de Conan estava exaltado. Ele investiu, golpeando com a lâmina curva. E ela não se quebrou. Sob seu gume, o sombrio metal do corpo de Khosatral cedia como carne comum sob o cutelo de um açougueiro. Do profundo corte fluía um estranho líquido, e Khosatral gritava alto, como o canto fúnebre de um sino. Seus terríveis braços caíram, mas Conan, mais rápido que os arqueiros que morreram sob aqueles terríveis manguais, evitou—lhe os ataques e atacou novamente, novamente e ainda novamente. Khosatral cambaleou e tremeu; seus gritos eram terríveis de se ouvir, como se o metal tivesse ganhado uma língua de dor, como se o ferro emitisse sons agudos sob suplício.

Então, virando-se, ele cambaleou em direção à floresta; ele vacilava em seu passo, arrebentava moitas e girava árvores. Ainda assim, Conan o seguiu com a rapidez da ira quente, as paredes e torres de Dagon avultaram por entre as árvores, antes do homem chegar à distância de uma adaga do gigante.

Então, Khosatral girou novamente, farejando o ar em sopros desesperados, mas Conan, inflamado por uma fúria louca, não se permitia ser evitado. Como uma pantera ataca um alce macho na baía, assim ele mergulhou sob os braços em forma de porrete e dirigiu a lâmina curva, até o punho, sob o lugar onde ficaria um coração humano.

Khosatral cambaleou e caiu. Em forma de homem ele cambaleou, mas não foi a forma de um homem que atingiu o marga. Onde havia a aparência de um rosto humano, não havia absolutamente rosto algum, e os membros de metal derreteram e mudaram... Conan, que não havia recuado diante de Khosatral vivo, recuou diante de Khosatral morto, pois havia testemunhado

uma medonha transformação: em seus espasmos de morte, Khosatral havia se tornado a coisa que havia se arrastado do Abismo, milênios atrás. Calando-se em intolerável repugnância, Conan virou-se para correr pro lado; e ele ficou repentinamente a par de que os pináculos de Dagon não mais se vislumbravam por entre as árvores. Eles haviam se desvanecido como fumaça... as ameias, as torres, os grandes portões de ferro, as válvulas, o marfim; as mulheres de cabelos negros e os homens, com seus crânios raspados. Com a partida da inteligência inumana que os fizera renascer, eles voltaram ao pó que foram durante incontáveis eras. Apenas os tocos de colunas quebradas erguiam-se sobre muros desagregados, pavimentos quebrados e o domo despedaçado. Conan olhou novamente as ruínas de Xapur, enquanto lembrava delas.

O selvagem hetman ficou como uma estátua por um espaço, obscuramente entendendo um pouco da tragédia cósmica da vacilante e efêmera humanidade, e as formas encobertas de escuridão que a depredam. Então, enquanto ouvia sua voz convocada em pronúncias de medo, ele se sobressaltou como se despertasse de um sonho, olhando novamente a coisa no chão, estremeceu e virou-se em direção aos penhascos e à garota que esperava ali.

Ela estava perscrutando apreensivamente, sob as árvores, e o recebeu com um choro meio abafado de alívio. Ele sacudira as obscuras visões monstruosas, que haviam lhe assombrado momentaneamente, e estava de novo com seu caráter exuberante.

— Onde está ele? — ela estremeceu.

— Voltou ao Inferno do qual veio. — ele respondeu alegremente — Por quê você não desceu a escada e fugiu em meu bote?

— Eu não iria desistir de... — ela começou, e então mudou o pensamento e emendou, mais propriamente mal-humorada: — Eu não tenho pra onde ir. Os hirkanianos me escravizariam novamente, e os piratas...

— E os kozaks? — ele sugeriu.

— Eles são melhores que os piratas? — ela perguntou desdenhosamente. A admiração de Conan cresceu, ao ver quão bem ela recuperou o equilíbrio, após ter suportado tão desvairado terror. Sua arrogância o divertiu.

— Você parece ter pensado assim, no acampamento perto de Ghorí. — ele respondeu — Você estava bem à vontade com seus sorrisos, na ocasião.

Seus lábios vermelhos se torceram em desdém: — Você acha que eu estava apaixonada por você? Você acha que eu me humilharia diante de um

bárbaro bebedor-de-cerveja e devorador de carne, sem ter sido mandada? Meu dono... cujo corpo jaz ali... me forçou a fazer o que fiz.

— Oh! — Conan parecia um tanto desanimado. Então, ele riu com prazer não-diminuído — Não importa. Você me pertence agora. Me dê um beijo.

— Seu atrevido... — ela começou furiosamente, quando se viu arrebatada e subjugada ao peito musculoso do hetman. Ela resistiu-lhe furiosamente, com toda a força elástica de sua magnífica juventude, mas ele apenas riu exuberantemente, embriagado com a posse daquela esplêndida criatura a debater-se em seus braços.

Ele arrebatou facilmente seus esforços, bebendo o néctar de seus lábios, com toda a incontida paixão que lhe era característica, até os braços, que se esforçaram contra os dele, amolecerem e se juntarem convulsivamente ao redor de seu pescoço maciço. Então, ele riu e mirou-lhe os olhos claros, dizendo: — Por quê um chefe do Povo Livre não seria preferível a um cão das cidades de Turan?

Ela sacudiu suas mechas fulvas, ainda tilintando em todos os nervos, pelo fogo de seus beijos. Ela não soltou seus braços do pescoço dele: — Você se julga igual a Agha? — ela desafiou.

Ele riu e andou a passos largos, com ela em seus braços, em direção à escada. — Você julgará. — ele exultou — Vou queimar Khawarizm como uma tocha, para iluminar seu caminho para a minha tenda.

# OS PROFETAS DO CÍRCULO NEGRO

## *The People of the Black Circle*

### I

#### *A Morte Ataca um Rei*

O REI DE VENDHYA ESTAVA MORRENDO. DURANTE A NOITE quente e sufocante, o gongo do templo soou e as conchas rugiram. Seu clamor era um eco débil na câmara dourada abóbada onde Bhunda Chand lutava no estrado forrado de veludo. Gotas de suor pingavam de sua pele escura, seus dedos retorciam o tecido dourado sob si. Ele era jovem, nenhuma lança o havia tocado, nenhum veneno oculto em seu vinho. Porém, suas veias se destacavam como cordões azuis nas têmporas, e os olhos se dilatavam com a proximidade da morte. Escravas ajoelhavam-se tremendo aos pés do estrado. E, inclinada sobre ele e observando-o com paixão intensa, estava sua irmã, a Divina Yasmina. Ao lado dele estava o wazam, nobre ancião da corte real.

Ela jogou a cabeça para cima num gesto tempestuoso de ira e desespero quando distantes tambores chegaram aos seus ouvidos.

— Os sacerdotes e seu clamor! — ela exclamou. — Eles não são mais sábios que as sanguessugas, que são inúteis! Não, ele morre, e ninguém é

capaz de dizer o motivo. Ele está morrendo agora... E fico aqui impotente, eu que queimaria a cidade inteira e derramaria o sangue de milhares para salvá-lo.

— Não sou um homem de Ayodhya, mas morreria em seu lugar se fosse possível, Divina — respondeu o wazam. — Este veneno...

— Digo que não é veneno! — ela gritou. — Desde o nascimento, ele tem sido protegido tão atentamente que os mais inteligentes envenenadores do Oriente não foram capazes de alcançá-lo. Cinco crânios branqueados na Torre dos Papagaios podem atestar as tentativas que foram feitas, e falharam. Como você bem sabe, há dez homens e dez mulheres cujo único dever é provar sua comida e vinho, e cinqüenta guerreiros armados guardando sua câmara, como estão fazendo agora. Não, isto não é veneno. É feitiçaria... Magia negra e sinistra.

Ele se calou quando o rei falou; seus lábios lívidos não se moveram, e não havia reconhecimento nos olhos vítreos. Mas a voz surgiu num chamado lúgubre, indistinto e distante, como se a tivesse chamado de além dos vastos golfos soprados pelos ventos:

— Yasmina! Yasmina! Minha irmã, onde está você? Não consigo encontrá-la. Tudo é trevas, e o rugido de grandes ventos!

— Irmão! — ela falou, segurando sua mão mole num aperto convulsivo. — Estou aqui! Não me reconhece...

Sua voz morreu diante do total vazio no rosto dele. Um murmúrio baixo e confuso saiu de sua boca. As escravas choramingaram de medo, e Yasmina sentiu o peito pulsar de angústia.

Em outra parte da cidade, um homem estava em pé ao lado de uma varanda de treliça olhando para uma longa rua mal iluminada por tochas, que revelavam, com pouca nitidez, faces escuras e o branco de olhos brilhando. Um prolongado pranto partiu da multidão. O homem encolheu os ombros e voltou para dentro da câmara *arabesque*. Ele era alto, compactamente constituído, e trajava vestes caras.

— O rei não está morto, mas o hino fúnebre foi soado — disse para outro indivíduo que se sentava com as pernas cruzadas em um tapete no canto. Este homem estava vestido com um manto marrom de pele de

carneiro e sandálias, e usava um turbante verde sobre a cabeça. Sua expressão era tranqüila, o olhar impessoal.

— O povo sabe que ele jamais verá outro amanhecer — respondeu o homem.

O primeiro interlocutor o favoreceu com um olhar longo e pesquisador.

— O que não consigo entender — disse — é por que precisei esperar tanto tempo para seus mestres atacarem. Se eles puderam matar o rei agora, por que não o fizeram meses atrás?

— Mesmo as artes que você chama de feitiçaria são governadas por leis cósmicas — respondeu o homem de turbante verde. — As estrelas dirigem essas ações, assim como outros assuntos. Nem mesmo meus mestres podem mudar as estrelas. Só após os céus estarem na ordem correta que puderam desempenhar sua necromancia — com uma longa unha pontiaguda ele mapeou as constelações no chão de azulejos de mármore. — A inclinação da lua pressagiou o mal para o rei de Vendhya; as estrelas estão em tumulto, a Serpente na Casa do Elefante. Durante tal justaposição, os guardiões invisíveis foram removidos do espírito de Bhunda Chand. Um caminho é aberto para os reinos que não podem ser vistos, e uma vez que um ponto de contato foi estabelecido, intensos poderes foram colocados em funcionamento ao longo daquele caminho.

— Ponto de contato? — perguntou o outro. — Você quer dizer aquele cacho de cabelos de Bhunda Chand?

— Sim. Todas as porções descartadas do corpo humano ainda fazem parte deste, anexadas por conexões intangíveis. Os sacerdotes de Asura têm uma fraca noção dessa verdade, e, assim, todas as unhas cortadas, cabelos e outros resíduos das pessoas da família real são, com muito cuidado, reduzidos a cinzas, e as cinzas escondidas. Mas, ante a súplica urgente da princesa de Khosala, que presumidamente amava Bhunda Chand, ele lhe deu um cacho de seus longos cabelos negros como lembrança. Quando meus mestres decidiram o destino dele, o cacho, em sua caixa dourada incrustada de joias, foi roubado debaixo do travesseiro dela enquanto dormia, e outra foi substituída, tão parecida com a primeira que ela jamais saberia a diferença. Então, o cacho genuíno viajou por uma caravana de camelos pela longa, longa estrada para Peshkhauri, dali até a Passagem Zhaibar, até chegar às mãos daqueles a quem se destinava.

— Somente um cacho de cabelos — murmurou o nobre.

— Pelo qual uma alma é arrancada de seu corpo e além de golfos de espaços ecoantes — retornou o homem no tapete.

O nobre o estudou curiosamente.

— Eu não sei se você é um homem ou demônio, Khemsa — ele disse afinal. — Poucos de nós somos o que aparentamos. Eu, cujos kshatriyas conhecem como Kerim Shah, um príncipe do Iranistão, não sou um mascarado melhor do que a maioria dos homens. Todos são traidores de uma forma ou de outra, e metade deles não sabe a quem serve. Quanto a isso pelo menos não tenho dúvidas, pois eu sirvo o Rei Yezdigerd, de Turan.

— E eu os Profetas Negros de Yimsha — disse Khemsa. — E meus mestres são maiores que o seu, pois alcançaram pelas artes o que Yezdigerd não pôde com cem mil espadas.

Lá fora, o gemido de milhares de torturados estremeceu até as estrelas que incrustavam a noite quente vendhyana, e as conchas berravam como bois com dor. Nos jardins do palácio as tochas reluziam nos capacetes polidos, espadas curvas e espartilhos entalhados com ouro. Todos os nobres nascidos guerreiros de Ayodhya estavam reunidos no grande palácio ou ao redor dele. E, em cada largo portão e porta arqueados, cinquenta arqueiros montavam guarda, com os arcos em mãos. Mas a morte espreitava no palácio real, e ninguém podia fazer frente à sua ameaça espectral.

Nos estrados sob a abóbada dourada o rei gritou mais uma vez, atormentado por terríveis paroxismos. Outra vez sua voz veio débil e distante, e Divina curvou-se de novo sobre ele, tremendo, com um medo que era mais nefasto que o terror da morte.

— Yasmina! — mais uma vez aquele distante chamado estranho e insuportável dos reinos imensuráveis. — Ajude-me! Estou longe de minha casa mortal! Magos arrastaram minha alma através dos ventos soprados pelas trevas. Eles buscam romper a corda prateada que me mantém atado ao meu corpo moribundo, aglomeram-se à minha volta, suas mãos têm garras, os olhos são vermelhos como chamas queimando na escuridão. Ajude-me, irmã! Seus dedos me cauterizam como brasas! Eles matarão meu corpo e condenarão minha alma! O que é isso que trazem diante de mim? Aie!

Por causa do terror daquele grito desesperançado, Yasmina berrou de maneira incontrolável e deixou o corpo cair sobre ele, abandonando-se em angústia. O irmão era assolado por terríveis convulsões, baba escorria de seus lábios contorcidos e os dedos retorcidos deixaram marcas nos ombros da garota. Mas o vazio vítreo de seus olhos passou como fumaça soprada de uma fogueira, e ele olhou para a irmã com reconhecimento.

— Irmão! — ela soluçou. - Irmão...

— Rápido! — ele disse ofegante, e sua voz fraca estava racional. — Agora sei o que me leva até a pira. Tenho estado em uma jornada distante, e a entendo. Fui enfeitiçado por magos himelianos. Eles atraíram minha alma para fora do corpo e ao longe, para uma sala de pedra. Lá lutam para quebrar a corda prateada da vida e colocar minha alma no corpo abominável de uma criatura da noite, que seus feitiços trouxeram do inferno. Ai! Eu os sinto me arrastando agora! Seu grito e o aperto de seus dedos me trouxeram de volta, irmã, mas estou indo rápido. Minha alma se agarra ao corpo, porém sua força se esvai. Rápido. Mate-me antes que eles possam aprisionar minha alma para sempre!

— Não posso! — ela gemeu, ferindo os seios nus.

— Rápido, eu ordeno! — havia a velha nota imperial em seu suspiro frágil. — Você jamais me desobedeceu... Obedeça este último comando! Envie minha alma incólume para Asura! Rápido, ou me condenará a passar a eternidade como um maldito espectro das trevas. Golpeie, eu ordeno! Ataque!

Soluçando selvagememente, Yasmina sacou uma adaga cravejada de seu cinturão e a mergulhou até o cabo no peito dele. Ele enrijeceu, e depois ficou flácido, um sorriso sinistro curvava-se em seus lábios mortos. Yasmina arremessou-se, com a face para baixo, no piso recoberto, esmurrando-o com as mãos crispadas. Lá fora, os gongos e conchas zurravam e trovejavam, e os sacerdotes se apunhalavam com facas de cobre.

## II

### *O Bárbaro das Colinas*

CHUNDER SHAN, GOVERNADOR DE PESHKHAURI, LARGOU A pena dourada e olhou com cuidado para o que escrevera no pergaminho que portava seu selo oficial. Ele era governante de Peshkhauri há tanto tempo apenas porque pesava cada palavra, falada ou escrita. Perigo requer cautela, e somente um homem desconfiado vive o bastante naquele país selvagem onde as quentes planícies vendhyanas encontram os penhascos himelianos. Uma hora de cavalgada para oeste ou norte, e qualquer pessoa cruzaria a fronteira e estaria entre as colinas onde os homens viviam pela lei da lâmina.

O governador estava sozinho no quarto, sentado à sua mesa de ébano esculpida e incrustada com ornamentos. Pela larga janela, aberta para refrescar, ele podia ver um quadrado da noite himeliana azulada, pontilhado por grandes estrelas brancas. Um parapeito adjacente formava uma linha escura e ameias e canhoneiras mais distantes eram vagamente divisadas à luminosidade fraca das estrelas. A fortaleza do governador era robusta, situada fora das paredes da cidade que ela guardava. A brisa que balançava as tapeçarias na parede trazia barulhos esvaídos das ruas de Peshkhauri, trechos ocasionais de tristes canções ou o toque de uma cítara.

Ele leu o que tinha escrito bem devagar, com a mão aberta fazendo sombra aos olhos diante das lamparinas de bronze, os lábios movendo-se. Distraído enquanto lia, escutou o barulho de cascos de cavalos fora do barbacã, o afiado *stacatto* dos guardas intimidando quem vinha. O governador não prestou atenção, concentrado na carta. Esta era endereçada ao wazam de Vendhya, à corte real de Ayodhya, e dizia o seguinte, após as tradicionais saudações:

*Que Vossa Excelência saiba que cumpri fielm en te as vossas exigências. Os sete criminosos montanheses estão bem guardados em*

*suas celas, e eu, várias vezes, enviei a notícia para as colinas pedindo que seu ch efe venha pessoalmente para barganhar a soltura deles. Mas ele não se manifestou, exceto enviando palavras que diziam que, a não ser que eles sejam soltos, irá queimar Peshkhauri e cobrir sua sela com minha pele, pedindo pela indulgência de Vossa Excelência. Isto ele é bem capaz de tentar, e eu tripliquei o número de guardas lanceiros. O homem não é nativo do Ghulistão. Não posso prever com certeza seu próximo movimento. Mas uma vez que é o desejo da Divina...*

De repente, ele estava fora da cadeira de marfim e com os pés voltados para a porta arqueada, tudo em um instante. Buscou a espada curva que estava enfiada em sua bainha ornada sobre a mesa, e só então checkou a movimentação que ocorria diante de si.

Era uma mulher, que havia entrado sem ser anunciada, cujo manto fino não escondia as ricas vestes sob ele, não mais do que estas escondiam a beleza e maleabilidade de sua figura alta e delgada. Um véu transparente caía sobre seus seios, apoiado por um vestido flutuante que partia da cabeça, atado por uma trança tripla de ouro, adornada com um crescente dourado. Seus olhos escuros consideraram o atordoado governador por debaixo do véu. E, com um gesto imperial de sua mão alva, ela descobriu a face.

— Divina! — o governador caiu de joelhos diante dela, surpreso e confuso, de algum modo estragando a imponência de sua reverência.

Com um gesto, ela indicou que se levantasse, e ele apressou-se em conduzi-la até a cadeira de marfim, todo o tempo curvando-se até a altura do cinturão. Mas suas primeiras palavras foram de reprovação.

— Majestade! Isso não foi prudente! A fronteira é instável. Os ataques das colinas são incessantes. A senhora veio com uma grande escolta?

— Uma ampla comitiva me seguiu desde Peshkhauri — respondeu. — Alojei meu pessoal lá em uma estalagem e vim até o forte com minha criada, Gitara.

Chunder Shan grunhiu de horror.

— Divina! A senhora não entende o perigo. A uma hora de cavalgada deste ponto as colinas estão infestadas de bárbaros que fazem do assassinato e da rapina uma profissão. Mulheres foram roubadas e homens apunhalados entre o forte e a cidade. Peshkhauri não é como as províncias do sul...

— Mas eu estou aqui, e ilesa — ela o interrompeu com um traço de impaciência. — Mostrei meu anel real para o guarda no portão e para aquele que fica do lado de fora de sua porta, e eles, sem me reconhecer, permitiram que eu não fosse anunciada; supuseram que eu fosse uma mensageira secreta de Ayodhya. No entanto, não percamos tempo. Você não recebeu resposta do chefe dos bárbaros?

— Nenhuma, salvo ameaças e maldições, Divina. Ele é prudente e desconfiado. Acha que é uma arapuca, e talvez não devêssemos culpá-lo por isso. Os kshatriyas nem sempre mantiveram suas palavras para com o povo das colinas.

— Ele precisa ser convencido — interrompeu Yasmina, e as juntas de suas mãos apertadas estavam ficando esbranquiçadas.

— Eu não entendo — o governador balançou a cabeça. — Quando tive a chance de capturar esses sete homens, reportei como de costume a prisão para o wazam. E então, antes que pudesse enforcá-los, veio uma ordem para mantê-los vivos e me comunicar com seu chefe. Isto eu fiz, porém o homem permanece distante, como já disse. Esses homens são da tribo de Afghulis, mas ele é um estrangeiro do oeste, e se chama Conan. Ameacei enforcá-los amanhã ao raiar do sol se ele não aparecer.

— Bom! — exclamou Divina. — Você fez bem. Vou lhe dizer por que dei tais ordens. Meu irmão... — ela vacilou, engasgando, e o governador curvou a cabeça, com o costumeiro gesto de respeito por um soberano que partiu.

— O rei de Vendhya foi destruído por magia - disse enfim. — Devotarei minha vida à destruição dos assassinos dele. Antes de morrer, ele me deu uma pista, e a segui. Li o Livro de Skelos, e conversei com eremitas inomináveis nas cavernas abaixo de fhelai. Descobri como e por quem ele foi destruído. Seus inimigos eram os Profetas Negros do Monte Yimsha.

— Asura! — sussurrou Chunder Shan, empalidecendo.

Os olhos dela o atravessaram como uma faca.

— Você os teme ?

— Quem não os teme, Majestade? — suplicou. — Eles são demônios negros, que assombram as colinas inabitadas além de Zhaibar. Mas os sábios dizem que eles raramente interferem na vida dos mortais.

— Por que mataram meu irmão, eu não sei — ela respondeu. — Mas jurei no altar de Asura que os destruirei! E preciso do auxílio de um homem de além-fronteira. Um exército kshatriya jamais chegaria até Yimsha.

— Sim - murmurou Chunder Shan. - Você fala a verdade. Seria luta a cada passo do caminho, com homens peludos das fronteiras arremessando pedras de todas as alturas e nos emboscando com suas longas facas a cada vale. Os turanianos certa vez abriram caminho até os himelianos, mas quantos retornaram para Khurusun? Poucos dos que escaparam das espadas dos kshatriyas, após o rei, seu irmão, derrotar as tropas deles no Rio Jhumda, voltaram a ver Secunderam novamente.

— E, ainda assim, tenho de controlar homens além da fronteira — disse ela. — Homens que conhecem o caminho até o Monte Yimsha...

— Mas as tribos temem os Profetas Negros e fogem da montanha profana — emendou o governador.

— O chefe Conan os teme? — ela perguntou.

— Bem, quanto a isso - murmurou o governador —, duvido que exista algo que aquele demônio tema.

— Foi o que me disseram. Portanto, Conan é o homem com quem preciso lidar. Ele deseja a libertação de seus sete homens. Muito bem, o resgate deles serão as cabeças dos Profetas Negros! — a voz dela arranhou de ódio conforme finalizou as últimas palavras, e as mãos apertaram suas laterais. Ela parecia uma imagem de paixão encarnada enquanto permanecia com a cabeça alta e seu peito arfante.

Outra vez o governador ajoelhou-se, pois parte de sua sabedoria era o conhecimento de que uma mulher, em um estado emocional tempestuoso como aquele, é tão perigosa quanto uma cobra cega a todos que estão ao seu redor.

— Seu desejo será cumprido, Majestade — então, conforme ela foi apresentando um aspecto mais calmo, ele se levantou e se aventurou a

lançar uma palavra de aviso; — Eu não posso prever qual será a atitude do chefe Conan. Os homens das tribos sempre são turbulentos, e tenho motivos para acreditar que emissários turanianos os estão instigando para invadirem nossas fronteiras. Como Sua Majestade sabe, os turanianos estabeleceram-se em Secunderam e em outras cidades do norte, embora as tribos das colinas permaneçam inconquistadas. O Rei Yezdigerd olha para o sul com ganância há bastante tempo, e talvez busque ganhar por meio da traição o que não conseguiria pela força das armas. Já me ocorreu que Conan poderia muito bem ser um de seus espiões.

— Veremos — ela respondeu. — Se ele amar seus seguidores, estará ao amanhecer nos portões para negociar. Passarei a noite na fortaleza. Vim disfarçada para Peshkhauri, e levei minha comitiva para uma pousada em vez do palácio. Além do meu pessoal, apenas você sabe de minha presença aqui.

— Irei levá-la até seus aposentos, Majestade — disse o governador e, quando saíram do lado de fora, ele fez um gesto para o guerreiro que montava guarda ali, e o homem os seguiu, com lança erguida em saudação.

A criada aguardava do lado de fora, velada como sua ama, e o grupo atravessou um amplo e arejado corredor, iluminado por tochas fumacentas, e chegou aos aposentos reservados para visitantes notáveis, generais e vice-reis em sua maior parte. Ninguém da família real jamais honrara a fortaleza antes. Chunder Shan tinha uma sensação perturbadora de que o quarto não era adequado para uma personagem tão elevada como Divina, e pensou que ela procurava fazer que ele se sentisse à vontade em sua presença. Ficou feliz quando ela o dispensou, e ele curvou-se antes de sair.

Todos os servos do forte tinham sido convocados para servir a hóspede real - apesar de a identidade dela não ter sido divulgada, e ele deslocou um esquadrão de lanceiros para guardar as portas do quarto; entre eles, o guerreiro que guardava a sua própria câmara. Em sua preocupação, esqueceu-se de substituir o homem.

O governador não tinha se afastado muito quando Yasmina, de repente, se lembrou de mais uma coisa que gostaria de discutir com ele, mas esquecera até então. Tinha a ver com as ações passadas de Kerim Shah, um nobre do Iranistão, que residira em Peshkhauri por um período antes de ir

para a corte de Ayodhya. Uma vaga suspeita em relação ao homem havia sido despertada por um vislumbre dele em Peshkhauri naquela noite. Ela se perguntou se ele a seguira desde Ayodhya. Sendo uma Divina verdadeiramente notável, ela não mandou chamar o governador de novo, mas saiu sozinha pelo corredor, com pressa, em direção à câmara.

Chunder Shan, entrando em seu quarto, fechou a porta e voltou à mesa. Lá ele apanhou a carta que tinha escrito e a rasgou em pedaços. Mal tinha terminado quando escutou algo cair de leve sobre o parapeito adjacente da janela. Virou-se e viu uma figura agigantar-se brevemente contra as estrelas, e então um homem saltou com leveza para dentro do cômodo. A luz reluziu em um longo feixe de aço em suas mãos.

— Shhhh! — ele avisou. — Não faça barulho, ou enviarei um bajulador ao diabo!

O homem impediu seu movimento que ia em direção à espada sobre a mesa. Ele estava dentro do alcance da longa faca de Zhaibar que brilhava no punho do intruso, e sabia da velocidade desesperada de um homem das colinas.

O invasor era alto, forte e flexível. Estava vestido como um montanhês, mas suas feições sombrias e os olhos azuis não combinavam com as vestes. Chunder Shan nunca tinha visto um homem como aquele antes; não era vindo do Oriente, mas algum bárbaro do Ocidente. No entanto, seu aspecto era tão indomável e formidável quanto qualquer um das tribos que assombravam as colinas do Ghulistão.

— Você vem como um ladrão na noite — comentou o governador, recuperando parte de sua compostura, embora lembrasse que não havia guarda ao alcance de seu chamado. Ainda assim, o invasor não tinha como saber disso.

— Eu escalei um bastião — rosnou o outro. — Um guarda meteu a cabeça por sobre a muralha a tempo de eu golpeá-lo com o cabo de minha faca.

— Você é Conan?

— Quem mais? Você enviou mensagens para as colinas dizendo que desejava que eu viesse e conversasse. Bem, por Crom, aqui estou! Afaste-se daquela mesa, ou arrancarei suas tripas.

— Eu desejo apenas me sentar — respondeu o governador, afundando com cuidado na cadeira de marfim, que ele afastou da mesa.

Conan movia-se irrequieto diante dele e olhava desconfiado para a porta, manuseando o fio da navalha de sua faca de três pés. Ele não caminhava como um afghuli, e era abruptamente direto, quando o oriente costuma ser sutil.

— Você tem sete dos meus homens — disse de repente. — Recusou o resgate que ofereci. Que diabos você quer?

— Vamos discutir os termos — respondeu Chunder Shan com cautela.

— Termos? — havia um timbre de perigo na voz raivosa dele. — O que quer dizer? Não lhe ofereci ouro?

Chunder Shan riu.

— Ouro? Há mais ouro em Peshkhauri do que você jamais viu.

— Você é um mentiroso — retorquiu Conan. - Eu vi o *suk* dos ourives em Khurusun.

— Bem, mais ouro do que um afghuli jamais viu — emendou Chunder Shan. — E não passa de uma gota de todo o tesouro de Vendhya. Por que nós desejaríamos ouro? Seria mais vantajoso se enforcássemos esses sete ladrões.

Conan soltou uma praga sulfurosa, e a longa lâmina estremeceu ante o aperto quando seus músculos surgiram como cordilheiras em seus braços.

— Vou partir sua cabeça como um melão maduro!

Uma chama azul selvagem brilhou nos olhos do montanhês, mas Chunder Shan deu de ombros, apesar de manter um olho no aço afiado.

— Você poderia me matar facilmente, e escapar pela parede depois. Mas isso não salvaria os sete membros da tribo. Meus guardas os enforcariam, com certeza. E aqueles homens são alguns dos chefes entre os afghulis.

— Eu sei — rosnou Conan. — As tribos estão latindo como lobos em meus calcanhares porque não consegui a soltura deles. Diga-me com clareza o que você quer, porque, por Crom!, se não tiver outra maneira, levantarei uma horda e a liderarei até os portões de Peshkhauri!

Olhando para o homem enquanto ele permanecia esquadrinhado, faca na mão e olhos queimando, Chunder Shan não duvidou de sua capacidade de fazê-lo. O governador não acreditava que qualquer horda de homens das colinas pudesse tomar Peshkhauri, mas não desejava um país devastado.

— Há uma missão que você deve cumprir — disse, escolhendo as palavras com tanto cuidado quanto se elas fossem navalhas. — Existe...

Conan se voltara, virando para encarar a porta naquele mesmo instante, e os lábios rosnando. Seus ouvidos bárbaros tinham captado a rápida passada de chinelos suaves do lado de fora. No instante seguinte, a porta estava aberta e uma forma magra vestida com um manto de seda entrou apressada, fechando a porta, e então congelou perante a visão do homem das colinas.

Chunder Shan deu um salto para cima, seu coração pulando para fora da boca.

— Divina! — ele gritou sem perceber, perdendo a cabeça por um momento por causa do susto.

— Divina — foi quase como um eco explosivo que saiu dos lábios do cimério.

Chunder Shan percebeu que houve reconhecimento, e uma chama intensa invadiu os ferozes olhos azuis.

O governador berrou em desespero e apanhou sua espada, mas o montanhês moveu-se com a velocidade devastadora de um furacão. Ele pulou, nocauteou o governador, estatelando-o com um golpe selvagem com o punho da faca. Agarrou a espantada Divina com seu braço musculoso e saltou para a janela. Chunder Shan, lutando de maneira frenética para se colocar em pé, viu o homem posar um instante no peitoril em meio à flutuação de saias de seda e membros brancos que era sua prisioneira real, e escutou um rosnado feroz e exultante:

— Agora ouse enforcar meus homens! — e em seguida Conan saltou do parapeito e desapareceu. Um grito selvagem flutuou até os ouvidos do governador.

— Guardas! Guardas! — desesperava-se, colocando-se de pé e correndo cambaleante até a porta. Ele a abriu e seguiu até o salão. Seus gritos ecoaram ao longo dos corredores, e guerreiros vieram correndo, boquiabertos ao verem-no segurando sua cabeça partida, jorrando sangue.

— Chamem os lanceiros! — rugiu. — Houve um seqüestro! — mesmo em seu frenesi, ele teve bom-senso o suficiente para esconder toda a verdade. Parou no lugar ao escutar o súbito tamborilar de cascos do lado de fora, um grito enérgico e um brado selvagem de exultação bárbara. Seguido pelos guardas desnorteados, o governador correu para as escadas. No pátio do forte, uma força de lanceiros aguardava com seus cavalos selados, prontos para cavalgar.

Chunder Shan guiou seu esquadrão em perseguição atrás do fugitivo, embora sua cabeça rodasse tanto que ele tinha de segurar a sela com ambas as mãos. Não divulgou a identidade da vítima, mas disse aos nobres que aquela que portava o anel real tinha sido levada pelo chefe dos afghulis. O seqüestrador estava fora de vista e audição, porém conheciam o caminho que ele tomaria para a estrada que leva direto à boca de Zhaibar. Não havia lua, cabanas de camponeses apareciam turvas sob a luz das estrelas. Atrás deles desaparecia o bastião austero do forte e as torres de Peshkhauri. À sua frente delineavam-se as paredes negras himelianas.

### III

## *Khemsa Usa a Magia*

NA CONFUSÃO QUE REINOU NA FORTALEZA ENQUANTO OS guardas saíam, ninguém reparou que a garota que acompanhava Divina atravessou, sorrateira, o grande portão arqueado e desapareceu nas trevas. Ela correu direto para a cidade, segurando para o alto as pregas de suas vestes. Não tomou a estrada aberta, mas cortou reto pelos campos e por sobre as colinas, evitando cercas e pulando por sobre valas de irrigação com tanta confiança como se fosse dia, e tão facilmente como se fosse um corredor treinado.

O barulho dos cascos dos guardas desaparecera rochedo acima antes de ela chegar à muralha da cidade. Não seguiu para o portão principal, sob o

qual homens se apoiavam em suas lanças e erguiam o pescoço para as trevas, discutindo a incomum atividade no forte. Ao invés disso, contornou a parede até chegar a um ponto no qual a espiral da torre era visível acima das ameias. Depois, colocou a mão na boca e produziu um chamado estranho e quase inaudível.

Quase de imediato uma cabeça apareceu em uma canhoneira e uma corda desceu contorcendo-se pela parede. Ela a agarrou, colocou um pé no laço que havia na extremidade e acenou com o braço. Então, de forma rápida e macia, foi içada pela cortina de pedra pura. Um instante depois a garota estava sobre os merlões e postou-se em um telhado reto que cobria a casa construída encostada na muralha. Havia um alçapão ali, e um homem vestido com um manto de camelo que recolhia, em silêncio, a corda, sem demonstrar de modo algum o esforço de transportar uma mulher adulta por sobre uma muralha de quarenta pés.

— Onde está Kerim Shah? — ela perguntou, ofegante após a longa corrida.

— Dormindo na casa abaixo. Você traz novidades?

— Conan sequestrou Divina da fortaleza e a levou para as colinas! — vomitou as notícias de uma vez, as palavras tropeçando umas nas outras.

Khemsa não demonstrou emoção alguma, mas mexeu sua cabeça com o turbante.

— Kerim Shah ficará feliz em escutar isso — ele disse.

— Espere! — a moça jogou os braços magros sobre o pescoço dele. Ela estava bastante ofegante, mas não apenas por causa do esforço. Seus olhos eram duas gemas negras sob a luz das estrelas. O rosto virado para cima estava próximo ao de Khemsa, mas, embora ele tenha se submetido ao abraço dela, não o devolveu.

— Não conte ao hirkaniano! — disse. — Vamos usar esse conhecimento para nós mesmos! O governador foi para as colinas com seus cavaleiros, mas, é bem provável que persiga um fantasma. Ele não contou a ninguém que a seqüestrada é Divina. Ninguém em Peshkhauri ou no forte sabe, exceto nós!

— Mas que bem isso fará por nós? — o homem protestou. - Meus mestres me enviaram para ajudar Kerim Shah de todos os modos que...

— Ajude a si mesmo! — disse ferozmente. — Livre-se deste jugo!

— Você quer dizer... Desobedecer meus mestres? — ele engasgou, e a moça sentiu o corpo inteiro do homem ficar frio sob seus braços.

— Sim! — ela o chacoalhou na fúria da emoção. — Você também é um feiticeiro! Por que deve ser um escravo, usando suas capacidades apenas para elevar os outros? Use suas artes em proveito próprio!

— Isso é proibido! — ele estava tremendo como se estivesse febril. — Eu não faço parte do Círculo Negro. Somente pelo comando de meus mestres atrevo-me a usar o conhecimento que eles me ensinaram.

— Mas você pode usá-la! — ela argumentou com fervor. — Faça como lhe imploro. Claro que Conan levou Divina para mantê-la como refém por conta dos sete montanheses que estão na prisão do governador. Destrua-os para Chunder Shan não poder usá-los para comprar Divina de volta. Então, vamos para as montanhas arrancá-la dos afghulis. Eles não podem fazer frente à sua feitiçaria com facas. O tesouro de reis vendhianos será nosso como resgate... E então, quando ele estiver em nossas mãos, podemos enganá-los e vendê-la ao rei de Turan. Teremos riquezas além de nossos maiores sonhos. Com elas podemos comprar guerreiros. Tomaremos Khorbhul, expulsaremos os turanianos das colinas e enviaremos nossas tropas para o sul; seremos rei e rainha de um império!

Khemsa também estava ofegante, tremendo como uma folha diante da energia dela; sua face parecia cinzenta à luz das estrelas, molhada com grandes gotas de perspiração.

— Eu amo você! — ela gritou com violência, esfregando seu corpo contra o dele, quase o estrangulando com o selvagem abraço, sacudindo-o em seu abandono. — Farei de você um rei! Por amor a você eu traí minha senhora; por amor a mim traia seus mestres! Por que temer os Profetas Negros? Por seu amor a mim já quebrou uma das leis deles! Quebre as demais! Você é tão poderoso quanto eles!

Um homem de gelo não poderia ter suportado o calor escaldante de sua paixão e fúria. Com um som inarticulado ele a esmagou contra seu corpo, pendendo a cabeça dela para trás e despejando beijos enlouquecidos em seus olhos, rosto e lábios.

— Eu o farei! — disse com a voz carregada de emoções laboriosas, gaguejando como um bêbado. — As artes que eles me ensinaram trabalharão ao meu favor, não para meus mestres. Seremos governantes do mundo... Do mundo!

— Venha, então! — torcendo-se de leve para fora do abraço dele, ela apanhou sua mão e o conduziu em direção ao alçapão. — Primeiro temos que nos certificar de que o governador não troque os sete prisioneiros por Divina.

Ele se movia como em uma hipnose, até que desceram as escadas e ela parou na câmara abaixo. Kerim Shah estava deitado imóvel no sofá, com um braço sobre o rosto, como se quisesse proteger os olhos adormecidos da luz da lamparina de latão. Ela apertou o braço de Khemsa e fez um gesto rápido cortando sua própria garganta. Khemsa ergueu a mão; então sua expressão mudou e ele se afastou.

— Não, ele tem sido bom para mim — murmurou. — Além disso, não pode interferir.

Ele conduziu a garota por uma porta que dava para uma escada sinuosa. Depois que os passos macios da dupla haviam desaparecido no silêncio, o homem no sofá sentou-se. Kerim Shah limpou o suor de sua frente. Da estocada de uma faca ele não tinha medo, mas temia Khemsa tanto quanto um homem teme um réptil venenoso.

— Pessoas que traçam ardis em telhados deveriam se lembrar de abaixar a voz — murmurou. — Mas como Khemsa voltou-se contra seus mestres, e como ele era meu único contato com eles, não posso mais contar com a ajuda deles. De agora em diante, jogarei à minha maneira.

Ficando em pé ele foi depressa até uma mesa, tirou uma pena e um pergaminho de seu cinto e escreveu algumas linhas sucintas:

*Para Khosru Khan, governador de Secunderam:*

*O cimério Conan levou a Divina Yasmina para as vilas dos afghulis. É uma oportunidade para colocar a Divina em suas mãos, como há tanto tempo tem sido nosso desejo. Envie três mil cavaleiros*

*de uma só vez. Irei encontrá-los no vale de Gurashah com guias nativos.*

E assinou com um nome que era completamente diferente de Kerim Shah.

Então, de uma gaiola dourada, tirou um pombo-correio, na perna do qual prendeu o pergaminho, enrolado em um pequeno cilindro e atado com um fio dourado. Seguiu apressado para uma janela e libertou o pássaro na noite, que hesitou em um ruflar de asas, equilibrou-se, e se foi como uma sombra esvoaçando. Apanhando seu capacete, espada e capa, Kerim Shah saiu logo da câmara e desceu as escadas.

As celas de Peshkauri eram separadas do resto da cidade por uma parede maciça, cuja única passagem era uma porta de ferro sob um arco. Acima desta, queimava um fogaréu lúrido e vermelho, e ao lado agachava-se um guerreiro com lança e escudo.

Este guerreiro, recostado em sua lança e bocejando de tempos em tempos, colocou-se de pé de repente. Ele não pensou que tivesse cochilado, mas um homem estava diante de si, cuja aproximação não tinha escutado. O homem usava um manto de camelo e um turbante verde. Sob a luz turva do fogaréu, seus traços estavam encobertos pelas sombras, no entanto, um par de olhos cintilantes reluzia surpreendentemente no fulgor lúgubre.

— Quem vem aí? — exigiu o guerreiro, apresentando sua lança. — Quem é você?

O estranho não pareceu se perturbar, apesar de a ponta da lança tocar seu peito. Seus olhos contemplavam o guerreiro com uma intensidade estranha.

— O que você é obrigado a fazer? — ele perguntou estranhamente.

— Guardar o portão! — o guerreiro respondeu de forma áspera e mecânica.

Permanecia rígido como uma estátua, seus olhos enevoando devagar.

— Você mente! Sua obrigação é me obedecer! Você olhou nos meus olhos e sua alma não lhe pertence mais. Abra a porta!

Rigidamente, com as feições de madeira de uma imagem, o guarda virou-se, tirou uma grande chave do cinturão, enfiou-a na fechadura maciça

e abriu a porta. Então, ele ficou de prontidão, seu olhar que nada via encarando direto para a frente.

Uma mulher saiu das sombras e pousou uma mão ávida sobre o braço do hipnotizador.

— Peça que ele nos apanhe cavalos, Khemsa — ela sussurrou.

— Não há necessidade disso — foi a resposta. Erguendo um pouco a voz, ele disse ao guarda: — Você não tem mais utilidade para mim. Mate-se!

Como um homem em transe, o guerreiro enfiou o cabo da lança contra a base da parede e colocou a ponta contra seu corpo, logo abaixo das costelas. Então, bem devagar e tranqüilo, inclinou-se sobre ela soltando o peso, de forma que ela transfixou seu corpo e saiu entre os ombros. Deslizando pela ponta, ele ficou imóvel, a lança projetando acima dele em toda sua extensão, como um horrível caule crescendo de suas costas.

A garota olhou para ele com fascinação mórbida, até que Khemsa pegou seu braço e a levou pelo portão. Tochas iluminavam o estreito espaço entre a parede exterior e outra interna, menor, na qual havia portas arqueadas em intervalos regulares. Um guerreiro patrulhava esse recinto, e quando o portão se abriu ele veio deambulando em sua direção, tão seguro de seu conhecimento na força da prisão que não suspeitou de nada até que Khemsa e a garota surgiram de dentro do arco. Mas já era tarde demais.

O feiticeiro não perdeu tempo com hipnotismo, embora qualquer ação sua tivesse sabor de mágica para a garota. A sentinela abaixou a lança ameaçadoramente, abrindo a boca para dar o alarme que traria um enxame de lanceiros saídos dos dormitórios da guarda de ambos os lados da viela. Khemsa despedaçou a lança com a mão esquerda, como um homem o faria com um graveto, e sua mão direita investiu como um raio para a frente e retornou, parecendo ter acariciado, de maneira gentil, o pescoço do guerreiro em sua passagem. E o rosto do guarda escureceu sem um som, sua cabeça pendurada em um pescoço quebrado.

Khemsa não olhou para ele, mas seguiu reto para uma das portas arqueadas e colocou a mão aberta sobre a pesada tranca de bronze. Com um arripio dilacerador, o portal dobrou-se para dentro. Observando atenta, a garota viu a grossa teca estourar em lascas, os trincos de bronze serem dobrados e retorcidos de seus soquetes, e as grandes dobradiças se partirem

e desarticularem. Um aríete de mil libras com quarenta homens manuseando-o não poderia ter destroçado a barreira tão completamente. Khemsa estava embebido em sua liberdade e, com o exercício do poder, glorificado em potência e lançando sua força, como um gigante jovem exercita os músculos com vigor desnecessário, num orgulho exultante de suas proezas.

A porta quebrada os levou a um pequeno pátio iluminado por uma lamparina. De frente para a porta havia uma larga grade com barras de ferro. Uma mão peluda estava visível, agarrada às barras e, nas trevas atrás delas, olhos chispavam.

Khemsa permaneceu quieto por um tempo, fitando as sombras através das quais aqueles olhos lhe devolviam o olhar com intenso ardor. Então sua mão mergulhou no manto e emergiu, e de seus dedos abertos um punhado de pó brilhante foi derramado no pavilhão. No mesmo instante, uma flama verdejante iluminou o recinto. Em um breve vislumbre, as formas dos sete homens, permanecendo imóveis atrás das barras, foram retratadas com vívidos detalhes. Homens altos e

peludos em vestes de montanhese rasgadas. Eles não falaram, mas em seu rosto estava estampado o medo da morte, e os dedos apertaram-se contra as grades.

O fogo morreu, porém o brilho permaneceu, uma bola trêmula de um verde suave que pulsava e emitia uma luz difusa no pavilhão diante dos pés de Khemsa. O olhar espantado dos prisioneiros estava fixo nela. Ela vacilou e diluiu-se, virando uma fumaça jade num espiral ascendente que se retorceu como uma serpente feita de sombra, então alargou-se e subiu, em dobras e giros brilhantes. Tornou-se uma nuvem movendo-se em silêncio por sobre o pátio, direto na direção das grades.

Os homens assistiram à sua vinda com os olhos dilatados; as barras tremiam com o aperto dos dedos desesperados. Lábios barbados se abriram, mas nenhum com foi emitido. A nuvem verde rolou pelas barras e bloqueou a visão deles; como uma bruma ela se derramou pela cela e escondeu os homens dentro de si. Dos invólucros cercados partiu um engasgo estrangulado, como um homem repentinamente mergulhado sob as águas. Isso foi tudo.

Khemsa tocou os braços da garota enquanto ela permanecia boquiaberta e com os olhos dilatados. Sem pestanejar, ela fez meia-volta e o seguiu, olhando por cima dos ombros. A névoa já estava se dissipando; próximo às barras, a garota viu um par de pés calçados, os dedos virados para cima, e entreviu os contornos indistintos de sete formas prostradas inertes.

— E agora vamos para uma montaria mais veloz do que o mais rápido cavalo que já respirou em um estábulo mortal — Khemsa disse. — Estaremos no Afghulistão antes do amanhecer.

## IV

### *Um Encontro na Passagem*

A DIVINA YASMINA JAMAIS PODERIA SE LEMBRAR COM CLAREZA dos detalhes de sua abdução. A violência e o inesperado a aturdiram; ela tinha apenas uma impressão confusa de um turbilhão de acontecimentos. O aperto aterrorizante de um braço poderoso, os olhos ardentes de seu seqüestrador, e seu hálito quente sobre sua pele. O salto da janela pelo parapeito, a corrida insana sobre ameias e telhados quando o medo de cair a congelou, a descida imprudente por uma corda atada a um merlão, ele a desceu quase de uma só vez, sua cativa dobrada flacidamente sobre seu ombro musculoso. Tudo isso era um emaranhado confuso na mente dela. Yasmina retinha uma memória mais vivida dele correndo em fuga sob as sombras das árvores, carregando-a como uma criança, e montando na sela de um feroz garanhão bhalkhano, que empinou e bufou. Então, a sensação de voar, e os cascos a galope estavam tirando faíscas da estrada pedregosa quando o animal subiu as colinas.

A medida que a mente da mulher clareava, suas primeiras sensações foram de ira furiosa e vergonha. Estava horrorizada. Os governadores dos reinos dourados ao sul dos himelianos eram considerados pouco abaixo do Divino, e ela era a Divina de Vendhya! O medo foi substituído por ódio

régio. Ela gritou com fúria e começou a se debater. Ela, Yasmina, carregada no arco da sela de um chefe das colinas como uma vagabunda comum do mercado. Conan apertou um pouco seus músculos maciços contra as contorções, e pela primeira vez na vida ela experimentou a coerção de uma força física superior. Os braços dele em volta de si davam uma sensação de ferro apertando.

O montanhês deu uma olhadela para Yasmina e sorriu largo. Os dentes brilharam brancos sob as estrelas. As rédeas estavam soltas no fluir do garanhão, e cada fibra e músculo da grande besta se contraíam ao que ela se arremessava pela trilha pedregosa. Mas Conan sentava-se na sela com facilidade, quase sem preocupação alguma, como um centauro.

— Seu cão das colinas! - ela resfolegou, tremendo com o impacto da vergonha, raiva, e com a percepção do quanto estava indefesa. — Você se atreve... Você se atreve! Pagará por isso com a vida! Aonde está me levando?

Atrás deles, além das colinas que tinham atravessado, tochas estavam sendo agitadas nas paredes da fortaleza, e ele viu um alargamento de luz que indicava que o grande portão tinha sido aberto. E gargalhou, uma explosão vinda do fundo da garganta, tempestuosa como o vento da colina.

— O governador enviou seus cavaleiros atrás de nós — divertiu-se. — Por Crom, iremos levá-lo a uma alegre caçada! O que você acha, Divina... Eles pagarão sete vidas pela de uma princesa kshatriya?

— Eles enviarão um exército para enforcá-lo e a sua corja de demônios — prometeu com convicção.

Ele riu e a mudou para uma posição mais confortável em seus braços. Mas ela tomou isso como um novo ultraje, e renovou sua vã batalha, até perceber que aqueles esforços o estavam divertindo. Fora isso, suas vestes leves de seda, flutuando ao vento, estavam sendo ultrajadamente desarrumadas por seus movimentos. Ela concluiu que uma submissão que não lhe trazia prazer era o melhor da dignidade que poderia ter, e colapsou em uma aquiescência abrasante.

Até mesmo sua raiva ela sentiu submergir para temor quando eles entraram pela boca da Passagem, que surgia como uma boca negra nas paredes escuras que se erguiam como colossais baluartes para barrar seu caminho. Era como se uma faca gigante tivesse cortado as paredes de

Zhaibar direto da rocha sólida. De ambos os lados, rochedos íngremes se lançavam em mil pés, e a boca da Passagem era escura como ódio. Até Conan não conseguia enxergar com precisão, mas conhecia o caminho, mesmo à noite. E, sabendo que homens armados estavam galopando atrás deles, não diminuiu a velocidade do garanhão. O grande bruto ainda não demonstrava fadiga.

Conan tropejou ao longo da estrada que seguia o leito do vale, subiu por uma inclinação, passou ao longo de uma crista baixa, onde, de ambos os lados, argila traiçoeira aguardava pelos desavisados, e desembocou na trilha que acompanhava a curva do lado esquerdo da parede.

Nem mesmo Conan poderia perceber uma emboscada naquela escuridão armada pelos homens da tribo Zhaibar. Quando passaram pela boca negra para uma garganta que se abria dentro da Passagem, uma lança açoitou o ar e atingiu o alvo atrás do ombro tenso do garanhão. A grande besta abandonou a vida em um estremeedor soluço e tombou, caindo de cabeça no meio do galope. Mas Conan reconhecera o voo e o ataque da lança, e agiu com a rapidez de uma mola de aço.

Quando o cavalo caiu, ele saltou da sela, segurando a garota no alto para protegê-la do choque com os pedregulhos. Colocou-se de pé como um gato, apoiou-a em uma fissura na pedra, e virou-se em direção às trevas exteriores, sacando sua faca.

Yasmina, confusa pela velocidade dos eventos, incerta sobre o que tinha acabado de acontecer, viu uma vaga forma sair da escuridão, pés descalços pisando suave sobre as rochas, roupas esfarrapadas açoitando no vento criado por sua pressa. Ela vislumbrou o brilho do aço, escutou o estalido veloz de um golpe, defesa e contragolpe, e o ruído de ossos quando a longa faca de Conan partiu o crânio do outro.

O bruto recuou, agachando-se abrigado pelas rochas. Lá fora, na noite, homens moviam-se e uma voz forte ao extremo rugiu:

— E então, cães! Vocês recuam? Amaldiçoados sejam todos. Peguem todos!

Conan parou, espiou das trevas e levantou a voz.

— Yar Afzal! É você?

Houve um momento de pausa repentina e, por precaução, a voz chamou:

— Conan? É você, bárbaro?

— Sim! — o cimério riu. — Venha para cá, seu velho cão de guerra. Acabo de matar um de seus homens.

Houve movimento entre as rochas, uma luz brilhou debilmente, e então uma dama apareceu e veio sacudindo na direção dele, e conforme ela se aproximava, um feroz rosto barbado se avolumou nas trevas. O homem que a carregava a segurava no alto, apontada para cima, e esticou o pescoço para enxergar entre as pedras que ela iluminava; a outra mão apertava uma grande tulwar curva. Conan deu um passo à frente, embainhando a faca, e o outro rugiu uma saudação.

— Sim, é Conan! Saiam das rochas, cães. É Conan!

Outros se juntaram ao vacilante círculo de luz, homens selvagens, barbados, esfarrapados, com olhos como lobos e lâminas compridas em seus punhos. Eles não viram Yasmina, escondida atrás do corpo maciço de Conan. Mas, espiando detrás de sua cobertura, sentiu um medo congelante pela primeira vez na vida. Esses homens eram mais lupinos que os próprios lobos.

— O que você está caçando no Zhaibar à noite, Yar Afzal? — perguntou Conan ao chefe corpulento, que sorriu por detrás de sua barba assustadora.

— Quem sabe o que pode atravessar a Passagem após a escuridão chegar? Nós wazulis somos falcões da noite. Mas, e quanto a você, Conan?

— Tenho uma prisioneira — respondeu o cimério. E, movendo-se para o lado, revelou a garota. Esticando o braço comprido para dentro da fissura, ele a trouxe para fora.

Sua postura imperial desaparecera. Yasmina, tímida, olhou para o anel de rostos barbados que a orlavam e sentiu-se grata pelo braço forte que a segurava firme. A tocha foi aproximada dela, e houve uma ingestão de sucção do ar em torno do círculo.

— Ela é minha prisioneira — Conan avisou, dirigindo um olhar penetrante para o homem que acabara de matar, visível dentro do círculo de luz. — Eu a estava levando ao Afghulistão, mas agora vocês mataram meu cavalo e os kshatriyas estão próximos, me perseguindo.

— Venha conosco para a vila — sugeriu Yar Afzal. — Temos cavalos escondidos na garganta. Eles jamais poderão nos seguir à noite. Estão bem próximos, você diz?

— Tão próximos que consigo escutar agora o tilintar de seus cascos contra as pedras — respondeu Conan severamente.

No mesmo instante houve movimento; a tocha foi apagada e as formas esfarrapadas se misturaram às trevas como fantasmas. Conan trouxe Divina para sob seus braços com um movimento circular, e ela não resistiu. Chão pedregoso machucava seus pés magros vestidos com aqueles chinelos macios, e ela se sentia pequena e indefesa na negritude bruta e primordial entre aqueles penhascos colossais.

Sentindo-a tremer por causa do vento que soprava pelos desfiladeiros, Conan arrancou um manto dos ombros de seu proprietário e o enrolou em torno dela. Também sibilou um aviso em seus ouvidos, ordenando-lhe que não fizesse som algum. Yasmina não escutava o distante tinir dos cascos ferrados na rocha que alertou os montanheses de ouvidos afiados; entretanto, estava de qualquer maneira assustada demais para desobedecer.

Ela não conseguia ver nada além de algumas estrelas débeis acima, mas percebeu pela profundidade das trevas quando entraram pela boca da garganta.

Havia um rebuliço em torno deles, o movimento intranquilo de cavalos. Algumas palavras murmuradas, e Conan montou no cavalo do homem que matara, erguendo a garota e postando-a na sua frente. Como fantasmas, exceto pelo barulho dos cascos, o bando deixou a garganta sombria. Atrás deles, na trilha, deixaram o homem e o cavalo mortos, que foram encontrados menos de meia hora depois pelos cavaleiros da fortaleza, que reconheceram o homem como um wazuli, e tiraram suas próprias conclusões de acordo com o que viram.

Yasmina aconchegou-se calorosamente nos braços de seu captor, ficando sonolenta apesar de tudo. O movimento do cavalo, embora fosse assimétrico, colina acima e abaixo, ainda possuía certo ritmo que, combinado com o desgaste e a exaustão emocional, forçavam o sono sobre si. Ela tinha perdido todo senso de tempo e direção. Eles se moviam nas trevas densas, nas quais a garota às vezes vislumbrava sem muita precisão gigantescas paredes apontadas para o alto como muralhas negras, ou

enormes rochedos segurando as estrelas em seus ombros. Ela sentia profundidades ecoando abaixo deles, ou o vento frio das alturas vertiginosas ao seu redor. Aos poucos, essas coisas evanesceram num estado de torpor no qual o barulho dos cascos e o ranger das selas eram como os sons irrelevantes de um sonho.

Divina estava vagamente consciente quando o movimento cessou e seu corpo foi descido e carregado por algumas passadas. Depois, foi deitada em algo macio e embolorado, e alguma coisa, um casaco dobrado, talvez, foi colocado sob sua cabeça, e o manto no qual havia sido enrolada foi usado para cobri-la com cuidado. Ela escutou Yar Afzal rir.

— Um prêmio raro, Conan; feita na medida para um chefe dos afghulis.

— Não para mim — foi a resposta trovejante de Conan. — Esta donzela irá comprar a vida dos meus sete homens, salvar suas almas.

Foi a última coisa que escutou antes de afundar em um sono sem sonhos.

Ela dormiu, enquanto homens armados cavalgavam pelas colinas escuras e o destino dos reinos estava na balança. Pelas gargantas e desfiladeiros sombrios naquela noite ouviu-se os cascos de cavalos a galope, e a luz das estrelas reluzia nos capacetes e em suas lâminas curvas, até que as formas macabras que assombram os penhascos olharam por entre as trevas a partir das ravinas e pedregulhos, e se perguntaram quais eventos estavam em andamento.

Um bando desses parou seus cavalos magros na boca negra de uma garganta, enquanto por eles passavam os cascos apressados. Seu líder, um homem de estrutura forte, usando capacete e um manto dourado trançado, ergueu a mão em aviso, até que os cavaleiros tivessem passado. Então, deu um sorriso suave.

— Eles devem ter perdido a trilha! Ou então descobriram que Conan já chegou às vilas afghulis. Será preciso muitos cavaleiros para esfumaçar aquela colmeia. Haverá esquadrões cavalgando até Zhaibar ao amanhecer.

— Se houver luta nas colinas, haverá pilhagem — murmurou uma voz atrás dele, no dialeto dos irakzai.

— Haverá pilhagem — respondeu o homem de capacete. — Mas primeiro é nossa tarefa chegar ao vale de Gurashah e esperar pelos cavaleiros que virão galopando de Secunderam antes da luz do dia.

Ele ergueu as rédeas e cavalgou pelo desfiladeiro, seus homens seguindo-o de perto, trinta fantasmas grosseiros na calada da noite.

## V

### *O Garanhão Negro*

O SOL JÁ ESTAVA ALTO QUANDO YASMINA ACORDOU. ELA NÃO ficou atônita olhando para o vazio, perguntando-se onde estava. Despertou com plenas lembranças de tudo que tinha ocorrido. Seus membros flexíveis estavam duros por causa da longa cavalgada, e sua pele firme parecia sentir o contato do braço musculoso que a carregara para tão longe.

Ela estava deitada em uma pele de cordeiro sobre uma palheta de folhas no chão sujo e de terra batida. Um casaco dobrado estava sob sua cabeça, tinha sido enrolada num manto esgarçado.

A sala onde estava era ampla, as paredes rudes, porém fortes, feitas de rocha sem cortes, engessadas por lama cozida pelo sol. Toras pesadas apoiavam o teto do mesmo tipo, no qual havia um alçapão que levava a uma escada. Não existiam janelas nas paredes grossas, apenas fendas. Havia uma porta, robusta, feita de bronze, que devia ter sido pilhada de alguma torre na fronteira de Vendhya. Em frente existia uma grande abertura na parede, sem portas, mas com várias barras de madeira posicionadas. Além delas, Yasmina viu o magnífico garanhão negro mastigando uma pilha de grama seca. O prédio era um forte, moradia e estábulo, tudo em um só.

Na outra extremidade da sala, uma garota, agachada ao lado de um pequeno fogaréu, com colete e calças folgadas de montanha, assava tiras

de carne em uma grade de ferro depositada sobre blocos de pedra. Havia uma fissura coberta de fuligem na parede a alguns pés do chão, e parte da fumaça saía por ali. O resto flutuava em tufos azuis pela sala.

A garota olhou para Yasmina por cima do ombro, exibindo uma face bonita e audaz, e então continuou cozinhando. Vozes soaram do lado de fora; em seguida, a porta foi aberta e Conan entrou. Ele parecia maior do que nunca com a luz do sol matutina atrás de si, e Yasmina reparou em alguns detalhes que lhe escaparam na noite anterior. Suas vestes eram limpas, não esfarrapadas. O largo cinturão de Bakhariot que suportava sua faca e a bainha ornamentada se equiparavam aos mantos de um príncipe, e havia o cintilar de uma fina malha turaniana sob sua camisa.

— Sua prisioneira está acordada, Conan — disse a garota wazuli, e ele grunhiu, foi até o fogo e varreu as tiras de carneiro, jogando-as em um prato de pedra.

A garota, de cócoras, riu dele, com algum gesto apimentado, e o bárbaro sorriu como um lobo. E, enganchando a biqueira da bota sob suas ancas, derrubou-a no chão. Ela pareceu se divertir muito com aquela brincadeira bruta, mas ele não prestou mais atenção. Pegando um grande pedaço de pão de algum lugar, com um caneco de cobre de vinho, levou o quinhão até Yasmina, que se levantara de sua palheta e o estava examinando duvidosamente.

— Vulgar para a Divina, garota, mas é o melhor que temos — ele grunhiu. — Vai encher sua barriga pelo menos.

Ele colocou o prato no solo e ela de repente ficou ciente de uma fome avassaladora.

Sem dizer coisa alguma, sentou-se no chão com as pernas cruzadas e, colocando o prato no colo, começou a comer, usando os dedos, que eram tudo o que tinha como utensílio de mesa. Afinal, adaptabilidade é um dos testes da verdadeira aristocracia. Conan permaneceu olhando-a, seus dedões enganchados no cinturão. Ele nunca sentava com as pernas cruzadas, à maneira oriental.

— Onde estou? — ela perguntou com aspereza.

— Na vila de Yar Afzal, o chefe dos wazulis de Khurum — respondeu. — O Afghulistão está a algumas boas milhas longe a oeste. Iremos nos

esconder aqui por enquanto. Os kshatriyas estão fazendo batidas nas colinas atrás de você...vários dos esquadrões deles já foram expulsos pelas tribos.

— O que você vai fazer?

— Ficar com você até que Chunder Shan esteja disposto a trocá-la por meus sete ladrões — ele explicou. — As mulheres dos wazuli estão fazendo tinta a partir de folhas de shoki, e daqui a pouco você poderá escrever uma carta para o governador.

Um toque de sua ira imperial a sacudiu ao pensar no tão insanamente errado seus planos haviam saído, deixando-a cativa do próprio homem que ela planejava ter em seu poder. Jogou o prato no chão com os restos de sua refeição e ficou em pé, tensa de raiva.

— Eu não escreverei carta alguma! Se você não me levar de volta, eles enforcarão seus sete homens e milhares depois deles!

Zombeteira, a garota wazuli riu. Conan fez cara feia, e então a porta se abriu e Yar Afzal entrou pavoneando-se. O chefe dos wazuli era tão alto quanto Conan, com uma circunferência maior, mas ele parecia gordo e lento ao lado da bruta compacidade do cimério. Ele puxou sua barba manchada de vermelho e olhou significativamente para a garota wazuli, o que fez que ela se levantasse e debandasse do recinto sem demora. Então, Yar Afzal voltou-se para seu convidado.

— O povo amaldiçoado murmura, Conan — disse ele. — Eles querem que eu o mate e pegue a garota para pedir um resgate. Dizem que qualquer um pode perceber, pelas vestes dela, que se trata de uma nobre. Perguntam por qual motivo eu deveria deixar os cães do Afghulistão lucrar com ela, quando somos nós quem nos arriscamos sendo seus guardiões.

— Emprésteme seu cavalo — respondeu Conan. — Eu a pegarei e partirei.

— Recuso-me! — explodiu Yar Afzal. — Você acha que não sei lidar com meu próprio povo? Eu os farei dançar só de camiseta se me desrespeitarem! Eles não gostam de você, nem de qualquer outro estrangeiro, mas você salvou minha vida certa vez, e não me esquecerei disso. Contudo, vamos sair, Conan. Um batedor retornou.

Conan segurou em seu cinturão e seguiu o homem até o lado de fora. Fecharam a porta atrás deles, e Yasmina espiou por um buraco na parede.

Ela olhava para fora, um espaço nivelado à cabana. No ponto mais distante havia um aglomerado de choupanas de lama e pedra, e ela viu crianças nuas brincando entre os pedregulhos e mulheres magras e eretas das colinas desempenhando suas tarefas diárias.

Diretamente na frente dos chefes havia um círculo de homens peludos e esfarrapados, de frente para a porta. Conan e Yar Afzal ficaram a alguns passos dela, e entre eles e o anel de guerreiros, outro homem estava sentado com as pernas cruzadas. Ele se dirigia ao seu chefe com o sotaque áspero dos wazuli, que Yasmina podia entender muito pouco, embora parte de sua educação real tivesse sido o ensino das línguas do Iranistão e das linguagens parentes de Ghulistão.

— Conversei com Dagozai, que viu os cavaleiros na noite passada — disse o batedor. — Ele estava espreitando quando vieram ao ponto onde emboscamos lorde Conan. Dagozai escutou o discurso deles. Chunder Shan estava com eles. Encontraram o cavalo morto, e um dos homens o reconheceu como de Conan. Acharam o homem que foi morto e viram que era um wazuli. Pareceu a eles que Conan tinha sido morto e a garota levada pela tribo; então desistiram de seu propósito de ir para o Afghulistão. Mas eles não sabem de qual vila o morto veio, e nós não deixamos trilha para seguirem.

“Então eles cavalgaram para a vila wazuli mais próxima, que é a vila de Jugra, e a queimaram e mataram diversas pessoas. Mas os homens de Khojur os interceptaram na escuridão, assassinaram alguns deles, e feriram o governador. Assim os sobreviventes voltaram para Zhaibar antes de o dia raiar, mas retornaram com reforços na alvorada, e tem havido pelejas e combates por toda a manhã nas colinas. Foi dito que um grande exército está sendo levantado para varrer toda a região em volta de Zhaibar. As tribos estão afiando suas lâminas e preparando emboscadas em todas as passagens daqui até o vale Gurashah. Além disso, Kerim Shah voltou das colinas.”

Um grunhido passou ao redor do círculo, e Yasmina se inclinou mais próxima da abertura ao escutar o nome de quem estava começando a desconfiar.

— Para onde ele foi? — perguntou Yar Afzal.

— O dagozai não sabia; trinta irakzai das vilas mais baixas o acompanhavam. Eles cavalgaram para dentro das colinas e desapareceram.

— Esses irakzai são chacais que seguem um leão por causa das migalhas — rugiu Yar Afzal. — Eles devem estar lambendo as moedas que Kerim Shah espalha entre as tribos da fronteira para comprar homens como se fossem cavalos. Não gosto dele, apesar de ele ser um irmão do Iranistão.

— Ele nem sequer é isso — disse Conan. — Eu o conheço de antigamente. É um hirkaniano, espião de Yezdigerd. Se o apanhar, pendurarei sua pele em uma tamargueira.

— Mas, e os kshatriyas — clamaram os homens no semicírculo. — Devemos ficar de quatro até que eles nos defumem? Logo irão descobrir em qual vila wazuli a donzela está cativa. Nós não somos amados pelos zhaibari; eles ajudarão os kshatriyas a acabarem conosco.

— Que venham — grunhiu Yar Afzal. — Nós podemos defender o desfiladeiro contra uma tropa.

Um dos homens saltou e balançou seu punho para Conan.

— Devemos nos arriscar enquanto ele fica com todas as recompensas? — uivou. — Lutaremos suas batalhas no lugar dele?

Com um passo Conan o alcançou e se curvou um pouco para encarar bem de frente o rosto peludo dele. O cimério não havia sacado sua longa faca, mas a mão esquerda segurava a bainha, apontando o cabo sugestivamente para a frente.

— Não peço que homem algum lute minhas batalhas — disse com suavidade. — Saque sua lâmina se ousar, cão lamuriento!

O wazuli recuou, rosnando como um gato.

— Se ousar me tocar, cinquenta homens irão fazê-lo em pedaços — guinchou.

— O quê? — rugiu Yar Afzal, com a face vermelha de raiva. Os bigodes eriçados, a barriga inchada por causa de sua fúria. — Você é o chefe de Khurum? Os wazulis recebem ordens de Yar Afzal, ou de um vira-lata inferior?

O homem encolheu-se de medo de seu invencível chefe, e Yar Afzal, indo até ele, apanhou-o pela garganta e o esganou até que seu rosto ficasse

roxo. Em seguida, arremessou o homem, de maneira selvagem, contra o chão e ficou sobre ele, com a faca na mão.

— Há mais alguém que questione minha autoridade? — ele berrou, e os guerreiros olharam para baixo rabugentos, enquanto seu olhar belicoso varria o semicírculo.

Yar Afzal grunhiu carrancudo e embainhou sua arma com um gesto que era o ápice do insulto. Então, chutou o agitador caído com uma vendeta concentrada, que arrancou gritos da vítima.

— Desçam o vale até os vigias e tragam notícias se eles avistaram algo — mandou o líder, e o homem obedeceu, tremendo de medo e pressionando os dentes com fúria.

Yar Afzal sentou-se em uma pedra, ponderando, resmungando por trás de sua barba. Conan ficou próximo a ele, com as pernas separadas e os dedões enganchados no cinturão, olhando com atenção os guerreiros agregados. Eles o encaravam com expressões pouco cordiais, sem ousar enfurecer de novo a ira de Yar Afzal, mas odiando o estrangeiro como só um homem das colinas é capaz.

— Agora me escutem, seus filhos de cães sem-nome, enquanto lhes contarei o que lorde Conan e eu planejamos para enganar os kshatriyas.

A estrondosa voz taurina de Yar Afzal seguia o atordoado guerreiro à medida que ele se afastava da assembleia. O homem passou pelo aglomerado de cabanas, onde mulheres que tinham visto sua humilhação riram e fizeram comentários mordazes, e desceu, com pressa, ao longo da trilha que cortava picos e rochas em direção ao vale à frente.

No momento em que contornava a primeira curva que o tirava por completo da vista do vilarejo, ele parou, estupefato, gaguejando estupidamente. Não acreditava na possibilidade de um estrangeiro entrar no vale de Khurum sem ser detectado pelo olhar de falcão dos vigias em cima dos picos; contudo, ainda assim um homem sentava-se com as pernas cruzadas em uma baixa saliência ao lado do caminho, um homem com um turbante verde e um manto de pele de camelo.

A boca do wazuli abriu-se para gritar, e sua mão correu para o cabo da faca.

Mas, no instante em que seus olhos se encontraram com os do estranho, o grito morreu na garganta e os dedos ficaram flácidos. Ele ficou como uma estátua, com os próprios olhos vidrados e vazios.

Por minutos a cena manteve-se inerte; o homem na saliência desenhou um símbolo críptico no pó sobre a rocha com o dedo indicador. O wazuli não o viu colocar coisa alguma dentro do círculo daquele emblema, mas logo algo brilhou lá, uma esfera negra que reluzia mais do que jade polido. O homem do turbante verde a segurou e jogou para o wazuli, que a apanhou.

— Leve isto para Yar Afzal — ele disse, e o homem virou-se como um autômato e voltou pelo caminho, segurando a esfera em sua palma aberta. Ele sequer virou a cabeça para as novas zombarias das mulheres quando passou em frente às cabanas. Era como se não as escutasse.

O homem na saliência observou-o desaparecer com um sorriso sinistro. A cabeça de uma garota surgiu detrás do rebordo da saliência olhando para ele com admiração, e uma pitada de medo que não existia antes da noite anterior.

— Por que você fez isso? — ela indagou.

Ele correu os dedos pelos cachos escuros dela, acariciando-os.

— Você ainda está atordoada por causa de seu voo no cavalo para duvidar de minha sabedoria? — ele riu. — Enquanto Yar Afzal viver, Conan residirá em segurança junto com os guerreiros wazuli. Suas facas são afiadas, e há muitos deles. Meu plano será mais seguro, até mesmo para mim, do que tentar destruí-los e arrancá-la das mãos dele. Não precisa ser mago para prever o que os wazuli farão, e o que Conan fará quando minha vítima entregar o globo de Yezud para o chefe de Khurum.

De volta à frente da cabana, Yar Afzal parou no meio de seu discurso, surpreso e descontente ao ver o homem que enviara para o vale abrir caminho em meio à multidão.

— Eu mandei você falar com os vigias! — o chefe retumbou. — Não deu tempo ainda de ter ido até eles.

O outro não respondeu. Permaneceu estático com o olhar vidrado para o rosto do chefe e com a palma estendida segurando a esfera de jade. Conan olhou por cima do ombro de Yar Afzal, murmurou algo e estendeu o braço para tocar o ombro do chefe, mas assim que o fez, num paroxismo de raiva, Yar Afzal acertou o mensageiro com seu punho cerrado e o abateu como um boi.

Quando ele caiu, a esfera rolou até o pé de Yar Afzal, e o chefe, parecendo vê-la pela primeira vez, abaixou-se e a apanhou. Os homens olharam perplexos para seu compatriota desacordado e viram o chefe curvar-se, mas não o que ele pegou do chão.

Yar Afzal endireitou-se, olhou para o jade, e fez um movimento para enfiá-lo no cinturão.

— Levem este tolo até suá cabana — grunhiu. — Ele está com o olhar de um viciado em lócus; devolveu-me um olhar em branco. Eu... Aie!

Em sua mão direita, movendo-se em direção à cintura, ele sentiu um repentino movimento onde não deveria existir. Sua voz morreu, e ele ficou olhando para o nada; e dentro de sua mão direita crispada sentiu a palpitação de mudança, de moção, de vida. Yar Afzal não segurava mais uma esfera brilhante e macia entre os dedos. E não ousava olhar; sua língua cravou-se no céu da boca, e não conseguia abrir a mão.

Os guerreiros, pasmos, viram os olhos de Yar Afzal se distenderem, a cor vaziar de seu rosto. De súbito, um grito de agonia explodiu daqueles lábios barbados.

Ele titubeou e caiu como se tivesse sido acertado por um raio, com o braço direito debatendo-se à sua frente. Permaneceu com o rosto virado para baixo, e de dentro de seus dedos abertos uma aranha rastejou para fora. Um monstro hediondo, preto, de pernas peludas, cujo corpo brilhava como jade negro. Os homens gritaram e recuaram amedrontados, e a criatura entrou em uma fissura entre as rochas e desapareceu.

Os guerreiros estancaram, olhando enlouquecidos, e uma voz ergueu-se acima de seu clamor. Uma voz de comando transportada de longe, vinda ninguém sabe ao certo de onde. Afinal, todos os homens ali, que ainda viviam, negaram ter gritado, ainda que todos a tenham escutado.

— Yar Afzal está morto! Matem o forasteiro!

Aquele grito focou a mente turbulenta deles em uma só. Dúvida, perplexidade e medo desapareceram no impulso desordenado de sede de sangue. Os guerreiros responderam instantaneamente à sugestão com um grito furioso que dilacerou os céus. Eles vieram de cabeça erguida, cruzando o espaço vazio, mantos esvoaçando, olhos queimando e facas erguidas.

A atitude de Conan foi tão rápida quanto a deles. Assim que a voz gritou, ele correu para a porta da cabana. Mas eles estavam mais próximos dele, do que ele dela. E, com um pé na soleira, foi obrigado a virar e bloquear o ataque de uma longa lâmina. Partiu a cabeça do homem em duas, livrou-se de outra faca rasgando o ar e desentranhou o atacante, nocauteou um homem com o punho esquerdo e apunhalou outro na barriga, e bateu poderosamente na porta usando os ombros. Lâminas afiadas arrancaram lascas pontiagudas das ombreiras próximas de seus ouvidos, mas a porta abriu com a colisão, e ele entrou na sala cambaleando.

Um homem barbado, estocando com toda a fúria no instante em que Conan recuava, alcançou a porta e saltou de cabeça para dentro. O bárbaro parou, puxou suas vestes folgadas e arrancou-o da frente, para bater a porta na cara dos homens que surgiam diante dela. Ossos trituraram sob o impacto e, no instante seguinte, Conan colocou os trincos no lugar e virou-se com inacreditável velocidade para encarar o que havia sido atirado no chão, e agora partia para a ação como se

estivesse enlouquecido.

Yasmina encolheu-se em um canto, assistindo horrorizada aos dois homens lutarem para a frente e para trás ao longo da sala, quase pisoteando-a algumas vezes. O clarão e o clangor de suas lâminas preenchia o recinto e, lá fora, a massa gritava como uma matilha de lobos, arranhando ensurdecedoramente a porta de bronze com suas lâminas e arremessando pedras enormes contra ela. Alguém agarrou o tronco de uma árvore e a porta começou a tremer ante o ataque trovejante. Yasmina tapou os ouvidos, olhando amedrontada. Violência e fúria do lado de dentro, loucura cataclísmica fora.

O garanhão em seu estábulo relinchava e empinava, batendo nas paredes com as patas. Ele deu meia-volta e arremessou seus cascos contra as barras de madeira ao mesmo tempo em que o montanhês, recuando dos golpes

assassinos do cimério, encostou nelas. Sua espinha quebrou-se em três pontos como um galho podre, e ele foi arremessado de cabeça contra o bárbaro, fazendo-o recuar de forma que ambos caíram no chão de terra batida.

Yasmina gritou e correu para a frente. Aos seus olhos atordoados, parecia que ambos tinham sido mortos. Ela os alcançou no instante em que Conan jogava o cadáver para o lado e se levantava. Ela agarrou o braço dele, tremendo da cabeça aos pés.

— Oh, você está vivo! Eu pensei... Pensei que tivesse morrido!

Ele olhou rápido para aquele rosto pálido voltado para o alto e para os olhos escuros arregalados dela encarando-o.

— Por que está tremendo? — ele perguntou. — Por que você se importa se eu vivo ou morro?

Um vestígio de sua pose retornou, e Yasmina se afastou, fazendo uma tentativa fútil de bancar a Divina.

— Você é preferível a esses lobos uivando lá fora — respondeu, apontando para a porta, cujos batentes de pedra começavam a se partir.

— Isso não vai aguentar muito tempo — ele resmungou, então, virou e foi logo até o estábulo do garanhão.

Yasmina apertou os punhos e prendeu o fôlego quando o viu arrancar as barras quebradas e entrar no estábulo com a besta enfurecida. O garanhão empinou diante dele, relinchando de maneira assustadora, com os cascos erguidos, olhos e dentes à mostra e as orelhas viradas para trás, mas Conan saltou e segurou em sua juba com uma amostra de pura força que parecia impossível, e trouxe o animal para baixo, apoiando-o nas pernas dianteiras. O garanhão roncou e estremeceu, porém permaneceu quieto enquanto o homem lhe colocava os arreios e uma sela de enfeites dourados com estribos de prata.

Virando o cavalo dentro do estábulo, Conan chamou Yasmina, que veio nervosa andando de lado ao passar pela besta. O bárbaro estava mexendo na parede de pedra, falando acelerado enquanto trabalhava.

— Há uma porta secreta na parede aqui, que nem mesmo os wazulis conhecem. Yar Afzal mostrou-a certa vez enquanto estava bêbado. Ela se

abre para a boca da ravina, atrás da cabana. Ah!

Ao tocar em uma projeção que parecia casual, uma seção inteira da parede deslizou para o lado em trilhos de ferro lubrificados. Olhando por ela, a garota viu um estreito desfiladeiro abrindo para um rochedo de pedra lisa alguns pés adentro da parede traseira da cabana. Conan montou na sela e puxou-a para cima, colocando-a diante dele. Atrás deles, a grande porta grunhiu como se fosse algo vivo e arrebentou para dentro, e um brado preencheu toda a sala quando a entrada foi no mesmo instante inundada por rostos barbados e facas pontiagudas. E, então, o esplêndido garanhão passou pela parede como uma lança em uma catapulta, e trovejou pelo desfiladeiro, a galope; espuma voou dos anéis em sua boca.

Aquele movimento veio como uma surpresa absoluta para os wazuli. Também foi surpreendente para aqueles que espreitavam na ravina. Aconteceu tão rápido o assalto do grande cavalo, que se pareceu com um furacão, um homem vestindo um turbante verde foi incapaz de sair do caminho. Ele caiu sob os cascos frenéticos, e uma garota gritou. Conan obteve um vislumbre dela enquanto passavam, uma moça magra e negra trajando calças de seda e uma bandagem cravejada que cobria os seios, apertando-se contra a parede da ravina.

O corcel negro e seus ocupantes desapareceram na garganta como uma nuvem de poeira soprada por uma tempestade, e os homens que vieram aos atropelos pelas paredes atrás deles, ao longo do desfiladeiro, chegaram lá com uma mudança de seus berros de sede de sangue para estridentes gritos de medo e morte.

## VI

### *A Montanha dos Profetas Negros*

— PARA ONDE AGORA? — Yasmina estava tentando sentar-se ereta no arco da sela, aninhando-se ao seu captor. Ela experimentava um

reconhecimento de vergonha por não achar desagradável a sensação da pele firme dele sob seus dedos.

— Para o Afghulistão — ele respondeu. — E uma estrada perigosa, mas o garanhão nos levará facilmente, a não ser que encontremos alguns dos seus amigos, ou meus inimigos tribais. Agora que Yar Afzal está morto, aqueles malditos wazuli estarão em nosso encalço. Estou surpreso que ainda não os avistemos atrás de nós.

— Quem era aquele homem que você atropelou? — perguntou.

— Não sei. Nunca o tinha visto antes. Com certeza não é ghuli. Que diabos estava fazendo ali é mais do que posso dizer. Havia uma garota com ele também.

— Sim — o olhar dela estava sombrio. — Não consigo entender isso. A garota é minha criada, Gitara. Você acredita que ela estava vindo em meu auxílio? Que o homem era seu amigo? Se assim for, os wazuli capturaram ambos.

— Bem — ele respondeu —, não há nada que possamos fazer. Se voltarmos, eles despelarão ambos. Não consigo entender como uma garota daquelas poderia chegar tão longe nessas montanhas com apenas um homem, e ele sendo um escolástico paramentado, ou ao menos é o que parecia. Há algo bizarro e infernal nisso tudo. Aquele homem, que Yar Afzal bateu e mandou embora, movia-se como quem caminha dormindo. Já vi os sacerdotes de Zamora fazerem seus rituais abomináveis nos templos proibidos, e suas vítimas tinham um olhar como o daquele homem. Os sacerdotes fitavam dentro de seus olhos e murmuravam encantos, e então as pessoas se tornavam mortos-vivos, com olhos vidrados, fazendo aquilo que lhes era ordenado.

“Também vi o que o homem trazia em sua mão, Yar Afzal apanhou do chão. Era como uma pérola de jade negro, parecida com as que as garotas do templo de Yezud usam quando dançam diante do altar negro da aranha, que é seu deus. Yar Afzal a segurou na mão, e ele não pegou mais coisa alguma. Ainda assim, ao cair morto, uma aranha como o deus de Yezud, só que menor, saiu por entre os dedos dele.

“E então, enquanto os wazuli permaneciam ali incertos, uma voz gritou mandando-os me matar, e sei que ela não veio de nenhum dos guerreiros,

nem das mulheres que assistiam a tudo das cabanas. Parecia ter vindo de cima.”

Yasmina não respondeu, olhou para os contornos afiados das montanhas que os cercavam e estremeceu. Sua alma encolhida diante daquela desolada brutalidade. Aquela era uma terra nua e sombria na qual qualquer coisa poderia acontecer. Antigas tradições investiam um horror arrepiante a qualquer um que tivesse nascido nas planícies quentes e luxuriantes do sul.

O sol estava alto, assolando com um calor feroz, entretanto, o vento que soprava em rajadas intermitentes parecia vir das colinas de gelo. Ela chegou a escutar um estranho ruído acima deles que não era o sopro do vento. E, pela forma como Conan olhou para cima, ela soube que aquele não era um som comum para ele também. A moça pensou que uma faixa do céu azul ficara borrada por alguns instantes, como se algum objeto invisível tivesse se colocado entre ele e sua visão, mas não podia dizer com certeza. Nem fez qualquer comentário, entretanto, Conan afrouxou a faca em sua bainha.

Os dois seguiam por um caminho pouco delineado, mergulhando nas ravinas de um jeito tão profundo que o sol parecia nunca chegar ao fundo, passando por encostas íngremes onde xisto solto ameaçava deslizar sob seus pés, e seguindo por cumes que eram como o fio de uma lâmina, com uma profunda névoa azul de ambos os lados.

O sol havia passado seu zênite quando atravessaram uma trilha estreita entre as encostas. Conan virou o cavalo para o lado e seguiu na direção sul, indo quase perpendicular ao seu curso anterior.

— Uma vila Galzai fica em uma extremidade desta trilha — ele explicou. — As mulheres daqui seguem-na até um poço para pegar água. Você precisa de novas vestes.

Olhando para seu traje transparente, Yasmina concordou com ele. Os chinelos dourados que usava estavam em farrapos, os mantos de seda e as vestes de baixo rasgados em tiras que mal se mantinham atadas decentemente. Roupas destinadas a ser usadas nas ruas de Peshkhauri não eram apropriadas para as colinas himelianas.

Chegando a uma curva na trilha, Conan desmontou, ajudou Yasmina a descer e esperou. Logo fez um sinal com a cabeça, apesar de ela nada ter

escutado.

— Uma mulher subindo a trilha — ele mostrou. Em pânico repentino, ela agarrou o braço dele.

— Você não irá... Não irá matá-la?

— Eu não costumo matar mulheres — grunhiu ele —, embora algumas das mulheres das colinas sejam lobas. Não... — e sorriu como numa grande brincadeira.

— Por Crom, vou pagar pelas roupas dela! Que tal isso? — ele mostrou um punhado de moedas de ouro e guardou todas, menos a maior. Yasmina suspirou, aliviada. Talvez fosse natural aos homens matar e morrer, mas sua pele se arrepiou ao pensamento de assistir à carnificina de uma mulher.

Pouco depois, uma mulher apareceu pela trilha, uma garota galzai alta e magra, reta como um jovem rapaz, carregando uma grande cabaça vazia. Ela parou e a cabaça caiu de suas mãos quando os viu; ameaçou correr, e então percebeu que Conan estava próximo demais para lhe permitir escapar, portanto permaneceu quieta, de frente para eles, com uma expressão que era um misto de medo e curiosidade.

Conan mostrou a moeda de ouro.

— Se você der suas vestes a esta mulher — disse —, receberá este dinheiro.

A resposta foi imediata. A garota deu um amplo sorriso de surpresa e encanto e, com o desdém que só uma montanhesa tem por convenções hipócritas, de imediato arrancou o colete sem mangas bordado, abaixou as calças largas e pisou para fora delas, tirou a camisa com mangas e chutou as sandálias para longe. Juntando tudo em uma trouxa, ela a estendeu para Conan, que a entregou para a abismada Divina.

— Vá para trás daquelas pedras e vista isso — ordenou ele, provando que não era nenhum nativo das colinas. — Junte todos seus mantos e os traga para mim assim que sair.

— O dinheiro! — clamou a montanhesa, esticando as mãos com avidez. — O ouro que me prometeu!

Conan jogou a moeda e ela a pegou no ar, mordeu-a e a meteu no meio dos cabelos, abaixou e apanhou a cabaça, e seguiu seu caminho, tão despida

de autoconsciência quanto de vestes.

Conan aguardou com alguma impaciência enquanto Divina, pela primeira vez em sua vida mimada, vestia-se a si mesma.

Quando ela saiu de trás das rochas, o bárbaro praguejou surpreso, e Yasmina foi tomada por uma curiosa torrente de emoções diante da admiração não refreada dos ardentes olhos azuis do bárbaro. Ela sentiu vergonha, embaraço, contudo, uma estimulação de vaidade que jamais havia vivenciado, e um formigamento quando deu de encontro com o impacto dos olhos dele. Conan pousou uma mão pesada sobre o ombro dela e a girou observando-a avidamente por todos os ângulos.

— Por Crom! — disse. — Naqueles mantos místicos e esfumados você parecia gelada, indiferente e distante como uma estrela! Agora é uma mulher quente de carne e sangue! Você foi para trás daquelas rochas como Divina de Vendhya e saiu como uma montanhesa, embora mil vezes mais bela do que qualquer donzela de Zhaibar! Você era uma deusa, agora é de verdade!

Ele deu uma palmada ressonante nela, e ela, reconhecendo que se tratava apenas de outra expressão de admiração, não se sentiu ofendida. Foi de fato como se a mudança de suas vestimentas tivesse imprimido uma mudança em sua personalidade. Os sentimentos e sensações que ela reprimira surgiram para dominá-la agora, como se os mantos de rainha que havia tirado fossem grilhões e inibições materiais.

Porém, Conan, em sua admiração renovada, não se esqueceu do perigo que espreitava sobre eles. Quanto mais se afastassem da região de Zhaibar, menos provável era encontrarem tropas de Kshatriya. Por outro lado, ele tinha tentado escutar por todo o caminho sons que lhe dissessem se os vingativos wazuli de Khurum estavam em seus calcanhares.

Colocou Divina sobre a sela e subiu a seguir, e outra vez conduziu o garanhão para oeste. O fardo de vestes que ela lhe entregara, ele jogou do topo de um penhasco, para cair nas profundezas de uma garganta de mil pés.

— Por que fez isso? — ela perguntou. — Por que não as deu para a garota?

— Os cavaleiros de Peshkhauri estão passando um pente-fino nestas colinas — ele disse. — Eles serão emboscados e atacados a cada curva. E, como forma de represália, destruirão todas as vilas que puderem. Pode ser que venham para oeste a qualquer momento. Se encontrassem uma garota usando suas vestimentas, iriam torturá-la para que falasse, e ela poderia colocá-los na minha trilha.

— O que ela fará? — perguntou Yasmina.

— Voltará à sua vila e dirá ao povo que um estranho a atacou — respondeu. — Ela os colocará atrás de nós, tudo bem. Mas primeiro irá pegar água; se ousar voltar sem ela, vão arrancar sua pele. Isso nos dá uma longa vantagem. Jamais irão nos apanhar. Ao anoitecer, cruzaremos a fronteira para o Afghulistão.

— Não há caminhos ou sinais de habitações humanas nessas partes — ela comentou. — Até mesmo para os himelianos, o lugar parece singularmente deserto. Não vimos uma trilha desde que deixamos aquela em que encontramos a mulher galzai.

Em resposta, Conan apontou para o nordeste, onde ela viu um pico em um entalhe nos rochedos.

— Yimsha — grunhiu Conan —, as tribos constroem suas vilas o mais distante destas montanhas que podem.

De imediato ela ficou rígida pela atenção.

— Yimsha! — sussurrou. — A montanha dos Profetas Negros!

— E o que dizem — respondeu ele. — Este é o mais próximo que já cheguei. Fiz uma volta para o norte para evitar tropas de Kshatriya que podem estar patrulhando estas colinas. A estrada regular de Khurum para Afghulistão fica mais ao sul. Esta é uma rota mais antiga e usada com pouca frequência.

Ela encarava os distantes picos com atenção. Suas unhas apertaram as palmas rosadas.

— Quanto tempo levaria para chegar até Yimsha deste ponto?

— Todo o resto do dia e também a noite inteira — ele respondeu e sorriu. — Você quer ir até lá? Por Crom, não é lugar para um ser humano comum, pelo que diz o povo da colina.

— Por que eles não se unem e destroem os demônios que a habitam? — indagou Yasmina.

— Aniquilar magos com espadas? Seja como for, eles jamais interferem na vida das pessoas, a não ser que elas interfiram na deles. Eu nunca os vi, mas já conversei com homens que juravam ter visto, e disseram que vislumbraram pessoas das torres de vigília no amanhecer ou pôr do sol. Homens altos e silenciosos em vestes escuras.

— Você teria medo de atacá-los?

— Eu? — a ideia parecia uma novidade para ele. — Se me provocassem seria minha vida pela deles. Mas não tenho nada a ver com eles. Vim até estas montanhas para formar um grupo de salteadores, não para guerrear contra bruxos.

Yasmina não respondeu. Olhou para o pico como se fosse um inimigo humano, sentindo toda sua raiva e ódio remexer em seu seio. E outro sentimento começou a tomar uma forma obscura. Ela planejava lançar em um golpe violento contra os mestres de Yimsha o homem em cujos braços agora era carregada.

Talvez houvesse outra maneira de cumprir seu propósito, além dos métodos que planejava. Yasmina não se enganava quanto ao olhar que estava começando a florescer no semblante selvagem daquele homem. Reinos caíram quando as mãos alvas e delgadas de uma mulher puxaram as cordas do destino. De súbito, ela se enrijeceu, apontando.

— Veja!

No distante cume da montanha surgiu uma nuvem de aspecto peculiar. Era de uma cor vermelha gelada, raiada com dourado brilhante. A nuvem estava em movimento; rodava e, enquanto o fazia, contraía-se. Ela descreveu movimentos rotatórios até ganhar a forma de um filamento que reluzia aos raios do sol. E, de repente, destacou-se do cume coberto pela neve, flutuou por sobre o vácuo como uma pena colorida e alegre, e tornou-se invisível contra o céu cerúleo.

— O que pode ter sido isso? — perguntou, ansiosa, no momento em que um rebordo de rochas cobriu a distante montanha da vista. O fenômeno tinha sido perturbador, mesmo em sua beleza.

— Os montanhesees chamam de Carpete de Yimsha, seja lá o que quer que isso signifique — respondeu Conan. — Já vi quinhentos deles correndo como se o diabo estivesse em seu encaço porque viram essa nuvem carmesim flutuar deste pico. O quê...

Eles tinham avançado por uma fenda estreita entre paredes altas como torres e saíram em uma borda larga, flanqueada por uma série de encostas escarpadas de um lado, e um enorme precipício do outro. A trilha seguia esta saliência, inclinava-se sobre um rebordo e reaparecia em intervalos ao longe, abaixo deles, delineando um caminho tedioso. E, emergindo da fissura que se abria sobre a saliência, o garanhão negro parou, bufando. Sem paciência, Conan o forçou a seguir em frente, mas o cavalo relinchava e jogava a cabeça para cima e para baixo, tremendo e torcendo, como se existisse uma barreira invisível.

Conan praguejou e desmontou, descendo Yasmina consigo. Foi na frente, com uma mão estendida diante de si, como se esperasse encontrar alguma resistência que não pudesse ser vista. No entanto, não havia nada para entravá-lo, embora, quando tentara conduzir o cavalo, ele deu um relincho estridente e se afastou. Então Yasmina gritou, e Conan virou-se, com a mão sobre o cabo da faca.

Nenhum dos dois o tinha visto chegar, mas ali estava ele, com os braços dobrados, um homem vestindo um manto de camelo e turbante verde. Conan grunhiu surpreso ao reconhecer o homem que tinha sido pisoteado pelo garanhão na ravina fora da vila wazuli.

— Quem diabos é você? — ele questionou.

O homem não respondeu. Conan reparou que seus olhos estavam fixos e arregalados, e tinham uma qualidade luminosa peculiar. E aqueles olhos seguraram os dele como um ímã.

A base da feitiçaria de Khemsa era hipnotismo, como é a da maioria dos magos orientais. O caminho para o hipnotismo tinha sido preparado por incontáveis séculos de gerações que viveram e morreram com a firme convicção de sua realidade e poder, edificando, pelo pensamento coletivo e pela prática, uma atmosfera colossal, ainda que intangível, contra a qual os indivíduos, mergulhados nas tradições da terra, encontravam-se indefesos.

Mas Conan não era filho do leste. Suas tradições eram indiferentes a isso, que era produto de um ambiente completamente diferente. Hipnotismo

não era sequer um mito na Ciméria. A herança que preparou um nativo do leste para a submissão ao mesmerismo não era a dele.

Conan estava ciente do que Khemsa tentava fazer consigo; porém, sentiu o impacto do misterioso poder do homem apenas como um vago impulso, um puxar e empurrar do qual ele podia se desvencilhar tal qual um homem remove teias de aranha de suas vestimentas.

Percebendo a hostilidade e a magia negra, ele sacou sua longa faca e precipitou-se com passos tão rápidos quanto um leão da montanha.

Porém, hipnotismo não era toda a mágica de Khemsa. Yasmina, assistindo a tudo, não viu com qual movimento ou ilusão o homem de turbante verde evitou o terrível golpe destinado a arrancar-lhe as tripas. Mas a lâmina afiada singrou por entre a lateral e o braço erguido, e para Yasmina parecia que Khemsa tinha apenas tocado sua palma aberta levemente contra o grosso pescoço de Conan. O cimério foi atirado no solo como um touro abatido.

Contudo, Conan não estava morto; parando a queda com a mão esquerda, ele cortou as pernas de Khemsa mesmo caindo, e o Rakhsha evitou o ataque ao estilo de foice apenas por um pulo para trás, que nada tinha de feitiçaria. Yasmina deu um grito agudo ao ver uma mulher que ela reconheceu como sendo Gitara sair de trás das rochas e ir até o homem. O cumprimento morreu no grito de Divina quando ela percebeu a malevolência na bela face da moça.

Conan levantava-se bem devagar, abalado e atordoado pela cruel artimanha daquele golpe que, desempenhado por uma arte esquecida pelos homens antes que os atlantes afundassem, teria quebrado o pescoço de um homem menos capaz como um galho podre. Khemsa olhou para Conan com cautela e incerteza frívola.

O Rakhsha aprendera a plena extensão de seus poderes quando encarou de frente as facas dos ensandecidos wazuli na ravina atrás da vila de Khurum; mas a resistência do cimério talvez estivesse abalando um pouco sua recém-descoberta confiança. Feitiçaria prospera no sucesso, não no fracasso.

Ele deu um passo à frente, erguendo a mão. Estancou, como se congelado, a cabeça inclinada para trás, olhos arregalados, mãos erguidas.

Conan seguiu o olhar dele, assim como as mulheres. A garota encolhendo-se atrás do garanhão assustado e a moça ao lado de Khemsa.

Descendo as colinas rochosas, como um furacão de pó reluzente soprado pelo vento, uma nuvem vermelho-acinzentada veio dançando. A face escura de Khemsa ficou pálida; sua mão começou a tremer, então caiu para a lateral. A garota ao seu lado, sentindo a mudança, olhou-o de maneira inquisitiva.

A forma carmesim deixou o topo da montanha e desceu em um longo arco. Pousou na saliência entre Conan e Khemsa, e o Rakhsha deixou escapar um grito sufocado. Ele recuou, empurrando Gitara para trás com as mãos tateando, agonizando.

A nuvem vermelha balançou como um pião por um instante, girando com uma luminosidade cintilante em sua ponta. E, sem aviso, ela se foi, desapareceu como uma bolha quando estourada. Lá, na saliência, estavam quatro homens. Era milagroso, incrível, impossível, contudo, verdade. Eles não eram fantasmas ou espíritos. Eram quatro homens altos, com cabeças raspadas como abutres, e mantos negros que escondiam seus pés. Suas mãos estavam ocultas pelas mangas largas. Permaneceram em silêncio, as cabeças nuas acenando devagar em unísono.

Estavam de frente para Khemsa; mas, atrás deles, Conan sentiu o próprio sangue gelar nas veias. Levantando-se, afastou-se furtivamente, até conseguir sentir o ombro trêmulo do garanhão às suas costas, e Divina arrastou-se para a proteção de seus braços. Nenhuma palavra foi dita. O silêncio reinava como uma sufocante mortalha.

Todos os quatro encararam Khemsa. Seus rostos de abutre estavam imóveis, os olhos introspectivos e contemplativos. Mas Khemsa tremia como um homem febril. Seus pés estavam envoltos na pedra, as panturrilhas contraídas como num combate físico. Suor escorria aos jorros por seu rosto escuro. A mão direita trancava-se em algo sob seu manto marrom de forma tão aflita, que o sangue vazou daquela mão e a deixou branca. A mão esquerda caiu sobre o ombro de Gitara e o apertou em agonia, como o aperto de um homem que se afoga. Ela não recuou ou chorou, ainda que os dedos dele escavassem sua carne firme como garras.

Conan já testemunhara centenas de batalhas em sua vida, mas nunca uma como aquela, na qual quatro vontades diabólicas buscavam abater uma

vontade menor, porém igualmente diabólica que se opunha a elas. Mas ele mal sentia a qualidade monstruosa daquela luta hedionda. Com as costas para a parede, mantendo distância de seus antigos mestres<sup>^</sup> Khemsa estava lutando pela vida com todos seus poderes negros, todo o assustador conhecimento que eles o haviam ensinado ao longo de anos sombrios de neofismo e vassalagem.

Estava mais forte do que ele próprio sabia, e o livre exercício de seus poderes, por conta própria, abriu reservatórios insuspeitos de suas forças. E ele estava prostrado a uma superenergia pelo frenesi do medo e desespero. Recuou diante da impiedade daqueles olhos hipnóticos, mas defendeu seu terreno. Suas feições se distorceram em um sorriso bestial de agonia, e os membros torcidos como num aparelho de tortura. Era uma guerra de almas, de cérebros aterrorizantes mergulhados em tradições proibidas aos homens há milhares de anos, de mentalidades que haviam descido aos abismos e explorado as estrelas negras onde nasciam as sombras.

Yasmina entendia tudo melhor do que Conan. E ela compreendeu vagamente por que Khemsa conseguia suportar o impacto concentrado daquelas quatro vontades demoníacas que poderiam ter reduzido a átomos a própria rocha onde ele estava. O motivo era a garota, que ele agarrava com a força do desespero. Ela era como uma âncora para sua alma abalada, espancada pelas ondas daquelas emanções psíquicas. Sua fraqueza era agora sua força. O amor que ele tinha por ela, por mais violento e cruel que pudesse ser, era, contudo, um vínculo que o mantinha atado ao resto da humanidade, fornecendo uma alavanca terrena para sua vontade, uma corrente que seus inimigos inumanos não podiam quebrar; ao menos não através de Khemsa.

Eles perceberam isso antes dele. E um dos quatro voltou o olhar do Rakhsha para Gitara. Não houve batalha ali. A garota se encolheu e murchou como uma folha na seca. Impulsionada e sem outra opção, ela se libertou dos braços de seu amante antes de ele perceber o que estava ocorrendo. Então, algo horrível aconteceu.

Ela começou a caminhar em direção ao precipício, olhando para seus atormentadores, com os olhos arregalados e vazios como vidro escuro reluzente por trás do qual uma lâmpada havia sido apagada. Khemsa gemeu e cambaleou atrás dela, caindo na armadilha que fora armada para si. Uma mente dividida não pode manter uma batalha desigual. Ele foi abatido, um

ramo nas mãos deles. A garota andou para trás, caminhando como um autômato, e Khemsa tropeçou como um bêbado atrás dela, as mãos estendidas em vão, ganindo, babando em sua dor, os pés pesados movendo-se como coisas mortas.

Ela fez uma pausa na beirada, ficou rígida, os calcanhares na borda, e ele caiu de joelhos e se arrastou chorando na sua direção, tentando alcançá-la, arrastá-la para longe da destruição. E, um pouco antes de seus dedos desajeitados tocarem-na, um dos magos gargalhou, como uma nota súbita de um sino de bronze tocado no inferno. A garota recuou de uma vez, e o clímax da requintada crueldade foi consumado quando razão e entendimento retornaram aos olhos dela, que brilharam com medo terrível. Ela gritou; em desespero, tentou agarrar a mão estendida de seu amante. Porém, incapaz de se salvar, caiu de cabeça com um grito de horror.

Khemsa se debruçou na beirada e olhou para baixo, desfigurado, seus lábios se movendo como se falasse consigo próprio. Então, ele se virou e fitou seus torturadores por um longo minuto com olhos que não carregavam nenhuma luz humana. E, com um grito que quase explodiu as rochas, levantou-se e investiu na direção deles, com uma faca erguida nas mãos.

Um dos Rakhshas deu um passo à frente e bateu o pé, e, no instante em que fez isso, surgiu um tremor que cresceu rápido para tornar-se um retumbante estrondo. Onde seu pé tocou, uma fenda se abriu na rocha sólida, que se alargou no mesmo instante. Então, com um barulho ensurdecador, uma seção inteira do penhasco desabou. Houve um último vislumbre de Khemsa, os braços se debatendo selvagememente no ar antes de ser varrido por entre a avalanche que trovejou abismo abaixo.

Os quatro olharam contemplativos para a borda irregular da rocha que formava o novo rebordo do precipício, e se viraram de repente. Conan, derrubado pelo tremor da montanha, estava se levantando, segurando Yasmina. Ele parecia se mover tão devagar quanto seu cérebro estava funcionando. Estava apalermado e nublado. Percebeu que havia uma necessidade desesperada de colocar Divina no garanhão negro e cavalgar como o vento, mas uma inexplicável lentidão pesava sobre seus pensamentos e ações.

Agora, os magos estavam de frente para ele; ergueram os braços, e os olhos horrorizados do bárbaro viram seus contornos enfraquecer, turvar,

tornarem-se indistintos e nebulosos, ao mesmo tempo em que uma fumaça escarlate crescia como uma onda em torno de seus pés. Eles foram borrados por uma nuvem giratória repentina, e então Conan se percebeu também envolpado por uma névoa vermelha, escutou Yasmina gritar, e o garanhão chorou como uma mulher sentindo dores. A Divina foi arrancada de seus braços, e, ao que ele golpeou às cegas com sua faca, um golpe terrível como uma rajada de um furacão o derrubou por sobre as pedras. Atordoado, viu uma nuvem vermelha girando para o alto e por sobre os picos das montanhas. Yasmina desaparecera, assim como os quatro homens de preto. Apenas o assustado cavalo dividia o penhasco com ele.

## VII

### *Para Yimsha*

CONFORME AS NÉVOAS DESAPARECIAM SOPRADAS POR UM forte vento, as teias de aranha deixavam o cérebro de Conan. Com uma maldição ressequida, subiu na sela do garanhão, que relinchava ao seu lado. Ele olhou para as colinas, hesitou, e então voltou pela trilha na direção que estava seguindo quando foi parado pelos truques de Khemsa. Mas agora Conan não cavalgava a uma marcha média. Soltou as rédeas e o cavalo seguiu como um cometa, como se estivesse afoito para libertar sua histeria em um violento esforço físico.

Do outro lado da borda e ao redor do rochedo, a trilha estreita seguia as grandes escarpas nas quais eles mergulharam em velocidade vertiginosa. O caminho seguia uma ondulação de rochas interminavelmente sinuosas para baixo, camada por camada de ladeira estriada, até que, lá embaixo, Conan obteve um relance de uma ruína que havia caído, uma colossal pilha de rochas quebradas e pedregulhos aos pés de um gigantesco desfiladeiro.

O leito do vale estava ainda bem abaixo dele quando chegou a um cume longo e elevado que levava para fora dos rochedos como um pavimento

natural. O bárbaro cavalgou por ele com desfiladeiros quase absolutos de ambos os lados. Conseguia traçar a trilha à sua frente, e fez uma grande ferradura de volta ao leito à esquerda. Praguejou contra a necessidade de viajar aquelas milhas, mas era a única maneira. Descer pela volta mais curta da trilha naquele ponto seria tentar o impossível. Apenas um pássaro chegaria embaixo com o pescoço inteiro.

Então, ele apressou o exausto garanhão, até um barulho de cascos chegar aos seus ouvidos, vindo de baixo. Encostando e indo até a borda dos rochedos, ele olhou para o leito seco que cortava a base da cordilheira. Ao longo daquela garganta vinha a galope uma multidão multicolorida. Homens barbados e cavalos quase selvagens, quinhentos homens fortes, com suas armas eriçadas. E Conan gritou de repente, inclinando-se na beirada do rochedo, trezentos metros acima deles.

Ao seu grito eles pararam, e quinhentos rostos olharam para o alto em sua direção; um rugido profundo e clamoroso preencheu o cânion. Conan não desperdiçou palavras.

— Eu estava indo para Ghor! — ele gritou. — Não esperava encontrar vocês, cães, na trilha. Sigam-me o mais rápido que seus cavalos puderem! Estou indo para Yimsha e...

— Traidor! — o uivo foi como um borribo de água gelada em seu rosto.

— O quê? — Conan olhou para eles, sem saber o que dizer. Viu olhos selvagens queimando contra ele, rostos contorcidos de fúria, punhos brandindo lâminas.

— Traidor! - gritaram de volta, com toda força. — Onde estão os sete chefes capturados em Peshkhauri?

— Na prisão do governador, suponho — ele respondeu.

Um grito sanguinário de centenas de gargantas lhe respondeu, com tal aceno de armas e tamanho clamor que ele não conseguia entender o que estavam dizendo. Acabou com o estrondo com um rugido como o de um touro, e berrou:

— Que brincadeira infernal é esta? Fale somente um de vocês, não consigo entender o que dizem!

Um velho chefe esquelético, que havia se automeado para esta posição, sacudiu seu tulwar para Conan como um preâmbulo, e gritou, acusando-o:

— Você não nos deixou cavalgar para Peshkhauri para resgatar nossos irmãos!

— Não, seus tolos! — rugiu o exasperado cimério. — Mesmo se atravessassem a muralha, o que é improvável, eles enforcariam os prisioneiros antes que os alcançassem.

— E você foi sozinho negociar com o governador! — gritou o afghuli, contorcendo-se em frenesi espumante.

— E?

— Onde estão os sete chefes? - indagou o velho chefe, transformando sua lâmina em uma roda de aço brilhando acima da cabeça. — Onde estão eles? Mortos!

— O quê! — Conan quase caiu do cavalo, de surpresa.

— Sim, mortos! — quinhentas vozes sedentas de sangue o asseguraram.

O velho chefe sacudiu os braços e tomou a dianteira outra vez.

— Eles não foram enforcados! — ele esganiçou. — Um wazuli em outra cela os viu morrer! O governador enviou um mago para matá-los com feitiçaria!

— Isso tem que ser uma mentira — Conan bradou. — O governador não ousaria. Na noite passada eu falei com ele...

A frase foi mal recebida. Um brado de ódio e acusação partiu os céus.

— Sim! Você foi vê-lo sozinho! Para nos trair! Não é mentira. O wazuli escapou pelas portas que o mago explodiu em sua entrada, e contou a história para nossos batedores que encontramos em Zhaibar. Eles tinham sido enviados para procurar por você, quando não retornou. Quando escutaram o que o wazuli tinha a dizer, voltaram para Ghor a toda velocidade e nós selamos nossos cavalos e apanhamos nossas espadas!

— E o que vocês tolos querem fazer? — perguntou o cimério.

— Vingar nossos irmãos! — eles uivaram. — Morte aos kshatriyas! Matem-no irmãos, ele é um traidor!

Flechas começaram a assobiar na direção dele. Conan ficou em pé em seus estribos, lutando para se fazer escutar acima do tumulto, e então, com um rugido misto de ódio, desafio e nojo, ele deu meia-volta e galopou de volta na trilha.

Atrás e abaixo de si, os afghuli vieram a galope, expressando seu ódio, furiosos demais até mesmo para se lembrarem de que a única maneira de chegar à altura na qual ele estava era atravessando o leito na outra direção, fazer aquela curva ampla e seguir pela trilha sinuosa por sobre a cordilheira. Quando se deram conta disso e começaram a fazer a volta, seu chefe repudiado tinha quase chegado ao ponto em que a cordilheira se juntava às escarpas.

No desfiladeiro ele não tornou pela trilha pela qual havia descido, mas fez uma curva em outra, um mero risco por entre as fendas das rochas, onde o garanhão lutava para seguir em frente. Ele não tinha ido longe quando o cavalo relinchou e empinou para trás, afastando-se de algo deitado no chão. Conan observou a caricatura de homem, um amontoado quebrado, sangrento e retalhado que fazia sons inarticulados e rangia os dentes estilhaçados.

Impelido por alguma razão obscura, o cimério desmontou e ficou olhando para baixo, sabendo que testemunhava algo miraculoso e oposto à natureza. O Rakhsha levantou sua cabeça destroçada e seus estranhos olhos, com o brilho da agonia e da aproximação da morte, pousaram em Conan com reconhecimento.

— Onde estão eles? — era um coaxar atroz que nem de longe lembrava uma voz humana.

— Retornaram ao seu castelo amaldiçoado em Yimsha — grunhiu Conan. — Levaram Divina com eles.

— Eu irei - murmurou o homem - , os seguirei! Eles mataram Gitara. Acabarei com todos... os acólitos, os Quatro do Círculo Negro. O próprio Mestre? Mate-os... Mate-os todos! — ele lutou para arrastar sua estrutura mutilada por sobre a rocha, mas nem mesmo sua vontade indomável podia animar aquela massa coagulada por mais tempo, na qual os ossos partidos mantinham-se juntos só por tecido rasgado e fibras rompidas.

— Siga-os! — delirou Khemsa, derramando uma baba ensangüentada.

— Siga-os!

— Eu irei — respondeu Conan. - Fui buscar meus afghulis, mas eles se voltaram contra mim. Irei sozinho para Yimsha. Trarei Divina de volta nem que precise arrasar aquela montanha maldita com minhas mãos vazias. Ela não tem mais utilidade para mim como refém, mas...

— Que a maldição de Yizil caia sobre eles! — resfolegou Khemsa. — Vá! Eu estou morrendo. Espere... Pegue meu cinturão.

Ele tentou apalpar com sua mão mutilada seus farrapos, e Conan, entendendo o que ele buscava transmitir, abaixou-se e tirou de sua cintura um cinturão de aspecto curioso.

— Siga o veio de ouro através do abismo — murmurou Khemsa. — Use o cinturão. Eu o tomei de um sacerdote stygio. Irá ajudá-lo, apesar de ter falhado comigo da última vez. Quebre o globo de cristal com as quatro víboras douradas. Cuidado com as transmutações do Mestre. Eu estou indo para Gitara, ela me espera no inferno. Aie, sim Skelos... — e ele morreu.

Conan olhou para o cinturão. A crina usada para trançá-lo não era de cavalo. Ele estava convencido de que era lã feita das grossas tranças de uma mulher. Acomodadas na malha espessa estavam pequenas joias de um tipo que ele jamais vira antes. A fivela era estranhamente constituída na forma da cabeça dourada de uma serpente, plana e com escamas. Um forte arrepio sacudiu Conan enquanto o segurava, e virou-se para arremessá-lo no precipício; então, hesitou, e por fim afivelou-o na cintura sob o seu cinturão Bakhariot. Montou e seguiu em frente.

O sol afundara atrás das colinas. Conan subiu a trilha sob a vasta sombra dos rochedos que eram jogadas como um manto azul-escuro sobre os vales e escarpas abaixo. Não estava longe do cume quando, contornando o rebordo de um rochedo saliente, escutou o barulho de cascos à sua frente. Não fez meia-volta. Na verdade, o caminho era tão estreito que o garanhão não poderia ter virado seu grande corpo sobre ele. Contornou a saliência da rocha e saiu sobre uma porção do caminho que se alargava um pouco. Um coro de vozes ameaçadoras irrompeu nos ouvidos dele, mas seu garanhão prensou um cavalo aterrorizado contra as rochas e Conan apanhou o braço de um cavaleiro com uma pegada de ferro, travando a espada erguida em pleno ar.

— Kerim Sha! — resmungou Conan, fagulhas vermelhas ardendo luridamente em seus olhos. O turaniano não lutou; eles posicionaram os cavalos quase peito a peito, os dedos de Conan travando o braço armado do outro. Atrás de Kerim Sha vinha um grupo de irakzai esguios em cavalos magros. Eles o fitaram como lobos, segurando arcos e facas, mas apresentavam-se incertos por conta da estreiteza do caminho e da periculosidade da proximidade do abismo que bocejava ao seu lado.

— Onde está Divina? — perguntou Kerim Sha.

— O que isso tem a ver com você, espião hirkaniano? — rosnou Conan.

— Eu sei que você a tem — respondeu Kerim Sha. — Estava a caminho do norte com alguns homens das tribos quando fomos emboscados por inimigos na Passagem Shalizah. Muitos de meus homens foram mortos, e o resto correu para as colinas como chacais. Quando despistamos nossos perseguidores, viramos para oeste, em direção à Passagem Amir Jehun, e nesta manhã encontramos um wazuli vagando pelas colinas.

“Ele estava enlouquecido, mas descobri muitas coisas de seus balbucios incoerentes antes de ele morrer. Descobri que era o único sobrevivente de um bando que seguia um chefe dos afghuli e uma prisioneira kshatriya para uma garganta atrás da vila de Khurum. Ele balbuciou muito sobre um homem de turbante verde quem o afghuli atropelou; porém, quando atacado pelos wazuli que o perseguiam, enfrentou-os com uma destruição inominável que os aniquilou, tal qual uma rajada de vento feita de fogo aniquila um enxame de gafanhotos.

“Como aquele homem escapou, eu não sei, e nem ele o sabia; mas soube por suas divagações que Conan de Ghor havia estado em Khurum com uma prisioneira real. E, conforme passávamos pelas colinas, encontramos uma garota galzai nua carregando uma cabaça de água. Ela nos contou a história de ter sido despida e violentada por um gigante estrangeiro nas vestes de um chefe afghuli, e que deu suas vestes para uma mulher vendhiana que o acompanhava. Disse também que você veio para oeste.”

Kerim Shah não considerou ser necessário explicar que ele próprio estava a caminho de seu encontro com as tropas que esperava de Secunderam quando seu caminho foi bloqueado pelos montanhesees hostis. A estrada para o vale Gurashah através da Passagem Shalizah era mais comprida que aquela que cortava pela Passagem Amir Jehun, mas esta

última passava por parte do Afghulistão, que Kerim Shah queria evitar ansiosamente até estar junto do exército. Contudo, ao ser barrado na estrada Shalizah, voltou-se para a rota proibida até que as notícias de que Conan ainda não havia chegado ao seu destino com a cativa o fizeram virar para o sul e correr sem prudência alguma, na esperança de alcançar o cimério nas colinas.

— Então é melhor você me dizer onde Divina está — sugeriu Kerim Shah. — Nós o excedemos em número...

— Que um de seus cães toque em uma seta e eu jogo você deste penhasco — prometeu o bárbaro. — De qualquer modo, não o ajudaria em nada me matar. Quinhentos afghulis estão em meu encalço, e se acharem que você lhes tirou esse prazer, irão esfolá-lo vivo. Seja como for, eu não tenho Divina. Ela está nas mãos dos quatro Profetas de Yimsha.

— Tarim! — murmurou de forma suave Kerim Shah, abalado de sua pose pela primeira vez. — Khemsa...

— Khemsa está morto — rosou Conan. - Seus mestres o enviaram para o inferno em um terremoto. Agora saia do meu caminho. Ficaria feliz em matá-lo se tivesse tempo, mas estou a caminho de Yimsha.

— Irei com você — disse o turaniano com um jeito abrupto.

Conan gargalhou.

— Acha que eu confiaria em você, cão hirkaniano?

— Não peço isso — Kerim Shah devolveu. — Ambos queremos Divina. Você conhece meus motivos; o Rei Yezdigerd quer anexar o reino dela ao seu império, e ela própria em seu harém. E conheço você dos tempos em que era um comandante militar dos kozaks nas estepes; portanto, sei que sua ambição é a pilhagem indiscriminada. Você quer saquear Vendhya, e arrancar um resgate enorme por Yasmina. Bem, vamos nos permitir por enquanto unir forças, sem termos quaisquer ilusões um do outro, e tentar resgatar a Divina dos Profetas. Se formos bem-sucedidos e vivermos, podemos lutar para ver quem fica com ela.

Conan examinou de perto o outro por um momento, e então consentiu, soltando o braço do turaniano.

— De acordo. E quanto aos seus homens?

Kerim Sha virou-se para os silenciosos irakzai e, de pronto, falou:

— O chefe e eu iremos para Yimsha lutar contra os magos. Vocês irão conosco, ou ficarão aqui para ser massacrados pelos afghulis que seguem este homem?

Eles o encararam com olhos sinistros e fatalistas. Estavam condenados, e sabiam disso. Sabiam desde que as flechas cantantes da emboscada dos Dagozai os conduziram de volta da Passagem Shalizah. Os homens da baixa Zhaibar tinham muitas rixas de sangue com os moradores das colinas. Eles eram um bando muito pequeno para abrir caminho até as vilas na fronteira sem a liderança do astuto turaniano. Como já se consideravam mortos, responderam da forma que só um morto o faria:

— Iremos com vocês e morreremos em Yimsha.

— Então, em nome de Crom, vamos logo — grunhiu Conan, remexendo-se de impaciência ao olhar para os golfos azuis do crepúsculo que se aproximava. — Meus lobos estão horas atrás de mim, mas perdemos um tempo infernal.

Kerim Sha recuou seu cavalo entre o garanhão negro e o desfiladeiro, embainhou a espada e, com muita cautela, virou o animal. Logo o bando estava descendo a picada o mais rápido que ousava. Chegaram a um cume uma milha ao leste do ponto onde Khemsa tinha se interposto entre Conan e Divina. A vereda que travessavam era perigosa, até mesmo para montanheses. E, por este motivo, Conan a evitara naquele dia quando carregava Yasmina, embora Kerim Shah, na frente, a tivesse tomado, supondo que o cimério teria feito o mesmo. Até Conan suspirou de alívio quando os cavalos superaram a última beirada do abismo.

Eles se moviam como fantasmas passando por um reino encantado de sombras. O suave raspar de couro e o tilintar do aço marcavam a passagem deles, e mais uma vez os rochedos da montanha escura se tornaram nus e silenciosos sob a luz das estrelas.

## VIII

### *Yasmina Conhece o Terror Resoluto*

YASMINA TEVE TEMPO PARA APENAS UM GRITO QUANDO SE VIU envolvida por aquele furacão vermelho e foi arrancada de seu protetor com uma força apavorante. Ela gritou uma vez, e não teve mais fôlego. Estava cega, surda, emudecida e desacordada pela terrível agitação de ar em torno de si. Existia uma consciência atordoante da altura vertiginosa e da velocidade paralisante, uma impressão confusa de sensações naturais enlouquecendo, e então tontura e esquecimento.

Um vestígio dessas sensações segurava-se a ela enquanto recuperava a consciência; Yasmina gritou e se agarrou loucamente, como se estivesse de cabeça para baixo naquele voo involuntário. Seus dedos tocaram um tecido macio e um senso revelador de estabilidade a impregnou. Ela reconheceu as cercanias.

Estava deitada em um estrado coberto com veludo negro, em uma grande sala escura cujas paredes tinham tapeçarias negras penduradas com dragões rastejantes reproduzidos com repelente realismo. Sombras flutuantes mal indicavam o teto, e trevas que se emprestavam à ilusão espreitavam nos cantos. Não parecia haver janelas ou portas nas paredes, a não ser que estivessem ocultas pelas tapeçarias escuras. De onde a fraca luz surgia, Yasmina não conseguia determinar. A grande sala era um reino de mistérios e sombras, e figuras furtivas, nas quais ela não poderia jurar ter observado movimento, ainda assim invadiam sua mente com terror turvo e sem forma.

Mas seu olhar se fixou em um objeto tangível. Sobre outro estrado menor de âmbar-negro, a alguns pés de distância, um homem sentado com as pernas cruzadas olhava contemplativo para ela. Seu longo manto negro de veludo, bordado com fios de ouro, caía folgado sobre si, mascarando seu vulto. As mãos estavam enfiadas nas mangas. Havia um capuz de veludo sobre a cabeça. O rosto era calmo, plácido, não era bonito, os olhos um pouco oblíquos e cintilantes. Ele não moveu um músculo enquanto se

sentava ali de frente para ela, nem sua expressão mudou quando viu que ela estava consciente.

Yasmina sentiu o calafrio do medo como um filete de água gelada descendo por sua espinha. Ela ergueu o tronco sobre os cotovelos e olhou apreensiva para o estranho.

— Quem é você? — perguntou. Sua voz soou frágil e inadequada.

— Eu sou o Mestre de Yimsha — o tom era rico e ressonante, como os tons melódiosos do sino de um templo.

— Por que me trouxe aqui?

— Você não procurava por mim?

— Se você for um dos Profetas Negros, sim! — respondeu sem cautela, acreditando que ele poderia ler seus pensamentos de qualquer maneira.

Ele riu suavemente, e arrepios outra vez a assolaram.

— Você voltaria as crianças selvagens das colinas contra os Profetas de Yimsha! — ele sorriu. — Eu vi isso em sua mente, princesa. Sua fraca mente humana, cheia de sonhos bonitos de ódio e vingança.

— Vocês mataram meu irmão! — uma crescente maré de raiva estava combatendo seu medo; as mãos fecharam-se, o pequeno corpo rígido por inteiro. — Por que você o perseguiu? Ele nunca fez mal a vocês. Os sacerdotes dizem que os Profetas estão acima da intromissão em assuntos humanos. Por que destruíram o rei de Vendhya?

— Como um ser humano comum pode entender as motivações dos Profetas? — devolveu o Mestre com calma. — Meus acólitos no templo de Turam, que são os sacerdotes por trás dos de Tarim, me pediram que intercedesse em favor do Rei Yezdigerd. Por motivos próprios, consenti. Como posso explicar meus motivos místicos para um intelecto tão insignificante? Você não entenderia.

— Eu entendo isso: que meu irmão morreu! — lágrimas de dor e ódio sacudiam suas palavras. Ela ficou de joelhos e o encarou com olhos chamejantes, tão ameaçadora e perigosa naquele instante quanto uma pantera.

— Conforme queria Yezdigerd — concordou com tranquilidade o Mestre. — Por um tempo foi meu capricho cumprir suas ambições.

— Yezdigerd era seu vassalo? — Yasmina tentava manter o timbre de sua voz inalterado. Sentira o joelho pressionar algo duro e simétrico sob a capa de veludo. De maneira sutil, mudou de posição levando a mão para baixo da capa.

— O cão que lambe os restos de comida no quintal do templo é vassalo de deus? — devolveu o Mestre. Ele não parecia notar as ações que ela pretendia desenvolver. Oculto pelo veludo, seus dedos se fecharam no que ela sabia ser o cabo dourado de um punhal. A moça curvou a cabeça para esconder a luz de triunfo em seus olhos.

— Estou cansado de Yezdigerd — disse o Mestre. — Voltei-me para outros entretenimentos... Ah!

Com um grito feroz, Yasmina saltou como um gato selvagem, estocando mortalmente. Então, tropeçou e caiu no chão, onde se encolheu, olhando para cima, para o homem no estrado. Ele não se movera; seu sorriso críptico estava inalterado. Tremendo, ela ergueu a mão e o encarou com olhos dilatados. Não havia punhal em seus dedos, que agora seguravam um lótus dourado, com os botões amassados caindo do caule murcho. Yasmina o derrubou como se fosse uma víbora, e se afastou da proximidade do atormentador. Voltou para o estrado, porque ao menos este era mais digno para uma rainha do que rastejar no chão aos pés de um bruxo, e fitou-o com apreensão, esperando represálias.

Mas o Mestre não se moveu.

— Toda substância é a mesma para aquele que conhece os segredos do cosmo — ele disse de um modo soturno. — Para um adepto nada é imutável. Pela vontade, botões de aço florescem em jardins inomináveis, ou flores de espadas brilham ao luar.

— Você é um demônio — ela gaguejou.

— Não eu! — ele riu. — Nasci neste planeta há muito tempo. Outrora fui um homem comum, e também não perdi todos os atributos humanos nesses incontáveis anos de devoção. Um homem que mergulha nas artes negras é maior que um demônio. Minha origem é humana, mas governo demônios. Você viu os Senhores do Círculo Negro. Murcharia, iria murchar sua alma escutar de que reinado distante eu os reuni e de qual castigo os guardei com cristais enfeitiçados e serpentes douradas.

“Mas apenas eu posso governá-los. Meu tolo Khemsa pensou em tornar a si próprio grande... Pobre tolo, explodindo portas materiais e lançando a si e sua amante no ar de colina a colina! Contudo, se ele não tivesse sido destruído, seu poder poderia ter crescido ao ponto de rivalizar com o meu.”

Ele riu mais uma vez.

— E você, pobre coisinha tola! Planejando enviar um chefe montanhês peludo para assolar Yimsha! Foi uma brincadeira que eu mesmo poderia ter projetado, se tivesse me ocorrido, de fazer que você caísse nas mãos dele. E li em sua mente infantil uma intenção de seduzi-lo com suas artimanhas femininas para cumprir seu propósito a todo custo.

“Mas, apesar de toda sua estupidez, é uma bela mulher para se colocar os olhos. E meu desejo é mantê-la como minha escrava.”

A filha de milhares de orgulhosos imperadores arfou de vergonha e fúria ante aquela palavra.

— Você não ousaria!

Sua gargalhada zombeteira cortou-a como um chicote nos ombros nus.

— O rei não ousa pisotear um verme na estrada? Pequena tola, não percebe que seu orgulho real não é mais do que um bambu soprado pelo vento? Eu, que conheci os beijos das rainhas do inferno! Verá como lido com uma rebelde!

Intimidada e aterrorizada, a garota se encolheu sobre o estrado coberto de veludo. A luz ficou mais turva e fantasmagórica. As feições do Mestre foram encobertas pelas sombras. A voz dele assumira uma nova tonalidade de comando.

— Jamais me curvarei a você! — a voz dela tremia de medo, mas carregava uma pitada de resolução.

— Você o fará — ele respondeu com uma horrível convicção. — O medo e a dor irão ensiná-la. Irei flagelá-la com horror e agonia até sua última gota trêmula de resistência, até que você se torne cera derretida para ser moldada em minhas mãos de acordo com meus desejos. Conhecerá a disciplina como mulher mortal alguma jamais conheceu, até meu mais leve comando ser para você como a inalterável vontade dos deuses. E, primeiro,

para apaziguar seu orgulho, você viajará para as eras perdidas e verá todas as formas que já foi. Aie, yil La khosa!

Àquelas palavras, a câmara sombria inchou diante do olhar assustado de Yasmina. As raízes de seus cabelos se eriçaram e a língua cravou no palato. Em algum lugar, um gongo soou uma nota profunda e agourenta. Os dragões das tapeçarias brilharam como fogo azul, e então desapareceram. O Mestre no estrado não era nada além de uma sombra amorfa. A luz turva cedeu lugar à densa escuridão, quase tangível, que pulsava com estranhas irradiações. Ela não conseguia mais vê-lo. Não conseguia ver coisa alguma. Tinha a estranha sensação de que as paredes e o teto haviam se afastado muito dela.

Então, em algum lugar nas trevas, surgiu um brilho, como um vaga-lume que, de maneira ritmada, esmaecia e vivificava. Ele cresceu para uma esfera dourada. E, à medida que se expandia, sua luz se tornava mais intensa, com um brilho branco. E explodiu de repente, cobrindo as trevas com faíscas brancas que não iluminavam as sombras. Mas, como uma impressão deixada na escuridão, uma fraca luminosidade persistia, e revelou um poço escuro e delgado surgindo no chão sombrio, que se espalhou diante dos olhos dilatados da garota, e tomou forma. Caules e folhas largas apareceram, e grandes botões venenosos se erguiam a sua volta enquanto ela se aninhava contra o veludo. Um perfume sutil cobria a atmosfera. Era a figura pavorosa do lótus negro que ela assistira crescer, tal qual ele nascia nas selvas assombradas de Khitai.

As folhas largas murmuravam com vida terrível. Os botões se curvaram sobre elas como coisas sencientes, assentindo como serpentes em hastes flexíveis. Gravados contra as trevas impenetráveis, eles se agigantaram sobre ela, enormes, negros, visíveis de alguma forma insana. Seu cérebro titubeou com o odor entorpecente, e ela pensou em rastejar para fora do estrado. Mas agarrou-se a ele quando este pareceu se lançar em uma inclinação impossível. A princesa gritou desesperada, segurando no veludo; no entanto, sentiu os dedos serem arrancados sem piedade.

A sensação era de que toda sanidade e estabilidade tivessem desaparecido. Ela era um átomo trêmulo de senciência conduzida por um

vácuo negro e gelado por um vento trovejante que ameaçava extinguir seu brilho fraco como uma vela soprada por uma tempestade.

Então, veio um período de impulso e movimento cego, em que o átomo com o qual ela havia sido misturado fundiu-se com uma miríade de outros átomos de vida desovados no pântano fermentado da existência, moldados por forças formadoras, até que ela emergiu de novo à consciência individual, girando para baixo em uma infinita espiral de vidas.

Num misto de terror, Yasmina reviveu todas as suas existências anteriores, reconheceu e foi mais uma vez todos os corpos que carregaram seu ego ao longo das eras. Ela colocou os pés novamente sobre a longa estrada desgastada que se estendia atrás de si para o passado imemorial. Retornou para além dos mais obscuros alvoreceres do tempo, agachou-se tremendo em selvas primordiais, caçada por animais de rapina salivando. Vestida com peles, ela caminhava até a cintura afundada em campos de arroz, lutando pelos preciosos grãos contra aves aquáticas grasnando. Trabalhou com os bois para arrastar o pau pontiagudo por entre o solo teimoso, e se abaixou, sem limite algum, sobre os teares de cabanas de camponeses.

Viu cidades muradas queimarem, e fugiu aos gritos de matadores. Arrastou-se nua e sangrando por areias escaldantes, levada pelo estribo do escravagista, e conheceu o aperto de mãos quentes e ferozes em sua carne contorcida, a vergonha e agonia da luxúria brutal. Gritou ante a mordida do chicote e lamentou-se sobre a cremalheira. Louca de terror, lutou contra as mãos que forçavam, implacáveis, sua cabeça para baixo em um bloco sujo de sangue.

Conheceu as agonias do nascimento, e o amargor de um amor traído. Sofreu todos os infortúnios, erros e brutalidades que os homens infligiram às mulheres ao longo das eras; e manteve todo o rancor e malícia de mulher para mulher. E como o movimento de uma chibata ígnea, restava-lhe a consciência de que mantivera sua condição Divina. A moça foi todas as mulheres que já havia sido; contudo, em seu conhecimento, continuava sendo Yasmina. Essa conscientização não se perdeu nos espasmos da reencarnação. Ao mesmo tempo e de uma só vez, ela foi uma escrava nua rastejando-se sob um chicote, e a orgulhosa Divina de Vendhya. E sofreu não apenas como a garota escrava, mas também como Yasmina, cujo orgulho fazia do chicote uma marca escaldante.

Vida misturada a vida no caos voador, cada qual com sua carga de dor, vergonha e agonia, até ela escutar debilmente sua própria voz gritando de um jeito insuportável, como um grande grito de sofrimento ecoando por todas as eras.

Então, despertou no estrado coberto de veludo, na sala mística.

Sob uma luz cinzenta e fantasmagórica, mais uma vez vislumbrou o estrado e a figura tenebrosa que estava sentada sobre ele. O capuz da cabeça estava dobrado, os ombros um pouco esboçados contra a escuridão incerta. Ela não podia divisar detalhes com clareza, mas o capuz, onde a capa de veludo estava, provocou-lhe um mal-estar. Enquanto o observava, abateu-se sobre ela um medo inominável que a congelou por completo, um sentimento de que não era o Mestre que se sentava tão em silêncio naquela plataforma negra.

A figura moveu-se e se levantou, elevando-se sobre ela. Parou próximo e os longos braços com suas mangas negras curvaram acima dela. A princesa lutou contra eles com um pavor que arrancou sua voz, surpresa por sua dureza magra. O encapuzado se inclinou para baixo, na direção do rosto da moça que o evitava. E ela gritou, e gritou de novo, com medo e repugnância pungentes. Braços feitos de ossos agarravam seu corpo macio, e do capuz olhava para fora uma feição de morte e decadência, o aspecto como o de um pergaminho podre em um crânio em decomposição.

Ela gritou de novo, e mais uma vez, ao que aquelas mandíbulas sorridentes que mordiam o ar se inclinavam sobre seus lábios, e perdeu a consciência...

## IX

### *O Castelo do Mago*

O SOL HAVIA SE LEVANTADO SOBRE OS PICOS HIMELIANOS. Ao pé de uma longa colina, um grupo de cavaleiros parou e olhou para o alto. Bem acima deles, uma torre de pedra equilibrava-se na lateral da montanha. Além e acima dela brilhavam as paredes de um grande castelo, próximo à linha em que a neve começava a cobrir aquele pináculo de Yimsha. Havia um toque de irrealidade em toda aquela encosta purpúrea lançando-se até o fantástico castelo que, a distância, parecia de brinquedo, e acima do qual o cume branco sustentava o frio céu azul.

— Bem, vamos deixar os cavalos aqui — grunhiu Conan. — Aqueles picos traiçoeiros são mais seguros para um homem a pé. Além disso, eles não aguentam mais.

O bárbaro desceu do grande garanhão negro que estava com as pernas afastadas e a cabeça baixa. Eles tinham sido forçados durante toda a noite, roendo restos dos alforjes e parando apenas para dar aos cavalos o descanso de que precisavam.

— Aquela primeira torre é guardada pelos acólitos dos Profetas Negros — disse Conan. — Ou é o que dizem os homens, cães de guarda para seus mestres, feiticeiros menores. Eles não ficarão sentados chupando os dedos enquanto subimos essas encostas.

Kerim Shah olhou para a montanha e, depois, para o caminho por onde tinham vindo. Eles já estavam bem acima do lado de Yimsha, e uma vasta expansão de picos menores e rochedos se espalhava abaixo deles. E, óbvio, os afhgulis que perseguiam seu chefe, tinham perdido o rastro durante a noite.

— Vamos então — eles prenderam os cavalos cansados em um aglomerado de tamargueiras, e sem mais comentários começaram a subir a encosta. Não havia cobertura. Era uma inclinação nua, coberta de pedras, não grande o bastante para esconder um homem. Mas escondia algo mais.

O grupo não andara cinqüenta passos ainda quando uma forma rosnando explodiu por detrás de uma rocha. Era um dos cachorros selvagens magros que infestava os vilarejos das colinas, e seus olhos brilharam vermelhos, as mandíbulas espumando. Conan estava na frente, porém, o animal não o atacou. Ele passou direto, e pulou sobre Kerim Shah. O turaniano se esquivou, e o enorme cachorro se arremessou contra o irakzai que estava logo atrás. O homem gritou e jogou o braço na frente, que foi dilacerado

pelas presas da fera conforme o puxava para trás, e no instante seguinte meia dúzia de tulwars estava golpeando a besta. Contudo, até não estar literalmente desmembrada a horrível criatura cessou os esforços para agarrar e rasgar seus atacantes.

Kerim Sha passou uma atadura no braço talhado do guerreiro, olhou para ele com preocupação e depois deu as costas, sem dizer uma palavra. Reuniu-se com Conan, e continuaram a subir em silêncio.

Enfim, disse:

— Estranho encontrar um cão de aldeia neste lugar.

— Não há carne por aqui — resmungou Conan.

Ambos viraram a cabeça para olhar o guerreiro ferido fadigado, atrás deles, entre os companheiros. Suor escorria do seu rosto escuro e os lábios estavam apertados numa expressão de dor. Ambos olharam de novo para a torre de pedra acima de suas cabeças.

Um silêncio sonolento caía sobre as terras altas. A torre não mostrava sinais de vida, assim como a estranha estrutura piramidal além dela. Mas os homens subiam com a tensão de quem anda na beirada de uma cratera. Kerim Shah tinha apanhado seu poderoso arco turaniano, que matava a quinhentos passos, e os irakzai olharam para os próprios arcos mais leves e menos letais.

Não estavam ainda dentro do alcance de arcos quando uma coisa disparou pelos céus sem aviso. Passou tão próxima a Conan, que ele sentiu o vento de suas asas, mas foi um irakzai quem cambaleou e caiu, sangue escorrendo de sua jugular rasgada. Um falcão com asas como aço polido subiu para as alturas outra vez, o bico, tal qual uma cimitarra, sujo de sangue, para despencar dos céus quando a corda do arco de Kerim Shah vibrou. Ele caiu como um prumo, no entanto, nenhum homem viu onde tocou o solo.

Conan curvou-se sobre a vítima do ataque, mas o homem já estava morto.

Ninguém falou. Era inútil comentar sobre o fato de que jamais antes se soubera de um falcão que arrebatasse um homem. Um ódio escarlate começou a rivalizar com a letargia fatalista nas almas selvagens dos irakzai.

Dedos peludos colocaram flechas nos arcos, e os homens destilaram um olhar vingativo para a torre, cujo silêncio zombava deles.

Mas o ataque seguinte veio rápido. Todos o viram. Uma bola de fumaça branca, que tombou do cume da torre, veio à deriva, rolando colina abaixo na direção do grupo. Outras a seguiram. Elas pareciam inofensivas, meros globos lanosos de nuvens espumosas, porém, Conan se desviou para evitar contato com a primeira. Atrás dele, um dos irakzai se aproximou e enfiou a espada dentro da massa instável.

De imediato, uma aguda resposta sacudiu a montanha. Houve uma explosão de flamas cegantes, e então a bola havia desaparecido, e do descuido guerreiro restava apenas um monte de ossos queimados e enegrecidos. A mão crispada ainda apertava o cabo de marfim da arma, mas a lâmina desaparecera, derretida e destruída pelo calor avassalador. Ainda assim, homens que estavam em pé quase ao alcance da vítima nada sofreram, exceto pelo atordoamento e a semicegueira pela chama repentina.

- O aço faz a coisa explodir — gritou Conan. — Cuidado... Lá vem mais!

A encosta acima deles estava quase coberta pelas esferas ondeantes. Kerim Shah curvou seu arco e enviou uma seta para dentro de uma massa, que, tocada pela flecha, explodiu como bolhas jorrando em flamas. Os homens seguiram seu exemplo, e nos minutos seguintes foi como se uma tempestade de raios assolasse o topo da montanha, com setas acertando e explodindo em chuveiros de fogo. Quando a tempestade cessou, as flechas dos arqueiros estavam reduzidas a algumas poucas.

Seguiram em frente soturnamente, sobre solo carbonizado e enegrecido, onde as rochas tinham sido transformadas em lavas pelas explosões das diabólicas bombas.

Agora, estavam quase dentro do alcance do voo de flechas da torre silenciosa, e espalharam sua linha, nervos tensos, prontos para qualquer horror que pudesse cair sobre eles.

Na torre apareceu uma única figura, levantando uma trompa de bronze de dez pés. Seu toque estridente soou por todos os rochedos ecoantes, como o retumbar das trombetas no Dia do Julgamento Final, e começou a ser respondido de maneira aterradora. O chão tremeu sob os pés dos invasores, e estrondos e tremores brotaram das profundezas subterrâneas.

Os irakzai gritaram, cambaleando como bêbados no rochedo que se partia, e Conan, com os olhos reluzindo, investiu sem prudência para o alto do declive, com a faca em punho, direto para a porta que aparecia na parede da torre. Acima dele, a grande trompa rugia e berrava numa brutal zombaria. O som cessou de repente, e um grito alto e agudo o substituiu. A figura de manto verde na torre parou, agarrando o cabo da longa flecha que estremecia em seu peito, e então despencou por sobre o parapeito. A enorme trompa caiu sobre a ameia e ficou fragilmente pendurada, e outra figura vestindo mantos correu para agarrá-la, gritando de horror. O arco do turaniano vibrou de novo e, mais uma vez, foi respondido com um uivo de morte. O segundo discípulo, ao cair, acertou a trompa com o cotovelo e a derrubou ruidosamente pelo parapeito para se despedaçar nas rochas abaixo.

Conan cobriu a distância com tamanha velocidade que, antes de os ecos barulhentos do discípulo caído sumirem ao longe, ele já estava golpeando a porta. Avisado por seu instinto primitivo, recuou rápido no instante em que um jorro de chumbo derretido íoi lançado do topo. Mas, em seguida, ele continuou a atacar as vigas com fúria redobrada. Estava galvanizado com o fato de seus inimigos terem recorrido a armas terrenas. A feitiçaria dos acólitos era limitada. Seus recursos necromânticos poderiam muito bem estar exauridos.

Kerim Shah corria colina acima, seus homens atrás de si dispersando-se cada vez mais. Conforme corriam, separavam-se, suas flechas lascando as paredes ou passando por cima do parapeito.

O pesado portal de teca cedeu diante do assalto do cimério, e ele espiou lá dentro com cautela, pronto para qualquer coisa. Olhava para uma câmara circular com uma escada que levava para o alto. No lado oposto, uma porta entreaberta revelava o lado de fora da montanha e as costas de meia dúzia de figuras vestindo mantos verdes em plena retirada.

Conan gritou, deu um passo para dentro da torre, e então sua precaução natural o fez voltar atrás, no momento em que um grande bloco de pedra caía, despedaçando-se no chão no local onde seu pé estava um instante atrás. Gritando para seus seguidores, ele correu ao redor da torre.

Os acólitos tinham evacuado sua primeira linha de defesa. Conforme rodeava a construção, Conan viu os mantos verdes piscando ao longo da montanha. Ele iniciou a perseguição, pulsando em renovada sede de sangue,

e atrás dele Kerim Shah e os irakzai subiam rápido, os últimos uivando como lobos diante da fuga de seus inimigos, seu fatalismo submergido por um triunfo temporário.

A torre ficava na beirada mais baixa de um estreito platô cuja inclinação para o alto-mar era perceptível. Algumas centenas de jardas acima, este platô terminava abrupto em um abismo que não podia ser visto do pé da montanha. Os acólitos, aparentemente, saltaram para dentro dele sem diminuir a velocidade. Os perseguidores viram os mantos verdes flutuarem e desaparecer pela beirada.

Alguns momentos depois, eles próprios estavam à beira do poderoso fosso que os separava do castelo dos Profetas Negros. Era uma ravina de paredes lisas que se estendia em ambas as direções até onde conseguiam enxergar, parecendo circundar a montanha, em torno de quatrocentas jardas de comprimento e quinhentos pés de profundidade. E lá dentro, de orla a orla, uma estranha névoa translúcida brilhava e reluzia.

Conan, olhando para baixo, grunhiu. Lá no fundo, movendo-se pelo chão reluzente que brilhava como prata polida, ele viu as formas dos discípulos vestidos com os mantos verdes. Seus contornos eram vagos e indistintos, como figuras vistas através da água. Caminhavam em fila única, indo em direção à parede oposta.

Kerim Shah apanhou uma flecha e a enviou para baixo cantando. Mas, quando ela tocou a névoa que preenchia o abismo, pareceu perder *momentum* e direção, desviando-se amplamente do curso.

— Se eles desceram, nós também podemos! — disse Conan, enquanto Kerim Shah observava estupefato sua flecha. — Este foi o ponto em que os vi pela última vez...

Olhando com discrição para baixo, ele viu algo brilhando como um filamento dourado que seguia até o chão do cânion. Os acólitos pareciam ter seguido por aquele fio e, de repente, lembrou-se das palavras crípticas de Khemsa:

— Siga o veio de ouro!

Na beirada, sob sua própria mão, quando ele se agachou, encontrou um fino veio dourado brilhante correndo de um afloramento de minério na beirada e para baixo, sobre o chão prateado. E encontrou algo mais, que

antes lhe estava invisível por causa da refração peculiar da luz. O veio dourado seguia uma rampa estreita que se inclinava para baixo na ravina, coberta de nichos para as mãos e os pés segurarem.

— Foi aqui onde eles desceram — e apontou para Kerim Shah. — Eles não são adeptos para conseguir flutuar pelo ar! Vamos segui-los...

Foi no instante em que o homem, mordido pelo cachorro louco, soltou um grito horrendo pulou sobre Kerim Shah, espumando e arreganhando os dentes.

O turaniano, com pés velozes como os de um gato, saltou para o lado e o homem enlouquecido caiu de cabeça no abismo. Os outros correram para a beirada e olharam com temor. O maníaco não caiu como um prumo, flutuou bem devagar para baixo através da névoa rosada, como um homem afundando em águas profundas. Seus membros se moviam como se tentassem nadar, e seus traços estavam roxos e convulsionados muito além das contorções de sua loucura. Afinal, ao chegar ao chão, seu corpo se acomodou e permaneceu estático.

— Há morte neste abismo — murmurou Kerim Shah, afastando-se da névoa rosada que tremulava quase aos seus pés. — E agora, Conan?

— Em frente! — respondeu o cimério de modo sombrio. — Aqueles acólitos eram humanos; se a névoa não os matou, também não me matará.

Ele puxou o cinto e suas mãos tocaram o cinturão que Khemsa lhe havia dado, fez uma careta e sorriu com frieza. Esquecera-se dele; ainda assim, três vezes a morte passara reto por ele para atacar outra vítima.

Os acólitos tinham chegado à parede oposta e moviam-se para cima como grandes moscas varejeiras. Inclinando-se sobre a rampa, Conan começou a descer com cautela. A névoa rosada circundou seus tornozelos, ascendendo à medida que descia. Atingiu coxas, cintura, axilas. Era como uma densa neblina em uma noite úmida. Quando já rodeava seu queixo, Conan hesitou, e desceu de uma vez. De imediato sua respiração cessou. Todo o ar lhe foi tirado e ele sentiu as costelas se cravarem em seus pulmões. Com um esforço frenético, o bárbaro ergueu-se, lutando pela vida. Sua cabeça levantou-se acima da superfície, e ele bebeu o ar em grandes goles.

Kerim Shah se inclinou em sua direção e lhe falou, mas Conan nem escutou nem prestou atenção. Teimoso, com a cabeça fixa naquilo que Khemsa lhe havia dito, o cimério procurou pelo veio de ouro, e percebeu que se movera para fora dele durante a descida. Havia diversas séries de apoios para as mãos espalhados pela rampa. Colocando-se diretamente sobre o filete, começou a descer mais uma vez. A bruma rosa ergueu-se sobre ele, engolfando-o. Agora sua cabeça estava submersa, mas ele ainda respirava ar puro. Acima, viu os companheiros encarando-o, com as feições borradas pelo nevoeiro que tremulava acima de sua cabeça. Conan fez um gesto para que o seguissem, e desceu rápido, sem esperar para ver se obedeciam ou não.

Kerim Shah embainhou sua espada sem comentário e seguiu, e os irakzai, com mais medo de ser deixados sozinhos do que dos terrores que poderiam espreitar abaixo, foram na seqüência. Cada homem se agarrou ao filão dourado, como viram o cimério fazer.

Descendo a rampa inclinada, eles foram para o chão da ravina e se moveram pelo nível reluzente, seguindo o veio de ouro como se caminhassem sobre uma corda. Sentiam-se passando por um túnel invisível pelo qual o ar circulava livre. Percebiam a morte pressionando-os acima e de ambos os lados, mas ela não os tocava.

O veio subiu por uma rampa similar na parede oposta por onde os acólitos tinham desaparecido, e por ela seguiram com os nervos à flor da pele, sem saber o que poderia estar esperando por eles nas saliências de pedra que eram como presas na boca do precipício.

Eram os acólitos vestidos de verde que os esperavam no cume, com facas nas mãos. Talvez tivessem atingido os limites até onde podiam se retirar. Talvez o cinturão stygio na cintura de Conan pudesse dizer por que seus feitiços necromânticos se provaram tão fracos e tão logo dissipados. Talvez fosse o conhecimento da morte decretado pelo fracasso que os enviou saltitando por sobre as rochas, olhos brilhando e facas reluzindo, recorrendo, em seu desespero às armas materiais.

Lá, entre as presas rochosas nos lábios do precipício, não era uma guerra de feitiçaria. Era um turbilhão de lâminas, onde aço de verdade mordeu e sangue de verdade jorrou, onde braços musculosos aplicaram golpes diretos

que rasgaram a carne trêmula, e homens caíram para ser pisoteados por pés à medida que a batalha prosseguia por cima deles.

Um dos irakzai sangrou até a morte entre as rochas, mas os acólitos foram abatidos, lacerados e cortados ou arremessados por sobre a borda para flutuar bem devagar até o chão de prata que brilhava lá embaixo.

Então, os conquistadores limpavam o sangue e o suor de suas vistas e se entreolharam. Conan e Kerim Shah ainda estavam de pé, assim como quatro irakzais.

Ficaram entre os dentes rochosos que cerravam a borda do precipício, e daquele ponto um caminho cortava a suave colina até uma larga escadaria, constituída de meia dúzia de degraus, uma centena de metros de diâmetro, talhados em uma substância verde parecida com jade. Conduziam a uma ampla arena, ou galeria sem teto, feita da mesma pedra polida, e acima dela erguia-se, um andar após o outro, o castelo dos Profetas Negros. Ele parecia ter sido esculpido na pedra lisa da montanha. A arquitetura era impecável, mas sem adornos. As diversas janelas estavam barricadas e mascaradas com cortinas do lado de dentro. Não havia sinal de vida, amigável ou hostil.

Eles subiram em silêncio pelo caminho, ressabiados como homens trilhando o covil de uma serpente. Os irakzais estavam mudos, homens trilhando para sua destruição. Até mesmo Kerim Shah estava silencioso. Apenas Conan parecia não perceber o monstruoso desarranjo e o desenraizar dos pensamentos e ações que o grupo tinha do que aquela invasão constituía, uma violação sem precedentes da tradição. Ele não era do oriente, vinha de uma raça que lutava contra demônios e magos tão pronta e factualmente quanto enfrentavam inimigos humanos.

Ele parou no topo das escadarias reluzentes, transversalmente à ampla galeria verde e direto na direção da grande porta de teca dourada que dava para ela. Lançou um único olhar para o alto nas camadas mais altas da estrutura piramidal acima dele. Estendeu a mão para o grande dente de bronze que estava pendurado como uma alça da porta e parou, abrindo um sorriso duro. A alça era feita na forma de uma serpente, cabeça erguida em um pescoço arqueado; e Conan suspeitava que aquele metal ganharia vida sob seu toque.

Ele a arrancou da porta com um golpe, e o tilintar do bronze no chão vítreo não diminuiu sua cautela. Conan virou-a para o lado com a ponta da faca e de novo voltou-se para a porta. Silêncio absoluto reinava nas torres.

Bem abaixo deles, as encostas da montanha desapareciam em uma névoa púrpura ao longe. O sol brilhava nos picos cobertos de neve de ambos os lados. No alto, um abutre planava como um ponto negro no céu azul. Não fosse por ele, os homens diante da porta dourada seriam a única evidência de vida, pequenas figuras em uma galeria verde de jade localizada nas alturas desconcertantes, com a fantástica pilha de pedras edificando-se acima.

Um vento cortante das neves os golpeou, chicoteando seus farrapos. A longa faca de Conan estilhaçando os painéis de teca levantava ecos alarmantes. Várias vezes ele golpeou, cortando madeira polida e placas de ferro da mesma forma. Pelas ruínas quebradas, olhou para o interior, alerta e desconfiado como um lobo. Viu uma câmara ampla, paredes de pedra polida sem tapeçarias, o chão de mosaicos sem carpetes. Bancos quadrados de ébano e plataformas de pedra eram as únicas mobílias. A sala estava vazia de vida humana. Outra porta aparecia na parede oposta.

— Deixe um homem de guarda do lado de fora — disse Conan. — Eu vou entrar.

Kerim Shah designou um guerreiro para a tarefa, e o homem retornou para o meio da galeria, com o arco nas mãos. Conan adentrou o castelo, seguido pelo turaniano e os três irakzais remanescentes. O que ficou lá fora cuspiu, queixou-se por trás de sua barba e parou de repente quando uma gargalhada grave e zombeteira chegou aos seus ouvidos.

Ele ergueu a cabeça e viu, no andar acima de onde estava, uma figura alta vestindo um manto negro, de cabeça nua, assentindo levemente conforme olhava para baixo. Toda sua atitude sugeria zombaria e malignidade. Rápido como um raio, o irakzai curvou o arco e disparou, e a flecha viajou reta para o alto para acertar em cheio no peito da figura vestida de negro.

O sorriso de escárnio não se alterou. O Profeta arrancou o míssil e o atirou de volta no arqueiro, não como uma arma é disparada, mas com um gesto desdenhoso. O instinto do irakzai o fez bloqueá-lo levantando o braço. Seus dedos se fecharam na seta giratória.

Então, ele gritou. Em suas mãos, a madeira da flecha se contorceu de repente. Seu contorno rígido tornou-se maleável, derretendo-se em suas mãos. Ele tentou jogá-la, mas já era tarde demais. Segurava uma serpente na mão nua, e ela já tinha se enrolado em seu punho e a cabeça horrível em forma de cunha ferrou seu braço musculoso. O irakzai berrou outra vez, e seus olhos tornaram-se distendidos, as feições roxas. Caiu de joelhos, tremendo em uma terrível convulsão, e em seguida ficou inerte.

Os homens lá dentro voltaram ao seu primeiro grito. Conan correu apressado até a porta e parou, perplexo. Para os homens atrás parecia que ele se chocara contra o ar vazio. Mas, embora não pudesse ver coisa alguma, havia uma superfície dura e lisa sob suas mãos, e ele sabia que uma folha de cristal descera na entrada da porta. Através dela, viu o irakzai deitado e imóvel na galeria vítrea, e uma flecha comum enfiada em seu braço.

Conan ergueu a faca e golpeou, e os que observavam ficaram pasmos ao ver seu golpe ser impedido aparentemente no meio do ar, com o barulho alto que o aço faz quando encontra uma substância dura. Ele não desperdiçou mais esforços. Sabia que nem mesmo a legendária tulwar de Amir Khurum poderia destruir aquela couraça invisível.

Em poucas palavras explicou o assunto para Kerim Shah, e o turaniano ergueu os ombros:

- Bem, se nossa saída está barrada, teremos de encontrar outra. Enquanto isso, nosso caminho é seguir em frente, não?

Com um grunhido, o cimério se virou e cruzou a câmara até a porta oposta, com um sentimento de estar pisando na soleira da destruição. Quando ergueu a faca para destroçar a porta, ela se abriu sem fazer barulho algum, como se tivesse vontade própria.

Ele entrou em um grande salão flanqueado com altas colunas de vidro. A cem passos da porta se iniciavam os largos degraus verdes de jade de uma escadaria afunilada em direção ao topo como a lateral de uma pirâmide. O que havia além da escada, ele não podia dizer. Mas entre ele e os degraus cintilantes havia um curioso altar de jade negro. Quatro grandes serpentes douradas enrolavam os rabos em torno do altar e erigiam a cabeça no ar, olhando para os quatro cantos da bússola como os guardiões encantados de um tesouro místico.

No altar, entre os pescoços arqueados, apenas um globo de cristal preenchido com uma substância que parecia uma fumaça nebulosa, na qual flutuavam quatro romãs douradas.

A visão atíçou um turvo reconhecimento em sua mente. Então, Conan não deu mais atenção ao altar, pois nos degraus mais baixos da escadaria estavam quatro figuras vestidas com mantos negros. Ele não as vira chegar. Elas simplesmente estavam ali, as cabeças de abutre assentindo em unísono, pés e mãos escondidos pelas vestes largas.

Um deles ergueu o braço, e a manga caiu revelando sua mão. E não era de forma alguma uma mão. Conan foi detido no meio do ataque, compelido contra sua vontade. Ele agora encontrava uma força que diferia muito pouco da hipnose de Khemsa, e não conseguia avançar, apesar de se sentir capaz de retroceder caso desejasse. Seus companheiros haviam sido parados da mesma forma, e pareciam até mais indefesos do que ele, incapazes de se mover em qualquer direção.

O Profeta, com o braço erguido, fez um gesto para um dos irakzai e o homem foi em sua direção como se estivesse em transe, com os olhos fixos encarando-o, lâmina pendurada em dedos frouxos. Conforme ele passou por Conan, o cimério jogou um braço sobre seu peito para detê-lo. Conan era tão mais forte que o irakzai que, em circunstâncias normais, poderia ter quebrado a espinha entre suas mãos. Mas, agora, o braço musculoso foi empurrado para o lado como uma vareta, e o guerreiro moveu-se rumo à escadaria, pisando trôpego e de forma mecânica. Ele chegou aos degraus e, rígido, ajoelhou-se, oferecendo sua lâmina e inclinando a cabeça. O Profeta tomou a espada, que reluziu ao ser movida para cima e para baixo. A cabeça do irakzai tombou de seus ombros e fez um baque pesado no chão. Um arco de sangue espirrou das artérias decepadas e o corpo despencou, caindo com os braços abertos.

De novo uma mão malformada ergueu-se e chamou outro irakzai, que cambaleou rigidamente para seu destino. O horrífico drama foi reencenado, e outra forma sem cabeça jazia ao lado da primeira.

Quando o terceiro montanhês passou por Conan rumo à morte, o cimério, com as veias inchadas nas têmporas por causa dos esforços para quebrar a barreira invisível que o continha, de repente teve ciência de forças aliadas, não vistas, mas que o despertavam para a vida dentro de si. Essa

percepção veio sem aviso, porém, tão poderosa, que ele não pôde duvidar de seu instinto. Sem tomar consciência, sua mão esquerda deslizou sob o cinto Bakhariot e fechou-se no cinturão stygio. E no instante em que o agarrou, sentiu uma nova força inundar seus membros dopados; a vontade de viver era um fogo quente e branco, igualado pela intensidade de seu ódio ardente.

O terceiro irakzai era um cadáver decapitado, e o dedo hediondo estava mais uma vez erguendo-se quando Conan sentiu o rompimento da barreira invisível. Um grito feroz e involuntário explodiu de seus lábios quando ele saltou numa súbita hecatombe reprimida de ferocidade. Sua mão esquerda agarrou o cinturão do feiticeiro como um homem afogando-se agarra uma tora flutuante, e a longa faca era uma luz resplandecente na direita.

Os homens nos degraus não se moveram. Assistiram calma e cinicamente; e, se ficaram surpresos, não demonstraram.

Conan não se permitiu pensar nas suas chances quando eles entrassem na linha do alcance de sua faca. O sangue fervia nas veias, uma névoa carmesim nadava diante dos seus olhos. O bárbaro estava incendiado com a urgência de matar, enfiar a faca bem fundo na carne e nos ossos, e girar a lâmina em sangue e entranhas.

Outras doze passadas o levariam até os degraus onde estavam os demônios zombeteiros. Conan puxou fôlego fundo, a fúria avermelhando à medida que o ataque se aproximava do momento. Ele estava passando pelo altar com suas serpentes douradas quando um clarão disparado contra sua mente de novo, tão vivido como se estivesse sendo falado em seu ouvido externo, trouxe as palavras de Khemsa: “Quebre o globo de cristal”.

Sua reação foi quase isenta de volição. A execução seguiu o impulso de modo tão espontâneo, que o maior feiticeiro daquela era não teria tido tempo de ler sua mente e evitar a ação. Virando como um felino em seu ataque frontal, o bárbaro levou a faca acertando direto sobre o cristal.

No mesmo instante, o ar vibrou com um estrondo de terror, e se vinha das escadas, do altar, ou do próprio cristal, ele não poderia dizer. Sibilos encheram seus ouvidos quando as serpentes douradas, de repente vibrantes com vida hedionda, contorceram-se e o atacaram. Mas Conan estava incendiado com a velocidade de um tigre enlouquecido. Um turbilhão de aço cortou através dos troncos horríveis que acenavam em sua direção, e ele

acertou a esfera de cristal de novo, e de novo. E o globo explodiu com um barulho igual ao de um trovão, chovendo cacos de fogo no mármore preto, e as romãs douradas, como que libertas de seu cativeiro, dispararam para o alto em direção ao teto e desapareceram.

Uma gritaria louca, bestial, medonha, ecoava por todo o grande salão. Nos degraus, quatro figuras de vestes negras se retorciam em convulsões, e espuma escorria de suas bocas lívidas. Então, com um frenesi crescente de ululação inumana, eles se enrijeceram e ficaram imóveis, e Conan soube que estavam mortos. Ele olhou para o altar e para os cacos de cristal. Quatro serpentes indefesas ainda se enrolavam nele, mas nenhuma vida alienígena animava agora o metal reluzente.

Kerim Sha estava se levantando devagar sobre os joelhos, como se tivesse sido arrasado por alguma força invisível. Ele balançou a cabeça para limpar o zunido nos ouvidos.

— Você ouviu o estrondo quando golpeou? Foi como se mil painéis de cristal tivessem sido despedaçados por todo o castelo quando o globo explodiu. A alma dos magos estavam aprisionadas nessa bola de cristal! Ah!

Conan virou-se quando Kerim Shah sacou a espada e a apontou.

Havia outra figura parada na cabeça da escadaria. Seu manto também era preto, mas de um veludo ricamente bordado, e trazia um capuz de veludo na cabeça. Tinha o rosto calmo, e não era feio.

— Quem diabos é você? — inquiriu Conan, encarando-o com a faca nas mãos.

— Sou o Mestre de Yimsha! — aquela voz era como o badalar do sino de um templo, mas uma nota de júbilo cruel corria por ela.

— Onde está Yasmina? — perguntou Kerim Shah.

O Mestre riu dele.

— O que você tem com isso, homem morto? Esqueceu-se tão rápido de minha força, outrora emprestada para você, que vem armado contra mim, pobre tolo? Acho que tomarei seu coração, Kerim Shah!

Ele abriu a mão como se fosse receber algo, e o turaniano soltou um grito agudo como um homem em agonia mortal. Titubeou e, então, com um triturar de ossos, um despedaçar de carne e músculos e um estalido de elos

da malha, seu peito explodiu de dentro para fora em um chuveiro de sangue, e da pavorosa abertura algo vermelho e gotejante foi atirado no ar direto para a mão aberta do Mestre, tal qual uma farpa de aço é puxada para um ímã. O turaniano despencou no chão e permaneceu imóvel, e o Mestre riu, e jogou o objeto aos pés de Conan, um coração humano ainda pulsando.

Com um rugido e uma blasfêmia, Conan correu para a escadaria. Do cinturão de Khemsa ele sentia força, e um ódio imortal corria nele para combater a terrível emanção de poder, que o encontrou nos degraus. O ar se encheu com uma neblina brilhante de aço, que ele atravessou como se fosse um nadador, com a cabeça abaixada, braço esquerdo curvado sobre a face, faca apertada na mão direita. Seus olhos meio cegos, olhando sobre a curva do cotovelo, divisaram a forma odiosa do Profeta diante e acima dele, os contornos ondeando como um reflexo ondula em águas turbulentas.

Ele foi torturado e dilacerado por forças além de sua compreensão, mas sentia um poder condutor fora e além de si erguendo-o de maneira inexorável e adiante, apesar da força do mago e de sua própria agonia.

Agora chegava à cabeça da escadaria, o rosto do Mestre flutuava na névoa de aço diante dele, e um estranho medo sombreava aqueles olhos inescrutáveis. Conan caminhou pela névoa com dificuldade, e sua faca saltou para cima como uma coisa viva. A ponta afiada rasgou o manto do Mestre, que recuou com um grito grave.

Então, diante dos olhos de Conan, o feiticeiro desapareceu. Simplesmente desapareceu, como uma bolha que estoura, e algo longo e ondulante surgiu seguindo para as escadas menores que levavam para a esquerda ou a direita a partir do chão.

Conan foi atrás dela, subindo pela escada da esquerda, incerto sobre o que tinha visto passar por aqueles degraus, mas num humor furioso que afogou a náusea e o horror que suspiravam no fundo de sua consciência.

Ele mergulhou em um corredor amplo à sua frente, cujo chão sem carpetes e paredes sem tapeçarias eram de jade polido, e algo longo e rápido moveu-se no fim do corredor, e passou por uma passagem fechada por uma cortina. De dentro da câmara veio um grito de terror absoluto. O som emprestou asas aos pés de Conan, e ele atravessou as cortinas e adentrou de peito aberto a câmara.

Uma cena assustadora encontrou seu olhar. Yasmina encurralada na extremidade oposta de um estrado coberto de veludo, gritando de repugnância e terror, um braço erguido como que para repelir o ataque, enquanto diante dela oscilava a cabeça horrível de uma serpente gigantesca, o pescoço lustroso arqueando das espirais escuras e brilhantes. Com um grito surdo, Conan atirou sua faca.

No mesmo instante, o monstro virou-se e estava sobre ele como uma rajada de vento sobre a grama alta. A longa faca cravou-se em seu pescoço, a ponta e um palmo de lâmina aparecendo de um lado, e o cabo e um palmo de aço do outro; porém, aquilo só pareceu enlouquecer o réptil gigante. A enorme cabeça levantou-se acima do homem que a encarava e, então, deu o bote para baixo, as mandíbulas escancaradas gotejando veneno.

Mas Conan tinha retirado um punhal do cinturão e estocou de baixo para cima no instante em que a cabeça mergulhava. A ponta atravessou a mandíbula inferior e transfixou a superior, fixando-as juntas. Em seguida, o grande tronco se enlaçou no cimério quando a cobra, incapaz de usar suas presas, empregou a forma de ataque que lhe restara.

O braço esquerdo de Conan foi envolvido pelo abraço esmagador, mas o direito estava livre. Firmando os pés para permanecer ereto, ele esticou a mão, agarrou o cabo da longa faca cravada no pescoço da serpente, e a arrancou em uma chuva de sangue. Como se percebesse seu propósito com mais do que inteligência bestial, a serpente se contorceu e apertou, buscando envolver com suas curvas o braço direito. Porém, com a velocidade da luz, a longa faca subiu e desceu, cortando até a metade do gigantesco tronco do réptil.

Antes que pudesse golpear outra vez, as grandes voltas enroladas o soltaram e o monstro se arrastou pelo chão, com sangue escorrendo de suas terríveis feridas. Conan foi até ele, com a faca erguida, mas seu golpe fatal cortou o ar vazio ao que a serpente escapou para longe e enfiou a brusca cabeça contra uma tela com painéis de madeira de sândalo. Um deles cedeu e o longo barril ensangüentado chicoteou por ele e desapareceu.

Conan atacou a tela instantaneamente. Alguns golpes a despedaçaram, e ele se viu de frente para uma alcova mal iluminada. Nenhuma forma horrível se enrolava ali; havia sangue no chão de mármore, e uma trilha

levava a uma sinistra porta arqueada. Os rastros eram dos pés descalços de um homem...

— Conan! — ele olhou de volta para a câmara bem a tempo de segurar a Divina de Vendhya em seus braços quando ela cruzou a sala correndo e se jogou sobre ele, agarrando-o pelo pescoço com um abraço frenético, meio histérico, de terror, gratidão e alívio.

O sangue selvagem do bárbaro tinha sido levado ao extremo por tudo o que passara. Ele a agarrou num abraço que a teria ofendido em outros tempos e apertou os lábios contra os dela. Ela não resistiu; a Divina estava afogada na mulher elemental, fechou os olhos e se embebedou nos beijos ardentes, ferozes e sem lei com todo o abandono da sede da paixão. Yasmina estava ofegante com sua violência quando ele parou para tomar fôlego, e olhou para ela deitada, mole, em seus braços poderosos.

— Sabia que você viria por mim — ela murmurou. — Você não me deixaria neste covil de demônios.

Às palavras dela, um reconhecimento de onde estavam chegou a ele de repente.

Conan ergueu a cabeça e ficou ouvindo por um momento. O silêncio reinava em todo o castelo de Yimsha, mas era impregnado de ameaça. Perigo se arrastava em cada canto, espreitava invisível de cada cercania.

— É melhor irmos enquanto podemos — ele resmungou. — Aqueles cortes são o suficiente para matar qualquer homem comum ou besta... Mas um mago tem doze vidas. Mate uma, e ele foge como uma cobra aleijada para sugar veneno fresco de alguma outra fonte de feitiçaria.

Ele apanhou a garota e, carregando-a em seus braços como uma criança, passou pelo corredor brilhante de jade e escadas abaixo, nervos totalmente alertas para qualquer som ou sinal.

— Eu encontrei o Mestre — ela sussurrou, aninhando-se a ele e estremecendo. — Ele lançou seus feitiços sobre mim para quebrar minha vontade. A coisa mais horrível foi um cadáver putrefato que me agarrou em seus braços... Eu desmaiei e fiquei como morta. Não sei por quanto tempo. Logo depois que recobrei a consciência escutei sons de luta abaixo, e gritos, e então aquela cobra veio deslizando por entre as cortinas... Ah! — Yasmina

estremeceu ante a memória daquele horror. — Eu sabia de alguma forma que não era uma ilusão, mas uma serpente verdadeira que queria minha vida.

— Pelo menos não era uma sombra — respondeu Conan, sério. — Ele sabia que tinha sido vencido, e optou por matá-la em vez de deixar que fosse resgatada.

— O que quer dizer com ele? — ela perguntou irrequieta, e então se encolheu contra seu corpo, gritando e esquecendo a pergunta. Tinha visto os cadáveres no pé das escadas. Aqueles dos Profetas não eram agradáveis de ser vistos; retorcidos como estavam, suas mãos e pés jaziam expostos à vista, e Yasmina ficou lívida com a visão, e escondeu o rosto no ombro poderoso de Conan.

## X

### *Yasmina e Conan*

CONAN PASSOU APRESSADO PELO SALÃO, ATRAVESSOU A CÂMARA exterior e se aproximou da porta que conduzia à galeria. Viu o chão salpicado com pequenos cacos brilhantes. A folha de cristal que havia recoberto a porta de entrada tinha sido estilhaçada, e ele se lembrou do estrondo que acompanhara o globo de cristal ao ser despedaçado. Conan acreditava que cada pedaço de cristal no castelo se quebrara naquele instante, e algum instinto débil ou memória de erudição esotérica sugeria vagamente a verdade por trás da conexão monstruosa entre os Senhores do Círculo Negro e as romãs douradas. Sentiu calafrios no pescoço, e decidiu, rápido, parar de pensar no assunto.

Deu um grande suspiro de alívio ao pisar sobre a grande galeria de jade verde. Ainda era preciso cruzar a garganta, mas ao menos ele podia ver os picos brancos brilhando sob o sol, e as longas encostas se esvaindo na distante névoa azulada.

O irakzai jazia onde tinha caído, uma mancha feia na lisura vítrea. Conforme Conan seguia pelo sinuoso caminho, ficou surpreso ao notar a posição do sol. Ele ainda não passara seu zênite; contudo, parecia-lhe que horas tinham transcorrido desde que entrara no castelo cios Profetas Negros.

Sentiu uma urgência para se apressar, não um mero pânico cego, mas um instinto de perigo crescendo atrás de si. Nada disse a Yasmina, e ela parecia contente em aconchegar a cabeça contra seu peito taurino e encontrar segurança no aperto de seus braços de ferro. Ele parou um instante na beira do abismo, olhando carrancudo para baixo. A neblina que dançava na garganta não era mais rosada e brilhante, mas fumacenta, turva e fantasmagórica, como o fluxo de vida que brilha debilmente em um homem ferido. Veio-lhe, vagamente, o pensamento de que os feitiços dos magos estavam mais ligados aos seus entes pessoais do que às ações de um homem comum.

Porém, lá embaixo, o chão brilhava como prata embaçada, e o filão dourado ainda reluzia. Conan jogou Yasmina sobre o ombro, onde ela permaneceu dócil, e começou a descida. Passou apressado pela rampa, e atravessou o caminho dourado. Ele tinha convicção de que estavam correndo contra o tempo, que suas chances de sobrevivência dependiam de cruzarem a garganta dos horrores antes de o ferido Mestre do castelo poder recuperar poder suficiente para liberar alguma outra desgraça sobre eles.

Quando subiu a rampa oposta e chegou ao cume, suspirou aliviado e colocou Yasmina sobre seus próprios pés.

— Você anda a partir daqui — disse-lhe. - É descida o caminho inteiro.

Ela lançou um olhar para a pirâmide reluzente do outro lado do abismo, que se empinava contra a colina nevada como uma silenciosa cidadela de maldade imemorial.

— Você é um feiticeiro por ter conquistado os Profetas Negros de Yimsha, Conan de Ghor? — ela perguntou, enquanto desciam pela trilha, e o pesado braço dele estava enrolado na cintura delgada da moça.

— Foi um cinturão que Khemsa me deu antes de morrer — Conan respondeu. — Sim, eu o encontrei no caminho. É bastante curioso, vou mostrar-lhe quando tivermos tempo. Contra alguns feitiços ele era fraco, mas contra outros era forte, e uma boa faca sempre é um encanto caloroso.

— Mas se o cinturão o ajudou a conquistar o Mestre — ela argumentou —, por que não ajudou Khemsa?

Ele balançou a cabeça.

— Quem sabe? Mas Khemsa tinha sido escravo do Mestre; talvez isso tenha enfraquecido sua magia. Ele não tinha poder sobre mim como sobre Khemsa. Entretanto, não posso dizer que o conquistei. Ele se retirou, no entanto tenho a sensação de que ainda o veremos. Quero colocar o máximo de milhas que pudermos entre nós e seu covil.

Ele ficou ainda mais aliviado ao encontrar os cavalos amarrados entre as tamargueiras como os tinha deixado. Soltou-os rápido e montou no garanhão negro, colocando a garota à sua frente. Os outros o seguiram, revigorados pelo descanso.

— E agora — ela perguntou —, para o Afghulistão?

— Ainda não — ele sorriu duramente. — Alguém, talvez o governador, matou meus sete chefes, e meus seguidores imbecis pensam que tenho algo a ver com isso. A não ser que consiga convencê-los de que não fui eu, irão me caçar como um chacal ferido.

— E quanto a mim? Se os chefes estão mortos, não tenho mais utilidade para você como refém. Você me mataria para vingá-los?

Ele olhou-a, com olhos ferozmente inflamados, e riu da sugestão.

— Então, vamos cavalgar até a fronteira — ela disse —, lá você estará a salvo dos afghulis.

— Sim, em uma força vendhyana.

— Eu sou a Rainha de Vendhya — ela disse com um toque de seu velho imperialismo —, você salvou minha vida e será recompensado.

Ela não pretendia que soasse como soou, mas ele soltou um grunhido, pouco satisfeito.

— Guarde a sua recompensa para a sua raça de cães da cidade, princesa! Se você é uma rainha das planícies, eu sou um chefe das colinas, e não a levarei nem um pé em direção à fronteira!

— Mas você estaria seguro... — ela implorou, perplexa.

— E você seria Divina novamente — ele a interrompeu. — Não, menina, prefiro você como está agora, uma mulher de carne e osso, cavalgando no arco da minha sela.

— Mas você não pode me manter — ela gritou. — Não pode... .

— Observe! — ele a aconselhou com severidade.

— Mas lhe pagarei um bom resgate...

— Divina teve seu resgate! — ele respondeu de maneira brusca, com os braços apertando a figura magra. — O reino de Vendhya não poderia me dar nada que eu deseje tanto quanto desejo você. Coloquei meu pescoço em risco para apanhá-la, e se seus bajuladores a quiserem de volta, que venham a Zhaibar lutar por você.

— Mas agora você não tem seguidores — ela protestou —, está sendo caçado! Não conseguirá preservar nem a própria vida, quanto mais a minha!

— Ainda tenho amigos nas colinas — respondeu. — Há um chefe dos Khurakzai que a mantera a salvo enquanto eu me entendo com os afghulis. Por Crom, se estiverem cansados de mim cavalgarei com você para o norte, para as estepes dos kozaki. Fui um chefe entre os Companheiros Livres antes de vir para o sul e farei de você uma rainha no Rio Zaporoska!

— Mas eu não posso, você não pode me segurar...

— Se a ideia lhe é tão repulsiva — ele inquiriu —, por que grudou seus lábios nos meus com tanta disposição?

— Reis também são humanos — ela respondeu, enrubescendo —, mas justamente por ser rainha tenho de pensar antes em meu reino. Não me carregue para algum país distante, volte comigo para Vendhya!

— Você me tornaria seu rei? — ele perguntou com sarcasmo.

— Bem, há tradições... — ela gaguejou, e Conan a interrompeu com uma sonora gargalhada.

— Sim, costumes civilizados que não lhe permitem fazer o que quiser. Você se casará com um rei velho e murcho das planícies, enquanto eu seguirei meu caminho apenas com a lembrança de alguns beijos roubados de seus lábios. Ah!

— Mas devo retornar ao meu reino — ela repetiu desamparada.

— Por quê? — exigiu ele zangado. — Para apertar o traseiro em tronos de ouro e escutar os aplausos de tolos sorridentes em saias de veludo? O que você ganha com isso? Ouça, eu nasci nas colinas da Ciméria, onde as pessoas são todas bárbaras. Fui mercenário, soldado, corsário, kozak e centenas de outras coisas. Que rei vagou pelos países, lutou as batalhas, amou as mulheres e ganhou os saques que eu já tive?

“Eu vim ao Afghulistão para levantar uma horda e saquear os reinos ao sul, entre eles, o seu. Ser chefe dos afghulis é apenas o começo. Se puder conciliar todos os reinos, no prazo de um ano terei uma dúzia de tribos me seguindo, mas, se não puder, voltarei para as estepes e pilharei as fronteiras turanianas com os kozaki, e você irá comigo. Para o diabo o seu reino; eles sabem como se defender desde antes de você nascer.”

Yasmina ficou em seus braços, encarando-o, e se sentiu tocada. Assim como ele, ela também tinha uma urgência negligente e sem lei que ele próprio chamara à existência, mas tinha de reconhecer que milhares de gerações de soberania pesavam sobre seus ombros.

— Não posso! Não posso! — repetiu indefesa.

— Você não tem escolha — ele a assegurou. — Você... Que diabos!

Yimsha já ficara algumas milhas para trás e, agora, cavalgavam por uma cordilheira alta que separava dois vales profundos. Tinham acabado de chegar ao cume, de onde olharam para o vale, à direita, e viram uma luta em progresso.

Um forte vento soprava ao longe, carregando o som de seus ouvidos, mas, mesmo assim, o choque do aço e o trovejar dos cascos brotava lá de baixo. Eles viram o reluzir do sol nas pontas das lanças e dos capacetes espiralados. Três mil cavaleiros encouraçados perseguiram um bando de cavaleiros de turbante, que fugiam rosnando e golpeando como coiotes em retirada.

— Turanianos — murmurou Conan —, esquadrões de Secunderam. Que diabos estão fazendo aqui ?

— A quem eles perseguem? - perguntou Yasmina. — E por que recuam tão teimosamente? Não podem fazer frente aos demais?

— Quinhentos dos meus afghulis malucos — ele rosnou, olhando para o vale com cara feia. — Eles caíram em uma armadilha e sabem disso.

De fato, naquela extremidade, o vale era um beco sem saída que se estreitava para uma garganta de paredes altas, as quais se abriam como uma tigela redonda, totalmente margeada por paredões impossíveis de serem escalados.

Os cavaleiros de turbante estavam sendo empurrados para a garganta, pois não havia mais para onde ir, e, relutantes, entravam sob um chuveiro de flechas e um turbilhão de espadas. Os cavaleiros de capacete os feriam, mas sem se exceder, pois conheciam a fúria desesperada das tribos das colinas tanto quanto sabiam que sua presa estava em uma armadilha sem escapatória. Reconheceram os montanhesees como afghulis e queriam cercá-los para forçar uma rendição, pois precisavam de reféns para o propósito que tinham em mente.

Seu emir era um homem de decisão e iniciativa. Quando chegou ao Vale Gurashah e não encontrou guias ou emissários à sua espera, seguiu adiante, confiante no conhecimento que tinha do país. Durante o caminho inteiro, desde Secunderam, encontrou combates e homens das tribos lambendo suas feridas em vilarejos empoleirados nos rochedos. Ele sabia que havia uma boa chance de que nem ele nem qualquer um de seus homens voltasse a cavalgar pelos portões de Secunderam, porque todas as tribos agora estavam atrás deles, mas estava determinado a cumprir as ordens que recebera: apanhar a Divina Yasmina dos afghulis e levá-la prisioneira para Secunderam, ou, em caso de confronto, de arrancar fora a cabeça dela antes que perdesse a sua.

Claro que os vigias nas colinas não sabiam disso, mas Conan remexia-se com impaciência.

— Por que diabos se deixaram cair numa armadilha? — perguntou, como se questionasse o universo. — Sei o que os cães faziam por estes lados, estavam me caçando! Remexeram cada vale e, sem perceber, acabaram encurralados. Pobres tolos! Estão fazendo um foco de resistência na garganta, mas não aguentarão por muito tempo; quando os turanianos os empurrarem até aquela bacia, os matarão com a maior facilidade.

O estrondo que vinha lá de baixo cresceu em volume e intensidade. Os afghulis, no estreito da entrada, lutavam desesperados, resistindo aos cavaleiros encouraçados que não conseguiam lançar todo seu poderio contra eles.

Conan franziu o cenho, dedilhou o cabo de sua faca, e enfim falou abruptamente:

— Divina, preciso descer até lá. Encontrarei um lugar para que se esconda até eu voltar. Você falou do seu reino... Pois bem, eu não diria que encaro aqueles demônios peludos como meus filhos, mas, seja como for, são meus comparsas. Um chefe nunca pode deserdar de seus seguidores, mesmo que estes tenham deserdado dele. Eles acham que estão com a razão por terem me chutado... Inferno, não serei rejeitado! Ainda sou o chefe dos afghulis e provarei isso! Posso descer até a garganta a pé.

— E eu? — ela questionou. — Você me toma de meu povo à força e, agora, me abandona aqui para morrer, sozinha, nas colinas, enquanto desce e se sacrifica em vão?

Suas veias se incharam com o conflito de emoções.

— Está certo — resmungou Conan, impotente. - Crom sabe o que posso fazer...

Ela virou a cabeça devagar, e uma expressão curiosa foi surgindo em seu belo rosto. Então:

— Ouça! — ela gritou. — Ouça!

Uma distante fanfarra de trombetas chegou aos seus ouvidos. Eles olharam à esquerda do vale profundo e viram o brilho do aço vindo do lado oposto. Uma longa linha de lanças e capacetes polidos movia-se ao longe.

— Os cavaleiros de Vendhya — ela gritou exultante.

— Há milhares deles! — murmurou Conan. — Muito tempo já passou desde que uma tropa de Kshatriya veio tão longe nas colinas.

— Estão me procurando! — ela exclamou. — Dê-me seu cavalo, irei até meus guerreiros! A descida não é tão íngreme à esquerda e poderei chegar ao leito do vale. Então, conduzirei meus cavaleiros para a extremidade superior do vale e cairemos sobre os turanianos. Nós os esmagaremos por trás! Rápido, Conan! Sacrificará seus homens por um capricho da sua vontade?

A fome ardente das estepes e das florestas invernais brilhou nos olhos de Conan, mas ele balançou a cabeça e desceu do garanhão, entregando as

rédeas nas mãos dela.

— Você venceu! — ele grunhiu. — Cavalgue como o demônio!

Ele virou-se, descendo a cordilheira pelo lado esquerdo, e correu apressado pela trilha até chegar a uma longa fenda escarpada, que era o desfiladeiro no qual a luta irrompia. Desceu como um macaco pela parede acidentada, escalando projeções e fendas, para, afinal, cair dentro da peleja que assolava a entrada da garganta. Lâminas batiam e retiniam sobre ele, cavalos relinchavam, empinando-se, plumas de capacetes acenavam entre turbantes manchados de vermelho.

Assim que desceu, Conan uivou como um lobo, apanhou uma rédea trabalhada a ouro e, desviando-se do golpe de uma cimitarra, fez sua longa faca atravessar as tripas do cavaleiro. No instante seguinte já estava sobre a sela, gritando com ferocidade ordens aos afghulis, que, por um momento, o encararam com rebeldia. Mas ao verem o estrago que o aço de Conan fazia entre os inimigos, os afghulis voltaram a trabalhar e aceitaram-no sem comentários. Naquele inferno de lâminas cortando e de sangue espirrando não havia tempo para perguntas ou respostas.

Os cavaleiros de capacetes espiralados e cotas de malha tecida em ouro infestavam a entrada da garganta, estocando e retalhando, e o estreito desfiladeiro ficou apinhado de homens e cavalos, de guerreiros que colidiam peito contra peito, apunhalando com lâminas curtas e lacerando mortalmente quando o espaço permitia o brandir da espada. E quando um homem caía, não se levantava mais por causa das pisadas e da agitação dos cascos. Peso e força bruta contavam muito ali, e o chefe dos afghulis trabalhou por dez. Em ocasiões como aquela, os homens sentem o peso de seus hábitos, e os guerreiros, acostumados a ver Conan em sua vanguarda, foram poderosamente fortalecidos, apesar de terem desconfiado dele.

Mas não era só isso. A pressão dos homens por trás forçava os cavaleiros de Turan a irem cada vez mais fundo na garganta, sob as garras das fulgurantes tulwars. Pé ante pé, os afghulis foram recuados, deixando o chão do desfiladeiro coberto com um tapete de mortos, sobre os quais os cavaleiros pisoteavam.

Enquanto cortava e golpeava como um homem possuído, Conan teve tempo para algumas dúvidas arrepiantes. Yasmina manteria sua palavra? Ela

poderia juntar-se aos seus guerreiros, virar para o sul e deixá-lo, junto cora seu bando, à própria sorte.

Enfim, após o que pareceram séculos de batalha desesperada, do lado de fora do vale outro som se sobrepôs à colisão do aço e aos gritos de matança. E com uma explosão de trombetas que sacudiu as paredes e o trovejar dos cascos, cinco mil cavaleiros de Vendhya assolaram as tropas de Secunderam.

Aquele ataque dividiu os esquadrões turanianos, quebrando, rasgando e despedaçando, e espalhando seus fragmentos por todo o vale. Em um instante, a onda vazara para fora do desfiladeiro, um furacão confuso e caótico de espadachins e cavaleiros virando-se e combatendo sozinhos ou em grupos. Então, o emir caiu com uma lança de Kshatriya cravada no peito, e os cavaleiros de capacetes espiralados direcionaram seus cavalos vale abaixo, esporando-os de maneira enlouquecida e buscando abrir caminho à força pelo enxame que os atacara por trás.

Enquanto os vencidos se espalhavam em fuga, os conquistadores o faziam em perseguição, e por todo o leito do vale, pelas colinas próximas à entrada da garganta e sobre os picos fluíam fugitivos e algozes. Os afghulis, aqueles que ainda podiam cavalgar, saíram garganta afora e se juntaram na caçada aos inimigos, aceitando a inesperada aliança de modo tão inquestionável quanto tinham aceitado o retorno do chefe repudiado.

O sol descia atrás dos rochedos distantes quando Conan, com as vestes em farrapos e a malha coberta de sangue, a faca gotejando e com crostas até o cabo, caminhou sobre os cadáveres e foi até o topo da cordilheira, onde Divina Yasmina se encontrava, entre os nobres, sentada em seu cavalo, próximo a um imponente precipício.

— Você manteve sua palavra, Divina!—ele rugiu. — Por Crom, mas tive alguns maus momentos naquela garganta... — e, sem concluir a frase, Conan bradou:

— Cuidado!

Dos céus descerrou um abutre imenso, com asas trovejantes, capazes de nocautear homens sobre seus cavalos. O bico, como uma cimitarra, veio lacerando em busca do pescoço macio de Divina, mas Conan foi mais

rápido. Uma corrida curta, um salto de tigre, uma punhalada selvagem e uma faca ensangüentada.

O abutre soltou um terrível grito humano, pendeu para o lado e desmoronou pelas falésias em direção às rochas e ao rio, mil pés abaixo. Conforme caía, com suas asas negras feito refugos no ar, ele foi assumindo a forma, não de um pássaro, mas de um homem com um manto negro e os braços, em mangas largas, voltados para o alto.

Conan virou-se para Yasmina, a faca vermelha em sua mão, os olhos azuis faiscando e o sangue escorrendo das feridas em seus braços e coxas:

— Você é a Divina outra vez — disse, sorrindo ferozmente ao olhar o manto de fios de ouro entrelaçados que ela jogara por cima de suas vestes montanhesas, e nem um pouco espantado com o imponente conjunto de cavalaria que a cercava. — Preciso agradecê-la pela vida de quase trezentos e cinquenta homens, meus comparsas, que, afinal, estão convencidos de que não os traí. Você colocou as rédeas da conquista nas minhas mãos outra vez.

— Ainda lhe devo um resgate — ela disse, com os olhos negros brilhando enquanto o esquadrihavam. — Pagarei a você dez mil peças de ouro...

Ele fez um gesto selvagem e impaciente. Limpou o sangue da faca, enfiou-a de novo na bainha, e limpou as mãos na malha.

— Vou receber o resgate à minha maneira, na hora devida — ele disse. — Vou retirá-lo em seu palácio, em Ayodhya, e irei com cinquenta mil homens para me certificar de que as taxas serão justas.

Ela riu, juntando as rédeas nas mãos.

— E eu irei encontrá-lo nas margens do Rio Jhumda com cem mil homens!

Os olhos de Conan brilharam em ardente admiração. E, dando um passo para trás, ele ergueu a mão, com um gesto típico da realeza, indicando a ela que a estrada estava livre à sua frente.

# A BRUXA NASCERÁ (OU A MALDIÇÃO DA LUA CRESCENTE)

## *A Witch Shal Be Born*

*[Nota do transcritor: Este texto foi publicado na revista Weird Tales de dezembro de 1934. Uma extensa pesquisa não revelou nenhuma evidência de que os direitos autorais dos EUA sobre esta publicação tenham sido renovados.]*

## I

### *O Crescente Vermelho-Sangue*

Taramis, rainha de Khauran, despertou de um pesadelo assombrado para um silêncio que mais parecia o silêncio de escuras catacumbas esquecidas do que a quietude normal de um lugar de decanço. Ela olhava para a escuridão, perguntando-se por que as velas em seus candelabros de ouro tinham se apagado. O tremeluzir das estrelas refletido em uma janela de ouro barrado não emprestou nenhuma iluminação para o interior da câmara. Mas, enquanto Taramis estava ali, ela se deu conta de uma mancha radiante brilhando na escuridão à sua frente. Ela observou, perplexa. A

mancha cresceu e sua intensidade se aprofundou enquanto ela se expandia, um disco ampliado de luz sinistra pairando contra as cortinas de veludo escuro da parede oposta. Taramis prendeu a respiração, sentando-se. Um objeto escuro era visível naquele círculo de luz, *uma cabeça humana*.

Subitamente em pânico a rainha abriu os lábios para gritar por suas criadas, mas se conteve. O brilho estava ficando menos lúgubre, a cabeça foi ficando mais vividamente delineada. Era uma cabeça de mulher, pequena, delicadamente moldada e soberbamente equilibrada, com uma massa de lustrosos cabelos negros. O rosto foi ficando mais nítido, e foi a visão dessa face que congelou o grito na garganta de Taramis. Era o seu próprio rosto! Ela poderia estar olhando para um espelho que sutilmente alterava seu reflexo, dando-lhe um brilho felino no olhar, uma insinuação maliciosa nos lábios.

“Ishtar!” engasgou Taramis “Estou enfeitiçada!”

Espantosamente, a aparição falou, e sua voz era como fel.

“Enfeitiçada? Não, querida irmã! Isso não é feitiçaria.”

“Irmã?” - gaguejou a garota confusa. "Eu não tenho nenhuma irmã.”

"Você nunca teve uma irmã? escutou a doce voz, venenosamente zombando. "Nunca teve uma irmã gêmea, cuja carne era tão suave como a sua para acariciar ou ferir?"

"Ora, uma vez que eu tive uma irmã", respondeu Taramis, ainda convencida de que ela estava nas garras de algum tipo de pesadelo. “Mas ela morreu”.

O belo rosto no disco convulsionou-se, assumindo o aspecto de uma fúria das lendas antigas; tão infernal se tornou sua expressão que Taramis, encolhendo para trás, meio que esperava ver chamas irromperem sobre a frente de marfim.

"Você mente!" A acusação foi cuspidada, rosnada por entre os lábios vermelhos. "Ela não morreu! Idiota! Oh, chega dessa palhaçada! Olhe, e deixe a sua visão ser clareada!

Uma luz correu de repente ao longo das cortinas, como serpentes de fogo, e incrivelmente as velas nas varas de ouro brilharam novamente. Taramis estava encolhida em seu sofá de veludo, com as lustrosas pernas flexionadas debaixo de si, olhando com os olhos arregalados para a figura de pantera que se colocava ironicamente diante dela. Era como se ela contemplasse outra Taramis, idêntica a si mesma em cada contorno de seu corpo, porém animada por uma personalidade

estranha e maligna. O rosto dessa estranha refletia o oposto de todas as boas características da rainha assustada. Luxúria e mistério brilhavam em seus olhos cintilantes e crueldade espreitava na curvatura dos cheios lábios vermelhos. Cada movimento de seu corpo flexível era sutilmente sugestivo. Seu penteado imitava o da rainha, seus pés calçavam as mesmas sandálias douradas, usava o mesmo boudoir, a túnica de seda decotada com mangas, cingida na cintura com um cinto dourado, tudo era uma perfeita duplicata da roupa noturna da rainha.

“Quem é você?” engasgou Taramis, um arrepio gelado inexplicável rastejando ao longo de sua coluna vertebral. "Explique sua presença antes que eu chame minhas damas de companhia para convocar a guarda!"

“Grite até que as vigas do telhado quebrem”, respondeu friamente a estranha. “Suas putas não vão acordar até o amanhecer, embora o palácio possa irromper em chamas sobre elas. Seu guardas não vai ouvir seus gritos, eles foram enviados para fora desta ala do palácio.”

“O quê?” exclamou Taramis, endurecendo com sua majestade ultrajada. "Quem ousou dar aos meus guardas tal comando?"

"Eu, querida irmã", zombou a outra garota. "Há pouco tempo atrás, antes de entrar aqui. Eles pensaram que eu era a sua querida e adorada rainha. Ha! Como interpretei bem seus trejeitos! Com que dignidade imperiosa, suavizada pela doçura feminina, eu abordei os grandes arruaceiros que se ajoelharam com suas armadura e capacetes emplumados!"

Taramis sentiu como se uma rede sufocante de perplexidade estivesse sendo jogada sobre ela, deixando-a louca.

“Quem é você?” ela chorou desesperadamente. “Que loucura é essa? Por que você vem aqui?”

"Quem sou eu?" Havia uma nota de silvo de cobra na resposta suave. A garota foi até a beira do sofá, agarrou os ombros brancos da rainha com os dedos ferozes, e inclinou-se para olhar em cheio nos olhos assustados de Taramis. E sob o feitiço de tal brilho hipnótico, a rainha esqueceu a indignação sem precedentes de mãos estranhas a tocarem na carne real.

“Louca!” cerrou a garota entre os dentes. "Você pode perguntar? Você pode imaginar? Eu sou Salomé!"

“Salomé!” Taramis soprou a palavra, e os cabelos arrepiaram-se em seu couro cabeludo, ao perceber a incrível verdade entorpecente da declaração. "Eu pensei que você havia morrido após uma hora do seu nascimento!", disse ela debilmente.

"Assim pensaram muitos", respondeu a mulher que se chamava Salomé. "Levaram-me para o deserto para morrer, malditos! Eu, um mirrado bebê choroso, cuja vida era tão jovem que era quase o brilho de uma vela. E você sabe por que eles me deixaram para trás para morrer? "

"Eu ouvi a história", vacilou Taramis.

Salomé riu ferozmente, e levou as mãos ao peito. A túnica decotada caiu, deixando as partes superiores de seus alvos seios firmes nua, e entre eles brilhava uma curiosa marca: um crescente, vermelho como o sangue.

"A marca da bruxa!" gritou Taramis, recuando.

"Sim!" O riso de Salomé era uma adaga afiada com ódio. "A maldição dos reis de Khauran! Sim, a lenda sussurrada pelo povo nos mercados, com as barbas abanando e os olhos revirados, os tolos piedosos! Eles contam como a primeira rainha da nossa linhagem se ofereceu a um demônio das trevas e de tal união nasceu uma filha, cuja maldade nunca foi esquecida. E posteriormente, a cada século, nasce um bebê menina na dinastia khauraniana, com uma meia-lua escarlate entre os seios, que pressagia o seu destino."

"A cada século uma bruxa há de nascer." Assim professava a antiga maldição. E assim tem transcorrido. Algumas foram mortas ao nascer, assim como eles tentaram me matar. Outras caminharam sobre a Terra como bruxas, filhas orgulhosas de Khauran, com a lua do inferno queimando em seus seios de marfim. Cada uma delas foi chamada Salomé. Eu também sou Salomé. Sempre houve Salomé, a bruxa. Haverá sempre Salomé, a bruxa, mesmo quando as montanhas de gelo subirem dos pólos e a civilização for à ruína, e um novo mundo surja das cinzas e poeira, até mesmo então, haverá Salomé para andar na terra, para capturar os corações dos homens com seus feitiços, para dançar diante dos reis do mundo, para ver as cabeças dos homens sábios caírem ao seu bel prazer."

"Mas ...mas ..." gaguejou Taramis.

"Quanto a mim?" Os olhos cintilantes queimavam como fogos sombrios de mistério. "Levaram-me para o deserto longe da cidade, e me deitaram desnuda na areia quente, sob o sol ardente. E então partiram, me deixando para os chacais e os abutres e os lobos do deserto."

"Mas a vida em mim era mais forte do que a vida das pessoas comuns, pois participa da essência das forças que fervem nos golfos negros do abismo sem fim. As horas se passaram, e o sol queimava como as chamas de fundição de inferno, mas eu não morri; ainda lembro de algo desse

tormento, vagamente e distante, como quem se lembra de um fraco sonho informe. Em seguida, houveram camelos, e homens de pele amarela que usavam roupas de seda e falavam em uma língua estranha. Desviaram do caminho de sua caravana, passando por perto, e seu líder me viu e reconheceu a crescente escarlate no meu peito. Ele me pegou e me proporcionou a vida.”

"Ele era um mago da distante Khitai, retornando para o seu reino natal, depois de uma viagem a Stygia. Ele me levou com ele para as torres púrpuras de Paikang, com seus minaretes subindo em meio às selvas de bambu e vinhas, e eu cresci para a vida adulta sob o seu ensino. A idade havia mergulhado-o profundamente na sabedoria negra, sem porém enfraquecer seus poderes malignos. Muitas coisas ele me ensinou.”

Ela fez uma pausa, sorrindo enigmaticamente, com um mistério perverso brilhando em seus olhos escuros. Em seguida, ela jogou a cabeça para trás.

"Ele depois me expulsou de sua morada, dizendo que eu era uma bruxa vulgar, apesar de seus ensinamentos, e não apta para comandar a feitiçaria que ele tinha me ensinado. Ele havia querido me fazer rainha do mundo e dominar a todas as nações através de mim - ele disse - mas eu era apenas uma prostituta das trevas. Mas e daí? Eu nunca poderia suportar me isolar em uma torre de ouro, e passar as longas horas da vida olhando para um globo de cristal, murmurando sobre encantamentos escritos na pele de serpente com o sangue de virgens, debruçada sobre volumes de mofo em línguas esquecidas.”

"Ele disse que eu era como um duende terreno, nada sabendo dos abismos mais profundos da magia cósmica. Bem, este mundo contém tudo o que eu desejo, poder e pompa, luxo e brilho, homens bonitos e mulheres suaves para transformar em meus amantes e escravos. Ele havia me dito também quem eu era, da minha maldição e minha herança. Portanto voltei a tomar a que eu tenho tanto direito quanto você. Agora é meu por direito de posse."

“O que você quer dizer?” Taramis levantou-se e enfrentou sua irmã, saindo de sua perplexidade e medo. "Você imagina que drogando algumas das minhas empregadas e enganando alguns dos meus guardas, poderá ter estabelecido uma reivindicação válida ao trono de Khauran? Não se esqueça que eu sou a rainha de Khauran! Vou dar-lhe um lugar de honra, como a minha irmã, mas..."

Salomé riu com ódio.

“Quão generoso de sua parte, querida, doce irmã! Mas antes de começar a me colocar no meu lugar, talvez você possa me dizer de quem são os mercenários acampados na planície do lado de fora dos muros da cidade?”

"Eles são os mercenários shemitas de Constâncio, o *voivode* kothiano das companhias livres”.

"E o que eles fazem em Khauran?" balbuciou Salomé.

Taramis sentiu que Salomé estava sutilmente escarnecedendo dela, mas respondeu com um pressuposto de dignidade que ela já quase não sentia no seu íntimo.

"Constâncio pediu permissão para passar ao longo das fronteiras de Khauran a caminho de Turan. Ele mesmo se colocou como meu refém, como prova do bom comportamento de seus homens, enquanto estiverem dentro dos meus domínios.”

“E Constâncio”, continuou Salomé. "Será que ele não pediu a sua mão em casamento hoje?”

Taramis lançou-lhe um olhar nublado de suspeitas.

"Como você sabe disso?"

Um encolher de ombros insolente dos finos ombros nus foi a única resposta.

"Você recusou, querida irmã?"

"Certamente eu recusei!" Taramis exclamou com raiva. "Você, uma legítima princesa khauraniana, acha mesmo que a Rainha da Khauran poderia tratar dessa proposta com qualquer outra coisa, senão o desdém? Ter um aventureiro sanguinário, um homem exilado de seu próprio reino por causa de seus crimes, e líder de uma turba de saqueadores e assassinos contratados, como marido?"

"Eu nunca deveria ter permitido a ele que trouxesse os seus assassinos de barba negra a Khauran. Mas ele é praticamente um prisioneiro na torre sul, guardado pelos meus soldados. Amanhã vou pedir-lhe que ordene às suas tropas para deixarem o reino. Ele próprio deverá ser mantido em cativeiro até que elas estejam ao longo da fronteira. Enquanto isso, meus soldados estarão a postos nas muralhas da cidade, e já o avisei que ele vai responder por quaisquer atrocidades perpetradas sobre os aldeões ou pastores pelos seus mercenários.”

"Ele está confinado na torre sul?" perguntou Salomé.

"Isso é o que eu já disse. Por que você ainda pergunta?"

Em resposta, Salomé bateu palmas, e levantando a voz, com um murmúrio de alegria cruel, chamou: “A rainha concede-lhe uma audiência, Falcão”

A porta de ouro com arabescos se abriu e um homem alto entrou na câmara, uma visão que fez Taramis gritar de espanto e raiva.

"Constâncio! Você ousa entrar na minha câmara?"

"Como você pode ver, Majestade!" Ele inclinou a escura cabeça de falcão numa humildade fingida.

Constâncio, a quem os homens chamavam Falcão, era alto, de ombros largos e cintura fina, flexível e forte como o aço. Ele era bonito, de uma forma aquilina, cruel. A pele de seu rosto estava crestada pelo sol, e seu cabelo, que crescia muito para trás de sua testa alta e estreita, era negro como as penas de um corvo. Seus olhos escuros eram penetrantes e alertas, com a dureza de seus lábios finos não suavizada por seu fino bigode preto. Suas botas eram de couro kordavaniano, seu manto e gibão de planície eram de seda escura, manchada com o desgaste dos acampamentos e as manchas de ferrugem de armaduras.

Torcendo o bigode, ele deixou seu olhar percorrer o corpo da rainha com um descaramento que a fez estremecer.

“Por Ishtar, Taramis”, disse ele suavemente, “eu acho você mais atraente em sua túnica de noite do que em suas vestes reais. Na verdade, esta é uma noite auspiciosa!”

O medo cresceu nos olhos escuros da rainha. Ela não era boba, sabia que Constâncio nunca se atreveria a este ultraje, a menos que ele estivesse seguro de si.

"Você está louco!" disse ela. "Se eu estou em seu poder nesta câmara, você não está menos ao alcance dos meus guardas, que vão dilacerá-lo em pedaços, se você ousar me tocar. Vá de uma vez, se você quer viver."

Ambos riram ironicamente, e Salomé fez um gesto de impaciência.

“Chega de farsa, vamos para o próximo ato na comédia. Ouça, querida irmã: fui eu quem enviou Constâncio aqui. Quando eu decidi tomar o trono de Khauran, procurei sobre um homem forte para me ajudar, e escolhi o Falcão, por causa de sua absoluta falta de todas as características tidas como boas pelos homens.

"Estou lisonjeado, princesa”, murmurou Constâncio ironicamente, com uma inclinação profunda.

"Eu o mandei para Khauran, e, uma vez que os seus homens estavam acampados na planície do lado de fora, e ele estava dentro do palácio, entrei na cidade por uma pequena porta na muralha oeste - os tolos que a guardavam pensaram que eu fosse você, a retornar de alguma aventura noturna "

"Sua demônia!" As bochechas de Taramis se inflamaram e seu ressentimento levou a melhor sobre a reserva real.

Salomé sorriu malignamente.

"Eles pareciam devidamente surpresos e chocados, mas me permitiram entrar, sem dúvida. Entrei no palácio da mesma maneira, e dei a ordem aos guardas, surpresos, para que marchassem para longe daqui, assim como também a dei para os homens que guardavam Constâncio na torre sul. Então eu vim para cá, dispensando às suas damas de companhia no caminho."

Os dedos de Taramis se crisparam e ela empalideceu.

"Bem, o que vem a seguir?" ela perguntou com a voz trêmula.

"Ouça!" Salomé inclinou a cabeça. Fracamente através da janela, veio o barulho da marcha de homens armados; vozes rudes gritando em uma língua estrangeira, e sons de alarme misturados com os gritos do povo.

"O povo despertou e está aterrorizado", disse Constâncio com ironia. "É melhor ir até eles e tranquilizá-los, Salomé! "

"Meu nome é Taramis", respondeu Salomé. "Devemos habituar-nos a ele."

"O que você fez?" gritou Taramis. "O que você fez?"

"Eu fui aos portões da cidade e ordenei aos soldados que os abrissem", respondeu Salomé. "Eles ficaram surpresos, mas obedeceram. Esse é o exército do Falcão que está a ouvir, marchando para dentro da cidade ".

"Seu diabo!" gritou Taramis. "Você traiu o nosso povo, usando da minha aparência! Você me fez parecer um traidora! Oh, eu irei até eles,..."

Com uma risada cruel Salomé a pegou pelo pulso e a puxou de volta. A magnífica maleabilidade da rainha era impotente contra a força vingativa que corria nos membros delgados de Salomé.

"Você sabe como chegar até as masmorras do palácio, Constâncio?" disse a bruxa. "Bom. Tome esta pestinha e tranque-a para na cela mais profunda. Os carcereiros dormem o sono dos drogados. Eu providenciei isso. Envie um homem para cortar suas gargantas antes que eles possam despertar. Ninguém deve saber o que ocorreu esta noite. De

agora em diante eu sou Taramis e essa outra é uma prisioneira sem nome em um calabouço esquecido.”

Constâncio sorriu com um brilho de dentes brancos e fortes sob seu bigode fino.

"Muito bom, mas antes você não iria me negar um breve momento de diversão, iria?"

"Eu não! Dome essa vadia que eu desprezo." Com um sorriso perverso Salomé jogou sua irmã nos braços do kothiano, e afastou-se através de uma porta que dava para um corredor externo.

Os lindos olhos e Taramis se arregalaram e sua flexível figura ficou rígida, ao lutar contra o abraço de Constâncio. Ela não mais lembrou dos homens marchando nas ruas, nem do ultraje à sua realeza, em face da mais urgente ameaça à sua feminilidade. Ela se esqueceu de todas as sensações, mas não o terror e vergonha que se abateram sobre ela, quando percebeu o cinismo completo que queimava nos olhos zombeteiros de Constâncio, e sentiu os braços fortes esmagando seu corpo que se contorcia.

Salomé, seguindo ao longo do corredor do lado de fora, sorriu maliciosamente, com o grito de desespero e agonia que ouviu, estremecendo todo o palácio.

## II

### *A Árvore Da Morte*

Os trajes do jovem soldado estavam manchados com sangue seco e uma mistura de suor, cinza e poeira. O sangue escorria de um corte profundo na coxa, e a partir das lacerações no peito e no ombro. A transpiração brilhava em seu rosto lívido e seus dedos dobravam-se sobre o veludo do divã em que ele estava. No entanto, suas palavras refletiam um sofrimento mental que superava a dor física que devia estar sentindo.

"Ela deve estar louca!" ele repetiu uma e outra vez, como se ainda atordoado por algum acontecimento monstruoso e incrível. "É como um pesadelo! Taramis, a quem todos em Khauran amam, traindo seu povo com esse diabo de Koth! Oh, Ishtar, por que eu não morro? Melhor morrer do que viver para ver a nossa rainha transformada em traidora e prostituta!"

"Fique quieto, Valerius," implorou a garota que estava lavando suas feridas e curativos com as mãos trêmulas. "Oh, por favor, ficar quieto, querido! Você agravar os seus ferimentos. Não me atrevi a chamar um sanguessuga"

"Não", murmurou o jovem ferido. "Os demônios de barbas azuis de Constâncio vão estar procurando nos bairros por khauranianos feridos, eles vão enforcar cada homem que tem feridas, pois isso mostra que ele lutou contra eles. Oh, Taramis, como você pode trair as pessoas que lhe adoravam?" Em sua agonia feroz, ele se contorcia, chorando de raiva e vergonha, e a garota apavorada pegou-o nos braços, colocando a cabeça dele contra seu peito, implorando para ele ficar quieto.

"É melhor a morte do que a vergonha negra que se abateu sobre Khauran neste dia ", ele gemeu. "Você viu isso, Ivga?"

"Não, Valerius". Seus suaves dedos ágeis foram novamente no trabalho, limpando suavemente e fechando as extremidades abertas de suas feridas cruas. "Fui despertada pelo barulho de lutar nas ruas, olhei para fora de uma janela e vi os shemitas cortando as pessoas, então subitamente eu ouvi você me chamando baixinho na porta do beco."

"Eu tinha alcançado os limites da minha força", ele murmurou. "Eu caí no beco e não podia mais me levantar. Eu sabia que eles iam me encontrar em breve, se eu ficasse ali, pois eu matei três dos animais barbudos, por Ishtar! Eles nunca mais andarão com arrogância pelas ruas de Khauran, pelos deuses! Os demônios estão agora rasgando seus corações no inferno!"

A moça trêmula cantarolou suavemente para ele, como para uma criança que se machucou, e fechou os lábios ofegantes dele om a sua própria boca, de hálito doce e fresco. Mas o fogo que se alastrou na alma dele não lhe permitiria ficar em silêncio.

"Eu não estava na muralha quando os shemitas entraram", ele explodiu. "Eu estava dormindo no quartel, com os outros que não estavam de plantão. Foi um pouco antes do amanhecer, quando o nosso capitão entrou na caserna, e seu rosto estava pálido sob o capacete. "Os semitas estão na cidade", disse ele. "A rainha veio até o portão sul e deu ordens para

que eles fossem admitidos. Ela fez os homens descerem das muralhas, onde estiveram em guarda constante desde que Constâncio entrou no reino. Eu não entendo isso, e nem ninguém, mas ouvimos-la dar a ordem, e nós obedecemos como sempre fazemos. Fomos obrigados a deixar os cavalos na praça diante do palácio, formar fileiras do lado de fora do quartel e marchar, deixando nossas armas e armaduras aqui. Ishtar sabe o que isso significava, mas era a ordem da rainha."

"Bem, quando chegamos à praça os semitas estavam de pé em frente ao palácio, dez mil dos demônios barbudos, armados, e se odia divisar as cabeças das pessoas fora de todas as janelas e portas da praça. As ruas que levam à praça estavam repletas de gente confusa. Taramis estava de pé nos degraus do palácio, sozinha, com exceção de Constâncio, que estava acariciando o bigode como um grande gato magro que acabou devorando um pardal. Mas cinqüenta shemitas com arcos em suas mãos estavam posicionados logo abaixo deles."

"É onde guarda da rainha deveria estar, mas eles foram postos ao pé da escada do palácio, tão confusos quanto o resto de nós, embora ainda estivessem totalmente armados, apesar da ordem da rainha."

"Taramis falou-nos, então, e nos disse que ela tinha reconsiderado a proposta feita a ela por Constâncio, - por quê, se ontem mesmo ela o recusou abertamente defronte a toda a corte? - e que ela tinha decidido fazê-lo seu consorte real. Ela não explicou por que tinha trazido as shemitas para a cidade de forma tão traiçoeira. Mas ela disse que, como Constâncio já detinha o controle de um corpo de profissionais da guerra, o exército de Khauran não seria mais necessário, e, portanto, ela estava se desfazendo dele, e mandou-nos ir tranquilamente para nossas casas."

"Ora, a obediência a nossa rainha é uma segunda natureza para nós, logo ficamos mudos e não encontramos palavras para responder. Ela nos dominou quase antes que soubéssemos o que estávamos fazendo, como se fôssemos homens em transe."

"Mas quando a guarda do palácio foi convidada a desarmar-se e desmontar também, o capitão da guarda, Conan, interrompeu o desarmamento. Homens disseram que ele havia estado de folga na noite anterior, e tinha estado bebendo. Mas ele parecia bem acordado agora. Ele gritou para os guardas para ficar onde estavam, até que recebessem uma ordem dele e, tal é o seu domínio sobre seus homens, que eles o obedeceram, apesar das ordens da rainha. Ele caminhou até os degraus do

palácio e olhou bem para Taramis e então gritou: "Esta não é a rainha! Isto não é Taramis! É um diabo mascarado!"

"Então, o inferno irrompeu! Eu não sei exatamente o que aconteceu. Eu acho que um shemita tentou atingir Conan e Conan o matou. No instante seguinte, a praça era um campo de batalha. Os shemitas caíram sobre os guardas, e as suas lanças e flechas derrubaram muitos soldados que já haviam se desarmado."

"Alguns de nós agarramos as armas que conseguimos alcançar e revidamos. Nós mal sabíamos por que estávamos lutando, mas foi contra Constâncio e seus demônios, e não contra Taramis, eu juro! Constâncio gritou para seus soldados cortarem os traidores. Nós não eramos traidores!" Desespero e confusão balançaram a voz. A garota murmurou com pena, não entendendo tudo, mas por solidariedade com o sofrimento do seu amante.

"As pessoas não sabiam que lado tomar. Foi uma loucura de confusão e perplexidade. Nós, que lutamos não tivemos chance de organizar nenhuma formação, sem armaduras e apenas armados pela metade. Os mercenários estavam totalmente armados e formavam um quadrado de batalha, mas havia apenas quinhentos deles. Eles pagaram um pesado pedágio antes de poder revidar, mas poderia haver uma única conclusão para tal batalha. E enquanto seu povo estavam sendo abatido diante dela, Taramis estava na escadaria do palácio, com o braço de Constâncio sobre sua cintura, e ria como um desalmado e belo demônio! Deuses, é tudo louco, louco!"

"Eu nunca vi um homem lutar como Conan lutou. Ele se colocou de costas para a parede do pátio, e antes que o dominassem os mortos estavam espalhados em pilhas altas por sob ele, até a altura da sua coxa. Mas, finalmente, eles conseguiram derrubá-lo, arrastando-o para baixo, acho que eram cem contra um. Quando eu o vi cair, me arrastei dali, sentindo como se o mundo tivesse estourado por entre meus próprios dedos. Ouvi Constâncio ordenar para seus cães que deixassem o capitão da guarda vivo, enquanto continuava acariciando o bigode, com aquele sorriso de ódio em seus lábios!"

Aquele sorriso estava nos lábios de Constâncio naquele momento. Ele sentou-se em seu cavalo, defronte a um pelotão de seus shemitas, homens de corpo rijo, com barbas pretas azuladas e narizes em forma de gancho, enquanto o sol baixava lentamente, lançando reflexos em seus capacetes

pontiagudos e nas escamas prateadas de suas túnicas de batalha. Quase um quilômetro atrás, as paredes e as torres de Khauran subiam, se destacando das pradarias.

Ao lado da estrada uma pesada cruz de madeira havia sido erguida, e sobre esta árvore sombria estava pendurado um homem, pregado no lugar por imensos pregos de ferro martelados através de suas mãos e pés. Nu, vestido apenas com uma tanga, o homem era quase um gigante em estatura, e seus músculos se destacaram em sulcos espessos nos membros e por todo o corpo, que o sol já há muito tempo tinha queimado em marrom. O suor da agonia estava frisado em seu rosto e no seu poderoso peito, mas debaixo da juba preta emaranhada que caía sobre sua baixa e larga testa, olhos azuis brilhavam com um fogo inextinguível. O sangue escorria lentamente a partir das lacerações nas mãos e nos pés.

Constâncio saudou ironicamente.

"Sinto muito, capitão ", disse ele," que eu não possa ficar para aliviar as suas últimas horas, mas eu tenho deveres a cumprir na cidade, além do que não devo manter nossa rainha deliciosa à minha espera!" Ele riu suavemente. "Então, deixo-vos aos seus próprios meios aqui no deserto, com a companhia dessas belezas!" Ele apontou significativamente para as sombras negras que varriam o céu, incessantemente em círculos abertos , lá no alto.

"Se não fosse por eles, eu imagino que um animal poderoso como você deve aguentar a cruz por dias. Não acalente ilusões de resgate, pois eu estou deixando-o totalmente desprotegido. Eu proclamei que quem quer que tire o seu corpo da cruz, seja vivo ou morto, será esfolado vivo, juntamente com todos os membros da sua família, em praça pública. Estou tão firmemente estabelecido em Khauran que meu pedido vale tanto quanto um regimento completo de guardas. Não estou deixando nenhum guarda aqui, porque os abutres não se aproximarão enquanto alguém estiver por perto, e eu não quero que eles se sintam constrangidos. É também por isso que eu trouxe você para longe da cidade. Estes abutres do deserto só se aproximam das muralhas a essa distância mínima.

"E assim, valente capitão, adeus! Eu vou lembrar de você quando, dentro de uma hora, Taramis encontrar-se em meus braços."

O sangue começou novamente a fluir das palmas das mãos furadas, com os punhos cerrados convulsivamente nas cabeças dos pregos. Nós e cachos de músculo surgiram nos braços enormes, e Conan impulsionou a cabeça

para frente e cuspiu violentamente no rosto de Constâncio. O *voivode* riu friamente, limpou a saliva de sua barba e freou seu cavalo sobre o moribundo.

"Lembre-se de mim quando os abutres estiverem rasgando sua carne viva", ele falou ironicamente. "Os catadores do deserto são uma raça particularmente voraz. Já vi homens pendurados por horas numa cruz, sem olhos, sem orelhas nem escalpo, antes dos bicos afiados terem finalmente comido o seu caminho até seus órgãos vitais."

Sem olhar para trás, ele andava em direção à cidade, uma figura rija, ereta, brilhando em sua armadura reluzente, com seus impassíveis capangas barbudos seguindo ao seu lado. Um leve aumento do volume de pó na trilha desgastada marcou sua passagem.

O homem pendurado na cruz era o único toque de vida senciente em uma paisagem que estava completamente desolada e deserta enquanto chegava a noite. Khauran, a menos de uma milha de distância, bem poderia estar do outro lado do mundo, e existindo numa outra época.

Sacudindo o suor de seus olhos, Conan olhou fixamente para o terreno familiar. Em ambos os lados da cidade, e para além dela, estiravam-se as pastagens férteis, com gado pastando na distância, onde começavam os campos e vinhas xadrezes da planície fertilizada. Os horizontes oeste e norte eram pontilhados com aldeias, em miniatura, à distância. À menor distância, para o sudeste, um brilho prateado marcava o curso de um rio, e além desse rio, a areia do deserto se esticava para longe e para longe além do horizonte. Conan olhou para aquela imensidão de lixo vazio inútil brilhando à luz do sol da tarde como um falcão com olhares presos no céu aberto. A repulsa o balançou quando ele olhou para as torres reluzentes de Khauran. A cidade havia traído-o, aprisionando-o de forma a deixá-lo pendurado morrendo numa cruz de madeira, como uma lebre pregada a uma árvore.

A luxúria vermelha por vingança varria-lhe o pensamento. Maldições e imprecções fluíam mais lentamente dos lábios do homem. Todo o seu universo existente, com foco preciso, tornou-se incorporado nas quatro pontas de ferro que prendiam sua vida e liberdade. Seus grandes músculos tremeram, como cabos de ferro atados. Com o suor surgindo em sua pele crestada, ele procurou ganhar força, para arrancar os pregos da madeira. Foi inútil. Eles tinham sido fincados a grande profundidade. Em seguida, ele tentou arrancar as mãos para fora das cabeças dos pregos, e tal era o

esfaqueamento de dor, a agonia abismal que, finalmente, foi forçado a cessar seus esforços, até pela futilidade destes. As cabeças eram largas e grossas, não podia passá-las através das feridas. Uma onda de desamparo abalou o gigante, pela primeira vez em sua vida. Ele prostou-se, imóvel, a cabeça apoiada em seu peito, fechando os olhos contra o brilho dolorido do sol.

Um bater de asas fez com que ele olhasse acima, para o que parecia apenas como uma sombra de penas derrubadas do céu. Um bico afiado, visando seus olhos, cortou seu rosto, e ele sacudiu a cabeça para o lado, fechando os olhos involuntariamente. Ele gritou, um rugido, um grito desesperado de ameaça, e os abutres desviaram e recuaram, assustados com o som. Eles retomaram a circular, desconfiados, acima de sua cabeça. O sangue escorria na boca de Conan, e ele lambeu os lábios involuntariamente, cuspidando fora o líquido salgado.

A sede o assaltou brutalmente. Ele tinha bebido muito vinho na noite anterior, e nenhuma água havia tocado seus lábios desde antes da batalha na praça, ao amanhecer. E assassinato dava sede, esse trabalho suado. Ele olhou para o rio distante, ensandecido, como um homem no inferno o veria, através da grade aberta de uma prisão demoníaca. Pensou em fontes jorrando água branca no seu peito, lambendo até a altura dos seus ombros numa torrente de jade líquido. Lembrou-se de grandes chifres de cerveja espumante, taças de vinho saborosos engolidas descuidadamente ou derramadas pelo chão das tavernas. Ele mordeu o lábio para não gritar de angústia intolerável como se fosse todo um bando de animais torturados.

O sol se pôs, uma bola sinistra em um mar de fogo de sangue, contra uma muralha carmesim que unia o horizonte às torres da cidade, flutuando irreal como um sonho. O próprio céu estava tingido de sangue para seu olhar embaçado. Ele lambeu os lábios enegrecidos e olhou com os olhos injetados de sangue para o rio distante. Ele também parecia vermelho como o sangue, e as sombras subindo do leste pareciam negras como o ébano.

Em seus ouvidos entorpecidos soou o bater mais alto de asas. Erguendo a cabeça, ele observava com o olhar ardente de um lobo as sombras dardejando acima dele. Ele sabia que seus gritos iriam assustá-los só por mais algum tempo. A cada vez as sombras baixariam mais e mais, um tanto de cada vez. Conan puxou sua cabeça para trás, tanto quanto podia, aguardando com uma paciência terrível. Um abutre surgiu sobre ele, com um grasnido e um rápido bater de asas. Seu bico afiado piscou para baixo,

rasgando a pele do queixo de Conan enquanto ele virava a cabeça de lado e, como um relâmpago, antes que o pássaro pudesse planar para longe, a cabeça de Conan avançou impulsionada pelos músculos do pescoço forte, e seus dentes, vorazes como os de um lobo, se cravaram no pescoço da agourenta ave.

Instantaneamente, o abutre explodiu em berros histéricos. Suas asas debatendo cegaram momentaneamente o homem e suas garras rasgaram seu peito. Mas logo ele quedou-se dependurado, os músculos do seu pescoço destruídos em pedaços e os seus ossos triturados entre os poderosos dentes. Com uma última vibração espasmódica o pássaro pendurado morreu. Conan o largou, cuspidando o ignóbil sangue viscoso de sua boca. Os outros abutres, aterrorizados pelo destino de seu companheiro, voaram para uma árvore distante, onde ficaram empoleirados como demônios negros no conclave do inferno.

Uma sensação de triunfo feroz percorreu o cérebro entorpecido de Conan. Afinal a vida ainda batia forte e violentamente em suas veias. Ele ainda podia enfrentar a morte, portanto ele ainda vivia! Cada pontada de sensação, mesmo de agonia, era, de fato, uma negação da morte.

“Por Mitra!” ou uma voz falou, ou ele sofria de alucinação. "Em toda minha vida eu nunca vi uma coisa dessas!"

Sacudindo o suor e o sangue de seus olhos, Conan viu quatro cavaleiros sentados seus corcéis no crepúsculo, olhando para ele. Três eram magros gaviões vestidos em mantos brancos, das tribos nômades de Zuagir, sem dúvida, baseados por hora do outro lado do rio. O outro estava vestido como eles, em um branco e esvoaçante manto do deserto e um turbante adornado com faixas frontais e laterais de um trançado triplo de pelo de camelo, que, descendo das têmporas, caíam sobre os ombros.. Mas ele não era um shemita. A poeira no ar não era tão grossa, nem os olhos de falcão de Conan estavam tão nublados pela proximidade da morte, que ele não pudesse perceber as características faciais de um homem.

Ele era tão alto quanto Conan, embora não tão pesado, de pernas compridas. Seus ombros eram largos e sua figura flexível estava dura, como se feita inteiramente de aço e ossos de baleia. Uma barba preta curta não completamente mascarava o feitio agressivo de sua mandíbula pontuda e os olhos cinzentos, frios e penetrantes como uma espada, brilhavam por sob a

sombra do turbante . Acalmando seu cavalo inquieto com uma, certamente, rápida mão, este homem falou: “Por Mitra, eu conheço este homem!”

“Sim!” Era o sotaque gutural de um zuagir. "É o cimério, que era capitão da guarda da rainha!”

"Ela deve estar rejeitando todos os seus velhos favoritos", resmungou o nômade. "Quem jamais teria sequer pensado em tal atitude da rainha Taramis? Eu preferiria ter uma longa e sangrenta guerra. Ela teria dado a nós, povo do deserto, a oportunidade de saquear Khauran. Como é que chegamos tão perto das muralhas e encontramos apenas um pangaré esquelético e este cão a morrer?”

Conan levantou a cabeça sangrenta.

“Se eu pudesse descer dessa cruz eu faria de você um cachorro morto, seu ladrão zaporoskano!” respondeu asperamente com os lábios enegrecidos.

“Mitra, o miserável me conhece! ” exclamou o outro. “Como, criatura, você me conhece? ”

"Há apenas um de sua raça nessas paragens", murmurou Conan. "Você é Olgerd Vladislav, o chefe foragido.”

"Sim! e líder dos *kozaki* do Rio Zaporoskan, como você já deve ter adivinhado. Você gostaria de viver?”

"Só um tolo faria essa pergunta", arquejou Conan.

"Eu sou um homem duro", disse Olgerd, “e resistência é a única qualidade que eu respeito em um homem. Devo julgar se você é um homem, ou apenas um cão que, afinal, só serve para mentir aqui e morrer. ”

"Se o baixarmos, pode ser que sejamos vistos das muralhas", objetou um dos nômades.

Olgerd balançou a cabeça.

“O crepúsculo é profundo. Aqui, tome esse machado, Djebal, e corte a base da cruz .”

“Se a cruz cair para a frente irá esmagá-lo”, objetou Djebal. "Eu posso cortá-la de forma que caia para trás, mas então o choque da queda pode quebrar seu crânio, sua coluna e destruir todas as suas entranhas.”

"Se ele é digno de ir comigo, certamente vai sobreviver a isso", respondeu Olgerd imperturbável. "Se não, então ele não merece viver. Corte!”

No primeiro impacto do machado de batalha contra a madeira, as vibrações que o acompanharam enviaram lances de pura agonia através dos

pés e mãos inchados de Conan. Outra e outra vez a lâmina caiu sobre a madeira, com cada golpe reverberando em seu cérebro machucado, colocando seu nervos torturados a gritar. Mas ele cerrou os dentes e não fez nenhum som. O machado acabou de cortar, a cruz cambaleou em sua base fragmentada e caiu para trás. Conan fez de todo o seu corpo um nó sólido de músculos de ferro duro, apoiou a cabeça para trás com força contra a madeira e manteve-a rígida lá. A cruz atingiu o solo pesadamente, com um estrondo. O impacto rasgou as suas feridas e o atordoou por um instante. Ele lutou contra a maré corrente da escuridão, das náuseas e da tontura, mas percebeu que os músculos de ferro que embainhavam a seus órgãos vitais o tinham salvado de uma lesão permanente.

Ele não fez nenhum som, mas o sangue escorria de seu nariz e sua barriga, os músculos tremeram com fortes náuseas. Com um grunhido de aprovação Djebal inclinou-se sobre ele com um par de pinças usadas para soltar pregos de ferradura, e agarrou a cabeça do prego na mão direita de Conan, rasgando a pele para obter uma melhor pegada sobre a cabeça profundamente enraizada. Todavia as pinças eram pequenas para esse trabalho. Djebal suou e puxou, xingando e lutando com o ferro teimoso, trabalhando frente e para trás na carne inchada, bem como na madeira. O Sangue apareceu caudaloso, escorrendo sobre os dedos do cimério. Ele estava tão quieto que ele poderia estar morto, exceto pelo movimento espasmódico de seu grande peito. O prego cedeu, e Djebal levantou a coisa manchada de sangue com um grunhido de satisfação. Em seguida, atirou-o longe e inclinou-se sobre o outro.

O processo foi repetido, e, em seguida, Djebal voltou sua atenção para os pés espetados de Conan. Mas o cimério, esforçando-se para uma postura sentada, arrancou as pinças de seus dedos e o mandou cambaleando para trás com um violento empurrão. As mãos de Conan estavam inchadas até quase o dobro de seu tamanho normal. Seus dedos pareciam polegares deformados, e fechar suas mãos era uma agonia tal que trouxe um fluxo de sangue por sob o ranger de seus dentes. Mas de alguma forma, apertando as pinças desajeitadamente com as duas mãos, ele conseguiu arrancar o primeiro espigão e depois o outro. Eles não foram martelados tão profundamente na madeira como os outros haviam sido.

Levantou-se com alguma firmeza e ficou de pé sobre seus inchados, dilacerados pés, balançando-se como se bêbado, o suor gelado pingando do

rosto e do corpo. Cãibras o assaltaram e ele lutou contra a vontade de vomitar.

Olgerd, observando-o de forma impessoal, fez um gesto em direção ao cavalo roubado. Conan tropeçou em direção a ele, e cada passo era uma facada, pulsando como o inferno que salpicava seus lábios com uma espuma sangrenta. Uma disforme mão tateante caiu desajeitadamente na sela, um pé ensanguentado de alguma forma encontrou o estribo. Rangendo os dentes, ele içou-se, quase desmaiando no ar, mas de alguma forma ele conseguiu montar na sela; assim que fez isso, Olgerd atingiu o cavalo bruscamente com seu chicote. O animal assustado empinou, e o homem na sela balançou e quase caiu como um saco de areia, quase desfalecendo. Conan havia enrolado uma rédea sobre cada braço, segurando-as no lugar com os polegares. Entorpecido, fez força com seus poderosos bíceps, empurrando o cavalo para baixo, que gritou, pois sua mandíbula quase havia sido deslocada.

Um das shemitas levantou um cantil de água interrogativamente.

Olgerd balançou a cabeça.

"Deixe-o esperar até chegarmos ao acampamento. São apenas dez milhas. Se ele está apto para viver no deserto ele vai sobreviver esse tempo sem beber."

O grupo montou como fantasmas rápidos em direção ao rio, entre eles um Conan balouçante como se bêbado na sela, os olhos injetados de vidro, com a espuma sangrenta secando em seus lábios enegrecidos.

### III

#### *Carta Para A Nemédia*

O sábio Astreas, viajando pelo Oriente em sua busca incansável pelo conhecimento, escreveu uma carta ao seu amigo e companheiro filósofo

Alcemides, em sua Nemédia natal, acerca do que constituía o conhecimento das nações ocidentais sobre os acontecimentos desse período no Oriente, sempre uma região nebulosa, meio mítica para as mentes do povo ocidental.

Astreas escreveu, em parte: "Você dificilmente pode imaginar, meu velho e querido amigo, as condições agora existentes neste pequeno reino de Khauran, desde que a rainha Taramis admitiu Constâncio e seus mercenários, um evento que descrevi brevemente na minha última e apressada carta. Sete meses se passaram desde então, durante o qual parece que o próprio diabo foi solto neste reino infeliz. Taramis parece ter ido muito além da loucura e, se anteriormente ela era famosa por sua virtude, da justiça e tranquilidade, ela é agora conhecida pelas qualidades precisamente opostas àquelas que enumerei. Sua vida privada é um escândalo, ou talvez "privada" não seja o termo correto, já que a rainha não faz nenhuma tentativa de esconder o deboche de sua corte. Ela sempre se entrega nas folias mais infames, em que as mulheres infelizes da corte são forçadas a se juntar, mesmo jovens mulheres casadas, bem como as virgens."

"Ela mesma não se preocupou em se casar com seu amante, Constâncio, que se assenta no trono ao lado dela e reina como seu consorte real, com os oficiais dele seguindo o exemplo de seu chefe, não hesitando em corromper qualquer mulher que eles desejem, independentemente de sua posição ou idade. O reino, agora miserável, geme sob tributação exorbitante, as fazendas são extorquidas até o pó, e os mercadores vestem trapos que são tudo o que é deixado a eles depois da passagem dos coletores de impostos. Não, eles têm sorte se escaparem com a pele toda."

"Eu sinto sua incredulidade, bom Alcemides, você vai temer que eu exagere nas condições de Khauran. Tais condições seriam impensáveis em qualquer um dos países ocidentais, é verdade. Mas você deve perceber a enorme diferença que existe entre o Ocidente e o Oriente, especialmente nesta parte do Oriente. Em primeiro lugar, Khauran é um reino pequeno, um dos muitos principados que formam a parte oriental do império de Koth, tendo só tardiamente recuperado a independência que anteriormente tinha. Esta parte do mundo é composta desses pequenos reinos, diminutos em comparação com os grandes reinos do Ocidente ou os grandes sultanatos mais ao Leste, mas importantes para o controle das rotas de caravanas, e de riqueza concentrada neles."

"Khauran é o mais a sudeste destes principados, na fronteira com os próprios desertos de Shem. A cidade de Khauran é a única cidade de

qualquer magnitude no reino, e está dentro da vista do rio que separa as pastagens verdes do deserto arenoso, como uma torre de vigia destinada a proteger os prados férteis por trás dela. A terra é tão rica que produz três ou quatro colheitas por ano, e as planícies do norte e oeste da cidade estão repletas de aldeias. Para quem está acostumado às grandes plantações e fazendas do Oeste, é estranho ver estes pequenos campos e vinhas, mas quanta riqueza em grãos e frutas se derrama a partir deles, como se viessem de um corno da abundância. Os moradores são agricultores, nada mais. De uma raça mista, aborígene, eles são pacíficos, incapazes de se proteger, e é proibida a eles a posse de armas. Sendo assim dependentes inteiramente dos soldados da cidade para a sua proteção, estando eles indefesos nas condições atuais. Assim, a revolta selvagem das seções rurais, que seria uma certeza nessa situação de opressão em qualquer nação ocidental, é impossível aqui.”

"Eles trabalham passivamente sob a mão de ferro do Constâncio, e seus shemitas de barba negra andam incessantemente pelos campos, com chicotes nas mãos, como os feitores de escravos dos servos negros que labutam nas plantações do sul de Zíngara.”

"Nem o povo da cidade se sai melhor. Sua riqueza é despojada deles, suas filhas mais belas tomadas para saciar o desejo insaciável de Constâncio e seus mercenários. Estes homens são totalmente sem piedade ou compaixão, possuidores de todas as características que os nossos exércitos aprenderam a detestar em nossas guerras contra os aliados shemitas da cruel Argos, com a luxúria e ferocidade das selvagens bestas. As pessoas que vivem na cidade formam a casta dirigente de Khauran, predominantemente hiborianos, valorosos e guerreiros. Mas a traição de sua rainha os entregou nas mãos de seus opressores. Os shemitas são a única força armada em Khauran, e a punição mais infernal é infligida a qualquer khauraniano encontrado em posse de armas. A perseguição sistemática para destruir todos os jovens khauranianos capazes de portar armas foi brutalmente imposta. Muitos foram impiedosamente abatidos, outros vendidos como escravos para o turanianos. Milhares de pessoas já fugiram do reino, querendo entrar no serviço de outros governantes, ou se tornam bandidos, à espreita em inúmeras paragens ao longo das fronteiras.”

"No momento, há alguma possibilidade de invasão pelo deserto, que é habitado por tribos de nômades shemitas. Os mercenários de Constâncio são homens das cidades shemitas do oeste, Pelishtim, Anakim e Akkharim,

e são ardentemente odiado pelos zuagires e outras tribos errantes. Como você sabe, bom Alcemides, os países desses bárbaros estão divididos entre as pradarias ocidentais, que se estendem até o oceano distante e em que se levantam as cidades com seus habitantes shemitas, e os desertos do Oriente, onde os nômades errantes mantêm o domínio, numa guerra incessante entre os habitantes das cidades e os habitantes do deserto.”

“Os zuagires tentaram invadir Khauran por séculos, sem sucesso, mas agora eles se ressentem de seus parentes ocidentais terem conseguido conquistar a cidade. Há rumores de que seu antagonismo natural está sendo fomentada ainda mais pelo homem que antigamente fora o capitão da guarda da rainha, e que, de alguma forma conseguiu escapar do ódio de Constâncio, que barbaramente o tinha crucificado, tendo fugido com os nômades. Ele é chamado de Conan, e é mesmo um bárbaro, um desses cimérios sombrios do norte, acerca de cuja ferocidade nossos soldados têm mais de uma vez aprendido a custo amargo. Há rumores de que ele tornou-se o braço direito de Olgerd Vladislav, o *kozak* aventureiro que vagou das estepes do norte e fez-se chefe de um bando de zuagires. Há também rumores de que o bando tem aumentado muito nos últimos meses, e que Olgerd, incitado, sem dúvida, por esse mesmo cimério, é considerando uma ameaça a Khauran.

“Não pode ser nada mais do que uma ameaça, porém, pois como os zuagires não têm máquinas de cerco nem o conhecimento de como se invadir uma cidade, e além disso tem sido repetidamente provado no passado que os nômades em sua formação solta de ataque, ou melhor, na sua falta de formação, não são páreo na luta corpo-a-corpo para o bem-disciplinados guerreiros pesadamente armados das cidades shemitas. Os nativos de Khauran talvez acolhessem bem essa conquista, afinal os nômades não teriam como ser mais duros com eles que seus mestres presentes, e até mesmo o extermínio total seria preferível ao sofrimento que eles têm de suportar. Mas eles estão tão intimidados e impotentes que não se atrevem a dar ajuda aos invasores.”

“A situação é a mais miserável. Mas Taramis, aparentemente possuída por um demônio, não pára diante de nada. Ela aboliu o culto de Ishtar, e transformou o templo em um santuário de idolatria pagã. Ela destruiu a imagem de marfim da deusa deste culto oriental hiboriano (e que é por si inferior, uma vez que é a verdadeira religião de Mitra que nós, as nações ocidentais, reconhecemos, mas ainda é superior à adoração ao diabo dos

shemitas) e encheu o templo de Ishtar com imagens obscenas de cada tipo inimaginável de deuses e deusas da noite, retratados em toda sorte de lascivas e perversas poses e com todas as características revoltantes que somente um cérebro degenerado poderia conceber. Muitas dessas imagens podem ser identificadas como representações de divindades corrompidas dos shemitas, turanianos, vendhyanos, e khitainos, mas outras ainda são uma reminiscência de uma antiguidade hedionda e profana, formas vis esquecidas por todos, exceto nas lendas mais obscuras dos que adoram negras entidades de antes do tempo. Onde a rainha adquiriu o conhecimento delas não me atrevo a sequer arriscar um palpite.”

“Ela instituiu o sacrifício humano, e desde o seu conluio com Constâncio, não menos que quinhentos homens, mulheres e crianças já foram imolados. Algumas deles morreram no altar que ela erigiu no templo, ela mesma empunhando a adaga de sacrifício, mas a maioria conheceu um castigo ainda mais horrível.”

“Taramis colocou algum tipo de monstro em uma cripta no templo. O que é, e de onde veio, ninguém sabe. Mas, logo depois de ter esmagado a revolta desesperada de seus soldados contra Constâncio, ela passou uma noite sozinha no templo profanado, solitária, exceto por uma dúzia de prisioneiros encadeados, e as pessoas da cidade, com um estremecimento de pavor, viram uma espessa fumaça e um odor fétido enrolando a partir da cúpula do templo, e ouviram por toda a noite o cantar frenético da rainha, e os gritos agonizantes de seus prisioneiros torturados, e, quando já findava a madrugada, outra voz se misturou aos outros sons, de um estridente coaxar desumano que congelou o sangue de todos os que a ouviram.

"Nessa madrugada Taramis cambaleou bêbada para fora do templo, com os olhos brilhando de triunfo demoníaco. Os doze cativos nunca mais foram vistos, nem a inumana voz rouca ouvida. Mas há uma sala no templo em que ninguém jamais vai, exceto a rainha, realizando antes um sacrifício humano à frente desta. E esta vítima nunca mais é vista novamente. Todos sabem que naquela câmara sombria se esconde um monstro da noite negra das idades antigas, que devora os humanos estarecidos que Taramis oferece a ele.”

"Eu não posso mais pensar nela como uma mulher mortal, mas como um raivoso demônio feminino, agachando-se no sangue sujo do seu covil, entre os ossos e fragmentos de suas vítimas, com garras e dedos

avermelhados. Que os deuses lhe permitam prosseguir o seu terrível curso demarcadamente maligno e vil quase faz balançar minha fé na justiça divina.”

"Quando eu comparo sua conduta atual com seu comportamento quando pela primeira vez eu vim para Khauran, há sete meses, fico confuso com a situação, e quase inclinado à crença mantida por muitos das pessoas daqui, de que um demônio possuiu o corpo de Taramis. Um jovem soldado, Valerius, acredita noutra coisa. Ele acredita que uma bruxa teria assumido uma forma idêntica à da governante adorada de Khauran. Ele acredita que Taramis tenha sumido no meio da noite, e sido confinada em algum calabouço do palácio, sendo esta que está em seu lugar apenas uma feiticeira ardilosa. Ele jurou que encontraria a verdadeira rainha, se ela ainda vivesse, mas tenho muito medo de que ele próprio possa já ter sido vítima da crueldade de Constâncio. Ele foi implicado na revolta dos guardas do palácio, fugiu e permaneceu escondido por algum tempo, teimosamente se recusando a buscar segurança no exterior, e foi durante esse tempo que eu o encontrei e ele me relatou as suas teorias.”

"Mas ele desapareceu, assim como muitos outros têm desaparecido, cujos destinos não me atrevo a conjecturar; eu temo que ele tenha sido capturado pelos espiões de Constâncio.”

"Mas devo concluir esta carta e colocá-la para fora da cidade por meio de um lépido pombo-correio, que irá levá-la para o posto aonde eu o comprei, nas fronteiras de Koth. Por cavaleiro e caravanas de camelos essa missiva acabará por chegar até você. Eu devo apressar-me, antes que amanheça. É tarde, e as estrelas brilham elusivamente nos telhados ajardinados de Khauran. Um silêncio tremendo envolve a cidade, em que ouço o lúgubre pulsar de um tambor sombrio do templo distante. Eu não duvido que Taramis esteja por lá, a inventar mais alguma diabrura.”

Mas o sábio estava incorreto em sua conjectura sobre o paradeiro da mulher que ele chamou Taramis. A moça que o mundo conhecia como rainha de Khauran estava em uma masmorra, iluminada apenas por uma tocha bruxuleante que brilhava em seus refinados traços, gravando a crueldade diabólica do seu belo rosto.

No chão de pedra nua diante dela se agachou uma figura cuja nudez mal era coberta por sujos trapos esfarrapados.

Nesta figura Salomé tocou desdenhosamente com a ponta virada para cima de sua sandália dourada, e sorriu vingativamente da forma como

sua vítima se encolheu.

“Você não ama minhas carícias, doce irmã?”

Taramis ainda era bonita, apesar de seus trapos e da prisão e dos inúmeros abusos sofridos por sete cansativos meses. Ela não respondeu a provocações de sua irmã, mas inclinou a cabeça como se acostumada à zombaria.

Esta renúncia não agradou Salomé. Ela mordeu seu lábio vermelho, e ficou batendo a ponta do sapato dela contra o chão enquanto franzia a testa para a figura passiva. Salomé estava vestida com o esplendor bárbaro de uma mulher de Shushan. Jóias brilhavam à luz das tochas em suas sandálias douradas, em seu peito brilhavam dois discos de ouro e as cadeias delgadas que os prendiam no lugar. Tornozeleiras de ouro retiniam enquanto ela se movia, assim como as valiosas pulseiras penduradas nos seus braços nus. Seu penteado alto era o de uma mulher shemita e nas delicadas orelhas brilhavam pingentes de jade pendurados em argolas de ouro, piscando a cada movimento impaciente da altiva cabeça. A cinta encrustada de pedras preciosas prendia uma camisa de seda tão transparente que era mais como que uma paródia cínica das convenções do vestir da corte.

Suspenso de seus ombros e caindo pelas costas pendia um manto sombrio escarlate, e este foi jogado descuidadamente sobre a curva de um braço e da sacola que o seu braço sustentava.

Salomé se inclinou de repente e, com a mão livre, agarrou o cabelo desgrenhado de sua irmã e a forçou a voltar a cabeça para olhar em seus olhos. Taramis mirou àquele olhar felino sem vacilar.

”Você não é tão rápida em suas lágrimas como antigamente, doce irmã”, murmurou a feiticeira.

“Você terá de arrancar mais lágrimas de mim”, respondeu Taramis. “Muitas vezes você se divertiu com o espetáculo da rainha de Khauran chorando por misericórdia de joelhos. Eu sei que você me poupou apenas para me atormentar, por isso você tem limitado a suas torturas a tormentos que não matam, nem desfiguram permanentemente. Mas eu não a temo mais, você drenou até o último vestígio de esperança, medo e vergonha de mim. Mate-me e acabe com isso, pois eu derramei minha última lágrima para sua diversão, sua diaba do inferno!”

“Você se ilude, minha querida irmã, ”ronronou Salomé. “Até agora é só ao seu corpo bonito que eu causei sofrimento, apenas o seu orgulho e auto-estima que eu tenho esmagado. Você se esquece de que, ao contrário de

mim, você é capaz de tormento mental. Tenho observado isso quando eu lhe regalei com as narrativas sobre as comédias que eu tenho encenado com alguns de seus súditos idiotas. Mas desta vez eu trouxe uma prova mais viva destas farsas. Você sabia que Krallides, o seu fiel vereador, tinha voltado escondido de Turan e foi capturado?

Taramis empalideceu.

"O que ... o que você fez com ele?"

Em resposta, Salomé pegou o pacote misterioso sob seu manto. Ela abriu os laços de seda e ergueu a cabeça de um homem jovem, os rictos finais dos músculos faciais congelados em uma convulsão, como se a morte tivesse chegado em meio a desumana agonia.

Taramis gritou como se uma lâmina perfurasse seu coração.

"Oh, Ishtar! Krallides!"

"Há! Ele estava tentando incitar o povo contra mim, pobre tolo, dizendo-lhes que Conan falou a verdade quando disse que eu não era Taramis. Como é que as pessoas podem pensar em se levantar contra os shemitas do Falcão? Com paus e pedras? Bah! Os cães estão agora comendo o seu corpo decapitado na praça do mercado, e seu cadáver depois deverá ser lançado no esgoto para apodrecer."

"Como, irmã?" Ela fez uma pausa, sorrindo para sua vítima. "Você já descobriu que ainda tem lágrimas não-derramadas? Bom! Eu tinha reservado o tormento mental para o fim. A partir de agora vou mostrar-lhe muitas visões como essas!"

Estando lá à luz das tochas, com a cabeça decepada em sua mão, ela não se assemelhava com nada sequer parecido com uma mulher humana, apesar de sua terrível beleza. Taramis não olhou para cima. Ela estava deitada de bruços no chão viscoso, seu corpo esbelto abalado por soluços de agonia, batendo as mãos crispadas contra as pedras. Salomé caminhou em direção à porta, suas tornozelas retinindo conflitantes a cada passo, de suas orelhas os pingentes piscavam, refletindo as tochas.

Alguns momentos depois, ela surgiu de uma porta sob um arco sombrio que dava para um pátio que, por sua vez, abria-se para uma rua sinuosa. Um homem ali postado se voltou para ela - um shemita gigantesco, com olhos sombrios e ombros como os de um touro, com a sua grande barba negra caindo sobre seu poderoso peitoral de malha prateado.

"Ela chorou?" Sua voz era como a de um touro, profunda, grave e tempestuosa. Ele era o general dos mercenários, um dos poucos dos associados de Constâncio que sabia o segredo das rainhas de Khauran.

"Sim, Khumbanigash. Há seções inteiras de sua sensibilidade que eu ainda não toquei. Quando um sentimento for entorpecido por laceração contínua, vou descobrir um outro ainda novo, um tom mais pungente. Aqui, cão!" Com um tremor, uma cambaleante figura em trapos, sujeira e cabelos emaranhados se aproximou, um dos mendigos que dormem nas ruas e quadras abertas. Salomé jogou a cabeça para ele. "Aqui, surdo. lance no esgoto mais próximo. Faça-lhe o sinal com as mãos, Khumbanigash. Ele não pode ouvir".

O general concordou, e, sinalizando, balançou a cabeça desgrenhada, com o quê o homem virou-se dolorosamente para longe.

"Por que você mantém essa farsa?" retumbou Khumbanigash. "Você está tão firmemente estabelecida no trono que nada poderá derrubar você. E se os khauranianos tolos souberem da verdade? Eles não podem fazer nada. Proclame-se em sua verdadeira identidade! Mostre-lhes a sua amada ex-rainha e corte a cabeça dela a frente de todos, em praça pública!"

"Ainda não, bom Khumbanigash..."

Ao dobrar o pórtico, não era mais possível ouvir os assuntos cruéis de Salomé e as reverberações de tempestade de Khumbanigash. O mendigo mudo se agachou no pátio, e não havia ninguém para ver que as mãos que seguravam a cabeça decepada tremiam fortemente, mãos musculosas e bronzeadas, estranhamente incongruentes com o corpo dobrado e os trapos imundos.

"Eu sabia!" Era um feroz sussurro vibrante, quase inaudível. "Ela vive! Oh, Krallides, seu martírio não foi em vão! Eles a mantêm trancada naquela masmorra! Oh, Ishtar, se você gosta de homens de verdade, ajude-me agora! "

## IV

### *Lobos Do Deserto*

Olgerd Vladislav encheu a taça cravejada de jóias com vinho vermelho de um jarro de ouro e colocou o vaso sobre a mesa de ébano de Conan, o cimério. O vestuário de Olgerd teria satisfeito a vaidade de qualquer chefe zaporoskano.

Sua túnica era de seda branca, com pérolas costuradas no peito. Cingido na cintura com um cinto bakhauriota, as saias da túnica caíam para os lados para revelar suas largas calças de seda, enfiadas em botas curtas de couro verde suave, decoradas com fios de ouro. Em sua cabeça havia um turbante de seda verde, enrolado sobre um capacete em ponta revestido com ouro. Sua única arma era uma ampla Cherkees, uma faca curva embainhada numa bainha de marfim presa alta em seu quadril esquerdo, à moda *kozak*. Atirando-se para trás na cadeira dourada com águias esculpidas, Olgerd colocou as pernas sobre a mesa e engoliu o vinho espumante ruidosamente.

Contribuindo para o seu esplendor, o enorme cimério de frente para ele oferecia um forte contraste na aparência, com sua juba preta de corte quadrado, o rosto cheio de cicatrizes marrons e ardência nos olhos azuis. Ele estava vestido de cota de malha preta, e o único brilho sobre ele era a grande fivela de ouro do cinto que apoiava sua espada na bainha de couro desgastado.

Eles estavam sozinhos na tenda paredes de seda, na qual estavam penduradas tapeçarias douradas trabalhadas à mão, com o chão cheio de ricos tapetes e almofadas de veludo, a pilhagem das caravanas. Lá de fora veio um baixo sopro incessante, o som que sempre acompanha uma grande multidão de homens, seja no campo ou não. Uma rajada de vento ocasional do deserto atingia a palma das folhas de palmeira.

"Hoje, na sombra, amanhã no sol", citou Olgerd, folgando seu cinto vermelho um pouco e pegando novamente o jarro de vinho. "Esse é o modo de vida. Uma vez eu fui um chefe em Zaporoska, agora eu sou um chefe de deserto. Sete meses atrás você estava pendurado em uma cruz do lado de fora Khauran. Agora está como tenente do mais poderoso chefe nômade entre Turan e os prados ocidentais. Você deve ser grato a mim!"

"Por reconhecer a minha utilidade? Conan riu e ergueu o jarro. "Quando você permite a elevação de um homem, pode-se ter certeza de que você vai lucrar com seu avanço. Eu ganhei tudo o que eu ganhei com o meu sangue e

suor." Ele olhou para as cicatrizes no interior das suas palmas. Havia cicatrizes, também, em seu corpo, cicatrizes que não estavam lá há sete meses.

"Você luta como um regimento de demônios", admitiu Olgerd. "Mas não fique a pensar que você teve alguma coisa a ver com os recrutas que já ansiavam por se juntar a nós. Foi o nosso sucesso na invasão dessas terras, guiado pelo meu espírito, que os trouxe para dentro. Estes nômades estão sempre procurando um líder de sucesso a seguir, e eles têm mais fé num estrangeiro do que em um de sua própria raça."

"Não há limite para o que podemos realizar! Temos onze mil homens agora. Em mais um ano, podemos ter três vezes esse número. Nós nos contentamos, até agora, com incursões ligeiras sobre os postos turanianos e as cidades-estados a oeste. Com trinta ou quarenta mil homens vamos invadir mais. Nós vamos invadir e conquistar cidades e nos estabelecermos como governantes. Eu vou ser imperador de todos os shemitas, e você vai ser o meu vizir, contanto que possa cumprir minhas ordens sem questionar. Nesse meio tempo, eu acho que nós vamos cavalgar para leste e saquear o posto turânico em Vezek, onde as caravanas pagam pedágio.

Conan balançou a cabeça. "Eu acho que não."

Olgerd olhou, seu temperamento subitamente irritado.

"O que você quer dizer, *você* não acha? Eu faço o pensamento para esse exército!"

"Há homens suficientes neste bando agora para o meu propósito", respondeu o cimério. "Estou cansado de esperar. Eu tenho contas a acertar."

"Oh!" Olgerd fez uma careta, e bebeu vinho, depois sorriu. "Ainda pensando naquela cruz, hein? Bem, eu gosto de um bom inimigo. Mas isso pode esperar."

"Você me disse uma vez que ia me ajudar a tomar Khauran", disse Conan.

"Sim, mas isso foi antes de eu comecei a perceber todas as possibilidades de nosso poder", respondeu Olgerd. "Eu só estava pensando no saque futuro da cidade. Mas por hora eu não quero arriscar a nossa força de forma não-lucrativa. Khauran é muito forte para nós a conquistarmos agora. Talvez em um ano."

"Dentro de uma semana", respondeu Conan, e o *Kozak* notou a certeza em sua voz.

"Ouça", disse Olgerd, "mesmo se eu estivesse disposto a jogar fora os homens em tal tentativa, que tipo de ação poderíamos tomar? Você acha que esses lobos do deserto conseguem cercar e tomar uma cidade como Khauran?"

"Não haverá cerco ", respondeu o cimério. "Eu sei como trazer Constâncio afora das muralhas, para a planície."

"E depois?" gritou Olgerd com uma imprecação. "Na certa utilizar nossos cavaleiros seria o pior de tudo, pois a armadura dos *asshuri dele* é melhor, e, quando se trata de luta de espadas, suas fileiras cerradas de espadachins treinados sobrepujam nossas linhas soltas e dispersam nossos homens como a palha diante do vento".

"Não se houvesse três mil cavaleiros hiborianos desesperados que lutassem em uma cunha sólida, como eu poderia ensiná-los", respondeu Conan.

"E onde você iria garantir três mil hiborianos? perguntou Olgerd com grande sarcasmo. "Você vai evocá-los do ar?"

"Eu já os *tenho*", respondeu o cimério, imperturbável. "Três mil homens do antigo exército khauraniano estão no oásis de Akrel agora, aguardando minhas ordens."

"O quê?" Olgerd encarou como um lobo assustado.

"Sim. Os homens que fugiram da tirania de Constâncio. A maioria deles têm vivido a vida dos bandidos no deserto a leste de Khauran, e são agora magros, duros e desesperados como o homem que se alimenta de tigres. Cada um deles será um desafio e tanto para uma parelha de três mercenários. É preciso que haja opressão e sofrimento para endurecer a coragem dos homens e colocar o fogo do inferno em seus músculos. Eles estavam espalhados em pequenos grupos, tudo que precisavam era de um líder. Eles acreditaram nas palavras que eu enviei pelos meus batedores, tendo sido instalados no oásis, e se colocaram à minha disposição."

"Tudo isso sem o meu conhecimento? Irrompeu um brilho ferino nos olhos de Olgerd. Ele tocou na sua arma na cintura.

Conan disse: "Sou *eu* que eles seguem, e não *você!*"

"E o que você poderia dizer a esses párias para ganhar a sua lealdade?" Havia um tom perigoso na voz de Olgerd.

"Eu lhes disse que eu usaria sua horda de lobos do deserto para ajudá-los a destruir Constâncio e dar Khauran de volta para as mãos de seus cidadãos."

“Louco!” sussurrou Olgerd. "Você já se julga chefe?"

Os homens estavam em pé, de frente para o outro defronte à tampa de mesa de ébano, luzes demoníacas dançando nos olhos cinzentos frios de Olgerd, e um sorriso triste nos lábios rígidos do cimério.

"Eu vou ter você dividido entre quatro palmeiras", disse o *Kozak* calmamente.

“Chama os homens e dizê-lhes para fazê-lo! ” desafiou Conan. "Veja se eles obedecem-lhe!"

Arreganhando os dentes em um grunhido, Olgerd ergueu a mão e fez uma pausa. Havia algo sobre a confiança estampada na face escura do cimério que o fazia questionar-se. Seus olhos começaram a arder como os de um lobo injuriado.

“Você, escória das colinas ocidentais”, ele murmurou, "você já ousou tentar minar o meu poder?"

"Eu não preciso", respondeu Conan. "Você mentiu quando disse que eu não tinha nada a ver com a entrada dos novos recrutas. Eu tive tudo a ver com isso. Eles levaram suas ordens, mas lutaram por mim. Não há espaço para dois chefes dos zuagires. Eles sabem que eu sou o homem mais forte. Eu compreendo-os melhor do que você, e eles a mim; "porque eu também sou um bárbaro."

"E o que eles vão dizer quando você pedir-lhes para lutar por Khauran? perguntou Olgerd com ironia.

“Eles vão me seguir. Vou Prometer-lhes uma caravana de camelos cheia do ouro do palácio real. Os khauranianos estarão dispostos a pagar isso, como recompensa para se livrar de Constâncio. Depois disso, eu vou liderá-los contra o turanianos como você planejou. O que eles querem é pilhagem, e eles lutarão por ela contra Constâncio ou contra qualquer outro.”

No pensamento de Olgerd cresceu o reconhecimento da derrota. Em seus sonhos vermelhos de império ele não percebeu o levante que crescia debaixo de suas barbas. Acontecimentos e eventos que pareciam sem sentido até agora voltaram brilhantes a sua mente, com o seu verdadeiro significado desvelado, trazendo junto a percepção de que Conan não falava de ilusões vãs. A figura vestida de negro, o gigante diante dele era o verdadeiro chefe dos zuagires.

"Não, se você *morrer!*" murmurou Olgerd, e sua mão brilhou em direção ao seu punho. Mas, rápido como o bote de um grande gato, o braço de Conan fiscou sobre a mesa e os seus dedos agarraram o antebraço de

Olgerd. Houve um estalo de quebrar de ossos, e, por um momento tenso, a cena congelada: os dois homens de frente para o outro, imóveis como estátuas, a transpiração começando a surgir na testa de Olgerd. Conan riu, nunca diminuindo a pressão sobre o braço quebrado.

"Você está apto para viver, Olgerd?"

Seu sorriso não se alterou enquanto os músculos crispados como cordas de aço ao longo de seu antebraço se enterravam na carne trêmula do *Kozak*. Houve o som de ossos esmigalhados ralando juntos e rosto de Olgerd ficou da cor de cinzas, e sangue escorria do seu lábio, onde seus dentes se afundaram, mas ele não pronunciou som algum.

Com uma risada, Conan recuou e o soltou, e o *Kozak* balançou, segurando a borda da mesa com a mão boa, para se firmar.

"Eu lhe dou a vida, Olgerd, como você deu para mim", disse Conan tranquilamente, "embora fosse para seus próprios fins que você me tirou da cruz. Foi um teste amargo que você me deu, então, você não poderia suportá-lo, nem poderia ninguém, exceto um bárbaro ocidental."

"Leve o seu cavalo e vá embora. Ele está amarrado atrás da tenda, e alimentos e água estão nos alforjes. Ninguém perceberá o seu curso, mas vá rapidamente. Não há espaço para um chefe caído no deserto. Se os guerreiros te verem, mutilado e deposto, nunca deixarão que saia do acampamento vivo.

Olgerd não respondeu. Lentamente, sem dizer uma palavra, ele se virou e saiu pelo outro lado da tenda, através da abertura esvoaçante. Foi sem nada falar que ele subiu na sela do grande garanhão branco que estava preso na sombra de uma grande palmeira, e ainda sem falar, com seu pulso e braço quebrados junto ao peito de sua túnica, ele manejou o cavalo e cavalgou para o leste no deserto aberto, fora da vida dos zuagires.

Dentro da tenda, Conan esvaziou a jarra de vinho e estalou os lábios com prazer. Jogando o reservatório vazio em um canto, ele apertou o cinto e saiu pela abertura da frente, parando por um momento para olhar em varredura sobre as linhas de barracas de camelo que se estendia diante dele, e o número de mantos brancos que se movia entre eles, discutindo, cantando, consertando freios ou aguçando espadas.

Ele levantou a sua voz em um trovão que levou aos mais distantes confins do acampamento: "Ei , seus cães, aguçam os ouvidos e ouçam! Reúnam-se aqui. Eu tenho um conto para contar."

# V

## *A Voz No Cristal*

Em uma câmara numa torre perto da muralha da cidade, um grupo de homens ouvia atentamente as palavras de outro homem. Eram jovens, porém duros e musculosos, com uma experiência que vem apenas para os homens desesperados e pressionados pela adversidade. Eles estavam vestidos com camisas de malha e couro desgastado; espadas estavam penduradas em suas cinturas.

"Eu sabia que Conan falou a verdade quando disse que aquela não era Taramis!" o orador exclamou. "Durante meses, tenho percorrido os arredores do palácio, fazendo o papel de um mendigo surdo. Finalmente eu tive a prova do que eu tinha acreditado - que a nossa rainha é uma prisioneira nas masmorras contíguas ao palácio. Eu aproveitei uma oportunidade e capturei um shemita carcereiro e batí-lhe, deixando-o sem sentidos; deixei o pátio na calada da noite, arrastei-o para a sombra de uma adega próxima e o interroguei. Antes de morrer, ele me disse o que eu acabei de lhes dizer, e o que temos suspeitado todo o tempo todo, que a mulher que está no posto de rainha de Khauran é uma bruxa: chama-se Salomé. Taramis, segundo ele contou, está presa no menor e mais esquecido calabouço."

"Esta invasão vindoura dos zuagires nos dará a oportunidade que procurávamos. O que Conan pretende fazer, eu não posso dizer. Talvez ele apenas deseje vingança contra Constâncio. Talvez ele queira saquear a cidade e destruí-la. Ele é um bárbaro e ninguém pode entender suas mentes."

"Mas isso é o que nós devemos fazer: resgatar a verdadeira Taramis, enquanto a batalha se trava! Constâncio vai marchar para a planície para dar batalha a Conan. Mesmo agora, seus homens já estão montando. Ele vai

fazer isso porque não há alimento suficiente na cidade para suportar um cerco. Conan irrompeu das profundezas do deserto tão bruscamente que não houve tempo para trazer suprimentos. E o cimério está equipado para um cerco. Batedores têm relatado que os zuagires têm máquinas de cerco, construídas, sem dúvida, de acordo com as instruções do cimério, que aprendeu todas as artes de guerra entre as nações ocidentais.”

"Constâncio não deseja um longo cerco, assim ele vai marchar com seus guerreiros para a planície, onde ele espera conseguir espalhar as forças de Conan numa só investida. Ele vai deixar apenas algumas centenas de homens na cidade, e eles vão estar nas muralhas e nas torres, responsáveis pelos portões.”

"A prisão será deixada desprotegida. Depois que tivermos libertado Taramis, nossas próximas ações dependerão de circunstâncias. Se Conan ganha, devemos mostrar Taramis para o povo e dizer-lhes que se unam num levante, e eles irão! Oh, se eles irão! Com suas próprias mãos nuas já são o suficiente para dominar os shemitas deixados na cidade e fechar as portas contra os mercenários e os nômades. Nenhum deles deverá adentrar nossas muralhas! Então, vamos negociar com Conan. Ele sempre foi leal a Taramis. Se ele souber a verdade, e ela pedir-lhe que o faça, eu acredito que ele vai poupar a cidade. Se, o que é mais provável, Constâncio prevalecer, e Conan ser derrotado, a então será preciso que saíamos da cidade com a rainha e busquemos segurança em algum outro sítio.”

“Está tudo claro?”

Eles responderam a uma só voz.

“Então vamos soltar nossas lâminas em nossas bainhas, dedicar nossas almas para Ishtar, e partir para atacar a prisão, pois os mercenários já estão marchando pelo portão sul.”

Isto era verdade. O amanhecer brilhava resplandescente nos capacetes pontiagudos que se derramavam em um fluxo constante através do amplo arco sul, e nas caixas brilhantes dos carregadores de armas. Esta seria uma batalha de cavaleiros, como só é possível nas terras do Oriente. Os cavaleiros trotavam pelas portas como um rio de figuras de aço sombrias em malhas de aço preto e prata, com suas barbas onduladas e narizes em forma de gancho, e seus olhos inexoráveis em que brilhava a fatalidade da sua raça, da absoluta falta de dúvida ou misericórdia.

As ruas e as paredes estavam cheias com uma multidão de pessoas que assistiram em silêncio esses guerreiros de uma raça estrangeira saindo pelas

suas muralhas para defender a sua cidade natal. Não havia nenhum som, evidentemente inexpressivos os khauranianos olhavam, para aqueles guerreiros magros com roupas surradas, seus destinos nas suas mãos.

Em uma torre que dava para a avenida larga que levava ao portão sul, Salomé pendia em um sofá de veludo, cinicamente assistindo como Constâncio colocava a sua espada larga na correia sobre seus quadris estreitos e vestia suas luvas. Eles estavam sozinhos no quarto. Lá fora, o barulho rítmico de arreios e o soar dos cascos dos cavalos brotavam através dos caixilhos de ouro das janelas.

"Antes do anoitecer", profetizou Constâncio, dando um giro de seu bigode fino, "você vai ter alguns cativos para alimentar o seu demônio no templo. Será que ele já não se cansou de carne macia dos civilizados homens da cidade? Talvez goste de saborear os músculos mais difíceis de um homem do deserto."

"Tome cuidado para não cair vítima duma besta tão feroz quanto Thaug", alertou a moça. "Não se esqueça quem é que comanda esses animais do deserto."

"Eu não sou dado a esquecimentos", ele respondeu. "Essa é uma razão pela qual eu estou avançando para encontrá-lo. O cão já lutou no Ocidente e conhece a arte de cerco. Meus batedores tiveram alguns problemas em se aproximar de suas colunas, pois seus guardas têm olhos como os de abutres, mas eles chegaram perto o suficiente para descobrir as máquinas que ele está arrastando em carros puxados por camelos, são catapultas, aríetes, balistas, manganelas - por Ishtar! ele deve ter posto dez mil homens trabalhando dia e noite por um mês. Onde ele conseguiu o material para sua construção é mais do que eu possa compreender. Talvez ele tenha feito um tratado com os turanianos, e receba seus suprimentos deles."

"De qualquer forma, eles não vão lhe trazer nenhuma conquista. Já lutei antes com esses lobos do deserto – uma troca recíproca de flechas por um tempo, na qual meus guerreiros estarão protegidos por suas armaduras; em seguida, uma carga, em que meus esquadrões farão uma varredura através dos enxames soltos de nômades, atravessando-os e espalhando-os a os quatro ventos. Eu vou andar de volta pelo portão sul, antes do pôr-do-sol, com centenas de prisioneiros nus cambaleando na cauda do meu cavalo. Vamos realizar uma bela celebração à noite, na grande praça. Meus soldados deliciar-se-ão esfolando vivos os nossos inimigos, teremos um imenso esfolamento por atacado hoje, o que enfraquecerá ainda mais os

habitantes da cidade. Quanto à Conan, ele vai pagar, me causará um prazer intenso, se o capturarmos vivo, pois vou empalá-lo sobre os degraus do palácio."

"Depele tantos quanto queira", respondeu Salomé com indiferença. "Eu gostaria de um vestido feito de pele humana. Mas pelo menos uma centena de prisioneiros você deve reservar para mim, para o altar e para Thaug."

"Será feito", respondeu Constâncio, com a mão enluvada a escovar para trás o cabelo fino de sua testa alta, queimada pelo sol. "Para a vitória e a justa homenagem a Taramis!" ele disse com ironia, e, tendo seu capacete com viseira debaixo do braço, ele levantou a mão em saudação, e saiu fazendo barulho na câmara. Sua voz ainda se fez ouvir, duramente levantada, dando ordens aos seus oficiais.

Salomé se recostou no sofá, bocejou, esticou-se como um grande gato flexível, e chamou: "Zang!"

Um sacerdote com pés de gato, com uma pele que parecia um pergaminho amarelado esticado sobre um crânio horrendo, entrou sem fazer nenhum barulho.

Salomé dirigiu-se para um pedestal de marfim, em que estavam dois globos de cristal, e tirando dele o globo menor, entregou a esfera reluzente ao sacerdote.

"Vá com Constâncio", disse ela. "Dê-me notícias da batalha. Vá! "

O homem de faces encovadas se curvou, e escondendo o globo sob o seu manto escuro, e saiu correndo da sala.

Lá fora, na cidade não se ouvia nenhum som, exceto o barulho dos cascos e, após um tempo, o barulho de um portão se fechando. Salomé estava sobre uma grande escada de mármore que levava ao dossel de teto plano, feito de mármore com ameias. O local se encontrava acima de todos os outros edifícios da cidade. As ruas estavam desertas, a grande praça em frente ao palácio estava vazia. Em tempos normais a população já evitava o templo sombrio do lado oposto dessa praça, mas agora a cidade inteira parecia uma cidade morta. Só na muralha sul e nos telhados se percebia algum sinal de vida. Lá as pessoas se concentravam em grossas fileiras. Eles não fizeram nenhum tipo de manifestação, não sabendo se torciam pela vitória ou pela derrota de Constâncio. A vitória significaria mais miséria sob seu governo intolerável; a derrota provavelmente significaria o saque da cidade e um massacre vermelho de

sangue. Nenhuma palavra tinha vindo de Conan. Eles não sabiam o que esperar se estivessem em suas mãos. Lembravam-se apenas de que ele era um bárbaro rude.

Os esquadrões de mercenários estavam se movendo para fora da planície. Na distância, perto do rio, outras massas escuras estavam se movendo, quase irreconhecíveis como homens em cavalos. Objetos pontilhavam o banco de areia mais distante; Conan não tinha trazido as suas máquinas de cerco do outro lado do rio, aparentemente temendo um ataque no meio da travessia. Mas ele o tinha cruzado com a força total de seus cavaleiros. O sol nasceu e tingiu reflexos de fogo nas multidões escuras. Os esquadrões da cidade partiram em um só galope, um rugido profundo que chegou aos ouvidos das pessoas na parede.

Com um forte clangor as massas rolantes fundiram-se na batalha, entremeadas no que, à distância, era uma confusão emaranhada em que nenhum detalhe podia ser divisado. Carga e contra-carga não podiam ser identificadas. Uma grande nuvem de poeira se ergueu das planícies, sob os cascos retumbantes, ocultando as ações dos combatentes. Através desta nuvem momentaneamente surgiam vislumbres de massas de cavaleiros, aparecendo e desaparecendo, e as lanças brilhavam.

Salomé deu de ombros e desceu a escadaria. O palácio estava em silêncio. Todos os escravos estavam na muralha, olhando inutilmente para o sul, junto com os cidadãos khauranianos.

Ela entrou na câmara onde havia conversado com Constâncio, e se aproximou do pedestal, observando que o globo de cristal estava nublado, manchado com estrias de sangue carmesim. Debruçou-se sobre a bola, xingando baixinho.

“Zang!” ela chamou. “Zang!”

Névoas rodaram na esfera, revolucionando e ondulando através de nuvens de poeira, em que figuras negras corriam irreconhecíveis, o aço brilhava como um relâmpago na escuridão. Então o rosto de Zang saltou com surpreendente distinção, era como se os olhos arregalados olhassem diretamente para Salomé. O sangue escorria de um corte na cabeça encovada, a pele estava cinza com poeira e suor misturados. Os lábios entreabertos, movendo-se, mas para outros ouvidos que não os de Salomé parecia que o rosto no cristal se contorcia em silêncio. Para a bruxa o som de sua voz veio tão claramente daqueles lábios cinzentos como se o

sacerdote estivesse no mesmo quarto com ela, em vez de a quilômetros de distância, gritando para o cristal menor. Somente os deuses das trevas sabiam que invisíveis filamentos mágicos ligavam aquelas esferas cintilantes.

“Salomé!” gritou a cabeça sangrenta. “*Salomé!*”

"Eu ouço! ela gritou. “Fala! Como vai a luta?”

“Um terrível destino caiu sobre nós!” gritou a aparição encovada. “Khauran está perdida! Ah, meu cavalo foi derrubado e eu não posso ver claramente! Homens estão caindo em torno de mim! Eles estão morrendo como moscas, em suas túnicas prateadas!”

“Pare de tagarelar e me diga o que aconteceu!” ela gritou asperamente.

"Nós chamamos os cães do deserto e eles vieram a nós!” miou o sacerdote. “flechas voaram como nuvens do nosso exército e os nômades vacilaram. Constâncio ordenou o ataque. No mesmo momento nossas fileiras trovejaram para cima deles.”

"Mas então as massas da horda zuagir abriram-se para a direita e para a esquerda, e através da fenda aberta correram três mil cavaleiros hiborianos, de cuja presença ninguém sequer suspeitava. Homens de Khauran, loucos de ódio! Grandes homens com armadura completa, montando enormes cavalos! Em uma cunha sólida de aço feriram-nos como um raio. Eles separaram as nossas fileiras em pedaços antes de nós soubéssemos o que se abatia sobre nós, e então os zuagires do deserto atacaram-nos de ambos os flancos.”

“Eles rasgaram nossas fileiras, quebrando-nos e espalhando-nos! É um truque do diabólico Conan! As máquinas de cerco são falsas - meros quadros de troncos de palmeiras e seda pintada, que enganaram nossos batedores que as viam de muito longe. Um truque para nos atrair para a nossa desgraça! Nossos guerreiros fugiram! Khumbanigash caiu - Conan o matou. Eu não vejo Constâncio. A raiva khauraniana caiu sobre nossas massas moendo como leões de louco sangue, e os homens do deserto nos espetam com muitas flechas, eu...*Ahh!*”

Houve um lampejo como o de um relâmpago, ou de aço cortante, uma explosão brilhante de sangue em seguida, e de repente a imagem sumiu, como se uma bolha estourasse, e Salomé estava olhando para uma bola de cristal vazia, que refletia apenas os seus próprios esgares de fúria.

Ela esteve perfeitamente imóvel por alguns instantes, ereta e olhando para o espaço. Em seguida, ela bateu palmas e outro sacerdote sinistro

entrou, tão silencioso e imóvel como o primeiro.

"Constâncio foi batido", disse ela rapidamente. "Estamos condenados. Conan estará às nossas portas dentro de uma hora. Se ele me capturar, eu não tenho ilusões sobre que destino me aguarda. Mas primeiro eu vou ter certeza de que minha irmã amaldiçoado nunca mais subirá ao trono novamente. Siga-me! Aconteça o que acontecer, vamos dar um banquete para Thaug."

Enquanto descia as escadas e galerias do palácio, ela ouviu um eco fraco que ia aumentando, vindo das muralhas distantes. As pessoas lá posicionadas começaram a perceber que a batalha estava pendendo contra Constâncio. Através das nuvens de poeira massas de cavaleiros eram visíveis, correndo em direção à cidade.

O palácio e a prisão eram ligados por uma galeria há muito fechada, cujo teto rosa abobadado se alongava sob arcos sombrios. Apressando-se ao longo desta, a falsa rainha e seu escravo passaram por uma pesada porta na outra extremidade da galeria, que os deixou nos recessos mal-iluminados da prisão. Eles surgiram em um amplo corredor em arco num ponto perto de onde uma escada de pedra descia para a escuridão. Salomé recuou de repente, praguejando. Na penumbra do corredor havia uma forma, um imóvel carcereiro shemita, sua barba curta se inclinando em direção ao telhado, pois sua cabeça estava pendurada do pescoço meio cortado. Quando ofegantes vozes vindas de baixo chegaram aos ouvidos da feiticeira, ela recuou para a sombra negra de um arco, empurrando o sacerdote atrás dela, enquanto sua mão tateava em sua cintura.

## VI

### *As Asas Do Abutre*

Foi a luz fumarenta de uma tocha que despertou Taramis, rainha da Khauran, do sono em que ela procurava o esquecimento. Erguendo-se sobre suas mãos, ela penteou para trás seu cabelo emaranhado e piscou, esperando encontrar o rosto zombeteiro de Salomé, a maligna com novos e inimaginados tormentos. Em vez disso um grito de piedade e horror chegou a seus ouvidos.

“Taramis! Oh, minha rainha!”

O som era tão estranho aos seus ouvidos que ela pensou que ainda estivesse sonhando. Atrás da tocha ela agora podia entrever figuras indistintas, o brilho do aço e, em seguida, cinco rostos se inclinando sobre ela, não faces morenas e de nariz adunco, mas magras e de feições aquilinos, bronzeadas pelo sol. Ela se agarrou aos seus farrapos, olhando freneticamente.

Uma das figuras saltou para a frente e caiu de joelhos diante dela, os braços esticados suplicantemente para ela.

“Oh, Taramis! Graças a Ishtar, nós encontramos você! Você se lembra de mim, Valério? Uma vez com seus próprios lábios que você me elogiou, depois da batalha de Korveka!”

“Valério! ela gaguejou. De repente, as lágrimas brotaram em seus olhos. “Oh, eu sonho! É um pouco da magia negra de Salomé que me atormenta!”

“Não!” O grito soou com exultação. “São seus próprios e verdadeiros vassallos que vêm para salvá-la! No entanto, devemos apressar-nos. Constâncio combate agora na planície contra Conan, que trouxe os zuagires do outro lado do rio, mas trezentos shemitas ainda permanecem na cidade. Matamos o carcereiro e tomamos suas chaves, e não vimos nenhum outro guardas. Mas temos de ir embora. Venha!”

As pernas da rainha cederam, não de fraqueza, mas devido a tensão. Valerius a ergueu como se fora uma criança, e com o portador da tocha correndo a frente deles, deixaram o calabouço e subiram uma escada de pedra escorregadia. Ela pareceu se estender infinitamente, mas finalmente eles saíram em um corredor.

Estavam passando um arco escuro quando a tocha foi subitamente derrubada, e seu portador gritou em breve e feroz agonia. Uma explosão de fogo azul relampejou no corredor escuro; o rosto furioso de Salomé foi delineado momentaneamente, assim como o uma figura bestial agachada ao

lado dela, antes dos olhos dos fugitivos serem cegados por essa explosão repentina de luz azulada.

Valério, momentaneamente cego, tentou escapar ao longo do corredor com a rainha; confusamente ele ouviu o som de golpes assassinos cravados na carne, acompanhado por gritos de morte e um grunhido bestial. Em seguida, a rainha foi brutalmente arrancada de seus braços, e um golpe selvagem em seu capacete derrubou-lhe no chão.

Sombriamente, ele se arrastou pé ante pé, balançando a cabeça, em um esforço para livrar-se da chama azul ofuscante, que parecia ainda dançar diabolicamente defronte dele. Quando seus olhos se desanuviaram, ele encontrou-se no corredor, sozinho, exceto pelos mortos. Seus quatro companheiros estavam caídos em seu sangue, com cortes e fissuras nas cabeças e peitos. Cegos e confundidos pelo brilho saído do inferno, haviam morrido sem a oportunidade de se defender. A rainha sumira.

Com uma imprecação amarga, Valério pegou sua espada, tirando seu capacete fendido, para fazer cessar os sinos que retiniam dolorosos em sua cabeça, enquanto o sangue escorria pelo rosto de um corte no couro cabeludo.

Cambaleando, freneticamente, ele ouviu uma bela voz chamando seu nome com uma urgência desesperada: “Valerius! *Valerius!*”

Ele cambaleou na direção da voz, e virou uma esquina do corredor, bem na hora de ter os braços cheios por uma figura suave e flexível, que se atirou freneticamente sobre ele.

“Ivga! Você está louca?”

"Eu tinha que vir!" soluçou. "Segui-o, escondida em um arco do pátio exterior. Um momento atrás eu vi *ela* sair com um bruto, que carregava uma mulher em seus braços. Eu sabia que era Taramis, e que você tinha falhado! Oh, você está ferido!"

“Um arranhão! Ele colocou de lado suas mãos agarradas. "Rápido, Ivga, diga-me para que lado eles foram!

"Eles fugiram, atravessando a praça em direção ao templo.”

Ele empalideceu. “Ishtar! *Oh, o demônio!* Ela pretende dar Taramis ao diabo que ela adora! Rápido, Ivga! Corra para a parede sul, onde as pessoas assistem a batalha! Diga a todos que a sua verdadeira rainha foi encontrada, e que a impostora a arrastou até o templo! *Vá!*”

Soluçando, a menina adiantou-se, suas sandálias leves tamborilando sobre os paralelepípedos, e Valerius correu pela quadra, mergulhou pela rua,

correu para a praça em que esta desembocava, e então para a grande estrutura que crescia no lado oposto.

Seus pés voando mal tocavam o mármore enquanto ele dardejou até a grande escada e através do pórtico de pilares. Evidentemente, a prisioneira tinha criado dificuldades aos seus captores. Taramis, temendo o castigo destinado a ela, estava lutando contra o laçao de Salomé com toda a força de seu esplêndido corpo jovem, enquanto desciam uma escadaria. Por um momento ela conseguiu escapar do sacerdote brutal, apenas para ser arrastada para baixo por ele novamente.

O grupo estava a meio caminho da ampla nave, na outra extremidade da qual ficava o altar sombrio e, além deste, a grande porta de metal, obscenamente entalhada, pela qual muitos tinham entrado, mas da qual só Salomé havia saído. A respiração de Taramis veio em suspiros ofegantes, seu vestuário esfarrapado tinha sido arrancado de seu corpo na luta. Ela se contorcia no aperto de seu captor simiesco como uma branca ninfa nua nos braços de um sátiro. Salomé observava cinicamente, embora impaciente, movendo-se em direção à porta entalhada, e através das paredes altas o anoitecer parecia ter imbuído de uma vida devassa os deuses obscenos e gárgulas de pedra esculpidas que olhavam de soslaio para baixo.

Engasgado com sua fúria, Valerius correu para o grande salão, de espada na mão. Com um grito agudo de Salomé, o sacerdote com cara de crânio olhou para cima, soltando Taramis, e sacou uma faca pesada, já manchada de sangue, correndo na direção do khauriano que se aproximava.

Mas cortar homens cegados pela chama demoníaca liberada por Salomé era bem diferente de lutar contra um jovem guerreiro hyboriano, envolto em ódio e raiva.

O sacerdote levantou a faca pingando sangue, mas antes que pudesse usá-la a lâmina estreita de Valério cortou pelo ar, e o punho que segurava a faca saltou fora do braço do bruto, decepado em um só jorrar de sangue. Valerius, furioso, cortou de novo e mais uma vez, até que a figura simiesca caiu. A lâmina correu, atravessando carne e osso. A cabeça encovada caiu para um lado, o torso fendido de um lado a outro.

Valerius girou na ponta dos pés, rápido e feroz como um gato selvagem, olhando na direção de Salomé. Ela devia ter esgotado seu fogo bruxuleante na prisão. Ela estava debruçada sobre Taramis, agarrando os cachos negros de sua irmã em uma mão, na outra elevando um punhal afiado. Em seguida, com um grito, a espada do feroz Valerius voou, arremessada no peito da

feiticeira com tanta fúria que a ponta apareceu por entre seus ombros. Com um grito terrível, a bruxa afundou, contorcendo-se em convulsões, agarrando a lâmina nua como se a quisesse retirar, soltando fumaça e pingando sangue. Seus olhos pareciam desumanos, e foi com uma vitalidade sobrehumana que ela se agarrou à vida que fluía dela, através da ferida que dividia o crescente vermelho sobre o peito de marfim. Ela rastejou no chão, arranhando e mordendo as pedras nuas em sua derradeira agonia.

Enojado com a visão, Valerius, que havia chegado até elas, inclinou-se e levantou a rainha desfalecida. Virando as costas para a figura retorcendo-se no chão, ele correu em direção à porta, tropeçando na sua pressa. Ele cambaleou para fora do pórtico elevado e do templo, detendo-se no topo da escadaria. A praça estava repleta de pessoas. Alguns tinham respondido aos apelos incoerentes de Ivga; outros tinham abandonado as muralhas com medo das hordas ferozes que se estendiam no deserto, fugindo irracionalmente em direção ao centro da cidade. O mutismo da população havia desaparecido. A multidão fervia e convulsionava, gritando e gritando. Sobre a praça ressoou de algum lugar o som alto da fragmentação de pedra e madeira maciças.

Um bando de shemitas sombrios romperam a multidão - os guardas do portão do norte, correndo em direção ao portão sul para reforçar os seus companheiros por lá. Eles refrearam-se de súbito, com a visão do jovem sobre os degraus, carregando a figura nua desmaiada nos braços. Os líderes da multidão incitaram-na contra os shemitas recém-chegados a praça, uma nova confusão adicionada à outra num só turbilhão.

“Aqui está é a sua verdadeira rainha!” gritou Valerius, esforçando-se para se fazer entender por cima do clamor dos gritos. O povo estava numa confusão desnordeada. Eles não o entendiam, e Valerius procurou, em vão, levantar a voz acima do tumulto. Os shemitas avançavam em direção aos degraus do templo, abrindo caminho através da multidão com suas lanças.

Em seguida, um novo elemento cruento introduziu-se no frenesi. Saindo da escuridão do templo atrás de Valerius vacilou um vulto branco fino, manchado de vermelho. O povo gritou, pois nos braços de Valerius estava uma mulher que parecia ser a rainha, e lá na porta do templo cambaleou outra figura idêntica, como se fosse um reflexo desta. Todos estavam confusos. Valerius sentiu o sangue congelar, enquanto olhava para a bruxa

cambaleante. Sua espada a tinha atravessado, trespassou seu coração. Ela deveria estar morta, por todas as leis da natureza, ela devia ser agora um cadáver. No entanto, lá estava ela trôpega, sobre seus pés, agarrando-se horripelmente à vida.

“Thaug!” ela gritou, cambaleando na porta. “*Thaug!*”

Como em resposta a essa invocação terrível lá na escuridão do templo cresceu um coaxar estrondoso de dentro do templo, o estalar de madeira e metal quebrando-se.

"Aquela é a rainha!" rugiu o capitão dos shemitas, erguendo seu arco. "Abatam o homem e a outra mulher!"

Mas o rugido da descoberta da verdade irrompeu do povo, pois eles tinha adivinhado a verdade finalmente, entendendo os apelos frenéticos de Valério, e já sabiam que a garota que pendia inerte em seus braços era a sua verdadeira rainha. Com um grito de gelar a alma, eles se voltaram contra os shemitas, rasgando e ferindo com dentes e as mãos e unhas nuas, no desespero da fúria, duramente reprimida até então, finalmente deflagrada. Acima deles Salomé balançou e caiu pelas escadas de mármore, finalmente morta.

Flechas caíram sobre Valerius enquanto ele corria de volta para o templo, por entre os pilares do pórtico, protegendo o corpo da rainha com o seu próprio. A multidão Os shemitas montados atiravam e cortavam impiedosamente, pois estavam conseguindo resistir à multidão enlouquecida. Valerius, enquanto se lançava para o interior do templo, já com um pé no limiar da porta, subitamente recuou, gritando de horror e desespero.

Além da escuridão, do outro lado do grande salão uma grande forma escura se ergueu, vindo correndo em direção a ele em grotescos saltos como os de um sapo monstruoso. Ele vislumbrou os grandes olhos sobrenaturais e o brilho de presas e garras aduncas. Ele caiu para trás da porta, e então o zumbido de uma seta passando rente a sua orelha o lembrou que a morte também se encontrava por detrás dele. Ele se virou, desesperado. Quatro ou cinco shemitas tinham aberto caminho através da multidão e estavam estimulando seus cavalos a subir os degraus, com os seus arcos já levantados para matá-lo. Ele pulou para trás de um pilar, no qual as setas se estilhaçaram. Taramis tinha desmaiado novamente. Ela pendia como uma morta em seus braços.

Antes dos shemitas poderem atirar novamente, a porta estava bloqueada pela horripilante forma titânica. Com atemorizados gritos os mercenários se voltaram para trás e começaram a se enfiar de maneira frenética por entre a multidão, que os esmagava de volta, num horror galvanizado, atropelando uns aos outros em sua debandada histérica.

Mas o monstro parecia estar perseguindo Valerius e a moça em seus braços. Espremendo seu vasto, instável corpo através da porta, ele saltou na direção deles, enquanto Valerius descia os degraus dasabaladamente. Ele sentiu a criatura aproximando por trás dele, uma coisa gigante e sombria, como uma caricatura da natureza talhada do coração da noite, uma deformidade preta na qual apenas os olhos arregalados e as brilhantes presas eram distinguidos.

Houve um trovejar repentino de cascos; uma torrente confusa de shemitas, sangrentos e maltratados surgiu no sul da praça, correndo cegamente através da multidão embaralhada. Os perseguiram uma horda de cavaleiros, gritando em uma língua familiar, acenando espadas vermelhas de sangue - os exilados khauranianos voltaram! Com eles montavam cinquenta nômades barbudos do deserto, e à frente deles uma figura gigantesca em cota de malha negra.

“Conan!” gritou Valerius. “*Conan!*”

O gigante gritou um comando, sem sequer verificar onde estavam seus comandados, e os homens do deserto levantaram os seus arcos, armaram e soltaram suas flechas. Uma nuvem de setas cantou de um lado a outro da praça, por cima das cabeças ardentes de multidões, e se enterraram profundamente no corpo do monstro negro. Ele parou e vacilou, hesitante, uma mancha negra contra os pilares de mármore. Mais uma vez a nuvem afiada cantou, e mais uma vez, até que o horror caiu e rolou escada abaixo, tão morto quanto a bruxa que tinha o convocado das profundezas abissais da noite dos tempos.

Conan puxou as rédeas de seu cavalo ao lado do pórtico, e saltou ao chão, indo até os dois sobreviventes. Valerius tinha colocado a rainha sobre o mármore, afundando-se ao lado dela em exaustão total. As pessoas subiram as escadas, aglomerando ao redor deles. O cimério os despachou dali, levantando a moça, com sua cabeça apoiada contra seu forte ombro.

"Por Crom, o que é isso? A real Taramis! Mas quem é aquela lá? "

"O demônio que usava sua forma", arquejou Valerius.

Conan xingou de todo coração. Rasgando uma capa dos ombros de um soldado, ele envolveu-a na rainha nua. Seus longos cílios escuros tremeram em suas bochechas, seus olhos se abriram, olhando incrédula para o rosto cheio de cicatrizes do cimério.

“Conan! Seus dedos macios o agarraram. "Eu sonho? *Ela* me disse que você estava morto.”

“Difícilmente! Ele sorriu de volta. “Você não sonha. Você é a rainha de Khauran novamente. Eu quebrei Constâncio, lá perto do rio. A maioria de seus cães nunca viverá para alcançar as muralhas, pois dei ordens para que não se façam prisioneiros, exceto por Constâncio. A guarda da cidade fechou o portão na nossa cara, mas o abrimos com um aríete. Deixei todos os meus lobos do lado de fora das muralhas, aparte desses cinquenta. Eu não confio neles aqui, e estes khauranianos foram suficientes para lutar contra os guardas do portão.

"Foi um pesadelo!" ela choramingou. "Oh, meus pobres! Você deve me ajudar a tentar recompensá-los por tudo o que sofreram, Conan, doravante serás vereador, bem como capitão!"

Conan riu, mas balançou a cabeça. Levantando-se, pôs a rainha a seus pés, e acenou para um número de seus cavaleiros khauranianos que não haviam continuado a prossecução dos shemitas em fuga. Eles baixaram de seus cavalos, ansiosos para atenderem às ordens de sua recém-encontrada rainha.

"Não, esqueça isso, esse tempo passou. Eu sou chefe dos zuagires agora, e devo levá-los para saquear o turanianos, como prometi. Este rapaz, Valerius, será para você um melhor capitão do que eu – não fui feito para habitar no meio de paredes de mármore, de qualquer maneira. Mas eu tenho que deixá-los agora, e completar o que comecei. Ainda vivem shemitas em Khauran.”

Enquanto Valério seguia Taramis até o outro lado da praça, em direção ao palácio, através de um caminho aberta pela multidão que aplaudia loucamente, ele sentiu uma mão macia escorregando timidamente por entre seus dedos vigorosos e voltou-se para receber o corpo esbelto de Ivga em seus braços. Ele esmagou-a contra si e bebeu de seus beijos com a gratidão de um lutador cansado que alcançou o descanso afinal, através da tribulação e tempestade.

Mas nem todos os homens procuram descanso e paz, alguns nascem com o espírito da tempestade no seu sangue, arautos inquietos de violência e

derramamento de sangue, sabendo que não há outro caminho....

O sol estava nascendo. A antiga estrada das caravanas estava repleta de cavaleiros vestidos de branco, em uma linha ondulante, que se estendia desde as paredes de Khauran até algum lugar ao longe, na planície. Conan, o cimério se sentou à frente dessa coluna, perto do fim irregular de uma viga de madeira que se destacava para fora do chão. Próxima dali subia uma pesada cruz de madeira maciça, e na cruz estava pendurado um homem por pregos cravados em suas mãos e pés.

"Sete meses atrás, Constâncio", disse Conan , "era eu que estava pendurado aí, e você que se sentava aqui."

Constâncio não respondeu, apenas lambeu os lábios acinzentados; seus olhos estavam vidrados de dor e medo. Músculos se contorciam como cordas ao longo de seu corpo magro.

"Você está mais apto para infligir tortura do que para suportá-la ", disse Conan tranquilamente. "Eu estive pendurado na cruz como você está agora, e eu sobrevivi, graças às circunstâncias e à resistência peculiar dos bárbaros. Mas vocês, homens civilizados, são suaves; suas vidas não são pregadas às suas espinhas como são as nossas. Sua fortaleza consiste principalmente em infligir tormento, não em suportá-lo. Você vai estar morto antes do anoitecer. E assim, Falcão, deixo-vos com a companhia de um outro pássaro do deserto."

Ele gesticulou em direção aos abutres, cujas sombras magras varriam as areias em lentas revoluções. Dos lábios de Constâncio veio um grito desumano de desespero e horror.

Conan ergueu as rédeas e seguiu em direção ao rio que brilhava como prata ao sol da manhã. Atrás dele, os cavaleiros vestidos de branco bateram em um trote; o olhar de cada um, quando passava por esse determinado ponto, virava-se de forma impessoal e com a falta de compaixão do homem do deserto em direção à cruz e a figura magra que estava pendurada lá, negra contra o nascer do sol . Os cascos dos seus cavalos batiam com força uma sentença de morte na poeira. E mais e mais desciam as asas dos abutres famintos.

# AS JÓIAS DE GWAHLUR

## *Jewels of Gwahlur*

### I

#### *Os caminhos da intriga*

Os penhascos se erguiam verticalmente da selva. Constituíam elevadas muralhas de pedra que brilhavam com resplendor azul e vermelho sob os raios do sol e se curvavam à distância, a leste e oeste, por cima do ondulante oceano de árvores. Pareciam um obstáculo insuperável, mas, apesar disso, havia um homem subindo pelas rochas, e já se encontrava na metade do caminho.

O homem pertencia a uma raça de montanhese, acostumados a escalar penhascos inacessíveis. Além disso, tinha uma força e uma agilidade pouco comuns. Usava como única roupa um par de calças vermelhas, e sandálias penduradas às costas, assim como sua espada e adaga.

O homem era alto, robusto e esbelto. Sua pele estava bronzeada pelo sol e sua cabeleira estava amarrada às têmporas com uma faixa prateada. Seus poderosos músculos, a vista aguçada e os pés firmes lhes eram de grande utilidade ali, pois aquele penhasco punha à prova as qualidades do melhor escalador. Cinquenta metros abaixo, estava a selva. Faltava— lhe uma distância similar para chegar ao topo, que recortava-se contra o céu da manhã.

Agia como que empurrado pela necessidade ou pela pressa, apesar de que se via obrigado a avançar bem devagar, agarrando-se com todas suas forças às saliências rochosas. Seus dedos encontravam cavidades e saliências, mas em muitas ocasiões sustentava-se praticamente com as unhas. No entanto, continuava subindo; arranhava-se e suava a cada passo. Às vezes, parava para descansar seus músculos doloridos e para enxugar o suor de sua testa. Então, seu olhar percorria a espessura, pra ver se percebia algum sinal de seres humanos.

Agora, o topo não estava tão distante, e ele viu, acima de sua cabeça, uma abertura na rocha uniforme do penhasco. Pouco depois, alcançou a abertura. Tratava-se de uma pequena cova, situada logo abaixo da parte superior do talude. Quando sua cabeça estava acima da beirada da cova, o homem grunhiu e ficou com os cotovelos apoiados na saliência. Mais que uma cova, aquilo parecia um nicho talhado na pedra. Dentro dele havia um ocupante. Tratava-se de uma enrugada múmia pardacenta que estava sentada no chão da cova, com as pernas cruzadas, os braços dobrados sobre o peito ossudo e a cabeça afundada. Seus membros estavam amarrados com tiras de couro que se transformaram em simples fios apodrecidos. Se a múmia usara alguma vez uma roupa, as inclemências do tempo fizeram-na desaparecer completamente. Mas, entre os braços e o peito, se via um rolo de pergaminho amarelo-marfim.

O homem estendeu seu longo braço e se apoderou do pergaminho. Sem parar para olhá-lo, o guardou debaixo de seu cinto e tomou impulso até ficar de pé sobre o chão da cova. Deu um pequeno salto e agarrou-se à borda superior do talude. Logo, com outro impulso, completou sua ascensão.

Uma vez no alto, parou ofegante, e olhou pra baixo pelo outro lado.

Era como olhar pra dentro de uma enorme tigela, bordeada por uma parede circular de pedra. O chão da tigela estava coberto por árvores e por uma densa vegetação, embora não fosse tão compacta quanto a da selva lá fora. Os paredões se prolongavam continuamente ao redor do enorme vale. Tratava-se de um acidente geográfico tão raro que talvez não tivesse igual em todo o mundo. Aquele anfiteatro natural media meia légua de diâmetro, mais ou menos, e estava isolado do resto do mundo pelos escarpados taludes rochosos que rodeavam-no.

Mas o homem que estava em cima não parou para admirar aquele fenômeno topográfico. Examinou atentamente as copas das árvores que haviam debaixo dele e suspirou de alívio, ao avistar o brilho de umas

cúpulas de mármore entre o espesso verdor da floresta. Então, ele pensou, não era um mito; diante de seus olhos, encontrava-se o fabuloso e desabitado palácio de Alkmeenón.

Conan da Ciméria, também chamado das Ilhas Barachas, da Costa Negra e de muitos outros lugares pra onde suas aventuras o levaram, tinha ido ao reino de Keshan, atraído pela lenda de um fabuloso tesouro que superava o dos reis de Turan.

Keshan era um reino bárbaro situado na zona oriental de Kush, onde os grandes prados se misturavam com as florestas que estendiam-se na direção sul.

Os habitantes da região eram de diferentes raças misturadas, e uns nobres de pele escura governavam a maioria, de negros puros. Os governantes — príncipes e grandes sacerdotes — diziam descender de uma raça branca que, em épocas remotas, havia governado um reino cuja capital era Alkmeenón. Uma série de lendas tentava explicar o motivo da decadência da raça e do abandono da cidade por parte dos sobreviventes. Igualmente vagos eram os relatos sobre os Dentes de Gwahlur, o tesouro de Alkmeenón. Mas aquelas lendas incertas haviam bastado para levar Conan até Keshan, depois de ter atravessado grandes distâncias através das planícies, selvas tropicais e montanhas.

Uma vez em Keshan — considerado um país mítico por numerosos povos do norte e do oeste -, ouviu o suficiente para achar que podia dar crédito aos rumores acerca do tesouro chamado de Os Dentes de Gwahlur. Mas não pôde investigar o local exato onde se encontrava o tesouro e, assim sendo, teve que dar logo uma explicação a respeito de sua presença em Keshan, onde os estrangeiros não eram bem-vindos.

Sem deixar-se intimidar, fez sua oferta com toda a frieza e segurança aos desconfiados nobres do reino bárbaro. Disse que era um guerreiro profissional, que chegara a Keshan em busca de trabalho. Por uma quantia determinada, treinaria as tropas do reino e guiaria-as contra Punt, seu inimigo ancestral, cujos êxitos recentes no campo de batalha haviam suscitado a fúria do irascível rei keshaniano.

Esta proposta não era tão insensata quanto parecia, posto que a fama de Conan havia chegado até aquele país distante. Suas façanhas como chefe dos corsários negros nas costas do sul haviam tornado seu nome conhecido, respeitado e temido em todos os reinos negros. Nem sequer se negou a realizar as provas que lhe impuseram os senhores de pele escura. As

escaramuças eram incessantes nas zonas fronteiriças, e permitiram que, em numerosas oportunidades, o cimério demonstrasse sua destreza na luta corpo-a-corpo. Seu arrojo e ferocidade impressionaram os governantes de Keshan que, também conhecendo sua reputação, se mostraram muito bem predispostos para com o bárbaro.

O que Conan desejava secretamente era conseguir aquele trabalho, para poder justificar sua presença em Keshan o tempo suficiente e conseguir, assim, descobrir o tesouro dos Dentes de Gwahlur. Então, ocorreu um fato inesperado: Tuthmekri chegou a Keshan à frente de uma embaixada de Zimbabo.

Tuthmekri era um aventureiro stígio que conhecera Conan há muito tempo, embora ambos sentissem pouca amizade. Tuthmekri também tinha uma proposta para o rei de Keshan, relacionada com a conquista de Punt. Este reino, que ficava a leste de Keshan, havia expulsado, há pouco tempo, todos os mercadores de Zimbabo, depois de incendiar seus estabelecimentos.

Sua oferta superava até a de Conan. Tuthmekri se comprometia a invadir Punt do leste, com um exército de lanceiros negros, arqueiros shemitas e mercenários, ajudando o rei de Keshan a anexar o reino hostil. Os benévolos reis de Zimbabo só queriam o monopólio do comércio, com Keshan e seus tributários, e, como prova de boa fé, uma parte do tesouro dos Dentes de Gwahlur. Tuthmekri se apressou em esclarecer, aos desconfiados chefes de Keshan, que o tesouro não seria tocado, e sim colocado no templo maior de Zimbabo, junto aos ídolos de ouro, de Dagon e Derketo. Deste modo, selar-se-ia o acordo entre Keshan e Zimbabo. Tais manifestações foram favoráveis a Conan.

O cimério não tentou confrontar sua astúcia e capacidade de intriga com as de Tuthmekri e seu amigo shemita, Zargheba. Mas sabia que, se Tuthmekri ganhasse, pediria a eliminação de seu rival. A Conan não restava outra solução: encontrar o tesouro antes que o rei de Keshan se decidisse — pois decidiria, provavelmente, em favor de Tuthmekri -, e fugir com o que pudesse. Mas o cimério estava certo de que o tesouro não se encontrava em Keshan, a cidade real, que era um conjunto de cabanas de tijolo cru, com tetos de palha, que rodeavam um muro; dentro deste, encontrava-se uma espécie de palácio de pedra, barro e bambu.

Enquanto Conan se consumia de impaciência, buscando dados sobre o tesouro, o grande sacerdote Gorulga anunciou que, antes de tomar qualquer

decisão sobre a aliança com Zimbabo, tinha de consultar a vontade dos deuses, através do oráculo de Alkmeenon.

Aquilo infundia medo e inquietou os moradores do palácio e das choças vizinhas. Durante um século, nenhum sacerdote havia visitado a cidade deserta. O oráculo — diziam — era a princesa Yelaya, a última governante de Alkmeenon, que havia morrido ainda jovem e bela, e cujo corpo havia se conservado miraculosamente intacto através dos anos. Desde épocas remotas, os sacerdotes se dirigiam à cidade encantada, onde ela ensinava-lhes sua sabedoria. O último sacerdote que consultou o oráculo foi um homem perverso, que tentava

apropriar-se das valiosas jóias que os homens chamavam de Os Dentes de Gwahlur. Mas alguma maldição havia caído sobre ele na cidade deserta, porque, ao fugirem dali, seus acólitos contaram tamanhos horrores que, durante cem anos, nenhum dos aterrorizados sacerdotes ousou aproximar-se da cidade, nem do oráculo.

Atualmente, Gorulga era o sumo-sacerdote. Este tinha confiança em sua administração, e anunciou que iria com um punhado de homens para reviver o antigo costume. Com a empolgação que o fato causou, as pessoas falavam sem parar, e Conan captou, finalmente, o indicio que aguardava há várias semanas. Ouviu-o da boca de um sacerdote menor, e o cimério abandonou imediatamente a cidade na véspera do dia em que os sacerdotes o fariam.

Depois de cavalgar durante duas noites e um dia, chegou, ao amanhecer, aos paredões de Alkmeenon, que encontrava-se na área sudeste do reino, entre uma selva quase inexplorada, evitada pela maioria dos homens. Ninguém, exceto os sacerdotes, ousava aproximar-se do local enfeitado, e nem mesmo estes haviam entrado em Alkmeenon nos últimos cem anos.

Nenhum homem havia conseguido subir por aqueles paredões, e ninguém, além dos sacerdotes, conhecia a entrada secreta que levava ao interior do vale. Conan não perdeu tempo procurando a entrada secreta. As paredes, que assustavam os habitantes das planícies e das florestas, não eram inacessíveis para um homem nascido nas montanhas da Ciméria.

Agora, o bárbaro se encontrava no alto do penhasco e estava olhando pra baixo, em direção ao vale circular. Se perguntou que praga, guerra ou superstição teria feito aquelas pessoas de uma antiga raça branca abandonarem sua fortaleza natural, para irem misturar-se com as tribos negras que cercavam a área.

Aquele vale fora sua cidadela. Ali se encontrava o palácio real e, no dito vale, só haviam vivido os reis e seus cortesãos. A cidade real se encontrava fora do vale cercado pelo talude, e a densa vegetação escondia agora suas ruínas. Assim pois, as cúpulas que brilhavam diante do cimério eram as da antiga morada dos reis de Alkmeenon e pareciam ter desafiado com êxito o passar do tempo.

Conan passou uma perna sobre a beirada e começou a descer. A face interna do penhasco era mais quebrada, não tão lisa, razão pela qual demorou menos da metade do tempo em descer do que demorara em subir.

Com a mão no cabo da espada, o cimério olhou cautelosamente a seu redor. Não havia razão alguma para acreditar que havia homens em Alkmeenon, que tinha fama de estar deserta e povoada apenas por espectros de um passado remoto; mas Conan era desconfiado e cauteloso por natureza.

Ali reinava um silêncio absoluto. Não se movia uma única folha no vale. Quando se inclinou para olhar entre as árvores, o bárbaro não viu mais que as intermináveis filas de troncos que se estendiam à distância.

Mesmo assim, seguiu em frente, com extremo cuidado, observando inquietamente cada uma das sombras que se via a seu redor e sem fazer o menor ruído. Começou a encontrar sinais evidentes de uma antiga civilização; fontes de mármore secas e meio caídas, que erguiam— se em algumas clareiras do bosque. Os capins e matagais haviam enchido os jardins, mas ainda podia-se apreciar a primitiva disposição daqueles parques. Largas calçadas se estendiam sob as copas das árvores, mas o pavimento estava rachado e semeado de capins. Viu muros cuidadosamente talhados, que pareciam ter pertencido a antigos pavilhões de caça.

Diante do cimério, entre as árvores, dava para avistar as cúpulas e o edifício que as sustentava. Finalmente chegou a uma grande clareira e se encontrou diante das colunas do pórtico do palácio.

Ao subir pelos amplos degraus de mármore, Conan percebeu que o edifício estava em muito melhor estado de conservação que as demais construções, vistas até o momento. Os grossos muros e os pilares maciços eram, sem dúvida, resistentes demais para que o tempo os abalasse. A mesma quietude real pairava sobre todo o lugar. Apesar da suavidade das pisadas de Conan, que andava como um felino, seus passos pareciam ressoar ruidosamente no denso silêncio.

Em algum lugar daquele palácio, encontrava-se a imagem que, em tempos passados, servira como oráculo aos sacerdotes de Keshan. E, também no palácio, a menos que o sacerdote houvesse mentido, estava escondido o tesouro dos reis de Alkmeenon.

O bárbaro passou por um enorme vestíbulo cercado por altas colunas que formavam arcadas, entre as quais havia portas cuja madeira estava ressecada pela passagem do tempo. Continuou avançando na meia-penumbra e, no outro extremo da sala, passou por uma entrada, cujas portas de bronze estavam entreabertas. Entrou num amplo salão abobadado, que certamente havia servido como local de audiências aos reis de Alkmeenon.

O recinto tinha forma octogonal, e a cúpula no teto tinha numerosas clarabóias, de modo que a claridade ali era mais intensa que nas salas anteriores. No outro extremo, havia um estrado com degraus de lápis-lazúli, que conduziam a um trono maciço com braços talhados e um alto recosto. Conan grunhiu e seus olhos cintilaram. Estava diante do trono de ouro de Alkmeenon, do qual falavam as lendas! O cimério observava-o com olhar de conhecedor e disse a si mesmo que, por si só, valeria uma fortuna, caso conseguisse levá-lo. Aquele trono acendeu a imaginação do cimério a respeito do que poderia ser o verdadeiro tesouro. Ansiava afundar os dedos entre as pedras preciosas, cuja descrição ouvira na praça do mercado de Keshia e que não tinham nenhum paralelo no mundo: rubis, esmeraldas, diamantes, safiras, opalas e muito mais, frutos do saque de antigos tesouros.

O cimério esperava encontrar a figura do oráculo sentada no trono, mas deveria estar em outro lugar, se é que realmente existia. Mas desde que chegou em Keshan, muitos dos mitos transformaram-se em realidade, pelo que não duvidava que encontraria o que estava procurando.

Atrás do trono, havia uma pequena porta que, certamente, estivera coberta em outros tempos por ricos tapetes. Deu uma olhada e verificou que a porta levava a uma habitação vazia, da qual partia um corredor estreito. Sem cruzá-la, Conan examinou outro arco que havia à esquerda do estrado e viu que, ao contrário dos demais, neste havia outra porta. Esta não era comum, pois também era feita de ouro, como o trono, e havia sido talhada com estranhos desenhos.

O bárbaro empurrou a porta e esta se abriu com facilidade, como se suas dobradiças tivessem sido lubrificadas recentemente. Uma vez lá dentro, Conan parou.

Encontrava-se numa moradia quadrada, de dimensões reduzidas, cujas paredes de mármore se erguiam até um teto adornado com incrustações de ouro. Ricos frisos deste mesmo metal reluziam na parte superior das paredes. Não se via outra porta, exceto aquela pela qual o bárbaro havia entrado. Mas deixou de lado todos estes detalhes. Sua atenção estava centrada na figura que se encontrava no estrado de marfim à sua frente. Conan esperava encontrar uma imagem habilmente esculpida, mas não havia arte que pudesse reproduzir a perfeição da figura que o cimério estava vendo.

Não se tratava de uma figura esculpida em metal, pedra ou marfim, mas do corpo real de uma mulher, que se conservara durante séculos, graças a alguma arte desconhecida. Até a roupa da mulher estava intacta. Conan franziu a testa ao ver aquilo, e uma estranha inquietude o invadiu. As artes que preservavam o corpo não tinham razão de haver conservado os vestidos. No entanto, ali estavam: uma curta saia de seda, segura por um cinto com gemas incrustadas, e um corpete com placas de ouro e pedras preciosas. Nem os tecidos nem os metais davam a impressão de terem sido afetados pelo passar do tempo.

Yelaya era uma mulher de fria beleza, o que não tinha nada a ver com o fato de estar morta. Seu corpo parecia de alabastro; era esbelto e ao mesmo tempo voluptuoso. Na escura cabeleira da princesa, brilhava um rubi de grandes dimensões.

Conan continuou com a testa franzida, olhando a mulher. Logo, deu uns golpes no estrado com sua espada. Talvez o tesouro estivesse escondido em alguma cavidade, mas o som indicou que o estrado era maciço.

Virou-se e caminhou pela moradia com certa indecisão. Onde procurar primeiro, com o pouco tempo de que dispunha? Um sacerdote, o qual ele ouvira falar com um cortesão, dizia que o tesouro estava escondido no palácio. Mas aquilo era vago demais, por causa das dimensões do edifício. Se perguntou se devia esconder-se até que os sacerdotes tivessem ido embora, para depois continuar a busca. Mas achou que era bem possível que levassem as jóias ao voltarem para Keshia. Conan estava certo de que Tuthmekri havia subornado Gorulga.

O cimério havia feito uma idéia dos planos de Tuthmekri, graças a seu conhecimento da natureza humana. Certamente foi ele quem propôs a conquista de Punt aos reis de Zimbabo, embora seu verdadeiro objetivo fosse apoderar-se dos Dentes de Gwahlur. Sem dúvida, aqueles reis

cautelosos pediram provas de que o tesouro realmente existia, antes de tomarem qualquer medida. As jóias que Tuthmekri solicitara como garantia seriam uma prova convincente.

Uma vez certos da existência do tesouro, os reis de Zimbabo atuariam. Punt seria invadida simultaneamente por leste e oeste, mas os homens de Zimbabo se esforçariam para que os nativos de Keshan carregassem o peso da luta. Então, quando tanto Punt quanto Keshan estivessem esgotados pela contenda, Zimbabo aniquilaria os dois povos, saquearia Keshan e levaria o tesouro, mesmo que tivessem que desmontar cada edifício pedra por pedra, ou torturar todos os habitantes do reino.

Mas havia outra possibilidade: se o próprio Tuthmekri encontrasse o tesouro, seria mais provável, então, que ele enganasse seus amos e levasse as jóias.

Conan acreditava que aquela consulta ao oráculo não era mais do que uma desculpa para persuadir o rei de Keshan a concordar com a vontade de Tuthmekri, pois não duvidava que o sacerdote Gorulga fosse tão sutil e astuto quanto os que faziam parte daquela grande maquinação. O cimério não havia tentado comunicar-se com o grande sacerdote, pois naquele jogo de subornos, ele não tinha nenhuma possibilidade ao lado de Tuthmekri. Se tentasse, cairia diretamente nas mãos dos stígios. Gorulga podia denunciar o cimério, criar uma reputação de honestidade para si e livrar Tuthmekri de seu rival, tudo de uma vez.

Conan se perguntou de que modo Tuthmekri havia subornado o sumo-sacerdote, e quanto poderia ter oferecido a um homem que tinha o maior tesouro do mundo ao seu alcance.

Sem dúvida, o oráculo diria que era vontade dos deuses que Keshan aceitara as propostas de Tuthmekri, e não deixaria de dizer algo relativo a Conan. A partir de então, Keshia seria um lugar bem incômodo para o cimério, embora este já houvesse decidido não voltar para lá ao sair de Alkmeenon.

A sala do oráculo não deu nenhuma pista a Conan. Este voltou à sala do trono e colocou as mãos sob os braços da grande poltrona. Era pesada, mas pôde movê-la para um lado. O chão era de mármore maciço. Voltou à moradia, pensando numa cripta secreta que pudesse existir perto do oráculo. Começou a bater nas paredes, até que finalmente ouviu um som oco. Ao olhar com mais atenção, viu que havia uma fenda no mármore, e que a

placa seguinte era muito maior. Então, ele inseriu a ponta da adaga na fenda e fez pressão.

A placa começou a se abrir silenciosamente, mostrando uma espécie de nicho na parede, e mais nada. O cimério praguejou. Estava vazio, e não tinha aspecto de haver abrigado um tesouro. Então, ele se inclinou sobre o nicho e viu uma série de pequenos orifícios na parede, à altura de sua boca. Olhou através deles e lançou um grunhido ao perceber do que se tratava. Aquela era a parede que separava a sala da moradia do oráculo. Os furos não eram vistos do outro lado.

O bárbaro sorriu ao compreender o mistério do oráculo. De qualquer forma, era mais simples do que esperava. Gorulga se colocaria ali pessoalmente, ou mandaria algum de seus acólitos, e falaria pelos orifícios. Os crédulos negros aprovariam aquela voz como se fosse o oráculo.

Naquele momento, o bárbaro lembrou de algo e tirou do cinto o pergaminho que havia tirado da múmia. Desenrolou-o com todo o cuidado, já que parecia estar a ponto de despedaçar— se. Franziu a testa ao ver os sinais que estavam escritos nele. Em suas viagens por todo o mundo, o gigantesco aventureiro havia adquirido conhecimentos mui diversos, sobretudo a respeito da escrita de muitas línguas estrangeiras. Esta capacidade linguística do cimério havia salvado-lhe a vida em várias ocasiões.

Aqueles símbolos, no entanto, lhe confundiam. Eram, ao mesmo tempo, familiares e ininteligíveis, e finalmente descobriu o motivo. Era a escrita arcaica de Pelishtia, que tinha muitas diferenças com relação à escrita moderna daquele país, o qual ele conhecia. Aqueles sinais mais antigos e puros lhe intrigavam. No entanto, descobriu uma palavra que se repetia: Bit-Yakin. O cimério deduziu que se tratava da pessoa que havia escrito o pergaminho.

Com a testa franzida e os lábios movendo-se silenciosa e inconscientemente, Conan tentou decifrar o significado do texto, mas se deu conta de que, em sua maior parte, era intraduzível.

Entendeu algo, sem dúvida; o misterioso escriba, Bit-Yakin, havia chegado de longe, com seus criados, e entrado no vale interno de Alkmeenon. A parte seguinte era incompreensível, embora algumas frases e caracteres lhe fossem familiares. O texto parecia referir-se a fatos ocorridos num extenso período de tempo. O nome de Yelaya também se repetia com frequência e, no final do documento, notava-se que Bit-Yakin sabia que o

momento de sua morte estava próximo. Sem poder evitar um calafrio, Conan entendeu que a múmia da pequena cova devia ser a do autor daquele relato, o misterioso pelishtio Bit-Yakin. Morto o homem, seus criados certamente haviam colocado-o na pequena cova situada no alto dos paredões, de acordo com as instruções que ele deixara antes de morrer.

Era estranho que o nome de Bit-Yakin não fosse mencionado em nenhuma das lendas de Alkmeenon. Evidentemente, ele chegara ao vale depois que este fora abandonado por seus habitantes originais. O manuscrito parecia indicá-lo, mas era estranho que os sacerdotes não tivessem encontrado Bit-Yakin nem seus seguidores. Conan estava certo de que a múmia e o pergaminho tinham mais de um século de antiguidade. Bit-Yakin vivera no vale quando os sacerdotes vinham prostrar-se diante do cadáver de Yelaya. No entanto, as lendas falavam sempre de uma cidade.

Por que aquele homem viveria naquele lugar desabitado, e pra onde foram seus criados, depois de colocarem o cadáver de seu amo no nicho?

Conan deu de ombros e recolocou o pergaminho em seu cinto. Quase no mesmo instante, estremeceu violentamente e sentiu o cabelo arrepiar-se. Em meio ao absoluto silêncio que reinava no palácio, acabava de ouvir um som estridente!

Virou-se, agachando-se como um felino, com a espada desembainhada. Olhou o estreito corredor, do qual parecia vir o som. Teriam chegado os sacerdotes de Keshan? Achou isto improvável, dado o pouco tempo transcorrido. Mas o forte som metálico era a prova indiscutível de uma presença humana naquele palácio desabitado.

Conan era um homem de ação direta. Por esse motivo, ao invés de fugir na direção oposta, como a maioria dos homens teria feito, disparou pelo corredor em direção ao lugar de onde veio o som. Suas sandálias não faziam mais ruído que as patas de um leopardo. Tinha os olhos semicerrados e a boca entreaberta num estranho sorriso. Se sentia furioso ante aquela ameaça que pressentia no estranho fenômeno.

O cimério saiu finalmente do corredor e chegou a um pequeno pátio. Seu olhar sentiu-se atraído por algo que brilhava sob o sol. Tratava-se de um enorme disco de ouro, que pendia de um braço introduzido na parede. Ao lado do gongo, encontrava-se uma marreta de latão. Naquele lugar, não se via rastro algum de seres humanos. Os arcos ao redor estavam vazios. Conan permaneceu um longo tempo em expectativa, tentando escutar algo. No enorme palácio não se ouvia nem o mais leve rumor. Esgotada sua

paciência, deu uma volta em torno do pátio, olhando em direção às escadas e disposto a atacar como uma cobra.

Ao chegar junto ao gongo, observou o arco ao lado. Só viu uma habitação escura, cheia de escombros. Sob o disco metálico não se via marcas de pés. No entanto, o cimério percebeu um odor peculiar, fétido, que não conseguiu identificar. As fossas nasais de Conan se dilataram como as de um animal à espreita.

Virou-se em direção ao arco... e com um estrondo repentino, as lajes do chão, aparentemente sólidas, cederam sob seus pés. Ao cair, o bárbaro estendeu os braços e tentou agarrar-se à borda do buraco que acabara de abrir-se no piso. Mas as bordas eram inconsistentes, e o cimério caiu numa corrente de água gelada que o arrastou numa velocidade estremeceadora.

## II

### *O despertar de uma deusa*

A princípio, Conan não tentou lutar contra a corrente que o arrastava na escuridão. Logo conseguiu boiar e pôr a espada entre os dentes. De repente, viu um raio de luz mais adiante. Viu a superfície da água convulsionada, como se algum monstro das profundidades tivesse emergido, e avistou também as paredes laterais, que se prolongavam para cima num abobadado. A cada lado estendia-se uma estreita saliência debaixo da abóbada, mas era alta demais para poder agarrá-la. O teto estava quebrado num ponto; provavelmente havia caído, e a luz se filtrava pela abertura. Além daquele orifício, o túnel estava às escuras. Conan sentiu verdadeiro pânico, ao pensar que não podia deixar para trás aquele local iluminado para afundar novamente nas trevas do desconhecido.

Então, ele avistou algo mais: umas escadas de bronze, que se estendiam das cornijas até a superfície da água, a intervalos regulares. Havia uma diante dele, o que fê-lo nadar em direção à escada, lutando contra a correnteza que o arrastava para o centro. Mas o cimério lutou desesperadamente, palmo a palmo, e foi ganhando terreno. Por fim, encontrou-se debaixo da escada e agarrou-se, com impulso feroz, à última barra desta, e ficou pendurado, sem fôlego.

Pouco depois, subia pelos degraus corroídos, que se curvaram e rangeram, mas aguentaram. Chegou assim até a estreita cornija, que havia ao longo da parede por debaixo da abóbada do teto. O alto cimério se viu obrigado a agachar-se, pois não havia espaço suficiente para permanecer ereto. Próxima à escada, havia uma pesada porta de bronze, que não se abriu apesar dos esforços de Conan. Pegou a espada que segurava entre os dentes e voltou a embainhá-la. Cuspiu sangue, já que o fio do sabre havia cortado seus lábios durante a luta contra a correnteza. Em seguida, voltou sua atenção para o orifício do teto.

Estendeu um braço pelo buraco e, ao tatear a borda, pôde confirmar que era resistente o bastante para aguentar seu peso. Em seguida, agarrou-se à beirada com ambas as mãos, lançou-se para o alto e conseguiu finalmente sair do túnel de águas subterrâneas. Se viu numa ampla moradia que se encontrava num estado lamentável. A maior parte do teto havia desmoronado, assim como grande parte do chão, o qual formava a abóbada de onde Conan acabava de sair. Arcadas ruídas davam passagem a corredores e salas, o que fez o cimério dizer a si mesmo que ainda devia encontrar-se no enorme palácio. Se perguntou, inquieto, se havia muitas correntes subterrâneas como aquela, pois temia voltar a cair num buraco semelhante ao anterior.

Também pensou se a queda tinha sido apenas um acidente. Em todo caso, havia uma coisa certa: ele não era o único ser vivo no palácio. O gongo não soara por si só, mesmo que com isso não pretendessem matá-lo. De repente, o silêncio do palácio ficou sinistro e carregado de ameaças.

Seria alguém empenhado no mesmo trabalho que ele? Então, lembrou de algo em relação ao misterioso Bit-Yakin. E se este havia achado o tesouro dos Dentes de Gwahlur durante seu longo período de residência em Alkmeenon, e seus servos levaram-no após a morte de seu amo? A possibilidade de estar procurando algo inexistente enfurecia o cimério.

Entrou num corredor que, na sua opinião, devia levá-lo de volta à área do palácio na qual havia estado antes. Apressou-se, embora pisando com cuidado ao lembrar do negro rio que fluía sob seus pés.

Voltou a pensar na sala do oráculo e em sua misteriosa ocupante. Em algum lugar daquele setor devia estar a chave que levava ao tesouro, se é que este ainda se encontrava no palácio.

Naquela parte, o enorme edifício encontrava-se quase em ruínas, mas à medida que avançava, o estado das salas e corredores parecia melhorar.

Não conseguiu lembrar exatamente onde estava a sala do oráculo, nem que direção tomar. Pouco depois, descobriu outro corredor que lembrava ter visto antes, e que o levou de volta à sala do trono. Havia tomado uma decisão. Achava inútil continuar vagando pelo palácio em busca do tesouro. Resolveu esconder-se por ali e esperar que chegassem os sacerdotes de Keshan. Logo, quando tivessem representado a farsa do oráculo, seguiria-os até o lugar onde estavam ocultas as pedras preciosas, pois tinha certeza de que iriam para lá. Provavelmente, levariam apenas uma parte do tesouro. Ele se contentaria com o resto.

Como que atraído por uma estranha fascinação, o cimério ficou olhando a figura imóvel da princesa e maravilhou-se diante de sua gélida beleza. Que segredo se escondia naquele esplêndido corpo inerte?

Então, ele estremeceu violentamente. Aspirou ruidosamente o ar e sentiu o cabelo arrepiar— se. Já tinha visto aquele corpo, e havia observado sua frieza e quietude. Mas agora havia uma diferença. Os membros não estavam rígidos; uma cor rosada animava suas faces e tinha os lábios vermelhos...

Conan desembainhou a espada, ao mesmo tempo em que proferia uma maldição.

— Por Crom, está viva! — exclamou.

Diante destas palavras, os longos cílios se mexeram; seus olhos se abriram e miraram-no com expressão insondável, obscura e brilhante. Conan parecia ter perdido a fala.

A mulher se levantou com facilidade, mas conservando seu olhar sedutor.

O cimério passou a língua pelos lábios, e finalmente pareceu encontrar palavras.

— Você... você é Yelaya? — perguntou.

— Sim, sou Yelaya. — ela respondeu com voz harmoniosa — Não tema, não te farei mal, se me obedecer.

— Como pode voltar à vida uma mulher que morreu há séculos? — perguntou, com tom cético, o cimério, que já começava a raciocinar.

Ela levantou os braços com gesto misterioso e disse em seguida:

— Sou uma deusa. Há mil anos, caiu sobre mim a maldição dos deuses das trevas. O ser mortal que havia em mim deixou de existir. Mas a deusa nunca morreu. Permaneceu aqui, durante todos estes séculos, acordando todos os dias, ao pôr-do-sol e reinando sobre minha corte, composta por espectros do passado. Homem, se não queres contemplar cenas que irão perturbar sua razão para sempre, vá embora daqui! Ordeno-lhe, vai-te!

Conan embainhou a espada com os olhos semicerrados, mas não obedeceu à mulher. Chegou mais perto dela, como que atraído por uma poderosa fascinação e, repentinamente, agarrou-a pelo braço com a rudeza de um urso. Ela lançou um grito, que em nada parecia com o de uma deusa, e logo ouviu-se o ruído de um tecido rasgado, quando o cimério arrancou-lhe o vestido.

— Uma deusa... bah! — exclamou desdenhosamente o bárbaro — Já me estranhava que uma princesa de Alkmeenon falasse com sotaque coríntio! Enquanto me refiz da surpresa, lembrei já tê-la visto em outro lugar. Você é Muriela, uma dançarina coríntia de Zargheba. Essa pinta em forma de meia-lua é a prova. A vi uma vez em que Zargheba lhe chicoteava. Uma deusa!

Conan golpeou-lhe o quadril com a mão e a moça gritou de dor.

A jovem já não tinha o ar imperioso de antes. Já não era a mística divindade, mas uma bailarina humilhada e aterrorizada, como as que eram compradas nos mercados de escravos shemitas. A garota pôs-se a chorar. O cimério olhou-a, irritado.

— Ao diabo com a deusa! Você era uma das mulheres veladas que Zargheba trouxe a Keshan. Acredita que ia me enganar, jovem idiota? Faz um ano que lhe vi em Akbitana com aquele porco do Zargheba, e nunca me esqueço do rosto nem do corpo de uma mulher. Vou lhe...

Retorcendo-se sob sua mão férrea, a moça abraçou o pescoço do cimério, enquanto seu rosto expressava um profundo terror. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto e os soluços estremeciam seu corpo.

— Por favor, não me faça mal! — ela implorou — Eu tinha que fazê-lo! Zargheba me trouxe aqui pra me fazer de oráculo!

— Você não teme os deuses? — perguntou o cimério — Já não resta honestidade no mundo?

— Eu não podia desobedecer Zargheba, lhe juro! O que eu ia fazer?

— O que acha que os sacerdotes fariam se lhe encontrassem encenando esta farsa?

Ao imaginá-lo, as pernas da garota se negaram a sustentá-la e ela caiu ao chão, abraçando os joelhos de Conan e murmurando súplicas incoerentes.

— Onde está Zargheba? — ele perguntou — Vamos, pára de chorar e responde!

— Está fora do palácio, esperando os sacerdotes. — respondeu Muriela, sem parar de lamentar-se.

— Quantos homens vêm com ele?

— Nenhum. Viemos só nós dois.

— Devem ter abandonado Keshia poucas horas depois de mim. Subiram pelos penhascos?

A garota negou com a cabeça, pois os soluços não lhe permitiam falar.

— Vai me responder de uma vez? Como vocês entraram neste vale?

— Zargheba conhecia o caminho secreto. — disse Muriela, ofegando — O sacerdote Gwarunga revelou a ele, e também a Tuthmekri. Ao pé do paredão há um enorme lago. Sob a superfície da água, existe uma caverna que pode ser vista do lado de fora. Nos metemos na água e entramos. A cova sai da água, em seguida, e sobe finalmente pelo interior dos muros rochosos. A saída no vale interno está oculta por densos matagais.

— Eu subi pelo lado leste. — murmurou Conan — E, bem, o que fizeram depois?

— Entramos no palácio, e Zargheba me escondeu entre as árvores, enquanto ia dar uma olhada na sala do oráculo. Creio que confiava demais em Gwarunga. Enquanto estava no palácio, pareci escutar o som de um gongo, mas não tenho certeza. Finalmente Zargheba chegou, me trouxe ao palácio e me fez entrar nessa moradia, onde estava a deusa Yelaya estendida sobre o altar. Tirou-lhe as roupas e me vestiu com elas. Logo, foi esconder o corpo e esperar os sacerdotes. Senti muito medo. Quando você entrou, tive vontade de me levantar e lhe pedir que me levasse pra longe daqui, mas tinha medo de Zargheba. Quando você acreditou que eu era a deusa viva, pensei que conseguiria assustá-lo e fazê-lo ir embora.

— O que deveria dizer como oráculo?

— Devia dizer aos sacerdotes que tomassem o tesouro dos Dentes de Gwahlur e entregassem uma parte a Tuthmekri como garantia. O restante devia ser levado ao palácio de Keshia. Ah, e devia dizer também que lhe esfolassem vivo imediatamente.

— Tuthmekri queria ter o tesouro num lugar onde ele ou os homens de Zimbabo pudessem encontrá-lo com facilidade. — disse Conan, sem fazer caso do que a garota dissera a respeito dele — Bem, me encarregarei de arrancar o fígado dele no devido tempo. Gorulga também participa da farsa?

— Não. Ele crê nos deuses e é incorruptível. Não sabe nada sobre esta confabulação, e obedeceria ao oráculo. Tudo era um plano de Tuthmekri. Sabendo que os keshanianos consultariam o oráculo, ele e Zargheba me trouxeram de Zimbabo. Vim coberta de véus e vi pouco durante a viagem.

— Hah! — murmurou Conan — Um sacerdote que crê honestamente em seu oráculo e não se deixa subornar! Me pergunto, então, se terá sido Zargheba quem fez soar o gongo. Ele sabia que eu estava aqui? Diga-me onde ele se encontra agora, garota.

— Está escondido entre uns arbustos de lótus, perto da antiga avenida, que vai da parede sul dos penhascos internos até o palácio.

A moça se calou por um instante e, em seguida, reatou suas súplicas.

— Por favor, Conan, tenha piedade de mim! Tenho medo deste velho palácio! Creio ter ouvido uns passos fantasmagóricos a meu redor. Leve-me com você, Conan! Zargheba me matará quando eu fizer o que ele espera que eu faça, eu sei. E os sacerdotes também me matariam se descobrissem o engano. Zargheba é um demônio. Me comprou de um mercador de

escravos e, desde então, me fez instrumento de suas intrigas. Você não pode ser tão cruel quanto ele. Não deixe que me matem aqui, por favor!

A garota se ajoelhou e chorava com atitude suplicante. Seu belo rosto estava coberto de lágrimas e a cabeleira sedosa lhe caía, desarrumada, sobre os ombros. O cimério ergueu-a e sentou-a sobre os joelhos.

— Escute-me. Vou lhe proteger de Zargheba, e os sacerdotes não saberão nada de sua farsa, mas você deve fazer o que vou dizer.

Ela prometeu obedecer, e agarrou-se a ele como que buscando proteção.

— Está bem. Então, escute. Quando os sacerdotes chegarem, você fará o papel de Yelaya, tal como Zargheba havia planejado. Será noite e, à luz das tochas, eles não perceberão a diferença. Mas você lhes dirá o seguinte: "É a vontade dos deuses que o cão stígio e o cão shemita sejam expulsos de Keshan. São ladrões e traidores, que pretendem roubar os deuses. Ponham os Dentes de Gwahlur sob a custódia do general Conan e concedam-lhe o comando dos exércitos de Keshan. Ele é abençoado pelos deuses".

A jovem estremeceu desesperadamente, mas concordou. Em seguida, falou:

— Mas, e Zargheba? Vai me matar!

— Não se preocupe com Zargheba. — respondeu Conan — Eu me encarregarei daquele cão. Diga aquilo que lhe ordenei. Vamos, agora arrume o cabelo e ponha de novo esta gema que caiu.

Conan pôs-lhe o rubi no cabelo e fez um gesto de aprovação.

— Esta jóia vale um carregamento de escravos. — disse — Agora, vista a saia de modo que não se veja o rasgo que fiz. Isso!... agora seque o rosto. Deusas não choram. Por Crom, agora você voltou a parecer enormemente com Yelaya. Se fingir de deusa tão bem quanto fez comigo, enganará a todos eles!

— Tentarei fazê-lo. — disse Muriela, sem conseguir dominar um calafrio.

— Bem, eu vou procurar Zargheba. — disse Conan. A jovem se sentiu dominada pelo pânico, e exclamou, com a voz perturbada:

— Não, não me deixe só! Este lugar está enfeitado, Conan!

— Não há nada aqui que possa lhe fazer mal. — assegurou o cimério, impaciente — O único é Zargheba, e me encarregarei dele. Logo voltarei e estarei olhando, pra ver se algo sairá errado durante a cerimônia. Mas se fizer como deve, lhe asseguro que tudo andar bem.

O bárbaro deu meia-volta e saiu apressadamente da sala do oráculo, deixando atrás de si Muriela, que lamentava debilmente.

Caiu o crepúsculo. As grandes moradias estavam cheias de sombras. Os frisos de cobre brilhavam suavemente. Conan avançou como um espectro silencioso pelas enormes salas, sem conseguir evitar a sensação de que fantasmas invisíveis do passado olhavam-no da penumbra. Não era de se estranhar que a garota sentisse medo naquele lugar.

Desceu as escadas de mármore do palácio com a espada na mão. No vale, reinava o silêncio. Sobre a beirada dos taludes, as estrelas começavam a cintilar. Se os sacerdotes de Keshan haviam entrado no vale, ainda estavam longe, e nenhum ruído os delatava. Se afastou na direção sul, pela antiga avenida de pedras rachadas, que se perdia entre os densos matagais. Logo, viu um pequeno bosque de árvores de lótus, planta característica das terras de Kush. Ali, segundo a moça, Zargheba estava à espreita. Conan aumentou sua cautela, e desapareceu entre a espessura, como uma sombra com pés de veludo.

Aproximou-se dos arbustos de lótus, dando uma volta, e nem um só movimento de folhas revelou sua presença. Chegando ao limite das árvores,

parou rapidamente, encolhido na vegetação como um felino à espreita. Diante dele, destacado sobre um fundo de folhas, viu um pálido oval. Podia tratar-se de uma das enormes flores de lótus, mas Conan sabia que era o rosto de um homem. E estava voltado para ele. Será que Zargheba tinha lhe visto? O homem o olhava diretamente. Passaram-se alguns momentos. O escuro rosto não se moveu. O bárbaro podia ver claramente sua curta barba negra.

De repente, o bárbaro se deu conta de algo estranho. Zargheba não era um homem alto. De pé, sua cabeça mal ultrapassava os ombros de Conan. No entanto, o rosto do outro estava na mesma altura que o bárbaro. Estaria de pé, em cima de algo? Conan procurou olhar o chão, no lugar em que se via o rosto, mas uma moita cobria-lhe a visão. Logo, olhou para cima e se sobressaltou. Através de um espaço que havia entre as folhas, deveria ter visto o corpo de Zargheba. Mas não viu corpo algum.

Então, tenso como um tigre que avança em direção à sua presa, o cimério enfiou-se nos matagais e afastou umas folhas para ver direito o rosto, que não havia se movido. E não voltaria mais a mover-se, não por vontade própria. Ele estava contemplando a cabeça de Zargheba, pendurada pelos longos cabelos ao galho de uma árvore.

### III

#### *A volta do oráculo*

Conan virou-se com a agilidade de um felino e olhou ao redor. Não se via, em lugar nenhum, o corpo do homem assassinado. Um pouco mais além, o capim estava pisoteado e parecia úmido. O cimério prendia a respiração e aguçava os ouvidos para captar qualquer rumor. As árvores e

matagais se destacavam contra o céu, como negras sombras, imóveis e sinistras.

Um temor primitivo invadiu o bárbaro. Seria aquilo obra dos sacerdotes de Keshan? Nesse caso, onde eles estavam? Seria Zargheba quem havia soado o gongo? Vieram-lhe novamente à lembrança Bit-Yakin e seus misteriosos servos. Bit-Yakin havia morrido e estava transformado numa múmia enrugada, em sua pequena cripta, saudando o sol do alvorecer todas as manhãs. Mas dos criados nada se sabia. Não havia provas de que houvessem sequer abandonado o vale.

Conan pensou na jovem Muriela, que estava sozinha no enorme palácio sombrio. Virou-se rapidamente e correu pela avenida de lousas de pedra, de volta ao edifício de cúpulas altas.

Ao aproximar-se, viu no pórtico um fulgor avermelhado, que se refletia no mármore do chão. Adentrou os arbustos que haviam em frente ao palácio e ficou diante da escada de entrada.

Uma voz chegou até Conan. Várias tochas lançavam seus brilhos sobre suas lustrosas costas de ébano. Os sacerdotes de Keshan haviam chegado.

Mas não vinham pela pavimentada avenida que o cimério acabava de percorrer, que era por onde Zargheba esperava vê-los chegar. Pelo visto, havia mais de uma entrada secreta ao vale de Alkmeenon.

Os sacerdotes subiam pelos largos degraus de mármore, com as tochas erguidas. Conan viu Gorulga, que encabeçava o desfile, e cujo perfil se destacava como o de uma moeda contra a chama do archote. Os demais acólitos eram negros gigantescos de pele brilhante. Encerrava a marcha um enorme negro, de aspecto maligno, à vista do qual o cimério estremeceu. Era Gwarunga, o qual Muriela disse ter revelado a Zargheba o segredo da entrada ao vale interior pelo lago. Conan perguntou-se até que ponto participaria aquele homem na confabulação do stígio.

O cimério avançou em direção ao pórtico, mas foi circundando a beirada dos arbustos, para que não o vissem. Os sacerdotes não deixaram ninguém na entrada do palácio. As tochas já iluminavam as pedras da longa e escura sala. Antes que chegassem à porta de bronze que havia na outra extremidade, Conan já havia subido as escadas e estava atrás deles, deslizando-se rapidamente por trás das colunas que margeavam as paredes. Eles não olharam para trás; apenas atravessaram o salão em fila indiana, com as plumas de avestruz mexendo-se sobre suas cabeças e as peles de

leopardo, com as quais se cobriam, contrastando estranhamente com os mármore e os metais do antigo palácio. Pararam por um momento diante da porta dourada, à esquerda do estrado onde ficava o trono.

A voz de Gorulga, o sumo-sacerdote, ressoou de forma sinistra no grande espaço vazio. O homem pronunciou várias frases sonoras, mas ininteligíveis para quem escutava. Logo, o sacerdote abriu de par em par a porta de ouro e entrou na sala, fazendo uma profunda reverência. Os demais avançaram e se inclinaram, assim como seu mestre. A porta de ouro fechou-se atrás deles. Conan correu ao redor do trono e entrou na pequena moradia que havia atrás, sem fazer o menor ruído.

Leves raios de sol atravessaram os orifícios quando o cimério abriu o painel secreto. Deslizou até o nicho e observou pelos orifícios. Muriela estava sentada no trono, com os braços cruzados e a cabeça apoiada na parede, a pouca distância dos olhos do bárbaro. O delicado perfume dos cabelos da moça chegava até Conan. Não podia ver seu rosto, pois ela estava de costas pra ele, mas sua atitude parecia tranquila e certamente estava olhando por cima da cabeça dos sacerdotes, como num transe eterno. O cimério sorriu e pensou consigo mesmo que a moça era uma excelente atriz. Sabia que ela estava aterrorizada, mas não demonstrava. Sob a luz trêmula das tochas, parecia ter o mesmo aspecto da deusa que acabara de substituir.

Gorulga entoava um cântico numa língua desconhecida para o cimério, que provavelmente era o antigo dialeto que se falava em Alkmeenon no passado. Sem dúvida, fora transmitido através de gerações de sacerdotes.

O cântico parecia interminável, e Conan começou a ficar inquieto. Quanto mais durasse aquilo, maior seria o nervosismo da moça. Se a descobrissem... O bárbaro agarrou o cabo da espada, pois não suportava a idéia de ver a jovem coríntia torturada por aqueles negros.

Mas o cântico, que tinha um tom profundo e ameaçador, finalmente terminou, e uma espécie de saudação em coro dos acólitos rubricou o final.

Logo, Gorulga voltou a erguer a voz e exclamou:

— Oh, grande deusa que vive nas sombras, permita que teus lábios se abram para estes escravos que mal ousam erguer a cabeça do pó que vossos pés pisam! Fala, grande deusa do vale sagrado! Tu conheces os caminhos insondáveis e, o que para nós são trevas, para ti é radiante luz! Derrama tua imensa sabedoria sobre estes teus servos! Diga-nos, oráculo dos deuses! Qual é a vontade destes, a respeito de Tuthmekri, o stígio?

A espessa cabeleira da mulher agitou-se levemente diante dos olhos do cimério. A voz de Muriela chegou com absoluta claridade até os ouvidos de Conan, em meio ao tenso silêncio. Parecia gelada, impessoal, como correspondia a uma deusa. Mas o cimério estremeceu ao notar o sotaque coríntio da garota.

— É a vontade dos deuses — disse a jovem, repetindo quase palavra por palavra o que ele havia dito -, que o cão stígio e o cão shemita sejam expulsos de Keshan! São ladrões e traidores, que tentam roubar os deuses. Ponham os Dentes de Gwahlur sob a custódia do general Conan e concedam-lhe o comando dos exércitos de Keshan. Ele é abençoado pelos deuses!

Houve um estremezimento na voz de Muriela, quando esta concluiu, e Conan começou a suar, achando que a moça estivesse a ponto de sofrer um colapso. Mas os negros não perceberam nada, nem sequer o sotaque coríntio, que para eles era desconhecido. Deram umas palmadas e entoaram uns salmos como sinal de obediência. Os olhos de Gorulga brilharam com fanatismo à luz das tochas.

— Yelaya falou! — exclamou — É a vontade dos deuses! Há muito tempo, na época de nossos antepassados, estes se ocultaram por mandato divino, e os deuses livraram-nos da ameaça das terríveis presas de Gwahlur, o rei das trevas. Por ordem dos deuses, também esconderam os Dentes de Gwahlur, e por ordem sua voltarão à luz. Oh, deusa nascida entre os astros, dá-nos permissão para irmos até o esconderijo do tesouro, a fim de entregá-lo ao abençoado pelos deuses!

— Tens a minha permissão! — respondeu a falsa deusa, com um gesto imperioso que fez o cimério sorrir.

Os sacerdotes se retiraram, em meio à luz cintilante das tochas e ao movimento de suas plumas de avestruz.

A porta de ouro fechou-se atrás deles; então Muriela, com um gemido, despencou sobre o estrado.

— Conan! — ela disse em voz baixa — Conan!

— Shhh... espere! — respondeu ele, através dos orifícios da parede, e, depois de sair da cavidade, fechou a placa.

Um olhar mostrou ao bárbaro que as tochas afastavam-se pela sala do trono. No entanto, uma luz intensa iluminava o recinto. A lua havia se erguido no horizonte e sua luz entrava pela cúpula, iluminando o trono e seus arredores.

Quando o cimério se dispunha a cruzar a sala do trono, ele parou com um ruído que parecia vir da passagem que levava até a sala do oráculo. Escondeu-se na entrada, vigiando, enquanto lembrava do som do gongo, com o qual presumivelmente haviam atraído-o para fazê-lo cair na fria corrente subterrânea. Pareceu ouvir uns passos furtivos pelo corredor.

De repente, ressoou o grito abafado de uma mulher às suas costas. Correu em direção à porta que havia além do trono e, ao entrar na sala, viu algo inesperado.

Ali estava um sacerdote; era Gwarunga, cujo rosto estava contraído de fúria. Agarrava Muriela pela garganta e sacudia-a brutalmente.

— Traidora! — murmurava Gwarunga, com a voz sibilando como a de uma cobra — Que brincadeira é esta? Zargheba não lhe disse o que você tinha que dizer? Está traindo a seu amo, ou é ele que está nos traindo? Vou lhe...!

Um gesto involuntário da moça, que olhava por cima do ombro do sacerdote, deixou este na defensiva. Soltou Muriela e girou em círculo, no momento em que a espada de Conan abatia-se sobre ele. O impacto fez Gwarunga cair ao chão, com o sangue escorrendo-lhe abundantemente da cabeça.

Conan se apressou em acabar com ele, pois o movimento repentino do sacerdote fez a lâmina golpeá-lo superficialmente, mas a garota abraçou o cimério e exclamou:

— Fiz o que você me mandou! Agora tire-me daqui! Por favor, tire-me daqui!

— Não podemos ir embora agora. — respondeu Conan — Tenho que seguir os sacerdotes para ver onde estão as jóias. Pode haver um enorme tesouro ali. Mas pode vir comigo. Me diga, cadê o rubi que estava em seu cabelo?

— Deve ter caído no estrado. Eu estava tão assustada que, quando os sacerdotes saíram, me pus a correr atrás de você, mas esse brutamontes estava escondido e quis me estrangular...

— Bom, procure o rubi enquanto eu acabo com esse assassino. Vamos, essa gema vale uma fortuna!

Ela titubeou, como se temesse voltar à sala. Então, enquanto o bárbaro arrastava Gwarunga, a moça entrou na sala do oráculo.

Conan virou de barriga pra cima o desmaiado negro, e ergueu a espada. O cimério vivera tempo demais entre pessoas implacáveis para sentir

impulsos de compaixão. O único inimigo inofensivo era o inimigo morto. Mas antes que desse o último golpe, um grito abafado deixou-o imóvel. Vinha da sala do oráculo.

— Conan! Conan! Ela voltou!

O grito terminou num gorjeio e num ruído surdo de passos.

Ao mesmo tempo em que praguejava, o cimério rodeou o trono a toda velocidade e entrou na moradia do oráculo. Lá, ele parou ofegante. Aparentemente, Muriela descansava placidamente sobre o estrado, com os olhos fechados como se estivesse dormindo.

— Que diabos está fazendo? — perguntou Conan — Isto não é hora para...

Interrompeu-se, quando seu olhar se deteve em sua perna esquerda, coberta pelo vestido. Ele mesmo havia rasgado o tecido nesse lugar, mas agora não se via o rasgo. Conan avançou alguns passos e pôs a mão sobre seu corpo ebúrneo..., mas retirou-a em seguida, como se houvesse queimado ao perceber a fria imobilidade da morte.

— Por Crom! — exclamou — Não é Muriela! É Yelaya!

Agora compreendia o significado do grito frenético que escutara dos lábios de Muriela, quando esta adentrou a moradia. A deusa havia voltado. O corpo havia sido despojado de sua roupa por Zargheba, para vestir Muriela. Entretanto, aparecia agora com a mesma seda e as mesmas jóias com as quais Conan a vira pela primeira vez. O cimério sentiu o cabelo arrepiar-se.

— Muriela! — exclamou repentinamente — Muriela! Onde diabos está você?

Os muros devolveram-lhe zombeteiramente os gritos. Não havia outro acesso que não o da porta de ouro, e por ali ninguém podia ter entrado ou saído sem ser visto por ele. Mas uma coisa era indiscutível: Muriela havia sido substituída por Yelaya em poucos minutos. Em seus ouvidos ainda ressoava o grito da garota e, apesar disso, a coríntia parecia ter se esfumado. Deixando de lado toda explicação sobrenatural, Conan pensou que a única possibilidade era que houvesse uma porta secreta, naquela sala. E, enquanto esta idéia passava por sua cabeça, ele viu a porta.

No que parecia uma parede lisa, percebeu uma fresta, da qual se sobressaía um pedaço de seda. O cimério se agachou e confirmou que o tecido pertencia ao vestido de Muriela. Sem dúvida, este ficara agarrado ao fechar-se a porta atrás dela, enquanto seus captos arrastavam-na.

Conan introduziu sua adaga na fissura e fez pressão. A lâmina se curvou, mas a porta de mármore terminou abrindo. O cimério levantou a espada enquanto examinava cuidadosamente a abertura, mas não viu nada extraordinário. A luz que se infiltrava na sala do oráculo, atrás dele, revelou-lhe uma curta escada de mármore. Afundou sua adaga numa fenda no chão que havia diante da porta, para evitar que esta se fechasse, e desceu pela escada sem hesitar. Uma dúzia de degraus abaixo, ele se encontrou diante de um corredor que se perdia na escuridão.

O cimério parou ao pé da escada para examinar uns afrescos que adornavam as paredes, e que eram visíveis graças à luz que chegava do alto. Aquilo certamente fora pintado por pelishtios. Ele havia tido a oportunidade de ver muitos afrescos semelhantes nas paredes de Asgalun. No entanto, as cenas pintadas não tinham relação alguma com o povo de Pelishtia, com exceção de uma só figura humana, repetida várias vezes. Tratava-se de um ancião esguio, de barba branca, cujas características raciais eram inconfundíveis. As pinturas pareciam representar diversos setores do palácio acima. Algumas cenas reproduziam a sala do oráculo, com a figura deitada de Yelaya e um gigantesco negro ajoelhado diante dela. O velho pelishtio também estava pintado no nicho que havia atrás da parede. Havia outras figuras, que pareciam obedecer às ordens do ancião e arrastavam algo do rio subterrâneo. Conan ficou imóvel. Em seguida, compreendeu o sentido de muitas frases do pergaminho, as quais não entendera antes. Todas as peças do quebra-cabeças se encaixavam perfeitamente agora. O mistério de Bit-Yakin e de seus servos havia se desfeito.

O bárbaro virou-se e olhou em direção ao escuro túnel, sentindo um calafrio nas costas. Em seguida, começou a avançar pelo corredor, entrando cada vez mais na escuridão, à medida que afastava-se da escada. O ar se fazia cada vez mais pesado, carregado com o odor fétido que ele já percebera próximo ao gongo de ouro.

Nas trevas, ouviu-se um som à sua frente. Parecia o roçar de pés descalços sobre as pedras, ou de um vestido sobre o chão. Não saberia dizê-lo com precisão. Um segundo depois, sua mão encontrou uma barreira, que identificou como uma porta maciça de metal talhado. Empurrou sem obter nenhum resultado, e logo sua espada buscou em vão uma brecha. Voltou a empurrar, mas foi inútil. Nem mesmo uma manada de elefantes derrubaria aquele gigantesco portal.

Enquanto estava inclinado sobre a porta, percebeu, do outro lado desta, um som que identificou em seguida: era um ruído de ferro embolorado, como o de uma alavanca ao girar sobre o eixo. O cimério pulou para trás instintivamente; naquele preciso instante, desabou um grande bloco de pedra, vindo de cima, com estrondo ensurdecedor. Se tivesse saltado um segundo depois, Conan seria esmagado pela pedra, feito uma formiga.

O bárbaro imaginou que Muriela estivesse aprisionada atrás daquela porta de bronze, caso ainda vivesse. Mas era impossível transpô-la, e se continuasse naquele corredor, podia lhe cair outro bloco, e ele não ter tanta sorte quanto com o anterior. Não podia continuar procurando por ali. Tinha que encontrar outra entrada pelo alto.

Correu em direção às escadas e suspirou involuntariamente quando chegou a esta, e chegou a um local tenuemente iluminado. Mas ao subir os primeiros degraus, ouviu a porta de mármore se fechando e ficou submerso mais uma vez nas trevas.

Algo semelhante ao pânico apoderou-se do cimério, ao se ver capturado naquele túnel. Virou-se de espada em punho, mas não ouviu nenhum ruído. Talvez as pessoas que se encontravam do outro lado da porta — se fossem pessoas — acreditassem ter se livrado dele com a queda da pedra, que, sem dúvida, havia sido solta por meio de algum mecanismo especial.

Nesse caso, por que haviam fechado a porta superior da escada? O cimério abandonou aquelas especulações e subiu passo a passo, temendo receber uma facada a cada degrau que galgava.

Ao chegar à porta, empurrou com todas as forças e praguejou ao comprovar que ela também não cedia. Tateou pela fria superfície e encontrou um ferrolho que certamente fora corrido ao fechar-se a porta. Então, abriu o ferrolho e a porta. Logo, saltou em direção à moradia com o rosto crispado, como a encarnação da fúria, disposto a lutar com qualquer inimigo que estivesse à espreita.

A sala estava vazia, assim como o estrado. Yelaya havia desaparecido.

— Por Crom! — murmurou o cimério — Estaria viva, depois de tudo?

Avançou em direção à sala do trono, absolutamente desconcertado e, em seguida, um pensamento repentino fê-lo adentrar a sala que se encontrava atrás do estrado. Havia sangue no lugar onde deixara o corpo desmaiado de Gwarunga. Mas isso era tudo. O negro havia desaparecido tão misteriosamente quanto Yelaya.

## IV

### *Os Dentes de Gwahlur*

Uma fúria de impotência dominava Conan. Não tinha a menor idéia de onde procurar Muriela, e o mesmo lhe ocorria a respeito do tesouro dos Dentes de Gwahlur. Só lhe ocorreu uma coisa: seguir os sacerdotes. Talvez, chegando ao esconderijo do tesouro, ele encontrasse algum indício. Era uma possibilidade bem remota, mas seria melhor do que vagar por ali, sem rumo fixo.

Enquanto avançava rapidamente pela enorme sala em direção ao pórtico, quase esperava que as sombras imóveis criassem vida e o atacassem com suas espantosas presas e garras. Mas quando chegou ao exterior e pisou no mármore iluminado pela lua, só notou as batidas aceleradas de seu coração.

Ao pé das escadas, deu uma olhadela para orientar-se sobre qual direção devia seguir. Imediatamente, encontrou um rastro. Sobre o capim, que estava pisado em determinados lugares onde também se via pequenos galhos quebrados, havia numerosas pétalas. Conan, que havia seguido o rastro de lobos em suas montanhas natais, não teve dificuldade nenhuma em seguir o dos sacerdotes.

As pegadas se afastavam do palácio entre os exóticos matagais, onde cresciam grandes flores esbranquiçadas. Finalmente, chegou diante de uma enorme massa rochosa que destacava-se dos paredões como um gigantesco castelo. Sem dúvida, o sacerdote charlatão havia se equivocado ao dizer que as jóias estavam ocultas no palácio, posto que o rastro o havia levado pra fora deste. Entretanto, Conan tinha a impressão de que todos os pontos do vale estavam conectados ao palácio, através de corredores secretos.

Agachado entre as sombras dos matagais, o cimério examinou o enorme penhasco que brilhava ao luar. Estava coberto por entalhes grotescos que

representavam homens, animais e uns seres bestiais que podiam ser homens ou demônios. O estilo dos entalhes se diferenciava tão notavelmente do que se via no resto do vale, que Conan se perguntou se não seria uma relíquia primitiva de épocas anteriores à fundação de Alkmeenon.

Na rocha, havia uma enorme porta. Em redor desta, haviam sido talhadas as presas de um dragão. A porta era de bronze e parecia bem pesada. Não havia fechaduras visíveis, mas nas duas portas, abertas de par em par, se via um estranho mecanismo, certamente usado como tranca, cujo funcionamento só os sacerdotes de Keshan deviam conhecer.

O rastro indicava que Gorulga e seus acólitos haviam entrado por aquelas portas. Mas Conan hesitou. Se esperasse até eles saírem, talvez encontrasse-os fechando a porta, cujo mecanismo parecia bem seguro. Se os seguisse no interior da gruta, eles poderiam deixá-lo trancado ao saírem.

Finalmente se decidiu e adentrou a gruta. Em algum lugar daquele recinto, encontravam-se os sacerdotes, os Dentes de Gwahlur e talvez a chave do que havia ocorrido a Muriela. Os perigos nunca haviam intimidado Conan em suas tarefas.

A lua iluminava uma parte do túnel pelo qual entrara o cimério. À distância, percebeu um brilho tênue e, dali, parecia chegar um estranho cântico. Os sacerdotes não estavam tão longe como pensara. O túnel desembocava numa caverna de pequenas dimensões, com um alto teto abobadado. Um as incrustações na rocha produziam uma luminosidade fosforescente. Sob a tênue luz, o bárbaro pôde ver uma imagem de aspecto monstruoso que se encontrava num altar. Na gruta, desembocavam meia dúzia de túneis e, pelo maior, percebia-se o luminoso cintilar das tochas. O cântico aumentava.

Conan adentrou temerariamente a passagem e, rapidamente, se viu contemplando uma caverna de dimensões maiores que a anterior. Ali não havia fosforescência, mas a luz das tochas iluminava um altar com a imagem de um deus ainda mais repugnante que o anterior. Parecia um sapo e, diante dele, estavam ajoelhados Gorulga e seus acólitos, que entoavam cânticos monótonos. O cimério achou que haviam avançado muito pouco. Evidentemente, penetrar na cripta secreta do tesouro constituía um ritual bem complicado.

O bárbaro começava a se impacientar, quando os sacerdotes ergueram-se e entraram por um túnel que havia atrás do ídolo. Ele os seguiu a uma certa distância. Não havia muito perigo de ser descoberto, já que deslizava entre

as sombras como uma criatura da noite, enquanto os sacerdotes estavam completamente absortos em seu grotesco protocolo. Ao que parecia, não haviam sequer notado a ausência de Gwarunga.

Chegaram a uma caverna de grandes dimensões, por cujas altas paredes se viam galerias que formavam diversos andares. Voltaram a iniciar o ritual, agora diante de um altar cujo deus tinha um aspecto ainda mais espantoso que os anteriores.

Conan se apoiou na parede, perto da entrada da gruta, em cujo interior brilhavam as tochas. Viu uma escada que subia em espiral de galeria em galeria. O teto se perdia nas sombras.

Mas o cântico parou subitamente. Os sacerdotes ajoelhados levantaram a cabeça e o cimério não conseguiu evitar um tremor.

Uma voz inumana, impossível de identificar, ressoou ruidosamente acima deles. Os sacerdotes ficaram imóveis, com o olhar fixo numa luz fantasmagórica que iluminava uma figura. A luz se intensificou e os acólitos gritaram. Haviam reconhecido aquela silhueta vestida de seda e ouro.

— Yelaya! — exclamou Gorulga, com o rosto pálido — Por que nos seguiu? O que queres de nós?

Voltou-se a ouvir a voz, ampliada pelos inumeráveis ecos da abóbada:

— Malditos sejam os sacrílegos! Que caia a perdição sobre quem nega ao verdadeiro deus!

Dos lábios dos sacerdotes surgiu um grito de assombro. Gorulga parecia um abutre desconcertado à luz das tochas.

— Não... não compreendo. — disse, gaguejando — Nós somos fiéis a ti. Na sala do oráculo, tu nos disseste...

— Esqueça o que foi dito na sala do oráculo! — trovejou a voz — Cuidado com os falsos profetas e os falsos deuses! Um demônio ocupou meu lugar e lhes deu uma falsa profecia. Agora escutem e obedeçam, pois eu sou a única deusa verdadeira. Oferecerei-lhes uma oportunidade de salvarem-se!

"Tirai o tesouro dos Dentes de Gwahlur da cripta na qual se encontra há tanto tempo. — continuou — Alkmeenon já não é um lugar sagrado, porque foi profanado por gente de pouca fé. Ponham o tesouro nas mãos de Tuthmekri, o stígio, para que ele o leve ao santuário de Dagon e Derketo. Apenas isto pode salvar Keshan da ruína que os demônios das trevas planejam para nosso país. Pegai, pois, o tesouro e voltai imediatamente à

capital de Keshan. Entregai, lá, as jóias a Tuthmekri e mandai esfolar vivo àquele maldito estrangeiro chamado Conan, na grande praça da cidade".

Não houve a menor indecisão. Tremendo de horror, os sacerdotes correram atropeladamente em direção à porta que havia atrás do repugnante ídolo. Gorulga encabeçava a fuga. Amontoaram-se na porta, lançando exclamações, e, pouco depois, seus passos se perderam nos túneis.

Conan não os seguiu. Estava furioso e consumido pelo desejo de descobrir a verdade sobre aquele fantástico assunto. Seria aquela a verdadeira Yelaya, ou a jovem Muriela, que afinal o traíra? Nesse caso...

Antes que a última tocha desaparecesse pelo túnel escuro, o cimério já subia, com expressão vingativa, pela escada de pedra. O fulgor diminuía de forma apreciável, mas o bárbaro ainda conseguia distinguir a figura esbranquiçada que permanecia imóvel na galeria. Sentiu um suor frio na fronte, mas não vacilou. Aproximou-se com a espada erguida e pairou, como a própria morte, sobre a inexplorável figura.

— Yelaya! — gritou — Volta a morrer, você que esteve morta durante mil anos!

Da boca de um túnel que se abria às costas do cimério, surgiu uma forma imprecisa. Mas o ruído, mal perceptível, que produziu, pôs Conan em alerta. Este virou-se como um tigre e acertou um golpe quase às cegas. Sua enorme espada atravessou o atacante e saiu-lhe entre os ombros.

Conan arrancou o sabre, enquanto a vítima caía ao chão com um último gemido de agonia. O homem se retorceu por um momento e logo ficou imóvel. Sob a tênue luz, Conan viu um corpo negro e robusto. Havia matado Gwarunga.

Então, o cimério virou-se em direção ao corpo da deusa. Algumas cordas mantinham-na amarrada, pelo peito e joelhos, a uma das colunas. A poucos passos de distância, as amarras não se viam, devido à pouca luz.

— Deve ter me seguido quando descí pelos degraus da porta falsa, na sala do oráculo. — murmurou Conan — Certamente imaginou que estava lá embaixo, e tirou a adaga que eu havia colocado para que a porta não se fechasse. Ah, aqui está!

O cimério tirou a adaga, com a qual Gwarunga pretendia apunhalá-lo, de entre seus dedos rígidos e examinou-a detidamente. Comprovou que de fato era a sua, e colocou-a novamente no cinto.

— Logo depois, levou Yelaya... — continuou raciocinando Conan — pra enganar esses néscios. Em seguida, gritou o que lhe convinha, e sua voz não

foi reconhecida, já que os múltiplos ecos da caverna desfiguravam-na. E quanto a essa luminosidade azulada... me parece familiar. Sim, é uma substância usada pelos piratas da Stygia. Provavelmente, Tuthmekri

entregou-a a Gwarunga, que dela precisava. Familiarizado com as cerimônias de seus companheiros, Gwarunga deve ter entrado na gruta depois dos demais sacerdotes. — continuou murmurando — Levava o corpo de Yelaya e o colocou num local, para representar a farsa, enquanto seus companheiros se dedicavam ao interminável ritual.

O cimério descobriu outra fonte de luz. Vinha de um dos túneis que levavam ao patamar e seguia a direção que os sacerdotes haviam tomado. Talvez desse acesso a outra gruta, na qual se encontrassem os sacerdotes nesse momento. Apressou o passo e voltou a ouvir, mais adiante, os cânticos dos sacerdotes de Keshan.

De repente, viu uma porta à esquerda, emoldurada na fosforescência azulada. Um soluço dilacerante chegou até seus ouvidos. Virou-se rapidamente e olhou através do vazio luminoso.

Estava olhando no interior de uma moradia, escavada no rochedo, no de uma caverna, como as anteriores. O teto abobadado brilhava devido ao efeito da substância fosforescente. As paredes estavam quase totalmente cobertas de arabescos dourados.

Próximo à parede da frente, sobre um trono de granito e olhando em direção à porta, encontrava-se o monstruoso e obscuro Pteor, deus dos pelishtios. Era feito de latão, e seus exagerados atributos masculinos refletiam a rusticidade do culto. Sobre seu colo, estava estendida uma figura imóvel.

— Maldição! — sussurrou o cimério, observando a estância com receio.

Ao ver que não havia outra entrada nem outras pessoas, avançou silenciosamente e olhou a moça, cujos ombros se moviam convulsivamente pelo pranto. A jovem tinha o rosto oculto entre as mãos, e seus pulsos estavam presos, por algemas de ouro e correntes do mesmo metal, a outras algemas, que o ídolo tinha nos braços. O cimério tocou com a mão direita o ombro nu da garota e esta se estremeceu. Depois de dar um grito, ela levantou seu rosto banhado de lágrimas.

— Conan! — exclamou Muriela, estendendo os braços em direção a ele, mas as correntes impediram-na.

O cimério colocou as delgadas correntes sobre o joelho do ídolo, e quebrou-as com a espada.

— Terá que levar estas pulseiras, até que encontremos um cinzel ou uma lima. — ele grunhiu, referindo-se às algemas — Vocês, atrizes, são muito emotivas. O que aconteceu com você?

— Quando voltei à sala do oráculo — começou a explicar Muriela -, vi a deusa estendida, tal como eu vira na primeira vez. Gritei e comecei a correr em busca de você, mas alguém me segurou por trás, tapou minha boca com a mão, me arrastou por uma escada e, logo, através de uma moradia escura. Eu não sabia quem havia me capturado, até cruzarmos uma grande porta de metal e chegarmos a um túnel, cujo teto brilhava como o desta sala.

"Quase desmaiei quando os vi! — prosseguiu a jovem — Eles não eram seres humanos! São uns demônios de pêlo grisalho, que andam desajeitadamente e falam uma língua que não parece humana. Permaneceram ali, e pareciam estar esperando algo. Ouvi alguém tentar abrir a porta do lado de fora. Então, um desses seres empurrou uma alavanca que havia na parede, e ouvi um estrondo, como se houvesse caído uma enorme pedra do outro lado da porta de bronze. Logo depois, me levaram por corredores sinuosos e subimos uma escada até chegar aqui, onde me acorrentaram a esse ídolo assustador. — continuou — Depois, se foram e me deixaram só. Conan, quem eram aquelas criaturas?"

— São os servos de Bit-Yakin. — respondeu ele, com um grunhido — Encontrei um manuscrito que revelava algumas coisas a respeito deles e, depois, vi uma pintura na parede, que me mostrou o resto. Bit-Yakin era um pelishtio que chegou ao vale interno com seus criados, uma vez que o povo de Alkmeenon havia abandonado o lugar. Encontrou o corpo da princesa Yelaya, e descobriu que os sacerdotes voltavam de vez em quando para fazerem— lhe oferendas, pois, naquela época, Yelaya ainda era venerada como deusa.

"Preparou um nicho na parede, atrás do estrado, e falou através de uns orifícios, fazendo os sacerdotes acreditarem que era a voz da deusa. — continuou dizendo — Assim nasceu o oráculo. Os sacerdotes nunca suspeitaram de nada. Não viam os servos de Bit-Yakin, pois estes se escondiam quando realizava-se alguma cerimônia. Assim viveu e morreu Bit-Yakin neste palácio, sem que os sacerdotes tivessem conhecimento. Só o céu sabe quanto tempo ele permaneceu aqui, mas devem ter sido séculos. Os sábios pelishtios são capazes de prolongar suas vidas durante centenas de anos. Eu vi alguns deles.

"Ninguém é capaz de dizer por que viveu aqui sozinho e desempenhou o papel de oráculo — prosseguiu -, mas imagino que o fez para manter o palácio inviolado e pra ninguém vir perturbar a paz reinante. Bit-Yakin comia os manjares que lhe traziam como oferenda a Yelaya. Seus criados comiam outras coisas. Eu sempre soube que existia um rio subterrâneo, que partia do lago onde o povo dos planaltos de Punt lançava seus mortos. Esse rio passa por baixo do palácio e, através de umas escadas que chegam até a água, eles se apoderam dos cadáveres. Tudo isto foi registrado por Bit-Yakin no pergaminho e em alguns afrescos pintados nas paredes.

"Mas o ancião acabou morrendo. — acrescentou Conan — Seus criados o mumificaram, segundo as instruções que ele havia lhes dado, e logo puseram-no em uma pequena cova, existente nos taludes rochosos. O resto é fácil de imaginar. Os servos, que gozaram de uma vida mais longa que seu amo, continuaram vivendo aqui. Quando chegava um sacerdote, esquartejavam-no. Por esse motivo, até a chegada de Gorulga, ninguém se atrevia a consultar o oráculo.

"É evidente que, de tempos em tempos, os criados renovavam as roupas da deusa, como viam seu amo fazer. — concluiu — Certamente, possuem uma estância onde as sedas não se vêem afetadas pela passagem do tempo. Eles devolveram a deusa a seu lugar, depois de Zargheba tê-la levado. E eles também cortaram a cabeça deste e penduraram-na numa árvore".

Muriela se estremeceu, mas ao mesmo tempo suspirou aliviada.

— Não voltará mais a me chicotear. — disse.

— Não o fará, enquanto estiver no inferno. — concordou o bárbaro — Mas, vamos. Gwarunga estragou meu plano, ao levar a deusa. Vou segui-los e procurarei roubar-lhes o tesouro quando o tiverem encontrado. Ande sempre ao meu lado. Não posso ficar lhe vigiando o tempo todo.

— Mas, e os criados de Bit-Yakin? — perguntou a jovem, com um sussurro temeroso.

— Teremos que arriscar. — ele respondeu — Não sei o que passa por suas cabeças, mas até agora não demonstraram nenhuma intenção de sair para lutarem em campo aberto. Vamos.

Conan pegou a moça pela mão e levou-a pelo corredor. Enquanto avançavam, ouviram o cântico dos sacerdotes misturado ao rumor de uma corrente d'água. A luz ficou mais intensa, e foram parar numa plataforma natural que levava a uma caverna gigantesca. Da galeria, contemplaram uma cena fantástica.

Acima deles, brilhava o teto fosforescente. A uns trinta metros abaixo, estendia-se o solo uniforme da caverna que, em sua extremidade mais afastada, era banhado por um rio de águas tempestuosas e espumantes. A correnteza surgia da escuridão, refletia em sua superfície miríades de fulgores do teto e, após percorrer a gruta, ia perder-se novamente nas trevas.

O cimério e sua companheira se encontravam numa plataforma, da qual se estendia uma ponte natural de pedra, que terminava em forma de arco, em outra plataforma situada na parede oposta da gruta, depois de passar sobre o riacho. Abaixo da ponte uns três metros, havia outra ponte mais larga, que seguia a mesma direção.

Em ambas as extremidades, havia uma escada talhada na rocha, que unia aqueles enormes arcos.

Depois de seguir a curva do arco que afastava-se da plataforma na qual se encontrava, Conan distinguiu uma abertura na parede da gruta, através da qual se via as estrelas.

Mas a sua atenção se viu atraída pela cena que se desenrolava sob eles. Os sacerdotes haviam chegado a seu destino. Ali, numa esquina da gruta, erguia-se um altar de pedra sobre o qual não havia nenhum ídolo. Não dava pra ver se este estava atrás, porque aquela parte encontrava-se completamente às escuras.

Os sacerdotes haviam posto suas tochas nuns orifícios que haviam no chão de pedra, de modo que os fachos formavam um semicírculo de fogo diante do altar, a vários metros de distância deste. Eles também formaram um semicírculo no interior do outro, e Gorulga, depois de levantar os braços numa invocação, se inclinou sobre o altar e pôs as mãos sobre este. A laje superior se abriu para trás, quando o sumo-sacerdote ergueu-a e apareceu uma pequena cripta.

Gorulga estendeu seu longo braço em direção ao orifício e retirou um pequeno cofre de bronze. Deixou a laje do altar cair à sua posição anterior, e pôs o pequeno cofre em cima. Em seguida, começou a abrir a tampa deste. Aos interessados observadores que se encontravam na plataforma superior, parecia que haviam liberado uma chama de fulgor muito intenso, que brilhava e palpitava dentro do cofre. O coração do cimério sobressaltou—se. Conan pegou mecanicamente no cabo de sua espada. Os Dentes de Gwahlur, finalmente! O tesouro que transformaria seu possuidor no homem mais rico do mundo!

De repente, Conan se deu conta de que, em torno do altar, só brilhava a chama maligna dos Dentes de Gwahlur, que continuava crescendo cada vez mais. Os sacerdotes negros estavam imóveis como estátuas de basalto, e olhavam com gesto de profundo espanto.

Em seguida, o misterioso espaço, situado atrás do altar, começou a iluminar-se e, ao fazê-lo, puderam-se ver umas figuras espantosas que pareciam surgir da noite e do silêncio sem fim.

A princípio, pareciam estátuas de granito cinza. Mas aqueles seres peludos de aspecto repulsivo estavam vivos. Só seus olhos pareciam ter vida, como se fossem brasas ardentes. Gorulga gritou horrorizado, ao mesmo tempo em que erguia os braços com atitude defensiva.

Um braço mais longo avançou em sua direção e uma mão agarrou-lhe a garganta. Gritando e debatendo-se, o sumo-sacerdote foi arrastado até ficar estendido sobre o altar. Então, um punho abateu-se sobre ele como uma maça, e os gritos de Gorulga cessaram.

Seu corpo ficou inerte sobre a laje, com o crânio esmagado. Em seguida, os antigos servos de Bit-Yakin lançaram-se como uma turba demoníaca sobre os sacerdotes, que continuavam imóveis de horror.

A matança que se seguiu foi repugnante e estremecedora.

Conan viu corpos negros dilacerados pelas mãos pouco humanas dos atacantes, contra cuja terrível força e agilidade de nada adiantaram as adagas e espadas dos sacerdotes. Viu corpos erguidos no ar e arremessados contra o altar. Viu uma tocha sustentada por uma mão monstruosa, que se retorcia em vão. Apenas um sacerdote conseguiu escapar, dando alaridos, mas uma horda sangrenta de formas horrorosas perseguia-o de perto. O fugitivo e seus perseguidores desapareceram pelo negro túnel, enquanto os gritos do homem continuavam chegando, cada vez mais debilitados pela distância.

Muriela estava ajoelhada, com os olhos fechados e abraçada às pernas de Conan. Era a viva imagem do espanto.

Mas o cimério entrou em ação. Deu uma olhada no orifício pelo qual brilhavam as estrelas, logo depois observou o cofre, que ainda reluzia sobre o altar ensanguentado, e ali viu uma oportunidade desesperada.

— Vou até o cofre! — exclamou — Fique aqui!

— Não, por favor! — gritou a moça, agarrando-lhe os joelhos — Não! Não me deixe!

— Fique quieta e não abra a boca! — disse o cimério, livrando-se dos braços de Muriela.

Desprezando a escada, o cimério desceu de plataforma em plataforma, com vários saltos ágeis. Ao chegar ao solo, não viu rastro algum dos monstros. O fulgor que havia precedido à aparição dos antigos servos de Bit-Yakin desapareceu com eles. Somente as jóias, que estavam no cofre de bronze, continuavam projetando sua luz cintilante. Conan se apoderou do cofre, mas primeiro olhou avidamente seu conteúdo: umas gemas de forma estranha, que resplandeciam com brilho gelado, ultraterreno. Fechou a tampa de um golpe, colocou o pequeno cofre debaixo do braço e correu pelos degraus abaixo. Não tinha nenhum desejo de enfrentar os criados infernais de Bit-Yakin. "Por que esperaram tanto para atacar?", ele se perguntou. Impossível sabê-lo. Nenhum ser humano podia explicar as reações daqueles monstros. Não havia dúvida de que possuíam uma inteligência similar à humana. Mas, no chão da caverna, jazia a prova de seu espírito bestial.

A garota coríntia ainda estava ajoelhada quando o cimério chegou. Este pegou-a pelo pulso

e ergueu-a, ao mesmo tempo que lhe dizia com um grunhido:

— É hora de irmos embora!

Aterrorizada demais para se dar conta do que acontecia, a jovem se deixou conduzir ao longo da estreita ponte de pedra. Só quando ficaram acima da corrente, a moça olhou pra baixo, deu um grito e cambaleou no ar. Conan proferiu uma maldição, envolveu-lhe a cintura com o braço e levou-a acima do chão até a outra extremidade da ponte natural. Logo correram pelo curto túnel que havia do outro lado e, um momento depois, saíram numa estreita cornija rochosa, situada no lado externo dos paredões que cercavam o vale. Abaixo, a menos de trinta metros, as folhas das árvores se agitavam à luz das estrelas.

Ao olhar em direção à floresta, o cimério deixou escapar um suspiro de alívio. Se sentia capaz de descer por aquele talude, mesmo tendo de carregar a garota e o cofre. Depositou na rocha o pequeno cofre, que ainda estava manchado pelo sangue de Gorulga, e já se dispunha a amarrá-lo nas costas com seu cinto, quando ficou imóvel ao ouvir, atrás de si, um ruído sinistro e inconfundível.

— Fique aqui! — disse à atemorizada coríntia — Não se mova!

O cimério desembainhou a espada e deslizou cautelosamente pelo túnel.

Na metade da ponte, havia um corpo grisalho. Um dos antigos criados de Bit-Yakin vinha seguindo o casal. Não havia dúvida alguma de que o monstro tinha visto a ambos. Conan não vacilou. Tinha que acabar com ele, antes que os outros servos voltassem.

Lançou-se diretamente contra o monstro, que não era simiesco nem humano. Era uma criatura pavorosa, surgida das misteriosas selvas do sul, às quais o homem não havia chegado e de onde se ouvia permanentemente o rufar de tambores.

Ambos se encontraram na parte mais alta do arco da ponte, sob a qual as águas corriam furiosas a uns trinta metros. Conan atacou, como um tigre, o monstro com rosto de troglodita e asqueroso corpo grisalho. Golpeou com sua espada, pondo todas as energias do corpo no golpe. Aquele golpe teria despedaçado o corpo de um homem. Mas os ossos do antigo servo de Bit-Yakin pareciam feitos de aço. Apesar disso, o golpe destroçou-lhe parte do peito e o sangue jorrou aos borbotões do enorme ferimento.

Antes que o cimério pudesse dar um segundo golpe, um braço gigantesco varreu-o da ponte, como se ele fosse uma mosca. Enquanto caía, o rumor da correnteza pareceu a Conan um fúnebre dobrar de sinos. Mas seu corpo deu uma volta no ar e foi cair parcialmente sobre a ponte que havia embaixo. Balançou-se precariamente por um instante e, finalmente, seus dedos se agarraram à beirada oposta da ponte, evitando a queda. Logo saltou sobre o arco de pedra. Ainda levava a espada na mão direita.

Naquele momento, viu a criatura que sangrava em abundância e corria em direção à extremidade da ponte com a intenção de descer pela escada onde Conan se encontrava. Uma vez chegando ao final da ponte, o monstro parou repentinamente. Na entrada do túnel, havia visto Muriela com o cofre baixo e um gesto de horror no rosto. Bramindo um rugido triunfal, o monstro agarrou a moça com um braço e pegou o pequeno cofre com a outra mão. Logo recuou para cruzar a ponte. O cimério gritou uma praga, pois percebeu que não chegaria a tempo. Tinha que subir a escada de pedra que separava-o da ponte superior e, naquele momento, o ser inumano já havia desaparecido pelo labirinto de túneis que havia do outro lado.

Mas o monstro perdia força. O sangue não havia parado de jorrar do tremendo ferimento que tinha no peito, e agora ele oscilava feito um bêbado sobre o arco. De repente, despencou sobre a rocha e logo se precipitou no abismo. A garota e o cofre caíram de suas mãos inertes. Muriela lançou um grito terrível.

Conan estava quase embaixo do local onde o monstro havia caído. Este bateu na segunda ponte, mas ricocheteou e se precipitou nas águas trovejantes. A moça, por sua vez, conseguiu manter-se na beirada do arco de pedra. O cofre caiu a um lado de Conan, e Muriela no outro, ambos ao alcance da mão do cimério. Por alguns instantes, o cofre girou sobre a pedra; a garota agarrou-se desesperadamente às rochas com um braço, fitando Conan com os olhos arregalados de espanto.

O bárbaro não hesitou. Nem sequer olhou para o cofre que continha as riquezas de toda uma era. Deu um salto, que envergonharia a mais ágil pantera, e pegou a garota pelo pulso, quando os dedos desta já escorregavam pela ponte. Logo, dando um tremendo puxão, ergueu-a sobre a rocha. O cofre ultrapassou a beirada e, depois de traçar um arco, foi cair nas águas, a trinta metros de distância. Uma branca mancha de espuma apontou o local em que os Dentes de Gwahlur desapareceram para sempre da vista dos homens.

O cimério mal se incomodou em olhar. Correu pela ponte e subiu pelos degraus de pedra, levando a moça, meio desmaiada, debaixo do braço. Um berro espantoso fê-lo virar a cabeça quando alcançava o arco superior, e ele viu os demais monstros que irrompiam na caverna, pela parte de baixo, com as mãos ensanguentadas. Correram para cima e começaram a subir as escadas que uniam entre si as saliências rochosas. Conan pôs a garota nas costas e iniciou a descida com temerária rapidez. Quando os rostos ferozes apareceram pela abertura, o cimério e a garota já desapareciam pela floresta que cercava os paredões externos do vale de Alkmeenon. Conan depositou Muriela no solo, no meio da densa vegetação.

— Bom, creio que podemos descansar. — disse — É quase impossível que esses monstros nos sigam fora do vale. Entretanto, buscarei um cavalo que deixei atado junto a um poço, não longe daqui. Ele estará lá, caso as feras não o tenham comido.

O cimério olhou-a, estranhado, e acrescentou:

— Por Crom! Pode me dizer por que está chorando justo agora?

Muriela cobriu o rosto com ambas as mãos, e seu corpo estremeceu-se por causa dos soluços.

— Você perdeu as jóias por minha culpa. — disse ela, com infinita aflição — Se eu tivesse ficado fora, na plataforma, o monstro não teria me visto. Você devia pegar o cofre e me deixar cair!

— Sim, creio que me seria mais conveniente. — ele respondeu com um sorriso — Mas esqueçamos o passado. Vamos, deixe de chorar. Isso. Agora, vamos.

— Então, vai me levar com você? — perguntou a jovem, esperançosa.

— Que outra coisa devo fazer? — disse o cimério, retomando a marcha.

Logo, olhou-a minuciosamente, fez um gesto de aprovação e voltou a sorrir ao ver a saia rasgada, que deixava à mostra uma parcela generosa de seu corpo ebúrneo. — Creio que uma boa atriz como você me pode ser bem útil. Não temos mais o que fazer em Keshan. Vamos a Punt. Os nativos daquele país adoram uma deusa de marfim e extraem ouro em abundância de seus rios. Direi-lhes que Keshan está tramando com Tuthmekri contra eles, o que é bem provável, e que os deuses me enviam para protegê-los. Procurarei colocá-la secretamente no templo onde encontra-se a sua deusa de marfim, para que você ocupe seu lugar. Então, iremos nos ressarcir da perda do cofre e lhes tiraremos até a última pepita de ouro!

# ALÉM DO RIO NEGRO

## *Beyond the Black River*

### I

## Conan perde seu machado

A quietude da trilha na floresta era tão primitiva, que o pisar de um pé com botas macias era uma perturbação alarmante. Ao menos, assim parecia aos ouvidos do andarilho, embora ele se movesse ao longo do caminho, com a cautela que deve ser praticada por qualquer homem que se aventura além do Rio Trovão. Era um jovem de estatura mediana, com um semblante aberto e um tufo de desgrenhado cabelo claro lhe escapando do gorro, ou elmo. Suas roupas eram bastante comuns para aquela região – uma túnica rústica, presa à cintura; curtas calças de couro sob ela, e botas macias de pele curtida de gamo que chegavam perto dos joelhos. O cabo de uma adaga se sobressaía do alto de uma das botas. O largo cinto de couro segurava uma espada curta e pesada, bem como uma bolsa macia de pele de gamo. Não havia perturbação nos olhos grandes que esquadrihavam as muralhas verdes que delimitavam a trilha. Embora não fosse alto, era bem-constituído; e os braços, aos quais as curtas mangas largas da túnica deixavam à mostra, eram engrossados por músculos salientes.

Ele caminhava imperturbavelmente, embora a última cabana de colonos ficasse milhas atrás de si, e cada passo o levasse para mais perto do perigo sombrio que pairava como uma sombra meditativa sobre a antiga floresta.

Ele não fazia tanto barulho quanto lhe parecia, embora bem soubesse que o pisar leve de seus pés calçados seria como um toque de alarme aos ferozes ouvidos que poderiam estar ocultos naquela traiçoeira fortaleza verde. Sua atitude descuidada não era autêntica; seus olhos e ouvidos estavam intensamente alerta – especialmente os ouvidos, pois nenhum olhar poderia penetrar o emaranhado de folhas mais do que alguns passos, em qualquer direção.

Mas, foi mais o instinto do que qualquer aviso de seus sentidos, que o alertou subitamente, fazendo-o levar a mão fazendo-o levar a mão que qualquer aviso de seus sentidos, que o alertou su que alguns passos, em qualquer direção antiga floresta ao cabo da espada. Ele ficou totalmente imóvel no meio da trilha, prendendo inconscientemente a respiração, perguntando-se o que teria ouvido e se perguntando se ele teria de fato ouvido algo. O silêncio parecia absoluto. Nenhum esquilo tagarelava e nenhum pássaro chilrava. Então seu olhar se fixou numa massa de arbustos ao lado da trilha, poucos metros à sua frente. Não havia brisa, embora ele tivesse visto um galho tremer. Seus cabelos curtos formigaram, e ele ficou indeciso por um instante, certo de que um movimento em qualquer direção traria a morte saída dos arbustos.

Um pesado som de trituração soou atrás das folhas. Os arbustos foram violentamente sacudidos e, junto com o som, uma flecha fez uma abóbada errática ao sair deles, e desapareceu entre as árvores ao longo da trilha. O andarilho vislumbrou sua trajetória, enquanto saltava freneticamente para se proteger.

Agachando-se atrás de um caule grosso, sua espada lhe tremendo nos dedos, ele viu os arbustos se abrirem, e uma figura alta caminhar calmamente para dentro da trilha. O viajante arregalou os olhos, surpreso. O forasteiro estava vestido como ele, com botas e calções, embora estes últimos fossem de seda ao invés de couro. Mas ele usava uma cota-de-malha tecida e sem mangas, ao invés da túnica, e um elmo empoleirado sobre sua cabeça negra. O elmo prendeu o olhar do outro; não tinha crista, mas era adornado por curtos chifres de touro. Nenhuma mão civilizada jamais forjaria aquele capacete. Nem o rosto sob ele era o de um homem civilizado: escuro, cicatrizado e com ardentes olhos azuis, era um rosto tão selvagem quanto a floresta primordial que formava o pano de fundo. O homem trazia uma espada na mão direita, e o fio estava manchado de vermelho.

— Saia. — ele chamou, num sotaque não-familiar ao viajante — Está tudo seguro agora. Só havia um daqueles cães. Saia.

O outro saiu incerto e encarou o estranho. Ele se sentiu estranhamente indefeso e fútil ao contemplar as proporções do homem da floresta: o volumoso peito coberto por ferro e o braço que segurava a espada avermelhada, bronzeado pelo sol e sulcado e marcado por músculos. Ele se movia com a facilidade perigosa de uma pantera; era ferozmente flexível demais para ser um produto da civilização, mesmo para aquele arremedo de civilização que compunha as fronteiras distantes.

Virando-se, ele caminhou de volta aos arbustos e os afastou. Ainda incerto sobre o que acabara de acontecer, o andarilho do leste avançou e olhou para baixo, para dentro das moitas. Um homem jazia lá; um homem baixo, escuro, de músculos grossos, vestido apenas com uma tanga, um colar de dentes humanos e um bracelete de latão. Havia uma espada curta enfiada no cinto da tanga, e uma das mãos ainda segurava um pesado arco negro. O homem tinha longos cabelos negros; era tudo o que o viajante podia dizer sobre sua cabeça, pois seu rosto era uma máscara de sangue e miolos. Seu crânio havia sido partido até os dentes.

— Um picto, pelos deuses! — exclamou o andarilho.

Os ardentes olhos azuis se voltaram para ele:

— Está surpreso?

— Ora, me disseram em Velitrium, e também nas cabanas de colonos ao longo da estrada, que estes demônios às vezes se esgueiravam pela fronteira, mas eu não esperava encontrar um deles aqui tão longe, no interior.

— Você está apenas seis quilômetros a leste do Rio Negro. — o estranho o informou — Eles têm sido vistos num raio de mais de um quilômetro de Velitrium. Nenhum colono entre o Rio Trovão e o Forte Tuscelan está realmente a salvo. Rastreei este cão a quase 5 km ao sul do forte, nesta manhã, e eu o tenho seguido desde então. Vim por trás dele no exato momento em que ele estava para atirar uma flecha sobre você. Mais um instante, e haveria um estranho no Inferno. Mas eu arruinei a mira dele.

O andarilho observava, com olhos arregalados, o homem mais largo, assombrado pela percepção de que aquele homem havia realmente rastreado um dos demônios da floresta e

o matado sem suspeitas. Aquilo implicava conhecimento das selvas de uma qualidade impensada, mesmo para a região de Conajohara.

— Você faz parte da guarnição do forte? – ele perguntou.

— Não sou soldado. Recebo o pagamento e as rações de um oficial de linha, mas faço meu trabalho na floresta. Valannus sabe que sou mais útil vagando ao longo do rio, do que engaiolado no forte.

Casualmente, o matador empurrou o corpo mais para o fundo do matagal com o pé, juntou os arbustos e se voltou para a trilha. O outro o seguiu.

— Meu nome é Balthus. – ele se apresentou – Eu estava em Velitrium na noite passada. Ainda não decidi se vou pegar uma porção de terra, ou me alistar no serviço do forte.

— A melhor terra próxima ao Rio Trovão já foi tomada. – grunhiu o matador – Há muitas terras boas entre a Enseada do Escalpo... a qual você cruzou há poucas milhas atrás... e o forte, mas está ficando muito infernal próximo ao rio. Os pictos vêm furtivamente para queimar e matar... como aquele fez. Eles nem sempre vêm sozinhos. Algum dia, eles tentarão expulsar os colonos de Conajohara. E eles podem conseguir; provavelmente conseguirão. Este negócio de colonização é loucura, de qualquer forma. Existe muita terra boa a leste das marchas bossonianas. Se os aquilonianos cortassem um pouco dos grandes estados de seus barões, e plantassem trigo onde hoje só há caça a veados, eles não precisariam cruzar a fronteira e tomar as terras dos pictos.

— Essa conversa é estranha para um homem a serviço do governador de Conajohara. – objetou Balthus.

— Isso não significa nada para mim. – o outro retrucou – Sou um mercenário. Vendo minha espada a quem oferece mais. Nunca plantei trigo, e nunca o farei, enquanto houver outras colheitas a serem ceifadas com a espada. Mas vocês, hiborianos, se expandiram o máximo que lhes é permitido. Vocês cruzaram as fronteiras, exterminaram alguns clãs e empurraram a fronteira até o Rio Negro; mas duvido que sejam capazes de manter o que vocês conquistaram, e nunca conseguirão empurrar a fronteira para mais além do oeste. Seu rei idiota não entende as condições daqui. Ele não lhes enviará reforços suficientes, e não há colonos o bastante para suportar o choque de um ataque combinado, vindo do outro lado do rio.

— Mas os pictos estão divididos em pequenos clãs. – persistiu Balthus – Eles nunca se unirão. Podemos derrotar qualquer clã isoladamente.

— Ou quaisquer três ou quatro clãs. – admitiu o matador – Mas, algum dia, um homem surgirá e unirá 30 a 40 clãs, exatamente como foi feito entre os cimérios, quando os gunderlandeses tentaram empurrar a fronteira para norte, anos atrás. Tentaram colonizar as fronteiras meridionais da Ciméria: destruíram alguns clãs pequenos e construíram um forte, Venarium... você já deve ter ouvido a história.

— De fato. – respondeu Balthus, estremeecendo. A lembrança daquele desastre vermelho era uma mancha negra nas crônicas de um povo orgulhoso e guerreiro – Meu tio estava em Venarium, quando os cimérios se aglomeraram sobre as muralhas. Ele foi um dos poucos que escaparam daquela matança. Eu o ouvi contar a história várias vezes. Os bárbaros saíram das colinas numa horda voraz, sem aviso, e atacaram Venarium com tamanha fúria que ninguém conseguiu resistir a eles. Homens, mulheres e crianças foram massacrados. Venarium foi reduzida a uma massa de ruínas carbonizadas, e assim permanece até hoje. Os aquilonianos foram empurrados de volta pelas fronteiras e, desde então, nunca tentaram conquistar o país dos cimérios. Mas você fala de Venarium com familiaridade. Você, por acaso, esteve lá?

— Estive. – grunhiu o outro – Eu fiz parte da horda que se amontoava sobre as muralhas. Eu ainda não tinha visto 15 invernos, mas meu nome já era repetido nas fogueiras do conselho.

Balthus recuou involuntariamente, com os olhos arregalados. Parecia incrível que o homem que andava tranquilamente ao seu lado tivesse sido um daqueles demônios estridentes e loucos por sangue, os quais se derramaram sobre as muralhas de Venarium, naquele dia distante, para fazerem suas ruas ficarem vermelhas.

— Então, você também é um bárbaro! – ele exclamou involuntariamente.

O outro assentiu, sem se ofender:

— Sou Conan, um cimério.

— Já ouvi falar de você. – Um interesse renovado correu no olhar de Balthus. Não era de se admirar que o picto houvesse sido vítima de seu próprio tipo de artimanha! Os cimérios eram bárbaros tão ferozes quanto os pictos, e muito mais inteligentes. Evidentemente, Conan havia passado muito tempo entre homens civilizados, embora o

contato obviamente não o tivesse amolecido, nem enfraquecido qualquer um de seus instintos primitivos. A apreensão de Balthus se transformou em admiração, enquanto ele percebia as fâceis passadas felinas e o silêncio sem esforço com os quais o cimério se movia ao longo da trilha. Os elos lubrificadas de sua armadura não tilintavam, e Balthus percebeu que Conan poderia deslizar através dos mais densos matagais, ou pelo bosque mais emaranhado, tão silenciosamente quanto qualquer picto nu que já tenha vivido.

— Você não é um gunderlandês? – era mais uma afirmativa do que uma pergunta.

Balthus sacudiu a cabeça:

— Sou de Tauran.

— Já vi bons mateiros vindos de Tauran. Mas os bossonianos defenderam vocês, aquilonianos das selvas exteriores, por séculos demais. Vocês precisam endurecer.

Aquilo era verdade; as fronteiras bossonianas, com suas vilas fortificadas e preenchidas por arqueiros determinados, haviam servido a Aquilônia por muito tempo, como um amortecedor contra os bárbaros de fora. Agora, entre os colonos além do Rio Trovão, estava se formando uma raça de homens da floresta, capazes de enfrentar os bárbaros em seu próprio jogo, mas sua quantidade ainda era escassa. Muitos dos homens da fronteira eram, como Balthus, mais colonizadores do que mateiros.

O sol ainda não havia se posto, mas não estava mais à vista, por estar escondido atrás da densa muralha de floresta. As sombras estavam se alongando e aprofundando atrás das árvores, enquanto os companheiros seguiam andando na trilha.

— Estará escuro, antes que alcancemos o forte. – Conan comentou casualmente; e, então: – Ouça!

Ele parou subitamente, meio agachado, a espada pronta, transformado numa figura selvagem de suspeita e ameaça, pronto para saltar e dilacerar. Balthus havia escutado também – um grito selvagem que irrompeu em seu tom mais alto. Era o grito de um homem em terrível medo ou agonia.

Conan estava afastado num instante, correndo pela trilha, cada passada aumentando a distância entre ele e seu esforçado companheiro. Balthus ofegou uma praga. Entre os assentamentos de Tauran, ele era considerado um bom corredor, mas Conan o estava deixando para trás com facilidade enlouquecedora. Então, Balthus esqueceu sua ira, quando seus ouvidos foram atacados pelo grito mais assustador que ele já ouvira. Este não

era humano; era um miado demoníaco de triunfo hediondo, que parecia exultar sobre a humanidade e encontrar eco em golfos negros, além da compreensão humana.

Balthus hesitou em suas passadas, e suor pegajoso lhe brotou na pele. Mas Conan não hesitou; ele disparou ao redor de uma curva na trilha e desapareceu, e Balthus, aterrado ao se ver só com aquele guincho medonho vibrando através da floresta em ecos pavorosos, imprimiu uma explosão extra de velocidade e mergulhou atrás dele.

O aquiloniano parou cambaleando, quase colidindo no cimério que se erguia na trilha sobre um corpo amarrotado. Mas Conan não olhava para o cadáver que jazia lá, na poeira ensopada de vermelho. Ele estava olhando para dentro da mata densa a ambos os lados da trilha.

Balthus murmurou uma praga horrorizada. Era o corpo de um homem que jazia lá na trilha; um homem baixo, gordo, usando botas trabalhadas a ouro e – apesar do calor – a túnica de arminho aparado de um mercador rico. Seu rosto gordo e pálido tinha um olhar arregalado de horror congelado; seu pescoço grosso havia sido cortado de orelha a orelha, como se por uma lâmina de barbear. A espada curta ainda na bainha indicava que ele fora atacado sem ter chance de lutar por sua vida.

— Um picto? – Balthus murmurou, enquanto se voltava para espreitar dentro das sombras compactas da floresta.

Conan sacudiu a cabeça e se endireitou para olhar para baixo, com a testa franzida, em direção ao morto.

— Um demônio da floresta. Este é o quinto, por Crom!

— O que quer dizer?

— Já ouviu falar num feiticeiro picto chamado Zogar Sag?

Balthus balançou a cabeça, inquieto.

— Ele vive em Gwawela, a vila mais próxima depois do rio. Três meses atrás, ele se escondeu ao lado desta estrada e roubou um grupo de mulas de um comboio destinado ao forte... de alguma forma, drogou seus condutores. As mulas pertenciam a este homem. – Conan apontou casualmente o cadáver com o pé – Tiberias, um mercador de Velitrium. Estavam carregados com pequenos barris de cerveja, e o velho Zogar parou para se embriagar antes de atravessar o rio. Um mateiro chamado Soractus o rastreou e levou

Valannus e três soldados para onde ele estava caído de bêbado, numa moita. Diante das importunações de Tiberias, Valannus lançou Zogar Sag dentro de uma cela, o que é o pior insulto que se pode fazer a um picto. Ele conseguiu matar o guarda e escapar, e enviou a notícia de que pretendia matar Tiberias e os cinco homens que o capturaram, de uma forma que faria os aquilonianos tremerem pelos séculos futuros.

“Bem, Soractus e os soldados estão mortos. Soractus foi morto no rio, e os soldados nas próprias sombras do forte. E agora Tiberias está morto. Nenhum picto os matou. Cada vítima – exceto Tiberias, como você pode ver – estava sem cabeça – sem dúvida, estão agora enfeitando o altar do deus particular de Zogar Sag”.

— Como você sabe que eles não foram mortos pelos pictos? – indagou Balthus.

Conan apontou para o cadáver do mercador:

— Você acha que isso foi feito com uma faca ou espada? Olhe mais de perto, e verá que apenas uma garra conseguiria fazer um talho como esse. A carne está rasgada, não cortada.

— Talvez uma pantera... – começou Balthus, sem convicção.

Conan balançou impacientemente a cabeça:

— Um homem de Tauran não pode confundir a marca das garras de uma pantera. Não. É um demônio da floresta, chamado por Zogar Sag para cumprir sua vingança. Tiberias foi um tolo em partir para Velitrium sozinho, e tão perto do escurecer. Mas cada uma das vítimas parecia estar acometida de loucura pouco antes da ruína acometê-la. Olhe aqui: os sinais são bem claros. Tiberias vinha cavalgando ao longo da trilha em sua mula, talvez com um pacote de excelentes peles não-curtidas de lontra para vender em Velitrium, e a coisa saltou sobre ele de trás daquele arbusto. Veja onde os galhos estão amassados.

“Tiberias deu um grito, e então sua garganta foi aberta e ele foi vender peles de lontra no Inferno. A mula fugiu para a mata. Escute! Mesmo agora, você pode ouvi-la se debater sob as árvores. O demônio não teve tempo para levar a cabeça de Tiberias; ele se assustou, quando nós chegamos”.

— Quando você chegou. – consertou Balthus – Não deve ser uma criatura tão terrível, se ela foge de um homem armado. Mas como você sabe que não era um picto, com algum tipo de gancho que rasga ao invés de cortar? Você o viu?

— Tiberias andava armado. – grunhiu Conan – Se Zogar Sag pode trazer demônios para ajudá-lo, ele pode lhes dizer qual homem devem matar e qual devem deixar em paz. Não, eu não o vi. Só os vi arbustos balançando quando ele deixou a trilha. Mas, se quiser mais provas, olhe aqui!

O matador havia caminhado para dentro da poça de sangue, na qual o morto se esparramava. Sob as moitas no limite da trilha, havia uma pegada feita em sangue no duro marga.

— Um homem fez isso? – indagou Conan.

Balthus sentiu seu escalpo formigar. Nenhum homem ou qualquer animal que ele já tenha visto poderia ter deixado aquela estranha e monstruosa pegada de três dedos, a qual combinava curiosamente pássaro e réptil, embora não fosse nenhum dos dois tipos. Ele estirou os dedos sobre a marca, com cuidado para não tocá-la, e grunhiu explosivamente. Não conseguia abarcar a marca.

— O que é isto? – ele sussurrou – Nunca vi um animal que deixasse uma pegada como essa.

— Nem qualquer outro homem são. – Conan respondeu sombriamente – É um demônio do pântano... eles são abundantes como morcegos, nos pântanos além do Rio Negro. Você pode ouvi-los uivando como almas penadas, quando o vento sopra do sul nas noites quentes.

— O que faremos? – perguntou o aquiloniano, mirando apreensivo as profundas sombras azuis. O medo congelado nas feições do morto o assustava. Ele se perguntava qual cabeça horrenda aquele infeliz havia visto saltar sorridente de dentro das folhas, para lhe congelar o sangue com terror.

— Não adianta tentar seguir um demônio. – grunhiu Conan, puxando um curto machado de mateiro do cinto – Tentei rastreá-lo após ele ter matado Soractus. Perdi seu rastro em doze passos. Ele pode ter criado asas e voado, ou afundado na terra até o Inferno. Não sei. Também não estou indo atrás da mula. Ela deve ter voltado ao forte, ou para a cabana de algum colono.

Enquanto falava, Conan se ocupava no limite da trilha com seu machado. Com poucos golpes, ele cortou um par de mudas com quase três metros cada uma, e lhes tirou os galhos. Logo, ele cortou um grande pedaço de uma vinha semelhante a uma serpente, a qual

rastejava entre os arbustos próximos e, amarrando uma extremidade a um dos pólos, a uns 60 centímetros do final, bateu a vinha sobre a outra muda e as entrelaçou para a frente e para trás. Em poucos momentos, ele tinha uma maca rústica, porém forte.

— Aquele demônio não pegará a cabeça de Tiberias, se eu puder evitar. – ele rosnou – Carregaremos o corpo para dentro do forte. Não são mais do que uns 5 quilômetros. Nunca gostei desse gordo idiota, mas não podemos ter demônios pictos fazendo maldições livremente com cabeças de homens brancos.

Os pictos eram uma raça branca, apesar de morenos, mas os homens da fronteira nunca se referiam a eles dessa forma.

Balthus pegou a extremidade posterior da maca, sobre a qual Conan despejou sem cerimônia o desafortunado mercador, e eles seguiram pela trilha o mais rápido possível. Conan não fazia mais barulho, carregando seu fardo sombrio, do que havia feito quando não estava sobrecarregado. Ele havia feito uma alça com o cinto do mercador na extremidade dos pólos, e carregava sua parte do fardo com uma mão, enquanto a outra segurava sua desembainhada espada larga e seu olhar incansável percorria as sinistras muralhas verdes ao redor deles. As sombras estavam ficando mais densas. Uma bruma azul-escura borrava os contornos da folhagem. A floresta afundava no crepúsculo e se tornava um habitat azul de mistério, abrigando coisas improváveis.

Eles haviam percorrido menos de dois quilômetros, e os músculos nos braços fortes de Balthus estavam começando a doer um pouco, quando um grito ressoou horrorizante das matas, cujas sombras azuis estavam escurecendo para púrpura.

Conan se sobressaltou convulsivamente, e Balthus quase soltou os pólos.

— Uma mulher! – gritou o homem mais jovem – Grande Mitra, uma mulher gritando!

— A esposa de um colono se perdeu na mata. – rosnou Conan, abaixando sua extremidade da maca – Provavelmente procurando uma vaca, e... fique aqui!

Ele mergulhou na parede de folhas, como um lobo caçando. Os cabelos de Balthus se eriçaram.

— Ficar aqui, com este cadáver e um demônio escondido na mata? – ele ganiu – Eu vou com você!

E, combinando ação com palavras, ele se precipitou atrás do cimério. Conan olhou de relance para trás, mas não fez objeções, embora não tivesse diminuído seu passo para se ajustar às pernas mais curtas do companheiro. Balthus desperdiçou fôlego praguejando, enquanto o cimério se afastava dele novamente, como um fantasma entre as árvores; logo, Conan irrompeu numa clareira escura e parou, se agachando, os lábios rosnando e a espada erguida.

— Por que estamos parando? – ofegou Balthus, sacudindo o suor dos olhos e agarrando sua espada curta.

— Aquele grito veio desta clareira, ou próximo daqui. – respondeu Conan – Não erro a localização dos sons, mesmo na selva. Mas onde...

Súbito, o som vibrou novamente – atrás deles, na direção da trilha que haviam acabado de deixar. Cresceu penetrante e vil, o grito de uma mulher em terror desvairado – e então, se transformou horrivelmente num brado de gargalhada zombeteira, que poderia ter irrompido dos lábios de um demônio do Inferno mais baixo.

— O que, em nome de Mitra... – o rosto de Balthus era uma mancha pálida na escuridão.

Com uma praga ressecada, Conan girou e se lançou de volta ao caminho pelo qual viera, e o aquiloniano tropeçou, perplexo, atrás dele. Quando o cimério parou, ele ricocheteou em seus ombros musculosos, tão fortes quanto os de uma estátua de ferro. Ofegando devido ao impacto, ele ouviu a respiração de Conan sibilar entre dentes. O cimério parecia congelado no lugar.

Olhando sobre seu ombro, Balthus sentiu o cabelo se arrepiar. Algo se movia através dos arbustos profundos que margeavam a trilha – algo que não caminhava nem voava, mas parecia deslizar como uma serpente. Mas não era uma serpente. Seus contornos eram indistintos, mas era mais alto que um homem, e não muito corpulento. Lançava um brilho de estranha luz, como uma fraca chama azul. De fato, o fogo sinistro era a única coisa tangível naquilo. Poderia ser uma chama encarnada, se movendo com razão e propósito através das matas enegrecidas.

Conan rosnou uma praga selvagem e arremessou seu machado com determinação feroz. Mas a coisa continuou deslizando sem mudar seu curso. De fato, eles só tiveram um vislumbre fugaz, de poucos instantes, daquilo – uma coisa alta e indistinta, de chama turva, flutuando pelos matagais. Logo, ela sumiu, e a floresta caiu numa quietude sem fôlego.

Com um rosnado, Conan mergulhou na folhagem que se interpunha entre ele e a trilha, e adentrou esta última. Suas blasfêmias, quando Balthus se esbarrou atrás dele, eram sinistras e fervorosas. O cimério se erguia sobre a maca na qual jazia o corpo de Tiberias. E aquele corpo não tinha mais cabeça.

— Ele nos enganou com aquele maldito miado! – rugiu Conan, balançando sua grande espada acima da cabeça, em sua fúria – Eu deveria ter percebido! Eu deveria ter imaginado um truque! Agora, haverá cinco cabeças para decorarem o altar de Zogar.

— Mas que coisa é essa, que consegue gritar como uma mulher, rir como um demônio e que brilha como fogo de bruxa através das árvores? – ofegou Balthus, enxugando o suor do rosto pálido.

— Um demônio do pântano. – Conan respondeu sombriamente – Pegue esses pólos. Levaremos o corpo, de qualquer forma. Pelo menos, nosso fardo está um pouco mais leve.

Com aquela filosofia sinistra, ele agarrou a alça de couro e seguiu pela trilha.

## II

# O feiticeiro de Gwawela

O Forte Tuscelan se erguia na margem leste do Rio Negro, cujas correntezas batiam ao pé da paliçada. Esta última era feita de troncos de árvores, assim como todas as construções internas, incluindo a torre de mensagem (para lhe dignificar o nome), na qual ficavam os alojamentos do governador, dando vista para a paliçada e o rio sombrio. Além daquele rio, havia uma enorme floresta, a qual se aproximava das margens porosas como uma selva densa. Homens marchavam pelos passadiços ao longo do parapeito de troncos, dia e noite, vigiando aquela densa muralha verde. Raramente aparecia uma figura ameaçadora, mas as sentinelas sabiam que elas também eram vigiadas, feroz e vorazmente,

com a impiedade do ódio antigo. A floresta além do rio poderia estar desolada e carente de vida ao olhar do ignorante, mas a vida proliferava ali, não apenas de pássaros, bestas e répteis, mas também de homens, o mais feroz de todos os predadores.

Ali, no forte, a civilização acabava. O Forte Tuscelan era o último posto de um mundo civilizado; representava o impulso mais ocidental das raças hiborianas dominantes. Além do rio, o primitivo ainda reinava em florestas sombrias, cabanas cobertas de gravetos nas quais pendiam caveiras sorridentes de homens, e cercados com paredes de barro onde fogueiras tremulavam e tambores retumbavam; e lanças eram afiadas nas mãos de homens – homens silenciosos, com emaranhadas cabeleiras negras e olhos de serpentes. Aqueles olhos frequentemente resplandeciam, através dos arbustos, para o forte do outro lado do rio. Outrora, homens de pele escura haviam construído suas cabanas onde se erguia o forte, sim, e suas cabanas foram erguidas onde agora ficavam os campos e cabanas dos colonos loiros, muito além de Velitrium – aquela cidade tosca e turbulenta, às margens do Rio Trovão –, até as daquele outro rio que delimita as marchas bossonianas. Comerciantes haviam chegado, e sacerdotes de Mitra que andavam com os pés descalços e mãos vazias, e a maioria morreu horrivelmente; mas os soldados vieram em seguida – homens com machados em suas mãos, e mulheres e crianças em vagões puxados por bois. De volta ao Rio Trovão e, mais ainda, além do Rio Negro, os aborígenes haviam sido empurrados, através de matança e massacre. Mas o povo de pele escura não esqueceu que outrora Conajohara lhes pertenceu.

O guarda dentro do portão leste berrou um desafio. Através de uma abertura gradeada, tremulavam luzes de tocha, reluzindo num capacete de aço e nos olhos desconfiados sob ele.

— Abra o portão. – rosou Conan – Está vendo que sou eu, não está?

A disciplina militar o irritava.

O portão se abriu para dentro, e Conan e seu companheiro passaram através dele. Balthus notou que o portão era flanqueado por uma torre a cada lado, cujos topos se erguiam acima da paliçada. Ele viu seteiras para flechas.

Os guardas grunhiram ao verem o fardo carregado entre os homens. Suas lanças batiam uma contra a outra, enquanto fechavam o portão; com o queixo sobre o ombro, Conan perguntou irritado:

— Nunca viram um corpo sem cabeça antes?

Os rostos dos soldados estavam pálidos à luz das tochas.

— Este é Tiberias. — um deixou escapar — Reconheço esta túnica de pêlos aparados. Valerius aqui me deve cinco lunas. Eu disse a ele que Tiberias tinha ouvido aquele chamado, quando ele cavalgou através do portão em sua mula, com aquele olhar vidrado. Apostei que ele voltaria sem cabeça.

Conan grunhiu enigmaticamente, gesticulou para que Balthus colocasse a maca no chão, e então se afastou a passos largos em direção ao alojamento do governador, com o aquiloniano em seus calcanhares. O jovem de cabelos desgrenhados olhava ao redor com avidez e curiosidade, percebendo as filas de cabanas ao longo das paredes, os estábulos, as pequenas barracas dos mercadores, o elevado fortim militar de troncos; e as outras construções, com o pátio aberto no centro, onde os soldados treinavam e, agora, labaredas dançavam e homens de folga descansavam. Estes agora se apressavam, para se juntar à mórbida multidão que se aglomerava ao redor da maca no portão. As figuras esguias dos piqueiros aquilonianos e batedores da floresta se misturavam com as formas mais baixas e truncadas dos arqueiros bossonianos.

Ele não ficou muito surpreso com o fato do governador recebê-los pessoalmente. A sociedade autocrática, com suas rígidas leis de casta, ficava a oeste da fronteira. Valannus ainda era um homem jovem, bem-vestido, com um semblante finamente cinzelado e já esculpido num molde sóbrio, devido à labuta e responsabilidade.

— Você deixou o forte antes do amanhecer, me disseram. — ele falou para Conan — Comecei a temer que os pictos finalmente tivessem lhe pego.

— Quando eles defumarem minha cabeça, todo o rio saberá. — grunhiu Conan — Eles ouvirão mulheres pictas chorando pelos seus mortos até Velitrium... Fui sozinho fazer um reconhecimento. Eu não conseguia dormir. Fiquei ouvindo tambores falando do outro lado do rio.

— Eles conversam todas as noites. — lembrou-se o governador, com seus belos olhos ensombrecidos, enquanto olhava atentamente para Conan. Ele havia aprendido a estupidez que era desmerecer os instintos de homens selvagens.

— A noite passada foi diferente. — rosnou Conan — Tem sido assim desde que Zogar Sag retornou através do rio.

— Deveríamos ter dado presentes a ele e o levado para casa, ou então o enforcado. — suspirou o governador — Você avisou, mas...

— Mas é difícil para vocês, hiborianos, aprenderem os modos das fronteiras. — disse Conan — Bem, não adianta reclamar agora; mas não haverá paz na fronteira enquanto Zogar viver e se lembrar do que passou na cela. Eu estava seguindo um guerreiro disposto a colocar mais alguns entalhes em seu arco. Depois de abrir sua cabeça, encontrei este rapaz, cujo nome é Balthus e que veio de Tauran para ajudar a conservar a fronteira.

Valannus olhou com aprovação para as feições francas e estrutura forte do jovem:

— É um prazer recebê-lo, jovem senhor. Eu gostaria que mais gente do seu povo viesse. Precisamos de homens acostumados à vida na floresta. Muitos de nossos soldados, e alguns de nossos colonos, são de províncias a leste, e nada conhecem das matas, ou mesmo da vida agrícola.

— Não há muitos desse tipo, deste lado de Velitrium. — grunhiu Conan — Aquela cidade, no entanto, está cheia deles. Mas ouça, Valannus: encontramos Tiberias morto na trilha. — E, em poucas palavras, ele relatou o acontecimento pavoroso.

Valannus empalideceu:

— Eu não sabia que ele havia deixado o forte. Ele devia estar louco!

— Ele estava. — respondeu Conan — Como os outros quatro; cada um, quando chegou sua hora, ficou louco e correu para dentro da mata, para encontrar sua morte como uma lebre correndo até a goela de um píton. Algo os chamou desde as profundezas da floresta; algo que os homens chamam de velhaco, na falta de um nome melhor; mas apenas os amaldiçoados conseguiam ouvir. Zogar Sag fez uma magia à qual a civilização aquiloniana não consegue derrotar.

Valannus não respondeu àquela insinuação; ele limpou sua testa com uma mão trêmula.

— Os soldados sabem disto?

— Deixamos o corpo no portão leste.

— Você deveria ter ocultado o fato, escondido o corpo em algum lugar da floresta. Os soldados já estão bastante nervosos.

— Eles o encontrariam de alguma forma. Se eu escondesse o corpo, ele teria sido devolvido ao forte, como foi o cadáver de Soractus: amarrado do lado de fora do portão, para ser encontrado pela manhã.

Valannus estremeceu. Virando-se, caminhou até um batente de janela e olhou silenciosamente para além do rio, negro e reluzente sob o brilho das estrelas. Além do rio, a selva se erguia como uma parede de ébano. O rugido distante de uma pantera quebrou o silêncio. A noite avançava, tornando indistintos os sons dos soldados fora do fortim militar e escurecendo as fogueiras. Um vento sussurrava através dos galhos negros, agitando a água escura. Em suas asas, veio um pulsar grave e ritmado, tão sinistro quanto o passo furtivo de um leopardo.

— Afinal – disse Valannus, como se expressando seus pensamentos em voz alta –, o que nós sabemos... o que qualquer um sabe... das coisas que aquela selva possa esconder? Temos vagos rumores sobre grandes pântanos e rios, e uma floresta que se alonga continuamente sobre infinitas planícies e colinas, para finalmente terminar nas praias do oceano ocidental. Mas quais coisas ficam entre este rio e o oceano, nós nem sequer ousamos imaginar. Nenhum homem branco jamais mergulhou fundo naquela densidade e retornou vivo para nos contar o que encontrou. Somos sábios em nosso conhecimento civilizado, mas nosso conhecimento só chega até certo ponto... até a margem oeste daquele antigo rio! Quem sabe quais formas, terrenas ou não, podem espreitar além do turvo círculo de luz que nosso conhecimento moldou?

“Quem sabe quais deuses são adorados sob as sombras daquela floresta pagã, ou quais demônios rastejam para fora do lodo negro dos pântanos? Quem pode ter certeza de que todos os habitantes daquele país negro são naturais? Zogar Sag... um sábio das cidades orientais zombaria de sua magia primitiva, como quem zomba do charlatanismo de um faquir; mas ele já enlouqueceu e matou cinco homens, de uma forma que ninguém consegue explicar. Eu me pergunto se ele próprio é totalmente humano”.

— Se eu puder chegar a uma distância de arremesso de machado dele, posso resolver a questão. – rosou Conan, servindo-se com o vinho do governador e empurrando um copo para Balthus, que o pegou hesitante e com um olhar incerto em direção a Valannus.

O governador se voltou para Conan e o encarou pensativo.

— Os soldados, que não acreditam em fantasmas ou demônios – ele disse –, estão quase em pânico. Você, que crê em fantasmas, vampiros, duendes e todo tipo de coisas sobrenaturais, parece não temer nenhuma das coisas na qual acredita.

— Não há nada no universo que o aço frio não possa cortar. — respondeu Conan — Atirei meu machado no demônio, e ele não se feriu; mas posso ter errado o alvo no crepúsculo, ou um galho desviado seu vôo. Não me desvio de meu caminho procurando por demônios; mas eu não sairia do meu caminho para deixar um passar.

Valannus ergueu a cabeça e encontrou diretamente o olhar de Conan:

— Conan, depende mais de você do que percebe. Você conhece a fraqueza desta província: uma cunha estreita enfiada na selva indomada. Você sabe que as vidas de todo o povo a oeste das marchas depende deste forte. Se ele cair, machados vermelhos estarão estilhando os portões de Velitrium, antes que um cavaleiro consiga cruzar as marchas. Sua Majestade, ou os conselheiros de Sua Majestade, ignoraram meu pedido de que mais tropas sejam mandadas para protegerem a fronteira. Eles nada sabem sobre as condições daqui, e têm aversão de gastar mais dinheiro nesta direção. O destino da fronteira depende dos homens que agora a protegem.

“Você sabe que a maioria do exército que conquistou Conajohara se retirou. Sabe que a força deixada é inadequada, principalmente depois que o demônio Zogar Sag conseguiu envenenar nosso suprimento de água, e 40 homens morreram em um dia. Muitos dos outros estão doentes, ou foram picados por serpentes ou atacados por feras selvagens, que parecem se aglomerar em números cada vez maiores nos arredores do forte. Os soldados acreditam na bazófia de Zogar Sag, de que ele poderia reunir as feras da floresta para matar seus inimigos.

“Tenho 300 piqueiros, 400 arqueiros bossonianos, e talvez 50 homens que, como você, têm habilidade na selva. Eles valem dez vezes mais que os soldados, mas há muito poucos deles. Francamente, Conan, minha situação está ficando precária. Soldados falam em deserção; estão desanimados, acreditando que Zogar Sag libertou seus demônios sobre nós. Temem a praga negra, com a qual ele nos ameaçou – a terrível morte negra dos pântanos. Quando vejo um soldado doente, sou de medo de vê-lo enegrecer, murchar e morrer diante de meus olhos.

“Conan, se a peste for liberada sobre nós, os soldados irão desertar em massa! A fronteira ficará desguarnecida e nada impedirá o avanço das hordas de pele escura até os próprios portões de Velitrium – talvez além! Se não conseguirmos defender o forte, como eles conseguirão defender a cidade?

“Conan, Zogar Sag deve morrer, se quisermos manter Conajohara. Você já penetrou no desconhecido mais profundamente do que qualquer outro homem no forte; sabe onde fica

Gwawela, e conhece algo das trilhas da floresta do outro lado do rio. Você levaria um grupo de homens esta noite e faria um esforço para matá-lo ou capturá-lo? Oh, sei que é loucura. Não há mais do que uma chance em mil de qualquer um de vocês retornar vivo. Mas se não o pegarmos, será a morte para todos nós. Pode levar quantos homens desejar”.

— Doze homens são melhores para um trabalho como esse do que um regimento. — respondeu Conan — Quinhentos homens não conseguiriam abrir caminho para Gwawela e voltar, mas uma dúzia pode deslizar para dentro e sair. Deixe-me escolher meus homens. Não quero nenhum soldado.

— Deixe-me ir! — exclamou ansiosamente Balthus — Cacei cervos minha vida inteira, em Tauran.

— Tudo bem. Valannus, nós vamos comer na barraca onde os caçadores se reúnem, e escolherei meus homens. Sairemos dentro de uma hora, desceremos o rio num bote até um ponto abaixo da vila, e então nos aproximaremos através da mata. Se vivermos, voltaremos ao amanhecer.

### III

## Os rastejadores na escuridão

O rio era um traço vago entre muros de ébano. Os remos que impulsionavam o longo bote, o qual rastejava ao longo da sombra densa da margem leste, mergulhavam suavemente na água, não fazendo mais barulho que o bico de uma garça. Os ombros largos do homem à frente de Balthus estavam azulados na densa escuridão. Ele sabia que nem mesmo os olhos agudos do homem que se ajoelhava na proa poderiam discernir mais do

que alguns passos à sua frente. Conan sentia sua rota por instinto e uma intensa familiaridade com o rio.

Ninguém falava. Balthus tinha dado uma boa olhada em seus companheiros no forte, antes que eles deslizassem para fora da paliçada e margem abaixo, para dentro da canoa que os aguardava. Eram de uma nova raça que crescia no mundo, naquela beirada rude da fronteira – homens cuja necessidade sombria os ensinara o modo das selvas. Tinham muitos pontos em comum com os aquilonianos das províncias ocidentais. Vestiam-se como eles: com botas de pele de cervo, calças de couro e camisas de pele de gamo, com largos cinturões que seguravam as espadas curtas e machados; eram todos magros, cicatrizados e de olhares duros, fortes e taciturnos.

Eram, de certa forma, homens selvagens, mas ainda havia uma grande distância entre eles e o cimério. Eles eram filhos da civilização, revertidos a um semi-barbarismo. Ele era um bárbaro de mil gerações de bárbaros. Eles haviam adquirido furtividade e astúcia, mas Conan havia nascido com estas coisas. Ele os superava até mesmo na ágil economia de movimentos. Eles eram lobos, mas Conan era um tigre.

Balthus os admirava e ao seu líder, e sentiu uma vibração de orgulho por ter sido admitido na companhia deles. Estava orgulhoso por seu remo não fazer mais ruído que os deles. Ao menos nesse aspecto, era igual a eles, embora a experiência nas matas, aprendida nas caças em Tauran, jamais pudesse se equiparar àquela base dentro das almas dos homens da fronteira selvagem.

Sob aquele forte, o rio fazia uma ampla curva. As luzes do posto avançado desapareceram rapidamente, mas a canoa se manteve no caminho por quase uma milha, evitando raízes e troncos flutuantes, com precisão quase sobrenatural.

Então, com um grunhido baixo de seu líder, eles viraram e deslizaram em direção à margem oposta. Emergindo das sombras negras da mata que margeava a beira do rio e chegando ao meio da correnteza, criavam uma ilusão de exposição precipitada. Mas as estrelas iluminavam pouco e Balthus sabia que, a menos que alguém os estivesse vigiando, seria quase impossível para o olho mais agudo notar o contorno ensombrecido da canoa que cruzava o rio.

Eles oscilaram sob os arbustos pendentes da margem oeste, e Balthus tateou até achar uma raiz projetada, à qual ele agarrou. Nenhuma palavra foi dita. Todas as instruções haviam sido dadas antes que o grupo de batedores deixasse o forte. Tão silencioso quanto uma grande pantera, Conan deslizou sobre o lado e desapareceu nos arbustos. Igualmente

silenciosos, nove homens o seguiram. Para Balthus, que agarrava a raiz com seu remo sobre os joelhos, parecia incrível que dez homens sumissem dentro da floresta emaranhada sem emitirem um som.

Ele se acomodou para esperar. Nenhuma palavra foi dita entre ele e o outro homem que fora deixado com ele. Em algum lugar, a mais ou menos uma milha ao noroeste, encontrava-se a vila de Zogar Sag, cercada por selvas densas. Balthus entendeu suas ordens: ele e seu companheiro deveriam esperar o retorno dos incursores. Se Conan e seus homens não retornassem à primeira luz do alvorecer, eles deveriam correr de volta rio acima até o forte, e relatarem que a floresta havia novamente cobrado seu pedágio imemorial da raça invasora. O silêncio era opressivo. Não saía nenhum som da floresta negra, invisível por trás das massas de ébano que eram os arbustos. Balthus já não ouvia mais os tambores. Eles haviam silenciado há horas. Ele continuou piscando, tentando inconscientemente enxergar através da profunda escuridão. Os úmidos odores do rio, bem como a floresta úmida, o oprimiam. Em algum lugar bem próximo, houve um som como se um grande peixe tivesse saltado e respingado água. Balthus achou que deveria ter saltado tão perto da canoa que atingiu o lado, pois o barco vibrou levemente. A popa do bote começou a girar, afastando-se devagar da margem. O homem atrás dele devia ter soltado a saliência à qual estava agarrado. Balthus virou a cabeça para sibilar um aviso, e mal conseguia enxergar o contorno de seu companheiro – um vulto um pouco mais negro na escuridão.

O homem não respondeu. Perguntando-se se ele havia adormecido, Balthus se esticou e tocou-lhe o ombro. Para seu espanto, o homem se desequilibrou sob seu toque e caiu dentro da canoa. Virando o corpo pela metade, Balthus o Tateou, com o coração na garganta. Seus dedos tateantes deslizaram sobre o pescoço do homem... somente o aperto convulsivo das mandíbulas do jovem sufocou o grito que se erguia até seus lábios. Seus dedos encontraram um ferimento aberto, escorrendo sangue... a garganta de seu companheiro havia sido cortada de orelha a orelha.

Naquele instante de horror e pânico, Balthus se sobressaltou... e então, um braço musculoso saído da escuridão se fechou ferozmente ao redor do seu pescoço, estrangulando-lhe o grito. A canoa se sacudiu selvagemmente. A faca de Balthus estava em sua mão, embora ele não se lembrasse de tê-la puxado da bota, e ele apunhalou feroz e cegamente. Ele sentiu a lâmina penetrar fundo, e um grito demoníaco lhe retiniu no ouvido – um grito que foi horrivelmente respondido. A escuridão parecia ganhar vida ao seu redor. Um clamor bestial se ergueu de todos os lados, e outros braços o agarraram. Pressionada por uma massa de corpos que colidiam, a canoa rolou para o lado, mas, antes que ele

ficasse sob ela, algo se espatifou contra a cabeça de Balthus, e a noite foi brevemente iluminada por uma explosão cegante de fogo, antes de dar lugar a uma escuridão na qual nem mesmo as estrelas brilhavam.

## IV

### As bestas de Zogar Sag

Fogos ofuscavam Balthus novamente, enquanto ele recuperava lentamente os sentidos. Ele piscou e sacudiu a cabeça. O brilho das fogueiras feria seus olhos. Uma confusa mistura de sons se erguia ao seu redor, ficando mais distinta à medida que seus sentidos clareavam. Ele ergueu a cabeça e olhou estupidamente ao redor. Figuras negras o cercavam, destacadas contra línguas escarlates de fogo.

Memória e entendimento lhe vieram num instante. Estava amarrado de pé a um poste, num espaço aberto, cercado por figuras ferozes e terríveis. Além daquele círculo, fogueiras queimavam, guardadas por mulheres nuas, de pele escura. Além das fogueiras, ele viu cabanas de barro e vime, cobertas por gravetos. Além das cabanas, havia uma paliçada com um portão largo. Mas ele só viu estas coisas casualmente. Até mesmo as enigmáticas mulheres escuras, com seus penteados curiosos, foram notadas distraidamente. Toda a sua atenção estava fixa, em medonha fascinação, nos homens que o fitavam.

Homens baixos, de ombros largos, peito profundo e quadris estreitos, eles só vestiam tangas sumárias. A luz das fogueiras mostrava seus músculos avantajados em pronunciado realce. Seus rostos escuros estavam imóveis, mas seus olhos estreitados queimavam com o fogo que arde nos olhos de um tigre à espreita. Suas cabeleiras emaranhadas estavam presas à nuca com faixas de cobre. Havia espadas e machados em suas mãos. Ataduras

toscas enfaixavam os membros de alguns, e havia manchas de sangue em suas peles escuras. Houvera luta, recente e mortal.

Seus olhos se afastaram dos olhares firmes de seus captores, e ele reprimiu um grito de horror. A poucos passos de distância, erguia-se uma pirâmide pequena e hedionda: era feita de cabeças humanas ensanguentadas. Olhos mortos miravam, vidrados, o céu negro. Entorpecido, ele reconheceu as feições que estavam voltadas em sua direção. Eram as cabeças dos homens que haviam seguido Conan para dentro da floresta. Ele não conseguia dizer se a cabeça do cimério estava entre elas. Só alguns rostos lhe eram visíveis. Parecia-lhe haver dez ou onze cabeças. Uma náusea mortal o atacou. Ele lutou contra a vontade de vomitar. Além das cabeças, jaziam os corpos de meia-dúzia de pictos, e ele sentiu uma exultação feroz àquela visão. Ao menos, os batedores da floresta haviam cobrado sua taxa.

Desviando a cabeça daquele espetáculo horrível, ele percebeu que havia outro poste próximo – uma estaca pintada de preto, como aquela na qual estava amarrado. Havia lá um homem vergado em suas amarras, usando apenas calças de couro, a quem Balthus reconheceu como um dos mateiros de Conan. Sangue lhe pingava da boca e escorria vagorosamente de um corte no lado. Erguendo sua cabeça enquanto lambia os lábios pálidos, ele murmurou, fazendo-se ouvir com dificuldade acima do clamor demoníaco dos pictos:

— Então, eles também lhe capturaram!

— Esgueiraram-se pela água e cortaram a garganta do outro homem. – gemeu Balthus – Nós não os ouvimos, até estarem sobre nós. Mitra, como algo pode se mover tão silenciosamente?

— São demônios. – resmungou o homem da fronteira – Eles deveriam estar nos vigiando, desde a hora em que deixamos o meio do rio. Caminhamos para dentro de uma armadilha. Flechas de todos os lados nos perfuravam antes que nos déssemos conta. A maioria de nós caiu no primeiro ataque. Três ou quatro de nós fugiram para os arbustos e foram para o corpo-a-corpo. Mas havia muitos. Conan deve ter escapado. Não vi sua cabeça. Teria sido melhor para você e eu, se eles tivessem nos matado imediatamente. Não posso culpar Conan. Normalmente teríamos chegado à vila sem sermos descobertos. Eles não mantêm espiões na margem do rio num ponto tão distante quanto onde atracamos. Devemos ter nos deparado com um grande grupo, que subia o rio desde o sul. Há alguma diabrura aqui. Pictos demais aqui. Nem todos estes são gwaweli; há homens das tribos do oeste aqui, e de outras partes do rio.

Balthus fitou as formas ferozes. Apesar de pouco conhecer do comportamento picto, ele sabia que a quantidade de homens aglomerada ao redor deles estava fora de proporção para o tamanho da vila. Não havia cabanas suficientes para acomodar todos eles. Então, ele percebeu que havia uma diferença nos desenhos tribais bárbaros pintados em seus rostos e peitos.

— Algum tipo de demonismo. – murmurou o batedor de floresta – Devem ter se reunido aqui para assistirem Zogar Sag fazer magia. Ele fará alguma magia rara com nossas carcaças. Bem, um homem da fronteira não espera morrer na cama. Mas eu gostaria que tivéssemos partido junto com os demais.

O uivo lupino dos pictos cresceu em volume e exultação, e de um movimento em suas fileiras – uma afluência e aglomeração ansiosa –, Balthus deduziu que alguém importante estava chegando. Girando a cabeça ao redor, ele viu que as estacas estavam posicionadas diante de uma grande construção, maior que as outras cabanas, decorada por caveiras humanas penduradas pelos beirais. Através da porta daquela estrutura, dançava agora uma figura fantástica.

— Zogar! – murmurou o mateiro, sua expressão sangrenta emoldurada em linhas lupinas, enquanto esticava inconscientemente as cordas. Balthus viu uma figura magra, de estatura mediana, quase escondida em plumas de avestruz encaixadas numa armadura de couro e cobre. Dentre as penas, entrevia-se um rosto medonho e maldoso. As plumas intrigaram Balthus. Ele sabia que a origem delas ficava meio-mundo ao sul. Elas se agitavam e sussurravam, à medida que o xamã saltava e curveteava.

Com saltos e saracoteios fantásticos, ele entrou no círculo e rodopiou diante de seus cativos amarrados e silenciosos. Em outro homem, aquilo parecia ridículo – um selvagem tolo, dando saracoteios sem sentido num turbilhão de penas. Mas aquele rosto feroz, olhando por trás daquela massa ondulante, dava à cena um significado sombrio. Nenhum homem com um rosto como aquele poderia parecer ridículo, ou qualquer outra coisa além do demônio que era.

Súbito, ele ficou imóvel como uma estátua; as plumas se ondularam uma vez e afundaram ao seu redor. Os guerreiros uivantes ficaram em silêncio. Zogar Sag estava ereto e parado, e ele parecia aumentar em altura – crescer e se expandir. Balthus experimentou a ilusão de que o picto avultava acima dele, mirando desdenhosamente para baixo desde uma grande altura, embora soubesse que o xamã não era tão alto quanto ele. Ele se livrou da ilusão com dificuldade.

O xamã agora falava numa entonação áspera e gutural, que carregava o sibilar de uma naja. Virou sua cabeça, sobre seu pescoço longo, em direção ao homem ferido na estaca; seus olhos brilhavam vermelhos à luz das fogueiras. O homem da fronteira lhe cuspiu em cheio no rosto.

Com um uivo demoníaco, Zogar saltou convulsivamente no ar, e os guerreiros ganiram um brado que estremeceu até as estrelas. Eles correram em direção ao homem na estaca, mas o xamã os fez recuar. Um comando rosnado fez os homens correrem até o portão. Eles o abriram, deram meia-volta e correram de volta ao círculo. O anel de homens se dividiu numa pressa desesperada para a direita e esquerda. Balthus viu as mulheres e crianças nuas dispararem até as cabanas. Ficaram espiando pelas janelas e portas. Um amplo caminho foi deixado para o portão aberto, após o qual avultava a floresta negra, apinhada taciturnamente sobre a clareira e sem estar iluminada pelas fogueiras.

Reinou um tenso silêncio, quando Zogar Sag se virou em direção à floresta e enviou um chamado bizarro e inumano, que estremeceu noite adentro. Em algum lugar lá fora, na floresta negra, um rugido mais grave o respondeu. Balthus estremeceu. Pelo timbre daquele rugido, sabia que jamais viria de uma garganta humana. Ele se lembrou do que Valannus havia dito: que Zogar se vangloriava de poder chamar todas as bestas selvagens para fazerem o que ele mandasse. O mateiro estava pálido sob sua máscara de sangue. Ele lambia espasmodicamente os lábios.

A aldeia prendeu o fôlego. Zogar Sag estava parado como uma estátua, suas plumas lhe tremendo levemente ao redor. Mas, de repente, o portão não estava mais vazio.

Um suspiro estremecido varreu toda a vila, e os homens se amontoaram rapidamente para trás, comprimindo uns aos outros entre as cabanas. Balthus sentiu o cabelo curto eriçar no couro cabeludo. A criatura que estava no portão era como a encarnação de uma lenda de pesadelo. Sua cor era um pálido curioso que lhe fazia parecer fantasmagórica e irreal sob a luz fraca. Mas não havia nada de irreal naquela selvagem cabeça pendente, nem nas grandes presas curvadas que brilhavam à luz das fogueiras. Com passadas silenciosas, aproximou-se como um fantasma saído do passado. Era um sobrevivente de uma era mais antiga e sombria, o ogro de muitas lendas antigas – um tigre dentes-de-sabre. Nenhum caçador hiboriano punha os olhos numa dessas feras primordiais há séculos. Mitos imemoriais emprestavam à criatura uma qualidade sobrenatural, induzida pela cor fantasmagórica e ferocidade demoníaca.

A besta, que deslizava em direção aos homens nas estacas, era mais longa e pesada que um tigre listrado comum, e quase tão volumosa quanto um urso. Os ombros e pernas dianteiras eram tão maciços e poderosamente musculosos, que lhe davam um aspecto curioso de que o tronco era mais pesado, embora seus quadris fossem mais fortes que os de um leão. Suas mandíbulas eram compactas, mas sua cabeça era brutalmente moldada. Sua capacidade cerebral era pequena. Não tinha espaço para instintos que não fossem os da destruição. Era uma anomalia do desenvolvimento carnívoro, uma evolução de loucura homicida num horror de presas e garras.

Esta era a monstruosidade que Zogar Sag chamara da floresta. Balthus não duvidava mais da autenticidade da magia do xamã. Somente as artes negras poderiam exercer um domínio sobre aquele monstro de cérebro pequeno e músculos poderosos. Como um sussurro no fundo de sua consciência, se ergueu a vaga lembrança do nome de um antigo deus das trevas e do medo primordial, para quem outrora homens e bestas se curvavam, e cujos filhos – os homens sussurravam – ainda espreitavam em cantos escuros do mundo. Um novo horror tingiu o olhar que ele fixou em Zogar Sag.

O monstro passou direto pelas pilhas de corpos e de cabeças ensanguentadas, aparentemente sem percebê-las. Ele não era comedor de carniça. Ele só caçava os vivos, numa vida dedicada unicamente à matança. Uma fome terrível ardia em seus grandes olhos verdes, que nunca piscavam; não apenas a fome de uma barriga vazia, mas o desejo de lidar com a morte. Suas mandíbulas abertas babaram. O xamã deu um passo para trás, e sua mão acenou para o mateiro.

O enorme gato se agachou, e Balthus entorpecidamente se lembrou de histórias sobre sua apavorante ferocidade; de como ele saltava sobre um elefante e enfiava suas presas em forma de espada tão profundamente no titã, de modo que jamais poderiam ser retiradas, mas continuariam pregadas em sua vítima até morrer de fome. O xamã gritou de forma estridente e, com um rugido estremeedor, o monstro saltou.

Balthus jamais sonhara com tal salto, tal colisão de destruição encarnada naquele volume gigantesco de músculos de ferro e garras cortantes. Atacou o mateiro em cheio no peito, e a estaca se estilhou e partiu na base, espatifando-se na terra sob o impacto. Logo, o dentes-de-sabre deslizava para o portão, meio arrastando, meio carregando um hediondo fardo vermelho, que só vagamente lembrava um homem. Balthus observava quase paralisado, seu cérebro se recusando a acreditar no que seus olhos tinham visto.

Naquele salto, a grande fera não só partira a estaca, como havia arrancado o corpo mutilado da vítima do poste onde estava amarrado. As enormes garras, naquele instante de contato, haviam estripado e parcialmente desmembrado o homem, e as presas gigantes haviam arrancado todo o topo da cabeça, cortando o crânio tão facilmente quanto se fosse carne. Tiras vigorosas de couro cru haviam cedido como papel; onde as cordas haviam resistido, carne e ossos não conseguiram. Balthus sentiu súbita ânsia de vômito. Ele já caçara ursos e panteras, mas nunca havia sonhado que uma besta viva pudesse fazer tal ruína vermelha numa forma humana, num piscar de olhos.

O dentes-de-sabre desapareceu através do portão e, poucos minutos depois, um rugido mais profundo soou pela floresta, desaparecendo à distância. Mas os pictos ainda se encolhiam contra as cabanas, e o xamã continuava encarando o portão, o qual parecia uma abertura negra para deixar a noite entrar.

Suor frio explodiu subitamente na pele de Balthus. Qual novo horror entraria por aquele portão para transformar seu corpo em carniça? Um pânico doentio o atacou, e ele lutou inutilmente contra suas amarras. A noite oprimia, bem negra e horrível, fora das fogueiras. As próprias chamas ardiam lúridas como os fogos do Inferno. Ele sentia os olhos dos pictos sobre si – centenas de olhos famintos e cruéis, que refletiam a luxúria de almas totalmente sem humanidade, como ele sabia. Eles não se pareciam mais com homens; eram demônios daquela selva escura, tão inumanos quanto as criaturas para as quais o diabo de penas flutuantes gritava através da escuridão.

Zogar enviou outro chamado estremeecedor pela noite, e foi totalmente diferente do primeiro. Havia uma horrenda sibilação nele – Balthus gelou com a implicação. Se uma serpente conseguisse sibilar naquele volume, ela faria exatamente tal som.

Desta vez não houve resposta – apenas um período de silêncio ofegante, no qual o bater do próprio coração o estrangulava; e logo soou um silvo do lado de fora do portão, um sussurrar seco que enviou calafrios pela espinha de Balthus. Mais uma vez, o portão iluminado pela fogueira tinha um medonho ocupante.

Novamente, Balthus reconheceu o monstro de lendas antigas. Ele viu e identificou a antiga e maléfica serpente que oscilava ali; sua cabeça em forma de cunha, grande como a cabeça de um cavalo, tão alta quanto a cabeça de um homem alto, e seu corpo cilíndrico brilhando pálido, agitando-se por trás da cabeça. Uma língua bifurcada entrava e saía da boca, e a luz das fogueiras cintilava nas presas nuas.

Balthus ficou incapaz de qualquer emoção. O horror de seu destino o paralisou. Aquele era o réptil ao qual os antigos chamavam de Serpente Fantasma, o pálido terror abominável que, há muito tempo, deslizava dentro de cabanas para devorar famílias inteiras. Como a píton, ela esmagava suas vítimas, mas, diferente de outros constritores, suas presas continham veneno que levava à loucura e à morte. Ela também fora considerada extinta há muito tempo. Mas Valannus dissera a verdade. Nenhum homem branco sabia quais formas assombravam as grandes florestas além do Rio Negro.

Ela veio em silêncio, ondulando sobre o chão, sua cabeça medonha no mesmo nível e seu pescoço levemente curvado para trás para dar o bote. Balthus mirava, com um olhar vitrificado e hipnotizado, para dentro daquela garganta repugnante, para a qual ele seria logo engolfado, e não estava consciente de nenhuma outra sensação, exceto uma vaga náusea.

E então, algo que brilhou à luz das fogueiras se precipitou das sombras das cabanas, e o grande réptil chicoteou ao redor e entrou em convulsões instantâneas. Como num sonho, Balthus viu uma curta lança de arremesso trespassando aquele pescoço grosso, logo abaixo das mandíbulas abertas; a haste se sobressaía de um lado, e a ponta de aço do outro.

Atando-se e dando voltas medonhas, o réptil enlouquecido rolou para dentro do círculo de homens que fugiam dele. A lança não lhe havia atravessado a espinha – apenas os grandes músculos do pescoço. Sua cauda, que açoitava furiosamente, ceifou uma dúzia de homens, e suas mandíbulas batiam convulsivamente, espirrando nos outros veneno que queimava como fogo líquido. Uivando, praguejando, gritando e fora de si, eles se dispersaram diante dela, derrubando uns aos outros em sua fuga, pisoteando os caídos e irrompendo por entre as cabanas. A serpente gigante rolou para dentro de uma fogueira, espalhando faíscas e brasas, e a dor a incitou a mais esforços frenéticos. A parede de uma cabana entortou sob o forte impacto de sua cauda que açoitava, expelindo pessoas uivantes.

Homens correram pelas fogueiras, derrubando toras a torto e a direito. As chamas se ergueram e depois diminuíram. Um vago brilho avermelhado era tudo o que iluminava aquela cena de pesadelo, na qual o réptil gigante açoitava e rolava, e homens se arranharam e guinchavam em fuga frenética.

Balthus sentiu algo lhe sacudir os punhos e então, miraculosamente, ele estava livre e uma mão forte o arrastava para trás do poste. Aturdido, ele viu Conan e sentiu o aperto férreo da mão do homem da floresta em seu braço.

Havia sangue na malha do cimério e sangue seco na espada em sua mão direita; ele avultava obscuro e gigantesco na luz vaga.

— Vamos! Antes que superem o pânico!

Balthus sentiu o cabo de um machado ser empurrado para dentro de sua mão. Zogar Sag havia desaparecido. Conan arrastou Balthus atrás de si até seu cérebro ainda entorpecido despertar, e suas pernas começaram a se mover de acordo. Então Conan o soltou e correu para dentro da construção onde as caveiras estavam penduradas. Balthus o seguiu. Ele teve um vislumbre de um sombrio altar de pedra, fracamente iluminado pelo brilho lá fora; cinco cabeças humanas sorriam sobre aquele altar, e havia uma familiaridade pavorosa nas feições da mais recente; era a cabeça do mercador Tiberias. Atrás do altar, havia um ídolo obscuro, indistinto e bestial, mas vagamente humano no contorno. Então, um novo horror sufocou Balthus, quando a silhueta se ergueu subitamente com um chocalhar de correntes, erguendo braços longos e disformes na escuridão.

A espada de Conan desceu, cortando carne e ossos, e logo o cimério arrastava Balthus ao redor do altar, passando pelo amontoado corpulento e peludo no chão, até uma porta nos fundos da longa cabana, e saíram para o cercado novamente. Mas, a poucos metros deles, avultava a paliçada.

Estava escuro atrás da cabana-altar. O estampido enlouquecido dos pictos não os havia levado naquela direção. Conan parou diante do muro, agarrou Balthus e o levantou no ar na altura do braço, como ele faria com uma criança. Balthus agarrou as pontas eretas dos troncos, assentadas na lama seca, e subiu sobre elas, ignorando os danos feitos em sua pele. Ele abaixou a mão para o cimério, quando, de um canto da cabana-altar, saiu correndo um picto. Ele parou bruscamente, vislumbrando o homem na muralha sob o brilho fraco das fogueiras. Conan arremessou seu machado com pontaria mortal, mas a boca do guerreiro já estava aberta para um grito de aviso, e este vibrou alto acima da algazarra, sendo interrompido quando ele caiu com o crânio partido.

O terror cego não havia submergido todos os instintos arraigados. Quando aquele grito selvagem se ergueu acima do clamor, houve um instante de silêncio, e logo cem gargantas ladraram resposta feroz, e guerreiros vieram saltando para repelir o ataque pressagiado pelo alarme.

Conan deu um pulo alto, pegando, não a mão de Balthus, mas seu braço, próximo ao ombro, e subiu a paliçada; e logo, o cimério estava no muro ao seu lado, e os fugitivos desceram pelo lado oposto.

# V

## Os filhos de Jhebbal Sag

— Para que lado fica o rio? – Balthus estava confuso.

— Não vamos nos arriscar a tentar o rio agora. – grunhiu Conan – A floresta entre a aldeia e o rio está apinhada de guerreiros. Vamos! Seguiremos pela última direção que eles esperam de nós: oeste!

Olhando para trás enquanto entravam na mata espessa, Balthus viu o muro pontilhado de cabeças negras, enquanto os selvagens espiavam por cima. Os pictos estavam desnorteados. Não haviam chegado ao muro a tempo de verem os fugitivos se abrigarem. Eles haviam corrido até a muralha, na expectativa de repelir um ataque em grande número. Tinham visto o corpo do guerreiro morto. Mas nenhum inimigo foi avistado.

Balthus percebeu que eles ainda não sabiam que seu prisioneiro escapara. Por causa de outros sons, acreditava que os guerreiros, dirigidos pela voz estridente de Zogar Sag, estavam destruindo a serpente ferida com flechas. O monstro estava fora do controle do xamã. Um instante depois, a qualidade dos sons foi mudada. Guinchos de raiva se ergueram na noite.

Conan riu sombriamente. Ele guiava Balthus por uma trilha estreita, que corria para oeste sob galhos negros, pisando tão rápida e seguramente quanto se caminhasse por uma rua iluminada. Balthus tropeçava atrás dele, guiando-se pela sensação da densa muralha que se erguia a ambos os lados.

— Eles nos perseguirão agora. Zogar descobriu que você desapareceu, e sabe que minha cabeça não estava na pilha diante da cabana-altar. Aquele cão! Se eu tivesse outra

lança, eu a arremessaria nele, antes de acertar a cobra. Mantenha-se na trilha. Eles não podem nos rastrear à luz de tochas, e há uns vinte caminhos que partem da vila. Eles seguirão primeiro aquele que leva ao rio, e lançarão um cordão de guerreiros por milhas ao longo da margem, esperando que apareçamos. Não iremos pelas matas até sermos obrigados. Ganharemos mais tempo nesta trilha. Agora prenda-se a ela e corra como nunca correu antes.

— Eles se recuperaram do pânico numa rapidez maldita! – ofegou Balthus, imprimindo uma nova explosão de velocidade.

— Não temem coisa alguma há muito tempo. – grunhiu Conan.

Por um tempo, nada foi dito entre eles. Os fugitivos dedicaram toda a sua atenção em cobrir a distância. Eles estavam mergulhando cada vez mais profundamente na selva e se distanciando da civilização a cada passo, mas Balthus não questionava a sabedoria de Conan. O cimério logo tomou tempo para grunhir:

— Quando estivermos distantes o suficiente da aldeia, voltaremos ao rio fazendo uma grande curva. Não há outra vila a milhas de Gwawela. Todos os pictos estão reunidos naqueles arredores. Eles não poderão nos rastrear até o amanhecer. Aí eles encontrarão nosso rastro, mas, antes da aurora, deixaremos a trilha e seguiremos para a floresta.

Eles prosseguiram. Os gritos desapareceram atrás deles. A respiração de Balthus lhe assobiava entre os dentes. Ele sentiu dor na lateral, e correr se tornou uma tortura. Esbarrava-se às cegas contra os arbustos a ambos os lados da trilha. Conan parou subitamente, voltou-se e olhou o caminho escuro atrás deles.

Em algum lugar, a lua se erguia – um fraco brilho branco entre um emaranhado de galhos.

— Devemos entrar na floresta?

— Dê-me seu machado. – Conan murmurou – Há algo bem próximo, atrás de nós.

— Então é melhor deixarmos a trilha! – exclamou Balthus. Conan sacudiu a cabeça e arrastou seu companheiro para um denso matagal. A lua ficou mais alta, iluminando fracamente a trilha.

— Não podemos enfrentar a tribo inteira! – sussurrou Balthus.

— Nenhum ser humano conseguiria achar nosso rastro tão rápido, ou nos seguido tão velozmente. – resmungou Conan – Fique quieto.

Seguiu-se ali um tenso silêncio, no qual Balthus sentiu como se seu coração pudesse ser ouvido pulsando a milhas de distância. Então, abruptamente, sem qualquer som que anunciasse sua chegada, uma cabeça selvagem apareceu no caminho escuro. O coração de Balthus pulou até a garganta; à primeira vista, ele temeu estar olhando para a terrível cabeça do dentes-de-sabre. Mas esta era menor e mais estreita; era um leopardo que estava ali, rosnando silenciosamente e olhando trilha abaixo. Qualquer vento que houvesse ali estava soprando em direção aos homens ocultos, escondendo-lhes o odor. A fera abaixou a cabeça, farejou a trilha e depois se moveu incerta para a frente. Um arrepio desceu pela espinha de Balthus. O animal estava, sem dúvida, rastreando-os.

E ele estava desconfiado. Ergueu a cabeça, seus olhos brilhando como bolas de fogo, e soltou um grunhido grave. E, naquele instante, Conan arremessou o machado.

Todo o peso do braço e ombro estava por trás daquele arremesso, e o machado era um risco prateado sob a lua fraca. Antes de perceber o que acontecera, Balthus viu o leopardo rolar no chão em suas convulsões de morte, o cabo do machado se sobressaindo em sua cabeça. A lâmina da arma partira seu crânio estreito.

Conan saltou dos arbustos, arrancou seu machado e arrastou o cadáver flácido para o meio das árvores, escondendo-o de uma olhadela casual.

— Agora, vamos; e depressa! – ele grunhiu, indo à frente na direção sul, longe da trilha – Haverá guerreiros vindo atrás desse gato. Assim que recuperou a razão, Zogar o enviou atrás de nós. Os pictos devem tê-lo seguido, mas ele os deixou para trás. Ele circulou a aldeia, até alcançar nossa trilha e depois vir atrás de nós. Eles não conseguiram acompanhá-lo, mas terão uma idéia básica de nossa direção. Eles o seguirão, escutando-lhe o grito. Bem, eles não o ouvirão, mas encontrarão o sangue na trilha, olharão ao redor e encontrarão o corpo na moita. Se puderem, pegarão nosso rastro ali. Caminhe com cuidado.

Ele evitava, sem esforço, sarças aderentes e galhos baixos, deslizando entre árvores sem tocar nos caules, e sempre plantando seus pés em lugares calculados para mostrar o mínimo de evidência de sua passagem; mas, com Balthus, era um trabalho mais lento e laborioso.

Nenhum som vinha de trás deles. Haviam percorrido mais que uma milha, quando Balthus disse:

— Zogar Sag pega filhotes de leopardo e os treina para serem cães-de-caça?

Conan balançou a cabeça:

— Era um leopardo que ele chamou das matas.

— Mas – Balthus persistiu –, se ele pode ordenar que todos os animais cumpram seus comandos, por que não reúne todos para virem atrás de nós?

Conan não respondeu por um tempo e, quando o fez, foi com uma curiosa reticência:

— Ele não pode comandar todos os animais. Só aqueles que se lembram de Jhebbal Sag.

— Jhebbal Sag? – Balthus repetiu hesitante o antigo nome. Ele nunca o ouvira ser falado mais do que três ou quatro vezes em toda a sua vida.

— Outrora todas as coisas vivas o adoravam. Foi há muito tempo, quando animais e homens falavam a mesma língua. Os homens o esqueceram, e até mesmo os animais. Somente alguns se lembram. Os homens que se lembram de Jhebbal Sag, e os animais que se lembram, são irmãos e falam a mesma língua.

Balthus não respondeu; ele fora amarrado a uma estaca picta e visto a selva noturna entregar seus horrores com presas a um chamado do xamã.

— Os homens civilizados riem. – disse Conan – Mas ninguém sabe dizer como Zogar Sag consegue chamar pítons, tigres e leopardos de dentro da selva e os fazer obedecer a ele. Diriam que é uma mentira, se ousassem. Essa é a maneira dos civilizados. Quando não conseguem explicar algo através de sua ciência imatura, recusam-se a acreditar.

O povo de Tauran era mais próximo do primitivo do que a maioria dos aquilonianos; persistiam superstições, cujas fontes estavam perdidas na antiguidade. E o que Balthus vira ainda lhe formigava a pele. Não podia refutar a coisa monstruosa que as palavras de Conan implicavam.

— Ouvi dizer que existe um antigo arvoredado sagrado para Jhebbal Sag, em algum lugar nesta floresta. – disse Conan – Não sei... Nunca o vi... Contudo, há mais animais que se

lembram dele nesta região, do que em qualquer outro lugar que eu tenha visto.

— Então, outras estarão em nosso rastro?

— Elas já estão. – foi a resposta inquietante de Conan – Zogar jamais deixaria nosso rastro para uma única besta.

— O que faremos, então? – Balthus perguntou apreensivo, apertando seu machado, enquanto arregalava os olhos para os arcos sombrios acima de si. Sua pele se arrepiou com a expectativa momentânea de garras e presas rascantes saltando das sombras.

— Espere!

Conan girou, se agachou e, com sua faca, começou a desenhar um curioso símbolo no solo. Curvando-se para olhá-lo por cima do ombro dele, Balthus sentiu sua pele se arrepiar ao longo da espinha, sem saber o motivo. Ele não sentiu vento algum contra seu rosto, mas houve um farfalhar de folhas acima deles, e um estranho gemido passou fantasmagoricamente através dos galhos. Conan olhou inescrutavelmente para o alto, e então se ergueu e ficou encarando sombriamente o símbolo que desenhara.

— O que é isto? – sussurrou Balthus. Parecia arcaico e sem significado para ele. Ele achou que fosse sua ignorância em arte que o tivesse impedido de identificar aquilo como um dos desenhos convencionais de alguma arte dominante. Mas, mesmo que ele fosse o maior artista erudito do mundo, nem sequer chegaria perto da solução.

— Eu vi isso esculpido na rocha de uma caverna, a qual nenhum humano havia visitado por um milhão de anos – murmurou Conan –, nas montanhas inabitadas além do Mar de Vilayet, a meio mundo de distância daqui. Mais tarde, eu vi um negro farejador de bruxas de Kush desenhá-lo na areia de um rio sem nome. Ele me contou parte de seu significado: é sagrado para Jhebbal Sag e as criaturas que o adoram. Veja!

Eles voltaram para a densa folhagem, a alguns metros dali, e aguardaram em tenso silêncio. A leste, tambores murmuravam e, em algum lugar ao norte e leste, outros tambores respondiam. Balthus estremeceu, embora soubesse que longas milhas de floresta o separavam dos sombrios tocadores daqueles tambores, cujo pulsar moroso era o sinistro prelúdio ao palco atroz para um drama sangrento.

Balthus se viu prendendo o fôlego. Logo, com um leve balançar das folhas, as moitas se afastaram e uma magnífica pantera apareceu. O luar, salpicando através das folhas, brilhava em seu pêlo lustroso, ondulando com o movimento dos grandes músculos sob ele.

Com a cabeça baixa, ela deslizou em direção a eles. Estava farejando a trilha deles. Então, ela parou como se congelada, seu focinho quase tocando o símbolo talhado no solo. Por um longo espaço de tempo, ela ficou agachada e imóvel; estendeu o longo corpo e deitou sua cabeça no chão, diante da marca. E Balthus sentiu os cabelos curtos lhe arrepiarem no couro cabeludo. Pois a atitude do grande carnívoro era de temor e adoração.

Em seguida, a pantera se ergueu e recuou cautelosamente, sua barriga quase tocando o chão. Com seus quadris entre os arbustos, ela deu meia-volta como se em súbito pânico, e desapareceu como um raio mosqueado de luz.

Balthus enxugou a testa com uma mão trêmula, e olhou para Conan.

Os olhos do bárbaro ardiam com fogos que jamais iluminaram os olhos de homens nascidos para as idéias da civilização. Naquele instante, ele era totalmente selvagem, e havia esquecido o homem ao seu lado. Naquele olhar ardente, Balthus vislumbrou e vagamente reconheceu imagens primitivas e memórias meio encarnadas; sombras da aurora da Vida, esquecidas e repudiadas por raças sofisticadas – fantasmas antigos e primitivos, sem nome e inomináveis.

Logo, as chamas mais profundas foram encobertas, e Conan estava silenciosamente caminhando à frente, em direção à floresta.

— Não temos mais o que temer das bestas – ele disse, após algum tempo –, mas deixamos um sinal para os homens lerem. Eles não seguirão nosso rastro tão facilmente, e até encontrarem esse símbolo, não saberão ao certo que viramos para o sul. Mesmo então, não será fácil nos farejar sem as feras para os ajudarem. Mas as florestas ao sul da trilha estarão cheias de guerreiros nos procurando. Se continuarmos nos movendo após o amanhecer, certamente nos depararemos com alguns deles. Assim que acharmos um bom lugar, vamos nos esconder e esperar até cair a outra noite, para voltarmos e alcançarmos o rio. Temos que avisar Valannus, mas não será de utilidade alguma para ele se formos mortos.

— Avisar Valannus?

— Inferno, as florestas ao longo do rio estão infestadas de pictos! É por isso que nos pegaram. Zogar está preparando uma guerra com magia; não é um mero ataque-surpresa desta vez. Ele fez o que não me lembro de nenhum picto ter feito antes: uniu uns 15 a 16 clãs. Sua magia o fez: eles seguirão um feiticeiro mais do que um chefe de guerra. Você viu a multidão na vila; e havia centenas escondidos, ao longo da margem do rio que você não

viu. Outros estão chegando das vilas mais afastadas. Ele terá pelo menos 3000 guerreiros. Eu me deitei nas moitas e ouvi a conversa deles, enquanto passavam. Eles pretendem atacar o forte; quando, eu não sei, mas Zogar não ousa demorar muito. Ele os reuniu e conduziu a um estado de frenesi. Se ele não os liderar logo para a batalha, eles lutarão uns contra os outros. São como tigres loucos por sangue.

“Não sei se eles podem tomar o forte ou não. De qualquer forma, temos que voltar pelo rio e dar o aviso. Os colonos na estrada para Velitrium devem entrar no forte, ou voltar para Velitrium. Enquanto os pictos estiverem sitiando o forte, grupos de guerra percorrerão a estrada para leste – podem até atravessar o Rio Trovão e atacar a região apinhada de colonizadores, do lado de trás de Velitrium”.

Enquanto falava, ele seguia à frente, cada vez mais para dentro da selva antiga. Logo, grunhiu de satisfação. Eles haviam alcançado um ponto onde a vegetação estava mais alastrada, e um afloramento de pedra era visível e guiava para o sul. Balthus se sentiu mais seguro quando o seguiram. Nem mesmo um picto conseguiria rastreá-los sobre pedra nua.

— Como você escapou? – ele perguntou em seguida.

Conan bateu de leve em seu colete de malha e elmo:

— Se mais pessoas na fronteira usassem armaduras, haveria menos crânios pendurados nas cabanas-altar. Mas a maioria dos homens faz barulho quando veste armadura. Eles estavam esperando em ambos os lados da trilha, sem se moverem. Quando um picto fica imóvel, os próprios animais da selva passam por ele sem vê-lo. Eles nos viram cruzando o rio e assumiram seus postos. Se eles tivessem armado uma emboscada quando deixamos a margem, eu poderia ter percebido. Mas eles estavam esperando, e nem sequer uma folha tremia. O próprio diabo não suspeitaria de nada. A primeira suspeita que tive foi quando ouvi uma seta raspando num arco, ao ser puxada para trás. Eu me abaixei e gritei para que os homens atrás de mim fizessem o mesmo, mas eles foram muito lentos, surpreendidos daquela forma.

“Muitos deles caíram na primeira saraivada que nos atingiu de ambos os lados. Algumas das flechas cruzaram a trilha e derrubaram pictos no outro lado. Eu os ouvi uivar”. Ele sorriu com maldosa satisfação. “Alguns de nós ficamos mergulhados nas matas e próximos deles. Quando vi que todos os outros estavam mortos ou capturados, fugi e despistei os demônios pintados na escuridão. Estavam todos ao meu redor. Corri, me arrastei, me esgueirei e às vezes fiquei deitado de bruços, enquanto passavam por mim de ambos os lados.

“Tentei chegar à margem e a encontrei enfileirada por eles, esperando justamente por isso. Mas eu teria aberto meu caminho e me arriscado a nadar, se eu não tivesse escutado os tambores pulsando na aldeia e soubesse que eles tinham pegado alguém vivo.

“Eles estavam tão distraídos com a magia de Zogar, que eu consegui escalar o muro por trás da cabana-altar. Havia um guerreiro que deveria estar vigiando aquele ponto, mas ele estava acororado atrás da cabana, espiando a cerimônia por trás de um canto. Fui por detrás dele e quebrei seu pescoço com minhas mãos, antes que ele soubesse o que estava acontecendo. Foi a lança dele que eu arremessei na cobra, e esse machado que você está levando é dele”.

— Mas, o que era aquilo... aquela coisa que você matou no altar? – perguntou Balthus, com um estremeamento ao se lembrar daquele horror visto na penumbra.

— Um dos deuses de Zogar. Um dos filhos de Jhebbal que não se lembrava dele, e teve que ser mantido acorrentado no altar. Um macaco-touro. Os pictos crêem que eles são sagrados ao Peludo que vive na lua... o deus-gorila Gullah.

“Está amanhecendo. Aqui é um bom lugar para se esconder, até vermos o quanto eles nos seguiram pela trilha. Provavelmente, teremos que esperar até anoitecer para voltarmos ao rio”.

Uma colina baixa apontava para o alto, circundada e coberta por densas árvores e moitas. Próximo ao topo, Conan deslizou para dentro de um emaranhado de pedras salientes, coroadas por densos arbustos. Deitados ali, eles conseguiam ver a selva abaixo sem serem vistos. Era um bom lugar para se esconder ou defender. Balthus não acreditava que mesmo um picto pudesse rastreá-los sobre o chão rochoso pelos últimos seis ou oito quilômetros, mas tinha medo das feras que obedeciam Zogar Sag. Sua fé no estranho símbolo vacilava um pouco agora. Mas Conan havia dispensado a possibilidade de bestas rastreando-os.

Uma brancura fantasmagórica se espalhava pelos galhos densos; os trechos de céu visível mudavam de tom, alterando-se de rosa para azul. Balthus sentiu a fome corroê-lo, apesar dele ter matado sua sede num riacho que haviam contornado. Havia silêncio total, exceto pelo chilrar ocasional de um pássaro. Os tambores não podiam mais ser ouvidos. Os pensamentos de Balthus retornaram à cena sombria diante da cabana-altar.

— Aquelas plumas que Zogar Sag usava eram de avestruz. – ele disse – Eu já os vi nos elmos dos cavaleiros que cavalgavam do Leste para visitarem os barões das fronteiras. Não

existem avestruzes nesta floresta, existem?

— Elas vieram de Kush. — Conan respondeu — A oeste daqui, a muitas marchas de distância, ficam as margens do mar. Navios de Zingara vêm ocasionalmente e comercializam armas, ornamentos e vinho para as tribos costeiras, em troca de peles, minério de cobre e pó de ouro. À vezes, eles comercializam plumas de avestruz que adquiriram dos stígios, os quais, por sua vez, conseguiram das tribos negras de Kush, que fica ao sul da Stygia. Os xamãs pictos têm um grande estoque delas. Mas é um comércio arriscado. Os pictos são muito propensos a tentar apreender um navio. E a costa é perigosa para navios. Já naveguei ao longo dela, quando fui um dos piratas das Ilhas Barachas, que ficam a sudoeste de Zingara.

Balthus olhou para seu companheiro com admiração:

— Eu sabia que você não havia passado sua vida nesta fronteira. Você mencionou vários lugares distantes. Você viajou muito?

— Já perambulei muito; mais longe do que qualquer outro homem da minha raça já vagou. Já vi todas as grandes cidades dos hiborianos, shemitas, stígios e hirkanianos. Já vaguei pelas regiões desconhecidas ao sul dos reinos negros de Kush, e a leste do Mar de Vilayet. Já fui capitão mercenário, corsário, kozak, vagabundo sem dinheiro, general... Inferno, eu já fui tudo, exceto rei de um país civilizado; mas ainda o serei antes de morrer. — A fantasia o agradou, e ele deu um sorriso duro e largo. Logo, encolheu os ombros e esticou sua poderosa figura sobre as rochas — Esta é uma vida tão boa quanto qualquer uma. Não sei por quanto tempo ficarei na fronteira; uma semana, um mês, um ano. Tenho um pé errante. Mas é tão bom na fronteira quanto em qualquer outro lugar.

Balthus se sentou para olhar a floresta sob eles. Por um momento, ele esperava ver ferozes rostos pintados apontando para fora das folhas. Mas, enquanto as horas passavam, nenhum passo furtivo perturbava a quietude meditativa. Balthus acreditou que os pictos haviam perdido o rastro deles e desistido da perseguição. Conan ficou inquieto.

— Deveríamos ter avistado grupos vasculhando a floresta atrás de nós. Se desistiram da perseguição, é porque estão atrás de coisa maior. Eles podem estar se reunindo para cruzar o rio e atacar o forte.

— Eles chegariam a esta distância ao sul, se perdessem nossa trilha?

— Eles perderam a trilha, tudo bem; do contrário, já estariam sobre nossos pescoços. Em circunstâncias normais, eles esquadrihariam a mata por milhas em todas as direções. Alguns deles deveriam ter passado por esta colina. Devem estar se preparando para atravessar o rio. Temos que nos arriscar e chegar lá.

Ao descer as rochas, Balthus sentiu sua pele arrepiar entre os ombros, ao esperar por um instante uma rajada fulminante de flechas, vinda das massas verdes sobre eles. Ele temia que os pictos os tivessem descoberto e preparado uma emboscada. Mas Conan estava convencido de que não havia inimigos próximos, e o cimério estava certo.

— Estamos milhas ao sul da aldeia. – grunhiu Conan – Seguiremos diretamente até o rio. Não sei o quanto estão espalhados pelo rio. Esperaremos alcançá-lo sob eles.

Com uma pressa que parecia temerária para Balthus, eles correram para leste. As matas pareciam vazias de vida. Conan acreditava que todos os pictos estavam reunidos nos arredores de Gwawela, se eles de fato ainda não haviam cruzado o rio. Ele, no entanto, não acreditava que o atravessariam à luz do dia.

— Algum mateiro certamente os veria e daria o alarme. Eles cruzarão acima e abaixo do forte, fora da vista das sentinelas. Então, outros virão em canoas e seguirão direto para a parede do rio. Assim que atacarem, aqueles que estão escondidos nas matas da margem leste atacarão o forte por outras direções. Eles já tentaram isso antes, e ganharam flechas e golpes nas tripas. Mas desta vez, eles têm homens suficientes para fazerem um verdadeiro massacre.

Eles prosseguiram sem parar, embora Balthus olhasse ansiosamente para os esquilos que corriam por entre os galhos, e aos quais ele poderia derrubar com um arremesso de seu machado. Com um suspiro, ele o deixou em seu cinto largo. O silêncio e escuridão eternos da floresta primitiva estavam começando a deprimi-lo. Ele se pegou pensando nos arvoredos abertos e campinas ensolaradas de Tauran, na alegria franca da casa de seu pai, com teto de palha e vidros diamantinos, nas vacas gordas pastando pela grama alta e viçosa, e o companheirismo cordial dos lavradores e pastores musculosos, de braços nus.

Ele se sentiu só, apesar de sua companhia. Conan era parte daquela selva tanto quanto Balthus era estranho a ela. O cimério podia ter passado anos entre as grandes cidades do mundo; podia ter caminhado com os governantes da civilização; podia até mesmo atingir seu capricho selvagem algum dia, e reinar sobre uma nação civilizada; coisas mais estranhas já haviam acontecido. Mas ele não era menos bárbaro por isso. Ele só se preocupava com os fundamentos desnudos da vida. As intimidades aconchegantes de

coisas pequenas e compassivas; os sentimentos e as deliciosas trivialidades, que tanto completam as vidas de homens civilizados, não tinham sentido para ele. Um lobo não era menos lobo porque um capricho do acaso o fizesse correr com cães-de-caça. Derramamento de sangue, violência e selvageria eram os elementos naturais da vida que Conan conhecia; ele não podia, e jamais entenderia, as coisas pequenas que são tão caras a homens e mulheres da civilização.

As sombras estavam se estendendo, quando eles alcançaram o rio e espiaram através dos arbustos que os mascaravam. Eles poderiam ver quase uma milha acima e abaixo do rio. A soturna correnteza estava nua e vazia. Franzindo a sobancelha, Conan esquadrinhou a margem oposta.

— Temos que nos arriscar aqui. Vamos ter de atravessar o rio a nado. Não sabemos se eles o cruzaram ou não. As matas do outro lado podem estar cheias deles. Temos que tentar. Estamos a mais de nove quilômetros ao sul de Gwawela.

Ele girou e se abaixou, quando a corda de um arco vibrou. Algo parecido com um raio de luz branca riscou por entre os arbustos. Balthus sabia que era uma flecha. Logo, com um pulo de tigre, Conan estava entre os arbustos. Balthus vislumbrou o brilho do aço, enquanto girava sua espada e ouvia um grito de morte. No momento seguinte, irrompeu para dentro da moita, atrás do cimério.

Um picto jazia de bruços no chão, com o crânio despedaçado, seus dedos em forma de garra apertando espasmodicamente a grama. Outros seis estavam se apinhando ao redor de Conan, com espadas e machados erguidos. Eles haviam se livrado dos arcos, inúteis naquela mortífera luta corpo-a-corpo. Suas mandíbulas inferiores estavam pintadas de branco, contrastando nitidamente com seus rostos escuros; e os desenhos em seus peitos musculosos diferiam de qualquer um que Balthus já tivesse visto.

Um deles lançou seu machado em direção a Balthus e correu até ele com a adaga erguida. Balthus se esquivou, e então agarrou o pulso que dirigia a faca a lhe lamber o pescoço. Eles caíram juntos ao chão, rolando várias vezes. O picto era como uma fera selvagem, seus músculos duros como cordas de aço.

Balthus lutava para manter seu aperto no pulso do selvagem e trazer o próprio machado para o jogo, mas a luta foi tão rápida e furiosa, que qualquer tentativa de atacar era bloqueada. O picto se debatia furiosamente para soltar a mão da faca, estava tentando agarrar o machado de Balthus e dirigindo seus joelhos à virilha do jovem. Súbito, ele tentou mudar sua faca para a mão livre e, naquele instante, Balthus, esforçando-se para se

erguer sobre um joelho, partiu a cabeça pintada com um golpe desesperado de seu machado.

Ele se ergueu de um pulo, e olhou selvagemmente ao redor, procurando por seu companheiro e esperando vê-lo superado pelos números. Então, ele percebeu toda a força e ferocidade do cimério. Conan transpôs dois de seus atacantes, cortados ao meio pela terrível espada larga. Enquanto Balthus olhava, via o cimério derrubar uma espada curta que estocava, e evitar o golpe de um machado com um pulo lateral, com a agilidade de um felino, o qual o colocou próximo a um selvagem atarracado que se agachava para pegar um arco. Antes que o picto pudesse se endireitar, a espada vermelha golpeou para baixo e o partiu do ombro até o externo, onde a lâmina ficou presa. Os guerreiros remanescentes investiram, um de cada lado. Balthus arremessou seu machado com uma precisão que reduziu seus atacantes a apenas um, e Conan, abandonando seus esforços para soltar a espada, girou e enfrentou o picto remanescente com as mãos nuas. O guerreiro atarracado, uma cabeça mais baixo que seu inimigo alto, saltou, golpeando com seu machado e ao mesmo tempo apunhalando mortalmente com sua faca. Esta se quebrou na malha do cimério, e o machado foi detido em pleno ar, quando os dedos de Conan se fecharam como ferro no braço que descia. Um osso se quebrou ruidosamente, e Balthus viu o picto estremecer e vacilar. No instante seguinte, ele foi arrancado do chão e erguido acima da cabeça do cimério; ele se contorceu em pleno ar por um instante, chutando e se debatendo, e então foi lançado de cabeça ao chão, com tamanha força que ricocheteou, e logo ficou inerte, sua postura flácida dizendo que os membros estavam partidos e a espinha quebrada.

— Vamos! – Conan soltou sua espada e apanhou um machado – Pegue um arco, um punhado de flechas e se apresse! Temos que confiar novamente em nossos calcanhares. Aquele grito foi ouvido. Estarão aqui num instante. Se tentássemos nadar agora, eles nos emplumariam com flechas antes que alcançássemos o meio da correnteza!

## VI

# Machados vermelhos da fronteira

Conan não mergulhou fundo na floresta. A alguns metros do rio, ele mudou seu curso enviesado e correu paralelo a ele. Balthus reconheceu uma sombria determinação em não se afastar demais do rio, o qual teriam que cruzar se quisessem avisar os homens no forte. Atrás deles, os gritos dos homens das florestas ficaram mais altos. Balthus acreditava que os pictos haviam alcançado a clareira onde jaziam os corpos dos homens mortos. Logo, outros brados pareceram indicar que os selvagens corriam atrás deles dentro das matas. Eles haviam deixado uma trilha que qualquer picto conseguiria seguir.

Conan aumentou sua velocidade, e Balthus apertou ferozmente os dentes e se manteve nos calcanhares dele, embora achasse que poderia ter um colapso a qualquer momento. Parecia fazer séculos desde a última vez em que comera. Ele prosseguiu, mais por força de vontade que por qualquer outra coisa. Seu sangue latejava tão furiosamente em seus tímpanos, que nem percebeu quando os gritos se extinguíram atrás deles.

Conan parou subitamente. Balthus se inclinou contra uma árvore e ofegou.

— Eles desistiram! – grunhiu o cimério, franzindo a testa.

— Estão... nos... espreitando! – arfou Balthus.

Conan sacudiu a cabeça:

— Numa perseguição curta como esta, eles gritariam a cada passo do caminho. Não. Eles recuaram. Acho que ouvi alguém gritando atrás deles, alguns segundos antes do barulho começar a diminuir. Eles foram chamados de volta. E isso é bom para nós, mas muito ruim para os homens do forte. Significa que os guerreiros estão sendo convocados de dentro das matas para o ataque. Aqueles homens com os quais nos deparamos eram guerreiros de uma tribo abaixo do rio. Estavam, sem dúvida, indo para Gwawela para se juntarem ao ataque contra o forte. Maldição, estamos agora mais distantes do que nunca. Temos que atravessar o rio.

Virando-se para leste, ele correu pelos matagais sem qualquer tentativa de se esconder. Balthus o seguiu, sentindo pela primeira vez pontadas de laceração em seu peito e ombros, onde os dentes selvagens do picto o haviam ferido. Ele atravessava as matas espessas que se articulavam na margem, quando Conan o puxou para trás. Então, ele ouviu um borrifar ritmado de água e, espiando através das folhas, viu uma canoa, escavada num único tronco

de árvore, subindo o rio; seu único ocupante remando firme contra a correnteza. Era um picto fortemente constituído, com uma pena branca de garça enfiada numa faixa de cobre que lhe prendia a cabeleira de corte reto.

— Esse é um homem de Gwawela. – murmurou Conan – Emissário de Zogar. A pluma branca mostra isso. Ele carregou um assunto de paz para as tribos rio abaixo, e agora está tentando voltar para participar da matança.

O embaixador solitário estava agora quase paralelo ao esconderijo deles, e subitamente Balthus quase pulou para fora da própria pele. Os guturais sons ásperos de um picto lhe soaram no ouvido. Então, ele percebeu que Conan havia chamado o remador em sua própria língua. O homem se sobressaltou, esquadrinhou os arbustos e disse algo em resposta; então, lançou um olhar assustado pelo rio, curvou-se e enviou a canoa diretamente para a margem oeste. Sem entender, Balthus viu Conan tirar de sua mão o arco que havia pegado na clareira e encaixar uma flecha.

O picto havia trazido sua canoa para perto da margem e, erguendo o olhar para dentro das moitas, disse algo. Sua resposta veio no som agudo e vibrante da corda do arco, e no vôo direto da flecha que afundou até as penas em seu peito largo. Com uma arfada sufocada, ele caiu para o lado e rolou para dentro da água rasa. Num instante, Conan desceu da margem e pulou na água, para agarrar a canoa à deriva. Balthus cambaleou atrás dele e, um tanto aturdido, arrastou-se para dentro da canoa. Conan pulou para dentro, agarrou o remo e impulsionou o barco para a margem leste. Balthus notou, com admiração invejosa, a atividade dos grandes músculos sob a pele queimada de sol. O cimério parecia um homem de ferro, que nunca conhecia a fadiga.

— O que você disse ao picto? – perguntou Balthus.

— Falei a ele que encostasse; que, na margem, havia um batedor branco da floresta que estava tentando atirar nele.

— Isso não parece justo. – objetou Balthus – Ele achou que um amigo estivesse falando com ele. Você imitou um picto perfeitamente...

— Precisávamos do bote dele. – grunhiu Conan, sem pausar seus esforços – O único jeito era atraí-lo à margem. O que é pior: trair um picto que adoraria nos esfolar vivos, ou trair os homens do outro lado do rio, cujas vidas dependem de nossa chegada?

Balthus ponderou sobre aquela delicada questão ética por um momento, e então encolheu os ombros e perguntou:

— A que distância estamos do forte?

Conan apontou para uma enseada que fluía desde o leste para dentro do Rio Negro, poucas centenas de metros abaixo deles:

— Aquela é a Enseada do Sul; sua boca fica a 16 km do forte. É a fronteira sul de Conajohara. Há milhas de largos pântanos ao sul dela. Não há perigo de uma incursão vinda desse ponto. A 14 km acima do forte, a Enseada do Norte forma a outra fronteira. Há pântanos além dela, também. Por isso que um ataque terá de vir do oeste, através do Rio Negro. Conajohara é como uma lança, com uma ponta de 30 km de largura, enfiada na selva picta.

— Por que não ficamos na canoa e seguimos pela água?

— Porque, considerando a correnteza que teremos de enfrentar, e as curvas do rio, iremos mais rápido a pé. Além disso, lembre-se que Gwawela fica ao sul do forte; se os pictos estão cruzando o rio, daremos de cara com eles.

O crepúsculo estava chegando, quando pisaram na margem leste. Sem pausa, Conan prosseguiu para o norte, num passo que fazia as pernas robustas de Balthus doerem.

— Valannus queria um forte construído nas bocas das Enseadas do Norte e do Sul. — grunhiu o cimério — Assim, o rio poderia ser patrulhado constantemente. Mas o governo não queria isso.

“Idiotas de barriga flácida sentados em almofadas de veludo, com garotas nuas ajoelhadas lhes servindo vinho gelado... conheço aquela raça. Não conseguem ver além das paredes de seus palácios. Diplomacia... inferno! Querem lutar contra os pictos com teorias de expansão territorial. Valannus e homens como ele têm que obedecer às ordens de um grupo de malditos idiotas. Eles não vão mais se apoderar de terras pictas, não mais do que puderam reconstruir Venaruim. Vai chegar a hora em que eles verão os bárbaros se amontoando sobre os muros das cidades do leste!”.

Uma semana antes, Balthus teria rido de qualquer sugestão disparatada como aquela. Agora ele nem respondeu. Ele tinha visto a ferocidade incontestável dos homens que moram além das fronteiras.

Ele estremeceu, lançando olhares para o rio sombrio, visível apenas através das moitas, nos arcos das árvores que se aglomeravam próximas às suas margens. Continuou se lembrando que os pictos poderiam ter cruzado o rio e estar preparando uma armadilha entre eles e o forte. Escurecia rapidamente.

Um leve som à frente deles fez seu coração pular até a garganta, e a espada de Conan lampejou no ar. Ele a abaixou, quando um cão – uma besta grande, magra e cicatrizada – saiu furtivamente dos arbustos e os ficou encarando.

— Esse cão pertencia a um colono que tentou construir sua cabana alguns quilômetros ao sul do forte. – grunhiu Conan – Os pictos se esgueiraram e o mataram, claro, e queimaram sua cabana. Nós o encontramos morto entre as brasas, e o cão inconsciente entre três pictos que matara. Estava quase cortado em pedaços. Nós o levamos para o forte e cuidamos de seus ferimentos, mas antes que ele se recuperasse, voltou para as matas e ficou selvagem... Como é, Mutilador, está caçando os homens que mataram seu dono?

A cabeça grande balançou de um lado a outro, e os olhos brilharam verdejantes. Ele não rosnou nem latiu. Silencioso como um fantasma, deslizou para detrás deles.

— Deixe-o vir. – murmurou Conan – Ele pode farejar aqueles demônios, antes que possamos vê-los.

Balthus sorriu e deitou carinhosamente sua mão na cabeça do animal. Os lábios se retraíram involuntariamente para mostrar as presas brilhantes; logo, a grande fera curvou timidamente a cabeça, e sua cauda se moveu de forma convulsiva e incerta, como se o dono tivesse quase esquecido as emoções da amizade. Balthus comparou mentalmente o grande corpo magro e duro com os cães gordos e elegantes, rolando aos gritos uns sobre os outros no canil do quintal de seu pai. Ele suspirou. A fronteira não era menos dura com os animais do que com os homens. Aquele cão havia quase esquecido o significado da gentileza e amizade.

Mutilador deslizou para a frente, e Conan o deixou tomar a liderança. O último matiz do crepúsculo desapareceu na escuridão total. As milhas ficaram para trás sob pés firmes. Mutilador parecia sem voz. De repente, ele parou, tenso, as orelhas erguidas. Um instante depois, os homens ouviram: um grito demoníaco rio acima, à frente deles, fraco como um suspiro.

Conan praguejou como um louco.

— Eles atacaram o forte! Chegamos tarde demais! Vamos!

Ele apressou o passo, confiando no cão para farejar ciladas à frente. Numa enchente de tensa excitação, Balthus esqueceu sua fome e cansaço. Os gritos ficavam mais altos à medida que avançavam, e acima da gritaria infernal, eles podiam ouvir os gritos graves dos soldados. Quando Balthus começou a temer que eles fossem correr para o meio dos selvagens, que pareciam estar uivando logo à frente deles, Conan se afastou do rio num largo semicírculo, que os levou até uma baixa elevação, da qual podiam olhar por cima da floresta. Eles viram o forte, iluminado por tochas enfiadas sobre os parapeitos das longas estacas. Elas lançavam uma luz palpitante e incerta sobre a clareira, e, naquela luz, eles viram multidões de figuras nuas e pintadas ao longo da orla da clareira. O rio estava apinhado de canoas. Os pictos haviam cercado completamente o forte.

Uma saraivada incessante de flechas chovia contra a paliçada, desde as matas e o rio. O intenso zunido das cordas dos arcos se erguia acima dos uivos. Berrando como lobos, várias centenas de guerreiros nus, com machados em suas mãos, corriam de baixo das árvores até o portão leste. Estavam a menos de 140 metros de seu objetivo, quando uma rajada fulminante de flechas, vinda do muro, alastrou o chão de cadáveres e fez os sobreviventes fugirem de volta às árvores. Os homens nas canoas conduziram suas embarcações em direção à parede do rio, e foram recebidos por outra chuva de setas e uma rajada vinda das pequenas catapultas montadas sobre as torres daquele lado da paliçada. Pedras e troncos eram lançadas pelo ar, despedaçando e afundando meia-dúzia de canoas, matando seus ocupantes; e os outros barcos recuavam para fora da linha de alcance. Um rugido profundo de triunfo se ergueu das muralhas do forte, respondido por uivos bestiais de todos os lados.

— Devemos tentar passar? – perguntou Balthus, tremendo de ansiedade.

Conan sacudiu a cabeça. Ficou de braços cruzados, a cabeça levemente inclinada – uma figura sombria e meditativa:

— O forte está condenado. Os pictos estão loucos por sangue, e não vão parar até matarem todos. E há muitos deles para os homens do forte poderem matar. Não podemos passar, e se o fizéssemos, não conseguiríamos fazer nada, exceto morrer com Valannus.

— Então, não há nada que possamos fazer, a não ser salvarmos nossas peles?

— Sim. Temos que avisar os colonos. Você sabe por que os pictos não estão tentando queimar o forte com flechas incendiárias? Porque não querem que as chamas avisem o povo a leste. Eles planejam esmagar o forte, e depois ir para o leste antes que qualquer pessoa saiba de sua queda. Eles podem cruzar o Rio Trovão e tomar Velitrium, antes que as pessoas saibam o que está acontecendo. No mínimo, destruirão qualquer coisa viva entre o forte e o Rio Trovão.

“Nós falhamos em avisar o forte, e agora vejo que não teria adiantado nada se fôssemos bem-sucedidos. O forte não tem homens suficientes. Mais alguns ataques, e os pictos estarão sobre os muros e derrubando os portões. Vamos! Estamos fora do círculo que os pictos lançaram ao redor de forte. Vamos nos manter assim”.

Eles se afastaram num arco largo, ouvindo o erguer e diminuir do volume dos gritos, indicando cada ataque e repulsa. Os homens no forte mantinham suas posições; mas os guinchos dos pictos não diminuía em selvageria. Eles vibravam num timbre que mantinha a certeza da vitória final.

Antes de Balthus perceber que estavam perto dela, eles adentraram a estrada que guiava para leste.

— Agora corra! – grunhiu Conan. Balthus apertou os dentes. Eram 30 km até Velitrium, e uns bons oito até a Enseada do Escalpo, além da qual começavam as colônias. Parecia ao aquiloniano que eles estavam lutando e correndo há séculos. Mas a excitação nervosa, que se proliferava pelo seu sangue, o estimulava a esforços hercúleos.

Mutilador corria à frente deles, com a cabeça perto do chão, rosnando baixo, o primeiro som que os dois ouviam dele.

— Pictos à nossa frente! – rosnou Conan, abaixando-se sobre um dos joelhos e esquadrinhando o chão à luz das estrelas. Ele sacudiu a cabeça, frustrado: – Não sei dizer quantos. Provavelmente apenas um pequeno grupo. Alguns que não conseguiram esperar para tomar o forte. Eles foram à frente, para assassinar os colonos em suas camas! Vamos!

À frente deles, logo viram uma pequena chama através das árvores, e ouviram um cântico selvagem e feroz. A trilha fazia uma curva ali e, deixando-a, eles cortaram caminho através dos arbustos. Poucos momentos depois, estavam olhando para uma visão hedionda. Havia, na estrada, um carro de bois carregado com algumas mobílias domésticas; ele ardia em chamas; os bois jaziam próximos, com suas gargantas cortadas. Um homem e uma mulher jaziam na estrada, despidos e mutilados. Cinco pictos dançavam ao redor deles,

com saltos e pulos fantásticos, e girando machados ensanguentados; um deles balançava o vestido manchado de vermelho da mulher.

Diante daquela visão, uma névoa vermelha boiou diante de Balthus. Erguendo seu arco, ele apontou para a figura que saracoteava, negra contra a luz do fogo, e atirou. O assassino pulou convulsivamente e caiu morto com a flecha atravessada no coração. Logo, os dois brancos e o cão estavam sobre os assustados sobreviventes. Conan estava animado meramente por seu espírito de luta e um antigo, muito antigo, ódio racial; mas Balthus estava incendiado de fúria.

Ele enfrentou o primeiro picto que se opôs a ele, com um golpe feroz que partiu o crânio pintado, e pulou sobre o corpo caído para se engalfinhar com os outros. Mas Conan já havia matado um dos dois que escolhera, e o salto do aquiloniano foi um segundo atrasado. O guerreiro havia caído com a longa espada atravessando-o no momento em que Balthus erguia o machado. Voltando-se para o picto remanescente, Balthus viu Mutilador sobre sua vítima, com as grandes mandíbulas pingando sangue.

Balthus nada disse ao olhar para as formas deploráveis na estrada ao lado da carroça em chamas. Ambos eram jovens, a mulher era pouco mais que uma garota. Por algum capricho do destino, os pictos haviam deixado seu rosto intacto e, mesmo na agonia de uma morte horrível, era bonito. Mas seu suave corpo jovem havia sido terrivelmente mutilado por muitas facas – uma bruma nublou os olhos de Balthus, e ele engoliu em seco. A tragédia o dominou momentaneamente. Ele sentiu vontade de cair sobre o chão, chorar e penetrar na terra.

— Algum jovem casal que acabou de sair por conta própria. – Conan disse, enquanto limpava a espada sem emoção – Estavam indo para o forte, quando os pictos os encontraram. Talvez um garoto estivesse indo entrar para o serviço militar; talvez fossem pegar terras à beira do rio. Bem, é isso o que vai acontecer com cada homem, mulher e criança deste lado do Rio Trovão, se não os levarmos logo para Velitrium.

Os joelhos de Balthus tremiam enquanto ele seguia Conan. Mas não havia sinal de fraqueza nas longas e desembaraçadas passadas do cimério. Havia uma afinidade entre ele e o grande bruto que deslizava ao lado dele. Mutilador não mais rosnava com a cabeça apontada para a trilha. O caminho estava limpo diante deles. A gritaria no rio chegava fracamente até eles, mas Balthus acreditava que o forte ainda resistia. Conan parou de repente, praguejando.

Ele mostrou a Balthus uma trilha que seguia para norte, desde a estrada. Era antiga, tomada parcialmente por uma vegetação nova, a qual fora recentemente quebrada. Balthus percebeu este fato mais por instinto que por visão, embora Conan parecesse enxergar como um gato na escuridão. O cimério o mostrou onde rastros largos de vagões se desviavam da trilha principal, profundamente recortados nos moldes da floresta.

— Colonos indo para a salinas. – ele grunhiu – Elas ficam na beirada do pântano, a uns 14 km daqui. Maldição! Eles serão cortados e massacrados até o último homem! Ouça! Um de nós pode avisar as pessoas na estrada. Vá em frente, acorde-os e os guie para Velitrium. Eu vou até os homens nas salinas. Eles estarão acampados por lá. Não voltaremos à estrada. Seguiremos diretamente pelas matas.

Sem mais nenhum comentário, Conan saiu da trilha e se apressou pela vereda indistinta, e Balthus, após encará-lo por alguns momentos, seguiu ao longo da estrada. O cão havia ficado com ele, e deslizava suavemente aos seus calcanhares. Quando Balthus já havia se afastado um pouco, ele ouviu o animal rosnar. Voltando-se, ele examinou o caminho pelo qual viera, e se sobressaltou ao ver um vago brilho fantasmagórico desaparecendo para dentro da floresta, na direção que Conan havia tomado. Mutilador roncou profundamente em sua garganta, seus pêlos eriçados e seus olhos duas bolas de fogo verde. Balthus se lembrou da aparição sombria que havia levado a cabeça do mercador Tiberias, não muito longe dali. A coisa devia estar seguindo Conan. Mas o gigante cimério já havia demonstrado várias vezes sua habilidade em se cuidar, e Balthus sentiu que seu dever era para com os colonos indefesos que dormiam no caminho do furacão vermelho. O horror do fantasma de fogo foi obscurecido pelo daqueles corpos flácidos e violados, ao lado da carroça em chamas.

Ele correu pela estrada, cruzou a Enseada do Escalpo e avistou a primeira cabana de colonos – uma estrutura longa e baixa, de troncos talhados por machados. Num instante, ele estava batendo à porta. Uma voz sonolenta lhe perguntou o que ele queria.

— Levante-se! Os pictos estão sobre o rio!

Aquilo trouxe uma resposta instantânea. Um grito baixo ecoou suas palavras, e logo a porta foi aberta por uma mulher vestindo poucas roupas. Seus cabelos pendiam desordenados sobre seus ombros nus; ela segurava uma vela numa mão e um machado na outra. Seu rosto estava sem cor, e seus olhos arregalados de terror.

— Entre! – ela implorou – Vamos defender a cabana.

— Não. Temos que ir para Velitrium. O forte não conseguirá detê-los. Ele já deve ter caído. Não há tempo para se vestir. Pegue suas crianças e vamos.

— Mas meu homem foi buscar sal, com os outros! – ela lamentou, apertando as mãos. Atrás dela, três jovens despenteados espiavam, piscando e perplexos.

— Conan foi atrás deles. Ele os levará em segurança. Temos que nos apressar pela estrada, para avisar as outras cabanas.

O alívio correu pelo rosto dela.

— Mitra seja louvado! – ela gritou – Se o cimério foi atrás deles, eles estarão a salvo, se puderem ser protegidos por algum homem mortal!

Num turbilhão de atividade, ela ergueu a criança menor e arrebanhou os outros pela porta à sua frente. Balthus pegou a vela e a colocou no chão sob seu calcanhar. Ele escutou por um instante. Nenhum som vinha da estrada escura.

— Você tem um cavalo?

— No estábulo. – ela gemeu – Oh, depressa!

Ele a empurrou para o lado, enquanto ela tateava as trancas com mãos trêmulas. Ele tirou o cavalo e colocou as crianças nas costas deste, dizendo-lhes que agarrassem sua crina e uns aos outros. Elas o encaravam sérias e sem darem um só grito. A mulher pegou o cabresto do cavalo e seguiu para a estrada. Ela ainda agarrava seu machado, e Balthus sabia que, caso fosse encurralada, ela lutaria com a coragem desesperada de uma pantera.

Ele ficou para trás, escutando. Estava oprimido pela crença de que o forte havia sido assaltado e tomado, e que as hordas de pele escura já estavam seguindo a estrada em direção a Velitrium, embriagados de matança e loucos por sangue. Eles viriam com a velocidade de lobos famintos.

Logo eles viram outra cabana avultando à frente. A mulher começou a guinchar um aviso, mas Balthus a deteve. Ele correu até a porta e bateu. Uma voz feminina o respondeu. Ele repetiu o aviso, e logo a cabana expeliu seus ocupantes – uma idosa, duas mulheres jovens e quatro crianças. Assim como o marido da outra mulher, seus homens tinham ido para as salinas no dia anterior, sem suspeitarem de qualquer perigo. Uma das jovens parecia atordoada, e a outra à beira da histeria. Mas a idosa, uma velha e severa veterana da fronteira, silenciou-as asperamente; ela ajudou Balthus a tirar os dois cavalos que estavam

alojados num curral atrás da cabine, e pôs as crianças neles. Balthus insistiu para que ela própria montasse com elas, mas ela sacudiu a cabeça e fez com que uma das mulheres mais jovens cavalgasse.

— Ela está grávida. – grunhiu a velha – Posso caminhar... e lutar também, se for necessário.

Quando partiram, uma das moças disse:

— Um jovem casal passou pela estrada ao anoitecer; nós os aconselhamos a passarem a noite em nossa cabana, mas eles estavam ansiosos para chegarem ao forte esta noite. Eles...?

— Eles encontraram os pictos. – Balthus respondeu brevemente, e a mulher soluçou horrorizada.

Eles mal estavam fora da vista da cabana, quando, a alguma distância atrás deles, reverberou um longo grito agudo.

— Um lobo. – exclamou uma das mulheres.

— Um lobo pintado e com um machado na mão. – murmurou Balthus – Vão! Acordem os outros colonos ao longo da estrada e levem-nos com vocês. Protegerei a retaguarda.

Sem uma palavra, a velha reuniu sua carga diante de si. Enquanto desapareciam na escuridão, Balthus podia ver os ovais pálidos que eram os rostos das crianças, olhando por cima dos ombros em sua direção. Ele se lembrou do próprio povo em Tauran e, por um momento, uma náusea vertiginosa caiu sobre ele. Com uma fraqueza momentânea, ele grunhiu e caiu de joelhos na estrada, o braço musculoso caiu sobre o pescoço maciço de Mutilador e ele sentiu a língua quente e úmida do cão lhe tocar o rosto.

Ele ergueu a cabeça e sorriu com um esforço doloroso.

— Vamos, garoto. – ele murmurou, erguendo-se – Temos trabalho a fazer.

Um súbito brilho vermelho tornou-se evidente por entre as árvores. Os pictos haviam incendiado a última cabana. Ele sorriu. Como Zogar Sag espumaria, se soubesse que a natureza destrutiva de seus guerreiros havia sido levada a pior. O fogo avisaria as pessoas estrada acima. Estariam acordados e alertas quando os fugitivos os alcançassem. Mas seu rosto ficou sombrio. As mulheres estavam viajando devagar, a pé e com cavalos

sobrecarregados. Os pictos de pés rápidos as alcançariam dentro de uma milha, a menos que... Ele assumiu sua posição atrás de um amontoado de toras caídas, ao lado da estrada. A estrada a oeste dele estava iluminada pela cabana em chamas, e quando os pictos chegaram, ele os viu primeiro – negras figuras furtivas destacadas contra o brilho distante.

Puxando uma seta até a cabeça, ele atirou e uma das figuras caiu. As demais se misturaram às matas em ambos os lados da estrada. Mutilador choramingou com o desejo de matar ao seu lado. Súbito, apareceu uma figura na beira da trilha, sob as árvores, e começou a deslizar em direção às árvores caídas. A corda do arco de Balthus zuniu e o picto ganiu, cambaleou e caiu dentro das sombras com a flecha atravessada em sua coxa. Mutilador saltou da pilha de troncos e, com um pulo, adentrou os arbustos. Foram sacudidos violentamente, e então o cão voltou silenciosamente para o lado de Balthus, suas mandíbulas vermelhas.

Mais nenhum apareceu na trilha; Balthus começou a temer que estivessem passando por eles através das matas e, quando ouviu um som fraco à sua esquerda, ele atirou cegamente. Praguejou ao escutar a flecha se partir contra uma árvore, mas Mutilador se esgueirou dali tão silenciosamente quanto um fantasma, e logo Balthus ouviu um agitar e um gorgolejar; depois, Mutilador retornou como um espectro através dos arbustos, aconchegando sua cabeça grande e manchada de vermelho contra o braço de Balthus. O sangue escorria de um corte em seu ombro, mas os sons na mata haviam cessado para sempre.

Os homens que espreitavam nas beiras da estrada evidentemente sentiram o destino de seus companheiros, e decidiram que um ataque aberto seria melhor do que serem arrastados para o escuro, por um demônio bestial que não podiam ver nem ouvir. Talvez tivessem percebido que só havia um homem atrás das toras. Vieram numa investida súbita, saindo de ambos os lados da trilha. Três caíram com flechas atravessadas neles – e o par restante hesitou. Um deles deu a volta e correu estrada abaixo, mas o outro saltou por sobre a proteção de toras, seus olhos e dentes brilhando sob a luz fraca e seu machado erguido. O pé de Balthus escorregou quando ele se ergueu bruscamente, mas o escorregão lhe salvou a vida. O machado que descia raspou um cacho de cabelo da sua cabeça, e o picto rolou sobre as toras por causa da força de seu golpe desperdiçado. Antes que pudesse se recuperar, Mutilador rasgou sua garganta.

Seguiu-se um período tenso de espera, no qual Balthus se perguntou se o homem que fugira havia sido o único sobrevivente do bando. Obviamente aquele era um grupo pequeno que, ou havia deixado a luta no forte, ou vinha como batedores à frente do corpo

principal. Cada momento que passava aumentava as chances de segurança das mulheres e crianças que iam para Velitrium.

Então, sem aviso, uma chuva de flechas assobiou sobre seu refúgio. Um uivo selvagem se ergueu das matas ao longo da trilha. Ou o sobrevivente tinha ido buscar ajuda, ou outro bando havia se juntado ao primeiro. A cabana em chamas ainda ardia, emprestando um pouco de luz. Então, eles estavam sobre ele, deslizando por entre as árvores ao lado da trilha. Ele atirou três flechas e lançou o arco para longe. Como que sentindo sua situação, eles se aproximaram, não mais gritando, mas em silêncio mortal, exceto pelo pisar rápido de muitos pés.

Ele abraçou ferozmente a cabeça do grande cão que rosnava ao seu lado, e murmurou:

— Tudo bem, garoto; vamos dar o inferno a eles! – e se ergueu de um pulo, sacando seu machado. Então, as formas escuras inundaram sobre as pilhas de toras e caíram sobre eles numa tempestade de machados e facas sendo brandidos, e presas dilaceradoras.

## VII

### O demônio no fogo

Quando Conan saiu da estrada para Velitrium, ele esperava uma corrida de 14 km, e se preparou para a mesma. Mas ele mal percorrera seis, quando ouviu os sons de um grupo de homens à sua frente. Pelo barulho que faziam em seu avanço, não eram pictos. Ele os saudou.

— Quem está aí? – inquiriu uma voz áspera – Fique onde está, até sabermos quem é você, ou levará uma flechada.

— Você não conseguiria acertar um elefante nesta escuridão. — Conan respondeu impacientemente — Vamos, tolos; sou eu, Conan. Os pictos atravessaram o rio.

— Nos suspeitávamos. — respondeu o líder dos homens, enquanto eles avançavam: homens altos e esguios, de rostos severos e arcos nas mãos — Um dos nossos feriu um antílope e o rastreou até perto do Rio Negro. Ele os ouviu gritando rio abaixo e correu de volta ao nosso acampamento. Deixamos o sal e a carroças, soltamos os bois e viemos o mais rápido possível. Se os pictos estão sitiando o forte, grupos de guerra correrão pela estrada até nossas cabanas.

— Suas famílias estão a salvo. — grunhiu Conan — Meu companheiro foi à frente, para levá-las até Velitrium. Se voltarmos pela estrada principal, podemos nos encontrar com a horda inteira. Vamos para o sudoeste, pela floresta. Vão na frente. Vigiarei a retaguarda.

Poucos momentos depois, o grupo inteiro seguia rapidamente na direção sudeste. Conan seguia mais devagar, mantendo-se ao alcance da voz. Ele amaldiçoava o barulho que faziam; pois muitos pictos ou cimérios teriam se movido pelas matas, sem fazer mais barulho do que o vento através dos galhos negros. Ele acabava de cruzar uma pequena clareira, quando girou, respondendo à convicção de seus instintos primitivos, de que estava sendo seguido. Ficando imóvel entre as moitas, ele ouvia os sons de retirada dos colonos desaparecerem. Então, uma voz chamou fracamente ao longo do caminho pelo qual viera:

— Conan! Conan! Espere por mim, Conan!

— Balthus! — ele praguejou perplexo. Cautelosamente, ele disse: — Estou aqui!

— Espere por mim, Conan! — a voz ficou mais distinta.

Conan saiu das sombras, carranqueando:

— Que diabo você está fazendo aqui? Crom!

Ele ficou meio agachado, a pele lhe formigando ao longo da espinha. Não era Balthus que emergia do outro lado da clareira. Um brilho estranho ardia por entre as árvores. Aquilo se moveu em direção a ele, tremeluzindo de forma sobrenatural... um fogo verde e enfeitiçador, que se movia com propósito e intenção.

Parou a alguns passos de distância, e Conan o olhou ferozmente, tentando distinguir seus contornos enevoados pelo fogo. A chama trêmula tinha um núcleo sólido; o fogo era apenas uma vestimenta verde que mascarava uma entidade animada e perversa; mas o

cimério não era capaz de lhe distinguir a forma e aparência. Então, uma voz falou horrivelmente para ele de dentro da coluna de fogo:

— Por que você fica como uma ovelha esperando pelo açougueiro, Conan?

A voz era humana, mas carregava estranhas vibrações que não eram humanas.

— Ovelha? – a fúria de Conan superou seu pasmo momentâneo – Acha que tenho medo de um maldito demônio picto do pântano? Um amigo me chamou.

— Eu chamei na voz dele. – respondeu o outro – Os homens a quem você segue pertencem ao meu irmão; eu não roubaria o sangue deles de sua faca. Mas você é meu. Idiota; você veio das distantes colinas cinzentas da Ciméria, para encontrar seu destino nas florestas de Conajohara.

— Você já teve sua chance comigo antes. – bufou Conan – Por que não me matou então, se podia?

— Meu irmão não havia pintado uma caveira de preto para você, e lançado-a dentro do fogo que queima para sempre no altar negro de Gullah. Ele não havia sussurrado seu nome para os fantasmas negros que assombram as montanhas da Terra Escura. Mas um morcego voou sobre as Montanhas dos Mortos e desenhou sua imagem em sangue na pele de tigre branco, que está pendurada diante da longa cabana onde dormem os Quatro Irmãos da Noite. As grandes serpentes se enrolam aos seus pés, e as estrelas queimam como vagalumes em seus cabelos.

— Por que os deuses das trevas me condenaram à morte? – rosnou Conan.

Algo – uma mão, pé ou garra; ele não podia dizer o que – saiu de dentro do fogo e marcou rapidamente a terra. Um símbolo brilhou ali, marcado com fogo, e desapareceu, mas não antes que ele o reconhecesse.

— Você ousou fazer o sinal que apenas um sacerdote de Jhebbal Sag ousa fazer. O trovão estrondou pela negra Montanha dos Mortos, e a cabana-altar de Gullah foi derrubada por um vento do Golfo dos Fantasmas. O mergulhão boreal, que é mensageiro dos Quatro Irmãos da Noite, voou rapidamente e sussurrou seu nome em meu ouvido. Sua hora chegou. Sua cabeça será pendurada na cabana-altar de meu irmão. Seu corpo será comido pelos Filhos de Jhil, de asas negras e bicos afiados.

— Quem diabos é seu irmão? – indagou Conan. Sua espada estava desembainhada, e ele estava sutilmente soltando o machado do cinto.

— Zogar Sag; um filho de Jhebbal Sag, que ainda visita seus arvoredos sagrados às vezes. Uma mulher de Gwawela dormiu num arvoredo sagrado de Jhebbal Sag. Seu bebê era Zogar Sag. Também sou um filho de Jhebbal Sag, saído de uma criatura de fogo de um reino distante. Zogar Sag me convocou das Terras Nebulosas. Com encantamentos, feitiçaria e seu próprio sangue, ele me materializou na carne de seu próprio planeta. Somos um, unidos por fios invisíveis. Seus pensamentos são meus pensamentos; se ele for golpeado, eu sou ferido. Se sou cortado, ele sangra. Mas já falei o suficiente. Logo, seu fantasma conversará com os fantasmas da Terra Escura, e eles lhe contarão sobre os velhos deuses que não estão mortos, mas dormem em abismos externos e, de tempos em tempos, acordam.

— Gostaria de ver como você se parece – murmurou Conan, soltando seu machado –; você, que deixa pegadas de pássaro, arde como uma chama e, no entanto, fala com voz humana.

— Você verá – respondeu a voz que vinha da chama –; verá e levará o conhecimento consigo para a Terra Escura.

As chamas saltaram e desceram, diminuindo e escurecendo. Um rosto começou a tomar uma forma sombria. A princípio, Conan pensou que fosse o próprio Zogar Sag que estivesse envolto em fogo verde. Mas o rosto era maior que o dele próprio, e havia um aspecto demoníaco nele. Conan havia notado várias anormalidades nas feições de Zogar Sag: a obliquidade dos olhos, as orelhas afiadas e uma finura lupina nos lábios – estas peculiaridades eram exageradas na aparição que oscilava diante dele. Os olhos eram vermelhos como brasas de fogo vivo.

Mais detalhes ficaram visíveis: um torso magro, coberto por escamas de serpente, o qual no entanto tinha forma humana, com braços humanos, da cintura para cima; da cintura para baixo, pernas longas e finas, que terminavam em pés chatos com três dedos, como os de um grande pássaro. Ao longo dos membros monstruosos, o fogo azul tremulava e corria. Ele o viu como se através de uma névoa cintilante.

Então, subitamente se ergueu sobre ele, embora Conan não o tivesse visto se mover em sua direção. Um braço longo, o qual, pela primeira vez, ele notou que estava armado com garras longas em forma de foice, girou para o alto e desceu em direção ao seu pescoço. Com um grito feroz, ele quebrou o feitiço e saltou para o lado, arremessando seu machado.

O demônio evitou o arremesso com um inacreditavelmente rápido movimento de sua cabeça estreita, e estava sobre ele novamente, com uma sibilante arremetida de chamas saltitantes.

Mas o medo o havia ajudado quando matou suas outras vítimas, e Conan não tinha medo. Ele sabia que qualquer ser revestido de carne material pode ser morto por armas materiais, por mais horrível que sua forma possa ser.

Um membro armado de garras lhe arrancou o elmo da cabeça. Um pouco mais embaixo, e ele o teria decapitado. Mas uma alegria feroz o envolveu quando sua espada, dirigida selvagememente, afundou na virilha do monstro. Conan pulou para trás, evitando um golpe e soltando sua espada enquanto saltava. As garras lhe roçaram o peito, arrancando os anéis de sua cota-de-malha como se fossem pano. Mas seu contragolpe foi como o de um lobo faminto. Ele estava dentro dos braços que açoitavam e enfiava a espada na barriga do monstro... sentia os braços se fecharem ao seu redor e as garras lhe rasgando a malha das costas, enquanto buscava seus órgãos vitais... estava envolvido e aturdido pelo fogo azul, o qual era tão frio quanto gelo... então, ele se desvencilhou ferozmente dos braços que enfraqueciam, e sua espada cortou o ar num tremendo golpe.

O demônio cambaleou e desabou de lado, sua cabeça pendurada apenas por uma tira de pele. As chamas que o velavam saltavam ferozmente para o alto, agora vermelhas como sangue jorrando e escondendo a figura da vista. Um cheiro de carne queimada preencheu as narinas de Conan. Sacudindo o sangue e suor de seus olhos, ele girou e correu cambaleante pelas matas. O sangue lhe escorria pelos membros. Em algum lugar, milhas ao sul, ele viu o brilho fraco de chamas que talvez indicassem uma cabana queimando. Atrás dele, em direção à estrada, erguia-se um uivo distante que o instigava a esforços maiores.

## VIII

### O fim de Conajohara

Houve luta no Rio Trovão; luta feroz diante dos muros de Velitrium; machado e tocha haviam sido brandidos nas margens, e muitas cabanas de colonos viraram cinzas antes que a horda pintada recuasse.

Uma estranha quietude se seguiu à tempestade, na qual o povo se reuniu e conversava em voz baixa, e homens com bandagens manchadas de vermelho bebiam sua cerveja silenciosamente nas tavernas ao longo da margem do rio.

Lá, foi até Conan, o cimério – o qual bebia de forma taciturna e a grandes goles de um grande copo de vinho –, um mateiro magro, com uma bandagem ao redor da cabeça e seu braço numa tipóia. Ele era o único sobrevivente do Forte Tuscelan.

— Você foi, com os soldados, até as ruínas do forte?

Conan balançou a cabeça.

— Não pude. – murmurou o outro – Não houve luta?

— Os pictos recuaram pelo Rio Negro. Alguma coisa deve ter quebrado a coragem deles, embora só o diabo que os criou saiba o que seja.

O mateiro deu uma olhada em seu braço enfaixado e suspirou:

— Dizem que não havia corpos para eliminar.

Conan sacudiu sua cabeça:

— Cinzas. Os pictos os empilharam no forte e queimaram tudo antes que cruzassem o rio. Seus próprios mortos e os homens de Valannus.

— Valannus foi um dos últimos a ser morto... na luta corpo-a-corpo, quando quebraram as barreiras. Tentaram capturá-lo vivo, mas ele fez com que o matassem. Levaram dez de nós como prisioneiros, quando estávamos tão enfraquecidos do combate que não conseguíamos mais nos defender. Mataram nove, sem demora. Foi quando Zogar Sag morreu, que tive minha chance de me libertar e fugir.

— Zogar Sag está morto? – exclamou Conan.

— Sim. Eu o vi morrer. Foi por isso que os pictos não pressionaram a luta contra Velitrium tão ferozmente quanto o fizeram contra o forte. Foi estranho. Ele não foi ferido em batalha. Estava dançando entre os mortos, agitando um machado com o qual havia acabado de arrebentar os miolos do último de meus companheiros. Veio em minha direção, uivando como um lobo... e então, ele cambaleou, deixou o machado cair e começou a girar, guinchando como nunca ouvi um homem ou fera guinchar antes. Caiu entre eu e a fogueira que haviam feito para me assar, engasgando e espumando pela boca; e, de uma vez só, ele enrijeceu e os pictos gritaram que ele estava morto. Foi durante a confusão que escapai de minhas amarras e corri até a mata.

“Eu o vi deitado à luz do fogo. Nenhuma arma o havia tocado. Mas havia marcas vermelhas, semelhantes a ferimentos de espada, na virilha, barriga e pescoço... este último foi como se sua cabeça tivesse sido quase separada do corpo. O que você acha disso?”

Conan não respondeu, e o mateiro, ciente da reticência dos bárbaros em certos assuntos, continuou:

— Ele vivia de magia e, de alguma forma, morreu dela. Foi o mistério de sua morte que tirou a coragem dos pictos. Nenhum homem que viu isso estava na luta em Velitrium. Eles voltaram correndo pelo Rio Negro. Aqueles que atacaram no Rio Trovão eram guerreiros que tinham vindo antes da morte de Zogar Sag. Não eram suficientes para tomar a cidade sozinhos.

“Vim pela estrada, atrás da força principal deles, e sei que ninguém me seguiu desde o forte. Esgueirei-me pelas linhas deles e adentrei a cidade. Você trouxe os colonos em segurança, mas suas mulheres e crianças chegaram a Velitrium logo antes daqueles demônios pintados. Se o jovem Balthus e o velho Mutilador não os tivessem segurado um pouco, eles teriam massacrado todas as mulheres e crianças de Conajohara. Passei pelo local onde Balthus e o cão fizeram sua última resistência. Eles jaziam entre uma pilha de pictos mortos... contei sete, com os crânios abertos por seu machado ou estripados pelas presas do cão; e havia outros na estrada, com flechas enfiadas neles. Deuses, que luta deve ter sido!”

— Ele era um homem. – disse Conan – Bebo em sua memória, e à do cão, que não conhecia o medo. – Ele bebeu parte do vinho, e então esvaziou o resto no chão, com um curioso gesto pagão, e esmagou o copo de vinho – As cabeças de dez pictos pagarão pela dele, e sete cabeças pelo cão, que era melhor guerreiro que muitos homens.

E o mateiro, encarando aqueles taciturnos e ardentes olhos azuis, sabia que o juramento bárbaro seria cumprido.

— Eles não vão reconstruir o forte?

— Não; Conajohara está perdida para a Aquilônia. A fronteira foi empurrada para trás. O Rio Trovão será a nova fronteira.

O mateiro suspirou e olhou para as mãos calejadas, desgastadas pelo contato com cabos de machados e espadas. Conan estendeu seu longo braço para pegar o jarro de vinho. O mateiro o olhou, comparando-o com os homens ao seu redor, os homens que haviam morrido ao longo do rio perdido e comparando-o com aqueles outros homens selvagens, do outro lado daquele rio. Conan parecia não perceber seu olhar.

— O barbarismo é o estado natural da humanidade. – disse o homem da fronteira, ainda olhando sombriamente para o cimério – A civilização é artificial; apenas um capricho das circunstâncias. E o barbarismo sempre há de triunfar no final.

**FIM**

# AS NEGRAS NOITES DE ZAMBOULA

## *Shadows in Zamboula*

### I

#### *Soa um tambor*

— O perigo esconde-se na casa de Aram Baksh!

A voz do que falava tremia de ansiedade, e seus dedos magros cravaram-se no braço musculoso de Conan quando gritou sua advertência. Tratava-se de um homem magro, bronzeado pelo sol, com uma enorme barba negra. Suas roupas esfarrapadas indicavam que era nômade. Parecia menor e mais delgado, em comparação ao gigantesco cimério de sobrancelhas negras, enorme peito e fortes braços e pernas. Encontravam-se numa esquina da feira de Forjadores de Espadas e, a seu lado, passava uma multidão de gente, falando diversos idiomas e dialetos. Era uma massa heterogênea, exótica, alegre e efervescente.

Conan afastou os olhos de uma garota de Ghanara, de olhar provocante e lábios vermelhos, cuja saia curta deixava descoberta sua coxa bronzeada, cada vez que dava um passo. Logo olhou seu aborrecido companheiro e franziu a testa.

— Que quer dizer com isso de perigo? — perguntou o cimério.

O homem do deserto olhou furtivamente por cima do ombro, antes de responder, e baixou o tom de sua voz.

— Não o sei exatamente. Mas os homens do deserto têm dormido na casa de Aram Baksh e nunca mais se ouviu falar neles. Ninguém sabe o que lhes aconteceu. Ele jurou que eles levantam-se e seguem seus caminhos... É verdade que nenhum habitante da cidade jamais desapareceu de sua casa. Mas o certo é que ninguém voltou a ver esses viajantes, e as pessoas dizem que suas mercadorias e seu equipamento foram vistos depois, nas tendas do mercado. Se Aram não os vendeu depois de matar seus proprietários, como chegaram até ali?

— Eu não tenho nada disso. — respondeu o cimério, tocando o cabo da enorme espada que levava pendurada no quadril — Até tive que vender meu cavalo.

— Mas não são apenas os estrangeiros ricos que desapareceram pelas noites da casa de Aram Baksh! — acrescentou o zuagir — Não, ali dormiram homens pobres do deserto e também desapareceram. Uma vez, um chefe zuagir, cujo filho havia desaparecido desse modo, queixou-se diante do sátrapa Jungir Khan, o qual ordenou que a casa fosse examinada por seus soldados.

— E encontraram um sótão cheio de cadáveres? — perguntou Conan ironicamente.

— Não! Não encontraram nada! E o chefe foi expulso da cidade, com ameaças e maldições! Mas...

O homem estremeceu, chegou mais perto de Conan e acrescentou:

— Toparam com algo mais! No limite do deserto, além das casas, há um oásis com palmeiras e nele há uma fossa. E dentro dessa fossa encontraram ossos humanos, chamuscados e escurecidos. Não uma, mas muitas vezes!

— E isso prova o quê? — perguntou Conan com um grunhido.

— Que Aram Baksh é um demônio! Nesta maldita cidade que os stígios construíram e mais tarde os hirkanianos governaram, onde gente branca, marrom e negra se mistura constantemente, produzindo híbridos de toda classe, cor e condição, não há ninguém capaz de distinguir quem é um homem e quem é um diabo disfarçado. Aram Baksh é um demônio em forma de homem! À noite, assume sua verdadeira forma e leva seus hóspedes até o deserto, onde se reúne em conclave com outros diabos da área.

— Por quê mata sempre estrangeiros? — perguntou Conan, com tom cético.

— O povo da cidade não toleraria que assassinassem seus concidadãos, mas não lhe importa que matem os estrangeiros que caem em suas mãos. Conan, você é do Ocidente e não conhece os segredos desta terra antiga. Mas desde a criação do mundo, os demônios do deserto têm adorado a Yog, Senhor dos Espaços Vazios, através do fogo... um fogo que devora vítimas humanas. Tenha cuidado! — continuou dizendo o homem — Você morou durante muitas luas nas tendas dos zuagires e é nosso irmão! Não vá à casa de Aram Baksh!

— Vai-te daqui! — disse Conan, repentinamente — Por ali, vem um pelotão de guardas da cidade. Se te vêm, lembrarão que alguém roubou um cavalo do estábulo do sátrapa.

O zuagir abriu a boca e afastou-se rapidamente. Conseguiu se esconder entre uma coluna de pedra e uma barraca da feira, detendo-se um momento para acrescentar:

— Tenha cuidado, irmão! Há demônios na casa de Aram Baksh!

E, em seguida desapareceu correndo por uma estreita ruela lateral.

Conan ajustou o largo cinto que sustentava sua espada e olhou com calma o grupo de guardas que o observava inquisitivamente à medida que passavam a seu lado. Os guardas olhavam-no com curiosidade e desconfiança, porque se destacava, por sua estatura, do resto da multidão que abarrotava as ruas sinuosas de Zamboula. Seus olhos azuis e suas estranhas feições diferenciavam-no dos orientais. A enorme espada que levava pendurada ao cinto também indicava uma diferença.

Os guardas não se detiveram a seu lado; continuaram avançando entre a multidão que lhes abria caminho. Eram pelishtianos atarracados, de nariz aquilino e barba muito negra que caía sobre o peito coberto com cota-de-malha... Se tratavam de mercenários contratados pelos governantes turanianos, e todo o povo os odiava.

Conan olhou em direção ao sol, que começava a esconder-se atrás das casas de tetos planos na parte ocidental da feira. Ajustou mais uma vez o cinto de sua espada e dirigiu-se à taberna de Aram Baksh.

Com passadas de montanhês, avançou pelas ruas agitadas e multicoloridas, onde as túnicas esfarrapadas dos mendigos misturavam-se às luxuosas khalats debrumadas de arminho e os vestidos de seda, adornados com pérolas, das ricas cortesãs. Se via gigantescos escravos

negros, vagabundos de barba negra das cidades shemitas; nômades cobertos de farrapos empoeirados, vindos dos desertos vizinhos; comerciantes e aventureiros de todas as terras do Oriente.

A população nativa também era heterogênea. Há séculos haviam chegado os exércitos da Stygia, e erigiram um império no deserto oriental. Zamboula era então uma pequena cidade de comerciantes, circundada por um oásis e habitada pelos descendentes dos nômades. Os stígios transformaram-na numa cidade e povoaram-na com sua própria gente e com escravos shemitas e kushitas. As incessantes caravanas que atravessavam o deserto de leste a oeste, e vice-versa, trouxeram riquezas e contribuíram para a mistura das raças. Então, chegaram os conquistadores turanianos, vindos do Oriente, para reduzir as fronteiras da Stygia, e, desde há quase uma geração, Zamboula havia se transformado no posto fronteiriço mais avançado de Turan, e estava governada por um sátrapa turiano.

A autêntica babel de línguas que ali se falava ressoava nos ouvidos do cimério, à medida que atravessava as ruas agitadas de Zamboula, nas quais, de vez em quando, aparecia um grupo de cavaleiros destemidos. Se tratava dos ágeis e esbeltos guerreiros de Turan, com rostos escuros de falcão e espadas curvas de aço reluzente. O povo saía correndo ao ouvir os cascos de seus cavalos, que conduziam como se fossem os amos e senhores de Zamboula. Mas os altos e taciturnos stígios miravam-nos, furiosos, das sombras, onde recordavam suas antigas glórias. À população importava muito pouco se o rei que dirigia seus destinos vivia na escura Khemi ou na brilhante Aghrapur. Jungir Khan governava Zamboula e o povo sussurrava que Nafertari, a querida do sátrapa, governava por sua vez a Jungir Khan. Mas o povo vivia sua vida comercializando, disputando, jogando, bebendo e amando como haviam feito durante séculos, desde que suas torres e minaretes haviam se erguido sobre as areias do Kharamun.

Os postes de bronze, com dragões esculpidos, já tinham sido acesos antes que Conan chegasse à casa de Aram Baksh. Sua taberna era a última casa habitada da rua. Um extenso jardim cheio de palmeiras, rodeado por um muro, separava-a das casas que haviam a seu redor. Em direção ao oeste da taberna, havia outro pequeno bosque de palmeiras, no exato local em que a rua transformava-se em estrada e adentrava o deserto. No outro lado da taberna havia uma fileira de cabanas desertas, cobertas pela sombra de algumas palmeiras, que só estavam habitadas por morcegos e chacais. À medida que Conan avançava pelo caminho, perguntou-se por quê os

numerosos mendigos de Zamboula não haviam ocupado aquelas casas vazias, mesmo que só fosse para dormir. As luzes brilhavam às suas costas. Ali não haviam postes de tipo algum, exceto o que pendia na entrada da taberna. Não se via mais que a luz das estrelas e a fina poeira do caminho, e ouvia-se o sussurro das palmeiras, causado pela brisa do deserto.

A porta da taberna não levava à estrada, mas a uma estreita ruela situada entre a taberna e o jardim cheio de palmeiras. Conan puxou com força a grossa corda, que pendia do sino que havia na entrada, e logo bateu à porta de madeira, golpeando com o punho de sua espada. A porta se entreabriu um pouco e um rosto negro espreitou por uma estreita fresta.

— Abre, condenado! — berrou Conan — Sou um hóspede. Paguei um quarto a Aram e vou desfrutar dele, por Crom!

O negro alongou um pouco o pescoço, pra ver se havia alguém atrás de Conan. A seguir, abriu completamente a porta, sem fazer o menor comentário, e voltou para fechá-la atrás do cimério, e depois disso correu um pesado ferrolho. O muro era bastante alto. Mas havia muitos ladrões em Zamboula, e uma casa situada no limite com o deserto tinha que defender-se contra os ataques noturnos dos nômades. Conan atravessou um jardim, no qual as flores brancas balançavam à luz das estrelas; a seguir, entrou na sala onde um stígio, com a cabeça raspada ao estilo dos estudantes, encontrava-se ao lado da mesa, com os olhos fechados, filosofando sobre mistérios insondáveis, enquanto mais além, em uma esquina, haviam alguns indivíduos de aspecto sinistro jogando dados.

Aram Baksh adiantou-se, caminhando suavemente; era um homem corpulento, com uma barba negra que lhe cobria o peito, tinha o nariz proeminente e uns olhos negros e pequenos que jamais estavam quietos.

— Quer comer? — perguntou — Ou beber?

— Comi um pedaço de carne e outro de pão no suk. — respondeu Conan, com um grunhido — Traga-me uma jarra de vinho de Ghazan. Tenho dinheiro suficiente para pagá-la.

Depois de dizer isto, arremessou uma moeda de cobre sobre a mesa manchada de vinho.

— Não tem ganhado nas cartas?

— Como podia ganhar se tinha umas poucas moedas de prata para começar? Te paguei a estalagem esta manhã, porque estava quase certo que perderia. Queria estar seguro de ter uma cama onde dormir esta noite. Tenho notado que em Zamboula ninguém dorme nas ruas. Até os mendigos

buscam um esconderijo e se trancam antes que escureça. A cidade deve estar cheia de ladrões sedentos de sangue.

Conan bebeu o vinho de um gole só, e logo seguiu Aram para fora da sala. Os jogadores de dados, que estavam atrás dele, interromperam a partida para olhá-lo com curiosidade. Não disseram nada, mas o stígio soltou uma gargalhada cínica e zombeteira. Os outros baixaram o olhar, tratando de evitar os olhos de seus colegas. As artes que o stígio estudava não lhe permitiam compreender os sentimentos de um ser humano normal.

Conan seguiu Aram por um corredor iluminado por lâmpadas de cobre, e não lhe agradou nada verificar que seu anfitrião caminhava de forma realmente estranha e sem fazer o menor ruído. Os pés de Aram estavam calçados com sapatos macios e o vestibulo estava coberto de tapetes turanianos, mas naquela figura havia algo evidentemente desagradável e suspeito.

No final do sinuoso corredor, Aram deteve-se diante de uma porta na qual havia uma pesada barra de ferro, apoiada sobre uns fortes suportes de metal. O taberneiro levantou a barra e fez o cimério adentrar um quarto de aspecto agradável. Conan se deu conta, em seguida, de que as janelas eram pequenas e tinham grades de ferro forjado com desenhos artísticos. Havia tapetes no chão, um teto de estilo oriental e cadeiras de madeira talhada. Era um quarto muito mais cômodo e agradável que o que Conan conseguira pelo mesmo preço no centro da cidade... o que havia lhe agradado muito quando, essa mesma manhã, descobrira o quão escasso estava seu bolso em consequência das farras. Chegara em Zamboula, vindo do deserto, fazia apenas uma semana.

Aram já havia acendido uma lâmpada de bronze, e indicou a Conan as duas portas que haviam no quarto. Ambas possuíam fortes ferrolhos de ferro.

— Esta noite pode dormir tranquilo e seguro, cimério. — disse Aram, pestanejando do umbral.

Conan grunhiu algo ininteligível e arremessou sua espada sobre o leito.

— Seus ferrolhos e suas barras de ferro serão fortes... — disse bruscamente — Mas eu durmo sempre com o aço a meu lado.

Aram não respondeu. Permaneceu de pé, imóvel, acariciando a barba e contemplando a perigosa arma. Logo, retirou-se em silêncio e fechou a porta atrás de si. Conan fechou a tranca, cruzou o quarto, abriu a porta do fundo e olhou para fora. O quarto estava situado numa ala da casa, da qual

se via o caminho que havia a oeste da cidade. A porta dava num pequeno pátio rodeado por um muro. Este não tinha aberturas, mas a parede que ladeava o caminho era baixa e não havia fechaduras na porta de entrada.

Conan permaneceu na porta um momento. O brilho da lâmpada refletia-lhe nas costas. Observou o caminho que se perdia entre as palmeiras. As folhas sussurravam sob a brisa suave. Mais além estava o deserto. Na parte alta da rua, em direção contrária, havia luzes, e os ruídos da cidade chegavam debilmente a seus ouvidos. Mas ali só se ouvia o murmúrio das palmeiras, se via a poeira da estrada e as cabanas desertas de tetos baixos, sobre os quais refletia-se a azulada palidez do céu. Em algum lugar, situado além dos pequenos bosques de palmeiras, começou a soar um tambor.

O cimério recordou as advertências dos zuagires; agora, lhe pareciam menos fantasiosas do que lhe pareceram nas ruas abarrotadas de gente e de luzes. Voltou a se perguntar que significado poderiam ter aquelas cabanas vazias. Por quê os mendigos as evitavam? Voltou a entrar no quarto, fechou a porta e passou o trinco.

A luz começou a tremeluzir. Conan a examinou e praguejou entre dentes quando se deu conta de que o azeite da lâmpada tinha quase terminado. Quis chamar Aram, mas encolheu os ombros e apagou a luz com um forte sopro. Estendeu-se comodamente sobre o leito na escuridão suave, com uma das mãos apoiada instintivamente no cabo da espada. Olhando preguiçosamente as estrelas através das janelas gradeadas e ouvindo o murmúrio da brisa no jardim de palmeiras, submergiu num sono profundo, escutando vaga e inconscientemente o rufar do tambor no deserto..., o suave atabaque de um tambor tocado suave e ritmicamente por uma mão negra.

## II

### *Os fantasmas noturnos*

Foi o sigiloso abrir de uma porta que despertou o cimério. Conan não costumava despertar como os homens civilizados: aturdidos, drogados e estúpidos. Ele acordou instantaneamente, com a mente clara e reconhecendo o som que havia interrompido seu sono. Permaneceu imóvel e tenso na escuridão, e viu como se abria lentamente a porta exterior. À luz das estrelas, viu uma enorme silhueta negra, de ombros largos e cabeça disforme, destacada contra a débil luz do exterior.

Conan sentiu um calafrio. Havia passado o trinco da porta. Como era possível que se abrisse, senão através de poderes sobrenaturais? E como era possível que um ser humano tivesse uma cabeça semelhante? Lembrou das histórias que havia ouvido, nas tendas dos zuagires, sobre demônios e fantasmas. Estava encharcado de suor. Nesse momento, o monstro deslizou, sem fazer ruído, para o interior do quarto, agachando-se e arrastando os pés. Um odor familiar chegou até o cimério, o que não o tranquilizou em absoluto, dado que as lendas zuagires diziam que os demônios cheiravam dessa forma.

Sem fazer o menor ruído, Conan encolheu suas longas pernas sob o corpo. Tinha a espada na mão direita e atacou violenta e repentinamente como um tigre, em plena escuridão. Nem sequer um demônio teria sido capaz de evitar seu golpe rápido e feroz. Sua espada cravou— se em carne e osso, e algo caiu pesadamente ao chão, proferindo um estranho grito. Conan se agachou na escuridão, sustentando na mão a espada manchada de sangue. Fosse demônio, animal ou ser humano, a coisa jazia morta ao chão. Cheirou a morte como só os seres selvagens e primitivos são capazes de cheirar. Logo, olhou pela porta entreaberta, em direção ao pátio iluminado pela luz das estrelas. A porta da entrada estava aberta, mas o pátio estava vazio.

Conan fechou a porta, mas não pôs a tranca. Tateando na escuridão, encontrou a lâmpada e acendeu-a. Sobrava azeite suficiente para queimar por mais um ou dois minutos. Depois inclinou-se sobre o corpo que jazia no chão em meio a uma poça de sangue.

Era um negro gigantesco, completamente nu, exceto por uma pequena tanga. Numa das mãos ainda segurava um grosso porrete. O cabelo encrespado do indivíduo estava cheio de espinhos, de pequenos ramos e de barro. Era essa cabeleira de bárbaro que dava à sua cabeça um aspecto monstruoso à luz das estrelas. Com essa pista para resolver o enigma,

Conan abriu os grossos lábios vermelhos do homem e grunhiu ao contemplar uns dentes afiados.

Agora, ele entendia o mistério dos forasteiros desaparecidos da casa de Aram Baksh, assim como o significado do tambor que soava além das palmeiras e o mistério da fossa cheia de ossos chamuscados..., aquela fossa onde se assava uma estranha carne, enquanto as feras negras sentavam-se a seu redor para saciar sua fome monstruosa. O homem que estava estendido ao chão era um escravo canibal de Darfar.

Havia muitos homens como esse na cidade. O canibalismo não era abertamente tolerado em Zamboula. Mas agora, Conan entendia por quê o povo se trancava em suas casas à noite e por quê até os mendigos evitavam as cabanas semidestruídas e se negavam a dormir nas ruas. O cimério grunhiu repugnado, ao imaginar esses enormes selvagens negros perambulando à noite pelas ruas, em busca de presas humanas... e homens que, como Aram Baksh, lhes abriam as portas. O estalajadeiro não era um demônio. Era algo muito pior. Os escravos de Darfar eram ladrões conhecidos. Não havia dúvida de que parte de seus saques desonestos ia parar nas mãos de Aram Baksh. E, em troca, ele lhes vendia carne humana. Conan voltou a apagar a luz, aproximou-se da porta e a abriu. Logo, passou a mão pelos enfeites que haviam na parte exterior. Um deles era móvel e punha em funcionamento o ferrolho interior. O quarto era uma arapuca para caçar seres humanos como se fossem coelhos. Mas desta vez, ao invés de um coelho, haviam pegado um velho tigre, com dentes de sabre.

Conan aproximou-se da outra porta, levantou o trinco e fez pressão sobre ele. Não se movia, mas lembrou que havia um ferrolho do outro lado. Aram não corria riscos com suas vítimas, nem com os homens com os quais lidava. O cimério pôs na cintura o cinto da espada, saiu ao pátio e cerrou a porta. Não tinha intenção de demorar mais seu acerto de contas com Aram Baksh. Se perguntou quantos pobres-diabos haviam sido assassinados enquanto dormiam, arrancados daquele quarto e logo levados ao caminho que atravessava o jardim de palmeiras, até chegarem à fossa.

Se deteve no pátio. Continuava ouvindo o atabaque do tambor e, de repente, viu um resplendor avermelhado através das palmeiras. O canibalismo era algo mais que um apetite perverso para os negros de Darfar. Era parte integral de seu terrível culto bestial. Os abutres negros já estavam reunidos em conclave. Mas fosse qual fosse a carne que enchesse seus estômagos, não seria a sua.

Para chegar até onde estava Aram Baksh, teria que subir por um dos muros que separavam o pátio do resto da casa. Os muros eram altos, provavelmente construídos para defender-se dos canibais. Mas Conan não era um negro criado nos pântanos. Sua infância havia transcorrido nas montanhas acidentadas de sua terra natal. Encontrava-se ao pé do muro mais próximo, quando ouviu um grito assustador sob as árvores.

Conan ficou imóvel, escondido junto à porta de entrada e contemplando o caminho que havia diante dele. O som vinha das sombras, onde se encontravam as cabanas, do outro lado da rua. Ouviu um som abafado, como se alguém tentasse gritar inutilmente sob a pressão de uma mão sobre sua boca. Um grupo de silhuetas surgiu das sombras, que haviam além das cabanas, e começou a avançar pelo caminho. Eram três negros enormes, que carregavam um corpo delgado que se debatia entre seus braços. Conan distinguiu a brancura de uns membros retorcendo-se sob a luz das estrelas, quando o prisioneiro, fazendo um terrível esforço, libertou-se da pressão brutal das mãos de seus captores e começou a correr pela estrada, em direção às cabanas. Se tratava de uma bela mulher branca, completamente nua. Os negros correram atrás dela e, quando entraram nas sombras, ouviu-se outro grito terrível de angústia, de agonia e de horror.

Conan, vermelho de raiva pelo macabro espetáculo, saltou à frente e atravessou correndo a estrada.

Nem a vítima nem seus sequestradores se deram conta de sua presença, até que chamou— lhes a atenção o suave ruído de seus passos sobre a poeira do caminho. Mas, neste momento, Conan já havia se lançado sobre eles com a fúria de um vendaval. Dois dos negros viraram-se para enfrentá-lo, erguendo seus poderosos porretes. Mas os negros falharam ao calcular a velocidade de Conan. Um deles caiu por terra, com as entranhas de fora, antes que pudesse fazer nada. Logo, girando com a rapidez de um felino, Conan evitou o golpe de outro porrete e atacou com a rapidez de um raio. A cabeça do negro voou pelos ares, seu corpo deu uns passos cambaleantes, enquanto levantava desesperadamente as mãos, e finalmente caiu ao solo.

O outro canibal recuou, emitindo um grito abafado, enquanto soltava sua vítima. A mulher tropeçou e caiu ao chão. O negro correu, tomado pelo pânico, em direção à cidade. Conan correu atrás dele. O medo dava asas aos pés do negro, mas antes que chegasse à cabana situada a leste, o homem sentiu a morte em suas costas e gritou como um boi degolado.

— Cão negro do inferno! — gritou Conan, afundando a espada entre seus ombros escuros, com tanta fúria que metade da lâmina lhe saiu pelo peito.

O sujeito caiu para a frente, com um grito abafado. Logo, Conan apoiou ambos os pés no solo e tirou a espada do corpo do negro.

A brisa balançava as folhas das árvores. Conan sacudiu a cabeça, como um leão que agita sua juba, e grunhiu. Mas não surgiram novas sombras entre as árvores. Diante das cabanas, se via a estrada iluminada pelas estrelas, completamente vazia. Girou rapidamente sobre os calcanhares, ao ouvir um ruído de passos às suas costas. Mas se tratava tão-somente da mulher, que correu até ele, rodeou-lhe o pescoço com ambas as mãos e pôs-se a chorar desesperadamente pelo que acabava de acontecer, e aliviada por ter escapado de uma morte certa.

— Calma, garota. — disse Conan — Tudo já passou. Como foi que lhe pegaram?

A jovem soluçou e murmurou algo ininteligível. Em seguida, ele esqueceu Aram Baksh e observou a garota à luz das estrelas. Era clara, embora de pele morena; tratava-se, evidentemente, de uma das tantas misturas de raças que ocorriam em Zamboula. Era alta, esbelta e delicada. Por outro lado, estava numa posição perfeita para ser observada. A admiração refletiu-se nos olhos duros do cimério, quando olhou seus esplêndidos seios e suas pernas bem torneadas, que ainda tremiam por causa do medo e do esforço físico. Conan envolveu sua cintura com um braço e disse, tentando acalmá-la:

— Pare de tremer, garota. Você está a salvo.

O contato com o braço de Conan pareceu tranquilizar a jovem. Jogou para trás seus espessos e sedosos cabelos negros, e deu uma olhada temerosa por cima do ombro, enquanto se apertava mais ao cimério, como que buscando proteção e segurança.

— Me pegaram na rua. — murmurou com voz trêmula — Os negros... estavam esperando, escondidos sob uma arcada escura..., esses macacos asquerosos! Set tenha piedade de mim! Creio que sonharei com isso pro resto da vida!

— E o que estava fazendo na rua a esta hora da noite? — perguntou Conan, fascinado pela sedosa pele que sentia sob seus dedos acariciadores.

Mais uma vez, a garota jogou para trás seus cabelos, com um nervoso movimento da cabeça, e olhou Conan nos olhos. Não parecia se dar conta

de suas carícias.

— Foi meu amante. — disse — Por culpa de meu amante, tive que sair correndo à rua. Ele ficou louco e tentou me matar. Quando fugia dele, caí nos braços desses animais.

— Uma beleza como a sua pode enlouquecer qualquer homem. — disse Conan, acariciando seus cabelos sedosos.

A garota sacudiu a cabeça, como se despertasse de um sonho. Já não tremia e sua voz era mais firme.

— Foi a maldição de um sacerdote... de Totrasmek, o grande sacerdote de Hanumán, que me desejava para ele..., cão maldito!

— Não precisa insultá-lo por isso. — disse Conan com um sorriso — A velha hiena tem gosto melhor do que eu supunha.

A garota ignorou a gentileza. Estava recuperando a serenidade.

— Meu amante é... é um jovem soldado turaniano. Para vingar-se de mim, Totrasmek lhe deu uma droga que o deixou louco. Desembainhou sua espada e, em meio à sua loucura, tentou me matar, mas fugi para a rua. Os negros me pegaram e me trouxeram a este... que foi isso?

Conan virou-se rapidamente. Sem fazer o menor ruído, como uma sombra, arrastou a jovem para trás da cabana mais próxima, e esconderam-se debaixo de uma palmeira. Permaneceram imóveis e tensos, enquanto o murmúrio de vozes que ambos haviam ouvido ia ficando cada vez mais audível. Um grupo de negros, uns nove ou dez, avançavam pelo caminho, vindos da cidade. A jovem apertou o braço de Conan e este sentiu que a mulher tremia horrorizada.

Naqueles momentos, ouviram-se claramente as vozes dos negros.

— Nossos irmãos já estão reunidos junto à fossa. — disse um — Não tivemos sorte. Espero que eles a tenham tido por nós.

— Aram nos prometeu um homem. — sussurrou outro, enquanto Conan prometia outra coisa a Aram.

— Aram sempre cumpre sua palavra. — grunhiu outro negro — Temos conseguido muitos homens em sua taberna. Mas lhe pagamos bem. Eu mesmo lhe entreguei dez fardos de seda que roubei de meu amo. Por Set, que era uma boa seda!

Os negros passaram rapidamente, levantando a poeira com seus pés descalços. Logo, suas vozes se perderam à distância.

— Nos têm vindo, apesar dos cadáveres que estão atrás dessas cabanas. — murmurou Conan

— Se olham o quarto de Aram Baksh, encontrarão outro morto. Vamos sair daqui.

— Sim, vamos o quanto antes! — suplicou a garota, que voltou a ficar nervosa — Meu amante estará vagando sozinho pelas ruas. Os negros poderiam pegá-lo.

— Costume maldito! — exclamou Conan, caminhando com a garota em direção à cidade, e deixando pra trás as cabanas e as palmeiras — Por quê os cidadãos não se desfazem destes cães negros?

— São escravos valiosos. — sussurrou a jovem — São muitos e teme-se que eles se rebelem, se for negada a carne que desejam. O povo de Zamboula sabe que vagam à noite pelas ruas e todo mundo cuida-se muito bem de trancar as portas, salvo quando sucede algo imprevisto, como em meu caso. Os negros atacam a toda presa possível, mas costumam preferir os estrangeiros. O povo de Zamboula não se preocupa com os forasteiros que vêm de passagem por aqui.

A garota fez uma pausa e acrescentou:

— Há homens, como esse Aram Baksh, que vendem estrangeiros aos negros. Não se atreveriam a fazer tal coisa com nossos cidadãos.

Conan cuspiu enojado e, imediatamente, conduziu sua acompanhante à estrada que se transformava em rua. De ambos os lados, haviam casas escuras e silenciosas. Esconder-se nas sombras não combinava com seu caráter.

— Aonde quer ir? — perguntou o cimério. A jovem não parecia opor resistência ao fato de Conan levá-la abraçada pela cintura.

— À minha casa, despertar meus criados. — respondeu — Para que procurem meu amante. Não quero que a cidade..., os sacerdotes... nem ninguém... saibam que ele enlouqueceu. É... é um oficial com um futuro promissor. Talvez, se conseguirmos achá-lo, possamos curá-lo de sua loucura.

— Se conseguirmos? — perguntou Conan — O que te faz achar que estou disposto a passar a noite, procurando um louco pelas ruas?

A garota fitou-lhe os olhos e entendeu perfeitamente o brilho de seu olhar. Qualquer mulher teria compreendido que o cimério a seguiria aonde quer que fosse... pelo menos por enquanto. Mas sendo mulher, ocultou seus pensamentos a respeito.

— Por favor. — suplicou com lágrimas nos olhos — Não tenho ninguém a quem pedir ajuda... tu tens sido bom...

— Está bem! — grunhiu Conan — Está bem! Como se chama esse jovem?

— Alafdhal. Eu me chamo Zabibi e sou bailarina. Dancei muitas vezes para o sátrapa Jungir Khan e sua querida Nafertari, e diante de todos os nobres e senhoras da corte. Totrasmek me desejava e, já que o recusei, ele me transformou na ferramenta inocente de sua vingança contra Alafdhal. Pedi a Totrasmek uma poção de amor, sem suspeitar até onde podia chegar seu ódio e sua astúcia. Me deu uma droga, para que eu a colocasse no vinho, e me jurou que, quando Alafdhal a bebesse, me amaria mais que nunca e satisfaria todos os meus desejos. Então, misturei a droga com o vinho de meu amante. Mas, quando ele o bebeu, ficou louco e logo ocorreu o que lhe contei. Esse cão do Totrasmek... maldita víbora mestiça!

A jovem apertou o braço de Conan e ambos se deteram em seguida. Haviam chegado ao distrito das barracas, que estava deserto e às escuras, pois era muito tarde. Estavam passando diante de uma pequena ruela, na qual havia um homem de pé, imóvel e silencioso. Tinha a cabeça inclinada, mas Conan percebeu o estranho brilho de seus olhos, que fitavam— no sem piscar. O cimério estremeceu, não por medo da espada que o homem sustentava à mão, mas devido à sua misteriosa postura e a seu silêncio. Estava claro que se tratava de um louco. Conan afastou a garota e desembainhou a espada.

— Não o mate! — suplicou a jovem — Em nome de Set, não o mate! Você é forte... e poderá subjugar-lo!

— Veremos. — murmurou o cimério, com a espada na mão direita e fechando o punho da esquerda.

Deu um passo até a ruela... e nesse momento, com uma terrível gargalhada, o turaniano o atacou. Ao aproximar-se, o oficial ergueu a espada, e ficou na ponta dos pés para atacar com todas as forças. Ao deter o golpe, a espada de Conan arrancou faíscas do aço inimigo, e, um segundo depois, o louco estava estendido ao chão, inconsciente, devido a um formidável soco que Conan acabava de lhe dar com a mão esquerda.

A garota correu até ele.

— Oh, não está... não está...!

Conan se agachou com um rápido movimento e virou de lado o corpo do homem. Em seguida, examinou-o com as mãos.

— Não está ferido gravemente. — disse Conan — Sangra pelo nariz, mas isso aconteceria a qualquer um, depois de levar um golpe assim na

mandíbula. Recobrará os sentidos em seguida, e é até possível que recupere a razão. Enquanto isso, lhe amarrarei os pulsos com o cinto da espada... assim. E agora, onde quer que eu o leve?

— Espere!

A jovem ajoelhou-se junto ao corpo imóvel, tomou as mãos atadas do homem e examinou-as minuciosamente; logo, movendo a cabeça com atitude desiludida, pôs-se de pé. Aproximou— se do gigantesco cimério e apoiou as mãos delgadas no seu enorme peito. Os olhos da jovem brilhavam como azeviches à luz das estrelas, quando ela o fitou.

— Você é um homem de verdade! — disse — Ajude-me! Totrasmek deve morrer. Mate-o por mim!

— E meter meu pescoço numa forca turaniana? — perguntou Conan bruscamente.

— Não!

Os delgados braços da garota, duros como aço, envolveram o pescoço musculoso do cimério. Logo, o corpo quente da jovem latejou, comprimindo-se contra o dele. Em seguida acrescentou:

— Os hirkanianos não amam Totrasmek. Os sacerdotes de Set o temem. É um mestiço, que governa graças ao medo e à superstição. Eu rendo culto a Set e os turanianos adoram a Erlik, mas Totrasmek realiza sacrifícios diante de Hanumán, o maldito. Os nobres turanianos temem sua magia negra e o poder que exerce sobre a população mestiça, e por isso o odeiam. Inclusive Jungir Khan, e sua querida Nafertari, o temem e o odeiam ao mesmo

tempo. Se ele aparecer à noite, morto no templo, ninguém buscaria seu assassino.

— E sua magia negra? — perguntou Conan.

— Você é um guerreiro. — respondeu a garota — Arriscar sua vida é parte de sua profissão.

— Por um preço. — admitiu Conan.

— Haverá um preço! — respondeu a jovem, respirando fundo e pondo-se nas pontas dos pés para olhá-lo fixamente nos olhos.

A proximidade daquele corpo ardente e vibrante fez as veias de Conan pegarem fogo. O perfume de seu hálito lhe subiu à cabeça. Mas quando seus braços envolveram-lhe o corpo esbelto, a jovem libertou-se deles com um movimento rápido e disse:

— Espere! Primeiro ajude-me nesta questão.

— Diga-me qual será o preço. — sugeriu Conan, falando com certa dificuldade.

— Recolha meu amante.

Conan obedeceu, e colocou o corpo inerte do homem sobre o ombro. Nesse momento, sentia que poderia derrubar o palácio de Jungir Khan com a mesma facilidade. A garota murmurou algumas palavras ternas ao ouvido do homem inconsciente. Não havia nenhuma hipocrisia em sua atitude. Evidentemente, amava muito Alafdhal. Fosse qual fosse o trato que fizera com Conan, não influiria em nada nas suas relações com Alafdhal. Nestas coisas, as mulheres são mais práticas que os homens.

— Siga-me!

A jovem apressou o passo pela rua e o cimério caminhou atrás dela, sem sentir o menor incômodo pela carga que levava sobre o ombro. Olhou cautelosamente a seu redor, mas não viu nada suspeito. Sem dúvida, os homens de Darfar estavam reunidos juntos à fossa. A garota dobrou uma rua estreita e logo bateu a uma porta em forma de arco.

Quase em seguida, um criado abriu a placa de madeira e mostrou sua negra cabeça. A jovem murmurou algo em voz baixa. Soaram os ferrolhos e abriu-se a porta. Um gigantesco negro destacou-se contra a débil luz de uma lâmpada de cobre. Uma rápida olhada bastou a Conan, para comprovar que não se tratava de um homem de Darfar. Tinha os dentes tortos e a cabeça quase raspada. Seguramente, procedia de Wadai.

Zabibi disse algo e Conan depositou o corpo do homem nos braços do negro que, seguidamente, colocou-o num divã de veludo. O oficial não dava sinais de recobrar os sentidos. O golpe que recebera teria derrubado um boi. Zabibi inclinou-se sobre ele, retorcendo as mãos. Logo ergueu-se e fez um sinal ao cimério.

A porta se fechou suavemente e os ferrolhos voltaram a se ouvir. Uma vez na rua, Zabibi tomou a mão de Conan. A sua tremia um pouco.

— Não me falará? — perguntou.

Conan negou em silêncio, movendo a cabeça.

— Então, siga-me até o santuário de Hanumán e que os deuses tenham piedade de nós.

Avançaram pela rua em silêncio, como dois fantasmas. Talvez naqueles momentos, a garota estivesse pensando em seu amante, que se encontrava estendido sem consciência no divã, sob as lâmpadas de cobre; ou talvez tremesse de medo pelo que lhes esperava no demoníaco templo de

Hanumán. O bárbaro pensava na mulher que caminhava agilmente a seu lado. O perfume de seus cabelos chegava até ele e a brisa sensual de sua presença enchia-lhe o cérebro, sem deixar espaço para outros pensamentos.

Em certo momento, ouviram um ruído de passos e esconderam-se sob as sombras de uma escura arcada, até que viram passar um grupo de guardas pelishtianos. Eram uns quinze. Marchavam em formação cerrada, com lanças na mão, enquanto os homens que avançavam na retaguarda levavam escudos de latão às costas para protegerem-se de navalhadas à traição. A terrível ameaça dos canibais negros chegava a ser perigosa até para homens armados.

Enquanto o grupo de guardas se perdeu de vista ao final da rua, Conan e a garota saíram de seu esconderijo e apressaram o passo. Pouco depois, viram o edifício quadrado e de teto baixo que erguia-se próximo a eles.

O templo de Hanumán encontrava-se em meio a uma grande praça, deserto e silencioso sob as estrelas. Um muro de mármore cercava o santuário, que tinha uma abertura em frente ao portal. Essa abertura não tinha portas, ou qualquer tipo de barreiras.

— Por quê os negros não buscam suas presas aqui? — perguntou Conan — Não há nada que lhes impeça entrar no templo.

Sentiu que a garota tremia de medo quando apoiou-se nele.

— Temem Totrasmek, assim como todos os habitantes de Zamboula, inclusive Jungir Khan e Nafertari. Venha! Vamos agir rapidamente, antes que desapareça a pouca coragem que me resta!

O medo da garota era evidente, mas ainda assim não hesitava. Conan desembainhou a espada e atravessou o umbral do templo na frente da jovem. O cimério conhecia muito bem os terríveis hábitos dos sacerdotes orientais e estava certo de que um invasor do templo de Hanumán poderia encontrar-se com qualquer tipo de horror. Também sabia que existia a possibilidade de, tanto ele quanto a garota, jamais saírem vivos do templo, mas Conan havia arriscado sua vida demasiadas vezes pra pensar nisso.

Entraram num pátio com chão de mármore, que brilhava com uma luz branca sob as estrelas. Um breve trecho de largos degraus levava à porta principal, circundada por enormes colunas. As grandes portas de bronze estavam abertas, como haviam ficado durante séculos. Mas, no interior, não haviam fiéis nem se queimava incenso. Durante o dia, chegavam homens e mulheres, que deixavam suas oferendas ao pé do negro altar, diante do

deus-macaco. À noite, o povo evitava o templo, como a lebre evitava o rastro de uma serpente.

O interior do santuário estava fracamente iluminado por umas estranhas lâmpadas que davam certa sensação de irrealidade. Próximo à parede do fundo, atrás do negro altar de pedra, estava o deus, sentado com o olhar sempre fixo na porta aberta, através da qual haviam entrado, durante séculos, as vítimas arrastadas por correntes. Havia um pequeno canal, que ia da soleira até o próprio altar e, quando os pés de Conan pisaram-no, o cimério afastou-se rapidamente, como se houvesse pisado numa serpente. Esse sulco havia sido feito pelos milhares de pés humanos, que morreram gritando sobre esse sinistro altar.

Ali estava Hanumán, mirando com olhos malignos e bestiais, através de sua máscara talhada. Não estava sentado como um macaco, mas com as pernas cruzadas, feito um homem, ainda que com o mesmo aspecto de símio. Estava esculpido em mármore negro, mas seus olhos eram rubis que brilhavam com um resplendor vermelho e libidinoso; pareciam brasas infernais. Suas mãos enormes estavam apoiadas sobre seu colo, com as palmas para cima, e tinha os dedos separados como garras. No exagero de seus atributos e no aspecto de sátiro que tinha, refletia-se o abominável cinismo do culto degenerado que o deificava.

A jovem se movia ao redor da imagem, em direção à parede traseira, e quando um de seus quadris roçou um dos joelhos de mármore do macaco, saltou para trás, como se houvesse tocado num réptil. Havia um espaço de um metro entre as costas largas do ídolo e a parede de mármore, com friso folheado a ouro. A cada lado do ídolo havia uma porta de marfim sob um arco dourado.

— Estas portas levam a um corredor em forma de ferradura. — disse a jovem apressadamente

— Estive uma vez no interior do templo..., uma só vez!

A jovem tremeu e seu corpo se contraiu diante da lembrança horrível e obscena. Logo acrescentou:

— O corredor tem forma de ferradura, e cada um de seus extremos vai dar neste quarto. Os aposentos de Totrasmek se encontram na curva do corredor. Mas há uma porta secreta nesta parede, que leva diretamente a um aposento interior.

A jovem começou a passar suas mãos pela superfície lisa, onde não se via uma só fenda ou abertura. Conan estava a seu lado, com a espada na

mão, olhando cuidadosamente ao seu redor. O silêncio, o vazio que havia no santuário e o que imaginava haver atrás do muro, o faziam sentir-se como uma fera selvagem numa armadilha.

— Ah!

Finalmente, a garota encontrou uma mola oculta. Em seguida, se abriu uma brecha quadrada no muro.

— Set! — gritou a jovem.

Mesmo quando Conan saltou sobre ela, não pôde fazer nada. Nesse momento, uma enorme mão disforme agarrou a jovem pelos cabelos e, em um décimo de segundo, todo seu corpo desapareceu pela abertura que havia no muro. Conan só pôde tocar-lhe uma de suas pernas

nuas. Do outro lado da parede, ouviu-se o ruído abafado de luta, logo um grito e depois uma risada que lhe gelou o sangue nas veias.

### III

## *As mãos negras apertam*

Ao mesmo tempo em que proferia uma maldição, o cimério golpeou a parede com todas as suas forças, valendo-se do cabo de sua espada. O mármore se fez em pedaços. Mas a porta secreta não cedeu e a razão lhe disse que, sem dúvida, haviam posto uma barra do outro lado. Virou-se e correu para uma das portas de marfim.

Levantou a espada para rachar as placas, mas antes empurrou a porta instintivamente com a mão esquerda. Abriu-a com facilidade e viu, diante de si, um longo corredor que delineava uma curva sob a luz de umas lâmpadas, muito semelhantes às que iluminavam o altar. Um pesado ferrolho de ouro segurava firmemente a porta. Conan tocou-a ligeiramente com as pontas dos dedos. O levíssimo calor do metal só podia ser detectado

por um homem com as capacidades de um lobo. Aquele ferrolho havia sido tocado... e assim sendo... há alguns segundos. O assunto estava tendo, cada vez mais, o aspecto de uma verdadeira cilada. Deveria ter suspeitado que Totrasmek sabia quando alguém entrava no templo.

Entrar no corredor havia sido meter-se, sem motivo, na arapuca armada pelo sacerdote. Mas Conan não vacilou. Em algum lugar daquele santuário debilmente iluminado, encontrava-se cativa Zabibi e, pelo que ele sabia sobre os sacerdotes de Hamunán, estava certo de que a garota precisava de sua ajuda. O cimério entrou no corredor, avançando como uma pantera, preparado para atacar à direita e à esquerda.

À sua esquerda havia mais portas de marfim, e tentou abri-las. Estavam todas fechadas. Depois de avançar uns metros, o corredor traçava uma curva para a esquerda. Havia uma porta que conduzia a esta curva, e que cedeu sob sua mão.

Viu um enorme cômodo, um pouco mais iluminado que o corredor. Suas paredes eram feitas de mármore branco, o chão era de marfim e o teto era de prata talhada. Viu divãs de seda, banquetas de marfim com incrustações de ouro para apoiar os pés e uma mesa redonda, feita de um material similar ao metal. Sobre um dos divãs, reclinava-se um homem que olhava em direção à porta. O indivíduo pôs-se a rir quando seus olhos encontraram-se com os de Conan.

O homem estava nu, exceto pela tanga e pelas sandálias, que usava amarradas às pernas. Era de pele morena, curtos cabelos negros e olhos inquietos da mesma cor; seu rosto era largo e de aspecto arrogante. O indivíduo era enorme e, ao menor movimento, inchavam-se todos os seus músculos. Suas mãos eram as maiores que Conan tinha visto em toda sua vida. A segurança que lhe conferia sua força titânica notava-se em todos seus gestos e movimentos.

— Por quê não entra bárbaro? — perguntou o homem, em tom de zombaria e com um exagerado gesto de convite.

Os olhos de Conan ardiam com ferocidade, mas entrou cautelosamente na sala, com a espada na mão.

— Quem diabos é você? — perguntou o cimério com um grunhido.

— Sou Baal-Pteor. — respondeu o homem — Uma vez, há muito tempo e em outras terras, me chamava de outra maneira. Mas este é um bom nome, e qualquer mulher do templo poderia explicar-lhe por quê Totrasmek me chama assim.

— Assim como você é o cão dele. — exclamou Conan — Bem, pois maldita seja sua pele marrom, Baal-Pteor. Onde está a mulher que você agarrou através da parede?

— Meu amo a está hospedando! — riu Baal-Pteor — Escute!

Do outro lado da porta situada em frente à que Conan acabava de atravessar, ouviu-se o grito de uma mulher, débil e apagado pela distância.

— Maldita seja sua alma!

Conan deu um passo em direção à porta e logo girou sobre seus calcanhares. Baal-Pteor estava rindo dele, mas naquela risada havia uma ameaça velada que arrepiou os pêlos do cimério e o inundou de uma sede vermelha de vingança.

Avançou em direção a Baal-Pteor, apertando tanto a espada em sua mão direita, que tinha os nós dos dedos brancos pelo esforço. Com um movimento rápido, Baal-Pteor lançou-lhe algo... Era uma espécie de esfera de cristal que brilhava intensamente sob a estranha luz das lâmpadas.

Conan evitou-a instintivamente, mas a esfera se deteve no ar, a pouca distância de seu rosto, como por encanto. Não caiu ao chão. Ficou como que suspensa por fios invisíveis, a um metro de altura. Ao observá-la, atônito, a esfera começou a girar em velocidade crescente. E, ao fazê-lo, aumentou de tamanho e se transformou numa nebulosa que enchia a sala. A esfera o envolveu. Transformou a mobília, as paredes e o sorridente rosto de Baal— Pteor numa mancha. Conan se sentia perdido em meio ao azulado turbilhão cegante. Um vento terrível sacudiu Conan e quase o fez perder o equilíbrio, arrastando-o até o vórtice do redemoinho que girava freneticamente diante dele.

Conan recuou cambaleando, enquanto lançava um grito abafado, e esbarrou-se na sólida parede que havia às suas costas. Ao contato com a parede, a ilusão se desvaneceu subitamente. A gigantesca esfera desapareceu. Conan estava de pé na sala, de baixo teto prateado, com os pés rodeados por uma bruma cinza, e viu Baal-Pteor estendido no divã, rindo às gargalhadas.

— Filho de uma cadela! — gritou Conan, avançando sobre ele.

Mas a bruma se elevou, fazendo desaparecer a gigantesca figura morena. Cego pela nuvem espessa que o rodeava, Conan experimentou uma estranha sensação... e, logo depois, a sala, a bruma e o homem do divã desapareceram. Encontrava-se só, entre os altos juncos de um mangue, de onde o atacava um búfalo com a cabeça baixa. O cimério saltou de lado,

para evitar os chifres em forma de sabre do furioso animal, e afundou a espada atrás de uma de suas patas dianteiras, atravessando-lhe as costelas e o coração. Então não foi o búfalo moribundo o que viu no pântano, mas Baal-Pteor. Praguejando em voz alta, Conan cortou— lhe a cabeça de um só talho. Então, a cabeça pulou do solo e suas afiadas presas bestiais

dirigiram-se à sua garganta. Conan estava certo de que nem sua tremenda força física poderia impedir esse ataque mortal. Então, se ouviu um rugido espantoso e, mais uma vez, encontrou-se na sala com Baal-Pteor, que tinha a cabeça firmemente apoiada sobre seus ombros. Estendido no divã, o gigante riu silenciosamente dele.

— Porco feiticeiro! — grunhiu Conan, escondendo-se e apoiando firmemente seus pés no chão de mármore. Seus olhos lançavam faíscas. Esse cão negro estava zombando dele! Mas aquela estupidez, esse truque de brumas e de sombras não podia causar-lhe dano algum! Não precisaria mais que saltar e atacar, e o assassino se tornaria cadáver em poucos segundos. Desta vez não se deixaria enganar pelas sombras da ilusão..., todavia, mais uma vez foi enganado.

Conan ouviu um grunhido aterrador às suas costas, girou sobre os calcanhares e atacou, com a velocidade do pensamento, o homem que estava escondido como uma pantera sobre a mesa de metal, disposto a saltar sobre ele. Ao golpeá-lo, a aparição desvaneceu-se e a lâmina de sua espada chocou, com um ruído surdo, contra a duríssima superfície metálica. Logo notou algo anormal. A lâmina ficou grudada à mesa! Puxou-a com todas as forças, mas a arma não cedia. Aquilo não era bruxaria. A mesa era um gigantesco ímã. Agarrou mais uma vez o cabo de sua espada com ambas as mãos e, nesse exato momento, ouviu uma voz às suas costas. Deu meia volta e encontrou-se, frente a frente, com o homem moreno que acabava de levantar-se do divã.

Baal-Pteor era ligeiramente mais alto que Conan e muito mais corpulento. Nesses momentos erguia-se diante dele como uma massa de músculos. Seus poderosos braços eram exageradamente longos. Suas mãos grandes abriam-se e fechavam-se convulsivamente. Conan soltou a empunhadura da espada grudada à mesa e ficou em silêncio, para observar seu inimigo através das pálpebras entreabertas.

— Sua cabeça, cimério! — disse Baal-Pteor, provocativamente — Arrancarei-a com as mãos, como se fosse a de um frango! É assim que os filhos de Kosala oferecem seus sacrifícios a Yajur. Bárbaro, você está diante

de um estrangulador de Yota-Pong. Fui eleito pelos sacerdotes de Yajur quando era criança e logo, durante minha adolescência e juventude, me treinaram na arte de matar com as mãos... porque é assim que se fazem os verdadeiros sacrifícios. Yajur ama o sangue e não desperdiçamos nem uma só gota das veias das vítimas. Quando eu era menino, me entregavam bebês para treinar-me; ao chegar à adolescência, estrangulei garotas e, na juventude, o fazia com mulheres e anciãos. Enquanto não alcancei plena maturidade como homem, não me entregaram um homem forte para sacrificar no altar de Yota-Pong. Durante anos, ofereci sacrifícios a Yajur. Centenas de pescoços estiveram entre estes dedos... — O gigantesco homem agitou ambas as mãos diante dos olhos furiosos de Conan. Logo acrescentou: — O motivo pelo qual fugi de Yota— Pong, para me tornar criado de Totrasmek não é assunto seu. Daqui a pouco, toda a sua curiosidade terá acabado para sempre. Os sacerdotes de Kosala, os estranguladores de Yajur, são muito mais fortes do que um ser humano possa imaginar. E eu era mais forte que todos eles. Quebrarei seu pescoço com minhas mãos, bárbaro!

Num abrir e fechar de olhos, suas enormes mãos se fecharam sobre o pescoço de Conan, feito cobras. O cimério não fez o menor esforço para desviá-las, mas suas mãos também agarraram o pescoço do kosalano. Baal-Pteor abriu, pasmo, seus olhos negros, quando sentiu entre suas mãos os poderosos músculos que protegem a garganta do bárbaro. Este soltou um grunhido e exerceu toda sua força sobre-humana. Seus formidáveis músculos ressaltaram-se como cordas em seus braços. Quando Conan apertou os dedos ao redor de sua garganta, o gigante abriu a boca para respirar. Por um segundo, os dois homens permaneceram imóveis como estátuas. Seus rostos eram duas máscaras tensas e, nas têmporas, se avolumavam suas veias azuladas. Conan sorriu, grunhindo e deixando à mostra sua branca dentadura. Os olhos de Baal-Pteor estavam arregalados, com uma expressão de terrível surpresa e medo. Ambos os homens continuaram imóveis durante um momento, com exceção das contrações dos músculos de seus braços e pernas. Ali se

desenrolava uma incrível luta de forças..., forças capazes de arrancar árvores inteiras e de esmagar crânios de bois.

Pela boca entreaberta de Baal-Pteor, o ar assobiou. Seu rosto estava ficando azul, e o temor se refletiu em seus olhos. Os músculos de seus enormes braços estavam a ponto de explodir, mas o pescoço taurino do

cimério não cedia. Sob os dedos desesperados do gigante, os músculos do pescoço de Conan eram como cordas de ferro. No entanto, a carne de Baal-Pteor cedia sob os dedos de ferro do cimério, que afundavam mais e mais nos músculos da garganta do outro, até esmagá-los contra a jugular.

A imobilidade estatuária dos homens deu lugar a um movimento súbito e veloz, quando o kosalano começou a retorcer-se e tentou lançar-se para trás. Soltou a garganta de Conan e levou ambas as mãos à sua, tentando afastar aqueles dedos inexoráveis.

Com uma investida repentina, o cimério foi dobrando-o para trás, até que as costas do gigante golpearam a mesa. Conan continuou dobrando o homem mais e mais, até que sua coluna vertebral esteve a ponto de quebrar-se.

A suave risada de Conan foi implacável como o ruído metálico de duas espadas.

— Imbecil! — exclamou o cimério — Parece-me que nunca tinha visto um homem ocidental. Acaso se acreditava forte, porque era capaz de retorcer os pescoços de homens civilizados, pobres diabos com músculos feito cordas podres? Droga! Tente quebrar o pescoço de um touro selvagem da Ciméria, antes de considerar-se forte. É o que fiz antes de me tornar homem... Assim!

Com um movimento selvagem, Conan retorceu a cabeça de Baal-Pteor até que seu rosto ficou mirando o ombro e suas vértebras estalaram como um galho partido.

Conan lançou o corpo inerte ao chão. Logo empunhou a espada com ambas as mãos, apoiando firmemente os pés. Seu peito largo estava manchado de sangue, por causa dos ferimentos que as unhas do gigante lhe haviam feito no pescoço. Tinha os cabelos molhados e o suor lhe encharcava o rosto. Apesar de ter rido da força de Baal-Pteor, estivera a ponto de perder a disputa contra ele. Mas, sem parar pra recuperar o fôlego, deu um forte puxão e arrancou a espada do ímã ao qual estava grudada.

Em seguida abriu a porta, atrás da qual havia soado o grito. Encontrou-se num corredor longo e reto, no qual se viam várias portas de marfim. A outra extremidade estava coberta por uma cortina de veludo e, do outro lado, se ouvia uma música diabólica que Conan não havia ouvido nem sequer em seus piores pesadelos. Aquela estranha música lhe arrepiou os pêlos.

Também se ouviram ofegos e soluços histéricos de mulher, misturados com a música. Conan agarrou firmemente sua espada e saiu correndo pelo

corredor.

## IV

### *Dance, garota, dance!*

Quando Zabibi atravessou a abertura que havia aparecido na parede atrás do ídolo, seu primeiro pensamento, confuso e incoerente, foi o de que sua hora tinha chegado. Fechou os olhos instintivamente e esperou o golpe. Mas, ao invés disso, se sentiu arremessada com muito poucas cerimônias sobre o duro e polido chão de mármore, machucando os quadris e joelhos. Ao abrir os olhos, olhou temerosa ao seu redor, enquanto ouvia um impacto abafado do outro lado. Viu um gigante de pele escura e tanga, e, no extremo oposto da sala, um homem sentado num divã, de costas para uma cortina de veludo. Era um sujeito gordo, de mãos brancas e cheias, e olhos de víbora. A garota estremeceu, porque esse homem era Totrasmek, o sacerdote de Hanumán, que durante anos havia estendido suas redes de poder por toda a cidade de Zamboula.

— O bárbaro tem intenções de entrar pela parede. — disse Totrasmek, com ironia — Mas o ferrolho se sustentará.

A garota viu que alguém havia passado a pesada tranca de ouro da porta secreta, que se via perfeitamente desse lado da parede. Tanto o ferrolho quanto seus suportes resistiriam ao ataque de um elefante.

— Abra-lhe uma das portas, Baal-Pteor. — ordenou Totrasmek — Mate-o na sala quadrada, do outro lado do corredor.

O kosalano saudou respeitosamente e deixou a moradia, pela porta que havia na parede lateral da sala. Zabibi se pôs em pé e olhou temerosa o sacerdote, cujos olhos percorriam com avidez seu esplêndido corpo, ao que a garota se mostrou completamente indiferente. Uma dançarina de

Zamboula estava habituada à nudez, mas a crueldade que havia nos olhos do sacerdote fê-la estremecer.

— Mais uma vez, vem ao meu retiro, minha formosa. — disse com cinismo — É uma honra inesperada pra mim. Você parecia ter desfrutado tão pouco da sua visita anterior, que eu não esperava que a repetisse. No entanto, fiz tudo o que pude para lhe proporcionar uma experiência interessante.

Era impossível que uma bailarina se ruborizasse, mas nos seus olhos arregalados havia um brilho de cólera misturado com medo.

— Porco! — exclamou — Sabe muito bem que não vim aqui por amor a você.

— Não. — respondeu Totrasmek rindo — Vieste como uma tonta à noite, acompanhada por um bárbaro estúpido, para cortar-me a garganta. Por que deseja minha morte?

— Sabe muito bem por quê! — gritou a jovem, dando-se conta de que era inútil dissimular.

— Está pensando em seu amante. — disse o sacerdote, sorrindo — O fato de querer matar-me indica que a droga que te dei surtiu efeito. Mas, não foi você que a pediu para mim? Não lhe enviei o que me pediu, sem levar nada em consideração, meu amor?

— Lhe pedi uma droga que o fizesse dormir por algumas horas. — respondeu a jovem com amargura — E você..., você enviou com seu criado uma droga que o deixou louco! Fui uma tonta ao confiar em você. Eu tinha que haver me dado conta das falsas que eram as declarações de amizade, com as quais você disfarçava seu ódio e desprezo.

— Para quê queria que seu amante dormisse? — ele perguntou — Para roubar-lhe a única coisa que ele jamais lhe daria: o anel com a jóia que os homens chamam a Estrela de Khorala..., a estrela roubada da rainha de Ophir, que pagaria um quarto cheio de ouro para recuperá-la. Ele não queria lhe dar, porque sabe que a jóia tem poderes mágicos que, devidamente controlados, podem escravizar o coração de qualquer ser humano do sexo oposto. Queria roubá-la, por medo de que os magos dele descobrissem a chave dessa magia e ele se esquecesse de você, tentando conquistar todas as rainhas do mundo. Você venderia-a à rainha de Ophir, que conhece todo seu poder, e o utilizará para escravizar-me, como fez antes de roubarem-na.

— E pra quê você a queria? — perguntou a moça.

— Porque conheço seus poderes. Assim aumentaria a força das minhas habilidades.

— Bom. Pois você já a tem!

— Eu tenho a Estrela de Khorala? Não, engana-se.

— Por quê mente? — respondeu a mulher com amargura — Ele a levava no dedo, quando tive que sair correndo pela rua. E quando o reencontrei, já não a tinha. Seu criado devia estar vigiando a casa e arrebatou-a enquanto eu fugia. Pro diabo com ela! Só desejo recuperar meu amante são e salvo. Você já tem o anel. Tem castigado a nós dois. Por quê não lhe devolve a razão? Pode fazê-lo?

— Posso. — respondeu o sacerdote laconicamente, desfrutando do sofrimento da jovem.

Tirou um pequeno frasco de sua túnica e acrescentou:

— Este frasco contém o suco do lótus dourado. Se seu amante o beber, ficará curado no ato. Sim, terei piedade dele. Os dois me enganaram, não uma, mas muitas vezes. Ele sempre se opôs a meus desejos. Mas, mesmo assim, me apiedarei. Venha e tome o frasco de minha mão.

A garota olhou Totrasmek, tremendo de ansiedade para pegar o frasco, mas temendo que se tratasse de uma brincadeira cruel. Avançou timidamente com uma mão estendida e o sacerdote pôs-se a rir impiedosamente, afastando o frasco de seu alcance. A jovem entreabriu os lábios para amaldiçoá-lo, mas seu instinto impeliu-a a erguer os olhos. Do teto dourado caíram quatro vasos de jade. A jovem tentou esquivá-los, mas espatifaram-se a seu redor. A garota gritou desesperadamente. De cada fragmento de jarro quebrado surgia a cabeça de uma cobra, e uma delas tocou-lhe a perna nua. O rápido movimento que fez para evitar a picada mortal obrigou-a a pôr-se ao alcance de outra serpente, da qual também teve que fugir com a rapidez de um raio.

Estava metida numa armadilha mortal. As quatro serpentes se balançavam e tocavam seus pés, tornozelos, panturrilhas, joelhos, coxas, quadris, qualquer parte de seu voluptuoso corpo que estivesse perto delas. A jovem não podia saltar, nem passar entre elas, para colocar-se a salvo. Só podia dar voltas e saltar em todas as direções, retorcendo seu corpo para evitar que a mordessem, e cada vez que se evitava uma serpente, punha-se ao alcance de outra, de modo que tinha de continuar movendo-se à velocidade da luz. Essas cabeças significavam uma ameaça mortal. Só uma dançarina de Zamboula conseguiria sobreviver naquele quadrilátero mortal.

Zabibi se transformou num turbilhão assombroso de rápidos movimentos. As cabeças falhavam por centímetros. De algum lugar oculto, chegava uma estranha música que se misturava com o terrível silvo das serpentes, que era como um maligno vento noturno, soprando através da vasilha oca de uma caveira. Apesar da rapidez de seus movimentos, a jovem percebeu claramente que os odiosos animais não atacavam sem propósito. Obedeciam à estranha e sinistra melodia que soava à distância. Atacavam com um ritmo espantoso e, pela força, os movimentos da garota tinham que adaptar-se ao ritmo dos animais. Seus frenéticos movimentos faziam parecer normais as danças mais obscenas de Zamora. Doente de asco, vergonha e horror, Zabibi ouviu a risada implacável de seu carrasco.

— A Dança das Cobras, minha amada! — disse Totrasmek, rindo — Assim bailavam as virgens diante do altar de Hanumán, há séculos..., mas nunca com a mesma beleza e suavidade que você. Dance, garota, dance! Durante mais quanto tempo conseguirá evitar as presas do Povo Venenoso? Minutos? Horas? No final, se cansará. Seus pés rápidos e seguros vacilarão; suas pernas lhe falharão; seus quadris girarão mais lentamente. Então, os dentes das cobras começarão a afundar em sua carne ebúrnea...

Atrás dele, a cortina se agitou como se movida por uma forte lufada de vento, e Totrasmek gritou. Seus olhos se abriram, arregalados, e suas mãos agarraram febrilmente o pedaço de aço que sobressaiu repentinamente de seu peito.

A música parou. A garota cambaleou em meio à sua dança, gritando ante a ameaça das terríveis presas... e então, viu no solo apenas quatro colunas de fumaça azulada, inofensivas, e Totrasmek caiu de bruços sobre o divã.

Conan saiu de trás da cortina, limpando a lâmina de sua espada. Tinha visto a garota dançar desesperadamente, através das grossas cortinas, entre as quatro inofensivas espirais de fumaça, mas se deu conta de que ela via outra coisa. Conan sabia que havia matado Totrasmek.

Zabibi caiu ao chão cambaleando, e quando Conan caminhou até ela, a jovem, ao tentar colocar-se de pé, voltou a cambalear porque suas pernas não lhe obedeciam, devido ao cansaço.

— O frasco! — exclamou — O frasco!

Totrasmek ainda segurava o pequeno frasco numa das mãos. A jovem o arrancou desesperadamente de seus dedos crispados e logo começou a vasculhar as roupas do cadáver.

— Que diabos está procurando? — perguntou Conan.

— Um anel..., o que ele roubou de Alafdhal. Deve ter sido tirado enquanto meu amante caminhava pelas ruas, vítima da loucura. Pelos demônios de Set!

Imediatamente, Zabibi se convenceu de que o anel não se achava escondido entre as roupas de Totrasmek. Procurou por toda a sala, rasgou a tapeçaria do divã e as cortinas, e entornou vários vasos. Logo se deteve um momento e afastou uma mecha que lhe tapava os olhos.

— Esqueci de Baal-Pteor! — exclamou a jovem.

— Está no inferno, com o pescoço quebrado. — afirmou Conan.

A garota se alegrou diante da notícia, mas um segundo depois praguejou expressivamente e acrescentou:

— Não podemos ficar aqui. Falta pouco para que amanheça. Os sacerdotes menores costumam visitar o templo a qualquer hora da noite e, se nos descobrem aqui com este cadáver, o povo nos fará em pedaços. Os turanianos não conseguiriam salvar-nos.

Zabibi levantou o trinco da porta secreta e, um momento mais tarde, se encontravam na rua apressando o passo, para se afastarem o mais rápido possível do antigo templo de Hanumán.

Numa silenciosa ruela situada a curta distância, Conan se deteve e encostou uma mão sobre o ombro nu de sua acompanhante.

— Lembre que havia um preço...

— Não o havia esquecido! — respondeu a garota, afastando-se do cimério — Mas primeiro temos que... encontrar Alafdhal!

Pouco depois, o escravo negro os fez passar pela porta traseira do edifício. O jovem turiano se encontrava estendido, com os braços e pernas amarrados com grossas cordas. Tinha os olhos abertos, mas pareciam os de um lunático. Seus lábios estavam cobertos de espuma. Zabibi se estremeceu.

Use a força para abrir-lhe a boca! — disse a jovem. Os dedos de ferro de Conan obedeceram à ordem. Zabibi esvaziou o frasco na garganta do louco. O efeito foi mágico. Imediatamente, se tranquilizou. O estranho fulgor de seus olhos desapareceu. Olhou a jovem, atordoado, mas era evidente que a reconhecia. Logo caiu num sono normal.

— Quando despertar, estará curado. — murmurou a jovem, fazendo um sinal ao escravo negro.

Este último se curvou e entregou à garota uma pequena bolsa de couro. Logo, colocou-lhe a capa de seda sobre os ombros. As maneiras da garota

mudaram sutilmente, quando fez um gesto a Conan para que o seguisse pra fora da casa.

Numa arcada que levava à rua, a garota virou-se para Conan e disse inesperadamente:

— Devo dizer-lhe a verdade. Não sou Zabibi. Sou Nafertari. E ele não é Alafdhal, um pobre capitão da guarda. É Jungir Khan, o sátrapa de Zamboula.

Conan não fez nenhum comentário. Não moveu um só músculo de seu escuro rosto cicatrizado.

A mulher continuou:

— Lhe menti, porque não me atreveria a contar a verdade a ninguém. Estávamos sós, quando Jungir Khan ficou louco. Só eu sabia. Se fosse espalhada a notícia de que o sátrapa de Zamboula enlouquecera, certamente teria havido uma revolta, tal qual havia planejado Totrasmek, que desejava nossa destruição.

Houve um silêncio, e a jovem acrescentou:

— Agora vê por quê é completamente impossível que eu lhe dê a recompensa que esperava. A querida do sátrapa não é..., não pode ser para ti. Mas terás uma recompensa. Aqui está uma bolsa de ouro.

Logo depois, lhe entregou a bolsa que havia recebido das mãos do escravo.

— Agora vá e, quando o sol nascer, venha ao palácio. Farei com que Jungir Khan lhe nomeie capitão de sua guarda. Mas, secretamente, obedecerás minhas ordens. Sua primeira missão será vagar com um pelotão de homens até o templo de Hanumán, aparentemente para buscar pistas do assassino do sacerdote, mas na verdade para procurar a Estrela de Khorala. Deve estar escondida em algum lugar. Quando encontrá-la, traga-a para mim. Agora, pode ir.

Conan assentiu com um movimento da cabeça e logo se afastou. A jovem, ao ver que ele ia embora balançando os ombros largos, se sentiu um tanto estranhada ao não perceber no homem nenhum sinal de que se sentisse contrariado ou enganado.

Quando o cimério dobrou a esquina, olhou para trás e logo mudou de direção, apressando o passo. Pouco depois, se encontrava no distrito da cidade onde estava armado o Mercado de Cavalos. Bateu numa porta até que um rosto barbudo apareceu numa janela, para perguntar o que queria.

— Um cavalo. — disse Conan — O mais rápido que tiver.

— Não abro a porta a ninguém a esta hora da noite. — disse, com um grunhido, o mercador de cavalos. Conan fez soar algumas moedas.

— Filho de uma cadela! — exclamou — Não vê que sou branco e estou só? Abra, antes que eu arrombe sua porta!

Pouco depois, Conan cavalgava um corcel baio em direção à casa de Aram Baksh.

Adentrou a pequena ruela que havia entre a taberna e as palmeiras, mas não se deteve na porta. Continuou avançando para a esquina nordeste do muro, logo girou e avançou ao longo do leste, até que finalmente se deteve a alguns passos do ângulo nordeste. Não havia árvores perto da parede, mas alguns arbustos baixos. Amarrou o cavalo a um destes, e estava a ponto de subir novamente à sela, quando ouviu um murmúrio de vozes além do ângulo que o muro fazia.

Depois de retirar o pé do estribo, se aproximou da esquina e olhou a seu redor. Havia três homens avançando pela estrada, em direção ao pequeno bosque de palmeiras e, a julgar pelo modo de caminharem, adivinhou que fossem negros. Pararam diante da presença de Conan e aproximaram-se uns dos outros, quando este avançou em direção a eles com a espada na mão. Os olhos dos homens brilhavam à luz das estrelas. Em seus rostos de ébano refletia-se uma ânsia brutal, mas sabiam que seus três porretes de madeira não podiam competir com a espada do gigantesco branco. Conan também o sabia.

— Aonde vão? — perguntou.

— Avisar a nossos irmãos que apaguem o fogo que arde do outro lado das palmeiras. — foi sua áspera resposta — Aram Baksh nos prometeu um homem, porém mentiu. Encontramos um de nossos irmãos mortos, no quarto-armadilha. Esta noite estamos famintos.

— Não o creio. — respondeu Conan com um sorriso — Aram Baksh lhes entregará um homem. Vêem esta porta?

Apontou para uma pequena porta de ferro, localizada no centro da parede. Logo, acrescentou:

— Esperem aí. Aram Baksh lhes entregará um homem.

Recuando cautelosamente até ficar fora do alcance de um possível golpe de porrete, Conan deu meia-volta e dobrou pelo ângulo noroeste do muro. Ao chegar junto a seu cavalo, se deteve um momento para assegurar-se de que os negros não o seguiam, e logo após subiu à sela, permanecendo imóvel e tranquilizando o animal com umas palavras pronunciadas em voz

baixa. Estendeu suas mãos até alcançar a beirada do muro e, com um salto ligeiro, se encontrou do outro lado da parede. Uma vez ali, estudou o terreno. A taberna estava construída no ângulo sudoeste, e o resto do terreno estava ocupado por hortos e jardins. Não viu ninguém pelos arredores. A taberna estava escura e silenciosa. Conan sabia que todas as portas e janelas estavam fechadas e trancadas por dentro.

Também sabia que Aram Baksh dormia num quarto que dava num caminho rodeado por ciprestes, e que conduzia à porta do muro oeste. Deslizou como uma sombra entre as árvores e, logo depois, bateu suavemente na porta do quarto.

— Quem é? — perguntou uma voz sonolenta, vinda de dentro.

— Aram Baksh! — gritou Conan — Os negros estão pulando o muro!

A porta se abriu quase imediatamente. Na soleira, apareceu o taberneiro, que vestia apenas uma camisa e segurava uma adaga na mão. Descobriu a cabeça e viu Conan.

— Que história é esta...? Você!

Os dedos poderosos de Conan apertaram-lhe a garganta e abafaram seu grito. Os dois homens caíram juntos ao chão e o cimério lhe arrebatou a adaga em um décimo de segundo. A lâmina brilhou sob a luz das estrelas e logo o sangue jorrou. Aram Baksh abriu a boca num horrendo gorjeio, antes de vomitar um jato escarlate. Conan o levantou e a adaga voltou a brilhar. Grande parte da enrolada barba do homem caiu ao chão.

Agarrando a garganta de seu cativo (porque um homem sempre pode gritar incoerentemente até com a língua cortada), Conan o tirou do quarto escuro e o arrastou pelo caminho de ciprestes até a porta do muro exterior. Levantou o trinco com uma mão e abriu a porta. Do outro lado, viu as três silhuetas negras que esperavam como abutres. Conan lançou o estalajadeiro em seus braços ansiosos.

Da garganta de Aram Baksh surgiu um grito espantoso, mas não teve resposta alguma da silenciosa taberna. O povo estava acostumado a ouvir gritos próximos aos muros. Aram Baksh lutou como um selvagem, olhando freneticamente o cimério. Mas não havia piedade em seus olhos. Conan pensava na quantidade de seres humanos — homens, mulheres e crianças — que haviam perdido a vida pela ganância daquele homem.

Cheios de alegria, os negros arrastaram-no pela estrada, zombando de seus lamentos incoerentes. Como podiam saber que aquele corpo seminu, coberto de sangue e com a barba raspada, que pronunciava balbucios

ininteligíveis, era Aram Baksh? Os ruídos da luta chegaram até Conan, que estava de pé junto à porta, mesmo depois que os homens desapareceram entre as palmeiras.

Depois de fechar a porta atrás de si, Conan voltou pra onde estava seu cavalo, montou nele e se dirigiu para o oeste, em direção ao deserto, dando um extenso desvio para evitar o sinistro bosque de palmeiras. Enquanto cavalgava, tirou de sua bolsa um anel no qual brilhava uma jóia, que lançava maravilhosas faíscas à luz das estrelas. Sustentou-a no alto, para admirá-la de todos os ângulos. A compacta bolsa de moedas de ouro tilintava à medida que o cavalo avançava, como uma promessa de futuras e maiores riquezas.

"Me pergunto o que ela diria, se soubesse que, desde o primeiro momento em que a vi, me dei conta de que era Nafertari, e ele Jungir Khan", pensou Conan.

Também conhecia a existência da Estrela de Khorala. "Haverá uma bela cena, se ela suspeitar em algum momento que tirei o anel de Jungir Khan, enquanto o amarrava com o cinto de sua espada. Mas jamais me pegarão.

Olhou para trás. Entre as palmeiras, se via o resplendor vermelho de uma fogueira. Ouviu-se um canto que vibrava com um júbilo selvagem na noite. Outro som se misturou com este. Eram gritos incoerentes, dos quais não se entendia uma só palavra. Conan continuou ouvindo esses gritos, enquanto dirigia-se ao leste sob a pálida luz das estrelas. O som pavoroso desses gritos seguiu Conan, até que finalmente se afastou sob as estrelas moribundas.

# A HORA DO DRAGÃO

## *The Hour of the Dragon*

*A bandeira do Leão oscila e cai na escuridão cheia de horror;*

*Um Dragão escarlate sussurra por perto, levado sobre ventos de  
perdição.*

*Os cavaleiros brilhantes jazem aos montes, onde se quebram as lanças  
enfiadas,*

*E, no fundo das montanhas assombradas, os perdidos deuses negros  
acordam.*

*Mãos mortas tateiam nas sombras, e estrelas ficam pálidas de medo,*

*Pois esta é a Hora do Dragão, o triunfo do Medo e da Noite.*

## I

*Ó Adormecido, Acorde!*

AS LONGAS VELAS palpitavam, fazendo as sombras negras ondularem ao longo das paredes, e as tapeçarias de veludo se agitavam. Mas não havia vento no compartimento. Quatro homens se erguiam ao redor da mesa de ébano, sobre a qual havia um sarcófago verde, o qual brilhava como jade entalhado. Na erguida mão direita de cada homem, uma estranha vela negra queimava com uma bizarra luz esverdeada. Era noite lá fora, e um vento perdido gemia entre as árvores negras.

Dentro da câmara, havia tenso silêncio e o ondular das sombras, enquanto quatro pares de olhos, brilhando intensamente, estavam fixos na longa caixa verde, ao longo da qual hieróglifos misteriosos se retorciam, como se a luz instável lhes emprestasse vida e movimento. O homem aos pés do sarcófago se curvou sobre o mesmo e moveu sua vela, como se estivesse escrevendo com uma pena, inscrevendo um símbolo místico no ar. Então, ele desceu a vela em seu bastão de ouro negro, ao pé do caixão, e, murmurando alguma fórmula, ininteligível para seus companheiros, ele enfiou uma larga mão branca no robe de pele arrumada. Quando a pôs para fora, era como se ele segurasse, na palma da mão, uma bola de fogo vivo.

Os outros três prenderam rapidamente o fôlego, e o homem moreno e forte, que estava na cabeceira do sarcófago, sussurrou:

— O Coração de Ahriman!

O outro ergueu rapidamente a mão, pedindo silêncio. Em algum lugar, um cão começou a uivar lugubrememente, e houve um passo furtivo do lado de fora da porta gradeada e trancada. Mas ninguém desviou o olhar do caixão de múmia, sobre o qual o homem em robe de pele de arminho agora movia a grande jóia flamejante, enquanto murmurava um encanto que já era velho quando a Atlântida afundou. O clarão da jóia lhes ofuscou os olhos, de modo que não puderam ter certeza do que viram; mas, com um estrondo ensurdecedor, a tampa esculpida do sarcófago se abriu violentamente, como se alguma pressão irresistível tivesse sido aplicada do lado de dentro, e os quatro homens, se inclinando ansiosamente para diante, viram o ocupante — uma forma amontoada, definhada e seca, com ressecados membros marrons, semelhantes a madeira podre, aparecendo através de bandagens esfareladas.

— Trazer aquela coisa de volta? — murmurou o pequeno homem moreno que se encontrava à direita, com uma risada curta e sardónica — É capaz de se desintegrar com um toque. Somos tolos...

— Shhh! — Foi um urgente assobio de comando do homem grande que segurava a jóia. Havia suor sobre sua larga testa branca, e seus olhos estavam dilatados. Inclinou-se para a frente e, sem tocar a coisa com a mão, depositou a jóia resplandecente sobre o peito da múmia. Então, ele recuou e observou com intensidade feroz, os lábios se movendo numa inovação silenciosa.

Foi como se um globo de fogo vivo se agarrasse e queimasse no peito morto e definhado. E o ar foi aspirado, num assobio, através dos dentes cerrados dos espectadores. Pois, enquanto assistiam, uma transformação horrível ficou evidente. A forma murcha no sarcófago estava se expandindo, crescendo, se alongando. As bandagens se romperam e tornaram pó marrom. Os membros enrugados se avolumaram e desentortaram. Sua cor parda começou a desbotar.

— Por Mitra! — sussurrou o homem alto e de cabelos amarelos à esquerda — Ele não era um stígio. Essa parte, pelo menos, era verdadeira.

Mais uma vez, um dedo trêmulo advertiu por silêncio. O sabujo, do lado de fora, já não estava mais uivando. Ele choramingava, como se por causa de um sonho mau, e logo aquele som também se apagava em silêncio, no qual o homem loiro ouviu claramente o esticar da porta pesada, como se alguma coisa lá fora a empurrasse fortemente. Ele meio se virou, com a mão na espada, mas o homem em túnica de arminho sibilou um aviso urgente:

— Espere! Não quebre a corrente. E, pela sua vida, não vá até a porta!

O homem de cabelos amarelos se estremeceu e voltou, e logo parou bruscamente, arregalando os olhos. No sarcófago de jade, jazia um homem vivo: um homem alto, robusto, de pele clara, com cabelos e barba escuros. Estava imóvel, seus olhos bem abertos — tão vazios e ignorantes quanto os de um bebê recém-nascido. Em seu peito, a grande jóia ardia e faiscava.

O homem em arminho cambaleou, como se caído devido à extrema tensão.

— Ishtar! — ele arfou — É Xaltotun! E ele está vivo! Valerius! Tarascus! Amalric! Estão vendo? Estão vendo? Vocês duvidaram de mim... mas eu não falhei! Estivemos próximos dos portões abertos do inferno esta noite, e as figuras da escuridão se aglomeraram bem próximas ao nosso redor... sim, elas o seguiram até a própria porta... mas nós trouxemos o grande feiticeiro de volta à vida.

— E, sem dúvida, nos condenou eternamente aos purgatórios. - murmurou o pequeno homem moreno, chamado Tarascus. O homem loiro, Valerius, riu asperamente:

— Qual purgatório pode ser pior do que a própria vida? Assim, estamos todos condenados juntos desde o nascimento. Além disso, quem não venderia sua alma miserável por um trono?

— Não há inteligência no olhar dele, Orastes. — disse o homem grande.

— Ele esteve morto durante muito tempo. — respondeu Orastes — Ele está como alguém recém-desperto. Sua mente está vazia, após o longo sono... não, ele estava morto, e não dormindo. Nós trouxemos seu espírito de volta, sobre os vácuos e golfos da noite e do esquecimento. Falarei com ele.

Ele se inclinou ao pé do sarcófago e, fixando o olhar nos grandes olhos negros do homem ali dentro, falou lentamente:

— Acorde, Xaltotun!

Os lábios do homem se moveram mecanicamente.

— Xaltotun! — ele repetiu, num sussurro à cegas.

— Você é Xaltotun! — exclamou Orastes, como um hipnotizador fazendo valer suas sugestões — Você é Xaltotun de Python, em Acheron.

Uma chama indistinta palpitou nos olhos escuros.

— Eu era Xaltotun. — ele sussurrou — Estou morto.

— Você é Xaltotun! — gritou Orastes — Você não está morto! Está vivo!

— Eu sou Xaltotun. — veio o sussurro estranho — Mas estou morto. Na minha casa, em Khemi, na Stygia; eu morri lá.

— E os sacerdotes que lhe envenenaram mumificaram seu corpo com suas artes negras, mantendo todos os seus órgãos intactos! — exclamou Orastes — Mas agora, você vive novamente! O Coração de Ahriman restaurou sua vida, e puxou seu espírito de volta do espaço e da eternidade.

— O Coração de Ahriman! — A chama da memória ficou mais forte — Os bárbaros o roubaram de mim!

— Ele se lembra. — murmurou Orastes — Levantem-no do caixão.

Os outros obedeceram, hesitantes, como se relutantes em tocarem no homem que haviam recriado, e suas mentes não pareciam muito sossegadas quando eles lhe sentiram a firme carne musculosa, vibrante de sangue e vida, sob seus dedos. Mas eles o ergueram sobre a mesa, e Orastes o vestiu com uma curiosa toga de veludo escuro, salpicada de estrelas douradas e

luas crescentes, e lhe firmou uma faixa de tecido dourado ao redor de suas têmporas, prendendo as negras madeixas onduladas que lhe caíam até os ombros. Ele os deixou fazer como quisessem, sem dizer nada, nem mesmo quando o sentaram numa cadeira entalhada, em forma de trono, com um alto encosto de ébano, largos braços de prata e pés que pareciam garras douradas. Ele ficou lá, imóvel, e lentamente a inteligência cresceu em seus olhos escuros e os tornou estranhos e luminosos. Era como se luzes de magia negra, há muito submersas, flutuassem lentamente, vindas de poços de escuridão à meia-noite.

Orastes olhou furtivamente para seus companheiros, que olhavam fixamente, em fascinação mórbida, para seu estranho convidado. Seus nervos de ferro haviam suportado uma provação capaz de enlouquecer homens mais fracos. Ele sabia que não havia conspirado ao lado de pessoas fracas, mas de homens cuja coragem era tão profunda quanto suas ambições ilegais e capacidade para o mal. Ele voltou sua atenção para a figura na cadeira preta de ébano.

— Eu me lembro. — ele disse numa voz forte e ressonante, falando o Nemédio com um sotaque estranho e arcaico — Eu sou Xaltotun, que era um alto sacerdote de Set em Python, a qual ficava em Acheron. O Coração de Ahriman... Eu sonhei que o havia reencontrado... onde ele está?

Orastes o colocou em sua mão, e ele inspirou profundamente, enquanto olhava para as profundezas da terrível jóia que ardia em seu domínio.

— Eles o roubaram de mim, há muito tempo. — ele disse — Ele é o coração vermelho da noite, forte para salvar ou condenar. Ele veio de longe, e de muito tempo atrás. Enquanto eu o possuí, ninguém era capaz de se opor a mim. Mas ele me foi roubado, Acheron caiu e eu fugi para me exilar na sombria Stygia. Lembro-me de muita coisa, mas de muita coisa eu havia esquecido. Estive numa terra distante, através de vácuos nebulosos, golfos e oceanos sem luz. Que ano é este?

Orastes o respondeu:

— Este é o final do Ano do Leão, 3000 anos após a queda de Acheron.

— Três mil anos! — murmurou o outro — Tanto tempo? Quem são vocês?

— Sou Orastes, outrora um sacerdote de Mitra. Este homem é Amalric, barão de Tor, na Nemédia; este outro é Tarascus, irmão mais velho do rei da Nemédia; e este homem alto é Valerius, herdeiro legítimo do trono da Aquilônia.

— Por que me deram a vida? — indagou Xaltotun — O que exigem de mim?

O homem agora estava completamente vivo e acordado, seus olhos agudos refletindo o trabalho de um cérebro límpido. Não havia hesitação ou incerteza em seus modos. Ele foi direto ao ponto, como alguém que sabe que nenhum homem dá alguma coisa em troca de nada. Orastes lhe respondeu com a mesma franqueza:

— Nós abrimos as portas do inferno esta noite, para libertarmos sua alma e trazê-la de volta ao seu corpo, porque precisamos de sua ajuda. Desejamos pôr Tarascus no trono da Nemédia, e obtermos a coroa da Aquilônia para Valerius. Com sua necromancia, você pode nos ajudar.

O pensamento de Xaltotun estava errante e cheio de pontos de vista inesperados.

— Você deve ser perspicaz em suas artes, Orastes, para ter tido a capacidade de restaurar minha vida. Como pode um sacerdote de Mitra saber do Coração de Ahriman e dos encantamentos de Skelos?

— Não sou mais um sacerdote de Mitra. — respondeu Orastes — Fui expulso de minha ordem, por causa de minhas pesquisas sobre magia negra. Se não fosse por Amalric ali, eu teria sido queimado como bruxo.

"Mas aquilo me deixou livre para me dedicar aos meus estudos. Viajei por Zamora, Stygia e por entre as selvas assombradas de Khitai. Li os livros, encadernados a ferro, de Skelos, e conversei com criaturas invisíveis em poços profundos e com vultos sem rosto em negras selvas malcheirosas. Obtive um vislumbre de seu sarcófago, nas criptas assombradas por demônios, sob o negro templo, de muros gigantescos, de Set, no interior da Stygia, e aprendi as artes que trariam a vida de volta ao seu cadáver enrugado. Através de manuscritos amassados, eu soube do Coração de Ahriman. Então, durante um ano, procurei seu esconderijo e finalmente o achei".

— Então, por que se preocupou em me trazer de volta à vida? — indagou Xaltotun, com o olhar penetrante fixo no sacerdote — Por que você não empregou o Coração de Ahriman para favorecer seu próprio poder?

— Porque nenhum homem hoje conhece os segredos do Coração. — respondeu Orastes — As artes para libertar completamente seus poderes não existem sequer em lendas. Eu sabia que ele poderia restaurar a vida; mas, de seus segredos mais profundos, eu sou ignorante. Eu o usei meramente para

lhe trazer de volta à vida. É o uso do seu conhecimento que procuramos. Quanto ao Coração, só você conhece seus segredos terríveis.

Xaltotun sacudiu a cabeça, mirando pensativo as profundezas flamejantes.

— Meu conhecimento de feitiçaria é maior que a soma de todo o conhecimento de outros homens — ele disse —; mas não conheço todo o poder da jóia. Eu não invoquei nos velhos dias; eu a guardei, para que não fosse usada contra mim. Por fim, foi roubada e, nas mãos de um xamã emplumado dos bárbaros, ela derrotou toda a minha poderosa feitiçaria. Então, ela desapareceu, e eu fui envenenado pelos sacerdotes invejosos da Stygia, antes que pudesse saber onde estava escondida.

— Estava escondida numa caverna sob o templo de Mitra, em Tarantia. — disse Orastes — Descobri isto por meios indiretos, após ter localizado seus restos no templo subterrâneo de Set, na Stygia.

"Ladrões zamorianos, parcialmente protegidos por encantamentos que aprendi de fontes que é melhor nem mencionar, roubaram seu caixão de sob as próprias garras daqueles que o guardavam na escuridão e, através de caravana de camelos, galé e carro de boi, ele finalmente chegou a esta cidade.

"Aqueles mesmos ladrões... ou melhor, aqueles que ainda viviam após sua terrível busca... roubaram o Coração de Ahriman de sua caverna assombrada sob o templo de Mitra, e toda a habilidade dos homens e os encantamentos dos feiticeiros quase falharam. Um daqueles homens viveu o suficiente para me alcançar e entregar a jóia em minhas mãos, antes que morresse, falando penosa e confusamente sobre o que tinha visto naquela cripta amaldiçoada. Os ladrões de Zamora são os homens mais confiáveis em seus trabalhos. Mesmo com minhas invocações, ninguém além deles conseguiria roubar o Coração de onde ele jazia, numa escuridão guardada por demônios desde a queda de Acheron, há 3000 anos".

Xaltotun ergueu sua cabeça leonina e fixou o olhar para longe, no espaço, como que sondando os séculos perdidos.

— Três mil anos! — ele murmurou — Por Set! Diga-me o que mudou no mundo.

— Os bárbaros que destruíram Acheron construíram novos reinos. — disse Orastes — Onde outrora se estendia o império, agora se ergueram reinos, chamados Aquilônia, Nemédia e Argos, das tribos que os fundaram. Os reinos mais antigos, de Ophir, Corinthia e Koth ocidental, que estiveram

sujeitos aos reis de Acheron, recuperaram sua independência com a queda do império.

— E quanto ao povo de Acheron? — interrogou Xaltotun — Quando fugi para a Stygia, Python estava em ruínas, e todas as grandes cidades, de torres púrpuras, de Acheron estavam sujas de sangue e pisadas pelas sandálias dos bárbaros.

— Nas colinas, pequenos grupos de pessoas ainda se orgulham de descenderem de Acheron. — respondeu Orastes — Quanto ao restante, a maré dos meus ancestrais bárbaros rolou sobre eles e os apagou. Eles... meus ancestrais... haviam sofrido muito sob os reis de Acheron.

Um sorriso sombrio e terrível curvou os lábios do pythoniano.

— Sim! Muitos bárbaros, tanto homens quanto mulheres, morreram gritando no altar, sob esta mão. Já vi suas cabeças empilhadas para formarem uma pirâmide, na grande praça de Python, quando os reis voltavam do oeste com seu espólio e escravos nus.

— Sim. E, quando chegou o dia do acerto de contas, a espada não foi poupada. Assim, Acheron deixou de existir, e Python das torres púrpuras se tornou uma lembrança de dias esquecidos. Mas os reinos mais jovens se ergueram sobre as ruínas imperiais, e cresceram grandemente. E agora, lhe trouxemos de volta para nos ajudar a governar esses reinos, os quais, embora menos estranhos e maravilhosos que a velha Acheron, ainda são ricos e poderosos, e dignos de se lutar por eles. Veja!

Orastes desenrolou, diante do estranho, um mapa habilmente desenhado em pergaminho.

Xaltotun o olhou, e então sacudiu a cabeça, perplexo.

— Os próprios contornos da terra estão mudados. É como algo familiar visto num sonho, fantasticamente distorcido.

— Seja como for — respondeu Orastes, apontando com o dedo indicador -, esta é Belverus, a capital da Nemédia, na qual estamos agora. Aqui correm as fronteiras da terra da Nemédia. Ao sul e sudeste, estão Ophir e Corinthia; a leste, a Britúnia, e a oeste, a Aquilônia.

— É o mapa de um mundo que não conheço. — disse Xaltotun suavemente, mas Orastes não deixou de perceber o fogo sinistro de ódio que palpitou naqueles olhos escuros.

— É um mapa que você nos ajudará a mudar. — respondeu Orastes — Nosso desejo é colocar Tarascus no trono da Nemédia. Gostaríamos de realizar isto sem luta, e de uma forma que não deixe cair suspeita sobre

Tarascus. Não desejamos que a terra seja dividida por guerras civis, e sim reservar todo nosso poder para a conquista da Aquilônia.

"Se o Rei Nimed e seus filhos morrerem naturalmente, de uma epidemia por exemplo, Tarascus assumirá o trono como o próximo herdeiro, pacificamente e sem oposição".

Xaltotun acenou com a cabeça, sem responder, e Orastes continuou:

— A outra tarefa será mais difícil. Não podemos pôr Valerius no trono aquiloniano sem uma guerra, e aquele reino é um inimigo formidável. Seu povo é uma raça vigorosa e guerreira, enrijecida por guerras contínuas com os pictos, zíngaros e cimérios. Por 500 anos, Aquilônia e Nemédia têm guerreado intermitentemente, e a vantagem final sempre ficou com os aquilonianos.

"Seu rei atual é o guerreiro mais ilustre entre as nações ocidentais. Ele é um estrangeiro, um aventureiro que se apoderou da coroa à força, durante uma época de guerra civil, estrangulando o Rei Namedides com suas próprias mãos, sobre o próprio trono. Seu nome é Conan, e nenhum homem é capaz de resistir a ele em batalha.

"Valerius é hoje o herdeiro legítimo do trono. Ele fora mandado para o exílio por seu parente da realeza, Namedides, e ficou longe de seu reino nativo durante anos, mas ele é do sangue da velha dinastia, e muitos barões dariam boas-vindas à derrota de Conan, que é um ninguém, sem sangue real e nem sequer sangue nobre. Mas as pessoas comuns são leais a ele, assim como a nobreza das províncias distantes. Mas, se as forças dele forem derrotadas na batalha que deve acontecer primeiro, e o próprio Conan for morto, acho que não seria difícil pôr Valerius no trono. De fato, com Conan morto, o único centro de governo desapareceria. Ele não é parte de uma dinastia, mas apenas um aventureiro solitário".

— Eu gostaria de poder ver este rei. — refletiu Xaltotun, olhando em direção a um espelho de prata, o qual formava um dos enfeites da parede. Este espelho não tinha reflexo, mas a expressão de Xaltotun mostrava que ele entendia o propósito do mesmo; e Orastes acenou com a cabeça, com o orgulho que um artífice sente diante do reconhecimento de seu talento por parte de um mestre de seu ofício.

— Tentarei mostrá-lo para você. — ele disse. E, se sentando diante do espelho, olhou hipnoticamente para suas profundezas, onde logo depois uma vaga sombra começou a tomar forma.

Era estranho, mas aqueles que assistiam sabiam que não era mais que o reflexo da imagem do pensamento de Orastes, corporificado naquele espelho, como os de um mago num cristal mágico. Flutuou vagamente, e logo adquiriu, de forma brusca, uma surpreendente clareza: um homem alto, de ombros poderosos e peito profundo, com um sólido pescoço musculoso e ombros densamente musculosos. Estava vestido em seda e veludo, com os leões reais da Aquilônia bordados a ouro sobre a rica jaqueta, e a coroa da Aquilônia brilhava em sua negra cabeleira de corte reto; mas a grande espada ao seu lado lhe parecia mais natural que suas vestimentas reais. Sua testa era baixa e larga, e seus olhos de um azul vulcânico que ardia como se com algum fogo interno. Seu rosto moreno, cicatrizado e quase sinistro era o de um guerreiro, e sua roupa de veludo não conseguia esconder as linhas firmes e perigosas de seus membros.

— Esse homem não é hiboriano! — exclamou Xaltotun.

— Não; ele é um cimério, um daqueles selvagens homens tribais, que vivem nas colinas cinzentas do norte.

— Lutei contra seus ancestrais há muito tempo. — murmurou Xaltotun

— Nem mesmo os reis de Acheron conseguiram conquistá-los.

— Eles ainda são um terror para as nações do sul. — respondeu Orastes  
— É um verdadeiro filho daquela raça selvagem, e ele próprio provou ser, deste modo, inconquistável.

Xaltotun não respondeu; ele ficou olhando para dentro do poço de fogo vivo que tremeluzia em sua mão. Do lado de fora, o cão de caça uivou novamente, de forma longa e estremeceadora.

## II

### *Sopra um Vento Negro*

O ANO DO DRAGÃO nasceu em guerra, pestilência e agitação. A praga negra caminhou pelas ruas de Belverus, derrubando o mercador em seu

estábulo, o escravo em seu canil e o cavaleiro em sua mesa de banquete. Diante dela, as habilidades dos sanguessugas foram ineficazes. Os homens disseram que ela havia sido mandada do inferno, como punição para os pecados do orgulho e da luxúria. Era tão rápida e mortífera quanto o ataque de uma víbora. O corpo da vítima ficava púrpura e, logo depois, negro e, em poucos minutos, ela caía moribunda, e o cheiro de putrefação já lhe estava nas próprias narinas, antes mesmo que a morte lhe arrancasse a alma de seu corpo apodrecido. Um vento quente e urrante soprava incessantemente do sul, a colheita murchava nos campos, e o gado caía e morria em suas estradas.

Homens clamavam por Mitra e murmuravam contra o rei; pois, de alguma forma, era sussurrada, por todo o reino, a notícia de que o rei se dedicava secretamente a práticas repugnantes e orgias sórdidas na solidão de seu palácio à noite. E logo, naquele palácio, a morte caminhou, com um sorriso largo e a pé, sobre aquilo que fazia remoinhar os vapores monstruosos da praga. Numa noite, o rei morreu com seus três filhos, e os tambores, que lhes ribombavam o canto fúnebre, abafaram os sinos sombrios e agourentos que tocavam das carroças, as quais se moviam pesadamente pelas ruas, recolhendo os mortos podres.

Naquela noite, logo antes do amanhecer, o vento quente, que havia soprado durante semanas, parou de sussurrar perversamente pelas janelas de cortinas de seda. Do norte, se ergueu um grande vento, que rugiu por entre as torres, e houve trovão cataclísmico, relâmpagos cegantes e chuva torrencial. Mas a aurora brilhou limpa, verde e clara; o solo chamuscado se cobriu de capim, as frutas e cereais sedentos se ergueram novamente, e a praga se foi — seu miasma foi varrido da terra pelo forte vento.

Disseram que os deuses estavam satisfeitos, porque o rei maligno e seus filhos foram mortos, e, quando seu irmão mais jovem, Tarascus, foi coroado no grande salão de coroação, a população deu vivas até as torres estremecerem, aclamando o monarca para quem os deuses sorriram.

Tal onda de entusiasmo e júbilo, a varrer a terra, é frequentemente o sinal para uma guerra de conquista. Assim, ninguém ficou surpreso quando foi anunciado que o Rei Tarascus havia declarado vazia a trégua, feita pelo último rei com seus vizinhos ocidentais, e estava reunindo suas hostes para invadir a Aquilônia. Sua razão era imparcial; seus motivos, proclamados em voz alta, dourando suas ações com algo do deslumbramento de uma cruzada. Ele expôs a causa de Valerius, "herdeiro legítimo do trono"; ele

veio — proclamou -, não como um inimigo da Aquilônia, mas como um amigo, para libertar o povo da tirania de um usurpador e um estrangeiro.

Se houve sorrisos cínicos em certos locais, e sussurros a respeito do bom amigo do rei, Amalric, cuja vasta riqueza pessoal parecia estar fluindo para o esvaziado tesouro real, isso passou despercebido dentro da onda geral de fervor e entusiasmo da popularidade de Tarascus. Se alguns indivíduos perspicazes suspeitaram que Amalric era o verdadeiro governante da Nemédia, por trás de Tarascus, eles foram cuidadosos o suficiente para não enunciarem tal heresia. E a guerra foi adiante, com entusiasmo.

O rei e seus aliados se moveram para oeste, à frente de 50 mil homens: cavaleiros em armaduras brilhantes, com suas flâmulas ondulando acima de seus elmos; piqueiros em capas de aço e brigantinas, e atiradores de balestras, usando gibões de couro. Eles cruzaram a fronteira, tomaram um castelo ali, queimaram três aldeias das montanhas e então, no vale do Valkia, 16 km a oeste da linha fronteira, eles encontraram as hostes de Conan, rei da Aquilônia: 44 mil cavaleiros, arqueiros e soldados de cavalaria fortemente armados — a nata da força e cavalaria aquiloniana. Apenas os cavaleiros de Poitain, sob o comando de Prospero, ainda não haviam chegado, pois ainda tinham muito que cavalgarem desde o canto sudoeste do reino. Tarascus havia atacado sem aviso. Sua invasão havia chegado nos calcanhares de sua proclamação, sem declaração formal de guerra.

As duas hostes confrontaram uma à outra através de um vale largo e raso, com penhascos ásperos e um rio raso, serpenteando por grandes quantidades de juncos e salgueiros, pelo meio do vale. Os acompanhantes civis de ambos os exércitos desceram até o riacho, em busca de água, gritando insultos e lançando pedras uns aos outros. Os últimos lampejos do sol brilhavam na bandeira dourada da Nemédia, com seu dragão escarlate, desdobrada ao sabor da brisa, sobre a barraca do Rei Tarascus, numa elevação próxima aos penhascos orientais. Mas a sombra dos penhascos ocidentais caía como uma vasta mortalha vermelha sobre as tendas e exército da Aquilônia, e sobre a bandeira negra com seu leão dourado, que pairava sobre a tenda do Rei Conan.

Por toda a noite, as fogueiras brilharam pela extensão do vale, e o vento trazia o chamado das trombetas, o clangor das armas e os agudos pedidos de senhas às sentinelas, que percorriam a cavalo ambas as margens do riacho cheio de salgueiros.

Foi na escuridão antes do amanhecer, que o Rei Conan se moveu agitado em seu leito, que não era mais do que uma pilha de sedas e peles, lançadas sobre um estrado, e acordou. Ele se ergueu, com um grito agudo e agarrando a espada. Seu comandante, Pallantides, correndo em direção ao grito, viu o rei sentado e ereto, com a mão no cabo da espada e o suor lhe pingando do rosto estranhamente pálido.

— Majestade! — exclamou Pallantides — Há algo errado?

— Como está o acampamento? — indagou Conan — Os guardas estão lá fora?

— Quinhentos homens vigiam o riacho, Majestade. — respondeu o general — Os nemédios não tentaram se mover contra nós na noite. Eles esperam o amanhecer, assim como nós.

— Por Crom. — murmurou Conan — Acordei com a sensação de que a ruína estava rastejando sobre mim na noite.

Ele ergueu o olhar para o grande lampião dourado, que derramava um brilho suave sobre as cortinas e tapetes de veludo da grande tenda. Estavam sós; nem mesmo um escravo ou pajem dormia no chão atapetado; mas os olhos de Conan resplandeciam, como estavam acostumados a resplandecer nas presas de um grande perigo, e a espada lhe vibrava na mão. Pallantides o observava, inquieto. Conan parecia estar escutando algo.

— Ouça! — sibilou o rei — Você ouviu? Um passo furtivo!

— Sete cavaleiros guardam sua tenda, Majestade. — disse Pallantides — Ninguém conseguiria se aproximar dela, sem chamar a atenção.

— Não vindo de fora. — rosnou Conan — Parecia soar dentro da tenda.

Pallantides deu uma olhada rápida e sobressaltada ao redor. As cortinas de veludo se misturavam às sombras nos cantos, mas, se houvesse mais alguém na barraca além deles, o general teria visto. Mais uma vez, ele sacudiu a cabeça:

— Não há ninguém aqui, com certeza. Você está dormindo em meio ao seu exército.

— Já vi a morte atacar um rei no meio de milhares. — murmurou Conan — Algo que caminha sobre pés invisíveis e não é visto...

— Talvez você estivesse sonhando, Majestade. — disse Pallantides, um tanto perturbado.

— Eu estava. — grunhiu Conan — E era um sonho demoníaco. Caminhei novamente pelas longas e cansativas estradas, nas quais viajei em meu caminho para a realeza.

Ele ficou em silêncio, e Pallantides olhou calado para ele. O rei era um enigma para o general, assim como para muitos de seus súditos civilizados. Pallantides sabia que Conan havia andado por muitas estradas estranhas, em sua vida selvagem e agitada, e que ele havia sido muitas coisas, antes que um capricho do Destino o colocasse no trono da Aquilônia.

— Eu vi novamente o campo de batalha onde nasci. — disse Conan, descansando, de forma taciturna, o queixo sobre o punho sólido — Eu me vi novamente usando uma tanga de pele, e atirando minha lança nas feras das montanhas. Fui um espadachim mercenário novamente; um hetman dos kozakis, que moram ao longo do Rio Zaporoska; um corsário, saqueando a costa de Kush, um pirata das Ilhas Barachas e um chefe dos himelianos das colinas.

"Mas, através de meus sonhos, se moviam figuras estranhas e veladas, e sombras fantasmagóricas; e uma voz distante zombava de mim. E, perto desta última, eu parecia ver a mim mesmo, deitado neste estrado em minha tenda, e uma figura se curvava sobre mim,

usando um manto e um capuz. Eu estava deitado, incapaz de me mover, e então o capuz caiu, e uma caveira esfarelada sorriu para mim. Logo acordei".

— Isto é um pesadelo, Majestade. — disse Pallantides, reprimindo um tremor — E nada mais.

Conan sacudiu a cabeça, mais em dúvida que em negação. Ele vinha de uma raça bárbara, e as superstições e instintos de sua herança se escondiam logo abaixo da superfície de sua consciência.

— Já tive muitos pesadelos — ele disse -, e muitos deles não tinha significado. Mas, por Crom, este não era como a maioria dos sonhos! Desejo que esta batalha seja lutada e vencida, pois tenho tido uma premonição medonha desde que o Rei Nimed morreu da praga negra. Por que ela cessou quando ele morreu?

— Os homens dizem que ele pecava...

— Os homens são sempre idiotas. — grunhiu Conan — Se a praga atacasse todos os que pecaram, então, por Crom, não sobraria o suficiente para contar os vivos! Por que iriam os deuses... os quais os sacerdotes me dizem serem justos... matar 500 camponeses, mercadores e nobres, antes de matarem o rei, se toda a peste era dirigida para ele? Estariam os deuses golpeando cegamente, como espadachins num nevoeiro? Por Mitra, se eu

não dirigisse meus golpes corretamente, a Aquilônia teria tido um novo rei há muito tempo.

"Não! A praga negra não é uma peste comum. Ela se oculta em tumbas stígias, e só é trazida à vida por feiticeiros. Eu era um espadachim no exército do Príncipe Almuric, que invadiu a Stygia; e, de seus 30 mil, 15 mil foram mortos por flechas stígias, e o restante, pela praga negra que rolou sobre nós como um vento vindo do sul. Fui o único homem que escapou vivo".

— Mas só 500 morreram na Nemédia. — argumentou Pallantides.

— Quem quer que a tenha chamado, sabia como interrompê-la à vontade. — respondeu Conan — Desse modo, sei que havia algo planejado e diabólico ao redor dela. Alguém a conjurou, alguém a banuiu quando o trabalho estava completo... quando Tarascus estava seguro no trono, e sendo saudado como aquele que libertou o povo da ira dos deuses. Por Crom, eu sinto um cérebro negro e astuto por trás de tudo isto. E quando a este estranho, o qual dizem dar conselhos a Tarascus?

— Ele usa um véu — respondeu Pallantides -; dizem que é um estrangeiro, um forasteiro vindo da Stygia.

— Um forasteiro vindo da Stygia! — repetiu Conan, franzindo a testa — Um forasteiro vindo do inferno, é mais provável... Hã! O que é isso?

— As trombetas dos nemédios! — exclamou Pallantides — E ouça como as nossas trombetas tocam sobre os calcanhares deles! A aurora está irrompendo, e os capitães estão enfileirando os exércitos para o ataque! Mitra esteja com eles, pois muitos não verão o sol se pôr atrás dos penhascos.

— Mande meus escudeiros para mim! — exclamou Conan, se levantando alegremente e tirando suas roupas de dormir; ele parecia ter esquecido seus pressentimentos diante da perspectiva de ação — Dirija-se aos capitães e veja se todos estão prontos. Estarei com você, assim que eu vestir minha armadura.

Muitas das maneiras de Conan eram inexplicáveis para o povo civilizado ao qual ele governava, e uma delas era sua insistência em dormir sozinho no seu quarto ou tenda. Pallantides saiu apressadamente da tenda, fazendo retinir a armadura que vestira à meia-noite, após poucas horas de sono. Ele olhou rapidamente para o acampamento, o qual começava a fervilhar em atividade, com malhas metálicas tinindo e homens se movendo quase vagamente na luz precária, por entre as longas fileiras de tendas. As estrelas

ainda brilhavam fracamente na parte ocidental do céu, mas longas flâmulas rosas se estendiam ao longo do horizonte leste e, destacada contra elas, a bandeira do dragão da Nemédia desdobrava suas encapeladas pregas de seda.

Pallantides se dirigiu a uma tenda menor, perto dali, onde dormiam os escudeiros reais. Estes já estavam tombando para fora, acordados pelas trombetas. E, quando Pallantides lhes gritava para se apressarem, ele ficou mudo e congelado por um intenso grito feroz e pelo impacto de um golpe pesado, dentro da tenda do rei, seguido pelo estrondo, de parar o coração, da queda de um corpo. Lá, soou uma risada baixa que transformou o sangue do general em gelo.

Ecoando o grito, Pallantides girou e correu de volta à tenda. Ele gritou novamente, ao ver a figura poderosa de Conan estirada no tapete. A grande espada, de cabo longo, do rei jazia próxima à sua mão, e uma estaca despedaçada da tenda parecia mostrar onde sua espada havia caído. Pallantides desembainhou a própria espada, e olhou ferozmente ao redor da tenda, mas nada viu. Exceto pelo rei e ele mesmo, ela estava vazia, como havia estado quando ele a deixou.

— Majestade! — Pallantides lançou-se sobre o próprio joelho, ao lado do gigante caído.

Os olhos de Conan estavam abertos; resplandeciam para ele em total inteligência e conhecimento. Seus lábios se torciam, mas não saía nenhum som. Ele parecia incapaz de se mexer.

Vozes soavam lá fora. Pallantides se ergueu rapidamente e caminhou até a porta. Os escudeiros reais, e um dos cavaleiros que guardavam a tenda, estavam ali.

— Ouvimos um barulho aí dentro. — disse o cavaleiro, com ar de quem pede desculpas — Está tudo bem com o rei?

Pallantides o olhou de forma indagadora:

— Ninguém entrou ou saiu da tenda real esta noite?

— Ninguém, exceto você mesmo, milorde. — respondeu o cavaleiro, e Pallantides não pôde duvidar de sua honestidade.

— O rei tropeçou e deixou a espada cair. — disse brevemente Pallantides — Retorne ao seu posto.

Enquanto o cavaleiro se afastava, o general disfarçadamente gesticulou para os cinco escudeiros reais e, quando estes o seguiram, ele puxou firmemente a cortina que fechava a entrada. Eles ficaram pálidos ao verem

o rei estendido sobre o tapete, mas um rápido gesto de Pallantides lhes interrompeu as exclamações.

O general se curvou sobre ele novamente e, mais uma vez, Conan se esforçou para falar. As veias em suas têmporas e os tendões em seu pescoço inchavam com seus esforços, e ele levantou completamente a cabeça do chão. Finalmente, a voz chegou, murmurante e meio inteligível:

— A coisa... a coisa no canto!

Pallantides ergueu a cabeça e olhou temeroso ao redor. Ele viu os rostos pálidos dos escudeiros à luz do lampião e as sombras de veludo que se ocultavam ao longo das paredes da tenda. Era tudo.

— Não há nada aqui, Majestade. — disse ele.

— Estava ali, no canto. — murmurou o rei, lançando sua cabeça com juba leonina de um lado a outro, em seus esforços para se levantar — Um homem... pelo menos, parecia um homem... envolto em farrapos semelhantes a bandagens de múmia, com um manto esfarelado ao redor dele, e um capuz. Tudo que pude ver foram seus olhos, enquanto ele se agachava ali, nas sombras. Pensei que ele próprio fosse uma sombra, até ver seus olhos. Eram como jóias negras.

"Fui até ele e brandi minha espada, mas errei completamente o alvo... só Crom sabe como... e só cortei aquela estaca. Ele agarrou meu punho quando perdi o equilíbrio, e meus dedos queimaram como ferro quente. Toda a força me escapou, e o chão se ergueu e me golpeou como um porrete. Então, ele foi embora, fiquei caído e... maldito seja ele!... não consigo me mover! Estou paralisado!".

Pallantides levantou a mão do gigante, e sua pele se arrepiou. No punho do rei, apareciam as marcas azuis de longos dedos finos. Qual mão poderia agarrar tão forte, a ponto de deixar sua marca naquele punho grosso? Pallantides se lembrou daquela risada baixa, que ouvira enquanto corria para dentro da tenda, e o suor frio lhe brotou da pele. Não havia sido Conan quem rira.

— Isto é uma coisa diabólica! — sussurrou um escudeiro trêmulo — Dizem que os filhos das trevas lutam por Tarascus!

— Silêncio! — ordenou severamente Pallantides.

Lá fora, o amanhecer obscurecia as estrelas. Um vento leve se erguia dos picos, e trazia uma fanfarra de mil trombetas. Diante daquele som, um tremor convulsivo percorreu a estrutura poderosa do rei. Mais uma vez, as

veias em suas têmporas se emaranharam, quando ele se esforçou para quebrar os grilhões invisíveis que o esmagavam.

— Ponham minha armadura e me amarrem à sela. — ele sussurrou — Ainda vou liderar o ataque!

Pallantides sacudiu a cabeça, e um escudeiro lhe puxou uma aba da roupa.

— Milorde, estaremos perdidos se os exércitos souberem que o rei foi derrubado! Somente ele pode nos liderar à vitória hoje.

— Ajudem-me a erguê-lo sobre o estrado. — respondeu o general.

Eles obedeceram, colocaram o gigante indefeso sobre as peles, e puseram um manto de seda sobre ele. Pallantides se voltou para os cinco escudeiros e lhes examinou os rostos pálidos, bem antes de falar.

— Nossos lábios devem estar selados para sempre, sobre o que está acontecendo nesta tenda. — ele finalmente disse — O reino da Aquilônia depende disto. Um de vocês, vá e me traga o oficial Valannus, que é um capitão dos lanceiros pelianos.

O escudeiro indicado se curvou numa reverência e apressou-se para fora da tenda, e Pallantides ficou olhando para o rei caído, enquanto, do lado de fora, trombetas estrondeavam, tambores ribombavam, e o rugido das multidões se erguia na aurora crescente. Logo, o escudeiro retornou com o oficial a quem Pallantides havia mencionado — um homem alto, largo e poderoso, com constituição muito semelhante à do rei. Assim como este, ele também tinha abundantes cabelos negros. Mas seus olhos eram cinzas, e ele não tinha as feições semelhantes às de Conan.

— O rei foi atacado por uma estranha doença. — disse brevemente Pallantides — Você terá uma grande honra; vestirá a armadura dele e cavalgará à frente do exército hoje. Ninguém deve saber que não é o rei quem cavalga.

— É uma honra pela qual um homem daria alegremente a vida. — gaguejou o capitão, dominado pela sugestão — Mitra permita que eu não falhe nesta grande responsabilidade!

E, enquanto o rei caído mirava fixamente, com olhos ardentes que refletiam a amarga humilhação e fúria que lhe comiam o coração, os escudeiros despiram a cota-de-malha de Valannus, assim como o capacete e proteções para as pernas, e o vestiram com a armadura de Conan, de malha com placas pretas, com o capacete com visor e as plumas escuras se inclinando sobre a crista em forma de dragão. Sobre tudo isso, colocaram o

manto de seda com o leão real trabalhado a ouro sobre o peito; e puseram nele um largo cinto com fivela dourada, capaz de suportar uma espada larga com o cabo enfeitado de jóias e numa bainha folheada a ouro. Enquanto eles trabalhavam, as trombetas clamavam lá fora, armas retiniam e, de um lado a outro do rio, se erguia um rugido gutural, enquanto esquadrão após esquadrão se dirigia ao seu lugar.

Totalmente blindado, Valannus se curvou sobre um dos joelhos e inclinou suas plumas diante da figura que jazia sobre o estrado.

— Senhor rei, Mitra permita que eu não desonre a armadura que visto hoje!

— Traga-me a cabeça de Tarascus, e eu farei de você um barão! — Na tensão de seu tormento, o verniz de civilização de Conan havia caído dele. Seus olhos queimavam, e ele rangia os dentes em fúria e sede de sangue, tão bárbaro quanto quaisquer homens tribais das colinas cimérias.

### III

## *Os Penhascos Cambaleiam*

O EXÉRCITO AQUILONIANO estava parado, com longas fileiras cerradas de piqueiros e cavaleiros em aço brilhante, quando uma figura gigante em armadura negra saiu da tenda real; e, quando ele montou na sela do garanhão negro, seguro por quatro escudeiros, um rugido de sacudir as montanhas se ergueu do exército. Eles sacudiram suas lâminas e trovejaram sua aclamação ao seu rei— guerreiro — cavaleiros em armadura lavrada a ouro, piqueiros em cotas-de-malha e capacetes com viseiras, e arqueiros vestidos em seus gibões de couro, com seus longos arcos em suas mãos esquerdas.

O exército no lado oposto do rio estava em movimento, descendo a trote pela suave inclinação em direção ao rio; o aço deles brilhava através das névoas matinais, que rodopiavam ao redor das patas de seus cavalos.

A hoste aquiloniana se movia sem pressa, para encontrá-los. Os passos regulares dos cavalos blindados faziam o chão tremer. Bandeiras desdobravam longas pregas de seda ao vento da manhã; lanças oscilavam como uma floresta eriçada, inclinadas e com suas flâmulas lhes esvoaçando ao redor.

Dez soldados fortemente armados — veteranos sombrios e taciturnos, capazes de controlar suas línguas — guardavam a tenda real. Havia um escudeiro dentro da tenda, espiando o lado de fora através de uma fenda na entrada. Exceto pelos poucos que guardavam segredo,

ninguém mais, na vasta hoste, sabia que não era Conan quem cavalgava, no grande garanhão à frente do exército.

A hoste aquiloniana havia assumido a formação costumeira: a parte mais forte era o centro, inteiramente composto por cavaleiros pesadamente armados; as alas eram compostas por grupos menores de cavaleiros e por soldados fortemente armados, quase todos, sustentados por piqueiros e arqueiros. Estes últimos eram bossonianos das fronteiras ocidentais, homens fortemente constituídos, de estatura mediana e usando jaquetas de couro e proteções de ferro para as cabeças.

O exército nemédio avançava em formação similar, e as duas hostes se moviam em direção ao rio, as alas à frente dos centros. No centro do exército aquiloniano, a grande bandeira do leão desdobrava suas ondulantes pregas negras sobre a figura vestida de aço que montava no garanhão negro.

Mas, em seu estrado na tenda real, Conan gemia em grande aflição de espírito, e praguejava com estranhas blasfêmias pagãs.

— As hostes se movem juntas. — disse o escudeiro, olhando da porta — Ouça o repique das trombetas! Ah! O sol nascente se reflete nas pontas das lanças e nos capacetes, até me ofuscar. Ele deixa o rio escarlate... sim, ele ficará realmente escarlate antes que este dia acabe!

"O inimigo alcançou o rio. Agora as flechas voam entre as hostes, como nuvens de ferrões que escondem o sol. Ah! Bem atirada, arqueiro! Os bossonianos levam a melhor! Ouça o grito deles!"

Fracamente aos ouvidos do rei, acima do estrondo das trombetas e do tinido do aço, chegou o grito intenso e feroz dos bossonianos, enquanto eles puxavam e atiravam em perfeita harmonia.

— Os arqueiros deles tentam manter os nossos ocupados, enquanto seus cavaleiros avançam para o rio. — disse o escudeiro — As margens não são íngremes; elas se inclinam até a margem da água. Os cavaleiros se

aproximam, eles se movem violentamente através dos salgueiros. Por Mitra, as flechas de quase um metro encontram todas as fendas em suas couraças! Cavalos e homens caem, se debatendo na água. Ela não é funda, nem a correnteza é rápida, mas os homens estão se afogando lá, afundados por suas armaduras e atropelados por cavalos desvairados. Agora, os cavaleiros da Aquilônia avançam. Eles cavalgam em direção à água e enfrentam os cavaleiros da Nemédia. A água rodopia ao redor das barrigas de seus cavalos, e o clangor de espada contra espada é ensurdecador.

— Crom! — a palavra irrompeu em agonia dos lábios de Conan. A vida corria vagorosamente de volta às suas veias, mas, mesmo assim, ele não conseguia erguer sua forma poderosa do estrado.

— As alas estão se juntando. — disse o escudeiro — Piqueiros e lanceiros lutam corpo-a-corpo no riacho; e, atrás deles, os arqueiros lançam constantemente suas setas.

"Por Mitra, os besteiros nemédios estão sendo duramente atacados, e os bossonianos preparam suas flechas para dispararem entre as fileiras da retaguarda. O centro deles não avança sequer meio metro, e suas alas são empurradas de volta, através do rio".

— Crom, Ymir e Mitra! — esbravejou Conan — Deuses e demônios, se eu pudesse alcançar a luta; se ao menos pudesse morrer no primeiro golpe!

Do lado de fora, ao longo do dia quente, a batalha bramiu e trovejou. O vale estremeceu sob o ataque e contra-ataque, sob o assobio de flechas e o despedaçar de escudos dilacerados e lanças quebradas. Mas os exércitos da Aquilônia se mantinham firmes. Às vezes eram forçados para trás da margem, mas com um contra-ataque com a bandeira negra flutuando sobre o garanhão negro, eles readquiriram o território perdido. E, como uma trincheira de ferro, mantinham a margem direita do riacho; e, finalmente, o escudeiro deu a Conan as notícias de que os nemédios caíam de volta, através do rio.

— As alas deles estão confusas! — ele gritou — Os cavaleiros cambaleiam de volta, fugindo da luta de espadas. Mas o que é isto? Sua bandeira está em movimento... o centro se move riacho adentro! Por Mitra, Valannus está liderando o exército para o outro lado do rio!

— Idiota! — gemeu Conan — Pode ser um truque. Ele deveria manter sua posição; ao amanhecer, Prospero estará aqui, com seus recrutas poitainianos.

— Os cavaleiros avançam para dentro de uma saraivada de flechas! — gritou o escudeiro — Mas eles não hesitam! Eles avançam... eles atravessaram! Estão atacando inclinação acima! Pallantides lançou as alas através do rio, para dar suporte a eles! É tudo o que ele pode fazer. A bandeira do leão mergulha e oscila acima do caos.

"Os cavaleiros da Nemédia param. Estão despedaçados! Eles caem de volta! Sua ala esquerda está em fuga total, e nossos piqueiros os matam enquanto correm! Vejo Valannus, cavalgando e golpeando como um louco. Está empolgado pela sede de batalha. Os homens não olham mais para Pallantides. Eles seguem Valannus, pensando que é Conan, enquanto ele cavalga com a viseira fechada.

"Mas veja! Há método em sua loucura! Ele se afasta bem do fronte nemédio, com 5 mil cavaleiros, os melhores do exército. A principal hoste dos nemédios está confusa... e veja! O flanco deles está protegido pelos penhascos, mas há um desfiladeiro desprotegido! É como uma grande rachadura nas paredes, que se abre novamente atrás das fileiras nemédias. Por Mitra, Valannus vê e aproveita a oportunidade! Ele expulsou a ala deles para diante, e lidera seus cavaleiros através daquela garganta. Eles se afastam bastante da parte principal da batalha; eles atravessam uma fileira de lanceiros, e atacam desfiladeiro adentro!".

— Uma cilada! — gritou Conan, se esforçando para erguer-se.

— Não! — gritou exultante o escudeiro — Todo o exército nemédio está bem à vista! Eles se esqueceram do desfiladeiro! Eles nunca esperaram ser empurrados tão longe de volta. Oh, idiota do Tarascus em cometer tal erro! Ah, eu vejo lanças e flâmulas saindo da boca mais distante do desfiladeiro, além das linhas nemédias. Elas vão golpear aquelas fileiras pela retaguarda e amassá-las. Por Mitra, o que é isto?

Ele hesitou, enquanto as paredes da tenda balançavam como bêbados. Longe do trovejar da luta, se erguia um rugido intenso e berrante, indescritivelmente ameaçador.

— Os penhascos cambaleiam! — guinchou o escudeiro — Oh, deuses, o que é isto? O rio espuma para fora de seu leito, e os picos estão desmoronando! O chão treme, e os cavalos e cavaleiros encouraçados estão derrotados! Os penhascos! Os penhascos estão caindo!

Com suas palavras, veio um retumbar triturante e um abalo trovejante, e o chão tremeu. Acima do ruído da batalha, soavam gritos de louco terror.

— Os penhascos desabaram! — gritou o empalidecido escudeiro — Eles desabaram para dentro do desfiladeiro e esmagaram todas as criaturas vivas nele! Eu vi a bandeira do leão ondular por um instante, entre a poeira e as pedras que caíam, e depois ela desapareceu! Oh, os nemédios gritam de triunfo! Bom, eles podem gritar, pois a queda dos penhascos exterminou 500 dos nossos mais bravos cavaleiros... escute!

Chegou aos ouvidos de Conan uma vasta torrente de som, se erguendo cada vez mais, de forma desvairada:

— O rei está morto! O rei está morto! Fugam! Fugam! O rei está morto!

— Mentirosos! — ofegou Conan — Cães! Patifes! Covardes! Oh, por Crom, se eu pudesse ao menos me levantar... ao menos rastejar até o rio, com minha espada nos dentes. Então, rapaz, eles fogem?

— Sim! — soluçou o escudeiro — Eles correm até o rio; estão desorganizados, espalhados como espuma diante de uma tempestade. Vejo Pallantides se esforçando para deter a torrente... ele caiu, e os cavalos pisam nele! Estão correndo para dentro do rio... cavaleiros, arqueiros e piqueiros... todos misturados numa louca torrente de destruição. Os nemédios estão em seus calcanhares, ceifando-os como trigo.

— Mas eles irão resistir neste lado do rio! — gritou o rei. Com um esforço que lhe fez o suor pingar das têmporas, ele se ergueu sobre os cotovelos.

— Não! — gritou o escudeiro — Eles não podem! Estão desorganizados! Derrotados! Oh, deuses, eu deveria viver para ver este dia!

Então, ele se lembrou de seu dever, e gritou para os homens fortemente armados, que assistiam impassíveis a fuga de seus companheiros:

— Peguem um cavalo, rápido; e me ajudem a erguer o rei sobre ele. Nós não ousamos esperar aqui.

Mas, antes que eles pudessem cumprir sua ordem, a primeira leva do tumulto estava sobre eles. Cavaleiros, lanceiros e arqueiros fugiam por entre as tendas, tropeçando sobre cordas e bagagens; e, misturados com eles, haviam nemédios a cavalo, que golpeavam a torto e a direito todas as figuras estrangeiras. Cordas de tendas foram cortadas, o fogo se ergueu em uma centena de lugares, e o saque já havia começado. Os guardas carrancudos, ao redor da tenda de Conan, morreram onde estavam, golpeando e estocando; e, sobre seus cadáveres esstraçalhados, pisavam os cascos dos conquistadores.

Mas o escudeiro havia deixado a entrada bem fechada; e, na loucura confusa da matança, ninguém percebeu que a tenda continha um ocupante. Assim, a fuga e a perseguição passaram e rugiram vale acima, e logo o escudeiro olhou para fora, para ver um grupo de homens se aproximarem da tenda real, com objetivo evidente.

— Lá vem o rei da Nemédia, com quatro companheiros e seu escudeiro. — ele disse — Ele aceitará sua rendição, meu bom senhor..

— O coração do diabo que se renda! — o rei rangeu os dentes.

Ele havia se forçado para o alto, até ficar sentado. Tirou dolorosamente as pernas do estrado e se ergueu com dificuldade, cambaleando como um bêbado. O escudeiro se apressou para ajudá-lo, mas Conan o empurrou.

— Dê-me aquele arco! — ele disse, rangendo os dentes e apontando para um longo arco e uma aljava, pendurados numa estaca da tenda.

— Mas Majestade! — gritou o escudeiro, em grande perturbação — A batalha está perdida! É obrigação da majestade se render com a dignidade de alguém de sangue real!

— Não tenho sangue real. — Conan rangeu os dentes — Sou um bárbaro e o filho de um ferreiro.

Puxando com força o arco e uma flecha, ele cambaleou em direção à abertura da tenda. Sua aparência era tão temível — vestido apenas com suas calças curtas de couro e camisa sem manga, aberta para revelar seu grande peito peludo, com seus membros enormes e seus olhos azuis ardendo sob a emaranhada cabeleira negra — que o escudeiro recuou, com mais medo de seu rei do que de todo o exército nemédio.

Oscilando sobre as pernas bem abertas, Conan, cambaleante, puxou a aba que cobria a saída e caminhou oscilante para fora, sob o dossel. O rei da Nemédia e seus companheiros haviam desmontado, e pararam bruscamente, encarando assombrados a aparição que os confrontava.

— Aqui estou, seus chacais! — rugiu o cimério — Eu sou o rei! Morte a vocês, irmandade de cães!

Ele puxou a flecha até a cabeça e atirou; e a seta se cravou no peito do cavaleiro que estava ao lado de Tarascus. Conan arremessou o arco em direção ao rei da Nemédia.

— Maldita seja minha mão trêmula! Venha e me levem, se tiverem coragem!

Cambaleando para trás sobre pernas instáveis, ele caiu de costas contra uma estaca de tenda e, ao se levantar, ergueu sua grande espada com ambas

as mãos.

— Por Mitra, é o rei! — praguejou Tarascus. Ele olhou rapidamente ao redor de si, e riu — Aquele outro era um chacal com a armadura dele! Vamos cães, peguem a cabeça dele!

Os três soldados — homens fortemente armados, usando o emblema da guarda real — correram até o rei, e um deles abateu o escudeiro com um golpe de maça. Os outros dois tiveram menos sorte. Quando o mais rápido correu em direção ao rei, com a espada erguida, Conan o enfrentou com um golpe decepante, que lhe abriu os elos da cota— de-malha, como se fossem de pano, e arrancou o braço e ombro do nemédio. Seu cadáver, ao cair pesadamente para trás, bateu contra as pernas do companheiro. O homem cambaleou e, antes que pudesse se recuperar, a grande espada estava lhe atravessando.

Conan puxou para fora sua lâmina de aço, com uma arfada dolorosa, e se apoiou, cambaleante, de volta à estaca da tenda. Seus grandes membros tremiam, o peito arfava e o suor lhe escorria pelo rosto e pescoço. Mas seus olhos ardiam em selvageria exultante, e ele ofegou:

— Por que está tão afastado, cão de Belverus? Não posso lhe alcançar; aproxime-se e morra!

Tarascus hesitou, olhando para o soldado armado que restara e para seu escudeiro, um homem magro e sério vestido em malha negra, e deu um passo à frente. Ele era bem inferior, em tamanho e força, ao gigante cimério, mas estava totalmente blindado, e era famoso em todas as nações ocidentais como espadachim. Mas seu escudeiro agarrou-lhe o braço.

— Não, Majestade, não jogue fora sua vida. Chamarei arqueiros para atirarem neste bárbaro, como fazemos com leões.

Nenhum deles percebera que uma carruagem havia se aproximado durante a luta. Mas Conan viu, olhando por cima dos ombros deles, e um estranho arrepio se arrastou ao longo de sua espinha. Havia algo vagamente não-natural na aparência dos cavalos negros que puxavam o veículo, mas foi o ocupante da carruagem que prendeu a atenção do rei.

Era um homem alto e majestosamente constituído, vestido num longo robe de seda sem adornos. Usava um turbante shemita, cujas pregas inferiores lhe ocultavam as feições, exceto pelos olhos escuros e magnéticos. As mãos que agarravam as rédeas, freando os cavalos da retaguarda, eram brancas, porém fortes. Conan olhou ferozmente para o estranho, e todos os seus instintos primitivos ficaram despertos. Ele sentiu

uma aura de ameaça e poder, transpirando daquela figura velada tão claramente quanto o ondular sem vento do capim alto, marcando a trilha da serpente.

— Salve, Xaltotun! — exclamou Tarascus — Aqui está o rei da Aquilônia! Ele não morreu no deslizamento de terra, como havíamos pensado.

— Eu sei. — respondeu o outro, sem se preocupar em dizer como o sabia — Qual a sua intenção no momento?

— Vou chamar os arqueiros para matarem-no. — respondeu o nemédio

— Enquanto ele viver, será perigoso para nós.

— Até mesmo um cão tem utilidades. — no vivo.

Conan riu asperamente.

respondeu Xaltotun — Peguem-

— Venham e tentem! — ele desafiou — Se não fossem minhas pernas traiçoeiras, eu lhe cortaria fora desta carruagem, como um lenhador cortando uma árvore. Mas você nunca vai me capturar vivo, maldito!

— Receio que ele fale a verdade. — disse Tarascus — O homem é um bárbaro, com a ferocidade insensível de um tigre ferido. Deixe-me chamar os arqueiros.

— Observe-me e aprenda sabedoria. — aconselhou Xaltotun.

Sua mão mergulhou no robe, e saiu com algo brilhante — uma esfera cintilante. Ele a lançou subitamente diante de Conan. O cimério desdenhosamente lançou-a para o lado com um golpe de sua espada; no instante do contato, houve uma explosão aguda, um clarão de fogo branco e cegante, e Conan caiu pesadamente e sem sentidos ao chão.

— Ele está morto? — o tom de Tarascus era mais de afirmação que de interrogação.

— Não. Só está inconsciente. Ele recuperará os sentidos em poucas horas. Mande seus homens amarrarem os braços e pernas dele, e erguê-lo até minha carruagem.

Com um gesto, Tarascus o fez e eles ergueram o rei inconsciente para dentro da carruagem, grunhindo com o peso que carregavam. Xaltotun lançou um manto de veludo sobre o corpo dele, escondendo— o completamente de qualquer um que pudesse olhá-lo com atenção. Ele agarrou as rédeas com as mãos.

— Estou indo para Belverus. — ele disse — Diga a Amalric que estarei com ele, se precisar de mim. Mas, com Conan fora do caminho e seu

exército despedaçado, lanças e espadas serão suficientes para o restante da conquista. Prospero não pode trazer mais do que 10 mil homens para o campo de batalha, e sem dúvida, se precipitará de volta a Tarantia quando ouvir as notícias da batalha. Não diga nada a Amalric, a Valerius, nem a ninguém, sobre nossa captura. Deixe-os pensarem que Conan morreu na queda dos penhascos.

Ele olhou para o soldado armado por um longo tempo, até o guarda se mover inquieto, nervoso diante do exame atento.

— O que é isso ao redor de sua cintura? — indagou Xaltotun.

— Ora, é meu cinto, milorde! — gaguejou o espantado soldado da guarda.

— Está mentindo! — a risada de Xaltotun foi impiedosa, como a lâmina de uma espada — É uma serpente venenosa! Que tolo você é, em vestir um réptil ao redor de sua cintura!

O homem arregalou os olhos para baixo; e, para seu mais absoluto horror, viu a fivela de seu cinto se erguer em sua direção. Era a cabeça de uma serpente! Ele viu os olhos malignos e as presas gotejantes, ouviu o sibilo e sentiu o contato repugnante da coisa ao redor de seu corpo. Ele deu um grito horrendo e a golpeou com a mão nua, sentiu as presas afundarem naquela mão — e então, ele se enrijeceu e caiu pesadamente. Tarascus baixou o olhar para ele, sem expressão. Só tinha visto o cinto de couro e a fivela, cuja ponta havia golpeado a palma da mão do guarda. Xaltotun virou o olhar hipnótico para o escudeiro de Tarascus, e o homem ficou pálido e começou a tremer, mas o rei se interpôs:

— Não, nós podemos confiar nele.

O feiticeiro esticou as rédeas e fez os cavalos darem a volta:

— Faça com que esta parte do trabalho continue secreta. Se eu for necessário, deixe Altaro, criado de Orastes, me convocar como eu o ensinei. Estarei no seu palácio, em Belverus.

Tarascus ergueu a mão em saudação, mas sua expressão não era agradável de se ver, quando ele olhou para trás do hipnotizador que se afastava.

— Por que deveríamos poupar o cimério? — sussurrou o assustado escudeiro.

— É sobre isso que estou me perguntando. — grunhiu Tarascus. Atrás da ribombante carruagem, o rugido surdo da batalha e da perseguição desaparecia à distância; o sol poente rodeava a zoadá com chama escarlate,

e a carruagem se movia para dentro das vastas sombras azuis, que flutuavam vindas do leste.

## IV

### *"De Qual Inferno Você Rastejou?"*

DAQUELA LONGA cavalgada na carruagem de Xaltotun, Conan nada sabia. Jazia como um morto, enquanto as rodas de bronze se estrondeavam sobre as pedras de estradas nas montanhas e zuniam através da grama espessa dos vales férteis; e, finalmente descendo das alturas acidentadas, ribombaram ritmicamente ao longo da larga estrada branca, a qual serpenteia através dos prados até os muros de Belverus.

Logo antes do amanhecer, um fraco renovar de vida o tocou. Ele ouviu um ribombar de vozes e o ranger de dobradiças pesadas. Através de uma fenda no manto que o cobria, ele viu, fracamente na luz avermelhada das tochas, o grande arco negro de um portão, e os rostos barbudos de homens fortemente armados, a luz das tochas se refletindo nas pontas de suas lanças e em seus elmos.

— Como foi a batalha, meu bom senhor? — falou uma voz ansiosa, na língua nemédia.

— Realmente bem. — foi a curta resposta — O rei da Aquilônia jaz morto, e seu exército está esmagado.

Um balbucio de vozes se ergueu, afogado no instante seguinte pelo giro das rodas da carruagem sobre a laje do calçamento. Faíscas cintilaram sob os aros em movimento, quando Xaltotun chicoteou seus corcéis através do arco. Mas Conan ouviu um dos guardas murmurar:

— De além da fronteira até Belverus, entre o pôr-do-sol e a aurora! E os cavalos mal suaram! Por Mitra, eles...

O silêncio lhes tragou as vozes, e só houve o barulho de cascos e rodas ao longo da rua ensombrecida.

Os sons que ficaram registrados no cérebro de Conan nada significavam para ele. Ele era como um autômato que ouve e vê, mas não entende. Visões e sons fluíam sem significado ao seu redor. Ele caiu novamente numa profunda letargia, e só estava vagamente consciente, quando a carruagem parou num pátio escuro, de muros altos, e foi erguido por várias mãos, carregado numa ascendente e serpenteante escada de pedra, e por um longo corredor escuro. Sussurros, passos furtivos e sons desconexos se erguiam ou farfalhavam ao seu redor, irrelevantes e distantes.

Mas o seu último despertar foi abrupto e claro como cristal. Ele possuía total conhecimento da batalha nas montanhas e suas sequências, e tinha uma boa idéia de onde estava.

Ele jazia num leito de veludo, vestido como no dia anterior, mas com os membros presos por pesadas correntes, às quais nem mesmo ele seria capaz de quebrar. A sala onde se encontrava era decorada com sombria magnificência, as paredes cobertas com negras tapeçarias de veludo, e o chão com pesados carpetes púrpuras. Não havia sinal de porta ou janela, e um lampião de ouro curiosamente entalhado, balançando no teto desgastado, espalhava uma luz sinistra sobre tudo.

Naquela luz, a figura sentada diante dele, numa cadeira de prata semelhante a um trono, lhe parecia irreal e fantástica, com uma ilusão de contorno que era aumentada por um delgado robe de seda. Mas as feições eram nítidas — e não-naturais, naquela luz incerta. Era quase como se um estranho anel de luz bailasse ao redor da cabeça do homem, realçando totalmente o rosto barbudo, de modo que este era a única realidade definitiva e distinta, naquele quarto místico e fantasmagórico.

Era um rosto magnífico, com feições fortemente esculpidas, de beleza clássica. Havia, de fato, algo inquietante ao redor da tranquilidade de seu aspecto; uma sugestão de conhecimento mais que humano, de uma profunda convicção, além da certeza humana. Além disso, uma desconfortável sensação de familiaridade se contraiu no fundo da

consciência de Conan. Ele nunca tinha visto antes o rosto deste homem, ele bem sabia; mas suas feições o faziam se lembrar de algo ou alguém. Era como encontrar, em carne e osso, alguma imagem de sonho que lhe assombrara em pesadelos.

— Quem é você? — indagou beligerantemente o rei, se esforçando para sentar-se, apesar de suas correntes.

— Os homens me chamam de Xaltotun. — foi a resposta, numa voz forte e dourada.

— Que lugar é este? — o cimério indagou em seguida.

— Um aposento no palácio do Rei Tarascus, em Belverus.

Conan não estava surpreso. Belverus, a capital, era, ao mesmo tempo, a maior cidade nemédia e a mais próxima da fronteira.

— E onde está Tarascus?

— Com o exército.

— Bem — rosnou Conan -, se pretende me matar, por que não o faz e acaba logo com isto?

— Eu não lhe salvei dos arqueiros do rei, para lhe assassinar em Belverus. — respondeu Xaltotun.

— O que diabos você fez comigo? — exigiu Conan.

— Eu tirei sua consciência. — respondeu Xaltotun — Como, você não entenderia. Chame de magia negra, se quiser.

Conan já havia chegado àquela conclusão, e estava ponderando sobre algo mais.

— Acho que entendo por que você poupou minha vida. — ele retumbou

— Amalric quer me manter como um freio para Valerius, caso o impossível aconteça e ele se torne rei da Aquilônia. Sabe-se muito bem que o barão de Tor está por trás deste golpe para pôr Valerius em meu trono. E, se eu conheço Amalric, ele não pretende deixar que Valerius seja qualquer coisa mais que um chefe nominal, como Tarascus é agora.

— Amalric nada sabe de sua captura. — respondeu Xaltotun — E nem Valerius. Ambos pensam que você morreu em Valkia.

Os olhos de Conan se estreitaram, ao fitarem o homem em silêncio.

— Senti uma inteligência por trás de tudo isso — ele murmurou -, mas pensei que fosse a de Amalric. Amalric, Tarascus e Valerius são todos meras marionetes dançando em seu barbante? Quem é você?

— O que importa? Se eu lhe dissesse, você não acreditaria em mim. O que aconteceria se eu lhe dissesse que posso colocá-lo de volta ao trono da Aquilônia?

Os olhos de Conan arderam sobre ele como os de um lobo.

— Qual o seu preço?

— Obediência a mim.

— Vá pro inferno com sua oferta! — rosnou Conan — Eu não sou chefe nominal. Ganhei minha coroa com minha espada. Além disso, estou fora do

alcance do seu poder, de comprar e vender o trono da Aquilônia à sua vontade. O reino não está conquistado; uma só batalha não decide a guerra.

— Você luta contra mais do que espadas. — respondeu Xaltotun — Foi a espada de um mortal que lhe derrubou em sua tenda, antes da luta? Não; foi um filho das trevas, um pária do espaço exterior, cujos dedos estavam incendiados com a frieza congelada dos golfos negros, que congelou o sangue em suas veias e a força de seus músculos. Frieza tão fria, que lhe queimou a pele como ferro em brasa!

"Foi o acaso que levou o homem que vestia sua armadura a liderar seus cavaleiros para dentro do desfiladeiro? Foi o acaso que fez os penhascos caírem e se espatifarem sobre eles?"

Conan o olhou feroz e silenciosamente, sentindo um arrepio ao longo da espinha. Magos e feiticeiros eram abundantes em sua mitologia, e qualquer tolo poderia dizer que aquele não era um homem comum. Conan sentiu algo inexplicável ao redor dele, que o punha à parte — uma aura estranha de Tempo e Espaço, uma sensação de tremenda e sinistra antiguidade. Mas seu espírito teimoso se recusava a recuar.

— A queda dos penhascos foi por acaso. — ele murmurou selvagememente — O ataque desfiladeiro adentro foi o que qualquer homem teria feito.

— Nem tanto. Você não teria liderado um ataque para dentro dele. Você teria suspeitado de uma cilada. Jamais teria cruzado logo o rio, até estar certo de que a debandada dos nemédios era verdadeira. Sugestões hipnóticas não teriam invadido sua mente, mesmo na loucura da batalha, para lhe enlouquecer e fazer correr cegamente para dentro da armadilha que fiz para você, como fiz com o homem inferior, o qual se disfarçou de você.

— Então, se foi tudo planejado — Conan grunhiu, cético -, tudo um plano para pôr meu exército numa armadilha, por que o "filho das trevas" não me matou em minha tenda?

— Porque eu pretendia lhe capturar vivo. Não precisei de magia para prever que Pallantides mandaria outro homem, em sua armadura. Há uma força vital em você, maior que a velhacaria e astúcia de meus aliados. Você é um inimigo sério, mas poderia ser um ótimo vassalo.

Conan cuspiu selvagememente diante da palavra, e Xaltotun, ignorando— lhe a fúria, pegou um globo de cristal que estava numa mesa próxima, e o colocou diante dele. Ele não o sustentava de modo algum, nem o colocou sobre nada, mas ficou suspenso e imóvel no ar, tão firmemente quanto se

descansasse num pedestal de ferro. Conan riu com desdém diante daquele pedaço de necromancia, mas estava impressionado, apesar de tudo.

— Gostaria de saber o que está acontecendo na Aquilônia? — ele perguntou.

Conan não respondeu, mas a súbita rigidez de seu corpo lhe traiu o interesse.

Xaltotun olhou fixamente para dentro das profundezas nebulosas, e falou:

— Agora é a noite do dia posterior à batalha de Valkia. Na noite passada, o corpo principal do exército acampou pelo Valkia, enquanto esquadrões de cavaleiros perseguiram os aquilonianos fugitivos. De manhã, o exército abandonou o acampamento e fugiu para oeste, através das montanhas. Prospero, com 10 mil poitainianos, estava a milhas do campo de batalha, quando se deparou com os fugitivos sobreviventes no início da manhã. Ele havia avançado por toda a noite, esperando alcançar o campo antes de se juntar à batalha. Incapaz de reorganizar os remanescentes do exército derrotado, ele se precipitou de volta a Tarantia. Cavalgando duramente, substituindo seus cavalos cansados por corcéis pegos nos campos, ele se aproxima de Tarantia.

"Vejo seus cavaleiros cansados, suas armaduras cinzentas de poeira, suas bandeiras caídas enquanto eles dirigem seus cavalos cansados através da planície. Também vejo as ruas de Tarantia. A cidade está em tumulto. De alguma forma, a notícia da derrota e morte do Rei Conan alcançou o povo. A plebe está louca de medo, gritando que o rei está morto, e que não há ninguém para liderá-los contra os nemédios. Sombras gigantescas se lançam sobre a Aquilônia, vindas do leste, e o céu está negro de abutres".

Conan praguejou intensamente:

— O que são estas coisas, além de palavras? O mendigo mais esfarrapado na rua poderia profetizar o mesmo. Se você diz que viu tudo nessa bola de vidro, então você é tão mentiroso quanto patife, e deste último não resta dúvida! Prospero defenderá Tarantia, e os barões irão se reunir a ele. O Conde Trocero de Poitain comanda o reino em minha ausência, e ele mandará esses cães nemédios uivando de volta para seus canis. O que são 5 mil nemédios? A Aquilônia irá tragá-los. Eles jamais verão Belverus novamente. Não foi a Aquilônia que eles derrotaram no Valkia; foi apenas Conan.

— A Aquilônia está condenada. — respondeu Xaltotun, imóvel — A lança, o machado e a tocha irão conquistá-la; e, se eles falharem, os poderes da escuridão das eras marcharão contra ela. Assim como os penhascos caíram em Valkia, assim cairão as cidades muradas e montanhas, se for necessário, e rios rugirão para fora de seus leitos, para afogarem províncias inteiras.

"Melhor se o aço e a corda do arco triunfarem sem a ajuda posterior das artes, pois o uso constante de feitiços poderosos às vezes põem em movimento forças que podem sacudir o universo".

— De qual inferno você rastejou, seu cão das trevas? — murmurou Conan, encarando o homem. O cimério estremeceu involuntariamente; ele sentiu algo incrivelmente antigo, incrivelmente maligno.

Xaltotun ergueu a cabeça, como se ouvindo sussurros através do vácuo. Ele parecia ter esquecido seu prisioneiro. Então, ele sacudiu impacientemente a cabeça, e olhou de forma impessoal para Conan:

— O quê? Ora, se eu lhe contasse, você não acreditaria em mim. Mas estou cansado de conversar com você; é menos cansativo destruir uma cidade murada, do que organizar meus pensamentos em palavras para um bárbaro sem cérebro poder entender.

— Se minhas mãos estivessem livres — opinou Conan -, eu logo faria de você um cadáver sem cérebro.

— Não tenho dúvidas disso, se eu fosse tolo o bastante para lhe dar a oportunidade. — respondeu Xaltotun, batendo palmas. Seus modos haviam mudado; havia impaciência em seu tom de voz, e um certo nervosismo em suas maneiras, embora Conan não achasse que esta atitude estivesse, de forma alguma, conectada com ele próprio.

— Pense no que lhe falei, bárbaro. — disse Xaltotun — Você tem tempo à vontade. Não decidi o que farei com você. Isto depende de circunstâncias ainda vindouras. Mas deixe isto impresso em você: que, se eu decidir lhe usar em meu jogo, será melhor se submeter sem resistência do que sofrer minha ira.

Conan cuspiu uma praga nele, no exato momento em que cortinas, que cobriam a porta, foram abertas e quatro gigantes negros entraram. Cada um vestia apenas uma tanga de seda, segura por um cinto, do qual pendia uma grande chave.

Xaltotun gesticulou com impaciência em direção ao rei e se afastou, como se tirando todo o assunto da mente. Seus dedos se crispavam

estranhamente. De uma caixa entalhada de jade verde, ele pegou um punhado de brilhante poeira negra, e a colocou num braseiro, que se encontrava num tripé dourado próximo ao seu cotovelo. O globo de cristal, o qual ele parecia ter esquecido, caiu subitamente ao chão, como se seu suporte invisível houvesse sido tirado.

Então, os negros ergueram Conan — pois ele estava tão acorrentado que não conseguia andar — e o carregaram para fora do quarto. Um rápido olhar para trás, antes que a pesada porta de teca encadeada a ouro fosse fechada, lhe mostrou Xaltotun se inclinando de volta na sua cadeira em forma de trono, os braços cruzados, enquanto um fino punhado de fumaça se encaracolava para fora do braseiro. O couro cabeludo de Conan se arrepiou. Na Stygia, aquele reino antigo e maligno que fica no sul distante, ele tinha visto aquele pó negro. Era o pólen do lótus negro, o qual produz um sono semelhante à morte e sonhos monstruosos; e ele sabia que apenas os medonhos feiticeiros do Anel Negro, o qual é o ponto mais baixo do mal, buscam voluntariamente os pesadelos escarlates do lótus negro, para reviverem seus poderes necromantes.

O Anel Negro era uma fábula e uma mentira para a maioria das pessoas do mundo ocidental, mas Conan sabia de sua medonha realidade e de seus devotos sombrios, os quais praticavam suas feitiçarias abomináveis no meio das abóbadas negras da Stygia e cúpulas noturnas da amaldiçoada Sabatea. Ele olhou novamente para a enigmática porta encadeada a ouro, estremeando diante do que ela escondia.

Se era dia ou noite, o rei não conseguia dizer. O palácio do Rei Tarascus parecia um lugar de sombras e trevas, que evitava o sol. O espírito da escuridão e da sombra pairava sobre ele; e aquele espírito, Conan sentia, estava corporificado no forasteiro Xaltotun. Os negros carregavam o rei ao longo de um corredor sinuoso, tão fracamente iluminado que eles se moviam através dele como fantasmas negros carregando um homem morto, e logo desceram uma escada que serpenteava sem parar. Uma tocha, na mão de cada um, lançava grandes sombras deformadas que se moviam ao longo da parede; era como um cadáver descendo ao inferno, carregado por demônios pardos.

Por fim, eles chegaram à base da escadaria, e então atravessaram um longo corredor reto, com uma parede clara — de um lado, perfurada por uma ocasional porta arcada, com uma escadaria ascendente atrás dela; e, do

outro lado, outra parede mostrava pesadas portas gradeadas, a intervalos regulares de pouco mais de um metro.

Parando diante de uma dessas portas, um dos negros puxou a chave que lhe pendia do cinto e girou-a dentro da fechadura. Então, empurrando a grade aberta, eles entraram com seu cativo. Estavam num pequeno calabouço, com pesadas paredes, chão e teto de pedra, e, no lado oposto, havia outra porta gradeada. O que havia além daquela porta, Conan não era capaz de dizer, mas ele não acreditava que fosse outro corredor. A luz bruxuleante da tocha, palpitando através das grades, sugeria vastidões sombrias e profundezas ressonantes.

Em um canto do calabouço, próximo à porta pela qual haviam entrado, um cacho de correntes enferrujadas pendia de um grande aro de ferro encaixado na pedra. Nestas correntes, pendia um esqueleto. Conan o olhou ferozmente com certa curiosidade, percebendo o estado de alguns ossos nus, muitos dos quais estavam estilhados e quebrados; o crânio, que havia caído da vértebra, estava esmagado como se por algum golpe selvagem de tremenda força.

Imperturbavelmente, um dos negros, que não era o mesmo que abrira a porta, removeu as correntes do aro, usando sua chave na tranca maciça, e arrastou para um lado a massa de metal enferrujado e ossos despedaçados. Então, eles prenderam as correntes de Conan àquele aro, e o terceiro negro girou sua chave na tranca da porta mais afastada, grunhindo ao se certificar de que estava devidamente presa.

Então, eles olharam misteriosamente para Conan — gigantes de ébano com olhos rasgados, a tocha lhes iluminando as peles lustrosas.

O que prendeu a chave à porta mais próxima, comentou guturalmente:

— Este é o seu palácio agora, cão-rei branco! Ninguém sabe, exceto nós e o amo! Todo o palácio dorme. Nós guardamos segredo. Você vive e morre aqui, talvez. Como ele! — Ele chutou desdenhosamente a caveira despedaçada e a fez rolar ruidosamente pelo chão de pedra.

Conan não se dignou a responder ao escárnio, e o negro, talvez irritado, murmurou uma praga, se abaixou e cuspiu bem no rosto do rei. Foi um ato infeliz para o negro. Conan estava sentado no chão, com as correntes ao redor da cintura, e os tornozelos e pulsos presos ao aro na parede. Ele não podia se erguer, nem se afastar, mais do que 90 centímetros da parede. Mas havia uma considerável parte solta nas correntes que lhe algemavam os pulsos e, antes que a cabeça pontiaguda pudesse ficar fora de alcance, o rei

agarrou esta parte solta em sua mão poderosa e golpeou o negro na cabeça. O homem caiu como um boi abatido, e seus companheiros arregalaram os olhos ao verem-no caído, com o couro cabeludo aberto e o sangue lhe escorrendo do nariz e ouvidos.

Mas eles não tentaram se vingar, nem aceitaram o convite urgente de Conan para se aproximarem do alcance da corrente sangrenta em sua mão. Em seguida, grunhindo em sua fala simiesca, eles ergueram o negro inconsciente e o carregaram para fora, como um saco de trigo, os braços e pernas pendentes. Usaram a chave dele para trancar a porta atrás deles, mas não a tiraram da corrente de ouro que a deixava presa ao cinto dele. Levaram a tocha consigo e, enquanto se moviam pelo corredor, a escuridão se movia furtivamente atrás deles, como uma coisa viva. Seus suaves passos compassados desapareceram à distância, junto com o brilho de sua tocha, e a escuridão e o silêncio continuaram intactos.

## V

### *A Assombração dos Fossos*

CONAN JAZIA IMÓVEL, suportando o peso de suas correntes e o desespero de sua posição, com o estoicismo dos selvagens que o criaram. Ele não se movia, porque o ruído de suas correntes, quando ele mudava de posição, soava assustadoramente alto na escuridão e no silêncio; e era seu instinto, nascido de mil ancestrais nascidos na selva, o de não trair sua posição na sua situação indefesa. Isto não era o resultado de um processo de raciocínio lógico; ele não estava quieto porque havia raciocinado que a escuridão escondia perigos furtivos que poderiam descobri-lo na situação impotente em que se encontrava. Xaltotun havia lhe assegurado que não seria ferido, e Conan acreditava que o homem tinha interesse em preservá-lo, ao menos por enquanto. Mas os instintos do selvagem estavam lá,

aqueles que o faziam, na infância, ficar escondido e em silêncio, enquanto feras selvagens rondavam ao redor de seu esconderijo.

Nem mesmo seus olhos agudos conseguiam penetrar a sólida escuridão. Mas, após um tempo, após um período de tempo do qual ele não tinha meio de calcular, um brilho fraco ficou aparente; uma espécie de raio de luz, oblíquo e cinza, através do qual Conan conseguia ver vagamente as barras da porta próxima ao seu cotovelo, e até distinguir a estrutura da outra grade. Isto o intrigou, até que ele finalmente percebeu a explicação. Ele estava bem abaixo do chão, nos fossos sob o palácio; mas, por algum motivo, um poço de ventilação havia sido construído em algum lugar no alto. Lá fora, a lua se erguera até um ponto onde sua luz se inclinava fracamente em direção ao orifício. Ele refletiu que, desta maneira, poderia acompanhar a passagem dos dias e noites. Talvez o sol também pudesse lançar seu brilho através desse orifício, embora, por outro lado, ele pudesse ser fechado de dia. Talvez isso fosse um sutil método de tortura, permitindo ao prisioneiro apenas um vislumbre da luz do dia ou do luar.

Seu olhar caiu sobre os ossos quebrados no canto mais afastado, brilhando fracamente. Ele não forçou o cérebro com fúteis especulações sobre quem havia sido o infeliz, ou por qual razão havia sido condenado, mas se perguntou a respeito do estado despedaçado dos ossos. Eles não haviam sido quebrados numa mesa de tortura. Então, enquanto ele olhava, outro detalhe repugnante se fez evidente. Os ossos das canelas estavam partidos ao comprimento, e só havia uma explicação: haviam sido quebrados desta maneira, a fim de se obter o tutano. Mas qual criatura, além do homem, quebra ossos em busca de tutano? Talvez aqueles restos fossem evidências mudas de um horrível banquete canibal, feito por algum coitado enlouquecido pela fome. Conan se perguntou se seus próprios ossos seriam encontrados em alguma época do futuro, pendurados em suas correntes enferrujadas. Ele lutou contra o pânico insensato de um lobo capturado numa armadilha.

O cimério não praguejou, gritou, chorou nem delirou, como um homem civilizado faria. Mas a dor e agitação em seu peito não eram menos ferozes. Seus grandes membros tremiam com a intensidade de suas emoções. Em algum lugar, bem longe a oeste, o exército nemédio estava despedaçando e queimando, em seu caminho para o coração do reino. A pequena hoste de poitainianos não era párea para eles. Prospero poderia ser capaz de defender Tarantia durante semanas, ou meses; mas, por fim, se não fosse auxiliado,

render-se— ia à superioridade numérica dos inimigos. Certamente os barões iriam se reunir a ele contra os invasores. Mas, no momento, ele, Conan, ficaria indefeso numa cela escura, enquanto outros conduziam as lanças dele e lutavam pelo reino dele. O rei rangeu os dentes poderosos em fúria vermelha.

Logo, ele se enrijeceu ao ouvir um passo furtivo, do lado de fora da porta mais afastada. Forçando os olhos, percebeu uma figura curvada e indistinta do outro lado da grade. Havia um ruído de metal contra metal, e ele ouviu um tinido de trancas, como se uma chave tivesse sido girada na fechadura. Então, a figura se afastou silenciosamente de seu alcance visual. Algum guarda, pensou ele, testando a fechadura. Após algum tempo, ouviu o som ser repetido fracamente em algum lugar mais distante, e este era seguido pelo suave abrir de uma porta, e então, um rápido correr de pés suavemente calçados se retirando à distância. Logo, o silêncio caiu novamente.

Conan aguçou os ouvidos durante o que pareceu ser um longo tempo, mas não poderia ser, pois a lua ainda brilhava através do orifício escondido; mas ele não ouviu outro som. Ele finalmente mudou de posição, e suas correntes retiniram. Logo, ele ouviu outro passo, mais leve — um passo suave do lado de fora da porta mais próxima, a porta através da qual ele havia adentrado a cela. Um instante depois, uma figura delgada se destacou na luz cinza.

— Rei Conan! — uma voz suave entoou urgentemente — Ó, milorde, você está aí?

— Onde mais? — ele respondeu cautelosamente, torcendo a cabeça para o lado, a fim de fixar a aparição.

Era uma garota, que estava agarrando as grades com seus dedos delgados. O brilho fraco atrás dela lhe delineava o contorno flexível, através do punhado de seda enrolado ao redor de seus quadris, e brilhou vagamente em suas placas peitorais enfeitadas de jóias. Seus olhos escuros brilhavam nas sombras e seus membros brancos cintilavam suavemente, como alabastro. O cabelo dela era uma massa de espuma escura, diante do lustre polido, do qual a luz fraca era apenas uma insinuação.

— As chaves para seus grilhões e para a porta mais distante! — ela sussurrou, e uma delgada mão branca atravessou as grades e deixou cair três objetos, com um tinido, sobre as lajes ao lado dele.

— Que brincadeira é esta? — ele indagou — Você fala na língua nemédia, e eu não tenho amigos na Nemédia. Qual a diabrura que seu amo

está fazendo agora? Ele lhe enviou aqui para zombar de mim?

— Não é zombaria. — A garota tremia violentamente. Com seus braceletes e placas peitorais colados contra as barras, ela ofegou: — Juro por Mitra! Roubei as chaves dos carcereiros negros. Eles são os guardiões dos fossos, e cada um carrega uma chave que abrirá apenas um conjunto de fechaduras. Eu os embriaguei. Aquele cuja cabeça você quebrou foi levado para um médico, e não pude obter a chave dele. Mas roubei as outras. Oh, por favor, não demore! Além destes calabouços ficam os fossos, que são as portas para o inferno!

Um tanto impressionado, Conan testou as chaves duvidoso, esperando encontrar apenas fracasso e um estouro de risada zombeteira. Mas ele ficou galvanizado ao descobrir que, de fato, uma lhe soltou de seus grilhões, derrubando não apenas a tranca que as prendia ao aro, mas as que lhe prendiam os membros. Poucos segundos depois, ele se erguia ereto, exultando ferozmente em sua relativa liberdade. Um rápido passo o levou até a grade, e seus dedos se fecharam ao redor de uma barra e do delgado pulso que se pressionava contra ela, segurando a dona, que ergueu bravamente o rosto em direção ao seu olhar feroz.

— Quem é você, garota? — ele indagou — Por que faz isto?

— Sou apenas Zenóbia — ela murmurou, num acesso de respiração ofegante, como se assustada -; apenas uma garota do harém do rei.

— A menos que isto seja uma maldita trapaça — murmurou Conan -, não vejo razão para você me trazer estas chaves.

Ela abaixou a cabeça escura, e logo a ergueu e olhou bem para dentro dos olhos desconfiados dele. Lágrimas cintilavam como jóias nos longos cílios dela.

— Sou apenas uma garota do serralho do rei. — ela disse, com certa humildade — Ele nunca olhou para mim, e provavelmente nunca o fará. Sou menos que um dos cães que roem os ossos em seu salão de banquetes.

"Mas eu não sou um brinquedo pintado; sou de carne e sangue. Eu respiro, odeio, sinto medo, me alegro e amo. E amo você, Rei Conan, desde quando lhe vi cavalgando à frente de seus cavaleiros pelas ruas de Belverus, quando você visitou o Rei Nimed, anos atrás. Meu coração saiu violentamente das costelas, para pular de meu peito e cair no pó da rua, sob os cascos de seu cavalo".

O rosto dela corou enquanto falava, mas seus olhos escuros não vacilaram. Conan não respondeu logo; ele era selvagem, irascível e

indomável, mas somente o mais bruto dos homens não seria tocado por certo pasmo ou admiração diante do desnudar da alma de uma mulher.

Então, ela inclinou a cabeça e pressionou os lábios vermelhos contra os dedos que lhe seguravam o pulso delgado. Logo, ela ergueu a cabeça, como se em súbita lembrança de sua posição, e o terror luziu em seus olhos escuros.

— Depressa! — ela sussurrou urgentemente — Já passa da meia-noite. Você deve ir embora.

— Mas, não irão lhe esfolar viva por ter roubado estas chaves?

— Eles nunca saberão. Se os negros se lembrarem, de manhã, de quem deu vinho a eles, não ousarão admitir que as chaves foram roubadas deles enquanto estavam bêbados. A chave que não consegui obter é a que destranca esta porta. Você deve abrir caminho para a liberdade através dos fossos. Quais os perigos medonhos que se ocultam através daquela porta, eu não consigo sequer imaginar. Mas perigos maiores lhe rondam, se você continuar nesta cela. O Rei Tarascus retornou...

— O quê? Tarascus?

— Sim! Ele havia retornado, em grande segredo; e, há não muito tempo, ele desceu para dentro dos fossos, e depois saiu novamente, pálido e trêmulo como um homem que havia ousado fazer algo muito arriscado. Eu o ouvi sussurrar ao escudeiro dele, Arideus, que, apesar da opinião de Xaltotun, você deveria morrer.

— E quanto a Xaltotun? — murmurou Conan. Ele sentiu o estremecimento dela.

— Não fale nele! — ela sussurrou — Demônios são frequentemente convocados pelo som de seus nomes. Os escravos dizem que ele se encontra em seus aposentos, atrás de uma porta trancada, sonhando os sonhos do lótus negro. Creio que até mesmo Tarascus o teme secretamente, ou ele teria lhe matado abertamente. Mas ele esteve nos fossos esta noite, e o que fez lá, só Mitra sabe.

— Eu me pergunto se poderia ter sido Tarascus quem tateou na minha cela, há pouco tempo atrás. — murmurou Conan.

— Aqui está uma adaga! — ela sussurrou, empurrado algo através das barras. Os dedos ansiosos dele se fecharam sobre um objeto familiar ao seu toque — Vá logo por aquela porta, vire à esquerda e prossiga ao longo das celas, até chegar a uma escadaria de pedra. Por sua vida, não se desvie do caminho das celas! Suba a escada e abra a porta no topo; uma das chaves irá

abri-la. Se for a vontade de Mitra, eu lhe esperarei lá. — Em seguida, ela foi embora, com um rufar de pés leves e calçados com chinelos.

Conan encolheu os ombros, e se voltou em direção à grade mais afastada. Isto poderia ser uma armadilha diabólica, planejada por Tarascus, mas mergulhar de ponta-cabeça numa cilada era menos detestável ao temperamento de Conan, do que ficar sentado pacificamente, à espera de seu destino. Ele examinou a arma que a garota havia lhe dado, e sorriu sombriamente. Quem quer que fosse a jovem, ela havia provado, através daquela adaga, ser uma pessoa de inteligência prática. Não era uma faca fina, escolhida porque tivesse um cabo com jóias ou uma guarda de ouro, adequada apenas para um delicado assassinato num quarto de damas; era um punhal, uma arma de guerreiro, com lâmina larga, de 38 centímetros de comprimento, se afilando até uma ponta bem afiada.

Ele grunhiu satisfeito. O contato com o cabo o animou e lhe deu um calor de confiança. Quaisquer redes de conspiração que estivessem ao seu redor, qualquer trapaça e traição que o laçassem, esta adaga era real. Os grandes músculos de seu braço direito incharam em expectativa por golpes assassinos.

Ele testou a porta mais afastada, estrondeando com as chaves enquanto o fazia. Não estava trancada. Mas ele se lembrou do negro trancando-a. Aquela furtiva figura curvada, então, não havia sido nenhum carcereiro vendo se as trancas estavam no lugar. Ao invés disso, ele havia destrancado a porta. Havia uma sugestão sinistra ao redor daquela porta destrancada. Mas Conan não hesitou. Ele abriu a grade com um empurrão, e andou, do calabouço para dentro da escuridão externa.

Como havia pensado, a porta não se abria para outro corredor. A porta caída se estendia sob seus pés, e a fileira de celas seguia à direita e esquerda atrás dele, mas ele não conseguia perceber os outros limites do lugar ao qual havia chegado. Não conseguia ver o teto, nem qualquer outra parede. O luar só se filtrava naquela vastidão através das grades das celas, e quase se perdia no escuro. Olhos menos agudos que os dele mal poderiam discernir as vagas manchas cinzas que pairavam diante da porta de cada cela.

Virando para a esquerda, ele se moveu rápida e silenciosamente ao longo da fileira de masmorras, seu pés descalços sem fazerem som algum nas lajes. Olhava brevemente para cada calabouço, enquanto passava. Estavam todos vazios, porém trancados. Em alguns, ele teve o vislumbre de desnudos ossos brancos. Estes fossos eram uma relíquia de uma era mais

sombria, construídos há muito tempo, quando Belverus era mais uma fortaleza do que uma cidade. Mas, evidentemente, o uso mais recente deles havia sido mais amplo do que o mundo pensava.

À sua frente, logo depois, ele viu o vago contorno de uma escadaria, se inclinando abruptamente para cima, e percebeu que deveria ser a escada à qual procurava. Então, ele girou abruptamente, se agachando nas sombras profundas aos seus pés.

Em algum lugar atrás dele, algo se movia — algo volumoso e furtivo, que andava sobre pés que não eram humanos. Ele estava olhando para a longa fileira de celas, diante de cada qual havia um quadrado de vaga luz cinza, que era pouco mais que uma mancha de escuridão menos densa. O que era, ele não conseguiria dizer, mas era pesado e enorme, e mesmo assim se movia com facilidade e rapidez mais que humanas. Ele vislumbrou a coisa enquanto ela se movia através dos quadrados de cinza, e logo a perdeu de vista quando ela se fundiu às vastidões intermediárias de sombra. Era misteriosa, em seu avanço furtivo, aparecendo e sumindo de vista, como um borrão.

Ele ouviu as grades retinirem, enquanto a coisa testava cada uma das portas em sequência. Agora, havia alcançado a cela que ele havia tão recentemente abandonado, e a porta se abriu quando a coisa a puxou. Ele viu uma grande forma volumosa se delinear fraca e brevemente na portada cinza, e então a coisa desapareceu dentro da masmorra. O suor brotava no rosto e nas mãos de Conan. Agora ele sabia por que Tarascus havia chegado tão sutilmente à sua porta, e depois fugira tão rapidamente. O rei havia lhe destrancado a porta e, em algum lugar nestes fossos infernais, havia aberto uma cela ou jaula que prendia alguma monstruosidade sombria.

Agora a coisa estava saindo da cela, e avançava novamente pelo corredor, com a cabeça disforme próxima ao chão. Ela não prestava mais atenção às portas trancadas. Estava farejando sua presa. Ele a via mais claramente agora; a luz cinza delineava um gigantesco corpo antropomórfico, mas com um volume e cintura muito mais amplos que os de qualquer homem. Andava sobre duas pernas, embora se curvasse para a frente, e era cinzento e peludo, e sua pelagem curta era raiada de prata. Sua cabeça era uma paródia medonha da humana, e seus braços longos pendiam próximos ao chão.

Conan finalmente soube e entendeu o significado daqueles ossos esmagados e quebrados no calabouço, e reconheceu a assombração dos

fossos. Era um macaco cinza, um dos pavorosos devoradores de homens, das florestas que ondulam nas montanhosas praias orientais do Mar de Vilayet. Meio míticos e completamente horríveis, estes macacos eram os duendes das lendas hiborianas, e eram na realidade os ogros do mundo natural, canibais e assassinos das florestas escuras.

Ele sabia que a coisa havia farejado sua presença, pois ela agora se aproximava rapidamente, rolando velozmente seu corpo em forma de barril sobre suas pernas curtas, poderosas e arqueadas. Ele ergueu rapidamente o olhar para a longa escadaria, mas percebeu que a coisa estaria em suas costas antes que ele pudesse subir até a porta distante. Ele escolheu enfrentá-lo face a face.

Conan adentrou o quadrado mais próximo de luar, para ter toda a vantagem de iluminação que pudesse; pois a fera, ele sabia, conseguia enxergar melhor que ele próprio no escuro. Instantaneamente, a fera o viu; suas presas amarelas brilhavam no escuro, mas ela não fez som. Criaturas da noite e do silêncio, os macacos cinzentos do Vilayet não tinham voz. Mas, em suas feições distintas e hediondas, as quais eram uma caricatura bestial de um rosto humano, aparecia uma medonha alegria.

Conan se manteve em equilíbrio, observando, sem um tremor, o monstro que se aproximava. Ele sabia que arriscaria sua vida com uma estocada; não haveria chance para outra, nem haveria tempo para atacar e pular fora. O primeiro golpe deveria matar, e matar instantaneamente, se ele esperava sobreviver àquela terrível luta corpo-a-corpo. Ele percorreu o olhar sobre o curto pescoço quadrado, a peluda e enorme barriga, e o peito poderoso, inchado em arcos gigantes como escudos gêmeos. Tinha que ser o coração; melhor correr o risco da lâmina ser desviada pelas costelas espessas, do que atacar onde um golpe não seria instantaneamente fatal. Com total conhecimento das possibilidades, Conan pôs sua rapidez de olhos e mão, e sua força muscular, contra a força bruta e ferocidade do antropófago. Ele deveria enfrentar a fera peito a peito, dar um golpe mortal e então confiar no vigor de sua estrutura para sobreviver ao instante de uso de força muscular, que ele certamente passaria.

Quando o macaco se aproximou em sua direção, balançando largamente os braços terríveis, o cimério pulou para dentro deles e golpeou com toda a sua força desesperada. Ele sentiu a lâmina afundar até o cabo no peito peludo, e instantaneamente largou o cabo, abaixou a cabeça e contraiu o corpo inteiro numa massa compacta de músculos unidos, e, enquanto fazia

isso, ele agarrou os braços que se fechavam e bateu ferozmente o joelho na barriga do monstro, firmando-se contra aquele aperto esmagador.

Por um vertiginoso instante, ele se sentiu como se estivesse sendo desmembrado no aperto de um terremoto; logo, ele estava subitamente livre, esparramado no chão, e o monstro arfava moribundo sob ele, seus olhos vermelhos virados para o alto, o cabo do punhal estremecendo em seu peito. Sua desesperada facada havia encontrado seu alvo.

Conan ofegava como se após um longo conflito, com todos os membros tremendo. Algumas de suas articulações doíam como se houvessem sido deslocadas, e o sangue pingava de arranhões no seu lado, onde as garras do monstro haviam rasgado; seus músculos e tendões haviam sido selvagememente puxados e torcidos. Se a fera tivesse vivido mais um segundo, ela certamente o teria desmembrado. Mas a enorme força do cimério havia resistido, pelo instante fugaz que havia durado, à convulsão moribunda do macaco, a qual teria rasgado, membro a membro, um homem mais fraco.

## VI

### *A Estocada de Uma Faca*

CONAN SE CURVOU E arrancou a faca do peito do monstro. Então, subiu rapidamente a escadaria. Que outras formas de medo a escuridão abrigava, ele não conseguia imaginar, mas não tinha desejo de encontrar qualquer outra. Aquela maneira arriscada de luta havia sido esforçada demais, até mesmo para o gigante cimério. O luar estava se afastando do chão, as trevas se fechando, e algo semelhante ao pânico o perseguia escada acima. Ele deu suspiro borrascoso de alívio, quando alcançou o topo e sentiu a terceira chave girar dentro da fechadura. Ele abriu levemente a porta, e esticou o pescoço para espiar através dela, meio esperando um ataque de algum inimigo humano ou bestial.

Olhou para dentro de um corredor de pedra nua, fracamente iluminado, e uma figura esguia e flexível se erguia diante da porta.

— Majestade! — Era uma exclamação baixa e vibrante, meio aliviada e meio temerosa. A garota lançou-se para o lado dele, e então hesitou, como se desconcertada.

— Você está sangrando. — ela disse — Você foi ferido! Ele pôs a implicação de lado com uma mão impaciente.

— Arranhões que não feririam um bebê. Seu espeto, no entanto, me foi útil. Se não fosse por ele, o macaquinho de Tarascus estaria agora quebrando os ossos de minhas canelas, em busca de tutano. Mas e agora?

— Siga-me! — ela sussurrou — Vou lhe guiar para fora dos muros da cidade. Tenho um cavalo escondido lá.

Ela deu a volta para ir à frente pelo corredor, mas ele pôs uma mão pesada no ombro nu dela.

— Caminhe ao meu lado. — ele a recomendou suavemente, passando o braço volumoso ao redor da cintura esguia dela — Você agiu corretamente comigo, e estou disposto a acreditar em você; mas eu vivi até hoje, porque nunca confiei demais em alguém, fosse homem ou mulher. Portanto, se a partir de agora, você me trair, não viverá para apreciar a brincadeira.

Ela não vacilou ao ver o punhal avermelhado, nem ao sentir o contato dos músculos sólidos ao redor do corpo flexível.

— Mate-me sem piedade, se eu lhe trair. — ela respondeu — A simples sensação de seu braço ao meu redor, mesmo em ameaça, é com a realização de um sonho.

O corredor abobadado terminou numa porta, a qual ela abriu. Do lado de fora, jazia outro negro, um gigante usando tanga de seda e turbante, com uma espada curva sobre as lajes e próxima ao seu cinto. Ele não se movia.

— Eu droguei o vinho dele. — ela sussurrou, se desviando para evitar a forma deitada — Ele é o último e mais externo guardião dos fossos. Ninguém nunca escapou deles antes; e ninguém nunca desejou buscá-los; assim, apenas estes negros os guardam. Apenas eles, dentre todos os servos, sabiam que era o Rei Conan a quem Xaltotun trouxe prisioneiro em sua carruagem. Eu estava observando, sem sono, de um batente de janela no alto, o qual se abria para o pátio, enquanto as outras garotas dormiam; pois eu sabia que uma batalha estava sendo lutada, ou havia sido lutada, a oeste, e eu temia por você...

"Vi os negros lhe carregarem escada acima, e lhe reconheci sob a luz das tochas. Escapuli para dentro desta ala do palácio esta noite, a tempo de vê-los lhe carregando para os fossos. Eu não ousaria vir para cá antes do cair da noite. Você deve ter jazido em inconsciência drogada o dia todo, nos aposentos de Xaltotun.

"Oh, sejamos cautelosos! Coisas estranhas estão acontecendo no palácio esta noite. Os escravos disseram que Xaltotun dormiu como sempre dorme, drogado pelo lótus da Stygia, mas Tarascus está no palácio. Ele entrou secretamente através do pequeno portão dos fundos, envolto em seu manto, o qual estava poeirento como se de uma longa viagem, e acompanhado apenas por seu escudeiro, o magro e silencioso Arideus. Não consigo entender, mas estou com medo".

Eles foram até o pé de uma escadaria longa e serpenteante, e, após subirem-na, passaram através de um estreito painel, ao qual ela empurrou para um lado. Quando o atravessaram, ela o empurrou de volta ao lugar, e ele se tornou meramente uma parte da parede ornamentada. Eles estavam num corredor mais espaçoso, com tapetes e tapeçarias, sobre o qual lampiões pendurados lançavam um brilho dourado.

Conan aguçou atentamente a audição, mas não ouviu som algum por todo o palácio. Ele não sabia em que parte do palácio estava, nem em qual direção ficavam os aposentos de Xaltotun. A garota tremia enquanto o guiava ao longo do corredor, para parar dentro em pouco, ao lado de uma alcova disfarçada com tapeçaria de cetim. Empurrando esta, ela gesticulou para ele entrar no nicho, e sussurrou:

— Espere aqui! Além daquela porta no final do corredor, podemos encontrar escravos ou eunucos a qualquer hora do dia ou da noite. Irei para ver se o caminho está livre, antes de o experimentarmos.

Instantaneamente, suas suspeitas foram despertadas:

— Está me levando para uma armadilha?

Lágrimas brotaram dos olhos escuros dela. Ela caiu de joelhos e agarrou-lhe a mão musculosa:

— Ó, meu rei, não desconfie de mim agora! — A voz dela tremia com urgência desesperada — Se você duvidar e hesitar, estaremos perdidos! Por que eu lhe tiraria dos fossos para lhe trair agora?

— Tudo bem. — ele sussurrou — Confiarei em você; mas, por Crom, os hábitos de toda uma vida não são tão facilmente postos de lado. Mas eu não vou lhe fazer mal agora, mesmo que você traga todos os espadachins da

Nemédia contra mim. Se não fosse por você, o maldito macaco de Tarascus teria vindo para cima de mim acorrentado e desarmado. Faça como quiser, garota.

Beijando-lhe as mãos, ela pulou graciosamente para cima e correu pelo corredor, até sumir por uma pesada porta dupla.

Ele a olhou, perguntando a si mesmo se era um tolo para confiar nela; logo, ele encolheu os ombros poderosos e juntou as cortinas de cetim, ocultando seu refúgio. Não era estranho que uma apaixonada beleza jovem arriscasse sua vida para ajudá-lo; tais coisas haviam acontecido de forma bastante frequente em sua vida. Muitas mulheres o haviam estimado, em seus dias de perambulações e no tempo de seu reinado.

Mas ele não ficou imóvel na alcova, esperando pelo retorno dela. Seguindo seus instintos, ele explorou o nicho em busca de outra saída, e logo achou uma: a abertura de uma passagem estreita, oculta por tapeçarias, que seguia para uma porta com entalhes ornamentados, mal visível na luz fosca que se infiltrava desde o corredor externo. E, ao olhar para dentro dela, em algum lugar além daquela porta esculpida, ele ouviu o som de outra porta se abrindo e fechando, e em seguida, um baixo murmúrio de vozes. O som familiar de uma daquelas vozes fez uma expressão sinistra lhe cruzar o rosto moreno. Sem hesitar, ele deslizou pela passagem e se agachou como uma pantera à espreita, ao lado da porta. Ela não estava trancada e, manipulando-a delicadamente, ele a abriu com um estalo, num indiferente descaso por possíveis consequências, que só ele poderia explicar ou justificar.

Ela estava oculta por tapeçarias no outro lado, mas, através de um talho no veludo, ele olhou para dentro de uma câmara, iluminada apenas por uma vela numa mesa de ébano. Havia dois homens naquela câmara. Um deles era um bandido cicatrizado, de aparência sinistra, usando calças de couro e manto esfarrapado; o outro era Tarascus, rei da Nemédia.

Tarascus não parecia estar à vontade. Estava ligeiramente pálido, e continuava sobressaltado e olhando ao redor de si, como se esperando e temendo ouvir algum som ou passo.

— Vá rápido e de uma vez. — ele dizia — Ele está num profundo sono drogado, mas não sei quando pode acordar.

— Estranho ouvir palavras de medo saindo dos lábios de Tarascus. — roncou o outro numa voz áspera e profunda. O rei franziu a testa:

— Eu não temo homens comuns, como você bem sabe. Mas, quando vi os penhascos caírem em Valkia, percebi que aquele demônio, ao qual havíamos ressuscitado, não era charlatão. Eu temo os poderes dele, pois não conheço sua total extensão. Mas sei que, de alguma forma, estão ligados a esta coisa maldita, a qual roubei para ele. Ela o trouxe à vida; então, ela deve ser a fonte de sua feitiçaria.

"Ele a escondeu bem escondida; mas, seguindo minha ordem secreta, um escravo o espionou, o viu colocá-la num cofre dourado e viu onde ele escondeu o cofre. Mesmo assim, eu não ousaria roubá-la se o próprio Xaltotun não estivesse mergulhado no sono do lótus.

"Acredito que ela é o segredo de seu poder. Com ela, Orastes o trouxe de volta à vida. Com ela, ele escravizará a todos nós, se não tomarmos cuidado. Então, leve-a e jogue-a no mar, como lhe ordenei. E certifique-se de estar tão longe da terra, que nem maré nem tempestade a arrastem para a praia. Você foi pago".

— Sim, eu fui. — grunhiu o bandido — Eu lhe devo mais do que ouro, majestade; eu lhe tenho um débito de gratidão. Até mesmo ladrões podem ser gratos.

— Qualquer débito que você possa achar que tem comigo — respondeu Tarascus — será pago, quando você houver arremessado esta coisa dentro do mar.

— Cavalgarei para Zingara e pegarei um navio em Kordava. — prometeu o outro — Não ousou mostrar minha cabeça em Argos, por causa de um assunto a respeito de um assassinato...

— Não me importo, desde que você o faça. Aqui está ela; um cavalo lhe aguarda no pátio. Vá, e vá rápido!

Algo passou entre eles; algo que ardia como fogo vivo. Conan teve apenas um breve vislumbre daquilo; e logo, o bandido puxou um chapéu desleixado sobre os olhos, ajustou o manto sobre os ombros e saiu rapidamente da sala. E, quando a porta se fechou atrás dele, Conan se moveu com a fúria devastadora de uma desacorrentada sede de sangue. Ele havia se mantido em autocontrole até onde pôde. A visão de seu inimigo, tão perto dele, colocou-lhe o sangue selvagem fervendo, e varreu para longe toda a cautela e prudência.

Tarascus se dirigia a uma porta interna, quando Conan empurrou as cortinas para o lado e saltou para dentro da sala, como uma pantera louca

por sangue. Tarascus deu a volta, mas, antes mesmo que pudesse reconhecer seu atacante, o punhal de Conan o rasgou.

Mas o golpe não foi mortal, como Conan percebeu no momento em que atacou. Seu pé havia se enroscado numa dobra das cortinas, e o fez tropeçar enquanto saltava. A ponta do punhal havia cortado o ombro de Tarascus e lhe arranhado as costelas, e o rei da Nemédia gritou.

O impacto do golpe, e a investida do corpo de Conan, o lançaram de costas contra a mesa; esta caiu e a vela voou longe. Ambos foram levados ao chão pela violência da investida de Conan, e a parte baixa da tapeçaria tolheu os dois em suas dobras. Conan esfaqueava cegamente no escuro e Tarascus gritava num frenesi de terror e pânico. Como o pânico lhe deu energia super-humana, Tarascus se soltou com um puxão e se afastou aos tropeções no escuro, guinchando:

— Socorro! Guardas! Arideus! Orastes! Orastes!

Conan se levantou, livrando-se, aos chutes, das tapeçarias emaranhadas e mesas quebradas, praguejando com a amargura de sua sede frustrada de sangue. Ele estava confuso, e não conhecia a planta do palácio. Os gritos de Tarascus ainda ressoavam à distância, e um alarido selvagem explodia em resposta. O nemédio havia escapado dele na escuridão, e Conan não sabia por qual caminho ele tinha ido. O ataque precipitado do cimério havia falhado, e só restava a tarefa de salvar a própria pele, se ele pudesse.

Praguejando sinistramente, Conan correu de volta pela passagem e para dentro da alcova, olhando para fora, em direção ao corredor iluminado, no exato momento em que Zenóbia veio correndo por ele, com os olhos escuros dilatados de terror.

— Oh, o que aconteceu? — ela gritou — O palácio está em agitação! Eu juro que não lhe traí...

— Não; fui eu que mexi nesse ninho de marimbondos. — ele grunhiu — Tentei saldar uma dívida. Qual o caminho mais curto para fora daqui?

Ela pegou-lhe o pulso e correu velozmente pelo corredor. Mas, antes que eles alcançassem a pesada porta na outra extremidade, gritos abafados se ergueram atrás dela, e as portadas começaram a estremecer sob o ataque do outro lado. Zenóbia torceu as mãos e choramingou.

— Estamos perdidos! Tranquei aquela porta, quando retornei através dela. Mas irão arrombá-la num instante. O caminho para o pequeno portão dos fundos é através dela.

Conan girou. De outro lado do corredor, embora ainda fora de vista, ele ouviu um clamor crescente, o qual lhe dizia que seus inimigos estavam tanto atrás dele quanto à sua frente...

— Rápido! Pra dentro desta porta! — a garota gritou desesperadamente, indo velozmente pelo corredor e abrindo violentamente a porta de uma sala.

Conan a seguiu através dela, e logo puxou a tranca de ouro atrás deles. Eles se encontravam numa câmara com mobílias ornamentadas, vazia exceto por eles, e ela o puxou para uma janela com barras de ouro, através da qual ele viu árvores e arbustos.

— Você é forte. — ela arfou — Se puder arrancar estas grades, você ainda pode escapar. O jardim está cheio de guardas, mas os arbustos são espessos, e você pode evitá-los. A muralha sul é também a muralha externa da cidade. Uma vez sobre ela, você tem uma chance de escapar. Há um cavalo escondido para você, num matagal ao lado da estrada que corre para oeste, poucas centenas de passos ao sul da fonte de Thrallos. Você sabe onde fica?

— Sim! Mas e quanto a você? Eu pretendia lhe levar comigo. Uma maré de alegria iluminou o belo rosto dela.

— Então, minha taça de alegria está cheia até a borda! Mas não quero impedir sua fuga. Sobrecarregado comigo, você falharia. Não, não tema por mim. Eles nunca suspeitarão que eu lhe ajudei de boa vontade. Vá! O que você acabou de dizer glorificará minha vida através dos longos anos.

Ele a tomou nos braços de ferro, apertou-lhe a forma esguia e vibrante contra ele e a beijou ferozmente nos olhos, bochechas, pescoço e lábios, até ela ofegar em seu abraço; borrascosa e tempestuosa como o vento de um temporal, até sua forma de fazer amor era violenta.

— Eu vou. — ele murmurou — Mas, por Crom, voltarei para você algum dia!

Girando, ele agarrou as barras douradas e as arrancou de seus encaixes com um tremendo puxão; lançou uma perna sobre o parapeito e desceu rapidamente, se agarrando aos enfeites no muro. Alcançou o chão correndo, e desapareceu como uma sombra dentro do labirinto de roseiras altas e árvores expandidas. O único olhar que lançou para trás, por cima do ombro, mostrou-lhe Zenóbia se inclinando sobre o parapeito da janela, seus braços estendidos atrás dele em mudo adeus e renúncia.

Guardas corriam pelo jardim, todos eles convergindo em direção ao palácio, onde o clamor ficou momentaneamente mais alto — homens altos,

em couraças polidas e elmos de bronze polido, com cristas. A luz das estrelas reluzia em suas armaduras brilhantes, por entre as árvores, traindo-lhes todo e qualquer movimento; mas o som de suas chegadas era baixo para eles. Para Conan, nascido e criado na selva, o movimento deles através dos arbustos era como o gado em desajeitado estouro de manada. Alguns deles passaram a poucos passos de onde ele se encontrava, estendido dentro de um espesso amontoado de moitas, e jamais imaginaram sua presença. Tendo o palácio como meta, estavam esquecidos de tudo o mais que estivesse ao redor. Quando eles haviam sumido aos gritos, ele se levantou e fugiu pelo jardim, sem fazer mais barulho que uma pantera.

Assim, ele rapidamente chegou à muralha sul, e subiu os degraus que levavam ao parapeito. O muro era feito para manter as pessoas do lado de fora, e não dentro. Não se via sentinela alguma patrulhando as ameias. Agachando-se num espaço entre duas ameias, ele olhou para trás, em direção ao grande palácio que se erguia acima dos ciprestes às suas costas. Luzes ardiam em cada janela, e ele pôde ver figuras correndo para frente e para trás, através delas, como marionetes em cordões invisíveis. Ele deu um sorriso largo e duro, sacudiu o punho num gesto de adeus e ameaça, e se lançou pela beirada externa do parapeito.

Uma árvore baixa, poucos metros abaixo do parapeito, recebeu o peso de Conan, quando ele caiu silenciosamente através dos galhos. Um instante depois, ele estava correndo através das sombras, com as passadas largas e desembaraçadas de um montanhês, as quais cobrem longas milhas.

Jardins e casas de campo cercavam os muros de Belverus. Escravos sonolentos, dormindo em suas lanças de guardas, não viram a figura rápida e furtiva que escalava muros, cruzava becos feitos pelos galhos abobadados das árvores, e traçava um caminho silencioso através de pomares e vinhedos. Cães de guarda acordavam e erguiam seus bramidos profundos diante de uma sombra deslizante, meio farejando e meio sentindo, e depois tudo isso passava.

Numa câmara do palácio, Tarascus se contorcia e praguejava, num leito salpicado de sangue, sob os dedos hábeis e rápidos de Orastes. O palácio estava cheio de criados trêmulos com olhos arregalados, mas os aposentos onde o rei se encontrava deitado estavam vazios, exceto por ele e o sacerdote renegado.

— Tem certeza de que ele ainda dorme? — Tarascus indagou novamente, apertando os dentes devido ao ardor do suco de ervas, com o

qual Orastes estava enfaixando o corte longo e irregular em seu ombro e costelas — Por Ishtar, Mitra e Set! Isso queima como o piche derretido do inferno!

— Coisa que você estaria experimentando agora mesmo, se não fosse por sua boa sorte. — comentou Orastes — Quem quer que haja brandido aquela faca, atacou para matar. Sim, eu já lhe disse que Xaltotun ainda dorme. Por que insiste tanto nisso? O que ele tem a ver com isto?

— Você não sabe nada do que aconteceu no palácio esta noite? — Tarascus examinou a fisionomia do sacerdote com intensidade ardente.

— Nada. Como você sabe, eu fui empregado na tradução de manuscritos para Xaltotun, por alguns meses, transcrevendo volumes esotéricos escritos nos idiomas mais jovens para uma escrita que ele possa ler. Ele é bem versado em todas as línguas e escritas de sua época, mas ainda não aprendeu todas as linguagens novas, e para poupar tempo, ele tem a mim para traduzir estes trabalhos, para saber se algum conhecimento novo foi descoberto desde sua época. Eu não sabia que ele havia retornado na noite passada, até ele ter mandado me chamar e contado sobre a batalha. Logo, retornei aos meus estudos, e nem sabia que você havia retornado, até o clamor no palácio me tirar do meu cubículo.

— Então, você não sabe que Xaltotun trouxe o rei da Aquilônia como prisioneiro a este palácio?

Orastes balançou negativamente a cabeça, sem muita surpresa:

— Xaltotun apenas disse que Conan não iria mais se opor a nós. Achei que ele tivesse caído em batalha, mas não perguntei os detalhes.

— Xaltotun salvou a vida dele quando eu pretendia matá-lo. — rosnou Tarascus — Vi instantaneamente o propósito dele. Ele manteria Conan prisioneiro para usá-lo como um peão contra nós... contra Almaric, contra Valerius e contra mim mesmo. Enquanto Conan viver, ele será uma ameaça, um elemento de unificação para a Aquilônia, que pode ser usado para nos obrigar a seguir rumos que, de outro modo, não seguiríamos. Desconfio deste pythoniano morto-vivo. Depois comecei a temê-lo.

"Eu o segui, algumas horas depois que ele partiu para leste. Eu desejava saber o que ele pretendia fazer com Conan. Descobri que ele o havia aprisionado nos fossos. Eu pretendia ver o bárbaro morto, apesar de Xaltotun. E consegui...".

Uma batida cuidadosa soou na porta.

— É Arideus. — grunhiu Tarascus — Deixe-o entrar.

O escudeiro sombrio entrou, com os olhos ardendo em agitação reprimida.

— Como vai, Arideus? — exclamou Tarascus — Já encontrou o homem que me atacou?

— Você não o viu, milorde? — perguntou Arideus, como alguém convicto de um fato cuja existência já conhece — Você não o reconheceu?

— Não. Aconteceu tão rápido, e a vela estava caída e apagada... tudo o que pude achar é que foi algum demônio, solto contra mim pela magia de Xaltotun...

— O pythoniano dorme em seu quarto gradeado e trancado. Mas eu estive nos fossos. — Arideus contraiu os ombros magros, agitado.

— Bem... fale, homem! — exclamou Tarascus impacientemente — O que você encontrou lá?

— Um calabouço vazio. — sussurrou o escudeiro — O cadáver de um enorme macaco!

— O quê? — Tarascus começou a se levantar, e o sangue jorrou de seu ferimento aberto.

— Sim! O devorador de homens recebeu uma facada mortal no coração... e Conan se foi!

Tarascus estava com o rosto sombrio, quando mecanicamente permitiu que Orastes o forçasse a se deitar novamente, e o sacerdote voltou a cuidar de sua carne cortada.

— Conan! — ele repetiu — Nenhum cadáver esmagado... escapou! Mitra! Ele não é um homem, mas um demônio! Eu pensei que Xaltotun fosse o responsável por este ferimento. Agora eu vejo. Deuses e demônios! Foi Conan quem me esfaqueou! Arideus!

— Sim, majestade!

— Procure em cada canto do palácio. Ele pode estar se escondendo agora pelos corredores, como um tigre faminto. Não deixe nenhum nicho escapar de sua averiguação, e tome cuidado! Não é um homem civilizado que você está caçando, mas um bárbaro louco por sangue, cuja força e ferocidade são as de uma fera selvagem. Esquadrinhe as plantas de cada palácio e a cidade. Lance um cordão de isolamento ao redor das muralhas. Se você achar que ele escapou da cidade, como ele bem pode fazer, pegue uma tropa de cavaleiros e siga-o. Uma vez transpondo as muralhas, será como caçar um lobo através das colinas. Mas se apresse, e você ainda pode pegá-lo.

— Isto é um assunto que requer mais do que inteligência humana. — disse Orastes — Talvez devêssemos pedir conselho a Xaltotun.

— Não! — exclamou Tarascus violentamente — Deixe os soldados de cavalaria perseguirem Conan e o matarem. Xaltotun não poderá guardar nenhum rancor contra nós, se matarmos um prisioneiro para evitar sua fuga.

— Bem — disse Orastes -, eu não sou acheroniano, mas sou versado em algumas artes místicas, e tenho o controle de certos espíritos que se disfarçam de substância material. Talvez eu possa lhe ajudar neste assunto.

A fonte de Thrallos ficava num aro de carvalhos agrupados, ao lado de uma estrada a uma milha das muralhas da cidade. Seu tilintar musical alcançou os ouvidos de Conan, através do silêncio da luz das estrelas. Ele bebeu intensamente de sua água gelada, e logo se apressou para o sul, em direção a um pequeno e espesso matagal que ele viu lá. Contornando-o, viu um grande cavalo branco amarrado entre os arbustos. Com um suspiro profundo e borrascoso, ele o alcançou com uma passada larga... uma risada zombeteira o fez aguçar o olhar feroz ao redor.

Uma figura, de brilho fosco e vestida em cota-de-malha, saiu das sombras em direção à luz das estrelas. Não era nenhum emplumado e polido guarda do palácio. Era um homem alto, usando um morion e uma cota-de-malha cinza — um dos Aventureiros, uma classe de guerreiros peculiar à Nemédia; homens que nunca alcançaram a riqueza e a posição da cavalaria, ou que caíram desse estado; lutadores endurecidos, que dedicavam suas vidas à guerra e à aventura. Constituíam uma classe peculiar, às vezes comandando tropas, mas eles próprios não se responsabilizavam diante de ninguém, exceto do rei. Conan percebeu que havia sido descoberto por alguém não menos perigoso que um inimigo.

Um rápido olhar por entre as sombras o convenceu de que o homem estava só, e ele expandiu ligeiramente o grande peito, cravando os dedos dos pés na terra enquanto os músculos se enroscavam, retesados.

— Eu estava cavalgando para Belverus, a interesse de Amalric. — disse o Aventureiro, avançando cautelosamente. A luz das estrelas era um brilho comprido, na grande espada de cabo longo que ele trazia desembainhada na mão — Um cavalo relinchou para o meu, desde a espessura. Investiguei, e achei estranho um corcel amarrado aqui.

Esperei... e eis que peguei um prêmio raro.

Os Aventureiros viviam por suas próprias espadas.

— Eu lhe conheço. — murmurou o nemédio — Você é Conan, rei da Aquilônia. Pensei ter lhe visto morrer no vale do Valkia, mas...

Conan saltou como um tigre moribundo. Apesar do Aventureiro ser um lutador prático, ele não percebeu a desesperada rapidez que se esconde em tendões bárbaros. Ele foi pego de guarda aberta, sua pesada espada meio erguida. Antes que ele pudesse golpear ou desviar, o punhal do rei se cravou em sua garganta, acima da proteção metálica para o pescoço, se inclinando para dentro de seu coração. Com um gorgolejo sufocado, ele cambaleou e caiu, e Conan puxou impiedosamente a lâmina enquanto sua vítima caía. O cavalo branco bufou violentamente e se assustou diante da visão e do odor de sangue na espada.

Descendo o olhar para seu inimigo sem vida, o punhal lhe pingando na mão e o suor lhe brilhando no peito largo, Conan se erguia como uma estátua, escutando atentamente. Nas matas ao redor, não havia som, exceto pelo pio sonolento de pássaros acordados. Mas na cidade, a uma milha de distância, ele ouviu o clangor estridente de uma trombeta.

Apressadamente, ele se curvou sobre o homem caído. Uma busca de poucos segundos o convenceu de que qualquer mensagem, que o homem pudesse trazer, era para ser transmitida oralmente. Mas ele não parou em sua tarefa. Poucos minutos depois, o cavalo branco galopava para oeste, ao lado da estrada branca, e o cavaleiro vestia a cota-de-malha cinza de um Aventureiro nemédio.

## VII

### *O Rasgar do Véu*

CONAN SABIA QUE SUA única chance de escapar estava na rapidez. Ele nem sequer ponderou sobre se esconder em algum lugar próximo a Berverus, até a perseguição acabar; era certo que o aliado sobrenatural de Tarascus fosse capaz de desentocá-lo. Além disso, ele não era de se

esgueirar ou esconder; uma luta aberta ou uma perseguição aberta, ambas se ajustavam melhor ao seu temperamento. Ele teve um bom começo, sabia. Ele os guiaria a uma longa corrida para a fronteira.

Zenóbia havia escolhido bem ao selecionar o cavalo branco. Sua rapidez, tenacidade e resistência eram óbvias. A jovem conhecia armas e cavalos, e, Conan refletiu com certa satisfação, ela conhecia homens. Ele cavalgou para oeste num galope que devorava as milhas.

Ele cavalgava numa terra adormecida, passando por aldeias abrigadas por arvoredos e vilas com muralhas brancas, entre campos espaçosos e pomares que ficavam mais esparsos, à medida que ele viajava para oeste. Quando as aldeias rarearam, a terra ficou mais acidentada, e as fortalezas que carranqueavam no alto de elevações falaram de séculos de guerras na fronteira. Mas ninguém cavalgou para fora daqueles castelos, para lhe desafiar ou parar. Os lordes das fortalezas estavam seguindo a bandeira de Amalric; as flâmulas que estavam habituadas a ondular sobre estas torres, agora pairavam sobre as planícies aquilonianas.

Quando a última aldeia agrupada sumiu atrás dele, Conan deixou a estrada, a qual estava começando a se curvar para noroeste, em direção ao distante desfiladeiro. Continuar na estrada significaria passar por torres da fronteira, ainda guarnecidas por homens armados, que não o permitiriam passar sem lhe fazer indagações. Ele sabia que não haveria patrulhas cavalgando pelas fronteiras em ambos os lados, como em tempos comuns, mas havia essas torres e, pela manhã, provavelmente haveria cavalgadas de soldados retornando com homens feridos para carros de boi.

Esta estrada desde Belverus era a única que cruzava a fronteira por 24 km de norte a sul. Ele seguia uma série de desfiladeiros pelas colinas e, a cada lado, havia uma vasta extensão de montanhas selvagens e escassamente povoadas. Ele manteve sua devida direção para oeste, pretendendo cruzar a fronteira na profundezas das florestas das colinas que ficavam ao sul dos desfiladeiros. Era uma rota mais curta e árdua, porém mais segura para um fugitivo caçado. Um homem a cavalo poderia cruzar uma região à qual um exército pudesse achar intransponível.

Mas ao amanhecer, ele não havia alcançado as colinas; eram uma longa e baixa trincheira azul ao longo do horizonte à sua frente. Aqui não havia fazendas, nem aldeias e nem vilas de muros brancos avultando entre agrupamentos de árvores. O vento da manhã agitava a grama dura, e nada havia além das elevações longas e ondulantes de terra marrom, cobertas por

capim seco; e, à distância, os muros desolados de uma fortaleza numa colina baixa. Muitos incursores aquilonianos haviam cruzado as montanhas, em dias não muito distantes, para o campo ser densamente povoado quando se estava bem a leste.

A aurora corria como fogo pelo capim, e lá no alto soou um grito estranho, como se uma cunha solitária de gansos selvagens voasse rapidamente para o sul. Num terreno baixo e cheio de capim, Conan parou e tirou a sela de sua montaria. O lado desta ofegava, seus pêlos emplastados de suor. Ele a havia impelido impiedosamente durante as horas que precederam a aurora.

Enquanto o cavalo mastigava o frágil capim e oscilava, Conan estava no topo de uma baixa inclinação, olhando fixamente para leste. Bem longe ao norte, ele podia ver a estrada que havia abandonado, se estirando como uma fita branca sobre uma subida distante. Nenhum ponto preto se movia ao longo daquela fita brilhante. Não havia sinal, ao redor do castelo à distância, o qual indicasse que os guardas haviam percebido o viajante solitário.

Uma hora depois, a terra ainda se estendia nua. O único sinal de vida era um brilho de aço nas distantes ameias, e um corvo no céu, girando para trás e para a frente, mergulhando e subindo como se procurando alguma coisa. Conan montou e cavalgou para oeste, num passo mais despreocupado.

Quando ele subiu o topo mais afastado da inclinação, um grito rouco estourou sobre sua cabeça e, olhando para cima, ele viu o corvo batendo as asas bem acima dele e crocitando incessantemente. Enquanto Conan continuava cavalgando, o corvo o seguia, mantendo sua posição e tornando a manhã horrenda com seus gritos estridentes, sem dar atenção aos esforços do cimério em expulsá-lo.

Isto continuou durante horas, até os dentes de Conan rangerem, e ele se sentir capaz de dar metade do seu reino para poder torcer aquele pescoço negro.

— Diabos do inferno! — ele rugiu em fúria inútil, sacudindo o punho encouraçado para o pássaro desvairado — Por que me atormenta com seus guinchos? Vá embora, sua cria negra de perdição, e vá bicar trigos nos campos das fazendas!

Ele estava subindo aquele primeiro declive das colinas, e parecia ouvir um eco do clamor do pássaro, bem atrás de si. Girando o cavalo que montava, ele dentro em pouco percebeu outro ponto preto, pendente no

azul. Além daquilo, ele captou o brilho do sol da tarde no aço. Aquilo só poderia significar uma coisa: homens armados. E eles não estavam cavalgando ao longo da estrada trilhada, a qual estava longe do alcance visual, além do horizonte. Eles o estavam seguindo. Seu rosto ficou sombrio, e ele estremeceu levemente ao fitar o corvo que girava bem acima dele.

— Então, é mais do que o capricho de um animal sem cérebro? — ele murmurou — Aqueles cavaleiros não podem lhe ver, cria do inferno; mas o outro pássaro pode lhe ver, e eles podem vê-lo. Você me segue, ele segue você e os outros o seguem. Você é apenas uma criatura emplumada, habilidosamente treinada, ou algum demônio em forma de pássaro? Xaltotun colocou você na minha trilha? Você é Xaltotun?

Somente um grito estridente o respondeu; um guincho vibrante em áspera zombaria.

Conan não mais desperdiçou fôlego com seu delator escuro. Implacavelmente, ele se concentrou no caminho das colinas. Não ousava forçar demais o cavalo; o descanso que ele o dera não havia sido longo o bastante para revigorá-lo. Ele ainda estava bem distante de seus perseguidores, mas eles cortariam inabalavelmente essa vantagem. Era quase certo que seus cavalos estavam mais descansados que o dele, pois eles haviam indubitavelmente mudado de montaria a cada castelo pelo qual passaram.

A cavalgada, ele sabia, estava ficando mais rude; o cenário, mais áspero, as inclinações íngremes e cheias de capim se erguendo para ladeiras de montanhas densamente arborizadas. Aqui, ele sabia que poderia evitar seus perseguidores, se não fosse o pássaro infernal que guinchava incessantemente sobre ele. Ele não conseguia mais vê-los nesta região acidentada, mas estava certo de que eles ainda o seguiam, guiados infalivelmente por seus aliados emplumados. Aquela forma negra havia se tornado uma espécie de pesadelo demoníaco, perseguindo-o através de distâncias incalculáveis. As pedras que ele arremessara praguejando erraram o alvo — embora, na sua juventude, ele houvesse derrubado falcões em pleno vôo.

O cavalo estava rapidamente se cansando. Conan reconhecia o sombrio caráter decisivo de sua posição. Ele sentiu um inexorável destino a impulsionar por trás de tudo isto. Ele não tinha escapatória. Ele era tão prisioneiro quanto havia sido nos fossos de Belverus. Mas ele não era filho

do Oriente para se entregar passivamente ao que parecia inevitável. Se ele não poderia escapar, iria ao menos levar alguns de seus inimigos com ele para a eternidade. Ele entrou num grande matagal de lariços, que cobria uma inclinação, procurando por um local para enfrentar seus perseguidores.

Então, à sua frente, soou um estranho grito estridente — humano, mas com um timbre estranho. Um instante depois, ele já havia atravessado um anteparo de galhos, e viu a fonte daquele grito medonho. Numa pequena clareira abaixo dele, quatro soldados em cota-de-malha nemédia estavam amarrando um laço no pescoço de uma velha mulher magra, a qual usava roupas de camponesa. Um feixe de lenha, amarrado com corda no chão próximo, mostrava o que ela fazia quando foi surpreendida por aqueles renegados.

Conan sentiu uma fúria lenta lhe inflar o coração, enquanto olhava silenciosamente para baixo e via os desordeiros arrastarem-na em direção a uma árvore, cujos galhos baixos seriam obviamente usados como patíbulo. Ele havia cruzado a fronteira há uma hora atrás. Estava em sua própria terra, assistindo ao assassinato de um de seus próprios súditos. A velha se debatia com força e energia surpreendentes, e enquanto ele observava, ela erguia a cabeça e exprimia novamente o estranho e sobrenatural grito de longo alcance que ele ouvira antes. Era ecoado, como que zombeteiramente, pelo bater de asas do corvo sobre as árvores. Os soldados riam rudemente, e um deles bateu na boca da mulher.

Conan desmontou de seu corcel cansado e desceu pelas rochas, pousando com um clangor de malha na grama. Os quatros homens deram a volta na direção do som e puxaram as espadas, boquiabertos diante do gigante encouraçado que os encarava, de espada na mão.

Conan riu asperamente. Seus olhos estavam frios como sílex.

— Cães! — ele disse, sem fúria nem piedade — Será que chacais nemédios se estabelecem como executores e enforcam meus súditos à vontade? Primeiro, vocês devem levar a cabeça do rei deles. Aqui estou, esperando vossa nobre ordem!

Os soldados o encaravam, incertos, enquanto ele andava a passos largos em sua direção.

— Quem é este louco? — rosnou um bandido barbudo — Ele usa malha nemédia, mas fala com sotaque aquiloniano.

— Não importa. — disse outro — Matem-no, e depois enforcaremos a bruxa velha.

Dizendo isto, ele correu até Conan, erguendo a espada. Mas, antes que pudesse golpear, a grande lâmina de rei desceu, partindo elmo e crânio. O homem caiu diante dele, mas os outros eram patifes mais ousados. Uivaram como lobos e rodopiaram ao redor da figura solitária em malha cinza, e o clamor e estrépito do aço afogou os gritos do corvo que o cercava.

Conan não gritou. Com olhos que pareciam carvões de fogo azul e seus lábios sorrindo friamente, ele cortava a torto e a direito com sua espada de cabo longo. Apesar de todo o seu tamanho, ele era rápido como um gato e estava em movimento constante, oferecendo um alvo móvel, de modo que estocadas e giros frequentemente cortavam o ar. Mesmo enquanto golpeava, ele estava em perfeito equilíbrio, e seus golpes caíam com poder devastador. Três dos quatro homens estavam caídos, morrendo no próprio sangue, e o quarto estava sangrando de meia dúzia de ferimentos, cambaleando em retirada precipitada enquanto aparava freneticamente os golpes, quando a espada de Conan se enroscou no manto de um dos homens caídos.

O rei cambaleou e, antes que ele pudesse se equilibrar, o nemédio, com o frenesi do desespero, lançou-se tão selvagememente sobre ele, que Conan oscilou e caiu esparramado sobre o corpo. O nemédio grasnou em triunfo e pulou para frente, erguendo a espada com ambas as mãos acima do ombro direito, enquanto abria e firmava bem as pernas para golpear... e então, sobre o rei caído, algo volumoso e peludo disparou como um raio bem no peito do soldado, e seu grito de triunfo se transformou num grito estridente de morte.

Conan, se erguendo com dificuldade, viu o homem jazer morto, com a garganta rasgada, e um grande lobo cinza se erguia sobre ele, com a cabeça baixa, enquanto farejava o sangue que formava uma poça na grama.

O rei se virou quando a velha mulher falou com ele. Ela se erguia reta e alta diante dele, e, apesar das roupas esfarrapadas, suas feições bem delineadas e aquilinas, e seus agudos olhos negros não eram os de uma camponesa comum. Ela chamou o lobo, e ele trotou ao seu lado como um cão grande e roçou seu ombro gigante no joelho dela, enquanto olhava para Conan com grandes e ligeiros olhos verdes. Distraidamente, ela pôs a mão sobre o poderoso pescoço do lobo, e assim, os dois ficaram olhando para o rei da Aquilônia. Ele achou inquietante o olhar firme deles, embora não houvesse hostilidade no mesmo.

— Dizem que o Rei Conan morreu sob as pedras e lama, quando os rochedos desmoronaram pelo Valkia. — ela disse, numa voz profunda, forte e ressonante.

— Assim eles dizem. — ele resmungou. Ele não estava com humor para discussão, e pensava naqueles cavaleiros encouraçados que estavam se aproximando cada vez mais a cada momento. O corvo acima dele grasnava estridentemente, e ele lançou um olhar involuntário para cima, rangendo os dentes num espasmo de irritação nervosa.

No alto da saliência, o cavalo branco se erguia com a cabeça baixa. A velha olhou para ele, e em seguida para o corvo; e então, soltou um estranho grito sobrenatural, como havia feito antes. Como se reconhecendo o grito, o corvo girou, subitamente mudo, e disparou para leste. Mas antes que ele ficasse fora de vista, a sombra de asas enormes caiu sobre ele. Uma águia saiu voando do emaranhado de árvores e, pairando sobre ele, caiu sobre sua presa e derrubou o mensageiro negro ao chão. A voz estridente do traidor estava silenciada para sempre.

— Crom! — murmurou Conan, arregalando os olhos para a mulher idosa — Você é uma feiticeira também?

— Eu sou Zelata. — ela disse — O povo dos vales me chama de bruxa. Aquele filho da noite estava guiando homens armados no seu rastro?

— Sim.

Ela não parecia achar a resposta fantástica.

— Eles não devem estar muito longe de mim.

— Pegue seu cavalo e me siga, Rei Conan. — ele disse brevemente.

Sem fazer comentários, ele galgou as rochas e trouxe seu cavalo para baixo, até a clareira, por um caminho tortuoso. Enquanto descia, ele viu a águia reaparecer, descendo preguiçosamente do céu, e descansar por um instante no ombro de Zelata, abrindo levemente as asas para não esmagá-la com o peso.

Sem uma palavra, ela foi à frente, o grande lobo trotando ao seu lado e a águia pairando sobre ela. Ela o guiou através de matagais profundos e ao longo de saliências tortuosas, equilibradas sobre profundas ravinas, e finalmente ao longo de uma trilha estreita, ladeada por um precipício, até uma curiosa moradia de pedra, meio cabana, meio caverna, sob um rochedo escondido entre os desfiladeiros e penhascos. A águia voou até o pico deste rochedo e pousou ali, como uma sentinela imóvel.

Ainda em silêncio, Zelata alojou o cavalo numa caverna próxima, com folhas e grama para pasto, e uma pequena fonte borbulhando na escura reentrância.

Dentro da cabana, ela sentou o rei num rude banco coberto por pele, e ela própria se sentou num baixo tamborete diante da pequena lareira, enquanto fazia uma fogueira com nacos de tamarix e preparava uma refeição frugal. O grande lobo cochilava ao lado dela, diante da fogueira, sua enorme cabeça afundada nas patas, suas orelhas se contraindo em seus sonhos.

— Você não tem medo de ficar na cabana de uma bruxa? — ela perguntou, finalmente quebrando o silêncio.

Um encolher impaciente de seus ombros, cobertos por malha cinza, foi a única resposta do hóspede. Ela colocou nas mãos dele um prato de madeira com frutas secas, queijo e pão de cevada, e um grande pote da forte cerveja montanhesa, feita com cevada que cresce nos vales altos.

— Acho o silêncio meditativo dos vales estreitos mais agradável que o tagarelar das ruas das cidades. — ela disse — Os filhos da floresta são mais amáveis que os filhos dos homens. — A mão dela bateu de leve no pescoço peludo do lobo que dormia — Meus filhos estavam longe de mim hoje; do contrário, eu não teria precisado de sua espada, meu rei. Eles estavam vindo atender meu chamado.

— Qual o rancor que aqueles cães nemédios tinham contra você? — indagou Conan.

— Desertores do exército invasor se espalham por todo o campo, da fronteira até Tarantia. — ela respondeu — Os aldeões tolos dos vales disseram a eles que eu tinha um estoque de ouro escondido em algum lugar no vale, para lhes desviarem a atenção das aldeias. Eles me exigiram um tesouro, e minhas respostas os enfureceram. Mas nem desertores, nem os homens que lhe perseguem, nem qualquer corvo irá encontrá-lo aqui.

Ele sacudiu a cabeça, comendo sofregamente:

— Estou indo para Tarantia. Ela sacudiu a cabeça:

— Você está enfiando sua cabeça na boca do dragão. É melhor buscar abrigo fora de casa. O coração abandonou seu reino.

— O que quer dizer? — ele indagou — Batalhas já fora perdidas antes, mas guerras foram vencidas. Um reino não está perdido por uma única derrota.

— E você irá para Tarantia?

— Sim. Prospero estará defendendo-a contra Amalric.

— Tem certeza?

— Demônios do inferno, mulher! — ele exclamou, irado — O que mais?

Ela sacudiu a cabeça:

— Sinto que seja ao contrário. Vamos ver. O véu não está nada rasgado; mas vou rasgá-lo um pouco, e lhe mostrar sua capital.

Conan não viu o que ela pôs sobre o fogo, mas o lobo choramingou enquanto sonhava, e uma fumaça verde se acumulou e subiu dentro da cabana. E, enquanto ele observava, as paredes e teto da cabana pareciam se alargar, distanciar e sumir, sendo absorvidos por imensidades infinitas; a fumaça rolou ao redor dele, apagando tudo. E, dentro dela, formas se moviam e desbotavam, e saíam em surpreendente claridade.

Ele fitava as conhecidas torres e ruas de Tarantia, onde uma multidão fervilhava e gritava, e ao mesmo tempo, ele era capaz, de alguma forma, de ver as bandeiras da Nemédia se movendo inexoravelmente para oeste, através da fumaça e fogo de uma terra saqueada. Na grande praça de Tarantia, a turba desvairada se movia em círculos e se queixava em voz alta, gritando que o rei estava morto, que os ladrões estavam se preparando para dividirem a terra entre eles, e que o governo de um rei — até mesmo o de Valerius — era melhor que a anarquia. Prospero, brilhante em sua armadura, cavalgava entre eles, tentando acalmá-los, ordenando-lhes que confiassem no Conde Trocero, insistindo a eles que protegessem os muros e ajudassem seus cavaleiros a defender a cidade. Viraram-se para ele, com medo e fúria irracional, uivando que ele era o carniceiro de Trocero, um inimigo ainda mais maligno que o próprio Amalric. Lixo e poeira foram arremessados aos seus cavaleiros.

Um leve borrar da figura, o qual deveria indicar uma passagem de tempo, e então Conan viu Prospero e seus cavaleiros marcharem em fila para fora dos portões e cavalgarem apressadamente para o sul. Atrás dele, a cidade estava em tumulto.

— Idiotas! — murmurou fortemente Conan — Idiotas! Por que eles não confiariam em Prospero? Zelata, se você estiver brincando comigo, usando algum embuste...

— Isto já passou. — respondeu Zelata imperturbável, embora sombria — Foi na noite do dia que passou, quando Prospero cavalgou para fora de Tarantia, com o exército de Amalric quase à vista. Das muralhas, os homens viram o fogo de sua pilhagem. Portanto, li isso na fumaça.

Ao pôr-do-sol, os nemédios cavalgaram para dentro de Tarantia sem oposição. Veja! Neste exato momento, no salão real de Tarantia...

Abruptamente, Conan olhava para dentro do grande salão de coroação. Valerius se erguia sobre o estrado real, vestido em traje cerimonial de arminho; e Amalric, ainda em sua poeirenta armadura ensanguentada, colocava-lhe um suntuoso e brilhante aro nas mechas amarelas — a coroa da Aquilônia! O povo se alegrou; longas fileiras de guerreiros nemédios, vestidos em aço, assistiram sombriamente, e nobres há muito em desfavor na corte de Conan andavam empertigados e arrogantes com o emblema de Valerius em suas mangas.

— Crom! — Uma imprecação explosiva saía dos lábios de Conan, enquanto ele se levantava, com os grandes punhos cerrados como dois martelos, suas veias se enroscando nas têmporas e suas feições convulsionadas — Um nemédio pondo a coroa da Aquilônia naquele renegado... no salão real de Tarantia!

Como se dispersada por sua violência, a fumaça desapareceu, e ele viu os olhos negros de Zelata brilhando em sua direção, através da névoa.

— Você viu... o povo de sua capital perdeu a liberdade que você ganhou para eles com suor e sangue; eles venderam a si mesmos para os escravistas e carniceiros. Mostraram que não confiam no destino deles. Você consegue confiar neles ao ganhar de volta seu reino?

— Eles pensaram que eu estivesse morto. — ele grunhiu, recuperando um pouco de seu equilíbrio — Não tenho filhos. Os homens não podem ser governados por uma lembrança. E se os nemédios tomaram Tarantia? Ainda restam as províncias, os barões e o povo dos campos. Valerius ganhou uma glória vazia.

— Você é teimoso, como convém a um lutador. Não posso lhe mostrar o futuro, nem posso lhe mostrar todo o passado. Não, não lhe mostro nada. Eu simplesmente faço você ver janelas abertas no véu, por poderes inimaginados. Você investigaria o passado, em busca de uma pista do presente?

— Sim. — ele se sentou abruptamente.

Mais uma vez, a fumaça verde subiu e se aglomerou. Novamente imagens se desdobraram diante dele, desta vez estranhas e aparentemente alheias. Ele viu grandes e elevados muros negros; pedestais meio ocultos nas sombras, sustentando imagens de deuses horrendos e semi-bestiais. Homens se moviam nas sombras: homens escuros, magros e fortes, vestidos

em tangas vermelhas de seda. Eles carregavam um sarcófago verde-jade ao longo de um gigantesco corredor negro. Mas, antes de dizer algo do que viu, a cena mudou. Ele viu uma caverna obscura, sombreada e assombrada por um estranho horror intangível. Num altar de pedra negra, se erguia um curioso vaso dourado, em forma de concha de molusco. Dentro desta caverna, apareceram alguns dos mesmos homens escuros, magros e fortes que haviam carregado o caixão de múmia. Eles agarraram o vaso dourado, e então as sombras rodopiaram ao redor deles, e ele não pôde dizer o que aconteceu. Mas ele viu um brilho numa circunvolução de trevas, como uma bola de fogo vivo. Logo, a fumaça era só fumaça, subindo dos nacos de tamarix, diminuindo e sumindo.

— Mas que presságio é este? — ele indagou, perplexo — O que vi em Tarantia, eu posso entender. Mas o que significa este vislumbre de ladrões zamorianos se esgueirando através de um templo subterrâneo de Set, na Stygia? E aquela caverna... nunca vi, nem ouvi falar, em nada igual durante todas as minhas andanças. Se você pode me mostrar isso, estes retalhos de visão que nada significam, desconexos, por que não pode me mostrar tudo o que está para acontecer?

Zelata agitou a fogueira sem responder.

— Estas coisas são governadas por leis imutáveis. — ela finalmente disse — Não posso fazê-lo entender; eu mesma não entendo completamente, embora eu tenha procurado sabedoria no silêncio dos lugares altos, por mais anos do que posso lembrar. Não posso lhe salvar, mas eu o faria se pudesse. Os homens devem, finalmente, achar sua própria salvação. Mas talvez a sabedoria venha a mim em sonhos, e de manhã eu seja capaz de lhe dar uma pista para o enigma.

— Qual enigma? — ele exigiu.

— O mistério que lhe confronta, através do qual você perdeu um reino.

— ela respondeu. E então, ela estendeu uma pele de carneiro no chão, diante da lareira.

— Durma. — ela disse brevemente.

Sem uma só palavra, ele se estirou sobre ela, e caiu num sono inquieto, porém profundo, através do qual fantasmas se movimentam silenciosamente, e monstruosas sombras sem forma rastejavam. Uma única vez, delineadas contra um horizonte púrpura e sem sol, ele viu enormes muralhas e torres de uma cidade, que em nada se assemelhava às que conhecera na terra desperta. Suas torres colossais e minaretes púrpuras se

erguiam em direção às estrelas; e, sobre ela, pairando como uma miragem gigante, flutuava o semblante barbado do homem chamado Xaltotun.

Conan acordou na fria brancura do início da aurora, para ver Zelata agachada ao lado da pequena fogueira. Ele não havia acordado uma única vez na noite, e o som do grande lobo, saindo ou entrando, devia tê-lo despertado. Mas o lobo estava lá, ao lado da lareira, seu pêlo molhado pelo orvalho e por mais do que orvalho. Sangue com brilho molhado escorria abundantemente, e havia um corte sobre o ombro do animal.

Zelata acenou com a cabeça, sem olhar ao redor, como que lendo os pensamentos de seu convidado real.

— Ele caçou antes do amanhecer, e sua caçada foi rubra. Acho que o homem que caçava um rei não caçará mais, nem homem nem fera.

Conan encarou o grande animal selvagem com estranho fascínio, enquanto se movia para pegar a comida que Zelata lhe oferecia.

— Quando eu retornar ao meu trono, não esquecerei. — ele disse brevemente — Você me protegeu... por Crom, não me lembro de quando deitei e dormi diante da misericórdia de um homem ou mulher, como na noite passada. Mas, e quanto ao enigma que você ia ler para mim nesta manhã?

Seguiu-se um longo silêncio, no qual o crepitar dos tamarixes ficou alto na lareira.

— Encontre o coração de seu reino. — ela disse finalmente — Nele, se encontra sua derrota e seu poder. Você enfrenta mais do que um homem mortal. Você não requisitará o trono novamente, a não ser que encontre o coração de seu reino.

— Você quer dizer... a cidade de Tarantia? Ela sacudiu a cabeça:

— Sou apenas um oráculo, através de cujos lábios os deuses falam. Meus lábios estão selados por eles, para que eu não fale demais. Você deve encontrar o coração de seu reino. Não posso dizer mais nada. Meus lábios são abertos e fechados pelos deuses.

A aurora ainda estava branca nos picos, quando Conan cavalgou para oeste. Um olhar para trás mostrou a ele Zelata, de pé na porta de sua cabana, inescrutável como sempre, o grande lobo ao lado dela.

Um céu cinza se arqueava no alto, e um vento gemia com uma frieza que era promessa de inverno. Folhas marrons caíam vagarosamente dos galhos nus, se espalhando por seus ombros encouraçados.

Ele avançou o dia todo através das colinas, evitando estradas e aldeias. Pouco antes do cair da noite, ele começou a descer das alturas, patamar por patamar, e viu as largas planícies da Aquilônia se espalharem sob ele.

Aldeias e fazendas ficavam próximas ao pé das colinas, no lado ocidental das montanhas, pois, por meio século, muitas das incursões através da fronteira haviam sido feitas por aquilonianos. Mas agora, apenas rescaldos e cinzas mostravam onde as cabanas de fazendas e as aldeias haviam ficado.

Na escuridão crescente, Conan seguiu cavalgando devagar. Havia pouco medo de ser descoberto, o que ele temia tanto de amigos quanto de inimigos. Os nemédios haviam se lembrado de velhas dívidas em sua viagem para oeste, e Valerius nada fez para conter seus aliados. Ele não confiava em ganhar o amor de pessoas comuns. Um grande corte de devastação havia sido feito através da região, desde os contrafortes a oeste. Conan praguejou, enquanto cavalgava sobre expansões escurecidas que haviam sido campos férteis, e viu fachadas desoladas de casas queimadas se sobressaírem contra o céu. Ele andava por uma terra vazia e abandonada, como um fantasma de um passado esquecido e obsoleto.

A velocidade, com o qual o exército havia atravessado a terra, mostrava quão pouca resistência ele havia encontrado. Mas se Conan estivesse liderando seus aquilonianos, o exército invasor teria sido forçado a comprar, com sangue, cada passo que deu. A percepção amarga lhe impregnava a alma; ele não era o representante de uma dinastia. Era apenas um aventureiro solitário. Até mesmo a gota de sangue dinástico, que Valerius ostentava, tinha mais influência na mente dos homens do que a lembrança de Conan, e da liberdade e poder que ele tinha dado ao reino.

Nenhum perseguidor o seguia das colinas. Ele observou, em busca de tropas nemédias que perambulassem ou retornassem, mas não encontrou nenhuma. Fújes lhe abriam o caminho, pensando que ele fosse um dos conquistadores, a julgar pela armadura. Arvoredos e rios eram bem mais abundantes no lado oeste das montanhas, e esconderijos não faltavam.

Assim, ele atravessou a terra saqueada, parando apenas para descansar seu cavalo, comendo moderadamente da comida que Zelata havia lhe dado, até que, ao amanhecer de um dia, escondido na margem de um rio onde salgueiros e carvalhos cresciam em abundância, ele avistou, à distância, através das planícies onduladas e pontilhadas por ricos arvoredos, as torres azuis e douradas de Tarantia.

Ele não estava mais numa terra abandonada, mas abundante em variedade de vida. A partir daí, seu avanço foi lento e cauteloso, através de bosques densos e caminhos não frequentados. Anoitecia quando ele alcançou a lavoura de Servius Galannus.

## VIII

### *Brasas Moribundas*

A REGIÃO RURAL AO REDOR DE Tarantia havia escapado da terrível destruição das províncias mais orientais. Havia evidências da marcha de um exército conquistador em cercas quebradas, campos saqueados e celeiros pilhados, mas a tocha e o aço não haviam sido usados em todos os lugares.

Havia apenas uma mancha na paisagem: uma expansão queimada de cinzas e pedra enegrecida, onde, Conan sabia, outrora se erguia a imponente casa de campo de um de seus partidários mais leais.

O rei não ousou se aproximar abertamente da fazenda de Galannus, a qual ficava a apenas poucas milhas da cidade. No crepúsculo, ele cavalgou através de uma vasta floresta, até avistar um guarda através das árvores. Desmontando e amarrando seu cavalo, ele se aproximou da grossa porta arcada, com a intenção de chamar o guarda depois de Servius. Ele não sabia quais inimigos a casa feudal poderia estar abrigando. Ele não viu tropas, mas elas poderiam estar aquarteladas por toda a região rural. Mas, quando se aproximou, viu a porta aberta e uma figura compacta, em calções de seda e casaco ricamente bordado, caminhar para diante e subir um caminho que serpenteava pela mata.

— Servius!

Diante do baixo chamado, o dono da plantação girou com uma exclamação sobressaltada. Sua mão fluiu até a curta espada de caça em seu quadril, e ele recuou da figura alta, em aço cinza, que se erguia no anoitecer diante dele.

— Quem é você? — ele indagou — Qual o seu... Mitra!

O ar lhe assobiou para dentro, e seu rosto vermelho empalideceu.

— Vá embora! — ele exclamou — Por que voltou das terras cinzas da morte, para me aterrorizar? Sempre fui seu fiel vassalo em sua vida...

— Como eu ainda espero que seja. — respondeu Conan — Pare de tremer, homem; sou de carne e osso.

Suando de incerteza, Servius se aproximou e encarou o rosto do gigante vestido em malha, e então, convencido da realidade do que viu, ele se apoiou num dos joelhos e tirou o chapéu emplumando.

— Majestade! É realmente um milagre inacreditável! O grande sino na cidadela anunciou sua nênia, dias atrás. Disseram que você morreu em Valkia, sob um milhão de toneladas de granito quebrado e terra.

— Foi outro, usando minha armadura. — grunhiu Conan — Mas vamos conversar mais tarde. Será que há algum pedaço de carne de boi em sua mesa, ou algo do tipo...

— Perdoe-me, milorde! — gritou Servius, se erguendo rapidamente — O pó da viagem está cinza em sua malha, e eu continuo lhe deixando aqui, sem descanso ou alimento! Mitra! Agora vejo claramente que está vivo, mas eu juro que, quando girei e lhe vi de pé, todo cinza e indistinto na penumbra, o tutano de meus joelhos virou água. É ruim encontrar um homem a quem você pensou estar morto, na floresta ao cair da noite.

— Mande o guarda cuidar do meu cavalo, que está amarrado atrás daquele carvalho. — pediu Conan, e Servius assentiu, levando o rei pela trilha. O nobre, recuperando-se do susto sobrenatural, havia ficado extremamente nervoso.

— Enviarei um criado da casa feudal. — ele disse — O guarda está em seu alojamento... mas não ouse confiar sequer em meus criados nestes dias. É melhor que somente eu saiba de sua presença.

Aproximando-se da grande casa, que brilhava francamente entre as árvores, ele girou para um lado, para dentro de uma vereda pouco usada, que corria entre carvalhos bem próximos, cujos galhos entrelaçados formavam uma abóbada no alto, impedindo a entrada da pouca luz do crepúsculo. Servius continuou seguindo às pressas pela escuridão, sem uma só palavra, e com algo em seu modo que lembrava pânico; e logo guiou Conan através de uma pequena porta lateral, para um corredor estreito e fracamente iluminado. Eles o atravessaram apressadamente e em silêncio, e Servius levou o rei para uma sala espaçosa, com um teto alto, vigas de

carvalho e paredes ricamente enfeitadas. Toras queimavam na lareira larga, e um grande pastel de carne fumegava numa travessa, sobre uma larga mesa de mogno. Servius trancou a pesada porta, e apagou as velas que brilhavam num castiçal de prata sobre a mesa, deixando a grande sala iluminada apenas pelo fogo da lareira.

— Perdão, Majestade. — ele se desculpou — Estes são tempos perigosos; espiões se escondem por todos os lugares. Será melhor se ninguém puder espionar pelas janelas e lhe reconhecer. Este pastel de carne, no entanto, acaba de sair do forno, e eu pretendia jantá-lo ao voltar de minha conversa com o guarda. Se Sua Majestade se digna...

— A luz é suficiente. — grunhi Conan, sentando-se com pouca cerimônia e puxando o punhal.

Ele se lançou vagorosamente ao delicioso prato, e o engolia com grandes goles de vinho das uvas que cresciam nos vinhedos de Servius. Ele parecia esquecido de qualquer sensação de perigo, mas Servius se movia inquieto em seu banco, junto ao fogo, dedilhando nervosamente a pesada corrente de ouro em seu pescoço. Olhava, sem parar, para as vidraças em forma de losango das janelas, as quais brilhavam fracamente à luz do fogo, e aguçava o ouvido em direção à porta, como que meio na expectativa de ouvir o som de passos furtivos no corredor externo.

Terminando sua refeição, Conan se ergueu e sentou-se em outro banco, diante da fogueira.

— Não vou lhe expor por muito tempo com minha presença, Servius. — ele disse abruptamente — Ao amanhecer, estarei longe de sua fazenda.

— Milorde... — Servius ergueu as mãos em advertência, mas Conan lhe recusou os protestos.

— Conheço sua lealdade e sua coragem. Ambas estão acima de qualquer suspeita. Mas se Valerius usurpou meu trono, me abrigar significaria a morte para você, caso lhe descobrissem.

— Não sou forte o bastante para desafiá-lo abertamente. — admitiu Servius — Os 50 soldados que eu poderia levar para batalha não seriam mais do que um punhado de palha. Você viu as ruínas da fazenda de Emilius Scavonus?

Conan assentiu, franzindo sombriamente a testa.

— Era o nobre mais poderoso desta província, como você sabe. Ele se recusou a dar sua lealdade a Valerius. Os nemédios o queimaram nas ruínas de sua própria vila. Após aquilo, o restante de nós viu a futilidade da

resistência, especialmente quando o povo de Tarantia se negou a lutar. Rendemos-nos, e Valerius poupou nossas vidas, embora ele tenha nos cobrado um imposto que arruinará muitos. Mas o que podíamos fazer? Pensamos que você estivesse morto. Muitos dos barões foram assassinados, e outros aprisionados. O exército estava destruído e disperso. Você não tem herdeiro para usar a coroa. Não havia ninguém para nos liderar...

— O Conde Trocero de Poitain não estava lá? — indagou Conan rudemente.

Servius abriu as mãos, sem saber o que fazer.

— De fato, seu general Prospero estava no campo com um pequeno exército. Ao recuar diante de Amalric, ele insistiu para que se unissem à sua bandeira. Mas, com a morte de Sua Majestade, eles se lembraram de velhas guerras e rixas civis, e de como Trocero e seus poitainianos outrora cavalgaram através daquelas províncias, exatamente como Amalric fez agora, com tocha e espada. Os barões tinham inveja de Trocero. Alguns homens... espiões de Valerius, talvez... gritaram que o Conde de Poitain pretendia pegar a coroa para si mesmo. Velhos ódios regionais se inflamaram novamente. Se tivéssemos um homem com sangue dinástico nas veias, o teríamos coroado e seguido contra a Nemédia. Mas não temos nenhum.

"Os barões que lhe seguiram lealmente não seguiriam um deles próprios; cada um se defendendo tão bem quanto os vizinhos, cada um temendo as ambições dos outros. Você era a corda que unia o feixe. Quando a corda foi cortada, os pedaços de pau caíram e se espalharam. Se você tivesse um filho, os barões teriam se reunido em lealdade a ele. Mas não havia um ponto para o patriotismo deles se concentrar.

"Os mercadores e plebeus, temendo a anarquia e um retorno aos tempos feudais, quando cada barão fazia sua própria lei, bradaram que qualquer rei era melhor do que nenhum... até mesmo Valerius, que era pelo menos do sangue da velha dinastia. Não havia ninguém para se opor a ele, quando cavalgou à frente de seus exércitos vestidos de aço, com o dragão escarlate da Nemédia flutuando acima deles, e vibrou sua lança contra os portões de Tarantia.

"E mais: o povo abriu os portões e se ajoelhou na poeira diante dele. Recusaram-se a ajudar Prospero a defender a cidade. Disseram que preferiam ser governados por Valerius que por Trocero. Disseram... sinceramente... que os barões não iriam se unir a Trocero, mas que muitos

aceitariam Valerius. Disseram que, ao se renderem a Valerius, escapariam da devastação da guerra civil e da fúria dos nemédios.

Prospero cavalgou para o sul, com seus 10 mil cavaleiros, e os cavaleiros dos nemédios entraram na cidade poucas horas depois. Eles não o seguiram. Ficaram para ver Valerius ser coroado em Tarantia".

— Então, a fumaça da velha feiticeira mostrou a verdade. — murmurou Conan, sentindo um estranho frio ao longo da espinha — Amalric coroou Valerius?

— Sim, no salão de coroação, com o sangue da matança ainda úmido nas mãos.

— E o povo prospera sob seu governo benevolente? — perguntou Conan, com ironia furiosa.

— Ele vive como um príncipe estrangeiro em meio a uma terra conquistada. — Servius respondeu amargamente — Sua corte está preenchida por nemédios, as tropas do palácio são da mesma raça e uma vasta guarnição deles ocupa a cidade. Sim, a hora do Dragão finalmente chegou.

"Nemédios andam arrogantemente, como lordes, pelas ruas. Mulheres são violadas, e mercadores saqueados, diariamente, e Valerius não pode, ou não quer, reprimi-los. Não, ele é apenas o fantoche, o chefe nominal deles. Homens sensatos já sabiam que ele seria, e o povo está começando a perceber isso.

"Amalric cavalgou de lá, com um forte exército, para subjugar as províncias distantes, onde alguns dos barões o haviam desafiado. Mas não há união entre eles. A inveja que sentem um pelo outro é mais forte que o medo por Amalric. Ele os esmagará um por um. Muitos castelos e cidades, percebendo isso, se submetem a ele. Aqueles que resistem caem na miséria. Os nemédios estão saciando seu antigo ódio. E suas fileiras são preenchidas por aquilonianos, cujo medo, ouro ou necessidade de emprego os estão forçando para dentro de seus exércitos. É uma consequência natural".

Conan balançou a cabeça sombriamente, olhando fixamente para os reflexos vermelhos da luz do fogo nos ricamente entalhados enfeites de carvalho, na parede.

— A Aquilônia tem um rei, ao invés da anarquia que temiam. — disse Servius finalmente — Valerius não protege seus súditos contra seus aliados. Centenas, que não puderam pagar o preço imposto a eles, foram vendidos para os traficantes kothianos de escravos.

A cabeça de Conan se ergueu bruscamente, e um fogo letal se acendeu em seus olhos azuis. Ele praguejou raivosamente, e suas mãos se fecharam, tornando-se verdadeiros martelos de ferro.

— Sim, homens brancos vendem homens brancos e mulheres brancas, como se fazia nos tempos feudais. Nos palácios de Shem e de Turan, eles viverão a vida de escravos. Valerius é rei, mas a união pela qual o povo procurou, ainda que pela espada, não está completa.

"A Gunderlândia, ao norte, e Poitain, ao sul, permanecem inconquistadas, e há províncias não-dominadas a oeste, onde os barões da fronteira têm a proteção dos arqueiros bossonianos. Mas estas províncias remotas não são uma ameaça real para Valerius. Devem permanecer na defensiva, e terão sorte se forem capazes de manter sua independência. Aqui, Valerius e seus cavaleiros estrangeiros são supremos".

— Deixe-o tirar o maior partido possível, então. — disse Conan sombriamente — O tempo dele é curto. O povo vai se revoltar, quando souber que estou vivo. Tomaremos Tarantia de volta, antes que Amalric possa voltar com seu exército. Então, varreremos aqueles cães para fora do reino.

Servius estava silencioso. O crepitar do fogo estava alto naquele silêncio.

— Bem — exclamou Conan, impaciente -, por que fica sentado, com a cabeça inclinada, encarando a lareira? Você duvida do que falei?

Servius evitou os olhos do rei.

— O que um homem mortal pode fazer, você fará, Majestade. — ele respondeu — Já cavalei sob seu comando em batalha, e sei que nenhum ser mortal é capaz de enfrentar sua espada.

— Sim, e daí?

Servius puxou o casaco de pêlos aparados para mais perto de si, e tremeu, apesar do fogo.

— Dizem que sua queda foi causada por feitiçaria. — ele disse logo em seguida.

— Sim, e daí?

— Qual o mortal que pode lutar contra feitiçaria? Quem é este homem velado, que comunga com Valerius e seus aliados, como os homens dizem? Que aparece e desaparece tão misteriosamente? Dizem, em sussurros, que ele é um grande feiticeiro, o qual morreu há milhares de anos, mas retornou das terras cinzas da morte para derrotar o rei da Aquilônia e restaurar a dinastia da qual Valerius é herdeiro.

— O que importa? — exclamou Conan enfurecido — Escapei dos fossos assombrados por demônios, em Belverus, e do diabolismo das montanhas. Se o povo se rebelar...

Servius sacudiu a cabeça:

— Seus partidários mais leais, nas províncias orientais e centrais, morreram, fugiram ou foram aprisionados. A Gunderlândia está distante ao norte; Poitain, distante ao sul. Os bossonianos se retiraram até suas fronteiras, no oeste distante. Levaria semanas para reunir e concentrar estas forças, e antes que isso fosse feito, cada tropa recrutada seria atacada separadamente por Amalric, e destruída.

— Mas uma revolta nas províncias centrais equilibraria a balança a nosso favor! — exclamou Conan — Poderíamos nos apoderar de Tarantia e defendê-la contra Amalric, até os gunderlandeses e poitainianos conseguirem chegar lá.

Servius hesitou, e sua voz diminuiu até um sussurro:

— Dizem que você morreu amaldiçoado. Dizem que aquele estranho homem velado lançou um feitiço sobre você, para lhe matar e arruinar seu exército. O grande sino anunciou sua morte. Acreditam que você está morto. E as províncias centrais não se rebelariam, mesmo se soubessem que você está vivo. A feitiçaria lhe derrotou no Valkia. A feitiçaria trouxe as notícias até Tarantia, pois naquela mesma noite, os homens gritavam sobre isso nas ruas.

"Um sacerdote nemédio lançou magia negra novamente nas ruas de Tarantia, para matar homens que ainda eram leais à sua memória. Eu mesmo vi. Homens armados caíam como moscas e morriam nas ruas, de uma forma que nenhum homem conseguiria entender. E o sacerdote magro ria e dizia: 'Sou apenas Altaro, apenas um acólito de Orastes, o qual não é mais que um acólito daquele que usa o véu; o poder não é meu; o poder apenas age através de mim'".

— Bom — disse Conan rudemente -, não é melhor morrer com honra do que viver na desonra? Será a morte pior do que a opressão, a escravidão e a suprema destruição?

— Quando o medo da feitiçaria está dentro, a razão fica de fora. — respondeu Servius — O medo, sentido pelas províncias centrais, é muito grande para permiti-los que se revoltem a seu favor. As províncias remotas lutariam por você... mas a mesma feitiçaria que derrubou seu exército no Valkia, lhe derrubaria novamente. Os nemédios dominam as partes mais

vastas, ricas e densamente povoadas da Aquilônia, e não podem ser derrotados pelas forças que ainda poderiam estar sob seu comando. Você sacrificaria seus leais súditos em vão. Eu lamento profundamente dizê-lo, mas é verdade: Rei Conan, você é um rei sem reino.

Conan olhava fixamente para a fogueira, sem responder. Uma tora ardente se espatifou por entre as chamas, sem jorrar chuva alguma de faíscas. Poderia muito bem ser o espatifar de seu reino arruinado.

Novamente, Conan sentiu a presença de uma sombria realidade por trás do véu da ilusão material. Ele sentiu novamente o avançar inexorável de um destino impiedoso. Uma sensação de pânico furioso puxou sua alma; uma sensação de estar preso numa armadilha, e uma fúria vermelha que arde para destruir e matar.

— Onde estão os oficiais de minha corte? — ele finalmente indagou.

— Pallantides foi terrivelmente ferido no Valkia, foi resgatado pela família, e agora descansa no seu castelo em Attains. Ele terá sorte, se voltar a montar. Publius, o chanceler, fugiu disfarçado do reino, e ninguém sabe para onde. O conselho se dispersou. Alguns foram aprisionados, alguns foram banidos. Muitos de seus súditos leais foram executados. Esta noite, por exemplo, a Condessa Albiona morrerá sob o machado do carrasco.

Conan se sobressaltou e olhou para Servius, com tamanha fúria lhe ardendo nos olhos azuis, que o nobre recuou.

— Por quê?

— Porque ela não quer se tornar amante de Valerius. As terras dela foram confiscadas, seus partidários vendidos como escravos, e à meia-noite, na Torre de Ferro, a cabeça dela rolará. Seja prudente, meu rei... para mim, você será sempre meu rei... e fuja antes que seja descoberto. Nestes tempos, ninguém está a salvo. Espiões e informantes andam furtivamente entre nós, delatando o menor ato ou palavra de descontentamento, como traição e rebelião. Se você aparecer para seus súditos, isso terminará na sua captura e morte.

"Meus cavalos, e todos os homens nos quais posso confiar, estão ao seu dispor. Antes do amanhecer, podemos estar longe de Tarantia, e bem no nosso caminho em direção à fronteira. Se eu não posso lhe ajudar a recuperar seu reino, posso, pelo menos, lhe seguir no exílio".

Conan sacudiu a cabeça. Servius olhou desconfortavelmente para ele, enquanto o cimério permanecia sentado, olhando fixamente para o fogo, com o queixo sustentado pelo grande punho. A luz da fogueira brilhava

vermelha em sua malha de aço e seus olhos fatais. Eles ardiam à luz da fogueira como os olhos de um lobo. Servius estava novamente consciente, como no passado, e agora mais intensamente do que nunca, de algo estranho ao redor do rei. A grande estrutura, sob a cota-de-malha, era muito dura e flexível para um homem civilizado; o fogo elementar do primitivo queimava naqueles olhos, que ardiam de forma latente. Agora, a sugestão bárbara ao redor do rei estava mais pronunciada, como se, em seu extremo, os aspectos externos da civilização houvessem sido arrancados, para revelar a essência primordial. Conan estava revertendo ao seu tipo primitivo. Ele não agia como um homem civilizado agiria sob as mesmas condições, nem seus pensamentos corriam pelos mesmos canais. Ele era imprevisível. Apenas um passo separava o rei da Aquilônia do matador vestido de peles, das colinas cimérias.

— Cavalgarei para Poitain, se for o caso. — Conan finalmente disse — Mas cavalgarei só. E tenho um último dever a cumprir como rei da Aquilônia.

— O que quer dizer, Majestade? — perguntou Servius, balançado por uma premonição.

— Irei para Tarantia, atrás de Albiona, esta noite. — respondeu o rei — Já falhei com todos os meus outros súditos leais, ao que parece... se levarem a cabeça dela, podem levar a minha também.

— Isto é loucura! — gritou Servius, se erguendo cambaleante e agarrando a própria garganta, como se já sentisse o laço se fechando ao redor da mesma.

— Há segredos sobre a Torre, os quais poucos conhecem. — disse Conan — De qualquer forma, eu seria um cão em deixar Albiona morrer por causa de sua lealdade a mim. Posso ser um rei sem reino, mas não sou um homem sem honra.

— Isso arruinará a todos nós! — sussurrou Servius.

— Isso não arruinará a ninguém, a não ser a mim mesmo, se eu falhar. Você já se arriscou demais. Cavalgarei sozinho esta noite. Isto é tudo o que eu quero que você faça: procure para mim um tapa— olho, um cajado para minha mão, e roupas como as que os viajantes usam.

## IX

### *"É o Rei, ou Seu Fantasma!"*

MUITOS HOMENS PASSAVAM pelos grandes portões arcados de Tarantia entre o pôr-do-sol e a meia noite — viajantes atrasados; mercadores de lugares distantes, com mulas pesadamente carregadas, e trabalhadores livres das fazendas e vinhedos das cercanias. Agora que Valerius era supremo nas províncias centrais, não havia rígida vigilância sobre as pessoas que fluíam num curso constante, através dos largos portões. A disciplina havia relaxado. Os soldados nemédios que ficavam de guarda estavam meio bêbados, e ocupados demais à espreita de belas jovens fazendeiras ou ricos mercadores que pudessem ser maltratados, para perceberem trabalhadores ou viajantes poeirentos — mesmo um viajante a pé, cujo manto gasto não conseguia esconder as linhas firmes de sua poderosa estrutura.

Este homem andava de um modo ereto e agressivo, que era natural demais para ele próprio perceber, e muito menos disfarçar. Um grande retalho lhe cobria um olho, e seu capuz de couro, puxado até suas sobrancelhas, lhe sombreava o rosto. Com cajado longo e grosso em sua musculosa mão morena, ele andava calmamente a passos largos, através do arco onde as tochas chamejavam e bruxuleavam; e, ignorado pelos guardas embriagados, emergiu sobre as ruas largas de Tarantia.

Sobre estas ruas iluminadas, as multidões de sempre cuidavam de seus negócios, e armazéns e balcões de mercadorias estavam abertos, com seus produtos à mostra. Um fio tecia constantemente um assunto-padrão. Soldados nemédios, sozinhos ou em grupos, andavam arrogantemente através das multidões, empurrando com os ombros para abrirem caminho em profunda arrogância. Mulheres saíam correndo do caminho deles, e homens davam um passo para o lado, com sobrancelhas escurecidas e punhos cerrados. Os aquilonianos eram uma raça orgulhosa, e aqueles eram seus inimigos hereditários.

Os nós dos dedos do viajante alto se contraíam no cajado, mas, assim como os outros, ele andava para um lado, para deixar os homens em armaduras passarem. No meio da multidão colorida e variada, ele não chamava muito a atenção, com suas vestes pardacentas e empoeiradas. Mas, num momento em que passou pelo armazém de um vendedor de espadas, e a luz que fluía de sua porta larga caiu sobre ele, ele pensou ter sentido um olhar fixo e intenso sobre si e, girando rapidamente, viu um homem usando o casaco marrom de um trabalhador livre e mirando-o fixamente. Este homem se afastou com pressa exagerada, e desapareceu na multidão em movimento. Mas Conan se dirigiu a uma estreita rua lateral e apressou o passo. Por ter sido mera curiosidade negligente; mas ele não podia se arriscar.

A sombria Torre de Ferro se erguia afastada da cidadela, no meio de um labirinto de ruas estreitas e casas aglomeradas, onde as estruturas mais humildes, ocupando um espaço em desordem, haviam invadido uma porção da cidade que lhes era habitualmente estranha. A Torre era na verdade um castelo; uma antiga e tremenda pilha de pedra compacta e ferro negro, a qual havia servido como fortaleza, num século mais antigo e mais rude.

Não muito longe dela, perdida numa confusão de casas e armazéns parcialmente abandonados, havia uma antiga torre de vigia, tão velha e esquecida que não aparecia nos mapas da cidade há 100 anos. Sua função original havia sido esquecida; e ninguém, dentre os que a tinham visto, percebiam que a tranca, aparentemente antiga, a qual a impedia de ser usada como quarto de dormir por mendigos e ladrões, era na verdade comparativamente nova e extremamente forte, habilmente disfarçada numa aparência de rústica antiguidade. Menos de meia-dúzia de homens no reino sequer conhecia o segredo daquela torre.

Não se via nenhum buraco de fechadura na pesada tranca incrustada de verde. Mas os dedos experientes de Conan, se movendo furtivamente sobre ela, pressionaram aqui e ali maçanetas invisíveis ao observador ocasional. A porta se abriu silenciosamente para dentro, e ele entrou numa escuridão compacta, empurrando a porta e fechando-a atrás de si. Uma luz mostraria que a torre estava vazia; uma desnuda e cilíndrica seta de pedra maciça.

Tateando num canto com a certeza da familiaridade, ele encontrou as saliências pelas quais procurava, numa laje de pedra que compunha o chão. Rapidamente, ele a ergueu e, sem hesitar, desceu para dentro da abertura sob ela. Seus pés sentiram uns degraus de pedra levando para baixo, para

dentro do que ele sabia ser um túnel estreito, o qual corria diretamente para os alicerces da Torre de Ferro, a três ruas de distância.

O Sino na fortaleza, que só tocava à meia-noite, ou devido à morte de um rei, retumbou subitamente. Numa sala fracamente iluminada da Torre de Ferro, uma porta se abriu e uma figura surgiu dentro de um corredor. O interior da Torre era tão desagradável quanto sua aparência externa. Suas paredes de pedra maciça eram ásperas e sem adorno. As lajes do chão eram profundamente gastas por gerações de pés vacilantes, e a abóbada do teto era sombria na luz fraca das tochas postadas em nichos.

O homem que caminhava naquele corredor sombrio parecia combinar com seus arredores. Era um homem alto e poderosamente constituído, que vestia uma roupa justa de seda negra. Sobre sua cabeça havia um capuz negro que lhe caía ao redor dos ombros, e com dois buracos para os olhos. De seus ombros pendia um folgado manto negro e, sobre um dos ombros, ele carregava um pesado machado, cuja forma não era nem a de ferramenta nem de arma.

Enquanto ele seguia pelo corredor, uma figura veio manquejando até ele — um velho encurvado e ríspido, vergado pelo peso da própria lança e de uma lamparina que segurava numa das mãos.

— Você não é tão pontual quanto seu antecessor, senhor carrasco. — ele se queixou — Acabou de dar meia-noite, e homens mascarados já foram até a cela de milady. Eles lhe aguardam.

— Os sons do sino ainda ecoam entre as torres. — respondeu o executor — Se não sou tão rápido para saltar e correr ao aceno dos aquilonianos, como era o cão que ocupava este cargo antes de mim, eles acharão meu braço não menos rápido. Vá para seus deveres, velho guarda, e deixe-me ir para o meu. Acho que o meu ofício é o mais doce, por Mitra, pois você pisa em corredores frios e perscruta portas enferrujadas de calabouços, enquanto eu deceparei a mais bela cabeça de Tarantia esta noite.

O vigia seguiu capengando pelo corredor, ainda reclamando, e o executor reassumiu calmamente seu caminho. Poucas passadas o levavam a uma curva no corredor, e ele notou, desatento, que à sua esquerda uma porta estava parcialmente aberta. Se ele tivesse pensado, saberia que a porta havia sido aberta desde que o vigia passou; mas seu ofício não era pensar. Ele passou pela porta destrancada, antes de perceber que alguma coisa estava errada; e então, já era tarde demais.

Um suave passo de tigre e o sussurrar de um manto o avisaram, mas, antes que ele pudesse girar, um braço pesado se enganchou por trás, ao redor de seu pescoço, esmagando o grito antes que ele pudesse lhe chegar aos lábios. No breve instante que lhe foi permitido, ele percebeu, numa onda de pânico, a força de seu atacante, contra a qual seus próprios músculos vigorosos eram indefesos. Ele sentiu sem ver a adaga.

— Cão nemédio! — sussurrou uma voz cheia de ira em seu ouvido — Você deceitou sua última cabeça aquiloniana!

E isso foi a última coisa que ele ouviu.

Num escuro calabouço, iluminado apenas por uma tocha tremeluzente, três homens se erguiam ao redor de uma mulher que se ajoelhava sobre as lajes alastradas por juncos, e olhava descontroladamente para eles. Estava vestida apenas com uma camisola sumária; seu cabelo dourado lhe caía em lustrosas mechas onduladas sobre os ombros brancos, e seus pulsos estavam amarrados às suas costas. Mesmo na luz trêmula da tocha, e apesar de seu desalinho e palidez de medo, sua beleza era impressionante. Ela se ajoelhou em silêncio, encarando, com olhos arregalados, os seus algozes. Os homens estavam firmemente mascarados e usavam mantos. Um trabalho como este precisava de máscaras, mesmo numa terra conquistada. Apesar disso, ela conhecia todos eles; mas o que ela sabia não afetaria ninguém, após aquela noite.

— Nosso piedoso soberano lhe oferece mais uma chance, condessa. — disse o mais alto dos três, e ele falava Aquiloniano sem sotaque — Ele me mandou dizer que, se você abrandar seu espírito orgulhoso e rebelde, ele ainda abrirá os braços para você. Se não... — ele gesticulou em direção a um sombrio bloco de madeira, no centro de cela. Estava sinistramente manchado, e apresentava muitos talhos profundos, como se uma lâmina afiada, cortando alguma substância suave, tivesse afundado na madeira.

Albiona estremeceu e ficou pálida, recuando. Cada fibra de seu vigoroso corpo jovem tremia com o anseio pela vida. Valerius era jovem também, e era bonito. Muitas mulheres o amavam, ela dizia a si mesma, lutando consigo mesma pela vida. Mas ela não conseguia falar a palavra que salvaria seu delicado corpo jovem do bloco e da queda do machado. Ela não conseguia explicar o motivo. Só sabia que, ao pensar no abraço de Valerius, sua pele se arrepiava com uma repugnância maior que o medo da morte. Ela sacudiu a cabeça negativamente, sem saber o que fazer, compelida por um impulso mais irresistível que o instinto pela vida.

— Então, não há mais nada a ser dito! — exclamou impacientemente um outro, que falava com sotaque nemédio — Onde está o carrasco?

Como que convocada pela palavra, a porta do calabouço se abriu silenciosamente, e uma grande figura ficou emoldurada nela, como uma sombra negra do inferno.

Albiona exprimiu um grito baixo e involuntário, ao ver aquela forma sombria, e os outros arregalaram silenciosamente os olhos, talvez eles mesmos tomados de temor supersticioso diante da silenciosa figura encapuzada. Através da máscara, os olhos brilhavam como brasas de fogo azul e, enquanto estes olhos descansavam sobre cada um dos homens, ele sentia um estranho arrepio lhe descer pela espinha.

Então, o aquiloniano alto agarrou rudemente a garota e a arrastou até o bloco. Ela gritou incontrolavelmente e lutou sem esperanças contra eles, desvairada de terror, mas ele a forçou cruelmente a se ajoelhar e curvou a cabeça loira dela até o bloco sangrento.

— Por que está demorando, carrasco? — ele exclamou furiosamente — Faça sua tarefa!

Ele foi respondido por um ribombar curto e borrascoso de gargalhada, a qual era indescritivelmente ameaçadora. Todos na masmorra ficaram petrificados, encarando a figura encapuzada — as duas figuras em manto, o homem mascarado que se curvava sobre a jovem, e a própria jovem ajoelhada, torcendo a cabeça aprisionada para olhar para o alto.

— O que significa esta alegria inconveniente, cão? — exigiu o aquiloniano incomodado.

O homem de roupa preta arrancou o capuz da cabeça e o lançou ao chão; ele se encostou à porta fechada e ergueu o machado do carrasco.

— Vocês me conhecem, cães? — ele roncou — Vocês sabem quem sou eu?

O silêncio ofegante foi quebrado por um grito.

— O rei! — guinchou Albiona, se livrando, com uma torção, do aperto afrouxado de seu captor — Oh, Mitra, o rei!

Os três homens ficaram imóveis como estátuas, e logo o aquiloniano estremeceu e falou, como um homem que duvida de seus próprios sentidos.

— Conan! — ele exclamou — É o rei, ou seu fantasma! Que trabalho do diabo é este?

— Trabalho do diabo para se igualar a diabos! — zombou Conan, com os lábios sorrindo, mas com o inferno flamejando em seus olhos — Venham

e comecem, meus cavaleiros. Vocês têm suas espadas, e eu, este cutelo de açougueiro. Não, eu acho que esta ferramenta de carniceiro se encaixa no trabalho que acontecerá, meus honestos senhores!

— A ele! — murmurou o aquiloniano, puxando a espada — É Conan, e devemos matar ou sermos mortos!

E, como homens acordando de um transe, os nemédios desembainharam suas lâminas e se lançaram sobre o rei.

O machado do carrasco não era feito para tal trabalho, mas o rei empunhava aquela arma pesada e tosca tão levemente quanto uma machadinha; e seus pés rápidos, enquanto ele mudava constantemente de posição, frustravam-lhes o propósito, de todos os três o enfrentarem ao mesmo tempo.

Ele aparou a espada do primeiro homem, usando a lâmina do machado, e esmagou o peito do espadachim num contragolpe, antes que ele pudesse recuar ou se esquivar. O nemédio restante, errando um selvagem golpe vigoroso, teve os miolos salpicados para fora, antes que pudesse recuperar o equilíbrio; e, um instante depois, o aquiloniano foi recuado até um canto, aparando desesperadamente os golpes despedaçadores que caíam sobre ele, lhe faltando oportunidade até para gritar por socorro.

Súbito, o longo braço esquerdo de Conan se esticou e rasgou a máscara que havia na cabeça do homem, revelando-lhe o rosto pálido.

— Cão! — rangeu o rei — Eu achei que lhe conhecia. Traidor! Renegado maldito! Até mesmo este aço ordinário é honroso demais para sua cabeça repugnante. Não; morra como morrem os ladrões!

O machado desceu num arco devastador, e o aquiloniano gritou e caiu de joelhos, agarrando o coto do decepado braço direito, do qual o sangue jorrava. Havia sido decepado na altura do cotovelo, e o machado, incontido na descida, havia lhe talhado profundamente o lado, de modo que suas estranhas saíram.

— Fique aí, e sangre até morrer. — grunhiu Conan enojado, lançando o machado para longe — Venha, Condessa!

Curvando-se, ele cortou as cordas que amarravam os pulsos dela e, erguendo-a como se ela fosse uma criança, saiu da masmorra a passos largos. Ela soluçava histericamente, com os braços lançados ao redor do pescoço musculoso dele, num abraço desesperado.

— Calma. — ele murmurou — Ainda não saímos desta. Se conseguirmos alcançar a masmorra onde a porta secreta se abre para a

escadaria que leva ao túnel... diabo, eles ouviram aquele barulho, mesmo através destas paredes.

Do outro lado do corredor, armas retiniam, e os passos e gritos de homens ecoavam sob o teto abobadado. Uma figura arqueada veio mancando rapidamente, de lanterna erguida, e sua luz brilhou em cheio sobre Conan e a garota. Com uma praga, Conan saltou em sua direção, mas o velho vigia, abandonando tanto a lanterna quanto a lança, saiu em disparada pelo corredor, guinchando por socorro a plenos pulmões com sua voz quebrada. Vozes mais graves o responderam.

Conan girou rapidamente e correu na direção oposta. Ele havia sido removido do calabouço que tinha a tranca secreta e a porta escondida, pela qual havia adentrado a Torre e pela qual esperava ir embora, mas ele conhecia muito bem aquela construção sombria.

Antes de ser rei, ele havia sido aprisionado nela.

Ele se voltou para uma passagem lateral, e rapidamente emergiu em outro corredor, mais largo, que corria paralelo àquele por onde viera, e que estava abandonado no momento. Isto o trouxe de volta ao corredor que ele havia deixado, mas num ponto estratégico. A poucos passos de distância do corredor, havia uma pesada porta trancada e, diante dela, havia um nemédio barbudo, usando couraça e elmo, de costas para Conan enquanto espiava o corredor, na direção do crescente tumulto e das lanternas que tremeluziam ferozmente.

Conan não hesitou. Colocando a garota no chão, ele correu rápida e silenciosamente, de espada na mão. O homem só se virou quando o rei lhe havia alcançado; berrando de surpresa e terror, ele ergueu sua lança; mas antes que pudesse usar a tosca arma, Conan desceu a espada no elmo do sujeito, com uma força capaz de derrubar um boi. Elmo e crânio foram abertos ao mesmo tempo, e o guarda caiu ao chão.

Num instante, Conan havia puxado a pesada tranca que barrava a porta — muito pesada para um homem comum manusear — e chamou apressadamente Albiona, a qual correu cambaleante até ele. Erguendo-a sem cerimônia com um dos braços, ele carregou através da porta e em direção à escuridão externa.

Eles haviam adentrado um beco estreito, escuro como breu, murado pelo lado da Torre e, do outro lado, pela pedra perpendicular dos fundos de uma fileira de construções. Conan, correndo pela escuridão tão rapidamente

quanto ousava, tateava pelas construções em busca de portas ou janelas, mas não achava nenhuma.

A grande porta se abriu com um estrondo atrás deles, e homens saíram em grandes números, com tochas brilhando em suas placas peitorais e espadas nuas. Olhavam ao redor, berrando, incapazes de penetrarem a escuridão com suas tochas, que só serviam para iluminar a poucos passos em qualquer direção, e então entraram correndo num beco escolhido ao acaso — indo para o lado oposto ao que fora tomado por Conan e Albiona.

— Eles logo perceberão seu erro. — ele murmurou, apressando o passo.

— Se pudermos achar uma fenda neste muro infernal... maldição! O vigia da rua!

Diante deles, um brilho fraco se fez visível, no local em que o beco se abria para uma rua estreita, e ele viu figuras indistintas avultando nela com um brilho de aço. Era de fato o vigia da rua, investigando o barulho que havia ouvido ecoar do outro lado do beco.

— Quem vem lá? — eles gritaram, e Conan rangeu os dentes diante do odiado sotaque nemédio.

— Fique atrás de mim. — ele ordenou à garota — Teremos que abrir nosso caminho à força, antes que os guardas da prisão voltem e nos cerquem entre eles.

E, agarrando sua espada, ele correu diretamente às figuras que se aproximavam.

A vantagem da surpresa era dele. Ele podia vê-los, delineados contra o brilho distante, e eles não podiam vê-lo se aproximar deles desde as profundezas negras do beco. Estava entre eles, antes que pudessem perceber, golpeando com a fúria silenciosa de um leão ferido.

Sua única chance era abrir caminho, antes que pudessem perceber o que estava acontecendo. Mas havia dez deles, em completa armadura de malha — veteranos endurecidos das guerras fronteiriças, nos quais o instinto por batalha era capaz de substituir seus raciocínios confusos. Três deles estavam caídos, antes de perceberem que era apenas um homem que os atacava, mas mesmo assim a reação deles foi instantânea. O clangor do aço se erguia, e faíscas voavam enquanto a espada de Conan se espatifava em elmos pontudos com viseiras e em cotas-de-malha. Ele podia enxergar melhor que eles, e na luz fraca, o movimento rápido de seu corpo fazia dele um alvo incerto. Espadas em movimento cortavam apenas o ar vazio ou resvalavam

na lâmina; e, quando ele golpeava, era com a fúria e precisão de um vendaval.

Mas, atrás dele, soaram os gritos dos guardas da prisão, que voltavam correndo do beco, e as figuras em malha à sua frente ainda lhe barravam o caminho, numa eriçada parede de aço. Num instante, os guardas estariam às suas costas — desesperadamente, ele redobrou seus golpes, batendo como um ferreiro numa forja; e logo, percebeu subitamente uma mudança de direção. Do nada, atrás dos guardas, surgiram vinte figuras negras e houve um som de golpes fatais. Aço lampejava na escuridão, e homens gritavam, golpeados mortalmente por trás. Num instante, o beco estava alastrado de formas que se contorciam. Uma figura escura com um manto pulou em direção a Conan, que ergueu a espada ao lhe ver um brilho de aço na mão direita. Mas a outra estava vazia e foi estendida para ele, uma voz sibilou com urgência:

— Por aqui, Majestade! Rápido!

Murmurando uma praga de surpresa, Conan ergueu Albiona com um dos braços maciços e seguiu o ajudante desconhecido. Ele não estava disposto a hesitar, com 30 soldados da prisão se aproximando por trás.

Cercado por figuras misteriosas, ele correu pelo beco, carregando a condessa como se ela fosse uma criança. Ele nada saberia dizer sobre seus salvadores, exceto que eles usavam mantos e capuzes negros. Dúvida e suspeita lhe cruzaram o pensamento, mas eles, pelo menos, lhe haviam matado os inimigos, e ele não viu conduta melhor do que segui-los.

Como que lhe sentindo o medo, o líder lhe tocou levemente o braço e disse:

— Não tema, Rei Conan; somos seus súditos leais.

A voz não era familiar, mas o sotaque era o Aquiloniano das províncias centrais.

Atrás deles, os guardas gritavam, enquanto tropeçavam sobre os cadáveres na lama, e vieram em disparada vingativa para o beco, vendo a vaga massa escura se mover entre eles e a luz da rua distante. Mas os homens encapuzados viraram subitamente em direção à parede aparentemente vazia, e Conan viu uma porta se abrir lá. Ele murmurou uma praga. Havia atravessado aquele beco durante o dia, em tempos passados, e nunca havia percebido uma porta ali. Mas eles a atravessaram, e a porta se fechou atrás deles com o estalido de uma tranca. O som não era tranquilizante, mas seus guias o apressavam, se movendo com a precisão da

familiaridade e guiando Conan com uma mão em cada cotovelo. Era como atravessar um túnel, e Conan sentiu os membros esbeltos de Albiona lhe tremendo nos braços. Então, em algum lugar à frente deles, uma abertura ficou fracamente visível — um simples, e um tanto pequeno, arco negro na escuridão -, e eles a atravessaram em fila.

Após isso, houve uma sucessão desnorteante de pátios e becos escuros, e corredores sinuosos, todos atravessados em total silêncio, até que, finalmente, eles adentraram uma larga câmara dourada, cuja localização Conan não conseguiria imaginar, pois sua rota tortuosa havia confundido até mesmo seu senso primitivo de direção.

## X

### *Uma Moeda de Acheron*

NEM TODOS OS SEUS guias adentraram a câmara. Quando a porta se fechou, Coam viu apenas um homem diante de si — uma figura magra, coberta por um manto negro com um capuz. O homem abaixou este último, mostrando o pálido oval de um rosto, com feições calmas e delicadamente esculpidas.

O rei pôs Albiona de pé, mas ela ainda se agarrava a ele e olhava apreensivamente ao redor. A câmara era larga, com paredes de mármore parcialmente cobertas por cortinas de veludo negro, e com espessos tapetes suntuosos sobre o chão de mosaico, banhado pelo suave brilho dourado de lampiões de bronze.

Conan pôs instintivamente a mão no cabo de sua espada. Havia sangue em sua mão; sangue coagulado ao redor da entrada da bainha, pois ele havia embainhado sua lâmina sem limpá-la.

— Onde estamos? — ele exigiu.

O estranho respondeu com uma humilde e profunda reverência, na qual o desconfiado rei não conseguiu detectar qualquer traço de ironia.

— No templo de Asura, Majestade.

Albiona exclamou levemente e se agarrou ainda mais a Conan, olhando fixa e temerosamente para as negras portas arcadas, como se na expectativa de que entrasse alguma forma medonha das trevas.

— Nada tema, minha senhora. — disse o guia deles — Aqui não há nada que lhes possa fazer mal, apesar da superstição vulgar para o contrário. Se seu monarca foi suficientemente convencido da inocência de nossa religião para nos proteger da perseguição dos ignorantes, então certamente uma de suas súditas não precisa ficar apreensiva.

— Quem é você? — indagou Conan.

— Sou Hadrathus, sacerdote de Asura. Um de meus seguidores lhe reconheceu quando você entrou na cidade, e me trouxe a notícia.

Conan grunhiu uma blasfêmia.

— Não tema que outros descubram sua identidade. — Hadrathus lhe garantiu — Seu disfarce enganaria qualquer um, menos um seguidor de Asura, cujo culto procura ver sob o aspecto da ilusão. Você foi seguido até a torre de vigia, e alguns do meu povo adentraram o túnel para lhe ajudar, caso você voltasse por aquele caminho. Outros, inclusive eu, cercaram a torre. E agora, Rei Conan, o comando é seu. Aqui, no templo de Asura, você ainda é rei.

— Por que vocês arriscaram suas vidas por mim? — perguntou o rei.

— Você foi nosso amigo quando se sentava sobre seu trono. — respondeu Hadrathus — Você nos protegeu quando os sacerdotes de Mitra tentaram nos expulsar da terra.

Conan olhou, curioso, ao redor de si. Ele nunca visitara antes o templo de Asura, e nem tinha certeza de que havia um templo destes em Tarantia. Os sacerdotes daquela religião tinham um hábito de esconder seus templos de uma forma excepcional. O culto a Mitra era esmagadoramente predominante nas nações hiborianas, mas o culto a Asura persistia, apesar da excomunhão oficial e do antagonismo popular. Conan havia escutado histórias sombrias sobre templos escondidos, onde fumaça ardente subia de forma incessante desde altares negros, nos quais vítimas raptadas eram sacrificadas diante de uma grande serpente, cuja cabeça medonha sempre oscilava pelas escuridões mal-assombradas.

A perseguição fez com que os seguidores de Asura escondessem seus templos com engenhosa habilidade, e ocultassem seus rituais na

obscuridade; e este sigilo, por sua vez, provocou mais suspeitas monstruosas e contos de pecado.

Mas Conan tinha a vasta tolerância dos bárbaros, e havia se recusado a perseguir os seguidores de Asura, ou a permitir que o povo o fizesse sem maiores evidências que fossem apresentadas contra eles, rumores e acusações que não pudessem ser provados. "Se eles se dedicam à magia negra," ele havia dito, "como podem sofrer com suas perseguições? Se não se dedicam, não há mal neles. Demônios de Crom! Deixe os homens adorarem os deuses que quiserem".

Diante de um respeitoso convite de Hadrathus, ele se sentou numa cadeira de marfim, e gesticulou a Albiona para que se sentasse em outra, mas ela preferiu se sentar num tamborete de ouro aos pés dele, comprimindo-se contra sua coxa, como se procurando segurança no contato. Como muitos seguidores ortodoxos de Mitra, ela tinha um horror intuitivo dos seguidores e do culto de Asura, instilado em sua infância por histórias absurdas de sacrifício humano e deuses antropomórficos cambaleando através de templos sombrios.

Hadrathus se postou diante deles, com a cabeça descoberta curvada:

— Qual o seu desejo, Majestade?

— Comida, primeiro. — ele grunhiu, e o sacerdote bateu num gongo dourado com um bastão de prata.

Mal o som suave havia parado de ecoar, quando quatro figuras encapuzadas saíram de uma porta encortinada, carregando uma grande travessa de prata, com quatro pernas, pratos fumegantes e vasos de cristal.

Eles a colocaram diante de Conan e se curvaram humildemente, e o rei enxugou as mãos no damasco e estalou os lábios com indisfarçado apetite.

— Cuidado, Majestade! — sussurrou Albiona — Esta gente come carne humana!

— Aposto meu reino que isto não é nada, além de uma genuína carne assada de boi — respondeu Conan — Venha, moça, fique à vontade! Você deve estar faminta após ter passado pela prisão.

Assim aconselhada, e com o exemplo diante de si, de alguém cuja palavra era a lei definitiva para ela, a condessa aquiesceu e comeu voraz, mas graciosamente, enquanto seu senhor dilacerava os quartos de carne com os dentes e bebia sofregamente o vinho, com tanta satisfação que não parecia já ter comido naquela noite.

— Seus sacerdotes são sagazes, Hadrathus. — ele disse, com um grande osso na mão e a boca cheia de carne — Seus serviços serão bem-vindos em minha campanha para readquirir meu reino.

Lentamente, Hadrathus balançou a cabeça, e Conan bateu o osso na mesa, num assomo de fúria impaciente:

— Demônios de Crom! O que aflige os homens da Aquilônia? Primeiro Servius... agora você! Vocês não conseguem fazer nada, a não ser balançar suas cabeças idiotas quando falo em expulsar aqueles cães?

Hadrathus suspirou e respondeu lentamente:

— Milorde, é duro dizê-lo e eu gostaria de dizer o contrário. Mas a liberdade da Aquilônia está acabando! Não, a liberdade de todo o mundo pode estar no fim! Eras se sucedem às eras na história do mundo, e agora estamos entrando numa era de horror e escravidão, como foi há muito tempo atrás.

— O que quer dizer? — indagou o rei, inquieto.

Hadrathus afundou numa cadeira e descansou os cotovelos nas coxas, olhando fixamente para o chão.

— Não são apenas os lordes rebeldes da Aquilônia e os exércitos da Nemédia que estão organizados contra você. — respondeu Hadrathus

— É feitiçaria... medonha magia negra, vinda da juventude sombria do mundo. Uma forma medonha foi erguida das sombras do Passado, e ninguém é capaz de enfrentá-la.

— O que quer dizer? — Conan repetiu.

— Falo de Xaltotun de Acheron, que morreu há 3 mil anos, mas hoje anda pela terra.

Conan estava calado, mas em sua mente flutuava uma imagem — a imagem de um rosto barbudo, de beleza calma e inumana. Mais uma vez, ele se viu perseguido por uma sensação de familiaridade inquieta. Acheron... o som da palavra despertou instintivas vibrações de memória e associações em sua mente.

— Acheron. — ele repetiu — Xaltotun de Acheron... você está louco, homem? Acheron tem sido um mito por mais séculos do que eu posso lembrar. Várias vezes me perguntei se ele sequer chegou a existir.

— Foi uma negra realidade — respondeu Hadrathus -; um império de praticantes de magia negra, impregnado em perversidade e agora há muito esquecido. Ele foi finalmente destruído pelas tribos hiborianas do oeste. Os magos de Acheron praticavam repugnante necromancia, taumaturgia do tipo

mais maligno e magia pavorosa, ensinada a eles por demônios. E, de todos os sacerdotes daquele reino amaldiçoado, nenhum foi tão poderoso quanto Xaltotun de Python.

— Então, como ele foi derrotado? — Conan perguntou, incrédulo.

— De algum modo, uma fonte de poder cósmico, a qual ele guardava zelosamente, foi roubada e usada contra ele. Aquela fonte retornou a ele, e ele está invencível.

Albiona, apertando o manto negro do carrasco ao redor de si, olhava fixamente para o sacerdote e o rei, sem entender a conversa. Conan sacudiu furiosamente a cabeça.

— Você está brincando comigo. — ele grunhiu — Se Xaltotun morreu há 3000 anos, como este homem pode ser ele? É algum velhaco, que está usando o nome do velho.

Hadrathus se curvou em direção a uma mesa de marfim, e abriu um pequeno cofre de ouro que havia lá. Deste, ele tirou algo que brilhava obtusamente na luz suave — uma grande moeda de ouro, de feitio antigo.

— Você viu Xaltotun sem o véu? Então veja isto. É uma moeda que foi cunhada na antiga Acheron, antes de sua queda. Aquele império negro estava tão impregnado por feitiçaria, que até mesmo esta moeda tem seu uso em magia negra.

Conan a pegou e franziu a testa para ela. Não havia equívocos sobre sua grande antiguidade. Conan havia manuseado muitas moedas nos seus anos de roubos, e tinha um bom conhecimento prático delas. As beiradas estavam gastas, e a inscrição quase apagada. Mas o rosto, estampado em um dos lados, ainda era claro e nítido. E a respiração

de Conan foi tragada entre seus dentes fechados. Não fazia frio na câmara, mas ele sentiu um formigamento no couro cabeludo e uma contração gelada na pele. O rosto era o de um homem barbado, impenetrável, com uma beleza calma e inumana.

— Por Crom! É ele! — murmurou Conan. Agora ele entendia o senso de familiaridade, que a visão do homem barbado havia lhe despertado pela primeira vez. Ele havia visto uma moeda como aquela antes, uma vez, há muito tempo numa terra distante.

Com um sacudir de ombros, ele resmungou:

— A semelhança é apenas coincidência... se ele é astuto o suficiente para usar o nome de um mago esquecido, também o é para assumir sua semelhança.

Mas ele falou sem convicção. A visão daquela moeda havia sacudido os alicerces de seu universo. Ele sentia que a realidade e estabilidade estavam desmoronando para um abismo de ilusão e feitiçaria. Um mago era fácil de entender; mas isto era diabolismo além da sanidade.

— É impossível duvidarmos que ele seja mesmo Xaltotun de Python. — disse Hadrathus — Foi ele quem fez desmoronarem os penhascos no Valkia, através de seus feitiços que escravizam os elementos naturais da terra... foi ele quem mandou a criatura das trevas para dentro de sua tenda, antes do amanhecer.

Conan franziu a testa para ele:

— Como soube disso?

— Os seguidores de Asura têm canais secretos de conhecimento. Isso não importa. Mas você percebe a futilidade de sacrificar seus súditos, numa vã tentativa de recuperar sua coroa?

Conan descansou seu queixo no punho, e olhou sombriamente para o nada. Albiona o observava ansiosamente, com o pensamento tateando perplexo pelos labirintos do problema que o confrontava.

— Não há feiticeiro no mundo que possa fazer magia para enfrentar a magia de Xaltotun? — ele finalmente perguntou.

Hadrathus balançou a cabeça negativamente:

— Se houvesse, nós de Asura o conheceríamos. Dizem que nosso culto é um sobrevivente do antigo culto stígio à serpente. Isso é mentira. Nossos ancestrais vieram de Vendhya, além do Mar de Vilayet e dos azuis Montes Himelianos. Somos filhos do Leste, e não do Sul, e temos conhecimento de todos os magos do Leste, que são mais poderosos que os do Oeste. E nenhum deles seria mais do que palha ao vento, diante do poder negro de Xaltotun.

— Mas ele já foi vencido uma vez. — persistiu Conan.

— Sim; uma fonte cósmica foi usada contra ele. Mas essa fonte está nas mãos dele novamente, e ele se encarregará de que ela não seja roubada outra vez.

— E o que é esta maldita fonte? — Conan indagou, irritado.

— Chama-se o Coração de Ahriman. Quando Xaltotun foi derrotado, o sacerdote primitivo, que o havia roubado e usado contra Xaltotun, o escondeu numa caverna assombrada e construiu um pequeno templo sobre a caverna. Três vezes depois disso, o templo foi construído, cada vez maior e mais elaborado que antes, mas sempre no mesmo lugar do santuário

original, embora os homens tenham esquecido os motivos. A lembrança do símbolo oculto desapareceu das mentes dos homens comuns, e foi preservada apenas em livros sacerdotais e tomos esotéricos. De onde ele veio, ninguém sabe. Alguns dizem que é o verdadeiro coração de um deus, outros dizem que é uma estrela que caiu dos céus há muito tempo atrás. Até ser roubado, ninguém o viu durante 3 mil anos.

"Quando a magia dos sacerdotes de Mitra falhou contra a de Altaro, acólito de Xaltotun, eles se lembraram da antiga lenda do Coração, e o alto sacerdote e um acólito desceram para dentro da negra e terrível cripta sob o templo, para dentro da qual nenhum sacerdote havia descido durante 3000 anos. Nos antigos volumes encadernados a ferro, que falam do Coração com o simbolismo místico deles, também se fala de uma criatura das trevas, deixada pelo antigo sacerdote, para guardá-lo.

"Lá embaixo, numa câmara quadrada com portas arcadas que levam para trevas imensuráveis, o sacerdote e seus acólitos encontraram um altar de pedra negra, que brilhava fracamente, com um fulgor inexplicável.

"Naquele altar, fica um curioso vaso de ouro, semelhante a uma concha marinha de duas válvulas, a qual se agarra à pedra como um carrapato. Mas estava aberta e vazia. O Coração de Ahriman desaparecera. Enquanto eles olhavam, horrorizados, o guardião da cripta, a criatura das trevas, caiu sobre eles e retalhou o sumo— sacerdote até ele morrer. Mas o acólito fugiu daquele ser — um pária sem mente nem alma, dos fossos, trazido há muito tempo para guardar o Coração -, e escapou subindo as longas e negras escadas estreitas, e carregando o sacerdote, o qual, antes de morrer, contou, ofegante, as notícias aos seus seguidores, mandou que se rendessem a uma força que eles não poderiam derrotar, e pediu segredo. Mas a notícia havia sido sussurrada entre os sacerdotes, e nós, de Asura, soubemos dela".

— E Xaltotun extrai seu poder daquele símbolo? — Conan perguntou, ainda cético.

— Não. Seu poder é tirado do golfo negro. Mas o Coração de Ahriman veio de algum lugar de luz flamejante, e os poderes das trevas são incapazes de resistir a ele, quando ele está nas mãos de um adepto. É como uma espada que pode golpeá-lo, e não uma espada com a qual ele possa golpear. Ele restaura a vida e pode destruir vida. Ele o roubou, não para usá-lo contra os inimigos, mas para evitar que seja usado contra ele.

— Uma tigela de ouro em forma de concha, sobre um altar negro numa caverna profunda. — Conan murmurou, franzindo a testa enquanto tentava

capturar a imagem ilusiva — Isso me faz lembrar de algo que já vi ou ouvi. Mas o que, em nome de Crom, é este ilustre Coração?

— Ele tem a forma de uma grande jóia, semelhante a um rubi, mas pulsando com um fogo cegante com o qual nenhum rubi já brilhou. Ele arde como fogo vivo...

Súbito, Conan se ergueu de um pulo e bateu o punho direito na palma da mão esquerda, como um trovão.

— Crom! — ele rugiu — Como fui idiota! O Coração de Ahriman! O coração de meu reino! Encontre o coração de meu reino, Zelata disse. Por Ymir, era a jóia que vi na fumaça verde; a jóia que Tarascus roubou de Xaltotun, enquanto ele jazia no sono do lótus negro!

Hadrathus também ficou de pé, sua calma lhe caindo de si como se fosse uma roupa:

— O que está dizendo? O Coração, roubado de Xaltotun?

— Sim! — Conan bramiu — Tarascus temia Xaltotun, e queria lhe inutilizar o poder, o qual ele pensou que residisse no Coração. Talvez ele tenha achado que o bruxo morreria, caso o Coração fosse perdido. Por Crom... ahhh!

Com uma selvagem careta de decepção e desgosto, ele deixou sua mão fechada lhe cair no lado.

— Esqueci. Tarascus o deu a um ladrão para que este o lançasse no mar. A esta hora, o sujeito deve estar quase em Kordava. Antes que eu possa segui-lo, ele embarcará e entregará o Coração ao fundo do oceano.

— O mar não irá segurá-lo! — exclamou Hadrathus, tremendo de agitação — O próprio Xaltotun o teria lançado dentro do oceano há muito tempo, se não soubesse que a primeira tempestade o carregaria para a terra firme. Mas, em qual praia desconhecida ele chegará?

— Bom — Conan estava recuperando um pouco de sua confiança animada -, não há garantia de que ele o lance para longe. Se eu conheço ladrões... e devo conhecer, pois eu fui um ladrão em Zamora, no início de minha juventude... ele não se livrou da jóia. Ele a venderá para algum comerciante rico. Por Crom! — ele andava para um lado e para o outro, em sua crescente agitação — Vale a pena procurar! Zelata mandou que eu encontrasse o coração de meu reino, e tudo o mais que ela me mostrou provou ser verdade. É possível que o poder para derrotar Xaltotun se esconda naquela bugiganga escarlata?

— Sim! Aposto minha cabeça nisso! — gritou Hadrathus, com o rosto iluminado de fervor, os olhos brilhando e os punhos fechados — Com ele nas mãos, podemos desafiar os poderes de Xaltotun! Eu juro! Se pudermos recuperá-lo, teremos uma chance maior de recuperar sua coroa e expulsar os invasores de nossos portões. Não são as espadas da Nemédia que a Aquilônia teme, mas as artes negras de Xaltotun.

Conan olhou para ele por um instante, impressionado pelo fervor do sacerdote.

— É como uma busca num pesadelo. — ele finalmente disse — Mas suas palavras ecoam o pensamento de Zelata, e tudo o mais que ela disse era verdade. Procurarei por aquela jóia.

— Ela contém o destino da Aquilônia. — disse Hadrathus com convicção

— Mandarei homens com você...

— Não! — exclamou o rei impientemente, não querendo ser dificultado por sacerdotes em sua busca, embora estes fossem habilidosos em artes esotéricas — Isto é tarefa para um guerreiro. Irei só. Primeiro para Poitain, onde deixarei Albiona com Trocero. Depois, para Kordava e para o mar além, se for necessário. Ela pode estar lá; mesmo que o ladrão pretenda cumprir as ordens de Tarascus, ele terá alguma dificuldade em achar um navio de partida nesta época do ano.

— E, se você encontrar o Coração — gritou Hadrathus -, prepararei o caminho para sua conquista. Antes que você retorne à Aquilônia, espalharei a notícia, através de canais secretos, de que você vive e está retornando com uma magia mais forte que a de Xaltotun. Terei homens prontos para se revoltarem, quando você chegar. Eles se revoltarão, se tiverem certeza de que estarão protegidos contra as artes negras de Xaltotun.

"E eu lhe ajudarei em sua jornada".

Ele se ergueu e bateu no gongo.

— Um túnel secreto leva, da parte embaixo do tempo para um local fora dos muros da cidade. Você irá para Poitain num barco de peregrino. Ninguém ousará incomodá-lo.

— Como queira. — Com um propósito definido em mente, Conan estava incendiado com impaciência e energia dinâmica — Apenas permita que isso seja feito logo.

Nesse meio tempo, os acontecimentos não se moviam devagar em outro lugar da cidade. Um mensageiro sem fôlego havia entrado abruptamente no

palácio, onde Valerius se divertia com suas dançarinas, e, colocando um dos joelhos sobre o chão, arfou uma história distorcida, sobre o quebrar sangrento de uma prisão e a fuga de uma encantadora prisioneira. Ele também trazia as notícias de que o Conde Thespius, a quem a execução de Albiona fora confiada, estava morrendo e implorando para ter uma palavra com Valerius, antes de partir. Cobrindo-se apressadamente com um manto, Valerius acompanhou o homem através de vários caminhos sinuosos, e chegou a um quarto onde jazia Thespius. Não havia dúvida de que o conde estava morrendo; espuma de sangue lhe borbulhava dos lábios a cada horrorizante arfada. Seu braço decepado lhe havia sido amarrado, a fim de deter o sangue; mas, mesmo sem isso, o talho em seu lado era mortal.

Sozinho no quarto com o homem moribundo, Valerius praguejou suavemente:

— Por Mitra, acreditei que o único homem na terra, capaz de dar tal golpe, estivesse morto.

— Valerius! — arfou o moribundo — Ele está vivo! Conan vive!

— O que está dizendo? — exclamou o outro.

— Eu juro por Mitra! — gorgolejou Thespius, quase vomitando o sangue que lhe jorrava até os lábios — Foi ele quem levou Albiona! Ele não está morto... nenhum fantasma voltou do inferno para nos assombrar. É de carne e osso, e mais terrível do que nunca. O beco atrás da torre está cheio de homens mortos. Cuidado, Valerius... ele voltou... para matar a todos nós...

Um forte estremecimento sacudiu a figura manchada de sangue, e o Conde Thespius desabou.

Valerius franziu a testa para o morto, olhou rapidamente ao redor do quarto vazio e, caminhando rapidamente até a porta, abriu-a subitamente. O mensageiro e um grupo de guardas nemédios se encontravam a vários passos corredor abaixo. Valerius murmurou algo que parecia indicar satisfação.

— Todos os portões foram fechados? — ele exigiu saber.

— Sim, Majestade.

— Tripliquem os guardas em cada um. Não deixem que ninguém entre ou saia da cidade sem a mais rigorosa averiguação. Ponham homens para esquadrinharem as ruas e procurarem pelos bairros. Um prisioneiro de grande valor escapou, com a ajuda de um rebelde. Algum de vocês reconheceu o homem?

— Não, Majestade. O velho vigia teve um vislumbre dele, mas só soube dizer que era um gigante, vestido na roupa preta do executor, cujo corpo nu ele achou numa cela vazia.

— É um homem perigoso. — disse Valerius — Não se arrisquem com ele. Todos vocês conhecem a Condessa Albiona. Procurem por ela e, se a encontrarem, matem-na e ao companheiro dela instantaneamente. Não tentem capturá-los vivos.

Retornando à sua câmara palaciana, Valerius convocou à sua presença quatro homens de aspecto curioso e estrangeiro. Eram altos, magros, de pele amarelada e feições imóveis. Eram bastante similares na aparência, igualmente vestidos em longas togas negras, sob as quais seus pés calçados em sandálias eram bem visíveis. Suas feições eram ensombrecidas por seus capuzes. Postavam-se diante de Valerius com as mãos dentro das mangas largas, e os braços cruzados. Valerius olhou para eles sem prazer. Em suas longas viagens, ele havia encontrado muitas raças estranhas.

— Quando eu lhes encontrei passando fome nas selvas khitaianas — ele disse abruptamente -, exilados de seu reino, vocês juraram me servir. Vocês me serviram bem, em sua maneira abominável. Mais um serviço, eu peço, e então eu lhes libertarei de seu juramento.

"Conan, o cimério, rei da Aquilônia, ainda vive, apesar da feitiçaria de Xaltotun — ou talvez por causa dela. Eu não sei. A mente obscura daquele demônio ressuscitado é muito errante e engenhosa para um homem mortal compreender. Mas, enquanto Conan viver, não estarei seguro. O povo me aceitou como o menor de dois males, quando pensou que ele estivesse morto. Se ele reaparecer, o trono tremerá sob meus pés numa revolução, antes que eu possa erguer minha mão.

"Talvez meus aliados pretendam usá-lo para me substituir, caso decidam que já servi ao meu propósito. Não sei. Eu sei que este planeta é pequeno demais para dois reis da Aquilônia. Procurem o cimério. Usem seus talentos sobrenaturais para desentocá-lo, onde quer que ele fuja ou se esconda. Ele tem muitos amigos em Tarantia. Ele teve ajuda quando libertou Albiona. Foi preciso mais de um homem, mesmo para alguém como Conan, para fazer toda aquela matança no beco do lado externo da torre. Mas chega. Peguem seus bastões e descubram a trilha dele. Para onde a trilha levará vocês, eu não sei. Mas encontrem-no! E, quando o encontrarem, matem-no!".

Os quatro khitaianos inclinaram as cabeças ao mesmo tempo e, ainda em silêncio, se viraram e caminharam sem um ruído para fora da câmara.

# XI

## *Espadas do Sul*

A ALVORADA, QUE SE ERGUIA sobre as colinas distantes, brilhava nas velas de uma pequena embarcação, que descia o rio, cujo leito se curva a uma milha das muralhas de Tarantia, e dá voltas na direção sul como uma grande serpente. Aquele barco diferia das embarcações comuns, manejadas pelo largo Khorotas, e dos navios mercantes, carregados de riquezas. Era longo e estreito, com uma proa alta e curvada, e era negro como ébano, com caveiras brancas pintadas na borda. No meio da nau, erguia-se uma pequena cabine, com as janelas cobertas de cortinas por dentro. Outras embarcações davam espaço ao agourento barco pintado; era, obviamente, um daqueles "barcos peregrinos", que carregava um falecido seguidor de Asura em sua última peregrinação misteriosa ao sul, onde, bem distante dos Montes Poitainianos, um rio finalmente fluía para o oceano azul. Naquela cabine jazia, indubitavelmente, o corpo do falecido adorador. Todos os homens estavam familiarizados com a visão daqueles barcos escuros; e os mais fanáticos devotos de Mitra não se atreveriam a tocar ou interferir em suas viagens sombrias.

Qual era seu destino final, os homens não sabiam. Alguns diziam que era a Stygia; outros, uma ilha sem nome além do horizonte; outros diziam que era a glamourosa e misteriosa terra de Vendhya, onde os mortos finalmente chegavam em casa. Mas ninguém sabia ao certo. Tudo o que sabiam era que, quando um seguidor de Asura morria, o corpo ia para o sul, descendo o grande rio, num navio negro remado por um gigantesco escravo, e nem barco nem corpo nem escravo eram novamente vistos; a não ser, naturalmente, que certas histórias obscuras fossem verdadeiras, e fosse sempre o mesmo escravo que remasse os botes para o sul.

O homem que impelia aquele barco particular era tão grande e marrom quanto os outros, embora um exame mais acurado, de perto, revelasse o fato de que a cor era o resultado de pigmentos cuidadosamente aplicados. Ele vestia uma tanga de couro e sandálias, e manobrava os longos remos com força e habilidade incomuns. Mas ninguém chegava muito perto do barco sombrio, pois era bem sabido que os seguidores de Asura eram detestados, e que estes barcos de peregrinação estavam carregados de magia negra. Então, os homens giravam seus barcos para longe e murmuravam um encantamento, enquanto o barco escuro deslizava, e eles jamais sonhariam que estavam ajudando a fuga de seu rei e da Condessa Albiona.

Era uma estranha jornada, naquela negra embarcação delgada, descendo o grande rio para uns trezentos quilômetros de onde o Khorotas vira pro leste, margeando os Montes Poitainianos. Como num sonho, o mutável panorama deslizava para trás. Durante o dia, Albiona se deitava pacientemente na pequena cabine, tão quieta quanto o cadáver que ela fingia ser. Apenas tarde da noite, quando os barcos de prazer — com seus desocupados habitantes reclinados em almofadas de seda, à luz das tochas seguras pelos escravos — deixavam o rio, antes que o amanhecer trouxesse os apressados barcos de pesca, é que a garota se atrevia a sair. Então, ela pegava o longo remo, habilmente preso por cordas, enquanto Conan tirava algumas horas de sono. Mas o rei precisava de pouco descanso. O ardor de sua atividade o mantinha permanentemente alerta; e sua poderosa estrutura estava à altura daquela dura atividade. Sem pararem, eles seguiram para o sul.

Então, eles sumiram rio abaixo, através das noites pontilhadas por milhões de estrelas e dos dias de sol dourado, deixando para trás as terras de inverno à medida que seguiram para o sul. Eles passaram pelas margens de cidades à noite, sobre as quais palpitavam o reflexo de inúmeras luzes; altivas mansões à beira do rio e férteis campinas frutíferas.

Então, finalmente, as montanhas azuis de Poitain ergueram-se diante deles, camada sobre camada, como trincheiras dos deuses, e o grande rio, desviando-se daqueles penhascos em forma de torre, fluía trovejante pelo curso das colinas, com ondas rápidas e espumantes.

Conan observou a margem com atenção. Apoiando brevemente seu remo a um lado, ele aproximou seu barco até a margem, ao lado de um pequeno promontório que penetrava na água, e no qual uns abetos cresciam regularmente em volta de uma rocha cinza e de forma pouco usual.

— Alguns barcos cruzam rapidamente o que há mais adiante. — disse Conan — Hadrathus afirma que é possível fazê-lo, mas nós iremos parar aqui. Ele disse que aqui nos encontraríamos com um homem que nos esperaria com cavalos, mas não vejo ninguém. De qualquer forma, não entendo como conseguiria chegar a notícia de nossa viagem, antes mesmo de nós.

Ele atracou e amarrou a corda da proa a uma raiz curva, e logo saltou na água, lavou a pintura marrom da pele e saiu pingando, com sua cor natural. Da cabine, tirou uma cota-de-malha aquiloniana que Hadrathus lhe havia conseguido, e sua espada. Enquanto isso, Albiona se vestia com roupas apropriadas para uma viagem às montanhas. Quando Conan ficou totalmente armado, ele se virou em direção à margem e viu um homem sob as árvores, e instintivamente levou a mão à espada. O homem, de capa escura, segurava as rédeas de um cavalo branco e selado, para mulheres, e um baio, de guerra.

— Quem é você? — indagou o rei.

O outro fez uma profunda reverência:

— Sou um devoto de Asura. Uma ordem veio. Eu obedeci.

— Como assim "veio"? — perguntou Conan, mas o outro simplesmente fez outra reverência:

— Vim para guiá-los através das montanhas, até que encontremos um forte poitainiano.

— Não preciso de guia — disse Conan -; conheço muito bem esses montes. Obrigado pelos cavalos, mas a condessa e eu chamaremos menos a atenção indo sós, do que acompanhados por um discípulo de Asura.

O homem entregou a Conan as rédeas dos cavalos, e fez uma última reverência. Logo subiu ao barco, afastou-o da margem e se perdeu rapidamente de vista, rio abaixo, penetrando nas águas perigosas de onde vinha o estrondo da correnteza. Com um sacudir confuso de sua cabeça, Conan ergueu a condessa à sela do corcel branco, e logo montou no cavalo de combate, e cavalgaram em direção aos cumes que se destacavam contra o céu.

A região que se estendia aos pés das elevadas montanhas era agora um território fronteiro totalmente devastado, onde os barões reverteram a práticas feudais, e os bandoleiros perambulavam à vontade. Poitain não havia declarado formalmente sua independência da Aquilônia, mas era efetivamente um reino autônomo, governado por seu conde hereditário:

Trocero. Embora o sul do país estivesse formalmente submetido a Valerius, o novo rei nunca havia se atrevido a enfrentar a desafiante bandeira do leopardo escarlata de Poitain.

O rei e sua bela companhia se aproximaram das longas encostas azuis ao anoitecer. Enquanto subiam, a agitada região estendia-se como um vasto manto púrpura, bem abaixo deles, com o brilho de rios e lagos, o resplendor amarelo de largos campos, e o lampejo branco de torres distantes. Diante deles e bem acima, eles vislumbravam a primeira das firmes fortalezas poitainianas, dominando uma estreita passagem, com a bandeira vermelha tremulando contra o céu azul.

Antes que eles a alcançassem, um grupo de cavaleiros, vestindo armaduras polidas, saiu de entre as árvores, e seu líder ordenou severamente aos viajantes para que parassem. Eram homens altos, com os olhos escuros e cabelos negros do sul.

— Alto! Diga-nos quem é e por que cavalga a Poitain.

— Acaso Poitain se revoltou — perguntou Conan, olhando atentamente o outro -, para que um homem em armadura aquiloniana seja detido e interrogado como se fosse um estrangeiro?

— Muitos bandidos cavalgam para fora da Aquilônia nestes tempos. — disse o outro — E, se repudiar um usurpador é se revoltar, então, sim, nos revoltamos. Preferimos servir a memória de um homem morto do que aceitar o comando de um cão vivo.

Conan tirou o elmo que lhe cobria parte do rosto, agitou para trás sua negra cabeleira e olhou fixamente o homem que havia falado. Este tremeu violentamente e ficou pálido.

— Santos do céu! — ele disse, estremecendo-se — É o rei... vivo!

Os demais olharam atônitos e, um instante depois, surgiu de suas bocas um grande grito de espanto e alegria. Cercaram o cimério, invadidos por uma intensa emoção, lançando seus gritos de guerra e brandindo as espadas em sua extrema emoção. Aquela aclamação dos guerreiros poitainianos era capaz de comover ao mais duro dos corações.

— Ah, o Conde Trocero vai chorar de alegria quando vê-lo, senhor! — gritou um.

— Sim, e Prospero. — gritou outro — O general parece envolto num manto de melancolia, e se amaldiçoa, dia e noite, por não ter chegado a tempo a Valkia para morrer ao lado de seu rei!

— Atacaremos atrás de um império! — gritou outro, erguendo sua longa espada acima da cabeça — Viva Conan, rei de Poitain.

O estrondo do aço brilhante ao seu redor, e os gritos de aclamação assustaram as aves que, das árvores próximas, se ergueram ao céu, como nuvens multicoloridas. O sangue caloroso dos homens do sul havia se inflamado, e eles não desejavam outra coisa, que não serem guiados por seu recém-encontrado soberano à batalha e ao saque.

— Quais são suas ordens meu senhor? — exclamaram — Permita que um de nós se antecipe e leve a notícia de sua chegada a Poitain! Bandeiras irão ondular em todas as torres, um tapete de rosas cobrirá o caminho aos pés de seu cavalo; as mulheres mais belas e o melhor da cavalaria do sul te aclamarão, e lhe renderão as honras que merece...

Conan negou com a cabeça.

— Quem duvidaria de sua lealdade? Mas, destas montanhas o vento sopra sobre o território de meus inimigos, e prefiro que estes não saibam que estou com vida... ainda não. Levem-me ao Conde Trocero e guardem o segredo de minha identidade.

Deste modo, o que os cavaleiros desejavam que fosse uma recepção triunfal se reduziu a uma discreta entrada na cidade. Viajaram apressadamente, sem falar com ninguém. Apenas as imprescindíveis palavras aos capitães da guarda de cada posto de mando. Conan ia entre seus cavaleiros, com a viseira do elmo ocultando-lhe o rosto.

As montanhas estavam despovoadas, exceto por bandidos, e as guarnições intermitentes dos destacamentos e fortins.

Os lúdicos e despreocupados poitainianos não precisavam trabalhar demais para viver de suas terras fertilíssimas. Ao sul das cordilheiras, as ricas e belas planícies de Poitain se estendiam até o rio Alimane; mas, além do rio, ficava a terra de Zingara. Mesmo agora, quando o inverno estava ondeando as folhas além das montanhas, a grama alta e exuberante ondulava sobre as planícies, onde pastavam os cavalos e o gado pelos quais Poitain era famosa. Palmeiras e bosques de laranjais sorriam ao sol, e as deslumbrantes torres púrpuras, douradas e escarlates dos castelos refletiam a luz dourada. Era uma terra de calor moderado e de abundância, de belas mulheres e guerreiros ferozes. Não eram apenas as terras duras que geravam homens duros. Poitain estava cercada por vizinhos cobiçosos, e seus filhos aprendiam a serem duros em guerras incessantes. Ao norte, a terra era protegida por montanhas, mas ao sul, apenas o Alimane separava as

planícies de Poitain das planícies de Zingara; e, não uma, mas por mil vezes, aquele rio havia se banhado de vermelho. Ao leste, ficava Argos; e além de Argos, Ophir — reinos poderosos e avarentos. Os cavaleiros de Poitain defendiam suas terras com o peso e a lâmina de suas espadas, e pouco conheciam o descanso e da ociosidade.

Por fim, o cimério chegou ao castelo do Conde Trocero de Poitain...

Conan se sentava num divã de seda, no centro de uma sala suntuosa, cujas tênues cortinas se mexiam com a brisa que entrava pelas janelas. Trocero vagava pela sala como uma pantera — um homem magro e inquieto, com cintura esguia e ombros de espadachim, o qual carregava seus anos com leveza.

— Deixe que lhe proclamemos rei de Poitain, senhor! — insistiu o conde

— Deixe aqueles porcos do norte carregarem o jugo que eles mesmos colocaram no pescoço. O sul ainda é seu. Fique morando aqui, e nos governe entre as flores e as palmeiras.

Mas Conan sacudiu a cabeça:

— Não há terra mais nobre em todo o mundo do que a de Poitain. Mas eu não conseguiria me manter sozinho no trono, por mais valentes que sejam seus homens.

— Mantiveram-se sozinhos durante muitas gerações. — respondeu Trocero, com o zeloso orgulho de sua raça — Nós nem sempre fizemos parte da Aquilônia.

— Eu sei. Mas agora a situação não é a mesma, quando todos os reinos estavam divididos em pequenos principados que lutavam entre si. Mas os dias dos ducados e das cidades livres acabaram; estamos na era dos impérios. Os governantes alimentam grandes ambições imperiais, e só a união faz a força.

— Então, vamos anexar Zingara a Poitain. — disse Trocero. — Há meia dúzia de príncipes zíngaros que lutam continuamente entre si e, além disso, o país está dividido por guerras civis. O conquistaremos província por província, e o incluiremos em nossos domínios. Então, com a ajuda dos zíngaros, dominaremos Ophir e Argos. Construiremos um império...

Conan sacudiu novamente a cabeça:

— Deixe que os outros alimentem sonhos imperiais. Eu só quero manter o que é meu. Não desejo governar um império forjado a sangue e fogo. Uma coisa é se apossar de um trono com ajuda dos próprios súditos e governá-los com seu consentimento; e outra, bem diferente, é subjugar uma

nação inteira e implantar um regime de terror. Não quero ser outro Valerius. Não, Trocero; ou simplesmente governarei toda a Aquilônia, ou não governarei nada.

— Então, nos guie através das montanhas, e derrotaremos os nemédios.

Os olhos ferozes de Conan brilharam de admiração.

— Não, Trocero. Seria um sacrifício inútil. Já lhe disse o que devo fazer para recuperar meu reino. Tenho que encontrar o Coração de Ahriman.

— Mas isto é loucura! — protestou Trocero — Os resmungos de um sacerdote herege, e de uma velha bruxa louca!

— Você não estava em minha tenda, antes do que ocorreu em Valkia.

— respondeu Conan sombriamente, olhando involuntariamente para o pulso direito, no qual ainda havia leves marcas azuis — Você não viu os penhascos desmoronarem e destruírem o melhor de meu exército. Não, Trocero. Estou convencido. Xaltotun não é um homem mortal, e só com o Coração de Ahriman poderemos vencê-lo. Por isso, partirei a cavalo para Kordava... e sozinho.

— Mas isso é perigoso! — protestou Trocero.

— A vida é perigosa. — trovejou o rei — Não viajarei como rei da Aquilônia; nem sequer como cavaleiro de Poitain, mas como um mercenário errante, como eu fui no passado, quando cavalguei em Zingara. Ah, tenho muitos inimigos ao sul do Alimane, e tanto na terra quanto no mar. Muitos que não me conhecem como rei da Aquilônia, certamente se lembrarão de mim como Conan dos piratas barachos, ou como Amra, dos corsários negros. Mas também conto com muitos amigos e pessoas que me ajudariam para seu próprio benefício.

Um leve sorriso de nostalgia se desenhava nos lábios do cimério. Trocero deixou cair as mãos, desanimado, e olhou para Albiona, que estava sentada num divã próximo.

— Compreendo suas dúvidas, milorde. — ela disse — Mas eu também vi a moeda no templo de Asura. Hadrathus disse que datava de 500 anos antes da queda de Acheron. Se Xaltotun é o homem representado nessa moeda, como assegura Sua Majestade, isso significa que ele não era um feiticeiro comum, mesmo em sua outra vida, pois os anos de sua vida se contaram por séculos, e não como as vidas de outros homens são numeradas.

Antes que Trocero pudesse responder, soaram batidas discretas na porta, e logo uma voz disse:

— Milorde, surpreendemos um homem se esgueirando ao redor do castelo. Disse que deseja falar com seu convidado. Esperamos suas ordens.

— Um espião da Aquilônia! — disse Trocero, pegando sua adaga, mas Conan ergueu a voz e disse:

— Abra a porta e deixe-me vê-lo.

A porta foi aberta e nela apareceu um homem, seguro em ambas as mãos por dois soldados. Era um indivíduo delgado, vestindo um manto escuro com capuz.

— Você é devoto de Asura? — perguntou Conan

O homem assentiu em silêncio, os robustos soldados se entreolharam com assombro e olharam hesitantes para Trocero.

— O rumor chegou ao sul. — disse o homem — Nossa seita não tem adeptos além do rio Alimane, de modo que não poderemos lhe ajudar nessa área. Mas há homens nossos na direção leste, até o rio Khorotas, e isto é o que soubemos: o ladrão que, por encargo de Tarascus, levava o Coração de Ahriman, não chegou a Kordava. Foi morto por assaltantes nas montanhas de Poitain. O chefe do bando se apoderou da jóia, sem conhecer sua verdadeira natureza. E como, além disso, temia a destruição de seu bando por cavaleiros poitainianos, ele vendeu-a ao mercador kothiano Zorathus.

— Ah! — disse Conan se levantando, interessado — E o que houve com Zorathus?

— Há quatro dias, ele cruzou o Alimane, em direção a Argos, com um pequeno grupo de servos armados.

— Ele é um tolo, em atravessar Zingara numa época dessas. — disse Trocero.

— Sim, os tempos estão muito revoltos do outro lado do rio. Mas Zorathus é um homem ousado e negligente. Ele tem muita pressa em chegar a Messantia, onde espera encontrar um comprador para a jóia. Talvez ele pense em vendê-la finalmente na Stygia. Talvez ele suspeite de sua verdadeira natureza. De qualquer modo, ao invés de seguir a longa estrada que serpenteia ao longo das fronteiras de Poitain e adentra Argos, longe de Messantia, ele atravessou o leste de Zingara, seguindo o caminho mais curto e direto.

Conan golpeou a grande mesa com o punho fechado, de modo que ela tremeu.

— Então, por Crom, a fortuna finalmente jogou a meu favor! Um cavalo, Trocero, e a armadura de um Companheiro Livre! Zorathus leva grande

vantagem, mas não tão grande a ponto de me ultrapassar, se eu segui-lo até o fim do mundo!

## XII

### *A Presa do Dragão*

AO AMANHECER, CONAN atravessou, a cavalo, a correnteza rasa do Rio Alimane, seguindo o rastro da caravana que se dirigia para o sudoeste; e, atrás dele, na outra margem, o Conde Trocero estava imóvel sobre o cavalo, à frente de seus cavaleiros vestidos em aço, sobre os quais ondulava, sob a brisa da manhã, o grande estandarte do leopardo escarlate. Aqueles homens, de cabelos escuros e armaduras reluzentes, permaneceram em silêncio até a silhueta de seu rei se perder no azul da distância, que ficava branca em direção ao nascer do sol.

Conan montava um grande cavalo negro, presente de Trocero. Não usava mais a armadura da Aquilônia. Havia vestido a armadura de um veterano dos Companheiros Livres, dentre os quais havia homens de todas as raças. Seu capacete era um morion simples e cheio de amassaduras, o couro de seus arreios estava desgastado e a cota-de— malha brilhava como a de um soldado veterano de muitas campanhas, e a capa vermelha, que pairava displicentemente sobre seus ombros, estava manchada e rasgada. Conan tinha o aspecto de um soldado da fortuna, hábil em todo tipo de vicissitudes, rico um dia, depois de um saque, e indigente no outro pela má sorte numa partida de dados.

Mais que representar bem seu papel, Conan o sentia. Era o despertar de velhas lembranças, o ressurgir dos dias turbulentos, ferozes e gloriosos, bem anteriores à jornada na qual conseguira a coroa. Dias e dias de mercenário errante, bravateador, brigão, beberrão, despreocupado com o amanhã e sem maior ambição do que beber cerveja, beijar lábios vermelhos e brandir sua espada afiada pelos campos de batalha do mundo.

Inconscientemente, Conan adotou novamente os velhos costumes. Cavalgava como os soldados, acentuando um pouco mais o movimento; enquanto, de seus lábios, surgiam espontaneamente pragas esquecidas e

velhas canções, que ele cantava em coro com seus descuidados amigos, em muitas tabernas, em muitas estradas empoeiradas e campos sangrentos.

Era uma terra inquieta a qual ele cavalgava. As companhias de cavalaria, que habitualmente patrulhavam o rio, alertas contra incursões vindos de Poitain, não se viam em parte alguma. Lutas internas haviam deixado as fronteiras sem guarnição. A longa estrada branca se estendia, monótona, de horizonte a horizonte. As longas caravanas de camelos, os pesados vagões e os rebanhos de ovelhas pareciam haver desaparecido; apenas grupos ocasionais de cavaleiros, vestidos de couro e metal, com seus rostos aquilinos e olhos endurecidos, cavalgando com ar cansativo. Olhavam inquisitivamente para Conan, mas se afastavam, pois a armadura de cavaleiro solitário não prometia saque, mas apenas duros golpes.

As aldeias estavam desertas e queimadas até os alicerces, e os campos, abandonados. Só os mais bravos se aventuravam a cavalgar pelas estradas naqueles tempos, e a população nativa havia sido dizimada pelas guerras civis e incursões provenientes da outra margem do rio. Em épocas de paz, esses caminhos haviam sido passagem obrigatória das caravanas de mercadores que viajavam de Poitain a Messantia, em Argos, ou vice-versa. Mas, naquela ocasião, os comerciantes consideravam mais prudente se dirigir para o leste, atravessando Poitain, para logo encontrar Argos, e desviar-se para o sul. Era um caminho mais longo, porém mais seguro. Só um homem muito imprudente arriscaria a vida e bens naquela estrada, que cruzava Zingara.

O horizonte sul tinha imagem de chamas à noite, e vagos pilares de fumaças levados para o alto, de dia; nas cidades e planícies do sul, homens morriam, troncos desabavam e castelos pegavam fogo. Conan sentiu a velha atração pela guerra mercenária: virar seu cavalo e mergulhar na luta, na pilhagem e no saque, como nos velhos tempos. Por que trabalhar duro para recuperar o governo de um povo que já o havia esquecido? Para que perseguir um fogo-fátuo? Para que perseguir uma coroa que estava perdida para sempre? Por que ele não poderia buscar o esquecimento, se perder em marés vermelhas de guerra e saque que o envolveram tão frequentemente no passado? Seria mesmo impossível esculpir um novo reino para ele? O mundo estava entrando numa era de ferro, uma era de guerras e ambições imperiais; alguns homens fortes poderiam muito bem se erguer sobre as ruínas de nações como conquistadores supremos. Por que ele próprio não poderia ser um? Então, seu demônio familiar lhe sussurrou no ouvido, e os

fantasmas do seu passado sangrento e sem lei percorriam sua mente. Mas ele não se desviou do caminho; continuou cavalgando, sempre em frente, buscando a resposta a uma pergunta que se tornava cada vez mais indomável, até o ponto de, às vezes, parecer estar perseguindo um sonho impossível.

Ele apressou o trote de seu corcel negro o máximo que pôde, mas a longa estrada branca continuava desolada diante dele, de horizonte a horizonte. Zorathus levava uma vantagem considerável, mas Conan avançava firmemente, sabendo que viajava muito mais rápido que os mercadores sobrecarregados. E assim, ele chegou ao castelo do Conde Valbroso, uma construção pousada nas rochas nuas, como um ninho de abutre a vigiar aquele caminho.

Valbroso desceu da fortaleza, acompanhado de seus soldados. Era um homem magro e escuro, com olhos cintilantes e nariz aquilino, como uma ave de rapina. Usava uma armadura negra e seguiam-no trinta lanceiros de bigodes escuros, verdadeiros falcões das guerras fronteiriças, tão avarentos e impiedosos quanto seu próprio senhor. Ultimamente, a taxa das caravanas estava magra, e Valbroso amaldiçoava as guerras civis que despojavam as estradas de seu gordo comércio, mesmo quando as abençoava pelas liberdades que elas lhe permitiam com os vizinhos.

Ele não esperava muito do cavaleiro solitário que havia vislumbrado de sua torre, mas qualquer grão era bem-vindo a seu moinho. De uma olhada, ele havia avaliado a desgastada cota-de-malha e o escuro rosto cicatrizado de Conan, e suas conclusões foram as mesmas que as dos cavaleiros que haviam passado pelo cimério na estrada: um homem de bolsa vazia e lâmina rápida.

— Quem é você, velhaco? — ele perguntou de forma exigente.

— Um mercenário, cavalgando para Argos. — respondeu Conan — Que importa o nome?

— Você está cavalgando na direção errada para um Companheiro Livre. — rosnou Valbroso — Ao sul, a luta está boa, e o saque também. Junte-se a mim. Você não passará fome. A estrada continua vazia de mercadores gordos para serem saqueados, mas pretendo levar meus velhacos e viajar para o sul, para vender nossas espadas a qualquer facção que parecer mais poderosa.

Conan não respondeu de imediato, sabendo que, se recusasse a oferta, ele poderia ser instantaneamente atacado pelos soldados de Valbroso. Antes

que pudesse tomar uma decisão, o zíngaro falou de novo:

— Vocês, velhacos dos Companheiros Livres, sempre conhecem truques pra fazerem os homens falarem. Eu tenho um prisioneiro... o último mercador que eu peguei, por Mitra, e o único que vi em uma semana... e o miserável é teimoso. Ele tem uma caixa de ferro, cujo segredo nos desafia, e eu não consegui convencê-lo a abri-la. Por Ishtar, eu acreditava conhecer todas as formas de persuasão existentes, mas talvez você, como um Companheiro Livre veterano, saiba algo que não sei. De qualquer forma, venha comigo e veja o que pode fazer.

As palavras de Valbroso instantaneamente animaram Conan. Parecia que o prisioneiro era Zorathus. Conan não conhecia o mercador, mas qualquer homem teimoso o bastante para percorrer a estrada de Zingara em tempos como aqueles, seria obstinado o bastante para resistir à tortura.

Ele avançou até Valbroso e cavalgou pelo caminho tortuoso, até o topo da colina, onde ficava o frágil castelo. Como soldado, deveria ter cavalgado atrás do conde, mas a força do hábito o fez esquecê-lo, e Valbroso não prestou atenção. Anos de vida na fronteira ensinaram ao conde que aquele lugar não era a corte real. Ele era ciente da independência dos mercenários, cujas espadas abriram caminho para muitos reis subirem ao trono.

Havia um fosso seco, meio preenchido com entulho em alguns lugares. Os cascos dos cavalos ressoaram pela ponte levadiça e pelo arco do portão. Atrás deles, a grande porta de entrada caiu com um estrondo metálico. Eles entraram num pátio deserto, cercado por capim escasso e com um poço no meio. Barracas para soldados se erguiam desordenadamente, próximas à muralha, e mulheres, vulgares ou ornamentadas com bizarras roupas luxuosas, olhavam das portas. Soldados com malhas enferrujadas jogavam dados nas lajes sob as abóbadas. Parecia mais o refúgio de um bandido que o castelo de um nobre.

Valbroso desmontou e sinalizou a Conan para segui-lo. Passaram pelo vão da porta e por um corredor abobadado, onde foram recebidos por um homem cicatrizado, de olhar duro, usando cota-de-malha e descendo uma escada de pedra — evidentemente o capitão da guarda.

— Ah, Beloso! — disse Valbroso — Ele falou?

— Ele é persistente — resmungou Beloso, lançando um olhar desconfiado para Conan.

Valbroso resmungou uma praga e subiu ruidosamente a escada espiralada, seguido por Conan e o capitão. Enquanto subiam, os gemidos de

um homem em agonia mortal ficaram audíveis. A câmara de torturas de Valbroso ficava no alto da corte, e não numa masmorra do subsolo. Naquele compartimento, onde um homem magro e peludo, de aspecto bestial, usando calças de couro e agachado, roia vorazmente um osso de boi, estavam os instrumentos de tortura: potros, botas, ganchos e todos os acessórios criados pela mente humana para dilacerar carne, quebrar ossos, bem como romper e arrancar veias e ligamentos.

Num potro, havia um homem nu estendido, e um único olhar mostrou a Conan que ele estava morrendo. O alongamento não-natural de seus membros e corpo indicava articulações desmontadas e rupturas irreversíveis. Era um homem escuro, com um rosto inteligente e aquilino, e espertos olhos escuros. Eles agora estavam vidrados e injetados de sangue, devido à dor, e o orvalho da agonia brilhava em seu rosto. Seus lábios contraídos deixavam à mostra as gengivas escurecidas.

— Lá está a caixa. — perversamente, Valbroso, chutou um pequeno, porém pesado, cofre de ferro, que estava no chão próximo. Estava intrincadamente entalhado com pequenas caveiras e dragões curiosamente sinuosos e enroscados uns aos outros, mas Conan não viu prendedor ou argola de cadeado que pudesse abrir a tampa. As marcas de fogo, de machados, alavancas e cinzéis eram meros arranhões.

— Esta é a caixa do tesouro do cão. — disse Valbroso furiosamente — Todos os homens do sul sabem de Zorathus e seu cofre de ferro. Sabe Mitra o que há nele. Mas ele não irá ceder seu segredo.

Zorathus! Era verdade, então; o homem que ele procurava jazia à sua frente. O coração de Conan bateu violentamente, enquanto ele se inclinava sobre a forma maltratada, embora ele não desse evidências de sua aflita ansiedade.

— Afrouxe essas cordas, velhaco! — ele ordenou asperamente ao torturador, e Valbroso e seu capitão se encararam. No esquecimento daquele instante, Conan havia usado seu tom imperial, e o bruto em couro de animal instintivamente obedeceu ao comando cortante daquela voz. Ele afrouxou gradualmente para que o súbito abrandamento das cordas não fosse um tormento tão grande para as articulações quanto fora o estiramento.

Pegando uma jarra de vinho próxima, Conan colocou a extremidade nos lábios do infeliz. Zorathus engoliu espasmodicamente, e parte do líquido escorregou sobre seu peito ofegante.

De dentro dos olhos avermelhados veio um brilho de reconhecimento, e os lábios sujos de espuma se abriram. Deles saiu um lamento angustiado na língua Kothiana:

— Então, isto é a morte? A longa agonia terminou? Pois este é o Rei Conan, que morreu em Valkia, e eu estou entre os mortos.

— Você não está morto. — disse Conan — Mas está morrendo. Você não será mais torturado. Eu me encarregarei disso. Mas não posso mais lhe ajudar. Mas antes que morra, me diga como abrir seu cofre de ferro!

— Meu cofre de ferro... — murmurou Zorathus em frases entrecortadas pelo delírio — O cofre forjado entre as montanhas flamejantes de Khrosha; o metal que nenhum cinzel pode cortar. Quantos tesouros ele carregou, através de toda a extensão do mundo! Mas nenhum tesouro como o que guarda agora.

— Diga-me como abri-lo. — insistiu Conan — Ele não pode mais lhe ser útil, mas a mim ainda pode ajudar.

— Sim, você é Conan. — murmurou o Kothiano — Eu lhe vi sentado em seu trono, no grande salão público de Tarantia, com sua coroa na cabeça e o cetro na mão. Mas você está morto; você morreu em Valkia. E sei que meu próprio fim está perto.

— O cão diz o quê? — exigiu Beloso impacientemente, sem entender Kothiano — Ele vai nos dizer como abrir o cofre?

Como se a voz lhe despertasse uma faísca de vida no peito contorcido, Zorathus virou seus olhos avermelhados em direção ao que falara.

— Só contarei a Valbroso. — ele arfou em Zíngaro — A morte está perto de mim. Aproxime-se, Valbroso!

O conde o fez, com seu rosto escuro iluminado pela cobiça. Atrás dele, seu taciturno capitão, Beloso, também se aproximou.

— Pressione as sete caveiras na borda, uma após a outra. — ofegou Zorathus — Então, pressione a cabeça do dragão que se contorce de um lado a outro da tampa. Depois, aperte a esfera nas garras do dragão. Isso abrirá a tampa secreta do cofre.

— Rápido, a caixa! — gritou Valbroso, com uma praga.

Conan a levantou e colocou-a em um estrado, e Valbroso o empurrou para o lado.

— Deixe-me abri-la! — gritou Beloso, pondo-se à frente.

Valbroso o empurrou para trás, com a ambição brilhando em seus olhos negros.

— Ninguém além de mim irá abri-la! — ele gritou.

Conan, cuja mão se dirigira instintivamente ao cabo de sua espada, olhou para Zorathus. Os olhos do homem estavam vidrados e avermelhados, mas estavam fixos em Valbroso com ardente intensidade; e havia a sombra de um retorcido sorriso ameaçador nos lábios do moribundo? O mercador só entregou o segredo quando soube que estava morrendo. Conan voltou a olhar Valbroso, mesmo enquanto o moribundo o observava.

Ao longo da borda da tampa, sete caveiras estavam entalhadas entre galhos entrelaçados de estranhas árvores. Um dragão incrustado encontrava-se contorcido ao longo da parte superior da tampa, entre arabescos adornados. Valbroso pressionou as caveiras com estrondosa rapidez e, enquanto comprimia seu polegar na cabeça do dragão entalhado, ele praguejou rapidamente e retirou a mão, sacudindo-a irritado.

— Uma ponta afiada nos entalhes! — ele rosnou — Furei meu polegar.

Ele pressionou a bola de ouro, segura pelas garras do dragão, e a tampa se abriu bruscamente. Seus olhos foram deslumbrados por uma chama dourada. Parecia, às suas mentes estonteadas, que o cofre entalhado estava cheio de um fogo incandescente, o qual se derramava pela borda e se estendia no ar em faíscas palpitantes. Beloso gritou e Valbroso prendeu a respiração. Conan ficou sem fala, com seu cérebro tomado pelo resplendor.

— Mitra, que jóia!

A mão de Valbroso mergulhou no cofre e saiu com uma grande esfera escarlate e pulsante, que preencheu a sala com um brilho suave. No seu fulgor, Valbroso parecia um cadáver. E o moribundo, desamarrado no potro, riu selvagem e repentinamente.

— Tolo! — ele gritou — A jóia é sua! Dei-lhe a morte com ela! O arranhão em seu polegar... olhe pra cabeça do dragão, Valbroso!

Todos se viraram e arregalaram os olhos. Algo diminuto brilhou da escancarada boca esculpida.

— A presa do dragão! — guinchou. Zorathus — Mergulhada no escorpião negro da Stygia! Tolo, estúpido em abrir o cofre de Zorathus com as mãos nuas! Morto! Você é um homem morto agora!

E, com uma espuma sangrenta nos lábios, ele morreu.

Valbroso cambaleou, gritando:

— Oh, Mitra, estou ardendo! — ele guinchou — Minhas veias queimam com fogo líquido! Minhas articulações estão explodindo! Morte! Morte!

E ele cambaleou e se espatifou de ponta-cabeça. Houve um instante de medonhas convulsões, no qual seus membros se retorceram em posições horrendas e não-naturais, e então ele se congelou naquela pose, com os olhos vítreos mirando fixa e cegamente para o alto, e seus lábios contraídos para trás, mostrando gengivas enegrecidas.

— Morto! — murmurou Conan, se abaixando para pegar a jóia no chão onde rolara da mão rígida de Valbroso. Ela jazia no chão, como um poço trêmulo de fogo do sol poente.

— Morto! — sussurrou Beloso, com a loucura em seus olhos. Então, ele se moveu.

Conan foi pego desprevenido, com os olhos deslumbrados e suavemente estonteado pelo fulgor da grande gema. Ele não se deu conta das intenções de Beloso, até que algo se espatifou com terrível força sobre seu elmo. A incandescência da jóia se esparramou numa chama mais vermelha e ele caiu de joelhos devido à pancada.

Ele ouviu um rápido movimento de pés e um berro, semelhante ao de um boi em agonia. Estava atordoado, mas não totalmente inconsciente, e percebeu que Beloso havia pegado o cofre de ferro e o arremessado sobre sua cabeça, quando se abaixara. Só o capacete havia lhe salvado o crânio. Ele se ergueu cambaleante, puxando sua espada e tentando sacudir a escuridão de seus olhos. A sala girava diante de seu olhar aturdido. Mas a porta estava aberta e passos rápidos diminuía de volume na escada espiralada. No chão, o brutal torturador ofegava moribundo, com um grande corte no peito. E o Coração de Ahriman se fora.

Conan cambaleou pra fora da câmara, com a espada na mão e o sangue lhe escorrendo pelo rosto, vindo do capacete. Ele desceu correndo as escadas feito um bêbado, ouvindo um ressoar de aço no pátio abaixo, gritos e então o frenético rufar de cascos de cavalo. Ao se lançar para fora, ele viu os soldados se movendo em círculos, confusos, enquanto as mulheres guinchavam. O portão de trás estava aberto e um soldado jazia sobre sua lança cruzada e com a cabeça rachada. Os cavalos, ainda com suas rédeas e selas, corriam relinchando pelo pátio, e o garanhão negro de Conan estava entre eles.

— Ele está louco! — uivou uma mulher, torcendo as mãos, enquanto corria enlouquecida. — Ele saiu do castelo feito um cão louco, talhando a torto e a direito! Beloso está louco! Onde está o Lorde Valbroso?

— Ele foi por onde? — rugiu Conan.

Todos se voltaram e olharam o estranho, cujo rosto estava manchado de sangue e a espada, desembainhada.

— Pela porta dos fundos! — berrou uma mulher, apontando para o leste, enquanto outra vociferou: — Quem é este velhaco?

— Beloso matou Valbroso! — gritou Conan, saltando e agarrando a crina do garanhão, enquanto os soldados avançavam hesitantes em sua direção.

Uma gritaria selvagem estourou ante a sua informação, mas a reação deles foi exatamente como ele esperava. Ao invés de fecharem os portões para aprisioná-lo, ou perseguirem o assassino fugitivo para vingar seu senhor, eles ficaram ainda mais confusos com suas palavras. Lobos presos apenas por medo a Valbroso, eles não deviam lealdade ao castelo ou uns aos outros.

Espadas começaram a se chocar no pátio, e mulheres gritavam. E, em meio àquilo tudo, ninguém notou Conan, enquanto ele disparava pelo portão e descia estrondosamente a colina. A ampla planície se estendia à sua frente, e além da colina, a rota de caravanas se dividia: uma bifurcação ia para o sul e a outra, para o leste. E, na estrada oriental, ele viu outro montador, inclinado e cavalgando velozmente. A planície oscilava diante dos olhos de Conan, a luz do sol era uma espessa névoa vermelha e ele cambaleou em sua sela, agarrando a crina esvoaçante com a mão. O sangue lhe escorria na cota-de-malha, mas ele ferozmente esporeou o garanhão.

Atrás dele, a fumaça começou a sair do castelo na colina, onde o corpo do conde jazia esquecido e desdenhado, ao lado do de seu prisioneiro. O sol estava se pondo; contra um medonho céu vermelho, duas figuras negras fugiam. O garanhão não estava descansado, mas tampouco estava o cavalo montado por Beloso. Mas a grande fera respondia poderosamente, recorrendo a profundas reservas de vitalidade.

Por que o zíngaro fugia de um perseguidor, Conan não forçou seu cérebro contundido para imaginar. Talvez um pânico irracional dominasse Beloso, nascido da loucura que se escondia naquela jóia esplendorosa. O sol havia se posto; a estrada branca era um pálido vislumbre, através de um fantasmagórico crepúsculo se desvanecendo em sombras púrpuras, bem à sua frente. O garanhão arfava, se esforçando duramente. O território estava mudando nas sombras que se reuniam. Planícies nuas davam lugar a moitas de carvalhos e amieiros. Colinas baixas se erguiam à distância. Estrelas começavam a piscar. O garanhão ofegava e oscilava em sua marcha. Mas,

adiante, se erguia uma densa floresta que se estendia até as colinas no horizonte, e entre este e ele próprio, Conan vislumbrou a forma indistinta do fugitivo. Ele apressou o aflito garanhão e viu que estava alcançando sua presa, jarda após jarda. Acima das batidas dos cascos, um estranho grito se ergueu das sombras, mas nem perseguidor nem perseguido prestaram atenção.

Enquanto se moviam sob os galhos que pendiam sobre a estrada, eles ficaram quase lado a lado. Um grito feroz brotou dos lábios de Conan, enquanto sua espada era erguida; o pálido oval de um rosto se virou em sua direção, uma espada lampejou numa mão meio-vista e Beloso ecoou o grito — e então, o exausto garanhão, cambaleando e gemendo, tropeçou nas sombras e caiu de cabeça pra baixo, arremessando seu atordoado montador da sela. A cabeça latejante de Conan se espatifou contra uma pedra, e as estrelas foram apagadas numa noite mais densa.

Quanto tempo Conan ficou sem sentidos, ele nunca soube. Sua primeira sensação, ao recobrar a consciência, foi a de ser arrastado por um braço, sobre um chão áspero e pedregoso, e através de densos matagais. Então, ele foi lançado ao chão sem cerimônias, e talvez o solavanco tenha lhe devolvido os sentidos.

Seu elmo havia sumido, sua cabeça doía terrivelmente, ele sentia náuseas, e havia sangue grosso e coagulado entre suas mechas negras. Mas, com a vitalidade de uma coisa selvagem, a vida e a consciência tomaram conta dele e ele tomou conhecimento de onde estava.

Uma grande lua vermelha brilhava entre as árvores, e assim ele percebeu que era mais de meia-noite. Ele ficara desacordado durante horas, tempo suficiente para se recuperar do terrível golpe que Beloso havia lhe acertado, assim como da queda que lhe deixara inconsciente. Sua mente se sentiu mais clara do que durante a louca cavalgada atrás do fugitivo.

Ele não jazia ao lado da estrada branca, o que percebera com um sobressalto de surpresa, enquanto seus arredores começaram a lhe despertar a percepção. A estrada não estava à vista. Ele estava caído na grama, numa pequena clareira cercada por uma parede negra de talos de árvores e galhos emaranhados. Seu rosto e mãos estavam arranhados e rasgados como se ele tivesse sido arrastado por espinheiros. Erguendo seu corpo, ele olhou ao redor. E então, ele se estremeceu violentamente. Algo estava se agachando sobre ele...

Por um instante, Conan duvidou de sua consciência, pensando que fosse uma invenção do delírio. Certamente, não poderia ser real aquele estranho ser imóvel e cinza, acocorado sobre os próprios quadris e encarando-o com olhos desumanos que não piscavam.

Conan ficou de olhos arregalados, meio esperando que aquilo se dissipasse, como a figura de um sonho, e então um arrepio de recordação se arrastou por sua espinha. Memórias meio esquecidas se agitaram, de histórias terríveis, sussurradas, dos fantasmas que assombravam estas florestas desabitadas, ao pé das colinas que faziam a fronteira entre Zingara e Argos. Vampiros, assim lhes chamavam os homens; comedores de carne humana, criaturas das trevas, filhos da união profana entre uma raça perdida e esquecida, e os demônios do mundo inferior. Em algum lugar daquelas florestas primitivas, estavam as ruínas de uma cidade antiga e maldita, sussurravam os homens; e, entre suas tumbas, deslizavam sombras cinzas e antropomórficas — Conan tremeu fortemente.

Ele continuou encarando a cabeça disforme que se erguia obscuramente sobre ele e, cuidadosamente, estendeu uma das mãos em direção à espada em seu quadril. Com um terrível grito, que o homem imitou involuntariamente, o monstro lançou-se sobre sua garganta.

Conan ergueu o braço direito, e as presas caninas se fecharam neste, forçando os elos da cota-de-malha pra dentro da carne firme. As mãos — disformes, porém semi-humanas — agarraram-lhe o pescoço, mas ele escapou, erguendo e girando o corpo inteiro, enquanto puxava sua adaga com a mão esquerda.

Eles rolaram sobre a grama, golpeando e rasgando. Os músculos, que se contraíam sob aquela cadavérica pele cinza, eram duros como arames de aço, superando a força de um homem. Mas os músculos de Conan eram de ferro, também, e sua malha o salvou das presas rangentes e garras dilacerantes, por tempo suficiente para que ele arremetesse sua adaga novamente, novamente e novamente. A espantosa vitalidade do monstro semi-humano parecia inesgotável, e a pele do rei tremia ao contato com aquela carne fria e pegajosa. Ele pôs toda a sua selvagem repugnância atrás da lâmina que afundava, e repentinamente o monstro se ergueu convulsivamente sob ele, enquanto a ponta encontrava seu medonho coração, e então caiu imóvel.

Conan se levantou, abalado pela náusea. Ele ficou no meio da clareira, vacilante, com a espada numa mão e a adaga na outra. Ele não havia

perdido seu instintivo senso de direção, mas ele não sabia em qual direção a estrada se encontrava. Ele não tinha como saber em qual direção o vampiro havia arrastado-o. Conan olhou os negros e silenciosos bosques manchados pela lua, que o cercavam, e sentiu um suor frio brotar na pele. Ele estava sem cavalo e perdido naqueles bosques assombrados, e aquela coisa disforme, de olhos arregalados, a seus pés era uma silenciosa evidência dos horrores que se escondiam na floresta. Ele quase prendeu a respiração em sua intensidade dolorosa, aguçando os ouvidos para escutar um possível quebrar de gravetos ou farfalhar de capim.

Ao chegar um som, ele se sobressaltou violentamente. Subitamente, o ar da noite foi quebrado pelo relincho de um cavalo apavorado. Seu cavalo! Havia panteras na floresta, ou talvez os vampiros devorassem tanto animais quanto homens.

Ele atravessou selvagememente o matagal em direção ao som, assobiando agudamente enquanto corria, com seu medo afogado em fúria berserk. Se seu cavalo estivesse morto, ele perderia sua última chance de seguir Beloso e recuperar a jóia. Mais uma vez, o garanhão relinchou de medo e fúria, em algum lugar próximo. Havia um som de patadas, e de algo que batia pesadamente e recuava.

Conan entrou impetuosamente na larga estrada branca, sem dar aviso, e viu o garanhão saltando e dando coices à luz da lua, com suas orelhas viradas para trás; seus olhos e dentes brilhando perigosamente. Ele batia suas patas numa sombra furtiva que mergulhava e pulava sobre ele. E então, outras sombras se moveram sobre Conan: sombras cinzas e furtivas, que o cercavam por todos os lados. Um hediondo cheiro de cripta enchia o ar da noite.

Praguejando, o rei golpeou a torto e a direito com sua larga espada, apunhalando e rasgando com sua adaga. Presas gotejantes faiscavam ao luar, mãos repugnantes o agarravam, mas ele abria caminho até o cavalo e agarrou a rédea, pulando sobre a sela. Sua espada subia e descia, traçando um gélido arco ao luar e borrifando sangue, enquanto rachava cabeças disformes e partia corpos desajeitados. O garanhão empinou, mordendo e dando patadas. Eles irromperam na estrada e desceram-na estrondosamente. Em ambos os lados, passaram rapidamente detestáveis sombras cinzas. Então, estas ficaram para trás e Conan, galgando uma elevação arborizada, viu uma vastidão de encostas nuas que se erguiam e se estendiam à sua frente.

## XIII

### *"Um Fantasma do Passado"*

LOGO APÓS O NASCER DO SOL, Conan cruzou a fronteira de Argos. Até então, não tinha visto o menor rastro do capitão Beloso. Ou o capitão havia conseguido escapar enquanto o rei jazia inconsciente, ou havia sido pego pelos sombrios canibais da floresta zíngara. Mas Conan não tinha visto sinais que indicassem a última possibilidade. O fato dos monstros não terem atacado até os últimos instantes era, para o cimério, um indício de que os estranhos seres haviam se empenhado futilmente em perseguir o capitão.

E, se o homem vivia, Conan tinha certeza de que ele estava bem à sua frente, cavalgando por aquela estrada. A menos que ele pretendesse ir para Argos, jamais teria tomado a estrada leste em primeiro lugar. Os soldados da fronteira não interrogavam o cimério. Um solitário mercenário errante jamais precisava de algum passaporte ou salvo-conduto, sobretudo se sua cota-de-malha sem enfeite não ostentasse o emblema de nenhum barão. Ele cavalgou pelas colinas cobertas de capim, onde sussurravam os riachos e os carvalhos faziam sombra a uma verde tapeçaria de capim. Era antiquíssima aquela estrada, que levava de Poitain até o mar.

O reino de Argos estava em paz. Toscas carroças puxadas por bois circulavam na estrada, e homens de marrons e musculosos braços nus trabalhavam nos pomares e nos campos que sorriam sob os galhos das árvores que ladeavam o caminho. Homens idosos em residências diante de estalagens, sob longos galhos de carvalho, gritavam saudações ao transeunte.

Dos homens que trabalhavam nos campos; dos velhos tagarelas das estalagens, nas quais ele abrandava a sede com grandes odres de pele contendo cerveja espumante, e dos mercadores de olhos agudos e roupas de

seda que ele encontrou na estrada, Conan buscava por notícias sobre Beloso.

Os relatos eram contraditórios, mas, finalmente, Conan verificou que um zíngaro magro e forte, com os perigosos olhos e bigodes negros do povo do oeste, estava em algum lugar do caminho diante dele e, aparentemente, indo para Messantia. Era um destino lógico; todos os portos de Argos eram cosmopolitas, em forte contraste com as províncias internas, e Messantia era o mais poliglota. Embarcações de todos os países ancoravam naquele porto, e fugitivos de muitas nações se juntavam lá. Em Messantia as leis eram aplicadas com tolerância. A cidade prosperava graças ao comércio marítimo, e seus cidadãos preferiam fazer vistas grossas em seus assuntos com homens do mar. Até Messantia, chegava não só o tráfico legal, mas também os contrabandistas e até os piratas, que realizavam um papel importante no comércio portuário. Tudo isso Conan sabia, porque no passado, quando havia sido pirata nas Ilhas Barachas, não entrara muitas vezes, sempre à noite, no porto de Messantia, para descarregar as mais diversas mercadorias? A maior parte dos piratas das Ilhas Barachas — um pequeno arquipélago, próximo à costa sudoeste de Zingara — eram marinheiros de Argos, e enquanto se dedicassem a perseguir navios de outros países, as autoridades de Argos não se mostrariam intolerantes demais.

Mas Conan não havia limitado suas atividades às de baracho. Havia navegado também com os bucaneiros zíngaros, e até com aqueles selvagens corsários negros, que navegavam, desde o sul distante, para assolar as costas setentrionais, e isto o colocava à margem das leis de todos os países. Se o reconhecessem em qualquer porto de Argos, isto poderia lhe custar a cabeça. Mas o cimério continuou cavalgando sem vacilar para Messantia, parando dia ou noite, apenas para dar descanso ao seu cavalo, e ele próprio dormir um pouco.

Entrou facilmente na cidade, misturando-se com a multidão que entrava e saía constantemente daquele importante centro comercial. Não havia muralhas ao redor de Messantia; o mar e seus barcos protegiam aquela grande cidade comercial do sul.

Era noite quando Conan cavalgou pelas ruas que levavam ao porto. Ao final destas ruas, ele pôde ver os desembarcadouros, os mastros e as velas das embarcações, e sentiu de novo, após tantos anos, o cheiro salino do mar;

pôde ouvir o ruído dos aparelhos e do madeiramento dos cascos. Mais uma vez, o impulso do aventureiro tomou conta do seu coração.

No entanto, não se dirigiu para o cais. Desviou-se para um lado e subiu, com seu cavalo, por uma inclinação, com amplas pedras desgastadas, semelhantes a escadas, até chegar a uma rua espaçosa, onde alvas mansões ornamentadas dominavam, do alto, todo o cais e o porto. Ali viviam os homens que haviam enriquecido com o duro comércio marítimo: uns poucos e velhos capitães do mar que foram afortunados o bastante para encontrar algum tesouro num local remoto, e os mercadores que jamais haviam colocado um pé na cobertura de um navio e que nunca haviam escutado o rugido das tempestades ou da luta marítima.

Conan virou seu cavalo em direção a uma porta de ferro dourado, e cavalgou dentro de um pátio onde havia uma fonte sussurrante, e as pombas revoavam entre colunas e bancos de mármore. Um pajem, vestido com recortada jaqueta e calças de seda, avançou com ar interrogativo. Os mercadores de Messantia lidavam com os personagens mais estranhos e rudes, mas quase todos estavam relacionados com o mar. Era estranho que um soldado mercenário entrasse tão livremente, a cavalo, no pátio de um senhor de comércio.

— Aqui mora Publio, o mercador? — disse Conan, afirmando mais do que perguntando; e algo, em seu timbre de voz, fez o pajem tirar o chapéu emplumado, enquanto se inclinava e respondia:

— Sim, meu capitão.

O cimério desmontou, e o pajem chamou outro criado, que veio correndo para se encarregar das rédeas do corcel.

— Seu amo está aí dentro? — perguntou Conan, enquanto tirava as luvas e sacudia, de seu manto e sua malha, a poeira da estrada.

— Sim, meu capitão. A quem devo anunciar?

— Eu mesmo me anunciarei. — grunhiu Conan — Conheço muito bem o caminho. Espere aqui.

Obedecendo aquelas ordens imperativas, o rapaz ficou encarando Conan, enquanto este subia os poucos degraus de mármore da entrada, e o pajem se perguntou que relação poderia haver entre seu amo, um comerciante rico, com aquele guerreiro gigante que tinha o aspecto de um bárbaro do norte.

Criados, ocupados em suas tarefas, pararam e ficaram boquiabertos quando Conan cruzou uma larga varanda acima do pátio, e entrou num largo corredor pelo qual entrava a brisa do mar. Na metade deste, ele ouviu

uma pena de escrever rabiscando e adentrou uma sala ampla, de cujos muitos e grandes batentes se avistava o porto.

Publio estava sentado diante de uma escrivaninha de madeira de teca, escrevendo num luxuoso pergaminho com uma dourada pluma de ave. Era um homem baixo, de cabeça grande e vivazes olhos escuros. Sua túnica azul era da mais fina seda bordada a ouro. Do pescoço do mercador, pendia uma pesada corrente de ouro maciço.

Quando o cimério entrou na sala, o comerciante levantou a cabeça com atitude aborrecida. Ele se congelou no meio do gesto. Sua boca ficou aberta; ele fitava um fantasma do passado. A descrença e o medo brilhavam em seus olhos grandes.

— Bem — disse Conan -, você não tem nenhuma palavra de saudação, Publio?

Publio umedeceu os lábios.

— Conan! — ele sussurrou, incrédulo — Por Mitra! Conan! Amra!

— Quem mais? — o cimério abriu o manto e lançou as luvas sobre a escrivaninha — O que está havendo, homem? — ele exclamou irritado

— Não é capaz de me oferecer ao menos uma caneca de vinho? Tenho a garganta seca pela poeira das estradas.

— Sim, vinho! — ecoou Publio mecanicamente. Instintivamente sua mão se estendeu em busca de um gongo, e em seguida ele recuou, como que de um carvão em brasa, e estremeceu.

Enquanto Conan o observava com uma expressão sombria e divertida, o mercador se levantou e se dirigiu apressadamente até a porta e a fechou, mas não sem antes confirmar, de ambos os lados do corredor, que não havia nenhum escravo por perto. Logo, ele retornou se dispôs a servir bebida numa fina taça de vinho, de um garrafão. Conan o arrebatou com impaciência e, agarrando-o com as duas mãos, bebeu longamente e com óbvia avidez.

— Sim, não há dúvida alguma de que você é Conan. — sussurrou Publio — Mas você está louco?

— Por Crom, Publio — disse o cimério, baixando o garrafão, mas conservando-o entre as mãos -, vejo que você mora num alojamento bem melhor que o que tinha antes. Ninguém melhor que um mercador argoseano para se fazer rico. Antes, você só tinha uma cabana de porto, a qual fedia a peixe podre e vinho barato.

— Aqueles velhos dias já passaram. — disse Publio, puxando seu roupão, com um pequeno e involuntário tremor — Esqueci daquela época, como quem tira um manto usado.

— De qualquer forma — disse Conan -, não pode me dispensar tão facilmente quanto um manto velho. Não vou lhe pedir muito. Estou certo de que você não vai negar. Fizemos muitas transações comerciais juntos em tempos passados. Acha que não sei perfeitamente que esta mansão está feita, em grande parte, graças a meu suor e meu sangue? Quantos carregamentos de minhas galeras passaram por seu estabelecimento?

— Todos os mercadores de Messantia fizeram negócios com os piratas em um momento ou outro. — murmurou Publio, nervosamente.

— Mas não com os corsários negros.

— Por Mitra, cale a boca! — exclamou Publio, enquanto a testa se enchia de suor. Seus dedos sacudiram a borda dourada de seu robe.

— Eu só queria lhe lembrar. — respondeu Conan — Não precisa ficar tão nervoso. Em outros tempos, quando você lutava para ganhar a vida naquela pequena barraca do cais, você corria muitos perigos, e cooperava com todos os bucaneiros, contrabandistas e piratas daqui até as Ilhas Barachas. Parece que a prosperidade lhe amoleceu.

— Sou respeitável.

— Você quer dizer que é asquerosamente rico. — rosnou Conan — Como? Acaso teve algo a ver com os excelentes negócios com marfim, plumas de avestruz, cobre, peles de animais, enfeites de ouro, pérolas, ornamentos forjados a ouro e outras coisas vindas das costas de Kush? E como você os conseguia tão barato, enquanto os outros comerciantes pegavam seu peso em prata aos stígios? Vou lhe dizer, caso tenha esquecido: você os comprava de mim, por um preço bem abaixo do valor, e eu os conseguia das tribos da Costa Negra e dos navios dos stígios; eu e os corsários negros.

— Em nome de Mitra, chega! — implorou Publio — Não esqueci. Mas o que você faz aqui? Sou o único homem de Argos a saber que o rei da Aquilônia foi, em outras épocas, Conan o bucaneiro. Mas havia chegado até o sul o rumor da conquista da Aquilônia e da morte de seu rei.

— Meus inimigos me mataram umas cem vezes com seus rumores. — grunhiu Conan — Mas aqui estou, sentado e bebendo vinho de Kyros. — e ele uniu a ação à palavra.

Largando o garrafão, que estava meio vazio, ele disse:

— Só venho lhe pedir um pequeno favor, Publio. Sei que você está informado de tudo o que ocorre em Messantia. Eu só quero saber se um zíngaro chamado Beloso, que pode ter mudado de nome, está aqui. É um homem alto, magro, de pele escura como todos de sua raça, e é provável que ele tente vender uma jóia muito rara.

Publio negou com a cabeça:

— Não ouvi falar desse homem. Mas são milhares os que vêm e vão de Messantia constantemente. Se ele está aqui, meus agentes irão localizá-lo.

— Ótimo. Mande procurarem-no. Enquanto isso, gostaria que cuidassem do meu cavalo e me servissem comida aqui neste quarto.

Publio assentiu sem muito entusiasmo. Conan esvaziou o garrafão de vinho, o lançou sem muitos cuidados num canto, e se dirigiu a uma janela próxima, onde aspirou profunda e involuntariamente o ar salgado do mar. Deu uma olhada nas ruelas sinuosas do distrito portuário. Ele varreu com um olhar avaliativo os barcos amarrados ao porto, levantou a vista e observou, além da baía, a linha azul onde o mar se unia ao céu. E sua memória o transportou muito além daquele horizonte, até os mares dourados do sul, onde, sob o sol de raios flamejantes, não havia leis e se vivia uma vida turbulenta. Um cheiro de especiarias, que chegou até ele, trouxe-lhe imagens claras das costas onde os manguezais cresciam em abundância e os tambores ressoavam. Lembrou também dos combates nos navios, e de seus pisos, encharcados de sangue; a fumaça, as chamas e os gritos de matança... Absorto em seus pensamentos, Conan mal percebeu que Publio deixava a sala.

Puxando a túnica para andar melhor, o mercador avançou rapidamente pelos corredores, até chegar numa certa câmara, onde um homem alto e esguio, com uma grande cicatriz na têmpora, escrevia um pergaminho. Havia algo naquele homem que não se encaixava com a tarefa de escrivão à qual estava dedicado. Abruptamente, Publio falou com ele:

— Conan voltou!

— Conan? — o homem delgado se ergueu, enquanto a pena lhe caía da mão — O corsário?

— Sim.

O homem magro empalideceu.

— Ele é louco? — disse o escrivão, enquanto empalidecia — Se o descobrirem aqui, estamos perdidos! Irão enforcar a quem dá abrigo ou comercia com um corsário tão rapidamente quanto ao próprio corsário! O

que aconteceria se o governador soubesse de nossas ligações com ele no passado?

— Ele não saberá. — respondeu Publio sombriamente — Envie seus homens pelos mercados e casebres do cais, para averiguarem se um zíngaro, um tal de Beloso, está em Messantia. Conan disse que ele tem uma jóia e quer vendê-la. Os comerciantes de jóias já devem saber dele. E outra coisa: reúna uma dúzia de homens desesperados, que sejam confiáveis para se desfazerem de um homem e manterem a boca bem fechada. Está entendendo?

— Perfeitamente. — o outro balançou a cabeça devagar e sombriamente.

— Não enganei, menti, roubei e lutei tão duramente durante tanto tempo até chegar onde estou, para que venha um fantasma do passado e coloque tudo a perder. — murmurou Publio, e sua expressão ameaçadora naquele momento deixaria perplexos os ricos nobres e damas, que lhe compravam as sedas e pérolas em seus muitos estabelecimentos. Mas pouco depois, quando voltou para perto de Conan com uma bandeja de frutas e carnes na mão, ele mostrava um semblante plácido à indesejada visita.

O cimério ainda estava em frente à enorme janela, olhando para o porto, onde se apinhavam as velas multicoloridas dos galeões e galeras.

— Se não me falha a visão, ali é uma galera stígia. — Ele observou, apontando uma embarcação longa, estreita, baixa e negra, que estava afastada das demais e ancorada a certa distância da baixa e larga praia arenosa, a qual se curvava até o distante promontório — Há paz, então, entre Stygia e Argos?

— A mesma paz que havia antes. — disse Publio, colocando a travessa sobre a mesa, com um suspiro de alívio, pois a primeira estava carregada; ele conhecia seu convidado de longa data — Os portos stígios estão temporariamente abertos aos nossos barcos e vice— versa. Mas eu não gostaria que um de meus barcos encontrasse uma dessas malditas galeras em alto-mar. Essa, da qual você fala, chegou ontem à noite, quase furtivamente. Desconheço as intenções de seus donos; até agora não comprou nem vendeu nada. Não confio nesses demônios de pele escura. A traição nasceu naquela terra sombria.

— Eu fiz com que lamentassem. — disse Conan, descuidadamente, virando as costas para a janela — Entrei com meu navio, à frente de meus piratas negros, até o próprio porto de Khemi, com seus castelos banhados pelo mar e seus muros negros. Era noite e incendiei as embarcações ali

ancoradas. E por falar em traições, meu anfitrião, gostaria que você provasse estas carnes e bebesse um pouco deste vinho, só pra me mostrar que seu coração está no lugar certo.

Publio condescendeu ao pedido, com tal prontidão que todas as suspeitas de Conan se acalmaram. Sem pensar duas vezes, o cimério sentou-se e devorou o suficiente para três homens.

Enquanto ele comia, homens vasculhavam pelos mercados e lojas do porto, procurando um zíngaro que tivesse uma jóia, ou que procurasse por um barco que o levasse para portos estrangeiros. E, numa cabana iluminada apenas por uma lanterna de latão que pendia das vigas esfumaçadas, um homem alto e magro, com uma cicatriz na têmpora e os cotovelos apoiados numa mesa manchada de vinho, conversava com dez homens de parcos recursos, cujas feições sinistras e roupas esfarrapadas proclamavam seus ofícios.

E, na estrada branca, que do oeste, levava a Messantia, bem no momento em que surgiam as primeiras estrelas, um grupo de quatro cavaleiros altos e esguios, envoltos em capas negras e cobertos com capuzes, esporeavam impiedosamente suas montarias, e aquelas montarias eram tão magras quanto eles próprios, e estavam cansadas e suadas como se tivessem chegado de uma longa viagem.

## XIV

### *A Mão Negra de Set*

CONAN ACORDOU DE um sono profundo, tão rápida e instantaneamente quanto um gato. E, como um felino, ficou de pé, com a espada desembainhada, antes que o homem que lhe tocara pudesse recuar.

— O que houve, Publio? — indagou Conan, reconhecendo seu anfitrião. O pavio da lâmpada de ouro queimava tenuemente, espalhando uma luz

suave sobre os grossos tapetes e ricos cobertores, sobre a cama onde ele havia descansado.

Publio, se recuperando do sobressalto causado pela ação repentina de seu hóspede desperto, respondeu:

— O zíngaro foi localizado. Chegou ontem, ao amanhecer. Somente poucas horas atrás, tentou vender, a um mercador shemita, uma gema estranha e muito grande. O mercador não quis saber nada do assunto, e aqueles que o viram dizem que o shemita ficou pálido sob a barba negra, ao ver a jóia, e que logo fechou seu estabelecimento e foi embora como se fugisse de uma coisa maldita.

— Deve ser Beloso. — murmurou Conan, sentindo as veias em suas têmporas pulsarem em impaciente ansiedade — Onde ele está agora?

— Dorme na casa de Servio.

— Conheço aquela espelunca de longa data. — grunhiu Conan — É melhor eu me apressar, antes que algum desses ladrões do porto o degole e leve a jóia.

O cimério recolheu seu manto, lançou-o sobre os ombros e logo pôs na cabeça um elmo dado por Publio.

— Deixe meu corcel selado e pronto no pátio. — ele disse — Devo voltar às pressas. Não esquecerei sua ajuda desta noite, Publio.

Pouco momentos depois, o mercador, de pé ante uma das portas de sua casa, viu a figura alta do rei se distanciar, por uma rua sombria.

— Adeus, corsário. — sussurrou o mercador — Deve ser uma jóia notável, pra ser procurada por um homem que acabou de perder um reino. Eu gostaria de ter dito a meus velhacos para protegê-lo antes de fazerem seu serviço. Mas algo deve ter dado errado. Que Argos esqueça Amra, e meus negócios com ele se percam na poeira do passado. No beco atrás da casa de Servio... é lá que Conan deixará de ser um perigo para mim.

A casa de Servio, um covil sujo e de péssima fama, estava situada perto do cais. Era um desarrumado edifício de pedra, com grossas vigas de navio, que despontava numa ruela longa e estreita. Conan avançava pelo beco e, quando se aproximou, teve uma sensação desconfortável de que estava sendo espionado. Examinou atentamente por entre as sombras das construções esqueléticas, mas não conseguiu ver nada, embora, por um momento, tenha ouvido o fraco som do atrito entre de pano ou couro contra pele. Mas não era algo estranho. Ladrões e mendigos perambulavam por estes becos á noite, e eles provavelmente não o atacariam, após olharem seu

tamanho e armadura. Mas, de repente, uma porta se abriu na parede à sua frente, e ele se escondeu entre as sombras de um saguão. Uma figura emergiu da porta aberta, e se moveu, ao longo do beco, de forma não-furtiva, mas com um silêncio natural, como o de um animal da selva. A luz das estrelas no beco era suficiente para delinear obscuramente o perfil do homem, quando este passou pela portada onde Conan se escondia. O forasteiro era um stígio. Não havia como confundir aquele rosto aquilino e aquela cabeça raspada, mesmo à luz das estrelas, e a capa sobre os ombros largos. Ele saía do beco em direção à praia e, pelo tênue lampejo de luz suave que se filtrava por entre suas roupas, Conan teve a impressão de que ele levava um farol escondido, enquanto ia embora.

Mas o cimério se esqueceu do estranho, ao perceber que a porta pela qual este entrara continuava aberta. Conan pretendia adentrar a entrada principal e obrigar Servio a mostrá-lo o quarto onde o zíngaro dormia. Mas se ele podia entrar na casa sem chamar a atenção, melhor ainda.

Poucas passadas largas o levaram à porta, e ele abafou um grunhido involuntário ao perceber — seus dedos haviam se exercitado bastante por entre os ladrões em Zamora, há muito tempo atrás — que a fechadura havia sido forçada. Estava retorcida e com os rebites desencaixados, o que indicava que havia sido empregada uma força bastante contundente. Como era possível usar de tal violência sem acordar a vizinhança? Além disso, era evidente que o estrago havia sido feito naquela mesma noite. Uma fechadura quebrada, se descoberta, seria consertada na casa de Servio, nesta vizinhança de ladrões e degoladores.

Conan entrou furtivamente, de punhal na mão, tentando imaginar onde podia encontrar os aposentos do zíngaro. Tateando na escuridão total, ele subitamente parou. Sentiu morte naquele quarto, como os animais selvagens sentem — não era uma ameaça dirigida a ele, era a presença de um cadáver, algo que acabava de morrer. Na escuridão, seu pé esbarrou em algo pesado e recuou. Com uma súbita premonição, ele bateu pela parede, até encontrar numa prateleira uma lâmpada de latão, com pederneira, aço e pavio a seu lado. Um instante depois, uma luz oscilante se acendeu e lhe permitiu dar uma olhada ao seu redor.

Um estrado de dormir, construído contra a áspera parede de pedra, uma mesa vazia e um banco completavam o mobiliário do pequeno quarto. Uma porta interna estava fechada com trava. E, sobre o chão sujo, jazia Beloso. Ele estava de barriga para cima e com a cabeça para trás, de modo que seus

olhos vítreos pareciam fitar as vigas, cheias de fuligem, do teto com teias de aranha. Seus lábios estavam contraídos num sorriso congelado de agonia. Sua espada estava próxima a ele, ainda embainhada. A camisa estava rasgada e, no peito marrom e musculoso, se via a marca negra de uma mão, cujas marcas de dedos se distinguiam com perfeição.

Conan encarava em silêncio, sentindo um arrepio nos cabelos curtos da parte de trás do pescoço.

— Por Crom! — ele sussurrou — A mão negra de Set!

Ele vira aquela marca há muito tempo; o sinal da morte dos negros sacerdotes de Set, o culto sombrio que governava a obscura Stygia. E, subitamente, se lembrou do curioso brilho que surgia das roupas do misterioso stígio que saíra daquela casa.

— O Coração, por Crom! — ele sussurrou — Ele o carregava sob o manto. Ele o roubou; destroçou aquela porta com sua magia e matou Beloso. Era um sacerdote de Set!

Uma rápida investigação confirmou pelo menos parte de suas suspeitas. A jóia não estava no corpo do zíngaro. Em Conan, surgiu um sentimento desconfortável de que isto não acontecera por acaso, ou sem propósito: uma convicção de que a misteriosa galera stígia havia chegado ao porto de Messantia, com uma missão determinada. Como os sacerdotes de Set sabiam que o Coração havia chegado ao sul? Mas o pensamento não era mais fantástico que a magia capaz de matar um homem armado, através do toque de uma mão nua e aberta.

Passos furtivos, do lado de fora da porta, fizeram Conan se virar como um felino. Num só movimento, ele apagou rapidamente a lâmpada e desembainhou a espada. Seus ouvidos lhe diziam que havia homens lá fora, na escuridão, se aproximando da porta. Quando seus olhos se acostumaram à súbita escuridão, ele só conseguiu distinguir umas silhuetas obscuras que cercavam a entrada. Ele não sabia quem eram, mas, como sempre, ele tomou a iniciativa — saltando inesperadamente para a frente, desde a portada, sem esperar o ataque.

Seu movimento súbito pegou de surpresa aqueles que se esgueiravam. Ele sentiu e ouviu homens próximos, ao seu redor, viu obscuramente um rosto mascarado à luz das estrelas diante dele, e logo descarregou um golpe de espada com força mortífera. Antes que seus atacantes, de pensamento e ações mais lentas, pudessem reagir, o bárbaro fugiu pelas sombras da ruela.

Em plena corrida, o cimério ouviu à sua frente, um rumor de remos chapinhando no mar, esqueceu os homens atrás dele. Um bote se afastava pela baía! Apertando os dentes, ele aumentou a velocidade, mas, antes que pudesse alcançar a praia, ele ouviu o raspar e o ranger de cordas.

Nuvens espessas, vindas do mar, obscureceram as estrelas. Em total escuridão, Conan chegou à praia, aguçando os olhos sobre a negra água inquieta. Algo se movia: uma silhueta longa, baixa e negra, que se afastava lentamente, e depois ganhava velocidade. Ouviu o crepitar ritmado de remos compridos. Ele apertou os dentes, dominado por uma fúria impotente. Era a galera stígia, e ela corria para o mar aberto, levando a jóia que significava para ele o trono da Aquilônia.

Praguejando selvagememente, ele correu em direção às ondas que lambiam as areias, e agarrou a longa cota-de-malha para arrancá-la e mergulhar na água, a fim de nada atrás do navio que fugia. Mas o bater de um calcanhar na areia fez com que desse a volta. Ele havia esquecido seus perseguidores.

Figuras escuras o cercaram, com um som de pés sobre a areia. O primeiro caiu sob a espada violenta do cimério, mas os outros não hesitaram. Lâminas sibilavam ao seu redor e resvalavam em sua cota-de-malha na escuridão. Sangue e entranhas se derramavam sobre sua mão, e alguém gritou, enquanto ele dilacerava de forma mortal num golpe ascendente. Uma voz contida dava ordens para o ataque, e aquela voz soava vagamente familiar. Conan pulou, através das formas que agarravam e cortavam, em direção à voz. Uma débil claridade se filtrou através das nuvens, e isso lhe permitiu ver um homem alto e esguio, com uma grande cicatriz branca na têmpora. A espada de Conan arrebentou-lhe o crânio, como a um melão maduro.

Então, um machado, brandido às cegas na escuridão, golpeou o capacete do rei, enchendo-lhe os olhos com faíscas flamejantes. Ele cambaleou e atacou, sentiu sua espada afundar em alguém e ouviu um guincho de agonia. Então, ele tropeçou num cadáver, e então um porrete lhe arrancou o elmo entalhado da cabeça. No instante seguinte, o porrete lhe bateu em cheio no crânio desprotegido.

O rei da Aquilônia caiu desmaiado sobre a areia molhada. Acima dele, figuras lupinas ofegavam no escuro.

— Cortem sua cabeça! — murmurou um.

— Deixe-o aí deitado. — grunhiu outro — Ajude-me a atar meus ferimentos, antes que eu sangre até morrer. O mar irá arrastá-lo até a baía

quando a maré subir. Veja; ele caiu na beirada a água. Seu crânio está partido; nenhum homem é capaz de viver após tais golpes.

— Me ajude a despi-lo. — insistiu um outro — Esta armadura vale algumas peças de prata. Vamos depressa. Tibério morreu, e ouço marujos cantando à medida que cambaleiam ao longo da praia. Vamos de uma vez.

Despojaram rapidamente o cimério de suas roupas, e logo se ouviram passos que se afastavam na noite. O canto levemente embriagado dos marinheiros se ouvia cada vez mais perto.

Em seu quarto, Publio, que caminhava nervosamente, de um lado a outro, diante de uma janela, da qual se avistava a baía nas sombras, virou-se de repente, com os nervos tensos. Sabia perfeitamente que a porta da moradia estava trancada por dentro, mas agora ela estava aberta, e quatro homens avançavam em sua direção. Ao vê-los, Publio sentiu um calafrio na pele. Ele já tinha visto gente estranha em sua vida, mas ninguém que pudesse comparar-se a eles. Eram homens altos e magros, que vestiam mantos negros, e seus rostos eram ovais palidamente amarelos sob as sombras de seus capuzes. Ele não era capaz de lhes perceber os traços do rosto, e estava irracionalmente feliz por não poder. Cada um levava um longo e estranhamente matizado cajado na mão.

— Quem são vocês? — ele indagou, e sua voz soou frágil e surda — O que fazem aqui?

— Onde está Conan, que foi rei da Aquilônia? — perguntou o mais alto, num tom tão friamente monótono que fez Publio estremecer. Era como o tom seco do sino de um templo khitaiano.

— Não sei do que estão falando. — gaguejou o mercador, com seu habitual equilíbrio sacudido diante do aspecto sobrenatural de seus visitantes — Não conheço tal homem.

— Ele esteve aqui. — disse o outro, sem mudança no tom de voz — Seu cavalo está no pátio. Diga-nos onde ele está, se não quiser sofrer nenhum mal.

— Gebal! — gritou Publio, agitado e recuando até encostar-se à parede

— Gebal!

Os quatro khitaianos observaram o homem, sem emoção e sem mudarem de expressão.

— Se chamar o seu escravo, ele morrerá. — disse um deles, o que só serviu para deixar Publio ainda mais aterrorizado.

— Gebal! Onde está você, maldito? Ladrões estão matando seu amo!

No corredor externo, ressoaram passos rápidos, e Gebal invadiu a sala. Era um shemita de estatura mediana, com musculatura poderosa e encaracolada barba negro-azulada, o qual empunhava uma curta espada afiada.

Ele arregalou os olhos em estúpido espanto, diante dos quatro intrusos, incapaz de entender sua presença; ele se lembrava vagamente de ter adormecido de forma inexplicável na escada, a qual vigiava, e pela qual eles deviam ter subido. Jamais havia dormido em serviço antes. Mas seu amo continuava gritando, com um tom de histeria na voz, e o shemita então se lançou como um touro sobre os desconhecidos, com o braço musculoso no alto, para dar o golpe estripador. Mas o golpe jamais foi dado. Um braço, coberto por uma manga negra, estendeu o longo cajado. A ponta do bastão não fez mais do que roçar levemente o peito musculoso do shemita. Mas o impacto foi tão aterrador quanto o ataque de uma cobra.

Gebal parou de repente em seu avanço, como se tivesse encontrado uma barreira sólida. Sua cabeça de touro caiu sobre o peito, a espada caiu de seus dedos, e logo ele se dissolveu lentamente ao chão. Parecia que, de repente, todos os ossos de seu corpo haviam adquirido uma consistência gelatinosa. Publio ficou enojado.

— Não grite de novo. — avisou o khitaiano mais alto — Seus servos estão dormindo profundamente, mas, se acordá-los, eles morrerão, e você também. Onde está Conan?

— Foi à casa de Servio, perto do cais, procurar um zíngaro chamado Beloso. — respondeu Publio, sem oferecer nenhuma resistência. O mercador não era nenhum covarde, mas aqueles visitantes misteriosos pareciam ter transformado em água o tutano de seus ossos. Ele estremeceu convulsivamente, ao ouvir um súbito ruído de passos que se aproximavam rapidamente pela escada externa, altos naquele silêncio sinistro.

— Outro serviçal? — perguntou o khitaiano.

Publio negou mudamente com a cabeça, como se sua língua estivesse presa ao céu da boca. Ele não conseguia falar. Um dos khitaianos tirou o cobertor de um leito e o lançou sobre o cadáver. Logo eles se esconderam atrás de umas cortinas. Antes de desaparecer, o mais alto disse:

— Fale com o homem que está chegando e o dispense logo. Não faça nenhum sinal que o faça ver que não está sozinho neste cômodo. Se nos trair, nem você nem ele viverão para chegar até a porta. Finja que está só.

E, levantando sugestivamente o cajado, o homem amarelo desapareceu atrás da cortina.

Publio se estremeceu, e dominou como pôde sua intensa vontade de vomitar. Talvez tenha sido apenas um efeito da luz, mas o mercador acreditou ver os bastões se moverem em uníssono, como se tivessem vida própria. Fazendo um esforço intrépido, Publio tentou recuperar o ar sereno diante do homem que estava entrando na câmara.

— Fizemos o que nos ordenaste, meu senhor. — exclamou este homem

— O bárbaro jaz morto na praia.

Publio sentiu um movimento nas cortinas atrás de si. O outro prosseguiu, sem perceber nada.

— Tibério, seu secretário, está morto. O bárbaro o matou, assim como a quatro de meus companheiros. O bárbaro não levava nada de valor, exceto algumas moedas de prata. Tem mais alguma ordem?

— Nada mais. — arfou Publio, pálido até os lábios — Pode ir.

O outro se inclinou em reverência e saiu pela porta, com uma vaga sensação de que Publio estava com estômago fraco e poucas palavras.

Os quatro khitaianos saíram então de seu esconderijo, e o mais alto deles perguntou:

— De quem este homem falava?

— De um vagabundo estrangeiro que havia me causado um grave prejuízo.

— Está mentindo... — disse calmamente o khitaiano — Ele estava falando do rei da Aquilônia. Eu o leio na expressão de seu rosto. Sente-se nesse divã, não se mova e fique calado. Ficarei com você, enquanto meus companheiros irão buscar o corpo.

Publio se sentou e tremeu de terror com a silenciosa e inescrutável figura que o observava, até que os três khitaianos regressaram à câmara, com as notícias de que o corpo de Conan não jazia na areia. Publio não sabia se ficava contente ou com remorso.

— Encontramos o lugar onde aconteceu a luta. — eles disseram — Havia sangue na areia, mas o rei desapareceu.

O quarto khitaiano desenhou símbolos imaginários no tapete, os quais cintilavam como escamas à luz do candeeiro.

— Não leram nada na areia? — ele perguntou.

— Sim. — ele respondeu — O rei está vivo e se dirigiu para o sul em um barco.

O khitaiano alto levantou a cabeça para olhar Publio, de um jeito que fez o mercador suar profusamente.

— O que querem de mim...? — ele gaguejou.

— Uma embarcação. — respondeu o khitaiano — Um barco bem aparelhado para uma boa viagem.

— Até onde viajarão? — gaguejou Publio, sem sequer pensar em recusar.

— Até o fim do mundo, talvez. — respondeu o khitaiano — Ou até os mares de metal derretido do inferno, além do sol nascente.

## XV

### *A Volta do Corsário*

A PRIMEIRA SENSAÇÃO DE CONAN, de que sua consciência retornava, era a de movimento; sob ele não havia solidez, mas um incessante subir e descer. Então, ele ouviu o vento soprando pelas cordas e mastros, e percebeu que estava a bordo de um navio, antes mesmo que sua visão nublada clareasse. Ele ouviu um murmúrio de vozes, e então, uma pancada de água o alagou, sacudindo-o intensamente em total animação. Ele se levantou com uma praga inflamada, firmou suas pernas e olhou ao redor, com uma explosão de rudes gargalhadas em seus ouvidos, e o mau cheiro de corpos sujos em suas narinas.

Ele estava de pé, na parte de trás de uma longa galé que corria diante do vento que batia do norte, e a vela listrada inflava contra as escotas esticadas. O sol estava nascendo, num brilho deslumbrante de dourado, azul e verde. À esquerda do litoral, havia uma fraca sombra púrpura. À direita, se estendia o mar aberto. Tudo isso Conan viu num relance que, da mesma forma, incluía a própria embarcação.

Esta era longa e estreita, um típico navio de comércio das costas meridionais, de popa alta, com cabines em ambas as extremidades. Conan

baixou os olhos para o poço aberto, de onde subia aquele cheiro enjoativo e desagradável. Ele o conhecia há muito. Era o cheiro dos corpos dos remadores, acorrentados a seus bancos. Eram todos negros, quarenta homens de cada lado, cada um preso por uma corrente trancada próxima à cintura, com a outra extremidade soldada a um pesado anel, colocado profundamente no sólido vau que corria entre os bancos, da popa à proa. A vida de um escravo a bordo de uma galera argoseana era um inferno imensurável. Muitos deles eram kushitas, mas uns trinta dos negros, que agora descansavam em seus desocupados remos e olhavam com vaga curiosidade para o estrangeiro acima deles, eram das distantes ilhas meridionais, terra natal dos corsários. Conan os reconheceu por suas feições mais retas, cabelos mais lisos e seus membros mais longos e bem proporcionados. E viu, dentre eles, homens que haviam seguido— o há muito tempo.

Mas tudo isso ele viu e reconheceu, num rápido e abrangente olhar enquanto se levantava, antes de voltar sua atenção às figuras acima dele. Cambaleando momentaneamente em suas pernas firmadas, e com os punhos se fechando de raiva, ele olhou para as figuras amontoadas ao seu redor. O marujo que o havia molhado estava sorrindo, com o balde vazio ainda suspenso na mão, e Conan o amaldiçoou venenosamente, estendendo a mão instintivamente para o cabo da espada. Então, ele percebeu que estava desarmado e nu, exceto por suas curtas calças de couro.

— Que banheira piolhenta é esta? — ele rugiu — Como vim parar nesta bordo?

Os marinheiros riram zombeteiramente. Eram argoseanos atarracados e barbados contra um homem só — e um deles, cujas roupas mais suntuosas e ar de comando anunciavam-no como capitão, cruzou os braços e disse tiranicamente:

— Nós lhe encontramos inconsciente na areia. Alguém havia lhe golpeado a cabeça e levado suas roupas. Precisávamos de um homem extra e lhe trouxemos a bordo.

— Que navio é este? — exigiu Conan.

— O Aventureiro, de Messantia, com um carregamento de espelhos, mantos de seda escarlata, escudos, elmos dourados e espadas, para comercializar com os shemitas por cobre e minério de ouro. Eu sou Demétrio, capitão deste navio e seu mestre daqui em diante.

— Então, estou na direção que eu queria, afinal. — murmurou Conan, desatento àquela última observação. Eles estavam correndo na direção sudeste, seguindo a longa curva da costa argoseana. Estes navios de comércio nunca se aventuravam longe da costa. Em algum lugar à sua frente, ele sabia, aquela escura e baixa galé stígia corria para o sul.

— Você viu uma galé stígia...? — começou Conan, mas a barba do corpulento capitão de rosto brutal se eriçou. Ele não tinha o menor interesse em qualquer pergunta que seu prisioneiro quisesse fazer, e se ressentiu com o longo tempo em que ele reduzira este navio independente à sua propriedade particular.

— Vá para a frente! — ele rugiu — Já perdi tempo demais com você! Já lhe fiz a honra de lhe trazer à popa para ser reanimado, e já respondi o bastante às suas perguntas infernais. Saia desta popa! Você vai trabalhar a bordo desta galé...

— Comprarei seu navio... — Conan começou a dizer, antes de lembrar que era um andarilho sem dinheiro.

Um grito de rude alegria acolheu estas palavras, e o capitão ficou roxo, achando que ele se sentiu ridículo.

— Seu porco amotinado! — ele berrou, dando um passo ameaçador à frente, enquanto agarrava sua faca no cinto — Vá para a frente, antes que eu lhe açoite! Você vai manter uma língua cortês em sua boca, ou, por Mitra, vou lhe acorrentar entre os negros para puxar um remo!

O temperamento vulcânico de Conan explodiu. Há anos, mesmo antes dele ser rei, homem nenhum falou com ele assim e continuou vivo.

— Não levante sua voz comigo, seu cachorro com calças de alcatrão! — ele rugiu, numa voz tão tempestuosa quanto o vento marítimo, enquanto os marinheiros ficaram boquiabertos de espanto — Puxe esse brinquedo, e eu te dou para os peixes comerem!

— Quem você pensa que é? — ofegou o capitão.

— Vou lhe mostrar! — gritou o enfurecido cimério, girando e saltando para o corrimão, onde havia armas penduradas em seus ganchos.

O capitão puxou sua faca e correu rugindo até ele, mas antes que pudesse atacar, Conan agarrou-lhe o pulso com uma violenta torção que lhe deslocou o braço. O capitão berrou como um boi em agonia, e então rolou para o outro lado do convés, quando foi arremessado com desprezo por seu atacante. Conan arrancou um pesado machado do corrimão e girou como um gato, para enfrentar a investida dos marujos. Eles avançaram, ganhando

feito cães de caça, desajeitados e com passos deselegantes, em comparação ao cimério com andar de pantera. Antes que eles pudessem atingi-lo com seus punhais, ele saltou no meio deles, golpeando a torto e a direito, rápido demais para ser acompanhado com os olhos; sangue e miolos respingaram, enquanto dois corpos atingiam o convés.

Facas cortavam selvagememente o ar, enquanto Conan, com esforço, abria caminho através da turba cambaleante e ofegante, e saltava para a ponte estreita que se estendia sobre o poço, da popa à proa, fora do alcance dos escravos abaixo. Atrás dele, o punhado de marujos na popa tropeçava em sua direção, intimidado pela destruição de seus companheiros, e o restante da tripulação — uns trinta ao todo — veio correndo pela ponte em sua direção, com as armas nas mãos.

Conan pulou sobre a ponte e se equilibrou acima dos rostos negros voltados para o alto, o machado erguido e a negra cabeleira soprada pelo vento.

— Quem sou eu? — ele gritou — Vejam, seus cães! Vejam, Ajonga, Yasunga, Laranga! Quem sou eu?

E, do poço, se ergueu um grito que se transformou em um poderoso rugido.

— Amra! É Amra! O Leão está de volta!

Os marinheiros que perceberam e entenderam o peso daquele grito aterrador ficaram pálidos e recuaram, olhando assustados para a figura selvagem na ponte. Seria ele realmente aquele ogro sedento de sangue, dos mares do sul, que havia desaparecido tão misteriosamente anos atrás, mas que ainda vivia em lendas sangrentas? Os negros estavam espumando de loucura, sacudindo e tentando arrancar suas correntes, e guinchando o nome de Amra como uma invocação. Kushitas que nunca tinham visto Conan antes se juntaram à gritaria. Os escravos no cercado sob a cabine posterior começaram a bater nas paredes, guinchando feito o demônio.

Demétrio, se arrastando pelo convés, apoiado em uma das mãos e nos joelhos, pálido com a dor de seu braço deslocado, gritou:

— Vão e matem-no antes que os escravos se libertem!

Incendiados de desespero por aquelas palavras, as mais terríveis para qualquer marujo de galé, os marinheiros investiram até a ponte com ambas as finalidades. Mas, com um salto leonino, Conan deixou a ponte e caiu de pé, feito um gato, na pista entre os bancos.

— Morte aos amos! — ele trovejou, enquanto seu machado se erguia e caía, despedaçando uma algea feita madeira. Num instante, um escravo que guinchava estava livre, estilhaçando seu remo para fazê-lo de porrete. Os homens estavam correndo freneticamente ao longo da ponte superior, e todo um pandemônio tomou conta do Aventureiro. O machado de Conan subiu e desceu sem pausa; e, a cada golpe, um negro espumante e barulhento ficava livre, louco pela fúria e ódio da liberdade e vingança.

Os marujos que saltavam pra dentro do poço, para agarrarem ou ferirem o quase desnudo gigante branco, que cortava algemas como um possesso, se viam arrastados para baixo pelas mãos dos escravos ainda não-libertos, enquanto outros, com suas correntes quebradas açoitando e quebrando ao redor de seus membros, saíam do poço como uma cega torrente negra, gritando como demônios, golpeando com remos quebrados e pedaços de ferro, rasgando e despedaçando com unhas e dentes. No meio daquilo tudo, os escravos no cercado derrubaram as paredes e, como uma onda, subiram ao convés; e, com cinquenta negros libertados de seus bancos, Conan parou de cortar o ferro e saltou para o alto, em direção à ponte, para aliar seu machado entalhado aos porretes de seus aliados.

Então foi um massacre. Os argoseanos eram fortes, vigorosos e destemidos como todos de sua raça, treinados na escola brutal do mar. Mas eles não conseguiam fazer frente contra aqueles gigantes enfurecidos, liderados pelo tigre bárbaro. Pancadas, abusos e sofrimentos infernais foram vingados numa rajada vermelha de fúria, que rugiu como um tufão de um lado a outro do navio; e quando este tufão se apagou, apenas um homem branco estava vivo a bordo do Aventureiro, e era o gigante ensanguentado, ao redor do qual os negros se aglomeravam e cantavam, se prostrando no convés sangrento e batendo suas cabeças contra as tábuas, num êxtase de adoração ao herói.

Conan, com seu peito forte arfando e brilhando de suor, o machado vermelho seguro em sua mão lambuzada de sangue, olhou em seu redor, como o primeiro chefe de homens deve ter feito em alguma aurora primitiva, e jogou para trás sua negra cabeleira. Naquele momento, ele não era rei da Aquilônia; era novamente o lorde dos corsários negros, o qual havia talhado seu caminho para o comando através de fogo e sangue.

"Amra! Amra!", cantavam os negros delirantes que foram deixados para cantar: "O Leão voltou! Agora, os stígios irão uivar como cães à noite, e os cães negros de Kush irão se lamentar! Agora, as vilas irão

irromper em chamas e os barcos irão afundar! Sim, haverá choro de mulheres e o trovejar das lanças!".

— Parem com isso, cães! — rugiu Conan, numa voz que abafou a batida do vento na vela — Dez de vocês vão pra baixo e libertem os remadores que ainda estão acorrentados. O restante cuide dos remos e os endireite, assim como às adriças. Demônios de Crom, não vêem que fomos arrastados em direção à costa, durante a luta? Vocês querem encalhar e serem recapturados pelos argoseanos? Lancem estes cadáveres ao mar. Apressem-se, seus velhacos, ou cortarei seus couros!

Com gritos, gargalhadas e canções selvagens, eles pularam para cumprir suas ordens. Os corpos, brancos e negros, foram arremessados ao mar, onde barbatanas triangulares já cortavam as águas.

Conan ficou na popa, calando com seu olhar aos homens negros que o olhavam com expectativa. Seus pesados braços marrons estavam cruzados; seu cabelo negro, crescido em suas andanças, soprado pelo vento. A mais selvagem e bárbara figura que pisara na ponte de um navio; e, neste corsário feroz, poucos cortesãos da Aquilônia reconheceriam seu rei.

— Tem comida no porão! — ele rugiu — E há armas em abundância para vocês, pois esta embarcação carregava lâminas e armaduras para os shemitas que moram ao longo da costa. Tem o bastante para trabalharmos no navio, sim, e para lutar! Vocês remavam acorrentados para os cães argoseanos. Vão remar como homens livres para Amra?

— Sim! — eles rugiram — Somos teus filhos! Leve-nos para onde você for!

— Então comecem a limpar aquele poço. — ele ordenou — Homens livres não trabalham num lugar sujo daqueles. Três de vocês venham comigo e peguem comida da cabine de trás. Por Crom, vou encher suas costelas, antes que este cruzado termine!

Outro brado de aprovação o respondeu, enquanto os negros famintos dispararam para cumprir-lhe a ordem. A vela inchou enquanto o vento soprava as ondas com força renovada, e as cristas brancas dançavam de acordo com o movimento do vento. Conan fincou seus pés à altura do convés, respirou fundo e esticou seus braços poderosos. Rei da Aquilônia, ele talvez não fosse mais; mas ainda era rei do oceano azul.

# XVI

## *As Muralhas Negras de Khemi*

O AVENTUREIRO PERCORREU o sul como uma coisa viva, com seus remos agora puxados por mãos livres e solícitas. Ele fora transformado, de um pacífico comerciante numa galera de guerra, tanto quanto possível. Os homens agora se sentavam nos bancos, com espadas aos seus lados e capacetes dourados em seus cabelos crespos. Os escudos estavam pendurados ao longo do parapeito, e feixes de lanças, arcos e flechas adornavam o mastro. Até mesmo as forças da natureza pareciam ajudar Conan agora: a grande vela púrpura inflava com uma forte brisa que a sustentava dia após dia, precisando de pouca ajuda dos remos.

Embora Conan tenha deixado um homem no mastro dia e noite, eles não viram nenhuma galera longa, baixa e escura fugindo para o sul, adiante deles. Dia após dia, as águas azuis ficavam vazias aos seus olhos, quebradas apenas por barcos pesqueiros que fugiam deles como pássaros assustados, ao verem os escudos pendurados ao longo do parapeito. A época do ano para comércio estava praticamente terminada, e eles não viram outros navios.

Quando a sentinela avistou uma vela, esta ia para o norte, e não para o sul. Na distante linha do horizonte, à frente deles, apareceu uma galera correndo, com uma enorme vela púrpura. Os negros insistiram com Conan, para girar e saqueá-la, mas ele balançou a cabeça. Em algum lugar ao sul dele, uma fina embarcação negra estava correndo em direção aos portos da Stygia. Naquela noite, antes da escuridão encerrar o trabalho, o último vislumbre da sentinela mostrou a ele a galera de corrida no horizonte; e ao amanhecer, ela continuava atrás deles, a uma distância muito grande. Conan se perguntou se ele o estava seguindo, embora ele não pudesse achar uma razão lógica para tal suposição. Mas ele deu pouca atenção. Cada dia que o levava mais para o sul, o deixava com mais feroz impaciência. As dúvidas nunca o atacavam. Do mesmo modo que acreditava no nascer e no pôr do

sol, ele acreditava que um sacerdote de Set havia roubado o Coração de Ahriman. E para onde um sacerdote de Set o levaria, senão para o Stygia? Os negros sentiam sua ansiedade, e avançaram penosamente, como nunca o haviam feito sob o chicote, embora ignorassem sua meta. Eles esperavam ansiosamente por uma rubra corrida de pilhagem e saque, e estavam contentes. Os homens das ilhas do sul não conheciam outro ofício; e os kushitas da tripulação se juntaram, de todo coração, na perspectiva de pilharem seu próprio povo, com a indiferença de sua raça. Laços de sangue significavam pouco; um capitão vitorioso e o ganho pessoal eram tudo.

Logo o aspecto da costa mudou. Há não muito tempo, eles navegavam próximos a penhascos, com colinas azuis atrás deles. Agora o litoral era a orla de vastas campinas, que mal se erguiam sobre a linha da água, e se estendiam para cada vez mais longe numa distância nebulosa. Aqui havia poucos portos e ancoradouros, mas a planície verde era pontilhada pelas cidades dos shemitas; o mar verde, lambendo as bordas das planícies verdes, e os zigurates das cidades brilhando palidamente ao sol, um pouco reduzidos pela distância.

Pelas terras pastoris, andavam as manadas de gado e fortes cavaleiros atarracados, com elmos cilíndricos e barbas encaracoladas, negro-azuladas, com arcos em suas mãos. Este era o litoral das terras de Shem, onde não havia lei, exceto as que eram impostas por cada cidade-estado. No distante leste, Conan sabia, os prados davam lugar ao deserto, onde não havia cidades, e as tribos nômade perambulavam desembaraçadamente.

Enquanto eles continuavam indo para o sul, passava o imutável panorama das campinas pontilhadas de cidades, e, por fim, o cenário começava novamente a mudar. Moitas de tamarindo apareciam e os pequenos bosques de palmeiras ficavam mais densos. O litoral ficou mais acidentado, com um paredão de árvores e palmeiras verdes, e atrás delas se erguiam colinas nuas e arenosas. Correntes desaguavam no mar e, ao longo de suas margens molhadas, a vegetação crescia densa e com grande variedade.

Então, eles finalmente passaram pela desembocadura de um grande rio, que misturava seu fluxo ao oceano, e viram as grandes muralhas e torres negras de Khemi se alçarem contra o horizonte meridional.

O rio era o Styx, a verdadeira fronteira da Stygia. Khemi era o maior porto da Stygia e sua cidade mais importante. O rei morava na mais antiga Luxur, mas em Khemi reinava a astúcia dos sacerdotes — embora os

homens dissessem que o centro de sua religião sombria ficasse bem no interior daquele país, numa misteriosa cidade deserta, próxima à margem do Styx. Este rio, que nascia em algum manancial sem nome, em terras distantes e desconhecidas ao sul da Stygia, corria na direção norte por mil milhas, antes de se curvar e fluir para o oeste por algumas centenas de milhas, para finalmente desaguar no oceano.

O Aventureiro, com as luzes apagadas, se moveu furtivamente pelo porto à noite e, antes que o amanhecer o mostrasse, ele ancorou numa pequena baía, poucas milhas ao sul da cidade. A baía era cercada por pântanos, um emaranhado verde de manguezais, palmeiras e videiras, apinhado de crocodilos e serpentes. Era extremamente improvável de ser descoberto. Conan conhecia aquele lugar de longa data: ele já se escondera lá antes, em seu tempo de corsário.

Enquanto eles deslizavam rapidamente pela cidade — cujos grandes bastiões negros se erguiam sobre os dentes pontudos de terra, que fechavam o porto —, tochas brilhavam e ardiam lividamente, e chegava aos seus ouvidos o baixo ribombar de tambores. O porto não era abarrotado de navios, como os de Argos. Os stígios não baseavam sua glória e poder nos navios e esquadras. Embarcações de comércio e galeras de guerra eles tinham, de fato, mas não em proporção à força terrestre. Muitas de suas embarcações trafegavam, subindo e descendo o grande rio, mais do que ao longo das costas marítimas.

Os stígios eram uma raça antiga, um povo obscuro, inescrutável, poderoso e sem piedade. Há muito tempo, o governo deles se estendia bem ao norte do Styx, além dos prados de Shem e dentro das férteis regiões montanhosas, agora habitadas pelos povos de Koth, Ophir e Argos. Suas fronteiras eram delimitadas com aquelas da antiga Acheron. Mas Acheron caíra, e os ancestrais bárbaros dos hiborianos se precipitaram em direção ao sul, com suas peles de lobos e capacetes com chifres, expulsando os antigos donos da terra diante deles. Os stígios nunca se esqueceram disso.

Durante o dia, o Aventureiro ficou ancorado na pequena baía, murada com galhos verdes e trepadeiras emaranhadas, através dos quais passavam rapidamente pássaros de penas vistosas e vozes ásperas, e dentre os quais deslizavam répteis silenciosos, de escamas brilhantes. Em direção ao pôr-do-sol, um pequeno barco se arrastava para cima e para baixo ao longo da praia, mostrando o que Conan queria — um pescador stígio em seu bote raso, de proa reta.

Eles trouxeram-no ao convés do Aventureiro — um homem alto, escuro e esguio, pálido de medo por seus captores, que eram ogros daquela costa. Ele só vestia um calção de seda, pois, assim como os hirkanianos, até os escravos e pessoas comuns da Stygia vestiam seda; e naquele bote havia um manto largo, com o qual pescadores como ele cobriam os ombros contra o frio da noite.

Ele se ajoelhou diante de Conan, esperando tortura e morte.

— Levante-se, homem, e pare de tremer! — disse impacientemente o cimério, que achou difícil entender este desprezível terror — Você não será ferido. Diga-me apenas o seguinte: houve uma galera, uma galera negra de corrida, voltando de Argos e adentrando Khemi nos últimos dias?

— Sim, milorde. — respondeu o pescador — Ontem, ao amanhecer, o sacerdote Thutothmes retornou de uma viagem para o distante norte. Dizem que ele esteve em Messantia.

— O que ele trouxe de Messantia?

— Ai de mim, milorde, eu não sei.

— Por que ele foi para Messantia? — exigiu Conan.

— Não sei, milorde, eu sou apenas um homem comum. Quem sou eu para saber o que se passa nas mentes dos sacerdotes de Set? Só posso falar o que eu vi e o que ouvi sussurrarem ao longo do cais. Dizem que novidades de grande importância vieram para o sul, embora ninguém saiba quais sejam; e é bem sabido que o lorde Thutothmes embarcou rapidamente na sua galera negra. Ele agora retornou, mas o que ele fez em Argos, ou que carregamento ele trouxe, ninguém sabe, nem mesmo os marujos que equipavam sua galera. Dizem que ele fez oposição a Thoth-Amon, que é senhor de todos os sacerdotes de Set e vive em Luxur; e que Thutothmes busca poder oculto para derrubar o Grande. Mas quem sou eu pra dizer? Quando sacerdotes lutam entre si, um homem comum só pode se deitar de bruços e esperar que nenhum dos dois pise nele.

Conan rosou em vigorosa fúria a esta filosofia servil, e se virou em direção a seus homens:

— Irei sozinho para Khemi, para encontrar esse ladrão chamado Thutothmes. Mantenham este homem prisioneiro, mas não o machuquem. Demônios de Crom, parem de uivar! Vocês acham que podemos navegar pra dentro do porto e tomar a cidade de assalto? Eu devo ir só.

Silenciando o clamor de protestos, ele despiu a própria roupa, e vestiu os calções de seda e sandálias do prisioneiro, assim como a faixa no cabelo do

homem, mas desprezou a faca curta do pescador. Os homens comuns da Stygia não tinham permissão de usarem espadas, e o manto não era grande o bastante para esconder a longa lâmina do cimério; mas Conan pôs no quadril um punhal de Ghanata, uma arma feita pelos ferozes homens do deserto, que moravam ao sul dos stígios: uma lâmina larga, pesada e ligeiramente curvada, afiada como uma navalha e longa o bastante para desmembrar um homem.

Então, deixando o stígio vigiado pelos corsários, Conan subiu no bote do pescador.

— Me esperem até o amanhecer. — disse ele — Se eu não voltar, não voltarei mais; e então vão depressa para o sul, para seus lares.

Enquanto ele subia no banco do bote, eles ergueram um lamento melancólico por sua partida, até ele virar a cabeça para trás e olhá-los, silenciando-os com uma praga. Então, dentro do bote, ele agarrou os remos e conduziu o pequeno barco velozmente pelas ondas, mais rápido do que o dono jamais moveria.

## XVII

### *"Ele Matou o Filho Sagrado de Set!"*

O PORTO DE Khemi ficava entre duas grandes saliências de terra, que adentravam o oceano. Ele contornou a saliência sul, onde os grandes castelos negros se erguiam como colinas feitas pela mão do homem, e entrou no porto logo ao anoitecer, quando ainda havia luz suficiente para os vigias reconhecerem o bote e manto do pescador, mas não o bastante para permitir o reconhecimento de detalhes traiçoeiros. Sem dificuldade, ele atravessou seu caminho entre as grandes galeras negras de guerra, ancoradas silenciosamente e sem luz, e parou numa escadaria de largos degraus de pedra que se erguia do mar. Lá, ele prendeu seu bote numa argola de ferro encaixada na pedra, como numerosas embarcações

semelhantes eram amarradas. Não havia nada de estranho num pescador deixar lá o seu bote. Ninguém, além de um pescador, poderia encontrar um uso para tal barco, e eles não roubavam uns aos outros.

Ninguém dirigia a ele mais que um olhar casual, enquanto ele subia os longos degraus, evitando convenientemente as tochas que brilhavam regularmente acima da ondulante água escura. Ele parecia apenas um pescador comum, de mãos vazias, voltando após um dia infrutífero ao longo da costa. Se alguém o observasse de perto, lhe pareceria que seu passo era um tanto flexível e seguro, e sua postura um pouco ereta e confiante demais para um humilde pescador. Mas ele caminhava rapidamente, se mantendo nas sombras, e as pessoas comuns da Stygia não eram mais dadas a análises do que as pessoas comuns de raças menos exóticas.

Sua constituição não era diferente das classes dos guerreiros stígios, que eram uma raça alta e musculosa. Bronzeado pelo sol, ele era quase tão escuro quanto muitos deles. Seu cabelo negro, de corte reto e preso por uma faixa de cobre, aumentava a semelhança. As características que o distanciavam deles eram a sutil diferença em seu andar, suas feições estrangeiras e seus olhos azuis.

Mas o manto era um bom disfarce, e ele se mantinha na sombra tanto quanto possível, virando a cabeça quando um habitante passava muito perto dele.

No entanto, era um jogo perigoso, e ele sabia que não conseguiria manter a farsa por muito tempo. Khemi não era como os portos marítimos dos hiborianos, onde pululavam pessoas de todas as raças. Os únicos estrangeiros aqui eram os escravos negros e shemitas; e ele se parecia tão pouco com eles quanto os próprios stígios. Estrangeiros não eram bem-vindos nas cidades da Stygia; eram tolerados apenas quando vinham como embaixadores, ou como comerciantes autorizados. Mas mesmo estes não eram permitidos em terra firme, após o anoitecer. E agora não havia nenhum navio hiboriano em todo o porto. Uma estranha inquietação corria pela cidade, uma agitação de antigas ambições; um sussurro que ninguém conseguia definir, com exceção daqueles que sussurravam. Isto Conan sentia mais do que sabia, com seus aguçados instintos primitivos sentindo a inquietude a seu redor.

Se ele fosse descoberto, seu destino seria medonho. Eles o matariam meramente por ser estrangeiro; se fosse reconhecido como Amra, o chefe corsário que havia assolado sua costa com aço e fogo... Um tremor

involuntário contraiu os ombros largos de Conan. Ele não temia inimigos humanos, nem qualquer morte por aço ou fogo. Mas esta era uma terra negra de feitiçaria e de horror sem nome. Set, a Velha Serpente, diziam, banida há muito tempo das raças hiborianas, ainda se escondia nas sombras dos templos místicos, e terríveis e misteriosos eram os atos praticados nos santuários noturnos.

Ele havia se afastado das ruas próximas ao cais, com seus largos degraus que conduziam para dentro d'água, e estava adentrando as longas ruas sombrias da parte principal da cidade. Não havia cena semelhante em qualquer cidade hiborianas — nenhum brilho de lampiões e fogaréus, com pessoas alegremente vestidas, a rirem e passearem pelas calçadas; e casas de comércio e balcões escancarados, ostentando suas mercadorias.

Aqui os balcões fechavam ao anoitecer. As únicas luzes ao longo das ruas eram tochas esfumaçadas, bruxuleando a longos intervalos. As pessoas que andavam pelas ruas eram relativamente poucas; elas andavam com pressa e em silêncio, e sua quantidade diminuía com o avanço das horas. Conan achou o cenário sombrio e irreal: o silêncio das pessoas, sua pressa furtiva, as grandes muralhas de pedra negra que se erguiam de cada lado das ruas. Havia uma imponência sombria na arquitetura stígia, que era esmagadora e opressiva.

As poucas luzes se mostravam em toda parte, menos nas partes altas das construções. Conan sabia que muitas daquelas pessoas descansavam nos tetos planos, entre as palmeiras de jardins artificiais sob as estrelas. Havia um murmúrio de música estranha, vindo de algum lugar. Ocasionalmente, uma carruagem de bronze retumbava sobre as lajes do calçamento, e havia o breve vislumbre de um nobre alto, de rosto aquilino, com um manto de seda enrolado sobre ele e uma faixa de ouro, com o emblema de uma serpente com a cabeça erguida, prendendo sua negra cabeleira; o negro cocheiro nu firmava suas pernas nodosas contra a força dos ferozes cavalos stígios.

Mas as pessoas que ainda cruzavam as ruas a pé eram gente comum, escravos, comerciantes, prostitutas e labutadores, e ficavam mais escassos, enquanto ele avançava. Ele ia em direção ao templo de Set, onde sabia ser provável encontrar o sacerdote que procurava. Ele acreditava que reconheceria Thutothmes se o visse, embora seu único vislumbre tenha sido na penumbra de um beco messântio. Ele estava certo de que o homem que vira era o sacerdote. Apenas ocultistas no alto dos labirintos do hediondo

Círculo Negro tinham o poder da mão negra, que matava com um toque; e apenas um homem como aquele ousaria desafiar Thoth-Amon, a quem o mundo ocidental conhecia apenas como uma figura de terror e lenda.

A rua ficou larga, Conan sabia que estava adentrando a parte da cidade dedicada aos templos. As grandes estruturas erguiam seus negros volumes contra as pálidas estrelas, sombrias e indescritivelmente ameaçadoras à luz das poucas tochas. E repentinamente ele ouviu um grito abafado de uma mulher, no outro lado da rua e um pouco à sua frente — uma cortesã nua, vestida com o alto adorno de plumas na cabeça, típico de sua classe. Ela encolhia as costas contra a parede, olhando fixamente para algo que ele não conseguia ver. Com o grito dela, as poucas pessoas na rua pararam subitamente, como que congeladas. No mesmo instante, Conan ficou ciente de um sinistro deslizador à sua frente. Então, ao redor da esquina escura da construção, se aproximou rapidamente uma hedionda cabeça em forma de cunha e, atrás dela, fluía, rolo após rolo, um ondulante tronco escuro e brilhante.

O cimério recuou, lembrando de histórias que ouvira — as serpentes eram dedicadas para Set, deus da Stygia, o qual diziam ser ele mesmo uma serpente. Monstros como aquele eram mantidos nos templos de Set e, quando sentiam fome, tinham permissão de rastejarem para as ruas, para pegarem a presa que quiserem. Seus banquetes macabros eram considerados um sacrifício para o deus escamoso.

Os stígios que Conan viu caíram ajoelhados — homens e mulheres -, aguardando passivamente o fim. A grande serpente escolheria um, enrolaria o corpo escamoso neste, trituraria-o numa polpa vermelha e o engoliria como uma cobra faz com um camundongo. Os outros viveriam. Esta era a vontade dos deuses.

Mas não era a vontade de Conan. A píton deslizou em sua direção, com a atenção provavelmente atraída pelo fato dele ser o único humano à vista ainda de pé. Agarrando sua grande faca sob o manto, Conan esperou que o animal delgado passasse por ele. Mas a coisa se deteve diante dele e se ergueu aterradoramente à luz trêmula da tocha, com a língua bifurcada palpitando para dentro e para fora da boca, e seus olhos frios cintilando com a antiga crueldade do povo— serpente. Seu pescoço se arqueou, mas antes que pudesse arremeter, Conan puxou o punhal de dentro e atacou como um relâmpago. A larga lâmina dividiu a cabeça em forma de cunha e adentrou o grosso pescoço.

Conan puxou sua faca e deu um salto, enquanto aquele enorme corpo se emaranhava e se debatia em suas convulsões mortais. No momento em que ele ficou olhando fixamente em fascinação mórbida, o único som eram os golpes e chicotadas da cauda da cobra contra as pedras.

Então, dos devotos chocados, irrompeu um grito terrível:

— Blasfemador! Ele matou o filho sagrado de Set! Matem-no! Matem! Matem!

Pedras zuniram ao seu redor e os transtornados stígios investiam contra ele, gritando histericamente, enquanto, de todos os lados, outros saíam de suas casas e se juntavam ao clamor. Com uma praga, Conan girou e disparou para dentro da boca negra de um beco. Ele ouviu o barulho leve e contínuo de pés descalços nas lajes atrás dele, enquanto fugia guiado mais pelo tato que pela visão, e as paredes ecoavam os gritos vingativos de seus perseguidores. Então, sua mão esquerda encontrou uma lacuna na parede, e ele adentrou rapidamente outro beco, mais estreito. De ambos os lados, se erguiam paredes negras e perpendiculares de pedra. Lá no alto, ele podia ver uma fina linha de estrelas. Estas paredes gigantes, ele sabia, eram os muros dos templos. Ouviu, através deles, o bando passar pela entrada escura a todo grito. Seus berros ficaram distantes e sumiram à distância. Eles não viram o beco menor e correram em linha reta na escuridão. Ele também se manteve andando em linha reta à frente, embora a idéia de encontrar outro "filho" de Set nas trevas o fizesse estremecer.

Então, em algum lugar à sua frente, ele percebeu uma incandescência se movendo, como a de um pirilampo rastejante. Ele parou, encostou-se à parede, e agarrou sua adaga. Ele sabia o que era: um homem se aproximando com uma tocha. Agora estava tão perto que ele podia perceber a mão escura que a segurava, e o vago contorno oval de um rosto escuro. Mais alguns passos e o homem certamente o veria. Ele se agachou como um tigre e a tocha parou. Uma porta estava sumariamente desenhada à luz fraca, enquanto o portador da tocha mexia nela. Então ela se abriu, a silhueta alta desapareceu através dela e a escuridão se fechou novamente no beco. Havia uma sinistra insinuação de furtividade em torno daquela figura esquiva, adentrando aquela porta do beco na escuridão; talvez um sacerdote, voltando de alguma incumbência obscura.

Mas Conan tateou em direção à porta. Se um homem avançou àquele beco com uma tocha, outros poderiam chegar a qualquer momento. Recuar através do caminho pelo qual veio poderia significar o encontro com aquela

turba da qual ele estava fugindo. A qualquer momento, eles poderiam voltar, encontrar o beco mais estreito e adentrarem-no uivando. Ele se sentiu encurralado por aquelas paredes íngremes e impossíveis de serem escaladas, desejando escapar, mesmo que a fuga significasse invadir alguma edificação desconhecida.

A pesada porta de bronze não estava trancada. Ela abriu sob seus dedos e ele perscrutou através da fenda. Ele estava olhando para dentro de uma grande câmara quadrada de sólida pedra negra. Uma tocha ardia sem chamas num nicho da parede. A câmara estava vazia. Ele deslizou pela porta envernizada e fechou-a atrás dele.

Seus pés calçados por sandálias não faziam barulho, enquanto ele cruzava o negro chão de mármore. Uma porta de teca estava parcialmente aberta e, deslizando por ela com a adaga na mão, ele entrou num grande e fosco lugar sombrio, cujo teto elevado era apenas uma sugestão de trevas acima dele, além das quais as paredes negras se estendiam para o alto. De todos os lados, vãos de portas com arcos negros levavam ao grande salão silencioso. Este era iluminado por curiosos lampiões de bronze, que davam uma luz fraca e estranha. Do outro lado do grande salão, uma larga escada de mármore negro, sem corrimão, seguia para o alto até se perder na escuridão e, acima dele, por todos os lados, varandas obscuras pendiam como recifes negros.

Conan estremeceu; ele estava no templo de algum deus stígio, se não do próprio Set, ou de alguém apenas um pouco menos sombrio. E o santuário estava ocupado. No meio do grande salão, havia um negro altar de pedra, maciço e sombrio, sem entalhes nem enfeites, e, enrolada sobre ele, uma das grandes serpentes sagradas, com suas escamas iridescentes tremeluzindo à luz dos lampiões. Ela não se movia, e Conan se lembrou de histórias sobre os sacerdotes manterem estas criaturas drogadas parte do tempo. Conan deu um passo vacilante para fora da porta, e então recuou subitamente, não para a sala que ele quase acabara de abandonar, mas para dentro de um vão com cortina de veludo. Ele escutara um suave passo em algum lugar muito próximo.

De um dos arcos negros, saiu uma figura alta e poderosa, usando sandálias e uma tanga de seda, com um largo manto pendurado pelos ombros. Mas a cabeça e o rosto estavam ocultos por uma máscara monstruosa, de semblante meio bestial, meio humano, de cuja parte mais alta esvoaçava uma massa de plumas de avestruz.

Em certas cerimônias, os sacerdotes stígios usavam máscaras. Conan esperava que o homem não o descobrisse, mas algum instinto avisou o stígio. Ele se desviou abruptamente de seu destino, o qual aparentemente era a escada, e caminhou diretamente para o vão. Enquanto puxava a cortina de veludo para o lado, uma mão saiu velozmente das sombras, esmagou o grito em sua garganta e o puxou de ponta-cabeça pra dentro do vão, e a faca o empalou.

O próximo movimento de Conan era o mais óbvio sugerido pela lógica. Ele tirou-lhe a máscara de dentes arreganhados e colocou-a sobre a própria cabeça. O manto do pescador ele lançou sobre o corpo do sacerdote, o qual ele escondeu atrás das cortinas, e puxou o manto do sacerdote sobre os próprios ombros musculosos. O destino lhe dera um disfarce. Toda Khemi poderia estar agora procurando pelo blasfemador que ousara se defender contra uma serpente sagrada; mas quem sonharia em procurá-lo sob a máscara de um sacerdote?

Ele caminhou destemidamente do vão e avançou ao acaso para uma das portas arcadas. Antes que desse uma dúzia de passos, ele se virou novamente, com todos os sentidos aguçados para o perigo.

Um grupo de figuras mascaradas descia a escada, todas enfileiradas e vestidas exatamente como ele. Ele hesitou, agarrando-se à porta, e continuou parado, confiando em seu disfarce, embora um suor frio se concentrasse em sua testa, costas e mãos. Nenhuma palavra foi dita. Como fantasmas, eles desceram para o grande salão e passaram diante dele em direção a uma negra arcada. O líder carregava um bastão de ébano, o qual sustentava uma sorridente caveira negra, e Conan achou que era uma daquelas procissões ritualísticas inexplicáveis para um estrangeiro, mas que representava uma forte — e, muitas vezes, sinistra — parte da religião stígia. O último vulto virou levemente a cabeça em direção ao imóvel cimério, como que esperando que este os seguisse. Não fazer o que obviamente esperavam dele, despertaria suspeitas instantaneamente. Conan colocou-se atrás do último homem e ajustou seu caminhar ao passo regular deles.

Eles atravessaram um longo e escuro corredor abobadado no qual, Conan observou inquietamente, a caveira do bastão tinha um brilho fosforescente. Ele sentiu uma onda de irracional e selvagem pânico animal, que o incitava a puxar sua adaga e cortar a torto e a direito aquelas figuras misteriosas, e fugir loucamente daquele templo sombrio e escuro. Mas ele

se controlou, lutando contra as obscuras intuições monstruosas que emergiam do fundo de sua mente e povoavam a escuridão com formas sombrias de horror; e logo ele abafou com dificuldade um suspiro de alívio, enquanto eles marchavam por uma grande porta de duas válvulas, três vezes mais alta que um homem, e saíram à luz das estrelas.

Conan se perguntava se ele ousaria desaparecer em algum beco escuro; mas hesitou, incerto, e desceu a longa rua escura que eles percorriam silenciosamente, enquanto as pessoas que encontravam viravam as cabeças e fugiam deles. A procissão se mantinha longe das paredes; sair da fila e correr por um dos becos por onde passavam, chamaria demais a atenção. Enquanto ele se aborrecia e praguejava mentalmente, eles chegaram a uma baixa passagem abobadada, na muralha sul, e a atravessaram. Acima e ao redor deles, havia agrupamentos, de pequenas cabanas de barro com tetos baixos, e de palmeiras, espectrais à luz das estrelas. Agora, pensou Conan, era o momento de abandonar seus silenciosos companheiros.

Mas, no momento em que a porta ficou pra trás deles, não houve mais silêncio. Eles começaram a murmurar excitadamente entre si. O passo cadenciado e ritualístico foi abandonado; o bastão com a caveira foi colocado, sem cerimônias, debaixo do braço do líder; todo o grupo desfez a fila e se dirigiu apressadamente para diante. E Conan correu com eles. O baixo murmúrio tinha uma palavra que o havia galvanizado. A palavra era "Thutothmes!".

## XVIII

### *"Sou a Mulher que Nunca Morreu"*

CONAN OLHOU FIXAMENTE, COM ardente interesse, para seus companheiros mascarados. Ou um deles era Thutothmes, ou então o destino do grupo era um encontro com o homem que ele procurava. E ele soube

qual era o destino, quando, além das palmeiras, vislumbrou um enorme triângulo negro avultando contra o céu sombrio.

Eles passaram pela zona de cabanas e árvores, e se algum homem os viu, ele teve o cuidado de não se mostrar. As cabanas estavam às escuras. Atrás destas, as torres negras de Khemi avultavam de forma sombria contra as estrelas que se refletiam nas águas do porto. À frente deles, o deserto se estendia em total escuridão. Em algum lugar, um chacal ganiu. As sandálias apressadas dos silenciosos neófitos não faziam barulho na areia. Pareciam fantasmas, caminhando em direção à colossal pirâmide que se erguia da escuridão do deserto. Não havia som sobre toda a terra adormecida.

O coração de Conan bateu mais rápido, quando olhou para a sombria cunha negra, que se destacava contra as estrelas, e sua impaciência em conhecer Thutothmes de qualquer maneira, não estava desprovida de certo medo do desconhecido. Nenhum homem podia se aproximar de uma daquelas pilhas sombrias de pedra negra sem apreensão. O próprio nome era símbolo de repulsivo horror entre as nações do norte, e as lendas davam a entender que os stígios não as construíram; que estavam naquela terra em qualquer data antiga e imemorial, em que o povo de pele escura adentrou a terra do grande rio.

Enquanto se aproximavam da pirâmide, ele vislumbrou um brilho tênue próximo à base, que dentro em pouco se transformou numa entrada, ladeada por meditativos leões de pedra com cabeças de mulheres, misteriosos pesadelos insondáveis cristalizados em pedra. O líder do grupo se dirigiu diretamente à porta, em cujo vão profundo Conan viu uma figura sombria.

O líder parou por um instante, em frente àquela figura obscura, e então desapareceu dentro do interior escuro, e um por um os outros seguiram-no. Enquanto cada sacerdote mascarado passava pelo portal sombrio, era parado sucintamente pelo misterioso guardião e algo ocorria entre eles — alguma palavra ou gesto que Conan não conseguia entender. Vendo isto, o cimério ficou propositadamente para trás e parou, fingindo amarrar a tira da sandália. Quando a última figura mascarada havia desaparecido, ele se levantou e aproximou-se do portal.

Ele estava se perguntando inquietamente se o guardião do templo era humano, ao se lembrar de alguns relatos que ouvira. Mas suas dúvidas foram tranquilizadas. Uma pálida lâmpada de bronze ardia justamente dentro da porta, iluminando um longo e estreito corredor que disparava em direção às trevas; e um homem silencioso, na entrada do mesmo, estava

envolto num longo manto negro. Ninguém estava à vista. Obviamente, os sacerdotes mascarados haviam desaparecido corredor abaixo.

Sobre a capa que se estendia ao redor de suas feições ameaçadoras, os olhos penetrantes do stígio observavam agudamente a Conan. Com sua mão esquerda, ele fez um estranho gesto. Ao acaso, Conan o imitou. Mas, evidentemente, outro gesto era esperado; a mão direita do stígio saiu de seu manto, com um brilho de aço, e sua punhalada assassina perfuraria o coração de qualquer homem comum.

Mas ele estava lidando com alguém cujos músculos eram preparados para a rapidez de um gato da selva. Enquanto a adaga reluzia à luz fraca, Conan agarrou o pulso escuro e arremeteu seu punho fechado contra o maxilar do stígio. A cabeça do homem recuou contra a parede de pedra, com um ruído surdo que indicava um crânio fraturado. Parando por um instante sobre ele, Conan escutou atenciosamente. A lâmpada ardia tenuemente, lançando vagas sombras nas proximidades da porta. Nada se movia na escuridão próxima à porta. Nada se movia na escuridão além, embora à distância e abaixo dele, ao que parecia, ele tenha percebido o som fraco e abafado de um gongo.

Ele se abaixou e arrastou o corpo para trás da grande porta de bronze, que estava escancarada para dentro, e então o cimério desceu o corredor, cautelosa porém rapidamente, em direção a um destino que nem sequer tentou imaginar. Não se afastara muito, quando parou, frustrado. O corredor se dividia em duas passagens, e ele não tinha como saber qual delas havia sido tomada pelos sacerdotes mascarados. Ao acaso, ele escolheu a esquerda. O chão se inclinava levemente para baixo e estava um pouco desgastado, como que por muitos pés. Aqui e ali, uma pálida lâmpada a óleo lançava uma fraca luz de pesadelo. Conan se perguntou, inquieto, com que propósito aquelas pilhas colossais foram construídas, e em qual era esquecida. Era uma terra antiquíssima. Ninguém sabia quantas eras foram vistas pelos templos negros da Stygia, sob a luz das estrelas.

Estreitas arcadas negras se abriam ocasionalmente à direita e esquerda, mas ele se manteve no corredor principal, embora uma convicção, de ter tomado a direção errada, estivesse aumentando nele. Mesmo eles estando à sua frente, ele já deveria ter alcançado os sacerdotes àquela altura. Estava ficando nervoso. O silêncio parecia uma coisa tangível, e ele tinha a sensação de não estar só. Mais de uma vez, passando por uma arcada sombria, ele parecia sentir sobre si a mirada de olhos invisíveis. Ele parou,

quase pensando em voltar para o local onde o corredor se ramificou pela primeira vez. Ele se virou abruptamente, com o punhal erguido e todos os nervos vibrando.

Uma garota se encontrava na entrada de um túnel menor, olhando-o fixamente. Sua pele de marfim indicava-a como uma stígia de alguma antiga família nobre, e como todas aquelas mulheres, ela era alta, esbelta e voluptuosa; seu cabelo era uma grande pilha de espuma negra, em meio à qual brilhava um cintilante rubi. Exceto pelas sandálias de veludo e pela larga cinta, incrustada de jóias, ao redor de sua cintura flexível, ela estava quase nua.

— O que faz aqui? — ela indagou.

Responder iria revelar sua origem estrangeira. Ele continuou parado, uma figura sombria na hedionda máscara, com as plumas balançando sobre ele. Seu olhar alerta vasculhou as sombras atrás dela e encontrou-as vazias. Mas talvez hordas de guerreiros pudessem entrar ao chamado dela.

Ela caminhou em direção a ele, aparentemente sem receio, embora desconfiada.

— Você não é um sacerdote. — ela disse — Você é um guerreiro. Mesmo com essa máscara, isso é óbvio. Há tanta diferença entre você e um sacerdote, quanto entre um homem e uma mulher. Por Set! — ela exclamou, parando subitamente e com os olhos flamejantes — Eu nem acredito que você seja um stígio!

Com um movimento rápido demais para ser acompanhado por olhos, a mão dele se fechou ao redor do roliço pescoço dela, tão levemente quanto uma carícia.

— Não faça o menor som! — ele sussurrou.

Sua suave carne ebúrnea era fria como o mármore, embora não houvesse medo nos grandes e maravilhosos olhos escuros que o fitavam.

— Não tenha medo. — ela respondeu calmamente — Eu não vou lhe trair. Mas você, um desconhecido e um estrangeiro, é louco de vir ao templo proibido de Set?

— Estou procurando pelo sacerdote Thutothmes. — ele respondeu — Ele está neste templo?

— Por que você o procura? — ela perguntou.

— Ele tem algo meu que foi roubado.

— Vou lhe levar até ele. — ela se ofereceu, tão prontamente que as suspeitas dele foram imediatamente despertadas.

— Não brinque comigo, garota. — ele rosnou.

— Não estou brincando com você. Não morro de amores por Thutothmes.

Ele hesitou, e então se decidiu; afinal, ele estava em poder dela tanto quanto ela no seu.

— Ande ao meu lado. — ele ordenou, mudando sua mão, da garganta para o pulso dela — Mas ande com cuidado. Se fizer algum movimento suspeito...

Ela o levou para o fundo do corredor inclinado, cada vez mais para baixo, até onde não havia mais lâmpadas a óleo, e ele caminhou às cegas no escuro, guiado menos pela visão do que pela sensação da mulher ao lado. Num momento em que falou com ela, a garota virou a cabeça em sua direção e ele se sobressaltou ao ver os olhos dela brilharem como fogo dourado no escuro. Dúvidas obscuras e vagas suspeitas monstruosas assombraram-lhe a mente, mas ele seguiu-a, através de um emaranhado labirinto de corredores negros, que confundiam até mesmo seu primitivo senso de direção. Ele se amaldiçoava mentalmente por sua tolice em se deixar conduzir para dentro daquela negra moradia de mistério; mas agora era tarde demais para voltar. Novamente, ele sentiu vida e movimento na escuridão ao seu redor, sentiu perigo e fome queimarem impacientemente nas trevas. A menos que seus ouvidos o enganassem, ele percebeu um fraco ruído deslizante, que recuava e retrocedia a um comando sussurrado da garota.

Ela finalmente o levou para dentro de uma câmara, iluminada por um curioso candelabro de sete braços, nos quais velas negras queimavam estranhamente. Ele sabia que estava bem abaixo da terra. A câmara era quadrada, com paredes e tetos de negro mármore polido, e mobiliada à maneira dos antigos stígios: havia um leito de ébano, coberto com veludo negro, e num estrado de pedra negra havia um esculpido caixão de múmia.

Conan ficou esperando, enquanto olhava as várias arcadas negras que se abriam para a câmara. Mas a garota não se moveu para diante. Estirando-se no leito com flexibilidade felina, ela entrelaçou os dedos atrás de sua cabeça suave e o olhou por baixo das longas pestanas curvadas.

— Bem? — ele demandou impacientemente — O que está fazendo? Onde está Thutothmes?

— Não há pressa. — ela respondeu preguiçosamente — O que é uma hora... ou um dia, um ano ou um século? Tire sua máscara. Deixe-me ver

seu rosto.

Com um grunhido de irritação, Conan puxou o volumoso capacete, e a garota moveu a cabeça, como que em aprovação, enquanto examinava-lhe atentamente o escuro rosto cicatrizado e olhos resplandecentes.

— Há força em você... uma grande força; você seria capaz de estrangular um boi.

Ele se movia inquieto, com suas suspeitas crescendo. Com a mão no punho de sua espada, ele perscrutou as arcadas sombrias.

— Se você me trouxe para uma armadilha — ele disse -, não viverá para apreciar seu trabalho. Você vai sair deste leito e fazer o que prometeu, ou será que vou ter que...?

Sua voz parou. Ele estava encarando o caixão de múmia, no qual a fisionomia do ocupante estava entalhada em marfim, com a surpreendente nitidez de uma arte esquecida. Havia uma inquietante familiaridade ao redor daquela máscara esculpida, e, com um certo choque, ele percebeu isso. Havia uma assustadora semelhança entre ela e o rosto da jovem que se deitava no leito do ébano. Ela poderia ter sido a modelo para aquele entalhe, mas ele percebeu que o retrato tinha, pelo menos, séculos de idade. Hieróglifos arcaicos estavam rabiscados pela tampa envernizada e, procurando em sua mente por lembranças, aprendidas aqui e ali como consequência de uma vida aventureira, ele formou mentalmente uma palavra e disse-a em voz alta:

— Akivasha!

— Já ouviu falar na Princesa Akivasha? — indagou a garota no leito.

— Quem não ouviu? — ele grunhiu. O nome daquela antiga princesa, bela e maligna, ainda existia no mundo em canções e lendas, embora dez mil anos tivessem transcorrido desde que a filha de Tuthamon se deleitara em régias festas, no meio dos salões negros da antiga Luxur.

— Seu único pecado foi ter amado a vida em todos os sentidos. — disse a jovem stígia — Para conservar a vida, ela buscou a morte. Ela não podia suportar a idéia de envelhecer, enrugar, se debilitar e finalmente morrer como uma velha feia. Ela cortejou as Trevas como a um amante, e seu presente foi a vida... vida que não é como a que os mortais conhecem, a qual não envelhece nem murcha. Ela adentrou as sombras para trapacear a idade e a morte...

Conan mirou-a ferozmente, com os olhos semicerrados queimando de forma súbita. Ele se virou e puxou a tampa do sarcófago. Este estava vazio.

Atrás dele, a garota estava rindo, e o som gelou o sangue em suas veias. Ele se voltou rapidamente para ela, com um arrepio nos cabelos curtos do pescoço.

— Você é Akivasha! — ele grunhiu.

Ela gargalhou e jogou para trás suas brilhantes madeixas, esticando sensualmente os braços.

— Eu sou Akivasha! Sou a mulher que nunca morreu, que nunca envelheceu! Aquela de quem os tolos falam que foi alçada da terra pelos deuses, em plena flor da juventude e beleza, para reinar eternamente em alguma região celestial! Não, é nas sombras que os mortais encontram imortalidade! Dez mil anos atrás, eu morri para viver para sempre! Dê-me seus lábios, homem forte!

Erguendo-se graciosamente, ela se aproximou dele, ficou nas pontas dos pés e lançou os braços ao redor de seu pescoço maciço. Franzindo a testa para sua bela fisionomia erguida, ele sentiu uma terrível fascinação e um medo glacial.

— Me ame! — ela sussurrou, com a cabeça lançada para trás e os lábios entreabertos — Me dê seu sangue, para renovar minha juventude e perpetuar minha vida eterna! Farei-lhe imortal também! Vou lhe ensinar a sabedoria de todas as eras, todos os segredos que sobreviveram por eternidades na escuridão sob estes templos sombrios. Eu lhe farei rei daquela horda sombria, que se deleita entre as tumbas dos anciãos, quando a noite cobre o deserto e morcegos voam diante da lua. Estou cansada de sacerdotes, de feiticeiros e de jovens cativas arrastadas, entre gritos agudos, através dos portais da morte. Eu desejo um homem. Me ame, bárbaro!

Ela pressionou a cabeça escura contra aquele peito poderoso, e ele sentiu uma dor aguda na base da garganta. Praguejando, ele afastou-a violentamente e lançou-a, estatelada, sobre o leito.

— Vampira maldita!

Um fio de sangue lhe escorria de um pequeno ferimento no pescoço. Ela se ergueu do leito como uma serpente em posição de ataque, com todos os fogos dourados do inferno ardendo em seus olhos arregalados. Seus lábios se moveram para trás, revelando dentes brancos e afiados.

— Tolo! — ela guinchou — Pensa que vai escapar de mim? Você viverá e morrerá nas trevas! Eu lhe trouxe para bem abaixo do templo. Você nunca conseguirá achar sozinho a saída. Nunca conseguirá abrir caminho por entre

aqueles que guardam os túneis. Sem minha proteção, os filhos de Set teriam lhe devorado há muito tempo. Imbecil, ainda beberei seu sangue!

— Fique longe de mim, ou vou lhe cortar em pedaços! — ele grunhiu — Você pode ser imortal, mas o aço pode lhe desmembrar.

Enquanto ele recuava em direção à arcada pela qual entrara, a luz se extinguiu repentinamente. Todas as velas se apagaram de uma só vez, embora ele não soubesse como, pois Akivasha não as tocara. Mas o riso da vampira se ergueu zombeteiro atrás dele, tão doce e venenoso quanto as violas do inferno, e ele suava ao tatear pela arcada na escuridão, num quase pânico. Seus dedos encontraram uma saída e ele mergulhou através dela. Se era a arcada pela qual entrara, ele não sabia e nem se importava muito. Seu único pensamento era sair da câmara assombrada, que abrigara aquela bela e abominável demônia morta-viva por tantos séculos.

Suas andanças por aqueles negros corredores sinuosos eram um pesadelo que faziam suar. Atrás dele e ao seu redor, ele ouvia vagos escorregões e deslizamentos, e um eco daquela doce risada infernal que escutara no quarto de Akivasha. Ele deu ferozes cutiladas aos sons e movimentos que ouvia, ou imaginava ouvir, na escuridão próxima e, uma só vez, sua espada atravessou alguma flexível substância tênue, que poderia ser teia de aranha. Ele tinha uma desesperada sensação de que estavam brincando com ele, atraindo-o cada vez mais fundo para a noite suprema, antes de ser colocado à mira de garras e dentes demoníacos.

E, através de seu medo, corria a repugnante reação de sua descoberta. A lenda de Akivasha era muito antiga e, entre as malignas histórias contadas sobre ela, corria um fio de beleza, de idealismo, de eterna juventude. Para muitos sonhadores e poetas, ela não era apenas a princesa maligna da lenda stígia, mas o símbolo da juventude e beleza eternas, brilhando para sempre em algum reino distante dos deuses. E esta era a horrenda realidade. Esta desagradável perversão era a verdade daquela vida eterna. Através de sua reação física, corria a sensação de um sonho despedaçado de adoração humana, com seu ouro cintilante transformado em lodo e em imundície cósmica. Uma onda de inutilidade se arrastou sobre ele, um pálido medo da falsidade de todos os sonhos e adorações humanas.

E agora ele sabia que seus ouvidos não estavam lhe pregando peças. Estava sendo seguido, e seus perseguidores estavam se aproximando. Na escuridão, soavam o arrastar de pés e uns movimentos deslizantes que nunca foram feitos por pés humanos; não, e nem pelos pés de qualquer

animal normal. Talvez o inferno também tivesse sua vida bestial. Estavam atrás dele. Ele se virou para enfrentá-los, embora não conseguisse enxergar nada, e recuou devagar. Então, os sons se calaram, antes mesmo que ele virasse a cabeça e visse, em algum lugar da extremidade do longo corredor, uma incandescência de luz.

## XIX

### *No Salão dos Mortos*

CONAN SE MOVEU CAUTELOSAMENTE em direção à luz que vira, com seu ouvido erguido sobre o ombro, mas não havia mais som de perseguição, embora ele sentisse a escuridão fértil em sensações de vida.

A incandescência não estava parada; se movia, balouçando-se esquisitamente para a frente. Então, ele viu a fonte. O túnel que ele atravessava cruzava outro corredor, mais largo, um pouco distante à frente dele. E, ao longo deste segundo túnel, passava uma bizarra procissão: quatro homens altos e magros, usando negras túnicas com capuzes, e apoiados nos bastões. O líder segurava uma tocha acima da cabeça — uma tocha que queimava com um brilho curiosamente firme. Como fantasmas, eles passaram através de seu limitado alcance visual e desapareceram, com apenas um brilho cada vez mais desbotado como sinal de sua passagem. A aparência deles era extraordinariamente velha. Eles não eram stígios, nem nada que Conan tivesse visto antes. Ele duvidava até que fossem humanos. Eram como fantasmas negros, espreitando como vampiros ao longo dos túneis assombrados.

Mas a posição dele não podia ser mais desesperada do que era. Antes que os pés inumanos às suas costas pudessem resumir o avanço deslizante deles ao desvanecimento da distante iluminação, Conan estava descendo o corredor. Ele se lançou ao outro túnel e viu, lá embaixo, bem distante, a estranha procissão se movendo na esfera brilhante. Ele se moveu furtivamente, sem barulho, e então recuou subitamente contra a parede, enquanto os via pararem e se agruparem, como que conferenciando algum assunto. Eles se viraram, como se fossem voltar por onde vieram, e ele escapuliu para dentro da arcada mais próxima.

Tateando na escuridão — à qual se acostumara tanto, que conseguia tudo, menos enxergar nela -, ele descobriu que o túnel não seguia em linha reta, mas serpenteava, e ele caiu para trás além da primeira curva, de modo que a luz dos estranhos não caísse nele, enquanto eles passavam.

Mas, enquanto permanecera lá, esteve ciente de um baixo som sussurrado, em algum lugar atrás dele, como o murmúrio de vozes humanas. Descendo o corredor naquela direção, confirmou sua primeira suspeita. Abandonando sua intenção original de seguir os viajantes fantasmagóricos para qualquer que fosse o destino deles, ele se pôs pra fora, na direção das vozes.

Dali a pouco, ele viu um brilho à sua frente, e virou pra dentro do corredor do qual este saía, viu uma larga arcada, ocupada com um brilho indistinto, no outro lado. À sua esquerda, uma estreita escada de pedra levava para o alto, e a cautela instintiva o levou a dar a volta e galgar a escada. As vozes que escutara estavam chegando de além daquele arco ocupado pelo brilho.

Os sons diminuía sob ele, enquanto subia a escada, e logo apareceu através de uma baixa porta em arco, dentro de um vasto espaço aberto, brilhando com um fulgor sobrenatural.

Ele estava de pé numa galeria sombria, da qual ele olhava para baixo e via um salão mal-iluminado de proporções colossais. Era um salão dos mortos, o qual poucos viam, exceto os silenciosos sacerdotes da Stygia. Ao longo das paredes negras, se erguia, fila após fila, um esculpido sarcófago pintado. Cada um ficava num nicho na pedra escura, e as fileiras se sobrepunham, cada vez mais altas, até se perderem na escuridão acima. Milhares de máscaras esculpidas miravam impassíveis para baixo, sobre o grupo no centro do salão, o qual se tornava fútil e insignificante naquela vasta disposição de mortos.

Daquele grupo, dez eram sacerdotes e, embora eles houvessem descartado suas máscaras, Conan sabia que eram os sacerdotes que ele acompanhara até a pirâmide. Eles se erguiam diante de um homem alto e de rosto aquilino, próximo a um altar negro, onde jazia uma múmia, com ataduras podres. E o altar parecia estar no coração de um fogo vivo, que pulsava e tremeluzia, lançando faíscas de palpitante chama dourada nas pedras negras a seu redor. Este brilho deslumbrante vinha de uma grande jóia vermelha, repousada sobre o altar, e em cujo reflexo os rostos dos sacerdotes pareciam lívidos e cadavéricos. Enquanto olhava, Conan sentiu a aflição de todas as léguas, dias e noites cansativas de sua longa busca, e tremeu com o louco impulso de arremessar-se entre aqueles sacerdotes silenciosos, abrindo seu caminho com poderosos golpes de aço nu, e se apossar da gema vermelha com dedos entusiasmados. Mas ele se manteve em férreo autocontrole e agachou-se na sombra da balastrada de pedra. Um vislumbre o mostrou uma escada que descia da galeria para o salão, pregada à parede e meio escondida nas sombras. Ele olhou ferozmente pra dentro da

obscuridade do vasto local, procurando outros sacerdotes ou devotos, mas só viu o grupo sobre o altar.

Naquele grande vácuo, a voz de um homem junto ao altar soou cavernosa e fantasmagórica:

— E então a notícia chegou ao sul. O vento noturno a sussurrou, os corvos grasnaram-na enquanto voavam, e os sombrios morcegos contaram-na para as corujas e as serpentes que se escondem em antigas ruínas. Lobisomens e vampiros souberam, assim como os demônios de ébano que rondam pela noite. A adormecida Noite do Mundo agitou e sacudiu sua pesada cabeleira, e então começou o pulsar de tambores nas trevas profundas, e os ecos de distantes gritos sobrenaturais assustaram os homens que caminhavam pela sombra. Pois o Coração de Ahriman havia chegado novamente ao mundo, para cumprir seu destino secreto. Não me pergunte como eu, Thutothmes de Khemi e da Noite, ouvi a notícia antes de Thoth— Amon, que se proclama príncipe de todos os feiticeiros. Há segredos não encontrados por tais ouvidos, mesmo os seus, e Thoth-Amon não é o único lorde do Anel Negro.

"Eu soube, e fui encontrar o Coração, que veio para o sul. Foi como um ímã que me puxou certo. De morte em morte, ele veio, montado num rio de sangue humano. O sangue o alimenta, o sangue o puxa. Seu poder é o maior quando há sangue nas mãos que o seguram, quando ele é arrancado por matança daquele que o possui. Onde quer que brilhe, o sangue é derramado, os reinos cambaleiam e as forças da Natureza são tumultuadas.

"E aqui estou, o senhor do Coração, e lhes convoquei para virem secretamente, vocês que são leais a mim, para tomarem parte no reino negro que virá. Esta noite, vocês irão testemunhar a quebra do jugo de Thoth-Amon, o qual nos escraviza, e o nascimento de um império. Quem sou eu, mesmo eu, Thutothmes, para saber que poderes se escondem e sonham nessas profundezas rubras? Ele contém segredos esquecidos por três mil anos. Mas eu aprenderei. Eles me ensinarão".

Ele acenou com a mão em direção às formas silenciosas que se alinhavam no salão:

— Veja como dormem, mirando através de suas máscaras esculpidas! Reis, rainhas, generais, sacerdotes, feiticeiros, as dinastias e a nobreza da Stygia por dez mil anos! O toque do Coração irá despertá-los de seus longos sonos. Há muito, muito tempo, o Coração latejou e pulsou na antiga Stygia. Aqui foi o seu lar, nos séculos anteriores à sua jornada para Acheron. Os antigos conheciam todo o seu poder, e eles me falarão quando eu usar sua mágica para ressuscitá-los a meu serviço. Irei despertá-los e aprender sua esquecida sabedoria, o conhecimento trancado naqueles crânios secos. Através do conhecimento do morto, escravizaremos o vivo! Sim, reis, generais e feiticeiros dos tempos antigos serão nossos ajudantes e escravos. Quem resistirá a nós? Vejam! Esta coisa seca e rachada no

altar, um dia foi Thothmekri, um alto sacerdote de Set, que morreu há três mil anos. Ele era um iniciado no Anel Negro. Ele sabia do Coração. Ele nos falará de seus poderes.

Erguendo a grande jóia, o orador depositou-a no peito definhado da múmia, levantou a mão e começou um encantamento. Mas o encantamento não terminou. Com a mão cadenciada e os lábios abertos, ele congelou, olhando ferozmente para além de seus acólitos, e estes se viraram para olhar fixamente na direção em que ele estava olhando.

Através do arco negro de uma porta, quatro formas magras, em túnicas negras, haviam adentrado o grande salão. Seus rostos eram ovais amarelados nas sombras de seus capuzes.

— Quem são vocês? — exclamou Thutothmes, numa voz tão perigosa quanto o sibilar de uma naja — Vocês são loucos de invadirem o santuário sagrado de Set?

O mais alto dos estranhos falou, e sua voz tinha o tom seco do sino de um templo khitaiano:

— Estamos seguindo Conan da Aquilônia.

— Ele não está aqui. — respondeu Thutothmes, jogando o manto para trás com a mão direita, num curioso gesto de ameaça, como uma pantera que mostra as garras.

— Você mente. Ele está neste templo. Nós o rastreamos, de um cadáver atrás da porta de bronze na entrada externa, através de um labirinto de corredores. Estávamos seguindo sua trilha errante, quando ficamos a par deste conclave. Iremos continuar a busca. Mas primeiro nos dê o Coração de Ahriman.

— A morte é o quinhão dos loucos. — sussurrou Thutothmes, se aproximando do que falava. Seus sacerdotes se aproximaram com passo felino, mas os estranhos pareciam não prestarem atenção.

— Quem consegue olhá-lo sem desejo? — disse o khitaiano — Em Khitai, ouvimos falar nele. Ele nos dará poder sobre o povo que nos expulsou. Glória e maravilha estão concebidas em suas rubras profundezas. Dê-o para nós, senão lhe mataremos.

Um grito feroz ressoou, quando um sacerdote saltou com um brilho de aço. Mas antes que pudesse golpear, uma vara escamosa arremeteu e tocou-lhe o peito. E ele caiu como cai um morto. Num instante, as múmias testemunhavam uma cena de sangue e horror. Facas curvadas brilhavam e se tingiam de vermelho, cajados serpentinicos eram arremetidos, e sempre que tocavam um homem, este gritava e morria.

Ao primeiro ataque, Conan havia saltado para cima e estava descendo rapidamente as escadas. Ele só teve vislumbres daquela breve luta diabólica — viu homens oscilando, encerrados na batalha e escorrendo sangue; viu um khitaiano completamente despedaçado, mas ainda de pé e distribuindo morte, quando Thutothmes o golpeou no peito com a mão vazia e aberta, e ele caiu morto, apesar do aço nu não ter sido suficiente para destruir sua fantástica vitalidade. No momento em que Conan saía a passos rápidos da escada, a luta

estava quase terminada. Três dos khitaianos estavam caídos, retalhados, cortados em tiras e desentranhados; mas, dos stígios, apenas Thutothmes continuava de pé.

Ele investiu contra o khitaiano remanescente, com a mão vazia erguida feito uma arma, e esta mão estava tão escura quanto a de um negro. Mas antes que pudesse investir, o bastão na mão do khitaiano arremeteu, parecendo se alongar enquanto o homem amarelo empurrava. A ponta tocou o peito de Thutothmes, e ele tremeu; mais uma vez e mais outra, o bastão arremeteu, Thutothmes cambaleou e caiu morto, com as feições ocultas numa precipitação de negrume, que deixou ele todo com a mesma cor de sua mão encantada.

O khitaiano se virou em direção à jóia que queimava no peito da múmia, mas Conan ficou à frente dele.

Numa tensa quietude, os dois se encararam, em meio àquela desordem, com as múmias entalhadas olhando-os de cima.

— Há muito venho lhe seguindo, ó, rei da Aquilônia. — disse calmamente o khitaiano — Desci o longo rio e as montanhas, através de Poitain e Zingara, pelas colinas de Argos e descendo a costa. Com dificuldade, percebemos a sua trilha desde Tarantia, pois os sacerdotes de Asura são astutos. Perdemos-na em Zingara, mas encontramos seu capacete na floresta sob as colinas da fronteira, onde você lutou contra os vampiros das florestas. Quase perdemos novamente o seu rastro esta noite, entre estes labirintos.

Conan refletiu que havia sido afortunado em voltar do quarto da vampira por outro caminho que não o qual por onde fora conduzido. Do contrário, ele correria com tudo para o meio desses demônios amarelos, ao invés de avistá-los de longe, enquanto eles farejavam seu rastro como sabujos humanos, com qualquer que fosse o dom sobrenatural deles.

O khitaiano balançou a cabeça levemente, como se lendo seu pensamento.

— Isso não importa; a longa perseguição termina aqui.

— Por que vocês me caçaram? — indagou Conan, pronto para se deslocar em qualquer direção, com a velocidade de um gatilho.

— Era uma dívida a ser paga. — respondeu o khitaiano — Para você, que está prestes a morrer, não vou negar conhecimento. Somos vassalos do rei da Aquilônia, Valerius. Servimos a ele por muito tempo, mas agora estamos livres desse serviço... meus irmãos pela morte, e eu pelo cumprimento do dever. Voltarei à Aquilônia com dois corações: o Coração de Ahriman para mim e o de Conan para Valerius. Um leve contato do bastão, que foi cortado da viva Árvore da Morte...

O cajado arremeteu como uma víbora, mas o corte da faca de Conan foi mais rápido. A vara caiu, partida em duas metades contorcidas, e houve outro palpitante de aço afiado, como o jato de um relâmpago, e a cabeça do khitaiano rolou ao chão.

Conan se voltou e estendeu a mão em direção à jóia — então, ele recuou, com o cabelo arrepiado e o sangue congelando.

Pois, há não muito tempo, uma coisa definhada e marrom jazia no altar. A jóia tremeluzia no peito cheio e curvado de um desnudo homem vivo, que estava deitado entre as bandagens mofadas. Vivo? Conan não conseguia determinar. Os olhos eram como tenebrosos vidros negros, sob os quais brilhavam sombrias chamas inumanas.

Lentamente, o homem se levantou, pegando a jóia com a mão. Ele se elevou ao lado do altar, escuro, nu, com um rosto feito uma imagem esculpida. Silenciosamente, ele estendeu sua mão em direção a Conan, com a jóia palpitando feito um coração vivo dentro dela. Conan tomou-a, com uma lúgubre sensação de receber presentes da mão dos mortos. De alguma forma, ele compreendeu que os encantamentos apropriados não foram feitos; a conjuração não fora completada e a vida não fora totalmente restaurada àquele corpo.

— Quem é você? — indagou o cimério.

A resposta veio em tom monótono, como a água pingando das estalactites em cavernas subterrâneas:

— Eu era Thothmekri; eu estou morto.

— Bom, me leve para fora deste templo amaldiçoado, você leva? — pediu Conan, com a pele arrepiada.

Com passos cadenciados e mecânicos, o morto se dirigiu a uma arcada negra. Conan o seguiu. Uma olhadela para trás o mostrou, mais uma vez, o vasto salão sombrio, com suas prateleiras de sarcófagos, os homens mortos esparramados ao redor do altar; e a cabeça do khitaiano que ele matara, mirando, sem ver, as vastas sombras no alto.

O brilho da jóia iluminava os vastos túneis, como uma lâmpada enfeitiçada, pingando fogo dourado. Rapidamente, Conan teve um vislumbre de pele ebúrnea nas sombras, e acreditou ter visto a vampira Akivasha recuando diante do brilho da jóia; e, com a vampira, outras formas, menos humanas, disparavam ou cambaleavam para dentro das trevas.

O morto caminhava em linha reta, sem olhar para a direita nem para a esquerda, com seu andar inalterável feito um andarilho do juízo final. Grossos pingos de suor frio se aglomeravam na pele de Conan. Dúvidas glaciais o acometeram. Como ele poderia saber se aquela terrível figura do passado estava conduzindo-o para a liberdade? Mas ele sabia que, sozinho, jamais conseguiria se desembaraçar daquele labirinto enfeitiçado de corredores e túneis. Ele seguiu seu espantoso guia, através da escuridão que avultava à sua frente e às suas costas, e era tomada por formas esquivas de horror e loucura que se encolhiam em frente ao brilho cegante do Coração.

Então, a entrada de bronze ficou diante dele, e Conan sentiu o vento noturno soprando de um lado ao outro do deserto, e viu as estrelas e o deserto iluminado pelas estrelas, através do qual se estendia a grande sombra negra da pirâmide. Thothmekri apontou silenciosamente o deserto, e então se virou, andando altiva e silenciosamente de volta às trevas. Conan olhou, calado, aquela figura silenciosa que voltava à escuridão sem fazer

som e com passos inflexíveis, como alguém que se move para um destino conhecido e inevitável, ou retorna ao sono eterno.

Com uma praga, o cimério pulou da entrada e fugiu pelo deserto, como se perseguido por demônios. Ele não voltou a olhar para a pirâmide, ou na direção das torres negras de Khemi que avultavam vagamente pelas areias. Dirigiu-se ao sul, até a costa, e correu como o faz um homem num pânico desregrado. O violento esforço deixou seu cérebro livre das obscuras teias de aranha; o vento limpo do deserto soprou os pesadelos de sua alma, e sua revolta transformou— se numa selvagem maré de júbilo, antes que o deserto desse lugar a um emaranhado de vegetação pantanosa, através da qual ele viu a água negra estendida além dele, e o Aventureiro ancorado.

Ele mergulhou na vegetação, com o charco à altura de seu quadril, negligente dos tubarões e crocodilos, nadou até a galera e subiu pela corrente no convés, molhado e exultante, antes que o vigia o visse.

— Acordem, seus cães! — rugiu Conan, pondo para um lado a lança que a assustada sentinela apontou-lhe no peito — Içar âncora! Dêem àquele pescador um capacete cheio de ouro e ponham-no em terra firme! A aurora logo irá romper, e antes do nascer do sol, deveremos correr ao porto mais próximo de Zingara!

Ele girou rapidamente, sobre a cabeça, a grande jóia, a qual lançou borrifos de luz que pontilharam o convés com fogo dourado.

## XX

### *Do Pó Se Erguerá Acheron*

O INVERNO HAVIA PASSADO na Aquilônia. Folhas brotavam nos galhos das árvores, e a grama fresca sorria ao toque das quentes brisas do sul. Mas muitos campos estavam inativos e vazios; muitas pilhas carbonizadas de cinzas marcavam o ponto onde orgulhosas casas de campo, ou cidades prósperas, haviam estado. Lobos vagavam abertamente ao longo de estradas cobertas por capim, e bandos de homens magros e sem dono se

moviam furtivamente pelas florestas. Somente em Tarantia havia festa, riquezas e pompa.

Valerius governava como alguém tocado pela loucura. Até mesmo muitos dos barões que haviam dado boas vindas ao seu retorno, finalmente protestavam contra ele. Seus coletores de impostos oprimiam tanto ricos quanto pobres; as riquezas de um reino pilhado entravam em Tarantia, a qual se tornou menos a capital de um reino do que a guarnição militar de conquistadores numa terra conquistada. Seus mercadores enriqueciam, mas era uma prosperidade precária; pois ninguém sabia quando ele poderia ser falsamente acusado de alta traição, sua propriedade confiscada e ele próprio jogado numa cela, ou levado para o sangrento bloco do carrasco.

Valerius não tentou conciliar seus súditos. Ele se mantinha no poder através das tropas nemédias e de mercenários desesperados. Ele próprio sabia ser uma marionete de Amalric. Ele sabia que nunca poderia esperar unificar a Aquilônia sob seu governo e se livrar do jugo de seus senhores, pois as províncias fronteiriças resistiriam a ele até a última gota de sangue. E os nemédios o tirariam do trono, se ele fizesse alguma tentativa de consolidar seu reino. Havia sido pego em sua própria morsa. O amargor do orgulho derrotado lhe corroe a alma, e ele se lançou num reino de orgia, como alguém que vive um dia após o outro, sem pensar nem se importar com o amanhã.

Mas havia sutileza em sua loucura, tão profunda que nem mesmo Amalric a percebeu. Talvez os anos selvagens e caóticos de andanças como um exilado houvessem gerado nele uma amargura além da concepção comum. Talvez a repugnância à sua posição atual lhe houvesse aumentado esta amargura para um tipo de loucura. De qualquer forma, ele vivia com um desejo: causar a ruína de todos que se uniram a ele.

Ele sabia que seu governo acabaria no instante em que ele tivesse servido aos propósitos de Amalric; ele também sabia que, enquanto continuasse a oprimir seu reino nativo, o nemédio lhe permitiria reinar, pois Amalric desejava esmagar a Aquilônia em submissão total, destruir seu último fragmento de independência, e então finalmente ele próprio se apoderar dela, reconstruí-la ao seu modo com suas vastas riquezas, e usar seus homens e recursos naturais para arrancar a coroa de Tarascus. Pois o trono de um imperador era a ambição suprema de Amalric, e Valerius sabia disso. Valerius não sabia se Tarascus suspeitava disso, mas sabia que o rei da Nemédia lhe aprovava o rumo impiedoso. Tarascus odiava a Aquilônia,

com um ódio nascido de velhas guerras. Ele desejava apenas a destruição do reino ocidental.

E Valerius pretendia arruinar o país de forma tão absoluta, que nem mesmo as riquezas de Amalric pudessem reconstruí-lo. Ele odiava o barão tanto quanto odiava os aquilonianos, e tinha esperança apenas de ver o dia em que a Aquilônia ficasse totalmente arruinada, e Tarascus e Amalric estivessem engalfinhados numa desesperançosa guerra civil, a qual pudesse destruir completamente a Nemédia.

Ele acreditava que a conquista das ainda rebeldes províncias da Gunderlândia e Poitain, e das fronteiras bossonianas, marcaria seu fim como rei. Ele então teria servido aos propósitos de Amalric e poderia ser descartado. Assim, ele adia a conquista dessas províncias, limitando suas atividades a ataques-surpresa e pilhagens sem propósitos, enfrentando as insistências de Amalric por ação com todo tipo de objeções e adiamentos plausíveis.

Sua vida era uma série de festas e de violentas orgias. Ele preenchia o palácio com as garotas mais belas do reino, quer elas quisessem ou não. Blasfemava contra os deuses e se estatelava bêbado sobre o chão do salão de banquetes, usando a coroa dourada, e manchando suas púrpuras túnicas reais com o vinho que derramava. Em assomos de sede de sangue, ele enfeitava as forcas na praça do mercado com cadáveres nelas pendurados, saciava os machados dos carrascos e mandava seus cavaleiros nemédios tropejarem através da terra, saqueando e queimando. Levada à loucura, a terra estava numa constante convulsão de revolta desvairada, selvagemmente reprimida.

Valerius pilhava, estuprava, saqueava e destruía até o próprio Amalric protestar, avisando-o que ele iria arruinar o reino além de qualquer reparo, sem saber que esta era sua determinação firmada.

Mas, enquanto os homens, tanto da Aquilônia quanto da Nemédia, falavam da loucura do rei, na Nemédia se falava muito em Xaltotun, o mascarado. Mas poucos o viram nas ruas de Belverus. Diziam que ele passava muito tempo nas colinas, em estranhos conchaves com os remanescentes vivos de uma velha raça: gente escura e silenciosa, que afirmava descender de um antigo reino. Os homens sussurravam sobre tambores batendo lá no alto, nas colinas enevoadas; sobre fogueiras brilhando na escuridão, e estranhos cânticos levados nos ventos; cânticos e rituais esquecidos há séculos, exceto como fórmulas sem significado,

murmuradas ao lado de lares nas montanhas, em aldeias cujos habitantes diferiam estranhamente do povo dos vales.

Ninguém sabia o motivo para estes conclaves, exceto Orastes, que frequentemente acompanhava o pythoniano, e em cujas feições crescia uma sombra desvairada.

Mas em pleno fluxo da primavera, um súbito sussurro passou pelo reino que afundava, e acordou a terra para uma vida ansiosa. Ele veio como um vento sussurrante trazido do sul, despertando homens afundados na apatia do desespero. Mas como ele começou a chegar, ninguém conseguia dizer de fato. Alguns falavam de uma estranha e sombria mulher velha, a qual desceu das montanhas com seu cabelo soprado pelo vento, e um grande lobo cinza que a seguia como se fosse um cão. Outros sussurravam sobre os sacerdotes de Asura, que se moviam às escondidas, como fantasmas furtivos, da Gunderlândia até as fronteiras de Poitain, e para as aldeias nas florestas dos bossonianos.

Entretanto, a notícia chegou, e a revolta correu como fogo ao longo das fronteiras. Distantes guarnições nemédias foram assaltadas e massacradas, bandos de pilhagem foram despedaçados; o oeste se armou, e havia um ar diferente ao redor da revolta — uma resolução feroz e uma fúria inspirada, mais do que o frenético desespero que havia motivado as revoltas precedentes. Não eram apenas as pessoas comuns; os barões estavam fortificando seus castelos e desafiando os governadores das províncias. Tropas de bossonianos foram vistas se movendo ao longo dos limites das fronteiras: homens atarracados e resolutos em gorros de aço e brigantinas, com longos arcos em suas mãos. Da inerte estagnação, dissolução e ruína, o reino estava subitamente vivo, vibrante e perigoso. Desse modo, Amalric mandou apressadamente uma mensagem para Tarascus, o qual veio com um exército.

No palácio real de Tarantia, os dois reis e Amalric discutiam a revolta. Eles não haviam enviado mensagem para Xaltotun, que estava imerso em seus estudos místicos nas colinas nemédias. Desde aquele dia sangrento, no vale do Valkia, eles não o haviam chamado para ajudá-los com sua magia; e ele havia se afastado, se comunicando muito pouco com eles e aparentemente indiferente às suas intrigas.

Nem haviam mandado mensagens para Orastes, mas ele veio, e estava branco como a espuma soprada diante da tempestade. Ele se encontrava na câmara de cúpula de ouro, onde os reis faziam um conclave, e eles

observavam assombrados o seu olhar fixo e desvairado, o medo que eles nunca imaginaram existir na mente de Orastes.

— Você está cansado, Orastes. — disse Amalric — Sente-se neste divã, e mandarei um escravo lhe trazer vinho. Você cavalgou muito...

Orastes recusou o convite:

— Matei três cavalos na estrada que parte de Belverus. Não posso beber vinho, não posso descansar, até dizer o que tenho a dizer.

Ele deu um passo para trás e para a frente, como se alguma chama interna não o deixasse ficar imóvel, e, parando diante de seus companheiros espantados:

— Quando usamos o Coração de Ahriman para trazer um morto de volta à vida — Orastes disse abruptamente -, nós não pesamos as consequências de se violar o pó negro do passado. A culpa é minha, e a falta também. Só pensamos nas ambições de nós quatro, esquecendo quais esse homem poderia ter. E soltamos um demônio sobre a terra, um diabo inexplicável para a humanidade comum. Já penetrei profundamente no mal, mas há um limite para onde eu, ou qualquer um de minha raça e era, possa ir. Meus ancestrais eram homens limpos, sem qualquer mancha demoníaca; apenas eu descí às covas, e só posso pecar ao alcance de minha individualidade pessoal. Atrás de Xaltotun jazem mil séculos de magia negra e diabolismo, uma antiga tradição do mal. Ele está além da nossa concepção, não apenas porque seja por si só um feiticeiro, mas também porque ele é filho de uma raça de feiticeiros.

"Eu vi coisas que destruíram minha alma. No coração das colinas adormecidas, observei Xaltotun comungar com as almas dos condenados, e invocar os antigos demônios da esquecida Acheron. Vi os amaldiçoados descendentes daquele império amaldiçoadado prestarem culto a ele, e o saudarem como seu sumo sacerdote. Já vi o que ele planeja — e eu lhes digo que é nada menos do que a restauração do antigo, negro e pavoroso reino de Acheron!".

— O que quer dizer? — indagou Amalric — Acheron é pó. Não há sobreviventes o bastante para fazerem um império. Nem mesmo Xaltotun pode restaurar o pó de 3 mil anos.

— Você sabe pouco de seus poderes negros. — Orastes respondeu sombriamente — Eu vi as próprias colinas adquirirem um aspecto estranho e antigo sob o encantamento de suas palavras mágicas. Vislumbrei, como sombras por trás das verdades, as formas foscas de vales, florestas,

montanhas e lagos que não são como hoje, mas como foram no passado obscuro... até senti, mais do que vislumbrar, as torres púrpuras da esquecida Python tremeluzindo como imagens de bruma na penumbra.

"E, no último conclave em que eu o acompanhei, a compreensão de sua magia finalmente veio a mim, enquanto os tambores soavam e adoradores em forma de animais uivavam com suas cabeças no pó. Eu lhes digo que ele quer restaurar Acheron através de sua magia, pela feitiçaria de um gigantesco sacrifício sangrento, tal como o mundo nunca viu. Ele pretende escravizar o mundo e, com um dilúvio de sangue, varrer o presente e restaurar o passado!".

— Você está louco! — exclamou Tarascus.

-louco? — Orastes lançou um olhar desvairado sobre ele — Pode algum homem ver o que vi e continuar totalmente são? Mas eu falo a verdade. Ele planeja o retorno de Acheron, com suas torres, magos, reis e horrores, como foi no passado. Os descendentes de Acheron irão servi-lo como um núcleo sobre o qual reconstruir, mas é o sangue e os corpos do povo do mundo atual que fornecerão a argamassa e as pedras para a reconstrução. Não sei lhes dizer como. Meu próprio cérebro dá voltas quando tento entender. Mas eu vi! Acheron será Acheron novamente, e até mesmo as colinas, florestas e rios reassumirão seu antigo aspecto. Por que não? Se eu, com meu pequeno estoque de conhecimento, consegui ressuscitar um homem morto há 3.000 anos, por que o maior feiticeiro do mundo não pode trazer de volta à vida um reino morto há 3 mil anos? Do pó se erguerá Acheron às ordens dele.

— Como poderemos impedi-lo? — Tarascus perguntou, impressionado.

— Só há uma maneira. — respondeu Orastes — Devemos roubar o Coração de Ahriman!

— Mas eu... — começou involuntariamente Tarascus, mas ele logo fechou a boca.

Ninguém havia notado isso, e Orastes prosseguia:

— É uma força que pode ser usada contra ele. Com essa jóia em minhas mãos, eu posso enfrentá-lo. Mas como iremos roubá-la? Ele a escondeu em algum lugar secreto, do qual nem mesmo um ladrão zamoriano poderia roubá-la. Não há como eu saber onde é o esconderijo. Se ele pudesse dormir novamente o sono do lótus negro... mas a última vez em que ele dormiu foi após a batalha do Valkia, mas ele estava cansado por causa da grande magia que havia praticado, e.

A porta estava fechada e trancada, mas ela se abriu silenciosamente, e Xaltotun apareceu diante deles — calmo, tranquilo e passando a mão na barba patriarcal; mas as luzes bruxuleantes do inferno lhe palpitavam nos olhos.

— Eu lhe ensinei demais. — ele disse calmamente, apontando um dedo como um sinal de condenação para Orastes. E, antes que alguém pudesse se mover, ele havia lançado um punhado de pó no chão próximo aos pés do sacerdote, que parecia um homem transformado em mármore. O pó pegou fogo e ardeu: uma serpentina azul de fumaça se ergueu e oscilou ao redor de Orastes, numa fina espiral. E, quando esta ergueu-se ao redor de seus ombros, ela se enroscou ao redor de seu pescoço com uma rapidez chicoteante que se assemelhava ao ataque de uma cobra. O grito de Orastes foi engasgado a um gorgolejo. Suas mãos voaram até o pescoço, seus olhos se arregalaram e sua língua apareceu; então, a fumaça sumiu e se foi, e Orastes desabou morto ao chão.

Xaltotun bateu palmas e dois homens entraram; homens frequentemente vistos em sua companhia — pequenos e repulsivamente escuros, com olhos vermelhos e oblíquos, e dentes pontiagudos como os de ratos. Eles não falaram. Erguendo o corpo, levaram-no dali.

Pondo o assunto de lado com um abanar da mão, Xaltotun se sentou diante da mesa de marfim, ao redor da qual se sentavam os reis pálidos.

— Por que estão em conclave? — ele exigiu saber.

— Os aquilonianos se revoltaram no oeste. — respondeu Amalric, se recuperando do pavoroso choque que a morte de Orastes lhe havia causado — Os idiotas acreditam que Conan está vivo e se aproximando à frente de um exército poitainiano, para reclamar seu reino. Se ele tivesse reaparecido imediatamente após Valkia, ou se um rumor sobre ele estar vivo houvesse circulado, as províncias

centrais não teriam se revoltado sob a liderança dele, pois temeriam seus poderes. Mas eles ficaram tão desesperados sob o mau governo de Valerius, que estão prontos para seguir qualquer homem que possa uni-los contra nós, e preferem a morte rápida à tortura e à contínua miséria.

"Claro que a história demorou teimosamente na terra, de que Conan não foi realmente morto no Valkia, mas só recentemente o povo a aceitou. Mas Pallantides voltou de seu exílio em Ophir, jurando que o rei estava doente em sua tenda naquele dia, e que um soldado vestia a armadura dele; e um

escudeiro, que só recentemente se recuperou de um golpe de maça recebido no Valkia, confirma sua história — ou pretende confirmar.

"Uma velha, com um lobo de estimação, tem perambulado por toda a terra, proclamando que o Rei Conan vive, e retornará algum dia para reclamar a coroa. E, por último, os malditos sacerdotes de Asura cantam a mesma canção. Afirmam que a notícia que chegou a eles, por meios misteriosos, é a de que Conan está retornando para reconquistar seu território. Não consigo capturá-la nem a eles. Isto é claro, é um truque de Trocero. Meus espões me contam que há evidências incontestáveis de que os poitainianos estão se reunindo para invadir a Aquilônia. Acredito que Trocero apresentará algum simulador, afirmando que ele é o Rei Conan".

Tarascus riu, mas não havia convicção em sua risada. Ele sentiu furtivamente uma cicatriz sob a jaqueta sem mangas, e se lembrou de corvos que grasnavam na trilha de um fugitivo; lembrou-se do corpo de seu escudeiro, Arideus, trazido de volta das montanhas da fronteira, horripelantemente mutilado, seus horrorizados soldados disseram, por um grande lobo cinza. Mas ele também se lembrou de uma jóia vermelha, roubada de um cofre dourado enquanto um feiticeiro dormia, e não disse nada.

E Valerius se lembrou de um nobre moribundo, que ofegava uma história de medo, e se lembrou de quatro khitaianos que desapareceram nos labirintos do sul, e nunca mais retornaram. Mas ele segurou a língua, pois o ódio e a suspeita de seus aliados lhe corroíam como um verme, e ele não desejava mais de que ver ambos os rebeldes e nemédios serem trancados no aperto da morte.

Mas Amalric exclamou:

— É um absurdo sonhar que Conan vive!

Como resposta, Xaltotun lançou um rolo de pergaminho sobre a mesa.

Amalric o pegou e olhou ferozmente. De seus lábios, explodiu um grito furioso e incoerente. Ele leu:

"Para Xaltotun, grande faquir da Nemédia: Cão de Acheron, estou retornando ao meu reino, e pretendo pendurar seu couro numa sarça. CONAN".

— Uma falsificação! — exclamou Amalric. Xaltotun negou com a cabeça:

— É legítima. Eu comparei com a assinatura nos documentos reais nas bibliotecas da corte. Ninguém conseguiria imitar aquele vigoroso rabisco.

— Então, se Conan está vivo — murmurou Amalric -, esta revolta não será como as outras, pois ele é o único homem vivo que pode unir os aquilonianos. Mas — ele protestou -, este não é como Conan. Por que ele iria nos pôr em guarda com sua bazófia? É de se pensar que ele atacaria sem avisar, à moda dos bárbaros.

— Nós já fomos avisados. — lembrou Xaltotun — Nossos espiões já falaram de preparativos para a guerra em Poitain. Ele não cruzaria as montanhas sem o nosso conhecimento; por isso, ele nos enviou seu desafio de forma característica.

— Por que para você? — indagou Valerius — Por que não para mim, ou para Tarascus?

Xaltotun lançou seu olhar impenetrável sobre o rei.

— Conan é mais sábio do que você. — ele finalmente disse — Ele já sabe o que vocês, reis, ainda têm que saber... que não é Tarascus, nem Valerius, nem Amalric, mas Xaltotun quem é o verdadeiro senhor das nações ocidentais.

Eles não responderam; ficaram olhando-o fixamente, atacados por uma entorpecente percepção da verdade de sua afirmação.

— Não há outra estrada para mim, exceto a trilha imperial. — disse Xaltotun — Mas, primeiro, devemos esmagar Conan. Não sei como ele escapou de mim em Belverus, pois o conhecimento do que aconteceu, enquanto eu estava no sono do lótus negro, me é negado. Mas ele está no sul, formando um exército. É seu último e desesperado golpe, possibilitado apenas pelo desespero do povo que sofreu sob Valerius. Deixem que eles se revoltem. Tenho todos eles na palma de minha mão. Esperaremos até ele avançar contra nós, e então o esmagaremos de uma vez por todas.

"Então, esmagaremos Poitain, Gunderlândia e os estúpidos bossonianos. Depois deles, Ophir, Argos, Zingara, Koth — todas as nações do mundo serão unidas num vasto império. Vocês governarão como meus sátrapas, e como meus capitães, serão maiores do que os reis de hoje. Sou inconquistável, pois o Coração de Ahriman está escondido onde nenhum homem poderá usá-lo contra mim novamente".

Tarascus desviou o olhar, temendo que Xaltotun lesse seus pensamentos. Ele sabia que o feiticeiro não havia olhado para dentro do cofre dourado, com suas serpentes esculpidas que pareciam dormir, desde que colocara o Coração ali dentro. Por mais estranho que parecesse, Xaltotun não sabia que o Coração havia sido roubado; a estranha jóia estava além ou do outro lado

do anel de sua negra sabedoria; seus talentos sobrenaturais não o avisaram de que o cofre estava vazio. Tarascus não acreditava que Xaltotun conhecesse a total extensão das revelações de Orastes, pois o pythoniano não havia mencionado a restauração de Acheron, mas apenas a construção de um novo império terrestre. Tarascus não acreditava que Xaltotun fosse sequer completamente certo de seu poder; se eles precisavam da ajuda dele em suas ambições, ele também precisava da deles. A magia dependia — até certo ponto, afinal de contas — de golpes de espada e de lanças. O rei percebeu o significado disso no olhar furtivo de Amalric; que o feiticeiro use suas artes para ajudá-los a derrotarem seu inimigo mais perigoso. Haveria tempo suficiente para se voltarem contra ele. Ainda poderia haver um meio de trapacear este poder negro que eles haviam despertado.

## XXI

### *Tambores de Perigo*

A CONFIRMAÇÃO DA guerra veio quando o exército de Poitain, com um efetivo de 10.000 homens, marchou através dos desfiladeiros meridionais, com estandartes ondulantes e o tremeluzir do aço. E, à frente dele, os espiões juravam, cavalgava uma figura gigante em armadura negra, com o leão real da Aquilônia trabalhado a ouro sobre o peito da rica túnica de seda, sobre a armadura. Conan estava vivo! O rei estava vivo! Agora não havia dúvidas disso nas mentes dos homens, fossem eles amigos ou inimigos.

Com as notícias da invasão vinda do sul, também chegou uma notícia, trazida por velozes mensageiros que cavalgavam penosamente, de que uma hoste de gunderlandeses estava se dirigindo para o sul, reforçada pelos barões do noroeste e os bossonianos do norte. Tarascus marchava com 31.000 homens para Galparan, no rio Shirki, o qual os gunderlandeses deveriam cruzar para atacarem as cidades ainda dominadas pelos nemédios.

O Shirki era um rio veloz e turbulento, que corria para o sudeste através de desfiladeiros e profundos vales rochosos, e havia poucos lugares onde um exército pudesse atravessar naquela época do ano, quando a correnteza estava quase no volume máximo com o derretimento das neves. Toda a região a leste do Shirki estava nas mãos dos nemédios, e era lógico admitir que os gunderlandeses tentariam cruzá-lo, ou para Galparan, ou para Tanasul, que ficava ao sul de Galparan. Reforços da Nemédia eram diariamente esperados, até chegar a notícia de que o rei de Ophir estava fazendo manifestações hostis na fronteira sul da Nemédia; e dispensar mais algumas tropas seria expor a Nemédia ao risco de uma incursão vinda do sul.

Amalric e Valerius saíram de Tarantia com 25 mil homens, deixando uma guarnição suficientemente grande para desencorajar revoltas nas cidades durante sua ausência. Eles ansiavam encontrar e esmagar Conan, antes que as forças rebeldes do reino pudessem se juntar a ele.

O rei e seus poitainianos haviam cruzado as montanhas, mas não houve nenhum verdadeiro colidir de armas, nenhum ataque a cidades ou fortalezas. Conan havia aparecido e desaparecido. Aparentemente, ele havia virado na direção oeste, através da região selvagem, pouco povoada e montanhosa, e adentrado as fronteiras bossonianas e recrutado novatos no caminho. Amalric e Valerius, com seu exército — nemédios, renegados aquilonianos e mercenários ferozes —, se moviam pela terra em raiva frustrada, procurando por um inimigo que não aparecia.

Amalric achou impossível obter mais do que vagas notícias indefinidas sobre os movimentos de Conan. Os grupos de batedores saíam a cavalo e nunca retornavam, e não era incomum achar um espião crucificado num carvalho. O campo estava em movimento e golpeando, enquanto camponeses atacavam — selvagem, mortal e secretamente. Tudo o que Amalric sabia com exatidão era que uma grande força, de gunderlandeses e bossonianos setentrionais, estava em algum lugar ao norte dele, além do Shirki, e que Conan, com uma força menor de poitainianos e bossonianos meridionais, estava em algum lugar ao sudoeste dali.

Começou a temer que, se ele e Valerius avançassem mais para dentro da região selvagem, Conan pudesse iludi-los completamente, marchar ao redor deles e invadir as províncias centrais atrás deles. Amalric recuou do vale do Shirki e acampou numa planície, a um dia de cavalgada de Tanasul. Aguardaram lá. Tarascus manteve sua posição em Galparan, pois temia que

as manobras de Conan tivessem a intenção de arrastá-lo para o sul, e assim deixarem os gunderlandeses adentrarem o reino na travessia norte.

Xaltotun compareceu ao acampamento de Amalric, em sua carruagem puxada pelos cavalos sobrenaturais que nunca se cansavam, e adentrou a tenda de Amalric, onde o barão conferenciava com Valerius sobre um mapa estirado numa mesa de acampamento, feita de marfim.

Xaltotun amassou este mapa e o lançou para o lado.

— Aquilo que seus batedores não conseguem descobrir para você — ele disse -, meus espiões me contam, embora as informações sejam confusas e imperfeitas, como se forças invisíveis estivessem trabalhando contra mim.

"Conan está avançando pelo rio Shirki com 10 mil poitainianos, 3 mil bossonianos do sul, e barões do oeste e sul com os seguidores até o número de 5 mil. Um exército, de 30 mil gunderlandeses e bossonianos do norte, marcha para o sul para se juntar a ele. Eles haviam mantido contato através de comunicações secretas usadas pelos malditos sacerdotes de Asura, os quais parecem estar se opondo a mim, e aos quais darei de comida a uma serpente quando a batalha terminar — eu juro por Set!

"Ambos os exércitos são liderados para a travessia em Tanasul, mas não acredito que os gunderlandeses cruzarão o rio. Creio que Conan o atravessará e se juntará a eles".

— Por que Conan cruzaria o rio?

— Porque é vantagem para ele adiar a batalha. Quanto mais ele esperar, mais forte ficará, e mais precária será nossa posição. As colinas do outro lado do rio estão apinhadas de pessoas ardentemente leais à causa dele... homens arruinados, refugiados, fugitivos da crueldade de Valerius. Homens de todo o reino estão se apressando para juntar-se ao exército dele, sozinhos e aos grupos. Diariamente, grupos de nossos exércitos são emboscados e despedaçados pelos camponeses. Revoltas crescem nas províncias centrais, e logo irão estourar em rebelião aberta. As guarnições que deixamos não são suficientes, e não podemos esperar por reforços da Nemédia, por enquanto. Eu vejo a mão de Pallantides nesse conflito na fronteira ophiriana. Ele tem parentes em Ophir.

"Se não pegarmos e esmagarmos logo Conan, as províncias se revoltarão atrás de nós. Teremos que voltar a Tarantia, para defendermos aquilo que tomamos; e teremos que abrir caminho à força através de um país em rebelião, com toda a força de Conan atrás de nós, e então aguentar o cerco na própria cidade, com inimigos tanto dentro quanto fora dela. Não, não

podemos esperar. Temos que destruir Conan, antes que seu exército fique grande demais e antes que as províncias centrais se revoltam. Com sua cabeça pendurada no alto do portão em Tarantia, vocês verão o quão rapidamente a rebelião se desmantelará".

— Por que não põe um feitiço no exército dele, para matar a todos? — perguntou Valerius, meio zombeteiro.

Xaltotun fitou o aquiloniano, como se lesse a total extensão da loucura zombeteira que se escondia naqueles olhos indóceis.

— Não se preocupe. — ele finalmente disse — Minhas artes irão finalmente esmagar Conan, como um lagarto sob o calcanhar. Mas até mesmo a feitiçaria é ajudada por lanças e espadas.

— Se ele cruzar o rio e manter sua posição nas Colinas Goralianas, será difícil desalojá-lo. — disse Almaric — Mas se o pegarmos no vale, deste lado do rio, poderemos derrotá-lo. Conan está a que distância de Tanasul?

— Na velocidade em que ele está marchando, poderá alcançar a travessia amanhã à noite. Seus homens são vigorosos, e ele os está guiando duramente. Ele deve chegar lá pelo menos um dia antes dos gunderlandeses.

— Ótimo! — Amalric bateu na mesa com o punho fechado — Posso alcançar Tanasul antes dele. Mandarei um cavaleiro para Tarascus, ordenando que ele me siga até Tanasul. Quando ele chegar, teremos impedido Conan de cruzar o rio e destruído-o. Então, nossa força combinada pode cruzar o rio e cuidar dos gunderlandeses.

Xaltotun sacudiu impacientemente a cabeça:

— Um ótimo plano se estivéssemos lidando com qualquer um, exceto Conan. Mas seus 24 mil homens não são suficientes para destruir os 18 mil dele, antes que os gunderlandeses venham. Eles lutarão com o desespero de panteras feridas. E imagine se os gunderlandeses chegarem enquanto os exércitos estiverem engalfinhados em batalha? Seremos pegos entre dois fogos, e destruídos antes que Tarascus possa chegar. Ele alcançará Tanasul tarde demais para lhe ajudar.

— O que faremos, então? — indagou Amalric.

— Avance, com toda a sua tropa, contra Conan. — respondeu o homem de Acheron — Mande um cavaleiro, ordenando a Tarascus que se junte a nós aqui. Esperaremos a chegada dele. Então marcharemos juntos até Tanasul.

— Mas, enquanto esperamos — protestou Amalric -, Conan cruzará o rio e se juntará aos gunderlandeses.

— Conan não cruzará o rio. — respondeu Xaltotun.

Amalric ergueu bruscamente a cabeça, e encarou aqueles misteriosos olhos escuros:

— O que quer dizer?

— Suponha que houvesse chuvas torrenciais bem ao norte, na nascente do Shirki. Suponha que o rio ficasse numa inundação, a qual tornasse a travessia para Tanasul impossível. Desse modo, não poderíamos trazer toda a nossa tropa sem pressa, pegar Conan neste lado do rio e destruí-lo, e então, quando a enchente diminuir, o que eu acho que aconteceria no dia seguinte, não poderíamos cruzar o rio e destruir os gunderlandeses? Deste modo, poderíamos usar toda nossa forçá contra cada uma daquelas tropas, uma após a outra.

Valerius riu, como sempre ria diante da perspectiva da ruína, fosse de um amigo ou de um inimigo, e passou a mão inquieta pelas rebeldes mechas loiras. Amalric encarou o homem de Acheron, numa mistura de medo e admiração.

— Se pegarmos Conan no vale do Shirki, com as cadeias de colinas   sua direita e o rio em enchente   sua esquerda — ele admitiu -, sem toda a tropa, podemos aniquilá-lo. Você acha... tem certeza... você acredita que essas chuvas cairão?

— Vou para minha tenda. — respondeu Xaltotun, se levantando — A feitiç ria não é realizada pelo giro de uma vara de condão. Mande um cavaleiro para Tarascus. E não deixe ninguém se aproximar de minha tenda.

A última ordem era desnecessária. Nenhum homem naquele exército poderia ser subornado a aproximar-se daquela negra e misteriosa tenda de seda, cuja entrada estava sempre fechada. Ninguém, exceto Xaltotun, entrava nela, embora vozes fossem frequentemente ouvidas saindo de l ; suas paredes às vezes ondulavam sem vento, e uma música sobrenatural saía dela.  s vezes, nas profundezas da meia-noite, suas paredes de seda eram iluminadas por chamas vermelhas que palpitavam l  dentro, delineando silhuetas disformes que passavam de um lado a outro.

Deitado em sua própria tenda naquela noite, Amalric ouviu o ribombar constante de um tambor na tenda de Xaltotun; ele ribombava constantemente, e ocasionalmente o nemédio era capaz de jurar que uma voz grave e coaxante se misturava ao pulsar do tambor. E ele estremeceu, pois sabia que aquela voz não era a de Xaltotun. O tambor continuava sussurrando e murmurando como um profundo trovão, ouvido   distância

no horizonte setentrional. Em todas as outras partes do céu, as grandes estrelas brilhavam brancas. Mas o relâmpago distante palpitava incessantemente, como o brilho escarlate da luz de uma fogueira numa minúscula espada curva.

Ao pôr-do-sol do dia seguinte, Tarascus avançou com seu exército, empoeirado e cansado da dura marcha, os homens a pé horas atrás dos cavaleiros. Eles acamparam na planície próxima ao acampamento de Amalric e, ao amanhecer, os exércitos combinados se moveram para oeste.

À frente deles, vagava um grupo de batedores, e Amalric lhes aguardava impaciente, para retornarem e falarem dos poitainianos emboscados juntos a uma furiosa enchente. Mas, quando os batedores encontraram a coluna, foi com a notícia de que Conan havia cruzado o rio!

— O quê? — exclamou Amalric — Ele atravessou antes da enchente?

— Não houve enchente. — responderam os batedores, embaraçados — No final da noite passada, ele avançou impetuosamente até Tanasul, com seu exército.

— Não houve enchente? — exclamou Xaltotun, surpreendido pela primeira vez no conhecimento de Amalric — Impossível! Houve chuvas vigorosas sobre as nascentes do Shirki, na noite passada e na anterior!

— Deve ter havido, excelência. — respondeu o batedor — De fato, a água estava lamacenta, e o povo de Tanasul disse que o rio subiu talvez uns 30 centímetros ontem; mas aquilo não foi suficiente para impedir a travessia de Conan.

A feitiçaria de Xaltotun havia falhado! O pensamento martelou no cérebro de Amalric. Seu horror por este estranho homem saído do passado havia crescido firmemente, desde aquela noite em Belverus, quando ele havia visto uma múmia marrom e enrugada inchar e se transformar num homem vivo. E a morte de Orastes havia transformado o horror latente em medo ativo. Em seu coração, havia uma convicção medonha de que aquele homem — ou demônio — era invencível. Mas agora, ele tinha uma prova inegável de seu fracasso.

Mas, mesmo o mais poderoso dos feiticeiros pode falhar ocasionalmente, pensou o barão. Seja como for, ele não ousou se opor ao homem de Acheron... ainda. Orastes estava morto, se contorcendo só Mitra sabia em qual inferno sem nome; e Amalric sabia que sua espada dificilmente triunfaria, onde a sabedoria negra do sacerdote renegado falhara. Qual horrível abominação Xaltotun planejava, só o imprevisível futuro sabia.

Conan e seu exército eram uma ameaça presente, contra a qual a feitiçaria de Xaltotun seria necessária, antes que o jogo estivesse completamente terminado.

Eles chegaram a Tanasul, uma pequena povoação fortificada, onde um baixio de rochas formava uma ponte natural de um lado a outro do rio, sempre transitável, exceto nas épocas de maior enchente. Batedores trouxeram as notícias de que Conan havia mantido sua posição nas Colinas Goralianas, as quais começavam a se erguer umas poucas milhas além do rio. E, logo antes do pôr-do-sol, os gunderlandeses haviam chegado ao acampamento dele.

Amalric olhou para Xaltotun — inescrutável e estranho à luz das tochas chamejantes. A noite havia caído.

— E agora? Sua magia falhou. Conan nos confronta com um exército quase tão forte quanto o nosso, e ele tem a vantagem da posição. Temos de escolher entre dois males: acampar aqui e esperar o ataque dele, ou nos precipitarmos de volta a Tarantia e aguardar reforços.

— Estaremos arruinados se esperarmos. — respondeu Xaltotun — Atravesse o rio e acampe na planície. Atacaremos ao amanhecer.

— Mas a posição dele é muito forte! — exclamou Amalric.

— Idiota! — uma rajada de cólera rompeu o verniz da calma do feiticeiro — Já se esqueceu do Valkia? Porque algum obscuro princípio elemental evitou a enchente, você me julga indefeso? Eu esperava que suas lanças exterminassem nossos inimigos; mas não tema: minha feitiçaria esmagará o exército dele. Ele nunca mais verá outro pôr-do-sol. Atravesse o rio!

Eles atravessaram sob a luz das tochas. Os cascos dos cavalos tilintavam na ponte pedregosa e chapinharam pelos baixios. O brilho das tochas, nos escudos e nas placas peitorais, se refletia vermelho na água escura. A ponte rochosa era larga onde eles atravessavam, mas mesmo assim era mais de meia-noite, antes que o exército pudesse acampar na planície do outro lado. Acima deles, podiam ver fogueiras cintilando vermelhas à distância. Conan estava encurrulado nas Colinas Goralianas, as quais haviam servido, mais de uma vez no passado, como último local de resistência de um rei aquiloniano. Amalric deixou sua tenda e caminhou inquieto pelo acampamento.

Uma incandescência sobrenatural palpitava na tenda de Xaltotun, e de tempos em tempos, um grito demoníaco açoitava o silêncio, e havia um

baixo murmúrio sinistro de um tambor que sussurrava mais do que ribombava.

Amalric, com seus instintos aguçados pela noite e circunstâncias, sentia que Xaltotun era enfrentado por mais do que forças físicas. Dúvidas, sobre o poder do feiticeiro, o acometiam. Ele olhou para as fogueiras lá em cima dele, e seu rosto ficou sombrio. Ele e seu exército estavam bem no centro de uma região hostil. Lá no alto, por entre aquelas colinas, se escondiam milhares de figuras lupinas, de cujos corações e almas toda emoção e esperança haviam sido assoladas, exceto por um ódio desvairado por seus conquistadores e um desejo louco por vingança. Derrota significava aniquilação, retirada através de uma terra apinhada de inimigos loucos por sangue. E, na manhã seguinte, ele deveria lançar seu exército contra o lutador mais feroz das nações ocidentais, e sua horda desesperada. Se Xaltotun falhasse daquela vez...

Meia-dúzia de homens armados saíram das sombras. A luz das fogueiras brilhava em suas placas peitorais e nas cristas de seus capacetes. No meio deles, eles meio conduziam, meio arrastavam uma figura magra em roupas esfarrapadas. Fazendo saudação, eles falaram:

— Milorde, este homem veio até as sentinelas e disse que desejava falar com o Rei Valerius. É um aquiloniano.

Ele mais parecia um lobo — um lobo cicatrizado por armadilhas. Velhos ferimentos, que somente grilhões fazem, apareciam em seus pulsos e tornozelos. Uma grande cicatriz, a marca de um ferro quente, lhe desfigurava o rosto. Seus olhos miravam através do emaranhado de seu cabelo desgrenhado, quando ele meio se agachou diante do barão.

— Quem é você, cão imundo? — exigiu o nemédio.

— Chamam-me Tibérias. — respondeu o homem, e seus dentes crepitaram num espasmo involuntário — Vim lhe contar como pegar Conan numa armadilha.

— Um traidor, hein? — roncou o barão.

— Dizem que você tem ouro. — vociferou o homem, tremendo sob os farrapos — Dê-me um pouco! Dê-me ouro, e eu lhe mostrarei como derrotar o rei! — Seus olhos vidraram e se arregalaram, e suas mãos, estiradas e erguidas, estavam estendidas como garras palpitantes.

Amalric encolheu os ombros em aversão. Mas nenhuma ferramenta era desprezível demais para ele usar.

— Se você diz a verdade, terá mais ouro do que puder carregar. — ele disse — Se você for um mentiroso e um espião, vou lhe crucificar de cabeça para baixo. Tragam-no.

Na tenda de Valerius, o barão apontou o homem que se agachava trêmulo diante deles, enroscando os farrapos ao redor de si.

— Ele diz que conhece uma forma de nos ajudar na manhã seguinte. Precisamos de ajuda, caso o plano de Xaltotun não seja melhor do que provou ser até agora. Prossiga, cão.

O corpo do homem se contorceu em estranhas convulsões. As palavras saíam atropeladamente:

— Conan está acampado à frente do Vale dos Leões. Ele tem a forma de um leque, com colinas íngremes em ambos os lados. Se quiser atacá-lo amanhã, terá de marchar diretamente pelo vale. Você não consegue galgar as colinas em nenhum lado. Mas, se o Rei Valerius dignar-se a aceitar meu serviço, eu o guiarei através das colinas e mostrarei como atacar o Rei Conan por trás. Mas para termos sucesso, devemos começar logo. São muitas horas de cavalgada, pois é necessário avançar milhas a oeste, depois milhas para norte, e em seguida virar para leste, e então adentrar o Vale dos Leões por trás, como os gunderlandeses fizeram.

Amalric hesitava, puxando o queixo com força. Naqueles tempos caóticos, não era raro encontrar homens querendo vender suas almas por umas poucas peças de ouro.

— Se me guiar errado, morrerá. — disse Valerius — Está consciente disso, não está?

O homem tremeu, mas seus olhos não titubearam:

— Se eu lhe trair, me mate!

— Conan não dividiria seu exército. — refletiu Amalric — Ele precisará de todos os seus homens para repelir nosso ataque. Ele não pode dispensar ninguém para ficar de tocaia nas colinas. Além disso, este sujeito sabe que sua pele depende dele lhe guiar como prometeu. Um cão como ele iria se sacrificar? Bobagem! Não, Valerius, eu acredito que este homem seja honesto.

— Ou um ladrão pior que a maioria, por trair seu libertador. — riu Valerius — Muito bem. Seguirei o cão. Quantos homens você pode me arranjar?

— Cinco mil seriam suficientes. — respondeu Amalric — Um ataque— surpresa por trás deles os deixará confusos, e isso será o bastante. Esperarei

seu ataque por volta do meio-dia.

— Você irá saber quando eu atacar. — respondeu Valerius.

Quando Amalric retornou à sua tenda, ele notou, com satisfação, que Xaltotun ainda estava em seu pavilhão, a julgar pelos gritos de gelar o sangue, que saíam estremecendo em direção ao ar da noite, de tempos em tempos. Quando, logo depois, ouviu o tilintar de aço e o retinir de freios de cavalo, na escuridão lá fora, ele sorriu sombriamente. Valerius já havia quase lhe servido aos propósitos. O barão sabia que Conan era como um leão ferido, que rasga e dilacera mesmo em suas convulsões de morte. Quando Valerius atacasse por trás, os golpes desesperados do cimério poderiam muito bem varrer seu rival da existência, antes que ele próprio morresse. Tanto melhor. Amalric sentiu que poderia muito bem dispensar Valerius, uma vez que este houvesse preparado o caminho para uma vitória nemédia.

Os 5 mil homens que acompanhavam Valerius eram, em sua maioria, endurecidos renegados aquilonianos. Sob a quieta luz das estrelas, eles saíam do acampamento adormecido, seguindo a direção oeste das grandes massas negras que se erguiam contra as estrelas diante deles. Valerius cavalgava à frente deles e, ao seu lado, cavalgava Tibérias, com uma tira de couro amarrada no pulso e segura por um soldado fortemente armado, o qual cavalgava no seu outro lado. Outros se mantinham bem próximos, atrás dele, com as espadas desembainhadas.

— Se nos trair, morrerá instantaneamente. — salientou Valerius — Não conheço todos os caminhos destas colinas, mas conheço o bastante sobre a configuração geral da região para saber as direções que devemos tomar para chegarmos atrás do Vale dos Leões. Cuidado para não nos desencaminhar.

O homem inclinou rapidamente a cabeça e seus dentes bateram, quando ele loquazmente assegurou lealdade ao seu captor, olhando estupidamente para a bandeira que pairava sobre ele: a serpente dourada da velha dinastia.

Ladeando as extremidades das colinas que fechavam o Vale dos Leões, eles fizeram uma ampla curva para o oeste. Após uma hora de cavalgada, eles viraram para o norte, avançando com esforço através de colinas selvagens e ásperas, seguindo trilhas obscuras e caminhos tortuosos. O nascer do sol os encontrou a algumas milhas ao noroeste da posição de Conan, e lá o guia virou para leste e os conduziu através de uma confusão de labirintos e penhascos. Valerius acenou com a cabeça, julgando sua posição pelos vários picos que se erguiam sobre os outros. Ele havia

mantido seu senso de orientação, e sabia que ainda estavam indo na direção certa.

Mas agora, sem aviso, uma lanosa massa cinza desceu do norte aos vagalhões, cobrindo as inclinações e se espalhando pelos vales. Ela apagou o sol; o mundo se tornou um cego vazio cinza, no qual a visibilidade se limitava a uns poucos metros. Mais adiante, veio uma vacilante confusão cega. Valerius praguejou. Não conseguia mais ver os picos que haviam lhe servido como guias. Ele dependeria totalmente do guia traidor. A serpente dourada descaiu no ar sem vento.

Em seguida, o próprio Tibérias parecia confuso; ele parou e olhou incerto ao redor.

— Está perdido, cão? — indagou Valerius asperamente.

— Ouça!

Em algum lugar à frente deles, teve início uma fraca vibração, o retumbar rítmico de um tambor.

— O tambor de Conan! — exclamou o aquiloniano.

— Se estamos suficientemente próximos para ouvirmos o tambor — disse Valerius -, por que não escutamos os gritos e o estrondo de armas? A batalha certamente começou.

— Os desfiladeiros e ventos pregam estranhas peças. — respondeu Tibérias, os dentes batendo com a febre que é comum a muitos dos homens que passaram muito tempo em úmidos calabouços subterrâneos — Ouça! Estão lutando no fundo da vale! — gritou Tibérias — O tambor está tocando nas alturas. Vamos depressa!

Ele avançou diretamente na direção do som do tambor distante, como quem finalmente sabe onde está andando. Valerius seguiu, amaldiçoando a névoa. Então, lhe ocorreu que ela poderia ocultar seu avanço. Conan não conseguiria vê-lo chegar. Ele poderia atacar o cimério pelas costas, antes que o sol do meio-dia dissipasse as brumas.

Naquele momento, ele não poderia dizer o que havia em ambos os lados — penhascos, matagais ou desfiladeiros. O tambor pulsava incessantemente, ficando mais alto à medida que avançavam, mas não ouviam mais a batalha. Valerius não tinha idéia da direção para onde eram guiados. Ele se sobressaltou, quando viu paredes cinzas e rochosas avultarem através da fumaça ascendente em ambos os lados, e percebeu que estava cavalgando através de um desfiladeiro estreito. Mas o guia não demonstrou sinal de nervosismo, e Valerius soltou um suspiro de alívio

quando as paredes se alargaram e ficaram invisíveis na bruma. Estavam dentro do desfiladeiro; se alguma armadilha houvesse sido planejada, ela teria sido feita naquela passagem.

Mas agora Tibérias parava novamente. O tambor estava batendo mais alto, e Valerius não conseguia determinar de qual direção o som chegava. Num momento, parecia estar à sua frente; em outro, atrás; em outro, de um lado ou de outro. Valerius olhou impacientemente ao redor, montado em seu cavalo de guerra, com pequenos feixes de névoa se encaracolando ao seu redor, e o orvalho lhe brilhando na armadura. Atrás dele, as longas fileiras de cavaleiros vestidos em aço desapareciam cada vez mais, como fantasmas na bruma.

— Por que está demorando, cão? — ele exigiu.

O homem parecia estar escutando o tambor fantasmagórico. Lentamente, ele se endireitou na sela, virou a cabeça e encarou Valerius; e o sorriso em seus lábios era terrível de se ver.

— A bruma está se dissipando, Valerius. — ele disse, num novo tom de voz — Veja!

O tambor estava mudo. A névoa estava desaparecendo. Primeiro, as cristas dos penhascos ficaram visíveis sobre as nuvens cinzas — altas e espectrais. As névoas ficaram cada vez mais baixas, encolhendo e sumindo. Valerius mudou subitamente de posição sobre os estribos, com um grito que foi ecoado pelos cavaleiros atrás dele. Os penhascos se erguiam em todos os lados deles. Não estavam num vale largo e aberto, como haviam imaginado. Estavam num desfiladeiro sem saída, murado por penhascos perpendiculares, com dezenas de metros de altura. A única entrada ou saída era a estreita garganta pela qual haviam cavalgado.

— Cão! — Valerius golpeou Tibérias em cheio na boca, com o encouraçado punho fechado — Que truque do demônio é este?

Tibérias cuspiu um punhado de sangue e se sacudiu numa risada medonha:

— Um truque que livrará o mundo de um bruto. Veja, cão!

Valerius gritou novamente, mais de fúria que de medo. O desfiladeiro estava bloqueado por um selvagem e terrível grupo de homens, que permaneciam mudos como imagens: homens esfarrapados, de cabelos desgrenhados e com lanças nas mãos — centenas deles. E, no alto dos penhascos, apareceram outros rostos: milhares de rostos — selvagens, magros e ferozes, marcados por fogo, aço e fome.

— Um truque de Conan! — rugiu Valerius.

— Conan nada sabe disso. — riu Tibérias — Foi o plano de homens alquebrados, de homens aos quais você arruinou e transformou em animais. Amalric estava certo. Conan não dividiu o exército dele. Somos a turba que o seguiu, os lobos que se escondiam nestas colinas, os homens sem lar e sem esperança. Este plano foi nosso, e os sacerdotes de Asura nos ajudaram com a névoa. Olhe para eles, Valerius! Cada um carrega a marca de sua mão, no corpo ou no coração!

"Olhe para mim! Você não me conhece; conhece, com esta cicatriz que seu carrasco fez em mim? Você já me conheceu. Outrora fui lorde de Amilius, o homem cujos filhos você assassinou e cuja filha seus mercenários violentaram e mataram. Você disse que eu não me sacrificaria para lhe pôr numa armadilha? Deuses todo-poderosos, se eu tivesse mil vidas, eu daria todas elas para comprar sua condenação!

"E eu a comprei! Olhe para os homens a quem você arruinou, homem morto que outrora fingiu ser rei! A hora deles chegou! Este desfiladeiro é sua tumba. Tente galgar os penhascos: são íngremes, são altos. Tente abrir seu caminho pelo desfiladeiro: lanças lhe barrarão o caminho, matacões lhe esmagarão, vindos de cima! Cão! Estarei à sua espera no inferno!"

Lançando a cabeça para trás, ele riu até as rochas vibrarem. Valerius se inclinou da sela e deu um golpe para baixo com sua espada, decepando-lhe a omoplata e o peito. Tibérias caiu ao solo, ainda rindo de forma medonha num gorgolejo de sangue jorrando.

Os tambores haviam voltado a tocar, rodeando o desfiladeiro com um trovejar gutural; grandes blocos de pedra caíram esmagando; acima dos gritos dos moribundos, as flechas cantaram desde os penhascos em nuvens cegantes.

## XXII

### *A Estrada para Acheron*

A AURORA MAL clareava o leste, quando Amalric deteve seus exércitos na boca do Vale dos Leões. Este vale estava flanqueado por colinas baixas e onduladas, porém íngremes, e o solo se lançava para o alto numa série de terraços irregulares e naturais. No mais alto destes terraços, o exército de Conan mantinha sua posição, aguardando o ataque. O exército que se juntara ao dele, marchando desde a Gunderlândia, não era composto só de lanceiros. Com eles, haviam chegado 7 mil arqueiros bossonianos, e 4 mil barões e seus ajudantes do norte e oeste, engrossando as fileiras de seus soldados de cavalaria.

Os piqueiros estavam parados numa formação compacta e cuneiforme, na frente estreita do vale. Havia 19 mil deles, quase todos gunderlandeses, embora uns 4 mil fossem aquilonianos das outras províncias. Estavam flanqueados, a ambos os lados, por 5 mil arqueiros bossonianos. Atrás das fileiras dos piqueiros, os cavaleiros permaneciam imóveis sobre os corcéis, lanças erguidas: dez mil cavaleiros de Poitain, 9 mil aquilonianos, barões e seus ajudantes.

Era uma posição forte. Seus flancos não podiam ser atingidos, pois isso significava galgar as colinas íngremes e arborizadas debaixo das flechas e espadas dos bossonianos. Seu acampamento estava logo atrás dele, num vale estreito e com paredes íngremes, o qual, na verdade, era meramente uma continuação do Vale dos Leões, erguendo-se a um nível mais alto. Ele não temia ser surpreendido pela retaguarda, pois as colinas atrás dele estavam cheias de refugiados e homens arruinados, cuja lealdade a ele estava além de qualquer questionamento.

Mas, se sua posição era difícil de ser abalada, era igualmente difícil de se escapar. Era tanto uma armadilha quanto uma fortaleza para os defensores; uma última e desesperada resistência de homens que não esperavam sobreviver, a menos que saíssem vitoriosos. A única via possível de retirada era através do estreito vale à sua retaguarda.

Xaltotun galgou um morro, no lado esquerdo do vale, próximo à entrada larga. Esta colina era mais alta que as outras, e era conhecida como o Altar do Rei, por um motivo há muito esquecido. Somente Xaltotun sabia, e sua memória remontava a três mil anos.

Ele não estava só. Seus dois amigos íntimos — silenciosos, peludos, furtivos e escuros — estavam com ele, e carregavam uma jovem garota aquiloniana, de mãos e pés amarrados. Eles a colocaram sobre uma antiga

pedra, a qual se parecia curiosamente com um altar e coroava o cume da colina. Ela havia permanecido lá por longos séculos, desgastada pelos elementos, até muitos acharem que não passava de uma rocha natural de formato curioso. Mas o que ela era, e por que estava ali, Xaltotun há muito se lembrava. Os amigos se afastaram, com suas costas arqueadas como gnomos silenciosos, e Xaltotun ficou sozinho ao lado do altar de pedra, sua barba escura soprada pelo vento, olhando para o vale lá embaixo.

Ele conseguia ver claramente atrás, até o serpenteante Shirki, e adiante para dentro das colinas além da cabeça do vale. Conseguia ver a brilhante cunha de aço, parada na frente dos terraços; as borguinhotas <sup>(3)</sup> dos arqueiros brilhando por entre as rochas e moitas; os silenciosos cavaleiros, imóveis em seus corcéis, seus pendões pairando acima de seus elmos, suas lanças se erguendo como um matagal eriçado.

Olhando para outra direção, ele pôde ver as fileiras longas e compactas dos nemédios, movendo-se em séries de aço brilhante para dentro da entrada do vale. Atrás deles, as tendas coloridas dos lordes e cavaleiros, e as tendas pardacentas dos soldados comuns, se estendiam até quase o rio.

Como um rio de aço derretido, o exército nemédio fluía para dentro do vale, com o grande dragão escarlate ondulando acima de si. Primeiro, marchavam os arqueiros, em fileiras alinhadas, as balestras meio erguidas, flechas encaixadas e dedos nos gatilhos. Atrás deles, vinham os piqueiros, e atrás destes últimos, a verdadeira força daquele exército: os cavaleiros montados, com suas bandeiras desenroladas ao vento, suas lanças erguidas, conduzindo seus grandes corcéis para diante, como se cavalgassem para um banquete.

E, lá no alto das inclinações, o exército menor da Aquilônia permanecia em silêncio sombrio.

Havia 30 mil cavaleiros nemédios e, como em muitas nações hiborianas, a cavalaria era a espada do exército. Os homens a pé eram usados apenas para abrir o caminho para um ataque dos cavaleiros em armadura. Havia 22 mil destes — piqueiros e arqueiros.

Os arqueiros começaram a atirar à medida que avançavam, sem desfazer as filas, lançando suas rixas com um zumbido e uma ponta afiada. Mas as setas não alcançavam o alvo, ou ricocheteavam nos escudos dos gunderlandeses, sem ferir ninguém. E, antes que os atiradores de balestras pudessem chegar a uma distância que lhes permitisse matar, as flechas dos bossonianos, voando em arcos, lançavam destruição em suas fileiras.

Um pouco disto, uma tentativa fútil diante da troca de tiros, e os arqueiros nemédios começaram a recuar desordenadamente. Suas armaduras eram leves e suas armas não eram páreo para os longos arcos bossonianos. Os arqueiros do oeste estavam protegidos por moitas e rochas. Além disso, os nemédios a pé não tinham o mesmo moral dos homens a cavalo, pois sabiam que estavam sendo usados meramente para abrir caminho para os cavaleiros.

Os atiradores de balestras recuaram e, entre suas linhas abertas, os piqueiros avançaram. Estes eram, em grande parte, mercenários, e seus chefes não tinham remorso em sacrificá-los. Eram destinados a mascararem o avanço dos cavaleiros, até que estes últimos ficassem próximos o bastante para golpear. Assim, enquanto os balestreiros lançavam suas setas de ambos os flancos a longa distância, os piqueiros marchavam ao alcance da destruição que vinha do alto, e os cavaleiros avançavam atrás deles.

Quando os piqueiros começaram a hesitar diante da selvagem saraivada que assobiava entre eles desde o alto das inclinações, um clarim foi soprado, seus grupos foram divididos à direita e esquerda, e os cavaleiros em cota-de-malha galoparam entre eles.

Eles correram para dentro de uma nuvem de morte aguilhoante. As setas, de mais de 90 cm de comprimento, encontravam todas as fendas em suas armaduras e nas proteções dos corcéis. Cavalos, que se arrastavam para o alto dos terraços cobertos de capim, empinavam e mergulhavam para trás, levando seus montadores consigo. Figuras vestidas em aço alastravam as inclinações. O ataque recuou como uma maré vazante.

De volta ao vale, Amalric remodelou suas fileiras. Tarascus lutava com a espada desembainhada sob o dragão escarlate, mas era o barão de Tor quem comandava aquele dia. Amalric praguejou ao olhar para a floresta de pontas de lanças, visível acima e além dos capacetes dos gunderlandeses. Ele esperava que sua retirada levasse os cavaleiros a saírem num ataque, inclinação abaixo, atrás dele, para serem transpassados em ambos os flancos por seus arqueiros e serem submersos pelo grande número de seus cavaleiros. Mas eles não se moviam. Auxiliares de campo traziam peles com água do rio. Cavaleiros tiravam seus elmos e molhavam suas cabeças suadas. Os feridos nas inclinações gritavam em vão por água. Na parte mais alta do vale, fontes de água abasteciam os defensores. Eles não sentiam sede naquele dia quente de primavera.

No Altar do Rei, ao lado da antiga pedra esculpida, Xaltotun observava a maré de aço recuar e avançar. Os cavaleiros avançavam, com suas plumas ondulantes e lanças a mergulharem. Através de uma nuvem sibilante de flechas, eles avançaram com dificuldade, para se quebrarem como uma onda trovejante na parede eriçada de lanças e escudos. Machados se ergueram e caíram acima dos elmos emplumados, e lanças foram arremetidas para cima, derrubando cavalos e cavaleiros. O orgulho dos gunderlandeses não era menos feroz que o dos cavaleiros. Eles não eram lanceiros feitos para serem sacrificados pela glória de homens melhores. Eram a melhor infantaria do mundo, com uma tradição que lhes deixava com o moral inabalável. Os reis da Aquilônia há muito conheciam o valor da infantaria inquebrável. Eles mantinham sua formação inabalada; sobre suas fileiras brilhantes, ondulava a grande bandeira do leão, e na extremidade da cunha, uma figura gigante em armadura negra rugia e golpeava como um furacão, com um machado cadente que partia tanto aço quanto ossos.

Os nemédios lutavam tão nobremente quanto suas tradições de alta coragem exigiam. Mas eles não conseguiam quebrar a cunha de ferro; e, das pequenas colinas cobertas por florestas, no outro lado, flechas lhes varriam impiedosamente as fileiras compactas. Seus próprios arqueiros eram inúteis; seus piqueiros, incapazes de galgar as alturas para se engalfinharem com os bossonianos. Lenta, teimosa e sombriamente, os cavaleiros soturnos recuaram, a julgar por suas selas vazias. Acima deles, os gunderlandeses não lançavam clamores de triunfo. Aproximaram as fileiras, fechando as lacunas feitas pelos que caíram mortos. O suor lhes caía nos olhos, sob seus chapéus de aços. Eles seguraram firmemente as lanças e esperaram, seus corações ferozes inflando com o orgulho de que um rei deveria lutar a pé com eles. Atrás deles, os cavaleiros aquilonianos não se moviam. Estavam montados em seus corcéis e sombriamente imóveis.

Um cavaleiro esporeou um cavalo suado para cima da colina chamada O Altar do Rei, e mirou Xaltotun com olhos amargos.

— Amalric me mandou dizer que é hora de usar sua magia, feiticeiro.

— ele disse — Estamos morrendo como moscas, lá embaixo. Não conseguimos romper as fileiras inimigas.

Xaltotun parecia se expandir, ficar alto, temível e terrível.

— Volte para Amalric. — ele disse — Diga a ele para reorganizar suas fileiras para um ataque, mas que aguarde meu sinal. Antes desse sinal, ele

verá uma cena da qual se lembrará até morrer!

O cavaleiro fez um gesto de saudação, como se forçado contra sua vontade, e desceu trovejando pela colina, numa velocidade vertiginosa.

Xaltotun se erguia ao lado do escuro altar de pedra, e olhou de um lado a outro do vale, para os mortos e feridos nos terraços, para a tropa sombria e manchada de sangue no topo das inclinações, e para as fileiras empoeiradas e blindadas que se reagrupavam no vale lá embaixo. Ele ergueu o olhar para o céu, e desceu o olhar para a esguia figura branca na pedra escura. E, erguendo uma adaga entalhada com hieróglifos arcaicos, entoou uma invocação antiquíssima:

— Set, deus das trevas, lorde escamoso das sombras; pelo sangue de uma virgem e pelo símbolo sétuplo, eu chamo pelos seus filhos sob a terra negra! Filhos das profundezas, sob a terra vermelha, sob a terra negra, despertai e sacudam suas cabeleiras terríveis! Façam as colinas tremerem e as pedras desabarem sobre meus inimigos! Façam o céu escurecer acima deles, e a terra perder a firmeza sob seus pés! Que um vento, da profunda terra negra, se erga e enrosque sob os pés deles, e os enegreça e murche...

Ele parou bruscamente, com a adaga erguida. Naquele tenso silêncio, o rugido das hordas se erguia sob ele, trazido pelo vento.

Do outro lado do altar, havia um homem usando escuro robe com capuz, cuja touca escurecia pálidas feições delicadas e olhos escuros, calmos e meditativos.

— Cão de Asura! — sussurrou Xaltotun, com uma voz que parecia o sibilar de uma serpente enfurecida — Você é louco, a ponto de ir em busca de sua condenação? Hei, Baal! Chiron!

— Chame novamente, cão de Acheron! — o outro disse e riu — Convoque-os em voz alta. Eles não ouvirão, a menos que seus gritos ecoem no inferno.

De um matagal na beirada da elevação, saiu uma sombria mulher idosa, em roupas de camponesa, o cabelo esvoaçando sobre os ombros e um grande lobo cinza seguindo-lhe pelos calcanhares.

— Bruxa, sacerdote e lobo. — murmurou Xaltotun sombriamente, e riu.

— Idiotas, lançando sua pantomima de charlatão contra minhas artes! Com um abanar de minha mão, eu posso tirá-los de meu caminho!

— Suas artes são palhas ao vento, cão de Python. — respondeu o asurano — Você já se perguntou por que o Shirki não transbordou para capturar Conan na outra margem? Quando vi o relâmpago na noite,

imaginei que fosse plano seu, e meus encantamentos dispersaram as nuvens que você convocou, antes que elas pudessem despejar suas torrentes. Você nem sequer soube que sua feitiçaria de fazer chover havia falhado.

— Você mente! — gritou Xaltotun, mas a confiança em sua voz estava abalada — Eu havia sentido o impacto de uma poderosa feitiçaria contra a minha... mas nenhum homem na terra poderia desfazer a magia da chuva, uma vez que ela houvesse sido feita, a não ser que ele possuísse o próprio coração da feitiçaria.

— Mas a inundação que você planejou não chegou a acontecer. — respondeu o sacerdote — Olhe para seus aliados no vale, pythoniano! Você os guiou para a matança! Eles estão pegos nas presas da armadilha, e você não pode ajudá-los. Veja!

Ele apontou. Da garganta estreita do vale mais alto, atrás dos bossonianos, vinha um cavaleiro a toda velocidade, rodopiando, ao redor da cabeça, algo que reluzia ao sol. De forma arrojada, ele desceu correndo as inclinações, através das fileiras dos gunderlandeses, os quais lançaram um rugido do fundo de suas gargantas e bateram ruidosamente suas lanças e escudos, como o trovão nas colinas. Nos terraços entre os exércitos, o cavalo encharcado de suor empinava e saltava, e seu feroz montador gritava e brandia a coisa em suas mãos, como um desvairado. Era o resto rasgado de uma bandeira escarlate, e o sol lançava raios ofuscantes nas escamas douradas de uma serpente que nela se contorcia.

— Valerius está morto! — gritou Hadrathus de forma ressonante — Uma névoa e um tambor o atraíram para sua condenação. Eu atraí aquela névoa, cão de Python, e eu a dispersei! Eu, com uma magia que é maior que a sua!

— O que importa? — rugiu Xaltotun, com um olhar terrível, os olhos resplandecentes e o rosto convulsionado — Valerius era um tolo. Não preciso dele. Posso esmagar Conan sem ajuda humana!

— Por que você demorou? — zombou Hadrathus — Por que permitiu que tantos dos seus aliados caíssem, perfurados por flechas e lanças?

— Porque o sangue ajuda a grande feitiçaria! — trovejou Xaltotun, numa voz que fez as rochas estremecerem. Uma auréola sinistra se movia ao redor de sua majestosa cabeça — Porque nenhum mago desperdiça sua força descuidadamente. Porque quero conservar meus poderes para grandes dias que virão, do que em empregá-los numa briga em região montanhosa. Mas agora, por Set, eu os libertarei ao máximo! Observe, cão de Asura,

falso sacerdote de um deus antiquado, e veja uma cena que lhe destruirá eternamente a razão!

Hadrathus lançou a cabeça para trás, e o inferno estava em sua risada.

— Veja, cão negro de Python!

Sua mão saiu do manto, segurando algo que ardia e incandescia ao sol, mudando a luz para um pulsante brilho dourado, no qual a pele de Xaltotun parecia ser a de um cadáver.

Xaltotun gritou, como se tivesse sido esfaqueado:

— O Coração! O Coração de Ahriman!

— Sim! O único poder maior que o seu!

Xaltotun parecia enrugar e envelhecer. Súbito, sua barba estava raiada de branco e seus cabelos manchados de cinza.

— O Coração! — ele murmurou — Você o roubou! Cão! Ladrão!

— Não eu. Foi uma longa jornada até o sul. Mas agora ele está em minhas mãos, e suas artes negras não são páreo para ele. Assim como ele lhe ressuscitou, do mesmo modo lhe lançará de volta à noite de dentro da qual ele lhe tirou. Você descerá a estrada escura para Acheron, que é a estrada do silêncio e da noite. O império obscuro e não-renascido continuará sendo uma lenda e uma negra memória. Conan reinará novamente. E o Coração de Ahriman voltará para dentro da caverna sob o templo de Mitra, para brilhar como um símbolo do poder da Aquilônia durante mil anos!

Xaltotun soltou um grito inumano e correu ao redor do altar, com a adaga erguida; mas, de algum lugar — talvez do céu, ou da grande jóia que brilhava na mão de Hadrathus -, saiu um jato de cegante luz azul. Ele atingiu em cheio o peito de Xaltotun, e as colinas ecoaram o choque. O mago de Acheron caiu, como se atingido por um relâmpago, e, antes de tocar o chão, estava assustadoramente mudado. Ao lado do altar de pedra, não jazia um cadáver recém— abatido, mas uma múmia enrugada; uma carcaça marrom, seca e irreconhecível, esparramada entre bandagens bolorentas.

Sombriamente, a velha Zelata olhou para baixo.

— Ele não era um homem vivo. — ela disse — O Coração o emprestou um falso aspecto de vida, que enganou até mesmo a ele próprio. Eu nunca o vi como outra coisa além de uma múmia.

Hadrathus se inclinou para desamarrar a garota desmaiada sobre o altar, quando, de entre as árvores, saiu uma estranha aparição: a carruagem de

Xaltotun, puxada pelos cavalos sobrenaturais. Silenciosamente, eles avançaram até o altar e pararam, com a roda da carruagem quase tocando a coisa marrom e definhada sobre a grama. Hadrathus ergueu o corpo do feiticeiro e o colocou na carruagem. E, sem hesitação, os misteriosos corcéis giraram e se afastaram para o sul, descendo a colina. Hadrathus, Zelata e o lobo cinza observaram-nos partir — para a longa estrada até Acheron, a qual está além da compreensão dos homens.

Lá embaixo, no vale, Amalric se enrijeceu em sua sela, quando viu aquele cavaleiro selvagem curveteando e dando meia volta sobre as inclinações, enquanto brandia aquela ensanguentada bandeira de serpente. Então, algum instinto o fez girar bruscamente a cabeça, em direção à colina conhecida como O Altar do Rei. E seus lábios se abriram. Todos os homens no vale viram aquilo — uma seta curva de luz ofuscante, que se erguia do cume da colina, borrifando fogo dourado. Bem acima dos exércitos, ela explodiu num brilho cegante que, por um momento, empalideceu o sol.

— Aquilo não é o sinal de Xaltotun! — rugiu o barão.

— Não! — gritou Tarascus — É um sinal para os aquilonianos! Olhe!

Acima deles, as fileiras imóveis estavam finalmente em movimento, e um rugido profundo e gutural trovejou de um lado a outro do vale.

— Xaltotun falhou conosco! — berrou furiosamente Amalric — Valerius falhou conosco! Fomos guiados para dentro de uma armadilha! Mitra amaldiçoe Xaltotun, que nos trouxe para cá! Soe o toque de retirada!

— Tarde demais! — gritou Tarascus — Veja!

Lá no alto das inclinações, a floresta de lanças mergulhava e apontava. As fileiras dos gunderlandeses rolavam de volta à direita e esquerda, como uma cortina divisória. E, com um trovejar semelhante ao soar crescente de um furacão, os cavaleiros da Aquilônia desceram violentamente pelas inclinações.

A impetuosidade daquele ataque foi irresistível. Flechas, lançadas pelos balestreiros desmoralizados, lhes resvalavam nos escudos e nos elmos inclinados. Com as plumas e flâmulas esvoaçando atrás deles, e suas lanças abaixadas, eles arrasaram as linhas ondulantes de piqueiros e rugiram inclinação abaixo como uma onda.

Amalric gritou uma ordem para atacar, e os nemédios, com desesperada coragem, apressaram seus cavalos para as inclinações. Eles ainda sobrepujavam os atacantes em número.

Mas eles eram homens cansados sobre cavalos exaustos, atacando colina acima. Os cavaleiros que avançavam não tinham dado um único golpe naquele dia. Seus cavalos estavam descansados. Eles vinham colina abaixo, descendo como um raio. E, como um raio, eles golpearam as fileiras dos nemédios, que avançavam com dificuldade — golpearam-nas, dividiram-nas, rasgaram-nas e arremessaram os remanescentes, de ponta-cabeça, inclinação abaixo.

Atrás deles, a pé, vieram os gunderlandeses sedentos de sangue, e os bossonianos se aglomeravam ao pé das colinas, atirando, enquanto caminhavam, em cada inimigo que ainda se movesse.

A maré da batalha descia pelas inclinações, e os atordoados nemédios eram arrastados na crista da onda. Seus arqueiros haviam largado suas balestras e estavam fugindo. Aqueles piqueiros que haviam sobrevivido ao ataque destruidor dos cavaleiros, foram despedaçados pelos impiedosos gunderlandeses.

Numa selvagem confusão, a batalha assolou através da boca larga do vale e para a planície além. Os guerreiros apinhavam toda a planície, fugindo e perseguindo, destroçados em combates singulares, sob passos pesados, cavaleiros a despedaçarem sobre cavalos que empinavam e giravam. Mas os nemédios foram esmagados e despedaçados, incapazes de se reorganizarem para criar uma resistência. Eles fugiram às centenas, cavalgando a toda velocidade em direção ao rio. Muitos o alcançavam, atravessavam correndo e cavalgavam para leste. O campo estava bem atrás deles; o povo os caçava como lobos. Poucos chegaram a alcançar Tarantia.

A derrota final não chegou antes da queda de Amalric. O barão, se esforçando em vão para reagrupar seus homens, cavalgou diretamente para o agrupamento de cavaleiros que seguiam o gigante em armadura negra, cujo manto tinha o desenho do leão real, e sobre cuja cabeça flutuava a bandeira dourada do leão real, e sobre cuja cabeça flutuava a bandeira dourada do leupamento de cavaleiros que seguiam o gigante em armadura negra, o, com o leopardo escarlate de Poitain ao lado dela. Um guerreiro gigante em armadura reluzente inclinou sua lança e avançou para atacar o lorde de Tor. Eles se encontraram como um trovão. A lança do nemédio atingiu o elmo do rival, quebrou trancas e rebites e arrancou o capacete, revelando o rosto de Pallantides. Mas a ponta da lança do aquiloniano atravessou escudo e placa peitoral, até perfurar o coração do barão.

Um rugido se ergueu, quando Amalric foi arremessado de sua sela, quebrando a lança que o espetou, e os nemédios recuaram como uma barreira que explode sob o impacto da onda de uma maré. Cavalgaram em direção ao rio, num pânico cego que varreu a planície como um furacão. A hora do Dragão havia ido embora.

Tarascus não fugiu. Amalric estava morto, o porta-bandeira assassinado e o estandarte real nemédio pisoteado no sangue e na poeira. A maioria dos cavaleiros estava fugindo, e os aquilonianos cavalgavam atrás deles; Tarascus sabia que o dia estava perdido, mas, com um punhado de seguidores fiéis, ele rugiu através da confusão, consciente de um único desejo: encontrar Conan, o cimério. E ele finalmente o encontrou.

Formações haviam sido completamente destruídas, bandos bem consolidados quebrados em pedaços e destroçados. A cimeira do capacete de Trocero brilhava numa parte da planície, assim como as de Prospero, Pallantides e outros. Conan estava só. Os seguidores de Tarascus haviam caído um por um. Os dois reis se encontraram homem a homem.

Enquanto cavalgavam um na direção do outro, o cavalo de Tarascus relinchou e caiu sob ele. Conan pulou de seu próprio corcel e correu até ele, enquanto o rei da Nemédia se desembaraçava e levantava. O aço brilhou cegamente ao sol, se entrechocou com um som alto, e faíscas azuis voaram; então, com um clangor de armadura, Tarascus caiu estirado na terra sob um golpe trovejante da espada larga de Conan.

O cimério pôs um pé encouraçado no peito de seu inimigo, e ergueu a espada. Perdera o elmo; ele lançou a cabeleira negra para trás, e seus olhos azuis arderam com a velha chama deles.

— Você se rende?

— Vai me poupar? — indagou o nemédio.

— Sim. Mais do que você faria comigo, seu cão. Pouparei você e todos os homens que largarem as armas. Embora eu devesse partir sua cabeça, como a um ladrão infernal. — acrescentou o cimério.

Tarascus virou o pescoço e olhou para a planície. Os remanescentes do exército nemédio corriam através da ponte de pedra, com multidões de aquilonianos vitoriosos em seus calcanhares, golpeando com a fúria da vingança saciada. Bossonianos e gunderlandeses se aglomeravam no acampamento de seus inimigos, rasgando-lhes as tendas em pedaços, à procura de saque; agarrando prisioneiros, arrombando a bagagem e derrubando os vagões.

Tarascus praguejou ardentemente, e então encolheu os ombros tão bem quanto pôde, dadas as circunstâncias.

— Muito bem. Não tenho escolha. Quais as suas exigências?

— Devolva-me todas as suas posses atuais na Aquilônia. Ordene às suas tropas que se retirem, desarmadas, dos castelos e cidades que ocupam, e retire seus exércitos infernais da Aquilônia o mais rápido possível. Além disso, devolva todos os aquilonianos que foram vendidos como escravos, e pague uma indenização que será estipulada mais tarde, quando o estrago que sua ocupação do país causou for adequadamente calculado. Você permanecerá como refém até que estes termos sejam cumpridos.

— Muito bem. — resignou-se Tarascus — Devolverei todos os castelos e cidades agora ocupados por minhas tropas, sem resistência, e todas as outras coisas serão feitas. Qual o resgate pela minha vida?

Conan riu e tirou o pé do peito encouraçado de seu inimigo, agarrou—lhe o ombro e o ergueu de pé. Começou a falar, e logo se virou para ver Hadrathus se aproximando. O sacerdote estava tão calmo e senhor de si como sempre, abrindo seu caminho entre fileiras de mortos e cavalos.

Conan limpou, com a mão ensanguentada, o pó manchado de suor em sua testa. Ele havia lutado durante o dia todo, primeiro a pé com os piqueiros, e depois a cavalo, liderando o ataque. Seu manto desaparecera, sua armadura estava salpicada de sangue e amassada por golpes de espada, maça e machado. Ele avultava gigantescamente contra um fundo de sangue e matança, como algum sombrio herói pagão de mitologia.

— Muito bom, Hadrathus! — ele disse borrascosamente — Por Crom, estou feliz de ver seu sinal! Meus cavaleiros estavam quase loucos de impaciência, e não aguentavam ficar parados, longe dos golpes de espada. Eu não ia conseguir segurá-los por muito mais tempo. Onde está o feiticeiro?

— Ele desceu pela obscura estrada para Acheron. — respondeu Hadrathus — E eu... eu vou para Tarantia. Meu trabalho está feito aqui, e eu tenho uma tarefa a fazer no templo de Mitra. Todo o nosso trabalho está feito aqui. Neste campo, nós salvamos a Aquilônia... e mais do que a Aquilônia. Sua cavalgada até a capital será uma procissão triunfal, através de um reino louco de alegria. Toda a Aquilônia estará aplaudindo o retorno de seu rei. E assim, até nos reencontrarmos no grande salão real... adeus!

Conan se erguia silenciosamente, olhando o sacerdote partir. De vários lugares do campo, cavaleiros corriam em sua direção. Ele viu Pallantides,

Prospero, Servius Galannus — suas armaduras salpicadas de vermelho. O trovejar da batalha estava dando lugar a um rugido de triunfo e aclamação. Todos os olhos, ardentes pela luta e brilhantes de alegria, estavam voltados para a grande figura negra do rei; braços encouraçados brandiram espadas manchadas de vermelho. Uma confusa torrente de som se ergueu, profunda e trovejante como o mar se quebrando na praia:

— Salve Conan, rei da Aquilônia! Tarascus falou:

— Você ainda não disse qual o meu resgate.

Conan riu e enfiou a espada de volta na bainha. Ele flexionou os braços poderosos e correu os dedos ensanguentados pelas espessas madeixas negras, como se sentindo nelas sua coroa readquirida:

— Há uma jovem no seu harém, chamada Zenóbia.

— Ora, sim; existe.

— Muito bem. — o rei sorriu, como se diante de uma lembrança extremamente agradável — Ela será o resgate, e mais nada. Irei até Belverus em busca dela, como prometido. Ela era uma escrava na Nemédia, mas farei dela rainha da Aquilônia!

FIM

# PREGOS VERMELHOS

## *Red Nails*

### I

#### *A Caveira Sobre o Penhasco*

A mulher a cavalo puxou as rédeas de seu corcel cansado. Este ficou com as pernas bem abertas e a cabeça pendente, como se até o peso dos freios de couro vermelho bordados a ouro fosse demais para ele. A mulher pôs um dos pés calçados em botas para fora do estribo de prata e desceu da sela trabalhada a ouro. Ela amarrou as rédeas numa bifurcação de uma árvore nova, e deu a volta, com as mãos nos quadris, para examinar os arredores.

Não eram atraentes. Árvores gigantes cercavam a pequena poça onde seu cavalo havia acabado de beber. Moitas rasteiras limitavam a visão que procurava sob a penumbra sombria das arcadas elevadas, formadas por galhos entrelaçados. A mulher estremeceu com um contrair de seus ombros magníficos, e então praguejou.

Ela era alta, de busto volumoso e membros grandes, com ombros firmes. Toda a sua forma refletia uma força incomum, sem diminuir a feminilidade de sua aparência. Era totalmente mulher, apesar dos modos e trajes. Estes últimos eram incongruentes, em vista do ambiente onde ela agora se encontrava. Ao invés de uma saia, ela vestia calções curtos e largos

de seda, os quais lhe chegavam a uma mão de altura acima dos joelhos, e eram seguros por uma larga faixa de seda usada como cinto. Botas de topo lustroso, feitas de couro macio, lhe chegavam quase aos joelhos, e uma camisa de seda de gola larga e baixa, e mangas largas, lhe completavam as roupas. Num dos quadris bem-torneadas, ela trazia um espada reta de dois gumes; e no outro, um longo punhal. Seus rebeldes cabelos loiros, aparados em corte reto à altura dos ombros, eram presos por uma faixa de cetim vermelho.

Contra o fundo de floresta sombria e primitiva, ela posava de forma inconscientemente pitoresca, bizarra e fora de lugar. Ela deveria estar posando contra um fundo de nuvens marinhas, mastros pintados e gaivotas em revoada. Havia a cor do mar em seus olhos grandes. E era assim que deveria ser, pois ela era Valéria da Irmandade Vermelha, cujas façanhas eram celebradas em canções e baladas, onde quer que os navegantes se reúnam.

Ela se esforçava para olhar além do sombrio teto de galhos curvados, e ver o céu que provavelmente estava acima dele, mas logo desistiu, sussurrando uma praga.

Deixando o cavalo preso, ela andou a passos largos para leste, olhando para trás em direção à poça de vez em quando, para guardar na memória o caminho da volta. O silêncio da floresta a deprimia. Nenhum pássaro cantava nos galhos elevados, nem qualquer sussurro nas moitas indicava a presença de pequenos animais. Durante léguas, ela viajara numa região de silêncio meditativo, quebrado apenas por sua própria fuga.

Ela havia abrandado sua sede na poça, mas agora sentia as mordidas da fome e começou a procurar por alguma fruta que a sustentasse, uma vez que a comida havia acabado nas mochilas de sua sela.

À sua frente, ela logo viu um conjunto de rochas escuras, semelhantes ao sílex, que se inclinavam para o alto, em direção ao que parecia ser um penhasco áspero, erguendo-se entre árvores. Seu cume se perdia de vista, entre uma nuvem de folhas que o circulava. Talvez seu pico se erguesse acima do alto das árvores, e de lá, ela pudesse ver o que havia além – se, de fato, havia algo mais, além desta floresta aparentemente ilimitada, através da qual ela havia cavalgado por tantos dias.

Uma aresta estreita formava uma rampa que subia até o lado íngreme do penhasco. Após ter subido uns 15 metros, ela chegou ao cinturão de folhas que cercava o rochedo. Os troncos das árvores eram espaçados próximos ao

penhasco, mas as extremidades de seus galhos se estendiam ao redor dele, cobrindo-o com sua folhagem. Ela se segurou na escuridão de folhas, incapaz de ver acima ou abaixo; mas logo ela vislumbrou o céu azul e, um momento depois, saiu na luz clara e quente, e viu o teto da floresta se estendendo sob seus pés.

Ela se encontrava numa ampla plataforma, a qual estava acima até mesmo dos topos das árvores, e dela se erguia uma saliência em forma de espiral, a qual era o pico mais alto do penhasco que escalara. Mas algo mais lhe prendeu a atenção naquele momento. Seu pé havia batido em algo no tapete de folhas secas que cobria a plataforma. Ela as afastou para o lado com o pé e desceu o olhar para o esqueleto de um homem. Correu um olhar experiente sobre a forma branqueada, mas não viu ossos quebrados nem qualquer sinal de violência. O homem devia ter tido uma morte natural, embora ela não conseguisse imaginar por que ele teria subido um penhasco alto para morrer.

Ela galgou até o topo da saliência e olhou para os horizontes. O teto da floresta – que parecia um chão, de sua posição privilegiada – era tão impenetrável quanto por baixo. Ela não conseguia ver sequer o poço no qual deixara seu cavalo. Olhou para o norte, na direção da qual viera. Só viu o ondulante oceano verde, se estendendo infinitamente, com apenas uma vaga linha azul à distância, sugerindo a cordilheira de colinas que ela cruzara dias antes, para mergulhar nessa vastidão de folhas.

A oeste e leste, a vista era a mesma, embora não houvesse linha de colinas azuis nessas direções. Mas, quando ela virou os olhos para o sul, ficou paralisada e prendeu o fôlego. A pouco mais de um quilômetro e meio naquela direção, a floresta se reduzia e terminava abruptamente, dando lugar a uma planície pontilhada de cactos. E, no meio daquela planície, se erguiam os muros e torres de uma cidade. Valéria praguejou pasma. Isto era inacreditável. Ela não ficaria surpresa se visse outros tipos de moradias humanas – as cabanas em forma de colméia dos negros, ou as grutas da misteriosa raça marrom que, segundo as lendas, habitavam algum lugar dessa região inexplorada. Mas era uma experiência surpreendente se deparar com uma cidade murada ali, a tantas longas semanas de marcha dos mais próximos postos avançados de qualquer tipo de civilização.

Com as mãos cansadas de se agarrarem ao pináculo em forma de espiral, ela se deixou cair na plataforma, franzindo a testa em indecisão. Viera de longe: do acampamento dos mercenários, próximo à cidade

fronteira de Sukhmet, entre os capins rasos, onde aventureiros desesperados de várias raças guardavam a fronteira stígia contra as incursões que vinham, como uma onda vermelha, de Darfar. Sua fuga havia sido às cegas, para dentro de uma região à qual ignorava totalmente. E agora, ela hesitava entre o impulso de cavalgar diretamente para aquela cidade na planície, e o instinto de cautela que a induzia a contorná-la o mais longe possível e continuar sua fuga solitária.

Seus pensamentos foram dissipados pelo sussurrar das folhas sob ela. Girou como um gato, agarrou a espada... e então parou, arregalando os olhos para o homem diante dela.

Era um homem alto e poderosamente constituído – quase um gigante em estatura –, os músculos ondulando suavemente sob sua pele bronzeada. Sua roupa era similar à dela, exceto por um largo cinto de couro ao invés de uma faixa. Uma espada larga e um punhal lhe pendiam do cinto.

— Conan, o cimério! – exclamou a mulher – O que está fazendo no meu caminho?

Ele abriu um sorriso largo e duro, e seus ferozes olhos azuis arderam com uma luz que qualquer mulher conseguiria entender, enquanto os mesmos percorriam sua figura magnífica, demorando-se no volume dos seios esplêndidos sob a camisa leve, e na pele clara que aparecia entre os calções e as botas.

— Não sabe? – ele riu – Não deixei clara a minha admiração por você, desde a primeira vez em que a vi?

— Um garanhão não poderia ter sido mais claro. – ela respondeu com desprezo – Mas nunca esperei lhe encontrar tão longe dos barris de cerveja e panelas de carne de Sukhmet. Você realmente me seguiu desde o acampamento de Zarallo, ou foi enxotado como um bastardo?

Ele riu da insolência dela e flexionou o poderoso bíceps.

— Você sabe que Zarallo não tinha velhacos suficientes para me expulsar do acampamento. – ele sorriu largamente – Claro que lhe segui, moça! Quando você esfaqueou aquele oficial stígio, perdeu o favor e a proteção de Zarallo, e se tornou uma fora-da-lei para todos os stígios.

— Eu sei disso. – ela respondeu sombriamente – Mas o que mais eu poderia fazer? Você sabe como fui provocada.

— Certo. – ele concordou – Se eu estivesse lá, eu mesmo o teria apunhalado. Mas, se uma mulher vai viver nos acampamentos de guerra dos homens, tem de estar pronta para tais coisas.

Valéria bateu o pé no chão e praguejou:

— Por que os homens não me deixam viver uma vida de homem?

— Isso é óbvio! – Seus olhos a devoraram novamente – Mas você foi sábia em fugir. Os stígios teriam lhe esfolado. O irmão daquele oficial lhe seguiu; e mais rápido do que você pensava, eu não duvido. Ele não estava muito atrás de você, quando eu o alcancei. O cavalo dele era mais rápido que o seu. Ele teria lhe pego e cortado a garganta, dentro de mais algumas milhas.

— E então? – ela indagou.

— E então, o quê? – ele parecia perplexo.

— E quanto ao stígio?

— Ora, o que você acha? – ele respondeu impacientemente – Eu o matei, é claro, e deixei sua carcaça para os abutres. Mas aquilo me atrasou, e quase perdi seu rastro quando você atravessou os contrafortes rochosos das colinas. De outro modo, eu já teria lhe alcançado há muito tempo.

— E agora, você acha que vai me arrastar de volta ao acampamento de Zarallo? – ela escarneceu.

— Não seja idiota. – ele grunhiu – Venha, garota; não seja tão irascível. Não sou como aquele stígio que você apunhalou, e você sabe disso.

— Você é um vagabundo sem dinheiro. – ela zombou.

Ele riu dela:

— E como você se define? Você não tem dinheiro suficiente para comprar um fundilho novo para seu calção. Seu desdém não me engana. Você sabe que já comandi navios maiores e mais homens do que você. Quanto a ficar sem dinheiro... qual o pirata que não fica o tempo todo? Já esbanjei, nos portos marítimos do mundo, ouro suficiente para encher um galeão. Você também sabe disso.

— Onde estão agora os belos navios e rapazes corajosos que você comandou? – ela escarneceu.

— Quase todos no fundo do mar e no inferno. – ele respondeu calmamente – A esquadra real zíngara afundou meu último navio diante da costa de Toragis, em Shem... queimei a cidade de Valadelad, mas eles me pegaram antes que eu conseguisse alcançar as Barachas. Fui o único homem a bordo que escapou com vida... é por isso que me juntei aos Companheiros Livres de Zarallo. Mas vi que errei, quando marchamos para a fronteira de Darfar. O pagamento era uma miséria, o vinho era azedo e eu não gosto de mulheres negras. E esse era o único tipo que aparecia no nosso

acampamento em Sukhmet... com argolas em seus narizes e dentes afiados... bah! E você, por que se juntou a Zarallo? Sukhmet fica muito longe da água salgada.

— Ortho Vermelho matou o capitão com o qual eu navegava, e se apoderou de nosso navio. – ela respondeu sombriamente – O cão queria que eu fosse a amante dele. Lancei-me ao mar numa noite e nadei à praia, quando estávamos ancorados próximos à costa kushita. Isso foi diante de Zabhela. Lá havia um mercador shemita que me contou que Zarallo havia trazido seus Companheiros Livres para o sul, para guardarem a fronteira de Darfar. Não havia opção melhor. Eu me juntei a uma caravana que ia para leste, e finalmente cheguei a Sukhmet.

— Foi loucura mergulhar no sul, como você fez – comentou Conan –, mas foi também uma sábia escolha, pois as patrulhas de Zarallo nunca pensariam em lhe procurar nesta direção. Somente o irmão do homem que você matou encontrou por acaso sua trilha.

— E agora, o que pretende fazer? – ela exigiu.

— Virar para oeste. – ele respondeu – Já estive nesta distância sul, mas não nesta distância leste. Muitos dias de viagem para oeste nos levarão às savanas abertas, onde as tribos negras pastoreiam seu gado. Tenho amigos entre eles. Chegaremos à costa e encontraremos um navio. Estou cansado da selva.

— Então siga seu caminho. – ela aconselhou – Tenho outros planos.

— Não seja idiota! – ele se mostrou irritado pela primeira vez – Você não pode continuar perambulando por esta floresta.

— Eu posso, se eu quiser.

— Mas o que você pretende fazer?

— Não é de sua conta. – ela retrucou.

— É sim. – ele respondeu calmamente – Acha que eu lhe segui por toda essa distância, só para dar meia-volta e sair cavalgando de mãos vazias? Seja sensata, garota. Não vou lhe machucar.

Ele deu um passo em sua direção, e ela deu um pulo para trás, desembainhando a espada.

— Para trás, seu cão bárbaro, senão eu lhe espeto como um porco!

Ele parou relutante, e indagou:

— Quer que eu arranque esse brinquedo de você e lhe dê uma surra com ele?

— Palavras! Nada mais do que palavras! – ela zombou, os olhos temerários brilhando com luzes que dançavam como o sol sobre águas azuis.

Ele sabia que era verdade. Nenhum homem vivo conseguia desarmar Valéria da Irmandade com as mãos nuas. Ele carranqueou, tomado por um emaranhado de emoções conflitantes. Estava furioso, mas estava divertido e cheio de admiração pelo espírito dela. Ardia de desejo de agarrar aquela forma esplêndida e apertá-la em seus braços de ferro, embora desejasse grandemente não machucar a jovem. Estava dividido entre um desejo de sacudi-la vigorosamente, e um desejo de acariciá-la. Ele sabia que, se chegasse mais perto, a espada dela lhe atravessaria o coração. Já vira Valéria matar muitos homens em pilhagens fronteiriças e brigas de taverna, para ter qualquer ilusão sobre ela. Sabia que ela era rápida e feroz como um tigre. Ele podia puxar sua espada larga e desarmá-la, lançando a lâmina para longe da mão dela com um golpe; mas o pensamento de brandir uma espada contra uma mulher, mesmo sem intenção de machucar, lhe era extremamente repugnante.

— Que sua alma queime, vadia! – ele exclamou exasperado – Vou lhe tirar...

Avançou até ela, sua paixão furiosa o tornando imprudente, e ela se preparou para dar uma estocada mortal. Então, veio uma surpreendente interrupção daquela cena ao mesmo tempo cômica e perigosa.

— O que é isso?

Foi Valéria quem exclamou, mas ambos estremeceram violentamente, e Conan girou como um gato, sua grande espada lhe reluzindo na mão. Do fundo da floresta, havia saído uma apavorante mistura de gritos – os relinchos de cavalos em terror e agonia. Misturados aos seus relinchos, ouvia-se o barulho dos ossos quebrados.

— Os leões estão matando os cavalos! – gritou Valéria.

— Leões coisa nenhuma! – roncou Conan, com os olhos ardendo – Você ouviu algum leão rugir? Nem eu! Ouça o quebrar dos ossos... nem mesmo um leão faria tanto barulho ao matar um cavalo.

Ele desceu correndo pela rampa natural, e ela o seguiu, sua rixa pessoal esquecida no instinto aventureiro, para uni-los contra um perigo comum. Os gritos haviam parado, quando desceram através do véu verde de folhas que envolvia a rocha.

— Encontrei seu cavalo amarrado próximo ao poço lá atrás. — ele murmurou, caminhando tão silenciosamente que ela não mais se perguntava como ele a havia surpreendido no penhasco — Amarrei o meu ao lado dele, e segui as pegadas de suas botas. Fique atenta!

Eles haviam saído do cinturão de folhas, e olhavam para baixo em direção às extensões mais baixas da floresta. Acima deles, o teto verde estendia sua abóbada escura. Abaixo deles, a luz do sol se infiltrava apenas o bastante para criar um crepúsculo matizado de jade. Os troncos gigantes das árvores, a uns 90 metros de distância, pareciam obscuros e fantasmagóricos.

— Os cavalos deveriam estar atrás daquele matagal ali. — sussurrou Conan, e sua voz poderia ser a brisa se movendo através dos galhos — Escute!

Valéria já havia escutado, e um calafrio lhe rastejou pelas veias, de modo que ela pôs inconscientemente sua mão branca sobre o bronzeado braço musculoso de seu companheiro. De trás da moita, vinha o ruidoso mastigar de ossos e o barulhento rasgar de carne, junto com os sons trituradores e babantes de um horrível banquete.

— Leões não fariam esse barulho. — sussurrou Conan — Algo está devorando nossos cavalos, mas não é um leão... Crom!

O barulho parou de repente, e Conan praguejou suavemente. Uma brisa subitamente erguida soprou, de onde eles estavam, diretamente ao ponto onde o matador invisível estava escondido.

— Lá vem ele! — murmurou Conan, meio erguendo a espada.

O matagal foi violentamente agitado, e Valéria apertou o braço de Conan. Ela desconhecia a selva, mas sabia que nenhum animal conseguiria sacudir o matagal alto daquele jeito.

— Deve ser do tamanho de um elefante. — murmurou Conan, ecoando o pensamento dela — Que diabos... — Sua voz se calou, num silêncio assombrado.

De dentro da moita, saiu uma cabeça de pesadelo e loucura. Mandíbulas abertas exibiam fileiras de presas amarelas e gotejantes; acima da boca escancarada, ondulava um focinho de sáurio. Olhos enormes, semelhantes aos de um píton mas mil vezes maiores, miravam sem piscar os humanos petrificados que se agarravam ao rochedo acima. O sangue manchava os escamosos lábios flácidos e escorria da enorme boca.

A cabeça, maior que a de um crocodilo, estirava-se num longo pescoço escamoso, no qual se erguiam fileiras de pontas serrilhadas, e, atrás deste, derrubando as sarças e árvores novas, bamboleava o corpo de um titã – um gigantesco torso em forma de barril, sobre pernas absurdamente curtas. A barriga esbranquiçada quase roçava o chão, enquanto a serrilhada coluna vertebral se erguia mais alta que Conan, mesmo que ele estivesse na ponta dos pés. Uma longa cauda, guarnecida de pontas como a de um escorpião gigante, arrastava-se atrás.

— Suba de volta o rochedo, rápido! – Conan disse bruscamente, empurrando a garota para trás de si – Não acho que ele possa escalar, mas pode se erguer sobre as patas traseiras e nos alcançar...

Com um quebrar e rasgar de arbustos e árvores pequenas, o monstro veio arrebatando o matagal, e eles fugiram subindo o rochedo como folhas levadas pelo vento. Enquanto Valéria mergulhava na cortina de folhas, um olhar para trás lhe mostrava o titã se erguendo assombrosamente sobre suas poderosas patas traseiras, exatamente como Conan havia previsto. A visão a encheu de pânico. Ao se erguer, a besta parecia mais gigantesca que nunca; sua cabeça com focinho se elevava entre as árvores. Então, a mão de ferro de Conan se fechou no pulso dela, e ela foi puxada impetuosamente para dentro da cegante agitação de folhas, e novamente para o quente brilho do sol acima, no exato momento em que o monstro avançou para a frente, com suas patas dianteiras sobre o penhasco, num impacto que fez a rocha vibrar.

Atrás dos fugitivos, a cabeça enorme se espatifava entre os pequenos galhos, e eles desceram o olhar, por um instante aterrador, para o rosto de pesadelo emoldurado entre as folhas verdes, os olhos flamejantes e as mandíbulas escancaradas. Então, as presas gigantes cas se fecharam em vão e, após isso, a cabeça se recolheu, sumindo da visão deles, como se houvesse afundado num poço.

Espiando entre os galhos quebrados que se espalhavam no rochedo, eles viram a criatura agachada sobre os quadris, encarando-os sem piscar.

Valéria estremeceu:

— Por quanto tempo acha que ele vai ficar agachado aí?

Conan chutou a caveira na plataforma alastrada de folhas:

— Este sujeito deve ter escalado até aqui para fugir dele, ou de alguém como ele. Deve ter morrido de fome. Não há ossos quebrados. Essa coisa deve ser um dragão, tal qual os que povos negros falam em suas lendas. Se for, ele não sairá daqui até morrermos.

Valéria o olhou de forma inexpressiva, seu ressentimento esquecido. Ela lutava contra uma maré de pânico. Já havia provado sua coragem temerária mil vezes em selvagens batalhas no mar e na terra, nas coberturas escorregadias de sangue de navios de guerra em chamas; nos ataques a cidades muradas, e nas pisadas praias arenosas, onde os homens furiosos da Irmandade Vermelha banhavam seus punhais com o sangue uns dos outros em suas lutas pela liderança. Ela não havia hesitado em sua longa fuga para o sul, desde o acampamento na fronteira de Darfar, sobre as pastagens ondulantes e pelas florestas hostis. Mas a perspectiva que a confrontava agora lhe congelava o sangue. Um golpe de sabre no calor da batalha não era nada; mas se sentar inútil e indefesa numa rocha nua, até morrer de fome, cercada por um sobrevivente monstruoso de outra era... o pensamento fazia o pânico lhe palpitar no cérebro.

— Ele deve sair para comer e beber. – ela disse desesperadamente.

— Ele não precisará ir muito longe para isso. – Conan observou – Ele acabou de se fartar de carne de cavalo e, como uma verdadeira serpente, pode passar um longo tempo sem comer nem beber. Mas parece que ele não dorme após comer, como uma verdadeira serpente. De qualquer modo, ele não pode escalar este penhasco.

Conan falava imperturbavelmente. Era um bárbaro, e a terrível paciência da selva e seus filhos fazia parte dele, assim como suas paixões e raivas. Conseguia suportar uma situação como esta, com uma frieza impossível para um homem civilizado.

— Não podemos entrar pelas árvores e fugir, balançando-nos como macacos pelos galhos? – ela perguntou desesperadamente.

Ele sacudiu a cabeça:

— Pensei nisso. Os galhos que tocam a parte de baixo do penhasco são muito fracos. Quebrariam com nosso peso. Além disso, acho que aquele demônio poderia derrubar qualquer árvore aqui perto pelas raízes.

— Bom, nós vamos ficar aqui, sentados sobre nossas nádegas, até morrer de fome? – ela gritou furiosamente, fazendo a caveira rolar ruidosamente pela plataforma com um chute – Não farei isso! Vou descer até lá, e cortar fora sua maldita cabeça...

Conan havia se sentado numa projeção rochosa ao pé do topo. Ele erguia o olhar com um brilho de admiração aos olhos ardentes dela e à sua figura tensa e trêmula, mas, percebendo que ela estava disposta a qualquer loucura, não deixou sua admiração transparecer na voz.

— Sente-se. — ele grunhiu, pegando-a pelo pulso e puxando-a até o joelho. Ela estava surpresa demais para resistir, quando ele lhe tomou a espada da mão e a empurrou de volta à bainha — Mantenha a calma e fique tranquila. Você só faria quebrar seu aço nas escamas dele. Ele lhe engoliria de uma só vez, ou lhe esmagaria como um ovo, com aquela cauda cheia de pontas. De alguma forma, sairemos deste aperto, mas não sendo mastigados e engolidos.

Ela nada respondeu, nem tentou repelir a braço dele da sua cintura. Estava assustada, e era uma sensação nova para Valéria da Irmandade Vermelha. Assim, ela continuou sentada nos joelhos de seu companheiro — ou captor —, com uma docilidade que espantaria o Conde Zarallo, que a amaldiçoara como uma demônia saída do serralho do Inferno.

Conan brincava despreocupadamente com as encaracoladas mechas loiras dela, absorto apenas em sua conquista. Nem o esqueleto aos seus pés, nem o monstro agachado lá embaixo lhe perturbava o pensamento, ou tirava o brilho do seu interesse.

Os olhos inquietos da jovem, perambulando pelas folhas abaixo, descobriram borrifos de cores em meio ao verde. Eram frutas — grandes globos vermelho-escuros, pendurados nos galhos de uma árvore, cujas folhas largas tinham um verde particularmente rico e vívido. Percebeu que estava com sede e fome, embora a sede não a tivesse atacado até perceber que não poderia descer do penhasco, para procurar comida e água.

— Não precisamos passar fome — ela disse — Há fruta ao nosso alcance.

Conan olhou para onde ela havia apontado.

— Se as comermos, não precisaremos nos preocupar com o dragão. — ele grunhiu — Aquilo é o que o povo negro de Kush chama de as Maças de Derketa. Derketa é a Rainha dos Mortos. Beba um pouco do suco, ou o derrame em sua pele, e você estará morta antes que possa rolar até os pés deste rochedo.

— Oh!

Ela caiu em aterrorizado silêncio. Parecia não haver meios de sair daquela situação perigosa. Não via como fugir, e Conan parecia interessado somente na cintura esbelta e cabelos encaracolados dela. Se ele tentava formular um plano de fuga, não demonstrava.

— Se tirar as mãos de mim o tempo suficiente para subir aquele pico — ela disse em seguida —, verá algo que irá lhe surpreender.

Ele lançou um olhar questionador sobre ela, e então obedeceu com um encolher dos ombros poderosos. Agarrando-se ao pináculo em forma de espiral, ele olhou além do teto da floresta.

Ficou um longo momento em silêncio, imóvel como uma estátua de bronze na rocha.

— É uma cidade murada, certo. – ele logo murmurou – Era para lá que você estava indo, quando quis me deixar ir sozinho até a costa?

— Eu a vi antes que você chegasse. Não sabia nada dela, quando abandonei Sukhmet.

— Quem teria pensado em encontrar uma cidade aqui? Não acredito que os stígios tenham chegado tão longe. Os negros conseguiriam construir uma cidade como essa? Não vejo rebanhos na planície, nem sinais de agricultura, nem pessoas se movendo ao redor.

— Como pode esperar ver tudo isso, desta distância? – ela indagou.

Ele encolheu os ombros e desceu de volta à plataforma.

— Bem, o povo da cidade não pode nos ajudar agora. E talvez não queiram, mesmo que possam. O povo das Terras Negras geralmente é hostil com estrangeiros. Provavelmente nos espetariam com lanças...

Ele parou de repente e ficou em silêncio, como se houvesse esquecido o que estava dizendo, e olhou seriamente para as esferas carmesins que brilhavam entre as folhas.

— Lanças! – ele murmurou – Que maldito imbecil eu sou, de não ter pensado nisso antes! Isso mostra o que uma linda mulher faz com a cabeça de um homem.

— Do que está falando? – ela indagou.

Sem responder sua pergunta, ele desceu até o cinturão de folhas e olhou através delas. O brutamontes se acorava lá embaixo, olhando o penhasco com a paciência assustadora dos répteis. Possivelmente era com aquele mesmo olhar que um daquela raça havia observado os antepassados trogloditas do homem, acuados num rochedo alto, no obscuro começo dos tempos. Conan o amaldiçoou friamente, e começou a cortar galhos, estendendo os braços e decepando os ramos até onde podia alcançar. A agitação das folhas sobressaltou o monstro. Ele se ergueu pelas patas traseiras e chicoteou as árvores rasteiras com sua cauda medonha, como se elas fossem palitos. Conan o observava cautelosamente com o canto do olho e, quando Valéria acreditou que o dragão estava prestes a se lançar novamente sobre o rochedo, o cimério recuou e subiu a saliência com os

galhos que cortara. Havia três deles – hastes finas, com pouco mais de dois metros, porém mais finas que seu polegar. Ele também havia cortado fios de videira resistente.

— Estes galhos são leves demais para serem hastes de lanças, e as trepadeiras não são mais grossas que cordões. – ele comentou, apontando para a folhagem ao redor do penhasco – Não aguentam nosso peso... mas há força na união. É o que costumavam dizer os renegados aquilonianos para nós, cimérios, quando adentravam as colinas para formar um exército a fim de invadirem seu próprio país. Mas nós sempre lutamos em clãs e tribos.

— Que diabos isso tem a ver com essas varas? – ela indagou.

— Espere e verá.

Juntando as hastes num feixe compacto, ele encaixou o cabo de seu punhal entre elas, numa das extremidades. Logo, com as trepadeiras, ele as amarrou umas às outras e, ao completar seu trabalho, nele tinha uma lança resistente, com um cabo de mais de 2,10m de comprimento.

— De que isso adiantará? – ela quis saber – Você disse que uma lâmina não conseguiria penetrar as escamas dele...

— Ele não tem escamas por todo o corpo. – Conan respondeu – Há mais de uma maneira de se esfolar uma pantera.

Descendo até a proximidade das folhas, ele esticou a lança para o alto e, cuidadosamente, enfiou a lâmina numa das Maças de Derketa, lançando-se para um lado, a fim de evitar as escuras gotas púrpuras que caíam da fruta perfurada. Dentro em pouco, ele retirou a lâmina e mostrou a ela o aço azul manchado de sombrio vermelho arroxeadado.

— Não sei se funcionará ou não. – ele disse – Há veneno suficiente nela para matar um elefante... Bom, veremos.

Valéria estava logo atrás dele, quando ele desceu por entre as folhas. Mantendo cautelosamente a ponta envenenada afastada de si, ele enfiou a cabeça entre os galhos e se dirigiu ao monstro:

— O que está esperando aí embaixo, seu filho mal-gerado de pais incertos? – foi uma de suas perguntas – Ponha sua cabeça feia para fora outra vez, seu brutamontes de pescoço longo... ou você quer que eu desça até aí e arranque essa sua espinha ilegítima com um chute?

Houve mais disso – algumas palavras numa eloquência que fez Valéria arregalar os olhos, apesar de sua educação profana entre os navegantes. E surtiu efeito no monstro. Assim como o latido incessante de um cão incomoda e aborrece animais de naturezas mais silenciosas, a voz

clamorosa de um homem desperta medo no coração de algumas bestas e fúria insana em outras. Subitamente e com uma rapidez assustadora, a fera mastodôntica se ergueu sobre as maciças pernas traseiras, e esticou o pescoço e corpo num esforço furioso para alcançar aquele pigmeu que vociferava, cujo clamor estava perturbando o silêncio primitivo de seus antigos domínios.

Mas Conan havia calculado a distância com precisão. A um metro e meio abaixo dele, a enorme cabeça se espatifava terrível, mas inutilmente, entre as folhas. E, quando a boca monstruosa se escancarou como a de uma enorme serpente, Conan enfiou sua lança no canto vermelho da articulação da mandíbula. Ele atacou com toda a força de ambos os braços, enfiando a longa lâmina do punhal, até o cabo, em carne, tendões e ossos.

Instantaneamente, as mandíbulas se fecharam de forma convulsiva, cortando a lança tripla e quase derrubando Conan de seu abrigo. Ele teria caído, se não fosse a jovem atrás dele, a qual lhe agarrou desesperadamente o cinto da espada. Ele se agarrou a uma projeção rochosa e a agradeceu com um sorriso largo.

Lá embaixo, o monstro se estremecia como um cão com pimenta nos olhos. Ele sacudia a cabeça de um lado a outro, passava a pata nela e escancarava repetidamente e ao máximo a boca. Dentro em pouco, ele pôs uma enorme pata dianteira no toco da lança, e conseguiu arrancar a lâmina. Então, ergueu bruscamente a cabeça, as mandíbulas bem abertas e esguichando sangue, e levantou o olhar para o penhasco, com fúria tão concentrada e inteligente que Valéria tremeu e puxou sua espada. As escamas, ao longo de suas costas e flancos, mudaram do marrom enferrujado para um sombrio vermelho sinistro. E o mais terrível: o monstro quebrou o silêncio. Os sons que saíram de suas mandíbulas escorrendo sangue não soaram como nada que pudesse ser emitido por uma criação terrena.

Com rugidos ásperos e rangentos, o dragão se lançou contra o penhasco, que era a fortaleza de seus inimigos. Várias vezes, sua cabeça enorme se esticava para cima, através dos galhos, chocando-se apenas contra o ar. Ele lançou todo o seu peso contra o rochedo, até este vibrar da base ao topo. E, se erguendo, ele o agarrou com as patas dianteiras, como um homem, e tentou arrancá-lo pela base, como se fosse uma árvore.

Esta exibição de fúria primordial gelou o sangue nas veias de Valéria, mas Conan estava próximo demais do primitivo para sentir outra coisa,

senão um intenso interesse. Para o bárbaro, não havia tal abismo entre ele próprio, outros homens e os animais, como existia na concepção de Valéria. O monstro sob eles, para Conan, era meramente uma forma de vida diferente dele principalmente na forma física. Ele atribuía ao animal características similares às dele mesmo, e viu em sua fúria uma duplicata da própria fúria; e, em seus urros e rugidos, meros equivalentes reptilianos às pragas que ele havia lançado sobre a criatura. Sentindo um parentesco com todas as coisas selvagens, até mesmo dragões, era impossível para ele experimentar o horror nauseado que atacava Valéria diante da visão da ferocidade do brutamontes.

Ele ficou sentado, olhando tranquilamente as várias mudanças que aconteciam na voz e ações da coisa.

— O veneno está surtindo efeito. – ele disse convictamente.

— Não acredito nisso. – Para Valéria parecia absurdo supor que qualquer coisa, por mais letal que fosse, pudesse ter qualquer efeito sobre aquela montanha de músculos e fúria.

— Há dor na voz dele. – declarou Conan – Primeiro, ele estava apenas furioso pelo ferimento em sua mandíbula. Agora ele sente a mordida do veneno. Veja! Está cambaleando. Ficará cego dentro de alguns minutos. Está vendo?

De fato, o dragão cambaleava, girava e desmoronava sobre os arbustos com um estrondo.

— Ele está fugindo? – Valéria perguntou ansiosa.

— Está se dirigindo ao charco! – Conan se ergueu de um pulo, pronto para agir – O veneno o deixa com sede. Vamos! Ele ficará cego em poucos momentos, mas pode farejar o caminho dele de volta ao pé do penhasco e, se nosso cheiro ainda estiver lá, ele ficará sentado até morrermos. E outros da espécie dele podem vir, atraídos por seus gritos. Vamos!

— Vamos descer? – Valéria estava horrorizada.

— Claro! Vamos para a cidade! Eles podem cortar nossas cabeças lá, mas é nossa única chance. Talvez tenhamos que correr entre mais mil dragões no caminho, mas ficar aqui é morte certa. Se esperarmos até ele morrer, podemos ter que lidar com mais uma dúzia. Siga-me, depressa!

Ele desceu a rampa tão rapidamente quanto um macaco, parando apenas para ajudar sua companheira menos ágil, a qual, até ver o cimério escalar, acreditava ser igual a qualquer homem no aparelhar de um navio, ou na escalada de um penhasco perpendicular.

Desceram para dentro da escuridão sob os galhos e deslizaram silenciosamente para o chão, embora Valéria achasse que o bater de seu coração pudesse certamente ser ouvido de longe. Um ruidoso gorgolejar e lamber, além do denso matagal, indicava que o dragão estava bebendo no charco.

— Assim que encher a barriga, ele voltará. – murmurou Conan – Pode levar horas para que o veneno o mate... se matá-lo.

Em algum lugar da floresta, o sol se punha no horizonte. A floresta era um crepúsculo nebuloso de sombras negras e vistas obscuras. Conan agarrou o pulso de Valéria e deslizou para longe do pé do penhasco. Ele fazia menos barulho que uma brisa soprando entre os troncos das árvores, mas Valéria tinha a impressão de que suas botas macias denunciavam sua fuga por toda a floresta.

— Não creio que ele possa seguir rastros. – murmurou Conan – Mas, se um vento soprar nosso cheiro até ele, ele pode nos farejar.

— Mitra queira que o vento não sopra! – Valéria cochichou.

O rosto dela era um pálido oval na escuridão. Ela agarrou a espada com a mão livre, mas o contato com o cabo revestido de couro cru só lhe inspirava a sensação de estar indefesa.

Ainda estavam a alguma distância do limite da floresta, quando ouviram um estalar e quebrar atrás deles. Valéria mordeu o lábio para não gritar.

— Ele está em nosso rastro! – ela sussurrou ferozmente.

Conan sacudiu a cabeça:

— Ele não nos farejou no rochedo; está girando às cegas pela floresta, para tentar nos farejar. Vamos! Nossa única esperança agora é a cidade! Ele pode derrubar qualquer árvore onde subirmos. Só espero que o vento não sopra...

Continuaram avançando furtivamente, até as árvores começarem a rarear adiante deles. Atrás, a floresta era um oceano impenetrável de sombras. O sinistro crepitar ainda soava atrás deles, enquanto o dragão girava em seu curso errático.

— Lá está a planície. – murmurou Valéria – Mais um pouco, e nós...

— Crom! – praguejou Conan.

— Mitra! – sussurrou Valéria.

Um vento começava a soprar do sul.

Soprava sobre eles, diretamente para dentro da floresta atrás. Instantaneamente, um horrível urro sacudiu a floresta. O cego estalar e

quebrar do matagal se transformou num contínuo despedaçar, enquanto o dragão chegava como um furacão diretamente ao ponto do qual o cheiro de seus inimigos foi soprado.

— Corra! – rosou Conan, com os olhos resplandecendo como os de um lobo numa armadilha – É tudo o que podemos fazer!

Botas de marinheiro não são feitas para correr, e a vida de um pirata não treina ninguém para corrida. Depois de uns noventa metros, Valéria estava ofegando e cambaleando; e, atrás deles, o despedaçar dava lugar a um trovejar ondulante, quando o monstro irrompeu do matagal e adentrou o terreno mais aberto.

O braço férreo, ao redor da cintura da mulher, meio a levantou; os pés dela mal tocavam o solo, e ela foi carregada com uma velocidade que jamais alcançaria. Se ele pudesse ficar longe do animal um pouco, talvez aquele vento traidor mudasse de direção – mas o vento prosseguia, e uma rápida olhada sobre o ombro mostrou a Conan que o monstro estava quase sobre eles, vindo como uma galé de guerra à frente de um furacão. Ele empurrou Valéria para longe, com tal força que a deixou cambaleando por mais de três metros, até cair contorcida ao pé da árvore mais próxima, e o cimério se voltou na direção do titã trovejante.

Convencido de que a própria morte estava sobre ele, Conan agiu de acordo com seu instinto, e se lançou com tudo em direção ao rosto medonho; ele saltou, talhando como um gato selvagem, e sentiu sua espada afundar nas escamas que cobriam o enorme focinho – e então, um terrível impacto o fez rolar por 15 metros, a toda velocidade e semi-inconsciente.

Como o cimério voltou a ficar de pé, nem mesmo ele sabia. Mas o único pensamento que lhe ocupava a mente era o da mulher caída, aturdida e indefesa, quase no caminho daquele demônio, e antes que o fôlego lhe voltasse à garganta, já estava ao lado dela, de espada na mão.

Ela ficou onde ele a havia lançado, mas se esforçava para sentar-se. Nem as presas dilacerantes, nem as patas esmagadoras a haviam tocado. Fora um ombro ou uma pata dianteira que havia derrubado Conan, e o monstro cego continuou avançando, esquecido das vítimas cujo cheiro ele seguira, na súbita agonia de seus estertores. Ele trovejou precipitadamente em seu curso, até sua cabeça baixa se espatifar numa árvore gigantesca em seu caminho. O impacto arrancou a árvore pela raiz e deve ter salpicado os miolos de seu crânio disforme. Árvore e monstro caíram juntos, e os

humanos pasmos viram os galhos e folhas serem sacudidos pelas convulsões da criatura à qual cobriam – e então, o silêncio.

Conan pôs Valéria de pé e correram juntos. Poucos momentos depois, eles saíam no crepúsculo quieto da planície sem árvores.

Conan parou por um momento e olhou para trás, em direção à faixa de ébano atrás deles. Nenhuma folha se agitava, e nenhum pássaro chilrava. Estava em silêncio, como devia estar antes que o Homem fosse criado.

— Vamos. – murmurou Conan, pegando a mão da companheira – Agora é arriscado. Se mais dragões saírem da floresta atrás de nós...

Ele não precisou terminar a frase.

A cidade parecia mais distante na planície, do que parecia no penhasco. O coração de Valéria martelava até ela ter a sensação de que ele iria sufocá-la. A cada passo, ela tinha a impressão de que ouviria o quebrar de arbustos e veria outro pesadelo colossal atacá-los. Mas nada perturbava o silêncio dos matagais.

Após a primeira milha entre eles e a floresta, Valéria respirou mais aliviada. Sua alegre auto-confiança começava a reaparecer. O sol havia se posto, e a escuridão caía sobre a planície, levemente iluminada pelas estrelas, as quais faziam os cactos parecerem fantasmas raquíticos.

— Nenhum gado, nenhum campo arado. – murmurou Conan – Como é que esse povo vive?

— Talvez o gado fique no curral à noite – sugeriu Valéria –, e os campos e pastos estejam do outro lado da cidade.

— Talvez. – ele grunhiu – Mas não vi nenhum, do alto do penhasco.

A lua apareceu atrás da cidade, enegrecendo-a com seu brilho amarelo. Valéria se arrepiou. Negra contra a lua, a estranha cidade tinha um aspecto sombrio e sinistro.

Talvez Conan tenha tido uma sensação semelhante, pois ele parou, olhou ao redor de si e grunhiu:

— Vamos parar aqui. É inútil chegar aos portões deles à noite. Provavelmente não nos deixariam entrar. Além disso, precisamos descansar, e não sabemos como eles vão nos receber. Algumas horas de sono vão nos deixar em forma, para lutar ou fugir.

Ele foi à frente, até um canteiro de cactos que crescia num círculo – um fenômeno comum no deserto meridional. Com sua espada, ele abriu um caminho e gesticulou para que Valéria entrasse.

— De qualquer forma, aqui estaremos livres de cobras.

Ela olhou temerosamente para trás, em direção à linha negra que indicava a floresta, a menos de dez quilômetros.

— E se um dragão sair da mata?

— Ficaremos de vigia. — ele respondeu, embora não sugerisse o que deveriam fazer numa situação dessas. Ele olhava fixamente para a cidade, a poucas milhas de distância. Nenhuma luz brilhava nos pináculos ou nas torres. Uma grande massa negra de mistério, ela se erguia enigmaticamente contra o céu iluminado pela lua.

— Deite e durma. Farei o primeiro turno de vigia.

Ela hesitou, olhando-o indecisa, mas ele se sentou de pernas cruzadas na pequena clareira, com o rosto voltado para a planície, a espada sobre os joelhos e as costas voltadas para ela. Sem mais comentários, ela se deitou dentro do círculo espinhoso.

— Acorde-me quando a lua estiver no zênite. — ela disse.

Ele não respondeu, nem olhou para ela. A última impressão dela, antes de cair no sono, foi a de sua figura musculosa, imóvel como uma estátua esculpida em bronze, delineada contra as estrelas.

## II

### *Pelo Brilho das Jóias de Fogo*

Valéria acordou com um sobressalto, ao perceber que uma aurora cinza deslizava sobre a planície.

Ela se sentou, esfregando os olhos. Conan se acorava próximo aos cactos, tirando-lhes os frutos grandes e arrancando habilmente os espinhos.

— Você não me acordou. — ela o acusou — Deixou-me dormir a noite inteira!

— Você estava cansada. — ele respondeu — Seu traseiro devia estar dolorido também, após aquela longa cavalgada. Vocês, piratas, não estão acostumados a cavalgar.

— E quanto a você? — ela replicou.

— Fui um *kozak* antes de ser pirata. — ele respondeu — Eles vivem a cavalo. Meu sono é leve, como o de uma pantera que segue a trilha de um cervo. Meus ouvidos se mantêm alerta enquanto meus olhos dormem.

E, de fato, o gigantesco bárbaro parecia tão revigorado quanto se tivesse dormido a noite inteira numa cama de ouro. Tendo retirado os espinhos, e tirado a casca dura, ele entregou à jovem um pedaço grande e suculento de cacto.

— Limpe os dentes neste fruto. É comida e bebida para um homem do deserto. Já fui um chefe dos zuagires: homens do deserto, que vivem do saque a caravanas.

— Há alguma coisa que você nunca foi? — indagou a garota, meio zombeteira e meio fascinada.

— Nunca fui rei de um reino hiboriano. — ele sorriu largamente, mastigando um enorme pedaço de cacto — Mas já sonhei até mesmo com isso. Talvez algum dia eu também seja. Por que não?

Ela sacudiu a cabeça em espanto à calma audácia dele, e se pôs a devorar seu cacto. Não lhe era desagradável ao paladar, e seu suco era refrescante e saciava a sede. Terminando sua refeição, Conan limpou as mãos na areia, penteou a espessa cabeleira negra com os dedos, ajustou o cinto da espada e disse:

— Bem, podemos ir. Se o povo daquela cidade pretende cortar nossas gargantas, que o façam agora, antes que o dia fique quente.

Seu humor sombrio era inconsciente, mas Valéria achava que poderia ser profético. Ela também ajustou o cinto da espada, enquanto se levantava. Seus terrores da noite haviam passado. Os dragões urrantes da distante floresta pareciam um sonho longínquo. Havia um ar arrogante em seu caminhar, enquanto ela se movia ao lado do cimério. Quaisquer que fossem os perigos adiante, seus inimigos seriam homens. E Valéria da Irmandade Vermelha nunca tinha visto o rosto de um homem ao qual temesse.

Conan desceu o olhar para ela, enquanto ela caminhava a passos largos ao lado dele, com um passo gigante que se igualava ao dele.

— Você anda mais como um montanhês do que como um marinheiro. — ele disse — Você deve ser aquiloniana. Os sóis de Darfar nunca bronzearam

sua pele branca. Muitas princesas teriam inveja de você.

— Sou da Aquilônia. — ela respondeu. Seus elogios não a irritavam mais. Sua evidente admiração a agradava. Pois outro homem que ficasse de vigia enquanto ela dormia, a teria enfurecido; ela sempre teve ressentimentos ferozes por qualquer homem que tentasse protegê-la por causa de seu sexo. Mas ela sentiu um prazer secreto no fato daquele homem ter feito isso. E ele não tirou vantagem do medo dela, nem da fraqueza resultante disso. Enfim, ela refletiu, seu companheiro não era um homem comum.

O sol se erguia atrás da cidade, pintando as torres de um vermelho sinistro.

— Negra na noite passada, contra a lua. — grunhiu Conan, seus olhos se nublando com a superstição abismal dos bárbaros — Vermelha como sangue contra o sol, nesta alvorada. Não gosto desta cidade.

Mas eles prosseguiram e, enquanto avançavam, Conan chamou a atenção para o fato de que nenhuma estrada corria do norte até a cidade.

— Nenhum gado andou pela planície deste lado da cidade. — ele disse — Nenhum arado toca na terra há anos; talvez séculos. Mas veja: esta planície já foi cultivada.

Valéria viu os antigos fossos de irrigação que ele indicou, cobertos de ervas daninhas e cactos. Ela franziu a testa, perplexa, enquanto seus olhos varriam a planície que se estendia por todos os lados da cidade, até o limite da floresta, a qual formava um enorme círculo obscuro. A visão não ia além daquele círculo.

Ela olhou inquieta para a cidade. Não reluziam elmos nem pontas de lanças nas ameias, não soavam trombetas, nenhuma sentinela pedia senha desde as torres. Um silêncio tão absoluto quanto o da floresta pairava sobre os muros e minaretes.

O sol estava alto no horizonte leste, quando eles pararam diante do grande portão no muro norte, na sombra da trincheira alta. A ferrugem pintava os suportes de ferro do enorme portal de bronze. Teias de aranha brilhavam espessas nas dobradiças, portadas e trancas.

— Está fechada há anos! — exclamou Valéria.

— Uma cidade morta. — grunhiu Conan — Por isso que os fossos estavam quebrados, e a planície intocada.

— Mas quem a construiu? Quem morou aqui? Para onde foram? Por que a abandonaram?

— Quem sabe? Talvez um clã exilado de stígios a tenha construído. Talvez não. A arquitetura não parece stígia. Talvez o povo tenha sido expulso por inimigos, ou exterminado por alguma praga.

— Nesse caso, seus tesouros podem ainda estar lá dentro, acumulando poeira e teias de aranha. – sugeriu Valéria, os instintos predatórios de sua profissão acordando nela e incitados, também, por curiosidade feminina – Conseguiremos abrir o portão? Vamos entrar e explorar um pouco.

Conan olhou incerto para o portão maciço, mas pôs seu poderoso ombro contra ele e empurrou com toda a força de suas panturrilhas e coxas. Com um guincho dissonante de dobradiças enferrujadas, o portão se moveu pesadamente para dentro, e Conan se endireitou e puxou a espada. Valéria olhou por cima do ombro dele, e lançou uma exclamação de surpresa.

Eles não olhavam para uma rua aberta ou um pátio interno, como era de se esperar. O portão aberto, ou porta, dava diretamente para dentro de um longo e largo salão, o qual se perdia de vista. Era de proporções grandiosas, e o chão era feito de uma estranha pedra vermelha, cortada em ladrilhos quadrados, que pareciam brilhar como se refletissem chamas. As paredes eram de um material verde e reluzente.

— É jade, ou eu sou um shemita! – praguejou Conan.

— Não em tamanha quantidade! – protestou Valéria.

— Já saqueei bastantes caravanas de Khitai para saber do que estou falando. – ele sustentou – É jade!

O teto abobadado era de lápis-lazúli, adornado por cachos de grandes pedras verdes, que brilhavam com um resplendor venenoso.

— Pedras de fogo verde. – resmungou Conan – É assim que o povo de Punt as chama. Dizem que elas são os olhos petrificados daquelas cobras, às quais os antigos chamam de Serpentes Douradas. Brilham como os olhos de um gato no escuro. À noite, este salão é iluminado por elas, mas deve ser uma iluminação infernalmente estranha. Vamos dar uma olhada. Talvez encontremos algum depósito escondido de jóias.

— Feche a porta. – aconselhou Valéria – Eu detestaria ter que correr de um dragão por este salão.

Conan abriu um sorriso largo e respondeu:

— Não creio que os dragões deixem a floresta.

Mas ele aquiesceu e fechou a tranca quebrada por dentro.

— Acho que ouvi alguma coisa estalar quando arrombei a porta. Esta tranca se quebrou há pouco tempo. Está quase toda corroída pela ferrugem.

Se o povo fugiu, por que aqui foi trancado por dentro?

— Eles, sem dúvida, saíram por outra porta. — sugeriu Valéria.

Ele se perguntava quantos séculos teriam se passado desde que a luz do dia havia penetrado naquele grande salão, através da porta aberta. De alguma forma, a luz do sol entrava no salão, e eles logo firam a fonte. Lá em cima, no teto abobadado, havia clarabóias em aberturas semelhantes a fendas – placas translúcidas de alguma substância cristalina. Nas manchas escuras de sombras entre elas, as jóias verdes brilhavam como os olhos de um gato zangado. Sob seus pés, o chão liso ardia com tons cambiantes e cores flamejantes. Era como pisar no chão do Inferno, com estrelas malignas piscando no alto.

Três galerias balaustradas corriam de ambos os lados, uma sobre a outra.

— Uma construção de quatro andares – grunhiu Conan –, e este salão se estende até o teto. É tão longo quanto uma rua. Pareço ver uma porta na outra extremidade.

Valéria encolheu os ombros brancos:

— Seus olhos são melhores que os meus, então, embora os piratas considerem os meus afiados.

Entraram ao acaso numa porta aberta, e atravessaram uma série de câmaras vazias, pavimentadas como o salão e com paredes com o mesmo verde-jade, ou de mármore ou marfim ou calcedônia, adornadas com frisos de bronze, ouro ou prata. Nos tetos, as gemas de fogo verde estavam incrustadas, e sua luz era tão fantasmagórica e ilusória quanto Conan havia previsto. Sob o brilho enfeitado, os intrusos se moviam como fantasmas.

Algumas das câmaras não tinham esta iluminação, e suas portadas se mostravam negras como a boca do Poço. Conan e Valéria as evitavam, mantendo-se sempre nas câmaras iluminadas.

Teias de aranha pendiam nos cantos, mas no chão não havia acumulação perceptível de poeira, ou nas mesas e assentos de mármore, jade ou cornalina que ocupavam as câmaras. Aqui e ali, havia carpetes de seda khitaiana, a qual é praticamente indestrutível. Em nenhum lugar eles encontraram janelas, ou portas se abrindo para ruas ou pátios. Cada porta se abria simplesmente para outra câmara ou salão.

— Por que nunca chegamos até uma rua? – murmurou Valéria – Este palácio, ou o que quer que seja, deve ser tão grande quanto o serralho do rei de Turan.

— Talvez não tenham morrido vítimas de praga. – disse Conan, meditando sobre o mistério da cidade vazia – Do contrário, acharíamos esqueletos. Talvez tenha ficado mal-assombrada, e todo mundo tenha ido embora. Talvez...

— Talvez, o inferno! – Valéria interrompeu rudemente – Nunca saberemos. Olhe para estes frisos. Eles retratam homens. A qual raça pertencem?

Conan os examinou e sacudiu a cabeça.

— Nunca vi pessoas exatamente iguais a estas. Mas há toques orientais nelas... Vendhya, talvez, ou Kosala.

— Você já foi rei em Kosala? – ela perguntou, disfarçando sua aguda curiosidade com escárnio.

— Não. Mas já fui um chefe-de-guerra dos *afghulis*, que vivem nos Montes Himelianos. Este povo parece com os kosalanos. Mas por que kosalanos construiriam uma cidade tão distante a oeste?

As figuras retratadas eram de homens e mulheres esguios, de pele cor-de-oliva, com feições exóticas e finamente esculpidas. Usavam robes tênues, e muitos ornamentos delicados e com jóias, e eram retratados quase sempre em atitudes festivas, de dança ou de amor.

— Orientais, sem dúvida – grunhiu Conan –, mas de onde, eu não sei. Devem ter vivido uma vida asquerosamente pacífica, pois do contrário, eles retratariam cenas de guerras e lutas. Vamos subir essa escada.

Era uma espiral de marfim, que serpenteava para o alto desde a câmara onde eles se encontravam. Subiram três lances e chegaram até uma enorme câmara no quarto andar, a qual parecia ser a mais alta da construção. Clarabóias no teto iluminavam a sala, na qual a luz das gemas de fogo piscava palidamente. Olhando pelas portas, eles viram, exceto por um lado, uma série de câmaras iluminadas semelhantes. Esta outra porta se abria para uma galeria balaustrada, a qual pendia sobre um salão bem menor do que aquele que haviam explorado há pouco no andar de baixo.

— Inferno! – Valéria se sentou enojada num banco de jade – O povo que abandonou esta cidade deve ter levado todos os seus tesouros consigo. Estou cansada de perambular ao acaso por estas salas vazias.

— Todas estas câmaras superiores parecem estar iluminadas. – disse Conan – Gostaria de podermos achar uma janela que desse vista para a cidade. Vamos dar uma olhada além daquela porta ali.

— Vá você. — recomendou Valéria — Vou ficar sentada e descansar meus pés.

Conan desapareceu pela porta oposta àquela que se abria para a galeria, e Valéria se curvou para trás, com as mãos entrelaçadas na nuca, e esticou as pernas calçadas para a frente. Essas salas e salões silenciosos, com seus brilhantes cachos verdes de ornamentos e ardentes chãos vermelhos, estavam começando a deprimi-la. Ela desejava que encontrassem um caminho para fora daquele labirinto, dentro do qual haviam perambulado, e sair numa rua. Ela se perguntava quais pés furtivos e sombrios haviam deslizado por aqueles assoalhos flamejantes em séculos passados, e quantos atos de crueldade e mistério aquelas gemas do teto haviam iluminado.

Foi um pequeno ruído que a tirou de suas reflexões. Ela já estava de pé, segurando a espada, antes de perceber o que a havia alertado. Conan não retornara, e ela sabia que não era ele a quem ouvira.

O ruído vinha de algum lugar atrás da porta que se abria para a galeria. Silenciosamente em suas suaves botas de couro, ela deslizou para dentro dela, moveu-se cautelosamente pela balaustrada e espiou para baixo entre os maciços balaústres.

*Um homem deslizava furtivamente ao longo do salão.*

A visão de um ser humano, nesta cidade supostamente abandonada, era um choque surpreendente. Agachando-se atrás dos balaústres de pedra, com todos os nervos formigando, Valéria fitava a figura furtiva.

O homem em nada lembrava as figuras retratadas nos frisos. Ele era de altura pouco mais que mediana e bem escuro, apesar de não ser negróide. Vestia apenas uma pequena tanga de seda, que só lhe cobria parcialmente os quadris musculosos, e um cinto de couro da largura de uma mão ao redor da cintura esguia. Seus longos cabelos negros pendiam em fios lisos e escorridos ao redor dos ombros, dando a ele uma aparência selvagem. Era magro, mas nós e feixes musculares se sobressaíam em seus braços e pernas, sem aquela camada de gordura que dá uma simetria agradável de contorno. Ele era constituído com uma economia quase repugnante.

Entretanto, mais que seu aspecto físico, era sua atitude que impressionava a mulher a observá-lo. Ele avançava furtivamente, curvado em atitude meio servil, sua cabeça virando de um lado para outro. Agarrava uma lâmina de ponta larga na mão direita, e ela viu a mesma tremer com a

intensidade da emoção que se apossava dele. Ele estava com medo, tremendo por causa de algum terror extremo. Quando ele virou a cabeça, ela percebeu o brilho de olhos selvagens entre as mechas escorridas dos cabelos negros.

Ele não a viu. Deslizou nas pontas dos pés pelo salão e desapareceu numa porta aberta. Um momento depois, ela ouviu um grito abafado e então o silêncio novamente.

Consumida pela curiosidade, Valéria deslizou ao longo da balaustrada até chegar a uma porta acima daquela pela qual o homem havia passado. Ela se abria para outra galeria, que dava a volta em torno de uma câmara ampla.

Esta câmara estava no terceiro andar, e seu teto não era tão alto quanto o salão. Era iluminada somente pelas pedras de fogo, e seu sobrenatural brilho verde deixava nas sombras os espaços sob as balaustradas.

Os olhos de Valéria se arregalaram. O homem que ela vira estava imóvel na câmara.

Ele estava de braços sobre um tapete vermelho-escuro no meio da sala. Seu corpo estava flácido e seus braços bem abertos. Sua espada curva jazia ao seu lado.

Ela se perguntou por que ele estava tão imóvel. Então, seus olhos se estreitaram ao encarar o tapete no qual ele estava deitado. Sob ele e acima dele, o tecido apresentava uma cor ligeiramente diferente – um vermelho mais intenso e brilhante.

Tremendo levemente, ela se escondeu atrás da balaustrada, com a intenção de examinar as sombras sob a galeria. Elas não revelavam segredo algum.

Súbito, outra figura adentrou aquele drama sombrio. Era um homem semelhante ao primeiro, e entrou por uma porta oposta à que dava no salão.

Os olhos dele resplandeceram ao verem o homem no chão, e ele falou algo que soou como “Chicmec!”. O outro não se mexeu.

O homem caminhou rapidamente pelo chão, curvou-se, agarrou o ombro do homem caído e o virou para cima. Um grito abafado lhe escapou quando a cabeça do outro pendeu mole para trás, mostrando uma garganta que tinha sido cortada de orelha a orelha.

O homem deixou o cadáver cair para trás sobre o tapete ensanguentado, e se ergueu de um pulo, tremendo como uma folha soprada pelo vento. Seu rosto era uma máscara lívida de medo. Mas, quando estava

com um dos joelhos dobrado para fugir, ele parou subitamente, e ficou tão imóvel quanto uma imagem, mirando a câmara com olhos dilatados.

Nas sombras sob a balaustrada, uma luz fantasmagórica começou a brilhar e crescer; uma luz que não fazia parte do brilho das jóias de fogo verde. Valéria sentiu os cabelos se arrepiarem ao vê-la; pois, obscuramente visível no brilho palpitante, pairava uma caveira humana, e era desta caveira – humana, mas assustadoramente disforme – que a luz espectral parecia ser irradiada. Ela pairava ali como uma cabeça sem corpo, invocada na noite e nas sombras, ficando cada vez mais distinta – humana, e ao mesmo tempo não-humana, como ela entendia a humanidade.

O homem ficou imóvel, uma encarnação de horror paralisado, olhando fixamente para a aparição. A coisa se afastou da parede, e uma sombra grotesca se moveu com ela. Lentamente, a sombra ficou visível como uma figura humana, cujo tronco e membros nus brilhavam brancamente com a cor de ossos alvejados. A caveira lisa sobre seus ombros sorria cegamente, em meio à sua auréola profana, e o homem à frente desta parecia incapaz de tirar seus olhos dela. Permanecia imóvel, sua espada pendendo dos dedos sem energia, e em seu rosto a expressão de um homem preso pela habilidade de um hipnotizador.

Valéria percebeu que não era somente o medo que o paralisava. Alguma qualidade infernal daquele brilho palpitante lhe havia roubado o poder de pensar e agir. Ela mesma, em segurança acima do cenário, sentiu o súbito impacto de uma emanção sem nome que era um perigo à sanidade.

O horror avançou em direção à sua vítima e esta finalmente se moveu, mas apenas para deixar sua espada cair e se ajoelhar, cobrindo os olhos com as mãos. Silenciosamente, ele aguardou o golpe da lâmina que agora brilhava na mão da aparição, enquanto esta se erguia acima dele como a Morte triunfando sobre a humanidade.

Valéria agiu de acordo com o primeiro impulso de sua natureza indócil. Movendo-se como um tigre, ela saltou a balaustrada e aterrissou no chão atrás da figura terrível. Esta girou ao ouvir o baque surdo das botas macias no chão, mas enquanto ela virava, a lâmina afiada foi brandida e uma feroz exultação tomou conta de Valéria, quando ela sentiu o gume de sua lâmina cortar carne sólida e ossos mortais.

A aparição gritou gorgolejando e caiu, com ombro, externo e coluna cortados, e ao cair, a caveira flamejante rolou, revelando uma massa de cabelos lisos e escorridos, e um rosto escuro, retorcido pelas convulsões de

morte. Sob a horrível máscara, havia um ser humano, similar ao que estava ajoelhado indolentemente no chão.

Este último ergueu o olhar ao ouvir o som do golpe e do grito, e agora ele fitava, com pasmo nos olhos selvagens, a mulher de pele branca que se erguia acima do cadáver, com uma espada gotejante na mão.

Ele se ergueu cambaleante, gaguejando alto, como se aquela visão lhe houvesse quase desmontado a sanidade. Ela ficou surpresa ao perceber que o entendia. Ele estava tagarelando na língua Stígia, embora num dialeto que não lhe era familiar.

— Quem é você? De onde veio? O que faz em Xuchotl? – Então, continuando apressadamente, sem esperar pela resposta dela: – Mas você é uma amiga... deusa ou demônio, não faz diferença! Você matou a Caveira Flamejante! Era apenas um homem que havia sob ela, afinal! Nós achávamos que fosse um demônio que *eles* haviam conjurado das catacumbas! Ouça!

Ele parou de repente com seus desvarios e se enrijeceu, aguçando os ouvidos com intensidade dolorosa. A garota nada ouviu.

— Temos que nos apressar! – ele sussurrou – *Eles* estão a oeste do Grande Salão! Podem estar nos cercando! *Eles* podem estar, agora mesmo, prestes a nos atacar!

Ele agarrou o pulso dela, num aperto convulsivo, do qual ela achou difícil se livrar.

— O que quer dizer com “eles”? – ela indagou.

Ele a encarou sem entender por um instante, como se achasse difícil entender a ignorância dela.

— Eles? – ele gaguejou imprecisamente – Ora... o povo de Xotalanc! O clã do homem que você matou. Aqueles que moram próximos à porta leste.

— Está querendo dizer que esta cidade é habitada? – ela exclamou.

— Sim! Sim! – Ele se retorcia na impaciência da apreensão – Vamos embora! Vamos logo! Devemos voltar a Tecuhltli!

— Onde fica isso? – ela indagou.

— O bairro da porta ocidental! – Ele tomou novamente o pulso dela e a estava novamente puxando em direção à porta pela qual entrara. Grandes gotas de suor lhe pingavam da testa escura, e seus olhos ardiam de terror.

— Espere um minuto! – ela rosnou, soltando-se da mão dele – Tire suas mãos de mim, ou eu parto seu crânio. Que história é essa? Quem é você? Para onde quer me levar?

Ele se controlou firmemente, olhando para todos os lados, e começou a explicar tão rapidamente que suas palavras tropeçavam umas nas outras.

— Meu nome é Techotl. Sou de Tecuhltli. Eu e este homem, que jaz com a garganta cortada, viemos até os Salões do Silêncio, tentar emboscar alguns dos xotalancas. Mas fomos separados, e eu retornei aqui para encontrá-lo com a goela cortada. A Caveira Flamejante fez isso, eu sei; e teria me matado se você não acabasse com ela. Mas talvez não estivesse só. Outros podem estar saindo furtivamente de Xotalanc! Os próprios deuses se assustam com o destino daqueles a quem eles levam vivos!

Ao pensar nisso, ele estremeceu e seu rosto escuro empalideceu. Ela sentiu inteligência por trás desse discurso sem nexos, mas continuava sem entender.

Ela se voltou para a caveira, a qual ainda pulsava no chão, e tentou tocá-la com a ponta da bota, quando o homem que se chamava Techotl saltou para a frente com um grito:

— Não toque nela! Nem sequer a olhe! Loucura e morte se escondem nela. Os feiticeiros de Xotalanc entendem o segredo dela... eles a acharam nas catacumbas, onde jazem os ossos dos terríveis reis que governaram Xuchotl nos séculos obscuros do passado. Olhar para ela congela o sangue e retorce o cérebro de um homem que não entende seus mistérios. Tocá-la causa loucura e morte.

Incerta, ela franziu a testa para ele. Ele não era uma figura tranquilizante, com sua estrutura magra, cheia de feixes musculares e cachos em forma de cobras. Em seus olhos, por trás do brilho de terror, escondia-se uma luz estranha que ela nunca tinha visto nos olhos de um homem totalmente são. Mas ele parecia sincero em seus protestos.

— Venha! – ele implorou, tentando alcançar a mão dela, mas recuando ao se lembrar de seu aviso – Você é estrangeira. Como chegou aqui, eu não sei, mas, se você fosse uma deusa ou um demônio, vinda para ajudar Tecuhltli, saberia todas as coisas que me perguntou. Você deve ter vindo de além da grande floresta, de onde nossos ancestrais vieram. Mas é nossa amiga, ou não teria matado nosso inimigo. Venha logo, antes que os xotalancas nos encontrem e matem!

Afastando o olhar do rosto repelente e inflamado dele, ela olhou para a caveira sinistra, a qual ardia e queimava no chão próximo ao homem morto. Era como um crânio visto num sonho, inegavelmente humano, mas com distorções e mal-formações perturbadoras no contorno. Em vida, o dono

daquele crânio devia ter um aspecto estranho e monstruoso. Vida? Ela parecia possuir algum tipo de vida própria. Suas mandíbulas se escancararam para ela e se fecharam. Seu brilho ficou maior e mais vivo, mas a impressão de pesadelo também aumentou; era um sonho; toda a vida parecia um sonho – foi a voz urgente de Techotl que repentinamente tirou Valéria dos golfos obscuros para os quais ela estava se deixando arrastar.

— Não olhe para a caveira! Não olhe para a caveira! – Era um grito vindo de vácuos incalculáveis.

Valéria se sacudiu como um leão que balança a juba. Sua visão clareou. Techotl tagarelava:

— Em vida, ela abrigou o cérebro medonho de um rei de magos! Ela ainda contém a vida e magia, extraídas de espaços externos!

Com uma praga, Valéria saltou tão agilmente quanto uma pantera, e a caveira se partiu em pedaços flamejantes sob o giro de sua espada. Em algum lugar da sala, ou do vazio, ou nos espaços obscuros de sua consciência, uma voz inumana gritou de dor e fúria.

A mão de Techotl puxava o braço dela, e ele tagarelava:

— Você a quebrou! Você a destruiu! Nem todas as artes negras de Xotalanc podem reconstruí-la! Vamos! Vamos depressa, agora!

— Mas não posso ir. – ela protestou – Um amigo meu está em algum lugar por...

O brilho dos olhos dele a fez se calar, quando ele a fitou atrás dela, com uma expressão cada vez mais medonha. Ela girou no exato momento em que três homens entraram correndo por portas diferentes, convergindo até o par no centro da câmara.

Pareciam com os outros que ela já vira: os mesmos músculos nodosos se salientando em membros magros, o mesmo escorrido cabelo preto-azulado e o mesmo brilho de loucura nos olhos. Estavam armados e vestidos como Techotl, mas, no peito de cada um, estava pintada uma caveira branca.

Não houve desafios nem gritos de guerra. Como tigres loucos por sangue, os homens de Xotalanc pularam em direção às gargantas de seus inimigos. Techotl os enfrentou com a fúria do desespero, esquivou-se do golpe vigoroso de uma lâmina de ponta larga, engalfinhou-se com quem a brandiu e o levou ao chão, onde rolaram e se atracaram num silêncio assassino.

Os outros três convergiram até Valéria, com os olhos estranhos avermelhados como os de cães loucos.

Ela matou o primeiro que lhe chegou ao alcance, antes que ele pudesse dar um golpe, sua longa lâmina partindo o crânio dele, no exato momento em que ele erguia a própria espada para golpear. Ela deu uma estocada, ao mesmo tempo em que detinha um giro. Seus olhos dançavam e seus lábios sorriam sem piedade. Mais uma vez, ela era Valéria da Irmandade Vermelha, e o zunir do aço era como uma canção nupcial em seus ouvidos.

Sua espada dobrou uma lâmina que tentava deter a estocada, e sua ponta afundou 15 centímetros num diafragma coberto de couro. O homem arfou agonizante e caiu de joelhos, mas seu companheiro alto investiu em silêncio feroz, despejando golpe após golpe tão furiosamente que Valéria não teve oportunidade de rebater. Ela recuou friamente, detendo os golpes e aguardando a chance de dar sua estocada. Ele não conseguiria manter aquele turbilhão de golpes por muito tempo. Seu braço ia se cansar, seu fôlego falharia; ele ia enfraquecer, hesitar, e então a lâmina dela deslizaria facilmente para dentro do coração dele. Um olhar de esguelha mostrou a ela Techotl pondo o joelho sobre o peito de seu antagonista, e tentando soltar o próprio pulso para apunhalá-lo.

O suor molhava a testa do homem que a enfrentava, e seus olhos pareciam tições em brasa. Apesar de golpear, ele não conseguia lhe abrir a guarda, nem atingi-la. Sua respiração ficou ofegante, seus golpes começaram a ficar erráticos. Ela recuou para dar o golpe... e sentiu as coxas presas num aperto férreo. Havia esquecido o homem ferido sobre o chão.

Ajoelhado e curvado, ele a agarrava com ambos os braços firmados ao redor das pernas dela, e seu companheiro grasnou de triunfo e começou a atacar novamente, avançando pelo lado esquerdo dela. Valéria puxava e tentava se livrar selvagememente, mas em vão. Ela poderia se livrar da ameaça agarrada a ela, com um golpe descendente da espada, mas, se o fizesse, a lâmina curva do guerreiro alto lhe partiria o crânio. O homem ferido começou a lhe morder a coxa nua, como uma besta selvagem.

Ela esticou a mão esquerda para baixo e lhe agarrou os cabelos longos, forçando-lhe a cabeça para trás, de modo que seus dentes brancos e olhos agitados brilharam em direção a ela. O xotalanca alto gritou ferozmente e investiu, golpeando com toda a fúria de seu braço. Ela deteve o ataque desajeitadamente, e o lado de sua própria espada lhe bateu na cabeça, de modo que ela viu fagulhas brilharem diante dos olhos, e cambaleou. A

espada se ergueu novamente, com um grito rouco e bestial de triunfo... e então, uma forma gigante avultou atrás do xotalanca e o aço brilhou como um relâmpago azul. O grito do guerreiro parou e ele caiu como um boi no matadouro, seus miolos escorrendo de seu crânio que havia sido partido até o pescoço.

— Conan! – ofegou Valéria. Num assomo de fúria, ela se voltou para o xotalanca cujo cabelo longo ela ainda agarrava na mão esquerda – Cão do inferno! – Sua lâmina zuniu ao cortar o ar, num arco com uma mancha no meio, e o corpo sem cabeça despencou, jorrando sangue. Ela lançou a cabeça decepada para o outro lado da sala.

— O que diabos está acontecendo aqui? – Conan pisoteou o corpo do homem ao qual matara, com a espada larga na mão e olhando perplexo ao redor de si.

Techotl estava se erguendo da figura contorcida do último xotalanca, sacudindo pingos vermelhos de sua adaga. Ele sangrava de uma profunda facada na coxa. Encarou Conan de olhos arregalados.

— O que significa isto? – ele indagou novamente, ainda não-recuperado da surpresa espantosa de encontrar Valéria envolvida numa batalha selvagem com aquelas figuras fantásticas, numa cidade à qual julgou vazia e inabitada. Retornando de uma exploração sem rumo pelas câmaras mais altas, para não encontrar Valéria na sala onde a havia deixado, ele seguira os sons de luta que lhe explodiam nos ouvidos assombrados.

— Cinco cães mortos! – exclamou Techotl, com seus olhos flamejantes refletindo uma exultação medonha – Cinco matanças! Cinco pregos vermelhos para o pilar negro! Sejamos gratos aos deuses!

Ele ergueu as mãos trêmulas para o alto, e então, com uma expressão demoníaca, cuspiu nos cadáveres e pisou em seus rostos, dançando em sua alegria vampiresca. Seus novos aliados o olhavam atônitos, e Conan perguntou, na língua Aquiloniana:

— Quem é este louco?

Valéria encolheu os ombros:

— Ele diz que seu nome é Techotl. Pela sua tagarelice, consegui entender que seu povo vive numa das extremidades desta cidade louca. Talvez seja melhor irmos com ele. Parece amigável, e é fácil perceber que o outro clã não é.

Techotl havia parado de dançar e estava escutando novamente, sua cabeça inclinada para o lado como a de um cão, o triunfo lutando contra o

medo em sua fisionomia repelente.

— Vamos embora agora! – ele sussurrou – Já fizemos o bastante! Cinco cães mortos! Meu povo lhes dará boas-vindas! Eles lhes honrarão! Mas vamos! Tecuhltli está longe. A qualquer momento, os xotalancas podem avançar contra nós, em número grande demais até mesmo para suas espadas.

— Vá à frente. – grunhiu Conan.

Instantaneamente, Techotl subiu uma escada que guiava até a galeria, fazendo sinal para que o seguissem; e eles o fizeram, movendo-se rapidamente para se manterem próximos a ele. Tendo alcançado a galeria, ele mergulhou numa porta que se abria para oeste, e andou rapidamente de câmara a câmara, cada uma delas iluminada por clarabóias de jóias de fogo verde.

— Que tipo de lugar é este? – Valéria murmurou baixinho.

— Só Crom sabe! – respondeu Conan – Mas já vi a raça dele antes. Vivem nas margens do Lago Zuad, perto da fronteira de Kush. São uma espécie de stígios mestiços, misturados com outra raça que perambulou para dentro da Stygia, vinda do leste há alguns séculos, e foi absorvida por eles. São chamados de tlazitlanos. Mas sou capaz de apostar que não foram eles que construíram esta cidade.

O medo de Techotl não parecia diminuir, mesmo quando já haviam saído da câmara onde jaziam os mortos. Ele continuou virando a cabeça sobre o ombro, para ver se ouvia sons de perseguição, e arregalava os olhos com intensidade ardente para cada portada que atravessavam.

Valéria estremeceu apesar de si mesma. Ela não temia homem algum. Mas o chão estranho sob seus pés; as jóias misteriosas acima de sua cabeça, dividindo as sombras ocultas entre elas, e a furtividade e terror de seu guia, imprimiam nela uma apreensão sem nome, uma sensação de perigo inumano à espreita.

— Eles devem estar entre nós e Tecuhltli! – ele sussurrou – Devemos ter cuidado para que não estejam à nossa espera!

— Por que não saímos deste palácio infernal, e andamos nas ruas? – indagou Valéria.

— Não há ruas em Xuchotl. – ele respondeu – Nem praças, nem pátios. Toda a cidade foi construída como um palácio gigante sob um único e enorme teto. O que mais se parece com uma rua é o Grande Salão, que atravessa a cidade do portão norte ao portão sul. As únicas portas que se

abrem para o mundo externo são os portões da cidade, pelos quais nenhum homem vivo passa há 50 anos.

— Há quanto tempo você mora aqui? – Conan perguntou.

— Nasci no castelo de Tecuhltli, há 35 anos. Nunca pus o pé para fora da cidade. Mas, pelo amor dos deuses, vamos caminhar em silêncio! Estes salões podem estar cheios de demônios à espreita. Olmec lhes contará tudo quando alcançarmos Tecuhltli.

Assim, eles deslizaram silenciosamente, com as pedras de fogo verde piscando no alto e os pisos flamejantes ardendo sob seus pés, e Valéria tinha a impressão de fugirem através do Inferno, guiados por um duende de cabelos escorridos e rosto escuro.

Mas foi Conan quem os parou, enquanto atravessavam uma câmara incomumente larga. Seus ouvidos, criados na selva, eram ainda mais aguçados que os de Techotl, apesar deste ter passado a vida inteira aguçando-os em guerras por esses corredores silenciosos.

— Você acha que alguns dos seus inimigos podem estar à nossa frente, preparando uma armadilha?

— Eles rondam por estas salas a qualquer hora – respondeu Techotl –, assim como nós. Os salões e câmaras entre Tecuhltli e Xotalanc são uma região disputada e sem dono. Nós a chamamos de os Salões do Silêncio. Por que pergunta?

— Porque há homens nas câmaras à nossa frente. – respondeu Conan – Ouvi aço tilintar contra pedra.

Novamente um tremor tomou conta de Techotl, e ele apertou os dentes para não batê-los.

— Talvez sejam seus amigos. – sugeriu Valéria.

— Não podemos arriscar. – ele ofegou e se moveu freneticamente. Virou para o lado e deslizou através de uma porta à esquerda, a qual guiava para dentro de uma câmara, na qual uma escada de marfim serpenteava para baixo, escuridão adentro.

— Esta escada leva para um corredor sem iluminação, debaixo de nós! – ele sibilou, com grandes gotas de suor lhe saindo da testa – Eles podem estar à espreita lá também. Pode ser tudo um truque para nos levar para dentro dela. Mas vamos esperar que tenham armado a cilada nas salas de cima. Vamos logo!

Suavemente como fantasmas, eles desceram pela escada e chegaram à entrada de um corredor negro como a noite. Esconderam-se ali por um

momento, escutando, e então seguiram adiante. Enquanto isso, a pele de Valéria se arrepiou entre os ombros, numa expectativa momentânea de uma estocada de espada na escuridão. Exceto pelos dedos férreos de Conan lhe segurando o braço, ela não tinha qualquer reconhecimento físico de seus companheiros. Nem faziam mais barulho que um gato. A escuridão era absoluta. Uma das mãos estiradas tocava uma porta, e ocasionalmente ela sentia uma porta nos dedos. O saguão parecia interminável.

Súbito, foram alertados por um som atrás deles. A pele de Valéria se arrepiou novamente, pois ela o reconheceu como o suave abrir de uma porta. Homens haviam entrado no corredor atrás deles. Enquanto pensava nisso, ela se esbarrou sobre algo que sentiu ser uma caveira humana. Esta rolou pelo chão com um barulho apavorante.

— Corra! – ganiu Techotl, com um tom de histeria na voz, lançando-se no corredor como um fantasma em fuga.

Novamente, Valéria sentiu a mão de Conan a pegando e arrastando, enquanto corriam atrás de seu guia. Conan não enxergava no escuro melhor que ela, mas possuía uma espécie de instinto que não lhe permitia errar. Sem seu suporte e guia, ela teria caído ou se esbarrado contra a parede. Dispararam pelo corredor, enquanto o suave bater de pés ficava cada vez mais próximo; e subitamente Techotl arfou:

— Aqui está a escada! Sigam-me, rápido! Oh, rápido!

A mão dele saiu da escuridão e agarrou o pulso de Valéria, quando esta tropeçou nos degraus. Ela se sentia meio arrastada e meio erguida escada acima, quando Conan a soltou e se voltou para os degraus, com seus ouvidos e instintos lhe dizendo que seus inimigos estavam bem próximos deles. *E os sons não eram de pés humanos.*

Algo serpenteava degraus acima; algo que deslizava, sussurrava e gelava o ar. Conan golpeou para baixo com sua grande espada, e sentiu a lâmina cortar algo que parecia ser carne e ossos, e cortar inclusive o degrau subjacente. Algo tocou seu pé, o qual gelou como se tocado por gelo, e logo a escuridão sob ele foi perturbada por um assustador baque e chicotear, e um homem gritou em agonia.

No momento seguinte, Conan subia correndo a escada em espiral e atravessava uma porta que estava aberta no alto dela.

Valéria e Techotl já a haviam atravessado, e Techotl bateu a porta e passou uma tranca através dela – a primeira que Conan vira desde que eles haviam deixado o portão externo.

Então, ele deu a volta e correu pela câmara bem-iluminada à qual haviam chegado e, ao atravessarem a porta seguinte, Conan olhou para trás e viu a porta vergar e tremer, sob uma enorme pressão aplicada do outro lado.

Embora Techotl não houvesse diminuído sua velocidade, nem seu cuidado, ele agora parecia mais confiante. Tinha o ar de ter chegado a um território familiar e com amigos.

Mas Conan lhe renovou o terror ao perguntar:

— O que era aquela coisa, contra a qual lutei nas escadas?

— Os homens de Xotalanc. – respondeu Techotl, sem olhar para trás – Eu lhe disse que os salões estavam cheios deles.

— Aquilo não era um homem. – grunhiu Conan – Era algo que rastejava, e que era frio como gelo ao toque. Acho que eu o cortei ao meio. Caiu sobre os homens que nos seguiam, e deve ter matado um deles em seus estertores.

A cabeça de Techotl se mexeu bruscamente para trás, seu rosto novamente pálido. Ele apressou convulsivamente o passo.

— Era o Rastejador! Um monstro que *eles* tiraram das catacumbas para ajudá-los! O que ele é, não sabemos, mas encontramos nosso povo horrendamente assassinado por ele. Em nome de Set, depressa! Se *eles* o colocarem na nossa trilha, ele nos seguirá até as próprias portas de Tecuhltli!

— Duvido. – grunhiu Conan – Eu o cortei em cheio na escada.

— Rápido! Rápido! – gemeu Techotl.

Correram através de uma série de câmaras com iluminação, atravessaram um salão amplo e pararam diante de uma gigantesca porta de bronze.

Techotl disse:

— Aqui é Tecuhltli!

### III

## *O Povo da Rixa*

Techotl bateu na porta de bronze com sua mão fechada, e então virou para o lado, a fim de poder olhar para trás, ao longo do salão.

— Homens já foram mortos diante desta porta, quando pensavam estar a salvo. — ele disse.

— Por que eles não abrem a porta? — perguntou Conan.

— Eles estão nos olhando através do Olho. — respondeu Techotl — Estão desorientados com a presença de vocês. — Ele ergueu a voz e gritou: — Abra a porta, Excelan! Sou eu, Techotl, com amigos do grande mundo além da floresta! Eles abrirão. — ele assegurou aos aliados.

— É melhor que façam isso depressa, então. — disse Conan sombriamente — Ouço algo rastejando pelo chão além do salão.

Techotl empalideceu novamente e atacou a porta com os punhos:

— Abram, seus idiotas, abram! O Rastejador está atrás de nós!

Enquanto ele batia e gritava, a grande porta de bronze girou silenciosamente para trás, mostrando uma pesada corrente que impedia a entrada, e sobre a qual pontas de lanças se eriçavam e rostos ferozes os observavam atenta e concentradamente por um instante. Logo a corrente foi solta, e Techotl agarrou os braços dos amigos, num frenesi nervoso, e os arrastou pela soleira. Um olhar para trás, no momento em que a porta se fechava, mostrou a Conan o longo e obscuro corredor do salão e, obscuramente destacada do outro lado, uma figura ofídica que se contorcia lenta e dolorosamente, fluindo seu corpo de cores embotadas desde a porta da câmara, sua medonha cabeça ensanguentada balançando como a de um bêbado. Então, a porta que se fechava impediu a visão.

Dentro da câmara quadrada na qual entraram, trancas pesadas foram atravessadas na porta, e a corrente trancada no lugar. A porta era feita para resistir a um cerco. Havia quatro homens de guarda, da mesma raça de cabelos lisos e pele escura de Techotl, com lanças nas mãos e espadas nos

quadris. Na parede próxima à porta, havia um complicado mecanismo de espelhos, o qual Conan presumiu que fosse o Olho mencionado por Techotl, arrumado de tal modo que permitia olhar para fora, através de um pequeno painel de cristal, sem ser visto. Os quatro guardas arregalaram pasmos os olhos para os forasteiros, mas não fizeram perguntas, nem Techotl concedeu qualquer informação.

— Venham! – ele urgiu aos seus novos amigos, mas Conan olhava em direção à porta.

— E quanto àqueles sujeitos que nos seguiam? Não vão tentar arrombar a porta?

Techotl sacudiu a cabeça:

— Eles sabem que não podem derrubar a Porta da Águia. Fugirão de volta a Xotalanc, com o demônio rastejante deles. Venham! Vou lhes levar aos governantes de Tecuhltli.

Um dos quatro guardas abriu a porta oposta à qual eles haviam entrado, e atravessaram um saguão que, como a maioria das salas daquele andar, estava iluminado tanto pelas clarabóias quanto pelos cachos das tremeluzentes gemas de fogo. Mas, diferente das outras salas que haviam atravessado, este salão mostrava sinais de ocupação. Tapeçarias de veludo adornavam as lustrosas paredes de jade, havia ricos carpetes felpudos no piso vermelho; e os assentos, bancos e divãs de marfim eram alastrados por travesseiros de cetim.

O salão terminava numa porta ornamentada, diante da qual não havia guardas. Sem cerimônia, Techotl abriu a porta com um empurrão e conduziu seus amigos para dentro de uma larga câmara, onde uns 30 homens e mulheres de pele escura, reclinados em leitos cobertos de cetim, ergueram-se abruptamente, com expressões de surpresa.

Todos os homens, à exceção de um, eram do mesmo tipo de Techotl, e as mulheres eram igualmente escuras e de olhos estranhos, embora, de alguma forma estranha e obscura, não fossem feias. Usavam sandálias, placas peitorais de ouro e saias sumárias de seda, sustentadas por cintos incrustados de jóias; e suas cabeleiras negras, aparadas em corte reto à altura dos ombros nus, eram presas com aros de prata.

Num largo assento de marfim, sobre um estrado de jade, sentavam-se um homem e uma mulher que se diferenciavam sutilmente dos demais. Ele era um gigante, com peito largo e ombros taurinos. Ao contrário dos outros, ele tinha barba – uma barba espessa e preto-azulada, que quase lhe chegava

à cintura larga. Usava uma túnica de seda púrpura, a qual refletia brilhos diferentes de cor a cada movimento; e uma manga larga, arregaçada até o cotovelo, mostrava um braço maciço e musculoso. A faixa que lhe prendia os cabelos preto-azulados era incrustada por jóias brilhantes.

A mulher ao lado dele se ergueu de um pulo, com uma exclamação sobressaltada, quando os forasteiros entraram; e seus olhos, passando por Conan, se fixaram com intensidade ardente em Valéria. Era alta e flexível, de longe a mulher mais bonita da sala. Estava vestida de forma ainda mais sucinta que as outras; pois, ao invés de saia, ela usava uma larga faixa de pano púrpura trabalhado a ouro, amarrada no meio do cinto e lhe chegando abaixo dos joelhos. Outra faixa, atrás do seu cinto, completava essa parte da roupa, a qual ela usava com uma cínica indiferença. Suas placas peitorais e o aro ao redor das têmporas eram adornados por jóias. Em seus olhos, ao contrário de todos daquele povo de pele escura, não se ocultava nenhum brilho meditativo de loucura. Não disse uma só palavra após sua primeira exclamação; ficou tensamente de pé, os punhos fechados, encarando Valéria.

O homem no assento de marfim não se levantou.

— Príncipe Olmec. – disse Techotl, curvando-se para baixo, com os braços estirados e as palmas das mãos voltadas para o alto – Trago aliados do mundo além da floresta. Na Sala de Tezcoti, a Caveira Flamejante matou Chicmec, meu companheiro...

— A Caveira Flamejante! – Foi um estremecido murmúrio de medo do povo de Tecuhltli.

— Sim! Depois eu vim e encontrei Chicmec caído, com a garganta cortada. Antes que eu pudesse fugir, a Caveira Flamejante me atacou e, quando eu a olhei, meu sangue virou gelo e o tutano se dissolveu em meus ossos. Não consegui lutar nem fugir; somente aguardar o golpe. Então, veio esta mulher de pele branca e o matou com sua espada. E vejam! Era apenas um cão de Xotalanc, com pintura branca na pele e a caveira viva de um feiticeiro antigo sobre a cabeça! Agora aquela caveira jaz decepada, e o cão que a usava está morto!

Uma exultação indescritivelmente feroz emoldurou a última frase, e foi ecoada pelas roucas e selvagens exclamações dos ouvintes aglomerados.

— Mas esperem! – exclamou Techotl – Tem mais! Enquanto eu conversava com a mulher, quatro xotalancas nos atacaram! Matei um... aqui está a facada em minha coxa, para provar como a luta foi desesperada. A

mulher matou dois. Mas estávamos duramente acuados, quando este homem entrou no conflito e partiu o crânio do quarto! Sim! Cinco pregos vermelhos serão fincados no pilar da vingança!

Ele apontou para uma negra coluna de ébano, que ficava atrás do estrado. Centenas de pontos vermelhos marcavam sua superfície polida – as brilhantes cabeças escarlates de pesados pregos de cobre, enfiados na madeira negra.

— Cinco pregos vermelhos para cinco vidas xotalancas! – exultou Techotl, e a terrível alegria nos rostos dos ouvintes os tornava inumanos.

— Quem são essas pessoas? – perguntou Olmec, e sua voz era como o ribombar rouco e profundo de um touro distante. Ninguém do povo de Xuchotl falava alto. Era como se tivessem absorvido, em suas almas, o silêncio dos salões vazios e câmaras abandonadas.

— Sou Conan, um cimério. – respondeu brevemente o bárbaro – Esta mulher é Valéria da Irmandade Vermelha, uma pirata aquiloniana. Somos desertores de um exército da fronteira de Darfar, bem longe ao norte, e estamos tentando alcançar a costa.

A mulher no estrado falou alto, suas palavras tropeçando umas nas outras, devido à pressa:

— Nunca conseguirão chegar à costa! Não há como escapar de Xuchotl! Vocês passarão o resto de suas vidas nesta cidade!

— O que quer dizer? – rosnou Conan, agarrando o cabo da espada e girando de modo a olhar tanto o estrado quanto o resto da sala – Está dizendo que somos prisioneiros?

— Ela não quis dizer isso. – interpôs-se Olmec – Somos seus amigos. Não vamos lhes conter aqui contra a vontade de vocês. Mas receio que outras circunstâncias impossibilitarão que vocês deixem Xuchotl.

Seus olhos miraram Valéria rapidamente, e ele logo os desviou.

— Esta mulher é Tascela. – ele disse – Ela é uma princesa de Tecuhltli. Mas tragam comida e bebida aos nossos hóspedes. Sem dúvida, eles estão cansados e famintos de suas longas viagens.

Ele apontou para uma mesa de marfim e, após uma troca de olhares, os aventureiros se sentaram. O cimério estava desconfiado. Seus ferozes olhos azuis examinavam a câmara e ele mantinha a espada próxima à mão. Mas ele nunca recusava um convite para comer e beber. Seus olhos continuaram perambulando por Tascela, mas ela só tinha olhos para a companheira branca dele.

Techotl, que havia amarrado uma faixa de seda na coxa ferida, colocou-se à mesa para atender aos pedidos dos amigos, parecendo considerar um privilégio e honra servi-los. Examinava a comida e bebida que os outros traziam em vasos e pratos de ouro, e experimentava cada uma delas antes de colocá-las diante dos hóspedes. Enquanto eles comiam, Olmec se sentava em silêncio no seu assento de marfim, observando-os sob as espessas sobranceiras negras. Tascela se sentou ao lado dele, com o queixo apoiado nas mãos e os cotovelos descansando nos joelhos. Seus olhos escuros e enigmáticos ardiam com uma luz misteriosa e nunca se afastavam da forma flexível de Valéria. Atrás de seu assento, uma jovem bonita abanava lentamente um leque de plumas de avestruz.

A comida consistia em fruta de um tipo exótico e nada familiar aos aventureiros, mas era saborosa; e a bebida era um leve vinho vermelho, que carregava um sabor pungente e inebriante.

— Vocês vieram de longe. – disse finalmente Olmec – Já li os livros de nossos antepassados. A Aquilônia fica além das terras dos stígios e shemitas, além de Argos e Zingara; e a Ciméria fica além da Aquilônia.

— Nós costumamos vagar muito. – disse Conan despreocupadamente.

— Como vocês conseguiram atravessar a floresta, é um mistério para mim. – disse Olmec – Em tempos passados, mil guerreiros mal conseguiram abrir caminho através de seus perigos.

— Encontramos um monstro de pernas curtas e quase do tamanho de um mastodonte. – disse Conan despreocupadamente, erguendo o copo de vinho ao qual Techotl enchia com prazer evidente – Mas quando o matamos, não tivemos mais problemas.

O vaso de vinho escorregou da mão de Techotl, para se despedaçar no chão. Sua pele escura ficou pálida. Olmec se ergueu sobressaltado, uma imagem de total pasmo, e um ofêgo baixo de pasmo ou terror foi lançado pelos outros. Alguns caíram de joelhos, como se suas pernas não os aguentassem. Somente Tascela parecia não ter ouvido aquilo. Conan olhou surpreso ao redor:

— O que houve? Por que estão todos boquiabertos?

— Você... você matou o deus-dragão?

— Deus? Eu matei um dragão. Por que não? Ele queria nos devorar.

— Mas os dragões são imortais! – exclamou Olmec – Eles matam uns aos outros, mas nenhum homem nunca matou um dragão! Os mil guerreiros de nossos ancestrais, que abriram caminho até Xuchotl, não conseguiram

triunfar sobre eles! Suas espadas se quebravam como gravetos em suas escamas!

— Se seus ancestrais tivessem tido a idéia de mergulhar suas lanças no suco venenoso das Maças de Derketa – disse Conan, de boca cheia –, e as enfiasse nos olhos, boca ou em algum lugar semelhante, teriam visto que os dragões não são mais imortais do que uma pessoa ou um boi. A carcaça jaz no limiar das árvores, um pouco dentro da floresta. Se não acreditam em mim, saiam e vejam vocês mesmos.

Olmec sacudiu a cabeça, não por descrença, mas por espanto.

— Foi por causa dos dragões que nossos ancestrais se refugiaram em Xuchotl. – ele disse – Eles não ousavam atravessar a planície, nem mergulhar na floresta além. Vintenas deles foram pegos e devorados pelos monstros, antes que conseguissem alcançar a cidade.

— Então seus ancestrais não construíram Xuchotl? – perguntou Valéria.

— Já era antiga, quando eles chegaram aqui. Há quanto tempo ela existia, nem mesmo seus degenerados habitantes sabiam.

— Seu povo veio do Lago Zuad? – perguntou Conan.

— Sim. Há mais de meio século, uma tribo dos tlazitlanos se rebelou contra o rei stígio e, sendo derrotada em batalha, fugiu para o sul. Por várias semanas, perambularam por pradarias, desertos e colinas, e finalmente adentraram a grande floresta; mil guerreiros, com suas mulheres e crianças.

“Foi na floresta que os dragões os atacaram e despedaçaram muitos; então o povo fugiu aterrorizado deles, e finalmente alcançaram a planície e viram a cidade de Xuchotl no meio dela.

“Acamparam diante da cidade, não ousando deixar a planície, pois a noite ficou horrenda com o barulho dos monstros lutando através da floresta. Guerreavam incessantemente uns contra os outros. Mas não ousavam ir à planície.

“O povo da cidade fechou seus portões e atirou flechas para nossa gente desde as muralhas. Os tlazitlanos estavam aprisionados na planície, como se o círculo da floresta fosse uma grande muralha; pois aventurar-se na selva seria loucura.

“Naquela noite, chegou secretamente ao acampamento deles um escravo da cidade, um do mesmo sangue deles, que, com um bando de soldados exploradores, havia se aventurado floresta adentro muito tempo antes, quando jovem. Os dragões haviam devorado todos os seus companheiros,

mas ele fora levado para dentro da cidade como escravo. Seu nome era Tolkemec”.

Uma luz iluminou os olhos escuros à menção daquele nome, e algumas das pessoas murmuraram obscenamente e cuspiram.

— Ele prometeu abrir os portões aos guerreiros. Ele só pediu que todos os prisioneiros fossem entregues às suas mãos.

“Ao amanhecer, ele abriu os portões. Os guerreiros entraram aos montes, e os salões de Xuchotl ficaram vermelhos. Somente poucas centenas de pessoas moravam aqui – restos decadentes de uma raça outrora poderosa. Tolkemec disse que eles vieram do leste, muito tempo antes, da antiga Kosala, quando os ancestrais daqueles que agora moram em Kosala vieram do sul e expulsaram os habitantes originais daquela terra. Perambularam bem longe para oeste, e finalmente chegaram a esta planície cingida pela floresta, então habitada por uma tribo de povos negros.

“Escravizaram esta tribo e a colocaram para construir uma cidade. Das colinas do leste, trouxeram jade, mármore, lápis-lazúli, ouro, prata e cobre. Manadas de elefantes os abasteceram com marfim. Quando a cidade deles havia ficado completa, mataram todos os escravos negros. E seus feiticeiros fizeram uma terrível magia para guardar a cidade; pois, com suas artes necromantes, eles recriaram os dragões que outrora viviam nesta terra perdida, e cujos ossos monstruosos eles acharam na floresta. Aqueles ossos foram revestidos com carne e vida, e as bestas vivas caminharam pela terra como haviam feito quando o tempo era jovem. Mas os magos teceram um feitiço que os manteve na floresta, e eles não chegavam à planície.

“Assim, por muitos séculos, o povo de Xuchotl morou na cidade deles, cultivando a planície fértil, até seus sábios aprenderem como cultivar os frutos dentro da cidade – fruto que não é plantado no solo, mas obtém seu sustento do ar –, e então deixaram as valas de irrigação secarem, e viveram cada vez mais em indolência luxuriosa, até a decadência se apoderar deles. Eram uma raça moribunda, quando nossos antepassados atravessaram a floresta e chegaram à planície. Seus feitiços haviam morrido, e o povo havia esquecido sua antiga necromancia. Não podiam lutar nem através da feitiçaria, nem da espada.

“Bem, nossos ancestrais mataram o povo de Xuchotl; todos, exceto uma centena que foi entregue viva a Tolkemec, que fora escravo deles. E, por muitos dias e noites, os salões ecoaram com seus gritos de agonia e tortura.

“Assim, os tlazitlanos fixaram residência aqui; em paz por um tempo, governados pelos irmãos Tecuhltli e Xotalanc, e por Tolkemec. Tolkemec se casou com uma jovem da tribo e, uma vez que tinha aberto os portões e conhecia muitas das artes dos xuchotlanos, ele dividiu o governo da tribo com os dois irmãos que haviam liderado a rebelião e fuga.

“Durante alguns anos, viveram em paz dentro da cidade, fazendo pouco além de comer, beber, fazer amor e criar filhos. Não havia necessidade de cultivar a planície, pois Tolkemec os ensinara como cultivar as frutas que se alimentavam de ar. Além disso, a matança dos xuchotlanos quebrou o feitiço que mantinha os dragões na floresta, e eles vieram todas as noites urrar ao redor dos portões da cidade. A planície ficou vermelha com o sangue de sua guerra eterna, e foi então que...”.

Ele parou no meio da frase, e em seguida continuou, mas Valéria e Conan perceberam que ele interrompeu um comentário que achou imprudente.

— Por cinco anos, viveram em paz. Então... — os olhos de Olmec descansaram brevemente na mulher silenciosa ao seu lado — Xotalanc se casou com uma mulher, uma mulher a quem tanto Tecuhltli quanto o velho Tolkemec desejavam. Em sua loucura, Tecuhltli a roubou do marido. E ela foi de bastante livre vontade. Tolkemec, para provocar Xotalanc, ajudou Tecuhltli. Xotalanc exigiu que ela lhe fosse devolvida, e o conselho da tribo decidiu que o assunto deveria ser resolvido pela mulher. Ela escolheu continuar com Tecuhltli. Furioso, Xotalanc procurou tomá-la de volta à força, e os partidários dos irmãos lutaram no Grande Salão.

“Houve muito rancor. Sangue foi derramado em ambos os lados. A briga se tornou um feudo, e o feudo uma guerra aberta. Do tumulto, emergiram três facções: Tecuhltli, Xotalanc e Tolkemec. Já nos tempos de paz, eles haviam dividido a cidade entre eles. Tecuhltli foi morar no bairro oeste da cidade, Xotalanc no leste e Tolkemec, com sua família, no portão sul.

“Raiva, ressentimento e ciúmes floresceram em derramamento de sangue, estupro e assassinato. Uma vez desembainhada a espada, não havia mais como recuar; pois sangue pedia sangue, e a vingança seguia rapidamente os calcanhares da atrocidade. Tecuhltli lutava contra Xotalanc, e Tolkemec ajudava primeiro um e depois o outro, traindo cada facção de acordo com seus propósitos. Tecuhltli e seu povo retirou-se para o bairro do portão oeste, onde ele fica agora. Xuchotl é construída em forma oval. Tecuhltli, que tem seu nome por causa do príncipe, ocupa a extremidade

oeste do oval. O povo bloqueou todas as portas que conectavam o bairro com o resto da cidade, exceto uma em cada andar, a qual poderia ser facilmente defendida. Adentraram os fossos sob a cidade e construíram um muro, isolando a extremidade oeste das catacumbas, onde jazem os corpos dos antigos xuchotlanos e dos tlazitlanos mortos na rixa. Moraram como num castelo sitiado, fazendo ataques armados e pilhagens contra seus inimigos.

“O povo de Xotalanc também fortaleceu o portão leste da cidade, e Tolkemec fez o mesmo com o bairro do portão sul. A parte central da cidade ficou deserta e inabitada. Esses salões e câmaras vazios se tornaram um campo de batalha, e uma região onde paira o terror.

“Tolkemec lutava contra ambos os clãs. Ele era um demônio em forma humana, pior que Xotalanc. Conhecia muitos segredos da cidade, os quais nunca contou aos outros. Das criptas das catacumbas, arrancava dos mortos seus segredos pavorosos – segredos de reis e feiticeiros antigos, há muito esquecidos pelos xuchotlanos degenerados que nossos ancestrais mataram. Mas toda a sua magia não o ajudou na noite em que Tecuhltli atacou-lhe o castelo e massacrou toda a sua gente. Torturamos Tolkemec durante vários dias”.

Sua voz afundou num ódio adocicado, e um olhar distante lhe cresceu nos olhos, como se voltasse no tempo para uma cena que o causava intenso prazer.

— Sim, nós o mantivemos vivo, até ele gritar pela morte como se ela fosse uma noiva. Por fim, o tiramos vivo da câmara de tortura e o jogamos numa masmorra, para que os ratos o roessem enquanto morria. De alguma forma, ele conseguiu fugir daquela masmorra e se arrastou para dentro das catacumbas. Sem dúvida, ele morreu lá, pois o único meio de sair das catacumbas sob Tecuhltli é através de Tecuhltli, e ele nunca saiu por aquele caminho. Seus ossos nunca foram encontrados, e as superstições entre nosso povo juram que seu fantasma assombra as criptas até hoje, uivando entre os ossos dos mortos. Há 12 anos, massacramos o povo de Tolkemec, mas a rixa rugiu entre Tecuhltli e Xotalanc, como rugirá até que o último homem e a última mulher morram.

“Foi há 50 anos que Tecuhltli roubou a mulher de Xotalanc. A rixa já dura meio século. Nasci naquela época. Todos nesta câmara nasceram nela, exceto Tascela. Esperamos morrer nela.

“Somos uma raça moribunda, assim como eram aqueles xuchotlanos que nossos ancestrais mataram. Quando a rixa começou, havia centenas em cada facção. Agora, nós de Tecuhltli somos apenas estes que vocês vêm à sua frente, e os homens que guardam as quatro portas: 40, ao todo. Quantos xotalancas existem, não sabemos, mas duvido que sejam muito mais numerosos que nós. Há 15 anos, não nasce uma criança entre nós e não vemos nenhuma entre os xotalancas.

“Estamos morrendo, mas, antes de morrermos, mataremos o máximo possível de homens de Xotalanc que os deuses nos permitirem”.

E, com seus olhos estranhos ardendo, Olmec falou longamente daquela horrenda rixa, lutada silenciosamente nas câmaras silenciosas e salões obscuros, sob o brilho das jóias de fogo verde, sobre pisos ardendo com as chamas do inferno e salpicados com um vermelho mais intenso derramado de veias cortadas. Durante aquela longa carnificina, uma geração inteira pereceu. Xotalanc morrera, há muito tempo, assassinado numa batalha sombria sobre uma escada de mármore. Tecuhltli estava morto, esfolado vivo pelos enlouquecidos xotalancas que o haviam capturado.

Sem emoção, Olmec falou de horrendas batalhas, lutadas em corredores negros, e de emboscadas em escadarias espiraladas. Com um brilho mais vermelho e abismal em seus profundos olhos escuros, ele falava de homens e mulheres esfolados vivos, mutilados e desmembrados; de prisioneiros uivando sob torturas tão horríveis, que até mesmo o bárbaro cimério grunhiu. Não era de se admirar que Techotl houvesse tremido por medo de ser capturado! Mas ele continuava matando, instigado por um ódio que era mais forte que seu medo. Olmec falou, em seguida, sobre assuntos obscuros e misteriosos, de magia negra e feitiçaria conjuradas da noite negra das catacumbas, e de criaturas bizarras invocadas da escuridão para serem horríveis aliadas. Nestas coisas, os xotalancas levavam vantagem, pois ela ficava nas catacumbas a leste, onde jaziam os ossos dos maiores feiticeiros dos antigos xuchotlanos, com seus segredos imemoriais.

Valéria ouvia com fascinação mórbida. A rixa havia se tornado uma terrível força elementar, dirigindo o povo de Xuchotl inexoravelmente à ruína e extinção. Ela preenchia a vida de todos eles. Nasceram nela e esperavam morrer nela. Nunca haviam abandonado seu castelo entrincheirado, exceto para se esgueirarem nos Salões do Silêncio que ficavam entre as fortalezas opostas, para matar e serem mortos. Às vezes, os incursores retornavam com prisioneiros aterrorizados, ou com testemunhos

sombrios da vitória na luta. Às vezes, não retornavam, ou só retornavam como membros decepcionados, lançados no chão diante das portas trancadas de bronze. Esse povo vivia uma existência de pesadelo medonho e irreal, isolado do resto do mundo, capturados como ratos raivosos na mesma armadilha, chacinando uns aos outros ao longo dos anos, se agachando e rastejando pelos corredores sem sol para mutilar, torturar e assassinar.

Enquanto Olmec falava, Valéria sentia os olhos ardentes de Tascela fixos nela. A princesa parecia não ouvir o que Olmec dizia. A expressão dela, enquanto ele narrava vitórias ou derrotas, não espelhava a fúria selvagem ou a exultação demoníaca que se alternava nos rostos dos outros tecuhltlis. A rixa, que era uma obsessão para os homens de seu clã, parecia sem significado para ela. Valéria achou sua frieza indiferente mais repugnante que a ferocidade evidente de Olmec.

— E nunca podemos deixar a cidade. — disse Olmec — Há cinquenta anos, ninguém sai, exceto... — Mais uma vez, ele se interrompeu.

“Mesmo que não houvesse o perigo dos dragões”, ele continuou, “nós, que nascemos e fomos criados na cidade, não ousaríamos deixá-la. Nunca pusemos o pé para fora das muralhas. Não estamos acostumados ao céu aberto e o sol nu. Não; nós nascemos em Xuchotl, e em Xuchotl morreremos”.

— Bem — disse Conan —; com sua licença, vamos nos arriscar com os dragões. Essa rixa não é da nossa conta. Se nos mostrar o portão oeste, seguiremos nosso caminho.

As mãos de Tascela se fecharam, mas Olmec a interrompeu:

— Já é quase noite. Se vocês se aventurarem pela planície à noite, certamente serão pegos pelos dragões.

— Nós a atravessamos na noite passada, e dormimos ao ar livre sem vermos nenhum deles. — respondeu Conan.

Tascela sorriu sem alegria:

— Vocês não ousariam deixar Xuchotl!

Conan a fitou com inimizade instintiva; ela não olhava para ele, mas para a mulher ao seu lado.

— Acho que ousariam. — declarou Olmec — Mas vejam, Conan e Valéria: os deuses devem ter lhes trazido até nós, para colocarem a vitória no colo dos tecuhltlis! Vocês são lutadores profissionais... por que não lutam por nós? Temos riquezas em abundância... pedras preciosas são tão comuns em Xuchotl quanto pedras de calçamento nas cidades do mundo.

Algumas delas, o xuchotlanos trouxeram de Kosala. Outras, como as pedras de fogo, eles encontraram nas montanhas do leste. Ajudem-nos a exterminar os xotalancas, e lhes daremos todas as jóias que puderem levar.

— E vocês nos ajudarão a destruir os dragões? – perguntou Valéria – Com arcos e flechas envenenadas, 30 homens podem matar todos os dragões da floresta.

— Sim! – Olmec respondeu imediatamente – Esquecemos como usar arcos, durante anos de luta corpo-a-corpo, mas podemos reaprender.

— O que acha? – Valéria perguntou para Conan.

— Somos vagabundos sem dinheiro. – ele riu – Eu mataria xotalancas como a qualquer outro.

— Então, você concorda? – exclamou Olmec, enquanto Techotl sorria satisfeito.

— Sim. E agora presumo que nos mostrarão os quartos onde podemos dormir, para que amanhã estejamos descansados para começarmos a matança.

Olmec concordou e fez um gesto com a mão, e Techotl e uma mulher guiaram os aventureiros para um corredor que se abria à esquerda do estrado de mármore. Um olhar para trás mostrou a Valéria Olmec sentado em seu trono, o queixo sobre o punho musculoso e olhando para eles. Seus olhos ardiam com uma chama estranha. Tascela se curvou em seu assento, sussurrando para a criada de rosto taciturno, Yasala, que se inclinava para ouvir o que a princesa dizia.

O vestibulo não era tão largo quanto a maioria dos que eles haviam atravessado, mas era longo. Logo a mulher parou, abriu uma porta e ficou de lado para que Valéria entrasse.

— Espere um minuto. – rosnou Conan – Onde vou dormir?

Techotl apontou um quarto no mesmo vestibulo, mas a uma boa distância. Conan hesitou, e parecia disposto a fazer uma objeção, mas Valéria lhe sorriu vingativamente e fechou a porta na cara dele. Ele murmurou algo nada elogioso sobre mulheres em geral, e acompanhou Techotl pelo corredor.

No quarto ornamentado que lhe fora reservado para dormir, ele ergueu o olhar para as clarabóias estreitas. Algumas delas eram largas o bastante para permitirem passar o corpo de um homem magro, desde que o vidro fosse quebrado.

— Por que os xotalancas não sobem até os tetos e quebram estas clarabóias? – ele perguntou.

— São inquebráveis. – respondeu Techotl – Além disso, os tetos são difíceis de serem escalados. A maioria deles são espirais, cúpulas e cumeeiras íngremes.

Ele ofereceu voluntariamente mais informações sobre o “castelo” de Tecuhtli. Como o restante da cidade, ele possuía quatro pavimentos, ou prateleiras de câmaras, com torres se erguendo do teto. Cada andar tinha um nome – de fato, o povo de Xuchotl tinha um nome para cada câmara, salão e escada na cidade, assim como o povo de cidades mais normais designam ruas e bairros. Em Tecuhtli, os pavimentos eram chamados: o Andar da Águia, do Macaco, do Tigre e da Serpente, nesta ordem. O da Águia era o quarto andar, o mais alto.

— Quem é Tascela? – perguntou Conan – A esposa de Olmec?

Techotl estremeceu e olhou ao redor, antes de responder:

— Não. Ela é... Tascela! Era a esposa de Xotalanc... a mulher a quem Tecuhtli raptou, dando início à rixa.

— Do que está falando? – exigiu Conan – Aquela mulher é jovem e bonita. Está tentando me dizer que ela era a esposa dele há cinquenta anos?

— Sim! Eu juro! Ela era uma mulher adulta, quando os tlazitlanos partiram do Lago Zuad. Xotalanc e seu irmão se rebelaram e fugiram para o ermo, porque o Rei da Stygia a queria como concubina.

— O que é isso? – Conan perguntou.

Techotl estremeceu novamente:

— Não me pergunte! Não ousou falar. É horrível demais, mesmo para Xuchotl!

E, com o dedo nos lábios, ele deslizou para fora do quarto.

## IV

### *Perfume de Lótus Negro*

Valéria soltou o cinto da espada e o colocou, com a arma embainhada, no leito onde pretendia dormir. Ela percebeu que as portas tinham trancas, e perguntou para onde levavam.

— Elas levam para câmaras adjacentes. — respondeu a mulher, apontando as portas à direita e esquerda — Aquela — e apontou para uma porta revestida de cobre, que dava para o corredor — leva para um corredor, o qual segue até uma escada que desce para as catacumbas. Não tema; nada pode lhe fazer mal aqui.

— Quem falou em temer? — respondeu bruscamente Valéria — Só gosto de saber em que tipo de porto estou ancorando. Não, não quero que durma aos pés de minha cama. Não estou acostumada a ser servida... não por mulheres, pelo menos. Tem minha permissão para sair.

Sozinha no quarto, a pirata trancou todas as portas, tirou as botas e se esticou voluptuosamente na cama. Ela imaginou Conan em situação semelhante, do outro lado do corredor, mas sua vaidade feminina a fez imaginá-lo irritado e humilhado em seu leito solitário, e ela sorriu com alegre malícia enquanto se preparava para dormir.

Lá fora havia anoitecido. Nos salões de Xuchotl, as pedras de fogo verde ardiam como os olhos de gatos pré-históricos. Em algum lugar entre as torres escuras, um vento noturno gemia como um espírito inquieto. Através das passagens obscuras, figuras furtivas começavam a deslizar, como sombras desencarnadas.

Valéria acordou subitamente em sua cama. No escuro brilho esmeralda das gemas de fogo, ela viu uma figura sombreada se debruçando sobre ela. Por um instante confuso, a aparição parecia fazer parte do sonho que ela estava tendo. Tivera a impressão de estar deitada na cama como realmente estava, enquanto, sobre ela, pulsava e latejava uma gigantesca flor negra, tão enorme que escondia o teto. Seu perfume exótico invadia seu ser, induzindo a uma languidez deliciosa e sensual, semelhante ao sono. Ela estava afundando em vagalhões perfumados de alegria insensível, quando algo lhe tocou o rosto. Seus sentidos drogados estavam tão sensíveis, que aquele leve toque foi como um impacto deslocador, acordando-a completamente. Então, o que ela viu não foi uma flor gigantesca, mas uma mulher de pele escura diante de si.

Com a compreensão, veio a fúria e a ação instantânea. A mulher girou graciosamente, mas antes que pudesse correr, Valéria estava de pé e lhe agarrou o braço. Ela lutou como um gato selvagem por um instante, e então ficou quieta quando se sentiu esmagada pela força superior de sua captora. A pirata forçou a mulher a se virar para encará-la, agarrou-lhe o queixo com a mão livre e forçou sua cativa a lhe olhar nos olhos. Era a sombria Yasala, criada de Tascela.

— O que diabos estava fazendo curvada sobre mim? O que é isso em sua mão?

A mulher não respondeu, mas tentou lançar o objeto para longe. Valéria lhe torceu o braço, e a coisa caiu no chão: uma grande e negra flor exótica, num talo verde-jade, tão grande quanto a cabeça de uma mulher, mas pequena se comparada à visão exagerada que tivera.

— O lótus negro! – disse Valéria entre dentes – A flor, cujo perfume causa sono profundo. Você estava tentando me drogar! Se não tivesse tocado meu rosto, sem querer, com as pétalas... por que fez isso? Qual a sua intenção?

Yasala se manteve em silêncio mal-humorado e, com uma praga, Valéria a fez rodopiar, forçou-a a se ajoelhar e lhe torceu o braço até as costas.

— Conte-me, ou eu desloco o seu braço!

Yasala se contorcia de angústia, e seu braço foi forçado dolorosamente para cima, entre suas espáduas; mas um sacudir violento de sua cabeça era sua única resposta.

— Vadia! – Valéria a lançou no chão. A pirata olhou, com olhos ardentes, para a figura caída. O medo e a lembrança dos olhos ardentes de Tascela se agitaram nela, despertando-lhe todos os instintos tigrinos de auto-preservação. Este povo era decadente; qualquer tipo de perversidade era de se esperar deles. Mas Valéria sentia que, neste caso, havia alguma coisa por trás, algum terror secreto e mais repugnante que a degeneração comum. O medo e a repulsa por aquela cidade estranha caíram sobre ela. Essa gente não era sã nem normal; ela começou a duvidar que fossem sequer humanos. A loucura ardia às ocultas nos olhos de todos eles – exceto nos olhos cruéis e misteriosos de Tascela, os quais guardavam segredos e enigmas mais abismais que a loucura.

Ela ergueu a cabeça e aguçou os ouvidos. Os salões de Xuchotl eram tão silenciosos quanto se ela fosse, de fato, uma cidade morta. As jóias verdes banhavam o quarto num brilho de pesadelo, no qual os olhos da mulher no

chão cintilavam lugubrememente para os dela. Um tremor de pânico palpitou em Valéria, tirando o último vestígio de piedade de seu espírito feroz.

— Por que tentou me drogar? – ela murmurou, agarrando os cabelos negros da mulher, e forçando-lhe a cabeça para trás, a fim de olhar dentro de seus olhos sombrios e de cílios longos – Tascela lhe mandou para cá?

Nenhuma resposta. Valéria praguejou venenosamente, e deu um tapa na face da mulher e depois na outra. Os estalos ressoaram no quarto, mas Yasala não gritou.

— Por que não grita? – Valéria exigiu selvagememente – Tem medo de que alguém lhe ouça? De quem você tem medo? De Tascela? De Olmec? De Conan?

Yasala não respondeu. Ela se encolhia, observando sua captora com olhos tão maléficos quanto os de um basilisco<sup>{4}</sup>. O silêncio obstinado sempre atiza a fúria. Valéria virou-se e arrancou um punhado de cordões de uma cortina próxima.

— Sua vagabunda amuada! – ela disse entre dentes – Vou arrancar suas roupas, lhe amarrar nesta cama e lhe chicotear, até você me dizer o que estava fazendo aqui e quem lhe mandou!

Yasala não fez qualquer protesto verbal, nem ofereceu resistência, quando Valéria levou a cabo a primeira parte da ameaça, com uma fúria à qual a obstinação de sua cativa só fazia aumentar. Logo, por algum tempo, não houve qualquer som no quarto, exceto o assobio e estalar dos cordões bem-trançados de seda na pele nua. Yasala não podia mexer as mãos e pés amarrados. Seu corpo se contorcia e tremia sob o tormento, sua cabeça virava para um lado e outro ao ritmo das chibatadas. Seus dentes afundaram no lábio inferior, e um fio de sangue brotou, enquanto o castigo continuava. Mas ela não gritou.

Os cordões macios não faziam muito barulho, ao atingirem o corpo trêmulo da cativa; somente um agudo ruído crepitante; mas cada cordão deixava uma listra vermelha na pele escura de Yasala. Valéria infligia o castigo com toda a força de seu braço fortalecido pelo mar, com toda a impiedade adquirida numa vida onde dor e tormento eram parte do dia-a-dia, e com toda a ingenuidade cínica que somente uma mulher demonstra a outra. Yasala sofria mais, física e mentalmente, do que sofreria sob um chicote manuseado por um homem, por mais forte que este fosse.

Foi a aplicação deste cinismo feminino que finalmente domou Yasala.

Um choro baixo lhe escapou dos lábios, Valéria parou com o braço erguido e lançou para trás uma mecha molhada.

— Bem, você vai falar? – ela exigiu – Posso continuar fazendo isso a noite toda, se necessário.

— Piedade! – sussurrou a mulher – Eu conto.

Valéria lhe cortou as cordas dos pulsos e tornozelos, e a pôs de pé. Yasala afundou na cama, meio reclinada num dos quadris nus, apoiando-se no braço e se contorcendo ao contato de sua pele dolorida com o leito. Todos os membros lhe tremiam.

— Vinho! – ela implorou, apontando com a mão trêmula para um vaso de ouro numa mesa de marfim – Deixe-me beber. Estou fraca de dor. Depois lhe contarei tudo.

Valéria pegou o vaso, e Yasala se ergueu vacilante para recebê-lo. Ela o tomou e ergueu até os lábios... e então, lançou o conteúdo no rosto da aquiloniana. Valéria cambaleou para trás, tremendo e tentando tirar o líquido ardente dos olhos. Através de uma névoa dolorida, ela viu Yasala disparar para o outro lado do quarto, lançar uma tranca para trás, abrir a porta revestida de cobre e correr para o salão. A pirata estava logo atrás dela, de espada na mão e intenção assassina no coração.

Mas Yasala levava vantagem, e corria com a agilidade nervosa de uma mulher que acabava de ser açoitada até chegar às raias da histeria. Ela dobrou uma esquina no corredor, metros adiante de Valéria, e, quando a pirata a seguiu, só encontrou um salão vazio e, na outra extremidade, uma porta que se abria para a escuridão. Um cheiro úmido e mofado exalava daquela porta, e Valéria estremeceu. Aquela devia ser a porta que levava às catacumbas. Yasala havia se refugiado entre os mortos.

Valéria avançou até a porta e desceu os olhos para um lance de degraus de pedra que desapareciam rapidamente na total escuridão. Evidentemente, era um poço que levava diretamente aos fossos sob a cidade, sem nenhuma abertura para os andares inferiores. Ela estremeceu levemente, ao pensar nos milhares de corpos que jaziam em suas criptas de pedra lá embaixo, envoltos em suas roupas emboloradas. Ela não tinha intenção de descer Tateando por aqueles degraus de pedra. Yasala, sem dúvida, conhecia cada curva e inclinação dos túneis subterrâneos.

Ela estava voltando, frustrada e furiosa, quando um grito soluçante se ergueu das trevas. Parecia vir de uma grande profundidade, mas dava para distinguir vagamente palavras humanas, e a voz era a de uma mulher.

— Oh, socorro! Socorro, em nome de Set! Ahhhh!

A voz se apagou, e Valéria teve a sensação de escutar o eco de uma risada fantasmagórica.

Valéria sentiu sua pele se arrepiar. O que aconteceu com Yasala lá embaixo, na densa escuridão? Não havia dúvidas que era ela quem gritara. Mas qual o perigo que poderia ter se sucedido a ela? Era um xotalanca se esgueirando lá embaixo? Olmec os havia assegurado que as catacumbas sob Tecuhltli eram separadas do resto, de forma segura demais para que os inimigos passassem. Além disso, aquela risada não soava nem um pouco humana.

Valéria se apressou em voltar pelo corredor, não parando para fechar a porta que se abria sobre as escadas. Voltando ao seu quarto, ela fechou a porta e passou a tranca nela. Calçou as botas e afivelou o cinto da espada. Estava determinada a ir ao quarto de Conan e apressá-lo, se ele ainda estivesse vivo, a juntar-se a ela numa tentativa de saírem daquela cidade de demônios.

Mas, ao alcançar a porta que se abria para o corredor, um longo grito de agonia ressoou pelos salões, seguido pelo som de pés apressados e o clamor alto de espadas.

## V

### *Vinte Pregos Vermelhos*

Dois guerreiros se reclinavam no corpo de guarda, no pavimento conhecido como o Andar da Águia. Sua atitude era despreocupada, apesar de habitualmente alerta. Um ataque, vindo de fora, na grande porta de bronze, era sempre uma possibilidade, mas, por muitos anos, nenhum ataque como esse havia sido tentado em ambos os lados.

— Os forasteiros são aliados fortes. — disse um — Olmec atacará o inimigo amanhã, eu creio.

Ele falou como um soldado na guerra. No mundo pequeno de Xucholt, cada punhado de adversários era um exército, e os salões entre os castelos eram o território onde eles realizavam as operações militares.

O outro meditou um pouco.

— Suponha que eles nos ajudem a destruir Xotalanc. — ele disse — E depois, Xatmec?

— Ora — respondeu Xatmec —, cravaremos um prego vermelho para cada um deles. Aos cativos, iremos queimar, esfolar e esquartejar.

— Mas e depois? — insistiu o outro — E depois que matarmos todos eles? Não parecerá estranho não termos inimigos para enfrentar? Toda a minha vida, enfrentei e odiei os xotalancas. Com o fim da rixa, o que acontecerá?

Xatmec encolheu os ombros. Seus pensamentos nunca foram além da destruição de seus inimigos. Ele não conseguia ir além disso.

Súbito, os dois homens se empertigaram ao ouvir um barulho do lado de fora da porta.

— Para a porta, Xatmec! — sibilou o último a falar — Vou observar através do Olho...

Xatmec, de espada na mão, inclinou-se contra a porta de bronze, aguçando seu ouvido para escutar através do metal. Seu companheiro olhou para dentro do espelho. Ele estremeceu convulsivamente. Havia um grupo de homens aglomerados do lado de fora da porta; homens sombrios, de rostos escuros e espadas nos dentes — *e seus dedos enfiados nos ouvidos*. Um deles, com um chapéu emplumado, levava um conjunto de pífaros aos lábios e, quando o tecuhltli começou a gritar um aviso, os pífaros começaram a tocar.

O grito morreu na garganta do guarda, quando a música aguda e bizarra penetrou a porta de metal e golpeou seus ouvidos. Xatmec ficou grudado na porta, como se paralisado naquela posição. Seu rosto parecia uma imagem de madeira, e sua expressão era a de um ouvinte horrorizado. O outro guarda, mais distante da fonte do som, ainda assim sentia o horror que estava acontecendo, a ameaça pavorosa que havia naquela música de pífaro. Ele sentia as tensões bizarras lhe puxando os tecidos do cérebro, como dedos invisíveis; enchendo-o de emoções estranhas e impulsos de loucura. Mas, com um esforço de rasgar a alma, ele quebrou o feitiço e guinchou um aviso, numa voz que não reconhecia como dele próprio.

Mas, enquanto ele gritava, a música mudou para um tom insuportavelmente estridente, que parecia uma faca em seus tímpanos. Xatmec gritou em súbita agonia, e toda a sanidade lhe abandonou o rosto como uma chama soprada pelo vento. Como um louco, ele arrancou a corrente, escancarou a porta e correu para dentro do salão, a espada erguida antes que o companheiro pudesse detê-lo. Uma dúzia de lâminas o abateu e, passando por cima de seu corpo mutilado, os xotalancas irromperam no corpo de guarda, com um grito longo e louco por sangue que reverberou por toda a parte.

Com o cérebro dando voltas por causa do choque daquilo tudo, o guarda restante deu um salto para enfrentá-los com a lança. O horror pela bruxaria que ele acabara de testemunhar foi submerso na percepção atordoada de que o inimigo estava em Tecuhltli. E, quando a ponta de sua lança rasgou uma barriga escura, ele não percebeu mais nada, pois o giro de uma espada lhe arrebitou o crânio, enquanto guerreiros de olhos selvagens saíam correndo das salas atrás do posto de guarda.

Foi o brado de homens e o tinir do aço que fizeram Conan saltar de sua cama, totalmente acordado e com a espada larga na mão. Num instante, ele alcançou a porta, a escancarou e olhava para o corredor, no exato momento em que Techotl vinha correndo, os olhos ardendo loucamente.

— Os xotalancas! — ele gritou, numa voz quase inumana — *Estão dentro da porta!*

Conan disparou pelo corredor, enquanto Valéria saía do quarto.

— Que diabo é isso? — ela gritou.

— Techotl disse que os xotalancas estão aqui dentro. — ele respondeu correndo — Pelo barulho, parece que estão.

Com os tecuhltlis seguindo-os, eles irromperam na sala do trono e se depararam com uma cena que ia além do sonho mais desvairado de sangue e fúria. Vinte homens e mulheres, seus negros cabelos soltos e as caveiras brancas lhes brilhando no peito, estavam engalfinhados em combate contra o povo de Tecuhltli. As mulheres em ambos os lados lutavam tão loucamente quanto os homens, e a sala e o salão já estavam alastrados de cadáveres.

Olmec, vestindo apenas uma tanga, lutava diante do trono e, quando os aventureiros entraram, Tascela veio correndo de um quarto interno com uma espada na mão.

Xatmec e seu companheiro estavam mortos, de modo que não havia ninguém para contar aos tecuhltlis como seus inimigos haviam entrado em sua cidadela. Nem havia ninguém para dizer o que havia causado aquele louco ataque. Mas as baixas entre os xotalancas haviam sido maiores, e sua posição mais desesperada, do que os tecuhltlis imaginavam. A mutilação de seu aliado escamoso, a destruição da Caveira Flamejante e as notícias, arfadas por um homem moribundo, de que misteriosos aliados de pele branca haviam se juntado aos seus inimigos, os haviam levado ao frenesi do desespero e à selvagem determinação de morrer matando seus antigos inimigos.

Os tecuhltlis, recuperando-se do primeiro e atordoante choque da surpresa que os fizera recuar à sala do trono e alastrar o chão com seus corpos, reagiram com fúria igualmente desesperada, enquanto os guardas das portas dos andares inferiores vinham correndo para se lançarem ao conflito. Era a luta mortal de lobos raivosos, cegos, ofegantes e impiedosos. A luta avançava e recuava, da porta ao estrado, lâminas zunindo e afundando em carne, sangue esguichando, pés pisando o chão vermelho onde poças ainda mais vermelhas se formavam. Mesas de marfim eram derrubadas, assentos eram despedaçados, cortinas de veludo arrancadas eram manchadas de vermelho. Era o clímax sangrento de meio século sangrento, e cada homem ali sentia isso.

Mas a conclusão era inevitável. Os tecuhltlis superavam os invasores em quase dois para um, e eles estavam encorajados por isso e pela entrada de seus aliados de pele clara na luta.

Estes golpeavam combate adentro como um furacão adentrando um bosque de árvores novas. Em força bruta, nem três tlazitlanos eram páreos para Conan e, apesar de seu peso, ele era mais rápido que qualquer um deles. Ele se movia através da massa remoinhante e rodopiante com a segurança e o poder de destruição de um lobo cinza no meio de cães de rua, e andava sobre um rastro de corpos contorcidos.

Valéria lutava ao lado dele, com os lábios sorrindo e os olhos ardendo. Ela era mais forte que um homem comum, e mais rápida e feroz. Sua espada parecia viva em sua mão. Onde Conan abatia os oponentes com seu peso e a força de seus golpes, quebrando lanças, partindo crânios e abrindo peitos até o externo, Valéria usava uma finura no manejo da espada que aturdiava e desconcertava seus antagonistas antes mesmo de matá-los. Mais de uma vez, um guerreiro que levantava a lâmina tinha a jugular perfurada

antes que pudesse golpear. Conan, o mais alto daquela rixa, caminhava através do tumulto golpeando à direita e esquerda, mas Valéria se movia como um fantasma ilusório, mudando constantemente de lugar, e perfurando e cortando enquanto mudava. Espadas nunca a acertavam, e os manejadores das mesmas ceifavam o ar vazio, morrendo com o coração ou pescoço trespassado e a risada zombeteira dela nos ouvidos.

Sexo e condições não eram considerados pelos enlouquecidos combatentes. As cinco mulheres dos xotalancas estavam caídas, com suas gargantas cortadas, antes que Conan e Valéria entrassem no combate e, quando um homem ou mulher caía pisoteado, havia sempre uma faca pronta para a garganta indefesa, ou um pé calçado em sandália, ansioso para lhe esmagar o crânio.

De parede em parede, de porta em porta, rolavam as ondas do combate, espalhando-se para dentro das câmaras adjacentes. Logo, somente Tecuhltli e os aliados de pele branca ficaram de pé na grande sala do trono. Os sobreviventes encaravam melancólica e inexpressivamente uns aos outros, como sobreviventes do Juízo Final ou da destruição do mundo. Sobre pernas bem abertas, mãos agarrando espadas marcadas e gotejantes, e o sangue lhes escorrendo em fios pelos braços, eles encaravam uns aos outros através dos cadáveres mutilados de amigos e inimigos. Não tinham fôlego para gritarem, mas um uivo bestial e louco se ergueu de seus lábios. Não era um grito humano de triunfo. Era o uivo de uma alcatéia raivosa que andava altivamente entre os corpos de suas vítimas.

Conan pegou o braço de Valéria e a fez girar.

— Você foi apunhalada na panturrilha. — ele resmungou.

Ela olhou para baixo, pela primeira vez consciente de que os músculos de suas pernas doíam. Algum homem moribundo no chão havia lhe cravado um punhal na carne, com seu último esforço.

— E você parece um açougueiro. — ela riu.

Ele sacudiu as mãos, das quais caiu uma chuva vermelha:

— Não é meu. Ah, tenho um arranhão aqui e ali. Nada de preocupante. Mas essa panturrilha precisa ser enfaixada.

Olmec atravessou o chão alastrado, parecendo um ogro com seus maciços ombros nus salpicados de sangue, e sua barba negra borrifada de vermelho. Seus olhos estavam vermelhos, como o reflexo do fogo em água negra.

— Nós vencemos! – ele rosou deslumbrado – A rixa acabou! Os cães de Xotalanc estão mortos! Ah, se tivéssemos um cativo para esfolar vivo! Mas é bom olhar para seus rostos mortos. Vinte cães mortos! Vinte pregos vermelhos para a coluna negra!

— Seria melhor você olhar seus próprios feridos. – grunhiu Conan, afastando-se dele – Aqui, moça; deixe-me ver essa perna.

— Espere um minuto! – ela se desvencilhou dele impacientemente. O fogo da luta ainda queimava vivamente em sua alma – Como sabemos que estes eram os últimos? Eles podem ter vindo numa invasão por conta própria.

— Eles não dividiriam o clã numa incursão como esta. – disse Olmec, sacudindo a cabeça e recuperando um pouco de sua inteligência normal. Sem sua túnica púrpura, parecia mais com uma repelente ave de rapina do que com um príncipe – Aposto minha cabeça que matamos todos eles. Eram menos do que eu pensava, e devia estar desesperados. Mas como eles entraram em Tecuhltli?

Tascela se aproximou, limpando sua espada na coxa nua e segurando na outra mão um objeto que havia tirado do corpo do líder emplumado dos xotalancas.

— Os pífaros da loucura. – ela disse – Um guerreiro me contou que Xatmec abriu a porta para os xotalancas e foi morto, enquanto eles irrompiam para dentro do corpo da guarda. Este guerreiro chegou ao corpo de guarda, desde o salão interno, bem a tempo de ver o que acontecia e de ouvir as últimas notas de uma estranha música que lhe congelou a própria alma. Tolkemec costumava falar desses pífaros, os quais os xuchotlanos juravam estar ocultos em algum lugar das catacumbas, junto com os ossos do feiticeiro antigo que os usava enquanto vivo. De alguma forma, os cães de Xotalanc os encontraram e aprenderam seu segredo.

— Alguém deveria ir até Xotalanc, e ver se ainda resta alguém vivo. – disse Conan – Eu irei, se alguém quiser ser meu guia.

Olmec olhou para os remanescentes de seu povo. Só restavam vinte vivos, e destes, muitos gemiam no chão. Tascela era a única tecuhltli que escapara sem um só ferimento. A princesa estava intacta, embora tivesse lutado tão selvagememente quanto os demais.

— Quem irá até Xotalanc com Conan? – perguntou Olmec.

Techotl se aproximou mancando. O ferimento em sua coxa começara a sangrar novamente, e ele tinha outro talho pelas costelas:

— Eu vou!

— Não, você não. — vetou Conan — Nem você, Valéria. Daqui a pouco, essa perna vai ficar rígida.

— Eu irei. — ofereceu-se um guerreiro, que amarrava uma bandagem num antebraço talhado.

— Muito bem, Yanath. Vá com o cimério. E você também, Topal. — Olmec apontou para outro homem, cujos ferimentos eram leves — Mas primeiro ajude a colocar os gravemente feridos nestes leitos, onde enfaixaremos seus ferimentos.

Isto foi feito rapidamente. Enquanto levantavam uma mulher, que havia sido atordoada por um porrete de guerra, a barba de Olmec roçou o ouvido de Topal. Conan achou que o príncipe murmurava algo para o guerreiro, mas não tinha certeza. Poucos momentos depois, ele guiava seus guerreiros pelo salão.

Conan olhou para trás, enquanto saía da porta, para aquele matadouro onde os mortos jaziam sobre o chão brilhante, com os ensanguentados membros escuros contraídos em atitudes de feroz esforço muscular, rostos morenos congelados em máscaras de ódio, e olhos vítreos mirando as jóias de fogo verde no alto, as quais banhavam a cena pavorosa numa escura e esmeralda luz-de-bruxa. Entre os mortos, os vivos se moviam a esmo, como pessoas andando em transe. Conan viu Olmec chamar uma mulher e mandá-la enfaixar a perna de Valéria. A pirata a seguiu para dentro de uma câmara adjacente, já começando a mancar levemente.

Os dois tecuhltlis guiavam cautelosamente Conan ao longo do salão além da porta de bronze, e através de câmara após câmara tremeluzente em fogo verde. Não viam ninguém e não ouviam som algum. Após terem atravessado o Grande Salão, o qual separava a cidade norte da sul, sua cautela foi aumentada ao perceberem que estavam próximos do território inimigo. Mas as câmaras e salões estavam vazios aos seus olhares precavidos, e finalmente chegaram até um longo saguão escuro e pararam diante de uma porta de bronze, semelhante à Porta da Águia de Tecuhltli. Corajosamente, eles a testaram e ela abriu silenciosamente sob seus dedos. Temerosos, eles entraram nas câmaras com iluminação verde que ficavam além. Durante 50 anos, nenhum tecuhltli adentrara aqueles salões, exceto como prisioneiro indo para um destino horrendo. Ir para Xotalanc era o pior horror que poderia acontecer a um homem do castelo ocidental. O terror

daquilo lhes espreitava os sonhos, desde a mais tenra infância. Para Yanath e Topal, aquela porta de bronze era como o portal do inferno.

Eles recuaram, com medo irracional nos olhos, e Conan passou no meio deles e caminhou a passos largos para dentro de Xotalanc.

Timidamente, eles o seguiram. Quando cada um deles pôs o pé no limiar da porta, eles olharam nervosamente ao redor. Mas apenas sua respiração ofegante perturbava o silêncio.

Chegaram a um corpo de guarda quadrado, como aquele atrás da Porta da Águia de Tecuhltli, e da mesma forma, um salão corria dele até uma câmara larga, a qual era uma cópia da sala do trono de Olmec.

Conan olhava para o salão, com seus carpetes, divãs e cortinas, e parou para escutar. Não ouviu barulho algum, e as salas pareciam desertas. Ele não acreditava que houvesse qualquer xotalanca vivo em Xuchotl.

— Vamos. – ele murmurou, e começou a andar pelo salão.

Não havia ido longe, quando percebeu que apenas Yanath o seguia. Girou para trás, para ver Topal parado numa atitude de horror, um dos braços erguido como se para desviar algum perigo ameaçador, seus olhos arregalados fixos com intensidade hipnótica em algo que se sobressaía de trás de um divã.

— Que diabos?

Então, Conan viu o que Topal encarava, e sentiu um leve arrepio na pele entre as espáduas gigantes. Uma cabeça monstruosa aparecia por trás de um divã – uma cabeça reptiliana, tão grande quanto a de um crocodilo, com presas curvadas para baixo se projetando sobre a mandíbula inferior. Mas a coisa tinha uma flacidez não-natural, e os olhos horrendos estavam vitrificados.

Conan espiou atrás do leito. Era uma grande serpente que jazia desabada e morta, mas uma serpente como ele nunca tinha visto em suas andanças. O fedor e o frio da profunda terra negra estavam nela, e sua cor era um matiz indeterminado que mudava a cada ângulo do qual ele a examinava. Um grande ferimento em seu pescoço mostrava o que causara sua morte.

— É o Rastejador! – sussurrou Yanath.

— É a coisa à qual cortei na escada. – grunhiu Conan – Depois de ter nos perseguido até a Porta da Águia, ela se arrastou até aqui para morrer. Como os xotalancas conseguiram controlar esse animal?

Os tecuhltlis estremeceram e sacudiram as cabeças.

— Eles trouxeram-na para cá desde os túneis negros sob as catacumbas. Descobriram segredos desconhecidos aos tecuhltlis.

— Bom, ela está morta e, se eles tivessem outras delas, as teriam trazido com eles quando atacaram Tecuhltli. Vamos.

Seguiram seus passos, próximos uns aos outros, enquanto ele caminhava a passos largos pelo salão e entrava na porta trabalhada a prata, do outro lado.

— Se não acharmos ninguém neste andar – ele disse –, desceremos para os inferiores. Vamos explorar Xotalanc, do teto às catacumbas. Se Xotalanc for como Tecuhltli, todas as salas e salões neste andar estarão iluminados... Que diabos?!

Eles haviam entrado na larga sala do trono, bastante similar à de Tecuhltli. Havia o mesmo estrado de mármore e trono de marfim, e os mesmos divãs, carpetes e cortinas nas paredes. Não havia nenhuma coluna negra com marcas vermelhas por trás do pedestal, mas não faltavam evidências da rixa sombria.

Enfileiradas ao longo da parede atrás da plataforma, havia uma série de prateleiras protegidas por vidros. E, nessas prateleiras, centenas de cabeças humanas, perfeitamente preservadas, encaravam os espectadores surpresos com olhos sem emoção, como haviam feito por sabem os deuses quantos meses e anos.

Topal praguejou baixinho, mas Yanath ficou em silêncio, a luz da loucura lhe crescendo nos olhos grandes. Conan carranqueou, sabendo que a sanidade dos tlazitlanos pendia por um fio.

Súbito, Yanath apontou para as relíquias medonhas com um dedo contraído.

— Aquela é a cabeça do meu irmão! – ele murmurou – E aquela é a do irmão mais velho de meu pai! E ali atrás delas, a do filho mais velho de minha irmã!

Começou inesperadamente a chorar, sem lágrimas, com soluços ásperos e altos que sacudiam sua estrutura. Ele não tirava os olhos das cabeças. Seus soluços ficaram mais estridentes e se tornaram uma assustadora risada alta, e logo esta se tornou um insuportável grito agudo. Yanath estava totalmente louco.

Conan pôs uma mão em seu ombro e, como se o toque houvesse libertado todo o delírio em sua alma, Yanath gritou e girou, atacando o cimério com sua espada. Conan deteve o golpe, e Topal tentou pegar o

braço de Yanath. Mas o louco o evitou e, com espuma lhe voando pelos lábios, enfiou sua espada no corpo de Topal. Topal caiu com um gemido, e Yanath girou por um instante como um louco dervixe; então, ele correu até as prateleiras e começou a quebrar o vidro com a espada, dando guinchos blasfemos.

Conan saltou atrás dele, tentando pegá-lo desprevenido e o desarmar, mas o louco girou e pulou em direção a ele, guinchando como uma alma penada. Percebendo que o guerreiro estava irremediavelmente insano, o cimério virou para o lado e, enquanto o maníaco passava, deu um corte que lhe decepou a omoplata e o peito, fazendo-o cair morto ao lado de sua vítima morta.

Conan se curvou sobre Topal, vendo que o homem estava em seu último suspiro. Era inútil tentar estancar o sangue que jorrava do horrível ferimento.

— Você está acabado, Topal. — grunhiu Conan — Tem alguma mensagem para mandar à sua gente?

— Chegue mais perto. — arfou Topal, e Conan se aproximou... e, no instante seguinte, agarrou a mão do homem quando Topal tentou lhe enfiar uma adaga no peito.

— Crom! — praguejou Conan — Você também está louco?

— Olmec mandou! — ofegou o moribundo — Não sei por quê. Enquanto colocávamos os feridos nos leitos, ele me sussurrou, ordenando que eu lhe matasse quando voltássemos para Tecuhltli... — E, com o nome de seu clã nos lábios, Topal morreu.

Conan carranqueou perplexo para ele. Aquilo tudo parecia loucura. Olmec era louco também? Será que todos os tecuhltlis eram ainda mais loucos do que ele pensava? Com um encolher de ombros, ele caminhou de volta pelo salão e saiu da porta de bronze, abandonando os tecuhltlis mortos diante dos olhos sem vida das cabeças de seus parentes.

Conan não precisava de guia para voltar pelo labirinto que haviam atravessado. Seu instinto primitivo de direção o guiava infalivelmente ao longo do caminho pelo qual vieram. Ele o atravessou tão cautelosamente quanto antes, de espada na mão e seus olhos procurando ferozmente em cada canto e esquina sombreados; pois era aos seus antigos aliados que ele temia agora, e não aos fantasmas dos xotalancas mortos.

Ele havia atravessado o Grande Salão e adentrado as câmaras além, quando ouviu algo se movendo à sua frente... algo que respirava

convulsivamente e ofegava, movendo-se com um barulho agonizante e rastejador. Um instante depois, Conan viu um homem se arrastando, sobre o chão flamejante, em sua direção... um homem cujo avanço deixava uma larga mancha sangrenta na superfície brilhante. Era Techotl, e seus olhos já se vitrificavam; de um corte profundo em seu peito, o sangue jorrava constantemente entre os dedos de sua mão fechada. Com a outra mão, ele se arrastava.

— Conan. — ele gritou sufocado — Conan! Olmec levou a mulher de cabelos amarelos!

— Então, é por isso que ele mandou Topal me matar! — murmurou Conan, ajoelhando-se ao lado do homem que, como seus olhos experientes diziam, estava morrendo — Olmec não é tão louco quanto eu pensava.

Os dedos tateantes de Techotl agarraram o braço de Conan. Na vida fria, sem amor e completamente hedionda dos tecuhltlis, sua admiração e afeto pelos invasores do mundo externo formavam um oásis caloroso e humano, e constituíam uma ligação com uma humanidade mais natural, a qual era totalmente inexistente em seu povo, cujas únicas emoções eram ódio, luxúria e o impulso por sádica crueldade.

— Tentei impedi-lo. — gorgolejou Techotl, o sangue lhe borbulhando e espumando até os lábios — Mas ele me derrubou. Ele pensou ter me matado, mas saí me arrastando. Oh, Set, nem sei o quanto rastejei sobre meu próprio sangue! Cuidado, Conan! Olmec pode ter preparado uma cilada para quando você retornar! Mate Olmec! Ele é um animal selvagem. Pegue Valéria e fuja! Não tenha medo de atravessar a floresta. Olmec e Tascela mentiram sobre os dragões. Eles mataram uns aos outros anos atrás, e só o mais forte sobreviveu. Há doze anos que só existe um único dragão. Se você o matou, não há nada na floresta que possa lhes fazer mal. Ele era o deus a quem Olmec adorava; e Olmec fazia sacrifícios humanos para ele, oferecendo-lhe os mais velhos e os mais jovens entre nós, amarrados e lançados pela muralha! Depressa! Olmec levou Valéria para a Câmara d...

Sua cabeça despencou bruscamente para trás, e ele estava morto antes que caísse ao chão.

Conan se ergueu de um pulo, com os olhos faiscando como brasas. Então, era aquele o plano de Olmec, depois de ter usado os forasteiros para destruírem seus inimigos! Ele deveria saber que algo desse tipo estaria passando pela cabeça daquele degenerado de barba negra.

O cimério se dirigiu para Tecuhltli com velocidade indiferente. Rapidamente, ele calculou o número de seus ex-aliados. Apenas 21, incluindo Olmec, haviam sobrevivido àquela batalha demoníaca na sala do trono. Três homens haviam morrido desde então, o que deixava 17 inimigos. Em sua raiva, Conan se sentia capaz de dar conta de todo o clã sozinho.

Mas a astúcia inata do selvagem apareceu para guiar sua fúria *berserk*. Ele se lembrou do aviso de Techotl sobre uma cilada. Era bastante provável que o príncipe tomasse tais providências, caso Topal falhasse em sua missão. Olmec esperaria que ele retornasse pelo mesmo caminho que seguira ao ir para Xotalanc.

Conan ergueu o olhar para uma clarabóia sob a qual passava, e percebeu o brilho indistinto de estrelas. Elas ainda não haviam começado a se empalidecer com a aurora. Os eventos daquela noite aconteceram num espaço de tempo relativamente curto.

Ele se desviou de seu caminho direto, e desceu uma escada em espiral até o andar de baixo. Ele não sabia onde ficava a porta que levava para dentro do castelo naquele andar, mas sabia que poderia encontrá-la. Como arrombaria as trancas, ele não sabia; acreditava que as portas de Tecuhltli estavam todas fechadas e trancadas, até mesmo pela força do hábito de meio século. Mas o único jeito era tentar.

De espada na mão, ele avançou rápida e silenciosamente por um labirinto de salas e corredores escuros, ou iluminados por verde. Ele sabia que já devia estar perto de Tecuhltli, quando um som o fez parar. Ele reconheceu do que se tratava: um ser humano tentando gritar através de uma mordaca asfíxiadora. O som vinha de algum lugar à sua frente e à esquerda. Nestas câmaras silenciosas como a morte, um som baixo percorria um longo caminho.

Conan virou para o lado e seguiu o som, o qual continuava sendo repetido. Logo ele assistia, de um vão de porta, a uma cena bizarra. Na sala para a qual olhava, havia uma mesa baixa de ferro, em forma de cavalete, no chão, e uma figura gigante estava deitada e amarrada. Sua cabeça descansava numa cama de pregos de ferro, cujas pontas já estavam vermelhas com o sangue onde já haviam penetrado no couro cabeludo. Um mecanismo em forma de touca lhe envolvia a cabeça, mas de forma que a faixa de couro não protegia seu couro cabeludo dos espetos. Esta touca estava conectada, através de uma corrente fina, ao mecanismo que

sustentava uma enorme bola de ferro, a qual estava suspensa acima do peito peludo do prisioneiro. Enquanto o homem conseguisse se forçar a ficar imóvel, a bola de ferro ficava no seu lugar. Mas, quando a dor causada pelas pontas de ferro o forçava a levantar a cabeça, a bola descia alguns centímetros. Os músculos doloridos do pescoço não aguentariam manter sua cabeça em sua posição não-natural, e ela cairia de volta nos pregos. Era óbvio que a bola finalmente o esmagaria, de forma lenta e inexorável. A vítima estava amordaçada e, acima da mordança, seus grandes olhos bovinos rolavam desvairados para o homem na entrada, o qual permanecia em pasmo silencioso. O homem na mesa de tortura era Olmec, príncipe de Tecuhltli.

## VI

### *Os Olhos de Tascela*

— Por que me trouxe até este quarto, para enfaixar minha perna? — indagou Valéria — Você não poderia fazer isso na sala do trono?

Ela se sentava num leito, com sua perna ferida esticada, e a mulher tecuhltli havia acabado de enfaixá-la com bandagens de seda. A espada, manchada de vermelho, de Valéria estava no leito ao lado.

Ela franziu a testa enquanto falava. A mulher havia executado sua tarefa silenciosa e eficientemente, mas Valéria não gostava do toque demorado e carinhoso dos dedos esguios dela, nem da expressão em seus olhos.

— Levaram o restante dos feridos para os outros quartos. — respondeu a mulher na fala suave das mulheres tecuhltlis, a qual, de alguma forma, não sugeria suavidade nem gentileza em quem falava. Pouco tempo antes, Valéria tinha visto esta mesma mulher apunhalar uma xotalanca no peito e arrancar, com uma pisada, os olhos de um xotalanca ferido.

— Levarão os cadáveres dos mortos para dentro das catacumbas – ela acrescentou –, para que os fantasmas não fujam para os quartos e fiquem lá.

— Você acredita em fantasmas? – perguntou Valéria.

— Sei que o fantasma de Tolkemec mora nas catacumbas. – ela respondeu com um calafrio – Eu já o vi uma vez, enquanto me escondia numa cripta entre os ossos de uma rainha morta. Passou por mim na forma de um velho, com barba e cabelos brancos e abundantes, e olhos luminosos que brilhavam no escuro. Era Tolkemec; eu o vi vivo, quando eu era criança, e o vi sendo torturado.

A voz dela se tornou um sussurro amedrontado:

— Olmec ri, mas sei que o fantasma de Tolkemec mora nas catacumbas! Dizem que são ratos, que mastigam a carne dos ossos dos recém-mortos... mas fantasmas comem carne. Quem sabe o que...

Ela olhou rapidamente para cima, quando uma sombra caiu de um lado a outro do leito. Valéria ergueu os olhos, para ver Olmec olhando para ela. O príncipe havia limpado a mão, torso e barba do sangue que os salpicava, mas ele não havia vestido sua túnica; e seu enorme e escuro corpo e membros sem pêlos renovavam a impressão de força bestial em sua natureza. Seus profundos olhos negros ardiam com uma luz mais elementar, e havia a sugestão de contração nos dedos que puxavam a espessa barba preto-azulada.

Ele olhou fixamente para a mulher, e ela se levantou e saiu do quarto. Enquanto passava pela porta, ela lançou um olhar para trás em direção a Valéria – um olhar cheio de escárnio cínico e zombaria obscena.

— Ela fez um trabalho mal-feito. – criticou o príncipe, aproximando-se do divã e curvando-se sobre a bandagem – Deixe-me ver...

Com rapidez espantosa para seu tamanho, ele agarrou a espada dela e a lançou para o outro lado do quarto. Seu próximo passo foi agarrá-la com os braços gigantes.

Apesar do movimento ter sido rápido e inesperado, ela quase o igualou; pois, no momento em que ele a agarrou, o punhal de Valéria estava na mão dela, que o dirigiu mortalmente à garganta dele. Mais por sorte do que por habilidade, ele lhe agarrou o pulso, e então começou uma luta selvagem. Ela o enfrentava com punhos, pés, joelhos, dentes e unhas, com toda a força de seu corpo magnífico e todo o conhecimento de luta corpo-a-corpo que adquirira em anos de andanças e combates no mar e na terra. Isso de nada adiantou contra a força bruta dele. Ela perdeu o punhal no primeiro

momento de contato, e depois se viu incapaz de causar qualquer dor perceptível no gigante que a atacava.

O brilho em seus estranhos olhos negros não se alterou, e a expressão deles a encheu de fúria, atizada pelo sorriso sardônico que parecia estar esculpido nos seus lábios barbados. Aqueles olhos e sorriso continham todo o cinismo cruel que se esconde sob a máscara de uma raça sofisticada e degenerada; e, pela primeira vez na vida, Valéria sentiu medo de um homem. Era como lutar contra alguma enorme força da Natureza; seus braços de ferro lhe frustravam os esforços, com uma facilidade que fez o pânico lhe percorrer os membros. Ele parecia insensível a qualquer dor que ela pudesse lhe infligir. Somente uma vez, quando ela afundou selvagemmente os dentes brancos em seu pulso, ele reagiu. E foi uma reação brutal: ele golpeou-lhe o lado da cabeça, de modo que estrelas brilharam diante dos olhos dela, e sua cabeça rolou sobre os ombros.

A camisa dela fora aberta durante a luta e, com cínica crueldade, ele esfregou a barba espessa nos seus seios nus, fazendo o sangue se espalhar na pele clara, e arrancando um grito de dor e ultrajada fúria dela. Sua resistência convulsiva era inútil; foi deitada num leito, desarmada e ofegante, seus olhos ardendo como os de um tigre capturado.

No momento seguinte, ele corria do quarto, carregando-a nos braços. Ela não ofereceu resistência, mas o brilho em seus olhos mostrou que ela era, pelo menos, indomável no espírito. Ela não gritou. Sabia que Conan estava longe do alcance da voz, e não lhe ocorrera que alguém em Tecuhltli ia se opor ao príncipe deles. Mas ela percebeu que Olmec avançava furtivamente, com a cabeça virada para um lado, como se aguçasse os ouvidos para possíveis sons de perseguição; e ele não retornou à sala do trono. Ele a carregou através de uma porta oposta àquela pela qual entrara, atravessou outra sala e começou a percorrer silenciosamente um salão. Quando percebeu que ele temia alguma oposição ao rapto, ela lançou a cabeça para trás e soltou um grito agudo com toda a força de sua voz vigorosa.

Foi castigada por um tapa que a deixou meio atordoada, e Olmec apressou seu passo para uma corrida desajeitada.

Mas o grito dela havia ecoado e, virando a cabeça, Valéria, apesar das lágrimas e estrelas que a cegavam parcialmente, viu Techotl claudicando atrás deles.

Olmec girou rosnando e colocou a mulher numa posição desconfortável e certamente indigna sob um dos enormes braços, onde ele a segurou enquanto ela se contorcia e chutava em vão, como uma criança.

— Olmec! – protestou Techotl – Você não pode ser tão cachorro para fazer isto! Ela é a mulher de Conan! Ela nos ajudou a matar os xotalancas, e...

Sem uma palavra, Olmec fechou a mão livre e deixou o ferido guerreiro estirado e inconsciente aos seus pés com um murro. Curvando-se e sem se incomodar com as contorções e imprecações de sua cativa, ele desembainhou a espada de Techotl e a enfiou no peito do guerreiro. Então, lançando a arma para um lado, ele voltou a fugir pelo corredor. Ele não viu o rosto escuro de uma mulher, espionando-o cautelosamente por trás de uma cortina. O rosto desapareceu, e em seguida Techotl gemeu e se agitou, ergueu-se atordoado e cambaleou como um bêbado para longe dali, chamando o nome de Conan.

Olmec chegou ao fim do corredor e desceu uma escada de marfim em espiral. Ele atravessou vários corredores, e finalmente parou numa câmara larga, cujas portas estavam cobertas por pesadas tapeçarias, com exceção de uma: uma pesada porta de bronze, semelhante à Porta de Águia no andar superior.

Ele resmungou e apontou para ela:

— Esta é uma das portas externas de Tecuhtli. Pela primeira vez em 50 anos, está desguarnecida. Não precisamos mais de guardas, pois Xotalanc não existe mais.

— Graças a Conan e a mim, seu patife sanguinário! – escarneceu Valéria, tremendo de fúria e vergonha pela humilhação física – Seu cão traiçoeiro! Conan vai cortar sua garganta por isto!

Olmec não se preocupou em enunciar sua convicção de que a própria garganta de Conan já fora cortada, de acordo com sua ordem sussurrada. Ele era cínico demais para se interessar pelos pensamentos e opiniões dela. Seus olhos flamejantes a devoravam, demorando-se ardentemente nas generosas extensões de pele branca exposta, onde a camisa e calções haviam sido rasgados na luta.

— Esqueça Conan. – ele disse guturalmente – Olmec é o senhor de Xuchotl. Xotalanc acabou. Não haverá mais luta. Passaremos nossas vidas bebendo e fazendo amor. Primeiro vamos beber!

Ele se sentou a uma mesa de marfim e a forçou a se sentar no seu colo, como um sátiro de pele escura com uma ninfa branca nos braços. Ignorando-lhe as imprecações – nada condizentes com uma ninfa –, ele a abraçava indefesa com um dos grandes braços ao redor da cintura dela, enquanto o outro braço se estirava sobre a mesa e pegava um vaso de vinho.

— Beba! – ele ordenou, forçando-lhe o vaso nos lábios, enquanto ela retraía a cabeça.

A bebida se derramou, lhe ardendo nos lábios e se esparramando em seus seios nus.

— Sua convidada não aprecia seu vinho, Olmec. – disse uma voz fria e sardônica.

Olmec se enrijeceu; o medo lhe cresceu nos olhos ardentes. Lentamente, ele girou a grande cabeça e fitou Tascela, que posava negligentemente na porta com cortinas, com uma das mãos no quadril macio. Valéria se virou com um puxão no aperto férreo e, quando se deparou com os olhos ardentes de Tascela, um calafrio lhe formigou pela espinha flexível. Novas experiências estavam inundando o espírito orgulhoso de Valéria naquela noite. Acabara de aprender a temer um homem; agora, ela sabia o que era temer uma mulher.

Olmec ficou imóvel, com uma palidez cinzenta se espalhando pela pele escura. Tascela mostrou a outra mão, que estava atrás das costas, e mostrou um pequeno vaso de ouro.

— Tive receio de que ela não gostasse de seu vinho, Olmec – ronronou a princesa –, e por isso, eu trouxe um pouco do meu; um pouco do que eu trouxe comigo, há muito tempo, das margens do lago Zuad... está entendendo Olmec?

Gotas de suor brotaram subitamente da testa de Olmec. Seus músculos afrouxaram, e Valéria escapou e pôs a mesa entre eles. Mas, embora a razão lhe dissesse para sair correndo daquela sala, algum encanto que ela não conseguia entender a mantinha rígida, assistindo à cena.

Tascela se aproximou do príncipe sentado, com um caminhar oscilante e ondulante que era a própria encarnação da zombaria. A voz dela era suave e indistintamente carinhosa, mas seus olhos brilhavam. Seus dedos esguios brincaram com a barba dele.

— Você é egoísta, Olmec. – ela cantou de forma sentimental – Queria manter nossa bela convidada com você, embora sabendo que eu também desejo entretê-la. Muita negligência de sua parte, Olmec!

A máscara caiu por um instante: seus olhos cintilaram, seu rosto se retorceu e, com uma assustadora demonstração de força, sua mão se fechou convulsivamente na barba dele, arrancando-lhe um grande punhado da mesma. Esta evidência de força não-natural não era mais aterradora do que a demonstração momentânea da fúria infernal que esbravejava sob sua aparência branda.

Olmec se ergueu cambaleante com um rugido, e ficou oscilando como um urso, suas mãos enormes se fechando e abrindo.

— Vadia! – Sua voz estrondosa ecoou pela sala – Bruxa! Demônia! Tecuhtli deveria ter lhe matado há 50 anos! Vá embora! Já lhe aguentei demais! Esta jovem de pele branca é minha! Saia daqui, antes que eu lhe mate!

A princesa riu e arremessou os pêlos ensanguentados no rosto dele. Sua risada era menos piedosa que o tinir do sílex no aço.

— Outrora, você falava diferente, Olmec. – ela escarneceu – Outrora, na sua juventude, você falava palavras de amor. Sim, você já foi meu amante, anos atrás, e, por me amar, dormia em meus braços sob o lótus encantado... e, deste modo, pôs em minhas mãos as correntes que lhe escravizaram. Você sabe que não pode resistir a mim. Você sabe que só preciso lhe olhar nos olhos, com o poder místico que um sacerdote da Stygia me ensinou há muito tempo, e você fica impotente. Você se lembra daquela noite, debaixo do lótus negro que ondulava sobre nós, agitado por uma brisa que não era terrena; você fareja novamente os perfumes sobrenaturais, que deslizavam furtivamente e se erguiam como uma nuvem ao seu redor, para lhe escravizar. Você não pode lutar contra mim. Você é meu escravo, como foi naquela noite... e como continuará sendo enquanto viver, Olmec de Xuchotl!

A voz dela havia se tornado um murmúrio, semelhante à agitação de um curso d'água pela escuridão iluminada por estrelas. Ela se curvou sobre o príncipe e estirou os longos dedos delgados sobre o peito gigante dele. Seus olhos resplandeceram e suas grandes mãos lhe caíram moles dos lados do corpo.

Com um sorriso de malícia cruel, Tascela ergueu o vaso e o colocou nos lábios dele.

— Beba!

Mecanicamente, o príncipe obedeceu. E instantaneamente o olhar vítreo desapareceu, e seus olhos foram inundados com fúria, compreensão e um

medo terrível. Sua boca se abriu, mas nenhum som saiu dela. Por um instante, ele cambaleou sobre os joelhos que se dobravam, e então caiu como um amontoado flácido sobre o chão.

A queda dele arrancou Valéria de sua paralisia. Ela girou e saltou em direção à porta, mas, com um movimento de causar inveja ao pulo de uma pantera, Tascela ficou à sua frente. Valéria dirigiu-lhe um soco no qual pôs toda a força de seu corpo flexível. Mas, com uma ágil torção de seu torso, Tascela evitou o golpe e agarrou o pulso de Valéria. No instante seguinte, a mão direita de Valéria estava presa e, juntando-lhe os pulsos com uma única mão, Tascela os amarrou calmamente com uma corda à qual puxou do cinto. Valéria pensava já ter saboreado a pior das humilhações naquela noite, mas sua vergonha em ter sido tratada brutalmente por Olmec não era nada, comparada às sensações que agora lhe sacudiam o corpo flexível. Valéria sempre teve tendência a desprezar outros membros do seu sexo; e era constrangedor encontrar outra mulher que pudesse tratá-la como uma criança. Quase não reagiu, quando Tascela a forçou a se sentar e, puxando seus pulsos amarrados para os joelhos de Valéria, amarrou-os à cadeira.

Pisoteando casualmente Olmec, Tascela andou até a porta de bronze, tirou a tranca e a escancarou, revelando um saguão externo.

— Neste salão – ela disse, dirigindo-se pela primeira vez à sua prisioneira –, há uma câmara que, nos velhos tempos, era usada como sala de tortura. Quando nos retiramos para Tecuhltli, trouxemos quase toda a aparelhagem conosco, mas havia um aparelho pesado demais para ser levado. Ainda funciona perfeitamente. Acho que ele será bem conveniente agora.

Uma chama de compreensão e terror se ergueu nos olhos de Olmec. Tascela caminhou de volta até ele, curvou-se e o agarrou pelos cabelos.

— Só está momentaneamente paralisado. – ela comentou, em tom de conversa – Ele pode ouvir, pensar e sentir... ah, ele pode realmente sentir muito bem!

Com esta observação sinistra, ela se dirigiu à porta, arrastando o gigante com uma facilidade que fez os olhos da pirata se arregalarem. Ela adentrou o salão e andou nele sem hesitar, logo desaparecendo com seu prisioneiro dentro de uma câmara que se abria lá dentro, e da qual logo depois saiu o ruído do ferro.

Valéria praguejou baixinho e se contorceu em vão, com suas pernas amarradas na cadeira. As cordas que a prendiam eram aparentemente

inquebráveis.

Tascela logo retornou sozinha; atrás dela, um gemido abafado saía da câmara. Ela fechou a porta, mas não a trancou. Tascela não estava presa a hábitos, como também não estava presa a outros instintos e emoções humanas.

Valéria ficou sentada em silêncio, observando a mulher em cujas mãos delgadas, a pirata percebeu, repousavam seu destino.

Tascela lhe agarrou as madeixas loiras, forçando-lhe a cabeça para trás e olhando impessoalmente para seu rosto. Mas o brilho de seus olhos escuros não era impessoal.

— Eu lhe escolhi para uma grande honra. — ela disse — Você irá restaurar a juventude de Tascela. Ah, você me vê assim! Minha aparência é esta, de juventude, mas em minhas veias, rasteja o frio inerte da velhice se aproximando, como já senti mil vezes antes. Sou velha, tão velha que me lembro da minha infância. Mas já fui uma jovem, e um sacerdote da Stygia me amou e revelou-me o segredo da imortalidade e da eterna juventude. Depois, ele morreu... alguns disseram que foi envenenado. Mas eu morei em meu palácio às margens do Lago Zuad, e o passar dos anos não me afetava. Até que finalmente, um rei da Stygia me desejou, e meu povo se rebelou e me trouxe até esta terra. Olmec me chamava de princesa. Não tenho sangue real. Sou maior que uma princesa. Sou Tascela, cuja juventude a sua própria e gloriosa juventude vai restaurar.

A língua de Valéria ficou pregada ao céu da boca. Ela sentiu ali um mistério mais obscuro que a degeneração à qual presentira.

A mulher mais alta desamarrou os pulsos da aquiloniana e a colocou de pé. Não era o medo da força superior, oculta nos membros da princesa, que fazia de Valéria uma prisioneira trêmula. Eram os ardentes, hipnóticos e terríveis olhos de Tascela.

## VII

### *Ele Vem das Trevas*

— Bem, eu sou um kushita! – Conan olhou para o homem sobre o cavalete de ferro: – O que diabos está fazendo em cima dessa coisa?

Sons incoerentes saíram de trás da mordança, e Conan se curvou e tirou-a, arrancando um bramido de medo do cativo; pois seu ato havia feito com que a bola de ferro descesse até quase tocar o peito largo.

— Tenha cuidado, em nome de Set! – implorou Olmec.

— Por quê? – indagou Conan – Acha que eu me importo com o que acontece com você? Só queria ter tempo de ficar aqui e ver esse pedaço de ferro esmagar suas entranhas. Mas estou com pressa. Onde está Valéria?

— Solte-me! – suplicou Olmec – Eu lhe contarei tudo!

— Conte-me primeiro.

— Nunca! – As mandíbulas pesadas do príncipe se fecharam teimosamente.

— Tudo bem. – Conan se sentou num banco próximo – Eu a encontrarei sozinho, depois que você virar geléia. Creio que posso acelerar o processo, girando a ponta de minha espada em sua orelha. – ele acrescentou, estendendo a arma de forma experimental.

— Espere! – As palavras saíram rapidamente dos lábios empalidecidos do prisioneiro – Tascela tirou-a de mim. Nunca passei de um boneco nas mãos de Tascela.

— Tascela? – Conan rosnou e cuspiu – Ora, aquela imunda...

— Não, não! – ofegou Olmec – É pior do que você pensa. Tascela é velha... tem séculos de idade. Ela renova sua vida e juventude, sacrificando mulheres bonitas e jovens. É uma das coisas que reduziu o clã ao estado atual. Ela vai sugar a essência da vida de Valéria para o próprio corpo, e florescerá com vigor e beleza renovados.

— As portas estão trancadas? – perguntou Conan, passando o polegar no fio da espada.

— Sim! Mas conheço um caminho para entrar em Tecuhltli. Somente eu e Tascela conhecemos, e ela acha que estou indefeso e você está morto. Liberte-me, e juro que lhe ajudarei a salvar Valéria. Sem minha ajuda, você não conseguirá alcançar Tecuhltli; pois, mesmo que você me torturasse até eu lhe revelar o segredo, você não conseguiria usá-lo. Solte-me, e pegaremos Tascela de surpresa e a mataremos, antes que ela possa usar a magia... antes que ela possa fixar os olhos dela nos nossos. Uma faca nas

costas fará o serviço. Eu deveria tê-la matado desse jeito há muito tempo, mas temia que, sem ela para nos ajudar, os xotalancas nos derrotassem. Ela também precisava de minha ajuda, e esta é a única razão pela qual me deixou viver até agora. Agora, nenhum de nós precisa do outro, e um tem que morrer. Juro que, depois de matarmos aquela bruxa, você e Valéria estarão livres e poderão partir tranquilamente. Meu povo me obedecerá quando Tascela estiver morta.

Conan se curvou e cortou as cordas que amarravam o príncipe, e Olmec deslizou cautelosamente sob a bola enorme e se levantou, sacudindo a cabeça como um touro e murmurando pragas enquanto passava os dedos na nuca ferida.

Ombro a ombro, os dois homens eram um quadro impressionante de força primitiva. Olmec era tão alto quanto Conan e mais corpulento; mas havia algo de repulsivo no tlazitlano, algo abismal e monstruoso que contrastava desfavoravelmente com a firmeza escultural do cimério. Conan havia tirado os restos de sua camisa esfarrapada e encharcada de sangue, e sua extraordinária massa muscular se revelava de forma impressionante. Seus ombros poderosos eram tão largos quanto os de Olmec, e mais bem-torneados; e seu peito enorme tinha uma curva mais impressionante e se afunilava até uma cintura firme, a qual não tinha o volume abdominal do torso de Olmec. Ele poderia ser uma imagem de força primitiva, esculpida em bronze. Olmec era mais escuro, mas não devido ao sol. Se Conan parecia ter saído da aurora do tempo, Olmec era uma figura desengonçada e sombria, saída das trevas da madrugada primordial.

— Mostre o caminho. — Conan ordenou — E fique à minha frente. Não confio em você, mais do que confiaria em segurar um touro pela cauda.

Olmec deu a volta e andou altivamente adiante dele, com uma das mãos se retorcendo levemente enquanto puxava a barba emaranhada.

Olmec não guiou Conan de volta à porta de bronze, à qual o príncipe naturalmente achou que Tascela houvesse trancado, mas a certa câmara na fronteira de Tecuhltli.

— Este segredo ficou guardado por meio século. — ele disse — Nem mesmo nosso próprio clã o conhecia, e os xotalancas jamais descobriram. O próprio Tecuhltli construiu esta entrada secreta e depois matou os escravos que realizaram o trabalho, pois temia se ver isolado do próprio reino por causa do rancor de Tascela, cuja paixão por ele logo se transformou em ódio. Mas ela descobriu o segredo, e trancou a porta secreta contra ele, num

dia em que ele voltava fugindo de uma incursão mal-sucedida, e os xotalancas o pegaram e esfolaram. Mas uma vez, espionando-a, eu a vi adentrar Tecuhltli por este caminho, e assim aprendi o segredo.

Ele pressionou um ornamento dourado na parede, e um painel girou para dentro, mostrando uma escada de marfim que levava para cima.

— Esta escada foi construída dentro da parede. — disse Olmec — Ela leva até uma torre acima do teto, e de lá, outras escadas descem para as várias câmaras. Depressa!

— Depois de você, companheiro. — Conan retrucou satiricamente, balançando sua espada larga enquanto falava, e Olmec encolheu os ombros e subiu a escada. Conan instantaneamente o seguiu, e a porta se fechou atrás deles. Lá em cima, um cacho de jóias de fogo fazia a escada parecer o poço de um dragão.

Subiram até Conan calcular que estavam acima do nível do quarto andar, e logo adentraram uma torre cilíndrica, em cujo teto abobadado estavam encaixados os cachos de jóias de fogo que iluminavam a escada. Através de janelas com grades de ouro, encaixadas com inquebráveis chapas de cristal — as primeiras janelas que ele via em Xuchotl —, Conan teve um vislumbre de telhados altos, abóbadas e mais torres, avultando obscuramente contra as estrelas. Estavam olhando para os tetos de Xuchotl.

Olmec não olhou pelas janelas. Ele desceu correndo uma das muitas escadas que serpenteavam para baixo desde as torres e, após terem descido um pouco, esta escada se tornou um corredor estreito que continuava serpenteando tortuosamente por alguma distância. Ele terminava numa escada íngreme que guiava para baixo. Olmec parou ali.

Lá de baixo, abafado, mas inconfundível, fluiu o grito de uma mulher, carregado de medo, fúria e vergonha. E Conan reconheceu a voz de Valéria.

Na fúria imediata, despertada por aquele grito, e no assombro de perguntar a si mesmo qual perigo poderia arrancar tal guincho dos lábios destemidos de Valéria, Conan esqueceu Olmec. Ele passou pelo príncipe e desceu a escada. O instinto o fez girar novamente, no exato momento em que Olmec o golpeava com seu punho em forma de marreta. O golpe, feroz e silencioso, foi dirigido à base da cabeça de Conan. Mas o cimério girou a tempo de receber o soco no lado do pescoço. O impacto quebraria as vértebras de um homem mais fraco. Conan cambaleou para trás, mas, mesmo perdendo o equilíbrio, ele deixou cair sua espada, inútil naquela curta distância, e agarrou o braço esticado de Olmec, arrastando o príncipe

consigo na queda. Rolaram juntos pelos degraus, num turbilhão giratório de membros, cabeças e corpos. E, enquanto rolavam, os dedos férreos de Conan encontraram e apertaram a garganta taurina de Olmec.

O pescoço e o ombro do bárbaro estavam dormentes devido ao impacto do poderoso soco de Olmec, no qual fora colocada toda a força do maciço antebraço, tríceps volumoso e grande ombro. Mas isto não lhe afetou a ferocidade. Como um mastim, ele se agarrou sombriamente enquanto rolavam, até finalmente baterem numa porta de marfim lá embaixo, com tal impacto que a despedaçaram. Mas Olmec já estava morto, pois aqueles dedos de ferro lhe haviam quebrado o pescoço durante a queda.

Conan se levantou, sacudindo as lascas dos ombros poderosos e tirando o sangue e poeira de seus olhos.

Ele estava na grande sala do trono. Havia 15 pessoas naquele local, além dele mesmo. A primeira a quem viu foi Valéria. Havia um curioso altar negro diante da plataforma do trono. Enfileiradas ao redor, sete velas negras em sete castiçais lançavam para o alto espirais de densa fumaça verde, de cheiro perturbador. Estas espirais se uniam numa nuvem próxima ao teto, formando um arco fumegante acima do altar. Naquele altar, Valéria estava deitada, completamente nua, sua pele branca brilhando em contraste chocante com a cintilante pedra cor-de-ébano. Não estava amarrada. Estava simplesmente deitada, com os braços estirados acima da cabeça. Numa ponta do altar, ajoelhava-se um jovem, segurando-lhe firmemente os braços. Uma jovem se ajoelhava na outra extremidade, agarrando-lhe os tornozelos. Entre eles, ela não conseguia se erguer nem mexer.

Onze homens e mulheres de Tecuhltli se ajoelhavam em silêncio num semicírculo, assistindo à cena com olhos ardentes e lascivos.

No trono de marfim, Tascela se recostava indolentemente. Tigelas de bronze, contendo incenso, rolavam suas espirais ao redor dela; os pequenos feixes de fumaça se encaracolavam ao redor de seus membros nus, como dedos que acariciavam. Não conseguia se sentar quieta: ela se torcia e mexia em abandono sensual, como se sentindo prazer no contato do marfim liso com sua pele macia.

O espatifar da porta, quando ela se quebrou sob o impacto dos corpos, não causou mudança na cena. Os homens e mulheres ajoelhados simplesmente olharam sem curiosidade para o cadáver de seu príncipe, e para o homem que se erguia das ruínas da porta, e logo voltaram a olhar avidamente para a forma branca que se contorcia sobre o altar negro.

Tascela o olhou de forma insolente e voltou a se esparramar em seu trono, rindo zombeteiramente.

— Cadela!

A visão de Conan ficou vermelha. Suas mãos se fecharam como martelos de ferro, quando ele avançou em direção a ela. Ao dar seu primeiro passo, algo retiniu alto e o aço lhe mordeu selvagememente a perna. Ele cambaleou e quase caiu, interrompido em sua corrida impetuosa. As mandíbulas de uma armadilha de ferro haviam se fechado em sua perna, com dentes que afundavam e seguravam. Somente os músculos poderosos de sua panturrilha impediram que o osso se quebrasse. A coisa maldita havia saído do chão flamejante repentinamente e sem aviso. Agora ele via as fendas, no chão onde as mandíbulas haviam estado, perfeitamente camufladas.

— Idiota! – riu Tascela – Achou que eu não ia me prevenir para o seu possível retorno? Cada porta desta sala possui armadilhas como essa. Agora fique aí e veja, enquanto cumpro o destino de sua bela amiga! Depois decidirei o seu.

A mão de Conan buscou instintivamente o cinto, apenas para encontrar uma bainha vazia. Sua espada estava na escadaria atrás dele. Seu punhal ficara lá na floresta, onde o dragão o havia arrancado da mandíbula. Os dentes de aço em sua perna queimavam como carvão, mas a dor não era tão feroz quanto a fúria que lhe fervia na alma. Estava preso numa armadilha, como um lobo. Se ele tivesse sua espada ao alcance, cortaria a própria perna e se arrastaria pelo chão para matar Tascela. Os olhos de Valéria viraram para ele, com um apelo mudo, e sua própria condição indefesa fazia ondas de loucura rolarem pelo seu cérebro.

Ajoelhando-se sobre sua perna livre, ele tentou enfiar seus dedos entre os dentes da armadilha, para abri-los com pura força bruta. O sangue brotava sob suas unhas, mas as mandíbulas se fechavam ao redor de sua perna num círculo tão fechado, que não havia espaço entre sua carne dolorida e o aço com presas. A visão do corpo nu de Valéria só fazia aumentar ainda mais o fogo de sua raiva.

Tascela o ignorou. Erguendo-se languidamente de seu trono, ela percorreu as fileiras de seus súditos com um olhar investigador, e perguntou:

— Onde estão Xamec, Zlanath e Tachic?

— Eles não voltaram das catacumbas, princesa. — respondeu um homem — Assim como nós, eles levaram os corpos dos mortos para dentro das criptas, mas não retornaram. Talvez o fantasma de Tolkemec os tenha levado.

— Cale-se, idiota! — ela ordenou rudemente — Aquele fantasma é um mito.

Ela desceu da plataforma, brincando com uma fina adaga de cabo dourado. Seus olhos brilhavam como o inferno. Parou ao lado do altar, e falou em meio àquela tensa quietude.

— Sua vida me rejuvenescerá, mulher branca! — ela disse — Vou me inclinar sobre seu peito e colocar meus lábios sobre os seus; e devagar... ah, bem devagar!... afundarei esta lâmina em seu coração, de modo que sua vida, saindo de seu corpo que enrijece, entrará no meu e me fará florescer novamente em juventude e vida eterna!

Lentamente, como uma serpente prestes a dar o bote, ela se curvou, através da fumaça que se retorcia, cada vez mais perto da mulher agora imóvel, a qual lhe mirava os incandescentes olhos escuros — olhos que ficavam maiores e mais profundos, brilhando como luas negras na fumaça que remoinhava.

As pessoas ajoelhadas juntaram suas mãos e prenderam a respiração, ansiosas pelo clímax sangrento; o único som ali era o ofegar feroz de Conan, enquanto ele se esforçava para livrar a perna da armadilha.

Todos os olhos estavam fixos no altar e na figura branca sobre ele; o estrondo de um trovão dificilmente quebraria o feitiço, mas foi apenas uma exclamação discreta que despedaçou a imobilidade da cena e fez todo mundo girar rapidamente — uma exclamação discreta, mas suficiente para arrepiar os cabelos. Eles olharam e viram.

Emoldurada na porta à esquerda da plataforma do trono, havia uma figura de pesadelo. Era um homem, com emaranhados cabelos brancos e desgrenhada barba branca que lhe caía no peito. Farrapos só cobriam parcialmente sua forma magra, revelando membros seminus de aparência estranhamente não-natural. A pele não era a de um humano normal. Havia uma sugestão de *escamas*, como se o dono tivesse vivido muito tempo em condições quase opostas àquelas onde a vida humana normalmente floresce. E não havia nada de humano nos olhos que ardiam sob os emaranhados cabelos brancos. Eram grandes discos brilhantes que não piscavam; eram luminosos, esbranquiçados e sem qualquer insinuação de emoções e

sanidade normais. A boca se abriu, mas não saíram palavras coerentes – apenas uma risada.

— Tolkemec! – sussurrou Tascela, pálida, enquanto os outros se encolhiam em horror mudo – Então, não era mito nem fantasma! Por Set! Você viveu durante 12 anos na escuridão! Doze anos entre os ossos dos mortos! Que comida medonha você achou? Que louca paródia de vida você viveu, na total escuridão da noite eterna? Agora vejo por que Xamec, Zlanath e Tachic não retornaram das catacumbas... e jamais retornarão. Mas por que demorou tanto? Estava procurando alguma coisa nos fossos? Alguma arma secreta que você sabia estar oculta lá? E você finalmente a achou?

A horrível risada baixa foi a única resposta de Tolkemec, quando ele saltou para dentro da sala, com um longo pulo que o fez passar por cima da armadilha secreta diante da porta – por sorte, ou por alguma vaga lembrança dos costumes de Xuchotl. Ele não era louco no sentido comum da palavra. Havia vivido separado da humanidade por tanto tempo, que não era mais humano. Somente um fio inquebrável de memória, cristalizado em ódio e desejo de vingança, o deixara conectado com a humanidade que o rejeitara e o manteve se espreitando próximo ao povo que odiava. Apenas esta fina corda o impediu de correr e saltitar para sempre, dentro dos corredores negros e domínios do mundo subterrâneo que ele descobrira, há muito tempo.

— Você procurava algo oculto. – sussurrou Tascela, recuando – E você o encontrou! Você se lembra da rixa. Após todos esses anos de escuridão, você se lembra!

De fato, na mão magra de Tolkemec agora ondulava um curioso cetro cor de jade, em cuja extremidade brilhava um bulbo escarlata em forma de romã. Ela saltou para o lado, quando ele a apontou como uma lança e um raio de fogo vermelho disparou da romã. Ele errou Tascela, mas a mulher que segurava os tornozelos de Valéria estava no caminho e foi atingida entre as espáduas. Houve um agudo crepitar, e o raio de fogo lhe saiu do peito e atingiu o altar negro, com uma explosão de fagulhas azuis. A mulher caiu de lado, se enrugando e murchando como uma múmia enquanto desabava.

Valéria rolou para o outro lado do altar, e se dirigiu engatinhando à parede oposta. Pois o inferno estava solto na sala do trono do falecido Olmec.

O homem que segurava as mãos de Valéria foi o próximo a morrer. Ele se virou para correr, mas antes que desse meia-dúzia de passos, Tolkemec, com uma agilidade assustadora para sua estrutura, girou e pulou até uma posição que pôs o homem entre ele e o altar. Novamente, o raio de fogo vermelho brilhou, e o tecuhltli rolou sem vida pelo chão, enquanto o relâmpago completava seu curso com uma explosão de fagulhas azuis contra o altar.

Então começou o massacre. Gritando loucamente, as pessoas tentaram sair da câmara, esbarrando-se umas nas outras e caindo. E, entre elas, Tolkemec saltitava e se saracoteava, distribuindo morte. Não podiam fugir pelas portas; pois, aparentemente, o metal delas servia – assim como o altar de pedra raiado de metal – para completar o trajeto do poder infernal que lampejava como trovão do bastão mágico usado pelo velho. Quando pegava um homem ou mulher entre ele e uma porta, ou o altar, a pessoa morria instantaneamente. Ele não escolhia uma vítima específica. Acertava-as ao acaso, com seus trapos lhe balançando ao redor dos membros que giravam selvagememente, e os ecos borrascosos de sua risada, percorrendo a sala, mais altos que os gritos. E corpos caíam como folhas de outono, ao redor do altar e diante das portas. Um guerreiro desesperado correu até ele, erguendo uma adaga, apenas para tombar antes que pudesse golpear. Mas o restante parecia uma manada enlouquecida, sem pensar em resistir e sem chance de fugir.

O último tecuhltli, com exceção de Tascela, havia caído, quando a princesa alcançou o cimério e a garota que se abrigara ao lado dele. Tascela se abaixou e tocou o chão, pressionando um desenho neste. Instantaneamente, as mandíbulas de ferro soltaram o membro ensanguentado e voltaram para dentro do piso.

— Mate-o, se puder! – ela ofegou, e lhe pôs um pesado punhal na mão – Não tenho magia para enfrentá-lo!

Com um grunhido, ele saltou à frente da mulher, sem se importar com a perna dolorida no calor do desejo por luta. Tolkemec se aproximava dele, com os estranhos olhos resplandecendo, mas hesitou ao ver o brilho da faca na mão de Conan. Então, começou um jogo sombrio, quando Tolkemec procurou girar ao redor de Conan e pegar o bárbaro entre ele e o altar ou uma porta de metal, enquanto Conan procurava evitar isto e usar seu punhal. As mulheres assistiam tensas, prendendo a respiração.

Não havia som algum, exceto o sussurrar e raspar de pés que se deslocavam rapidamente. Tolkemec não se saracoteava nem piruetava mais. Ele não estava diante de pessoas que morreram gritando e fugindo. No brilho elementar dos olhos do bárbaro, ele lia uma determinação de matar tão grande quanto a dele próprio. Eles se moviam para trás e para a frente e, quando um se mexia, o outro também se movimentava, como se fios invisíveis os prendessem um ao outro. O tempo todo, porém, Conan foi se aproximando cada vez mais de seu inimigo. Os músculos contraídos de suas coxas estavam começando a se dobrar para um pulo, quando Valéria gritou. Por um rápido instante, uma porta de bronze ficou alinhada com o corpo em movimento de Conan. A linha vermelha disparou, chamuscando o corpo de Conan quando girou para o lado e, enquanto se esquivava, ele arremessou a faca. O velho Tolkemec caiu, desta vez realmente morto, com o cabo lhe tremendo no peito.

Tascela saltou, não em direção a Conan, mas até a vara que tremeluzia como uma coisa viva no chão. Mas, quando ela saltou, Valéria fez o mesmo, segurando uma adaga arrancada de um homem morto; e a lâmina, enfiada com toda a força dos músculos da pirata, trespassou a princesa de Tecuhltli de modo que a ponta se sobressaiu entre os seios. Tascela soltou um breve grito e caiu morta, e Valéria empurrou o corpo com o calcanhar, enquanto ele caía.

— Eu tinha que fazer isso, em nome do meu respeito próprio! — arfou Valéria, encarando Conan, que estava do outro lado do corpo caído.

— Bom, isto encerra a rixa. — ele grunhiu — Foi uma noite infernal! Onde essa gente guardava sua comida? Estou faminto.

— Você precisa de uma atadura nessa perna. — Valéria rasgou um pedaço grande de seda de uma cortina e o prendeu ao redor da cintura, e depois arrancou tiras menores, as quais ela amarrou eficazmente ao redor do membro ferido do bárbaro.

— Posso andar. — ele a assegurou — Vamos embora. Já está amanhecendo do lado de fora desta cidade infernal. Estou farto de Xuchotl. Ainda bem que a raça se exterminou sozinha. Não quero nenhuma de suas malditas jóias. Elas podem estar enfeitiçadas.

— Há bastante pilhagem limpa no mundo, para mim e para você. — ela disse, endireitando-se até ficar ereta e esplêndida diante dele.

A antiga chama voltou aos olhos dele, e desta vez ela não ofereceu resistência quando ele a agarrou ardentemente nos braços.

— É um longo caminho até a costa. — ela disse dentro em pouco, retirando os lábios dos dele.

— Que importa? — ele riu — Não há nada que não possamos conquistar. Já estaremos plantados no convés de um navio, antes que os stígios abram seus portos para a temporada comercial. E então, mostraremos ao mundo o que significa saquear!

**FIM**

# O ESTRANGEIRO NEGRO

## *The Black Stranger*

### I

#### *Os Homens Pintados*

Por um instante, a clareira estava vazia; no momento seguinte, um homem se encontrava cautelosamente posicionado no limite das moitas. Não houvera nenhum som para avisar os esquilos cinzentos da sua chegada. Mas os pássaros de cores alegres, que voavam ao redor, sob o sol do espaço aberto, se assustaram diante de sua súbita aparição e se ergueram numa ruidosa nuvem. O homem franziu a testa e olhou rapidamente para trás do caminho pelo qual viera, como se temendo que o vôo deles tivesse traído sua posição para alguém invisível. Então, ele andou furtivamente pela clareira, pisando com cuidado. Apesar de sua constituição pesada, ele se movia com a flexível resolução de uma pantera. Estava nu, exceto por um farrapo enrolado nos quadris; e seus membros estavam riscados, em linhas cruzadas, por arranhões de sarças e empastados com lama seca. Uma atadura, incrustada de marrom, estava amarrada ao redor de seu musculoso braço esquerdo. Sob a emaranhada cabeleira negra, seu rosto estava contraído e sombrio, e seus olhos brilhavam como os de uma pantera ferida. Mancava levemente, enquanto seguia a trilha quase invisível que levava de um lado a outro do espaço aberto.

No meio da clareira, ele parou abruptamente e girou tão rápido quanto um gato, encarando o caminho pelo qual viera, quando um grito longo reverberou pela floresta. Para outro homem, pareceria meramente o uivo de um lobo. Mas este homem sabia que não era lobo. Ele era um cimério e entendia as vozes da selva, do mesmo modo que um homem da cidade reconhece a voz de seus amigos.

A fúria queimou vermelha em seus olhos injetados de sangue, enquanto ele voltava mais uma vez e se apressava pelo caminho, o qual, depois do declive, seguia ao longo do limite de uma densa moita que se erguia numa espessa massa de verdor, entre as árvores e as moitas. Um pesado tronco caído de árvore, profundamente encaixado na terra de grama, estava paralelo à margem da moita, situado entre esta e o caminho. Quando o cimério viu este tronco, parou e olhou para trás, por toda a clareira. Para o olho comum, não havia sinais de sua passagem; mas havia sinais visíveis para seus olhos aguçados pela selva, e portanto para os igualmente agudos olhos daqueles que o perseguiam. Ele rosnou silenciosamente, a fúria vermelha crescendo em seus olhos — a fúria berserk de uma fera caçada, pronta para ser encurralada.

Desceu a trilha com relativo descuido, esmagando aqui e ali uma folha de capim, com o pé. Logo, quando alcançou a extremidade do tronco, ele pulou sobre o mesmo, virou-se e correu despreocupadamente de volta, ao longo dele. A casca havia sido desgastada há muito tempo pelos elementos. Ele não deixou sinal que mostrasse ao mais aguçado olho daquela floresta que ele havia dobrado em seu caminho. Quando alcançou o ponto mais denso da moita, ele desapareceu como uma sombra, dificilmente o balanço de uma folha marcando-lhe a passagem.

Os minutos se arrastaram. Os esquilos cinzas tagarelavam novamente nos galhos — logo, aplanaram os corpos e ficaram subitamente mudos. Novamente a clareira era invadida. Tão silenciosamente quanto aparecera o primeiro homem, outros três homens se materializaram no canto leste da clareira. Eram escuros, de baixa estatura, com peitos e braços musculosos. Usavam tangas de pele de gamo, enfeitadas por contas, e uma pena de águia estava enfiada na negra cabeleira de cada um. Estavam pintados com desenhos hediondos, e pesadamente armados.

Haviam esquadrinhado cuidadosamente a clareira, antes de aparecerem em campo aberto, pois saíram dos matagais sem hesitação, em fila única e compacta, andando tão suavemente quanto leopardos e se curvando para

olharem atentamente o caminho. Estavam seguindo a trilha do cimério, mas não era trabalho fácil, mesmo para estes sabujos humanos. Se moviam devagar pela clareira, e logo um deles se empertigou, grunhiu e apontou, com sua perfurante lança de lâmina larga, para uma folha pisada de capim, na qual a trilha adentrava novamente a floresta. Todos pararam instantaneamente, e seus olhos, negros como contas, procuraram pela muralha verde. Mas sua caça estava bem escondida; não viram nada que lhes despertasse a suspeita, e dali a pouco, se moveram novamente, seguindo as tênues marcas, que pareciam indicar que sua presa estava ficando descuidada, devido à fraqueza ou ao desespero.

Eles mal haviam passado pelo ponto onde a moita ficava mais perto da antiga trilha, quando o cimério saltou para dentro do caminho atrás deles e cravou sua faca entre as espáduas do último homem. O ataque foi tão rápido e inesperado, que o picto não teve chance de se salvar. A lâmina estava em seu coração, antes dele perceber que corria perigo. Os outros dois se voltaram com a instantânea rapidez dos selvagens, mas, mesmo enquanto o seu punhal afundava, o cimério deu um tremendo golpe com o machado de guerra em sua mão direita. O segundo picto estava se virando, quando o machado caiu. Este abriu-lhe o crânio até os dentes.

O picto remanescente — um chefe, a julgar pela ponta escarlate de sua pena de águia — atacou selvagemmente. Estava dirigindo uma punhalada ao peito do cimério, enquanto este puxava o machado da cabeça do morto. O cimério arremessou o cadáver contra o chefe, e em seguida atacou tão furiosa e desesperadamente quanto a investida de um tigre ferido. O picto, cambaleando sob o impacto do cadáver contra ele, não tentou desviar o machado que caía. Com o instinto de matança submergindo até mesmo o de viver, ele dirigiu ferozmente a lança ao peito largo do inimigo. O cimério tinha a vantagem de uma inteligência maior, e uma arma em cada mão. A machadinha, detendo seu movimento para baixo, desviou a lança para o lado, e a faca na mão direita do cimério foi para o alto, rasgando a barriga pintada.

Um uivo medonho saiu dos lábios do picto, enquanto ele caía estripado — um grito, não de medo ou de dor, mas de fúria frustrada e bestial, o guincho de morte de uma pantera. Ele foi respondido por um coro selvagem de gritos, a alguma distância a leste da clareira. O cimério olhou convulsivamente e girou, se agachando como uma coisa selvagem

encurralada, os lábios rosnando e sacudindo o suor do rosto. O sangue lhe escorria do antebraço sob a bandagem.

Com uma praga arfante e desconexa, ele deu meia-volta e fugiu para oeste. Ele não retomou seu caminho, mas correu com toda a velocidade de suas longas pernas, apelando para todas as inesgotáveis reservas de resistência, que são a compensação da Natureza para uma existência bárbara. Atrás dele, por um espaço de tempo, a mata estava em silêncio; logo, um uivo demoníaco explodiu no ponto que havia abandonado recentemente, e ele ficou ciente de que seus perseguidores encontraram os corpos de suas vítimas. Não teve fôlego para amaldiçoar as gotas de sangue que ficaram espalhadas pelo chão, vindas de seu ferimento recém-aberto, deixando um rastro que até uma criança poderia seguir. Ele pensara que talvez aqueles três pictos fossem os únicos que ainda o perseguiam, do bando de guerra que o havia seguido por mais de mil e seiscentos quilômetros. Mas ele deveria saber que estes lobos humanos nunca abandonam um rastro de sangue.

As árvores estavam quietas novamente, e aquilo significava que estavam correndo atrás dele, observando-lhe a trilha pelas traiçoeiras gotas de sangue que ele não conseguia deter. Um vento, vindo do oeste, soprou-lhe no rosto e estava carregado por uma umidade salina que ele reconheceu. Ele ficou imediatamente espantado. Se estava tão perto do mar, a longa perseguição havia sido ainda mais longa do que imaginara. Mas estava quase terminada. Mesmo sua vitalidade lupina estava diminuindo, devido ao terrível esforço físico. Ele ofegava e havia uma dor aguda em seu lado. Suas pernas tremiam de cansaço, e a que mancava doía como o corte de uma faca nos tendões, a cada vez que ele punha o pé no chão. Ele seguira os instintos da selva que o havia gerado, forçando todos os nervos e tendões, e exaurindo todas as astúcias e artifícios para sobreviver. Agora, em seu limite, ele estava obedecendo outro instinto, procurando um lugar para fazer frente aos perseguidores e vender sua vida por um preço sangrento.

Ele não abandonou a trilha para ir às profundezas emaranhadas do outro lado. Sabia que era inútil ter esperanças de escapar de seus perseguidores agora. Correu pela trilha, enquanto o sangue lhe pulsava cada vez mais forte nos ouvidos, e cada respiração era um doloroso ofego de secar os lábios. Atrás dele, irrompeu um louco latido grave, dando a impressão de que eles estavam próximos aos seus calcanhares e na expectativa de alcançarem

rapidamente sua presa. Chegariam agora tão rápidos quanto lobos famintos, uivando a cada salto.

Impetuosa e abruptamente, ele saiu da espessura das árvores e viu, à sua frente, o solo se erguendo de forma abrupta, e a antiga trilha enroscando saliências rochosas para o alto, entre matacões irregulares. Tudo se aglomerava diante dele numa vertiginosa bruma vermelha, mas era uma colina que ele tinha de alcançar — um áspero penhasco, que se erguia abruptamente da floresta que lhe cercava a base. E a tênue trilha serpenteava para o alto, até uma vasta saliência próxima ao cume.

Aquela saliência seria um lugar tão bom para morrer quanto qualquer outro. Subiu manquejando pela trilha, usando mãos e joelhos nos locais mais íngremes, a faca entre os dentes. Ele ainda não alcançara a saliência, quando uns quarenta selvagens pintados saíram correndo entre as árvores, uivando como lobos. Ao verem sua presa, seus gritos se ergueram a um crescendo diabólico, e correram em direção ao pé do penhasco, lançando flechas enquanto se aproximavam. As setas choveram sobre o homem, que escalava obstinadamente, e uma delas se fincou na barriga de sua perna. Sem interromper sua subida, ele a puxou e lançou para um lado, sem se importar com os projéteis menos precisos que se estilhaçavam nas rochas ao seu redor. Implacavelmente, ele se arrastou para cima da beirada da saliência e girou ao redor, puxando sua machadinha e erguendo o punhal na mão. Deitou-se na beirada, olhando ferozmente para seus perseguidores; somente sua cabeleira emaranhada e olhos ardentes estavam visíveis. Seu peito ofegava, enquanto sorvia o ar em grandes e trêmulos ofegos, e ele apertou os dentes ao sentir náusea.

Somente umas poucas flechas assobiavam em sua direção. A horda sabia que sua presa estava encurralada. Os guerreiros avançaram

uivando, pulando agilmente sobre as rochas ao pé da colina, com os machados de guerra nas mãos. O primeiro a alcançar o penhasco era um bravo musculoso, cuja pena de águia estava manchada de escarlate como um sinal de sua condição de chefe. Ele parou brevemente, um dos pés na trilha inclinada, flecha entalhada e parcialmente puxada para trás, a cabeça lançada para trás e os lábios abertos para um grito exultante. Mas sua seta jamais foi disparada. Ele ficou subitamente imóvel, e a sede de sangue em seus olhos negros deu lugar a um olhar de surpreendente reconhecimento. Com um grito, ele recuou, abrindo bem os braços para deter o avanço de seus bravos uivantes. O homem que se agachava na saliência acima deles

entendia a língua picta, mas estava muito longe para entender o significado das frases ditas bruscamente pelo chefe de plumas escarlates.

Mas todos pararam com seus ganidos e, em silêncio, olharam fixamente para o alto — não para o homem na saliência, parecia-lhe. Então, sem maior hesitação, eles desarmaram os arcos e os enfiaram nos estojos de pele de gamo, em seus cintos; viraram as costas e correram pelo espaço aberto, para sumirem dentro da floresta sem olharem para trás.

O cimério olhou assombrado. Ele conhecia muito bem a natureza picta para não entender a finalidade expressa na retirada. Sabia que eles não voltariam. Estavam se dirigindo para suas aldeias, 1600 km a leste.

Mas ele não conseguia entender. O que havia lá, ao redor de seu refúgio, para fazer um bando de guerreiros pictos abandonar uma perseguição, que eles seguiram tão longe com toda a fúria de lobos famintos? Ele sabia haver lugares sagrados, pontos situados à parte como santuários pelos vários clãs, e que um fugitivo, se refugiando num destes santuários, estava a salvo do clã que o erguera. Mas as diferentes tribos raramente respeitavam santuários de outras tribos; e os homens que o perseguiram certamente não tinham pontos sagrados pertencentes a eles nesta região. Eram homens dos Águias, cujas aldeias ficavam bem distantes a leste, vizinhas à região dos pictos Lobos.

Foram os Lobos que o haviam capturado, numa incursão contra os povoados aquilonianos ao longo do Rio Trovão, e dado-o aos Águias, em troca de um chefe Lobo capturado. Os Águias tinham uma dívida de sangue contra o gigante cimério, e agora ela ficou ainda mais sangrenta, pois sua fuga custara a vida de um notável chefe de guerra. Foi por isso que eles o haviam seguido tão implacavelmente, sobre largos rios e colinas, e através de longas léguas de florestas sombrias, os territórios de caça de tribos hostis. E agora, os sobreviventes daquela longa perseguição viraram as costas, quando seu inimigo estava pego na armadilha. Ele sacudiu a cabeça, incapaz de entender.

Ele se ergueu cautelosamente, atordoado pelo longo esforço, e pouco capaz de compreender que havia acabado. Seus membros estavam rígidos e seus ferimentos, doloridos. Cuspiu secamente e praguejou, esfregando os ardentes olhos injetados em sangue com as costas de seu grosso pulso. Piscou e olhou ao seu redor. Sob ele, as selvas verdes ondulavam e se encapelavam numa massa sólida; e, acima de sua orla ocidental, se erguia uma névoa azul como aço, a qual ele sabia estar suspensa sobre o oceano. O

vento agitava-lhe a cabeleira negra, e o penetrante odor salgado da atmosfera o reviveu. Ele estufou o enorme peito e o aspirou.

Logo, ficou rígido e dolorido, rosnando devido à pontada na barriga de sua perna, e foi investigar a saliência onde se encontrava. Atrás dela, se erguia um penhasco rochoso até a crista do mesmo, uns nove metros acima dele. Uma estreita escada de mão havia sido escavada dentro da rocha. E, a pouca distância do pé dela, havia uma fenda na rocha — larga e alta o suficiente para um homem entrar.

Ele claudicou até a fenda, olhou atentamente para dentro e grunhiu. O sol, no alto da floresta ocidental, se inclinava sobre a fenda, mostrando uma caverna em forma de túnel além dela, e descansava numa reveladora viga no arco onde o túnel acabava. Naquele arco, havia uma pesada porta de carvalho, revestida com ferro!

Isto era espantoso. Esta região era uma selva uivante. O cimério sabia que, por mais de mil e seiscentos quilômetros, esta costa ocidental era nua e inabitada, exceto pelas aldeias das ferozes tribos do litoral, que eram ainda menos civilizadas que suas irmãs das florestas.

Os povoados de civilização mais próximos eram os assentamentos ao longo do Rio Trovão, centenas de milhas a leste. O cimério sabia ser o único homem branco a cruzar a selva que ficava entre o rio e a costa. No entanto, aquela porta não era trabalho dos pictos.

Sendo inexplicável, era motivo de desconfiança, e desconfiadamente ele se aproximou, com o machado e a faca preparados. Então, quando seus olhos injetados em sangue ficaram mais acostumados à suave escuridão que se escondia em ambos os lados da estreita haste de luz solar, ele percebeu algo mais: grossas arcas cobertas de ferro se enfileiravam ao longo das paredes. Um brilho de compreensão apareceu em seus olhos. Curvou-se sobre uma, mas a tampa resistiu a seus esforços. Ergueu seu machado para despedaçar a antiga fechadura, mas logo mudou de idéia e manquejou em direção à porta arcada. Seu comportamento estava mais confiante agora, suas armas estavam penduradas em seus lados. Ele empurrou a porta adornadamente esculpida, e ela girou para dentro sem resistência.

Então, sua atitude mudou novamente, com a brusquidão de um relâmpago: ele recuou, praguejando assustadoramente, com a faca e o machado reluzindo ao assumirem posições defensivas. Por um instante, ficou parado ali, como uma estátua de ameaça feroz, esticando o sólido pescoço para olhar através da porta. Era mais escuro, na grande câmara

natural para onde estava olhando, mas um brilho fraco emanava da grande jóia, que estava sobre um diminuto pedestal de marfim, no centro da grande mesa de ébano, ao redor da qual se sentavam aquelas formas silenciosas, cuja aparência havia surpreendido o intruso daquela forma.

Não se moviam; não viraram as cabeças em direção a ele.

— Bom — ele disse asperamente -, vocês estão bêbados?

Não houve resposta. Ele não era um homem fácil de se embaraçar, embora naquele momento se sentisse desconcertado.

— Vocês poderiam me oferecer um copo desse vinho que estão bebendo. — rosnou, com sua truculência natural despertada pelo embaraço da situação — Por Crom, vocês têm uma maldita falta de cortesia com um homem de sua própria irmandade. Vocês vão... ?

Sua voz se arrastou até se calar, e em silêncio ele ficou encarando por um instante aquelas figuras bizarras, que se sentavam tão silenciosamente ao redor da grande mesa de ébano.

— Não estão bêbados. — murmurou pouco depois — Não estão sequer bebendo. Que brincadeira dos diabos é esta?

Ele adentrou a soleira e, no momento seguinte, estava lutando por sua vida, contra os invisíveis dedos assassinos que lhe agarravam a garganta.

## II

### *Homens do Mar*

Belesa agitava ociosamente uma concha marinha, com um gracioso dedão calçado com chinelo, comparando mentalmente suas delicadas bordas cor-de-rosa com a primeira névoa rosa do amanhecer, que se erguia sobre as praias brumosas. Não estava amanhecendo agora, mas o sol se

erguera há não muito tempo, e as leves nuvens verde— pérola, que se arrastavam sobre as águas, ainda não tinham sido dispersas.

Belesa ergueu sua cabeça esplendidamente formada, e olhou fixamente para uma cena que lhe era estranha e repelente, embora sombriamente familiar em cada detalhe. De seus pés graciosos, as areias amarelas corriam para encontrar as suaves ondas envolventes, que se estendiam para oeste, até se perderem na bruma azul do horizonte. Ela se encontrava na curva meridional da grande baía, e ao sul dela, a terra subia até um baixo cume, que formava um chifre daquela baía. Daquele cume, ela sabia, dava para olhar na direção sul, pelas águas nuas — até distâncias de infinidade tão absoluta quanto a vista para oeste e norte.

Olhando apaticamente em direção à terra, ela distraidamente esquadrinhou a fortaleza que tem sido sua casa no último ano. Contra um vago céu da manhã pérola e azul, pairava a bandeira dourada e escarlate de sua casa — uma insígnia que não despertava entusiasmo em seu peito jovem, embora a mesma houvesse sido desfraldada sobre vários e sangrentos campos de batalha, no Sul distante. Ela notou as figuras de homens trabalhando nos jardins e campos que se amontoavam próximos ao forte, parecendo evitarem o abrigo sombrio da floresta que demarcava a faixa aberta sobre o leste, se estendendo para o norte e sul até onde sua visão podia alcançar. Ela temia aquela floresta, e aquele medo era compartilhado por todos naquele pequeno povoamento. Não era um medo fútil — a morte se escondia naquelas profundezas sussurrantes; morte rápida e terrível; morte lenta, horrenda, oculta, pintada, incansável e implacável.

Ela suspirou e caminhou apaticamente até a beira d'água, sem nenhum objetivo fixo na mente. Os dias que se arrastavam eram todos de uma só cor, e o mundo das cidades, cortes e alegrias parecia estar, não apenas a milhares de quilômetros, mas a longas eras de distância. Mais uma vez, tentou em vão entender o motivo que levava um conde de Zingara a fugir, com seus empregados, para esta costa selvagem, a mais de 1600 quilômetros da terra que o gerara, trocando o castelo de seus ancestrais por uma cabana de troncos de árvore.

Seus olhos se suavizaram com o leve ruído de pequenos pés nus sobre as areias. Uma jovem garota veio correndo sobre o cume baixo e arenoso, completamente nua, seu corpo esguio molhado e seu cabelo loiro

umidamente emplastado em sua pequena cabeça. Seus olhos ansiosos estavam arregalados de agitação.

— Lady Belesa! — ela gritou, exprimindo as palavras zíngaras com um suave sotaque ophiriano — Oh, Lady Belesa!

Sem fôlego, devido à sua correria, ela gaguejou e fez gestos incoerentes com as mãos. Belesa sorriu e pôs um dos braços ao redor da criança, sem se importar por seu vestido de seda ter se encostado no corpo molhado e morno. Em sua vida solitária e isolada, Belesa aplicava a delicadeza de uma índole naturalmente carinhosa na pobre criança abandonada, que ela tirara das mãos de um amo brutal, encontrado naquela longa viagem desde as costas meridionais.

— O que está tentando me dizer, Tina? Recupere o fôlego, criança.

— Um navio! — gritou a menina, apontando para o sul — Eu estava nadando numa piscina que a maré deixou na areia, do outro lado do cume, e o vi! Um navio, vindo do sul!

Ela puxou timidamente a mão de Belesa, seu corpo delgado todo trêmulo; e Belesa sentiu o próprio coração bater mais rápido, diante do mero pensamento de um visitante desconhecido. Elas não tinham visto um navio, desde que chegaram a essa costa árida.

Tina correu na frente dela, sobre as areias amarelas, contornando as pequenas piscinas que as marés haviam deixado em rasos bancos de areia. Subiram o baixo cume ondulante, e Tina se equilibrou ali — uma delgada figura branca destacada contra o céu que clareava, o loiro cabelo molhado soprado contra seu rosto esguio, um delicado braço trêmulo esticado.

— Veja, milady!

Belesa já tinha visto: uma ondulante vela branca, preenchida pelo refrescante vento sul que batia ao longo da costa, a umas poucas milhas do ponto. Seu coração pulava. Uma coisa pequena pode ficar grande, em vidas isoladas e sem cor; mas Belesa sentiu uma premonição de acontecimentos estranhos e violentos. Sentiu que não era por acaso que este navio estava subindo esta costa solitária. Não havia cidade portuária ao norte, embora já se tivesse viajado para as longínquas praias geladas; e o porto mais próximo ao sul ficava a mais de 1600 quilômetros. O que trazia este forasteiro à solitária Baía de Korvela?

Tina se apertou contra sua senhora, a apreensão afligindo-lhe as feições esguias.

— Quem pode ser, milady? — gaguejou, com o vento colorindo-lhe as bochechas pálidas — É o homem a quem o conde teme?

Belesa olhou para baixo em direção a ela, com a testa ensombrecida.

— Por que diz isso, menina? Como sabe que meu tio teme alguém?

— Deve temer — respondeu Tina singelamente -, ou jamais viria se esconder neste lugar solitário. Veja, milady, como ele vem rápido!

— Temos que ir e informar meu tio. — sussurrou Belesa — Os barcos de pesca ainda não saíram, e nenhum dos homens viu ainda aquele navio. Vista-se, Tina. Depressa!

A criança desceu correndo o cume baixo, até a piscina natural onde tomava banho quando avistara a embarcação, e pegou os chinelos, túnica e cinto que deixara sobre a areia. Subiu de volta o cume, aos pulos, saltando grotescamente enquanto vestia as roupas escassas em meia-fuga.

Belesa, observando ansiosamente o navio que se aproximava, tomou—lhe a mão, e elas correram em direção ao forte. Poucos momentos após adentrarem o portão da paliçada de troncos de árvores, que cercava a construção, o clangor estridente da trombeta sobressaltou os trabalhadores nos jardins, e aos homens que acabavam de abrir as portas dos abrigos dos barcos, para empurrarem os botes de pesca pelos cilindros de rolagem até a beira d'água.

Todos os homens do lado de fora do forte abandonaram suas ferramentas, ou qualquer coisa que estivessem fazendo, e correram para a paliçada, sem pararem para olhar ao redor, por causa do alarme. As linhas dispersas de homens em fuga convergiram ao portão aberto, e todas as cabeças se curvavam por cima dos ombros, para olharem, temerosas, a fronteira escura de floresta ao leste.

Nenhum olhou para o mar.

Se aglomeraram através do portão, gritando perguntas às sentinelas que patrulhavam as brilhantes saliências, construídas sob as pontas, perfiladas para cima, dos troncos verticais da paliçada.

— O que é? Por que estão nos chamando para dentro? Os pictos estão chegando?

Como resposta, um taciturno homem armado, vestido em couro desgastado e aço enferrujado, apontou para o sul. De sua posição elevada, o navio agora estava visível. Os homens começaram a galgar as saliências, olhando para o mar.

Numa pequena torre de vigia, no teto da casa feudal, que era feita de troncos como as outras construções, o Conde Valenso observava o navio que se aproximava, enquanto este rodeava o ponto do chifre meridional. O conde era um homem magro, duro e flexível como arame, de estatura mediana e no final da meia-idade. Era moreno, de expressão sombria. Os calções e o casaco eram de seda negra; a única cor ao redor de seus trajes eram as jóias, que brilhavam no cabo de sua espada, e o manto cor de vinho, lançado negligentemente sobre o ombro. Torceu nervosamente o fino bigode preto, e virou os olhos sombrios para seu senescal — um homem de feições coriáceas, vestido em aço e cetim.

— O que acha, Galbro?

— Uma nau. — respondeu o senescal — É uma nau, adornada e equipada como uma embarcação dos piratas barachos... olhe ali!

Um coro de gritos abaixo deles lhe ecoou a exclamação; o navio se afastara do ponto, e estava girando para dentro da baía. E todos viram a bandeira que subitamente se desdobrou do mastro: uma bandeira negra, com uma caveira escarlate brilhando ao sol.

As pessoas que estavam dentro da paliçada arregalaram involuntariamente os olhos, diante do terrível emblema; então, todos os olhos viraram para o alto, em direção à torre, onde o senhor do forte se erguia, sombrio, seu manto lhe batendo ao redor no vento.

— É baracha mesmo. — grunhiu Galbro — E, a menos que eu esteja louco, é o Mão Vermelha, de Strom. O que ele está fazendo nesta costa desolada?

— Ele pode não significar nenhum bem para nós. — resmungou o conde.

Uma olhada para baixo o mostrou que os portões maciços haviam sido fechados, e que o capitão de seus soldados, brilhando em aço, estava dirigindo seus homens, alguns para as saliências e alguns para as seteiras. Ele estava concentrando sua força principal ao longo da muralha oeste, no meio da qual ficava o portão.

Valenso fora seguido no exílio por cem homens: soldados, vassalos e servos. Destes, uns 40 eram soldados, que usavam elmos e trajes de malha, armados com espadas, machados e bestas. Os demais eram trabalhadores sem armadura, exceto por camisas de couro endurecido, mas estes eram robustos e vigorosos, e habilidosos no uso de seus arcos de caça, machados de lenhador e lanças para javalis. Tomaram seus lugares, franzindo as testas

diante dos seus inimigos hereditários. Os piratas das Ilhas Barachas, um pequeno arquipélago próximo à costa sudoeste de Zingara, vinham pilhando o povo do continente por mais de um século.

Os homens na paliçada agarraram seus arcos ou lanças de caça, e olharam sombriamente para a nau que balançava-se em direção à costa, com seu acabamento em latão brilhando ao sol. Podiam ver as formas aglomeradas no convés, e ouvir os gritos vigorosos dos homens do mar. O aço cintilava ao longo do parapeito.

O conde havia se retirado da torre, enxotando a sobrinha e a ansiosa protegida desta, e, tendo colocado o elmo e a couraça, se dirigiu até a paliçada para comandar a defesa. Seus súditos o observavam com fatalismo melancólico. Pretendiam vender suas vidas tão caro quanto pudessem, mas tinham pouca esperança de vitória, apesar de sua posição privilegiada. Eram oprimidos por uma convicção de destino. Um ano naquela costa desolada, com a ameaça preocupante daquela floresta assombrada por demônios, que avultava constantemente às suas costas, havia nublado suas almas com presságios sombrios. Suas mulheres estavam em silêncio, nas portas de suas cabanas, construídas dentro da paliçada, e tranquilizavam a gritaria de suas crianças.

Belesa e Tina observavam ansiosamente, de uma janela mais alta na casa feudal, e Belesa sentia o pequeno corpo tenso da criança se tremendo todo, dentro da curva de seu braço protetor.

— Eles vão ancorar perto da casa dos barcos. — murmurou Belesa — Sim! Lá vem a âncora, a uns 90 metros da praia. Não trema assim, criança! Eles não podem tomar o forte. Talvez queiram apenas água fresca e suprimentos. Talvez uma tempestade os tenha trazido para estes mares.

— Estão vindo à praia em longos botes! — exclamou a menina — Oh, milady, estou com medo! São homens grandes em armaduras! Veja como o sol brilha em suas lanças e elmos! Eles vão nos comer?

Belesa explodiu de rir, apesar da apreensão.

— Claro que não! Quem colocou essa idéia em sua cabeça?

— Zingelito me disse que os barachos comem mulheres.

— Ele estava caçoando de você. Os barachos são cruéis, mas não são piores que os renegados zíngaros, que se autodenominam bucaneiros. Zingelito foi um bucaneiro no passado.

— Ele era cruel. — murmurou a criança — Estou feliz que os pictos tenham cortado fora a cabeça dele.

— Cale a boca, criança. — Belesa tremeu ligeiramente — Você não deve falar desse jeito. Veja, os piratas alcançaram a praia. Estão se enfileirando lá, e vindo em direção ao forte. Aquele deve ser Strom.

— Ô do forte! — veio uma chamada, numa voz borrascosa como o vento — Venho sob uma bandeira de trégua!

A cabeça protegida do conde apareceu sobre as pontas da paliçada; seu rosto severo, emoldurado em aço, examinava sombriamente o pirata. Strom havia parado bem ao alcance dos ouvidos. Era um homem grande, com a cabeça descoberta e o cabelo claro soprado pelo vento. De todos os piratas que frequentavam as Ilhas Barachas, nenhum era mais famoso por suas crueldades do que ele.

— Fale! — ordenou Valenso — Tenho pouca vontade de conversar com alguém da sua espécie.

Strom riu com os lábios, e não com os olhos.

— Quando seu galeão escapou de mim, naquele temporal perto de Trallibes no ano passado, nunca pensei em reencontrá-lo na Costa Picta, Valenso! — ele disse — Embora na ocasião, eu tivesse curiosidade em saber do seu destino. Por Mitra, se eu soubesse, teria lhe seguido na época! Fiquei sobressaltado, há pouco, quando vi seu falcão escarlate ondulando sobre uma fortaleza, onde eu havia imaginado não ver nada, exceto praia nua. Você já o encontrou, naturalmente.

— Encontrei o quê? — retrucou impacientemente o conde.

— Não tente ser hipócrita comigo! — A natureza violenta do pirata se mostrou por um momento, num lampejo de impaciência — Eu sei por que você veio aqui... e vim pela mesma razão. Não pretendo ser impedido. Onde está seu navio?

— Não é da sua conta.

— Você não tem nenhum. — afirmou o pirata com convicção — Vejo pedaços de mastros de um galeão nessa paliçada. Deve ter naufragado, de algum modo, depois que você desembarcou aqui. Se você tivesse um navio, já teria navegado para longe daqui, com sua pilhagem, há muito tempo.

— Do que está falando, maldito? — vociferou o conde — Minha pilhagem? Acaso sou um baracho, para queimar e saquear? Mesmo assim, o que eu iria saquear nesta costa desolada?

— Aquilo que você veio encontrar. — respondeu friamente o pirata — A mesma coisa que eu busco... e pretendo ter. Mas serei bondoso e negociarei: apenas me dê a pilhagem, e seguirei meu caminho e lhe deixarei em paz.

— Você deve ser louco. — rosnou Valenso — Vim para cá a fim de encontrar o isolamento e a solidão, dos quais desfrutei até você sair rastejando do mar, seu cão de cabelos amarelos. Vá embora! Não pedi nenhuma negociação com inimigos, e estou cansado desta conversa vazia. Leve sua corja e sigam seus caminhos.

— Quando eu for, deixarei esta choupana reduzida a cinzas fumegantes! — rugiu o pirata, num arrebatamento de fúria — Pela última vez: vai me dar o saque em troca de suas vidas? Tenho você encurralado aqui, e 150 homens prontos para lhes cortarem as gargantas sob minhas ordens.

Como resposta, o conde fez um gesto rápido com a mão, sob as pontas da paliçada. Quase instantaneamente, uma fecha zuniu virulentamente através de uma seteira e se estilhaçou na couraça de Strom. O pirata gritou ferozmente, pulou para trás e correu em direção à praia, com flechas assobiando ao seu redor. Seus piratas urraram e se juntaram a ele feito uma onda, as lâminas lampejando ao sol.

— Maldito seja, cão! — rugiu o conde, derrubando o ofendido arqueiro com seu punho vestido em ferro — Por que não atingiu a garganta dele? Depressa com seus arcos, homens... lá vêm eles!

Mas Strom havia alcançado seus homens, impedindo-lhes a investida precipitada. Os piratas se espalharam numa longa linha, que cobria parcialmente as extremidades da parede oeste, e avançaram cautelosamente, soltando as setas à medida que chegavam. Sua arma era o arco longo, e sua arte de atirar com arco e flecha era superior à dos zíngaros. Mas os últimos estavam protegidos por sua barreira. As longas flechas se curvavam sobre a paliçada e estremeciam verticalmente na terra. Uma delas atingiu a soleira da janela sobre a qual Belesa observava, arrancando um grito de medo de Tina, que se encolheu para trás, seus olhos grandes fixos na maligna seta vibrante.

Os zíngaros mandaram seus dardos e suas flechas de caça em resposta, apontando e soltando sem muita pressa. As mulheres haviam levado suas crianças para dentro de suas cabanas, e agora aguardavam, qualquer que fosse o destino que os deuses lhes reservavam.

Os barachos eram famosos por seu furioso e temerário estilo de batalha, mas eram tão cautelosos quanto furiosos, e não pretendiam desperdiçar sua força em vão, em ataques diretos contra as trincheiras. Eles mantinham sua formação bem espalhada, se arrastando e tirando vantagem de cada depressão natural e pedaço de vegetação — a qual não era muita, pois o

chão fora desmatado em todos os lados do forte, para evitar traiçoeiros ataques pictos.

Uns poucos corpos jaziam na terra arenosa, pedaços de empunhaduras brilhando ao sol, setas se erguendo de axilas ou pescoços. Mas os piratas eram ágeis como gatos, sempre mudando suas posições, e estavam protegidos por suas armaduras leves. Seus tiros constantes eram uma ameaça contínua para os homens na paliçada. Contudo, era evidente que, se a batalha permanecesse uma troca de tiros de flechas, a vantagem permaneceria com os protegidos zíngaros.

Mas, descendo para o abrigo de barcos na praia, havia homens trabalhando com machados. O conde praguejou exaltado, ao ver a destruição que estavam fazendo entre os barcos dele, os quais haviam sido laboriosamente feitos com pranchas tiradas de toras sólidas.

— Os malditos estão fazendo um mantelete! — ele esbravejou — Um ataque agora, antes que eles o completem... enquanto ainda estão espalhados...

Galbro sacudiu a cabeça, olhando para os mal-armados homens de confiança e suas lanças toscas.

— Suas flechas nos deixariam crivados, e não somos páreos para eles na luta corpo-a-corpo. Devemos ficar atrás de nossos muros e confiar em nossos arqueiros.

— Boa idéia... — rosnou Valenso — Se conseguirmos mantê-los do lado de fora dos nossos muros.

Logo, a intenção dos piratas se tornou aparente para todos, quando um grupo de uns 30 homens avançou, empurrando diante deles um grande escudo, feito com as pranchas dos barcos, e as madeiras que a compunham o próprio abrigo de barcos. Havia encontrado um carro de boi, e montado o mantelete sobre as rodas — grandes discos sólidos de carvalho. Enquanto o rolavam pesadamente diante deles, ele os escondia da visão dos defensores, exceto por vislumbres de seus pés em movimento.

Ele rolou até o portão, e a fileira irregular de arqueiros convergiu até ele, atirando enquanto seguiam caminho.

— Atirem! — gritou Valenso, pálido — Parem-nos, antes que alcancem o portão!

Uma tempestade de flechas zuniu pela paliçada, e os emplumou sem machucá-los, dentro da madeira grossa. Um grito zombeteiro respondeu à rajada. Setas encontravam seteiras agora, enquanto o resto dos piratas se

aproximava, e um soldado cambaleou e caiu da beirada, arfando e asfixiado, com uma flecha de mais de 90 centímetros atravessada na garganta.

— Atirem nos pés deles! — gritou Valenso, e logo: — Quarenta homens para o portão, com lanças e machados! O resto, defenda o muro!

Flechas furavam a areia diante do escudo móvel. Um uivo sanguinário anunciou que uma delas havia encontrado seu alvo sob a borda, e um homem cambaleou à vista, praguejando e saltando, enquanto lutava para retirar a seta que lhe espetava o pé. Num instante, ele estava emplumado por uma dúzia de flechas de caça.

Mas, com um grito profundamente gutural, o mantelete foi empurrado até o muro, e um pesado pau-de-carga com ponta de ferro, enfiado através de uma abertura no centro do escudo, começou a ribombar no portão, empurrado por braços musculosos e recuado com fúria sanguinária. O portão maciço estalou e tremeu, enquanto, da paliçada, flechas choviam numa saraivada contínua, e algumas alcançavam o alvo. Mas os selvagens homens do mar estavam incendiados pela ânsia de batalha.

Com gritos intensos, eles balançavam o aríete e, de todos os lados, os outros se aproximavam, enfrentando corajosamente os tiros debilitados que vinham das muralhas, e atirando rápida e vigorosamente.

Praguejando como um louco, o conde pulou da muralha e correu para o portão, desembainhando a espada. Uma massa de soldados desesperados se juntou atrás dele, agarrando suas lanças. A qualquer momento, o portão iria ceder, e eles deveriam vedar o espaço com seus corpos vivos.

Então, uma nova nota adentrou o clamor do combate. Era uma trombeta, soando estridente do navio. Nos vaus reais, uma figura abanava os braços e gesticulava selvagemmente.

Aquele som adentrou os ouvidos de Strom, mesmo enquanto ele usava sua força no aríete balouçante. Empregando os músculos poderosos, ele resistiu ao vagalhão de outros braços, firmando as pernas para deter o aríete em seu balanço para trás. Virou a cabeça, o suor pingando do rosto.

— Esperem! — ele rugiu — Esperem, malditos! Escutem!

No silêncio que se seguiu àquele bramido de boi, o clangor da trombeta foi claramente ouvido, assim como uma voz que gritava algo ininteligível para as pessoas dentro da paliçada.

Mas Strom entendeu, pois sua voz se ergueu novamente em comando blasfemo. O aríete foi abandonado, e o mantelete começou a recuar do portão, tão rapidamente quanto avançara.

— Veja! — gritou Tina, em sua janela, pulando em impetuosa empolgação — Estão correndo! Todos eles! Estão correndo para a praia! Veja! Abandonaram o escudo para longe do alcance! Estão pulando para dentro dos botes e remando para o navio! Oh, milady, nós ganhamos?

— Acho que não! — Belesa olhava fixamente para o mar — Olhe!

Ela afastou as cortinas para um lado e se inclinou na janela. Sua voz clara e jovem se ergueu acima dos gritos empolgados dos defensores; eles viraram as cabeças na direção em que ela apontou. Lançaram um grito intenso, ao verem outro navio contornar majestosamente a ponta sul. Mesmo enquanto olhavam, ele desdobrou a dourada bandeira real de Zingara.

Os piratas de Strom estavam se amontoando nos lados de sua nau e levantando âncora. Antes que o estranho houvesse avançado meio caminho na baía, o Mão Vermelha estava desaparecendo ao redor da ponta do chifre norte.

### III

## *A Vinda do Homem Negro*

— Para fora, rápido! — disse bruscamente o conde, puxando violentamente as trancas do portão — Destruam esse mantelete, antes que estes estranhos possam desembarcar!

— Mas Strom fugiu — advertiu Galbro -, e o outro navio é zingaro.

— Faça como eu mando. — rugiu Valenso — Nem todos os meus inimigos são estrangeiros! Saiam, cães! Trinta de vocês, com machados, e façam uma boa lenha com aquele mantelete. Tragam as rodas para dentro da paliçada.

Trinta homens com machados correram para baixo, em direção à praia — homens musculosos, em túnicas sem mangas, seus machados brilhando ao sol. O ar de seu lorde havia sugerido uma possibilidade de perigo naquele navio que chegava, e havia pânico na pressa deles. O estilhaçar das madeiras, sob seus velozes machados, chegava claramente até as pessoas dentro do forte, e os homens com machados estavam correndo de volta pela areia, rolando as grandes rodas de carvalho diante deles, antes que o navio zíngaro ancorasse onde o navio pirata havia estado.

— Por que o conde não abre o portão e desce para encontrá-los? — perguntou Tina — Ele receia que o homem a quem teme possa estar naquele navio?

— O que quer dizer, Tina? — indagou Belesa, inquieta. O conde nunca havia se dignado a dar uma razão para seu auto-exílio. Ele não era o tipo de homem que fugia de um inimigo, embora tivesse muitos. Mas a convicção de Tina era inquietante; quase sobrenatural.

Tina parecia não ter ouvido sua pergunta.

— Os homens com machados estão de volta à paliçada. — ela disse — O portão está fechado e trancado novamente. Os homens ainda mantêm seus lugares ao longo da muralha. Se aquele navio estava perseguindo Strom, por que não foi atrás dele? Mas não é um navio de guerra. É uma nau, como o outro. Veja, um bote está chegando à praia. Estou vendo um homem na proa, envolto num manto escuro.

Após o bote alcançar terra firme, este homem veio subindo calmamente as areias, seguido por outros três. Era um homem alto, magro e vigoroso, vestido em seda negra e aço polido.

— Parados! — rugiu o conde — Negociarei sozinho com o líder de vocês!

O mais alto dos estranhos removeu o capacete e se curvou majestosamente. Seus companheiros pararam, puxando os longos mantos ao redor de si mesmos, e atrás deles, os marujos se curvaram sobre os remos e olharam para a bandeira que ondulava sobre a paliçada.

Ao chegar ao portão, bem ao alcance dos ouvidos:

— Ora! Certamente — ele disse — não deveria haver desconfiança entre cavalheiros nestes mares desolados!

Valenso olhou desconfiado para ele. O estranho era escuro, com um magro rosto de rapina e um fino bigode preto. Um cacho de renda estava dobrado em seu pescoço, e havia renda em seus pulsos.

— Eu lhe conheço. — disse Valenso lentamente — Você é Zarono Negro, o bucaneiro.

Mais uma vez, o estranho se curvou com majestosa elegância.

— E ninguém falharia em reconhecer o falcão vermelho dos Korzettas!

— Parece que esta costa se tornou o ponto de encontro de todos os velhacos dos mares do sul. — rosou Valenso — O que deseja?

— Ora, vamos, por favor, senhor! — protestou Zarono — Esta é uma acolhida rude para alguém que acabou de lhe prestar um serviço. Não era aquele cão argoseano que estava há pouco tempo trovejando em seu portão? E ele não saltou de volta para o mar, quando me viu contornar o cabo?

— Verdade. — grunhiu o conde, de má vontade — Embora haja pouca diferença entre um pirata e um renegado.

Zarono riu sem ressentimento e torceu rapidamente o bigode.

— Você é áspero no falar, milorde. Mas desejo apenas ancorar em sua baía, para que meus homens procurem caça e água em suas florestas, e talvez, eu próprio beber um copo de vinho à sua mesa.

— Não vejo como posso hospedá-lo. — rosou Valenso — Mas entenda isto, Zarono: nenhum homem de sua tripulação entra nesta paliçada. Se algum deles se aproximar menos de 30 metros, terá imediatamente uma flecha no estômago. E eu recomendo não causarem dano aos meus jardins ou ao gado nos currais. Três bois serão suficientes como carne fresca, e nada mais. E podemos defender este forte contra seus rufiões, caso você pense o contrário.

— Vocês não o estavam defendendo prosperamente contra Strom. — o bucaneiro salientou, com um sorriso zombeteiro.

— Você não encontrará madeira para fazer manteletes, a não ser que derrube árvores, ou a arranque de seu próprio navio. — assegurou sombriamente o conde — E seus homens não são arqueiros barachos; não são melhores arqueiros que os meus. Além disso, o pouco saque que você acharia neste castelo não valeria o preço.

— Quem está falando de saque e guerra? — protestou Zarono — Não, meus homens estão ansiosos para estirarem as pernas em terra firme, e quase com escorbuto por mastigarem carne de porco salgada. Eu garanto a boa conduta deles. Eles poderiam descer à praia?

Valenso, de má vontade, manifestou satisfação, e Zarono se curvou, ligeiramente sardônico, e se recolheu com um passo tão regular e imponente, como se andasse no polido chão cristalino da corte real de

Kordava, onde de fato, a menos que os boatos mentissem, ele outrora havia sido uma figura familiar.

— Não deixe homem algum abandonar a paliçada. — Valenso ordenou a Galbro — Não confio naquele cão renegado. O fato de ele ter expulsado Strom do nosso portão não garante que ele não nos cortaria as gargantas.

Galbro assentiu com a cabeça. Ele era bastante sabedor da inimizade que existia entre os piratas e os bucaneiros zíngaros. Os piratas eram, em sua maioria, marinheiros argoseanos que se tornaram foras-da-lei. À antiga rixa entre Argos e Zingara somava-se, no caso dos flibusteiros, a rivalidade de interesses opostos. Ambas as raças pilhavam navios e cidades costeiras; e pilhavam uma à outra com igual voracidade.

Deste modo, ninguém se retirou da paliçada, enquanto os bucaneiros vinham à praia — homens de rostos escuros, em seda flamejante e aço polido, com faixas amarradas ao redor das cabeças e argolas de ouro nas orelhas. Acamparam na praia, mais de 170 deles, e Valenso notou que Zaronu postou sentinelas em ambas as pontas. Não molestaram os jardins, e somente os três bois escolhidos por Valenso, que gritava da paliçada, foram mandados e abatidos. Fogueiras foram acesas na praia, e um barril de cerveja foi trazido à terra e aberto.

Outros barris menores foram enchidos com a água da fonte que jorrava a uma curta distância ao sul do forte, e os homens começaram a se espalhar em direção à floresta, com bestas nas mãos. Vendo isto, Valenso foi levado a gritar para Zaronu, que caminhava de um lado a outro do acampamento:

— Não deixe seus homens adentrarem a floresta. Peguem outro boi nos currais, se não tiverem carne suficiente. Se pisarem na floresta, poderão se deparar com os pictos.

"Todas as tribos dos demônios pintados vivem por trás da floresta. Rechaçamos um ataque logo após desembarcarmos; e desde então, seis de meus homens foram assassinados na floresta, num momento ou outro. Há paz entre nós no momento, mas ela pende por um fio. Não se arrisque provocando-os".

Zaronu lançou um olhar sobressaltado à mata ameaçadora, como se esperasse ver hordas de figuras selvagens se escondendo lá. Então, ele se curvou e disse:

— Agradeço-lhe o aviso, milorde.

E gritou para seus homens voltarem, numa voz áspera que contrastava estranhamente com o elegante tom de voz dirigido ao conde.

Se Zarono pudesse penetrar a máscara de folhas, estaria mais apreensivo; se pudesse ter visto a figura sinistra lá escondida, que observava os forasteiros com olhos inescrutáveis — um guerreiro horrendamente pintado, nu exceto por uma longa tanga de pele de corça, com uma pena de tucano pendendo sobre a orelha esquerda.

Quando o anoitecer se aproximou, um fino deslizamento cinza se arrastou para o alto, vindo da linha do mar, e escureceu o céu. O sol se pôs num lamaçal escarlate, tingindo as pontas das ondas negras de sangue. A neblina se arrastou do céu e se enrolou aos pés da floresta, se enroscando ao redor da paliçada em pequenos feixes fumegantes. As fogueiras na praia brilhavam num vermelho fosco através da bruma, e o canto dos bucaneiros parecia amortecido e distante. Eles haviam trazido velhas lonas do navio, e feito com elas abrigos ao longo da costa, onde a carne ainda estava assando, e a cerveja concedida a eles por seu capitão estava distribuída economicamente.

O grande portão estava fechado e trancado. Soldados caminhavam impassíveis nas saliências da paliçada, lança no ombro e gotas de orvalho brilhando em seus gorros de aço. Olhavam inquietos para as fogueiras na praia, miravam mais fixamente em direção à floresta — agora uma vaga linha escura na névoa que se arrastava. O pátio interno estava vazio; um espaço nu e escurecido. Velas brilhavam fracamente através das fendas das cabanas, e a luz brotava das janelas da casa feudal. Havia silêncio, exceto pelo caminhar das sentinelas, o gotejar da água dos telhados e o canto distante dos bucaneiros.

Um fraco eco deste canto adentrava o grande salão, onde Valenso sentava-se para beber vinho, com seu convidado não-solicitado.

— Seus homens se divertem, senhor. — grunhiu o conde.

— Eles estão contentes em sentir outra vez a areia sob seus pés. — respondeu Zarono — Foi uma viagem cansativa... sim, uma longa e severa perseguição.

Ele ergueu gentilmente o copo de vinho para a garota não-receptiva, que se sentava à direita do anfitrião, e bebeu cerimoniosamente.

Criados impassíveis se alinhavam pelas paredes, soldados com lanças e elmos, servos com casacos de cetim. A casa de Valenso nesta terra selvagem era um vago reflexo da corte que possuía em Kordava.

A casa feudal, como ele insistia em chamá-la, era uma maravilha para aquela costa. Cem homens haviam trabalhado noite e dia, durante meses,

construindo-a. Seu exterior, com paredes de troncos de árvores, era destituído de ornamentação; mas, por dentro, era uma cópia tão fiel quanto possível do Castelo de Korzetta. Os troncos que compunham a parede do salão eram escondidos por pesadas tapeçarias de seda, trabalhadas a ouro. Vigas do navio, tingidas e polidas, formavam as vigas do teto alto. O chão era coberto por ricos tapetes. A larga escada que subia do salão era igualmente atapetada, e sua sólida balaustrada havia sido outrora um parapeito do galeão.

Uma fogueira, na grande lareira, dissipava a umidade da noite. Velas no grande candelabro de prata, no centro da grande mesa de mogno, iluminavam o salão, lançando longas sombras na escada. O Conde Valenso se sentava na cabeceira daquela mesa, presidindo uma comitiva composta por sua sobrinha, seu convidado pirata Galbro e o capitão da guarda. A pequenez da comitiva realçava as proporções da enorme mesa, onde cinquenta convidados poderiam se sentar confortavelmente.

— Você seguia Strom? — perguntou Valenso — Você o enxotou para este local tão distante?

— Eu seguia Strom — riu Zaron - , mas ele não estava fugindo de mim. Strom não é homem que foge de qualquer um. Não; ele veio à procura de algo; algo que também desejo.

— O que poderia atrair um pirata ou um bucaneiro a esta costa desolada? — resmungou Valenso, olhando para o conteúdo borbulhante de seu copo de vinho.

— O que poderia atrair um conde de Kordava? — retrucou Zaron, e uma luz ávida brilhou por um momento em seus olhos.

— A corrupção de uma corte real pode enojar a um homem de honra.

— comentou Valenso.

— Os Korzettas de honra suportaram a corrupção dela com tranquilidade, por muitas gerações. — disse Zaron, sem cerimônia — Milorde, satisfaça minha curiosidade: por que vendeu suas terras, encheu seu galeão com mobílias de seu castelo e viajou pelo horizonte, sem o conhecimento do rei e dos nobres de Zingara? E por que se instalou aqui, quando sua espada e seu nome poderiam cavar um lugar para você em qualquer terra civilizada?

Valenso manuseou distraidamente a corrente dourada em seu pescoço.

— Por que deixei Zingara — ele disse -, é assunto meu. Mas foi o azar que me deixou encalhado aqui. Eu havia trazido toda a minha gente para a

terra firme, e muitas das mobílias que você mencionou, para construir habitação temporária. Mas meu navio, ancorado lá fora na baía, foi lançado contra os rochedos da ponta norte e destruído por uma súbita tempestade que veio do oeste. Tais tempestades são bastante comuns em certas épocas do ano. Depois daquilo, não havia nada para se fazer, exceto ficar e fazer o melhor que pudesse.

— Então, você retornaria à civilização se pudesse?

— Não para Kordava. Mas talvez para alguma região distante... para Vendhya ou Khitai...

— Você não acha este lugar tedioso, milady? — perguntou Zaron, pela primeira vez se dirigindo diretamente a Belesa.

A ânsia de ver um novo rosto e ouvir uma nova voz havia trazido a jovem para o grande salão, nesta noite. Mas agora, ela desejaria ter permanecido no quarto de dormir, com Tina. Era inconfundível o significado do olhar que Zaron lançou para ela. Sua fala era decorosa e formal; sua expressão, serena e respeitosa. Mas não passava de uma máscara, através da qual se vislumbrava o espírito violento e sinistro do homem. Ele não conseguia afastar o ardente desejo dos olhos, quando mirava a aristocrática beleza jovem, em seu vestido de gola baixa e seu cinto cravejado de jóias.

— Há pouca diversão aqui. — ela respondeu em voz baixa.

— Se você tivesse um navio — Zaron perguntou abruptamente -, abandonaria esta instalação?

— Talvez. — admitiu o conde.

— Tenho um navio. — disse Zaron — Se pudéssemos chegar a um acordo...

— Que tipo de acordo? — Valenso ergueu a cabeça, para olhar desconfiado para seu convidado.

— Uma partilha por igual. — disse Zaron, pondo a mão sobre a mesa, com os dedos bem abertos. O gesto lembrava curiosamente uma grande aranha. Mas os dedos palpitavam com uma curiosa tensão, e os olhos do bucaneiro brilhavam com uma nova luz.

— Partilhar o quê? — Valenso o fitou, em evidente perplexidade — O ouro que eu trouxe comigo afundou em meu navio; e, ao contrário das pranchas quebradas, ele não foi lançado à costa.

— Não é isso! — Zaron gesticulou impacientemente — Vamos ser francos, milorde. Consegue fingir que foi o azar que lhe fez desembarcar

neste determinado ponto, com mil milhas de costa para serem escolhidas?

— Não tenho necessidade de fingir. — respondeu Valenso friamente — O capitão de meu navio era Zingelito, outrora um bucaneiro. Ele havia navegado nesta costa e me persuadido a desembarcar aqui, me dizendo ter uma razão que ele mais tarde revelaria. Mas ele nunca divulgou este motivo, porque no dia seguinte ao nosso desembarque, ele desapareceu dentro da floresta, e seu corpo decapitado foi achado mais tarde por um grupo de caçadores. Obviamente, foi emboscado e morto pelos pictos.

Zarono olhou fixamente para Valenso por um intervalo de tempo.

— Bom — disse ele, finalmente -, eu acredito em você, milorde. Um Korzetta não tem habilidade para mentir, apesar dos seus demais talentos. E lhe farei uma proposta. Admito que, quando ancorei na baía, eu tinha outros planos em mente. Supondo que você já houvesse obtido o tesouro, eu pretendia tomar estrategicamente este forte e cortar todas as suas gargantas. Mas as circunstâncias me fizeram mudar de idéia... — ele dirigiu um olhar para Belesa, cujo rosto mudou de cor e ergueu a cabeça, indignada.

— Tenho um navio para lhe tirar do exílio — disse o bucaneiro -, com sua família e os dependentes que você escolher. Os restantes podem se sustentar sozinhos.

Os criados ao longo das paredes lançaram olhares apreensivos de esguelha, uns para os outros. Zarono prosseguiu, brutalmente cínico demais para dissimular suas intenções.

— Mas primeiro você deve me ajudar a obter o tesouro, pelo qual naveguei mil milhas.

— Que tesouro, em nome de Mitra? — reclamou o conde furiosamente — Você agora está falando igual àquele cão do Strom.

— Já ouviu falar em Trnicos O Sanguinário, o maior dos piratas barachos? — perguntou Zarono.

— Quem não ouviu? Foi ele quem assaltou a ilha do castelo do exilado príncipe Tothmekri, da Stygia, passou as pessoas no fio da espada e levou o tesouro que o príncipe havia trazido consigo, quando fugira de Khemi.

— Sim! E a história daquele tesouro levou os homens da Irmandade Vermelha a se aglomerarem feito abutres atrás de carniça: piratas, bucaneiros e até mesmo os corsários negros do Sul. Temendo ser traído por seus capitães, ele fugiu para o norte num navio, e desapareceu do conhecimento dos homens. Isso foi há quase cem anos.

"Mas a história insiste que um homem sobreviveu àquela última viagem, e retornou às Barachas, apenas para ser capturado por um navio de guerra zingaro. Antes de ser enforcado, ele contou sua história e desenhou um mapa com seu próprio sangue, num pergaminho, que contrabandeara de alguma forma, longe do alcance de seu captor. Esta foi a história que ele contou: Tranicos viajara para muito além dos caminhos de navegação, até chegar a uma baía numa costa desolada, e lá ancorou. Desembarcou, levando seu tesouro e onze de seus capitães mais confiáveis que o haviam acompanhado em seu navio. Seguindo-lhe as ordens, o navio partiu, para retornar dentro de uma semana e buscarem o almirante dele, e seus capitães. Nesse meio tempo, Tranicos pretendeu esconder o tesouro em algum lugar nos arredores da baía. O navio retornou no tempo marcado, mas não havia sinal de Tranicos e seus onze capitães, exceto a tosca residência que eles haviam construído na praia.

"Esta havia sido demolida, e havia rastros de pés nus ao redor dela, mas nenhum sinal de luta. Nem havia lá qualquer sinal do tesouro, nem algum indício que mostrasse onde ele estava escondido. Os piratas mergulharam na floresta para procurarem por seu chefe e os capitães dele, mas foram atacados pelos selvagens pictos e mandados de volta ao navio. Desesperadamente, içaram âncora e fugiram navegando, mas antes que se aproximassem das Barachas, uma terrível tempestade fez o navio naufragar, e somente um homem sobreviveu.

"Esta é história do Tesouro de Tranicos, ao qual os homens têm procurado em vão por quase um século. Sabe-se que o mapa existe, mas seu paradeiro continua sendo um mistério.

"Só tive um único vislumbre daquele mapa. Strom e Zingelito estavam comigo, e um nemédio que navegava com os barachos. Estávamos observando-o na choupana de uma certa cidade portuária zingara, na qual nos escondíamos, disfarçados. Alguém derrubou o candeeiro e alguém uivou no escuro; e, quando acendemos a luz novamente, o velho sovina que possuía o mapa estava morto com um punhal no coração, o mapa havia desaparecido, e os vigias noturnos desciam ruidosamente a rua com suas lanças, para investigarem o grito. Nos dispersamos, e cada um seguiu seu próprio caminho.

"Durante os anos posteriores, Strom e eu ficamos de olho um no outro, um achando que o outro tinha o mapa. Bom, não sei no que resultou, mas

recentemente me veio a notícia de que Strom havia partido para o norte, e então eu o segui. Você viu o fim daquela perseguição.

"Tive apenas um vislumbre do mapa, quando ele estava na mesa do velho sovina, e não sei dizer nada sobre ele. Mas os atos de Strom mostram que ele sabe ser esta a baía onde Tránicos ancorou. Acredito que esconderam o tesouro em algum lugar nessa floresta e, ao retornarem, foram atacados e mortos pelos pictos. Os pictos não conseguiram o tesouro. Homens têm subido e descido um pouco esta costa, sem saber nada do tesouro, e nenhum ornamento de ouro ou jóia rara foi visto entre os bens das tribos costeiras.

"Esta é a minha proposta: vamos unir nossas forças. Strom está em algum lugar ao alcance, mantendo distância. Ele fugiu porque temia ser pego entre nós dois, mas irá voltar. Mas, aliados, nós podemos rir dele. Nós podemos trabalhar fora do forte, deixando homens suficientes aqui para defendê-lo se ele o atacar. Acredito que o tesouro esteja escondido por perto. Doze homens não conseguiriam carregá-lo para longe. Vamos encontrá-lo, colocá-lo em meu navio e viajar para algum porto estrangeiro onde eu possa encobrir meu passado com ouro. Estou cansado desta vida. Quero voltar para uma terra civilizada e viver como um nobre, com riquezas, escravos e um castelo... e uma esposa de sangue nobre".

— Como? — indagou o conde, com os olhos semicerrados de suspeita.

— Dê-me sua sobrinha como minha esposa. — demandou o bucaneiro, sem cerimônias.

Belesa protestou abruptamente e ficou de pé. Valenso também se levantou, lívido, os dedos se juntando convulsivamente ao redor do copo de vinho, como se ele pretendesse lançá-lo em seu convidado. Zaroni não se moveu; continuou sentado, com um braço sobre a mesa e os dedos curvados como garras. Seus olhos ardiam discretamente de paixão e com uma profunda ameaça.

— Como ousa?! — exclamou Valenso.

— Você parece esquecer que caiu de sua alta condição, Conde Valenso. — rosou Zaroni — Você não está na corte kordava, milorde. Nesta costa desolada, a nobreza é medida pelo poder dos homens e das armas. E lá estou. Estranhos caminham pelo Castelo Korzetta, e a fortuna Korzetta está no fundo do mar. Você morrerá aqui, como um exilado, a menos que eu lhe conceda o uso de meu navio.

"Você não terá motivo para se arrepender da união de nossas famílias. Com um novo nome e uma nova fortuna, descobrirá que Zaron Negro pode tomar o lugar dele entre os aristocratas do mundo, e ser um genro do qual nem mesmo um Korzetta precisa ter vergonha".

— Você é louco para pensar nisso! — exclamou violentamente o conde — Você... o que há?

Um tropel de pés, deslizando suavemente, distraiu sua atenção. Tina chegou apressadamente ao salão, hesitou quando os olhos do conde se fixaram furiosamente nela, fez uma profunda mesura e caminhou de lado ao redor da mesa até enfiar suas mãos pequenas entre os dedos de Belesa. Ela ofegava levemente, seus chinelos estavam molhados e o cabelo loiro emplastrado na cabeça.

— Tina! — exclamou Belesa, apreensiva — Onde você esteve? Pensei que estivesse no seu quarto há horas.

— Eu estava — respondeu a criança, ofegante -, mas perdi meu colar de coral, que você me deu... — Ela o levantou; uma bugiganga sem importância, mas valorizada mais do que suas outras posses, pois havia sido o primeiro presente de Belesa para ela — Eu tinha medo de você não me deixar ir, caso soubesse... a esposa de um soldado me ajudou, do lado de fora da paliçada, e voltamos... por favor, milady, não me faça contar quem era ela, porque prometi não fazê-lo. Encontrei meu colar próximo à poça onde tomei banho esta manhã. Por favor, me castigue, se eu errei.

— Tina! — suspirou Belesa, abraçando a criança — Não vou lhe castigar. Mas você não deveria ter ido para o lado de fora da paliçada, com aqueles bucaneiros acampados na praia, e sempre uma possibilidade dos pictos estarem se escondendo ao redor. Deixe eu lhe levar para seu quarto e trocar essas roupas molhadas...

— Sim, milady — murmurou Tina -, mas primeiro deixe-me contar pra você sobre o homem negro...

— O quê? — A surpreendente interrupção foi um grito que explodiu dos lábios de Valenso. Seu copo de vinho caiu ruidosamente ao chão, enquanto ele segurava a mesa com ambas as mãos. Se um raio o tivesse atingido, o porte do senhor do castelo não teria sido alterado de forma mais aguda e aterradora. Seu rosto estava lívido, e seus olhos quase saltando de sua cabeça.

— O que disse? — ele ofegou, olhando furiosa e selvagememente para a criança que se encolheu para trás, encostando-se em Belesa e desconcertada

— O que você disse, menina?

— Um homem negro, milorde. — ela gaguejou, enquanto Belesa, Zaron e os criados o fitavam, pasmados — Quando desci à poça para pegar meu colar, eu o vi. Havia um estranho gemido no vento, e o mar choramingava feito uma coisa com medo, e então ele veio. Eu estava com medo, e me escondi atrás de uma baixa saliência de areia. Ele veio do mar, num estranho bote negro, com fogo azul tremulando por todo o seu redor, embora não houvesse tocha. Ele puxou seu bote até as areias sob a ponta sul, e caminhou em direção à floresta, parecendo um gigante na bruma... um homem grande e alto, negro como um kushita...

Valenso cambaleou como se tivesse recebido um golpe mortal. Apertou a própria garganta, quebrando a corrente dourada em sua violência. Com a careta de um louco, ele cambaleou sobre a mesa e, com um grito agudo, arrancou a criança dos braços de Belesa.

— Sua pequena vadia. — ele arfou — Está mentindo! Você me ouviu resmungar em meu sono, e disse esta mentira para me atormentar! Diga que está mentindo, senão lhe arranco a pele das costas!

— Tio! — gritou Belesa, em ultrajado assombro, tentando soltar Tina dele — Está louco? O que há com você?

Com um rosnado, ele puxou-lhe a mão do braço e a fez girar, trêmula, para os braços de Galbro, que a recebeu com um olhar de soslaio, o qual fez pouco esforço para disfarçar.

— Piedade, milorde! — soluçou Tina — Eu não menti!

— Eu disse que você mentiu! — rugiu Valenso — Gebbrelo!

O impassível criado agarrou a menina trêmula e despiu-a com um puxão violento e brutal, que arrancou-lhe as roupas sumárias do corpo. Girando, ele puxou-lhe os braços delgados acima dos seus ombros, erguendo-lhe bem acima do chão o corpo que se contorcia.

— Tio! — guinchou Belesa, se contorcendo em vão no aperto lascivo de Galbro — Você está louco! Você não pode... oh, você não pode!...

A voz ficou presa na garganta dela, quando Valenso pegou um chicote para cavalos, com o cabo cravejado de jóias, e o desceu sobre o frágil corpo da criança, com uma força cruel que deixou um vergão vermelho em suas costas nuas.

Belesa gemeu, nauseada com o tormento no grito estridente de Tina. O mundo ficou subitamente louco. Como num pesadelo, ela viu os rostos impassíveis dos soldados e criados, rostos de animais, rostos de bois, que

não refletiam piedade nem simpatia. O rosto levemente zombeteiro de Zaroni era parte do pesadelo. Nada naquela névoa escarlate era real, exceto o desnudo corpo branco de Tina, marcado com rubros vergões cruzados, dos ombros aos joelhos; nenhum som era real, exceto os agudos gritos de agonia da criança, e os ofegos de Valenso, enquanto ele chicoteava com os olhos arregalados de um louco, gritando de forma estridente:

— Você mente! Você mente! Maldita seja, você mente! Admita sua culpa, ou esfolarei seu corpo teimoso! Ele não pode ter me seguido aqui...

— Oh, tenha piedade, milorde! — gritava a menina, se contorcendo em vão nas musculosas costas do servente; desesperada demais pelo medo e dor para ter a prudência de se salvar mentindo. O sangue escorria em pingos escarlates por suas coxas trêmulas — Eu o vi! Não estou mentindo! Clemência! Por favor! Ahhhh!

— Seu imbecil! Imbecil! — gritou Belesa, quase de lado — Não vê que ela está dizendo a verdade? Ah, seu animal! Animal! Animal!

Subitamente, certo fragmento de sanidade pareceu retornar ao cérebro do Conde Valenso Korzetta. Deixando o chicote cair, ele cambaleou para trás e se esbarrou na mesa, agarrando cegamente a beirada da mesma. Ele tremeu como se estivesse febril. Seu cabelo estava emplastrado por toda a testa, em fios molhados, e o suor pingava de sua fisionomia pálida, que estava igual a uma esculpida máscara de Medo. Tina, solta por Gebbrelo, deslizou até o chão numa pilha choramingante. Belesa se desvencilhou de Galbro, correu soluçando até ela e caiu de joelhos, colhendo a lastimosa criança abandonada nos braços. Ela lançou um olhar terrível ao tio, derramando sobre ele os vasos cheios da sua ira — mas ele não a estava olhando. Ele parecia ter esquecido tanto ela quanto sua vítima. Atordoada pela incredulidade, ela o ouviu dizer ao bucaneiro:

— Aceito sua oferta, Zaroni. Em nome de Mitra, vamos encontrar este maldito tesouro e partiremos desta costa amaldiçoada!

Diante disto, o fogo de sua fúria decaiu em cinzas aflitas. Num silêncio atordoado, ela ergueu a criança soluçante nos braços e carregou-a, subindo a escada. Um olhar para trás mostrou Valenso se agachando, mais do que se sentando, à mesa e engolindo vinho sofregamente, numa enorme taça à qual agarrava com as mãos trêmulas, enquanto Zaroni se erguia sobre ele feito um sombrio pássaro de rapina — perplexo com o rumo dos acontecimentos, mas rápido em tirar vantagem da chocante mudança que acontecera com o conde. Estava conversando numa voz baixa e resoluta, e Valenso balançava

a cabeça em mudo acordo, como se mal prestasse atenção no que estava sendo dito. Galbro estava atrás das sombras, o queixo entre o indicador e o polegar; e os criados ao longo das paredes olhavam furtivamente uns aos outros, perplexos com o colapso de seu senhor.

Lá em cima, em seu quarto, Belesa deitou a menina semi-desmaiada na cama e se sentou para lavar e aplicar suaves unguentos nos vergões e cortes de sua pele tenra. Tina se entregou, em completa submissão, às mãos de sua senhora, gemendo fracamente. Belesa sentia como se seu mundo tivesse caído ao redor de seus ouvidos. Estava nauseada e perplexa, extremamente agitada, os nervos palpitando por causa do brutal sobressalto do qual fora testemunha. O medo e o ódio por seu tio lhe cresceram na alma. Ela nunca o amara; ele era rude e aparentemente desprovido de afeição natural, ganancioso e avaro. Mas ela o considerava justo e destemido. Uma reviravolta de sentimentos a sacudiu, ao lembrar dos olhos arregalados e rosto pálido. Foi algum medo terrível que havia despertado aquele frenesi; e, por causa deste medo, Valenso havia sido brutal com a única criatura a quem ela amava e tratava com carinho; por causa daquele medo, ele a estava vendendo, sua sobrinha, para um infame fora-da-lei. O que havia por trás daquela loucura? Quem era o homem negro que Tina havia visto?

A criança murmurou, num semi-delírio:

— Eu não menti, milady! Não menti mesmo! Era um homem negro, num bote negro que ardia como fogo azul na água! Um homem alto, escuro como um negro e envolto numa capa preta! Tive medo quando o vi, e meu sangue gelou. Ele deixou seu bote na areia e entrou na floresta. Por que o conde me chicoteou por tê-lo visto?

— Silêncio, Tina. — disse Belesa, suavemente — Fique quieta. A dor logo vai passar.

A porta se abriu atrás dela, e ela girou rapidamente, agarrando uma adaga cravejada de jóias. O conde parou na porta, e a pele dela se arrepiou ao vê-lo. Ele parecia anos mais velho; seu rosto estava cinzento e contraído, e seus olhos estavam arregalados de uma maneira que despertava medo no peito dela. Ela nunca esteve perto dele; agora, se sentia como se um abismo os separasse. Não era o tio dela que estava ali, mas um estranho que vinha ameaçá-la.

Ela ergueu a adaga.

— Se você tocá-la novamente — ela sussurrou, com os lábios secos -, eu juro diante de Mitra que afundarei esta lâmina em seu peito.

Ele não prestou atenção a ela.

— Coloquei uma forte guarda ao redor da casa feudal. — ele disse — Zaronó trará seus homens para dentro da paliçada amanhã. Ele não zarpará até encontrar o tesouro. Quando ele achá-lo, navegaremos imediatamente para algum porto que ainda não foi escolhido.

— E você me venderá para ele? — ela sussurrou — Em nome de Mitra...

Ele cravou nela um olhar sombrio, no qual todas as considerações — exceto o seu próprio interesse pessoal — haviam sido dispersadas. Ela se encolheu diante disso, vendo nisso a desvairada crueldade que possuiu o homem, em seu medo misterioso.

— Você vai fazer o que eu mandar. — ele logo disse, com não mais sentimento humano em sua voz do que o bater da pedra no aço. E, virando-se, ele deixou o quarto. Cega por um súbito ataque de horror, Belesa caiu desmaiada ao lado da cama onde Tina estava deitada.

## IV

### *Soa um Tambor Negro*

Belesa nunca soube por quanto tempo ficou oprimida e sem sentidos. Sua primeira percepção foi a dos braços de Tina ao seu redor e do soluço da criança em seu ouvido. Mecanicamente, ela se endireitou e pôs a menina entre seus braços; e se sentou lá, com os olhos secos e mirando invisivelmente a vela que tremulava. Não havia ruído no castelo. As canções dos bucaneiros na praia haviam parado. De forma cega e quase impessoal, ela reavaliou seu problema.

Valenso estava louco, desvairado pela história do misterioso homem negro. Era para escapar deste forasteiro que ele desejava abandonar o estabelecimento e fugir com Zaronó. Isso era óbvio. Igualmente óbvio era o

fato de que ele estava pronto para sacrificá-la, em troca de uma oportunidade para escapar. Na escuridão espiritual que lhe cercava, ela não viu brilho de luz. Os serventes eram insensíveis ou friamente brutos; suas mulheres, estúpidas e apáticas. Ela estava completamente desamparada.

Tina ergueu-lhe o rosto manchado de lágrimas, como se estivesse ouvindo o apelo de alguma voz interna. O entendimento que a criança tinha dos pensamentos mais íntimos de Belesa era quase sobrenatural, assim como seu reconhecimento do inexorável rumo do Destino e da única alternativa deixada para o fraco.

— Temos que ir, milady! — ela sussurrou — Zaron não lhe terá. Vamos para bem longe floresta adentro. Devemos ir até onde não pudermos mais, e então cairmos e morreremos juntas.

A trágica força que é o último refúgio do fraco adentrou a alma de Belesa. Era a única escapatória das sombras, que estavam se fechando sobre ela desde o dia em que haviam fugido de Zingara.

— Nós iremos, criança.

Ela se levantou e estava procurando por um manto, quando uma exclamação de Tina a sobressaltou. A menina estava de pé, um dedo pressionado aos lábios, os olhos arregalados e brilhando de terror.

— O que é, Tina? — A expressão de medo na criança induziu Belesa a entoar sua voz num sussurro, e uma apreensão sem nome fervilhou sobre ela.

— Alguém lá fora, no salão. — sussurrou Tina, agarrando-lhe convulsivamente o braço — Ele parou na nossa porta, e logo seguiu, em direção ao quarto do conde, na outra extremidade.

— Seus ouvidos são mais agudos que os meus. — murmurou Belesa — Mas não há nada de estranho nisso. Era talvez o próprio conde, ou Galbro.

Ela se moveu para abrir a porta, mas Tina lançou desvairadamente os braços ao redor de seu pescoço, e Belesa lhe sentiu o pulsar desenfreado do coração.

— Não, não, milady! Não abra a porta! Não sei por que, mas sinto que alguma coisa maligna está se escondendo perto de nós!

Impressionada, Belesa a afagou de forma tranquilizante, e esticou uma das mãos em direção ao disco de ouro, que disfarçava o pequeno buraco no centro da porta.

— Ele está voltando! — disse a garota, tremendo — Estou ouvindo-o!

Belesa também ouviu algo — um curioso e furtivo caminhar que, ela percebeu com um calafrio de medo sem nome, não era o passo de ninguém a quem conhecesse. Nem era o passo de Zaron, ou de

qualquer homem calçado. Poderia ser o bucaneiro, deslizando ao longo do saguão, com os pés descalços e furtivos, para matar seu anfitrião enquanto este dormia? Ela se lembrou dos soldados, que estariam de guarda lá embaixo. Se o bucaneiro tivesse permanecido na casa feudal à noite, um homem armado seria posto diante da porta de seu quarto. Mas, quem seria essa pessoa furtiva ao longo do corredor? Ninguém dormia no andar superior, a não ser ela, Tina e o conde, exceto Galbro.

Com um movimento rápido, ela apagou a vela, de modo que não brilhasse através do buraco na porta, e empurrou o disco de ouro para o lado. Todas as luzes estavam lá fora, no salão, o qual era comumente iluminado por velas. Alguém estava se movendo pelo corredor escurecido. Ela sentiu mais do que viu um vulto indistinto, passando por sua porta, mas não conseguiu perceber nada de sua forma, exceto que ela era humana. Mas uma onda fria de terror caiu sobre ela; então, se agachou emudecida, incapaz de soltar o grito que congelou atrás de seus lábios. Não era um terror como aquele que seu tio agora lhe causava, ou medo como o que sentia por Zaron, ou mesmo pela floresta que pairava. Era um terror cego e irracional, que punha uma mão gelada em sua alma e lhe congelava a língua no céu da boca.

A figura passou pelo topo da escada, onde ficou momentaneamente delineada contra a fraca incandescência que vinha de baixo; e, ao vislumbre daquela indistinta imagem negra contra o vermelho, ela quase desmaiou.

Ela se agachou ali, na escuridão, esperando o tumulto, o qual anunciaria que os soldados no grande salão haviam visto o intruso. Mas a casa feudal continuou em silêncio; em algum lugar, um vento gemeu estridente. Era tudo.

As mãos de Belesa estavam molhadas de suor, quando ela tateou para reacender a vela. Ainda estava abalada de horror, embora não conseguisse determinar o que havia naquela figura negra, destacada contra a incandescência vermelha, que despertara esta repugnância desvairada em sua alma. Ele era humano na forma, mas o contorno era extremamente estranho — anormal -, embora ela não pudesse definir claramente essa anormalidade. Mas ela sabia que não era um ser humano o que tinha visto, e

sabia que aquela visão lhe roubara toda a resolução recém-adquirida. Ela estava desmoralizada, incapaz de agir.

A vela brilhava, delineando o rosto branco de Tina na incandescência amarela.

— Era o homem negro! — sussurrou Tina — Eu sei! Meu sangue gelou, como na hora em que eu o vi na praia. Há soldados no andar de baixo; por que eles não o viram? Devemos ir e informar o conde?

Belesa sacudiu a cabeça. Ela não queria que se repetisse a cena que se seguira à primeira menção de Tina sobre o homem negro. De qualquer forma, ela não ousava se aventurar em direção àquele corredor escurecido.

— Não devemos adentrar a floresta! — disse Tina, horrorizada — Ele estaria escondido lá...

Belesa não perguntou à menina como ela sabia que o homem negro estaria na floresta; era o esconderijo razoável para qualquer coisa má — homem ou demônio. E ela sabia que Tina estava certa: elas não ousariam deixar o forte agora. Sua decisão, que não havia vacilado diante da perspectiva da morte certa, se desfez diante do pensamento de atravessar algumas florestas sombrias, com aquela negra criatura cambaleante à solta entre elas. Sem saber o que fazer, ela se sentou e afundou o rosto nas mãos.

Tina dormiu logo depois, na cama, choramingando ocasionalmente em seu sono. Lágrimas brilhavam em seus longos cílios. Ela movia o corpo dolorido de forma inquieta, em seu sono agitado. Ao se aproximar a aurora, Belesa estava consciente de um atributo sufocante na atmosfera. Ela ouviu um baixo ribombar de trovão, em algum lugar fora da direção do mar. Apagando a vela, que havia queimado até seu encaixe, foi até uma janela, na qual podia ver tanto o oceano quanto uma faixa da floresta atrás do forte.

A bruma havia desaparecido, mas uma massa escura saía do mar e se erguia do horizonte. Um relâmpago saía dela, palpitando, e o trovão baixo rosnava. Um ribombar veio das florestas escuras, em resposta. Sobressaltada, ela se virou e olhou para a floresta: uma melancólica trincheira negra. Uma estranha cadência rítmica lhe chegou aos ouvidos — uma monótona reverberação, que não era o ribombar de um tambor picto.

— O tambor! — soluçou Tina, abrindo e fechando espasmodicamente os dedos em seu sono — O homem negro... batendo um tambor negro... nas florestas negras! Oh, salvem-nos...

Belesa estremeceu. Ao longo do horizonte leste, corria uma fina linha branca que anunciava o amanhecer. Mas aquela nuvem negra, na orla

ocidental, se contorcia e encapelava, engrossando e se expandindo. Ela arregalava os olhos, assombrada, pois tempestades eram praticamente desconhecidas naquela costa àquela época do ano, e ela nunca tinha visto uma nuvem como aquela.

Vinha fluindo para cima sobre a orla do mundo, em grandes massas agitadas de negrume, riscadas com fogo. Rolava e se encapelava com o vento em seu bojo. Seu trovejar fez com que o ar vibrasse. E outro som se misturava terrivelmente com as reverberações do trovão — a voz do vento, que corria antes de sua chegada. O horizonte escuro era rasgado e abalado nos clarões relampejantes; no mar distante, ela viu as ondas de topo branco correrem diante do vento. Ouviu seu rugido monótono, aumentando de volume à medida que se arrastavam em direção ao litoral. Mas nenhum vento se movia na terra. O ar estava quente e parado. Havia uma sensação de irrealdade ao redor do contraste: lá fora, vento, trovão e caos se arrastando da terra; mas aqui, uma sufocante quietude. Em algum lugar abaixo dela, um postigo se fechou estrondosamente, assustando no tenso silêncio, e a voz de uma mulher se ergueu, aguda de sobressalto. Mas quase todas as pessoas do forte pareciam dormir, inconscientes do vendaval que se aproximava.

Ela percebeu que ainda ouvia aquela misteriosa e monótona batida de tambor, e olhou fixamente em direção à floresta negra, com a pele arrepiada. Não conseguia ver nada, mas algum instinto obscuro, ou intuição, a levou a imaginar uma figura negra e horrenda se acorando sob galhos negros e entoando um encantamento sem nome, que soava feito um tambor...

Desesperadamente, ela se livrou da convicção vampiresca, e olhou em direção ao mar, enquanto a chama de um relâmpago dividia todo o céu. Perfilados contra seu clarão, ela viu os mastros do navio de Zaron; viu as tendas dos bucaneiros na praia, as elevações de areia da ponta sul e os rochedos da ponta norte tão claramente como sob o sol do meio-dia. Cada vez mais alto se erguia o rugido do vento, e agora a casa feudal estava acordada. Pés caminhavam apressados pela escada, e a voz de Zaron gritava, aguçada pelo medo.

Portas batiam e Valenso respondia a ele, gritando para ser ouvido acima do rugido dos elementos.

— Por que não me avisou que haveria uma tempestade, vinda do oeste?  
— urrou o bucaneiro — Se as âncoras não segurassem...

— Nunca veio tempestade do oeste antes, nesta época do ano! — guinchou Valenso, saindo apressadamente de seu quarto, com sua roupa de dormir, o rosto pálido e o cabelo se arrepiando — Isto é obra de... — Suas palavras foram afogadas, enquanto ele subia loucamente a escada que levava à torre de vigia, seguido pelo bucaneiro que praguejava.

Belesa se curvava em sua janela, atemorizada e ensurdecida. O vento se erguia cada vez mais sonoro, até abafar todos os outros sons — todos, exceto aquele enlouquecido som grave, que agora se elevava num canto inumano de triunfo. Rugiu em direção à costa, arrastando diante de si uma espumante e longa crista branca de uma légua — e então, todo o inferno e destruição foram lançados naquela costa. A chuva caiu em torrentes, varrendo as praias num frenesi cego. O vento batia feito uma trovoadas, fazendo as vigas do forte estremecerem. A rebentação rugiu sobre a areia, afogando os carvões das fogueiras que os homens do mar haviam feito. No clarão do relâmpago, Belesa viu, através da cortina de chuva cortante, as tendas dos bucaneiros serem rasgadas em tiras e arrastadas pelas águas; viu os próprios homens cambaleando em direção ao forte, quase derrubados à areia pela fúria da torrente e do vendaval.

E, delineado contra o clarão azul, ela viu o navio de Zaron, arrancado de seu ancoradouro e lançado de ponta-cabeça contra os penhascos denteados que se salientavam para recebê-lo...

## V

### *Um Homem da Selva*

A tempestade havia esgotado sua fúria. A aurora se erguia livre, num claro céu azul e sem chuva. Enquanto o sol se levantava com um brilho de ouro fresco, pássaros de cores brilhantes se erguiam, num coro volumoso,

das árvores nas quais folhas largas, com gotas de água, brilhavam como diamantes, estremeando na suave brisa matinal.

Num pequeno curso d'água, que serpenteava sobre a areia, escondido por uma orla de árvores e moitas, um homem se curvava para lavar as mãos e rosto. Ele fazia suas abluções à maneira de sua raça, grunhindo luxuriosamente e chapinhando como um búfalo. Mas, em meio a essas pancadas na água, ele levantou subitamente a cabeça, seu cabelo claro pingando e a água correndo em fios pelos ombros musculosos. Agachou-se para escutar, por uma fração de segundo; logo estava de pé e olhando para dentro, espada na mão, tudo em um só movimento. Então, ele se congelou, olhando ferozmente com a boca aberta.

Um homem tão grande quanto ele caminhava em sua direção sobre a areia, sem se preocupar em ser furtivo; e os olhos do pirata se arregalaram, enquanto fitava-lhe as calças justas de seda, as botas de cano alto, o casaco de aba larga e o chapéu de cem anos atrás. Havia um largo sabre de abordagem na mão do forasteiro, e um propósito inconfundível em sua aproximação.

O pirata ficou pálido, enquanto o reconhecimento lhe brilhava nos olhos.

— Você! — exclamou, incrédulo — Por Mitra! Você!

Pragas escorreram de seus lábios, enquanto erguia o sabre. Os pássaros se ergueram das árvores, numa saraivada flamejante, quando o estrondo do aço lhes interrompeu o canto. Faíscas azuis voavam das lâminas cortantes, e a areia rangia e era moída sob os triturantes calcanhares das botas. Então, o entrecocar do aço terminou sob o rangido de um corte, e um homem caiu de joelhos com um arquejo sufocado. O cabo da espada lhe caiu da mão frouxa, e ele deslizou de corpo inteiro sobre a areia, que se avermelhou com seu sangue. Com um esforço moribundo, ele remexeu o cinto e puxou algo do mesmo, tentando levá-lo à boca, e em seguida se enrijeceu convulsivamente e amoleceu.

O vencedor curvou-se, e implacavelmente separou os dedos enrijecidos do objeto que eles amarrotaram em seu desesperado aperto.

Zarono e Valenso estavam na praia, olhando para a madeira flutuante que seus homens estavam recolhendo — vergas, pedaços de mastros, pranchas quebradas. A tempestade batera tão selvagememente o navio de Zarono contra os baixos rochedos, que muito do que foi salvo era madeira estilhaçada. A pouca distância deles se encontrava Belesa, ouvindo-lhes a conversa e com um braço ao redor de Tina. A garota estava pálida e apática, indiferente a

qualquer Destino reservado a ela. Escutava o que os homens diziam, mas com pouco interesse. Estava esmagada pela compreensão de que ela não era mais que um peão no jogo, não importava qual fosse — fosse para ter uma vida infeliz, prolongada naquela costa desolada, ou um retorno, realizado de alguma forma, a alguma terra civilizada.

Zarono praguejou rancorosamente, mas Valenso parecia atordoado.

— Esta não é a época do ano para tempestade vindas do oeste. — murmurou, mirando com olhos perturbados os homens que arrastaram os destroços até a praia — Não foi o acaso que trouxe aquela tempestade das profundezas para estilhaçar o navio no qual eu pretendia fugir. Fugir? Estou capturado, como um rato numa ratoeira. Não, somos todos ratos numa ratoeira...

— Não sei do que está falando. — rosnou Zarono, puxando malevolamente o bigode — Sou incapaz de lhe entender, desde que aquela vadia loira lhe perturbou com a história desvairada de homens negros saindo do mar. Mas tenho a certeza de que não vou passar minha vida nesta costa amaldiçoada. Dez de meus homens foram para o inferno neste navio, mas ainda tenho mais de 160. Você tem 100. Há ferramentas em seu forte, e muitas árvores naquela floresta lá. Construiremos um navio. Colocarei homens para derrubarem árvores, assim que tirarmos estes restos do alcance das ondas.

— Levará meses. — murmurou Valenso.

— Bom, há outra forma melhor de empregarmos nosso tempo? Estamos aqui... e, se não fizermos um navio, nunca sairemos. Teremos de equipar algum tipo de serraria, mas ainda não achei nada que me impedisse. Espero que essa tempestade tenha esmagado Strom em pedaços... aquele cão argoseano! Enquanto construirmos o navio, caçaremos a pilhagem do velho Tránicos.

Nós nunca completaremos o navio. — disse Valenso sombriamente.

— Você teme os pictos? Temos homens suficientes para resistir a eles.

— Não falo dos pictos. Falo do homem negro. Zarono se voltou para ele, zangado:

— Você fala sério? Quem é este maldito homem negro?

— Maldito mesmo. — disse Valenso, olhando fixamente para o mar — Uma sombra de meu próprio passado ensanguentado, erguida para me perseguir até o inferno. Por causa dele, fugi de Zingara, esperando que ele

perdesse meu rastro no grande oceano. Mas eu deveria saber que ele finalmente me farejaria.

— Se tal homem veio à praia, deve estar escondido na floresta. — rosnou Zaronó — Vamos esquadrinhar a selva e descobri-lo.

Valenso riu rudemente.

— Procure por uma sombra, empurrada por uma nuvem que cobre a lua; tateie na escuridão por uma cobra; siga uma névoa que sai do pântano à meia-noite.

Zaronó lhe dirigiu um olhar vago, obviamente duvidando da sua sanidade.

— Quem é este homem? Você não está sendo claro.

— A sombra de minhas próprias e loucas crueldade e ambição; um horror, vindo de eras perdidas; nenhum homem de carne e sangue mortais, mas...

— Vela à vista! — berrou a sentinela na ponta norte. Zaronó girou, e sua voz cortou o vento.

— Você conhece?

— Sim! — a resposta veio fracamente — É o Mão Vermelha! Zaronó praguejou feito um selvagem.

— Strom! O diabo leve seu dono! Como ele conseguiu navegar naquele vendaval? — A voz do bucaneiro se ergueu a um grito que se alastrou pela praia — De volta ao forte, seus cães!

Diante do Mão Vermelha, de aparência um pouco batida e abrindo caminho ao redor da ponta, a praia estava desprovida de vida humana, a paliçada encrespada de cabeças com elmos e faixas. Os bucaneiros aceitaram a aliança, com a fácil adaptabilidade dos aventureiros; e os homens de confiança, com a apatia dos servos.

Zaronó arreganhó os dentes, quando uma lancha se dirigiu ociosamente para a praia, e ele avistou o cabelo claro de seu rival na proa. O bote chegou à terra firme, e Strom caminhou sozinho em direção ao forte.

A certa distância, ele parou e gritou num berro bovino de claro alcance, na manhã calma:

— Ô do forte! Quero conferenciar!

— Bom, por que diabos não vem? — rosnou Zaronó.

— Na última vez que me aproximei sob uma bandeira de trégua, uma flecha se quebrou em meu peito! — rugiu o pirata — Quero uma promessa de que isso não acontecerá novamente!

— Você tem minha promessa! — gritou sardonicamente Zaronó.

— Dane-se a sua promessa, seu cão zíngaro! Quero a palavra de Valenso.

Havia ainda certo grau de dignidade no conde. Também havia uma borda de autoridade em sua voz, quando respondeu.

— Venha, mas mantenha seus homens lá atrás. Você não será flechado.

— É o bastante para mim. — disse Strom instantaneamente — Não importa as ofensas de um Korzetta; uma vez que sua palavra é dada, você pode confiar nele.

Ele caminhou para a frente e parou sob o portão, rindo do semblante obscurecido de ódio que Zaronó lhe estocava.

— Bem, Zaronó — ele escarneceu -, você está um navio mais escasso que na última vez que o vi! Mas vocês, zíngaros, nunca foram marinheiros.

— Como salvou seu navio, seu cão-de-sarjeta messântio? — rosnou o bucaneiro.

— Há uma enseada, algumas milhas ao norte, protegida por um braço de terra de alta elevação, que quebrou a força do temporal. — respondeu Strom — Eu estava ancorado atrás dele. Minhas âncoras se arrastaram, mas me mantiveram longe do litoral.

Zaronó franziu sombriamente a testa. Valenso não disse nada. Ele não sabia daquela enseada. Havia feito pouca exploração de seu território. Medo dos pictos e falta de curiosidade o haviam mantido — e a seus homens — próximo ao forte. Os zíngaros não eram, por natureza, nem exploradores nem colonizadores.

— Venho para negociar. — disse Strom, tranquilamente.

— Não temos nada para negociar com você, exceto golpes de espada. — rosnou Zaronó.

— Eu penso de outra forma. — sorriu Strom, com seus lábios finos — Você revelou seus planos, quando assassinou Galacus, meu primeiro— imediato, e o roubou. Até esta manhã, eu achava que Valenso tivesse o tesouro de Tránicos. Mas, se um de vocês o tivesse, não teria se dado ao trabalho de me seguir e matar meu imediato para conseguir o mapa.

— O mapa? — exclamou Zaronó, enrijecendo.

— Ora, não finja! — riu Strom, embora a fúria lhe ardesse azul nos olhos — Eu sei que você o tem. Pictos não usam botas!

— Mas... — começou o conde, perplexo, mas ficou em silêncio quando Zaronó o cutucou.

— E, se tivermos o mapa — disse Zaron - , que negociação você tem, que nós podemos precisar?

— Deixe-me entrar no forte. — sugeriu Strom — Aí, nós podemos conversar.

Ele não era tão óbvio, quando olhou para os homens que observavam ao longo do muro, mas seus dois ouvintes entenderam. E os homens também. Strom tinha um navio. Aquele fato iria figurar em qualquer negócio, ou luta. Mas ele não carregaria todos, independente de quem o comandasse; independente de quem zarpasse nele, alguns seriam deixados para trás. Uma onda de tensa especulação correu pela multidão silenciosa, na paliçada.

— Seus homens vão ficar onde estão. — avisou Zaron, apontando tanto o bote na praia quanto o navio ancorado no lado de fora da baía.

— Sim. Mas não pense que pode me capturar e me manter como refém. — Ele riu sombriamente — Quero a palavra de Valenso, de que terei permissão para deixar o forte com vida e ileso, dentro de uma hora, independente de chegarmos ou não a um acordo.

— Você tem minha garantia. — respondeu o conde.

— Tudo bem, então. Abra o portão, e vamos conversar com franqueza.

O portão se abriu e fechou, os líderes sumiram de vista, e os homens comuns de ambos os grupos reassumiram a silenciosa análise que faziam uns dos outros: os homens da paliçada e os que se acocoravam ao lado do bote, com uma grande extensão de areia entre eles; e, atrás de uma faixa de água azul, a nau, com chapéus de aço brilhando ao longo de todo o parapeito.

Na escada larga, acima do grande salão, Belesa e Tina se agachavam, ignoradas pelos homens abaixo. Estes estavam sentados ao redor da grande mesa: Valenso, Galbro, Zaron e Strom. Mas, para eles, o salão estava vazio.

Strom tragava vinho e colocava a taça vazia sobre a mesa.

A sinceridade, sugerida por suas fisionomias francas, era desmentida pelas luzes dançantes de crueldade e traição em seus olhos grandes. Mas ele falava com franqueza suficiente.

— Todos nós queremos o tesouro, que o velho Trnicos escondeu em algum lugar próximo a esta baía. — ele disse abruptamente — Cada um tem o que os outros precisam. Valenso tem trabalhadores, suprimentos e uma paliçada para nos proteger dos pictos. Você, Zaron, tem meu mapa. Eu tenho um navio.

— O que eu gostaria de saber — comentou Zaronó — é isto: se você tinha aquele mapa todos estes anos, por que não foi logo atrás da pilhagem?

— Eu não o tinha. Foi o cão do Zingelito, que esfaqueou o velho sovina no escuro e roubou o mapa. Mas ele não tinha navio nem tripulação, e demorou mais de um ano para consegui-los. Quando foi atrás do tesouro, os pictos lhe impediram, e seus homens se amotinaram, fazendo-o navegar de volta a Zingara. Um deles roubou-lhe o mapa, e me vendeu recentemente.

— É por isso que Zingelito reconheceu a baía. — murmurou Valenso.

— Aquele cão lhe trouxe para cá, conde? Eu devia ter imaginado. Onde ele está?

— No inferno, sem dúvida, já que ele um dia foi bucaneiro. Os pictos mataram-no, evidentemente enquanto ele estava procurando pelo tesouro na floresta.

— Bom! — aprovou Strom, com sinceridade — Bem, eu não sei como você descobriu que meu imediato estava levando o mapa. Eu confiava nele, e os homens confiavam mais nele do que em mim, de modo que eu o deixei guardá-lo. Mas, nesta manhã, ele se aventurou em terra com alguns outros, se separou deles, e o encontramos morto com um golpe de espada, perto da praia, e o mapa sumiu. Os homens logo me acusaram de tê-lo matado, mas mostrei aos idiotas as pegadas deixadas por seu matador e provei a eles que meus pés não as deixariam. E eu sabia que não era ninguém de minha tripulação, porque nenhum deles usava botas que fizessem aqueles tipos de pegadas. E pictos absolutamente não usam botas. Desse modo, só pode ter sido um zíngaro.

"Bem, você tem o mapa, mas não adquiriu o tesouro. Se você o tivesse, não me deixaria adentrar a paliçada. Eu tenho você encurralado neste forte. Você não pode sair para procurar pelo tesouro, e mesmo que o fizesse, não tem navio para ir embora.

"Agora, eis a minha proposta: Zaronó, me dê o mapa. E você, Valenso, me dê carne fresca e outros suprimentos. Meus homens estão quase com escorbuto, após a longa viagem. Em troca, levarei três homens seus, Lady Belesa e a menina dela, e lhes desembarcarei próximos a algum porto zíngaro... ou desembarcarei Zaronó perto de algum ponto-de-encontro de bucaneiros, vez que alguma armadilha sem dúvida o espera em Zingara. E, para firmar meu negócio, darei a cada um de vocês uma parte da divisão do tesouro".

O bucaneiro puxou meditativamente o bigode. Ele sabia que Strom não manteria nenhum pacto, quando feito. Zarono nem sequer considerou a possibilidade de concordar com sua proposta. Mas recusar rudemente seria forçar a questão para um entrecocar de armas. Usou seu cérebro ágil, num plano para passar a perna no pirata. Ele queria o navio de Strom tão ansiosamente quanto desejava o tesouro perdido.

— O que nos impediria de lhe manter prisioneiro, e obrigar seus homens a nos dar seu navio em troca de você? — ele perguntou.

Strom riu diante dele.

— Pensa que sou algum idiota? Meus homens têm ordens de levantar âncoras e partir daqui, caso eu não reapareça em uma hora, ou se eles suspeitarem de traição. Eles não lhe dariam o navio, se você me esfolasse vivo na praia. Além disso, tenho a palavra do conde.

— Minha promessa não é ninharia. — disse sombriamente Valenso — Chega de ameaças, Zarono.

Zarono não respondeu; seu pensamento estava totalmente mergulhado no problema em tomar posse do navio de Strom, e em continuar a negociação sem trair o fato de que não tinha o mapa. Ele se perguntava quem, em nome de Mitra, tinha o maldito mapa.

— Deixe-me levar meus homens comigo em seu navio, quando embarcarmos. — ele disse — Não posso abandonar meus fiéis seguidores...

Strom riu.

— Por que não pede meu sabre, para cortar minha garganta com ele? Desista de seus fiéis... bah! Você abandonaria seu irmão ao diabo, se pudesse ganhar algo com isso. Não! Você não levará homens suficientes a bordo, para ter chance de se amotinar e levar meu barco.

— Nos dê um dia para refletirmos a respeito. — insistiu Zarono.

O punho pesado de Strom bateu com força sobre a mesa, fazendo o vinho dançar nos copos.

— Não, por Mitra! Dê a minha resposta agora!

Zarono estava de pé, com sua fúria negra lhe submergindo a astúcia.

— Seu cão baracho! Vou lhe dar sua resposta... em suas tripas...

Lançou o manto para um lado e agarrou o punho da espada. Strom se levantou com um urro, sua cadeira se espatifando para trás, no chão. Valenso ergueu-se de um pulo, esticando os braços entre os dois, enquanto eles se olhavam reciprocamente pela borda, com as mandíbulas salientadas e fechadas, lâminas meio desembainhadas e os rostos contraídos.

— Senhores, chega! Zaronno, ele tem minha palavra...

— Demônios imundos mastiguem sua palavra! — rosnou Zaronno.

— Afaste-se de nós, milorde! — rosnou o pirata, sua voz engrossada pela ânsia de matar — Sua palavra era a de que eu não deveria ser tratado traiçoeiramente. Não será considerada violação de sua promessa, se este cão e eu cruzarmos espadas numa luta justa.

— Bem falado, Strom!

Era uma voz profunda e poderosa atrás deles, vibrante em sombrio divertimento. No alto da escada, Belesa se ergueu, com uma exclamação involuntária.

Um homem saía, a passos largos, das cortinas que cobriam a porta de um quarto, e avançava em direção à mesa, sem pressa ou hesitação. Instantaneamente, ele dominou o grupo, e todos sentiram o lugar subitamente carregado por uma atmosfera nova e dinâmica.

O forasteiro era tão alto quanto ambos os flibusteiros, e mais poderosamente constituído que qualquer um, embora, apesar de todo o seu tamanho, se movesse com a flexibilidade de uma pantera sobre suas botas altas e deslumbrantes. Suas coxas estavam envolvidas em calças justas de seda branca; seu casaco, de aba larga e cor azul— celeste, aberto para mostrar uma camisa branca de seda com a gola aberta e a faixa escarlate que lhe envolvia o cinto. Havia botões prateados, em forma de bolotas, no casaco, e este era adornado com punhos trabalhados a ouro nas mangas e nos bolsos, e uma gola de cetim. Um chapéu envernizado completava um vestuário em desuso há quase um século. Um pesado sabre lhe pendia do quadril.

— Conan! — exclamaram juntos os flibusteiros, e Valenso e Galbro prenderam a respiração diante daquele nome.

— Quem mais? — O gigante caminhava em direção à mesa, rindo sarcasticamente diante do assombro deles.

— O que... o que faz aqui? — gaguejou o senescal — Como vem aqui, sem ser convidado nem anunciado?

— Subi a paliçada no lado leste, enquanto vocês, tolos, estavam discutindo no portão. — Conan respondeu — Todos os homens no forte estavam esticando o pescoço para oeste. Adentrei a casa feudal, enquanto Strom estava entrando no portão. Fiquei naquele quarto lá, desde então, ouvindo às escondidas.

— Pensei que estivesse morto. — disse Zaron, lentamente — Três anos atrás, o casco despedaçado de seu navio foi visto próximo a uma costa de recifes, e nunca mais se ouviu falar de você em alto-mar.

— Não me afoguei com minha tripulação. — respondeu Conan — Seria preciso um oceano maior que esse para me afogar.

No alto da escada, Tina apertava Belesa em sua agitação, e olhava através do corrimão, com os olhos bem arregalados.

— Conan! Milady, é Conan! Veja! Oh, veja!

Belesa estava olhando. Era como encontrar uma figura lendária em carne e osso. Quem, de todos os povos do mar, não ouvira as histórias selvagens e sangrentas, ditas a respeito de Conan, o pirata selvagem que fora uma vez um capitão dos piratas barachos e um dos maiores flagelos do mar? Umhas vinte baladas celebravam suas proezas ferozes e audaciosas. O homem não podia ser ignorado. Irresistivelmente, ele adentrava a cena de forma majestosa, para formar outro elemento dominante na complicada trama. E, em meio à sua assustada fascinação, o instinto feminino de Belesa sugeriu a especulação sobre a atitude de Conan em relação a ela... seria como a brutal indiferença de Strom, ou o desejo violento de Zaron?

Valenso estava se recuperando do choque, de encontrar um forasteiro dentro do próprio salão. Ele sabia que Conan era um cimério, nascido e criado nos ermos do norte distante, e portanto não estava exposto às limitações físicas que controlavam homens civilizados. Não era tão estranho ele ter sido capaz de entrar no forte sem ser detectado, mas Valenso se amedrontou diante do pensamento de que outros bárbaros pudessem reproduzir aquela façanha — os escuros e silenciosos pictos, por exemplo.

— O que você quer aqui? — ele indagou — Veio do mar?

— Vim da floresta. — O cimério moveu bruscamente a cabeça para leste.

— Estava vivendo com pictos? — Valenso perguntou friamente. Uma ira momentânea palpitou azul nos olhos do gigante.

— Mesmo um zíngaro deveria saber que nunca houve paz entre pictos e cimérios, e nunca haverá. — ele retrucou, com uma praga — Nossa rixa é mais velha que o mundo. Se você tivesse dito isso para um de meus irmãos mais selvagens, já estaria com a cabeça rachada. Mas vivi entre vocês, civilizados, por tempo suficiente para entender sua ignorância e falta habitual de cortesia... a grosseria que indaga a ocupação de um homem que aparece à sua porta, vindo de mil milhas de selva. Não importa.

Ele se voltou para os dois flibusteiros, que olhavam mal-humorados para ele.

— Pelo que ouvi — ele citou -, concluí que há alguma discórdia sobre um mapa!

— Não é nada de sua conta. — rosnou Strom.

— É isto? — Conan sorriu maliciosamente, e puxou do bolso um objeto amarrotado; um pedaço quadrado de pergaminho, marcado com linhas escarlates.

Strom arregalou impetuosamente os olhos, empalidecendo.

— Meu mapa! — ele exclamou — Onde você conseguiu?

— De seu imediato, Galacus, quando o matei. — respondeu Conan, com deleite sombrio.

— Seu cão! — rugiu Strom, se voltando para Zaron — Você nunca teve o mapa! Você mentiu...

— Eu não disse que o tinha. — rosnou Zaron — Você se iludiu. Não seja idiota. Conan está sozinho. Se ele tivesse uma tripulação, já teria cortado nossas gargantas. Tomaremos o mapa dele.

— Vocês nunca o terão! — Conan riu ferozmente.

Os dois homens pularam em direção a ele, praguejando. Andando de marcha a ré, ele amassou o pergaminho e o arremessou dentro dos carvões incandescentes da lareira. Com um berro incoerente, Strom arremeteu atrás dele, para se deparar com um golpe na orelha, que o deixou estendido e semi-inconsciente no chão. Zaron sacou a espada, mas antes que pudesse estocá-la, o sabre de Conan arrancou-a de sua mão com um golpe.

Zaron cambaleou contra a mesa, com todo o inferno nos olhos. Strom se levantou lentamente, os olhos vidrados e o sangue pingando da orelha machucada. Conan se inclinou levemente sobre a mesa, o sabre estendido e tocando naquele momento o peito do Conde Valenso.

— Não grite por seus soldados, conde. — disse suavemente o cimério — Nenhum ruído de você... nem de você também, cara de cão!

Seu nome era Galbro, e ele não demonstrou intenção de lhe desafiar a ira.

— O mapa virou cinzas, e seria inútil derramar sangue. Sentem-se, todos vocês.

Strom hesitou, fez um gesto frustrado ao cabo da espada, depois encolheu os ombros e caiu sombriamente numa cadeira. Os outros o seguiram adequadamente. Conan continuou de pé diante da mesa,

enquanto seus inimigos miravam-no com os olhos amargos de ódio.

— Vocês estavam negociando. — ele disse — Isso é tudo o que eu vim fazer.

— E o que você tem para negociar? — zombou Zaron.

— O tesouro de Tranicos!

— O quê? — Todos os quatro homens se levantaram, inclinando-se em sua direção.

— Sentem-se! — ele rugiu, batendo fortemente sua larga lâmina na mesa. Eles recuaram, tensos e pálidos de agitação.

Ele sorriu em grande satisfação, com a sensação que suas palavras haviam causado.

— Sim, eu o encontrei antes de adquirir o mapa. É por isso que o queimei. Não precisei dele. E agora, ninguém irá encontrá-lo, a menos que eu mostre onde está.

Eles o olhavam, com homicídio nos olhos.

— Está mentindo. — disse Zaron, sem convicção — Você disse que veio da floresta, embora diga que não estava vivendo com os pictos. Todos sabem que esta região é uma selva, habitada apenas por selvagens. Os povoados mais próximos da civilização são os assentamentos aquilonianos no Rio Trovão, centenas de milhas a leste.

— Foi de lá que eu vim. — respondeu Conan, imperturbavelmente — Creio que sou o primeiro homem branco a cruzar as Selvas Pictas. Cruzei o Rio Trovão para seguir um bando de incursores que estava pilhando a fronteira. Eu os segui até as profundezas dos sertões e matei seu líder, mas fui derrubado sem sentidos pela pedra de uma funda, durante a luta, e os cães me capturaram vivo. Eram homens do Clã do Lobo, mas eles me deram ao clã dos Águias em troca do chefe deles, que os Águias haviam capturado. Os Águias me carregaram por quase mil e seiscentos quilômetros na direção oeste, para me queimarem na aldeia de seu líder, mas eu matei o chefe-de— guerra deles e mais uns três ou quatro, numa noite, e fugi.

"Não pude voltar. Estavam atrás de mim, e continuavam me enxotando para oeste. Há poucos dias, me liberei deles, e por Crom, o lugar onde me refugiei era justamente o esconderijo do tesouro do velho Tranicos. Encontrei tudo: arcas com vestimentas e armas... onde achei estas roupas e esta lâmina... pilhas de moedas, gemas e ornamentos dourados; e, no meio de tudo isso, as jóias de Tothmekri, brilhando como a luz congelada das

estrelas! E o velho Tranicos e seus onze capitães, sentados ao redor de uma mesa de ébano e olhando para ela, como estiveram olhando por cem anos!".

— O quê?

— Sim! — ele riu — Tranicos morreu em meio ao seu tesouro, e todos com ele! Seus corpos não estavam decompostos nem enrugados. Estavam sentados lá, com suas botas altas, camisas com abas e chapéus envernizados, com seus copos de vinho nas mãos rígidas, exatamente como ficaram durante um século!

— Não é coisa do acaso! — murmurou Strom, inquieto, mas Zaronos rousnou: — De que serve isso? É o tesouro que queremos. Prossiga, Conan.

Conan se sentou à mesa, encheu um copo de vinho e o bebeu em grandes goles, antes de responder.

— O primeiro vinho que bebi desde que abandonei Conawaga, por Crom! Os malditos Águias me caçavam tão de perto pela floresta, que eu mal tinha tempo para comer as nozes e raízes que achava. Às vezes, eu pegava rãs e as comia cruas, pois eu não ousava acender uma fogueira.

Seus ouvintes impacientes o informaram, praguejando, que não estavam interessados em suas aventuras antes do achado do tesouro.

Ele sorriu asperamente e continuou:

— Bem, depois de me deparar com o tesouro escondido, me deitei e descansei uns poucos dias, fiz armadilhas para pegar coelhos e deixei meus ferimentos se curarem. Vi fumaça no céu ocidental, mas pensei que fosse alguma aldeia picta na praia. Eu estava perto, mas enquanto isso ocorria, a pilhagem estava oculta num lugar que os pictos evitam. Se alguém me espionasse, eles não iriam se mostrar.

"Noite passada, parti na direção oeste, pretendendo encontrar a praia, algumas milhas a norte do ponto onde eu tinha visto a fumaça. Eu não estava longe do litoral, quando caiu a tempestade. Me abriguei sob uma rocha, e esperei até que fosse embora. Depois, subi uma árvore para procurar por pictos, e de lá eu vi sua nau, Strom, e seus homens vindo ao litoral. Eu estava me dirigindo ao seu acampamento na praia, quando encontrei Galacus. Enfiei uma espada nele, porque havia uma velha rixa entre nós. Eu nunca saberia que ele tinha um mapa, se não tivesse tentado comê-lo antes de morrer.

"Eu o reconheci, claro, e estava ponderando sobre o uso que poderia fazer dele, quando o restante dos seus cães chegou e achou o corpo. Eu estava deitado num matagal, a menos de onze metros de distância, enquanto

vocês discutiam com seus homens sobre o assunto. Julguei que o momento não era adequado para me mostrar".

Ele riu diante da raiva e humilhação, reveladas no rosto de Strom.

— Bom, enquanto eu me escondia lá, ouvindo sua conversa, percebi o sentido da situação, e soube, pelas coisas que você deixou escapar, que Zaron e Valenso estavam a poucas milhas ao sul da praia. Assim, quando ouvi você dizer que Zaron devia ter sido o matador e tomado o mapa, e que você pretendia ir negociar com ele, buscando uma oportunidade de matá-lo e consegui-lo de volta...

— Cão! — rosnou Zaron.

Strom estava pálido, mas riu desoladamente:

— Acha que eu jogaria limpo com um cão traiçoeiro feito você? Prossiga, Conan.

O cimério sorriu. Era óbvio que ele estava deliberadamente atizando as chamas de ódio entre os dois homens.

— Depois disso, nada de mais. Saí diretamente de dentro da floresta, enquanto você contornava a costa, e achei o forte antes de você. Sua suposição, de que a tempestade destruiu o navio de Zaron, foi boa... mas, nesse caso, você conhecia a configuração desta baía.

"Bom, eis a história. Tenho o tesouro, Strom tem um navio, Valenso tem suprimentos. Por Crom, Zaron, não sei como você se encaixa no plano, mas para evitar conflito, incluirei você. Minha proposta é muito simples.

"Dividiremos o tesouro em quatro partes. Strom e eu zarparemos, com nossas partes a bordo do Mão Vermelha. Você e Valenso pegam as suas, e continuam lordes das selvas, ou constroem um navio com troncos de árvores, se desejarem".

Valenso recuou e Zaron praguejou, enquanto Strom sorria silenciosamente.

— Você é tolo o bastante para ir à bordo do Mão Vermelha, sozinho com Strom? — rosnou Zaron — Ele cortará sua garganta, antes que você se afaste muito da terra!

Conan riu, com prazer evidente:

— Isto é como o problema da ovelha, do lobo e do repolho. — admitiu

— Como convencê-los a atravessar o rio, sem que devorem uns aos outros?

— E isso apela para seu senso cimério de humor. — queixou-se Zaron.

— Não vou ficar aqui! — gritou Valenso, com um brilho selvagem nos olhos escuros — Com ou sem tesouro, eu devo partir!

Conan o mirou, com os olhos semicerrados em especulação.

— Bem, então — ele disse -, sobre este plano: nós dividiremos a pilhagem como sugeri. Então, Strom zarpa com Zaron, Valenso e os membros da casa do conde que ele escolher, me deixando no comando do forte e do restante dos homens de Valenso, e de todos os de Zaron. Construirei meu próprio navio.

Zaron parecia levemente nauseado.

— Tenho a opção de permanecer aqui, exilado, ou abandonar minha tripulação e ir sozinho para o Mão Vermelha, para ter minha garganta cortada?

A risada de Conan ressoou borrascosa pelo salão, e ele bateu com alegria nas costas de Zaron, ignorando a morte negra no olhar feroz do bucaneiro.

— É isto, Zaron! — disse ele — Fique aqui, enquanto eu e Strom zarpamos, ou zarpe com Strom, deixando seus homens comigo.

— Prefiro levar Zaron. — disse Strom, com franqueza — Você voltaria meus próprios homens contra mim, Conan, e cortaria minha garganta antes que eu pudesse alcançar as Barachas.

O suor pingava do rosto lívido de Zaron.

— Nem eu, nem o conde, nem sua sobrinha alcançaremos a terra vivos, se embarcarmos com esse demônio. — ele disse — Vocês estão todos sob meu poder neste salão. Meus homens o cercam. O que me impede de liquidá-los?

— Nada... — admitiu Conan alegremente — Exceto pelo fato de que, se você fizer isso, os homens de Strom irão zarpar e lhes deixar abandonados nesta costa, onde os pictos irão em breve cortar todas as suas gargantas; o fato de que, comigo morto, vocês nunca acharão o tesouro; e o fato de que racharei seu crânio até o queixo, se você tentar chamar seus homens.

Conan riu enquanto falava, como se estivesse em alguma situação cômica, mas mesmo Belesa sentiu que ele falava sério. Seu sabre estava sobre os joelhos, e a espada de Zaron estava sob a mesa, fora do alcance do bucaneiro. Galbro não era um lutador, e Valenso parecia incapaz de decidir ou agir.

— Sim! — disse Strom, com uma praga — Nós dois não seríamos presa fácil para você. Estou disposto a concordar com a proposta de Conan. O que diz, Valenso?

— Eu tenho que deixar a costa! — sussurrou Valenso, olhando para o vazio — Tenho que me apressar... tenho que ir... ir para longe... rápido!

Strom franziu a sobrancelha, intrigado com o estranho comportamento do conde, e se voltou para Zaron, com um sorriso maldoso: — E você, Zaron?

— O que posso dizer? — rosnou Zaron — Deixe-me levar meus três capitães e 40 homens a bordo do Mão Vermelha, e o negócio está feito.

— Os capitães e 30 homens!

— Muito bem.

— Feito!

Não houve aperto de mãos, nem ingestão protocolar de vinho para selar o pacto. Os dois capitães olharam ferozmente um para o outro, feito lobos famintos. O conde puxou o bigode com uma mão trêmula, absorto em seus próprios pensamentos sombrios. Conan se espreguiçou feito um grande gato, bebeu vinho e sorriu satisfeito na reunião, mas era o sorriso sinistro de um tigre à espreita. Belesa sentiu os propósitos homicidas que reinavam ali e as intenções traiçoeiras que dominavam a mente de cada homem. Nenhum deles tinha qualquer intenção de cumprir sua parte no trato, exceto talvez por Valenso. Cada um dos flibusteiros pretendia possuir tanto o navio quanto o tesouro inteiro. Nem ficaram satisfeitos com menos. Mas como? O que se passava na mente astuta de cada um? Belesa se sentiu oprimida e sufocada pela atmosfera de ódio e traição. O cimério, apesar de sua violenta sinceridade, não era menos astuto que os outros... e era até mais feroz. Seu domínio da situação não era apenas físico — embora seus ombros enormes e membros sólidos parecessem grandes demais, mesmo para o salão vasto. Havia uma vitalidade férrea ao redor do homem, que obscurecia até mesmo o sólido vigor dos outros piratas.

— Leve-nos ao tesouro! — demandou Zaron.

— Espere um pouco. — respondeu Conan — Vamos deixar nossas forças igualmente equilibradas, de modo que um não possa tirar vantagem dos outros. Faremos da seguinte forma: os homens de Strom desembarcarão, com exceção de meia dúzia, mais ou menos, e acamparão na praia. Os homens de Zaron sairão do forte, e também acamparão na costa, dentro do alcance visual deles. Portanto, cada tripulação pode verificar a outra, para ver que ninguém virá atrás de nós, que vamos atrás do tesouro, para nos emboscar. Os que ficarão a bordo do Mão Vermelha o levarão para o centro da baía, fora do alcance de ambos os grupos. Os

homens de Valenso permanecerão no forte, mas deixarão o portão aberto. Virá conosco, conde?

— Ir para dentro daquela floresta? — Valenso estremeceu e puxou o manto em volta dos ombros — Nem por todo o ouro de Trancos!

— Tudo bem. Serão necessários cerca de 30 homens, para carregar o espólio. Pegaremos quinze de cada tripulação e começaremos o mais breve possível.

Belesa, intensamente alerta para cada ângulo do drama que se desenrolava lá, sob ela, viu Zaron e Strom lançaram olhares furtivos um para o outro, e depois baixarem seus olhares tão rápido quanto erguiam os copos, para esconderem a negra intenção em seus olhos. Belesa viu a fraqueza fatal no plano de Conan, e se perguntou como ele conseguia não notá-la. Talvez ele confiasse demais e arrogantemente na própria maestria pessoal. Mas ela sabia que ele jamais sairia vivo daquela floresta. Uma vez de posse daquele tesouro, os outros formariam uma aliança entre velhacos, longa o bastante para se livrarem do homem que ambos odiavam. Estremeceu, fitando morbidamente o homem que ela sabia estar condenado; era estranho ver aquele poderoso lutador sentado ali, rindo e bebendo vinho a longos tragos, em pleno vigor e força, e saber que ele já estava condenado a uma morte sangrenta.

Toda a situação estava preta de presságios obscuros e agourentos. Zaron enganaria e mataria Strom se pudesse, e ela sabia que Strom já havia marcado Zaron para morrer e, sem dúvida, ao seu tio e também a ela. Se Zaron ganhasse a luta final de sagacidades, suas vidas estariam a salvo — mas, olhando para o bucaneiro, enquanto ele se sentava lá, mastigando o bigode, com todo o mal inflexível de sua natureza se mostrando nu em seu rosto moreno, ela não conseguiu decidir o que era mais detestável: a morte ou Zaron.

— Qual a distância? — indagou Strom.

— Se partirmos dentro de uma hora, podemos voltar antes da meia-noite. — respondeu Conan. Ele esvaziou o copo, se levantou, ajustou o cinto e olhou para o conde.

— Valenso — ele disse -, você é louco, para matar um picto em sua pintura de caça?

Valenso se sobressaltou.

— O que quer dizer?

— Quer dizer que não sabe que seus homens mataram um caçador picto na floresta, noite passada?

O conde sacudiu a cabeça.

— Nenhum dos meus esteve na floresta, noite passada.

— Bem, alguém esteve. — grunhiu o cimério, mexendo num bolso — Eu vi a cabeça dele, pregada numa árvore, perto do limite da floresta. Ele não estava pintado para a guerra. Não achei nenhuma pegada de botas, de modo que julguei que ela foi pregada antes da tempestade. Mas havia muitos outros sinais... rastros de mocassim no chão molhado. Pictos estiveram lá e viram aquela cabeça. Eram homens de outro clã, do contrário a teriam tirado de lá. Se eles estiverem em paz com o clã ao qual o morto pertencia, irão até sua aldeia para contar à sua tribo.

— Talvez o tenham matado. — sugeriu Valenso.

— Não. Mas eles sabem quem o matou, pela mesma razão que eu sei. Esta corrente estava amarrada ao redor do coto do pescoço cortado. Você deveria estar completamente louco, para identificar seu trabalho desse jeito.

Ele puxou algo para a frente e lançou na mesa, diante do conde, o qual se ergueu, cambaleando e chocado, enquanto a mão se lançava à própria garganta. Era a corrente de ouro que ele costumava usar ao redor do pescoço.

— Reconheci o selo Korzetta. — disse Conan — A presença dessa corrente mostraria, a qualquer picto, que aquilo foi obra de um estrangeiro.

Valenso não respondeu. Ficou olhando a corrente, como se fosse uma serpente venenosa.

Conan o olhou com a testa franzida, e mirou interrogativamente os outros. Zaronu fez um gesto rápido, para mostrar que o conde não estava totalmente bom da cabeça.

Conan embainhou o sabre e pôs o chapéu envernizado.

— Tudo bem. Vamos.

Os capitães engoliram seu vinho e se levantaram, pegando os cabos de suas espadas. Zaronu pôs a mão no braço de Valenso e o sacudiu levemente. O conde se sobressaltou e olhou ao redor, e logo os seguiu, como que atordoado, a corrente lhe pendendo dos dedos. Mas, nem todos deixaram o salão.

Belesa e Tina, esquecidas na escada e espreitando entre os balaústres, viram Galbro ficar para trás dos outros, se demorando até a pesada porta se fechar atrás deles. Então, ele se apressou até a lareira e mexeu

cuidadosamente nos carvões quentes, porém apagados. Caiu de joelhos e fitou algo bem de perto, por um longo intervalo. Logo, se ergueu e, com um ar furtivo, saiu do salão por uma outra porta.

— O que será que Galbro viu no fogo? — sussurrou Tina.

Belesa sacudiu a cabeça e logo, seguindo os impulsos de sua curiosidade, levantou-se e desceu para o salão vazio. No instante seguinte, estava ajoelhada onde o senescal se ajoelhara, e viu o que ele vira.

Eram os restos queimados do mapa que Conan lançara dentro da fogueira. Estava a ponto de se esmigalhar a um simples toque, mas linhas vagas e trechos de escrita ainda eram discerníveis sobre ele. Ela não conseguia ler a escrita, mas conseguia perceber os contornos do que parecia ser a figura de uma colina — ou um penhasco -, cercada por marcas que obviamente representavam árvores densas. Não conseguiu deduzir nada, mas, pela atitude de Galbro, acreditou que ele a reconheceu como o retrato de alguma cena, ou característica topográfica que lhe era familiar. Ela sabia que o senescal havia adentrado a terra mais do que qualquer outro homem do estabelecimento.

## VI

### *A Pilhagem dos Mortos*

Belesa desceu a escada e parou ao ver o Conde Valenso sentado à mesa, mexendo na corrente quebrada em suas mãos. Ela o olhava sem amor, e com mais do que pequeno medo. A mudança que ocorrera nele foi aterradora; parecia trancado num mundo sombrio exclusivamente seu, com um medo que fustigou todas as características humanas para fora dele.

A fortaleza se encontrava estranhamente quieta, no calor do meio-dia que se seguira à tempestade do amanhecer. As vozes das pessoas dentro da

paliçada soavam baixas e abafadas. A mesma quietude sonolenta reinava na praia lá fora, onde as tripulações rivais estavam em suspeita armada, separadas por poucas centenas de metros de areia nua. Lá no meio da baía, o Mão Vermelha estava ancorado, com um punhado de homens à sua bordo, prontos para arrebatá-lo para longe da vista, ao mais leve sinal de traição. A nau era o trunfo de Strom, sua melhor garantia contra a trapaça de seus sócios.

Conan havia planejado astutamente para eliminar as chances de evitar uma cilada na floresta, vinda de qualquer um dos grupos. Mas, até onde Belesa podia enxergar, ele havia falhado totalmente em se proteger contra a traição de seus companheiros. Havia desaparecido floresta adentro, guiando os dois capitães e seus trinta homens, e a jovem zíngara estava certa de que não mais o veria vivo.

Logo, ela falou, e sua voz estava fatigada e áspera aos seus próprios ouvidos.

— O bárbaro levou os dois capitães para dentro da floresta. Quando tiverem o ouro nas mãos, eles irão matá-lo. Mas, quando voltarem com o tesouro, o que acontecerá? Iremos à bordo do navio? Podemos confiar em Strom?

Valenso sacudiu a cabeça distraidamente.

— Strom mataria a todos nós por nossas partes do espólio. Mas Zaron me sussurrou as suas intenções secretamente. Não embarcaremos no Mão Vermelha, se não formos donos dele. Zaron

se encarregará de que a noite surpreenda a expedição para o tesouro, de modo que sejam forçados a acamparem na floresta. Encontraremos um meio de matar Strom e seus homens enquanto dormem. Então, os bucaneiros avançarão furtivamente até a praia. Logo antes do amanhecer, mandarei secretamente alguns dos meus pescadores saírem do forte, para nadarem até o navio e se apoderarem dele. Strom nunca pensou nisso, nem Conan. Zaron e seus homens sairão da floresta e, com seus bucaneiros acampados na praia, cairão sobre os piratas na escuridão, enquanto lidero meus soldados desde o forte, para completar a derrota. Sem seu capitão, eles estarão desmoralizados e, superados em número, serão presa fácil para Zaron e eu. Depois, partiremos no navio de Zaron, com todo o tesouro.

— E quanto a mim? — ela perguntou, com os lábios secos.

— Já lhe prometi a Zaron. — ele respondeu asperamente — Se não fosse por minha promessa, ele não nos levaria.

— Nunca irei me casar com ele. — ela disse, sem saber o que fazer.

— Você irá. — ele respondeu sombriamente e sem o menor toque de simpatia. Ergueu a corrente, de modo a refletir a luz do sol, que adentrava obliquamente uma janela — Deve ter caído na areia. — ele murmurou — Ele esteve tão perto... na praia...

— Você não a deixou cair na praia. — disse Belesa, numa voz tão desprovida de piedade quanto a dele próprio; a alma dela parecia ter se tornado pedra — Você o arrancou do pescoço acidentalmente, na noite passada, neste salão, quando chicoteou Tina. Eu o vi, brilhando no chão, antes de deixar o salão.

Ele olhou para cima, o rosto acinzentado por um medo terrível.

Ela riu amargamente, sentindo a pergunta muda nos olhos dilatados dele.

— Sim! O homem negro! Ele esteve aqui! Neste salão! Deve ter encontrado a corrente no chão. Os guardas não o viram. Mas ele esteve diante de sua porta na noite passada. Eu o vi, andando pelo saguão superior.

Por um instante, ela achou que ele cairia morto de puro terror. Ele caiu para trás em sua cadeira, a corrente escapulindo de seus dedos flácidos e caindo com um tinido sobre a mesa.

— Na casa feudal! — ele sussurrou — Pensei que flechas, trancas e guardas armados pudessem mantê-lo distante... como fui idiota! Não posso me proteger dele mais do que escapar! Na minha porta! Na minha porta! — O pensamento o esmagava de horror — Por que ele não entrou? — ele gritou em voz estridente, puxando a renda sobre a gola, como se a mesma o estrangulasse — Por que ele não pôs um fim nisto? Eu havia sonhado que acordava em meu quarto escuro, para vê-lo se acocorar sobre mim, com o fogo azul do inferno ondulando ao redor de sua cabeça com chifres! Por que...

O ataque passou, deixando-o fraco e trêmulo.

— Entendo! — ele ofegou — Ele está brincando comigo, como um gato com um rato. Ter me matado na noite passada, em meu quarto, seria fácil demais, piedoso demais. De modo que destruiu o navio no qual eu poderia ter escapado dele, matou aquele picto miserável e deixou minha corrente nele, para os selvagens acharem que eu o havia matado... eles tinham visto aquela corrente em meu pescoço várias vezes.

"Mas, por quê? Que perversidade engenhosa ele tem em mente, que propósito diabólico ao qual nenhuma mente humana pode alcançar ou entender?".

— Quem é este homem negro? — perguntou Belesa, com um medo frio se arrastando ao longo da espinha.

— Um demônio libertado por minha ambição e cobiça, para me atormentar por toda a eternidade! — ele sussurrou. Estirou seus dedos longos e magros sobre a mesa diante dele, e fitou-a com olhos cavernosos e estranhamente luminosos, que pareciam não vê-la, mas olharem através dela, e para bem distante, até algum destino obscuro.

— Na minha juventude, tive um inimigo na corte. — disse, como se falando mais para si mesmo do que para ela — Um homem poderoso, que estava entre eu e minha ambição. Em minha ânsia por riqueza e poder, procurei ajuda do povo das artes negras... um mago negro, que, a meu pedido, invocou um demônio dos golfos externos da existência e forneceu a ele a forma de um homem. Ele subjugou e matou meu inimigo; obtive grandeza e poder, e ninguém conseguia se opor a mim. Mas pensei em trapacear meu demônio, do preço que um mortal deve pagar a quem chama o povo negro para fazerem o que lhes ordena.

"Através de suas artes negras, o feiticeiro enganou o vagabundo desalmado da escuridão, e o aprisionou no inferno, onde uivaria em vão... imaginei que por toda a eternidade. Mas, como o feiticeiro tinha dado ao demônio a forma de um homem, ele nunca conseguiu quebrar o elo que o ligava ao mundo material; nunca totalmente próximo aos corredores cósmicos, pelos quais havia ganhado acesso a este planeta.

"Um ano atrás, em Kordava, me veio a notícia de que o mago, agora um homem idoso, havia sido assassinado em seu castelo, com marcas de dedos demoníacos na garganta. Então, soube que a criatura negra havia escapado do inferno onde o mago o aprisionara, e que ele procuraria vingança contra mim. Numa noite, vi seu rosto demoníaco me olhando furtivamente, das sombras no salão de meu castelo...

"Não era seu corpo material, mas seu espírito, mandado para me atormentar... seu espírito, que não conseguiria me seguir pelas águas expostas ao vento. Antes que ele conseguisse alcançar Kordava em carne e osso, embarquei para colocar vastos mares entre eu e ele. Ele tem suas limitações. Para me seguir pelos mares, ele deve permanecer em seu corpo humano de carne. Mas aquela carne não é carne humana. Ele pode ser morto, eu acho, por fogo, embora o feiticeiro que o invocou não tivesse poderes para matá-lo... sejam quais forem os limites impostos aos poderes dos bruxos.

"Mas a criatura negra é astuta demais para ser capturada ou morta. Quando se esconde, homem nenhum consegue achá-lo. Move-se furtivamente feito uma sombra pela noite, indiferente a flechas ou grades. Ele cega os olhos dos guardas com o sono. Pode invocar tempestades, e comandar as serpentes das profundezas e os demônios da noite. Eu esperava ter afogado meu rastro nas ondulantes desolações azuis... Mas ele encontrou, para reclamar sua penalidade sombria".

Os estranhos olhos se iluminaram palidamente, como se ele olhasse além das paredes atapetadas, para horizontes distantes e invisíveis.

— Vou enganá-lo novamente. — ele sussurrou — Deixe-o adiar o ataque esta noite... ao amanhecer, estarei com um navio sob meus calcanhares, e mais uma vez colocarei um oceano entre mim e sua vingança.

— Fogo do inferno!

Conan parou bruscamente, olhando para cima. Atrás dele, os marujos pararam — duas massas compactas deles, com arcos nas mãos e suspeita em suas atitudes. Estavam seguindo uma velha trilha, feita por caçadores pictos e que levava diretamente para leste; e, embora houvessem avançado menos de 30 metros, a praia não estava mais visível.

— O que é? — indagou Strom, desconfiado — Por que estamos parando?

— Está cego? Olhe para lá!

Do galho grosso de uma árvore que pendia sobre a trilha, uma cabeça arreganhava os dentes para eles, que estavam abaixo — um escuro rosto pintado, emoldurado em abundante cabelo negro, no

qual uma pena de tucano pendia sobre a orelha esquerda.

— Peguei essa cabeça e a escondi nas moitas. — rosou Conan, esquadrinhando estreitamente as árvores ao redor deles — Que idiota poderia tê-la pregado novamente aqui? É como se alguém estivesse tentando fazer o pior, para atrair os pictos para o assentamento.

Os homens olharam sombriamente uns para os outros, um novo elemento de suspeita somado ao já fervilhante caldeirão.

Conan escalou a árvore, pegou a cabeça e a levou para dentro das moitas, onde lançou-a dentro de um rio e a viu afundar.

— Os pictos, cujas pegadas estão ao redor desta árvore, não eram Tucanos. — ele rosou, voltando pela mata espessa — Já naveguei por estas costas o suficiente para saber alguma coisa sobre as tribos marinhas. Se interpretei corretamente as marcas de seus mocassins, eram Cormorões.

Espero que estejam em guerra contra os Tucanos. Se estiverem em paz, irão diretamente para a aldeia dos Tucanos, e haverá problemas. Não sei qual a distância daquela aldeia... mas assim que souberem deste assassinato, virão pela floresta como lobos famintos. Esse é o pior insulto possível para um picto... matar um homem que não está pintado para a guerra, e fincar sua cabeça no alto de uma árvore para que os abutres a comam. Coisas malditas e esquisitas estão acontecendo ao longo desta costa. Mas isso sempre acontece, quando homens civilizados adentram a selva. Eles são infernalmente loucos. Vamos.

Homens desembainhavam as lâminas e tiravam as flechas das aljavas à medida que adentravam a floresta. Homens do mar, acostumados às vastidões ondulantes de água verde, estavam pouco à vontade com as verdes e misteriosas muralhas de árvores e trepadeiras que os cercavam. A trilha serpenteava e se retorcia, até muitos deles perderem rapidamente o senso de direção, e já não sabiam sequer para que lado ficava a praia.

Conan estava desconfortável por outra razão. Continuou examinando a trilha atentamente, e por fim grunhiu:

— Alguém passou recentemente por aqui... não mais do que uma hora à nossa frente. Alguém com botas, sem experiência com a floresta. Será que foi ele o idiota que encontrou a cabeça do picto e a fincou novamente, naquela árvore? Não, não poderia ter sido ele. Não encontrei suas pegadas sob a árvore. Mas quem foi? Não achei nenhum rastro aqui, exceto aquele dos pictos, que eu já tinha visto. E quem é este camarada que se apressou à nossa frente? Algum de vocês, bastardos, mandou um homem à frente de nós, por qualquer motivo?

Tanto Strom quanto Zaron negaram ruidosamente qualquer ato desse tipo, olhando um para o outro com descrença mútua. Nenhum homem conseguia enxergar os sinais. Conan apontou: as marcas indistintas que ele viu, na trilha sem capim e bem batida, eram invisíveis para os olhos destreinados deles.

Conan apressou o passo, e eles se apressaram atrás dele, com novos tições de suspeita somados ao fogo latente de desconfiança. Dali a pouco, a vereda se desviou para norte, e Conan a abandonou, começando a atravessar seu caminho por entre as densas árvores numa direção sudeste. Strom lançou um olhar furtivo e inquieto para Zaron. Aquilo podia obrigar a uma mudança em seus planos. A algumas dezenas de metros da trilha, ambos estavam irremediavelmente perdidos e convencidos das suas faltas de

habilidade em acharem o caminho de volta à vereda. Estavam estremecidos pelo medo de que, apesar de tudo, o cimério tivesse uma força sob seu comando, e os estivesse levando para uma emboscada.

Esta suspeita aumentou à medida que avançavam, e ela havia quase alcançado proporções aterradoras, quando saíram das árvores densas e viram, logo à frente deles, um penhasco desolado que se sobressaía do chão da floresta. Uma trilha pouco visível, que saía de entre as árvores na direção leste, seguia entre um agrupamento de matacões e serpenteava para o alto, numa escada de plataformas de pedra, até uma saliência achatada perto do cume. Conan parou — uma figura bizarra em sua roupa pirata.

— Esta trilha é a que eu segui, correndo dos pictos Águias. — ele disse — Ela sobe para uma caverna, atrás daquela saliência. Naquela gruta estão os corpos de Tránicos e seus capitães, e o tesouro que ele saqueou de Tothmekri. Mas só uma palavra, antes de subirmos atrás dele: se me matarem aqui, vocês nunca acharão o caminho de volta à trilha que seguimos desde a praia. Eu conheço vocês, marinheiros. Estão indefesos na floresta densa. Claro que a praia fica exatamente a oeste, mas se tiverem que abrir caminho pela mata emaranhada, levará horas... talvez dias. E não creio que esta floresta será muito segura para homens brancos, quando os Tucanos souberem do caçador deles.

Ele riu diante dos sorrisos medonhos e sem graça, com o qual lhe acolheram o reconhecimento de suas intenções quanto a ele. E ele também entendeu o pensamento que passou pela mente de cada um: deixar o bárbaro proteger o tesouro para eles, e levá-los de volta à trilha para a praia, antes que eles o matassem.

— Todos vocês fiquem aqui, exceto Strom e Zaron. — disse Conan — Nós três bastamos para carregarmos o tesouro da caverna.

Strom sorriu sem alegria.

— Subir sozinho, com você e Zaron? Pensa que sou idiota? Pelo menos um homem virá comigo! — E ele escolheu seu contramestre, um gigante musculoso, de rosto severo, nu até o largo cinto de couro, com argolas de ouro nas orelhas e uma faixa vermelha amarrada ao redor da cabeça.

— E meu carrasco vem comigo! — rosnou Zaron. Ele chamou um pirata magro, com um rosto que parecia uma caveira coberta por um pergaminho, e que carregava uma grande cimitarra desembainhada sobre o ombro ossudo.

Conan encolheu os ombros:

— Muito bem. Sigam-me.

Estavam próximos a seus calcanhares, enquanto ele subia, a passos largos, a trilha serpenteante e galgava a saliência. Eles se aglomeravam próximos a ele, enquanto ele passava pela fenda na parede que ficava atrás, e respiraram com cobiça entre os dentes, quando ele chamou-lhes a atenção para as arcas cobertas de ferro, em ambos os lados da curta caverna em forma de túnel.

— Um rico carregamento aqui. — ele disse, despreocupadamente — Sedas, rendas, roupagens, ornamentos, armas... a pilhagem dos mares do sul. Mas o verdadeiro tesouro está depois dessa porta.

A pesada porta estava parcialmente aberta. Conan franziu a sobrancelha. Ele se lembrava de ter fechado aquela porta antes de deixar aquela caverna. Mas não disse nada a respeito para seus companheiros ansiosos, enquanto a abria para deixá-los olharem.

Eles olhavam para dentro de uma grande caverna, iluminada por um brilho azul, que reluzia através de uma névoa fumegante em forma de bruma. Uma grande mesa de ébano se encontrava no meio da caverna; e, numa cadeira entalhada, com recosto alto e braços largos, que possivelmente esteve outrora no castelo de algum barão zingaro, sentava-se uma figura gigante, fabulosa e fantástica — lá estava Trnicos, a grande cabeça afundada no peito, uma mão forte ainda agarrando um copo, cravejado de jóias, no qual o vinho ainda brilhava; Trnicos, em seu chapéu envernizado, seu casaco bordado a ouro, com botões adornados de jóias que cintilavam na chama azul, as botas reluzentes, e a correia trabalhada a ouro, que sustentava uma espada, com cabo adornado de jóias, numa bainha dourada.

E, ao longo da beirada, todos com o queixo repousando no peito adornado de renda, sentavam-se os onze capitães. O fogo azul tremulava estranhamente sobre eles e seu almirante, enquanto fluía da enorme jóia no pequeno pedestal de marfim, refletindo lampejos de fogo congelado da pilha de gemas fantasticamente lapidadas, que brilhavam diante do lugar de Trnicos — a pilhagem de Khemi, as jóias de Tothmekri! As pedras, cujo valor era maior que a de todas as jóias conhecidas no mundo, colocadas juntas!

Os rostos de Zaron e Strom ficaram pálidos no brilho azul; sobre seus ombros, seus homens abriam a boca, embasbacados.

— Entrem e levem-nas. — convidou Conan, se virando de lado, e Zaron e Strom se apinharam avidamente atrás dele, quase empurrando um ao outro em sua pressa. Seus seguidores estavam pisando-lhes os calcanhares. Zaron escancarou a porta abruptamente; e parou no meio de um passo na soleira, ao ver uma figura no chão, anteriormente escondida da visão pela porta parcialmente coberta. Era um homem, deitado de bruços e contorcido, a cabeça puxada para trás entre os ombros, o rosto branco contorcido num sorriso de agonia mortal e agarrando a própria garganta com os dedos curvados.

— Galbro! — exclamou Zaron — Morto! O que... — Com súbita desconfiança, enfiou a cabeça pela soleira, dentro da névoa azulada que preenchia a gruta interna. E gritou, sufocado: — Há morte na fumaça!

Mesmo enquanto ele gritava, Conan arremessou seu peso contra os quatro homens aglomerados no vão da porta, mandando-os, cambaleantes — mas não de ponta-cabeça -, para dentro da caverna brumosa, como havia planejado. Eles estavam recuando diante da visão do homem morto e da descoberta da cilada; e seu violento empurrão, embora os tivesse desequilibrado, não surtiu o efeito que ele desejava. Strom e Zaron se estatelaram de joelhos sobre a soleira, o contramestre tropeçou nas pernas deles, e o carrasco carambolou contra a parede. Antes que Conan pudesse dar prosseguimento à sua implacável intenção, de lançar os homens caídos para dentro da caverna e segurar a porta contra eles até que a névoa venenosa cumprisse seu trabalho mortífero, ele teve que se virar e defender-se contra o ataque espumante do executor, que foi o primeiro a recuperar o equilíbrio e o entendimento.

O bucaneiro perdeu um tremendo golpe, com sua espada de decapitador, quando o cimério se esquivou e a grande lâmina bateu com força na parede de pedra, lançando fagulhas azuis. No instante seguinte, sua cabeça de rosto de caveira rolava no chão da caverna, sob o golpe do sabre de Conan.

Nas frações de segundo que esta rápida ação tomou, o contramestre se ergueu e caiu sobre os golpes cadentes do cimério, com um sabre que esmagaria um homem menor. Sabre encontrou sabre, com um retinir de aço que era ensurdecedor na caverna estreita. Os dois capitães recuaram da soleira, com ânsia de vômito e arfando, com as faces roxas e muito sufocadas para gritarem, e Conan redobrou os esforços, numa tentativa de se desfazer do antagonista e se livrar dos rivais, antes que eles pudessem se recuperar dos efeitos do veneno. O contramestre pingava sangue a cada

passo, e foi jogado para trás diante do ataque feroz; e começou a berrar desesperadamente pelos companheiros. Mas antes que Conan pudesse dar o golpe final, os dois chefes — ofegantes, mas sanguinários — alcançaram-no com as espadas nas mãos, grassando por seus homens.

O cimério saltou para trás e pulou para fora, sobre a saliência. Ele se sentia páreo para todos os três, embora todos fossem espadachins famosos; mas não queria ser pego pelas tripulações, que viriam atacando caminho acima, ao som do combate.

Estes, no entanto, não vinham com tanta rapidez quanto ele esperava. Estavam perplexos com os ruídos e gritos abafados que saíam da caverna acima deles, mas nenhum ousava subir o caminho, por medo de uma espada nas costas. Cada bando encarava tensamente o outro, agarrando suas armas, mas incapazes de decidir; e, quando viram o cimério saltar sobre a saliência, ainda hesitavam. Enquanto eles permaneciam com as flechas apontadas, ele subiu correndo as reentrâncias, num nicho localizado na rocha próxima à fenda, e se lançou de bruços no cume do penhasco, fora da vista deles.

Os capitães saíram pela saliência, rugindo e brandindo suas espadas, e seus homens, vendo que seus líderes não estavam cruzando espadas, pararam de ameaçar uns aos outros e abriram a boca, perplexos.

— Cão! — gritou Zaron — Você planejava nos envenenar! Traidor! Conan zombou deles, lá no alto.

— Bem, o que esperavam? Vocês dois estavam planejando cortar minha garganta, assim que eu lhes conseguisse a pilhagem. Se não fosse por aquele idiota do Galbro, eu teria pego vocês quatro e explicado a seus homens como vocês se lançaram distraidamente às suas condenações.

— E com todos nós mortos, teria tomado meu navio e toda a pilhagem também! — espumou Strom.

— Sim! E o direito de escolha de cada tripulação! Esperava durante meses voltar para alto-mar, e esta era uma boa oportunidade!

"Foram as pegadas de Galbro que eu vi na vereda. Pergunto-me como o imbecil soube desta caverna, ou como ele esperava arrastar a pilhagem sozinho".

— Se não víssemos aquele corpo, teríamos andado direto para aquela armadilha mortal. — murmurou Zaron, com o rosto moreno ainda lívido — Aquela fumaça azul parecia dedos invisíveis, esmagando minha garganta.

— O que farão? — seu algoz invisível gritou sarcasticamente.

— O que faremos? — Zaronu perguntou a Strom — A caverna do tesouro é cheia daquela bruma venenosa, embora, por alguma razão, ela não saia da soleira.

— Vocês não conseguirão obter o tesouro. — Conan os assegurou com satisfação, do alto de seu ninho de águia — Aquela fumaça estrangulará vocês. Ela quase me pegou, quando entrei lá. Escutem, e eu lhes contarei uma história que os pictos falam em suas cabanas, quando as fogueiras ardem pouco! Certa vez, há muito tempo, doze homens desconhecidos vieram do mar, acharam uma caverna e abarrotaram-na com ouro e jóias. Mas um xamã picto fez mágica, e a terra tremeu, a fumaça saiu da terra e os estrangulou onde se sentavam para tomar vinho. A fumaça, que era do fogo do inferno, ficou aprisionada dentro da caverna pela magia do feiticeiro. A história foi contada de tribo para tribo, e todos os clãs evitavam o lugar amaldiçoado.

"Quando me arrastei para dentro de lá, para escapar dos pictos Águias, percebi que a velha lenda era verdadeira, e se referia ao velho Tránicos e seus homens. Um terremoto quebrou o chão rochoso da caverna, enquanto ele e seus capitães se sentavam para beber vinho, e deixou a bruma sair das profundezas da terra... sem dúvida, sair do inferno, como dizem os pictos. A morte guarda o tesouro do velho Tránicos!".

— Tragam os homens cá para cima! — espumou Strom — Subiremos e o derrubaremos!

— Não seja idiota. — rosnuu Zaronu — Você acha que qualquer homem na terra conseguiria subir aqueles degraus, ao alcance da espada dele? Traremos os homens cá para cima, bem aqui, para emplumá-lo com flechas, se ele ousar aparecer. Mas ainda conseguiremos aquelas gemas. Ele tem algum plano de obter a pilhagem, ou não teria trazido 30 homens para carregá-la de volta. Se ele pode consegui-la, nós também podemos. Vamos curvar uma lâmina para fazer um gancho, amarrá-lo a uma corda, arremessá-la ao redor da perna daquela mesa, e então arrastá-la até a porta.

— Bem pensado, Zaronu! — veio do alto a voz zombeteira de Conan — Exatamente o que eu havia planejado. Mas como vocês encontrarão o caminho de volta à trilha para a praia? Escurecerá bem antes que alcancem a praia, se tiverem de tomar o caminho através das árvores, e eu lhes seguirei e matarei um por um na escuridão.

— Ele não está se vangloriando à toa. — murmurou Strom — Ele pode se mover e atacar no escuro, tão súbita e silenciosamente quanto um

fantasma. Se ele nos caçar na volta, pela floresta, poucos de nós viveremos para alcançar a praia.

— Então, o mataremos aqui. — rangeu Zaronó — Alguns de nós atiram nele, enquanto o resto sobe o penhasco. Se ele não for atingido por flechas, alguns de nós o alcançaremos com espadas. Ouça! Do que ele ri?

— De ouvir mortos fazendo planos. — veio a voz impiedosamente divertida de Conan.

— Não dê ouvidos a ele. — disse Zaronó, franzindo a testa; e, erguendo a voz, gritou para que os homens abaixo se juntassem a ele e a Strom na saliência.

Os marujos subiram a trilha enviesada, e um deles começou a gritar uma pergunta. Simultaneamente, soou um zumbido como o de uma abelha enfurecida, terminando numa pancada surda. O bucaneiro arfou, e o sangue lhe jorrou da boca aberta. Caiu de joelhos, agarrando a flecha negra que lhe vibrava no peito. Um grito de alarme se ergueu de seus companheiros.

— O que está havendo? — gritou Strom.

— Pictos! — berrou um pirata, erguendo o arco e atirando cegamente. Ao seu lado, um homem gemeu e caiu com uma flecha atravessada na garganta.

— Abriguem-se, seus idiotas! — guinchou Zaronó. De sua posição vantajosa, ele avistou figuras pintadas se movendo nas moitas. Um dos homens na trilha serpenteante caiu para trás, moribundo. O restante se arrastou apressadamente para baixo, por entre as rochas ao redor da base do penhasco. Abrigaram-se desajeitadamente, nada habituados a este tipo de luta. Flechas voaram de arbustos, se estilhaçando nos matacões. Os homens na saliência foram todos derrubados.

— Estamos numa cilada! — O rosto de Strom estava pálido. Bastante destemido sobre um convés, esta luta silenciosa e selvagem lhe abalou os nervos impiedosos.

— Conan disse que eles temiam este penhasco. — disse Zaronó — Quando cair a noite, os homens deverão subir aqui. Vamos nos manter no penhasco. Os pictos não nos atacarão.

— Sim! — zombou Conan, acima deles — Eles não subirão o penhasco para lhes pegarem, é verdade. Simplesmente o cercarão e manterão vocês aí, até todos morrerem de sede e fome.

— Ele fala a verdade. — disse Zaronó, sem saber o que fazer — O que faremos?

— Faremos uma trégua com ele. — murmurou Strom — Se algum homem pode nos tirar deste aperto, é ele. Tempo suficiente para cortar a garganta dele depois. — Erguendo a voz, ele gritou: — Conan, vamos esquecer nossa rixa por enquanto. Você está neste aperto tanto quanto nós. Desça e nos ajude a sair disso.

— Como você imagina isso? — retorquiu o cimério — Só preciso esperar até escurecer, descer o outro lado deste penhasco e sumir na floresta. Posso me arrastar pela linha que os pictos lançaram ao redor desta colina, e retornar ao forte para relatar que todos vocês foram mortos pelos selvagens... o que, dentro em pouco, será verdade!

Zarono e Strom olharam um para o outro em pálido silêncio.

— Mas não farei isso! — Conan rugiu — Não que eu tenha algum amor por vocês, cães; mas porque um homem branco não abandona homens brancos, mesmo inimigos seus, para serem trucidados por pictos.

A cabeça, de emaranhados cabelos negros, do cimério, apareceu sobre o alto do penhasco.

— Agora, escutem bem: há apenas um pequeno grupo aqui embaixo. Eu os vi se esgueirando pelo matagal, quando ri, agora há pouco. De qualquer forma, se houvesse muitos deles, todos os homens ao pé do penhasco já estariam mortos. Acho que há um bando de jovens com

pés ligeiros, mandados à frente do grupo de guerra, para nos eliminar, vindos da praia. Estou certo de que um grande bando de guerreiros está vindo, de algum lugar, em nossa direção.

"Eles puseram um cordão ao longo do lado oeste do penhasco, mas não acho que haja algum no lado leste. Vou descer por aquele lado, entrar na floresta e darei um jeito atrás deles. Enquanto isso, vocês descem a trilha e se juntam aos seus homens entre as rochas. Digam a eles para atirarem as flechas e puxarem as espadas. Quando me ouvirem gritar, corram pelas árvores do lado oeste da clareira".

— E o tesouro?

— Pro inferno com o tesouro! Teremos sorte, se sairmos daqui com nossas cabeças sobre os ombros.

A cabeça de cabeleira negra sumiu. Eles ficaram atentos a ruídos, que indicassem que Conan havia descido pela quase perpendicular parede leste e estivesse abrindo seu caminho lá embaixo, mas não ouviram nada. Nem havia qualquer som na floresta. Flechas não mais se espatifaram nas rochas

onde os marujos estavam escondidos. Mas todos sabiam que ferozes olhos negros estavam observando, com paciência assassina.

Cautelosamente, Strom, Zaron e o contramestre começaram a descer a trilha serpenteante. Estavam no meio da descida, quando as flechas negras começaram a sussurrar ao redor deles. O contramestre gemeu e desabou flácido pela inclinação, atingido no coração. Flechas se estilhaçaram nos capacetes e couraças dos chefes, enquanto eles se lançavam em pressa desvairada para baixo da trilha íngreme. Alcançaram a base, engatinhando apressadamente, e ficaram ofegando entre os matacões, praguejando sem fôlego.

— É mais alguma trapaça de Conan? — perguntou Zaron, praguejando.

— Podemos confiar nele, nesse assunto. — afirmou Strom — Estes bárbaros vivem por seus próprios e particulares códigos de honra, e Conan jamais abandonaria homens de sua própria cor, para serem trucidados por pessoas de outra raça. Ele nos socorrerá dos pictos, mesmo que ele próprio planeje nos assassinar... Ouça!

Um grito de frenesi sanguinário apunhalou o silêncio. Vinha da floresta a oeste, e simultaneamente um objeto saiu das árvores, descrevendo um arco, bateu no chão e rolou quicando em direção às rochas — uma cabeça humana decepada, o horrendamente pintado rosto congelado numa careta de morte.

— O sinal de Conan! — rugiu Strom, e os flibusteiros desesperados se ergueram, como uma onda, das rochas e correram de ponta-cabeça em direção à floresta.

Flechas zumbiram para fora das moitas, mas seu vôo foi apressado e errático — apenas três homens caíram. Então, os selvagens homens do mar mergulharam na orla das folhagens, e caíram sobre as desnudas figuras pintadas que se erguiam de dentro da escuridão diante deles. Foi um instante assassino de esforço ofegante e feroz, corpo-a-corpo, sabres abatendo machados de guerra, pés calçados pisando corpos nus, e logo pés descalços estavam avançando pelas moitas, em fuga precipitada, enquanto os sobreviventes daquela breve matança abandonavam a refrega, deixando sete figuras imóveis e pintadas estendidas sobre as folhas ensanguentadas que se alastravam pelo chão. Mais para trás, nos matagais, soava um bater e levantar; logo parou, e Conan caminhou até ser visto; seu chapéu envernizado se fora, o casaco estava rasgado e o sabre pingava em sua mão.

— E agora? — arfou Zaron. Ele sabia que o ataque fora bem-sucedido, só porque a ofensiva inesperada de Conan na retaguarda dos pictos havia desmoralizado os homens pintados e evitado que eles caíssem diante da investida. Mas estourou entre pragas, quando Conan atravessou o sabre num bucaneiro, que se contorcia no chão, com o quadril despedaçado.

— Não podemos levá-lo conosco. — grunhiu Conan — Não seria nenhuma bondade deixá-lo para ser levado vivo pelos pictos. Vamos!

Aglomeraram-se próximos aos seus calcanhares, enquanto ele caminhava apressadamente pelas árvores. Sozinhos, eles teriam suado e andado às cegas pelos matagais durante horas, até encontrarem a trilha para a praia — isso se conseguissem achá-la. O cimério os guiava tão infalivelmente quanto se ele seguisse um caminho resplandecente, e os piratas gritaram com alívio histérico quando adentraram repentinamente a trilha que seguia para oeste.

— Idiota! — Conan bateu uma das mãos no ombro de um pirata que começou a sair correndo, e o arremessou para trás, entre os companheiros — Vai explodir seu coração e cair daqui a novecentos metros. Estamos a milhas da praia. Caminhe moderadamente. Podemos correr na última milha. Guarde um pouco de seu fôlego para ela. Agora, vamos.

Começou a andar pela trilha, num passo devagar e firme; os marinheiros seguiram-no, ajustando seu passo ao dele.

O sol estava tocando as ondas do oceano ocidental. Tina estava na janela da qual Belesa havia olhado a tempestade.

— O sol poente transforma o oceano em sangue. — ela disse — A vela da nau é uma pinta branca nas águas vermelhas. A floresta já está escurecida com as sombras que se agrupam.

— E quanto aos marinheiros na praia? — perguntou Belesa apaticamente. Ela estava deitada numa cama, os olhos fechados e as mãos entrelaçadas atrás da cabeça.

— Ambos os acampamentos estão preparando seus jantares. — disse Tina — Estão recolhendo madeira e fazendo fogueiras. Posso ouvi-los gritando uns para os outros... O que é aquilo?

A súbita ansiedade no tom da garota deixou Belesa ereta sobre a cama. Tina agarrou a soleira da janela, com o rosto branco.

— Escute! Um uivo, lá fora, como muitos lobos!

— Lobos? — Belesa se ergueu de um pulo — Lobos não caçam em bandos nesta época do ano...

— Oh, veja! — guinchou a menina, apontando — Homens estão correndo para fora da floresta!

Num instante, Belesa estava ao lado dela, mirando com olhos arregalados as figuras, pequenas à distância, fluindo da floresta.

— Os marujos! — ela arfou — De mãos vazias! Eu vejo Zaron... Strom...

— Onde está Conan? — sussurrou a menina. Belesa sacudiu a cabeça.

— Ouça! Oh, escute! — choramingou a criança, agarrando-se a ela — Os pictos!

Todos no forte podiam ouvir agora — um vasto ulular de louca exultação e sede de sangue, vindo das profundezas da floresta escura.

Aquele som incitava os homens ofegantes a cambalearem em direção à paliçada.

— Depressa! — arfou Strom, seu rosto uma máscara contraída de esforço esgotado — Estão quase em nossos calcanhares. Meu navio...

— Está distante demais para alcançarmos. — ofegou Zaron — Dirija-se para a paliçada. Veja, os homens acampados na praia já nos viram! — Ele abanou os braços, numa mímica sem fôlego, mas os homens na praia entenderam, e reconheceram o significado daquele uivo selvagem, que se erguia a um triunfante crescendo. Os marujos abandonaram suas fogueiras e painéis de cozinhar, e fugiram para o portão da paliçada. Estavam correndo através dele, quando os fugitivos da floresta contornaram o canto sul e cambalearam para dentro do portão... uma turba arfante e desvairada, semi-morta de exaustão. O portão foi batido com pressa frenética, e os marinheiros começaram a subir o alto da muralha, para se juntarem aos soldados que já estavam lá.

Belesa confrontou Zaron:

— Onde está Conan?

O bucaneiro moveu bruscamente um polegar em direção à floresta enegrecida; seu peito arfava e o suor lhe escorria pelo rosto.

— Seus batedores estavam em nossos calcanhares, antes que alcançássemos a praia. Ele parou para matar alguns, e nos dar tempo de fugir.

Saiu cambaleando, para tomar seu lugar no alto da muralha, onde Strom já havia subido. Valenso estava lá: uma figura sombria e envolta num manto, estranhamente silenciosa e distante. Parecia um homem enfeitiçado.

— Olhem! — ganiu um pirata, acima do uivo ensurdecido da horda ainda invisível.

Um homem saía da floresta e corria rapidamente pela faixa aberta.

— Conan!

Zarono sorriu como um lobo.

— Estamos seguros nesta paliçada; sabemos onde está o tesouro. Não há razão para não emplumá-lo com flechas agora.

— Não! — Strom agarrou-lhe o braço — Vamos precisar de sua espada! Olhe!

Atrás do cimério de pés ligeiros, uma horda selvagem irrompia da floresta, uivando enquanto corria — pictos nus, centenas e centenas deles. Suas flechas choviam ao redor do cimério. Mais umas poucas passadas, e Conan alcançou o muro leste da paliçada com um pulo alto, agarrou as pontas dos troncos e se ergueu para dentro, com o sabre nos dentes. Flechas se abateram venenosamente, dentro dos troncos onde seu corpo havia estado há pouco. Seu casaco resplandecente se fora, e sua camisa de seda branca estava rasgada e ensanguentada.

— Detenham-nos! — ele rugiu, enquanto seus pés tocavam o chão interno — Se eles subirem o muro, estaremos perdidos!

Piratas, bucaneiros e soldados responderam imediatamente, e uma chuva de flechas e setas de cabeças quadradas adentrou a horda próxima.

Conan viu Belesa, com Tina se agarrando à mão dela, e sua linguagem foi pitoresca.

— Pra dentro da casa feudal! — ele ordenou, finalmente — Suas setas vão voar por cima do muro... Eu não disse? — Quando uma flecha negra se cravou na terra, aos pés de Belesa e vibrou como a cabeça de uma serpente, Conan pegou um arco longo e pulou até o alto do muro — Alguns de vocês, companheiros, preparem tochas! — ele rugiu, acima da gritaria crescente da batalha — Não podemos enfrentá-los no escuro!

O sol havia se posto numa agitação de sangue. Lá fora, na baía, os homens a bordo da nau haviam cortado a corrente da âncora, e o Mão Vermelha se afastava rapidamente no horizonte escarlate.

## VII

### *Homens da Floresta*

A noite havia caído, mas as tochas tremulavam de um lado a outro da praia, transformando o louco cenário num medonho apocalipse. Desnudos homens pintados apinhavam a praia; como ondas, eles vinham de encontro à paliçada, com os dentes à mostra e os olhos chamejantes lampejando ao fulgor das tochas enfiadas sobre o muro.

Penas de tucanos ondulavam em cabeleiras negras, assim como as plumas dos cormorões e dos falcões do mar. Uns poucos guerreiros, os mais selvagens e bárbaros de todos, usavam dentes de tubarão entrelaçados nas madeixas revoltas. As tribos litorâneas haviam se reunido, vindas de todas as direções da costa, para livrarem sua região dos invasores de pele branca.

Corriam como uma onda contra a paliçada, lançando uma tempestade de flechas diante deles, lutando dentro do alcance das setas e dardos que lhes penetrava a aglomeração, vindas da estacada. Às vezes, chegavam tão perto do muro, que atacavam o portão com seus machados de guerra e enfiavam suas lanças nas seteiras. Mas toda hora, a maré recuava sem subir a paliçada, deixando seu amontoado de mortos. Neste tipo de luta, os flibusteiros estavam no auge de sua bravura; suas setas e dardos abriam buracos na horda que atacava, seus sabres cortavam e derrubavam os selvagens das paliçadas que eles tentavam escalar.

Mesmo assim, várias e várias vezes, os homens da floresta voltavam ao ataque, com toda a teimosia feroz que fora instigada em seus corações furiosos.

— Parecem cães loucos! — arfou Zaron, cortando, num golpe descendente, as mãos escuras que agarravam as pontas da paliçada e os rostos escuros que rosnavam para cima, em direção a ele.

— Se conseguirmos manter o forte até o amanhecer, eles perderão o ânimo. — grunhiu Conan, abrindo um crânio emplumado com precisão

profissional — Eles não vão manter um longo cerco. Vejam, eles estão recuando.

O ataque diminuiu, e os homens na muralha sacudiram o suor dos rostos, contaram seus mortos e agarraram vigorosamente os cabos, escorregadios de sangue, de suas espadas. Como lobos sedentos de sangue, abandonando de má-vontade uma presa encurralada, os pictos fugiram para além do anel de tochas. Só os cadáveres permaneceram diante da paliçada.

— Eles foram embora? — Strom lançou para trás as madeixas molhadas e claras. O sabre em seu punho estava arranhado e vermelho, e o musculoso braço nu salpicado de sangue.

— Ainda estão lá fora. — Conan acenou com a cabeça em direção às trevas mais externas, que envolviam o círculo de tochas, cuja luz se fazia mais intensa. Ele vislumbrou movimentos nas sombras: o cintilar de olhos e o brilho fosco do aço.

— Eles se retiraram por enquanto. — disse — Ponham sentinelas no muro, e deixem o resto comer e beber. Já é mais de meia-noite. Lutamos durante horas, sem muito intervalo.

Os chefes desceram trepando as saliências, gritando por seus homens das muralhas. Uma sentinela foi postada no meio de cada muro — leste, oeste, norte e sul -, e um grupo de soldados foi deixado no portão. Os pictos, para alcançarem o muro, teriam que atacar passando por um espaço largo e iluminado por tochas, e os defensores poderiam retomar seus lugares bem antes que os atacantes alcançassem a paliçada.

— Onde está Valenso? — indagou Conan, mastigando um grande pedaço de carne, quando ficou ao lado da fogueira que os homens haviam construído no centro do pátio. Piratas, bucaneiros e homens de confiança se misturavam uns aos outros, devorando a carne e a cerveja que as mulheres lhes traziam, e deixando que lhes enfaixassem os ferimentos.

— Desapareceu há uma hora. — grunhiu Strom — Ele estava lutando no muro, ao meu lado, quando de repente parou de forma brusca e arregalou os olhos em direção às trevas, como se visse um fantasma. "Veja!", ele rosnou. "O demônio negro! Eu o vejo! Lá fora, na noite!". Bem, eu podia jurar que vi uma figura se movendo entre as sombras, alta demais para um picto. Mas foi só um vislumbre, e já tinha ido embora. Mas Valenso pulou para baixo da plataforma e cambaleou para dentro da casa feudal, como um homem mortalmente ferido. Não o vi, desde então.

— Ele provavelmente viu um demônio da floresta. — disse Conan, tranquilamente — Os pictos dizem que esta costa está cheia deles. Tenho mais medo é de flechas incendiárias. Os pictos são capazes de começarem a atirá-las a qualquer momento. O que é isso? Parecia um grito por socorro!

Quando a luta se acalmou, Belesa e Tina haviam se movido cautelosamente até sua janela, da qual foram afastadas pelo perigo de flechas voadoras. Silenciosamente, observaram os homens reunidos ao redor da fogueira.

— Não há homens suficientes na paliçada. — disse Tina.

Apesar da náusea, diante da visão dos cadáveres espalhados ao redor da paliçada, Belesa foi levada a rir.

— Você acha que sabe mais sobre guerras e cercos do que os flibusteiros? — ela censurou gentilmente.

— Deveria haver mais homens nos muros. — insistiu a criança, trêmula

— Suponha que o homem negro tenha voltado!

Belesa estremeceu ao pensar.

— Tenho medo. — murmurou Tina — Espero que Zaron e Strom sejam mortos.

— E Conan não? — perguntou Belesa, curiosa.

— Conan não nos faria mal. — disse a criança, sem hesitar — Ele vive de acordo com seu código de honra bárbaro, mas eles são homens que perderam toda a honra.

— Você é muito sábia para sua idade, Tina. — disse Belesa, com o vago desconforto que a precocidade da menina frequentemente lhe causava.

— Olhe! — Tina se empertigou — A sentinela se foi da muralha sul! Eu a vi na saliência, há um momento atrás; agora desapareceu.

De sua janela, as pontas da paliçada do muro sul só eram visíveis sobre os tetos inclinados de uma fileira de cabanas, que ficavam paralelas àquela muralha em quase toda a sua extensão. Uma espécie de corredor a céu aberto, com uns três metros de largura, era emoldurado pela estacada e pelos fundos das cabanas, que eram construídas numa sólida fileira. Estas cabanas eram ocupadas pelos servos.

— Para onde a sentinela poderia ter ido? — sussurrou Tina, apreensiva.

Belesa estava observando uma extremidade da fila de cabanas, a qual não ficava longe de uma porta lateral da casa feudal. Era capaz de jurar que viu uma figura sombria deslizar de trás das cabanas, e desaparecer na porta. Aquela era a sentinela desaparecida? Por que havia abandonado o muro, e

por que deveria se mover tão furtiva e sutilmente para dentro da casa feudal? Ela não acreditou que tivesse visto a sentinela, e um medo sem nome lhe congelou o sangue.

— Onde está o conde, Tina? — ela perguntou.

— No grande salão, milady. Sentado sozinho à mesa, envolvido em seu manto e bebendo vinho, com um rosto cinza como a morte.

— Vá e conte a ele o que nós vimos. Continuarei observando desta janela, para que os pictos não se aproximem do muro desguarnecido.

Tina saiu correndo. Belesa ouviu-lhe os pés calçados com chinelos correrem a passos miúdos, ao longo do corredor, e descerem a escada. Então, abrupta e terrivelmente, ressoou lá um grito de medo, tão penetrante que o coração de Belesa quase parou com o choque. Já estava fora do quarto e atravessando apressadamente o corredor, antes de perceber que os membros se moviam. Ela desceu correndo a escada — e parou, como se tivesse virado pedra.

Ela não gritou como Tina. Era incapaz de fazer qualquer barulho ou movimento. Viu Tina e estava consciente de pequenas mãos agarrando-a freneticamente. Mas estas eram as únicas realidades sensatas, numa cena de pesadelo negro, loucura e morte, dominada pela sombra monstruosa e antropomórfica que estendia braços medonhos contra um clarão sinistro e semelhante ao fogo do inferno.

Lá fora, na paliçada, Strom sacudiu a cabeça diante da pergunta de Conan:

— Não ouvi nada.

— Eu ouvi! — os instintos selvagens de Conan estavam despertados; ele estava tenso, os olhos chamejantes — Veio da muralha sul, atrás daquelas cabanas!

Puxando o sabre, ele se dirigiu para a paliçada. Do pátio, o muro ao sul e a sentinela posta ali não estavam visíveis, estando escondidos atrás das cabanas. Strom seguia, impressionado pelo jeito do cimério.

Na entrada do espaço aberto, entre as cabanas e o muro, Conan parou, desconfiado. O espaço era mal iluminado por tochas, que luziam em ambos os cantos da estacada. E, quase no meio do caminho daquele corredor natural, uma forma caída se esparramava no chão.

— Bracus! — praguejou Strom, correndo para a frente e se apoiando sobre um joelho ao lado da figura — Por Mitra, sua garganta foi cortada de orelha a orelha!

Conan varreu o espaço com um olhar rápido, encontrando-o vazio, exceto por ele próprio, Strom e o homem morto. Olhou atentamente através de uma seteira. Nenhum homem vivo se movia dentro do círculo de tochas acesas, do lado de fora do forte.

— Quem poderia ter feito isto? — ele se perguntou.

— Zaronó! — Strom se ergueu de um pulo, cuspido fúria como um gato selvagem, seu cabelo eriçado e o rosto convulsionado — Ele havia instalado seus ladrões para apunhalar meus homens pelas costas! Ele planeja se livrar de mim traiçoeiramente! Diabos! Estou sendo atacado por dentro e por fora!

— Espere! — Conan estendeu a mão, para impedir — Não creio que Zaronó...

Mas o enlouquecido pirata se moveu bruscamente e correu ao redor do final da fila de cabanas, exalando blasfêmias. Conan correu atrás dele, praguejando. Strom se dirigiu diretamente à fogueira, na qual a silhueta alta e magra de Zaronó estava visível, enquanto o chefe bucaneiro bebia uma jarra de cerveja.

Seu espanto foi total, quando a jarra lhe foi derrubada violentamente da mão, esparramando-lhe a couraça com espuma, e girou bruscamente para encarar o rosto, distorcido de raiva, do capitão pirata.

— Seu cão assassino! — rugiu Strom — Vai matar meus homens pelas minhas costas, enquanto eles lutam por sua pele imunda tanto quanto pela minha?

Conan corria em direção a eles e, em todos os lugares, os homens pararam de comer e beber, para olharem espantados.

— O que quer dizer? — disse Zaronó, confuso.

— Você instalou seus homens para esfaquear os meus em seus postos! — gritou o enlouquecido baracho.

— Está mentindo! — O ódio latente explodiu numa chama repentina. Com um uivo incoerente, Strom levantou o sabre e o brandiu em direção à cabeça do bucaneiro. Zaronó recebeu o golpe no blindado braço esquerdo, e fagulhas voaram enquanto ele cambaleava para trás, puxando para fora a própria espada.

Logo, os capitães estavam lutando feito loucos, suas lâminas chamejando e brilhando à luz da fogueira. Suas tripulações reagiram instantânea e cegamente. Um rugido intenso se ergueu, enquanto piratas e bucaneiros puxavam suas espadas e caíam uns sobre os outros. Os homens

deixados nos muros abandonaram seus postos e pularam para dentro da paliçada, com as lâminas em punho. Num instante, o pátio era um terreno de batalha, onde emaranhados e enraivecidos grupos de homens golpeavam e matavam num cego frenesi. Alguns dos soldados e servos foram arrastados para dentro da luta, e os soldados no portão se voltaram e olharam pasmados, esquecendo o inimigo que se escondia do lado de fora.

Tudo aconteceu tão rápido — fúrias latentes explodindo em repentina batalha —, que os homens estavam lutando por todo o pátio, antes que Conan pudesse alcançar os enlouquecidos chefes. Ignorando suas espadas, ele os apartou com tal violência que cambalearam para trás, e Zaron tropeçou e caiu de ponta-cabeça.

— Malditos idiotas, querem desperdiçar todas as nossas vidas?

Strom estava espumando de loucura, e Zaron berrando por ajuda. Um bucaneiro correu até Conan por trás, dirigindo-lhe um golpe à cabeça. O cimério deu meia-volta e lhe agarrou o braço, detendo-lhe o golpe no ar.

— Vejam, seus imbecis! — rugiu, apontando com sua espada.

Algo em seu tom prendeu a atenção da turba enlouquecida pela batalha; homens ficaram congelados em seus lugares, com as espadas erguidas, Zaron apoiado num joelho, e viraram as cabeças para olharem. Conan estava apontando para um soldado no alto da muralha. O homem estava cambaleando, as armas rasgando o ar, asfixiado enquanto tentava gritar. Súbito, ele caiu de ponta-cabeça ao chão, e todos viram a flecha negra entre seus ombros.

Um grito de alarme se ergueu do pátio. Logo após o grito, veio um clamor de gritos, de congelar o sangue, e o despedaçante impacto de machados no portão. Flechas flamejantes voavam por cima do muro e batiam em troncos, e finos feixes de fumaça azul se encaracolavam para o alto. Logo, de trás das cabanas que se enfileiravam na muralha sul, vieram figuras rápidas e furtivas, correndo pelo pátio.

— Os pictos entraram! — rugiu Conan.

Um tumulto seguiu seu grito. Os flibusteiros pararam com sua rixa, alguns se voltaram para enfrentar os selvagens, e outros para pular até o muro. Selvagens corriam de trás das cabanas, e se moviam em grande número sobre o pátio; seus machados se moviam rapidamente contra os sabres dos marujos.

Zaron se esforçava para levantar-se, quando um selvagem pintado se lançou contra ele e arreventou-lhe os miolos com um machado de guerra.

Conan, com um grupo de marujos atrás de si, lutava contra os pictos dentro da paliçada; e Strom, com a maioria de seus homens, subia até as saliências, cortando as figuras escuras que já se aglomeravam sobre o muro. Os pictos, que haviam se movido cautelosamente, sem serem vistos, e cercado o forte enquanto os defensores estavam lutando entre si, atacavam por todos os lados. Os soldados de Valenso estavam apinhados no portão, tentando segurá-lo contra a multidão uivante de demônios exultantes.

Cada vez mais selvagens fluíam por trás das cabanas, tendo escalado a desprotegida muralha sul. Strom e seus piratas foram empurrados do outro lado da paliçada, e num instante o recinto estava apinhado de guerreiros nus. Eles varreram os defensores feito lobos; a batalha se revolia em redemoinhos de figuras pintadas lançando-se sobre pequenos grupos de homens brancos desesperados. Pictos, marinheiros e homens de confiança caíam espalhados pela terra, onde eram pisados por pés desatentos. Valentes lambuzados de sangue mergulhavam uivando nas cabanas; e os berros, que emergiam de dentro, onde mulheres e crianças morriam sob os machados vermelhos, erguiam-se acima do estrépito da batalha. Os soldados abandonaram o portão, quando ouviram os gritos lamentosos; e, num instante, os pictos haviam quebrado-o, e estavam correndo para dentro da paliçada àquele ponto também. As cabanas começaram a pegar fogo.

— Alcancem a casa feudal! — rugiu Conan, e doze homens correram atrás dele, enquanto este cortava caminho implacavelmente por entre a alcatéia rosnante.

Strom estava ao seu lado, brandindo o sabre vermelho como um mangual.

— Não podemos defender a casa feudal. — grunhiu o pirata.

— Por que não? — Conan estava muito ocupado, em seu trabalho sangrento, para olhar.

— Porque... uh! — Uma faca, numa mão escura, penetrou fundo nas costas do baracho — O diabo lhe devore, bastardo! — Strom se voltou, cambaleante, e partiu a cabeça do selvagem até os dentes. O pirata oscilou e caiu de joelhos, o sangue lhe escorrendo dos lábios.

— A casa feudal está queimando! — ele grasnou e desabou sobre a areia.

Conan deu uma rápida olhada ao redor de si. Os homens que o haviam seguido estavam todos caídos no próprio sangue. O picto, que expirava convulsivamente sob os pés do cimério, era o último do grupo que havia lhe barrado o caminho. Por todo o seu redor, a batalha se rodopiava e

encapelava, mas no momento, estava sozinho. Não estava longe da muralha sul. Uns poucos passos, e poderia pular até a saliência e se perder na noite. Mas se lembrou das jovens indefesas na casa feudal — da qual, agora, a fumaça estava rolando em massas ondulantes. Correu em direção ao castelo.

Um chefe emplumado saiu rodando da porta, erguendo um machado de guerra, e atrás do cimério que corria, fileiras de valentes com pés ligeiros convergiam até ele. Ele não deteve sua corrida. Seu sabre, numa curva descendente, encontrou e desviou o machado, e partiu o crânio de quem o empunhava. Um instante depois, Conan atravessava a porta, e a havia batido e trancado contra os machados que lascavam a madeira.

O grande salão estava cheio de feixes flutuantes de fumaça, através dos quais ele tateava, meio cego. Em algum lugar, uma mulher choramingava — pequenos, cativantes e histéricos soluços, de abalarem os nervos. Ele emergiu de uma nuvem de fumaça e parou repentinamente de caminhar, olhando fixamente para o salão. Estava fosco e sombrio com a fumaça flutuante; o candelabro de prata estava destruído, as velas apagadas. A única iluminação era uma incandescência medonha, vinda da grande lareira, e a parede na qual a mesma se encontrava, onde as chamas lambiam, do chão ardente às esfumaçadas vigas do telhado.

E, delineada contra aquele clarão medonho, Conan viu uma forma humana, oscilando devagar na extremidade de uma corda. O rosto morto voltava-se para ele à medida que o corpo oscilava, e estava distorcido além de todo o reconhecimento. Mas Conan sabia que era o Conde Valenso, enforcado nas próprias vigas.

Contudo, havia algo mais no salão. Conan o viu através da fumaça — uma negra figura monstruosa, delineada contra a luz infernal do fogo. Aquele contorno era vagamente humano; mas a sombra lançada na parede em brasa não era nada humana.

— Crom! — murmurou Conan, horrorizado, paralisado pela percepção de que estava diante de um monstro contra o qual sua espada era impotente. Viu Belesa e Tina, agarradas aos braços uns das outras, agachando-se no pé da escada.

O monstro negro se ergueu, avultando gigantescamente contra o fogo, os grandes braços se abrindo largamente; um rosto indistinto olhava malevolamente através da fumaça; semi-humano, demoníaco, completamente terrível — Conan vislumbrou os chifres próximos um ao outro, a boca aberta, as orelhas pontiagudas -, ele movia-se pesadamente em

sua direção, através da fumaça, e uma velha lembrança despertou desesperadamente. Perto do cimério havia um sólido banco de prata, com adornos entalhados — outrora parte do esplendor do castelo Korzetta. Conan o agarrou e ergueu acima da cabeça.

— Prata e fogo! — ele rugiu, numa voz como o bater do vento, e o arremessou com toda a força de seus músculos de ferro.

Ele se espatifou bem no grande peito negro — 45 quilos de prata, voando com terrível velocidade. Nem mesmo a criatura negra pôde resistir a tamanho projétil. Foi derrubada — arremessada para trás e de ponta-cabeça para dentro da lareira aberta, que era uma urrante boca de fogo. Um grito horrível sacudiu o salão; o grito de uma coisa não-terrena, subitamente agarrada por morte terrena. O revestimento da lareira se quebrou, e pedras caíram da grande chaminé, deixando semi-ocultos os negros membros que se retorciam, e aos quais as chamas devoravam com fúria elementar. Vigas em chamas desabaram do teto e ribombaram sobre as pedras, e todo o amontoado foi envolvido por uma urrante explosão de fogo.

Chamas desciam rapidamente a escada, quando Conan a alcançou. Ele segurou a frágil criança sob um braço e arrastou Belesa em pé. Através do crepitar e estalar do fogo, soou o estilhaçar da porta sob os machados de guerra.

Ele olhou ao redor, avistou uma porta do lado oposto ao patamar da escada e correu através dela, carregando Tina e meio arrastando Belesa, que parecia atordoada. Quando adentraram a sala, um eco atrás deles anunciou que o teto estava caindo no salão. Através de uma asfixiante parede de fumaça, Conan viu uma porta aberta e externa, do outro lado da câmara. Enquanto arrastava as duas através dela, ele a viu cair com as dobradiças quebradas, a fechadura e o ferrolho quebrados e estilhados como se por alguma força espantosa.

— O homem negro entrou por esta porta! — Belesa soluçou histericamente — Eu o vi... mas eu não sabia...

Saíram no pátio da fogueira, a pouca distância da fileira de cabanas que se alinhava à muralha sul. Um picto se escondia próximo à porta, com os olhos vermelhos na luz do fogo e o machado erguido. Colocando a garota, que estava em seu braço, para longe do golpe, Conan enfiou o sabre no peito do selvagem, e depois, arrastando Belesa em pé, correu para a muralha sul, carregando ambas as garotas.

O pátio estava cheio de revoltas nuvens de fumaça, que encobriam parcialmente o trabalho sangrento feito lá; mas os fugitivos tinham sido vistos. Figuras nuas, negras contra o fulgor embotado, saltitavam para fora da fumaça, brandindo machados reluzentes.

Eles ainda estavam metros atrás dele, quando Conan mergulhou no espaço entre as cabanas e o muro. No outro extremo do corredor, ele viu outras formas uivantes, correndo para acabar com ele. Parando rapidamente, lançou Belesa até a saliência e pulou atrás dela. Erguendo-a sobre a paliçada, ele a desceu para a areia do lado de fora, e desceu Tina após ela. Um machado arremessado se espatifou dentro de um tronco, à altura de seu ombro, e logo ele também estava sobre o muro, erguendo suas atordoadas e indefesas protegidas. Quando os pictos alcançaram o muro, o espaço diante da paliçada estava vazio, exceto pelos mortos.

## VIII

### *Um Pirata Volta ao Mar*

O amanhecer coloria as águas foscas com um tom rosa-escuro. Do outro lado das águas coloridas, uma mancha branca crescia, além da névoa — uma vela, que parecia estar dependurada no céu de pérola. Num cabo cheio de moitas, Conan o cimério segurava um manto esfarrapado sobre uma fogueira de madeira verde. À medida que manipulava o manto, nuvens de fumaça se erguiam para o céu, palpitavam contra a aurora e desapareciam.

Belesa se acorrou próxima a ele, com um braço ao redor de Tina.

— Acha que eles irão ver e entender?

— Irão ver, sim. — ele a assegurou — Ficaram espionando esta costa a noite inteira, esperando avistar alguns sobreviventes. Estão assustados. Há apenas meia dúzia deles, e nenhum consegue navegar bem o bastante para ir

daqui até as Ilhas Barachas. Eles entenderão meus sinais; é o código pirata. Estou dizendo a eles que os capitães estão mortos com todos os marujos, e para virem em direção à costa e nos levarem a bordo. Eles sabem que eu consigo navegar, e estarão contentes em embarcar sob meu comando. Sou o único capitão vivo.

— Mas, e se os pictos virem a fumaça? — Ela estremeceu, olhando para trás, acima das areias brumosas, para onde, milhas ao norte, uma coluna de fumaça se encontrava de pé no ar parado.

— É improvável que a vejam. Depois que escondi vocês na floresta, me esgueirei de volta e os vi arrastando barris de vinho e cerveja para fora dos armazéns. Muitos deles já estavam cambaleando. Neste momento, eles estarão caídos aqui e ali, bêbados demais para se mexerem. Se eu tivesse cem homens, poderia acabar com a horda inteira. Veja! Lá vai um sinal de fumaça do Mão Vermelha! Isso significa que estão vindo nos buscar!

Conan apagou a fogueira, devolveu o manto a Belesa e se espreguiçou como um grande gato preguiçoso. Belesa o observava com admiração. Seu ar imperturbado não era fingido; a noite de fogo, sangue e matança, e a posterior fuga pela floresta negra, não lhe abalaram os nervos. Estava calmo, como se tivesse passado a noite em festa e folia. Belesa não o temia; sentia-se mais segura do que havia se sentido, desde que desembarcara naquela costa selvagem. Ele não era como os flibusteiros — homens civilizados, que haviam rejeitado todos os critérios de honra, e viviam sem nenhuma. Conan, por sua vez, vivia de acordo com o código de seu povo, o qual era bárbaro e sanguinário, mas que pelo menos mantinha seus próprios e peculiares critérios de honra.

— Você acha que ele está morto? — ela perguntou, com aparente irrelevância.

Ele não a perguntou a quem se referia.

— Acredito que sim. Prata e fogo são mortais para maus espíritos, e ele recebeu uma boa dose de ambos.

Ninguém voltou a falar nesse assunto. O pensamento de Belesa evitava invocar a cena, quando uma figura negra adentrara sorratamente o grande salão, e uma vingança há muito adiada fora horivelmente consumada.

— O que vai fazer, quando voltar para Zingara? — Conan perguntou. Ela sacudiu a cabeça, sem saber o que fazer:

— Não sei. Não tenho dinheiro nem amigos. Não fui ensinada a ganhar minha vida. Talvez fosse melhor se uma daquelas flechas atingisse meu

coração.

— Não diga isso, milady! — implorou Tina — Trabalharei por nós duas! Conan puxou uma pequena bolsa de couro de dentro do cinto.

— Não consegui as jóias de Tothmekri. — ele resmungou — Mas aqui estão algumas quinquilharias que achei no baú, onde peguei as roupas que estou usando. — Espalhou um punhado de rubis flamejantes na palma da mão — Valem, por si só, uma fortuna. — Ele os despejou de volta à bolsa e entregou a ela.

— Mas eu não posso levar estes... — ela começou.

— Claro que irá levá-los. Eu poderia tanto abandoná-la para que os pictos lhe escapelassem, quanto levá-la de volta a Zingara para morrer de fome. — disse ele — Sei o que é ser pobre numa terra hiboriana. Em minha terra, às vezes, há fome; mas as pessoas têm fome apenas quando não há absolutamente nenhuma comida. Mas, em países civilizados, já vi pessoas fartas de gula, enquanto outras passavam fome. Sim, já vi homens caírem e morrerem de fome, encostados nas paredes de lojas e armazéns abarrotados de comida.

"Às vezes, eu tinha fome também, mas aí eu pegava o que queria na ponta da espada. Mas você não pode fazer isso. Por isso, leve estes rubis. Você pode vendê-los e comprar um castelo, escravos e belas roupas; e com eles, não será difícil conseguir um marido, porque todos os homens civilizados desejam esposas com estas posses".

— Mas, e quanto a você?

Conan sorriu e apontou o Mão Vermelha, que se movia rapidamente em direção à costa.

— Um navio e uma tripulação são tudo o que quero. Assim que colocar o pé naquele convés, terei um navio; e assim que alcançar as Barachas, terei uma tripulação. Os rapazes da Irmandade Vermelha estão ansiosos para navegarem comigo, porque eu sempre os levo para ótimas pilhagens. E, assim que eu puser você e a menina em terra firme, na costa zíngara, mostrarei aos cães um pouco de pilhagem! Não, não, obrigado! O que é um punhado de jóias para mim, quando todo o saque dos mares do sul estará ao meu alcance?

# A FILHA DO GIGANTE DE GELO

## *The Frost Giant's Daughter*

O barulho metálico das espadas e dos machados de guerra tinha desaparecido no ar; os gritos de morte já não ecoavam no céu, e o silêncio cobria a neve manchada de vermelho. O brilho fraco e pálido do sol reluzia forte nos campos gelados, e por toda a planície coberta de neve viam-se raios de prata refletidos nas armaduras despedaçadas e nas lâminas quebradas dos mortos, nos lugares onde haviam tombado. Mãos geladas ainda agarravam os cabos de espadas; e muitas cabeças ainda cobertas pelos capacetes, ostentando o horror da morte no rosto, apontavam para cima as barbas vermelhas e as barbas douradas, como uma derradeira invocação a Ymir, o gigante do gelo, deus de uma raça de guerreiros.

No meio das figuras vestidas com a malha protetora de metal, entre as manchas avermelhadas do chão, duas figuras se entreolharam. Perdidas naquele lugar desolado, eram as duas únicas que ainda se moviam. Por cima o céu gelado, à sua volta a planície branca e ilimitada, e dezenas de mortos aos seus pés. Caminharam devagar por entre os corpos, como fantasmas a caminho de um encontro, vagando pelos restos de um mundo destruído. Em meio ao silêncio, ficaram frente a frente.

Eram dois homens altos, fortes como um par de tigres adultos. Os escudos haviam desaparecido, as armaduras estavam riscadas e rachadas. O sangue coagulava nas suas malhas, e as espadas estavam manchadas de vermelho. Os capacetes ornamentados com chifres de touro mostravam as marcas de golpes violentos. Um deles não tinha barba, e seus cabelos abundantes eram escuros. Os cabelos e a barba encaracolada do outro eram vermelhos como o sangue que tingia a neve banhada pelos raios do sol.

— Homem, — disse este último — quero saber teu nome, para que meus irmãos em Vanaheim saibam quem foi o último membro do bando de

Wulphere a morrer pela espada de Heimdul.

— Não em Vanaheim, — resmungou o guerreiro de cabelos negros, — mas em Valhalla você vai contar a seus irmãos que enfrentou Conan da Ciméria!

Heimdul urrou e deu um salto para a frente, com a espada brilhando num arco mortal. Quando a lâmina prateada atingiu seu capacete, lançando faíscas azuladas ao ar, Conan cambaleou e sua visão encheu— se de fagulhas avermelhadas. Mas ao vacilar, ele juntou todas as forças de seus ombros poderosos por trás da espada. A lâmina afiada rasgou a malha de metal, os ossos e o coração do inimigo, e o guerreiro dos cabelos vermelhos encontrou a morte aos pés de Conan.

O cimério ergueu— se, com a espada apoiada no chão, atrás dele. Viu— se repentinamente diante da doentia realidade que o cercava. O brilho do sol refletido na brancura da neve doía em seus olhos, como a ponta de uma faca, e o céu parecia distante, estranhamente separado do mundo. Ele virou as costas para aquela planície desolada, onde guerreiros de barbas louras jaziam agarrados aos matadores de cabelos vermelhos, no abraço da morte. Deu alguns passos, e o reflexo dos campos gelados de repente se apagou. Uma onda de cegueira tomou conta de sua vista, e ele caiu na neve, apoiando o corpo em um dos braços vestidos com a malha metálica, procurando afastar a cegueira dos olhos com um balanço da cabeça, como um leão sacudindo a juba dourada.

Uma gargalhada aguda penetrou na sua tontura, e sua visão clareou lentamente. Conan levantou os olhos. Sentia algo estranho no mundo ao seu redor, que não conseguia definir nem interpretar, um estranho matiz no céu e na terra. Mas não teve muito tempo para pensar nisso. Diante dele, balançando como o capim ao vento, estava uma mulher em pé. Para seu olhar confuso, o corpo dela parecia branco como o marfim e, a não ser por um véu muito fino e flutuante, estava tão nua como a luz do dia. Os pés delicados eram ainda mais brancos do que a neve sobre a qual pisavam. Ela riu para o confuso guerreiro, com uma gargalhada mais doce do que os pingos de uma fonte das montanhas e carregada do veneno da mais pura zombaria.

— Quem é você? — perguntou o cimério. — De onde você veio?

— O que importa? — A voz dela era mais musical do que as cordas de uma harpa, embora cheia de crueldade.

— Chame os seus homens, — disse Conan agarrando a espada. —Estou quase sem forças, mas não me entregarei sem lutar até a morte. Vejo que você é vanir.

— Por acaso eu disse isso?

Conan examinou melhor os cachos dourados dos cabelos dela que, a princípio, pareciam vermelhos. Notou então que não eram nem amarelos nem vermelhos, mas uma mistura das duas cores. Ficou fascinado. Aqueles cabelos longos tinham a delicadeza do ouro; o sol refletia neles com tamanha intensidade que Conan mal conseguia manter seus olhos abertos. O olhar dela também confundia: não era de todo azul nem cinzento, mas uma mistura de tons e luzes flutuantes, uma verdadeira nuvem de tonalidades estranhas que ele não sabia como interpretar. Os lábios vermelhos mostraram um sorriso delicado. Todo o seu corpo de marfim, desde as pontas dos pés até a ofuscante cabeleira doura— da, era perfeito como o sonho de um deus. O sangue de Conan parecia querer ferver nas veias.

Ele disse:

— Não sei se você é de Vanaheim, portanto minha inimiga, ou de Aesgaard e minha aliada. Já tive muitos sonhos, mas uma mulher como você eu nunca vi. Seus cabelos são tão brilhantes que fico cego ao olhar para eles. Jamais vi uma cabeleira assim, nem mesmo entre as mais lindas filhas de Aesir. Em nome de Ymir...

— Quem é você para usar assim o nome de Ymir? — interrompeu ela. — O que sabe dos deuses do gelo e da neve, você, que veio do sul para aventurar— se no meio de um povo que lhe é estranho?

— Em nome de todos os deuses escuros de minha raça! — gritou Conan com raiva. — Não tenho os cabelos louros dos aesires, mas ninguém consegue segurar uma espada como eu! Hoje eu vi dezenas de homens tombarem, e fui o único a sair vivo dos campos onde os guerreiros de Wulfhere enfrentaram os lobos de Bragi. Diga— me, mulher, por acaso viu o brilho de armaduras sobre os campos gelados, ou homens armados viajando sobre a neve?

— O que vi foi o orvalho gelado brilhando sob o sol, — respondeu ela. — E ouvi o assobio do vento na neve eterna.

Conan balançou a cabeça, suspirando.

— Niord deveria ter nos alcançado antes de a batalha começar. Temo que ele e seus guerreiros tenham sido atacados de surpresa. Wulfhere e seus homens estão mortos... Eu achei que não havia aldeia alguma em um raio de

muitos quilômetros deste lugar, porque a guerra nos trouxe para longe. Mas você não pode ter viajado muito pisando sobre a neve, nua como está. Se for de Aesgaard, leve—me à sua tribo, sofri muitos golpes e fiquei exausto com a batalha.

— Minha aldeia é mais distante do que imagina, Conan da Ciméria, — disse ela, rindo. De braços abertos, dançou diante dele, a cabeça dourada em movimentos sensuais, e os olhos cintilantes emoldurados pelos longos e curvados cílios louros. — Não sou bela, cimério?

— Tão linda como a aurora correndo nua sobre a neve, — resmungou Conan, com os olhos cintilando como os de um lobo.

— Então, por que não se levanta e me segue? Quem é o poderoso guerreiro que jaz aos meus pés? — A voz dela era um canto de pura zombaria. — Fique caído e morra na neve, como os outros tolos, Conan dos cabelos negros. Você não poderia ir aonde eu vou.

Amaldiçoando sua sorte, o cimério levantou— se com um brilho intenso no olhar, sentindo arder o rosto escuro e cicatrizado. O ódio tomava conta de sua alma, mas o desejo por aquela provocante criatura martelava suas têmporas e fazia aumentar a pressão do sangue em todas as veias do seu corpo. Uma paixão tão violenta como a agonia física tomou conta de todo o seu ser, fazendo a terra e o céu ficarem vermelhos para o seu olhar desconcertado. A loucura apoderou— se dele, e toda fraqueza e cansaço desapareceram.

Ele não disse uma palavra sequer, ao enfiar na bainha a espada ensanguentada e abrir as mãos na direção da mulher, tentando agarrar sua pele macia. Com um grito e uma risada ela saltou para trás e correu, os olhos sorrindo para ele por cima dos ombros brancos. Resmungando, Conan a seguiu. Ele se esquecera da luta, já não lembrava dos homens em armadura que jaziam sobre o próprio sangue, nem de Niord, cujos guerreiros não haviam chegado a tempo. Todos os seus pensamentos eram apenas para a figura branca e esguia que parecia flutuar, ao invés de correr na frente dele.

A louca perseguição desenvolveu— se pela planície branca e gelada. Os campos cobertos de sangue ficaram para trás, e Conan continuou correndo com a silenciosa tenacidade peculiar aos homens de sua raça. Seus pés, calçando sandálias de malha metálica, rompiam a crosta de gelo e afundavam na neve amontoada pelo vento, e ele prosseguia, ajudado pela enorme força dos seus músculos. A garota parecia dançar sobre a neve,

como uma pena flutuando numa lagoa. Seus pés descalços quase não marcavam a superfície branca do chão. Apesar do fervor intenso do seu sangue, o frio penetrava na malha metálica e no casaco de pele que cobriam o corpo do guerreiro. E a mulher, protegida apenas por um véu muito delicado, flutuava com tamanha leveza e alegria como se estivesse dançando no meio das palmeiras do jardim de rosas de Poitain.

Ela correu mais e mais, e Conan a seguiu. De vez em quando escapava um palavrão entre seus lábios rachados pelo frio. As enormes veias de suas têmporas inchavam e pulsavam, enquanto seus dentes rangiam.

— Não vai conseguir escapar de mim, — ele gritou. — Se me atrair para uma emboscada, amontoarei aos seus pés os corpos mortos dos seus guerreiros! Não tente se esconder de mim, pois eu derrubarei cada montanha até encontra-la! Vou segui-la nem que tenha de ir até o inferno!

Os lábios dele babavam ao ouvir o sorriso enlouquecedor que ela lançava para trás. E a mulher corria cada vez mais pela vastidão branca. As horas foram passando com o sol deitando na direção do horizonte. E a paisagem mudou. A planície aberta deu lugar a colinas arredondadas, que marchavam para cima em cadeias interrompidas. Muito ao norte ele viu os picos de altas montanhas, com a neve dos picos num tom azulado, por causa da distância, e mostrando tons de vermelho ao refletir o sol do poente. Os céus escureciam sobre eles, e mostravam as ondas colo— ridas da aurora boreal. Espalhavam— se pelo céu como dezenas de arco— íris, como labaredas de mil cores, mudando de intensidade, crescendo e dançando no ar.

Por cima de Conan, o céu brilhava e espoucava com estranhas luzes e fulgores. A neve brilhava de um modo assustador: ora um azul muito forte, ora vermelho como o sangue e depois um tom prateado e frio. No meio de um reino branco de encanta— mento, que tremulava diante dos seus olhos, ele despencou para a frente, mergulhado em um labirinto confuso onde a única realidade era o corpo branco e delgado que insistia em dançar à sua frente, longe do seu alcance, cada vez mais longe do seu alcance.

Ele não se preocupou com aquele cenário estranho, nem mesmo quando duas gigantescas figuras apareceram bem na sua frente. As lâminas metálicas das armaduras dos dois homens estavam cobertas de gelo. Havia neve nos seus cabelos e o olhar de ambos era tão frio como as luzes que dançavam no céu, acima deles.

— Irmãos! — gritou a mulher, dançando entre os dois.

—Vejam quem me segue! Trouxe— lhes um guerreiro para que o matem! Arranquem seu coração, para que o possamos queimar sobre a mesa de nosso pai!

Os gigantes lançaram um urro estranho, como o barulho do gelo esfregando sobre a superfície congelada de um lago. Levantaram seus machados de guerra, brilhando à luz das estrelas, ao mesmo tempo em que o enlouquecido Conan se lançava contra eles. Uma lâmina gelada passou bem perto dos seus olhos. Com todas as forças que lhe restavam, ele desfechou um golpe terrível que atingiu em cheio a perna do inimigo, na altura do joelho.

A vítima caiu com um berro, e no mesmo instante Conan foi atirado para trás, sentindo adormecer o ombro esquerdo, atingido por um golpe repentino do machado do outro gigante. A malha metálica de Conan quase não bastou para lhe salvar a vida. Ele viu o sujeito em pé ao seu lado, como uma enorme estátua de gelo, contrastando com o azul escuro do céu. O machado tombou, mas mergulhou na neve branca, no instante em que Conan rolou para o lado e, com uma inesperada agilidade, levantou— se de um salto. O gigante urrou e levantou de novo o machado de guerra. No mesmo instante, a espada de Conan assobiou no ar. Os joelhos do inimigo se dobraram, e ele tombou devagar para a frente, no meio da mancha vermelha formada pelo sangue que jorrava do seu pescoço cortado em dois.

Conan virou— se para ver a garota parada a uma certa distância, com os olhos arregalados de horror. A expressão de zombaria desaparecera do rosto dela. Ele gritou e sua espada derramou gotas de sangue quando as mãos dele tremeram por causa da intensidade de sua paixão.

— Pode chamar todos os seus outros irmãos, — ele gritou. — Darei os corações deles para os lobos! Você não vai me escapar...

Com um grito de guerra ele disparou na direção da mulher. Ela já não ria mais, nem lançava seus olhares de desafio sobre os ombros brancos. Corria como quem teme pela vida. Embora ele juntasse toda a força e energia de todos os seus músculos, até que suas têmporas estivessem a ponto de explodir e seus olhos vissem tudo vermelho à sua frente, ela conseguiu afastar— se, desaparecendo devagar sob o fogo misterioso do céu, até sua figura ficar menor do que imagem de uma criança, dançando sobre a brancura do gelo, um mero ponto na distância. Conan buscou todas as suas reservas de energia, rangeu os dentes na boca e correu mais. Logo, ela ficou

apenas uns cem passos à sua frente. Lentamente, metro a metro, a vantagem dela foi diminuindo.

Ela parecia não ter mais forças para correr, e seus cabelos dourados esvoaçavam ao ar. Ele ouviu a respiração cansada e viu o brilho de medo nos olhos dela, quando a cabeça delicada se voltou sobre os ombros alvos. A resistência selvagem daquele bárbaro mostrava toda a sua utilidade. A velocidade foi desaparecendo das pernas dela. Seus passos já não eram tão seguros. Na alma descontrolada de Conan brilhavam as chamas do inferno que ela acabara de alimentar. Com um grito inumano, ele se aproximou. A mulher tropeçou, deu um grito e ergueu os braços para se defender.

A espada caiu por terra, quando ele a apertou num abraço selvagem. O corpo delicado dobrou para trás, e a mulher lutou com desespero tentando libertar— se dos braços fortes. Os cabelos dourados esvoaçavam pelo rosto dele, cegando— lhe o olhar com seu brilho. O contato com aquele corpo escultural, que se revolia tentando escapar dos seus braços, levou— o perto da loucura. Os dedos fortes mergulharam na pele macia do corpo dela, fresco como a neve gelada. Era como se abraçasse não uma mulher humana, de carne e osso, mas um corpo feito de gelo que queimava de tão frio. Ela lançou a cabeça para um lado, lutando para evitar os beijos ardentes de paixão, que machucavam seus lábios encarnados.

— Você é tão fria como a neve, — ele resmungou. — Mas vou aquecê-la com o calor do meu próprio sangue...

Com um grito agudo e um esforço desesperado, a mulher escorregou dos braços de Conan, deixando a roupa fina e transparente no lugar onde ela estava antes. Saltou para trás e ficou de frente para ele, com os cabelos louros desarrumados sobre o rosto, os seios brancos tremendo como gelatina, os lindos olhos irradiando um brilho apavorado. Durante uma fração de segundo ele ficou parado, estupefato diante da inacreditável beleza nua que se erguia diante dele, em pleno campo gelado.

Naquele instante ela levantou os braços na direção das luzes coloridas que iluminavam o céu e gritou, com uma voz estridente que ecoaria para sempre nos ouvidos dele:

— Ymir! Ó meu pai, salve— me!

Conan saltava para a frente, com os braços abertos para agarrá-la, no instante em que todo o céu, com o barulho de dezenas de raios estourando ao mesmo tempo, pareceu abrir— se em uma única e gelada labareda. O corpo de marfim da jovem foi envolvido em uma língua de fogo azulado,

tão intensa que o cimério teve de levar a mão aos olhos para se proteger do intolerável brilho. Por um segundo todo o céu e as colinas geladas ficaram envolvidos pelo fogo branco que lançava raios azulados e vermelhos como o sangue.

Então, Conan tropeçou e deu um grito. A mulher desaparecera no ar. A neve branca estava de novo vazia e silenciosa. Muito acima de sua cabeça as luzes geladas da aurora boreal ainda dançavam no céu enlouquecido. No meio das distantes montanhas azuis ecoava um trovão que mais parecia ser as rodas de uma carruagem gigante correndo atrás de cavalos cujos cascos arrancavam faíscas da neve e lançavam seu eco para o céu.

E a aurora boreal, as colinas cobertas de neve e os céus iluminados começaram a girar diante dos olhos de Conan. Milhares de bolas de fogo brilhavam com faíscas avermelhadas, e o próprio céu transformou— se em uma gigantesca roda, lançando fagulhas ao girar. Sob os seus pés a neve levantou— se como uma onda, e o cimério tombou no gelo e ficou imóvel.

Em um universo escuro e gelado, cujo sol parecia ter— se extinguido milhares de anos antes, Conan sentiu de repente o movimento da vida, estranho e insuspeitado. Um verdadeiro terremoto o havia agarrado e o sacudia com força, de um lado para o outro, esfregando seus pés e mãos até que ele gritasse de dor e tentasse agarrar a espada.

— Ele está voltando a si, Horsa, — disse uma voz. — Depressa! Temos de esfregar mais forte para espantar o frio de seus membros, ou jamais levantará uma espada de novo!

— Não quer abrir a mão esquerda, — resmungou outra pessoa. — Parece que está agarrando alguma coisa.

Conan abriu os olhos e examinou os rostos barbados que se curvavam sobre ele. Estava cercado de enormes guerreiros louros, vestindo armaduras e capas de peles.

— Conan! — gritou um deles. — Está vivo!

— Em nome de Crom! É Niord, — balbuciou o cimério.

— Estou vivo mesmo ou estaríamos todos mortos, em Valhalla?

— Estamos vivos, — disse o aesir, curvado sobre os pés gelados de Conan. — Tivemos de enfrentar uma emboscada e não pudemos alcançar vocês antes da batalha. Os mortos estavam todos gelados quando chegamos ao campo. Não o encontramos entre eles, e então seguimos os seus rastros. Em nome de Ymir, Conan, por que diabos correu para a vastidão do Norte?

Passamos horas seguindo os seus rastros pela neve. Se uma tempestade as tivesse apagado nós jamais o teríamos encontrado. Por Ymir!

— É melhor não usar o nome de Ymir em vão o tempo todo, — resmungou um dos guerreiros, olhando para as montanhas distantes. — Esta terra é o lar dele, e as lendas dizem que mora atrás daquelas montanhas.

— Vi uma mulher, — respondeu Conan. — Enfrentamos os homens de Bragi na planície. Não sei quanto tempo durou a batalha. Fui o único a sobreviver. Fiquei tonto e desmaiei. Tudo parecia um sonho diante dos meus olhos. Só agora as coisas parecem mais naturais e conhecidas. A mulher apareceu e me provocou. Era maravilhosa, como uma chama gelada vinda do inferno. Uma loucura estranha tomou conta de mim quando olhei para ela, de modo que me esqueci de tudo no mundo. E a segui. Não encontraram os rastros dela? Nem os gigantes de armadura que matei lá atrás?

Niord balançou a cabeça.

— Só encontramos os seus rastros na neve, Conan.

— Então devo ter enlouquecido, — resmungou Conan, confuso. — Mas, para os meus olhos, vocês não são mais reais do que era aquela linda mulher de pele clara e cabelos dourados que corria nua pela neve, na minha frente. De um momento para o outro, ela escapou das minhas mãos e desapareceu no meio de uma labareda gelada.

— O sujeito está delirando, — disse um dos guerreiros.

— Nada disso, — interrompeu um homem mais velho, cujo olhar era selvagem e estranho. — Era Atali, a filha de Ymir, o gigante de gelo! Ela sempre aparece no campo dos mortos e se mostra aos que estão no fim. Quando era menino eu mesmo a vi, quando estava à morte no campo ensanguentado de Wolfraven. Apareceu entre os mortos na neve, o corpo nu brilhando como marfim e os cabelos dourados reluzindo intensamente à luz do luar. Fiquei deitado ali e urrei como um cachorro moribundo, porque não podia ir atrás dela. Atali costuma atrair os homens para o norte gelado, para serem mortos por seus irmãos, os gigantes da neve, que costumam colocar o coração de suas vítimas sobre a mesa de Ymir. O cimério viu Atali, a filha do Gigante do Gelo!

— Qual nada! — resmungou Horsa. — A mente do velho Gorm foi ferida quando ele era jovem, por um golpe de espada na cabeça. Conan estava delirando por causa da fúria da batalha. Vejam como o capacete dele está manchado de sangue. Um golpe como esses que ele levou deve ter

atingido seu cérebro. Foi uma alucinação que ele seguiu para esta terra perdida. Ele vem do Sul: como poderia saber sobre Atali?

— Talvez você fale a verdade, — interrompeu Conan. — Foi tudo tão estranho e confuso... Por Crom!

O cimério sentiu os olhos marejarem, quando notou o objeto que ainda tinha na mão. Os guerreiros se calaram, contemplando em silêncio aquilo que ainda se encontrava na mão esquerda de Conan. Um véu brilhante muito fino... Um pedaço de renda jamais visto por um tear humano.

# O SALÃO DOS MORTOS

*(sinopse)*

## *The Hall of the Dead*

Um pelotão de soldados zamorianos, liderado pelo oficial Nestor, mercenário gunderlandês, marchava por um estreito desfiladeiro, perseguindo um ladrão – Conan, o cimério, cujos roubos a mercadores ricos e a nobres haviam enfurecido o governo da cidade zamoriana mais próxima. Conan deixara a cidade e estava sendo seguido por entre as montanhas. As paredes do desfiladeiro eram íngremes e o chão, densamente coberto por uma rica grama alta. Andando por esta grama, Nestor tropeçou em algo e caiu pesadamente. Era uma corda de couro cru, ali estendida por Conan, e ela derrubou uma estaca, a qual deu início a uma súbita avalanche, que soterrou todos os soldados, exceto Nestor, o qual escapara, ferido e com a armadura arranhada e amassada.

Furioso, ele seguiu a trilha sozinho e, emergindo num platô elevado, adentrou a cidade abandonada dos antigos, onde encontrou Conan. Instantaneamente atacou o cimério, que, após uma luta desesperada, o deixou sem sentidos com um golpe de espada no capacete, e seguiu para dentro da cidade abandonada, achando que ele estava morto. Nestor se recuperou e seguiu o cimério.

Conan, enquanto isso, havia entrado na cidade – escalando as muralhas, pois os portões estavam trancados –, e encontrado o ser monstruoso que assombrava a cidade. Ele o matou, atirando grandes blocos de pedra do alto de uma elevação; e em seguida, desceu e o cortou em pedaços com sua espada. Depois, se dirigiu ao grande palácio, esculpido numa única e monstruosa colina de pedra no centro da cidade. Procurava uma entrada, quando Nestor veio ao seu encontro novamente, espada na mão, depois de tê-lo seguido por sobre a muralha. Enfastiado, Conan o aconselhou que lhe ajudasse a se apossar do vasto e fabuloso

tesouro, ao invés de lutar. Após alguma argumentação, o gunderlandês concordou, e eles entraram no palácio, chegando finalmente à grande câmara do tesouro, onde guerreiros de uma era passada se encontravam ao redor, posicionados como se estivessem vivos. Os companheiros fizeram embrulhos de ouro e pedras preciosas, e jogaram dados para decidir quem levaria um conjunto de perfeitas jóias fantásticas que adornava um altar, onde ficava uma serpente de jade – aparentemente um deus. Conan ganhou o jogo, e deu todo o ouro e demais jóias para Nestor. Pegou as gemas do altar e a serpente de jade – mas quando a ergueu do altar, os antigos guerreiros ganharam vida e seguiu-se um terrível combate, do qual os ladrões mal conseguiram escapar vivos. Lutando para saírem do palácio, eles foram seguidos pelos guerreiros gigantes, que ao saírem sob a luz do sol, viraram pó. Um terrível terremoto abalou a cidade abandonada, e os companheiros foram separados. Conan voltou para a cidade e, entrando numa taverna onde sua amante volúvel bebia vinho avidamente, espalhou as jóias numa mesa respingada de cerveja, no Marreta. Para seu espanto, haviam se transformado em pó verde. Em seguida, ele se preparou para examinar a serpente de jade, que ainda estava no saco de couro. A garota ergueu a bolsa e largou-a com um grito, jurando que algo se movia dentro dela. Naquele instante, um magistrado entrou com vários soldados e deu voz de prisão a Conan, que se encostou numa parede e desembainhou a espada. Antes que os soldados pudessem se aproximar, o magistrado enfiou a mão na bolsa. Nestor retornara à cidade com as moedas, que não haviam se esfarelado, bebeu e contou sobre sua façanha. Eles haviam tentado prendê-lo, mas, embora bêbado, ele havia conseguido lutar e fugir. Agora, ao enfiar a mão gorda na bolsa, o magistrado gritou e arremessou-a para a frente, com uma serpente viva presa em seus dedos. O tumulto que se seguiu deu a Conan e à garota a oportunidade de escapar.

# O VALE DAS MULHERES PERDIDAS

## *The Vale of the Lost Women*

*Após suas aventuras como corsário, Conan se une à uma tribo de negros que lhe oferece abrigo, a dos guerreiros Bamula. Em apenas alguns meses ele consegue, pelas lutas e as intrigas, colocar-se no posto de chefe guerreiro dos Bamula, cujo poderio cresce rapidamente sob a sua liderança.*

## I

O barulho dos tambores e das trompas feitas de dentes de elefante era ensurdecedor mas, aos ouvidos de Lívia, o clamor parecia apenas um murmúrio confuso, apagado e distante. Deitada no espaço central da grande cabana, estava entre as condições de delírio e semi-inconsciência. Os sons e movimentos exteriores quase não provocavam reações dos seus sentidos. Toda a sua visão mental, embora confusa e caótica, concentrava-se

inevitavelmente sobre a figura nua e contorcida de seu irmão, com o sangue jorrando de seus trémulos quadris. Sobre um fundo ofuscado pelo pesadelo de formas e sombras indefinidas, misturadas umas com as outras, aquela figura branca delineava-se com impiedosa e impressionante clareza. O ar ainda parecia pulsar com os gritos agonizantes, obscenamente misturados e entrelaçados com o sussurro de uma risada demoníaca.

Ela não tinha consciência das sensações como indivíduo separado e distinto do resto do Cosmos. Encontrava-se mergulhada no enorme golfo da dor, sentia-se como a própria dor cristalizada e manifestava em carne e osso. Assim, jazia sem pensamento ou ação consciente, enquanto os tambores ecoavam e as trompas berravam lá fora, acompanhando as vozes dos bárbaros que entoavam medonhos cantos, no compasso marcado pelos pés descalços que martelavam sobre a terra dura e pelas palmas ritmadas.

Mas sua consciência por fim começou a voltar, vencendo a barreira do congelamento de suas sensações. A primeira coisa que sentiu foi uma certa surpresa por não ter sofrido ferimentos físicos. Decidiu aceitar o milagre sem dar graças. Não lhe parecia tão importante agradecer por estar a salvo. Agindo de maneira mecânica, sentou-se sobre o leito e olhou em volta. Os pés e mãos começaram a mover-se devagar, como se reagissem ao lento despertar de seu sistema nervoso central. Seus pés descalços tocaram nervosamente o chão de terra batida. Seus dedos seguraram a ponta da saia de sua camisola curta, a única peça de roupa que tinha sobre o corpo. Com a mente ainda distante, ela se lembrou que um dia, que lhe parecia ter sido muito tempo antes, um par de mãos rudes havia rasgado as outras roupas que vestia, e ela chorara de medo e de vergonha. Agora, parecia estranho que um episódio tão insignificante tivesse sido motivo de tanta desgraça. Afinal de contas, a magnitude do ultraje e da indignidade que ela sentira era apenas relativa, como tudo o mais.

A porta da cabana se abriu e uma mulher entrou. Era uma pessoa delicada cujo corpo, flexível como o de uma pantera e brilhante como o ébano polido, estava adornado apenas por uma faixa de seda enrolada sobre os quadris largos e redondos. O branco dos seus olhos refletiu a luz do fogueira que ardia lá fora, quando os arregalou com uma expressão travessa.

Trazia um prato de bambu cheio de comida: carne ainda fumegando, batata-doce assada, milho cozido, grandes pedaços de pão nativo, e um vaso de ouro batido com cerveja de *yarati*. Colocou a bandeja sobre um dos

cantos do leito, mas Livia não deu atenção. Continuava com o olhar vidrado na direção da parede oposta, coberta de esteiras feitas de brotos de bambu. A jovem mulher nativa sorriu, mostrando todo o brilho dos seus olhos negros e dentes muito brancos. Com um assobio de malícia e um afago de zombaria que era mais grosseiro do que sua linguagem, ela saiu da cabana com um andar rebolado, expressando uma insolência mais insultuosa com o movimento dos quadris redondos, do que seria possível para qualquer mulher civilizada com todo o seu vocabulário.

Nem as palavras da mulher e menos ainda os seus gestos haviam sido suficientes para ativar por completo a consciência de Livia. Todas as suas sensações continuavam apontadas para dentro. A incrível clareza das imagens que tinha na mente era tamanha que o mundo exterior lhe parecia um quadro irreal de fantasmas e de sombras. Com gestos mecânicos ela comeu os alimentos e bebeu a cerveja, sem sentir gosto algum.

Foi ainda com gestos mecânicos que ela por fim se levantou e caminhou cambaleante pela cabana, para olhar para fora através de uma fenda na parede de bambu. Uma repentina mudança no timbre dos tambores e das trompas de marfim provocou reações em alguma parte obscura de sua mente, fazendo com que ela procurasse a causa dessa sensação, aparentemente sem querer.

A princípio ela não entendeu o que via. Tudo lhe parecia caótico e sombrio, com imagens que se moviam e se misturavam, torcendo-se e girando, blocos negros e disformes recortados sobre um fundo vermelho como o sangue, incandescente porém sem brilho. De repente, os movimentos e os objetos assumiram suas devidas proporções, e ela viu homens e mulheres movendo-se ao redor das fogueiras. A luz vermelha cintilava sobre os ornamentos de prata e marfim. Enormes penas brancas balançavam na claridade, e as figuras nuas movimentavam-se e posavam com gestos exagerados. Suas silhuetas pareciam recortadas da escuridão e iluminadas em vermelho.

Sobre um banquinho de marfim, ladeada por gigantes com adornos de penas na cabeça e tangas de pele de leopardo, estava sentada uma figura gorda e baixa, repulsiva, quase como um enorme sapo, emitindo um horrível cheiro de floresta apodrecida e pântanos sombrios. Suas mãos curtas e redondas repousavam sobre o enorme e liso arco de sua barriga. A nuca era um rolo de gordura que parecia lançar para a frente a cabeça pontiaguda. Os olhos eram como dois pedaços de carvão incandescente

num tronco preto. Sua espantosa vitalidade não combinava com a inerte imagem transmitida pelo corpo monstruoso.

Com o olhar fixo sobre aquela figura, o corpo da jovem tornou-se tenso e endurecido quando toda a intensidade da vida apossou-se dela de novo. De repente, ela deixava de ser um mero autômato para voltar a ser uma pessoa cheia de vida consciente, pulsante, aguda e ardente. A dor naufragou num ódio tão intenso que tornou a transformar-se em dor. Ela sentiu-se endurecida e quebradiça, como se o corpo estivesse se transformando em uma peça de aço. Era como se o ódio fluísse de um modo quase material ao longo da linha ; de sua visão. Parecia-lhe que o objeto daquelas emoções deveria cair morto daquele banquinho entalhado, por causa da força desse ódio.

No entanto, se a concentração de sua prisioneira causava qualquer tipo de desconforto psíquico a Bajujh, rei de Bakalah, ele não o demonstrava. Continuava a encher sua boca de sapo com as duas mãos, que tiravam milho cozido de uma vasilha segura pelas mãos estendidas de uma mulher ajoelhada ao seu lado. E olhava na direção de um caminho largo formado pelas ações dos seus súditos, que se acotovelavam dos dois lados.

Lívia entendia vagamente que, por essa alameda constituída de seres humanos negros e suados, deveria aparecer alguma personagem importante, a julgar pelo estridente clamor dos tambores e trompas. E não demorou para que isso acontecesse.

Uma coluna de guerreiros, marchando em fila de três, foi na direção do banquinho de marfim, mais parecendo uma espessa linha de penas flutuantes e lanças resplandecentes, que serpenteava no meio da multidão colorida. Na frente dos lanceiros negros marchava uma figura cuja visão provocou violento impulso em Lívia. Seu coração pareceu parar de repente para disparar logo em seguida, quase a ponto de sufocá-la. Contra aquele cenário de figuras escuras, o homem destacava-se com enorme clareza. Assim como os seus seguidores, usava uma tanga de pele de leopardo e um adorno de penas na cabeça. Mas era um homem branco.

Não foi como um suplicante nem como subordinado que ele marchou até o banquinho de marfim. Um repentino silêncio envolveu toda a multidão quando ele parou diante da figura agachada. Lívia chegou a sentir a tensão do ar, embora tivesse apenas uma leve impressão sobre o que aquele silêncio poderia significar. A princípio Bajujh ficou ali sentado por um instante, erguendo o pescoço curto como um enorme sapo. Depois, como se

estivesse sendo forçado a agir pelos olhares insistentes de todos os outros, ele levantou com insegurança o corpo grotesco, balançando a cabeça raspada.

Desfez-se na mesma hora a tensão que havia. Uma multidão de nativos irrompeu em gritos de alegria quando, obedecendo a um gesto do estranho, os guerreiros ergueram suas lanças e fizeram uma saudação ao rei Bajujh. Fosse quem fosse aquele homem, Lívia percebeu que devia ser muito poderoso naquela terra selvagem, pois até Bajujh de Bakalah se levantara para saudá-lo. E o poder representava prestígio militar entre aquelas raças ferozes, que só sabiam respeitar a violência.

Desse momento em diante, Lívia ficou de olhos pregados no estranho, espiando pela fresta na parede da cabana. Os guerreiros que o acompanhavam misturaram-se aos bakalahs, dançando, festejando e bebendo cerveja. O próprio líder branco sentou-se ao lado de Bajujh e dos chefes de Bakalah, de pernas cruzadas sobre uma esteira de bambu, comendo e bebendo à vontade. Ela viu as mãos fortes mergulhando no fundo das panelas onde os outros também se serviam, e o seu focinho enfiado na mesma jarra de cerveja em que Bajujh bebia. No entanto, percebeu que ele recebia o mesmo tipo de tratamento e respeito dado aos soberanos. Como não havia banquinho para ele, Bajujh abandonara o seu para sentar-se com o convidado sobre uma esteira de bambu. Quando foi trazida uma nova jarra de cerveja, o soberano de Bakalah mal provou da bebida fresca antes de passar a jarra ao homem branco. Poder! Era isso que ficava demonstrado naquela cortesia cerimonial. Força e prestígio! Lívia tremeu de emoção quando um plano arriscado começou a se formar em sua mente.

Continuou observando o homem branco com uma intensidade dolorosa, examinando cada detalhe de sua aparência. Era alto e forte. Nenhum dos gigantes negros que o acompanhavam era maior ou mais forte do que ele. Movia-se com a flexibilidade e leveza de uma grande pantera. Quando a luz da fogueira refletiu sobre os seus olhos, eles pareceram transformar-se em duas labaredas azuis. Seus pés eram protegidos por sandálias de longas tiras amarradas na perna, e ele carregava uma larga espada na bainha de couro, presa à tanga de pele. Tinha uma aparência estrangeira e desconhecida. Lívia jamais vira uma pessoa como ele, mas não fez qualquer esforço no sentido de definir sua posição entre as raças humanas que conhecia. Era branco, e isso bastava.

As horas foram passando e o barulho da festança diminuindo, com os homens e mulheres caindo no sono provocado pela bebedeira. Por fim Bajujh levantou-se cambaleando e ergueu os braços, não necessariamente como um sinal para que a festa terminasse, mas como se tivesse sido derrotado na disputa pela comida e a bebida. Ele tropeçou e foi apoiado por seus guerreiros, que o levaram para sua cabana. O homem branco levantou-se também, e parecia estar em condição semelhante por causa da inacreditável quantidade de cerveja que havia consumido. Foi levado para a cabana dos convidados, apoiando-se nos poucos chefes bakalahs que ainda conseguiam manter-se de pé. Ele entrou na cabana, e Lívia percebeu que uma dúzia dos seus próprios guerreiros colocaram-se ao redor da habitação, com as lanças em posição de combate. Estava claro que o estranho não pretendia correr riscos com a amizade de Bajujh.

Lívia correu os olhos por toda a aldeia, que mais parecia uma escura noite do Julgamento Final, com suas ruas e vielas cheias de sombras embriagadas que cambaleavam a caminho de casa. Ela sabia que havia homens perfeitamente sóbrios de sentinela por todo o perímetro externo da aldeia, mas os únicos guerreiros despertos que conseguia enxergar nos limites de seu campo de visão eram os lanceiros que guardavam a cabana do estranho. E mesmo esses já começavam a bocejar e a apoiar-se em suas lanças.

Com o coração batendo forte, ela deslizou para a parte de trás da cabana onde estava presa e saiu pela porta dos fundos, passando pelo guarda que Bajujh destacara para tomar conta dela, e que roncava num sono profundo. Como uma sombra de marfim ela correu em direção à cabana ocupada pelo estranho. Apoiada nas mãos e nos joelhos engatinhou até a porta dos fundos. Um gigante negro estava agachado ali, com a cabeça emplumada enfiada entre os joelhos. Ela já ficara presa naquela cabana, e tinha usado uma estreita abertura na parede, escondida na parte de dentro por uma esteira pendurada, durante uma patética e inútil tentativa de fuga. Encontrou a passagem, virou o corpo de lado e contorceu-se para passar, empurrando para o lado a esteira dependurada.

A luz da fogueira que ardia lá fora iluminava muito mal o interior da cabana. No mesmo instante em que empurrou a esteira para o lado, ouviu um resmungo e uma blasfêmia, e sentiu uma mão forte agarrando-a pelos cabelos, sendo arrastada pela abertura estreita e forçada a ficar em pé lá dentro.

Cambaleando diante da surpresa a que foi submetida, ela procurou coordenar todos os pensamentos e reações, ao mesmo tempo em que afastava dos olhos os cabelos desordenados, para poder ver o homem branco que estava à sua frente, bem mais alto do que ela, com uma expressão de assombro no rosto bronzeado e cheio de cicatrizes. Tinha a espada na mão, e seus olhos brilhavam como o fogo. Ela não conseguiu adivinhar se aquela era uma expressão de ódio, desconfiança ou surpresa. O homem falou em uma língua que ela não conseguiu entender, um idioma que nada tinha de gutural negro, embora tampouco tivesse qualquer som civilizado.

— Por favor, — implorou ela. — Fale baixo que *eles* podem ouvir...

— Quem é você? — ele indagou, falando a língua de Ophir com um sotaque bárbaro. — Em nome de Crom, jamais pensei em encontrar uma garota branca nesta terra dos infernos!

— Eu me chamo Lívia, — respondeu ela. — Sou prisioneira de Bajujh. Mas, por favor, ouça! Não posso continuar aqui. Tenho de voltar antes que eles dêem por minha falta na cabana... Meu irmão... — Ela parou para soluçar, e depois continuou: — Meu irmão chamava-se Theteles, e nós somos da casa de Chelkus, sábios e nobres de Ophir. Por uma permissão especial do rei da Stygia meu irmão conseguiu viajar para Kheshatta, a Cidade dos Magos, para estudar as artes deles, e eu o acompanhei. Era apenas um garoto, mais jovem do que eu... — A voz dela tremeu e ela irrompeu em prantos. O estranho ficou em silêncio, mas a observava com um olhar ardente, a testa franzida e uma expressão impossível de definir. Havia alguma coisa selvagem e indomável a respeito dele que a deixava ainda mais nervosa e insegura. E ela continuou: — Os kushitas negros atacaram Kheshatta. Nós estávamos chegando à cidade em uma caravana de camelos. Nossos guardas fugiram e os invasores nos levaram dali. Não nos fizeram mal algum e nos informaram que iam negociar com os estígios e aceitar um resgate para a nossa libertação. Mas um dos chefes queria ficar com toda a recompensa, e veio uma noite com um grupo de guerreiros para nos roubar do campo. Fugiram em direção sudeste e nos levaram até a fronteira de Kush. Aí eles foram atacados e mortos por um bando de guerreiros de Bakalah. Theteles e eu fomos arrastados para este ninho de animais; selvagens... — Ela soluçava convulsivamente. — Hoje cedo meu irmão foi esquarterado diante dos meus olhos... Deram o corpo dele aos chacais, não sei quanto tempo fiquei desacordada... As palavras pareciam

lhe faltar, e ela ergueu os olhos para o rosto zangado de estranho. Uma fúria selvagem tomou conta dela. Ergueu os punhos e bateu inutilmente contra o peito forte do gigante, para quem aquelas pancadas mais pareciam o pouso de uma mosca.

— Como pode ficar parado aí desse jeito? — perguntou ela, controlando a voz cheia de medo. — Será que é um animal como todos os outros daqui? Ó, Mitra, e eu que pensava ainda haver honra entre os homens! Agora eu sei que cada um tem seu preço. O que sabe sobre honra, misericórdia ou decência? Você não passa de um bárbaro como os outros, com a única diferença de que tem a pele branca. Sua alma é tão negra como a deles. Não se importa pelo fato de um homem de sua própria raça ter sido brutalmente assassinado por esses cães selvagens e por eu ser mantida como escrava deles. Não se importa nem um pouco! — Ela se afastou e continuou: — Pois bem! Vou lhe fazer uma proposta. — E rasgou a túnica que lhe cobria os seios brancos como o marfim. — Não sou bonita? Não sou mais atraente do que as mulheres nativas? Não sou uma recompensa valiosa que justifica o derramamento de sangue? Por acaso não vale a pena matar por uma virgem de pele branca como eu? Mate Bajujh, aquele cão selvagem! Permita-me ver a sua cabeça maldita rolar no solo manchado com seu próprio sangue! Mate-o. Mate-o! — E ela bateu violentamente com os punhos sobre o peito dele. — Depois me tome e faça o que quiser comigo. Serei sua escrava!

Ele ficou em silêncio durante alguns segundos, mas permaneceu em pé, como uma gigantesca estátua, meditando sobre morte e destruição, com os dedos esfregando o cabo da espada.— Você fala como se pudesse se entregar a quem quisesse, por sua própria vontade, — ele disse. — Como se tivesse o poder de derrubar reinos inteiros, bastando entregar seu corpo a alguém. Por que eu mataria Bajujh para ficar com você? As mulheres desta terra são baratas, e pouco importa se têm algum desejo ou não. Você está exagerando no valor que dá a si mesma. Se eu a quisesse, não teria de lutar Contra Bajujh para possuí-la. Aposto que ele preferiria entregá-la do que lutar contra mim.

Lívia perdeu o fôlego. Todo o fogo que a consumia apagou-se, e foi como se a cabana estivesse balançando e girando diante dos seus olhos. Ela cambaleou e desmoronou sobre uma cama. Uma amargura estonteante lhe esmagou a alma, quando ele a fez compreender até que ponto estava desamparada. A mente humana apega-se inconscientemente a valores e

conceitos conhecidos, mesmo em ambientes e condições adversas, não relacionadas com os ambientes e as condições às quais se adaptam os valores e conceitos conhecidos. Apesar de tudo o que Livia tinha enfrentado, ela ainda supunha que o consentimento de uma mulher representava o maior valor em um jogo como o que se propunha a disputar. Ficou chocada quando percebeu que nada dependia dela, afinal de contas. Ela não tinha como manipular os homens, como se fossem as pedras de um jogo de tabuleiro. Ela própria nada mais era do que uma peça sem importância no jogo da vida.

— Estou vendo como é absurdo supor que um homem nesta parte do mundo poderia agir de acordo com as regras e costumes vigentes em outro lugar. — resmungou ela, não muito consciente do que estava dizendo, e que era apenas a expressão oral dos pensamentos que a dominavam. Aturdida diante daquela inesperada reviravolta do destino, ela ficou imóvel, até que os dedos de aço daquele bárbaro a agarraram pelo ombro e a fizeram levantar de novo.

E ele falou com uma voz áspera:

— Você disse que eu sou um bárbaro, e é verdade, graças a Crom. Mas se você tivesse tido como guardas alguns homens de terras remotas, como eu, ao invés daqueles fracotes do seu mundo civilizado, não seria agora escrava de um porco como Bajujh. Eu sou Conan, da Ciméria, e vivo conforme a lei do fio da espada. Mas não sou nenhum cachorro que teria a coragem de deixar uma mulher nas ganas de um selvagem. Embora as pessoas como você me chamem de ladrão, eu jamais me impus a mulher alguma, sem o consentimento dela. Os costumes são diferentes em varias regiões, mas se um homem é suficientemente forte, ele consegue impor os seus costumes nativos onde quer que vá. E homem nenhum jamais me chamou de fraco! Ainda que você fosse velha e feia como os abutres de estimação do demônio eu a libertaria de Bajujh, só por causa de sua raça. Mas você é jovem e bonita, e já estou cansado e enjoado de olhar para as mulheres nativas. Vou jogar conforme as regras que você estabelece, porque alguns dos seus instintos combinam com os meus. Volte para a sua cabana. Bajujh está bêbado demais para ir procurá-la esta noite, e farei com que ele fique bastante ocupado amanhã. Então, amanhã à noite você estará esquentando a cama de Conan, e não a de Bajujh.

— E como vai conseguir fazer isso? — ela perguntou, com a voz trêmula e as emoções confusas. — Você só tem esses guerreiros?

— Não se preocupe, porque eles me bastam. Cada um dos guerreiros bamula nasce num berço de guerra e seu primeiro alimento é a batalha. Vim aqui a convite de Bajujh. Ele quer que me junte aos seus guerreiros para um ataque contra Jihiji. Hoje nós festejamos, e amanhã vamos realizar uma reunião de conselho. Quando eu terminar com ele aquele porco vai estar realizando reuniões no inferno!

— Pretende violar a trégua?

— Nesta terra a trégua é feita para ser violada, — respondeu Conan. — Ele está querendo violar a trégua que firmou com Jihiji, e estou certo de que, ao terminarmos de saquear a aldeia juntos, ele planeja acabar comigo, se conseguir me pegar de surpresa. Aquilo que se considera como a pior traição em outras terras não passa de esperteza aqui. Só consegui chegar sozinho à posição de chefe guerreiro dos bamula porque aprendi muito bem todas as lições que a Terra Negra ensina. Agora, volte para sua cabana e durma, sabendo que não é para Bajujh, mas sim para Conan que você guarda a sua beleza!

## II

Pela fenda na parede de bambu Lívia ficou observando, com os nervos tensos e trêmulos. Durante todo o dia, desde a hora tardia em que tinham despertado de ressaca, depois dos abusos e da bebedeira da noite anterior, os habitantes da aldeia prepararam a festa para a noite seguinte. E durante todo o dia Conan, o cimério, tinha ficado na cabana de Bajujh, mas Lívia não tinha a menor idéia do que acontecia entre os dois. Tinha lutado muito para esconder a emoção diante da única pessoa que entrara em sua cabana, a vingativa garota nativa que lhe trouxera comida e bebida. Mas aquela mulherzinha vulgar ainda estava intoxicada demais, depois de ter passado a

noite quase toda bebendo, para perceber a mudança no comportamento da prisioneira.

A noite acabara de cair de novo, e havia fogueiras por toda a aldeia. Uma vez mais os chefes saíram da cabana do rei e sentaram-se de pernas cruzadas ao ar livre, na praça entre as cabanas, para festejar e realizar um derradeiro conselho cerimonial. Dessa vez não houve tanta bebedeira. Lívia notou que os bamula convergiram casualmente para o círculo onde os chefes se reuniam. Viu Bajujh e, na frente dele, do outro lado das panelas de comida, Conan, rindo e conversando com o gigantesco Aja, chefe guerreiro de Bajujh.

O cimério roía um grande osso de boi e ela percebeu que, enquanto o observava, ele olhou várias vezes sobre os ombros. Como se fosse um sinal pelo qual estavam esperando, os guerreiros bamula olharam ao mesmo tempo para o seu chefe. Ainda rindo, Conan levantou-se como se fosse apanhar a comida de uma panela mais distante. Então, com a rapidez de um gato, ele atacou Aja com o pesado osso, desfechando violento golpe contra a cabeça do negro. O chefe guerreiro dos Bakalahs tombou para a frente com o crânio arreventado. No mesmo instante um terrível grito de guerra encheu os céus, com todos os bamula entrando em ação ao mesmo tempo, como um grupo de panteras sanguinárias.

As panelas de comida tombaram, escaudando as mulheres que estavam agachadas por perto, enquanto as paredes de bambu rachavam ao impacto dos corpos atirados contra elas. A noite foi cortada por lamentos de agonia, encobertos pelo insistente grito de guerra dos enlouquecidos bamula, e pelas labaredas carregadas pelas lanças que brilhavam naquele cenário infernal.

Bakalah transformou-se numa casa de loucos, avermelhada pelas chamas que cresciam. A ação rápida dos invasores tinha paralisado os infelizes nativos, tomados de surpresa. Jamais teriam imaginado que seus convidados partissem para o ataque daquele jeito. A maior parte das lanças estava guardada nas cabanas, e muitos guerreiros já estavam embriagados. A queda de Aja tinha sido o sinal que lançou as lâminas brilhantes dos bamula num ataque contra uma centena de nativos despreparados. Depois disso, foi um verdadeiro massacre.

Olhando pela fenda na parede da cabana, Lívia ficou paralisada, branca como uma estátua, os cabelos louros puxados para trás. Ela quase sufocou e colocou ambos os punhos fechados contra as têmporas, como se tivesse

medo de enlouquecer. Seus olhos se arregalaram, e o corpo todo ficou rígido. Os gritos de dor e de fúria atingiram seus nervos torturados como uma pancada física. Os corpos contorcidos e dilacerados desfocavam diante de sua vista, apenas para se tornar nítidos de novo, com a mais horripilante clareza e distinção. Ela viu as lanças mergulhando nos corpos negros, fazendo o sangue jorrar. E viu enormes bastões descendo com toda a força sobre cabeças humanas. Os tições eram chutados das fogueiras, espalhando brasas pelo chão. O sapé que cobria as cabanas fazia fumaça e se transformava em enormes labaredas. Um tipo diferente de grito angustiados começou a cortar os ares quando as vítimas ainda vivas passaram a ser atiradas de cabeça nas gigantescas fogueiras das cabanas. O cheiro de carne queimada encheu o ar, já impregnado do fedor de suor dos guerreiros e do sangue fresco que corria.

Os nervos sobrecarregados de Livia não suportaram. Ela gritou com toda a força dos seus pulmões, num estridente guincho de tormento, perdido no estrepitoso barulho das labaredas e da matança. E ela bateu nas têmporas com os punhos fechados. Perdera o controle sobre suas emoções e seu grito aos poucos se transformava em repiques de uma risada histérica. Em vão tentou convencer a si mesma de que eram os seus inimigos que estavam morrendo daquele modo horrível, e de que ela própria talvez tivesse esperado e até planejado que aquilo tudo ocorresse. Tentou convencer sua própria razão de que aquele pavoroso sacrifício nada mais era do que a recompensa pelas maldades que haviam praticado contra ela e seu irmão. Um terror frenético tomava conta dela.

Sabia que não havia piedade para com as vítimas que morriam às dezenas, cortadas pelas lanças sanguinárias. A única emoção que conseguia registrar era um medo cego, inflexível, louco e irracional. Viu Conan no meio da carnificina, com o seu enorme corpo branco contrastando com os dos negros. Os olhos arregalados registraram o brilho de sua espada, e os nativos que tombavam ao redor dele. De repente um pequeno grupo de homens formou uma confusão ao redor de uma das fogueiras, e Livia notou que havia um gordo e baixo contorcendo-se no meio deles. Conan enfiou-se no meio do grupo e por um momento ficou escondido atrás dos outros guerreiros. Um grito insuportável ergueu-se dali. O pequeno grupo desfez-se por um momento, e ela teve a visão horrível de um homem agachado que se arrastava, derramando sangue sobre a terra. Então os outros se juntaram

de novo no mesmo lugar e a única coisa que ela conseguiu discernir foi o brilho das espadas e das pontas das lanças pelo ar.

Um urro animalesco ecoou pela aldeia, terrível por causa do júbilo primitivo que parecia exprimir. A figura gigantesca de Conan abriu caminho por entre os guerreiros. Ele caminhava na direção da cabana onde a garota se agachava, trazendo nas mãos uma relíquia: a cabeça decepada do rei Bajujh, iluminada pela grande fogueira em que se transformara quase toda a aldeia. Os olhos negros estavam vidrados e sem vida, voltados para cima, revelando apenas a sua parte branca. O queixo caído dava ao rosto uma expressão idiota. Pelo chão ia ficando o rastro das gotas espessas do sangue que jorrava.

Lívia recuou com um gemido sufocado. Conan pagara o preço exigido e vinha para tomá-la, trazendo a horrorosa prova de que cumprira a sua parte. Ele iria agarrá-la com as mãos ensangüentadas, esmagar seus lábios com a boca ainda ofegante da carnificina. Com este pensamento ela entrou em desespero.

Com um grito ela correu pela cabana e atirou-se contra a porta, na parede dos fundos. A porta abriu e ela disparou pelo espaço aberto como um rápido fantasma branco num reino de sombras negras e labaredas vermelhas.

Algum tipo de instinto inexplicável a dirigiu ao curral onde estavam presos os cavalos. Um dos guerreiros estava removendo as tábuas que separavam o curral da paliçada principal da aldeia quando ela passou em disparada. Ele gritou surpreso, e suas mãos a agarraram pela gola da túnica que usava. Com um golpe frenético ela conseguiu libertar-se, deixando a peça de roupa nas mãos do guerreiro. A manada estourou e os cavalos passaram voando por ela, atropelando o guerreiro. Era uma excelente manada de animais fortes, musculosos e resistentes, da raça kushita, já assustados com o fogo e o cheiro forte de sangue que havia no ar.

Cega pela poeira erguida na fuga dos animais ela agarrou uma crina que passava voando ao seu lado. Foi derrubada e arrastada no mesmo instante, bateu no chão com os tornozelos, seu corpo levantou alto no ar e ela conseguiu equilibrar-se e lançar-se sobre o lombo do animal em disparada. Enlouquecida pelo medo, a manada disparou pelo meio das chamas, com os cascos espalhando brasas numa chuva de fagulhas brilhantes. Os negros assustados viram de relance aquela mulher branca, cavalgando nua sobre o dorso de um animal que voava igual ao vento que fluía entre os cabelos louros da fantasmagórica amazona. O garanhão galopou na direção da

paliçada principal, levantou no ar como se tivesse asas e desapareceu na escuridão da noite.

### III

Livia não podia fazer qualquer tentativa no sentido de dirigir o animal que montava, nem achava que houvesse necessidade disso. Os gritos e o brilho das fogueiras já estavam desaparecendo atrás dele. O vento mantinha seus cabelos no ar e acariciava seus braços e pernas nuas. A única coisa de que estava mais ou menos certa era a necessidade de manter-se agarrada à crina do animal e cavalgar, cavalgar sem parar até saltar sobre a beirada do mundo e escapar de toda aquela agonia, tristeza e horror.

Durante horas seguidas o garanhão continuou galopando até que, ao chegar a uma colina iluminada pelas estrelas, tropeçou e tombou para a frente, lançando a amazona à distância.

Ela bateu na relva espessa e ficou caída durante alguns instantes, meio atordoada, escutando o barulho abafado do animal que fugia trotando. Quando se levantou cambaleando, a primeira coisa que chamou sua atenção foi o silêncio que imperava ao seu redor. Era uma coisa quase palpável, uma escuridão aveludada e macia, surpreendentemente contrastante com o incessante troar dos tambores e os berros bárbaros das trompas dos nativos que a haviam enlouquecido durante dias a fio. Ela ergueu os olhos para o firmamento e viu os grandes bancos de estrelas brancas dependuradas no vazio. Não havia lua no céu, mas o brilho das estrelas era tão intenso que iluminava a terra, chegando a formar inesperadas sombras. Ela ergueu-se sobre uma elevação gramada, a partir da qual se formavam as colinas arredondadas, macias como o veludo sob a luz das estrelas. Lá longe, numa direção, notou uma densa e escura linha de árvores, assinalando o limite da

floresta distante. Nesse lugar havia apenas a noite e o silêncio total, além de uma leve brisa que soprava através das estrelas.

A terra parecia vasta e adormecida. A cálida carícia da brisa fez com que Livia se lembrasse de que estava nua, e ela se contorceu, espalhando as mãos sobre o corpo. Sentiu então o isolamento em que se encontrava e a completa solidão da noite que a envolvia. Ela estava sozinha. Em pé, sobre a elevação do terreno em que se achava, não podia ver ninguém. Nada além da noite e do vento que sussurrava aos seus ouvidos.

Sentiu-se repentinamente feliz com a noite e a escuridão. Nada havia que a pudesse ameaçar, nem agarra-la com mãos rudes e violentas. Olhou à sua frente e viu a encosta esparramar-se sobre um vasto vale, onde os arbustos dançavam ao vento e a luz das estrelas refletia em uma grande quantidade de pequenos objetos espalhados pelo chão. Ela achou que deviam ser grandes flores brancas, e esse pensamento lhe trouxe à memória uma vaga lembrança. Pensou em um vale sobre o qual os negros se referiam com medo, um vale para o qual haviam fugido as jovens mulheres de uma estranha raça de pele morena, que habitara aquela terra antes da vinda dos ancestrais dos Bakalabs. Ali, segundo a lenda, as mulheres haviam sido transformadas pelos primitivos deuses, para fugir dos seus perseguidores. Nenhum nativo se arriscaria a ir para aquele lugar.

Mas Livia ia se arriscar a descer ao vale. Ia descer por aquelas encostas gramadas, que pareciam veludo sob os seus delicados pés. Ia habitar entre as oscilantes hastes das flores brancas, e nenhum homem jamais viria para colocar suas mãos rudes sobre ela. Conan dissera que os pactos são feitos para serem quebrados. Então, ela romperia seu pacto com ele. Iria para o Vale das Mulheres Perdidas e deixar-se-ia perder na solidão e quietude daquele lugar... Nem mesmo concluía esses pensamentos e já estava descendo pela encosta. As paredes do vale começaram a se elevar dos dois lados.

Eram tão suaves as encostas que, mesmo ao chegar ao fundo do vale, ela não tinha a impressão de estar cercada por paredes de pedra. Tudo ao seu redor parecia um imenso mar de sombras, e as grandes flores brancas dançavam ao seu redor, parecendo sussurrar para ela. Livia andava a esmo, abrindo caminho pelos arbustos com as duas mãos muito pequenas e delicadas, ouvindo o sopro suave do vento pelas folhas, descobrindo um prazer infantil no murmúrio de um regato que não enxergava. Movia-se como se estivesse sonhando, presa de uma estranha e total irrealdade. Um

pensamento se repetia em sua mente: ali ela estava a salvo das brutalidades dos homens. Então chorou, mas foram lágrimas de alegria. Deitou-se sobre a relva e agarrou a grama espessa como se pretendesse apertar seu novo refugio contra o peito e segurá-lo ali para sempre.

Arrancou algumas pétalas das flores brancas e fez com elas um pequeno enfeite para seus cabelos dourados. O perfume combinava muito bem com tudo o mais que havia naquele vale, sutil e encantador como um sonho.

Então ela chegou a uma clareira no meio do vale e viu uma grande pedra, cortada como se tivesse sido lavrada por mãos humanas, adornada com samambaias e flores de diversos tipos e cores. Ficou ali parada, olhando para a pedra, até que de repente sentiu movimento e vida ao seu redor. Voltou-se e viu algumas figuras que corriam furtivamente pelas sombras. Eram mulheres delicadas, de pele morena, e estavam nuas, com os cabelos negros decorados por flores brancas. Como habitantes de um sonho elas se aproximaram, sem nada dizer. De repente, o terror tomou conta de Livia, quando ela viu os olhos das mulheres. Eram luminosos, radiantes sob o brilho das estrelas. Mas não eram olhos humanos. As mulheres tinham forma humana, mas parecia que suas almas haviam passado por uma estranha transformação, que se refletia naqueles olhos luminosos. O medo tomou conta dela como uma onda do oceano. A serpente mostrava sua cabeça medonha no novo paraíso que Livia encontrara.

Mas ela não podia fugir. As delicadas mulheres estavam ao seu redor. Uma delas, mais bonita do que as outras, veio silenciosamente em direção de Livia e a envolveu com seus braços macios. No hálito tinha o mesmo perfume das flores brancas que balançavam ao vento. Seus lábios encobriram os de Livia, em um longo e terrível beijo. Ela sentiu um frio gelado correndo por suas veias. Seus membros enfraqueceram. Como uma estátua de mármore branco ela estava nas mãos de sua captora, incapaz de falar ou de se mover.

Mãos muito rápidas e delicadas a levantaram e colocaram sobre o altar de pedra, no meio de uma cama de flores. As mulheres morenas deram-se as mãos e formaram um círculo dócil ao redor do altar, numa dança escura e muito estranha. Jamais o sol ou a lua tinham visto uma dança como aquela, e as grandes estrelas brancas ficaram ainda maiores e brilharam com mais intensidade, como se aquela feitiçaria negra provocasse reações do Cosmos e dos elementos. Ouviu-se então um canto baixo, muito menos humano do que o murmúrio do regato distante. Era mais um sussurro de todas aquelas

vozes, como o barulho das flores brancas que dançavam debaixo das estrelas. Lívia estava deitada, consciente, mas sem poder se mexer. Não lhe passou pela cabeça a idéia de achar que estivesse louca. Não procurava raciocinar nem analisar a situação. Ela *estava* ali, e aquelas estranhas criaturas também. A surpreendente compreensão da existência e o reconhecimento da verdade do pesadelo tomaram conta dela, deitada e impotente, olhando para o céu cravejado de estrelas, de onde alguma coisa lhe dizia que haveria de vir o socorro de que ela precisava, como já acontecera muito tempo antes, transformando aquelas mulheres nos seres desalmados que são agora.

Primeiro ela viu lá em cima uma pequenina mancha negra entre as estrelas, que foi crescendo e se expandindo. Aproximou-se dela, chegou ao tamanho de um morcego, mas continuou crescendo, embora sua forma não se alterasse muito com o crescimento. Pairou entre as estrelas, tombando como se mergulhasse em direção à terra, com as grandes asas abertas sobre ela. Lívia estava à sombra daquela coisa e, ao seu redor, o canto aumentava de volume, tornando-se uma oração pagã de alegria sem alma, uma prece de boas vindas ao deus que descia para recolher o sacrifício fresco e róseo como uma flor no orvalho da manhã.

Pairava diretamente acima dela, e sua alma ficou tensa, gelada e pequenina diante daquela estranha visão. As asas pareciam as de um morcego, mas o corpo da criatura, assim como o rosto

escuro que olhava para ela, não tinham semelhança com qualquer coisa que houvesse na terra, no céu ou no mar. Lívia sentiu que estava de frente para o horror, para uma loucura cósmica, negra, nascida dos golfos escuros situados além do alcance dos mais estranhos sonhos de qualquer ser humano, por mais enlouquecido que estivesse.

Rompendo os laços invisíveis que a mantinham imóvel, ela gritou com toda a força do seu peito. Seu grito foi respondido com um clamor profundo e ameaçador. Ela ouviu o barulho de pés correndo e, ao seu redor percebeu um redemoinho igual ao de águas muito rápidas. As flores brancas voaram pelo ar e as mulheres morenas desapareceram. Acima dela ainda pairava a grande sombra negra, mas Lívia viu uma figura branca e muito alta, com penas arrumadas na cabeça, correndo na sua direção.

— *Conan!* — O grito escapou-lhe dos lábios. Com um grito feroz e indistinto, o bárbaro saltou para o ar, brandindo a espada que reluziu sob as estrelas.

As grandes asas negras levantaram e baixaram. Paralisada de horror, Livia viu o cimério envolvido pela sombra negra que pairava sobre ele. A respiração do homem tornou-se ofegante. Seus pés batiam forte no chão duro, esmagando as flores brancas sobre a terra. O impacto violento dos seus golpes ecoou pela noite escura. Ele era lançado de um lado para o outro, como um rato nas mandíbulas de um cão. O sangue espirrava sobre a relva, misturando-se com as pétalas brancas, caídas ao chão como um tapete.

Foi então que a garota, observando a batalha diabólica como se estivesse vivendo um pesadelo, viu aquele monstro de asas negras balançar e vacilar no espaço. Ouviu as batidas das asas quebradas, e o monstro que escapou e flutuou de volta para cima, para misturar-se de novo com as estrelas e desaparecer no meio delas. O guerreiro vitorioso parecia tonto e cambaleava, mas tinha a espada nas mãos e as pernas abertas, em posição de combate. Olhava boquiaberto para cima, surpreso com a vitória, mas pronto e disposto a uma nova batalha, se necessário fosse.

Um instante depois Conan aproximava-se do altar, ofegante, derramando sangue a cada passo. Seu peito enorme subia e descia, reluzente por causa da transpiração. O sangue descia por seus braços, em fios que se originavam no pescoço e nos ombros. Quando a tocou rompeu-se o feitiço que havia sobre a garota e ela se sentou e desceu do altar, afastando-se das mãos dele. Conan apoiou-se na pedra, olhando para ela, agachada aos seus pés.

— Meus homens viram quando você fugiu da aldeia a cavalo, — ele disse. Vim atrás assim que consegui sair, e encontrei o seu rastro, embora não fosse fácil seguir as pegadas do cavalo com uma tocha na mão. Consegui chegar até o lugar onde o cavalo a derrubou e, como as tochas já estavam extintas, não encontrei mais as marcas dos seus pés sobre a relva macia. Mas eu tinha certeza de que havia descido para o vale. Meus homens recusaram-se a me seguir, e eu tive de vir sozinho, a pé. Que vale dos infernos é este? E que coisa estranha era aquela?

— Um deus, — sussurrou Livia. — Os bakalahs me falaram a respeito dele. É um deus que vem de muito, muito longe, do passado distante!

— Um demônio vindo da escuridão do espaço! — resmungou Conan. — E não são de todo incomuns. Eles espreitam como bandos de pulgas fora do cinturão de luz que envolve este mundo. Já ouvi os sábios de Zamora falarem a respeito deles. Alguns conseguem penetrar na terra, mas quando fazem isso precisam assumir uma forma humana de carne e osso ou coisa

assim. Um homem como eu, com uma espada nas mãos, pode enfrentar qualquer quantidade de presas e garras, sejam da terra ou do inferno. Vamos, meus homens estão esperando além dos limites do vale.

Ela se manteve agachada, imóvel, incapaz de encontrar palavras, enquanto ele a censurava com o olhar. Então, ela disse:

— Eu fugi de você. Pretendia enganá-lo. Não ia manter minha promessa. Devia entregar-me a você conforme combinei, mas teria fugido de você, se tivesse conseguido. Agora, pode me punir como quiser.

Ele balançou a cabeça para livrar-se do suor e do sangue, e colocou a espada na bainha. Depois resmungou.

— Levante-se! Foi um acordo idiota que eu fiz. Não me arrependo de ter acabado com aquele cachorro negro do Bajujh, mas você não é uma escrava que se compra e se vende. Os costumes dos homens são diferentes em lugares diversos, mas nenhum homem precisa ser um porco, esteja ele onde estiver. Andei pensando e acho que, se a fizesse cumprir sua promessa, seria o mesmo que forçá-la a entregar-se a mim. Além do mais, você não é suficientemente dura para viver nesta terra. É filha das cidades, dos livros e dos costumes civilizados. A culpa não é sua, mas você morreria muito depressa se tivesse de levar a vida que eu levo. E uma mulher morta não me serviria para coisa alguma. Portanto, vou levá-la até às fronteiras da Stygia. Os estígios tratarão de mandá-la de volta para sua casa, em Ophir.

Os olhos dela se arregalaram, como se ela não tivesse entendido o que acabara de ouvir.

— Minha casa? Minha Casa? Ophir? Minha gente? As cidades, as torres, a paz, meu lar!

As lágrimas encheram os olhos dela. Caindo de joelhos, ela abraçou as pernas dele.

— Em nome de Crom, garota, — disse Conan, confuso. — Não faça isso, por favor. Não pense que estou lhe fazendo um favor ao expulsá-la deste país. Já não expliquei que você não é uma mulher adequada para o chefe guerreiro dos bamula?

# A MÃO DE NERGAL

*(fragmento original)*

*The Hand of Nergal*

## I

O campo de batalha jazia em silêncio. Entre poças púrpuras, figuras ainda se moviam, parecendo refletir o fantástico céu crepuscular tingido de vermelho. Figuras furtivas esgueiravam-se na grama alta. Aves de rapina caíam sobre amontoados mutilados, trazendo um rufar de asas sombrias. Como arautos do Destino, uma ondulante fileira de garças batia asas lentamente em direção aos juncos da margem do rio. Nenhum rumor de rodas de carroça, repiques ou trombetas perturbava aquela quietude cega. O silêncio da morte seguia-se ao clangor da batalha.

Porém, uma figura se movia através daquele campo de ruínas dispersas, apequenado pelo imenso céu opaco e carmesim. O sujeito era um cimério, um gigante de juba negra e olhos azuis flamejantes. Sua tanga, presa por um cinto ao quadril, e suas sandálias de tiras altas estavam respingadas de sangue. A grande espada que arrastava com a mão direita estava ensanguentada até o cabo. Um terrível ferimento em sua coxa o fazia mancar enquanto andava. Cauteloso, embora impaciente, movimentava-se entre os mortos, saltando de cadáver em cadáver, xingando raivosamente o tempo todo. Outros haviam

passado antes dele. Nenhum bracelete, adaga cravejada de jóias ou peitoral de prata motivava sua busca. Ele era um lobo que há muito tempo percorria aquela carnificina, enquanto os chacais levavam os despojos.

Passando os olhos pela planície atulhada, não via nenhum corpo vestido ou se movendo. As facas dos mercenários e dos ajudantes de acampamento trabalharam bastante. Abandonando sua busca inútil, perscrutou sem objetivo definido a extensão além da planície, até o local onde as torres de ataque brilhavam desmaiadas no crepúsculo. Então virou-se rapidamente na direção de um grito torturado que chegou aos seus ouvidos. Aquilo significava um homem ferido, mas vivo, portanto presumivelmente não saqueado. Embora mancasse, andou rapidamente na direção do som, e ao chegar ao limite da planície, afastou os primeiros juncos e olhou para a figura que se contorcia debilmente aos seus pés.

Era uma garota ali deitada. Estava nua, seus membros alvos lanhados e feridos. Havia crostas de sangue em seus cabelos longos e escuros. Uma agonia cega se projetava de seus olhos escuros, e ela gemia, delirante.

O cimério ficou um tempo olhando para ela, e seus olhos foram momentaneamente nublados por algo que, em outro homem, poderia sugerir uma expressão de pena. Ergueu a espada para encerrar o sofrimento da garota, mas quando a lâmina pairou sobre seu corpo, ela choramingou como uma criança que sofre. A longa espada imobilizou-se em pleno ar. Por um instante, o cimério ficou-se imóvel como uma estátua de bronze. Em seguida, embainhando a lâmina com uma súbita resolução, inclinou-se e levantou a garota em seus braços fortes. Ela resistiu de forma incerta, mas sem forças. Carregando-a com cuidado, ele cambaleou uma boa distância em direção à margem do rio coberta de juncos.

## II

Na cidade de Yaralet, quando a noite chegava, as pessoas barravam as janelas, trancavam as portas e permaneciam dentro das casas tremendo, com velas acesas diante de seus deuses caseiros até que a aurora iluminasse os minaretes. Nenhuma sentinela andava pelas ruas, nenhuma meretriz maquiada espreitava nas sombras, nenhum ladrão esgueirava-se ardidamente por ruelas sinuosas. Os malfeitores, assim como as pessoas honestas, evitavam os lugares escuros, reunindo-se em tocas malcheirosas ou em tavernas à luz de velas. Do entardecer ao amanhecer, Yaralet era uma cidade silenciosa, com ruas vazias e desoladas.

O povo não sabia exatamente o que temia. Porém, dispunha de amplas evidências de que não era contra sonhos vazios que suas portas eram trancadas. Os homens falavam de sombras furtivas, avistadas através de janelas barradas, formas apressadas, estranhas à sanidade e à humanidade. Falavam sobre portas arrombadas durante a noite e de gritos e gemidos humanos seguidos por um silêncio significativo. Falavam do sol nascente brilhando sobre portas demolidas, que se abriam para casas vazias cujos ocupantes nunca mais foram vistos.

Mais estranho ainda, falavam do ruído furtivo de rodas de carroças fantasmas pelas ruas vazias na escuridão antes do amanhecer, e aqueles que as ouviam não se atreviam a olhar. Uma criança olhou, uma vez, e enlouqueceu instantaneamente para morrer em seguida, gritando e espumando, sem dizer o que vira ao olhar pela janela escurecida.

Certa noite, enquanto o povo de Yaralet tremia em suas casas trancadas, um estranho conclave acontecia na pequena câmara, forrada de veludo e iluminada à vela, pertencente a Atalis. Alguns o consideravam um filósofo, outros, malfeitor. Atalis era um homem esbelto e de altura média, com uma cabeça esplêndida e feições de um mercador esperto. Estava vestido com um manto de rico tecido, e sua cabeça raspada denotava sua devoção ao estudo das artes. Enquanto falava, gesticulava inconscientemente com a mão esquerda. A mão direita descansava em seu colo num ângulo não natural. De tempos em tempos, um espasmo de dor contorcia sua expressão, e então seu pé direito, escondido sob o longo manto, retorcia-se de forma aflitiva sobre o tornozelo.

Ele estava falando com alguém que a cidade de Yaralet conhecia, e louvava, pelo nome de príncipe Than. O príncipe era um homem alto e elegante, jovem e inegavelmente belo. Os contornos firmes de seus membros e a têmpera de aço de seus olhos cinzas desmentiam a sugestão levemente afeminada de seus cabelos negros e encaracolados e seu gorro de veludo emplumado.

**Tradução:** Cláudio S. Carina.

# OS TAMBORES DE TOMBALKU

*(fragmento/sinopse)*

*Drums of Tombalku*

Três homens se acoravam ao lado de um poço d'água, sob o céu do pôr-do-sol, que pintava o deserto de marrom-escuro e vermelho. Um deles era branco, e seu nome era Amalric, filho de um nobre da casa de Valerus, do oeste da Aquilônia; os outros dois eram ghanatas – uma raça negra, misturada com sangue shemita –, e seus farrapos mal escondiam suas magras e vigorosas formas negras. Chamavam-se Gobir e Saidu; pareciam abutres, ao se agacharem próximos ao poço d'água.

Perto dali, um camelo ruminava ruidosamente, e um par de cavalos cansados passava o focinho em vão pela areia nua. Os homens mastigavam ruidosa e sombriamente as tâmaras secas, os negros concentrados apenas no trabalho de seus maxilares e o branco olhando ocasionalmente para o inerte céu vermelho, ou para o outro lado da monotonia horizontal onde as sombras se aglomeravam e aprofundavam. Foi o primeiro a ver o cavaleiro, que se aproximava e puxava as rédeas, com um movimento brusco que fez a montaria empinar.

O montador era um gigante, cuja pele mais escura que a dos outros dois, assim como seus lábios grossos e nariz largo, mostrava um sangue negro em abundância vastamente predominante. Suas largas calças de seda, franzidas ao redor dos tornozelos nus, eram seguras por um largo cinto, enrolado várias vezes ao redor de sua enorme barriga; aquele cinto também segurava uma cimitarra de ponta flamejante, a qual poucos homens conseguiriam empunhar com apenas uma mão. Com aquela cimitarra, o homem era famoso em qualquer lugar por onde cavalgassem os filhos de pele escura do deserto. Era Tilutan, o orgulho de Ghanata.

Atravessada na parte frontal da sela, jazia uma forma inerte, ou melhor, pendia. O ar assobiou por entre os dentes dos ghanatas, ao vislumbrarem os membros brancos. Era uma jovem branca que pendia na frente da sela, o rosto para baixo, seu cabelo solto caído sobre o estribo, numa ondulada cascata negra. O negro sorriu largamente, num reluzir de dentes brancos, e a lançou negligentemente sobre a areia, onde ela jazeu frouxa e inconsciente. Instintivamente, Gobir e Saidu se voltaram para Amalric, e Tilutan o observou de sua sela. Três negros contra um branco. A entrada de uma mulher branca em cena produziu uma mudança sutil na atmosfera.

Amalric era o único que aparentava indiferença à tensão. Lançou para trás as rebeldes mechas loiras e olhou de forma indiferente para a figura inerte da garota. Se houve um brilho momentâneo em seus olhos cinzas, os outros não perceberam.

Tilutan desceu de sua sela, lançando com desdém as rédeas para Amalric.

— Cuide de meu cavalo. — disse ele — Por Jhil, não encontrei o raro antílope do deserto, mas achei esta pequena potranca. Ela estava cambaleando pelas areias, e caiu no momento em que eu me aproximava. Acho que desmaiou de cansaço e sede. Afastem-se daí, seus chacais, e me deixem dar uma bebida a ela.

O enorme negro a estirou próxima ao poço, e começou lavando-lhe o rosto e pulsos, e deixando caírem uns poucos pingos entre os lábios ressecados dela. Ela logo gemeu e se mexeu vagamente.

Gobir e Saidu se agacharam com as mãos nos joelhos, olhando fixamente para ela, por sobre o ombro robusto de Tilutan. Amalric ficou um pouco afastado deles, seu interesse parecendo apenas casual.

— Ela está voltando a si. — anunciou Gobir.

Saidu não disse nada, mas lambeu os lábios de forma involuntária e animal.

O olhar de Amalric viajou impessoalmente sobre a forma caída, desde as sandálias dilaceradas até a coroa solta de lustrosos cabelos negros. A única roupa dela era um vestido, amarrado à cintura. Este deixava nus os braços, pescoço e parte dos seios; e a saia terminava vários centímetros acima dos joelhos.

Nas partes à mostra, o olhar dos ghanatas descansava com intensidade devoradora, percebendo os detalhes suaves — infantis em sua branca delicadeza, embora arredondados em florescente feminilidade adulta.

Amalric encolheu os ombros.

— Quem é depois de Tilutan? – ele perguntou despreocupadamente.

Um par de cabeças magras se virou em direção a ele, olhos injetados em sangue reviraram diante da pergunta, e em seguida os negros se viraram e encararam um ao outro. Uma súbita rivalidade crepitou eletricamente entre os dois.

— Não briguem. – argumentou Amalric – Joguem os dados.

Sua mão saiu de dentro de sua túnica gasta, e ele deixou cair um par de dados diante deles. Uma mão em forma de garra os segurou.

— Sim! – concordou Gobir – Jogaremos... depois de Tilutan, o vencedor!

Amalric lançou um olhar em direção ao gigante negro, que ainda se curvava sobre sua cativa, revivendo-lhe o corpo exausto. Enquanto ele olhava, as longas pálpebras dela se abriram: intensos olhos violetas miraram para cima, perplexos, diretamente no rosto cobiçoso do negro. Uma explosiva exclamação de prazer escapou dos lábios grossos de Tilutan. Puxando fortemente um cantil do cinto, ele o pôs nos lábios dela. Ela bebeu o vinho mecanicamente. Amalric evitou o olhar errante dela; um branco e três negros – todos tão fortes quanto ele.

Gobir e Saidu se curvaram sobre os dados; Saidu os colocou na palma em forma de concha, soprou neles para ter sorte, sacudiu e lançou. Duas cabeças de abutre se inclinaram sobre os cubos que giravam na luz fosca.

E Amalric puxou e atacou num só movimento. A lâmina atravessou um pescoço grosso, cortando a traquéia, e Gobir caiu sobre os dados, esguichando sangue, sua cabeça pendurada numa tira.

Simultaneamente, Saidu, com a rapidez desesperada de um homem do deserto, se ergueu de um pulo e investiu ferozmente em direção à cabeça do matador. Amalric mal teve tempo para deter o ataque com a espada erguida.

A cimitarra sibilante bateu a lâmina reta contra a cabeça do branco, fazendo-o cambalear. Amalric largou a espada e lançou ambos os braços ao redor de Saidu, puxando-o para uma luta engalfinhada, onde sua cimitarra era inútil. Sob os farrapos do homem do deserto, a estrutura magra e forte era como cordas de aço.

Tilutan, percebendo instantaneamente o que acontecia, havia deixado a garota cair e se levantou com um rugido. Correu em direção aos dois que se engalfinhavam, como um touro atacando, sua grande cimitarra lhe brilhando na mão. Amalric o viu chegando, e sua pele gelou. Saidu se torcia e puxava, dificultado pela cimitarra, à qual ainda tentava inutilmente usar contra seu antagonista. Os pés deles se torciam e batiam na areia, seus corpos posicionados um contra o outro. Amalric arremeteu o calcanhar calçado em sandália contra o desnudo peito do pé do ghanata, sentindo-lhe os ossos quebrarem. Saidu uivou e pulou convulsivamente, e Amalric lhe ajudou o pulo com um desesperado impulso de si mesmo. Cambaleavam feito bêbados no momento em que Tilutan atacou com um impulso giratório de seus ombros largos. Amalric sentiu o aço lhe raspar sob parte do braço, e entrar ruidosa e profundamente no corpo de Saidu. O ghanata deu um grito de agonia, e seu estremecimento convulsivo o soltou do aperto de Amalric. Tilutan urrou uma praga furiosa e, soltando seu aço com um puxão violento, lançou o homem moribundo para um lado; mas, antes que pudesse atacar de novo, Amalric, com a pele arrepiada de medo pela grande lâmina curva, havia se engalfinhado com ele.

O desespero caiu sobre ele, ao sentir a força do negro. Tilutan era mais sábio que Saidu. Deixou cair a grande cimitarra e, com um bramido, agarrou o pescoço de Amalric com ambas as mãos. Os grandes dedos negros apertavam como ferro, e Amalric, se esforçando em vão para se livrar do aperto deles, foi levado para baixo, com o grande peso do ghanata apertando-o contra o solo. O homem menor foi sacudido como um rato nas presas de um cão. Sua cabeça foi batida selvagememente contra a terra arenosa. Como numa névoa vermelha, ele viu o rosto feroz do negro, os lábios grossos contorcidos para trás num sorriso bestial de ódio e os dentes brilhando. Um rosnado bestial lhe saiu violentamente da grossa garganta negra.

— Você a quer, seu cão branco! – vociferou o ghanata, louco de fúria e desejo – Arrrrghhh! Vou quebrar suas costas! Vou arrancar seu pescoço! Eu... minha cimitarra! Vou decepar sua cabeça e fazer a mulher beijá-la!

Após um último empurrão feroz da cabeça de Amalric contra a acumulada areia dura, Tilutan meio o levantou e arremessou violentamente para baixo num excesso de fúria bestial. Erguendo-se, o negro correu, se curvando feito um macaco, e pegou sua cimitarra onde ela jazia como uma larga lua crescente de aço na areia. Gritando em feroz exultação, ele se virou e atacou novamente, brandindo a lâmina no alto. Amalric se ergueu vagorosamente para enfrentá-lo – atordoado, abalado e nauseado, devido à brutalidade a que fora submetido.

O cinto de Tilutan havia se desenrolado na luta, e agora uma das extremidades balançava ao redor de seus pés. Ele tropeçou e caiu de ponta-cabeça, abrindo os braços para se livrar. A cimitarra lhe voou da mão .

Amalric, galvanizado, apanhou a cimitarra e deu um passo cambaleante para a frente. O deserto boiava obscuramente aos seus olhos. Na penumbra à sua frente, ele viu o rosto de Tilutan subitamente pálido. A boca larga se escancarou, a parte branca dos olhos se revirou. O negro se congelou sobre um joelho e uma mão, como se incapaz de outro movimento. Em seguida, a cimitarra caiu, dividindo a redonda cabeça raspada até o queixo, onde seu movimento descendente foi detido por uma repugnante sacudidela. Amalric teve uma vaga impressão de um rosto negro – dividido por uma linha vermelha que se alargava – se desvanecendo nas sombras que aumentavam; então, as trevas rapidamente tomaram conta dele.

Algo suave e refrescante tocava o rosto de Amalric com bondosa persistência. Ele tateou às cegas, e sua mão se fechou em algo morno, firme e elástico. Em seguida, sua visão clareou, e ele olhou para um delicado rosto oval, emoldurado em brilhante cabelo negro. Como se num transe, ele contemplou mudo, se demorando avidamente em cada detalhe dos lábios cheios e vermelhos, intensos olhos violetas e pescoço alvo como alabastro. Com um sobressalto, ele percebeu que a visão falava numa suave voz melodiosa. As palavras eram estranhas, embora tivessem uma ilusória familiaridade. Uma pequena mão branca, segurando um gotejante pedaço de seda, lhe alisava gentilmente a latejante cabeça e o rosto. Ele se sentou, atordoado.

Era noite sob os céus salpicados de estrelas. O camelo ainda ruminava, e um cavalo relinchava inquieto. Não muito longe, jazia uma negra figura volumosa, com a cabeça dividida numa horrível poça de sangue e miolos. Amalric olhou para a garota, que se ajoelhava ao seu lado e falava em sua suave língua desconhecida. Quando as névoas se clarearam em seu cérebro, ele começou a entendê-la. Tentando recordar de línguas meio esquecidas, que havia aprendido e falado no passado, ele se lembrou de uma linguagem usada por uma classe de eruditos numa província meridional de Koth.

— Quem é você, garota? – ele indagou, prendendo-lhe uma das pequenas mãos nos próprios dedos endurecidos.

— Sou Lissa. – O nome foi falado quase sugerindo uma balbúciação. Era como a ondulação de um pequeno curso d'água – Estou feliz por você estar consciente. Temia que não estivesse vivo.

— Mais um pouco, e eu não estaria. — ele murmurou, olhando para o vulto medonho que havia sido Tilutan. Ela empalideceu, e se recusou a seguir-lhe o olhar. Sua mão tremeu e, na proximidade em que estavam, Amalric achou que poderia lhe sentir o rápido palpitar do coração.

— Foi horrível. — ela gaguejou — Parecia um pesadelo. Ódio... golpes... e sangue...

— Poderia ter sido pior. — ele resmungou.

Ela parecia sensível a cada mudança de flexão de voz ou humor. Sua mão livre se moveu furtiva e timidamente até o braço dele.

— Eu não quis lhe ofender. Foi muito corajoso de sua parte arriscar sua vida por uma estranha. Você é nobre como os cavaleiros sobre os quais já li.

Ele dirigiu um rápido olhar para ela. Os grandes olhos claros encontraram os dele, refletindo apenas o pensamento que ela havia expressado. Ele começou a falar, e em seguida mudou de idéia e disse outra coisa:

— O que está fazendo no deserto?

— Eu vim de Gazal. — ela respondeu — Eu... eu fugia. Já não conseguia aguentar mais. Mas fazia calor, e eu estava só e cansada, e só via areia, areia... e o chamejante céu azul. As areias queimavam meus pés, e minhas sandálias se gastaram rapidamente. Eu estava com muita sede, e meu cantil logo se esvaziou. E então, eu quis retornar a Gazal, mas uma direção parecia igual a outra. Não sabia que caminho seguir. Estava terrivelmente assustada, e comecei a correr na direção onde eu achei que ficava Gazal. Não lembro de muita coisa depois disso; corri até não conseguir mais, e devo ter desmaiado na areia em brasa por algum tempo. Lembro de ter me levantado e cambaleado; e, finalmente, ouvi alguém gritando e vi um homem negro num cavalo negro, cavalgando em minha direção, e depois perdi a consciência até acordar e me encontrar deitada com a cabeça no colo daquele homem, enquanto ele me dava vinho para beber. Depois, houve gritos e luta... — ela estremeceu — Quando tudo acabou, me arrastei até onde você jazia como um homem morto, e tentei lhe trazer de volta à...

— Por quê? — ele indagou.

Ela parecia embaraçada.

— Por quê? – ela disse, meio sem jeito – Ora, você estava ferido... e... bem, é o que qualquer um faria. Além disso, percebi que você estava lutando para me proteger destes negros. O povo de Gazal sempre disse que os negros eram perversos e maltratavam os indefesos.

— Essa característica não é exclusiva dos negros. – murmurou Amalric – Onde fica esta Gazal?

— Não deve estar longe. – ela respondeu – Caminhei um dia inteiro... depois, não lembro por quanta distância o negro me carregou, depois de me encontrar. Mas ele deve ter me encontrado quase ao pôr-do-sol, de modo que não deve ter vindo de muito longe.

— Em qual direção? – ele indagou.

— Não sei. Viajei para leste, quando deixei a cidade.

— Cidade? – ele resmungou – A um dia de viagem daqui? Achei que só houvesse deserto por mil milhas.

— Gazal fica no deserto. – ela respondeu – Está entre as palmeiras de um oásis.

Colocando-a de lado, ele ficou de pé, praguejando suavemente enquanto passava os dedos no pescoço, cuja pele estava contundida e rasgada. Depois, examinou os três negros e não encontrou vida em nenhum. Em seguida, os arrastou, um a um, a uma distância curta para o deserto. Em algum lugar, os chacais começaram a ganir. De volta ao poço d'água, onde a garota se acorava pacientemente, ele praguejou ao encontrar apenas o garanhão negro de Tilutan e o camelo. Os outros cavalos haviam arrebatado suas rédeas e fugido durante a luta.

Amalric se dirigiu à garota e lhe ofereceu um punhado de tâmaras secas. Ela as mordiscou ansiosamente, enquanto o outro se sentava e a observava, com os punhos no queixo e uma impaciência crescente lhe palpitando nas veias.

— Por que fugiu? – ele perguntou abruptamente – Você é uma escrava?

— Não temos escravos em Gazal. – ela respondeu – Ah, eu estava cansada... muito cansada da eterna monotonia. Eu desejava ver alguma coisa do mundo externo. Diga-me, de qual terra você vem?

— Nasci nas colinas ocidentais da Aquilônia. – ele respondeu.

Ela bateu palmas, como uma criança encantada:

— Eu sei onde é! Já vi nos mapas. É o país mais ocidental dos hiborianos, e seu rei é Epeus, o Espadachim!

Amalric ficou nitidamente chocado. Sua cabeça se levantou bruscamente e ele olhou fixamente para sua bela companhia.

— Epeus? Ora, Epeus está morto há 900 anos. O nome do rei é Vilerus.

— Ah, claro. – ela disse, um tanto embaraçada – Sou tola. Claro que Epeus foi rei há nove séculos atrás, como você diz. Mas me conte... conte-me tudo sobre o mundo!

— Bem, é um pedido grande. – ele respondeu, perplexo – Você nunca viajou?

— Esta é a primeira vez que saí dos muros de Gazal. – ela declarou.

O olhar dele estava fixo na curva dos seios brancos dela. Ele não estava interessado nas aventuras dela no momento, e Gazal, por ele, podia ir ao Inferno. Ele começou a falar, e logo mudou de idéia e a agarrou rudemente nos braços, os músculos retesados para a luta que ele esperava. Mas não encontrou resistência. Seu suave corpo dócil estava sobre os joelhos dele, e ela olhava para ele um pouco surpresa, mas sem medo nem perplexidade. Era como uma criança, se entregando a um novo tipo de brincadeira. Alguma coisa no olhar dela o deixou embaraçado. Se ela tivesse gritado, chorado, lutado ou sorrido astutamente, ele saberia como lidar com ela.

— Em nome de Mitra, quem é você, garota? – ele perguntou asperamente – Você não está afetada pelo sol, nem brincando comigo. Sua fala mostra que você não é uma moça ignorante do campo. Contudo, você parece não conhecer nada do mundo e de suas maneiras.

— Sou uma filha de Gazal. – ela respondeu, sem saber o que fazer – Se você visse Gazal, talvez entendesse.

Ele a ergueu e se sentou sobre a areia. Levantando-se, ele trouxe um manto de sela e o estirou para ela.

— Durma, Lissa. – disse ele, com a voz áspera devido a emoções conflitantes. A inocência dela envergonhou o feroz e jovem soldado da fortuna, e ele renunciou à intenção

de violentá-la. Ela achou que ele tivesse lutado contra os companheiros somente para salvá-la, e ele não a desiluiu – Amanhã, pretendo conhecer Gazal.

Ao amanhecer, partiram na direção oeste. Amalric havia colocado Lissa sobre o camelo, mostrando a ela como manter o equilíbrio. Ela se agarrava à sela com ambas as mãos, mostrando não ter qualquer conhecimento sobre camelos, o que também surpreendeu o jovem aquiloniano. Criada no deserto, a jovem nunca antes havia montado um camelo, e, até a noite anterior, nunca havia montado ou sido carregada num cavalo. Amalric havia feito um tipo de manto para ela, e ela o vestiu sem questionar, nem perguntar de onde vinha, aceitando-o como aceitava todas as coisas que ele fazia para ela – com gratidão, mas cegamente, sem perguntar o motivo. Amalric não contou a ela que a seda, que a protegia do sol, outrora havia coberto a pele negra de seu raptor.

— Sei que a Aquilônia fica longe deste deserto. – disse ela – A Stygia fica no meio, assim como as Terras de Shem e outros países. Como veio parar aqui, tão longe de sua terra natal?

Ele cavalgou em silêncio por um espaço de tempo, sua mão na corda que guiava o camelo.

— Argos e Stygia estavam em guerra. – ele disse abruptamente – Koth se envolveu. Os kothianos insistiram numa invasão simultânea à Stygia. Argos recrutou um exército de mercenários, os quais entraram em navios e navegaram ao longo da costa. Ao mesmo tempo, um exército kothiano invadiria a Stygia por terra. Eu fazia parte daquele exército mercenário. Encontramos a frota stígia e a derrotamos, mandando-a de volta para dentro de Khemi. Iríamos desembarcar, saquear a cidade e avançar ao longo do curso do Styx, mas nosso almirante era cauteloso. Nosso líder era o Príncipe Zapayo da Kova, um zíngaro. Navegamos para o sul, até alcançarmos as selvas das costas de Kush. Desembarcamos lá, e os navios ancoraram, enquanto o exército avançava para leste, ao longo da fronteira stígia, queimando e saqueando à medida que avançávamos. Nossa intenção era virar para o norte, num determinado ponto, e atacar dentro do coração da Stygia, para formarmos uma junção com o exército kothiano, o qual estava presumivelmente avançando do norte. Então, chegou a notícia de que fomos traídos. Koth havia feito as pazes em separado com os stígios. Um exército stígio estava avançando em direção ao sul para nos deter, enquanto outro havia nos removido da costa.

“Desesperado, o Príncipe Zapayo concebeu a louca idéia de marcharmos para leste, na esperança de contornarmos a fronteira stígia e finalmente chegarmos às terras de Shem

Oriental. Mas o exército do norte nos alcançou. Giramos e lutamos. Guerreamos o dia inteiro, e os mandamos de volta ao acampamento deles. Mas no dia seguinte, o exército que nos perseguia veio do oeste e, pego entre as hostes, nosso exército deixou de existir. Estávamos destroçados, aniquilados, destruídos. Poucos conseguiram fugir. Mas quando caiu a noite, escapei com meu companheiro, um cimério chamado Conan... um homem feroz, com a força de um touro.

“Cavalgamos para o sul, em direção ao deserto, pois não havia outra direção pela qual pudéssemos ir. Conan havia estado antes nesta parte do mundo, e ele acreditava que tínhamos uma chance de sobreviver. Bem ao sul, encontramos um oásis, mas cavaleiros stígios nos perseguiram, e fugimos novamente, de oásis em oásis, fugindo, passando fome e sede, até nos encontrarmos numa terra estéril e desconhecida, de areia resplandecente e seca. Cavalgamos até nossos cavalos cambalearem e ficarmos a meio caminho do delírio. Então, numa noite, vimos fogueiras e nos aproximamos delas, nos aventurando desesperadamente na possibilidade de fazermos amizade com eles. Assim que ficamos ao alcance, uma chuva de flechas nos recebeu. O cavalo de Conan foi atingido e empinou, derrubando seu montador. O pescoço dele deve ter se quebrado feito um graveto, pois ele não se mexeu mais. Fugi na escuridão, de alguma forma, embora meu cavalo tenha morrido sob mim. Tive apenas um vislumbre dos atacantes: homens altos, magros e marrons, usando estranhas roupas bárbaras.

“Aventurei-me a pé pelo deserto, e terminei na companhia daqueles três abutres que você viu ontem. Eram chacais... ghanatas, membros de uma tribo de salteadores, de sangue misturado: negro e sabe Mitra quais outros. A única razão pela qual não me mataram foi porque eu não tinha nada que eles quisessem. Por um mês, fiquei perambulando e roubando com eles, pois não havia mais nada que eu pudesse fazer”.

— Eu não sabia que era assim. – ela murmurou timidamente – Disseram que havia guerras e crueldade no mundo lá fora, mas parecia como um sonho e muito distante. Mas, ao lhe ouvir falar de traição e batalha, parece quase como se a estivesse vendo.

— Nunca algum inimigo ataca Gazal? – ele indagou.

Ela sacudiu a cabeça:

— Os homens cavalgam longe de Gazal. Algumas vezes, já vi pontos negros se moverem em fileiras ao longo dos horizontes, e os idosos disseram serem exércitos indo para a guerra; mas eles nunca se aproximam de Gazal.

Amalric sentiu um vago desconforto se mexer nele. Este deserto, aparentemente vazio e sem vida, continha apesar disso algumas das tribos mais ferozes da terra – os ghanatas, que perambulavam bem a leste; os mascarados Tibus, os quais ele acreditava morarem mais ao sul; e, em algum lugar no distante sudoeste, ficava o semi-lendário império de Tombalku, governado por uma raça selvagem e bárbara. Era estranho uma cidade, no meio desta terra selvagem, ser deixada tão completamente só, a ponto de um dos seus habitantes não saber sequer o que significa guerra.

Quando ele virou o olhar para outro lugar, estranhos pensamentos o acometeram. Estaria a garota afetada pelo sol? Era ela um demônio em forma de mulher, saído do deserto para atraí-lo até alguma misteriosa perdição? Um olhar para ela, que se agarrava feito uma criança à alta crista da sela do camelo, foi suficiente para dissipar estes pensamentos. Logo, a dúvida o acometeu novamente. Estaria ele enfeitiçado? Teria ela lançado algum encanto sobre ele?

Avançaram constantemente para oeste, parando apenas para mordiscar tâmaras e beber água ao meio-dia. Amalric montou um frágil abrigo, com sua espada e bainha, e com os cobertores da sela, para protegê-la do sol escaldante. Cansada e enrijecida pelo caminhar do camelo, que se sacudia e curvava, ela teve que ser descida nos braços dele. Ao sentir novamente a doçura voluptuosa do corpo macio dela, ele sentiu um quente palpitar de paixão queimando-o todo, e ficou momentaneamente imóvel, intoxicado com a proximidade dela, antes de deitá-la sob a sombra da tenda improvisada.

Ele sentiu um toque de quase raiva, diante do olhar puro com o qual ela encontrou o seu, e diante da docilidade como ela entregava o corpo jovem às mãos dele. Era como se ela desconhecesse as coisas que poderiam machucá-la; sua confiança inocente o envergonhava e punha uma fúria indefesa dentro dele.

Enquanto comiam, ele não sentia o sabor das tâmaras que mastigava ruidosamente; seus olhos queimavam sobre ela, sorvendo avidamente cada detalhe de sua esbelta forma jovem. Ela parecia tão inconsciente das intenções dele quanto uma criança.

Quando a ergueu para colocá-la novamente sobre o camelo, e os braços dela lhe envolveram instintivamente o pescoço, ele estremeceu. Mas ergueu-a sobre a montaria dela, e retomaram a viagem.

Faltava pouco para o pôr-do-sol, quando Lissa apontou e gritou:

— Veja! As torres de Gazal!

Na orla do deserto, ele as viu – pináculos e minaretes, se erguendo num agrupamento verde-jade contra o céu azul. Se não fosse pela garota, ele acharia que a cidade-fantasma era uma miragem. Olhou curioso para Lissa: ela não mostrava sinais de alegria ansiosa em seu retorno ao lar. Ela suspirou, e seus ombros esguios pareciam cair.

À medida que se aproximavam, os detalhes foram ficando mais claros. Das areias do deserto, se erguia perpendicularmente o muro que cercava as torres. E Amalric viu que o muro estava desagregado em vários lugares. As torres também, ele viu, estavam bastante desmanteladas. Os tetos estavam caídos, as ameias quebradas apresentavam fendas, os pináculos se inclinavam como bêbados. O pânico tomou conta dele: seria esta uma cidade de mortos, para a qual cavalgava, guiado por uma vampira? Um rápido olhar para a jovem o tranquilizou. Nenhum demônio poderia se esconder naquela aparência divinamente moldada. Ela o olhou com um estranho questionamento melancólico nos olhos intensos, se voltou indecisa em direção ao deserto e, em seguida, suspirando profundamente, virou o rosto em direção à cidade, como se agarrada por um desespero sutil e fatalista.

Nesse momento, através das fendas, Amalric viu formas se movendo dentro da cidade. Ninguém os chamou de longe, quando cavalgaram através de uma larga brecha na parede e adentraram uma rua ampla. De perto, delineada no sol que se punha, a decadência era bem mais visível. O capim crescia exuberante nas ruas, atravessando calçamentos despedaçados; o capim crescia exuberante nas pequenas praças públicas. Ruas e pátios eram igualmente alastrados com o entulho de alvenaria e pedras caídas.

Domos se erguiam, rachados e desbotados. Portadas se escancaravam, desprovidas de portas. Em toda a parte, a ruína havia colocado a mão. Então, Amalric viu um pináculo intacto: uma brilhante e vermelha torre cilíndrica, a qual se erguia no extremo sudeste da cidade. Ela brilhava por entre as ruínas.

Amalric a apontou.

— Por que aquela torre é menos arruinada que as outras? – ele perguntou.

Lissa ficou pálida; tremeu e pegou convulsivamente a mão dele.

— Não fale nela! – ela sussurrou – Não olhe para ela... nem ao menos pense nela!

Amalric franziu a testa; a indescritível inferência das palavras dela mudou, de alguma forma, o aspecto da torre misteriosa. Agora ela parecia uma cabeça de serpente, se erguendo entre a ruína e a desolação.

O jovem aquiloniano olhou desconfiado ao redor. Apesar de tudo, ele não tinha garantia de que o povo de Gazal fosse recebê-lo de maneira amigável. Ele viu pessoas se movendo sem pressa ao redor das ruas. Pararam e olharam para ele e, por algum motivo, sua pele se arrepiou. Eram homens e mulheres de feições benévolas, e seus olhares eram suaves. Mas o interesse deles parecia muito leve – muito vago e impessoal. Não fizeram nenhum movimento para se aproximarem ou falarem com ele. Parecia ser a coisa mais comum do mundo um cavaleiro armado entrar na cidade deles, vindo do deserto – embora Amalric soubesse que não era o caso, e a forma despreocupada, como o povo de Gazal o recebeu, lhe causou um leve desconforto no peito.

Lissa falou com eles, apontando para Amalric, cuja mão ela ergueu, como uma criança afetuosa:

— Este é Amalric da Aquilônia, que me salvou do povo negro e me trouxe para casa.

Um murmúrio gentil de boas-vindas se ergueu das pessoas, e muitas delas se aproximaram para estenderem as mãos. Amalric achou que nunca tinha visto tais rostos, vagos e benévolos; seus olhos eram suaves e calmos, sem medo nem espanto. Todavia, não eram os olhos de bois estúpidos; eram mais os olhos de pessoas envolvidas em sonhos.

O olhar fixo deles lhe dava uma sensação de irrealidade; ele mal sabia o que lhes dizer. Seu pensamento era ocupado pela estranheza de tudo; estas pessoas silenciosas e tranquilas, em suas túnicas de seda e sandálias macias, se movendo vagamente e sem rumo por entre as ruínas descoloridas. Um paraíso ilusório de lótus? De alguma forma, o pensamento naquela sinistra torre vermelha tocou uma nota dissonante.

Um dos homens, de rosto suave e sem rugas, mas de cabelos prateados, dizia:

— Aquilônia? Houve uma invasão... nós soubemos... o Rei Bragorus da Nemédia... como foi a guerra?

— Ele foi rechaçado. – respondeu Amalric brevemente, resistindo a um estremelecimento. Novecentos anos haviam se passado desde que Bragorus liderara seus lanceiros pelas fronteiras da Aquilônia.

Seu indagador não insistiu mais; as pessoas se dispersaram, e Lissa lhe puxou a mão.

Ele se voltou e deleitou os olhos sobre ela; seu suave corpo firme lhe ancorava as suposições errantes. Ela não era sonho; era real. Seu corpo era doce e palpável como creme e mel.

— Venha, vamos descansar e comer.

— E quanto ao povo? – ele hesitou – Não vai contar a eles sobre suas experiências?

— Eles não dariam atenção, exceto por uns poucos minutos. – ela respondeu – Ouviriam um pouco, e depois se dispersariam. Mal sabem que eu havia partido. Venha!

Amalric levou o camelo para dentro de um pátio murado, onde o capim crescia alto e a água vazava, de uma fonte quebrada para dentro de um cocho de mármore. Ele os amarrou lá, e depois seguiu Lissa. Tomando-lhe a mão, ela o levou para o outro lado do pátio, para dentro de uma porta arcada. A noite havia caído.

No espaço aberto sobre o pátio, as estrelas se agrupavam, destacando os pináculos denteados. Lissa seguiu através de uma série de aposentos escuros, com a firmeza da longa prática. Amalric tateava atrás dela, guiado pela mão pequena dela na sua. Ele não achou aquela aventura agradável.

O cheiro de pó e decadência pairava nas trevas espessas. Sob seus pés, ele sentia, às vezes, ladrilhos quebrados e tapetes estragados. Sua mão livre tocava os arcos corroídos dos vãos das portas. Em seguida, as estrelas luziram através de um teto quebrado, mostrando a eles um escuro corredor sinuoso, com tapeçarias podres penduradas neles. Farfalhavam num vento fraco, e o barulho delas era como o sussurro de bruxas, fazendo mexer o cabelo próximo ao couro cabeludo dele.

Então, eles adentraram um aposento, fracamente iluminado pelo brilho das estrelas que fluía pelas janelas abertas, e Lissa soltou-lhe a mão, remexeu por um instante em algo e produziu algum tipo de luz fraca. Era uma redoma de vidro, que brilhava com uma radiação dourada. Ela a colocou sobre uma mesa de mármore, e fez sinal para que Amalric se reclinasse num leito abundantemente alastrado com sedas. Tateando dentro de alguma reentrância obscura, ela exibiu uma vasilha dourada de vinho, e outras que continham uma comida desconhecida a Amalric. Havia tâmaras; as outras, pálidas e insípidas, ele não reconheceu. O vinho lhe era agradável ao paladar, mas não mais forte que água suja.

Sentada num assento de mármore em frente ao dele, Lissa mordiscou graciosamente.

— Que tipo de lugar é este? – ele indagou – Você parece com esta gente... e, no entanto, é estranhamente diferente.

— Dizem que sou como nossos ancestrais. – respondeu Lissa – Há muito tempo, eles adentraram o deserto e construíram esta cidade sobre um grande oásis, o qual, na verdade,

era apenas uma série de mananciais. A pedra foi tirada das ruínas de uma cidade bem mais velha... somente a torre vermelha... – a voz dela diminuiu, e ela olhou nervosamente para as janelas emolduradas pelas estrelas – Somente a torre vermelha se erguia lá. Estava vazia... na época.

“Nossos ancestrais, que eram chamados gazalis, outrora moraram no sul de Koth. Eram conhecidos por sua sabedoria erudita. Mas procuraram reviver o culto a Mitra, ao qual os kothianos haviam há muito abandonado, e o rei os expulsou de seu país. Vieram para o sul, muitos deles... sacerdotes, eruditos, professores, cientistas... com seus escravos shemitas.

“Construíram Gazal no deserto; mas os escravos se revoltaram assim que a cidade ficou pronta e, ao fugirem, se misturaram com as tribos selvagens do deserto. Eles não eram maltratados... uma palavra chegou até eles na noite... uma palavra que os fez fugirem loucamente, da cidade para dentro do deserto.

“Meu povo morava aqui, aprendendo a fazer sua comida e bebida com o material que tinham à mão. Seu aprendizado era uma maravilha. Quando os escravos fugiram, levaram consigo todos os camelos, cavalos e jumentos da cidade. Não havia comunicação com o mundo externo. Há aposentos inteiros em Gazal, cheios de mapas, livros e crônicas, mas todos têm pelo menos 900 anos; pois foi há 900 anos que meu povo fugiu de Koth. Desde então, nenhum homem do mundo externo pôs o pé dentro de Gazal. E o povo está desaparecendo aos poucos. Ficaram tão sonhadores e introspectivos, que não têm paixões nem ambições humanas. A cidade cai em ruínas, e ninguém move a mão para consertá-la. O horror...” – ela ficou sufocada e estremeceu – “Quando o horror veio sobre eles, não conseguiram fugir nem lutar”.

— O que quer dizer? – ele sussurrou, com um vento frio lhe soprando a espinha. O sussurro das tapeçarias podres, pelos negros corredores sem nome, incitou um vago medo em sua alma.

Ela sacudiu a cabeça, se ergueu, contornou a mesa de mármore e pôs as mãos sobre os ombros dele. Os olhos dela estavam úmidos e brilhavam de horror, e com um desesperado anseio que prendeu a atenção dele.

Instintivamente, o braço dele envolveu a forma flexível dela, e ele a sentiu tremer.

— Abrace-me! – ela implorou – Tenho medo! Oh, sempre sonhei com um homem como você. Não sou como meu povo; são homens mortos, caminhando por ruas esquecidas; mas eu estou viva. Tenho calor e sensações. Tenho fome, sede e anseio pela

vida. Não consigo suportar as ruas silenciosas, os salões arruinados e o povo vago de Gazal, apesar de nunca ter conhecido outra coisa. É por isso que fugi... eu anseio pela vida...

Ela soluçava incontrolavelmente nos braços dele. Seu cabelo lhe caía no rosto; seu aroma o estonteava. O corpo firme dela se espremia contra o dele. Estava deitada sobre os joelhos dele, os braços fechados ao redor do pescoço dele. Puxando-a para seu peito, ele apertou-lhe os lábios com os dele. Olhos, lábios, bochechas, cabelo, pescoço, seios... ele os inundou com beijos quentes, até os soluços dela se transformarem em arquejos ofegantes. A paixão dele não era a violência de um violador. A paixão, que dormia nela, acordou numa onda irresistível. A incandescente bola de ouro, derrubada pelos dedos tateantes dele, caiu ao chão e foi apagada. Somente o brilho das estrelas luzia através das janelas.

Deitada nos braços de Amalric, sobre o leito amontoado de sedas, Lissa abriu o coração e sussurrou seus sonhos, esperanças e aspirações – infantis, patéticas, terríveis.

— Vou tirá-la daqui. – ele murmurou – Amanhã. Você está certa. Gazal é uma cidade de mortos; vamos procurar vida e o mundo externo. É violento, rude e cruel; mas é melhor que esta morte viva...

A noite foi quebrada por um grito estremeedor de agonia, horror e desespero. Seu timbre fez o suor brotar frio na pele de Amalric. Ergueu-se de um pulo do leito, mas Lissa se agarrou desesperadamente a ele.

— Não, não! – ela implorou, num sussurro desvairado – Não vá! Fique!

— Mas está havendo um assassinato! – ele exclamou, procurando pela espada. Os gritos pareciam vir de um pátio externo. Misturado a eles, havia um som indescritivelmente dilacerante. Ficaram mais altos e agudos, insuportáveis em sua agonia desesperada, e em seguida desfaleceram num longo soluço estremeedor.

— Já ouvi homens morrerem torturados, gritando daquele jeito! – murmurou Amalric, tremendo de horror – Que trabalho diabólico é este?

Lissa tremia violentamente, num frenesi de terror. Ele sentia a batida feroz do coração dela.

— É o Horror do qual falei! – ela sussurrou – O Horror que mora na torre vermelha. Há muito tempo ele chegou... alguns dizem que morou lá em anos perdidos, e retornou após a construção de Gazal. Devora seres humanos. Morcegos voam da torre ao anoitecer, e

retornam antes do amanhecer. O que é, ninguém sabe, uma vez que ninguém o viu e viveu para contar. É um deus ou um demônio. Foi por isso que os escravos fugiram; e é por isso que o povo do deserto evita Gazal. Muitos de nós fomos parar dentro de sua terrível barriga. Por fim, todos nós estaremos perdidos, e ele governará uma cidade vazia, como dizem que ele governou sobre as ruínas das quais Gazal foi erguida.

— Por que o povo ficou para ser devorado? – ele indagou.

— Não sei... – ela choramingou – Eles sonham...

— Hipnose – murmurou Amalric –; hipnose unida com decadência. Eu vi nos olhos deles. Este demônio os hipnotizou. Mitra, que segredo repugnante!

Lissa pressionou-lhe o rosto no peito e se agarrou a ele.

— Mas o que vamos fazer? – ele perguntou inquieto.

— Não há nada a fazer. – ela sussurrou – Sua espada seria ineficaz. Talvez ele não nos venha fazer mal. Já levou uma vítima esta noite. Devemos esperar como ovelhas no matadouro.

— Maldito seja eu, se o fizer! – Amalric exclamou, galvanizado – Não vamos esperar o amanhecer. Partiremos esta noite. Faça uma trouxa de comida e bebida. Vou buscar o cavalo e o camelo, e trazê-los até o pátio externo. Me espere aqui!

Uma vez que o monstro desconhecido já havia atacado, Amalric achou seguro deixar a garota só por alguns minutos. Mas sua pele se arrepiava, enquanto descia Tateando o corredor sinuoso, através dos negros aposentos onde as tapeçarias balouçantes sussurravam. Ele encontrou os animais nervosamente juntos, no pátio onde os havia deixado. O garanhão relinchava ansiosamente e se aninhou a ele, como que sentindo perigo na noite morta.

Ele pôs as selas e rédeas, e apressadamente os guiou, através da estreita abertura, até a rua. Poucos minutos depois, ele estava no pátio estrelado. E, ao alcançá-lo, foi eletrificado por um medonho grito agudo, que ressoou de forma estremeceadora no ar. Vinha do aposento onde ele havia deixado Lissa.

Ele respondeu àquele grito lastimoso com um brado selvagem; puxando a espada, ele correu para o outro lado do pátio e se arremessou pela janela. A bola dourada estava

brilhando novamente, entalhando sombras negras nos cantos esquivos. As sedas se espalhavam pelo chão. O assento de mármore estava derrubado.

Mas o aposento estava vazio.

Uma fraqueza doentia dominou Amalric, e ele cambaleou contra a mesa de mármore, a luz fosca ondulando vertiginosamente diante de seus olhos. Em seguida, foi arrebatado por uma fúria insana. A torre vermelha! Era para lá que o demônio carregaria sua vítima!

Ele disparou de volta, através do pátio, procurou as ruas e correu em direção à torre, que brilhava com uma luz profana sob as estrelas. As ruas não corriam retas. Ele cortou caminho através de silenciosas construções negras, e atravessou pátios cuja grama exuberante ondulava ao vento noturno. À sua frente, agrupada ao redor da torre rubra, se erguia uma pilha de ruínas, onde a decadência havia devorado mais selvagememente que no resto da cidade. Aparentemente ninguém vivia por entre elas. Cambaleavam e tombavam, uma massa desagregada de alvenaria trêmula, com a torre vermelha se erguendo entre elas, feito uma venenosa flor vermelha, das crípticas ruínas das casas.

Para alcançar a torre, ele seria forçado a atravessar as ruínas. Indiferente ao perigo, ele mergulhou na massa negra, apalpando em busca de uma porta. Encontrou uma e entrou, estocando a espada à sua frente.

Então, ele viu um panorama como os homens às vezes vêem em sonhos fantásticos. Bem distante, à sua frente, se estendia um longo corredor, visível numa fraca incandescência ímpia, suas paredes negras com estranhas tapeçarias horrorizantes. Lá embaixo, ele viu uma figura que desaparecia – uma figura branca, nua, curvada e cambaleante, arrastando algo cujo aspecto o fez transpirar de horror. Em seguida, a aparição sumiu de sua vista, e com ela desapareceu o brilho medonho. Amalric ficou na escuridão silenciosa, sem ver nem ouvir nada; apenas pensando na curvada figura branca que arrastava um humano inerte por um longo corredor negro.

Enquanto tateava adiante, uma vaga lembrança se agitou em seu cérebro... a lembrança de uma história medonha, murmurada a ele sobre uma fogueira moribunda, na diabólica cabana, amontoadas de caveiras, de um bruxo negro... a história de um deus que vivia numa casa rubra, numa cidade em ruínas, e que era adorado por cultos sombrios em selvas negras e ao longo de rios sombrios e escuros. E lá também se agitou, em sua mente, um encantamento sussurrado em seu ouvido em tons atemorizantes e estremeecedores, enquanto a noite havia prendido seu fôlego, os leões haviam parado de rugir ao longo do rio, e as próprias folhas das palmeiras haviam parado de roçar umas nas outras.

“Ollam-onga”, sussurrava um vento negro que descia o corredor escuro. “Ollam-onga”, sussurrava o pó que rangia sob seus pés furtivos. O suor continuou em sua pele e a espada lhe tremeu na mão. Ele andava furtivamente através da casa de um deus, e o medo o agarrou com sua mão ossuda. A casa do deus... todo o horror da frase lhe enchia o pensamento. Todos os medos ancestrais, e os medos que se estendiam além dos antepassados e da primordial memória racial, se aglomeraram sobre ele: horror cósmico e inumano lhe causou náuseas. Sua frágil humanidade o oprimia em sua percepção, enquanto ele seguia através da casa de escuridão que era a casa de um deus.

Ao seu redor, tremeluzia uma incandescência tão fraca que mal se percebia; ele sabia que estava se aproximando da própria torre. Mais um instante, e ele tateava seu caminho através de uma porta arcada e andava aos tropeções sobre degraus estranhamente espaçados. Ele seguiu sobre eles e, à medida que subia, aquela fúria cega, que é a última defesa da humanidade contra o diabolismo e todas as forças hostis do universo, se lançaram sobre ele, e ele esqueceu seu medo. Queimando em terrível impaciência, ele subia cada vez mais, através da espessa escuridão perversa, até adentrar uma câmara iluminada por um brilho sobrenatural.

E, diante dele, havia uma alva figura nua. Amalric parou, com a língua pregada ao céu da boca. Era, segundo todas as probabilidades, um homem branco e nu que o fitava, com os braços fortes cruzados num peito de alabastro. As feições eram clássicas, habilmente esculpidas e com mais do que beleza humana. Mas os olhos dele eram bolas de fogo luminoso, tais como nunca miraram de qualquer cabeça humana. Naqueles olhos, Amalric vislumbrou os fogos congelados dos infernos supremos, tocados por sombras medonhas.

Em seguida, diante dele, a forma começou a ficar com um contorno vago... a tremular. Com um esforço terrível, o aquiloniano arrebentou as amarras do silêncio, e falou um encantamento misterioso e terrível. E, quando as palavras assustadoras cortaram o silêncio, o gigante branco parou... congelado. Novamente, o seu contorno se sobressaiu de forma clara e pronunciada sobre o fundo dourado.

— Agora morra, maldito! – gritou Amalric, histérico – Eu lhe prendi à sua forma humana! O feiticeiro negro falou a verdade! Ele me deu as palavras-chave! Morra, Ollam-onga... até você quebrar o encantamento, se banquetear com meu coração, você não é mais do que um homem como eu!

Com um urro que parecia a rajada de um vento negro, a criatura atacou. Amalric pulou para o lado, se esquivando do aperto daquelas mãos, cuja força era maior que a de um

furacão. Um único dedo com garra, estendido e agarrando-lhe a túnica, lhe arrancou a roupa como um trapo podre, quando o monstro se arremessou. Mas Amalric, encorajado a uma rapidez sobre-humana pelo horror da luta, girou e enfiou a espada nas costas da coisa, de modo que a ponta se sobressaiu a 30 cm do peito largo.

Um uivo demoníaco de agonia sacudiu a torre; o monstro girou rapidamente e se arremessou em direção a Amalric, mas o jovem saltou para o lado e subiu correndo a escada até o estrado. Lá, ele girou e, erguendo em banco de mármore, o arremessou para baixo, sobre o horror que subia pesadamente a escada. O pesado projétil o acertou bem no rosto, derrubando o monstro dos degraus. Ele se ergueu – uma visão horrenda –, escorrendo sangue, e novamente tentou subir a escada. Desesperado, Amalric levantou um banco de jade, cujo peso lhe arrancou um gemido de esforço, e o lançou.

Sob o impacto daquele volume arremessado, Ollam-onga caiu da escada para trás e ficou estendido entre os pedaços de mármore, os quais estavam inundados com seu sangue. Com um último e desesperado esforço, ele se ergueu sobre as mãos, com os olhos vitrificadas, e, lançando a cabeça sangrenta para trás, deu um grito medonho. Amalric estremeceu e recuou, diante do horror abismal daquele grito. E este foi respondido. De algum lugar no ar acima da torre, uma fraca mistura de gritos demoníacos regressou como um eco. Então, a retalhada figura branca desabou entre os pedaços ensanguentados. E Amalric ficou ciente de que um dos deuses de Kush estava morto. Com o pensamento, veio o horror cego e irracional.

Numa névoa de terror, ele desceu correndo a escada, se esquivando da coisa que jazia, de olhos arregalados, no chão. A noite parecia protestar contra ele, horrorizada com o sacrilégio. A razão, exultante sobre seu triunfo, foi submersa num dilúvio de medo cósmico.

Quando pôs o pé na extremidade dos degraus, ele parou subitamente. Saindo da escuridão, Lissa veio até ele, com os alvos braços estendidos; os olhos dela, poços de horror.

— Amalric! – era um grito assombrado. Ele a apertou nos braços.

— Eu O vi – ela choramingou –, arrastando um homem morto pelo corredor. Gritei e fugi; então, quando retornei, ouvi você gritar, e percebi que você tinha ido me procurar na torre vermelha...

— E você veio partilhar meu destino. — sua voz estava quase inarticulada. Então, quando ela tentou olhar em trêmula fascinação atrás dele, ele cobriu-lhe os olhos com as mãos e a girou para o outro lado. Era melhor que ela não visse o que jazia no chão rubro. Enquanto ele meio a guiava, meio a carregava pelos degraus ensombrecidos, um rápido olhar sobre o ombro lhe mostrou que a desnuda figura branca não jazia mais por entre o mármore quebrado. O encantamento havia prendido Ollam-onga à sua forma humana em vida, mas não na morte. A cegueira acometeu momentaneamente Amalric; em seguida, galvanizado em pressa desvairada, ele apressou Lissa escada abaixo e através das ruínas escuras.

Ele não diminuiu o passo, até alcançarem a rua onde o camelo e o cavalo se encostavam um contra o outro. Rapidamente, ele montou a garota no camelo e montou o cavalo. Tomando a frente, ele se seguiu diretamente para o muro quebrado. Poucos minutos depois, respirava com gosto. O ar puro do deserto lhe refrescava o sangue; estava livre do cheiro de decadência e horrenda antiguidade.

Havia uma pequena bolsa de água pendurada em sua sela. Não tinham comida, e sua espada estava na câmara dentro da torre vermelha. Ele não ousou tocá-la. Sem comida e desarmados, eles enfrentaram o deserto; mas o perigo deste parecia menos sombrio que o horror da cidade atrás deles.

Eles cavalgaram sem conversar. Amalric se dirigia para o sul — em algum lugar naquela direção, havia um poço d'água. Logo ao amanhecer, ao cavalgarem sobre uma duna, ele olhou para trás, em direção a Gazal, irreal na luz rosa. Ele se enrijeceu e Lissa gritou. Saindo de uma brecha no muro, vinham sete cavaleiros; seus cavalos eram negros e esqueléticos, e os montadores estavam vestidos em mantos negros da cabeça aos pés.

Não havia cavalos em Gazal. O horror se precipitou sobre Amalric e, girando, ele apressou as montarias para oeste, em direção à costa distante. O sol se ergueu, ficou vermelho, depois dourado e, em seguida, uma bola de fogo branco batido. Sem pararem, os fugitivos avançavam, cambaleando de calor e cansaço, cegos pelo clarão. De tempos em tempos, molhavam os lábios. E, atrás deles, num passo regular, cavalgavam sete pontos pretos. A noite começou a cair, e o sol se avermelhou e cambaleou em direção ao horizonte do deserto. E Amalric sentiu um aperto frio no coração. Os cavaleiros estavam se aproximando. À medida que a escuridão chegava, os cavaleiros negros também chegavam, e os fugitivos puderam sentir o cheiro de cripta, de seus perseguidores.

Amalric olhou para Lissa, e um gemido escapou repentinamente dele. Seu garanhão tropeçou e caiu. O sol já havia se posto, e a lua foi subitamente eclipsada por uma sombra em forma de morcego. Na total escuridão, as estrelas brilharam vermelhas e, atrás de si, Amalric ouviu um rápido movimento, cada vez mais alto, como o de um vento se aproximando. Uma negra massa veloz se avolumava contra a noite, na qual brilhavam faíscas de uma luz medonha.

— Cavalgue, garota! – ele gritou desesperadamente – Continue... salve sua vida; é a mim que eles querem!

Como resposta, ela desceu do camelo e lançou os braços ao redor dele:

— Morrerei com você!

Sete formas negras avultaram contra as estrelas, correndo como o vento. Sob os capuzes, brilhavam bolas de fogo maligno; mandíbulas descarnadas pareciam bater umas contra as outras. Em seguida, houve uma interrupção: um cavalo passou por Amalric – um volume vago na escuridão artificial. Não houve som de impacto, quando o cavalo desconhecido carambolou por entre os vultos próximos. Um cavalo relinchou desvairadamente, e uma voz taurina bramiu numa língua estranha. De algum lugar na noite, vários gritos responderam.

Havia algum tipo de ação violenta ocorrendo. Cascos de cavalos batiam e faziam barulho, havia o impacto de golpes selvagens, e alguma voz retumbante praguejava vigorosamente. Então, a lua apareceu abruptamente e iluminou uma cena fantástica.

Um homem num cavalo gigante rodopiava, retalhava e aparentemente golpeava o ar transparente; e, de outra direção, veio uma horda selvagem de cavaleiros, suas espadas curvas reluzindo à luz da lua. À distância, sobre a crista de uma subida, sete figuras negras desapareciam, com seus mantos flutuando feito asas de morcegos.

Amalric foi cercado por homens selvagens, que pularam de seus cavalos e se amontoaram ao seu redor.

Vigorosos braços nus o aprisionavam, ferozes rostos marrons e aquilinos rosnavam para ele. Lissa gritou. Em seguida, os atacantes foram empurrados para os lados, à medida que o homem no cavalo grande passava através do bando. Ele se inclinou desde a sela, e olhou ferozmente de perto para Amalric.

— Diabos! – ele rugiu – Amalric, o aquiloniano!

— Conan! – Amalric exclamou, perplexo – Conan! Vivo!

— Mais vivo do que você parece estar. – respondeu o outro – Por Crom, homem, parece que todos os demônios deste deserto lhe caçaram por toda a noite. Que coisas eram aquelas que lhe perseguiram? Eu estava cavalgando ao redor do acampamento que meus homens haviam armado, para me certificar que não havia inimigos escondidos, quando a lua se apagou feito uma vela, e em seguida ouvi sons de fuga. Cavalei na direção dos sons e, por Crom, eu estava no meio daqueles demônios antes de saber o que acontecia. Eu estava com minha espada na mão e golpeei a torto e a direito... por Crom, os olhos deles brilhavam como fogo no escuro! Sei que minha lâmina os atingiu, mas quando a lua apareceu, eles se foram como um sopro de vento. Eram homens ou demônios?

— Vampiros enviados do Inferno. – Amalric estremeceu – Não me pergunte mais nada... certas coisas não são para serem discutidas.

Conan não insistiu no assunto, nem pareceu incrédulo. Suas crenças incluíam demônios noturnos, fantasmas, diabretes e anões.

— Acredito que você acha mulher até mesmo no deserto. – ele disse, olhando para Lissa, que havia se arrastado até Amalric e se agarrava a ele, olhando temerosa para as figuras selvagens que os encurralavam.

— Vinho! – urrou Conan – Tragam cantis! Aqui! – Ele agarrou um cantil de couro, dentre os que lhe foram empurrados, e o colocou na mão de Amalric – Dê uns goles à garota, e beba você mesmo um pouco. – ele recomendou – Depois, colocaremos vocês a cavalo, e lhes levaremos ao acampamento. Vocês precisam comer, descansar e dormir. Posso ver isso.

Um cavalo ricamente enfeitado foi trazido, se empinando e saracoteando, e mãos solícitas ajudaram Amalric para dentro da sela; logo, a garota foi erguida até ele, e partiram para o sul, cercados pelos magros e fortes cavaleiros marrons, em sua pitoresca semi-nudez. Conan cavalgava na frente, cantarolando de boca fechada uma canção de cavalgada dos mercenários.

— Quem é ele? – sussurrou Lissa, com os braços ao redor do pescoço do amante. Ele a sustentava na sela, diante dele.

— Conan, o cimério. – murmurou Amalric – O homem com quem me aventurei deserto adentro, após a derrota dos mercenários. Estes são os homens que o derrubaram. Eu o

deixei deitado sob suas lanças, aparentemente morto. Agora o encontramos, obviamente no comando deles e respeitado por eles.

— Ele é um homem terrível. – ela sussurrou.

Ele sorriu:

— Você nunca viu antes um bárbaro de pele branca. Ele é um nômade, saqueador e matador, mas tem seus próprios códigos de moral. Não acho que tenhamos nada a temer dele.

Em seu íntimo, ele não tinha certeza. De certo modo, poder-se-ia dizer que ele havia perdido o direito à camaradagem de Conan, quando fugira a cavalo deserto adentro, deixando o cimério inconsciente no chão. Mas ele não sabia que Conan não havia morrido. A dúvida perseguia o pensamento de Amalric. Selvagemmente leal aos companheiros, a natureza selvagem do cimério não via razão para não saquear o resto do mundo. Ele vivia pela espada. E Amalric conteve um estremeção, ao pensar na possibilidade de Conan desejar Lissa.

Mais tarde, tendo comido e bebido no acampamento dos cavaleiros, Amalric se sentou próximo a uma pequena fogueira, em frente à tenda de Conan. Lissa, coberta por um manto de seda, dormia com a cabeça cacheada sobre os joelhos dele. E, do outro lado dele, a luz da fogueira tremulava no rosto de Conan, alternando luzes e sombras.

— Quem são estes homens? – perguntou o jovem aquiloniano.

— Os cavaleiros de Tombalku. – respondeu o cimério, que havia cavalgado para expulsar ladrões ghanatas daquela região.

— Tombalku! – exclamou Amalric – Então, não é mito!

— Longe disso! – assentiu Conan – Quando meu maldito cavalo caiu comigo, fiquei inconsciente, e quando recuperei os sentidos, os diabos haviam me atado as mãos e os pés. Aquilo me enfureceu, de modo que arbentei várias das cordas com as quais haviam me atado, mas eles as recolocavam tão rapidamente quanto eu as conseguia quebrar... eu nunca ficava com uma mão totalmente livre. Mas minha força pareceu extraordinária para eles...

Amalric olhou para Conan sem dizer nada. O homem era tão alto e largo quanto Tilutan havia sido, e sem os excessos de carne do negro. Era capaz de quebrar o pescoço do ghanata com as mãos nuas.

— Decidiram me carregar até a cidade deles, ao invés de me matarem logo. — continuou Conan — Acharam que um homem como eu deveria morrer lentamente, através de tortura, e desse modo diverti-los. Bom, eles me amarraram sobre um cavalo sem sela, e fomos até Tombalku.

“Há dois reis em Tombalku. Levaram-me à presença deles: um diabo magro, de pele marrom, chamado Zehbeh, e um grande negro gordo que cochilava em seu trono de presas de marfim. Falavam um dialeto que pude entender um pouco, o qual era semelhante ao dos Mandingo ocidentais, que vivem na costa. Zehbeh perguntou a um sacerdote marrom, chamado Daura, o que deveria ser feito comigo; Daura lançou dados, feitos de ossos de carneiro, e disse que eu deveria ser esfolado vivo diante do altar de Jhil. Todo mundo se alegrou, e aquilo acordou o rei negro.

“Cuspi em Daura, e o amaldiçoei sem rodeios, assim como aos reis, e disse a eles que, se era para ser esfolado, por Crom, eu exigia bastante vinho antes de começarem, e eu os amaldiçoava de ladrões, covardes e filhos de prostitutas.

“Diante disto, o rei negro despertou, ficou sentado e arregalou os olhos para mim; então, ele se levantou e gritou: ‘Amra!’, e eu o reconheci... Sakumbe, um suba da Costa Negra, um aventureiro gordo a quem eu conhecera bem nos dias em que eu era um corsário ao longo daquela costa. Ele traficava com marfim, pó de ouro e escravos, e seria capaz de trapacear o próprio diabo... bom, quando ele me reconheceu, desceu do trono e me abraçou com alegria... aquele diabo negro e fedorento... e me desamarrou com as próprias mãos. Então, ele anunciou que eu era Amra, o Leão, seu amigo, e que nenhum mal me deveria ser feito. Depois, seguiu-se muita discussão, porque Zehbeh e Daura queriam minha pele. Mas Sakumbe gritou por seu identificador de bruxas, Askia, e ele veio, todo coberto de plumas, sinos e peles de cobra... um feiticeiro da Costa Negra, e um filho do demônio, caso algum já tenha existido.

“Askia dançou, fez encantamentos e anunciou que Sakumbe era o escolhido de Ajujo, o Escuro; todo o povo negro de Tombalku gritou, e Zehbeh desistiu.

“Pois os negros em Tombalku são o verdadeiro poder. Há vários séculos, os aphakis, uma raça shemita, adentraram o deserto meridional e fundaram o reino de Tombalku. Eles se misturaram com os negros do deserto, e o resultado foi uma raça marrom e de cabelos lisos, a qual é ainda mais branca que negra. São a classe dominante em Tombalku, mas estão em minoria, e um rei de sangue puro sempre se senta no trono ao lado do soberano aphaki.

“Os aphakis conquistaram os nômades do deserto do sudoeste, assim como às tribos negras das estepes ao sul deles. Estes cavaleiros, por exemplo, são Tibus, de sangue stígio e negro misturado.

“Bem, Sakumbe, através de Askia, é o verdadeiro governante de Tombalku. Os aphakis adoram Jhil, mas os negros adoram Ajujo o Escuro e sua família. Askia chegou a Tombalku com Sakumbe, e reviveu o culto a Ajujo, que estava se desagregando por causa dos sacerdotes aphakis. Askia fez uma magia negra, que derrotou a feitiçaria dos aphakis, e os negros o saudaram como um profeta mandado pelos deuses escuros. Sakumbe e Askia crescem, enquanto Zehbeh e Daura declinam.

“Bem, como eu sou amigo de Sakumbe, e Askia falou em meu favor, os negros me receberam com grande aplauso. Sakumbe envenenou Kordofo, general dos cavaleiros, e me deu o lugar dele, o que agradou os negros e enfureceu os aphakis.

“Você vai gostar de Tombalku! Foi feita para homens como nós saquearmos! Há meia dúzia de facções poderosas conspirando e intrigando umas contra as outras, como Zehbeh e seus sacerdotes marrons; os parentes de Kordofo, que odeiam tanto Zehbeh quanto Sakumbe; e Sakumbe e seus partidários, dos quais o mais poderoso sou eu. Há brigas contínuas nas tavernas e ruas, assassinatos secretos, mutilações e execuções. E há mulheres, ouro, vinho... tudo o que um mercenário deseja! E minha estima e poder são elevados! Por Crom, Amalric, você não podia ter vindo em hora melhor! Ora, o que está havendo? Você não me parece tão entusiasmado quanto lembro que você era em tais assuntos”.

— Solicito seu perdão, Conan. – desculpou-se Amalric – Não me falta interesse, mas o cansaço e o sono me dominam.

Mas não era em ouro, mulheres e intrigas que o aquiloniano estava pensando, mas na garota que dormia em seu colo; não havia alegria na idéia de levá-la a tal rebuliço de intriga e sangue, como Conan havia descrito. Uma súbita mudança aconteceu em Amalric, quase sem que ele soubesse.

No dia seguinte, cavalgaram em direção a Tombalku. Em três dias alcançaram Tombalku, uma estranha cidade fantástica, localizada nas areias do deserto, junto a um oásis de muitas nascentes. Era uma cidade de várias línguas. A classe dominante, os fundadores da cidade, era uma raça guerreira e marrom, descendente dos aphakis, uma tribo shemita que abriu caminho deserto adentro vários séculos antes, e se misturou com as raças negras. As tribos vassalas incluíam os tibus – uma raça do deserto, de sangue negro e

stígio misturados –, e os Bagirmi, Mandingo, Dongola, Bornu e outras tribos negras das pastagens ao sul. Chegaram a Tombalku a tempo de testemunharem a horrível execução de Daura, o sacerdote aphaki, por Askia. Os aphakis estavam furiosos, porém indefesos, contra a resistência determinada de seus súditos negros, aos quais haviam ensinado as artes da guerra.

Sakumbe, outrora um homem de extraordinária coragem, vitalidade e política, havia se degenerado numa massa montanhosa de gordura, sem se importar com nada, exceto mulheres e vinho. Conan jogou dados com ele, se embriagou com ele e sugeriu que eliminassem Zehbeh por inteiro. O cimério queria ser ele mesmo um rei de Tombalku. Desse modo, Askia foi convencido a denunciar Zehbeh e, na guerra civil resultante, os aphakis foram derrotados, e Zehbeh fugiu da cidade com seus cavaleiros. Conan se sentou ao lado de Sakumbe, mas, apesar de seus melhores esforços, percebeu que o negro era o verdadeiro governante da cidade, devido ao domínio deste sobre as raças negras.

Nesse meio tempo, Askia suspeitou de Amalric, e finalmente o denunciou como assassino do deus adorado pelo culto do qual era sacerdote, e exigiu que ele e a garota fossem entregues à tortura. Conan recusou, e Sakumbe, completamente dominado pelo cimério, o fez recuar. Em seguida, Askia se voltou para Sakumbe, e o destruiu através de uma magia terrível.

Conan, percebendo que com Sakumbe assassinado, os negros iriam despedaçar a ele e aos seus amigos, chamou por Amalric em voz alta, e abriu caminho através dos guerreiros desnorteados. Enquanto os amigos se esforçavam para alcançar os muros externos, Zehbeh e seus aphakis atacaram a cidade e, num selvagem holocausto de sangue e fogo, Tombalku foi quase destruída. Conan, Lissa e Amalric escaparam.

# UM FOCINHO NA ESCURIDÃO

*(fragmento/ sinopse)*

*The Snout in the Dark*

## I

Amboola acordou lentamente, com seus sentidos ainda entorpecidos pelo vinho que bebera excessivamente na noite anterior. Por um instante confuso, ele não conseguiu se lembrar onde estava: o luar, atravessando a janela gradeada, brilhava em arredores pouco conhecidos. Então, ele se lembrou que estava estendido na cela mais alta da torre, onde a cólera de Tananda, irmã do rei de Kush, o havia mandado. Não era uma cela comum, pois nem mesmo Tananda ousaria ir tão longe em sua punição ao comandante dos lanceiros negros, que eram o poder do exército de Kush. Havia carpetes, tapeçarias, leitos forrados com seda, e jarros de vinho. Ele se lembrou que havia sido acordado, e se perguntou por quê.

Seu olhar perambulou para o luar quadrado com barras, que era a janela, e viu algo que o deixou parcialmente sóbrio e clareou-lhe a visão turva. As grades daquela janela estavam dobradas, entortadas e torcidas para trás. Deve ter sido o barulho do dilaceramento delas que o acordara. Mas, o que poderia torcê-las? E onde estava o que quer que as havia dobrado? De repente, ele ficou totalmente sóbrio e uma sensação gelada lhe subiu pela

espinha. Alguma coisa havia entrado por aquela janela; alguma coisa estava na sala com ele.

Com uma exclamação baixa, ele se ergueu em seu leito e olhou ao redor; e ele gelou, ao ver a figura, imóvel como uma estátua, que se erguia junto à cabeceira de sua cama. O coração de Amboola, que nunca conhecera o medo, sentiu um aperto gelado. Aquela forma silenciosa e acinzentada não se mexia nem falava: permanecia lá, no luar sombrio, desfigurada e disforme, com seu contorno além dos limites da sanidade. Arregalando selvagememente os olhos, Amboola contemplou uma cabeça de porco com focinho, coberta por cerdas ásperas – mas a coisa estava ereta, e seus grossos braços peludos terminavam em mãos rudimentares. Amboola gritou e deu um pulo pra cima – e então, a coisa imóvel se mexeu, com a velocidade paralisante de um monstro num pesadelo. O negro teve uma visão desesperada de mandíbulas triturando e espumando, de presas em forma de cinzel reluzindo ao luar... logo, o luar caiu sobre um vulto negro, esparramado entre os cobertores salpicados do leito sobre o chão. Uma forma acinzentada e cambaleante se movia silenciosamente pelo quarto, em direção à janela, cujas grades quebradas se inclinavam para o alto, em direção às estrelas.

## II

— Tuthmes! – A voz era insistente; tão insistente quanto o punho que batia na porta de teca do aposento onde dormia o nobre mais ambicioso de Shumballa – Tuthmes! Deixe-me entrar! O demônio está solto em Shumballa!

A porta foi aberta, e o mensageiro irrompeu sala adentro. Era um homem magro e nervoso, vestido com um *djebber* branco; sua pele era escura e o branco de seus olhos brilhava. Ele foi recebido por Tuthmes, um homem alto, esguio, de pele escura e com os traços retilíneos de sua classe social.

— O que está dizendo, Afari?

Afari fechou a porta antes de responder. Estava ofegante, como se tivesse corrido muito. Ele era mais baixo que Tuthmes, e os traços negróides lhe eram mais predominantes.

— Amboola! Ele está morto! Na Torre Vermelha!

— O quê? – exclamou Tuthmes – Tananda ousou executá-lo?

— Não! Não, não! Ela certamente não seria tão tola. Ele não foi executado, mas assassinado. Alguma coisa quebrou as grades da sua cela, dilacerou sua garganta, esmagou suas costelas e quebrou seu crânio. Por Set, eu já vi muitos homens mortos, mas nenhum tão impiedosamente quanto Amboola! Tuthmes, isso é trabalho de algum demônio! Sua garganta foi mordida, e as marcas dos dentes não eram como as de um leão ou um macaco. Parecia que elas foram feitas por cinzéis, tão afiados quanto navalhas!

— Quando foi que isso aconteceu?

— Algo em torno de meia-noite. Os guardas na parte mais baixa da torre, que estavam vigiando a escada que leva para a cela onde ele estava preso, ouviram-no gritar e, subindo rapidamente os degraus, arrombaram a cela e o encontraram no chão, da forma como eu disse. Eu estava dormindo na parte mais baixa da torre, como você me ordenou, e ao ver aquilo, vim diretamente pra cá, mandando os guardas não contarem nada a ninguém.

Tuthmes sorriu, e seu sorriso não era agradável de se ver.

— Deuses e demônios trabalham para um homem audacioso. – ele disse – Eu não acho que Tananda fosse tola a ponto de ter assassinado Amboola, embora ela muito desejasse. Os negros ficaram aborrecidos, depois que ela o jogou na prisão. Ela não poderia mantê-lo preso por muito mais tempo.

“Mas este assunto põe uma nova arma em nossas mãos. Se os gallahs pensarem que ela o fez, tanto melhor. Cada ressentimento contra a dinastia é uma arma para nós. Agora vá, e aja antes que o rei fique sabendo. Primeiro, leve um destacamento de lanceiros negros para a Torre Vermelha e execute os guardas por dormirem em serviço. Não esqueça de deixar claro que você cuidou de fazê-lo sob minhas ordens. Isso irá mostrar aos gallahs que eu vinguei o comandante deles, além de remover uma arma das mãos de Tananda. Mate-os, antes que ela o faça.

“Então, vá para Punt e encontre o velho Ageera, o identificador de bruxas. Não diga a ele exatamente que Tananda praticou esta ação, mas sugira”.

Afari estremeceu visivelmente.

— Como pode um homem comum mentir para aquele demônio negro? Seus olhos são como brasas de fogo vermelho, que olham para dentro de profundezas inomináveis. Eu já o vi fazer cadáveres se erguerem e caminharem, e caveiras rangerem suas mandíbulas nuas.

— Não minta. – respondeu Tuthmes – Simplesmente insinue para ele suas próprias suspeitas. Afinal de contas, se um demônio realmente matou Amboola, é porque algum humano o invocou dentro da noite. Talvez Tananda esteja por trás disso, afinal!

Quando Afari partiu, refletindo intensamente sobre o que seu patrão dissera, Tuthmes puxou um manto de seda ao redor dos membros nus e, subindo uma larga e curta escada de mogno polido, ele chegou ao alto do teto plano de seu palácio.

Olhando por sobre o parapeito, ele viu lá embaixo as ruas silenciosas da cidade interna de Shumballa, os palácios, jardins e a grande praça para a qual mil cavaleiros negros poderiam convergir num instante, vindos dos pátios dos quartéis vizinhos.

Olhando mais além, ele viu os grandes portões de bronze, e além deles, a cidade externa que os homens chamavam de Punt, para diferenciá-la de El Shebbeh, a cidade interna. Shumballa estava localizada no meio de uma grande planície, de capim ondulante, que se estendia até o horizonte, interrompida apenas por pequenas colinas ocasionais. Um rio estreito e profundo, que serpenteava pela grama, tocava as bordas irregulares da cidade. El Shebbeh estava separada de Punt por um muro alto e maciço, que cercava os palácios da classe dominante, descendente daqueles stígios que, séculos antes, chegaram ao sul para entalhar um império negro, e misturar seu orgulhoso sangue com o de seus súditos negros. El Shebbeh era bem traçada, com ruas e praças regulares, construções de pedra e jardins; Punt era uma confusão de cabanas de lama, e as ruas se espalhavam em praças que só eram praças no nome. O povo negro de Kush, os gallahs, habitantes originais do país, vivia em Punt; ninguém, a não ser a classe dominante, os chagas, morava em El Shebbeh, com exceção de seus criados e dos cavaleiros negros que os serviam como guardas.

Tuthmes olhou para a vasta expansão de cabanas. Fogueiras ardiavam nas praças irregulares, e tochas oscilavam pra lá e pra cá nas ruas sinuosas; e, de vez em quando, ele ouvia um breve trecho de música: um canto bárbaro e monótono, que soava com um meio-tom de ira e sede de sangue. Tuthmes puxou o manto pra mais perto de si e tremeu.

Avançando pelo teto, ele parou diante de uma figura que dormia à sombra de uma palmeira no jardim artificial. Ao ser cutucado pelo dedão de Tuthmes, este homem acordou e se ergueu em um pulo.

— Não precisa falar. – avisou Tuthmes – Está feito. Amboola está morto e, antes do amanhecer, toda Punt saberá que ele foi assassinado por Tananda.

— E o... o demônio? – sussurrou o homem, tremendo.

— Shhh! Voltou para a escuridão de onde foi invocado. Preste atenção, Shubba, é hora de você partir. Procure entre os shemitas, até encontrar uma mulher adequada, uma mulher branca. Traga-a imediatamente para cá. Se você voltar nesta lua, lhe darei seu peso em prata. Se falhar, pendurarei sua cabeça naquela palmeira.

Shubba se prostrou, encostando a cabeça na terra. Então, ele se levantou e saiu apressadamente do telhado. Tuthmes olhou novamente para Punt. As fogueiras, de alguma forma, ardiam mais ferozmente e um tambor havia começado a tocar de forma monótona e sinistra. Um súbito clamor de gritos brutais se ergueu até as estrelas.

— Eles já souberam que Amboola está morto. – ele murmurou, e mais uma vez foi sacudido por um forte estremecimento.

### III

A vida seguia seu curso habitual nas ruas sujas de Punt. Negros gigantes se acoravam nas entradas de suas cabanas cobertas de palha, ou se deitavam sobre o chão em suas sombras. Mulheres negras subiam e desciam as ruas, com cabaças de água ou cestas de comida nas cabeças. As crianças brincavam ou lutavam na poeira, rindo ou gritando de forma estridente. Nas praças, o povo negro zombava e negociava sobre cerveja, bananas e ornamentos de latão batido. Ferreiros se curvavam sobre pequenos carvões em

brasa, batendo as lâminas das lanças. O sol quente ardia em tudo: no suor, na alegria, na raiva, nudez e miséria do povo negro.

De repente, veio uma mudança no padrão, uma nova nota no timbre. Com um barulho de cascos, um grupo de cavaleiros passeava – doze homens e uma mulher. Era a mulher quem dominava o grupo. Sua pele era escura e seu cabelo, uma espessa massa negra presa na nuca e amarrada por uma faixa dourada. Sua única roupa, além das sandálias nos pés, era uma curta saia de seda ao redor da cintura. Placas de ouro, incrustadas de jóias, lhe cobriam parcialmente os seios escuros. Seus traços eram retilíneos e seus ousados olhos cintilantes, cheios de desafio e convicção. Ela montava e manobrava seu cavalo, com facilidade e segurança – o magro cavalo kushita, com o freio enfeitado de jóias, e as rédeas, de couro escarlate, tão largas quanto a palma de uma mão humana e trabalhadas a ouro –, e seus pés, calçados em sandálias, dentro dos largos estribos de prata.

Enquanto ela passeava, o trabalho e as conversas pararam subitamente. Os rostos negros ficaram sombrios, e os olhos negros ganharam um brilho vermelho. Os negros viravam suas cabeças para sussurrarem nos ouvidos uns dos outros, e os sussurros se transformavam num murmúrio sombrio e audível.

O jovem, que cavalgava ao lado da mulher, ficou nervoso. Ele olhou para a frente, ao longo da rua sinuosa, medindo a distância até os portões de bronze, que ainda não estavam à vista por entre as casas de tetos planos, e sussurrou:

— O povo está ficando perigoso, Tananda. Foi tolice cavalgar em Punt.

— Nem mesmo todos os cães negros de Kush me impedirão de caçar. – respondeu a mulher – Se algum deles parecer ameaçador, atrole-o.

— É mais fácil falar do que fazer. – murmurou o jovem, olhando atentamente para a multidão silenciosa – Eles estão vindo de suas casas e se aglomerando ao longo da rua... Olhe pra lá!

Eles estavam entrando numa larga praça irregular, onde o povo negro se aglomerava. Em um lado desta praça, se erguia uma casa de lama, com vigas toscamente entalhadas, maior que suas vizinhas, e com um cacho de caveiras sobre a porta larga. Este era o Templo de Jullah, o deus a quem o povo negro cultuava em oposição a Set, o Deus-Serpente cultuado pelos chagas em imitação a seus ancestrais stígios. Os negros estavam apinhados nesta praça, olhando sombriamente para os cavaleiros. Havia uma clara ameaça na atitude deles, e Tananda, pela primeira vez sentindo um leve nervosismo, não percebeu

outro cavaleiro se aproximar da praça através de outra rua. Este cavaleiro chamaria a atenção em circunstâncias normais, pois não era chaga nem gallah, mas um homem branco, uma figura poderosa usando cota-de-malha e capacete, com um manto escarlate cujas dobras batiam-lhe ao redor do corpo.

— Estes cães negros têm más intenções. – sussurrou o jovem ao lado de Tananda, meio desembainhando sua espada curva.

Os outros guardas, homens negros como o povo ao redor deles, formaram um círculo mais próximo dela, mas não puxaram suas lâminas. Um murmúrio baixo e sombrio ficou mais alto, embora nenhum movimento tenha sido feito.

— Cavalgue no meio deles. – ordenou Tananda, conduzindo seu cavalo para a frente.

Os negros viraram as costas sombriamente, antes dela avançar; e subitamente, da casa do demônio, saiu uma figura magra e negra. Era o velho Ageera, vestido apenas com uma tanga. Apontando o dedo para Tananda, ele gritou:

— Lá está ela, cavalgando: ela, cujas mãos estão mergulhadas em sangue! Aquela que assassinou Amboola!

Seu grito foi a faísca que causou a explosão. Um enorme rugido se ergueu da turba, e eles rolaram para a frente, gritando “Morte a Tananda!”. Num instante, uma centena de mãos negras estava arranhando as pernas dos cavaleiros. O jovem colocou seu cavalo entre Tananda e a turba, mas uma pedra, arremessada por uma mão negra, arrebentou-lhe o crânio. Os guardas, retalhando e cortando, foram violentamente arrancados de seus cavalos e espancados, pisados e apunhalados até a morte. Tananda, atacada por todos os lados e finalmente aterrorizada, gritou enquanto seu cavalo empinava. Um grupo de selvagens figuras negras – homens e mulheres – estava agarrando-a.

Um gigante agarrou-lhe a coxa e arrancou a mulher da sela, colocando-a nas mãos furiosas que a esperavam ansiosamente. Sua saia foi arrancada do corpo e voou acima dela, enquanto um berro de risada primitiva se erguia da multidão. Uma mulher cuspiu-lhe no rosto e arrancou-lhe as placas do peito, arranhando seus seios com as unhas enegrecidas. Uma pedra, atirada nela, arranhou sua cabeça. Ela gritou, num medo frenético; um grupo de mãos brutais estava puxando-a violentamente, ameaçando desmembrá-la. Ela viu uma pedra segura por uma mão negra, enquanto o dono tentava alcançá-la na multidão para arrebentar-lhe os miolos. Punhais reluziam. Somente a embaraçadora quantidade de pessoas daquela massa esmagadora os impediu de matá-la instantaneamente.

— Para a casa do demônio! — rugiu uma voz, respondida por um clamor, e Tananda se sentiu meio carregada, meio arrastada pela turba em movimento, agarrada pelo cabelo, braços, pernas e por onde quer que uma mão negra pudesse pegar.

Golpes dirigidos a ela na multidão foram detidos ou desviados pela massa. E então, veio um impacto sob o qual toda a multidão cambaleou, enquanto um cavaleiro num poderoso corcel se movia violentamente para dentro da turba.

Homens caíram, com gritos agudos, para serem pisados por cascos esmagadores; Tanada teve um vislumbre atordoado de uma figura se erguendo acima da multidão, de um escuro rosto cicatrizado sob um elmo de aço, de um manto escarlate desfraldando-se de poderosos ombros cobertos por cota-de-malha, e uma grande espada subindo e descendo, salpicando borrifos escarlates. Mas, de algum lugar da turba, uma lança golpeou para o alto, estripando o cavalo. Este relinchou, cambaleou e caiu, mas o cavaleiro caiu de pé, golpeando à esquerda e à direita. Lanças e punhais atirados a esmo resvalaram-lhe no capacete, ou no escudo em seu braço esquerdo, enquanto sua larga espada fendia carne e ossos, espalhava miolos e derramava entranhas na poeira sangrenta.

Carne e ossos não conseguiam lhe opor resistência. Deixando um espaço livre, ele parou, alcançou a aterrorizada garota e, cobrindo-a com o escudo, recuou, abrindo caminho impiedosamente. Ele retrocedeu para o canto de uma parede e, colocando a jovem atrás, ficou à sua frente, espumando e gritando num ataque furioso.

Então, houve um barulho de cascos, e um regimento de guardas adentrou a praça, rechaçando os manifestantes à frente deles. O capitão se aproximou: um enorme negro, resplandecente em seda vermelha e armadura trabalhada a ouro.

— Você demorou a chegar. — disse Tananda, que havia se levantado e readquirido muito de seu porte.

O capitão ficou pálido, mas antes que pudesse voltar, Tananda havia feito um sinal que foi percebido pelos homens dele, atrás. Um deles agarrou sua lança com ambas as mãos e dirigiu-a entre os ombros do capitão, com tal força que a ponta lhe saiu pelo peito. O capitão caiu de joelhos, e as estocadas de meia-dúzia de outras lanças completaram o trabalho.

Tananda jogou para trás o longo e desalinhado cabelo negro, e encarou Conan. Ela sangrava de vários arranhões em seus seios e coxas; suas madeixas caíam, desarrumadas, por suas costas, e ela estava tão nua quanto no dia em que nascera. Mas ela olhava para ele

sem hesitação e sem se deixar perturbar, e ele devolveu-lhe o olhar, em sincera admiração à sua frieza e à perfeição de seus membros marrons.

— Quem é você? – ela indagou.

— Conan, um cimério. – ele respondeu.

— O que está fazendo em Shumballa?

— Vim para cá em busca de dinheiro. Eu era anteriormente um corsário.

— Ah! – Um novo interesse brilhou nos olhos escuros dela; ela juntou os cabelos atrás com as mãos – Nós ouvíamos histórias sobre você, a quem os homens chamam de Amra, o Leão. Mas, se não é mais um corsário, o que você é agora?

— Um viajante sem dinheiro.

Ela sacudiu a cabeça:

— Não, por Set! Você agora é capitão da guarda real.

Ele olhou casualmente para a figura estendida, vestida de seda e aço, e a visão não alterou o prazer de seu súbito sorriso.

Pouco depois, ele conteve uma rebelião de negros, e passou a ser muito estimado pelo rei.

## IV

Shubba retornou a Shumballa e, se dirigindo aos aposentos de Tuthmes onde peles de leopardo cobriam o piso de mármore, ele disse:

— Encontrei a mulher que você desejava. Uma garota nemédia, capturada de um navio comercial de Argos. Eu paguei, ao shemita vendedor de escravos, muitas peças gordas de ouro.

— Deixe-me vê-la. – ordenou Tuthmes, e Shubba saiu da sala e retornou um instante depois, trazendo uma garota pelo pulso. Ela era delicada, e sua pele branca quase ofuscante, em contraste com os corpos marrons e negros aos quais Tuthmes estava acostumado. O cabelo dela caía como uma onda fluvial cacheada, de mechas douradas, sobre os ombros brancos. Ela estava vestida apenas com uma roupa esfarrapada. Shubba removeu-a, deixando a moça encolhida em completa nudez.

Tuthmes acenou a cabeça de forma impessoal.

— Ela é uma bela mercadoria. Se eu não estivesse apostando por um trono, eu talvez cedesse à tentação de guardá-la comigo mesmo. Você ensinou a ela o idioma Kushita, como mandei?

— Sim; na cidade dos shemitas e, nos últimos dias, na estrada da caravana. E infundi nela a necessidade de aprender através de chineladas, à moda shemita. Seu nome é Diana.

Tuthmes sentou-se num leito e gesticulou para que a garota se sentasse de pernas cruzadas, aos pés dele, e ela o fez.

— Vou lhe dar de presente ao rei de Kush. – disse ele – Você será nominalmente a escrava dele, mas na verdade pertencerá a mim. Você receberá suas ordens regularmente, e não deixará de cumpri-las. O rei é degenerado, indolente e desregrado. Não será difícil para você alcançar total domínio sobre ele. Mas, para que você não possa ser tentada a desobedecer, quando se imaginar além do meu alcance no palácio do rei, vou lhe demonstrar meu poder.

Ele pegou-a pela mão e a levou através de um corredor, descendo um lance de escadas com degraus de pedra e adentrando uma sala longa e pouco iluminada. A sala estava dividida em duas partes iguais por uma parede de cristal, transparente como água, embora com uns 90 centímetros de espessura e forte o bastante para resistir ao impacto de um elefante macho. Ele levou-a a esta parede, e a fez ficar de pé, olhando-a, enquanto ele dava um passo para trás. De repente, a luz se apagou.

Ela ficou ali, na escuridão, com os membros esguios tremendo com um pânico irracional; então, a luz começou a pairar na escuridão. Ela viu uma hedionda cabeça

disforme brotar das trevas; viu um focinho bestial, dentes em forma de cinzel, pêlos ásperos... Quando aquele horror se moveu em sua direção, ela gritou, se virou e correu, desvairada de medo e esquecida da camada de vidro que mantinha a fera afastada dela. Ela correu direto para os braços de Tuthmes na escuridão, e o ouviu sussurrar-lhe no ouvido:

— Você viu meu criado; não me falhe, pois se você o fizer, ele irá procurá-la onde quer que esteja, e você não conseguirá se esconder dele.

E, quando ele sussurrou mais alguma coisa em seu ouvido, ela imediatamente desmaiou.

Tuthmes carregou-a escada acima e deixou-a nas mãos de uma criada negra, com instruções para reanimá-la, cuidar para que ela tivesse comida e vinho, fosse banhada, penteada, perfumada e vestida para ser apresentada ao rei.

Mas Tananda raptou-a, e Conan, ao vê-la, ficou muito interessado por ela.

Ageera, com seus poderes mágicos, havia descoberto o papel de Tuthmes no assassinato do comandante negro. Depois de acusá-lo, foi preso por ele e torturado até a morte – ou, pelo menos, Tuthmes acreditou nisso. Percebendo que não poderia depor o rei enquanto Conan vivesse, Tuthmes mandou seu mostro kordafano – sobrevivente de uma era esquecida – assassinar o cimério.

Tananda ordenou a Diana que ela lhe contasse os detalhes do plano de Tuthmes, mas a garota se recusou, pois Tuthmes a havia aterrorizado quase a ponto de enlouquecê-la. Tananda chicoteou-a, e Conan entrou para pôr um fim naquilo. Enfurecida, Tananda ameaçou-o, mas ele riu dela, pegou a garota e foi para casa.

Na grande praça da cidade interna, um feiticeiro estava sendo torturado, enquanto uma multidão observava e fazia gracejos. Conan, atacado em sua casa pelo monstro, feriu-o mortalmente e o perseguiu até a praça, onde ele correu para seu senhor, um aventureiro pardo de Kordafan, e caiu morto. A multidão frenética fez o kordafano em pedaços, e então apareceu Ageera, que denunciou Tuthmes. Ele também foi morto pela multidão, os negros se revoltaram e destruíram Shumballa. Conan e Diana escaparam.

# LOBOS ALÉM DA FRONTEIRA

*(fragmento/sinopse)*

*Wolves Beyond the Border*

## I

Foi o murmúrio de um tambor que me acordou. Eu me deitava, imóvel, entre os arbustos onde havia me refugiado, forçando meus ouvidos para localizá-lo, pois tais sons são ilusórios na floresta escura. Na densa mata ao meu redor, não havia som. Acima de mim, as videiras e sarças emaranhadas se curvavam próximas umas às outras para formar um teto espesso; e acima delas, avultava o arco, mais alto e mais melancólico, dos galhos das grandes árvores. Nenhuma estrela brilhava através daquela abóbada de folhas. Nuvens baixas pareciam comprimir o alto daquelas árvores. Não havia lua. A noite estava escura como o ódio de uma bruxa.

Melhor para mim. Se eu não podia ver meus inimigos, eles também não podiam me ver. Mas o sussurro daquele tambor agourento penetrava a noite: “Thrum! Thrum! Thrum!”. Uma inabalável monotonia que grunhia e rosnava segredos sem nome. O som me era inconfundível. Somente um tambor no mundo faz com exatidão aquele ribombar profundo, ameaçador e sombrio: um tambor de guerra picto, nas mãos daqueles ferozes selvagens pintados, que assombravam as Selvas além da fronteira Oeste.

E eu estava além daquela fronteira, sozinho e oculto num esconderijo espinhoso, no meio da grande floresta onde aqueles demônios nus têm reinado desde as mais antigas auroras do Tempo.

Agora localizei o som: o tambor estava tocando a oeste de minha posição, e eu acreditava não estar muito distante. Rapidamente apertei meu cinto, firmei o machado de guerra e a faca em suas bainhas enfeitadas com contas, estiquei a corda de meu arco pesado e me certifiquei de que minha aljava estava em seu lugar, no meu quadril esquerdo – tateando com meus dedos na total escuridão –, e então me arrastei da mata fechada e fui cautelosamente em direção ao som do tambor.

Eu não acreditava que aquilo particularmente me preocupasse. Se os homens da floresta me descobrissem, sua descoberta seria anunciada por uma súbita facada em minha garganta, não por um tambor soando à distância. Mas o pulsar do tambor de guerra tinha um significado que nenhum patrulheiro da floresta poderia ignorar. Era um aviso e uma ameaça; uma promessa de ruína para aqueles invasores de pele branca, cujas cabanas solitárias e clareiras abertas por machados ameaçavam a solidão imemorial da selva. Aquilo significava fogo e tortura, flechas flamejantes caindo como estrelas cadentes pela escuridão, e o machado vermelho rangendo dentro dos crânios de homens, mulheres e crianças.

Deste modo, segui através da escuridão da floresta, apalpando delicadamente por entre os enormes troncos de árvores, às vezes engatinhando, e de vez em quando com meu coração na garganta quando um réptil me roçava o rosto ou minha mão que tateava. Pois há enormes serpentes nessa floresta, as quais às vezes se penduram dos galhos pela cauda, e então apanham suas presas. Mas as criaturas que vi eram mais terríveis que qualquer serpente e, à medida que o tambor ficava mais alto, eu seguia tão cautelosamente quanto se pisasse em espadas desembainhadas. Logo, vislumbrei uma fraca luz vermelha entre as árvores, e ouvi um murmúrio de vozes bárbaras, misturado com o rosnar do tambor.

Fosse qual fosse a cerimônia sobrenatural que estivesse acontecendo lá, sob as árvores negras, era provável que eles tivessem sentinelas espalhadas pelo local, e eu sabia o quão silencioso e imóvel um picto poderia ficar, se incorporando à vegetação natural da floresta – mesmo na luz fraca –, e se mantendo insuspeitado até a sua lâmina estar atravessada no coração de sua vítima. Minha pele se arrepiava ao pensar em me colidir com um desses guardas sombrios na escuridão; puxei minha faca e a estendi diante de mim. Mas eu sabia que nem mesmo um picto poderia me ver naquela negritude, de teto de galhos e folhas emaranhados, e de céu nublado.

A luz se revelou na forma de uma fogueira, diante da qual silhuetas escuras se moviam como demônios negros contra o fogo vermelho do inferno, e logo me agachei perto dali, em meio aos densos lariços, e olhei para dentro de uma clareira de paredes negras e para as figuras que se moviam lá dentro.

Havia 40 ou 50 pictos, vestindo apenas tangas e horrendamente pintados, que se acocoravam num largo semi-círculo, de frente para a fogueira e de costas para mim. Pelas penas de falcão em suas abundantes cabeleiras negras, eu os reconheci como sendo do Clã do Falcão, ou Onayaga. No meio da clareira, havia um altar tosco, feito de pedras ásperas amontoadas, e ao ver isto, minha pele se arrepiou de novo. Pois eu já tinha visto altares pictos antes, todos chamuscados de fogo e manchados de sangue, em clareiras vazias na floresta; e, embora nunca houvesse testemunhado os rituais para os quais estas coisas eram usadas, ouvi as narrativas contadas sobre elas, por homens que haviam sido prisioneiros entre os pictos, ou espionado-os como eu estava fazendo.

Um xamã emplumado estava dançando entre a fogueira e o altar; uma dança lenta e com os pés arrastados, indescritivelmente grotesca, a qual fazia suas plumas balançarem e se inclinarem ao seu redor. Suas feições estavam ocultas por uma sorridente máscara escarlate, que parecia o rosto de um demônio da floresta.

Em meio ao semi-círculo de guerreiros, se acocorava um, com o grande tambor entre os joelhos, e, quando ele o batia com o punho cerrado, produzia aquele estrondo baixo e rosnante, que se assemelha ao murmúrio de um trovão distante.

Entre os guerreiros e o xamã que dançava, havia um que não era picto. Pois ele era alto como eu, e sua pele era clara à luz da fogueira. Mas ele vestia apenas uma tanga de pele de corça e mocassins, seu corpo estava pintado e havia uma pena de falcão em seu cabelo, de modo que percebi que ele devia ser um liguriano – um daqueles selvagens de pele clara que moram em pequenos clãs na grande floresta, geralmente em guerra com os pictos, mas às vezes em paz e aliados a eles. Suas peles são brancas como as dos aquilonianos. Os pictos também são uma raça branca, pois não são negros, marrons nem amarelos, mas têm olhos e cabelos negros, e pele escura, e nem eles nem os ligurianos são chamados de “brancos” pelo povo da Fronteira Oeste, que só chama assim a um homem de sangue hiboriano.

Agora, enquanto observava, eu vi três guerreiros arrastando um homem para dentro do anel de luz da fogueira – outro picto, nu e manchado de sangue, que ainda usava, na cabeleira emaranhada, uma pena que o identificava como membro do Clã do Corvo, com o qual os Falcões estavam sempre em guerra. Seus captores o colocaram sobre o altar, com

as mãos e pés amarrados, e eu vi seus músculos se distenderem e torcerem à luz da fogueira, enquanto ele tentava em vão romper as tiras de couro cru que o aprisionavam.

Então o xamã começou a dançar novamente, fazendo desenhos complicados ao redor do altar e do homem sobre ele. E o que batia o tambor trabalhava num elevado frenesi, tamborilando como se estivesse possuído por um demônio. E de repente, descendo de um galho pendente, veio uma daquelas grandes serpentes das quais eu havia falado. A luz do fogo brilhava em suas escamas, enquanto ela se dirigia sinuosamente até o altar, os olhos em forma de contas cintilando, e sua língua bifurcada se movendo rapidamente para dentro e para fora – mas os guerreiros não demonstravam medo, embora ela passasse a pouca distância de alguns deles. E aquilo era estranho, pois normalmente estas serpentes são as únicas criaturas vivas às quais os pictos temem.

O monstro ergueu a cabeça sobre o pescoço curvado, acima do altar; e ele e o xamã encararam um ao outro, através do corpo prostrado do prisioneiro. O xamã dançava contorcendo o corpo e os braços, mal movendo os pés; e, à medida que dançava, a grande serpente dançava com ele, se entrelaçando e balançando como se hipnotizada. E, da máscara do xamã, se ergueu um estranho lamento, que estremeceu como o vento soprando pelos juncos secos, ao longo dos pântanos marinhos. E, devagar, o grande réptil se erguia cada vez mais, e começou a fazer curvas sobre o altar e o homem em cima deste, até o corpo do homem ficar escondido sob seus anéis tremeluzentes, e somente sua cabeça ficar visível, com aquela outra cabeça terrível balançando logo acima.

O guincho do xamã se ergueu a um tom de triunfo infernal, e ele lançou algo dentro da fogueira. Uma grande nuvem verde de fumaça se elevou e rolou ao redor do altar, de modo que quase ocultou o par sobre ele, deixando seus contornos indistintos e ilusórios. Mas, em meio àquela nuvem, vi um terrível retorcer e mudar – seus contornos se dissolviam e fundiam horrivelmente; e, por um momento, eu não conseguia dizer quem era a serpente e quem era o homem. Um suspiro estremecido percorreu os pictos reunidos, como um vento gemendo através de galhos noturnos.

Então, a fumaça clareou, e homem e serpente jaziam flácidos, e eu pensei que ambos estivessem mortos. Mas o xamã agarrou o pescoço e deixou o grande réptil ir lentamente ao chão, e derrubou o corpo do homem sobre as pedras, para cair ao lado do monstro, e cortou as cordas de couro cru que amarravam pulsos e tornozelos.

Logo, ele começou uma dança sinuosa ao redor deles, cantando enquanto dançava e balançando os braços em gestos loucos. Dali a pouco, o homem se mexeu. Mas não se

levantava. Sua cabeça balançava de um lado a outro, e eu via sua língua se mover rapidamente para fora e novamente para dentro. E, por Mitra, ele começou a se retorcer para longe do fogo, se contorcendo sobre o ventre, como uma cobra rastejando!

E a serpente foi subitamente sacudida por convulsões; curvava o pescoço, se erguia até quase todo o seu comprimento e depois caía para trás, anel sobre anel, e se erguia novamente em vão – horrivelmente, como um homem tentando se levantar, ficar em pé e andar ereto após ser privado dos membros.

O uivo selvagem dos pictos sacudia a noite, tive náuseas no local onde eu me agachava, por entre as moitas, e fiz força para não vomitar. Agora eu entendia o significado desta horrível cerimônia. Eu ouvira histórias sobre ela. Através da negra e primordial feitiçaria, que brotava e florescia nas profundezas desta negra floresta primitiva, aquele xamã pintado havia transferido a alma de um inimigo capturado para o repugnante corpo de uma serpente. Era a vingança de um demônio. E o grito dos pictos loucos por sangue era como o brado de todos os demônios do Inferno.

E as vítimas se contorciam em angústia lado a lado, o homem e a serpente, até uma espada reluzir na mão do xamã e ambas as cabeças caírem juntas – e, pelos deuses, foi o tronco da serpente que só fez tremer e se sacudir um pouco, para depois jazer imóvel; e o corpo do homem que rolou, se emaranhou e debateu como uma serpente decapitada. Uma tontura e fraqueza mortal tomaram conta de mim, pois qual homem branco poderia assistir tal diabolismo negro com indiferença? E estes selvagens pintados, lambuzados com pintura de guerra, uivando em atitude de triunfo sobre o fim medonho de um rival, não me pareciam nada humanos, mas demônios repugnantes do mundo negro, para os quais matar é um direito e um dever.

O xamã se ergueu de um pulo e olhou para o anel de guerreiros. E, arrancando a máscara, ergueu a cabeça e uivou como um lobo. E quando a luz da fogueira lhe iluminou o rosto, eu o reconheci e, com aquele reconhecimento, todo o horror e repulsa deram lugar a uma fúria vermelha; e todo pensamento de perigo pessoal e lembrança de minha missão, a qual era minha obrigação principal, desapareceu. Pois o xamã era o velho Teyanoga, dos Falcões do Sul, que havia queimado vivo meu amigo, Jon filho de Galter.

Na ânsia de meu ódio, agi quase instintivamente – levantei meu arco, encaixei uma flecha e a atirei, tudo num instante. A luz da fogueira era precária, mas a distância não era grande, e nós, da Fronteira Oeste, vivemos pelo esticar do arco. O velho Teyanoga berrou feito um gato e cambaleou para trás, e seus guerreiros uivaram de surpresa ao verem uma

flecha vibrando subitamente no peito dele. O guerreiro alto, de pele clara, girou e, pela primeira vez, eu vi seu rosto – e, por Mitra, era um homem branco!

O horrível choque daquela surpresa me deixou paralisado por um momento, e quase me arruinou. Pois os pictos imediatamente se levantaram e correram para dentro da floresta, como panteras, em busca do inimigo que disparou a flecha. Haviam alcançado a primeira orla de arbustos, quando deixei de lado meu êxtase de surpresa e horror, me ergui de um pulo e saí correndo na escuridão, mergulhando e me esquivando entre árvores – as quais eu evitava mais por instinto que por qualquer outra coisa, pois estava escuro como nunca. Mas eu sabia que os pictos não podiam achar meu rastro, embora pudessem caçar tão cegamente quanto eu fugia. E, dali a pouco, enquanto eu fugia para norte, ouvi atrás de mim um horrendo uivo, cuja fúria louca por sangue era suficiente para congelar até mesmo o sangue de um batedor da floresta. E acreditei que eles haviam arrancado minha flecha do peito do xamã, e descoberto que era o dardo de um homem branco. Aquilo os colocaria atrás de mim com uma sede de sangue ainda mais furiosa do que nunca.

Eu fugia, meu coração batendo de medo e agitação, e do horror do pesadelo que eu havia testemunhado. E o fato de um homem branco, um hiboriano, estar lá como um convidado bem-vindo e evidentemente honrado – pois estava armado (vi uma faca e uma machadinha em seu cinto) –, era tão monstruoso que eu me perguntava se, afinal de contas, aquilo tudo era um pesadelo. Pois, nunca antes, um branco havia observado a Dança da Serpente Mutante, a não ser feito prisioneiro, ou como espião, como fiz. E que coisa monstruosa aquilo pressagiava, eu não sabia, mas fui abalado por pressentimento e horror ao pensar nisso.

E por causa de meu horror, segui com menos cuidado que o meu habitual, buscando rapidez às custas da dissimulação, e ocasionalmente tropeçando numa árvore que eu poderia evitar se tivesse tomado mais cuidado. E não duvido que tenha sido o barulho deste avanço aos tropeços o que trouxe os pictos sobre mim, pois eles não conseguiam me ver naquela escuridão de breu.

Atrás de mim já não soavam mais gritos, mas eu sabia que os pictos estavam se agrupando como lobos pela floresta, se espalhando num vasto semi-círculo e vasculhando enquanto corriam. O fato de não terem achado minha trilha era evidente, pelo silêncio deles, pois eles nunca gritam, exceto quando crêem estar a uma curta distância, e têm certeza de sua presa.

O guerreiro que ouviu os ruídos de minha fuga não devia pertencer àquele grupo, pois estava muito à frente deles. Devia ser um batedor, percorrendo a floresta para proteger seus companheiros de serem surpreendidos pelo norte.

Seja como for, me ouviu correndo próximo a ele, e veio feito um demônio da noite negra. Eu o percebi primeiramente apenas pelo rápido e fraco som de seu pé nu, e quando girei, não conseguia nem perceber-lhe a massa indistinta, mas somente ouvia o suave bater daqueles pés implacáveis, se aproximando de mim, invisíveis na escuridão.

Eles enxergam como gatos no escuro, e eu sei que ele viu bem o bastante para me localizar, embora eu sem dúvida fosse apenas uma mancha vaga na escuridão. Mas meu machado, girando cegamente para cima, encontrou sua faca que descia e ele se espetou em minha faca enquanto investia, seu grito de morte ressoando como sinos do juízo final sob o teto da floresta. E foi respondido por uma feroz gritaria ao sul, poucas centenas de metros a distância, e logo eles estavam correndo pelas moitas, ganindo feito lobos, certos de sua caça.

Corri seriamente agora, abandonando totalmente a furtividade em prol da velocidade, e confiando à sorte que eu não espatifaria meus miolos num tronco de árvore nas trevas.

Mas aqui a floresta se abria um pouco; não havia vegetação rasteira, e algo quase como luz se infiltrava pelos galhos, pois as nuvens estavam se afastando um pouco. E, através desta floresta, fugi como uma alma penada perseguida por demônios, ouvindo os gritos – a princípio cada vez mais altos, num triunfo sangrento, e depois se aguçando com fúria e ódio à medida que ficavam mais fracos e diminuíaam atrás de mim, pois numa corrida direta, nenhum picto consegue igualar as pernas de um batedor branco da floresta. O risco temerário era o de que ali houvesse outros batedores e grupos de guerra à minha frente, os quais pudessem me cortar, ouvindo minha fuga; mas era um risco que eu tinha de correr. Mas nenhuma figura pintada apareceu como um fantasma das sombras diante de mim, e logo, através da vegetação espessa que indicava a proximidade de uma enseada, vi um bruxulear através das árvores lá na minha frente, e percebi que era a luz do Forte Kwanyara, o posto mais meridional de Schohira.

## II

Talvez, antes de continuar com esta crônica dos anos sangrentos, seja melhor dar uma explicação sobre mim mesmo, e a razão pela qual atravessei a Selva Picta, à noite e sozinho.

Eu sou Gault, filho de Hagar. Nasci na província de Conajohara. Mas quando eu tinha 10 anos de idade, os pictos atravessaram o Rio Negro e atacaram o Forte Tuscelan; mataram todos lá dentro, exceto um homem, e expulsaram todos os colonos da província para leste do Rio Trovão. Conajohara se tornou novamente parte da Selva, povoada apenas por feras e homens selvagens. O povo de Conajohara se espalhou por toda a Fronteira Oeste, em Schohira, Conawaga ou Oriskawny, mas muitos deles foram para o sul e se instalaram perto do Forte Thandara, um posto isolado do Rio do Cavalo de Guerra – a minha família estava entre estes últimos. Lá foram mais tarde incorporados por outros colonos, para os quais as províncias mais velhas estavam muito cheias, e logo se desenvolveu lá a região conhecida como a Província Livre de Thandara, porque ela não era como as outras províncias – terras dadas pelo rei a grandes lordes a leste das fronteiras e instaladas por eles –, mas talhadas na selva pelos próprios colonizadores, sem a ajuda da nobreza aquiloniana. Não pagávamos taxas a barão algum. Nosso governante não era indicado por nenhum lorde, mas nós mesmos o escolhíamos, do nosso povo, e ele era responsável apenas ao rei. Nós mesmos equipávamos e construíamos nossos fortes, e nos sustentávamos na guerra ou na paz. E Mitra sabe que a guerra era algo constante, pois nunca houve paz entre nós e nossos ferozes vizinhos: os Panteras Selvagens, Crocodilos e outras tribos de pictos.

Mas nós prosperávamos, e raramente perguntávamos o que acontecia a leste das fronteiras, no reino de onde os nossos antepassados haviam chegado. Contudo, eventos na Aquilônia finalmente nos alcançaram na selva. Vieram notícias de uma guerra civil, e de um lutador que se insurgiu para arrebatara o trono da antiga dinastia. E fagulhas daquela revolução incendiaram a fronteira, colocando vizinho contra vizinho e irmão contra irmão. E foi porque cavaleiros em seu aço reluzente estavam lutando e matando nas planícies da Aquilônia, que eu corria sozinho pela extensão de selva que separava Thandara de

Schohira, com notícias que poderiam mudar consideravelmente o destino de toda a Fronteira Oeste.

O Forte Kwanyara era um pequeno posto, uma fortaleza quadrada, feita com troncos de árvores como paliçada, na margem da Enseada da Faca. Vi sua bandeira ondulando contra o rosa pálido do céu da manhã, e percebi que apenas a bandeira da província pairava ali. O estandarte real, que deveria estar sobre ela, exibindo a serpente dourada, não estava em evidência. Aquilo poderia significar muito ou nada. Nós, da fronteira, não damos muita importância à delicadeza e meticulosidade de costumes e etiquetas, que tanto significam para os cavaleiros além das fronteiras.

Atravessei a Enseada da Faca no início do amanhecer, andando com dificuldade pelos bancos de areia, e fui parado por um guarda no outro lado – um homem alto, que vestia as curtidas peles de gamo de um patrulheiro da floresta. Quando ele soube que eu era de Thandara:

— Por Mitra! – disse ele – Seu assunto deve ser urgente, para você cruzar a selva ao invés de tomar a estrada mais longa.

Thandara era separado das outras províncias, como eu havia dito, e a Pequena Selva ficava entre ele e as fronteiras bossonianas. Todavia, uma estrada segura corria através dela para dentro das fronteiras, e de lá para as outras províncias; mas era um caminho longo e tedioso.

Então, ele perguntou por notícias de Thandara, mas eu disse a ele que sabia pouco sobre os últimos acontecimentos, tendo acabado de retornar de uma longa exploração dentro da região dos Lontras, o que era mentira; mas eu não tinha como saber a bandeira política de Schohira, e não estava disposto a revelar a minha própria até que eu soubesse. Então, perguntei a ele se Hakon, filho de Strom estava no Forte Kwanyara, e ele me disse que o homem a quem eu procurava não estava no forte, mas na cidade de Schondara, a qual ficava algumas milhas a leste do forte.

— Espero que Thandara se pronuncie a favor de Conan – ele disse, praguejando –, pois lhe digo honestamente que esse é o nosso caráter político. E é minha maldita sorte que me deixa aqui, com o punhado de patrulheiros que vigia a fronteira contra pictos invasores. Eu daria meu arco e camisa de caça para estar com seu exército, que se encontra agora mesmo em Thenitea, na Enseada de Ogaha, esperando o furioso ataque de Brocas de Toth com seus malditos renegados.

Não falei nada, mas eu estava pasmado. Eram mesmo novidades. Pois o Barão de Toth era lorde de Conawaga, não de Schohira, cujo patrão era o Lorde Thasperas de Kormon.

— Onde está Thasperas? – perguntei, e o patrulheiro respondeu, num pensamento rápido:

— Na Aquilônia, lutando por Conan.

E ele me olhou estreitamente, como se tivesse começado a se perguntar se eu era um espião.

— Há um homem em Schohira – comecei a falar –, com tamanha ligação com os pictos, que vive nu e pintado, entre eles, e assiste às suas cerimônias sangrentas e...

Detive-me, diante da fúria que contorceu as feições do schohirano.

— Maldito! – disse ele, asfixiado de fúria – O que pretende, vindo aqui nos insultar deste modo?

De fato, chamar um homem de renegado era o mais terrível insulto que poderia ser feito ao longo da Fronteira Oeste, embora eu não o tenha pretendido. Mas vi que o homem ignorava qualquer coisa a respeito do renegado que eu vira, e, não desejando emitir informações, simplesmente disse a ele que não havia entendido o que eu quis dizer.

— Entendi bem o bastante! – ele disse, tremendo de ira – Mas, pela sua pele morena e sotaque do sul, acho que você é um espião vindo de Conawaga. Mas, espião ou não, você não pode insultar os homens de Schohira desta forma. Se eu não estivesse no meu dever militar, largaria meu cinto de armas ao chão e lhe mostraria os modos dos homens que geramos em Schohira.

— Não quero briga. – eu disse – Mas estou indo para Schondara, onde não será difícil você me encontrar, se quiser.

— Estarei lá dentro em pouco. – ele disse sombriamente – Sou Storm, filho de Gorm, e eles me conhecem em Schohira.

Eu o deixei percorrendo seu posto ao longo da margem, e agarrando os cabos da faca e do machado, como se ansioso em acertar a lâmina em minha cabeça, e saí dando uma enorme volta longe do pequeno forte, para evitar outros batedores ou vigias. Pois nestes tempos agitados, a suspeita de que eu fosse um espião poderia cair facilmente sobre mim.

Não, este Storm filho de Gorm estava começando a ter tais pensamentos em seu cérebro obtuso, quando estes foram varridos por seu ressentimento pessoal ao que ele confundiu com um insulto. E, tendo se desentendido comigo, seu senso de honra não o permitiria me prender, na suspeita de que eu fosse um espião – mesmo que ele tivesse pensado nisto. Em tempos comuns, ninguém pensaria em deter ou fazer perguntas a um homem que cruzava a fronteira – mas tudo agora era um louco turbilhão; e deveria ser, se o dono de Conawaga estava invadindo os domínios de seus vizinhos.

A floresta havia sido desmatada ao redor do forte por umas poucas centenas de metros a cada lado, formando uma sólida muralha verde. Permaneci dentro desta muralha, quando contornei a clareira artificial, e não encontrei ninguém, mesmo enquanto cruzava vários caminhos que levavam ao forte. Evitei clareiras e fazendas. Segui para leste, e o sol ainda não estava alto no céu, quando avistei os tetos de Schondara.

A floresta só chegava a uns 800 metros de distância da cidade, a qual era bonita para uma povoação da fronteira, com casas simples e elegantes, quase todas feitas de toras retangulares – algumas pintadas –; mas também algumas de estrutura refinada, o que é algo que não temos em Thandara. Mas não havia fosso nem paliçada ao redor da povoação, o que me era estranho. Pois nós, de Thandara, construímos nossas moradias tanto para defesa quanto para abrigo, embora lá não haja uma povoação ao redor da província; mas cada cabana é como se fosse um pequeno forte.

À direita da povoação se erguia um forte, em meio a uma campina, com fosso e paliçada, um pouco maior que o Forte Kwanyara, mas vi poucas cabeças se mexendo sobre o parapeito, tanto com capacete quanto com gorro. Somente o desfraldado falcão alado de Schohira era açoitado pelo vento no estandarte. E me perguntei por que, se Schohira estava ao lado de Conan, não ergueu a bandeira que ele havia escolhido-o leão dourado num fundo preto, o estandarte do regimento que ele comandara como general mercenário da Aquilônia.

À esquerda, no limite da floresta, vi uma grande casa de pedra, situada entre jardins e pomares, e notei que era a propriedade de Lorde Valerian, o mais rico dono de terras em Schohira ocidental. Nunca tinha visto o homem, mas sabia que ele era rico e poderoso. Mas agora o Palácio, como era chamado, parecia abandonado.

A cidade também parecia curiosamente abandonada – pelo menos de homens, embora lá houvesse muitas mulheres e crianças, e me parecesse que os homens haviam reunido suas famílias aqui por segurança. Vi poucos homens robustos. Enquanto eu subia as ruas,

vários olhos me acompanhavam com desconfiança, mas ninguém falava, exceto para responder brevemente às minhas perguntas.

Na taverna, somente uns poucos velhos e aleijados se reuniam ao redor das mesas manchadas de cerveja, e conversavam em voz baixa. Toda a conversa parou quando apareci na entrada, em minhas gastas peles de gamo, e todos se viraram para me encararem silenciosamente.

O silêncio foi ainda maior quando perguntei por Hakon, filho de Strom, e o dono da estalagem me contou que Hakon havia cavalgado para Tenitea, logo após o sol nascer, para onde o exército estava acampado, mas não voltaria logo. Então, faminto e cansado, comi uma refeição naquela taverna, ciente daqueles olhos interrogativos fixos em mim; depois me deitei num canto, sobre uma pele de urso que o estalajadeiro trouxe para mim, e dormi. E eu dormia quando Hakon, filho de Strom, retornou, quase ao pôr-do-sol.

Era um homem alto, de membros longos e ombros largos, como a maioria dos moradores das Terras Ocidentais, vestido com uma camisa-de-caça de pele de gamo, e perneiras e mocassins com franjas, feito eu. Meia dúzia de guardas estava com ele, e se sentaram a uma mesa próxima à porta e observaram a ele e a mim, sobre as beiradas de seus odres de cerveja.

Quando eu disse o meu nome e lhe falei que tinha algo para lhe contar, ele me olhou firmemente e me mandou sentar com ele numa mesa num canto, onde meu anfitrião nos trouxe cerveja espumante em odres de couro.

— Não chegou nenhuma notícia, através do local, sobre os assuntos em Thandara? – perguntei.

— Nada de concreto; só rumores.

— Muito bem. – eu disse – Trago notícias de Brant, filho de Drago, governador de Thandara, e do conselho de capitães; e por este sinal, você saberá que sou um homem leal.

E assim, mergulhei meu dedo na cerveja espumante, e com ele desenhei um símbolo na mesa, ao qual imediatamente apaguei. Ele assentiu com a cabeça, os olhos brilhando de interesse.

— Esta é a notícia que lhe trago. – eu disse – Thandara se pronunciou a favor de Conan, e está pronta para ajudar os amigos dele e enfrentar seus inimigos.

Diante disso, ele sorriu alegremente e apertou calorosamente minha mão marrom com os próprios dedos ásperos.

— Que bom! – ele exclamou – Mas não é mais do que eu esperava.

— Qual homem em Thandara poderia esquecer Conan? – eu disse – Não, eu era apenas uma criança em Conajohara, mas lembro quando ele era patrulheiro da floresta e um batedor lá. Quando o cavaleiro dele adentrou Thandara, nos contando que Poitain estava em revolta, com Conan lutando pelo trono, e pediu nosso apoio... não pedia por voluntários, somente por nossa lealdade... mandamos para ele um único recado: “Não nos esqueçamos de Conajohara”. Logo, veio o Barão Attelius sobre as fronteiras contra nós, mas o emboscamos na Pequena Selva e lhe despedaçamos o exército. Agora acho que não precisamos temer invasões em Thandara.

— Gostaria de poder dizer o mesmo de Schohira. – ele disse sombriamente – O Barão Thasperas nos mandou dizer que podíamos fazer o que escolhêssemos. Ele se pronunciara a favor de Conan e se juntara ao exército rebelde. Mas não pediu tropas do oeste. Não... tanto ele quanto Conan sabem que a Fronteira Oeste precisa de todos os homens que tem para a guarnição fronteira.

“Contudo, ele removeu suas tropas dos fortes, e nós os equipamos com nossos próprios guardas florestais. Houve umas pequenas escaramuças entre nós, especialmente em cidades como Coyaga, onde moram donos de terras, pois alguns apóiam Namedides... bom, alguns desses legalistas fugiram para Conawaga com seus dependentes, enquanto outros se renderam e juraram permanecer neutros em seus castelos, como o Lorde Valerian de Schondara. Os legalistas que fugiram juraram voltar para cortarem nossas gargantas. E logo depois, o Lorde Brocas marchou sobre a fronteira.

“Em Conawaga, os donos de terra e Brocas estão a favor de Namedides, e ouvimos histórias deploráveis sobre o tratamento deles às pessoas comuns que apóiam Conan”.

Balancei a cabeça sem me surpreender. Conawaga era a maior, mais rica e mais bem-instalada província de toda a Fronteira Oeste, e tinha uma classe muito poderosa de proprietários com títulos de nobreza – o que não temos em Thandara, e pela graça de Mitra, nunca teremos

— É uma invasão para conquista. – disse Hakon – Brocas mandou que jurássemos lealdade a Namedides... aquele cão. Acho que aquele idiota planeja subjugar toda a Fronteira Oeste e governá-la como vice-rei de Namedides. Ele está em Coyaga, a 16

quilômetros da Enseada de Ogaha, com soldados aquilonianos, arqueiros bossonianos e renegados de Schohira. Thenitea está cheia de refugiados da região oriental, à qual ele devastou.

“Não temos medo dele, embora sejamos numericamente inferiores. Ele tem que atravessar a Enseada de Ogaha para nos atacar, e fortificamos a margem oeste e obstruímos a estrada contra sua cavalaria”.

— Isso tem a ver com minha missão. – eu disse – Estou autorizado a oferecer os serviços de 150 exploradores thandarianos. Todos pensamos igual em Thandara, e não temos lutas internas; e podemos poupar aqueles vários homens de nossa luta contra os pictos Panteras.

— Serão boas notícias para o comandante do Forte Kwanyara!

— O quê? – eu disse – Você não é o comandante?

— Não – ele disse –, é meu irmão, Dirk, filho de Strom.

— Se eu soubesse disso, teria dado minha mensagem a ele. – eu disse – Brant, filho de Drago pensou que você fosse o chefe de Kwanyara. Mas não importa.

— Outro odre de cerveja – disse Hakon –, e partiremos para o forte, a fim de que Dirk ouça suas notícias em primeira mão. Ao diabo com chefiar um forte. Um grupo de batedores é o bastante para mim.

E de fato, Hakon não era o homem ideal para comandar um posto ou qualquer grupo grande de homens, pois ele era muito temerário e impetuoso, embora fosse um homem valente e um velhaco alegre.

— Vocês deixaram uma tropa muito pequena para guardar a fronteira. – eu disse – E quanto aos pictos?

— Mantêm a paz a quem eles prometeram. – ele respondeu – Por alguns meses, tem havido paz ao longo da fronteira, exceto pelas corriqueiras escaramuças entre indivíduos de ambas as raças.

— O Palácio de Valerian parecia abandonado.

— Lorde Valerian mora lá sozinho, exceto por uns poucos criados. Se seus guerreiros vão embora, ninguém sabe. Mas ele os mandou. Se ele não tivesse nos dado sua garantia, acharíamos necessário colocá-lo sob vigilância, pois ele é um dos poucos brancos a quem os pictos atendem. Se quisesse jogá-los contra nossas fronteiras, seria difícil nos defendermos contra eles de um lado e Brocas do outro.

“Os Falcões, Gatos Selvagens e Tartarugas ouvem quando Valerian fala, e ele chegou inclusive a visitar os distritos dos pictos Lobos e regressou vivo”.

Se aquilo era verdade, era realmente estranho, pois todos os homens conheciam a ferocidade da grande confederação de clãs aliados, conhecida como a tribo do Lobo, que vivia a oeste, além dos territórios de caça das três tribos menores que ele mencionara. Geralmente, eles se mantêm afastados da fronteira, mas o ódio deles sempre foi uma ameaça ao longo das fronteiras de Schohira.

Hakon ergueu a vista, quando um homem alto, usando calças, botas e um manto escarlate, adentrou a taverna.

— Aí está Lorde Valerian. – ele disse.

Olhei fixamente, me sobressaltei e instantaneamente me levantei.

— Esse homem? – exclamei – Eu vi esse homem na noite passada, além da fronteira, num acampamento dos Falcões, assistindo à Dança da Serpente Mutante!

Valerian me ouviu e girou rapidamente, pálido. Seus olhos faiscaram como os de uma pantera.

Hakon também se levantou rapidamente.

— O que está dizendo? – ele gritou – Lorde Valerian deu sua palavra...

— Não me importa! – exclamei ferozmente, caminhando para a frente até confrontar o nobre alto – Eu o vi, enquanto me deitava entre os lariços. Esse rosto aquilino é inconfundível. Digo-lhe que ele estava lá, nu e pintado como um picto...

— Está mentindo, seu maldito! – gritou Valerian, lançando o manto para um lado e agarrando o cabo da espada.

Mas, antes que ele pudesse desembainhá-la, eu o agarrei e derrubei ao chão, onde ele agarrou minha garganta com ambas as mãos, blasfemando como um louco. Então, houve um rápido bater de pés, e os homens estavam nos separando, agarrando firmemente o meu lorde, que estava pálido e ofegante de fúria, ainda agarrando o lenço de meu pescoço, o qual havia sido arrancado durante a luta.

— Me soltem, seus cães! – ele rugiu – Tirem suas mãos camponesas de mim! Vou partir este mentiroso até o queixo...

— Não é mentira. – eu disse, com mais calma – Eu estava deitado no lariço noite passada, e vi quando o velho Teyanoga tirou a alma do corpo de um chefe dos Corvos e a enfiou no de uma serpente das árvores. Foi minha flecha que derrubou o xamã. E vi você lá... você, um homem branco, nu e pintado, acolhido como um membro do clã.

— Se isto for verdade... – Hakon começou a dizer.

— É verdade, e aí está a prova! – exclamei – Olhe! No peito dele!

Seu casaco e camisa haviam sido rasgados na luta, e lá, fosco em seu peito nu, estava visível o contorno da caveira branca, a qual os pictos só pintam quando pretendem guerrear contra os brancos. Ele havia tentado lavá-la de sua pele, mas a pintura picta deixa manchas fortes.

— Desarmem-no. – disse Hakon, pálido até os lábios.

— Me dê meu lenço do pescoço. – exigi, mas ele cuspiu em mim, e enfiou o lenço na camisa.

— Quando ele for devolvido a você, estará amarrado no laço de uma forca, ao redor de seu pescoço rebelde. – ele rosnou.

Hakon parecia indeciso.

— Vamos levá-lo ao forte. – eu disse – Deixem-no sob a guarda de um comandante. Não foi com boas intenções que ele participou da Dança da Serpente. Aqueles pictos estavam pintados para uma batalha. Esse símbolo em seu peito significa que ele pretendia participar da guerra para a qual dançavam.

— Mas... grande Mitra, isto é inacreditável! – exclamou Hakon – Um homem branco, soltando aqueles demônios pintados sobre seus amigos e vizinhos?

Meu lorde nada disse. Estava lá, entre os homens que agarravam seus braços; lívido, seus lábios finos virados para trás, mostrando os dentes; mas todo o inferno brilhava como fogo amarelo em seus olhos, nos quais eu parecia sentir luzes de loucura.

Mas Hakon estava hesitante. Ele não ousava soltar Valerian, e temia o efeito que poderia causar no povo, se este visse o lorde sendo levado como prisioneiro para o forte.

— Vão perguntar o motivo – ele argumentou –, e quando souberem que ele estava negociando com os pictos na pintura de guerra deles, podem ficar em pânico. Vamos trancá-lo na prisão, até que possamos trazer Dirk para cá, a fim de interrogá-lo.

— É perigoso se comprometer com uma situação como esta. – respondi francamente – Mas é você quem decide. Você está no comando aqui.

Então, levamos o lorde para fora, através da porta negra, e já escurecendo àquela hora, chegamos à prisão sem sermos notados pelo povo, que, em sua maioria, já estava de fato dentro de casa. A prisão era pequena e feita de troncos, um pouco afastada da cidade, com quatro celas, e apenas uma ocupada – esta, por um velhaco gordo, que havia sido preso durante a noite por embriaguez e por brigar na rua. Ele arregalou os olhos ao ver nosso prisioneiro. Lorde Valerian não disse uma só palavra, enquanto Hakon trancava a porta gradeada sobre ele e designava um dos homens para montar guarda. Mas um fogo demoníaco brilhava em seus olhos escuros, como se, por trás de seu rosto pálido, estivesse rindo de nós com triunfo diabólico.

— Vai pôr somente um homem de guarda? – perguntei a Hakon.

— Pra que mais? – ele disse – Valerian não pode sair, e não há ninguém para resgatá-lo.

Parecia-me que Hakon estava disposto a não ceder, mas, no final das contas, não era assunto meu, de modo que eu não disse mais nada.

Logo, Hakon e eu nos dirigimos ao forte, e lá conversei com Dirk, filho de Strom, o chefe que estava no comando da cidade, na ausência de Jon, filho de Storm, o governador apontado por Lorde Thasperas, o qual agora comandava o exército miliciano localizado em Thenitea. Parecia sereno quando ouviu minha história, e disse que iria até a prisão interrogar Lorde Valerian, assim que suas responsabilidades o permitissem, embora ele pouco acreditasse que meu senhor falaria, pois este vinha de uma raça teimosa e orgulhosa.

Ele estava feliz em saber dos homens que Thandara ofereceu a ele, e me disse que poderia achar um homem para retornar a Thandara, aceitando a oferta, se eu quisesse permanecer em Schohira mais um pouco, o que fiz. Depois, retornei à taverna com Hakon, pois era nossa intenção dormir lá naquela noite, e partir para Thenitea de manhã. Batedores mantinham os schohiranos observando os movimentos de Brocas; e Hakon havia estado no acampamento naquele dia, e disse que Brocas não mostrava sinais de se mover contra nós, o que me fez acreditar que ele estava esperando que Valerian liderasse seus pictos contra a fronteira. Mas Hakon ainda vacilava, apesar de tudo o que eu havia lhe dito, acreditando que Valerian havia apenas visitado os pictos amigavelmente, como havia feito várias vezes. Mas salientei que nenhum homem branco, por mais amigável que fosse com os pictos, seria aceito para assistir a uma cerimônia como a Dança da Cobra. Ele teria que ser um irmão de sangue do clã.

### III

Acordei repentinamente e me sentei na cama. Minha janela estava aberta, tanto as persianas quanto o vidro, para refrescar, pois ficava num quarto de um andar superior, e não havia nenhuma árvore próxima, pela qual um ladrão pudesse ter acesso. Mas algum ruído havia me acordado, e agora, quando olhei para a janela, vi o céu estrelado ser coberto por uma figura volumosa e disforme. Girei minhas pernas para fora da cama, me perguntando o que era aquilo e procurando às cegas por meu machado; mas a coisa já estava sobre mim com velocidade assustadora e, antes que eu pudesse me levantar, alguma coisa envolvia meu pescoço, me asfixiando e estrangulando. Quase encostado em meu rosto, havia um semblante indistinto e medonho, mas tudo o que eu conseguia distinguir na escuridão era um par de flamejantes olhos vermelhos, e uma cabeça pontiaguda. Minhas narinas foram preenchidas por um fedor animal.

Peguei um dos pulsos da coisa, e era tão peludo quanto o de um macaco, e com músculos de ferro. Mas, naquele momento, eu havia encontrado o cabo de minha

machadinha; levantei-a e rachei aquele crânio disforme num só golpe. Ele caiu para longe de mim, e eu me levantei, com ânsia de vômito e respirando convulsivamente, e com todos os membros trêmulos. Achei pederneira, aço e pavio, acendi uma vela e olhei feroz e selvagemmente para a criatura que jazia no chão.

Sua forma era a de um homem nodoso e deformado, coberto com pêlos espessos. Suas unhas eram longas e negras, como as garras de uma fera; e sua cabeça, sem queixo e com testa baixa, era semelhante à de um macaco. A coisa era um *Chakan*, uma daquelas criaturas semi-humanas que moram nas profundezas das florestas.

Logo, bateram à minha porta, e a voz de Hakon gritou, para saber o que estava acontecendo, e mandei que ele entrasse. Entrou rapidamente, de machado na mão, e seus olhos se arregalaram ao verem a coisa no chão.

— Um *Chakan*! – sussurrou – Já os vi, bem a oeste, farejando rastros pelas florestas... malditos sabujos! O que é isso em seus dedos?

Um arrepio de horror percorreu minha espinha, quando vi a criatura ainda agarrando um lenço de pescoço em seus dedos... o pano que ele tentara amarrar como um laço de força ao redor do meu pescoço.

— Ouvi dizer que xamãs pictos pegam estas criaturas, domesticam-nas e usam-nas para farejarem seus inimigos. – ele disse lentamente – Mas como Lorde Valerian conseguiu usar um?

— Não sei. – respondi – Mas esse lenço foi dado ao animal que, conforme sua natureza, farejou meu rastro e tentou quebrar meu pescoço. Vamos para a prisão, e rápido.

Hakon acordou seus exploradores, corremos para lá e encontramos o guarda, caído com a garganta cortada, diante da porta aberta da cela de Valerian. Hakon ficou como que petrificado, e então um fraco chamado fez com que nos virássemos e víssemos o rosto branco do bêbado que nos fitava da cela ao lado.

— Escapou. – ele disse – Lorde Valerian escapou. Há uma hora atrás, quando eu estava em minha cama, fui acordado por um som externo, e vi uma estranha mulher morena sair das sombras e caminhar até o guarda. Ele ergueu o arco e mandou que ela parasse, mas ela riu diante dele, o mirou fundo nos olhos e ele ficou como que em transe. Ele ficou com os olhos stupidamente arregalados... e, por Mitra, puxou a própria faca do cinto, cortou a própria garganta, caiu e morreu. Então, ela apanhou as chaves do cinto dele, abriu a porta e

Valerian saiu, rindo feito um demônio do inferno, beijou a jovem e ela riu com ele. E não estava sozinha, pois *algo* se escondia nas sombras atrás dela – algum ser vago e monstruoso que, em momento algum, se dirigiu à luz da lanterna pendurada sobre a porta.

“Eu a ouvi dizer que era melhor matar o bêbado gordo na cela próxima, e, por Mitra, eu estava tão morto de terror, que eu nem sequer sabia se ainda estava vivo. Mas Valerian disse que eu estava completamente bêbado, e eu seria capaz de beijá-lo por ele ter dito aquilo. Então, eles foram embora e, enquanto partiam, ele disse que mandaria sua companheira numa missão; eles depois iriam para uma cabana na Enseada do Lince, e lá encontrariam seus dependentes, que estavam escondidos na floresta desde que ele os dispensou do Palácio de Valerian. Ele disse que Teyanoga os encontraria lá, eles cruzariam a fronteira, se misturariam aos pictos e os trariam de volta para cortarem as gargantas de todos nós”.

Hakon parecia pálido na luz da lanterna.

— Quem é essa mulher? – perguntei curioso.

— Sua amante mestiça de picto. – ele disse – Meio picta Falcão e meio liguriana. Já ouvi falar nela. Eles chamam-na a Bruxa de Skandaga. Eu nunca a tinha visto, e nunca antes acreditei nas histórias sussurradas sobre ela e Lorde Valerian. Mas é a pura verdade.

— Pensei que eu tivesse matado o velho Teyanoga. – murmurei – O velho demônio deve ter uma vida enfeitada... eu vi minha flecha vibrar no peito dele. E agora?

— Temos que ir à cabana na Enseada do Lince e matar todos eles. – disse Hakon – Se soltarem os pictos na fronteira, pagaremos muito caro. Não podemos utilizar homens do forte ou da cidade. Somos suficientes. Não sei quantos homens estarão na Enseada do Lince, e não me importo. Vamos atacá-los de surpresa.

Partimos imediatamente à luz das estrelas. A terra estava em silêncio e as luzes piscavam fracamente nas casas. Para oeste, avultava a floresta negra – silenciosa, primordial; uma ameaça meditativa para quem a desafiasse.

Seguimos em fila única, os arcos preparados em nossas mãos esquerdas e os machados balançando nas direitas. Nossos mocassins não faziam ruído na grama molhada de orvalho. Desaparecemos dentro da mata e encontramos uma trilha que serpenteava entre carvalhos e amieiros. Aqui, nos separamos a uma distância de uns quatro metros e meio uns dos outros; Hakon ia na frente, e dentro em pouco mergulhamos numa depressão coberta de

capim, e vimos a luz se filtrar levemente das rachaduras e persianas que cobriam a janela de uma cabana.

Hakon nos parou e sussurrou para que os homens esperassem, enquanto nos arrastávamos para a frente e os espionávamos. Seguimos furtivamente para diante, e surpreendemos a sentinela – um renegado schohirano, que teria ouvido nossa aproximação furtiva, se não fosse o vinho em seu hálito. Nunca esquecerei o feroz assobio de satisfação que soprou entre os dentes cerrados de Hakon, quando ele enfiou a faca no coração do patife. Deixamos o corpo escondido na exuberante grama alta, subimos a própria parede da cabana e nos aventuramos a olhar por uma fresta. Lá estava Valerian, com os olhos ferozes faiscando; e uma jovem escura, de beleza selvagem, usando uma tanga de pele de corça e mocassins enfeitados com pérolas, e com o cabelo brilhante amarrado atrás por uma faixa dourada, com inscrições estranhas. E lá havia meia dúzia de renegados schohiranos – velhacos taciturnos, usando calças de lã e casacos de fazendeiros, com sabres em seus cintos –; três patrulheiros da floresta, homens de aspecto feroz usando calças de couro, e meia dúzia de guardas gunderlandeses – homens de constituição firme, com cabelos amarelos de corte reto em capacetes de aço, couraças de cota-de-malha e caneleiras polidas. Usavam espadas e adagas nos cintos – homens de cabelos amarelos, com pele clara, olhos de aço e um sotaque que diferia grandemente dos nativos da Fronteira Oeste. Eram lutadores fortes, impiedosos e bem-disciplinados, e muito apreciados como militares entre os donos de terra da fronteira.

Ouvíamos todos lá conversarem e rirem. Valerian, se gabando de sua fuga e jurando que havia mandado um visitante para aquele maldito thandariano que deveria se meter em seus próprios assuntos; os renegados, taciturnos, praguejando e amaldiçoando seus antigos amigos; os patrulheiros da floresta, silenciosos e atentos; os gunderlandeses, despreocupados e joviais, cuja jovialidade mal disfarçava sua natureza totalmente impiedosa. E a garota mestiça, a quem chamavam Kwarada, ria e brincava com Valerian, o qual parecia terrivelmente entretido. Hakon tremia de fúria enquanto o ouvíamos se gabar de como pretendia instigar os pictos e liderá-los pela fronteira para atacarem os schohiranos pelas costas, enquanto Brocas atacava de Coyaga.

Então, ouvimos leves passadas e nos apertamos contra a parede. Vimos a porta aberta, e sete pictos pintados – figuras horrorizantes, em tinta e penas. Eram guiados pelo velho Teyanoga, cujos músculos peitorais estavam enfaixados, e então percebi que minha seta havia apenas se cravado naqueles músculos compactos. E me perguntei se aquele velho demônio era mesmo um lobisomem, que não poderia ser morto pelas armas dos mortais, como ele se gabava e muitos acreditavam.

Estávamos próximos dali, Hakon e eu, e ouvi Teyanoga dizer que os Falcões, Gatos Selvagens e Tartarugas não ousariam atacar fronteira adentro, a menos que uma aliança com os poderosos Lobos pudesse ser selada, pois eles temiam que os Lobos devastassem a região deles, enquanto lutavam contra os schohiranos. Teyanoga disse que as três tribos menores encontraram os Lobos às margens do Pântano do Fantasma para uma assembléia; e que os Lobos aguardariam o conselho do Feiticeiro do Pântano.

Então, Valerian disse que iriam ao Pântano do Fantasma, ver se não conseguiriam convencer o Feiticeiro a induzir os Lobos a se juntarem aos outros. Diante disso, Hakon me disse para me arrastar de volta e buscar os outros, e percebi que estava em sua mente que deveríamos atacar; estávamos em desvantagem numérica, mas eu estava tão inflamado pelo plano infame que havíamos escutado, que fiquei tão impaciente quanto ele. Me movi furtivamente de volta e trouxe os outros; e, assim que nos ouviu chegar, ele se ergueu de um pulo e correu até a porta, para arrombá-la com seu machado de guerra.

Ao mesmo tempo, outros de nós entraram impetuosamente nas persianas e lançamos flechas para dentro da sala, derrubando alguns e ateando fogo na cabana.

Estavam confusos e não tentaram defender a cabana. As velas estavam derrubadas e se apagaram, mas o fogo emprestou uma fraca incandescência. Atravessaram correndo a porta, e alguns foram mortos lá; e outros, no corpo-a-corpo conosco. Mas, dentro em pouco, todos fugiram para dentro da mata, exceto aqueles que matamos – gunderlandeses, renegados e pictos pintados –, mas Valerian e a garota ainda estavam na cabana. Eles então avançaram, ela riu e arremessou no chão algo que explodiu e nos cegou com uma fumaça desagradável, através da qual escaparam.

Todos os nossos homens, exceto quatro, haviam sido mortos na luta desesperada, mas começamos instantaneamente uma perseguição, mandando um de nossos feridos de volta, para avisar a cidade.

O caminho levava para dentro da selva.

Seguímos, e em lutas e escaramuças, matamos vários outros; logo, todos os nossos homens estavam mortos, exceto Hakon e eu. Rastreamos Valerian pela fronteira e para dentro de um acampamento de tribos de guerra, próximo ao Pântano do Fantasma, onde os chefes iriam consultar o Feiticeiro, um xamã pré-picto.

Seguímos Valerian pântano adentro, ele indo secretamente dar instruções aos xamãs, e Hakon esperou no caminho, para matar Valerian, enquanto eu adentrava sorrateiramente o

pântano para matar o Feiticeiro. Mas fomos capturados pelo Feiticeiro, que lhe deu consentimento para a guerra e deu a eles uma magia medonha para usar contra os homens brancos; e as tribos seguiram uivando em direção à fronteira. Mas Hakon e eu escapamos, matamos o Feiticeiro e seguimos a tempo de virar a magia deles contra eles próprios, e os derrotamos.

# APÊNDICE



Mar do Oeste

Ilhas Barachas

Ilha dos Negros

HIRKÂNIA

Para Knitái

Pah-dishah

Para VENDHIA

Mar Vilyet

TURAN

Agrapur

Xapur

Ft. Ghori

Desertos

Desertos

HIPERBÓREA

BRITÚNIA

ZAMORA

Shadizar

KHAURAN

CORINTHIA

KOTH

KHORAJA

Kutchernes

Zamboula

PLINT

ZIMBARO

AESGAARD

REINO DA FRONTEIRA

CIMÉRIA

NEMÉDIA

Belverus

OPHIR

SHEM

STYGLIA

Rio Snyx

Sukhmet

DARFAR

KESHAN

Reinos Negros

VANAHEIM

SERTÕES PICTOS

AQUILÓNIA

Tarantia

ARGOS

Prados

SHEM

STYGLIA

Rio Snyx

Sukhmet

DARFAR

KESHAN

Reinos Negros

Gunderlândia

Galparan

Tauran

Tanasul

POITAIN

ARGOS

Prados

STYGLIA

Rio Snyx

Sukhmet

DARFAR

KESHAN

Reinos Negros

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Negro

Rio Snyx

Rio Snyx

Rio Snyx

Rio Snyx

Rio Snyx

Rio Snyx</



# Anais da Era Hiboriana - Parte 1

*Nada que esteja neste artigo deve ser considerada uma tentativa de mostrar qualquer teoria oposta à história consagrada. É simplesmente um cenário fictício para uma série de histórias de ficção. Há alguns anos, quando comecei a escrever as histórias de Conan, preparei esta “história” de sua época e dos povos daquela época, com o propósito de emprestar a ele e à sua saga uma maior aparência de realidade. E descobri que, ao me ater aos “fatos” e ao espírito dessa história, ao escrever as histórias, era mais fácil visualizá-lo (e, portanto, de apresentá-lo) como uma personagem real de carne e ossos em vez de um produto acabado. Ao escrever sobre ele e sobre suas aventuras nos diversos reinos de sua Época, jamais violei os “fatos” ou o espírito da “história” aqui definidos, mas sempre segui as linhas dessa história com tanto cuidado quanto o verdadeiro escritor de ficção histórica segue as linhas da história verdadeira. Usei esta “história” como guia para todas as histórias desta série que escrevi.*

(Robert E. Howard)

Pouco se sabe sobre aquela época que os cronistas nemédios conheciam como a Era Pré-Cataclísmica, com exceção da última parte, que está envolta na névoa lendária. A História conhecida começa com o declínio da civilização pré-cataclísmica, dominada pelos reinos de Kamélia, Valússia, Verúlia, Grondar, Thule e Commoria. Esses povos falavam línguas semelhantes, indicando uma origem comum. Havia outros reinos, igualmente civilizados, mas habitados por raças diferentes e aparentemente mais antigas.

Os bárbaros daquela época eram os pictos, que viviam nas ilhas bem distantes em meio ao oceano ocidental; os atlantes, que habitavam um pequeno Continente entre as Ilhas Pictas e o Continente principal, ou o Continente Thuriano; e os lemurianos, que habitavam uma cadeia de ilhas grandes, no hemisfério oriental. Havia extensas regiões de terras

inexploradas. Os reinos civilizados, embora enormes, ocupavam uma porção relativamente pequena do planeta inteiro. Valússia era o reino situado no extremo ocidente do Continente Thuriano; Grondar, no extremo oriente. Ao leste de Grondar, cujos povos eram menos cultos do que os dos reinos aparentados, estendia-se uma série de desertos. Entre os pedaços menos áridos dos desertos, nas selvas e no meio das montanhas, viviam clãs e tribos esparsas de selvagens primitivos. Bem ao sul havia uma misteriosa civilização, sem laços com a cultura thuriana, e aparentemente de natureza pré-humana. Nas distantes praias do Leste do Continente vivia outra raça, humana, mas misteriosa e não thuriana, com a qual, de tempos em tempos, os lemurianos entravam em contato. Originavam-se provavelmente de um Continente sombrio e sem nome, situado em algum lugar a leste das Ilhas Lemurianas.

A civilização thuriana estava ruindo; seus exércitos compunham-se principalmente de mercenários bárbaros. Seus generais eram pictos, atlantes e lemurianos, assim como seus estadistas e, muitas vezes, seus reis. Havia muito mais lendas do que história precisa sobre as lutas entre os reinos e as guerras entre Valússia e Commoria, assim como sobre as conquistas pelas quais os atlantes fundaram um reino no Continente.

Então o cataclismo sacudiu o mundo. A Atlântida e a Lemúria submergiram, e as Ilhas Pictas foram empurradas para cima, formando os picos das montanhas de um novo Continente. Partes inteiras do Continente Thuriano desapareceram sob as ondas, ou afundaram formando grandes lagos e mares interiores. Vulcões entraram em erupção e terríveis terremotos derrubaram as reluzentes cidades dos impérios. Nações inteiras foram apagadas.

Os bárbaros estavam em condições um pouco melhores do que as raças civilizadas. Os habitantes das Ilhas Pictas foram destruídos, mas uma grande colônia deles, estabelecida no meio das montanhas da fronteira sul da Valússia para servir de anteparo contra as invasões de estrangeiros, permaneceu intacta. O reino continental dos atlantes também escapou da ruína geral, e para lá se dirigiram em navios milhares de pessoas de suas tribos, fugindo da terra submersa. Muitos lemurianos fugiram para a costa leste do Continente Thuriano, a qual permanecia relativamente intocada.

Foram escravizados ali pela antiga raça que já morava no lugar, e a história deles, durante milhares de anos, é uma história de brutal servidão.

Na parte oeste do Continente, condições mutantes criaram formas estranhas de vida vegetal e animal. Selvas espessas cobriam as planícies, grandes rios cortavam seu caminho rumo ao mar, montanhas selvagens foram erguidas e lagos cobriam os destroços de velhas cidades localizadas nos vales férteis. O reino continental dos atlantes foi invadido por miríades de animais e de selvagens — homens-macaco e macacos, que fugiam das regiões submersas. Apesar de forçados a lutar constantemente por suas vidas, eles conseguiram conservar vestígios do seu adiantado estado anterior de barbárie. Destituídos de metais e de minério, eles passaram a trabalhar a pedra como seus ancestrais remotos o fizeram, e já haviam alcançado um nível verdadeiramente artístico quando sua cultura entrou em contato com a poderosa nação picta; os pictos também haviam regredido para a pedra lascada, mas haviam avançado mais rapidamente em termos de população e da arte da guerra. Faltava-lhes a natureza artística dos atlantes, pois eles eram uma raça mais grosseira, mais prática, mais prolífica. Eles não deixaram imagens pintadas ou entalhadas em mármore, como o fizeram seus inimigos, mas deixaram uma abundância de eficientes armas de pedra lascada.

Esses reinos da idade da pedra desmoronaram e, numa série de guerras sangrentas, os atlantes, cujo número era menor, foram lançados de volta a um estado de selvageria, e a evolução dos pictos foi interrompida. Quinhentos anos depois do cataclismo, os reinos bárbaros desapareceram. Atualmente é uma nação de selvagens — os pictos — que guerreia constantemente com as tribos selvagens — os atlantes. Os pictos tinham a vantagem de serem em número maior e de se unirem, enquanto os atlantes haviam se dispersado em clãs com pouca ligação entre si. Esse era o Oeste daqueles dias.

No Leste distante, separados do resto do mundo pelo surgimento de gigantescas montanhas, e pela formação de cadeias de lagos extensos, os lemurianos estão labutando como escravos de seus antigos senhores. O extremo Sul ainda está envolto em mistério. Intocado pelo Cataclismo, seu destino ainda é pré-humano. Das raças civilizadas do Continente Thuriano,

um remanescente das nações não valusianas habita entre as montanhas baixas do Sudeste — os zhemri. Aqui e ali pelo mundo espalham-se clãs de selvagens simiescos, totalmente alheios à ascensão e à queda das grandes civilizações. Mas, no extremo Norte, outros povos estão nascendo aos poucos.

Na época do cataclismo, um bando de selvagens, cujo desenvolvimento não estava muito acima do Neanderthal, fugiu para o norte para escapar da destruição. Eles encontraram os países cobertos de neve habitados somente por uma espécie de ferozes macacos-da-neve — enormes animais de pêlo branco, aparentemente nativos daquele clima. Os selvagens lutaram com eles e os baniram para além do Círculo Ártico, achando que lá pereceriam. Então, estes se adaptaram ao novo ambiente inóspito e prosperaram.

Depois que as guerras picto-atlantes haviam destruído o início daquilo que poderia ter sido uma nova cultura, outro cataclismo menor alterou mais a aparência do Continente original; deixou um grande mar interior onde outrora existira uma cadeia de lagos, separando mais ainda o Oeste do Leste; e os terremotos, as enchentes e os vulcões completaram a ruína dos bárbaros que as guerras tribais haviam começado.

Mil anos depois do cataclismo menor, o mundo ocidental é uma terra selvagem de matas, de lagos e de rios torrenciais. Entre as colinas cobertas por florestas, a noroeste, existem bandos nômades de homens-macaco, que não falam uma língua humana, não conhecem o fogo nem o uso de ferramentas. São os descendentes dos atlantes, decaídos no caos de animalidade florestal para fora da qual seus ancestrais, séculos atrás, haviam tão laboriosamente se arrastado. A sudoeste, habitam esparsos clãs de selvagens homens das cavernas decaídos, que falam uma língua mais primitiva, mas que ainda conservam o nome de pictos, termo que chegou a significar meramente seres humanos, para distingui-los dos verdadeiros animais com os quais eles disputam a vida e o alimento. É o único vínculo que têm com o estágio anterior. Nem os esqueléticos pictos nem os simiescos atlantes têm qualquer contato com outras tribos ou com outros povos.

No extremo Leste, os lemurianos, rebaixados até quase o plano animalesco pela brutalidade da escravidão, insurgiram-se e destruíram seus

senhores. São selvagens entre as ruínas de uma civilização estranha. Os sobreviventes dessa civilização, que haviam escapado da fúria de seus escravos, foram migrando rumo ao oeste. Eles atacam aquele misterioso reino pré-humano do Sul e derrubam-no, substituindo sua própria cultura, modificada pelo contato com a mais antiga. O reino novo se chama Stygia, e os remanescentes da nação mais antiga parecem ter sobrevivido, e até terem sido adorados, depois que a raça como um todo fora destruída.

Aqui e ali pelo mundo, pequenos grupos de selvagens mostram sinais de uma tendência ascendente; são esparsos e insignificantes. Mas no Norte, as tribos estão crescendo. Esses povos são chamados de hiborianos, ou hibori; o deus deles era Bori — algum chefe importante, a quem as lendas tornaram mais antigo ainda como o rei que os conduziu para o norte nos dias do grande Cataclismo, do qual as tribos se lembram apenas em forma de folclore distorcido.

Eles se espalharam pelo Norte e estão descendo para o sul em passos vagarosos. Até agora, ainda não entraram em contato com outra raça; suas guerras têm sido entre eles mesmos. Mil e quinhentos anos passados nas terras do Norte os tornaram uma raça de homens altos, louros, de olhos cinza, vigorosos e guerreiros, já exibindo uma natureza artística e poética bem definida. Eles ainda vivem principalmente da caça, mas as tribos do Sul têm criado gado há alguns séculos. Há uma exceção em seu completo isolamento de outras raças: um nômade, que viajara para o extremo norte, voltara com a notícia de que os desertos gelados, supostamente desabitados, eram habitados por uma grande tribo de homens simiescos, descendentes, conforme jurava, dos animais banidos das terras mais habitáveis pelos ancestrais dos hiborianos. Ele instava para que uma grande companhia de guerra fosse enviada para além do Círculo Ártico a fim de exterminar esses animais, que ele jurava que estavam evoluindo para seres humanos. Riram dele; um pequeno bando de jovens guerreiros aventureiros seguiu-o para o norte, mas ninguém voltou.

Mas as tribos dos hiborianos estavam migrando para o sul e, conforme a população crescia, o movimento deles se expandia. A época seguinte foi de andanças e de conquistas. Através da história do mundo, tribos e levas de tribos se movem e mudam de lugar num panorama sempre em mutação.

Vamos olhar para o mundo quinhentos anos mais tarde. Tribos de hiborianos louros migraram para o sul e para o oeste, conquistando e destruindo muitos clãs pequenos e sem classificação. Absorvendo o sangue das raças conquistadas, os descendentes de migrações anteriores já começaram a mostrar traços raciais modificados, e essas raças misturadas são atacadas ferozmente pelas migrações novas, de sangue mais puro, e varridas à sua frente, como uma vassoura varre imparcialmente o lixo, para se tornarem mais misturadas ainda e enredadas no lixo das raças e finais de raças.

Os conquistadores ainda não entraram em contato com as raças mais antigas. No Sudeste, os descendentes dos zhemri, recebendo o impulso do sangue novo resultante da mistura com alguma tribo não-classificada, estão começando a tentar fazer reviver uma leve sombra de sua antiga cultura. No Oeste, os simiescos atlantes estão começando a longa escalada ascendente. Eles completaram o ciclo de existência; esqueceram-se há muito tempo de sua existência anterior como seres humanos; inconscientes de qualquer outro tipo de estado, estão começando a subir, sem a ajuda nem o impedimento das memórias humanas. Ao sul deles, os pictos continuam selvagens, aparentemente desafiando as leis da Natureza por não estar progredindo nem retrocedendo. No extremo Sul sonha o antigo reino misterioso de Stygia. Nas suas fronteiras do Leste, vagueiam clãs de nômades selvagens, já conhecidos como os Filhos de Shem.

Próximo aos pictos, no extenso vale de Zingg, protegido pelas grandes montanhas, um bando de primitivos sem nome, classificado aproximadamente como parente dos shemitas, desenvolveu um sistema avançado de agricultura e de existência.

Outro fator acrescentou-se ao ímpeto da migração hiboriana. Uma tribo dessa raça descobriu o uso da pedra na construção, e assim surgiu o primeiro reino hiboriano — o reino rude e bárbaro de Hiperbórea, que teve seu início numa fortaleza rude de pedras, construída para repelir os ataques das tribos. As pessoas dessa tribo logo substituíram suas tendas de pele de cavalo por casas de pedra, de construção tosca, mas forte; e, protegidas assim, tornaram-se fortes. Há poucos fatos mais dramáticos na história do

que o surgimento do reino rude e violento da Hiperbórea, cujos povos abandonaram abruptamente a vida nômade para erguer moradias de pedra bruta, cercadas por muros ciclópicos — uma raça recém-saída da idade da pedra polida que, por um golpe do destino, aprendeu os primeiros princípios grosseiros da arquitetura.

O surgimento desse reino afastou muitas outras tribos, pois, vencidos nas guerras ou se recusando a pagar tributos aos parentes que moravam em castelos, muitos clãs partiram caminhando por longas trilhas que os levaram para o outro lado do mundo. E as tribos mais ao norte já começam a ser acoçadas por gigantescos selvagens loiros, não muito mais avançados que homens-macaco.

A história dos próximos mil anos é uma história da ascensão dos hiborianos, cujas tribos belicosas dominam o mundo ocidental. Reinos rudes vão tomando forma. Os invasores loiros enfrentaram os pictos, empurrando-os para as terras desertas do Oeste. A noroeste, os descendentes dos atlantes que, sem receber ajuda, passam do estado simiesco para um estado primitivo selvagem, ainda não se defrontaram com os conquistadores. No extremo Leste, os lemurianos estão desenvolvendo uma estranha semi-civilização própria. Ao sul, os hiborianos fundaram o reino de Koth, nas fronteiras daqueles países de pastores conhecidos como as Terras de Shem, e os selvagens daquelas terras, em parte através do contato com os hiborianos, em parte através do contato com os stígios que os atacaram durante séculos, estão emergindo do barbarismo. Os selvagens loiros do extremo Norte cresceram em poder e em número, fazendo com que as tribos hiborianas do Norte migrem para o sul, afugentando seus clãs parentes diante deles. O antigo reino de Hiperbórea é derrubado por uma dessas tribos, que, no entanto, conserva seu antigo nome. A sudeste da Hiperbórea, surgiu um reino dos zhemri chamado Zamora. A sudoeste, uma tribo de pictos invadiu o vale fértil de Zingg, conquistou o povo agrícola local e se estabeleceu entre eles. Essa raça misturada foi por sua vez conquistada mais tarde por uma errante tribo de Hyboris, e desses elementos misturados surgiu o reino de Zingara.

Quinhentos anos mais tarde, os reinos do mundo estão claramente definidos. Os reinos dos hiborianos — Aquilônia, Nemédia, Britúnia,

Hiperbórea, Koth, Ophir, Argos, Corinthia e um reino chamado de Reino da Fronteira — dominam o mundo ocidental. Zamora fica a leste, e Zingara a sudoeste desses reinos — povos semelhantes pela pele escura e pelos costumes exóticos, mas sem outro parentesco. No extremo Sul dorme a Stygia, intocada pelas invasões estrangeiras, mas os povos de Shem trocaram o jugo stígio pelo jugo menos opressor de Koth. Os escuros senhores foram afugentados para o sul do grande rio Styx, Nilus, ou Nilo, que, correndo para o sul partindo das sombrias terras do interior, dobra quase que em ângulo reto e corre quase que rumo a oeste através das pastagens de Shem, para desaguar no grande mar. Ao norte da Aquilônia, o mais ocidental dos reinos hiborianos, estão os cimérios, selvagens ferozes, indomados pelos invasores, mas que avançam rapidamente por causa do contato com eles; são descendentes dos atlantes, agora progredindo mais estavelmente que seus antigos inimigos, os pictos, que habitam as selvas a oeste da Aquilônia.

Mais quinhentos anos e os povos hybori são proprietários de uma civilização tão viril, que o contato com ela virtualmente arranca do estágio de selvageria as tribos que toca. O reino mais poderoso é a Aquilônia, mas outros competem com ela em força e esplendor. Os hiborianos se tornaram uma raça consideravelmente mista; os mais próximos da antiga raça-raiz são os gunder da Gunderlândia, uma província setentrional da Aquilônia. Mas esta mistura não enfraqueceu a raça. Dominam supremos no mundo ocidental, embora os bárbaros das terras inóspitas estejam se fortalecendo.

Ao norte, bárbaros de cabelos dourados e olhos azuis, descendentes dos louros selvagens árticos, expulsaram as remanescentes tribos hiborianas das terras nevadas, com exceção do antigo reino da Hiperbórea, que resiste aos ataques. O país deles se chama Nordheim, e eles se dividem entre os ruivos vanires de Vanaheim e os louros aesires de Asgard.

Agora os lemurianos tornam a entrar na história como hirkanianos. Avançaram firmemente rumo ao Ocidente através dos séculos, e agora uma tribo ladeia o extremo Sul do grande mar interior — Vilayet — e estabelece o reino de Turan na costa sudoeste. Entre o mar interior e as fronteiras orientais dos reinos nativos, há uma extensão de estepes e, no extremo Norte e no extremo Sul, desertos. Os habitantes não-hirkanianos desses

territórios, no Norte são pastores esparsos sem classificação; no Sul são shemitas, com um leve traço de sangue hiboriano dos conquistadores nômades. No final dessa época, outros clãs hirkanianos avançam para o oeste, ao redor das costas setentrionais do mar interior, e se chocam com os postos avançados orientais dos hiperbóreos.

Vamos dar uma olhada nos povos dessa época. Os hiborianos dominantes já não têm mais cabelo castanho-claro e olhos cinza. Estão misturados com outras raças. Há um forte traço shemita, até stígio, entre os povos de Koth, e, menos intenso, de Argos, enquanto no último caso, o cruzamento com os zíngaros foi mais extenso do que com os shemitas. Os britunianos casaram-se com os zamorianos de pele escura, e os povos do Sul da Aquilônia se misturaram com os zíngaros de pele escura até que o cabelo negro e os olhos castanhos se tornaram o tipo dominante em Poitain, a província do extremo Sul. O antigo reino da Hiperbórea é mais reservado do que os outros, mas existe bastante sangue estrangeiro nas suas veias, por causa da captura de mulheres estrangeiras — hirkanianas, aesires e zamorianas. Somente na província da Gunderlândia, onde os povos não mantêm escravos, a raça hiboriana é pura. Mas os bárbaros conservaram pura sua descendência; os cimérios são altos e fortes, com cabelo escuro e olhos azuis ou cinza. Os povos de Nordheim são de compleição semelhante, mas têm a pele branca, olhos azuis e cabelo louro-claro ou ruivo. Os pictos são do mesmo tipo que sempre foram — baixos, muito escuros, com olhos e cabelo negros. Os hirkanianos são escuros e geralmente altos e magros, embora haja um tipo atarracado, de olhos amendoados, cada vez mais comum entre eles, resultado de uma mistura com uma curiosa raça de aborígenes inteligentes, embora abrutalhados, conquistada por eles entre as montanhas a leste do Vilayet, na sua migração para o oeste. Os shemitas são geralmente de estatura mediana, embora, às vezes, quando misturados com sangue stígio, sejam gigantescos, de ombros largos e fortes, com nariz adunco, olhos escuros e cabelo preto-azulado.

Os stígios são altos e bem proporcionados, escuros, de traços retos — pelo menos a classe reinante pertence a esse tipo. As classes inferiores são uma horda de oprimidos e mestiços, uma mistura de sangue negróide, stígio, shemita e até hiboriano. Ao sul da Stygia ficam os vastos reinos

negros das amazonas, dos kushitas, dos atlaianos e o império híbrido de Zimbabwe.

Entre a Aquilônia e a selva picta ficam as fronteiras bossonianas, habitadas pelos descendentes de uma raça aborígene, conquistada por uma tribo de hiborianos, no início das primeiras épocas da migração hiboriana. Este povo misto jamais conquistou a civilização dos hiborianos mais puros, e foi expulso por eles até a própria orla do mundo civilizado. Os bossonianos são de estatura mediana, têm olhos castanhos ou cinza, e são mesocefálicos. Vivem principalmente da agricultura, em grandes aldeias muradas, e fazem parte do reino da Aquilônia. Suas fronteiras se estendem desde o Reino da Fronteira até o norte de Zingara, no sudoeste, formando uma barreira para a Aquilônia contra os cimérios e os pictos. São obstinados lutadores defensivos, e séculos de guerras contra os bárbaros do norte e do oeste fizeram com que eles desenvolvessem um tipo de defesa quase intransponível contra um ataque direto.

Assim era o mundo na época de Conan.

## **Anais da Era Hiboriana - Parte 2**

Quinhentos anos depois dos acontecimentos narrados em último lugar (ou seja, após o reinado de Conan, o Grande), a civilização hiboriana foi varrida do mundo. Sua queda foi excepcional, no sentido de que não se produziu por uma decadência interna, mas pelo poder crescente dos povos bárbaros e da nação hirkaniana, exatamente quando os hiborianos estavam no apogeu de sua vigorosa cultura.

Esta decadência poderia se explicar pelos desejos ambiciosos da Aquilônia, se bem que de uma forma indireta. Ansiando estender seu império, os sucessivos reis aquilonianos declararam guerra a seus vizinhos de Zingara, Argos e Ophir, países que foram anexados sem o menor

escrúpulo. Fizeram o mesmo com as cidades ocidentais de Shem, que anteriormente haviam se livrado do jugo de Koth. Este país, junto com Coríntia e com as tribos shemitas orientais, se viu obrigado a pagar tributos à Aquilônia e a ajudá-la em suas guerras. Existia uma antiga inimizade entre Aquilônia e Hiperbórea, e esta última nação reuniu seus exércitos para enfrentarem os de seu adversário ocidental.

As planícies do Reino da Fronteira foram testemunhas de uma longa e selvagem batalha, na qual as hostes do norte foram derrotadas e tiveram que se retirar para suas terras nevadas, enquanto os triunfantes aquilonianos os deixavam fugir, sem se incomodar em persegui-los. O reino da Nemédia, que, durante séculos, havia conseguido resistir com êxito aos aquilonianos, estabeleceu uma aliança secreta com a Britúnia, Zamora e Koth, na qual se pretendia esmagar o nascente império. Mas, antes que eles reunissem todos os exércitos para a batalha, surgiu um novo inimigo, do Oriente. Eram os hirkanianos, que efetuavam sua primeira invasão de envergadura ao mundo ocidental. Com o reforço de aventureiros da costa leste do Mar Vilayet, os cavaleiros turanianos varreram Zamora, devastaram a Coríntia oriental e foram contidos nas planícies da Britúnia pelos aquilonianos, que os derrotaram e os rechaçaram rapidamente em direção ao leste. Mas, com isso, ficaram quebrados os cimentos da aliança, e a Nemédia se limitou a pôr-se à defensiva nas guerras que se produziram depois, ajudada, às vezes, pela Britúnia, Hiperbórea e, em segredo como sempre, por Koth.

Esta derrota dos hirkanianos confirmou, ao resto do mundo, o verdadeiro poderio do reino ocidental, cujos magníficos exércitos eram reforçados com tropas mercenárias, muitas delas recrutadas entre os estrangeiros zíngaros e shemitas, e os bárbaros pictos. Zamora foi reconquistada das mãos dos hirkanianos, mas o povo então descobriu que tão-somente havia trocado o senhor oriental pelo ocidental. Os soldados aquilonianos ficaram aquartelados em Zamora, não só para proteger o país de uma possível invasão, mas também para manter o povo submisso. Os hirkanianos, que não admitiam sua derrota, realizaram três novas invasões através das fronteiras zamorianas e das terras de Shem. Uma vez mais, os aquilonianos os fizeram retroceder, se bem que os exércitos hirkanianos cresceram em forças militares, enquanto se retiravam pela margem meridional do mar interior.

Mas, no Ocidente, estava se desenvolvendo um novo poder, que terminaria com a hegemonia dos reis aquilonianos. No norte, havia lutas incessantes, na fronteira da Ciméria, entre os guerreiros de cabeleira escura e os homens de Nordheim, assim como entre os aesires e vanires. Os primeiros invadiram a Hiperbórea e adentraram sua fronteira, depois de destruir uma cidade após outra. Os cimérios também combateram os pictos e os bossonianos, e às vezes realizaram ataques contra a própria Aquilônia, se bem que se tratavam mais de meras incursões de saque do que de verdadeiras invasões.

A tudo isto, os pictos cresciam assombrosamente em número e poderio. Por um estranho capricho da sorte, se deveu aos esforços de um estrangeiro, de um homem não-picto, que estes bárbaros chegassem a criar um império. Esse homem era Arus, sacerdote nemédio e reformador nato. Não se sabe ao certo o que o conduziu a inclinar-se em favor dos pictos, mas assim é a história. O certo é que decidiu se transportar às terras selvagens do Ocidente, para mudar os rudes costumes dos pagãos e convertê-los ao pacífico culto de Mitra. Não lhe amedrontaram os relatos sombrios do que havia ocorrido com outros comerciantes e exploradores. Por esse estranho desígnio da providência, ele entrou só e sem armas entre o povo que buscava, e este não lhe deu morte.

Os pictos haviam se beneficiado, sem dúvida alguma, do contato com a civilização hiboriana, mas, apesar disto, sempre resistiram com firmeza a tais relações. Como conseqüência daqueles contatos, aprenderam a trabalhar rudimentarmente o cobre e o estanho, que se encontravam em sua nação em escassas proporções, pelo que mais tarde fizeram incursões a Zingara para obtê-lo, ou trocaram-no por peles, dentes de morsa e outros objetos que os selvagens tivessem para comercializar. Já haviam deixado de morar em cavernas ou em choças de palha, e moravam em tendas feitas de peles, ou em cabanas similares às dos bossonianos. Seguiam vivendo principalmente da caça, já que suas terras abundavam em animais selvagens de todas as categorias, e, nos rios e mares que banhavam suas costas, havia muita pesca; mas também tinham aprendido a cultivarem cereais, se bem que o faziam de forma rudimentar e preferiam arrebatá-los de seus vizinhos: os bossonianos e os zíngaros.

Agrupavam-se em clãs ou em grupos de tribos, que, em geral, lutavam entre si. Seus costumes primitivos, baseados na violência e no derramamento de sangue, eram repulsivos para homens civilizados como Arus da Nemédia. Não tinham contato direto com os hiborianos, já que os bossonianos se interpunham. Arus, entretanto, assegurava que os pictos eram capazes de progredir, e os acontecimentos demonstraram a verdade de sua afirmação, se bem que não da maneira como ele pensava.

Arus teve sorte de encontrar um chefe com mais inteligência que o habitual entre os pictos. Se chamava Gorm e não se podia classificá-lo com precisão, do mesmo modo que não se pode classificar a Gengis Khan, Othman, Átila ou a qualquer um dos chefes bárbaros que, apesar de terem nascido entre pessoas carentes de toda cultura, possuíam o instinto da conquista e souberam formar grandes impérios. Numa espécie de Bossoniano rudimentar, o sacerdote fez saber ao chefe o propósito que o animava e, ainda que evidentemente estranhado, Gorm permitiu a Arus permanecer em sua tribo e não o matou, caso único na história dessa raça. Uma vez que Arus houvera aprendido a língua picta, o sacerdote se aplicou a tarefa de mudar os costumes mais desagradáveis dos pictos, tais como os sacrifícios humanos, as sangrentas lutas internas e o rito de queimar vivos os prisioneiros. Fez longos sermões a Gorm, a respeito dos bons costumes, e encontrou nele um interlocutor responsável e interessado no que lhe dizia. A imaginação nos permite reconstruir a cena e ver o chefe de cabelos negros, vestido com peles, com um colar de dentes humanos ao redor do pescoço, agachado sobre o solo sujo da choça de palha, ouvindo com atenção o eloqüente sacerdote, que estava sentado num bloco de madeira talhada, posto ali em sua honra. Arus devia vestir as roupas de seda dos oficiais nemédios e fazia movimentos expressivos com suas mãos brancas e finas, enquanto expunha os direitos eternos e a justiça das verdades de Mitra. Sem dúvida, falaria com repugnância das fileiras de crânios humanos, que adornavam as paredes da cabana, e instigaria Gorm a perdoar seus inimigos, ao invés de colocar seus restos embranquecidos para tal uso. Arus era o maior produto de uma raça inerentemente artística, refinada por séculos de civilização. Gorm trazia atrás de si uma herança de cem mil anos de vida selvagem: caminhava como um tigre, seu olhar brilhava como o de um leopardo e sua mão de unhas negras apertava como a de um gorila. Mas

Arus era um homem prático. Apelou para o anseio de todo ser humano em aumentar seus bens materiais; pôs o poder e esplendor dos reinos hiborianos como exemplo dos benefícios outorgados por Mitra, cujas insígnias e leis haviam levado os hiborianos até o alto lugar que ocupavam no mundo; descreveu as grandes cidades, as planícies férteis, as muralhas de mármore, as carruagens velozes, as torres incrustadas de jóias e os cavaleiros, cujas armaduras lhes davam tanta vantagem em batalha. E Gorm, com o hábil instinto dos bárbaros, recortou-lhe as palavras, fazendo caso omissos das insígnias religiosas e tomando boa nota das grandezas materiais, que tão vivamente lhe estavam descrevendo. Deste modo, ali, naquela choça de palha, onde conversavam o sacerdote coberto por um manto de seda e o chefe selvagem que vestia peles de animais, se forjou um império.

Como já foi dito, Arus era um homem de sentido prático. Ficou vivendo entre os pictos e conseguiu levar a cabo o que um homem inteligente e bem disposto pode fazer em benefício de seus semelhantes, ainda que estes vistam peles de tigre e se adornem com colares de dentes humanos. À semelhança de todos os sacerdotes de Mitra, era um especialista em numerosas disciplinas e artes. Encontrou grandes jazidas de ferro, nos montes do território picto, e ensinou os nativos a extraí-lo, a fundir o ferro e trabalhá-lo para obter ferramentas, que a princípio foram agrícolas. Estabeleceu, também, outras reformas, mas estas foram, em geral, suas principais realizações: infundiu em Gorm o desejo de conhecer os países do mundo civilizado, ensinou os pictos a trabalharem o ferro e conseguiu que se estabelecessem contatos entre os selvagens e os povos civilizados. Atendendo às súplicas de Gorm, Arus o guiou, juntamente com alguns de seus guerreiros, através das fronteiras da Bossônia, de onde os aldeões simples contemplaram, mudos de assombro, a exótica corte.

Não há dúvida de que Arus acreditou estar realizando conversões à sua crença, a torto e a direito. Mas, os pictos não levaram a sério os ensinamentos que os impeliavam a perdoar seus inimigos e abandonar as práticas guerreiras para adotar uma forma pacífica de vida. A própria natureza daqueles selvagens os levava ao caminho da matança e da guerra, pois careciam de todo o sentimento altruísta e artístico. Quando o sacerdote falava das glórias das nações civilizadas, seu auditório de homens de pele escura não pensava nos ideais da religião, mas no saque que poderiam obter

nas cidades opulentas e nos campos. Quando relatava a maneira como Mitra ajudava alguns reis a vencer seus inimigos, se preocupavam pouco com os milagres do deus e muito com a descrição das linhas de batalha e da investida dos cavaleiros armados, assim como das manobras dos arqueiros e cavaleiros. Miravam Arus, com seus agudos olhos negros e seu rosto inescrutável, e tiravam suas próprias conclusões, aproveitando os ensinamentos sobre o trabalho com ferro e outros semelhantes.

Antes da chegada do sacerdote, os pictos dispunham apenas das armas de aço que arrebatavam dos bossonianos e dos zíngaros. Eles só sabiam forjar armas rudimentares de cobre ou de bronze. Após a chegada de Arus, se abria ante eles um mundo novo, e o estampido metálico dos martelos ressoou nas forjas de toda a nação. A mercê do domínio daquela nova arte, Gorm começou a estender seu domínio sobre outros clãs, em parte por meios violentos, e em parte mediante a astúcia e os tratados. Nesta arte de diplomacia rústica, era muito superior aos demais chefes bárbaros.

Os pictos chegaram, pois, a entrar e sair deliberadamente do território aquiloniano e sempre voltavam com novos conhecimentos sobre a maneira de forjar armaduras e espadas. Além disso, passaram a fazer parte dos exércitos mercenários aquilonianos, ante o compreensível desgosto dos robustos bossonianos. Os reis da Aquilônia estimulavam a idéia de pôr os pictos contra os cimérios, para destruir, desse modo, ambas as ameaças, mas estavam demasiadamente ocupados com sua própria política de agressão, no sul e no leste, para prestarem atenção às quase desconhecidas terras do oeste, das quais chegavam cada vez mais guerreiros para prestarem serviços como mercenários.

Uma vez concluído o prazo do contrato, os ditos guerreiros regressavam a suas selvas com uma boa instrução nas artes guerreiras dos povos civilizados. Os tambores começaram a rufar nos bosques e, no alto das montanhas, começaram a aparecer fogueiras, que serviam como meio de comunicação, enquanto os armeiros pictos elaboravam, incansáveis, suas armas sobre um milhar de bigornas. Mediante inúmeras intrigas e mutretas, Gorm se converteu em líder dos chefes selvagens e no mais parecido a um rei, que os pictos haviam tido em toda sua história. Gorm havia esperado

muito e já se aproximava da velhice. Por isso, atuou com rapidez nas fronteiras, não para comerciar, mas para guerrear.

Arus compreendeu seu erro quando já era tarde. Se deu conta de que não havia comovido a alma dos pagãos, na qual ainda respirava a ferocidade das épocas antigas. Em nada sua eloquência havia afetado a consciência dos pictos. Agora Gorm vestia um colete de cota-de-malha prateada no lugar das peles de tigre; mas, por baixo da nova roupa, não havia mudado em absoluto: continuava sendo o eterno bárbaro, ao qual não comoviam a teologia nem a filosofia, e que se aferrava à rapina e matança. Finalmente, os pictos irromperam através das fronteiras bossonianas a sangue e fogo, porém não mais com machados de cobre nem peles de animais, mas brandindo armas de aço afiado e cobertos com cotas de malha. E quanto a Arus, um picto bêbado lhe destroçou o crânio quando ele tratava, inutilmente, de retificar os erros que havia cometido. Gorm lamentou o feito e, para demonstrá-lo, mandou que colocassem a caveira do assassino sobre a pedra da tumba do sacerdote morto. Com essa tremenda ironia, o cadáver do homem, que sempre repugnava a violência e o crime, repousou sob uma das maiores mostras de barbárie que cabia conceber.

Mas, as novas armas e as malhas de aço não bastaram para quebrar a resistência inimiga. Durante muitos anos, o armamento superior e a coragem dos bossonianos mantiveram o limite aos invasores, se bem que, quando necessário, as tropas imperiais aquilonianas os ajudavam. Nessa época, os hirkanianos prosperaram e logo decaíram, e Zamora foi agregada ao império.

Depois, uma traição inesperada destruiu a defesa bossoniana. Antes de relatar como se produziu este lamentável fato, será conveniente dar uma breve olhada no Império Aquiloniano. Havia sido, desde sempre, um país opulento. Incontáveis riquezas foram levadas à Aquilônia como consequência de numerosas conquistas, e um suntuoso esplendor substituiu a antiga forma de vida, simples e dura. Mas a decadência não havia alcançado ainda os reis e ao povo. Embora vestissem tecidos de seda, bordados em ouro, os aquilonianos continuavam sendo uma raça enérgica e ativa. No entanto, a arrogância havia substituído a antiga simplicidade. Tratavam os povos menos poderosos com crescente menosprezo, e

impunham tributos cada vez mais fortes aos subjugados. Argos, Zingara, Ophir e Zamora, assim como os países shemitas, foram tratados como províncias dominadas, o que era especialmente humilhante para os orgulhosos zingaros, que freqüentemente se rebelavam, apesar das selvagens represálias.

Koth era, na prática, um país tributário, pois gozava da “proteção” aquiloniana contra os hirkanianos. Mas a Nemédia, o outro grande império ocidental, jamais havia se deixado dominar, se bem que seus triunfos foram unicamente defensivos, e os conseguiu geralmente com a ajuda de tropas hiperbóreas. Durante este período, os únicos fracassos aquilonianos foram, pois, sua impossibilidade de anexar a Nemédia e a derrota de um de seus exércitos nas mãos dos aesires. Assim como os hirkanianos se viram incapazes de resistir aos ataques da cavalaria pesada dos aquilonianos, estes últimos, ao invadirem os países nevados, foram vencidos nas ferozes lutas corpo-a-corpo com os nórdicos. Mas, as conquistas aquilonianas chegaram até o rio Styx, onde um exército stígio foi derrotado com grande matança. O rei da Stygia enviou então fortes tributos, a fim de impedir a invasão de seu reino. A Britúnia foi reduzida, depois de uma série de violentas guerras e, a seguir, se iniciaram os preparativos para acabar com seu último inimigo: a Nemédia.

Com seus brilhantes exércitos, reforçados por mercenários eficazes, os aquilonianos avançaram contra seu antigo inimigo mais uma vez; parecia que, finalmente, a independência nemédia ia desaparecer em definitivo. Mas surgiram desavenças entre os aquilonianos e seus seguidores: os bossonianos.

Como conseqüência lógica de sua expansão territorial, os aquilonianos haviam se tornado altivos e intolerantes, e costumavam fazer escárnio dos rudes e simples bossonianos. Uma crescente hostilidade foi se estabelecendo entre ambos os povos: os aquilonianos desdenhavam os bossonianos, e estes se ressentiam profundamente da atitude dos que começavam a se qualificarem como seus senhores, e os tratavam como povo conquistado, impondo-lhes tributos exorbitantes e recrutando seus homens para as guerras de expansão territorial. Nas zonas fronteiriças ficaram muito poucos homens e, ao ter notícias das atrocidades cometidas

pelos pictos em suas terras, regimentos inteiros de bossonianos abandonaram o cenário da campanha nemédia e se dirigiram até a fronteira ocidental, onde derrotaram os invasores de pele escura, numa longa e dura batalha.

Esta deserção foi a causa direta da derrota dos aquilonianos por parte da Nemédia, e fizeram cair sobre os bossonianos a ira cruel dos partidários da expansão imperial, intolerantes como sempre foram. Numerosas tropas aquilonianas foram transportadas até os confins das fronteiras, e se convidou os chefes bossonianos para uma grande assembleia conjunta. Ao mesmo tempo, com o pretexto de realizar uma incursão contra o território dos pictos, numerosos contingentes de ferozes soldados shemitas foram acampar entre a população bossoniana. Enquanto se matava os indefesos chefes bossonianos, a nação foi destruída pelos shemitas de norte a sul. Ao concluir o traiçoeiro ataque, os exércitos aquilonianos regressaram das terras fronteiriças, deixando atrás de si um povo submerso na desolação e na ruína. Naquele momento, se produziu a invasão picta, que atacou com força incontida aquelas mesmas fronteiras. Não se tratava de uma simples incursão de saque, mas do planejado ataque de toda uma nação. A ofensiva estava dirigida por chefes que haviam servido nos exércitos aquilonianos, e o comando supremo era ostentado por Gorm, já ancião, que, entretanto, conservava intacto o fogo de sua enorme ambição. Não encontraram em sua passagem, como antes, populações defendidas por fortes muralhas, nem arqueiros, cujas pontarias certeiras haviam contido os pictos até a chegada dos reforços imperiais. O resto das tropas bossonianas foi varrido num abrir e fechar de olhos, e os sanguinários selvagens avançaram em contingentes até a própria Aquilônia, saqueando e incendiando, antes que as legiões, que lutavam de novo contra os nemédios, pudessem regressar ao oeste. Zingara aproveitou a oportunidade para livrar-se do jugo aquiloniano, e seu exemplo foi seguido pelos coríntios e shemitas. Regimentos inteiros de mercenários e de tropas coloniais se amotinaram e regressaram a seus respectivos países, roubando e saqueando no caminho. Os pictos atacaram com força irresistível até o leste, e todos os exércitos aquilonianos foram derrotados pelos invasores. Sem a ajuda dos arqueiros bossonianos, as tropas da Aquilônia se mostraram incapazes de conter a chuva de flechas dos bárbaros. Se pediram legiões a todas as partes do império, a fim de resistir à ofensiva, mas desde as selvas pictas ia surgindo horda após horda, num fluir

de homens que parecia interminável. E, em meio àquele caos, os cimérios desceram de suas montanhas para completar a ruína aquiloniana. Quando haviam assolado o país, se retiraram para as montanhas com o saque, mas os pictos ocuparam as terras que eles haviam invadido temporariamente. Deste modo, se desmoronou o império aquiloniano, entre sangue e fogo.

Mais tarde, chegaram novamente os hirkanianos, cavalgando desde o nebuloso Oriente, ao verem que as tropas imperiais se retiravam de Zamora. Este país foi presa fácil do avanço das tropas hirkanianas, e estas se estabeleceram na cidade mais importante do país. Esta invasão originava-se do antigo reino de Turan, mas, do norte chegou outra ofensiva hirkaniana, mais selvagem ainda. Hordas de cavaleiros encouraçados rodearam a cavalo o extremo norte do Mar Vilayet, atravessaram as terras geladas; entraram nas estepes, empurrando, em sua passagem, as populações aborígenes, e caíram com terrível violência sobre os reinos ocidentais. Os recém-chegados não se aliaram, a princípio, com os turanianos, mas lutaram contra eles tanto quanto contra os hiborianos. Naquele momento, se apresentaram outras hostes guerreiras desde o Oriente, e lutaram com as anteriores, até que todos os hirkanianos ficaram unidos sob o comando de um grande chefe, que chegara cavalgando desde as costas do oceano oriental. Logo, sem as tropas aquilonianas que se lhes opuseram, os hirkanianos se mostraram invencíveis. Se dispersaram pela subjugada Britúnia e devastaram o sul da Hiperbórea e Coríntia. Logo, invadiram a Ciméria, empurrando, em seu caminho, os bárbaros de cabeleira negra. Mas, nas montanhas, onde a cavalaria era menos eficaz, os cimérios se voltaram contra os hirkanianos e, somente uma rápida retirada, depois de um dia inteiro de cruenta batalha, salvou estes últimos da aniquilação completa.

Enquanto se produziam estes acontecimentos, os reinos de Shem haviam conseguido dominar seus antigos senhores – os homens de Koth –, mas foram derrotados ao tentar invadir a Stygia. Mal haviam terminado a conquista de Koth, os shemitas foram subjugados pelos hirkanianos e, com eles, se viram sob um domínio mais duro ainda que o sofrido com os hiborianos. Enquanto isso, os pictos haviam se tornado os senhores absolutos da Aquilônia e haviam aniquilado praticamente todo o povo daquele país. Irromperam pelas fronteiras de Zingara, e os nativos daquele país fugiram, por milhas, da matança, em direção a Argos. Lá, se

encontraram com os hirkanianos ali presentes, os quais obrigaram-nos a se instalarem em Zamora, como súditos. Enquanto os aquilonianos fugiam dali, Argos caiu, envolta em chamas e submetida à matança dos vencedores pictos, que seguiam avançando pelo território de Ophir, até que se chocaram com os hirkanianos, os quais, por sua vez, penetraram até o oeste. Estes últimos, depois de haverem conquistado Shem, venceram um exército stígio às margens do Rio Nilus e ocuparam o país até o distante sul, em direção ao reino negro de Amazon, de cujo povo trouxeram de volta milhares de prisioneiros, que assentaram entre os shemitas. É possível que os hirkanianos tivessem acrescentado às suas conquistas a dominação da Stygia, agregando-a ao seu crescente império, mas os ataques dos pictos impediram-nos.

A Nemédia, que jamais havia sido vencida pelos hiborianos, cambaleou sob um ataque de cavaleiros do leste e do oeste. Nesse momento, entrou em cena uma grande tribo de aesires errantes, vinda das terras nevadas, e cujos componentes foram contratados como mercenários. Resultaram ser guerreiros tão eficazes que, não só derrotaram os hirkanianos, mas também deteram o avanço dos pictos às terras orientais.

O mundo, nessa época, apresenta o seguinte aspecto: um vasto império picto, selvagem e rústico, se estende da costa de Vanaheim, ao norte, até o sul de Zingara. A leste, se prolonga até abranger toda a Aquilônia, com exceção da Gunderlândia, a província mais setentrional que sobrevive à queda do império como reino, nas montanhas, e consegue manter sua independência. O império picto também inclui Argos, Ophir, a parte ocidental de Koth e as terras do oeste de Shem.

Em oposição a este império rude e primitivo, se encontra o dos hirkanianos, que ao norte limita com a Hiperbórea e ao sul, com os desertos da parte meridional de Shem. Por outro lado, também Zamora, Britúnia, Coríntia, Reino da Fronteira, a zona oriental de Shem e a maior parte de Koth estão incluídos neste império de extensão considerável.

Por sua vez, as fronteiras da Ciméria continuam intactas. Nem os pictos, nem os hirkanianos, foram capazes de submeter estes belicosos bárbaros. Nemédia, dominada pelos mercenários aesires, resiste a todas as invasões.

Assim, pois, ao norte se encontram Nordheim, Ciméria e Nemédia, que não haviam sido conquistadas, enquanto, ao sul, Koth havia se tornado um campo de batalha, onde pictos e hirkanianos lutam incessantemente. Às vezes, estes últimos expulsam por completo do reino aos bárbaros pictos, mas, algum tempo depois, as planícies e cidades voltam a cair nas mãos dos invasores ocidentais. Muito distante, ao sul, se encontra a Stygia, afetada pela invasão hirkaniana. É uma terra que está sendo invadida por reinos negros. Do lado oposto, as tribos nórdicas se mostram inquietas, lutam constantemente contra os cimérios e efetuam incursões devastadoras pelas fronteiras hiperbóreas.

Gorm foi morto por Hialmar, um chefe dos aesires nemédios, quando já era um homem muito idoso, de quase cem anos de idade. Nos setenta e cinco anos que haviam transcorrido desde que ouvira Arus falar, pela primeira vez, dos grandes impérios – muito tempo para a vida de um homem, mas muito pouco na história das nações –, havia chegado a consolidar seu próprio império, a partir de inumeráveis tribos de selvagens, e subjugar toda uma civilização. Quem nascera numa choça de paredes de adobe e teto de palha, em sua velhice sentou-se em tronos de alabastro e comeu, em baixela de ouro, os manjares que lhe serviam escravas nuas, que haviam sido no passado filhas de reis. Mas, as conquistas e as novas riquezas não mudaram a mentalidade dos pictos. Das cinzas da civilização destruída, não surgiu uma nova cultura, como uma ave fênix. As mãos escuras que destruíram as glórias artísticas dos conquistadores, jamais trataram de imitá-los. Apesar de morarem entre as esplêndidas ruínas dos palácios semi-destruídos, e cobrirem seus rudes corpos com as sedas dos reis derrotados, os pictos continuaram sendo os eternos bárbaros, ferozes e primitivos, interessados apenas nos aspectos mais elementares da vida. Conseqüentemente, não mudaram seus costumes, que os levaram à guerra e ao saque, e nos quais não havia lugar para as artes e para o progresso da humanidade.

Não ocorreu o mesmo com os aesires que se estabeleceram na Nemédia. Estes logo adotaram muitos dos costumes dos civilizados vencidos, mas os modificaram e aperfeiçoaram através do grandioso impulso de sua própria cultura.

Durante um breve período, pictos e hirkanianos lutaram sobre as ruínas do mundo que haviam conquistado. Logo, teve início a era das glaciações e a grande invasão dos povos nórdicos. Antes que as geleiras avançassem para o sul, o fizeram as tribos bárbaras setentrionais. Os aesires invadiram o antigo reino da Hiperbórea e, sobre suas ruínas, entraram em luta com os hirkanianos. Nemédia já havia se tornado um reino nórdico, dominado pelos descendentes dos mercenários aesires. Empurrados pelas ondas contínuas de invasores do norte, os cimérios também avançaram, e não houve exército nem cidade que lhes resistisse. Invadiram e destruíram por completo o reino da Gunderlândia, e logo cruzaram a antiga Aquilônia até se chocarem brutalmente com as hostes pictas. Também derrotaram os nemédios do norte e saquearam algumas de suas cidades, mas não se deteram nessas terras; continuaram até o leste e derrotaram um exército hirkaniano nas fronteiras da Britúnia.

Atrás deles, hordas de vanires e aesires irromperam de forma incontida, e o império picto cambaleou ante seus ataques. A Nemédia foi conquistada, e os semicivilizados nórdicos, que a ocuparam, fugiram ante seus conterrâneos mais selvagens, e deixaram as cidades nemédias arruinadas e desertas. Estes nórdicos que fugiam haviam adotado o nome do antigo reino, e a eles nos referiremos quando, mais adiante, usarmos o termo “nemédio”. Chegando à antiga terra de Koth, expulsaram os pictos e os hirkanianos, e ajudaram o povo de Shem a livrar-se do jugo destes últimos. Um grupo de aesires expulsou os cavaleiros orientais da Britúnia e se estabeleceu no país, adotando o nome deste. Os nórdicos que haviam conquistado a Hiperbórea atacaram seus inimigos do Oriente com tal ferocidade que os morenos descendentes dos lemurianos se retiraram para as estepes, em direção ao Mar Vilayet.

Enquanto isso, os cimérios vagavam até o sudeste, destruíam o antigo reino hirkaniano de Turan e se instalavam nos litorais do sudoeste do mar interior. Estava assim destroçado o poder dos conquistadores. Diante dos ataques dos homens de Nordheim e da Ciméria, os turanianos destruíram todas as suas cidades, mataram os prisioneiros que não podiam acompanhá-los em seu êxodo e, logo, levando milhares de escravos, cavalgaram de volta ao misterioso Oriente, contornando as costas setentrionais do Mar Vilayet. Desapareceram, assim, da história ocidental, até que regressaram,

milhares de anos mais tarde, como hunos, mongóis, tártaros e turcos. Junto com eles, na retirada, partiram numerosos zamorianos e zíngaros que, assentados no oriente distante, formariam uma raça misturada, da qual surgiriam mais tarde os ciganos.

Enquanto isso, uma tribo de aventureiros vanires havia avançado ao longo da costa picta, no sul, e assolou a antiga Zingara, até chegar à Stygia. Este país, oprimido por uma cruel classe aristocrática, cambaleava ante o impulso dos reinos negros do sul. Os ruivos vanires conduziram os escravos a uma revolta geral, expulsaram a aristocracia e se estabeleceram, ao mesmo tempo, como classe dominante. Subjugaram os reinos negros mais setentrionais e erigiram um grande império ao sul, ao qual chamaram Egito. Os primeiros faraós orgulhavam-se de descenderem daqueles conquistadores de cabelos vermelhos.

O mundo ocidental se encontrava então dominado pelos bárbaros do norte. Os pictos continuavam na Aquilônia, parte de Zingara e costa ocidental do continente. Mas, a oeste do Mar Vilayet e, do Círculo Ártico até as terras de Shem, todas as terras estavam povoadas por tribos nômades de nórdicos, além das dos cimérios, estabelecidos no antigo reino de Turan. Não havia cidades importantes em lugar algum, exceto em Stygia e Shem. As ondas de invasores pictos, hirkanianos, cimérios e nórdicos haviam destruído todas as grandes povoações. Os poderosos hiborianos do passado desapareceram da face da terra, deixando apenas um vestígio de seu sangue nas veias de seus conquistadores. Apenas uns poucos nomes de terras, tribos e cidades perduraram na linguagem dos bárbaros, que com o passar do tempo se viram relacionadas com lendas fabulosas. Toda a história da Era Hiboriana desapareceu assim, numa bruma de mitos e fantasias. Deste modo, perdurou na língua dos ciganos o termo “zíngaro” (de Zingara) e Zamora. Os aesires que dominaram a Nemédia foram chamados de nemédios, e posteriormente figuraram na história da Irlanda. Os nórdicos estabelecidos na Britúnia receberam o nome de britúnios, britões ou bretões. Naquela época, não existia um império nórdico consolidado. Como sempre, cada tribo tinha seu próprio chefe ou rei, e lutavam selvagememente entre elas.

Não se sabe o que poderia ter sido do destino daquele povo, porque, nesse tempo, o mundo foi açoitado por uma terrível convulsão geológica,

que deixou os perfis da terra tal qual conhecemos hoje. Grandes áreas da costa ocidental afundaram. Vanaheim e Aesgaard ocidental – ocupados por geleiras e desabitados há muitos séculos – desapareceram sob as ondas. O oceano irrompeu em torno das montanhas da Ciméria ocidental, para formar o Mar do Norte. Estes montes se converteram nas ilhas posteriormente conhecidas como Grã-Bretanha e Irlanda. As ondas submergiram o que haviam sido as selvas pictas e as fronteiras da Bossônia. No norte, se formou o Mar Báltico, que só deixou de Aesgaard as penínsulas, onde mais tarde se instalariam Noruega, Suécia e Dinamarca. Muito mais ao sul, o continente stígio ficou separado do resto do mundo. Sobre Argos, Koth ocidental e Shem se estendeu o mar azul, chamado depois de Mediterrâneo. Logo, surgiu das ondas uma extensa área situada ao oeste da Stygia e que formou a metade ocidental do continente africano.

A convulsão das terras deu origem a grandes cordilheiras na parte central do continente setentrional. Tribos nórdicas foram completamente destruídas, e as restantes se retiraram para o leste. O território situado em torno do mar interno de Vilayet – que ia secando, pouco a pouco – não foi atingido, e ali, nas costas ocidentais, as tribos nórdicas começaram uma existência pastoril e conviveram, mais ou menos em paz, com os cimérios, até se miscigenarem com eles.

No oeste, os pictos que restaram, reduzidos pelo cataclismo, uma vez mais ao estado de selvagens da Idade da Pedra, começaram, com o incrível vigor de sua raça, a conquistar novas terras, até que, em épocas posteriores, foram vencidos pelo êxodo, até o ocidente, dos cimérios e nórdicos. Isto se deu tanto tempo depois da convulsão geológica, que só restaram lendas sem sentido sobre os antigos impérios.

A última invasão referida adentra o período da história que conhecemos, e, por isso, não necessita ser explicada. Se produziu como resultado de um grande crescimento da população; povoaram densamente as estepes situadas a oeste do Mar Vilayet – que, muito menor, passou a se chamar Cáspio –, a ponto de se fazer necessária a emigração. As tribos avançaram até o sul, norte e oeste, e penetraram naquelas terras conhecidas como Índia, Ásia Menor e Europa central e ocidental.

Chegaram a estas áreas e ficaram conhecidos como arianos. Mas, existiam diversas variações entre aqueles primitivos árias; algumas se reconhecem na atualidade e outras desapareceram há tempos. Os loiros aqueus, os gauleses e os bretões, por exemplo, eram descendentes de aesires puros. Os nemédios da lenda irlandesa descendiam dos aesires nemédios; os dinamarqueses originavam-se dos vanires; os godos – antepassados de outras tribos escandinavas e germânicas, e dos saxões – vinham de uma raça misturada de vanires, aesires e cimérios. Os celtas, antecessores dos irlandeses e dos escoceses das Terras Altas, descendiam dos clãs cimérios mais puros. As tribos címricas da Grã-Bretanha eram uma raça miscigenada de nórdicos e cimérios, que precederam aos mais puros bretões nórdicos em sua chegada às ilhas, e com eles originou uma lenda sobre a prioridade celta. Os cimbro que lutaram contra Roma eram do mesmo sangue, assim como Gimmerai dos assírios e gregos, e Gomer, dos hebreus. Outros clãs cimérios se aventuraram até as comarcas orientais do mar interior – muito reduzido pela evaporação – e, poucos séculos depois, se miscigenaram com povos de sangue hirkaniano e regressaram ao Ocidente, para serem conhecidos como citas. Os primeiros antepassados dos celtas deram seu nome à atual Criméia.

Os antigos sumérios não tinham relação alguma com as raças ocidentais. Se tratavam de raças miscigenadas, de origem hirkaniana e shemita, que não foram levadas pelos conquistadores em sua retirada. Numerosas tribos de Shem escaparam àquele cativo e, destes shemitas puros – ou de shemitas misturados com hiborianos ou nórdicos –, descenderam os semitas, isto é, os árabes, os israelitas e outras raças similares. Os cananeus, ou semitas alpinos, remontavam sua ascendência até antepassados shemitas, que se miscigenaram com os kushitas estabelecidos entre eles por seus invasores: os hirkanianos. Uma raça característica deste tipo eram os elamitas. Os etruscos, por sua vez, homens baixos e de membros robustos, que constituíram a base da raça romana, descendiam de povos com mistura de sangue stígio, hirkaniano e picto, e, em suas primeiras épocas, moraram no antigo reino de Koth. Quanto aos hirkanianos, que se retiraram às costas orientais do continente, deram origem, mais tarde, aos hunos, mongóis, tártaros e turcos.

A origem de outros tipos da era atual pode ser traçada de forma similar. Em quase todos os casos, por mais antiga que possa parecer, sua história se remonta aos tempos nebulosos da esquecida Era Hiboriana.

## **Era Hiboriana: Os Deuses**

*Compilado de escritos deixados por Robert E. Howard*

De acordo com o escritor americano, Robert Ervin Howard, cerca de 12.000 anos atrás, houve um glorioso período na pré-história da Terra entre a submersão da lendária Atlântida e a história conhecida no tempo dos egípcios e mesopotâmicos. Essa era ele chamou de Hiboriana, cujas maiores potências eram os reinos de Aquilônia, Nemédia e Turan, existindo onde hoje se encontram a França, Alemanha e União Soviética. Muitas eram as divindades adoradas no período hiboriano, e grande era sua influência em todos os habitantes do continente. Por essa razão, se quisermos compreender bem o meio ambiente no qual viveu o famoso bárbaro chamado Conan, é de absoluta importância um conhecimento detalhado sobre as entidades que compreendiam as várias religiões da época.

### **O Reino de Ymir**

O deus supremo dos aesires e vanires - habitantes de Aesgaard e Vanaheim - era Ymir, o gigantesco deus da guerra e da tempestade. Nada de muito definido se sabe sobre ele, exceto que governava Valhalla, uma região de planícies geladas e montanhas imensas, jazigo eterno para as almas de todos os guerreiros. Sua filha era Atali, uma jovem linda e de pele branca como a neve, que atuava como uma espécie de mensageira da morte, aparecendo aos lutadores feridos mortalmente durante uma batalha. Como, na época, Aesgaard e Vanaheim eram simples agregados de tribos independentes e não reinos unificados, provavelmente também tinham um grande número de deuses regionais, subordinados a Ymir. Mas isso é apenas suposição.

## **A Terra de Trevas e Noite Eterna**

Ao norte do continente, situava-se a Ciméria, uma região tenebrosa, repleta de montanhas cobertas por densas florestas, cujo céu era sempre cinzento e governado por deuses obscuros. No mais alto de todos os montes achava-se Crom, a severa divindade que controlava os destinos e decretava as mortes. Nenhum cimério tinha por costume suplicar algo a Crom, pois ele era lúgubre, selvagem e odiava os fracos. Apesar de ser o deus mais importante do reino, haviam outros, com menos seguidores, mas também adorados. Entre estes, nós podemos citar Lir, seu filho Mannanan, a deusa guerreira Morrigan, seus subordinados Badb (a fúria da batalha), Nemain (o venenoso) e Macha. A visão da vida e da morte, para os cimérios, era tão triste quanto sua terra e seus deuses. Em sua concepção, não existia esperança nem no presente, nem no futuro, pois eles tinham plena convicção de que os homens lutavam e sofriam em vão, encontrando prazer somente na loucura da batalha. Morrendo, suas almas penetravam em um reino escuro, frio e enevado, onde vagariam por toda a eternidade. Não é de se espantar que Crom fosse o deus de uma raça autoconfiante, cujas únicas ambições eram lutar pela sobrevivência e empenhar-se em tantos combates quanto possível.

## **A Chegada dos Hiborianos**

Quando o mundo foi abalado pelo Grande Cataclismo que fez submergir a Atlântida, os ancestrais daqueles que viriam a ser os hiborianos fugiram para o norte do continente. Nessa época, eles não passavam de simples selvagens, pouco mais desenvolvidos do que os homens de Neanderthal. Durante os 1.500 anos em que habitaram aquelas terras, os primitivos foram, pouco a pouco, desenvolvendo complexos rituais, bem como formas de adoração a seus ancestrais. Bori, por exemplo, deve ter sido um guerreiro bem-sucedido, transformado em lenda como herói nacional e, mais tarde, deificado. Antes de iniciarem o grande êxodo para o sul, os hiborianos eram seminômades, habitavam cabanas de couro de cavalo e viviam da caça e do pastoreio. Dessa forma, assim como as nações arianas e outros povos, eles começaram a adorar os céus e a imaginar formas celestes que governavam tanto os fenômenos naturais como as necessidades humanas. Esse conceito de deuses passou a dominar mais e mais suas crenças, na medida em que

aumentava sua expansão geográfica. Por cerca de 500 anos, as tribos hiborianas vagaram para o sul e sudeste sem ter suas crenças afetadas, até que, por fim, encontraram raças antigas e poderosas - como os acheronianos, estígios, zamorianos e outros - e conheceram seus deuses pré-catalísmicos. Graças ao contato com esses povos, toda a cultura hiboriana foi bastante modificada. As alterações mais marcantes se deram em suas técnicas e equipamentos militares, na estrutura econômica e social, na linguagem e em sua religião. Vivendo em aglomerados isolados entre os reinos, esses hiborianos acaram fundando nações primitivas, sendo as primeiras Koth e Ophir.

## **O Grande Deus**

Foi em algum momento, nessa época de transição cultural, que surgiu o deus Mitra para se transformar na divindade hiborian universal. Sua ascensão provavelmente começou cerca de 1.400 anos após a queda do reino de Acheron, quando as terras hiborianas se viram ameaçadas pela sombra de Set, o deus-serpente, e foram salvas graças ao esofrço do herói-profeta de Mitra, Epimetreus. Na época de Conan, Mitra já era considerado o único deus verdadeiro pelos seus adeptos, e, apesar de alguns outros cultos ainda serem tolerados - o de Ishtar, por exemplo -, Mitra reinou essencialmente sozinho. Cimérios e hiborianos parecem ter sido os únicos povos a não paraticar sacrifícios humanos nessa era. Os rituais de Mitra, pelo que se sabe, não incluíam sacrifícios de qualquer espécie. O deus era considerado onipresente e sua real aparência, desconhecida por todos. As estátuas erguidas em sua homenagem, não passavam de meras tentativas para retratá-lo numa forma humana tão perfeita quanto a mente do homem podia conceber.

## **Set e Ishtar**

Houve uma época em que quase metade do mundo conhecido estava sob o domínio de Set, o deus-serpente. Eram dias em que Acheron ainda existia como uma nação ativa e a Stygia dominava o reino de Shem. No período de Conan, contudo, a adoração ao senhor das trevas foi confinada unicamente à Stygia e suas áreas subordinadas, como o sudeste de Shem. A origem do deus remonta ao período pré-catclísmico, assim como as

pirâmides da Stygia. Sua origem assustadora deve ter sido baseada nas víboras que habitavam os pântanos ao sul do mar de Vilayet, encontradas pelos estígios em sua emigração para o oeste. O culto a Set era proibido pelos hiborianos, que consideravam a divindade um demônio maligno. Seus rituais eram sinistros e profanos, compreendendo longas procissões de sacerdotes mascarados e sacrifícios humanos em templos subterrâneos. Ao norte da Stygia, no reinado de Shem, a entidade mais venerada era a deusa Ishtar. Seus templos ricos e exuberantes serviam como palco para sacrifícios de animais, além de outras cerimônias religiosas. Embora o culto fosse claramente inferior ao mitraísmo, ainda era consideravelmente mais elevado do que a diabólica devoção dos estígios pelo deus Set, e bem menos profano do que as seitas pagãs de Turan, Vendhia e Khitai. Em linhas gerais, esse era o panorama religioso na Era Hiboriana do bárbaro Conan, idealizado pela fantástica imaginação de Robert E. Howard. Embora o bárbaro tenha crescido no temor de Crom, quando iniciou suas andanças para o sul, ele também sofreu a forte influência das culturas mais civilizadas, passando a crer em outras entidades como Ishtar e Mitra. Contudo, mesmo nas horas de maior perigo, o bárbaro raramente invocava o auxílio de algum deus, acreditando piamente, como todos os cimérios, que os únicos poderes capazes de ajudar um homem são a força, a coragem e a lâmina afiada de uma espada.

## **Erlik e o Tarim Vivo**

Erlik, o Senhor das Chamas é um deus de Pathenia, no norte da Hirkânia. Como tal, Erlik seria um deus secundário não fosse pelo profeta conhecido como Tarim Vivo. Tarim trouxe o culto a Erlik da Pathenia para um grupo de tribos hirkanianas que, com força de seu fervor religioso, se espalharam e fundaram o império de Turan. Erlik é um deus cruel que acredita na têmpera da alma através de provas e privações. Seus princípios, como foram revelados por Tarim, proíbem a fornicação, o consumo de álcool e a usura. No entanto, até mesmo a maioria dos sacerdotes ignora esses preceitos. Os clérigos de Erlik são capazes de aprender mágicas de Fogo, mas somente se eles seguirem os estritos códigos de conduta das Revelações de Tarim. Como a maioria não o faz, essa habilidade não é muito difundida no império turaniano.

## **Panteão de Shem**

Diferentemente do culto a Mitra, que usa o altar apenas como um foco, os shemitas acreditam que seus deuses realmente habitam seus onipresentes símbolos de bronze. Esses ídolos são caricaturas: o peito e o ventre intumescidos de Ishtar e as igualmente grandes características sexuais de Adonis são repulsivas para os adoradores mais refinados de Mitra. Cada lar tem um pequeno altar dedicado aos Amantes, e normalmente pequenas estátuas de outros deuses, incluindo Bel, cuja proteção é invocada contra seus servidores. Somente Set é excluído do altar. Nos templos, os ídolos dos shemitas têm tamanhos incríveis. As enormes imagens de bronze são santificadas, e suas barrigas avantajadas servem como uma fornalha de sacrifício onde se queima sândalo. Ovelhas, cabras, objetos de valor, às vezes algumas pessoas são atiradas às chamas para alimentar os deuses shemitas.

## **Adonis/Pteor e Ishtar**

A religião shemita baseia-se no mito do deus masculino celeste, conhecido como Adonis ou Pteor, e sua corte da Mãe Terra, Ishtar. Esse mito tem uma importância fundamental na crença shemita, e variações da história básica são ouvidas ao redor das fogueiras nos acampamentos dos nômades e em tavernas e templos das cidades-estado. Os sacerdotes de Adonis são capazes de aprender mágicas de Ar. Da mesma forma, as sacerdotisas de Ishtar são capazes de aprender mágicas de Terra.

### **Set**

Um tema comum no mito original é a intercessão do deus dos chacais, que tentou impedir os dois Amantes de consumir seu casamento e criar o mundo. Embora essa divindade tenha tido muitos nomes, os modernos teólogos shemitas identificam este deus-chacal com Set, o deus-serpente dos estígios.

### **Astoreth**

Astoreth, criada de Ishtar, representa a pureza e a castidade, e a revitalização da primavera. Ela aparece nas lendas como uma mensageira dos Amantes, e em um determinado momento resgata Pteor das garras de

Set simplesmente tocando seus grilhões. As sacerdotisas de Astoreth são capazes de aprender mágicas de Cura. No entanto, para manter suas habilidades, essas sacerdotisas têm de permanecer virgens. BEL Bel, deus dos ladrões, aparece em algumas versões do ciclo mítico shemita, e seus episódios relativamente periféricos são considerados acréscimos posteriores ao mito. Entretanto, Bel é adorado; os nômades zuagires e os ladrões de Asgalun apontam suas façanhas para provar que seus atos nefandos são abençoados pelos deuses. Os sacerdotes de Bel são capazes de aprender mágicas de Movimentação. Para manter estes benefícios, os sacerdotes não podem comprar nem trocar nada. Se eles cometerem qualquer deslize, Bel só será apaziguado com um sacrifício de mercadorias roubadas com um valor de dez vezes maior do que o item comprado.

## **Derketo**

Derketo é provavelmente de origem estígia. Na mitologia shemita, ela é a Sedutora; Derketo representa luxúria libertina, e Set a induz a seduzir Adonis e roubá-lo de sua noiva. De acordo com os shemitas, Derketo não é má; pelo contrário, suas paixões elementares não têm nenhuma relação com as sutilezas da luta entre Ishtar e Set. Quando descobre a trapaça de Set, ela se une aos Amantes em sua luta.

## **O Pavão Dourado de Sabatea**

Um culto monstruoso de Shem é o Culto do Pavão Dourado de Sabatea. Esse grupo adora uma criatura demoníaca coberta de plumas primorosas que exige sacrifícios humanos constantes. O culto sabateano assemelha-se aos Katari de Vendhya e aos Yoggites de Darfar no fato do culto capturar as vítimas para seus sacrifícios; o culto desenvolveu, através dos séculos, técnicas furtivas desconhecidas nos outros lugares, que ele usa para treinar seus "alcoviteiros".

## **Panteão de Vendhya**

### **Asura**

A maior parte dos vendianos adora Asura, que ensina que a vida é ilusória e a única verdade final descobre-se depois da morte, tendo em mente o espírito. O culto dedica-se a "penetrar o véu da ilusão da vida". As doutrinas de Asura revelam que todos os seres reencarnam, e que o propósito da vida é o pagamento de débitos cármicos contra a alma. Cada atitude perversa prolonga o ciclo de reencarnações; cada ato benigno encurta-o. Aqueles que sofrem fizeram por merecer suas provações em vidas anteriores; não se deve Ter pena deles. O culto a Asura se espalhou por todos os impérios hiborianos. Entretanto, sua natureza secreta combinada com suas doutrinas estranhas (para as mentes hiborianas), manteve-o sob suspeita e perseguido. Os sacerdotes de Asura são capazes de aprender mágicas de Ilusão e Criação.

## **Katar**

Existe uma outra seita chamando a atenção dos hiborianos em Vendhya: Katar, a Deusa da Morte. Katar é a juíza das almas, e determina a forma que cada alma deverá assumir em sua próxima vida, para pagar mais rapidamente seu débito cármico. Os templos de Katar mantêm um poder secreto na forma dos assassinos Katari. Esses guerreiros incorruptíveis assassinarão qualquer um se forem pagos para isso, embora o façam à sua própria maneira e na hora que acharem que devem. Eles são guerreiros poderosos, conhecidos por suas missões suicidas, nas quais cometem assassinatos em locais onde não existe nenhuma esperança de fuga. Eles são estimulados a fazê-lo pela promessa de vida eterna nos paraísos de Katar se eles morrerem enquanto estiverem executando sua tarefa "sagrada". Nem mesmo o devi (rei de Vendhya) está a salvo do empenho dos Katari, embora seu corpo de guarda-costas esteja constantemente atento à aproximação furtiva dos katari, e a cabeça de mais de um pretense assassino apodrece do lado de fora do palácio.

## **Deuses Animais Gullah**

Gullah, o deus-gorila (ou Jullah, como ele é conhecido nos Reinos Negros) é adorado pelos pictos e pelos plebeus de Kush. Pouco se sabe sobre o culto de Gullah, já que poucos estudiosos conseguiram permissão para entrar nos

templos, mas o deus exige um sacrifício humano de vez em quando, e o templo é decorado com os crânios das vítimas.

## **Hanuman**

O culto animal de Hanuman, o deus-macaco é um culto "civilizado"; ele é adorado em Zamboula. Os sacerdotes de Hanuman são temidos em vez de serem amados, mas o culto ao deus-macaco ainda é supremo em Zamboula. Um ritual incomum do culto é a Dança das Cobras, na qual uma jovem é obrigada a dançar entre quatro cobras, esquivando-se de suas venenosas presas até que ela, inevitavelmente, se cansa e cai para a morte.

## **Jhebbal Sag**

A divindade picta que tem mais seguidores é Jhebbal Sag, Mestre das Feras. De acordo com a lenda picta, todos os animais, inclusive o homem, já adoraram Jhebbal Sag. Agora, a maioria deles já esqueceu, e somente os animais maiores, mais fortes e mais inteligentes, lembram-se desses antigos dias. Aqueles que se lembram estão ligados uns aos outros, contudo, e podem ser controlados por um dos que servem a Jhebbal Sag. Ele é o líder dos Deuses Animais e todos os outros animais tótems servem a ele. JHIL Jhil, o Impiedoso, Rei dos Corvos, é adorado principalmente pelos pictos, os ghanatas dos Reinos Negros e suas tribos aliadas. Jhil promete liberdade para os fortes e escravidão para os fracos. Esta teologia dá aos ghanatas uma justificativa para sua escravatura.

## **Os Ligureanos**

No início do deslocamento hiboriano, um grupo de acheroneanos avançou pelas terras pictas. Eles chamavam a si próprios de Ligureanos. Exatamente quem e o que eles eram é um mistério, mas alguns deles eram feiticeiros competentes. A maior parte dos ligureanos esqueceu suas origens e acabou formando tribos selvagens, diferentes dos pictos apenas por terem a pele mais clara. Os druídas, sacerdotes dos ligureanos, são uma outra questão. Eles adoram a natureza personificada como uma deusa, e fora isso eles parecem ser equânimes entre os outros cultos. Os símbolos dos druídas são o carvalho e a foice dourada. Quais votos eles tomam é um mistério; com

certeza eles não são acéticos e alguns deles têm uma predileção notável por vinho ou pelo potente hidromel fabricado pelos próprios druídas. Eles se opõem a qualquer mágica que perturbe a ordem natural das coisas, e isso normalmente significa que eles se opõem a Set e seus servos. Muitos dos druídas são magos poderosos; o apoio deles pode ser valioso. Os druídas não tem templos. Seus locais de adoração são bosques de carvalho bem no interior das terras pictas. Mesmo o mais selvagem chefe picto ou a mais arrogante autoridade aquiloniana se comporta com cuidado quando está perto dos druídas e seus locais de poder.

## **Wiccana (Britúnia)**

A deusa da natureza Wiccana é adorada pelos britunianos da área rural. Da mesma forma que os ligureanos (ver ligureanos), os adoradores de Wiccana veneram o carvalho e o visco. Seu símbolo é a foice dourada, e eles devotam suas vidas a realizar atos de cura. A Wiccana aceita apenas sacerdotisas; os homens não podem servir diretamente à deusa. As sacerdotisas são celibatárias (embora não necessariamente virgens), e fazem o voto de nunca cortar o cabelo. As sacerdotisas moram em vilas, ao invés da reclusão em santuários privados.

## **Xotli**

Os antilianos adoram Xotli, Senhor do Terror, um grande demônio da Noite Antiga. Centenas de pessoas são sacrificadas todos os meses no topo da Grande Pirâmide em Ptahuacan. Os demônios pairam sobre a pirâmide na forma de uma massa escura cheia de tentáculos (como um kraken negro gigante) com um único olho no centro. Os sacrifícios são conduzidos até a pirâmide e presos nos Altares da Noite Final. Seus corações são arrancados, seus corpos servem de alimento para os dragões dentro da pirâmide e suas almas alimentam Xotli. Com uma manifestação tão poderosa como essa, há pouca necessidade de teologia abstrata em Antillia. O clero é liderado pela Hierarquia dos Mistérios Sagrados de Xotli, um descendente direto da primeira Hierarquia Xotli. Os sacerdotes de Xotli raspam a cabeça e usam mantos compridos feitos de plumas. Sob os mantos, os sacerdotes usam sapatos de plataforma, que aumentam sua estatura, e anéis de ouro, gargantilhas e braceletes nos pulsos, braços e tornozelos. Antigamente Xotli

dava a seus sacerdotes a habilidade de aprender muitos tipos de mágicas. No entanto, quando seu poder sobre eles cresceu, ele passou a negar esses benefícios.

## **Yama**

Os meruvianos adoram Yama, rei dos demônios de Vendhya. Yama é representado como um ser demoníaco com seis membros e a cabeça de uma fera, e recebe o crédito como o criador da Cúpula dos Deuses. De acordo com os sacerdotes de Yama, se o povo algum dia se revoltar contra a teocracia, Yama destruirá a Cúpula dos Deuses e afundará as Sete Cidades Sagradas na neve e no gelo do Topo do Mundo. Os sacerdotes de Yama têm a habilidade de fazer mágicas de Terra.

## **Yog**

O culto a Yog existe desde a invasão Khari. Os estudiosos hiborianos especulam que Yog pode ser um demônio da Noite Antiga, como aqueles adorados na antiga Atlântida. A doutrina de Yog é simples. Seus seguidores só podem comer carne, e não podem comer plantas de nenhuma espécie. Eles devem consumir carne humana pelo menos uma vez por mês, e aqueles que se não o fizerem serão considerados ritualmente impuros até que o façam. Em Darfar, os corpos para os rituais canibalescos vêm dos ataques contra outras tribos. Fora de Darfar, entretanto, os yoguitas formam bandos e levam o que conseguirem. Em qualquer lugar de Darfar onde houver muitos escravos, os grupos errantes caçam e matam qualquer um que deixar o abrigo à noite. Embora a maioria dos moradores tenha medo das cerimônias em honra a Yog, eles permitem que seus seguidores pratiquem sua religião, pois sem essa concessão, eles se rebelariam e se tornariam violentos. Para que o sacrifício gere o poder adequado, as vítimas são deixadas inconscientes com um golpe de clava e jogadas em fogueiras. Os sacrifícios com vítimas já mortas são considerados inferiores, da mesma forma que aqueles em que as vítimas sofreram cortes, pois os seguidores de Yog não usam facas nem espadas. Um adulto é suficiente para alimentar trinta ou quarenta yoguitas, já que a quantidade que tem de ser consumida para satisfazer as necessidades de Yog é pequena. Para aqueles que satisfazem essas exigências, Yog promete força no campo de batalha e a

vitória sobre os inimigos de seus seguidores. Essas promessas poderiam Ter mais peso se os escravos darfarianos fossem incomuns nas nações do sul. Mesmo assim, os adoradores de Yog são suficientemente devotos para praticar sua religião onde quer que eles estejam.

## **Zath**

Após a morte de Omm (supostamente morto por Conan), a mais famosa das divindades zamoranas é Zath, o deus-aranha de Yezud. Os adoradores de Yezud acreditam que o grande deus-aranha caminha pela Terra e deve ser servido pela raça humana. De fato, as gigantescas aranhas que têm sido vistas ocasionalmente nas colinas próximas a Yezud atestam o poder de Zath. Os sacerdotes de Zath não bebem álcool nem praticam sexo, e os leigos a serviço do templo também devem obedecer essas exigências. Ainda mais resguardadas são as virgens do templo, que dançam para o deus-aranha nos dias sagrados. Existem rumores de cavernas imensas sob o templo, onde vivem centenas de aranhas gigantes, que se alimentam do gado (e ocasionalmente de humanos) entregue pelos sacerdotes de Zath. Esse gado vem de um dízimo que é cobrado das quintas que cercam Yezud; diz-se que os sacerdotes soltarão essas aranhas nas plantações se o rei não permitir seu culto pavoroso. Os sacerdotes de Zath são capazes de aprender mágicas sobre Animais que dizem respeito às aranhas.

# **Era Hiboriana: Para o Styx e Al**

*por Dale E. Rippke*

*Originalmente publicado em REHUPA # 189 e 193*



## **Stygia e os Reinos Negros de Kush**

*(pesquisado e criado por Dale E. Rippke)*

Foi com grande expectativa e um entusiasmo mó dico, que finalmente abri minha cópia de “A Vinda de Conan, o Cimério”, de Del Rey. A longa espera acabara. Eu finalmente consegui ver os dois mapas da Hibória, desenhados pela mão de Robert E. Howard, o criador daquele mundo, em 1932.

Ambos os mapas foram desenhados à mão, e eles parecem uma projeção de mercador da Europa e Norte da África.

Os dois mapas, o esboço de 1932 e o definitivo do mesmo ano, embora largamente idênticos, contêm diferenças interessantes. Ambos os mapas são desenhados em latitudes levemente diferentes. O esboço de 1932 mostra parte da nação meridional da Stygia, enquanto relega nações ao norte (Nordheim e Hiperbórea) a meras áreas fronteiriças. O mapa final de 1932 reverte isto, mostrando a maior parte das nações do norte, enquanto tira aproximadamente toda a Stygia do mapa, com exceção de sua fronteira

setentrional, o Rio Styx. Outras diferenças incluem o tamanho e a localização de Turan e do Mar Interno (Vilayet), assim como as áreas fronteiriças entre Argos, Koth e Shem, bem como entre Zingara e as Terras Pictas.

Em 1936, Howard recebeu uma carta de um fã, P. Schuyler-Miller, contendo um mapa do mundo hiboriano que ele e o Dr. John haviam criado. Howard afirmou que o mapa deles estava surpreendentemente exato, considerando os dados vagos neles incorporados. Tendo desenhado uns poucos mapas em minha vida, sinto-me à vontade para dizer que a exatidão mostrada pelos dois fãs foi, em sua maior parte, devido às relações cartográficas entre os vários países hiborianos, e não tanto com relação ao tamanho e forma de cada nação. Seria, de fato, esclarecedor examinar este mapa de fã. Infelizmente, ele parece ter desaparecido com a morte de Howard.

Howard endereçou a matéria do mapa dos fãs, e sua coleta sobre a cartografia do mundo hiboriano, em sua resposta à carta de Schuyler-Miller: *“Eu tenho o mapa original – aquele que eu desenhei quando comecei a escrever Conan – (...) aqui em algum lugar, e vou tentar encontrá-lo para mostrar-lhes. Ele inclui somente os países a oeste de Vilayet e ao norte de Kush. Jamais tentei mapear os reinos do sul e do leste, embora tenha na minha imaginação um esboço razoavelmente nítido da geografia desses lugares. Entretanto, sinto uma certa liberdade em escrever sobre eles, já que os habitantes das nações hiborianas ocidentais ignoravam os povos e países do sul e do leste, assim como os povos da Europa medieval ignoravam a África e a Ásia. Ao escrever sobre as nações hiborianas do oeste, eu me sinto confinado aos limites das fronteiras inflexíveis e dos territórios conhecidos, mas ao inventar o resto do mundo, sinto-me capaz de dar asas à minha imaginação. Isto é, tendo adotado uma determinada concepção de geografia e etnologia, sinto-me compelido a me ater a isso, pelo bem da consistência. Minha concepção de leste e sul não é tão definida, nem tão arbitrária”*.

Parece que a representação cartográfica de Kush perturbou Howard, vez que ele sentiu a necessidade de explicá-los sua visão: *“Tratando-se de Kush, porém, este é um dos reinos negros ao sul da Stygia, o mais setentrional na verdade, e emprestou seu nome a toda a costa meridional. Assim, quando um hiboriano fala de Kush, geralmente não está falando do*

*próprio reino, nem de um dos muitos reinos semelhantes, mas da Costa Negra em geral. E é provável que fale de qualquer homem negro como sendo um kushita, seja ele um keshaniano, um darfariano, um puntiano ou o próprio kushita. Isto é natural, pois os kushitas foram os primeiros negros com os quais os hiborianos tiveram contato – piratas barachos que traficavam com eles e os atacavam”.* Seria interessante ver o que os fãs erraram sobre a cartografia de Kush. Isto soa como se eles tivessem acabado de fazer da nação de Kush um lugar maior e mais longínquo do que Howard imaginou ser.

Howard respondeu à carta de fãs, enviada por P. Schuyler-Miller, com uma versão atualizada de seu mapa do mundo hiboriano, detalhando as localizações de um número de cidades, assim como adicionando um par de países (Khauran e Khoraja). Ele também mostrou a direção de diversas cidades e países fora do mapa, usando indicadores. Este é o mapa que foi incorretamente identificado como sendo o mapa criado por P. Schuyler-Miller em “Gazeta do Mundo Hiboriano de Conan”.

## **O MAPA LANY**

Dois anos após a morte de Howard, em junho de 1936, a LANY Corporation publicou um livreto intitulado A ERA HIBORIANA. Seu conteúdo inclui o ensaio de Howard “A Era Hiboriana”, assim como “Um Possível Perfil da Carreira de Conan”, por P. Schuyler-Miller e o Dr. John D. Clark. O livreto também continha um mapa das terras hiborianas, desenhado por Miller e Clark, e baseado no mapa que Howard lhes enviara pelo correio. O mapa LANY foi o primeiro da Era Hiboriana visto pelo público, e desde então tornou-se a base de todos os mapas produzidos ao longo das décadas.

Então, qual a precisão dele?

Para a maioria, ele é quase um remendo. Enquanto eu não iria ao ponto de dizer que eles traçaram o mapa de Howard, as diferenças entre os dois são mínimas. O mapa LANY não mostra o mundo tão distante ao norte quanto o mapa de Howard, mas ele realmente mostra vários rios, assim como a nação da Stygia e as terras ao sul dela, algo que o mapa de Howard perde. Em essência, Miller e Clark conjuraram a seção sul do mapa fora de pistas e alusões nos textos, e enxertaram o resultado sobre seus mapas. Ao sustentarem que o mapa LANY foi baseado em um mapa preparado por Robert E. Howard, eles deram a impressão de que cada representação do

mapa deles teve sua origem no mapa de Howard, uma impressão que simplesmente não é verdade.

Então, mais uma vez, a pergunta parece ser: Qual a sua exatidão?

A resposta seria: “Razoavelmente próximo, mas parece haver alguns problemas sérios com ele”.



### Stygia e a disposição dos Reinos Negros

Uma porção do mapa LANY de 1938, desenhado por P. Schuyler-Miller e o Dr. John D. Clark.

O maior problema com os mapas LANY parece estar ao longo da divisa sul da Stygia. Miller e Clark mostram uma disposição de nações em fileiras, compreendida por (oeste para leste) Kush, Darfar, Keshan, Punt e Zimbabo. Uma leitura cuidadosa dos contos de Conan dissipará bastante a maneira como a relação entre as nações é exposta. Curiosamente, eles parecem mesmo ter ignorado a própria carta de Howard para eles, na qual ele estabeleceria que Kush era a mais setentrional das nações negras.

Eu especularia que a razão criada por Miller e Clark era dupla. Primeiro, eles estavam escoando todo o espaço inferior do mapa, para mostrar as relações apropriadas entre as nações. Segundo, eles sentiram a necessidade de exibir, no mapa deles, todas as nações negras que Howard tinha exposto na saga de Conan. Na minha opinião, o amontoado de nações negras foi a solução óbvia para estes dois problemas, matando dois pássaros com uma só pedra (ou, em Português: matando dois coelhos com uma cajadada só – Nota da Tradutora).

Quando Howard disse a P. Schuyler-Miller que o mapa estava surpreendentemente preciso, ele estava de fato se referindo às terras hiborianas, uma vez que ele notou que a versão deles de Kush tinha problemas. Na época do mapa, “Pregos Vermelhos” não tinha sido publicado; então não era fonte de informação. “O Vale das Mulheres Perdidas” e os fragmentos “Os Tambores de Tombalku” e “O Focinho nas Trevas” não estavam disponíveis para estudo. A maior parte de suas informações teria vindo de “A Rainha da Costa Negra”, “O Colosso Negro”, “A Sombra Deslizante”, “As Jóias de Gwahlur” e “Sombras em

Zamboula”. Os outros contos de Conan contêm porções e pedaços de informações sobre as terras negras, mas sem dados geográficos reais. Nós sabemos que as terras negras no mapa de Miller/Clark estavam erradas, por causa dos problemas que Howard teve com a maneira como eles apresentaram Kush. Isto significa que a fileira retrabalhada de nações negras, aparecendo sobre o mapa LANY está baseada em informações incompletas, e realmente não seria jamais aprovada por Howard em nenhum sentido.

Robert E. Howard deixou para trás bastantes informações não-publicadas sobre a relação entre a Stygia e os Reinos Negros. Uma vez que Miller e Clark perderam o acesso a este material e não o incorporaram no mapa deles, vou examinar o material, visando resolver seus problemas cartográficos. Com alguma sorte, posso conseguir esta parte de seu mundo hiberniano mais próxima daquilo que Howard visualizou.

## **O SUBCONTINENTE MERIDIONAL**

A chave para entender as relações cartográficas entre Stygia e os Reinos Negros ao sul, pode se originar apenas de uma compreensão de como Robert E. Howard visualizou a área em sua mente. O continente moderno, conhecido como África, era muito diferente durante a Era Hiberniana de Howard. Embora, em outros aspectos, ele não seja de todo diferente.

A partir da perspectiva de placas tectônicas, durante a Era Hiberniana, a orla oeste da placa africana foi achatada, submergindo quase toda a África Ocidental. Desde que a placa continental seja razoavelmente rígida, qualquer divisa achatada resultaria em uma elevação correspondente ao longo da divisa oposta. E, de fato, nós vemos evidência de uma elevação leste no mapa de Howard: o Mar Vermelho, o Golfo de Aden e o Golfo Pérsico não existem, enquanto a área aparece acima do nível do mar. Além disso, a divisa norte da placa africana é mostrada experimentando uma elevação extrema: o Mediterrâneo e o Mar Negro estão completamente acima do nível do mar. Permite-se argumentar que a divisa sul da placa africana é comprimida a um grau correspondente. Enquanto Howard na verdade nunca visita esta área, ele faz menção a grupos de ilhas que se situam bem ao sul de Kush nesta região.

Com relação ao clima, o sub-contidente ao sul das terras hibernianas não é na verdade tão diferente da África moderna. A grosso modo, a África tem um

cinto de florestas chuvosas que se encontram a 10 graus em qualquer lado do equador, e duas faixas de pastagens e savanas a cerca de 10 graus de largura, situadas a norte e (a um menor grau) sul das pastagens. Há um pouco de variação, mas no geral a Stygia de Howard e os reinos de Kush refletem esta realidade.

É bastante óbvio, a partir da leitura dos contos howardianos de Conan, que a maioria das nações negras de Kush estejam localizadas em vários lugares ao longo das grandes pastagens que se situam ao sul da Stygia. É a relação entre aquelas nações que define a cartografia de Kush, e é o próximo passo em nossa jornada.

## STYGIA



*A porção stígia do esboço do mapa, como desenhado por Robert E. Howard*

O melhor lugar para começar é com o mapa, esboçado em 1932. Uma comparação deste mapa com o mapa LANY, mostra que a versão de Howard sobre a Stygia é mais ampla, estendendo-se desde as cidades modernas da Tunísia, a oeste, até a Faixa de Gaza, a leste; uma distância de uns 2430 km. O mapa LANY tem as divisas norte e leste da Stygia terminando dentro da planície aluvial do Rio Styx, enquanto o mapa de Howard tem a divisa oriental da Stygia estendendo-se rumo leste, cerca de 320 km passada a dobra sul do rio. O mapa LANY mostra que a Stygia é uma nação bastante retangular, medindo cerca de 640 km de norte a sul. O mapa esboçado em 1932 não mostra, de modo algum, a divisa sul da Stygia: o que ele faz é mostrar uma nação que se estende na direção sul, no mínimo 960 km, bem dentro da área ocupada pela fileira das nações negras no mapa LANY.

Isto se ajusta bem, dentro da maneira como Howard descreveu a Stygia nas histórias de Conan. “A Hora do Dragão”, “O Colosso Negro” e “A Era

Hiboriana”, todas descrevem a divisão norte da Stygia (em toda a vida de Conan) como começando no Rio Styx. A única discrepância que achei entre o mapa e as histórias de Howard é que, em “A Hora do Dragão”, Howard descreve o Styx como fluindo a oeste para a grande curva por “algumas centenas de milhas”. No mapa, o rio flui na direção oeste por cerca de 1000 milhas (o equivalente a 1609 km – Nota do Revisor). Se isto é uma discrepância ou não, depende de como você interpreta o termo “algumas centenas de milhas”.

A divisa leste da Stygia é um pouco mais sombria. ?Sombras em Zamboula? descreve Zamboula, a cidade comercial do deserto, a qual se situa a leste da Stygia. A cidade foi construída pelos stígios e, por um tempo, foi o mais oriental posto fronteiriço de seu império, esculpido no Deserto de Kharamun, até que a cidade fosse invadida e anexada pelos cavaleiros de Turan. Os limites stígios foram empurrados para trás, quando eles perderam Zamboula, porém Howard nunca afirma que os stígios se retiraram para além do Rio Styx. A extensão leste da Stygia ultrapassa a direção sul da dobradura do Styx, que possivelmente ainda existia na época da vida de Conan. Faz sentido que os stígios quisessem conservar ambos os bancos do Styx nesta região sob o controle deles, uma vez que seria uma estrada comercial dentro dos Reinos Negros. O mapa esboçado em 1932 mostra que a extensão leste corre grosseiramente paralela ao Styx, estreitando-se gradualmente na direção sul. Enquanto nunca soubermos com certeza absoluta, parece lógico achar que a extensão vai tão longe quanto a fronteira sul da Stygia, embora apenas uns 80 quilômetros rumo ao leste, após o Rio Styx.

Meu próximo passo seria julgar e discernir a total forma e extensão da fronteira sul da Stygia. As histórias de Conan fazem menção apenas de duas terras situadas sobre as pastagens ao sul da fronteira da Stygia; o reino de Kush e a região conhecida como Darfar. Kush situa-se ao longo da parte oeste da fronteira sul da Stygia, dividindo um limite de, no mínimo, 640 quilômetros. A parte da fronteira da Stygia que se situa adjacente a Darfar é um pedaço de um quebra-cabeça, porém uma leitura cuidadosa de ?Pregos Vermelhos? fornece umas poucas pistas.

Valéria passou diversas semanas (presumivelmente menos que uma quinzena) em fuga, após deixar a fronteira da guarnição de Sukhmet, atravessando uma faixa de colinas azuis (azul sugere arborizada), para

chegar à floresta primitiva próxima a Xuchotl. Compare isto com a fuga anterior para Xuchotl.

Ao sul da Stygia, situa-se o Lago Zuad, próximo à fronteira de Kush (e não dentro da mesma). Residentes do lago, uma raça de stígios mestiços, chamada de tlazitlanos, se rebelaram contra o rei stígio e foram forçados a fugir na direção sul por *muitas semanas*, vagando pelas primeiras pastagens, então morros desérticos, chegando finalmente a uma grande floresta; a mesma floresta de Darfar que se situa logo ao sul da cidade stígia de Sukhmet. Agora parece bastante evidente para mim que a jornada de *muitas semanas* pôde cobrir no mínimo algumas centenas de milhas. Também a parte sul da Stygia, ao longo da fronteira de Darfar, situa-se dentro da região de pastagens. Tudo isso serve para fazer a fronteira stígia com Darfar situar-se bem mais longe ao sul que a fronteira dela com Kush. O mapa LANY que mostra Kush e Darfar compartilhando uma fronteira está errado! A fronteira stígia ao sul parece seguir a divisa com Kush, vira-se em direção ao sul e contorna um grande deserto que se situa acima das pastagens do oeste, e então reassume sua direção leste, até terminar nos desertos além do Rio Styx. Darfar situa-se ao sul desta seção oriental da divisa.

## KUSH

Howard descreve Kush como sendo tanto o mais setentrional quanto o mais ocidental dos reinos das pastagens. Sua capital é Shumballa, que se situa no meio das grandes planícies de pastagens da nação. Kush é a segunda nação listada dos quatro “vastos reinos negros”, situados ao sul da Stygia; então ele é provavelmente o segundo maior dos reinos negros. A Kush dos dias de Conan é, contudo, um vestígio de uma nação kushita bem maior, formada quando tribos stígias invadiram e ocuparam as pastagens ocidentais e o deserto. Finalmente, os stígios foram incapazes de exercer o constante controle que a região precisava para não cair na anarquia, e a nação se dissolveu. Kush é agora considerado um reino negro, apesar de sua aristocracia ser Chaga, de descendência stígia. Das histórias situadas na época de Conan, parece que seu limite ao norte se estende numa estreita faixa paralela à fronteira stígia de uma costa arborizada no Mar do Oeste, para leste no mínimo uns 640 km. Ao sul do segmento oriental desta faixa, situa-se um enorme deserto. A nação se estende na direção meridional, ao longo da costa, até alcançar as florestas chuvosas da região. Sua divisa leste

não é de fato definida, apesar de sua fronteira sudeste situar-se nas pastagens distantes da cidade de Bakalah, na selva. Eu acredito que a fronteira oriental de Kush termine mais provavelmente na orla do grande deserto que se situa a leste dela.

## **KORDAFAN**

Kordafan é um reino negro independente, mencionado na sinopse “O Focinho das Trevas”. Quando L. Sprague DeCamp e Lin Carter terminaram a história para os livros Lancer, eles rebatizaram a nação de Kordafa, mesmo que Howard a tenha escrito Kordafan. A disposição cartográfica da nação não é dada, apesar de seu povo ser descrito como tendo um tom escuro de pele. Isto implica que o país tem, no mínimo, um componente stígio. Kordafan é provavelmente um vestígio da ocupação stígia original das pastagens a oeste, talvez uma parte da Kush stígia.

## **O DESERTO MERIDIONAL**

Este vasto e desolado deserto situa-se a leste de Kush e cobre uma grande expansão da região oeste das pastagens. Howard usou o deserto como o cenário de “Xuthal da Escuridão”, colocando a cidade perdida de Xuthal bem dentro da região oeste. O deserto foi novamente palco, no fragmento interminado que se tornaria finalmente conhecido como “Os Tambores de Tombalku”. Exilados kothianos construíram a cidade de Gazal sobre um oásis na parte leste do deserto, enquanto no distante sudoeste situa-se a cidade politicamente dividida de Tombalku. É também o lar das tribos nômades do deserto: os ghanatas, a leste, e os mascarados tibus, bem ao sul. A extensão total deste deserto é um pouco nebulosa. Howard, em seu fragmento “Os Tambores de Tombalku”, tem o guerreiro aquiloniano Amalric (que esteve perambulando pelo deserto durante meses, mas na verdade acampado a um palmo da origem fronteira) expressando descrédito de que houvesse uma cidade nos arredores, estabelecendo que ele pensava haver apenas um deserto por mil milhas. Esta é uma afirmação bastante incrédula, vez que parece envolver a possibilidade de que o deserto esteja em algum lugar entre mil e duas mil milhas de lado a lado (dependendo de onde ele esteja acampado). Isto parece ser evidentemente impossível, vez que faria o deserto ser duas vezes mais extenso que a nação

da Stygia. Honestamente, um deserto de duas mil milhas (3218 km – Nota do Revisor) de largura se estenderia do leste de Kush até o oceano além do Iranistão, para não mencionar o completo deslocamento da região de Darfar. Enquanto acredito que Howard pretendia que este deserto parecesse enorme, minha opinião é de que Amalric está preso a uma quantidade razoável de exagero. O deserto parece ser compassado por Kush a oeste e norte, Stygia a nordeste, Darfar e Amazon a leste, e um segmento de pastagem para o sul, este habitado por várias tribos negras, membros do império de Tombalku.

## **TOMBALKU**

O império de Tombalku foi formado quando cavaleiros, da cidade semi-mítica de Tombalku, subjugaram as tribos da parte sudoeste do Deserto Meridional e as raças negras das estepes ao sul. Tribos subjugadas abrangiam o Império, incluindo os Tibus, Bagirmis, Mandingos, Dongalas e Bornus, tanto quanto as outras tribos ao sul do deserto. Não parece que Tombalku realmente faça fronteira com quaisquer outros reinos maiores, com exceção de possivelmente Kush.

## **DARFAR**

Nas pastagens ao sul da Stygia oriental, situa-se a região de Darfar. A verdadeira localização geográfica de Darfar parece estar bem distante da nação de Kush. Como Kush, ela é descrita como sendo parte de uma região de pastagem; contudo, a parte sul da Stygia oriental também situa-se sobre a parte norte daquelas pastagens (a cidade fronteira de Sukhmet encontra-se no meio das pastagens horizontais). A parte noroeste de Darfar parece ser parte das pastagens, seguida por uma faixa de colinas, e então a floresta segue para o sul. A floresta, no ponto onde Valéria a cruzou, não parece ser terrivelmente profunda, de norte a sul. Começa ao se deixar os morros; ela ainda podia vê-los, quando olhou para o norte. Isso significa que a floresta tinha, no máximo, 48 a 56 km de extensão, quando ela a cruzou, vez que ela terminou um pouco ao sul de seu ponto de vantagem. Em meio à parte sul da floresta, situa-se a cidade perdida de Xuchotl. A oeste da floresta, situam-se savanas abertas, onde tribos negras pastam seus gados. “Sombras em Zamboula” também descreve os habitantes de Darfar como sendo

“homens negros da linhagem dos pântanos”; então, eu imagino que uma parte enorme do leste de Darfar sejam terras de pântanos e mangues. Eu também acho interessante que nem Conan nem Valéria acreditam que os darfarianos pudessem ter construído a cidade de Xuchotl (embora eu deduza que eles o fizeram sob pressão), mas esperavam ver cortiços, cabanas ou habitações nos rochedos; ou seja, povoados. Darfar meridional é também mencionada no conto como uma região inexplorada. Isto se soma à sensação de que Darfar pode não ser uma nação civilizada, mas ao contrário, uma nação habitada e dominada por um grupo cultural, como a Ciméria ou os Sertões Pictos. Eu também acho que o Rio Styx, ou flui através, ou marca a divisa leste de Darfar. O grande número de escravos de Darfar que acabaram em Zamboula, também faria sentido, pois seria uma viagem relativamente curta rio abaixo.

## AMAZON

Amazon é mencionado apenas no ensaio “A Era Hiboriana”, de Howard. É a primeira nação listada dos quatro “vastos reinos negros”, situando-se ao sul da Stygia; Amazon poderia ser muito bem o maior país das terras negras. O ensaio também estabelece que, no final da Era Hiboriana, os exércitos da Hirkânia derrotaram um exército stígio no Nilus (Styx) e “percorreram o país [Stygia] bem longe ao sul, para o reino negro de Amazon, de cuja população eles trouxeram de volta milhares de cativos”. Isto implica que a nação de Amazon está, se não adjacente à fronteira sul da Stygia, então relativamente perto! Amazon, como descrito por L. Sprague DeCamp em seu conto “Conan, O Bucaneiro”, situa-se longe demais ao sul para ser fiel a Howard, vez que os hirkanianos teriam tido que atravessar toda a distância da floresta chuvosa equatorial para invadir o país. Acho que para ser fiel a Howard, a melhor localização de Amazon seria diretamente ao sul de Darfar. Sua orla oeste seria a parte sudeste do Deserto Meridional, se estendendo pra dentro da floresta úmida. De norte a sul, sua divisa leste seria o Rio Styx. Sua divisa sul está provavelmente bem mergulhada na floresta equatorial úmida.

## KESHAN

Keshan é um reino bárbaro situado nos sertões orientais do continente, onde as vastas pastagens se fundem com a floresta chuvosa. Sua cidade real é chamada de Keshia. Apesar de ter conquistado um par de nações tributárias,

Keshan é um reino razoavelmente menor, e é considerado mítico para as civilizações do norte e oeste. Uma leitura cuidadosa do conto de Conan “As Jóias de Gwahlur” desmente a noção avançada sobre o mapa LANY, de que Keshan situa-se nas pastagens do norte e compartilha uma divisa com a Stygia. A nação é descrita como situando-se primariamente nas pastagens do sul; sua parte meridional contida com selvas equatoriais que vêm do sul. A única divisa que foi definida dentro dos escritos de Howard é a fronteira oriental com Punt, embora tenhamos dito que Zimbabo situa-se tanto ao leste quanto ao sul de Keshan. Parece-me que a fronteira oeste de Keshan pode muito bem terminar no Rio Styx, vez que uma localização nos ?sertões orientais? implica que ela é localizada nas pastagens orientais daquele importante curso d’água. Outro ponto a ser considerado seria que o sagrado rio subterrâneo que corre abaixo de Alkmeenon, no sul de Keshan, teria que fluir ?sob? o Rio Styx, se o país fosse localizado como está no mapa LANY, vez que sua origem está em Punt. Uma localização keshaniana a leste do Rio Styx alivia este problema, enquanto o rio subterrâneo torna-se meramente um outro tributário do Styx.

## **IRANISTÃO**

O Iranistão, enquanto mostrado no mapa, é realmente parte do “Leste Azul”, de Howard, e como tal será tratado quando eu examinar aquela área em um artigo futuro.

## **PUNT**

Punt realmente não é muito bem descrito na saga de Conan. É um reino montanhoso que situa-se na parte leste das terras negras. Os habitantes de Punt cultuam uma deusa de marfim e extraem ouro de seus rios em cestas de vime. Há um lago onde o povo das terras altas puntianas atira seus mortos. Ele desemboca num rio subterrâneo que flui ao sul de Keshan. Punt parece ser uma nação isolada, guerreando freqüentemente com Keshan e provocando Zimbabo pela quebra de suas rotas comerciais. Punt compartilha sua fronteira oeste com Keshan e as fronteiras leste e sudeste com Zimbabo. Provavelmente também divide a fronteira nordeste com a nação oriental do Iranistão.

## **ZIMBABO**

Zimbabo é descrito nas estórias como a grande nação comercial dos Reinos Negros. É um reino "híbrido", o que eu interpreto como sua população étnica sendo misturada racialmente: um reino negro com fortes componentes iranistaneses e shemitas. A última nação listada dos "quatro vastos reinos negros" situados ao sul da Stygia, Zimbabo é mais provavelmente o quarto maior país das terras negras. O comércio é de máxima importância e a nação constrói fortalezas comerciais ao longo das rotas de caravanas de nações estrangeiras, como Punt. Zimbabo é bem situada para o comércio marítimo com nações como Kosala e Vendhia, e possivelmente até tão longe a leste quanto Khitai. Zimbabo divide sua fronteira nordeste com o Iranistão, sua fronteira norte com Punt e possivelmente parte de sua fronteira sul com Atlaia.

## **ATLAIA**

Atlaia é mencionada apenas no ensaio de Howard "A Era Hiboriana". Sendo ela a terceira nação enumerada dos quatro "vastos reinos negros" situados ao sul da Stygia, existe possibilidade de que Atlaia seja o terceiro maior país das terras negras. O fato de a nação não ser mencionada na saga de Conan, me leva a crer que ela não seja acessível pelas nações marítimas hiborianas. Isto também seria um argumento contra a localização de um pasto ao norte (presumivelmente entre Darfar e o Iranistão), uma vez que deveria ser bem conhecido por stígios e outros. Contudo eu a estou colocando nas savanas e regiões lacustres a sudeste da úmida floresta equatorial de Kush, adjacente ao sul de Zimbabo. Esta área não é definida de modo algum por Howard, e é antiga, mostrando os primeiros traços do desenvolvimento do homem em Olduvai, na África. Então, parece razoável colocar Atlaia onde a região é mais antiga e a área continuamente povoada.

## **A COSTA NEGRA**

A Costa Negra é um termo, usado pelos marinheiros hiborianos, para descrever o contorno litorâneo do Mar do Oeste ao sul da Stygia, semelhante às suas práticas de chamar todo o subcontinente meridional de Kush. Ela consiste em duas regiões: a região norte, que é a própria nação de Kush, e a meridional, o contorno litorâneo florestal sendo a verdadeira

“Costa Negra”. Se haviam quaisquer nações desenvolvidas ou impérios ao longo da faixa do sul, Howard não escreveu sobre eles. Ele mencionou um par de cidades-estado situadas na Costa Negra: Abombi, uma cidade saqueada por Conan e Bêlit; e Suba, uma cidade amigável para os corsários negros. Estas cidades-estado serviram provavelmente, em sua maioria, como interface comercial entre as cidades primitivas e vilas da chuvosa floresta equatorial, e os comerciantes marítimos da Stygia, de Shem e das nações hiborianas. Porém, tomada como um todo, a Costa Negra e sua chuvosa floresta equatorial interna são apenas uma enorme área deserta.

## AS ILHAS DO SUL

As Ilhas do Sul são abrigo para um número de reinos insulares, e fornecem o ímpeto e o efetivo humano por trás dos infames Corsários Negros. Os habitantes das ilhas desenvolveram-se isoladamente, e não são de linhagem negróide comum; eles são descritos como tendo traços e cabelos mais retos, assim como sendo de pernas mais longas e membros mais claros do que a média kushita. Os Corsários Negros são descritos em ‘As Jóias de Gwahlur’ como sendo os *lobos das costas do sul*, o que implica que eles atacavam as costas sul e sudeste tanto quanto a infame Costa Negra, a oeste. As ilhas estão situadas, tanto em ‘A Rainha da Costa Negra’ quanto em ‘A Hora do Dragão’, como bem distantes ao sul da Stygia. Eu acredito que a menção de Bêlit sobre “os fogos do extremo sul”, se refira à natureza vulcânica das ilhas. Enquanto a maioria dos mapas coloca as ilhas no Mar do Oeste, fora da Costa Negra meridional, eu creio que elas estejam verdadeiramente localizadas na parte sul de Kush continental, devido à placa tectônica meridional africana estar submersa.

Apesar de não haver nenhuma realidade histórica em relação às ilhas, elas aparecem sobre meu mapa como os topos da submersa fileira das Montanhas Drakensberg.

## NEGARI

O único país que você não encontrará no mapa de Kush da Era Hiboriana é o reino de Negari. Negari é detalhado no épico howardiano de Solomon Kane “A Lua das Caveiras”. A nação foi outrora uma colônia do império da Atlântida, existindo na Idade Moderna; então, em face disto, Negari deveria

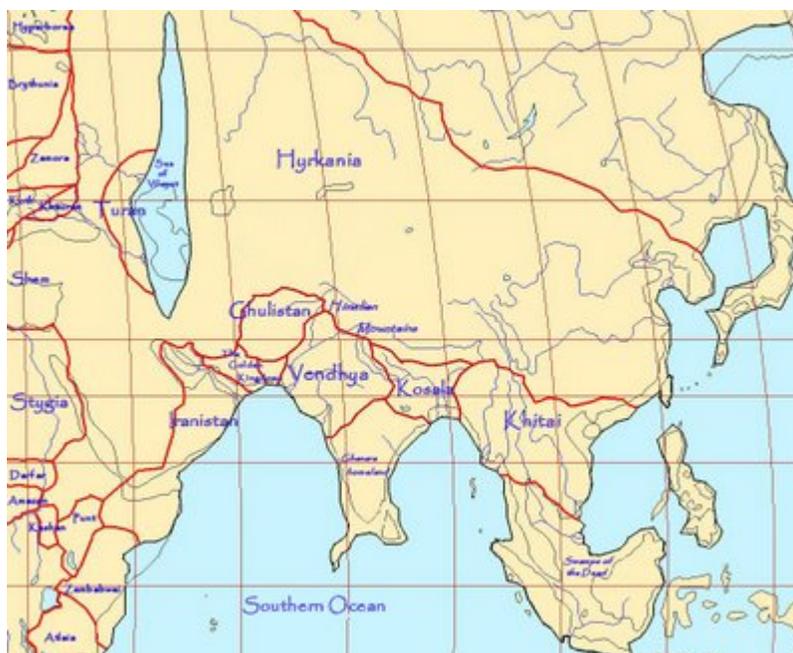
ter existido durante a Era Hiboriana. Esta visão é de certo modo problemática, vez que ela contradiz muito do que é deduzido sobre aquela era. Primeiro de tudo, a Atlântida da Era Thuriana foi um reino rude e bárbaro, que nunca alcançou as alturas da civilização relatada na estória de Solomon Kane. Negari também é descrita como situada dentro da Costa dos Escravos, na África ocidental – uma área submersa no mar durante a Era Hiboriana. O único modo de resolver esta inconsistência é pelo entendimento de que há, na verdade, duas versões da Atlântida, propostas por Howard: uma sendo um continente que foi destruído no final da Era Thuriana; e a outra foi uma civilizada nação insular, que existiu durante o cataclismo que acompanhou a Era Glacial subsequente ao fim da Era Hiboriana. Negari não era parte de Kush até bem depois de toda a vida de Conan ([5](#)).

\* \* \*

A etapa final neste artigo é produzir um mapa das regiões meridionais, que reproduza a Stygia exatamente como ela aparece no mapa esboçado por Howard em 1932, e colocar as nações de Kush em suas posições apropriadas, como deduzidas a partir das estórias. O resultado final é o mapa que acompanha este artigo.

## **O Leste Azul**

*por Dale E. Rippke*



Há mais de setenta anos, o escritor Robert E. Howard criou um mundo fantástico, ao qual denominou A Era Hiboriana. Ela foi situada em nosso mundo, há milhares de anos, antes da última grande era glacial. O herói destes contos da Era Hiboriana, Conan o cimério, viajou longe e amplamente pelas terras de sua era. Howard desenhou alguns mapas, mostrando as nações da região “européia”. E deixou o resto do mundo para a nossa imaginação.

Howard escreveu uma carta para P. Schuyler Miller, em 10 de março de 1936, na qual explicou sua visão das regiões ao sul da Stygia e a leste do Mar Vilayet: *“Jamais tentei mapear os reinos meridionais e orientais, embora tenha na minha imaginação um esboço razoavelmente nítido da geografia desses lugares. Entretanto, ao escrever sobre eles, sinto uma certa liberdade, já que os habitantes das nações hiborianas do oeste eram tão ignorantes a respeito dos povos e países do sul e leste quanto o povo da Europa medieval, acerca da África e Ásia. Ao escrever sobre as nações hiborianas ocidentais, me sinto confinado aos limites de territórios e fronteiras conhecidos e inflexíveis, mas ao inventar o resto do mundo, sinto-me capaz de dar asas à imaginação. Isto é, tendo adotado uma certa*

*concepção sobre geografia e etnologia, sou obrigado a me guiar por ela, pelo bem da coerência. Minha concepção do leste e do sul não é tão definida nem tão arbitrária”.*

Howard se recusou a prender-se no traçado do Leste durante sua vida, mas após sua morte em 1936, esta área se tornou um belo jogo para todos. Sua imaginação se tornara fixa, como uma mosca no âmbar.

O primeiro mapa das regiões orientais do qual me lembro foi publicado em 1975, numa revista chamada *The Savage Sword of Conan*. No volume 9, o artista Tim Conrad desenhou um novo mapa do continente hiboriano, das orlas ocidentais às orientais. Seu mapa em preto-e-branco foi baseado na versão Lancer/Ace da saga de Conan, adicionando o material criado por Lin Carter e L. Sprague DeCamp na mistura, o que é uma bênção ou uma maldição, a depender do seu ponto de vista. Ele fez um par de localizações deduzidas. No geral, era um grande e caprichoso mapa.

Este foi rapidamente sucedido pelo extraordinariamente belo mapa Starmont House da Hibória, poucos anos depois. O mapa colorido da Starmont mostrava o Leste com maiores detalhes que o mapa de Conrad. Ele seguiu o exemplo de Conrad, ao manter as localizações intactas. Infelizmente, foi estragado por uma localização defeituosa: a Mu de Howard NÃO É o continente da Austrália.

O próximo mapa mundial hiboriano importante apareceu no jogo GURPS. Era um mapa preto-e-branco, como o de Conrad e, honestamente, não tem nada de especial. Sua importância se deve ao fato dele ser a base de todo mapa hiboriano profissional que foi produzido desde então, do mapa exibido no **Guia do Universo de Conan**, da Marvel Comic, aos magníficos mapas mundiais de jogos de Conan, atualmente produzidos pela Editora Mongoose.

Decidi, há muito tempo, quebrar a tradição e criar um mapa do Leste que corresponda apenas com os textos de Howard, sem necessidade de acrescentar material de outros autores. Um mapa preciso do mundo hiboriano deveria, na verdade, refletir apenas o programa e o plano de Howard. Isto requer uma análise do material de Conan, com uma percepção

para determinar quais as terras que estão dentro da região “asiática” do continente de Howard. Imaginei, uma vez que não há uma grande quantidade de informações sobre esta área, que seria um ensaio fácil; pisar o chão já percorrido por outros.

Cara, eu estava enganado...

O Leste, como descrito nos contos de Howard, é um pouco diferente do que transmitem os mapas recentes da área. Fatos e indícios, quando contextualizados, recusavam-se a simplesmente se disporem dentro dos padrões determinados pelos cartógrafos anteriores. Espantosamente, encontrei algo errado em quase todos os países que examinei.

## **O LESTE AZUL**

A chave para entender a área é tentar ver como Howard a imaginou. A geografia da Era Hiboriana é extremamente similar, e seu clima não parece ser muito diferente do de hoje. Das poucas histórias situadas em regiões orientais, tem-se a impressão de ser uma Ásia pouco disfarçada: Khitai como China, Vendhya como Índia, etc. Entretanto, não é tão simples; e este foi o erro cometido pelos cartógrafos anteriores.

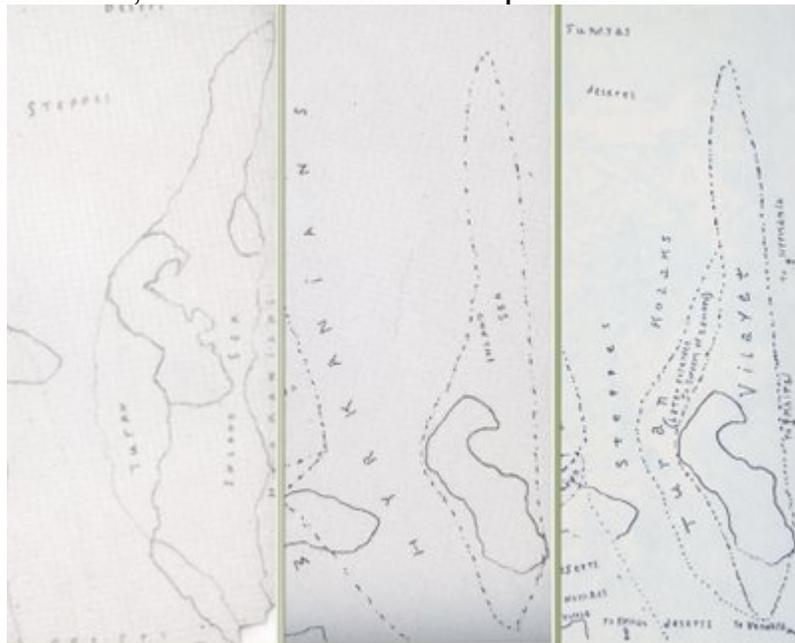
Para o entendimento apropriado da área, as diversas relações entre os países precisam ser apuradas e entendidas. Estas relações, em vários casos, estão entrelaçadas racial e culturalmente. A história de cada país, onde determinada, tem que encontrar os fatores. Outro ponto a ser considerado é o de que tudo tem que se ajustar dentro das pistas que Howard forneceu. Precisa estar coerente ao contexto.

Do ponto de vista das placas tectônicas, o continente Oriental passa por uma série complexa de interações entre ele e as placas vizinhas. Será necessário simplificar isto, de alguma forma. Dos escritos de Howard que conhecemos, há uma elevação bastante impressionante nas terras a sudoeste (o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico estão acima do nível do mar). As terras

a oeste e noroeste estão comprimidas e parcialmente submersas (o Mar Vilayet). Há também sinais de elevação no sudeste, enquanto uma região ao sul de Khitai está em evidência. Assim, o que podemos deduzir disto?

Admitindo que a placa Oriental seja bastante rígida, então as regiões opostas deveriam refletir uma situação contrária (em seu modelo simplificado). Isto significa que o nordeste deveria estar comprimido, enquanto certa emersão está presente no leste. As únicas regiões não consideradas são as partes norte e sul, e podemos usar a lógica para entender estas partes. Por exemplo, já que o sudoeste e sudeste estão emersos, então é evidente que a porção meridional esteja, ou emersa ou numa posição neutra; jamais estaria comprimida. Isso significa que a região norte está, ou comprimida ou neutra. Farei uma média daquelas regiões, de modo que o sul (Vendhya) fique meio emerso, ao passo que as terras do norte ficam meio comprimidas.

Com isto em mente, vamos continuar o mapeamento.



### **Turan e o Mar Vilayet (ou Mar Interno)**

As seções orientais dos 3 mapas da Era Hiboriana, desenhados por Robert E. Howard

À Esquerda: mapa esboçado em 1932 - Turan é mostrada em sua posição correta, embora o Vilayet esteja ampliado.

Ao Centro: mapa final de 1932 - Turan não é mostrada, e o Vilayet está em sua configuração final.

À Direita: mapa de 1936 - Turan é mostrada num contorno diferente do que as histórias existentes sugerem.

## TURAN

A primeira terra que vou examinar é o reino hirkaniano de Turan. É uma nação com terras originalmente se estendendo fundamentalmente ao longo da costa sudoeste do Mar Vilayet; ambições imperiais fizeram-na se expandir dramaticamente durante a vida de Conan. Os contos de Howard mostram-na se expandindo para oeste até a fronteira zamoriana e a cidade shemita de Shushan; para o sul, até a cidade de Zamboula; para norte, até a Hiperbórea, e a leste, para dentro da Hirkânia e do Ghulistão. Turan foi fundada em tempos relativamente recentes, talvez uns mil anos antes do reinado de Conan. Uma tribo hirkaniana contornou a margem sul do Vilayet e fundou a nova nação no litoral sudoeste do mar. A capital da nação é a grande cidade portuária de Aghrapur. Outras grandes cidades de Turan são Sultanapur, Khawarizm, Shahpur, Khorusun (Khurusun), Zamboula, e Akif dos jardins púrpuras.

O povo de Turan é uma raça lemuriana, de ancestrais do sul da Hirkânia. Têm a pele escura, são altos e magros, com cabelos escuros, olhos escuros e traços retilíneos. Os espadachins e cavaleiros de elmos dourados de Turan usam cota-de-malha prateada, e são considerados por Howard os mais hábeis arqueiros do mundo hiboriano.

Turan é a única nação do Leste Azul, representada nos mapas existentes de Howard sobre a Era Hiboriana. Aparece primeiro no seu mapa esboçado em 1932, embora seja retratada como uma nação de tamanho modesto, cingindo uma porção da margem sudoeste de um Mar Vilayet bastante

ampliado: Turan não aparece de modo algum no outro mapa de Howard, de 1932; ao invés disso, o mapa mostra apenas uma região indefinida, com o nome “hirkanianos”. Seu terceiro e último mapa, de 1936, retrata a clássica nação turaniana que apareceu em todos os mapas até o final dos anos 70, e em quase metade dos mapas feitos desde então. O mapa LANY de 1938, mostrado por P. Schuyler Miller e John D. Clark, é o primeiro mapa a mostrar várias localizações turanianas, fornecidas nas estórias de Howard; mais notavelmente Aghrapur, Khawarizm e o Rio Zaporoska. Outros mapas, desde então, adicionaram cidades e rios até alcançarmos a situação dos mapas comumente aceitos do mundo hiboriano.

Curiosamente, a informação que Howard narra sobre Turan em **A Era Hiboriana** (escrito no início de 1932), **Sombras de Ferro na Lua** (escrito no final de 1932) e **O Demônio de Ferro** (escrito no início de 1933) se ajusta melhor ao seu desenho de Turan na versão do mapa esboçado em 1932, do que a representação em seu mapa posterior, de 1936. Isto realmente não deveria ser uma surpresa, já que este é o mapa no qual Howard teve que trabalhar na época em que escreveu os contos. Exames das inconsistências entre as estórias e os dois mapas podem ser mostrados. **A Era Hiboriana** relata que os hirkanianos estabeleceram a nação de Turan no litoral sudoeste do grande mar interno. O mapa-esboço de 1932 mostra isso como verdadeiro, enquanto o mapa de 1936 realmente estende o significado de sudoeste, para representar uma nação que cobre os 2/3 de baixo de toda a costa ocidental do Vilayet. **Em Sombras de Ferro na Lua**, Conan descreve seu plano para escapar de Turan, remando num barco, desde um ponto próximo ao Rio Ilbars: *“Os hirkanianos dominam a costa sudoeste ao longo de centenas de milhas. Ainda temos um longo caminho, antes de ultrapassarmos suas fronteiras setentrionais. Pretendo ir para o norte, até achar que já os passamos. Então, viraremos para oeste, e tentaremos desembarcar nas praias cercadas pelas estepes desabitadas”*. O plano é perfeitamente razoável, da maneira como a nação turaniana é desenhada no mapa-esboço de 1932. Usando as fronteiras da nação do mapa de 1936, se faz parecer que Conan é ignorante da geografia, uma vez que, assim, ele precisaria remar seu barco DUAS VEZES MAIS LONGE, para se livrar das fronteiras de Turan indo para o norte do que para o sul. Finalmente, a descrição física de Howard do Mar Vilayet meridional, em **O Demônio de Ferro**, mostra que a nação de Turan não parece se estender

totalmente para o ponto mais meridional do mar. Esta é exatamente a forma como Turan é representada no mapa-esboço de 1932; o mapa de 1936 mostra a fronteira sul da nação se estendendo até o extremo sul do Vilayet.

Estou entre duas posições nesta questão. Por um lado, Turan deveria ser retratada num mapa, da forma como é descrita nas estórias. Por outro, a expansão turaniana, durante a vida de Conan, faz das fronteiras de Turan um alvo móvel e, na realidade, um ponto discutível. A única maneira autêntica, pela qual posso conciliar os problemas surgidos entre contos e mapas, é tentar enxertar a Turan do mapa-esboço de 1932 sobre o bem menor Mar Vilayet do mapa de 1936. Não é a solução perfeita, mas é a que serve melhor aos contos existentes.

O próximo passo, no mapeamento de Turan, é definir o curso dos dois maiores rios turanianos: o Rio Ilbars, de **Sombras de Ferro na Lua**, e o Rio Zaporoska, de **O Demônio de Ferro**. Pelos contos, parece que o Zaporoska é o rio mais meridional e o Ilbars fica ao norte dele.

O Rio Zaporoska não aparece em sua devida posição, em nenhum dos mapas que vi do mundo hiboriano. Ele foi primeiramente desenhado no mapa LANY, de 1938, exibido por P. Schuyler Miller e John Clark, como sendo um rio hirkaniano que desembocava no extremo sul do Mar Vilayet. Examinando as evidências intrínsecas de **O Demônio de Ferro**, realmente o Zaporoska é mostrado desembocando no sul do Vilayet, mas do lado turaniano. É assim que vejo o caso para uma localização turaniana assentada fora.

**O Demônio de Ferro** mostra que Howard situou a terra natal dos yuetshis estando “*ao longo da margem sul do Mar de Vilayet desde tempos imemoriais*”. Ele também descreve a área ao redor de Xapur: “*A costa adjacente da terra principal era inabitada; um pântano, cheio de juncos, deu lugar às feras medonhas que o assombravam. A aldeia de pescadores [yuetshis] ficava um pouco distante ao sul, na terra principal. Uma tempestade havia levado seu frágil barco pesqueiro para longe de seus lugares costumeiros, e o destruíra, numa noite de clarões chamejantes...*”. Desse modo, o que isto me diz é que a ilha de Xapur fica ao norte do litoral sul do Vilayet, adjacente tanto à costa oeste quanto leste. Ao mesmo tempo

em que é descrita como situada “*a alguma distância*” e “*longe*” das terras yuetshis, pode, na verdade, ser apenas distante o suficiente para que um pequeno barco possa ser levado no decorrer de uma única noite. Então, ela possivelmente fica a uns 160 km do limite norte da terra yuetshi, mas é bem mais realista situá-la a uns 80 km. Howard descreve as extensões mais baixas do Rio Zaporoska como uma “*desolação de juncos*”. O “*pântano cheio de juncos*”, adjacente a Xapur, é da mesma área que “*as extensões mais baixas do Zaporoska*”, uma vez que Conan é posto para fugir da ilha “*pelas águas azuis, até o distante acampamento, na foz do Zaporoska*”.

Além disso, **O Demônio de Ferro** relata que o papel do governador de Khawarizm é “guardar a fronteira”. Isto implica que a cidade é próxima à fronteira externa de Turan, e não próxima ao densamente povoado centro da nação. Quando Octávia escapa de Khawarizm, ela rouba um cavalo, cavalga a noite inteira para o litoral marinho, e nada até Xapur. Então, Khawarizm não fica na costa marítima, e também não é tão longe do acampamento de guerra de Conan, no Rio Zaporoska.

Howard descreve os incursores kozakis como uma força que atormenta as fronteiras ocidentais de Turan: “*Nas largas estepes entre o Mar Vilayet e as fronteiras dos mais orientais reinos hiborianos, uma nova raça começara a soprar no último meio-século...*”. É importante notar que Howard descreve a localização dos kozakis em duas histórias: **O Demônio de Ferro** e **Sombras de Ferro na Lua**. Ambos os contos situam estes bandoleiros no mesmo local: ao longo das fronteiras ocidentais de Turan. Não há menção alguma dos kozakis no sul ou leste do Mar de Vilayet. O local do acampamento de guerra de Conan parece supostamente situado como uma conexão entre os kozakis, a oeste, e os piratas hirkanianos com os quais se relaciona no mar a leste. Textualmente, parece razoavelmente certo que o Rio Zaporoska desemboque nas extensões meridionais do Vilayet que ficam dentro da terra de Turan. Por que o mapa LANY de 1938 não reflete isto, eu só posso imaginar.

O Rio Ilbars é mencionado em **Sombras de Ferro na Lua**, mas a história absolutamente não descreve o curso do rio. Sua estréia num mapa hiboriano foi no mapa modificado por David Kyle, que apareceu na série de Conan publicada pela Lancer Books. Aquele mapa mostra a nascente do Ilbars

situada na distância sul, numa cadeia de montanhas iranistanesas. Seu curso segue para norte, paralelo com o sudeste do Vilayet por centenas de milhas, antes de finalmente virar para leste e desembocar no mar, perto de Aghrapur. Infelizmente, esta localização está incompatível com os detalhes dos contos de Howard.

O curso do Rio Ilbars não pode ser da forma que é representado no mapa da Lancer, porque correria para dentro do Rio Zaporoska, bem antes de chegar suficientemente ao norte para fazer sua curva para leste, em direção ao Vilayet. A nascente do Ilbars só pode ser nas terras altas a oeste de Turan, nas “*montanhas que margeiam as fronteiras orientais de Zamora*”.

Parece bastante fácil reconstituir a nação de Turan, usando as descrições de Howard. Em grande parte, sua geografia é definida pela porção oeste do Mar Vilayet. A primeira coisa que eu faria é desenhar Turan de acordo com a própria escala do Mar de Vilayet. Turan tem quase 1600 km de extensão, enquanto Howard mostra o Mar de Vilayet com mais de 3800 km, do extremo norte ao extremo sul, em seus outros dois mapas. A fronteira turaniana começaria a cerca de 480 km da ponta do sul do Vilayet, e se estenderia num arco irregular para o norte, num ponto a 1600 km de onde começou. Isto o alinha à descrição dada nos contos. No extremo norte de Turan, ao longo da costa marítima, ficaria uma das maiores cidades da nação, a qual creio ser Shahpur (se **O Demônio de Ferro** estiver listando-as por ordem de importância). Ao longo da costa, até o sudoeste daquela cidade portuária, haveria um grande pantanal, cujo centro é o estuário do Rio Ilbars. A cidade de Akif ficaria ao longo do Rio Ilbars, no ponto em que as férteis planícies costeiras se transformam nas estepes ocidentais. A nascente do Ilbars seriam as montanhas a oeste, em Zamora. Ao sul do pantanal, na saliência mais ocidental do mar, ficaria o segundo maior posto turaniano: Sultanapur. Ao sul daquela cidade, ficaria o coração de Turan: as férteis planícies costeiras entre ela e a opulenta capital, Aghrapur (a primeira cidade fundada pelos colonos hirkanianos, vindos do sul). A oeste desta capital, no limite entre as estepes ocidentais e o deserto, está o posto-avançado turaniano de Vezek. Eu colocaria, como parte da margem sudoeste do Vilayet abaixo de Aghrapur, outro volumoso pântano; situando a foz do Rio Zaporoska no centro dele, adjacente à Ilha de Xapur e logo ao norte da cidade de Khawarizm. Eu faria sua nascente ser nas terras altas do

leste de Koth (é o rio que Conan observa, enquanto está pregado na cruz que forma a fronteira sul de Khauran), e seu curso seria irregularmente paralelo ao limite sul das estepes, após o qual estão situados os desertos do sudoeste. Eu colocaria Khawarizm nas planícies costeiras a sudoeste do pântano, próxima ao limite do deserto. Forte Ghorí fica a noroeste da cidade, no limite das estepes. A terra dos yuetshis fica ao sul dos pântanos, nas desertas terras costeiras além das fronteiras de Turan. As outras duas maiores cidades turanianas ficam fora das fronteiras oficiais da nação: Zamboula, no Deserto Kharamun, e Khorusun, na Hirkânia.

## O MAR DE VILAYET

O Mar de Vilayet é uma grande massa de água, que separa as terras hiborianas de Howard das nações do Leste. É, às vezes, mencionado como Mar Interno e uma vez como o Mar Azul. É presumivelmente um mar do interior, uma vez que não tem ligações diretas com oceanos (os hirkanianos cavalgavam ao redor do extremo norte tão facilmente quanto do extremo sul). O Mar tem dois rios que sabemos que desembocam nele: o Ilbars e o Zaporoska. Há um grande número de ilhas inabitadas que pontilham o grande Mar Interno. A costa sudoeste (de Turan) é coberta de pântanos juncosos, enquanto a oeste há estepes cobertas por gramas e, no extremo norte e sul, desertos. A costa leste é descrita como montanhosa, com colinas cobertas por florestas e habitadas por grandes macacos cinzas. O Mar foi formado durante o cataclismo menor que sacudiu o mundo, 500 anos depois do Grande Cataclismo ter encerrado o mundo thuriano. A primeira nação conhecida do Vilayet foi a cidade-estado de Dagon, na ilha de Dagônia (Xapur), destruída, *“perdida e esquecida, antes que os conquistadores hiborianos houvessem cavalgado para o sul”*. Na época de Conan, a nação de Turan fica em seu litoral sudoeste, enquanto a terra da Hirkânia fica a seu leste.

O primeiro mapa a mostrar o Mar Vilayet (ou Interno) é o mapa-esboço que Howard desenhou. Ele mostra um Vilayet que tem quase duas vezes o tamanho dos retratados nos outros dois mapas de Howard. Ele inclui as

bacias, tanto dos mares Cáspio quanto de Aral, e sua região sul é parte do Golfo Pérsico. Sua extremidade norte fica quase na mesma latitude da nação da Hiperbórea. O outro mapa de Howard, de 1932, e o de 1936, mostram um Mar Vilayet bem menor. O mar agora é apenas uma versão ampliada do Mar Cáspio, e que não mais inclui o Mar de Aral ou o Golfo Pérsico. Esta versão do Mar Vilayet tem 3860 km de norte a sul, e 800 de leste a oeste em seu ponto mais largo. Ele é representado em todos os mapas do mundo hiberniano, desenhados desde 1936.

## HIRKÂNIA

A terra da Hirkânia é, de longe, a maior entidade política do leste azul. Hirkânia não é tanto uma nação quanto uma região cultural, de clãs nômades de guerreiros a cavalo e pequenas cidades-estado independentes, espalhadas por todo o país. Ela se estende da montanhosa costa leste do Mar Interno de Vilayet, para o leste até *“as próprias costas do oceano oriental”*. Ela fica ao norte do Iranistão, Ghulistão, Montes Himelianos e Khitai. É uma terra de campinas semi-áridas, estepes, tundra e desertos. Curiosamente, quase toda descrição física da terra por Howard menciona suas regiões montanhosas. As colinas cobertas por florestas, das montanhas ao longo do Vilayet, são habitadas por grandes e carnívoros macacos cinzas. Há portos hirkanianos ao sul das montanhas, ao longo da costa sudeste do Mar Vilayet. Os hirkanianos são descendentes dos refugiados lemurianos, que foram escravizados por uma raça chamada Khari. Após milhares de anos de servidão brutal, os lemurianos derrotaram os Khari. Os escravos eram *“selvagens perambulando entre as ruínas de uma estranha civilização”*. Hordas de lemurianos selvagens se espalharam pelas planícies férteis ao norte da destruída nação Khari, formando o estilo de cultura de caçador-coletores que finalmente se tornou conhecido como Hirkânia. Após um tempo, os nômades hirkanianos se espalharam para leste até o coração do continente, finalmente parando no litoral do Mar Vilayet. Os hirkanianos adentraram as terras ocidentais, com a fundação da nação hirkaniana de Turan, uns mil anos antes do governo do Rei Conan. A nação nômade floresceu cerca de 500 anos após a morte de Conan, quando as indisciplinadas tribos hirkanianas foram unidas por um grande chefe, que

veio cavalgando das próprias costas do oceano oriental, e se juntaram a Turan, na destruição das nações hiborianas orientais, num vagalhão irresistível.

Há dois tipos de povos hirkanianos descritos por Howard: *“Os hirkanianos são escuros, e geralmente altos e magros, embora um tipo atarracado e de olhos oblíquos seja cada vez mais comum entre eles, resultante da mistura com uma estranha raça de aborígenes inteligentes, porém abrutalhados, conquistados por eles entre as montanhas a leste do Vilayet, em sua migração para oeste”*.

A única cidade hirkaniana existente, mencionada por Howard nos textos de Conan, foi a cidade de Khorusun (Khurusun). Concebida para situar-se na costa sudeste do Mar Vilayet, a cidade enviou tropas numa invasão a Vendhya. É interessante notar que Khorusun é listada em **O Demônio de Ferro** como uma das cinco maiores cidades turanianas, visto que fica fora da própria Turan. Creio que Khorusun seja a cidade-estado natal da tribo hirkaniana que fundou Turan. A maioria dos mapas-múndi hiborianos também mostra as cidades de Secunderam e Bhalkhan como hirkanianas, mas é um erro, pois elas são cidades do Ghulistão, controladas por Turan.

## IRANISTÃO

Howard praticamente não forneceu informação alguma sobre o país do Iranistão em seus contos de Conan. Basicamente, nos contam que a nação é uma monarquia e que o povo iranistanês é a raça que originou o povo do Ghulistão. Isso significa que os iranistaneses são uma raça de olhos escuros e pele clara. Eles têm uma compleição escura (trigueira) e são excessivamente peludos. Isto é importante, devido à maneira como une as regiões ao redor da nação dentro de um contexto histórico.

A geografia do Iranistão é completamente desconhecida; Howard não a descreve de forma alguma. Podemos, no entanto, fazer umas poucas estimativas cultas, baseadas no que sabemos sobre como as culturas

evoluem. Quase toda importante civilização antiga se inicia ao longo da planície de um curso d'água permanente; o Iranistão não poderia ser diferente. A questão é “Onde começa?”. As regiões situadas a oeste do Iranistão são, em sua maior parte, desertas. Ao norte, fica o Mar de Vilayet e as terras a seu redor. Se o rio do Iranistão desembocasse no Mar Vilayet, a nação terminaria se disseminando ao longo do Mar Interno. Isto teria um sério impacto na história de Turan escrita por Howard. Significa que o rio do Iranistão deve desaguar no oceano que fica a seu sudeste. Isto implica que precisa haver uma sólida fileira de montanhas, situada ao norte, e possivelmente a oeste do Iranistão, para juntar o orvalho que serve como fonte da água do rio. Estas montanhas também são importantes, por servirem como um escudo, protegendo o Iranistão das ambições imperiais de Turan.

A raça iranistanesa é aparentemente de natureza tribal, e enquanto o grosso da população cresceu ao longo do rio, grupos de tribos emigrantes teriam saído, em busca de um novo local para chamarem de lar. As direções mais promissoras para viajar eram o sul e o leste, ao longo das costas do oceano. Isto resolveu bem o problema, enquanto a raça iranistanesa se espalhou para leste em direção a Vendhya, para nordeste em direção ao Ghulistão e sul da Hirkânia, e para sul até as pastagens ao norte de Zimbabo. Finalmente, um grande líder carismático surgiu numa das cidades ao longo do rio, e uniu as tribos como a nação do Iranistão. Construir uma nação não deve ter sido fácil, e há evidências dos primeiros habitantes sendo desalojados e indo embora: primeiro, os Filhos de Shem, e possivelmente os tlazitlanos, bem mais tarde.

O país do Iranistão é uma central econômica. Atua como uma encruzilhada, recebendo produtos de comércio tanto das Terras Negras ao sul quanto das nações do Leste, e canalizando-os para oeste, em direção à Stygia, e para norte até Turan. Turan havia recentemente usurpado o papel do Iranistão, ao tomar a cidade stígia de Zamboula; agora, controla todas as maiores rotas de comércio para Oeste.

Não há localizações específicas do Iranistão, mencionadas na saga howardiana de Conan, embora eu acredite ser provável que Ghaza esteja localizada entre o rio iranistanês e as (possivelmente vulcânicas) montanhas

ocidentais. **Sombras em Zamboula** descreve a venda do barato vinho ghazaniano na cidade de Zamboula, e faz mais sentido que este vinho barato seja produzido no local, ao invés de mais de 2400 km a oeste, nos prados de Shem. De acordo com os textos apócrifos, a capital do Iranistão é chamada de Anshan.

## **GHULISTÃO E OS MONTES HIMELIANOS**

O Ghulistão é uma terra montanhosa, localizada a sudeste de Turan e noroeste de Vendhya. De acordo com a sinopse de Howard de **O Povo do Círculo Negro**, o Ghulistão não é apenas uma região inculta, como a maioria das pessoas acredita, mas uma verdadeira nação. Sua sinopse narra que *“Os exércitos de Turan haviam marchado por entre seus vales, mas não conquistaram as tribos das colinas. As principais cidades – Hirut, Secunderam, Bhalkhan – estavam nas mãos dos turanianos, mas Kahabhul – onde morava o rei do Ghulistão, o qual governava as tribos raramente reconhecidas – estava livre, e os turanianos não tentaram cobrar impostos, ou oprimir de outra forma, as tribos das montanhas”*.

Até onde posso determinar, a descrição que Howard fez do Ghulistão em **O Povo do Círculo Negro** não é muito afastada da descrição na sinopse. O Ghulistão na estória existente é apresentado como uma nação que fora dividida. O governador de Peshkhauri relata que os turanianos estão incitando as tribos das colinas *afghulis* (do Ghulistão) a pilharem as fronteiras de Vendhya, e *“se estabelecerem em Secunderam e outras cidades do norte, mas as tribos das colinas permanecem inconquistadas”*. A sinopse mostra que Secunderam e Bhalkhan são cidades do Ghulistão, e não cidades hirkanianas como é habitualmente mostrado na maioria dos outros mapas. Há inclusive evidências de que o Ghulistão tem uma capital. A sinopse narra que a capital se chama Khahabul. Quando Howard escreveu **O Povo do Círculo Negro**, ele aparentemente mudou o nome, de Khahabul para Khorbhul, uma vez que é óbvio que ambos os nomes sejam variantes fonéticas de Kabul, capital do Afeganistão. É curioso que a cidade de Khorbhul não seja especificamente mencionada como capital do Ghulistão

em **O Povo do Círculo Negro**, mas primeiramente é idealizada para se tornar a capital do império himeliano com o qual Gitara sonha. A cidade é firmemente localizada no Ghulistão, no entanto, uma vez que o exército contratado por Khemsha foi imaginado para tomar a cidade, expulsar os turanianos das colinas ao redor, e então dar a volta e conquistar os reinos do sul. Isto leva a uma razoável suposição de que Khorbhul seja a capital do Ghulistão.

Na verdade, é bastante fácil reconstituir o país do Ghulistão. Em grande parte, sua geografia é definida pela porção leste dos Montes Himelianos. A oeste da região de Zhiabar, as sólidas plataformas se dividem em duas longas fileiras, embora ambas sejam ainda identificadas como sendo parte dos Himelianos. A fileira meridional (a fileira proto-Karakorum) segue para sudoeste, e é a fronteira oeste da terra de Vendhya e, possivelmente, a fronteira setentrional de outras nações não-identificadas. A fileira setentrional, mais alta (a fileira proto-Hindu Kush), segue quase em linha reta para oeste, dividindo ao meio a nação do Ghulistão. Ao norte da fileira setentrional, está a região onde se situam as cidades controladas pelos turanianos: Hirut, Secunderam e Bhalkhan. Há duas passagens acessíveis através da fileira setentrional. A mais oriental é chamada Passagem de Shalizah, e fica quase diretamente ao norte da região Zhiabar do Ghulistão. A passagem mais ocidental é a Passagem de Amir Jehun, e fica no alto do extremo sul do vale de Gurashah, montada na estrada principal entre Secunderam e a região *afghuli* do Ghulistão. A maior parte do Ghulistão meridional fica entre os dois braços dos Montes Himelianos: uma região ocidental de terra baixa, conhecida como Afghulistão, que contém a capital Khorbhul, e uma acidentada região selvagem a leste, povoada por tribos rebeldes das colinas. A maior parte de **O Povo do Círculo Negro** se passa na montanhosa região oriental, onde os homens viviam pela lei da lâmina. As tribos a nordeste são os Dagozai, que vivem na área ao redor da Passagem de Shalizer. O sudeste é lar das tribos montanhesas dos *zhiabaris*, que naturalmente vivem na região do lado norte da Passagem de Zhiabar. Nos vales a oeste de onde vivem os *zhiabaris*, vivem as tribos *wazulis* de Khurum, Khojur e Jugra. Ao norte da região Wazuli, fica a tribo dos *galzai*, que moram sob o campo de visão do Monte Yimsha, a noroeste, na fileira setentrional. A parte mais ocidental deste país montanhoso é dominada de norte a sul pelas ferozes tribos *afghulis*. A base de operações de Conan é no

país montanhoso dos *afghulis*, num local chamado Ghor. Uma última tribo do Ghulistão, mencionada no conto, é chamada de Khurakzai. Sua localização não é especificada, embora eles vivam perto das tribos *afghulis*. Creio que eles moram nas colinas a oeste da Passagem de Amir Jehun, no lado sul da fileira setentrional.

Os habitantes do Ghulistão derivam do mesmo tronco racial do povo do Iranistão. São peludos, de pele moreno-clara, com olhos escuros. Creio que os primeiros iranistaneses a migrarem para a região do Ghulistão fundaram uma nação chamada Afghulistão no sudoeste. A nação finalmente se expandiu, incorporando as tribos dispersas a oeste, enquanto se moviam para as planícies a norte dos Montes Himelianos. Renomearam seu país de Ghulistão, para refletir seu *status* de tribos misturadas.

## VENDHYA

Vendhya é o mais rico dos “*reinos dourados*” que ficam ao sul dos Montes Himelianos. Ele aparece de forma bem proeminente no conto de Howard, **O Povo do Círculo Negro**. Os vendhianos usam túnicas distintas, feitas de fina seda, e sua religião envolve o culto de sua principal divindade, o deus Asura.

A parte melhor descrita da nação é a província setentrional ao redor da cidade de Peshkhauri. De acordo com Howard, Peshkhauri é situada onde “*as quentes planícies vendhianas encontram as escarpas dos Himelianos*”. Os contrafortes dos Montes Himelianos, a uma hora de cavalgada a norte e oeste da cidade, são divididos pela famosa Passagem de Zhiabar, além da qual fica a terra do Ghulistão. As tribos montanhesas dos irakzais vivem nos contrafortes mais baixos dos Himelianos e vales fluviais ao sul da Passagem de Zhiabar. A área ao sul de Peshkhauri é onde a geologia de Vendhya, criada por Howard, parece variar um pouco da maneira como os primeiros cartógrafos a apresentaram. Todos os mapistas mostraram a nação de Vendhya rodeando todo o subcontinente indiano. Isto não segue o rastro da maneira como Howard apresenta Vendhya. Primeiro de tudo, a localização do Rio Jhumda. A maioria dos cartógrafos mostra-no como um proto-rio

Indo, correndo desde Peshkhauri, ao longo da fronteira oriental de Vendhya, até o mar. A sinopse de Howard de **O Povo do Círculo Negro**, descreve o Rio Jhumda como situado em algum lugar ao sul de Peshkhauri. Além do rio, mais ao sul, fica Ayodhya, a capital de Vendhya. Ayodhya, de acordo com Howard, fica dentro das “*províncias meridionais*”. Associe isto com a descrição howardiana de Yasmina como tendo “*nascido nas quentes e exuberantes planícies meridionais*”, e fica evidente que as províncias mais meridionais de Vendhya são localizadas nas planícies setentrionais do subcontinente indiano. Ele certamente não é descrito como se estendendo para bem longe, dentro das regiões de selvas tropicais do subcontinente meridional, de forma alguma. Uma outra localização é mencionada em **O Povo do Círculo Negro**: Jhelai, um local em Vendhya com cavernas sob ele. Sua localização não é exata; no entanto, o mais provável é que fique ao sul, uma vez que Yasmina visitou o lugar antes de sua jornada até Peshkhauri.

Os habitantes de Vendhya são uma raça que lembra o povo cor-de-oliva da antiga Kosala, de **Pregos Vermelhos**. Os governantes de Vendhya são os *kshatriyas*, a raça de olhos escuros e pele branca que compõe a nobreza guerreira. O governo *kshatriya* de Vendhya é muito antigo, uma vez que as tradições de “*mil gerações de soberanos*” eram a herança da Devi Yasmina, descrita por Howard como sendo a “*filha de mil imperadores orgulhosos*”. Parece bem óbvio que os *kshatriyas* são outra ramificação do tronco iranistanês de pele branca, embora bastante afastada pelo tempo. A Devi Yasmina foi eficientemente disfarçada de montanhesa do Ghulistão, ao substituir suas distintas túnicas vendhianas por simples roupas galzai. E também, parte da educação real da Devi foi o aprendizado da linguagem do Iranistão e das línguas semelhantes do Ghulistão, o que sugere que aquela gente dá certa importância à nobreza *kshatriya*.

## **KOSALA (KHOSALA)**

A nação de Kosala é um dos reinos situados ao sul dos Montes Himelianos. Howard nunca mostrou Conan visitando o país; a maioria do

que sabemos são informações de segunda mão. Uma curta descrição do povo e história de Kosala é dada em **Pregos Vermelhos**. Os habitantes originais da Antiga Kosala têm, aparentemente, raízes “lemurianas”, vez que eles eram “*homens e mulheres esguios, com pele cor-de-oliva, feições exóticas e finamente esculpidas*”. Vestiam finas túnicas e muitos adornos delicados e cravejados de jóias. A poderosa nobreza da Antiga Kosala incluía feiticeiros, graduados nas artes da necromancia, brandindo poderosas armas mágicas. Mesmo assim, o povo da Antiga Kosala parece valorizar muito a paz. Um grupo deles foi finalmente exilado, quando os atuais habitantes vieram do sul e assumiram a liderança da nação. Os exilados vagaram para oeste, em direção aos Reinos Negros, fundando a cidade de Xuchotl. Embora **Pregos Vermelhos** não nos informe como são os habitantes de Kosala, uma descrição de um deles pode ser encontrada em **Sombras em Zamboula**. Um kosalano, Baal-Pteor, é descrito como tendo a pele marrom, com cabelos e olhos negros. Ele era um Estrangulador de Yajur, um sacerdote na cidade de kosalana de Yota-pong. Desse modo, é razoável admitir que Kosala seja racialmente diversificada: pessoas de pele marrom do sul, misturadas com o tronco “lemuriano” de pele cor-de-oliva.

O primeiro mapa a mostrar a localização de Kosala, foi o de Tim Conrad, em 1975. Seu mapa situou Kosala a oeste de Vendhya, sul do Ghulistão e leste do Iranistão. Embora eu não saiba o verdadeiro motivo para esta localização, imagino que ela tivesse a ver com Conan afirmando que sua familiaridade com a fisiologia kosalana ocorreu durante sua tarefa como um chefe de guerra dos *afghulis*. O cimério planejava incitar uma horda para saquear os reinos ao sul. Assim, Conrad determinou que Kosala deva ser um daqueles reinos ao sul do Ghulistão. Embora sua localização de Kosala pareça razoável, está duramente forçada. A familiaridade de Conan com o povo kosalano pode ser devido ao saque de suas caravanas, ao invés da pilhagem das vilas do país. Mesmo assim, todos os mapas-múndi hibernianos, de 1975 para cá, se mostram espelhos da localização de Kosala por Tim Conrad.

A localização de Conrad é problemática, pois é inconsistente com o pouco que sabemos sobre o país, pelas descrições de Howard. **Pregos Vermelhos** narra que Kosala foi invadida por uma raça vinda do sul, mas a localização de Conrad mostra um mar sem nome ao sul. Admitir que a

invasão veio do sudoeste ou sudeste também apresenta problemas. Uma invasão do sudoeste viria do Iranistão, uma nação do deserto, com gente de pele moreno-clara. Uma invasão do sudeste teria que vir de Vendhya, uma terra com dois componentes raciais descritos por Howard: os *kshatriyas* de pele branca, e uma raça que lembra o povo cor-de-oliva da Antiga Kosala. Qualquer invasão de Vendhya seria uma invasão *kshatriya*, vez que eles constituem a casta guerreira. O que significa que, de ambas as direções, os novos soberanos de Kosala seriam brancos, e não a raça de pele marrom descrita em **Sombras em Zamboula**. E outro problema é que Kosala também não é descrita por Howard como tendo um componente racial de pele clara, embora Conrad a tenha cercado por nações que são, ou completamente (Ghulistão, Iranistão) ou parcialmente (Vendhya) brancas.

A invasão kosalana foi descrita por Howard em seu conto final de Conan, **Pregos Vermelhos**. Ele devia saber onde Vendhya e Kosala ficavam, uma em relação à outra, vez que ambas as nações foram previamente mencionadas em vários contos anteriores. Se Vendhya foi a nação invasora, por que Howard simplesmente não o disse? Se ele pretendia que Kosala fosse um dos “*reinos dourados*” ao sul do Ghulistão, e usasse uma Vendhya não-mencionada como a fonte da invasão, por que não afirmou que a invasão veio do leste ao invés do sul? Outro ponto a ser considerado é que uma invasão a Kosala, por nações ao sul, além do Iranistão ou de Vendhya, iria propor o problema: por que nenhuma das nações foi derrotada pelos invasores de pele marrom, antes deles se instalarem em Kosala? Uma sucessiva invasão em larga escala pelo mar, se não impossível, parece antes improvável. Todos estes fatigantes problemas não fazem nada que sugira Kosala como sendo um daqueles reinos ao sul do Ghulistão. Então, onde fica?

Em **Pregos Vermelhos**, Conan comenta que os frisos de Xuchotl parecem orientais: ou vendhianos ou kosalanos. Isto sugere que as primeiras populações da terra derivam de uma origem comum, e que as duas nações têm uma fronteira comum. A geografia de **O Povo do Círculo Negro** deixa claro que Kosala não fica ao norte de Vendhya, e a evidência dos próprios textos de Howard também desfavorece bastante que poderia se situar a oeste. Existe um grande pedaço de evidência circunstancial para sustentar uma localização a leste de Vendhya. Primeiro de tudo, o nome da cidade

kosalana de Yota-pong soa bem oriental, quase como se fosse da região da Indochina (como Hong Kong, Baía de Ha Long ou Rio Mekong, por exemplo), na Ásia. Outro ponto de evidência gira em torno do uso do jade. Em **Pregos Vermelhos**, Conan fala do saque de caravanas khitaianas de jade; então, parece razoável que o uso do jade seja exclusivo do panorama cultural khitaiano. No entanto, os kosalanos também mostram a mesma afinidade com relação ao jade, já que os exilados da Antiga Kosala usaram jade como matéria fundamental, ao construírem Xuchotl. Estes dois exemplos mostram o efeito da polinização cultural entre a Antiga Kosala e Khitai.

Um ponto sutil de evidência gira em torno da relação entre o rei de Vendhya e a princesa kosalana. Em **O Povo do Círculo Negro**, Howard escreve que a princesa de Kosala amava Bhunda Chand em vão. Ela pede a ele uma mecha de seu cabelo como recordação, o que ele providencia. Agentes dos Profetas Negros roubam a mecha do cabelo. Howard escreve: *“Então, a verdadeira mecha viajou em caravana de camelos pela longa, longa estrada até Peshkhauri, depois até a Passagem de Zhaibar, até alcançar as mãos daqueles para quem estava destinado”*. Uma viagem, da capital de Kosala até o Monte Yimsha, realmente não seria muito mais que uns 320 km, se o país fosse situado através de Tim Conrad. No entanto, uma excursão, da parte oriental do subcontinente vendhiano ao Monte Yimsha, cobre 1600 km, e seria definitivamente qualificada como uma *“longa, longa”* jornada.

**Nota:** Em meu ensaio, **O Mistério das Cidades de Pedra Verde**, especulei que a Antiga Kosala foi fundada por migrantes da dissolução do império chamado “Lemúria do Leste”. Minha mudança de Kosala, do oeste de Vendhya para o leste, não tem conseqüências em minha teoria. Se é que não a torna mais interessante, vez que aquele conflito entre a Antiga Kosala e a nação Khari pode ter enfraquecido os Khari, a ponto de uma bem-sucedida revolta de escravos lemurianos ser inevitável. Também gosto da idéia, de que as arcaicas tradições mágicas da “Lemúria do Leste” foram os alicerces para os magos do Leste se tornarem mais poderosos que os do Oeste. Parece uma suposição razoável, a de que Kosala seja a base das práticas de magia Oriental, vez que um kosalano, Baal-Pteor, tenta usar

hipnotismo contra Conan em **Sombras em Zamboula**; e **O Povo do Círculo Negro** tenha Howard narrando que a maior parte da magia Oriental é ilusão baseada no hipnotismo.

## **KHITAI**

Khitai é uma misteriosa nação do Leste Distante, mencionada em diversos contos de Howard. Os khitaianos são uma antiga raça de pele amarela, que varia de poderosos feiticeiros sondando “*os mais profundos golfos de bruxaria cósmica*”, até benévolos povos das selvas. O povo veste túnicas coloridas, feitas de seda. A história de Khitai é complexa e intrigante. Originalmente, esta região era habitada pelos Khari, uma raça de pele escura, vinda do outro lado do mar. Quando aconteceu o Grande Cataclismo, refugiados de pele amarela, da nação insular da Lemúria, fugiram para as terras dos Khari, esperando achar abrigo. Ao invés disso, foram escravizados pela antiga raça, e forçados a uma servidão brutal que durou milênios. Finalmente, os lemurianos, que haviam sido rebaixados a um nível brutal pela crueldade de sua escravidão, se revoltaram e destruíram completamente a civilização Khari. Howard escreveu que os escravos lemurianos eram “*selvagens perambulando entre as ruínas de uma estranha civilização*”. É neste ponto que Howard deixa uma grande lacuna na história deste povo; a história posterior exige um pouco de extrapolação. Aparentemente, alguns dos selvagens de pele amarela se instalaram nas selvas, enquanto um grande número se espalhou pelas planícies férteis ao norte, formando o estilo cultural caçador-coletor que finalmente ficou conhecido como Hirkânia. A brutalidade de sua escravidão havia erradicado todo vestígio de sua própria cultura lemuriana; era um povo que perdera seu passado. Felizmente, uma antiga civilização, que abraçara valores lemurianos, existia logo a oeste: a terra da Antiga Kosala. Eles despertaram o povo das selvas de sua ignorância, e lembraram a eles o que era ser lemuriano. A recém-formada nação de Khitai devia muito à sua companheira ocidental. Eles readquiriram sua cultura, seu estilo de magia e até seu amor pelo jade – o mineral reverenciado que os fazia lembrar de suas origens oceânicas. Infelizmente, eles também herdaram a propensão

por cultos diabólicos, “*não tendo deuses, exceto os demônios dos Golfos Exteriores*”. É assim que Yag-Kosha vem viver como um deus, entre os templos arruinados das selvas perdidas de Khitai, “*onde os macacos cinzentos dançavam ao som das flautas dos sacerdotes de pele amarela*”. Outro ponto interessante é que galeras khitainanas estavam visitando as terras do Oeste desconhecido, aproximadamente 1500 anos antes do reinado de Conan, de acordo com **Marchadores de Valhalla** <sup>(6)</sup>. Khitai deve ser uma vigorosa nação marítima – compreensível, dadas as suas origens lemurianas.

Todo mapa-múndi hiboriano retrata a nação de Khitai ocupando a terra inteira da China, começando pelo mapa de Conrad, de 1975. Há um pouco de desacordo com a maneira como Howard descreve o país, em seus contos de Conan. Toda descrição mostra Khitai como uma terra “*perdida na selva*”; um lugar de “*selvas assombradas e proibidas*”. Umas folhagens estranhamente exóticas crescem naquelas selvas khitaianas: lótus negro e uma viva Árvore da Morte. Até a capital da nação fica no meio da selva, vez que o feiticeiro que resgatou Salomé levou-a para a “*Paikang de torres púrpuras, com seus minaretes elevando-se entre as florestas de bambus enfeitados por trepadeiras*”. Eu estabeleci, num ensaio anterior, que o clima mundial, durante a Era Hiboriana, não é de fato muito diferente do nosso clima atual. Para Khitai existir como uma terra de selvas, ela precisa se situar bem mais ao sul, nas regiões atuais da China Meridional e Indochina (Sudeste da Ásia).

\* \* \*

**TERRA INCÓGNITA**

**REINOS DOURADOS AO SUL DOS HIMELIANOS**

O conto de Conan O Povo do Círculo Negro dá a entender que há um grupo de “*reinos dourados*”, nas planícies ao sul dos Montes Himelianos do Ghulistão. O tamanho e a quantidade destas nações são desconhecidos, embora o mais oriental seja Vendhya, e o Iranistão seja provavelmente o mais ocidental. Uma pequena quantidade de informações pode ser deduzida sobre a natureza homogênea desta região, a partir dos indícios que Howard nos dá. Howard afirma que os governantes destes reinos são considerados pequenas divindades. Isto implica que as nações compartilham um conjunto bastante similar de valores religiosos, se não uma religião comum. Parte da educação real da Devi vendhiana foi aprender a língua do Iranistão, e as línguas semelhantes do Ghulistão. Não há menção das linguagens faladas nestes reinos meridionais, o que implica que eles falam, provavelmente, Iranistanês. Uma vez que assentamentos iranistaneses povoaram esta região, é bastante segura a teoria de que os “*reinos dourados*” foram um dia províncias e/ou cidades-estado que ficaram independentes de sua terra natal. Os reinos meridionais aparecem notavelmente nos planos de vários personagens, em **O Povo do Círculo Negro**. Conan adentrou o Ghulistão, com o propósito explícito de incitar uma horda a saquear os reinos ao sul. As mesmas nações, situadas ao sul de Khorbhul, seriam os alicerces na fantasia imperial de Gitara. Conan faz referência à natureza política destas terras, quando especula que o destino de Yasmina é “*se casar com algum velho rei seco das planícies*”.

Um destes “*reinos dourados*” é mencionado num dos textos apócrifos. De acordo com o texto em questão, há uma pequena nação chamada Venji, que fica diretamente a leste do Iranistão, ao sul de uma cadeia de montanhas. Sua capital, Tarqheba, fica na costa marítima do país. O conto narra que os turanianos invadiram o país e o renomearam como Venjipur. O texto também relata que aquela terra é um país chuvoso e com selvas, o que realmente não é possível para esta região.

## REGIÃO SUL DE VENDHYA E KOSALA

Há uma região que fica ao sul das quentes planícies vendhianas: a parte de florestas chuvosas do subcontinente. No conto **Pregos Vermelhos**, Howard explica que os ancestrais do povo que vive na Kosala atual vieram do sul e expulsaram os habitantes da Antiga Kosala para o exílio. Os antigos kosalanos eram um povo de pele cor-de-oliva, enquanto **Sombras em Zamboula** descreve um diferente tipo étnico de kosalano: com pele marrom escura. Parece lógico concluir que a parte meridional do subcontinente vendhiano é habitada por um povo de pele marrom.

Não se sabe se há nações, cidades-estado ou tribos dispersas povoando a área; pode ser tudo isto. Embora Howard situe de fato um grupo populacional específico dentro desta área, ele descreve um membro de um grupo que pode se ajustar de forma exata. Na cidade de Zamboula, Conan flerta com uma bela mulher de pele marrom, no Bazar dos Forjadores de Espada. Howard chamou a mulher de ghanara. Muitos dos dicionários geográficos de Conan tendem a igualar os ghanaras com um outro povo, chamado ghanata, tratando o nome como uma variante ortográfica. Isto está errado por duas razões: os ghanaras têm pele marrom, e os ghanatas são descritos como negros. E também, ela é mencionada como uma ghanara, o que significa que é membro da tribo Ghanar. Ghanatas são membros da tribo Ghanata. São dois povos diferentes. Vez que não é mencionada a terra natal dos ghanaras de pele marrom, acho perfeitamente razoável admitir que eles vivam na região de selvas, ao sul de Vendhya e Kosala – na terra do povo de pele marrom.

Outro grupo populacional, que presumivelmente vive nesta área, é um pequeno enclave de pictos. De acordo com **Marchadores de Valhalla**, os pictos estavam morando “*entre as colinas, cobertas por selvas, de uma terra distante que marcava a migração mais oriental de sua raça...*”, e foram descobertos por uma horda viajante de aesires. O caminho dos aesires levava a uma terra, cuja descrição soa muito parecida com o subcontinente vendhiano: “*a terra das palmeiras e elefantes*”. De Vendhya, sua viagem leva até a costa oriental da antiga Ásia, e então para norte, em direção a Behring. As únicas selvas que os aesires atravessariam eram no subcontinente vendhiano, e nas terras de Kosala e Khitai. Como os pictos são muito irremediáveis, parece pouco provável que Kosala e Khitai pudessem tolerá-los em seus países; por isso, uma localização nas selvas ao sul de Vendhya.

## REGIÃO NORTE DA HIRKÂNIA

Howard, numa carta para P. Schuyler Miller em 1936, escreveu sobre uma terra que fica ao norte da Hirkânia: “[*Conan*] viajou bastante, não só antes de ser rei, mas também depois. Ele viajou para Khitai e Hirkânia, e até às regiões menos conhecidas, ao norte e sul”. Embora nunca saibamos exatamente o que Howard quis dizer com esta região, é bastante seguro apostar que há uma diferença cultural entre ela e a Hirkânia. Se eu fosse arriscar uma suposição, acreditaria que o povo desta região está provavelmente relacionado aos inteligentes aborígenes de olhos oblíquos, das montanhas da Hirkânia ocidental, mais provavelmente aos ancestrais dos povos atuais da Ásia Oriental. A região ficaria em algum lugar ao norte da Hirkânia central ou oriental, vez que o noroeste da Hirkânia se estende até a ponta setentrional do Mar de Vilayet. Howard nunca situou nada nesta região, embora os textos apócrifos afirmem que a terra de Pathenia fique bem ao norte de Khitai.

## REGIÃO SUL DE KHITAI

Na mesma afirmação mencionada na entrada anterior, Howard escreveu sobre uma terra pouco conhecida, que fica ao sul da nação de Khitai. Curiosamente, o mais provável candidato para esta região seria o há muito perdido subcontinente de Sundaland, no sudeste asiático. Devido à atividade tectônica e a elevação do nível do mar, Sundaland se despedaçou, pouco depois do fim da Era Glacial, em Península Malaia, Java e Bornéu. Uma área maior que a Índia, Sundaland é considerada por especialistas como o lar dos povos austronésios. Uma coisa é certa: a região forneceu desafios sem igual para qualquer um que se instalasse lá. As linhas costeiras de Sundaland eram extremamente baixas e propensas a inundações freqüentes, e as terras devem ter sido arruinadas por violentas atividades vulcânicas e sísmicas.

Infelizmente, não temos meios verdadeiros de saber qual a concepção de Howard sobre como a região é realmente instalada: se lá havia reinos civilizados, ou se era uma área deserta e selvagem. A única localização nesta área, que ele menciona, é de **Inimigos em Casa**. O conto descreve um local situado além da terra de Khitai, chamado os Pântanos dos Mortos. O lótus cinza, que leva à loucura, cresce neste pântano. Faz sentido situá-lo aqui, uma vez que Sundaland seria, em grande parte, uma pantanosa e tropical floresta chuvosa.

\* \* \*

Meu mapa está seguindo a tradição de meu outro mapa, da Stygia e Nações Negras, e se mostra bastante semelhante àqueles mapas que Howard fez à mão. Não será totalmente inclusivo, nem mostrará todos os pontos de interesse; somente as nações e umas formações de terra são mostradas. Deixarei o mapa mais inclusivo para uma época posterior. E, no mais, acho que este exercício foi mesmo bem executado; tenho realmente a sensação de ter sido a mais acurada excursão cartográfica que já vi da região. Ela se ajusta a literalmente tudo o que Howard escreveu sobre o tema do “Leste Azul”. Essa foi, de qualquer forma, a razão exclusiva para fazê-la.

## **O Mistério do Oeste Desconhecido**

*por Dale E. Rippke*

*Este capítulo dos Mistérios da Era Hiboriana apresenta um mistério particularmente interessante. A Era Hiboriana de Robert E. Howard se desenrolava numa versão pouco disfarçada dos continentes eurasiático e africano modernos. As aventuras de Conan por si mesmas jamais mencionam a possibilidade de um continente “americano”. Ele entretanto*

*existia, mas é preciso se debruçar sobre os contos “não-conanescos” de Howard para descobrir sua história.*

Na verdade, há apenas duas alusões a esta terra ocidental no que diz respeito aos contos de Conan: uma breve menção no ensaio “A Era Hiboriana”, e outra, numa carta escrita a P. Schuyler Miller em 1936. Estas duas alusões apenas mencionam a existência deste continente.

“A Era Hiboriana” conta que a Era Thuriana termina em uma grande catástrofe mundial chamada O Grande Cataclismo, e que as “Ilhas Pictas se ergueram para formar os picos montanhosos de um novo continente” e “os habitantes das Ilhas Pictas foram destruídos” na catástrofe.

Na carta ao Sr. Miller, Howard evoca o destino final de seu personagem Conan, e menciona que o cimério “até visitou um continente sem nome no hemisfério oeste, e vagou entre as ilhas adjacentes”. Os indícios que permitem constatar este continente parecem bem fracos. Não há muita coisa a se ter certeza. Será mesmo?

Os contos de Conan formam apenas uma pequena parte da produção literária de Howard. Talvez possam existir outras alusões à América pré-histórica em suas demais obras. Para um leitor pouco familiarizado com os contos de Howard, isto poderia representar uma tarefa enfadonha, mas felizmente (ou infelizmente), sou obcecado o suficiente pelo mundo imaginário de Howard para conhecer ao menos duas boas fontes de informação entre seus trabalhos. A primeira é uma aventura de Bran Mak Morn, “Homens das Sombras”, e a outra um conto de James Allison, “Mercadores de Valhalla”.

“Homens das Sombras” é a estória de um mercenário nórdico, capturado durante uma emboscada por um bando de saqueadores pictos. Ele se torna um peão, numa luta pelo poder entre o chefe picto Bran Mak Morn e um ancião chamado Picto. O mago perde o combate e conta a história das origens da raça picta, origens que remontam ao nosso “continente sem nome”. Na verdade, ela remonta mesmo às brumas da Era Thuriana.

Esta primeira raça de homens verdadeiros nasce sobre um pequeno continente setentrional, nas vastas planícies férteis (antigo Alaska). Esta raça terminou se deslocando uns 1600 km para o sul, ao longo de uma cadeia de centenas de ilhas ensolaradas, e finalmente se estabelecendo nas ilhas meridionais. Aparentemente, várias destas ilhas eram bastante vastas, pois as tribos ocupavam apenas as regiões ocidentais, deixando as florestas do leste e do sul para os animais ferozes e os homens-macacos que as habitavam. Trata-se na verdade de um relato da origem da raça picta, mesmo que o velho xamã, recontando a história, só se referisse a ela como a Raça Sem Nome.

Durante milhares de anos, a Raça Sem Nome ergueu uma grande civilização pastoril nestas ilhas meridionais, até que sua tranqüilidade foi ameaçada pelas investidas costeiras trazidas pelos Homens do Mar, semi-humanos vindos da longínqua terra da Lemúria, a oeste. Esses ataques foram finalmente rechaçados, embora se repetissem esporadicamente pelos séculos seguintes. A civilização insular tornou-se mais forte, e conseqüentemente, mais competente. Este período corresponde exatamente à Era Thuriana do Rei Kull.

Mas, um dia, a era de ouro terminou. Um terremoto mundial provocou a elevação das ilhas e a formação da cadeia de montanhas ocidentais de um grande continente setentrional. A terra da Lemúria desapareceu sob as ondas, deixando apenas uma grande ilha montanhosa, rodeada por numerosas ilhas pequenas. O terremoto e as erupções vulcânicas resultaram em ameaça ao progresso da raça rumo à civilização, e mergulharam o

mundo na Idade da Pedra. Este terremoto seria mais tarde conhecido pelo nome de Grande Cataclismo.

A antiga residência insular deles tornou-se uma desolação seca e desértica, a Tribo Sem Nome migrou para o Leste, empurrando os homens-macacos (Neandertais) à sua frente, até atingir as vastas planícies opulentas do centro do continente. Lá viveram durante séculos, até que as grandes geleiras glaciais desceram do norte, forçando-os a migrarem para o sul. Este período corresponde provavelmente ao espaço de quinhentos anos entre o Grande Cataclismo e o Segundo Cataclismo. Observem que a Era Glacial deste continente começou por volta de 6000 anos antes da Europa da Era Hiboriana ([7](#)). Provavelmente, o Pólo Norte de então se encontrava nos arredores da Baía de Hudson.

Ao longo dos milênios seguintes, a tribo empurrou os homens-macacos sobreviventes para o distante sul do continente. Terminaram por atacar os homens-macacos numa grande guerra, e conseguiram exilá-los para a extremidade meridional deste continente além-mar, em direção aos reinos negros da proto-África. Como nenhuma geleira ameaçava o continente meridional, a Tribo Sem Nome se instala, mesmo o terreno sendo pantanoso e infestado de serpentes.

Durante a estadia da Tribo Sem Nome no sul, os lemurianos descobriram e colonizaram certas regiões do continente setentrional, e a faixa estreita de terra que o liga ao continente do sul. Os lemurianos haviam se tornado, geneticamente falando, verdadeiros homens e foram conseqüentemente chamados de Segunda Raça pela Tribo Sem Nome. Os lemurianos tinham uma curiosa arquitetura, que modificou-se com os países do sul, em oposição às ciências da agricultura e do artesanato. Terminaram esquecendo suas origens orientais e tornaram-se conhecidos sob o nome de Império Tolteca.

A Era Glacial terminou atingindo a Europa da Era Hiboriana, e as migrações dos nórdicos começaram logo em seguida. Nesta mesma época, a Tribo Sem Nome decidiu migrar mais uma vez, e chegou ao mar em direção à Atlântida. Depois de uma guerra de curta duração, eles exilaram uma raça de artistas gigantes, à qual deram o nome de Terceira Raça (Cro-Magnons), e que se espalhou pela Europa.

Durante sua breve estadia na Atlântida, a Tribo Sem Nome foi vítima de uma guerra civil devastadora, e o acampamento derrotado deixou a ilha. Um velho mago do acampamento derrotado lançou uma maldição sobre a terra da Atlântida: nenhum barco poderia jamais deixar a ilha, e nenhum barco poderia jamais atracar nela. Os perdedores foram de ilha em ilha até a África, seguiram pelas orlas do Mar Médio e chegaram à Europa, onde terminamos por conhecê-los com o nome de pictos.

Eis a história oral dos pictos, tal qual fornecida pelo mago Picto na obra “Homens das Sombras”. Surgem algumas contradições com “A Era Hiboriana”, mas acho que podemos facilmente explicá-las.

“A Era Hiboriana” afirma que os homens das Ilhas Pictas foram totalmente dizimados, ao passo que “Homens das Sombras” sustenta que eles sobreviveram. Acho que o motivo é uma simples diferença de perspectiva. “A Era Hiboriana” apresenta uma história do ramo europeu da raça picta. Eles não poderiam ter conhecido os sobreviventes das Ilhas Pictas, pois não tiveram contato com estes últimos. De fato, nós os consideramos desaparecidos. Sua história confirma esta hipótese. “A Era Hiboriana” afirma igualmente que a Atlântida desapareceu sob as ondas, e eis que ela aparece na tradição oral dos pictos. A Atlântida foi destruída durante o Grande Cataclismo. Pelo que sei, acho que ela teve a mesma sorte de Mu e da Lemúria nos escritos de Howard. Era uma pequena massa continental, que foi inteiramente submersa, com exceção dos seus picos mais elevados, que se tornaram ilhas. Lin Carter e Sprague DeCamp devem

ter achado esta hipótese plausível, pois na sua obra “Conan das Ilhas”, a nação insular de Antillia forma os vestígios da Atlântida perdida.

Sendo assim, a Atlântida teria ressurgido das ondas, na Era Hiboriana? É provável que as ilhas compostas por estes picos montanhosos se alargassem um pouco, pois o nível da água do mar era 200 metros mais baixo na época da Era Glacial (logo após a queda da Era Hiboriana). A Atlântida não teria sido uma massa continental, mas um arquipélago de tamanho reduzido.

Podemos encontrar um bom argumento neste sentido, no conto “Os Deuses de Bal-Sagoth”, que descreve um império insular sem nome, de um povo de pele morena (vestígios da Tribo Sem Nome?), que sofreu inundações no fim da Era Glacial, e foi pouco depois conquistado por uma raça de pele avermelhada, vinda do continente. Assim, parece que a Atlântida ressuscitou por algum tempo (até desaparecer completamente sob as ondas, perto da Era Glacial)!

A segunda história a mostrar o Oeste desconhecido é “Mercadores de Valhalla”. Ela se desenrola no final da Era Hiboriana, porém antes da chegada da Era Glacial em Nordheim. Neste relato, uma tribo aesir percorre o mundo na direção leste. Eles atravessam um braço gelado (o Estreito de Behring); visitam extensas planícies cobertas de neve, onde vivem homens comedores de gordura, e em seguida vão em direção ao sul, através de montanhas, florestas, desertos e planícies. Finalmente, os aesires chegam aos rios que desembocam num mar tranquilo (o Golfo do México), perto de uma cidade ciclópica de torres negras: a cidade lemuriana de Khemu.

Em determinada época, as cidades lemurianas “havam coberto o golfo sobre o qual dominava Khemu. Mas algumas foram engolidas pelo mar, outras tinham sido destruídas por guerras civis, e assim havia quase mil

anos que Khemu reinava sozinha, em sua solitária majestade”. O povo de Khemu não é de puro sangue lemuriano, mas uma raça de súditos.

O único contato dos lemurianos se deu com um grupo de canibais de pele pintada, vindo das ilhas do sul. São selvagens de pele morena, recém-chegados às ilhas desde “esse longínquo continente [Atlântida?], de onde sua raça havia se originado”. O povo pintado faz comércio “com âmbar cinza, cocos, dentes de baleia e corais das ilhas, bem como mogno, peles de leopardo, ouro virgem, presas de elefantes e cobre originário de alguma nação tropical ao sul (o Povo Sem Nome?)”.

No final da história, Khemu é destruída por um maremoto, e levada ao fundo do golfo. É interessante notar que não há contradição alguma entre esta narrativa, e o que nós sabemos da história hiboriana conforme “A Era Hiboriana” e “Homens das Sombras”. Howard dominava bem seu assunto...

Assim sendo, nós sabemos como era o “Oeste Desconhecido” do mundo imaginário de Howard. Ele se compunha de dois continentes ao norte e ao sul, ligados por uma língua de terra central, de forma similar à América moderna (mesmo que sua forma continue desconhecida). Um certo número de ilhas se encontrava nas proximidades da língua de terra e, mais distante a oeste, se encontrava o arquipélago ressurgido da inundação da Atlântida (as Antilhas?).

O continente setentrional era, na sua maior parte, inabitável, devido às glaciações, embora uma raça súdita dos lemurianos tenha tentado, sem grande sucesso, erguer um império na costa meridional.

A presença lemuriana na língua de terra central durou muito mais tempo, e originou o Império Tolteca. As ilhas adjacentes foram colonizadas pelos

refugiados atlantes, sendo que a própria Atlântida originou uma raça de artistas gigantes.

O continente meridional parece ter atingido um surpreendente nível de civilização durante a Era Hiboriana. É provavelmente lá que se desenvolveu a nação de Mayapan, mencionada nos textos apócrifos.

A pré-história humana segundo Robert E. Howard é simplesmente bem mais coerente do que a maioria das pessoas possa pensar. Ele detalha tudo o que escreve, e demonstra que tinha uma visão totalmente clara do mundo. E isto nos dá uma ajuda preciosa nas nossas viagens através de sua imaginação.

# MISCELÂNEA

## Carta de Robert E. Howard para Fansworth Wright (6 de maio de 1935)

Prezado Sr. Wright

Eu sempre odiei escrever cartas como esta, mas uma terrível necessidade me força a isto.

Em resumo, é um apelo por dinheiro.

Não é nenhuma novidade para mim, precisar de dinheiro, mas as presentes circunstâncias são diferentes daquelas em que geralmente me encontrei no passado.

Minhas despesas nos últimos meses têm sido enormes. Minha mãe foi forçada a retirar sua bexiga, numa séria cirurgia, especialmente para uma mulher com a sua idade e seu estado de saúde.

Ela esteve quase inválida por anos. Ficou internada num hospital em Temple por um mês, onde, durante esse tempo, fiquei com ela e não tive condições de escrever nada durante este tempo. Mas para um desconto com

o profissional nas despesas da cirurgia, meu pai sendo um médico, não sei como conseguimos arcar com tamanhas despesas.

Elas foram muito grandes, considerando as despesas do hospital, enfermeiras especiais, etc, e minhas próprias despesas, embora eu as tenha cortado tanto quanto pude, ficando no quarto mais barato que encontrei e pulando refeições com tanta regularidade que cheguei a perder 15 libras naquele mês. Ficamos em casa por mais de um mês, mas minha mãe ainda está longe de se recuperar.

Um abscesso se desenvolveu na ferida da operação, o que requereu sua internação por muitos dias num hospital em Colemam, e é ainda necessário levá-la lá, numa distância de umas trinta milhas, a cada poucos dias para que sua ferida sare e limpe, e meu pai não tem como facilitar isto. Enquanto isto, as despesas vão indo, naturalmente, para nós que fomos forçados a contratar uma mulher para cozinhar e fazer os serviços de casa que estou impossibilitado. Se minha mãe vai se recuperar ou não, possivelmente vai depender do tipo de cuidados e atenção que eu possa lhe dar, e do mesmo modo, do dinheiro que eu possa ganhar.

Isto me traz um problema nas mãos. Por algum tempo eu recebi um cheque com regularidade a cada mês de *Weird Tales* – meio cheque, é verdade, mas praticando uma rígida economia eu consegui me administrar e não me afogar; mas isso eu só consegui fazer, não pelo valor do cheque, mas pela sua regularidade. Eu vim a depender deles e a esperar por eles, como eu expliquei. Porém, este mês, justamente num momento que eu preciso tão desesperadamente de dinheiro, eu não recebi o cheque. De algum modo, de alguma maneira, minha família e eu temos lutado por isso, mas se vocês cortarem meu cheque mensal agora, eu não sei, em nome de Deus, o que fazer.

O custo de vida aumentou; esta parte do país tem sofrido amargamente com secas e tempestades. Meu pai é um ancião e a maioria de seus pacientes são miseráveis carentes e necessitados que raramente têm alguma coisa, além de produtos de fazenda para pagá-lo. Este ano talvez, nem isso tenhamos. Miséria não é novidade para mim. Tenho uma crosta atormentada toda minha vida. Mas as privações que sofri no passado são apenas cafés

pequenos ao que me acontecerá, se houver a descontinuidade de meus cheques mensais da *Weird Tales*.

Eu não acho que minha solicitação seja insensata. Como você sabe, faz seis meses desde que *O Povo do Círculo Negro* (a história pela qual o cheque agora me faz falta) apareceu em *Weird Tales*. *Weird Tales* deve-me mais que oitocentos dólares por histórias já publicadas e que deveriam ser pagas por publicação – suficiente para pagar todas minhas dívidas e me pôr em equilíbrio novamente, se eu puder recebê-lo de uma vez só. Talvez isto seja impossível. Eu não quero ser insensato. Eu sei que os tempos estão difíceis para todos. Mas eu não acho que esteja sendo insensato em lhe pedir para enviar-me meu cheque mensalmente até a conta seja acertada. Honestamente, neste ritmo que estamos indo, eu serei um velho antes de receber meu pagamento! E minha necessidade pelo dinheiro agora é urgente.

Claro, eu vendo para outras revistas de tempos em tempos, mas essas vendas são incertas. Comercializar regularmente requisita muito tempo e esforço, e por anos, a maior parte de meu tempo e esforço tem sido devotado a histórias que escrevi para a *Weird Tales*. Eu cresci nas revistas, pra dizer a verdade, e isto tem sido na maior parte de minha vida meus pés e minhas mãos. Mas para um homem pobre, o dinheiro que ele faz é o sangue de sua vida, e depois, quando escrevo sobre as aventuras de Conan, tenho que lutar contra uma reflexão desanimadora que, se a história é aceita, isto levou anos antes de eu ser pago por ela.

Este é o estado de meu caso, falando na única maneira que sei, que é ser franco. Eu confio que minha franqueza não tenha gerado ofensas. Necessidade me leva a isto. Um cheque mensal da *Weird Tales*, pode muito bem significar para mim a diferença entre uma vida que seja ao menos suportável – e só Deus sabe como.

Cordialmente,

Robert E. Howard

# **Carta de Robert E. Howard a P. Schuyler Miller**

Lock Box 313  
Cross Plains, Texas.  
10 de março de 1936

Caro Sr. Miller:

Sinto-me verdadeiramente honrado com o fato de que o senhor e o Dr. Clark estejam tão interessados em Conan, a ponto de elaborar um esquema de sua carreira e um mapa de seu ambiente. Ambos são surpreendentemente precisos, considerando os dados imprecisos com os quais tiveram que trabalhar. O mapa original – aquele que eu desenhei quando comecei a escrever sobre Conan – deve estar aqui em algum lugar, e vou tentar encontrá-lo para mostrar-lhes. Esse mapa inclui somente os países a oeste de Vilayet e ao norte de Kush. Jamais tentei mapear os reinos do sul e do leste, embora tenha na minha imaginação um esboço razoavelmente nítido da geografia desses lugares. Entretanto, sinto uma certa liberdade ao escrever sobre eles, já que os habitantes das nações hiborianas do oeste ignoravam os povos e os países do sul e leste, assim como os povos da Europa medieval ignoravam a África e a Ásia. Ao escrever sobre as nações hiborianas do oeste, eu me sinto confinado aos limites das fronteiras inflexíveis e dos territórios conhecidos, mas ao inventar o resto do mundo, sinto-me capaz de dar asas à minha imaginação. Isto é, tendo adotado uma determinada concepção de geografia e de etnologia, sinto-me compelido a

me ater a isso, pelo bem da consistência. Minha concepção do leste e sul não é tão definida nem tão arbitrária.

Tratando-se de Kush, porém, este é um dos reinos negros ao sul da Stygia – o mais setentrional, na verdade –, e emprestou seu nome a toda a costa do sul. Assim, quando um hiboriano fala de Kush, geralmente não está falando do próprio reino, nem de um dos muitos reinos semelhantes, mas da Costa Negra em geral. E é provável que fale de qualquer homem negro como sendo um kushita, seja ele um keshani, um darfari, um puntan ou o próprio kushita. Isto é natural, pois os kushitas foram os primeiros homens negros com os quais os hiborianos tiveram contato – piratas barachos que traficavam com eles e os atacavam.

Quanto ao destino final de Conan, francamente não posso prevê-lo. Ao escrever estas histórias, sempre senti que não as estava criando, e sim como se estivesse simplesmente relatando as aventuras que ele me ia contando. É por isso que elas saltam de um acontecimento a outro, sem seguir uma ordem regular. O aventureiro médio, contando ao acaso as histórias de uma vida selvagem, raramente segue um plano ordenado, mas narra episódios bem separados em termos de espaço e de tempo, na medida em que ele vai se lembrando deles.

O esboço que vocês fizeram segue bem de perto sua carreira como eu a visualizei. As diferenças são insignificantes. Como vocês deduzem, Conan tinha cerca de dezessete anos de idade quando foi apresentado ao público em *A Torre do Elefante*. Embora não totalmente adulto, ele era mais maduro do que um jovem médio civilizado nessa idade. Ele nasceu num campo de batalha, durante uma luta entre sua tribo e uma horda de invasores vanires. O país que seu clã considerava seu, e por onde vagueava, ficava a noroeste da Ciméria, mas Conan era de sangue misturado, embora fosse um cimério puro. Seu avô foi membro de uma tribo do sul que havia fugido de seu próprio povo, por causa de um feudo de sangue, e, depois de longas andanças, finalmente abrigou-se entre os povos do norte. Na juventude, antes de sua fuga, o avô havia tomado parte em muitos assaltos dentro das nações hiborianas, e talvez fossem as histórias que contava a Conan menino sobre aquelas terras mais suaves que despertaram nele um desejo de vê-las. Existem muitas coisas em relação à vida de Conan das quais eu mesmo não

tenho muita certeza. Por exemplo, não sei quando foi seu primeiro contato com povos civilizados. Poderia ter sido em Vanarium, ou ele pode ter feito uma visita pacífica a alguma cidade fronteiriça antes disso. Em Vanarium ele já era um adversário formidável. Embora tivesse apenas quinze anos de idade, Conan tinha a altura de 1,83 m e pesava 81 kg, embora ainda faltasse muito para alcançar o tamanho de adulto. Houve um intervalo de cerca de um ano entre Vanarium e sua entrada na cidade de ladrões de Zamora. Durante este tempo, ele voltou aos territórios do norte pertencentes à sua tribo, e fez sua primeira viagem para além das fronteiras da Ciméria. Isto, por mais estranho que pareça, ficava ao norte e não ao sul. Porque ou como, não tenho certeza, mas ele passou alguns meses com uma tribo de aesires, lutando com os vanires e os hiperbóreos, desenvolvendo um ódio pelos últimos que durou toda a sua vida e mais tarde afetou sua política quando rei da Aquilônia. Capturado por eles, ele fugiu para o sul e veio para Zamora a tempo de fazer sua apresentação ao público.

Não tenho certeza se a aventura relatada em *Inimigos em Casa* ocorreu em Zamora. A presença de facções políticas oponentes indicaria o contrário, já que Zamora estava sob um despotismo absoluto, onde opiniões políticas divergentes não eram toleradas. Sou da opinião de que a cidade era uma das pequenas cidades-estado logo a oeste de Zamora, para onde Conan foi depois de deixar Zamora. Em seguida, ele voltou para a Ciméria por uma breve temporada e, de tempos em tempos, retornava ao seu país natal. A ordem cronológica de suas aventuras é próxima da que vocês elaboraram, com exceção de que elas abrangem um período um pouco maior. Conan tinha cerca de quarenta anos de idade quando se apoderou da coroa da Aquilônia, e cerca de quarenta e quatro ou quarenta e cinco na época de *A Hora do Dragão*. Naquela época, ele não tinha um herdeiro masculino, porque jamais se importara em formalmente tornar rainha uma mulher, e os filhos das concubinas, dos quais ele tinha uma boa quantidade, não eram reconhecidos como herdeiros do trono.

Ele foi rei da Aquilônia, penso eu, durante muitos anos, num reinado turbulento e inquieto, quando a civilização hiboriana alcançou o mais magnífico ápice e todos os reis tinham ambições imperiais. Primeiro ele lutou na defensiva, mas sou da opinião de que, no final, foi forçado a

guerras de agressão, no mínimo por auto-preservação. Se ele obteve sucesso em conquistar um amplo império ou se pereceu tentando, eu não sei.

Ele viajou bastante, não só antes de ser rei, mas também depois. Ele viajou para Khitai e Hirkânia, e mesmo às regiões menos conhecidas ao norte da Hirkânia e ao sul de Khitai. Ele até visitou um continente sem nome, no hemisfério oeste, e vagueou entre as ilhas adjacentes. Quanto dessas andanças será impresso, ainda não posso prever com exatidão. Fiquei muito interessado em suas observações sobre as descobertas na Península Yamal; foi a primeira vez que ouvi qualquer coisa sobre o assunto. Sem dúvida, Conan tinha conhecimento de primeira mão sobre as pessoas que desenvolveram a cultura descrita, ou pelo menos sobre seus ancestrais.

Espero que vocês achem interessante *A Era Hiboriana*. Em anexo, mando uma cópia do mapa original que fiz. Sim, Napoli tratou Conan muito bem, embora às vezes pareça lhe emprestar traços latinos que não combinam com o tipo que imaginei dele. Entretanto, não vale a pena reclamar por tão pouco.

Espero que os dados que estou mandando respondam às suas perguntas de maneira satisfatória; terei enorme prazer em discutir qualquer outra fase que vocês quiserem, ou detalhar mais qualquer ponto da carreira de Conan, da história ou da geografia hiboriana que vocês desejem. Agradeço novamente pelo seu interesse, e minhas estimas para você e para o Dr. Clark.

Cordialmente,  
Robert E. Howard.

**P.S.:** Você não mencionou se queria de volta o mapa e a cronologia, então tomo a liberdade de conservá-los comigo para mostrá-los a alguns amigos; se os quiser de volta, por favor, me avise.

MODERN BOUNDARIES  
HYBORIAN



## **SOBRE O AUTOR**



*Robert E[rvin] Howard (1906-1936)*

Grande correspondente e amigo de Lovecraft, embora bem mais novo que o mesmo. Nasceu e viveu quase toda sua vida no Texas, principalmente em Cross Plain. Tinha em Lovecraft e Clark Ashton Smith seus grandes amigos que escreviam seus magníficos contos para a *Weird Tales*. Sua principal criação foi Conan - o Bárbaro, mas também escreveu sobre velho-ocidente, histórias orientais algum relato erótico e até boxe (Howard era conhecido por sua grande força física, igual a seus personagens e era aficionado por este esporte). Bob, como o conheciam, era amante da natureza e dos animais e embora seu jeito não aparentasse, se definia como uma pessoa muito sensível. Sempre viveu em crise econômica (próprio dos anos pré-depressão), e com velha mãe doente entrou em desespero falando em suicídio cada vez que ela piorava, pois recebia parcelado uma dívida de US\$ 800 da *Weird Tales* de contos publicados e a publicar, embora o pai médico pouco podia ajudar, pois seu pagamento era em itens por seu trabalho. Um dia antes da tragédia perguntou ao Dr. Dill, médico e amigo do seu pai, se uma pessoa poderia morrer com um tiro na cabeça... havia comprado três sepulturas pouco antes de morrer, feito um pequeno inventário e ido perguntar sobre a mãe doente a enfermeira que falou negativamente sobre sua recuperação. Parece que foi a linha final, ele subiu no andar de cima da casa, onde costumava datilografar seus contos e escreveu:

*All fled, all done*

*So lift me on the pyre*

*The feast is over*

*And the lamps expire.*

"Todos fugiram, tudo está terminado!  
Então ergam-me até a pira;  
o festim findou-se  
e as luzes se apagaram"

Com a idade de 30 anos ele desceu até a garagem e em dentro de um Chevy 1935 atirou contra a cabeça com um revólver Colt do pai, usando uma munição calibre .380 emprestada de um amigo que nada sabia de sua intenção premeditada. O pai, o Dr. Dill e a empregada da casa (por conta da

mãe não poder mais fazer os trabalhos domésticos), praticamente presenciaram o suicídio. O pai e o outro médico tiraram Bob Howard do carro e o levaram para um cama. Ele morreu oito horas depois do disparo e sua mãe trinta e uma horas após. Ambos foram enterrados juntos. Isto foi o que o pai de Bob Howard informou Lovecraft por uma carta sobre o ocorrido dizendo também que ele vinha com esta idéia um ano antes quando sua mãe piorara. Este fato deixou Lovecraft triste e depressivo por um bom tempo.

Howard nunca chegou a se casar, seu relacionamento romântico mais longo foi com a professora **Novalyne Price**. Cheio de altos e baixos o namoro não foi adiante ainda que os dois tenham continuado bons amigos até a sua morte. Novalyne escreveu uma biografia a respeito da vida de Howard intitulada "*The One who Walk alone*", que foi usado como base para o filme de 1996, "**Um Amor do Tamanho do Mundo**" (*A Whole Wide World*)

A morte trágica e prematura não apagou o legado de Robert E. Howard. Nos anos seguintes as suas histórias, tanto as publicadas quanto as por publicar encontraram seu caminho até os leitores que avidamente devoraram sua literatura e elevaram suas criações ao mais alto patamar do gênero fantástico.

{1} Calcário argiloso ou argila com maior ou menor teor em calcário.

{2} Medida equivalente a 91,44 cm.

{3} Borguinhota: Tipo de capacete (Nota do Tradutor).

{4} Serpente lendária, capaz de matar com um simples bafo, olhar ou contato (Nota do Tradutor).

{5} Embora respeite a opinião de Dale Rippke, não creio que o reino de Negari tenha surgido bem após a Era de Conan. Talvez, nos séculos que separam a Era de Kull do Grande Cataclismo, parte da Atlântida tenha se civilizado e fundado, após o Cataclismo, o reino de Negari numa ilha a oeste dos Reinos Negros – e não no coração destes, como nas edições 133 e 134 da ESC (Nota do Revisor).

{6} Na qualidade de leitor que acredita que Mayapan tenha tido influências, não apenas dos lemurianos pré-Toltecas, mas também da cultura da destruída Khemu (ver nota no final de “O Mistério do Oeste Desconhecido”), creio que a chegada de Ishtar ao continente americano tenha sido, não 1500 anos antes da Era de Conan, mas talvez uns 3000 anos ou mais (Nota do Tradutor).

{7} Segundo Dale Rippke, o espaço transcorrido entre o Grande Cataclismo e a Era de Conan foi de 6500 ou 5500 anos. Neste artigo, nota-se que Rippke estabeleceu um espaço de tempo de 6000 anos . Contudo, de acordo com outros textos howardianos, é mais provável que este espaço de tempo tenha sido de dezenas de milênios (Nota do Revisor).